

Causas. Não diversas: ás vezes é uma inflammação rápida e violenta que, fazendo inchar além dos limites as partes cercadas por uma aponevrose inextensivel, determina a sua estrangulação, e por consequente a morte ou a gangrena. Outras vezes é uma conspicação feita pelas bordas de uma abertura sobre os órgãos que a seguir se succede, por exemplo, na hernia estrangulada. Um aparelho de fractura muito apertado, ou uma ligadura que comprime fortemente um membro e fica applicada por algum tempo, determina a morte da parte subjacente, pelo obstaculo que oppoz á circulação. O mesmo effeito produz um anel, quando o dedo, em que elle está, se inflamma, por qualquer causa, e incha consideravelmente. Um agente chimico caustico, como o oleo de vitriolo ou a potassa caustica, por exemplo, mata e desorganiza promptamente a porção da pelle sobre que se applica. Nas molestias graves das pessoas idosas ou fracas que são obrigadas a ficar na cama certo tempo, acontece ser bastante o peso do corpo para produzir a gangrena das partes comprimidas. A demora e o contacto das urinas ou das matricias feccas é também uma causa de gangrena: d'ahi vem o preceito de se ter summo cuidado no asseio dos doentes. A acção prolongada de um frio rigoroso, como também a de um calor concentrado, podem gangrenar as partes que lhes são directamente expostas, como acontece nas queimaduras. Além d'isso, ha a gangrena chamada *espontanea* ou *senil*, produzida ordinariamente pela obliteração das principaes arterias do membro affectado. O *carbunculo* (veja-se esta palavra) é uma affecção gangrenosa produzida pela acção deleteria de um virus que, as mais das vezes, procede de animaes doentes. A infecção do ar nas prisões, e nos navios, nas enfermarias, póde occasionar a gangrena, chamada *podridão de hospital*, nos individuos affectados de uma ferida ou ulcera. Emfim, ha casos em que a gangrena é produzida por causas desconhecidas.

Conforme é a natureza das causas que a provocão, as partes que affecta e muitas outras circumstancias, a gangrena apparece sob diversos aspectos. A gangrena póde ser *externa* ou *interna*.

Gangrena externa. *Symptomas.* Quando a gangrena se declara em uma ferida, ou succede a alguma inflammação aguda, vê-se a vermelhidão da parte tomar pouco á pouco uma côr menos viva, depois livida, e successivamente azulada, roxa, e emfim negra; ao mesmo tempo o calor e a sensibilidade diminuem, os tecidos não se molles; bolhas cheias de serosidade roxa levantão e se desprendem, que se desprende com muita facilidade e se desprendem em pedacos negros; emfim, um cheiro caracteristico exhala-se de todas as partes gangrenadas.

Produzida e desenvolvida, faz a gangrena progressos mais ou menos rapidos. Às vezes progride com tanta força que nada pôde sustê-la; propaga-se aos órgãos essenciaes da vida e torna-se rapidamente mortal; outras vezes pára por si, ou mediante os soccorros da arte. Então principia uma nova serie de phenomenos: apparece um circulo vermelho que oppõe uma barreira ao progresso da gangrena; forma-se uma boa suppuração entre as partes vitaes e gangrenadas; carnes vermelhas e firmes desenvolvem-se, ás escaras gangrenosas separão-se pouco a pouco, cahem, e deixão a descoberto uma chaga que se cicatriza depois, com maior ou menor rapidez, conforme a sua extensão.

Mas nem sempre a gangrena limita os seus effectos ás partes que affecta, e symptomas geraes vem frequentemente associar-se ás desordens locaes. Quando é externa, quando succede a uma inflammação ordinaria, porém excessiva, quando emfim é pouco extensa, fica circumscripta na parte doente e não provoca perturbação alguma no exercicio das grandes funcções. Mas em circumstancias oppostas, isto é, quando ataca um órgão interno, ou mesmo externo, tomando grande extensão, já em superficie, já em profundidade; quando, emfim, é produzida pela inoculação de um virus, determina symptomas de fraqueza, debilidade do pulso, difficuldade da respiração, desmaios, suores frios, lividez no rosto, enfraquecimento na vista, etc.

A côr das partes gangrenadas é mui variavel. As mais das vezes as escaras são pretas, cinzentas, lividas: é o que se observa ordinariamente nas gangrenas humidas da pelle; as gangrenas seccas, tem uma côr mais escura, mais carbunculosa. Em outros casos, em consequencia de certas contusões, de queimadura, as escaras da pelle são á principio brancas ou amarellas, antes de tomar uma côr mais escura. O tecido cellular gangrenado no furunculo, no anthrax, na maior parte das erysipelas phlegmonosas, conserva uma côr branca ou amarellada. Os musculos gangrenados, que não estiverão em contacto com o ar, conservão ás vezes uma côr vermelha, escura, livida; em outros casos são amarellados ou cinzentos; tornão-se pretos e atrophiados na gangrena secca. As escaras das membranas mucosas, por exemplo, da membrana interior da bocca, são frequentemente, na origem, brancas, depois tornão-se cinzentas, e emfim tomão uma côr preta.

Julga-se que a gangrena cessa de fazer progressos, quando apparece sobre a circumferencia da escara um circulo inflammatorio de côr vermelha, pouco doloroso, acompanhado de sensação de calor; pouco tempo depois estabelece-se uma boa suppuração, pulso e as forças geraes augmentão. Deve-se recear, pelo contrári-

ne continue a progredir, quando á roda das partes mortas apparecem novas bolhas arroxeadas; quando ao redor d'estas mesmas partes se observa um circulo largo, de um rubro livido ou amarelado, pouco sensivel, e quando n'este circulo existe uma dor e calor ardente. Os progressos da gangrena são tambem annunciados pela inchação que se propaga ao longe, pelo pulso pequeno, frequente, e prostração geral.

Tratamento da gangrena externa. É o seguinte : Favorecer a quéda das partes mortas com cataplasmas de linhaça ou de fecula, polvilhadas com a mistura de pó de quina e de carvão de lenha em partes iguaes; desinfecar a ferida com lavatorios d'agua phenica, ou com agua de Labarraque misturada com agua morna; depois de cahidas as escaras curar a ferida com unguento de Arceus; sustentar as forças geraes com caldos de carne de vacca, mingãos de tapioca ou de araruta, com geleas animaes e vegetaes, vinho, com xarope de quina, ou vinho de quina. Renovar o ar do quarto do doente, espalhar no soalho agua phenica, ou a dissolução de chlorureto de cal. Eis-aqui as receitas :

1º Carvão de lenha. 30 grammas (1 onça)

Quina em pó. 30 grammas (1 onça).

Misture.

2º Xarope de quina. . . 180 grammas (6 onças).

Para tomar uma colher *de sopa*, tres vezes ao dia, puro ou misturado com agua.

3º Vinho de quina. 500 grammas (16 onças)

4º Agua de Labarraque 1 garrafa.

5º Agua phenica.

Agua commum. 1 litro (32 onças)

Acido phenico liquido. 1 gramma (20 grãos).

6º Unguento de Arceus. . . 60 grammas (2 onças).

7º Chlorureto de cal. 120 grammas (4 onças).

As bebidas acidulas, taes como as limonadas de limão, de laranja e de outras fructas, são muito uteis no tratamento da gangrena, assim como a cervcja misturada com agua.

Em cada curativo é preciso levantar brandamente com pinça os pedaços de escaras já separadas, e corta-los com tesoura. Existindo fòcos de materia debaixo das escaras ainda não separadas, cumpre fendê-las para dar sahida ao pus.

**Gangrena pela compressão occasionada por appa-
relhos das fracturas.** Póde sobrevir a gangrena, quando a compressão que exercem os appa-
relhos das fracturas é demasiada. Os primeiros phenomenos pelos quaes ella se annuncia são : o esfriamento do membro fracturado, perda da sensibilidade e do

movimento d'esta parte, formação de bolhas e escaras negras fraqueza geral.

Tratamento. Quando o doente sente que o aparelho aperta muito e produz a insensibilidade da parte, deve immediatamente desapertar as ataduras, e mesmo tirar o aparelho, se fôr preciso, antes da chegada do cirurgião. Outro tanto se deve fazer quando um anel comprime demasiadamente o dedo. Quando não se desapertou a tempo uma ligadura muito apertada, e quando um membro ameaçado de gangrena se tornou frio, cumpre chamar o calor envolvendo o membro em flanela quente, e applicando saquinhos cheios de cinza quente. Existindo já bolhas e escaras, applicuem-se cataplasmas de linhaça polvilhadas com pó de quina e carvão, e trate-se a gangrena como ficou dito no artigo precedente.

Para evitar esta gangrena convem vigiar com cuidado os aparelhos que se applicão nas fracturas, e será necessario afrouxá-los sempre que os doentes se queixarem da compressão.

Gangrena por outras compressões. Acontece muitas vezes que os doentes, que tem uma parte continuamente deitada na cama, são accommettidos n'esse ponto de uma gangrena semelhante á gangrena por contusão. Assim, a região posterior do corpo (sacro), nos doentes que a febre typhoide, ou alguma outra longa molestia obrigão a estarem deitados, produz frequentemente gangrena n'essa parte; o calcanhar, nos individuos affectados de fractura da coxa ou da perna, gangrena-se no ponto em que elle descansa na cama.

Para evitar as escaras no sacro, é necessario pôr debaixo das nadegas uma almofada de borracha ou de paina com abertura no meio; deitar o doente sobre uma bexiga de porco, cheia pela metade d'agua e de ar; muda-lo frequentemente de posição. Se apesar d'estas precauções, apparecerem as escaras, lave-se a parte com vinho tinto, polvilhe-se com mistura de pó de quina e de carvão vegetal em partes iguaes, e trate-se finalmente a gangrena, se fôr preciso, como está indicado no artigo *Gangrena externa*. Para evitar a gangrena do calcanhar, nas fracturas da coxa ou da perna, ponha-se o calcanhar em falso por meio de algodão applicado debaixo da parte inferior da perna.

Gangrena por contusão. A gangrena por contusão resulta da destruição dos vasos capillares, ou da ruptura das arteriaes ou veias que se distribuem n'um órgão. É caracterizada pela coloração violacea, por uma chapa de pelle fria, intumescencia seguida de eliminação das escaras, e cheiro de putrefacção. Parece-se muito com a gangrena por inflammacção.

Tratamento. Durante os dois ou tres primeiros dias, applicuem-se pannos molhados em agua fria simples, ou misturada com aguardente camphorada; depois ponhão-se cataplasmas de linhaça ou de fecula para favorecer e eliminação dos tecidos mortos; e finalmente cure-se a ferida com ceroto simples.

Gangrena por queimadura. Os corpos em ignição, e as substancias causticas, taes como o olco de vitriolo, o acido azotico, a potassa caustica, etc., produzem na pelle escaras pretas ou amarelladas, que não são outra cousa senão a gangrena. Estas escaras separão-se, depois de uma inflammação circumscripta, e cahem no duodecimo ou decimo-quinto dia deixando uma ferida mais ou menos extensa. Favorece-se a quéda das escaras com cataplasmas de linhaça ou de fecula; e cura-se depois a ferida com ceroto simples ou ceroto opiado, eujas receitas se achão no artigo CEROTO. *Veja-se QUEIMADURA.*

Gangrena espontanea, gangrena senil ou gangrena secca. É uma especie de gangrena que reconhece muitas vezes por causa uma lesão das arterias ou das veias, e que outras vezes se desenvolve sem causa bem apreciavel. Chamárão-lhe *gangrena senil*, porque se observa sobretudo nas pessoas idosas; *gangrena secca*, porque tem esta fôrma as mais das vezes; *gangrena chronica*, porque a sua marcha é lenta.

Causas. É mais frequente no homem do que na mulher; desenvolve-se igualmente na classe rica, que usa de alimentação succulenta, como na gente pobre, submettida a toda a especie de privações. Apparece ás vezes no fim de alguma molestia grave, da febre typhoide, por exemplo. Encontrão-se írquentemente, nos individuos affectados d'esta molestia, ossificações nas membranas das arterias, ou obliterações nas veias.

Symptomas. A gangrena espontanea principia sempre pelas partes do corpo mais afastadas do centro circulatorio, os dedos dos pés ou das mãos, a ponta do nariz, a orelha; as mais das vezes os pés, as costas de um dos dedos ou o lado de uma unha. Os docntes experimentão durante algum tempo dôres, formigamentos, entorpecimento e um peso no dedo, no pé ou na perna. Estas partes perdem a sensibilidade e o calor; os seus movimentos tornão-se mais difficeis. A pelle que cobre a face dorsal do dedo ou o lado da unha toma côr vermelha roxa; mais tarde esta côr torna-se livida e emfim preta. A epiderme levanta-se e depois separa-se; a derme posta a nú, apresenta uma côr rubra escura, a sensibilidade acha-se n'ella totalmente abolida; a pelle torna-se secca e dura. Este trabalho de destruição propaga-se ás partes vizinhas, mas geralmente com muita lentidão; pôde durar alguns annos. A

gangrena apresenta-se em geral debaixo da fórma secca; a gangrena humida observa-se raras vezes: Passado algum tempo, e quando a mortificação fica limitada, apparece o trabalho de eliminação; mas este trabalho cessa frequentemente por causa dos novos progressos que faz a mortificação. Em alguns doestes existe só uma diminuição na sensibilidade e mobilidade. No maior numero d'elles apparecem dôres mais ou menos vivas, ás vezes intoleraveis, que augmentão com o calor da cama. Varião os phenomenos geraes; ás vezes ha pulso forte e frequente, outras vezes symptomas de prostração.

Tratamento. O tratamento tónico, o emprego das preparações de quina internamente, o uso do vinho e da alimentação analeptica, são os meios que convem n'este caso. Fricções com o linimento de Rosen, com aguardente camphorada, costumão appontar sendo feitas sobre o trajecto do membro, que se envolve depois com flannella quente. As dôres vivas que precedem a gangrena não podem ser acalmadas senão pelo opio, que se administra em pilulas internamente, e se applica tambem no lugar doloroso. Quando as escaras principião a despegar-se, deve favorecer-se o trabalho de eliminação com cataplasmas de linhaça: e depois cura-se a ferida com unguento de Arceus.

RECEITUARIO CONTRA A GANGRENA ESPONTANEA.

1º *Linimento de Rosen.*

Oleo concreto de moscada.	4 grammas (2 oitavas)
Oleo volatil de cravo	4 grammas (2 oitavas)
Alcoolato de zimbros	72 grammas (18 oitavas).

Misture. Para friccionar a parte, duas vezes por dia. *Dose*: meia colher de sopa para cada fricção.

2º *Laudano de Sydenham* 30 grammas (1 onça).

Molha-se um panno n'este liquido, e applica-se na parte gangrenada, para acalmar as dôres.

3º Extracto de quina. 8 grammas (2 oitavas).

Faça 24 pilulas. *Dose*: uma pilula tres vezes por dia.

4º Extracto de opio. 30 centigram. (6 grãos).

Faça 12 pilulas. Para tomar duas ou tres pilulas por dia.

Gangrena da bocca das crianças. Tumefacção do rosto, luzidia, como oleoginosa, violacea, com bolhas ou manchas pretas, seguidas de ulceração pardacenta, com cheiro fetido e gangrenoso.

Causas. A gangrena da bocca é uma affecção, não exclusivamente, porém mais especialmente propria ás crianças; sobrenem sobretudo nas de 3 a 5 annos. É quasi desconhecida na classe rica; e não se observa senão nas crianças de gente pobre. Resulta de todas as

causas locais que podem debilitar a constituição (miseria, mãos alimentos, falta de asseio, etc.), depois, molestias geraes, escarlatina, sarampos, febre typhoide, etc.

Symptomas. Vê-se apparecer nas crianças, durante o curso ou no fim de uma molestia geral, na face interna ou na espessura do rosto, no beijo ou na gengiva, ora uma ulceração pardacenta, ora um tumor violaceo, denegrido, que se transforma rapidamente em escara. Esta estende-se em superficie ou em profundidade, chega a perforar o rosto, sem produzir no exterior outra cousa que uma nodoa preta, de mui pequena dimensão. Esta escara separa frequentemente a gengiva do osso, ou a destroe completamente. De ordinario poucas dôres acompanhão esta alteração tão grave por sua causa, seus symptomas geraes e sua terminação funesta. A saliva corre abundantemente da bocca, que exhala um cheiro fetido. A gangrena propaga-se aos beiços, ás faces, ás partes vizinhas. É horrivel o espectaculo que apresenta então o pequeno doente : todo um lado do rosto cahe gangrenado desde o olho até ao pescoço; apparecem os dentes, os ossos dos queixos, e a vida pôde, apezar d'isso, continuar ainda durante muitas semanas. Ordinariamente em doze ou quinze dias os symptomas locais e geraes fazem a sua completa evolução, e o doente morre quasi sempre pelo effeito da molestia geral. É raro que resista aos progressos da gangrena; comtudo ha alguns exemplos de cura produzida pela eliminação da escara e por uma cicatrização horrenda de uma porção do rosto.

Tratamento. Bem que a molestia seja quasi incuravel, é preciso trata-la localmente como uma gangrena com lavatorios d'agua de Labarraque misturada com agua morna; ou com solução de permanganato de potassa (2 grammas por 250 grammas d'agua); applicuem-se fios molhados em sumo de limão azedo, e toque-se a ulcera com um pincel molhado na mistura seguinte :

Acido chlorhydrico.	15 grammas (1/2 onça)
Mel de abelhas.	15 grammas (1/2 onça).

Feito isto, polvilhe-se a ulcera com os pos seguintes :

Carvão vegetal em pó	15 grammas (1/2 onça)
Casca de quina em pó.	15 grammas (1/2 onça).

Depois de cahidas as escaras, e limitada a gangrena, cure-se a ulcera com unguento de Arceus.

Internamente administre-se o vinho de quina, na *dóse* de uma colher *de chá*, quatro vezes por dia, e alimente-se o doente com bons caldos e mingãos de tapioca.

Gangrena da vulva. [A] [gangrena pôde desenvolver-se

tambem na vulva das meninas : apresenta os mesmos caracteres que a da bocca, e reclama o mesmo tratamento.

Gangrenas internas. As gangrenas externas e pouco extensas não produzem ordinariamente perturbação nas funções geraes ; não acontece o mesmo nas gangrenas dos órgãos internos : estas occasionão quasi sempre desordens grandes nas funções d'estes órgãos, e são caracterizadas pela frequencia e fraqueza do pulso, difficuldade da respiração, sêde, nauseas, inchação do ventre, fedor das excreções, côr amarellada da pelle, suores frios e viscosos, côr denegrida da urina, sobresaltos dos tendões, abatimento, delirio.

As gangrenas internas são occasionadas por inflammações violentas, por contusões profundas, por estrangulamentos, por exemplo, na quebradura, quando o intestino, que sahio da cavidade abdominal, fica apertado pela abertura que lhe deo passagem. Deve suspeitar-se a existencia da gangrena interna, quando a dôr que a precede cessa de repente, quando o pulso se torna mui frequente e mui fraco, quando a pelle se cobre de um suor frio e viscoso, quando as feições do rosto se alterão rapidamente. A medicina offerece poucos recursos n'estes casos ; devem comtudo empregar-se as preparações de quina e de camphora.

Gangrena do pulmão. Mortificação mais ou menos extensa do parenchyma pulmonar. As *causas* não são conhecidas ; é preciso admittir uma predisposição particular que nos escapa completamente, e que é a unica que pôde explicar a producção d'esta molestia.

Symptomas. A gangrena do pulmão pôde declarar-se subitamente sem precedencias morbidas, o que é excepcional, ou sobrevir no curso de alguma molestia aguda, febre typhoide, febre puerperal, escarlatina, tuberculos pulmonares, etc. Os doentes experimentão durante alguns dias, ou durante algumas semanas, um incommodo geral que não podem definir ; perdem o appetite e as forças ; alguns tem tosse ; e é no meio d'estes symptomas que se manifestão de repente os signaes de gangrena pulmonar.

O doente percebe elle mesmo que os seus escarros tem gosto desagradavel, e que o seu halito exhala de tempos a tempos cheiro infecto. É este cheiro tambem que fixa a attenção do medico : com effcito quando os doentes tossem, o ar expirado espalha um cheiro sempre fetido, mas variavel. Não é um cheiro penetrante, particular das gangrenas externas ; na gangrena pulmonar é antes um cheiro de materias fecaes, de podridão, extremamente nauseoso. Os escarros são mucosos, cinzentos, opacos, ás vezes pretos ou sanguinolentos. A expectoração exhala commummente o mesmo

cheiro que o halito. Mais tarde os tecidos mortificados são lançados fóra. A eliminação faz-se muitas vezes de uma maneira insensível, e não se acha vestígio algum na expectoração. Mas ás vezes os destroços gangrenosos são expulsos; tem ás vezes alguns centímetros de comprimento: é n'estes casos que pôde sobrevir hemorragia pulmonar mais ou menos forte.

Quando estas desordens existem no pulmão, apparecem symptomas geraes graves. O rosto altera-se, as forças diminuem consideravelmente; o pulso torna-se frequente e fraco; sobrevem diarrhea e grande abatimento. Todavia ás vezes, apezar dos signaes mais evidentes da gangrena, as forças mantem-se quasi intactas, a pelle conserva o calor e o pulso a frequencia normal; não ha, em uma palavra, symptoma proprio ás molestias graves. Mas isso não pôde ter lugar senão quando a gangrena é mui circumscripta.

A gangrena do pulmão é molestia grave, comtudo é susceptível de cura, quando não tem grande extensão: as cavernas, que ficão depois da expulsão do tecido gangrenado, podem cicatrizar-se com o tempo.

Tratamento. O vinho e a quina constituem a base da medicação; associão-se-lhes os chloruretos desinfectantes e o opio. Eis-aqui as receitas:

Vinho de quina. 500 grammas (16 onças).

Para beber uma colher *de sopa*, tres vezes por dia.

Extracto de opio 30 centigram. (6 grãos).

Faça 12 pilulas. Para tomar 2 pilulas por dia.

Cumpre espalhar no quarto agua de Labarraque, e agua phenica, e collocar perto da cama vasos contendo chlorureto de cal secco. — As inhalações de essencia de terebinthina são tambem uteis. Um regimen fortificante, o uso de caldos substanciaes, mingãos de araruta, geleas, carne assada, são coisas indicadas pelo estado geral.

GANSO. Ave da classe das Palmipedes. Distingue-se do pato pelo volume do corpo e pela fórma do bico mais curto do que a cabeça, mais estreito por diante do que atraz, mais alto do que largo na base. Tem os tarsos mais altos, menos separados, o que lhe torna o andar mais facil: e por isso vive mais em terra do que na agua. As diversas raças de gansos domesticos não são especies diversas, são simplesmente variedades que differem unicamente no tamanho. Os gansos devem ter um lugar separado do gallinheiro. Como elles não se põem no poleiro, deve-se ter muito cuidado no asseio: o lugar onde dormem deve ser limpo e reformado cada semana; o producto excrementicio é um excellente estrume.

Bem que os gansos gostem muito d'agua, e que tenham o costume de chafurdar, podem criar-se, mesmo sem agua corrente, nem charco. Neste caso, um fosso revestido interiormente de barro, ou uma pipa enterrada ao nivel do solo, permite que se tenha agua ao seu alcance durante os primeiros mezes da criação. Mais tarde sabem ir á agua, mesmo a grandes distancias, e voltar a casa.

O ganso macho não deve ter mais de 4 a 5 femeas; deve ficar com ellas, não só por causa da fecundação dos ovos cuja postura tem lugar duas ou tres vezes por anno, mas ainda porque o macho conduz e defende a ninhada com o mesmo cuidado que a femea, e a protge durante o tempo que ella choca. Ás vezes os machos velhos tornão-se tão máos que é preciso mata-los; mas isto não acontece senão raras vezes quando são tratados com brandura. Comtudo, não ha interesse em deixar envelhecer os gansos e as gansas até á idade de 7 ou 8 annos, como se pratica ás vezes, sem razão. Passado o quinto anno, sua carne torna-se tão coriacea, que não se póde quasi comer. A postura dos ovos do primeiro anno é sempre mais fraca do que nos annos seguintes; de 2 a 4 annos as gansas estão no auge da fecundidade; passados os quatro annos devem ser engordadas e entregues ao consumo. As qualidades exigidas de um bom macho são : um dorso largo, o pescoço gordo, a cabeça alta, as patas largas e fortes, e uma coragem a toda a prova para defender as femeas e a ninhada. A femea deve ter o peito largo e o ventre cahido bem guarnecido de pennas; deve ser meiga e familiar.

Cumpre vigiar as tropas domesticas na época da passagem dos bandos de gansos bravos; estes chamão com altos gritos seus camaradas domesticos, muito dispostos a segui-los. Para prevenir a sua fuga, arrancão-se-lhes algumas pennas das azas, ou melhor, quando são ainda novos, quebra-se-lhes um osso das azas.

A fecundidade das femeas é extrema : bem alimentadas, podem fazer, por anno, até tres posturas de 12 ovos cada uma; e tendo-se o cuidado de os tirar á medida que os põem, dão 40 a 50 ovos. A gansa principia a fazer ella mesma seu ninho na época em que deve pôr os ovos, mesmo no local onde está acostumada a passar a noite. A principio põe os ovos regularmente cada dois dias, depois, no fim da postura, todos os dias. Acabada a postura, se se vir a gansa ficar no ninho uma ou duas horas, de tempo em tempo, póde julgar-se que está para chocar. Prepara-se-lhe então o ninho com palha, inteiramente chato, mas com borda á roda para reter os ovos. Não se lhe deve dar mais de 12 a 15 ovos para chocar, conforme o tamanho da gansa. A incubação dura 28 a 30 dias. Podem fazer-se chocar por uma gallinha os ovos que a gansa

tenha posto acima do numero que ella mesma póde razoavelmente chocar ; uma gallinha não póde chocar mais de seis ovos de gansa ; os pequenos sahem da casca ao mesmo tempo das duas ninhadas, que se reúnem debaixo da conducção da mãe legitima. Durante a incubação, é preciso ter o cuidado de pôr ao lado do ninho os alimentos e agua, afim de que a gansa se ausente do ninho o menos possivel.

Raras vezes é preciso ajudar os pequenos a sahir da casca ; a sua rusticidade é muito maior do que a de todas as outras aves domesticas na sua nascença. Nos primeiros dias sustentão-se os pequenos gansos com uma mistura de gemas de ovos cozidos, miolo de pão ou farinha e ortigões ou outras hervas, tudo reduzido a massa. Passados quinze dias os gansinhos podem ir ao pasto com a mãe, e receber a mesma alimentação que ella. O ganso, em toda a idade, gosta muito de herva fresca. Na falta de pasto, póde-se dar aos gansos toda a especie de hervas cortadas nos lugares pantanosos ; comem muito bem toda a especie de forragem quando fresca ; recebem com prazer as folhas de couve e os ciscos de todos os legumes que provém da cozinha.

Os gansos fornecem uma carne saborosa e substancial. Engordão-se especialmente para augmentar o seu figado, com o qual se fazem pasteis muito afamados, sobretudo nas cidades de Strasburgo na Allemanha, e de Tolosa em França. Os gansos dão tambem pennas, frouxel e gordura, objectos de grande utilidade.

Engorda. O modo mais simples de engordar os gansos consiste em lhes dar á vontade aveia, misturada com agua e leite ; passados 20 a 25 dias, podem-se matar. São então bons para comer. Quando se crião para obter *figados gordos* para a confeição dos pasteis, fechão-se cada um n'uma gaiola tão estreita que não se possa virar n'ella ; o fundo d'esta gaiola tem uma abertura na parte posterior, para deixar passar as dejecções do animal : tres vezes por dia farta-se cada ganso com milho grosso. No vigesimosegundo dia ajunta-se ao milho um pouco de azeite de dormideiras. Deve haver com fartura agua na qual se mette pó de carvão para que se não corrompa. Em 30 ou 40 dias os gansos pesão 14 a 20 libras : mata-se então o animal. O figado pesa n'este tempo de 1 a 2 libras, e extrahem-se do ganso 5 a 6 libras de excellente enxundia.

Ganso bravo. Differe pouco do ganso domestico. Os gansos bravos emigrão e vão passar o inverno nos paizes quentes, onde encontrão aguas que não gelão. Viajão em bandos, voando em duas longas linhas que formão um angulo, em cujo vertice vai um macho.

Molestias dos gansos. Os gansos estão sujeitos á apoplexia; principião então por andar á roda continuamente; cumpre n'este caso sangra-los abrindo com um canivete uma veia assaz apparente debaixo da membrana que liga os dedos das patas. — Podem envenenar-se comendo cicuta, meimendro ou figueira do inferno; cahem então no chão, com as azas estendidas. Em tal caso, faz-se-lhes engulir um pouco d'agua morna tendo em dissolução 20 centigrammas de cal. Quando os gansos tem diarrhea, basta, para cura-los, supprimir a ração de alimentos frescos, e nutri-los com grãos durante alguns dias.

GARGANTA. Parte posterior da bocca.

Garganta (ATAQUE DA). *Veja-se* ANGINA.

Garganta (CORPOS ESTRANHOS NA). *Veja-se* CORPOS ESTRANHOS.

Garganta (DÔR DE). *Veja-se* ANGINA.

Garganta (INFLAMMAÇÃO DA). *Veja-se* ANGINA.

Garganta (POSTEMA DA). *Veja-se* ANGINA.

GARGAREJO. São medicamentos liquidos destinados a limpar, refrescar a bocca e a garganta. Agitão-se em diversos sentidos pela acção do ar que sahe do peito; lanção-se depois fóra, sem engulir a menor porção d'elles, para não introduzir no estomago algumas materias purulentas que se desprendem da garganta, ou algum ingrediente irritante que ás vezes entra na composição do gargarejo.

O gargarejo compõe-se ordinariamente de 120 a 180 grammas (4 a 6 onças) de liquido, e o doente deve servir-se d'elle, quatro, seis ou oito vezes por dia, afim de acabar em vinte e quatro horas a quantidade que deixei indicada. O doente enche a bocca com este liquido, e virando depois a cabeça para traz, faz com que o liquido cheguc até á garganta em quanto que expelle lentamente e por sacudidellas o ar que por uma longa inspiração accumulou nos pulmões. Esta expiração, impedindo o liquido de descer, imprime-lhe leves sacudidellas, e determina certo ruido que indica uma lavagem particular da garganta.

Os gargarejos empregão-se quasi sempre frios, ás vezes tepidos. Podem ser emollientes, adstringentes, estimulantes, anti-scorbuticos, etc., conforme as indicações. As decocções de figos em leite, o cozimento de althea ou de malvas, constituem os gargarejos *emollientes*, que são empregados nas esquinencias, e sobretudo nas inchações das gengivas que succedem ás extracções de dentes. A agua de cevada com mel e algumas colheres de vinagre, a decocção de raiz de ratanhia com 60 grammas (2 onças) de mel rosado por cada copo, constituem os gargarejos *adstringentes*. cujo uso é frequente nas inflammações leves da garganta, nas inchações da

campainha, etc. Os gargarejos de composição mais complicada, achão-se indicados nos artigos das molestias em que se applicão.

GARYOPHILLATA. *Veja-se* PICÃO.

GARROTILHO. *Veja-se* CRUP.

GASTEIN. Imperio de Austria, provincia de Salzburg. Aguas salinas fracas, quentes.

Itinerario de Pariz a Gastein : Estrada de ferro de Pariz a Salzburg, 30 horas. Carro de Salzburg a Gastein, 12 horas. Despezas 150 francos.

A temperatura das fontes de Gastein varia de 32° a 49°; apresentam na sua composição e nas propriedades therapeuticas perfeita identidade. A fonte principal, chamada *fonte do Príncipe*, alimenta quatro grandes estabelecimentos. O estabelecimento do hotel Straubinger é o mais consideravel.

As outras fontes distribuem-se nos numerosos banhos particulares, assim como nas piscinas. A mais abundante é a *Fonte grande*. É ella que junta á fonte chamada *do Doutor*, que transmite á aldea de Hof Gastein, distante de 6 kilometros, a agua mineral necessaria para os banhos d'esta ultima residencia.

A agua de Gastein é limpida e pura como a mais bella agua dos montes. O cheiro é nullo, assim como o sabor. Exposta ao ar, não depõe sedimento. A analyse descobrio n'ella apenas alguns vestigios de saes alcalinos insignificantes. Berzelius, Wolf e Liebig, procurárão em vão o segredo do poder d'estas fontes, tão fracamente mineralizadas; Gay-Lussac affirmava que a pureza da agua era a causa de sua actividade; outros chimicos invocavão ora a electricidade, ora as condições topographicas. Não obstante isto, eis-aqui os phenomenos que um simples banho determina nos individuos nervosos :

Sensação geral desagradavel. Em vez de estender-sc, a pelle contrahe-se, como por effeito de uma leve adstricção. Sobrevem leve dyspnea; as paredes abdominaes apertão-se. Logo um calor insolito, acompanhado de estremecimentos, espalha-se em todos os membros. O pulso torna-se forte, o rosto corado; zunem os ouvidos. É o momento de sahir do banho; seria perigoso prolonga-lo mais tempo.

As aguas de Gastein empregão-se sobretudo em banhos; pouco como bebida. O banhos durão de dez a quinze minutos; administram-se em tres casas ou hoteis. A agua mineral resfria-se por meio das serpentinas que atravessa, e que mergulhão em agua fria. A installação deixa pouco a desejar : banheiras, piscinas, duchas de todas as especies, vaporarium, etc. Achão-se em Gastein todos os recursos da hydrotherapia moderna.

O numero dos banhos que os doentes devem tomar é de dez a quinze.

Eis-aqui os symptomas que se observão durante o tratamento :

Do setimo ao decimo quinto banho, a acção thermal concentra-se sobre o systema nervoso. O individuo tem mais vitalidade; sente-se mais agil e mais forte. Mas esta influencia é sobretudo predominante no aparelho genitał : traduz-se nos temperamentos phlegmaticos pela maior energia, nos individuos energicos, pelos sonhos eroticos, pelas estranhas e insolitas excitações, como se o individuo tivesse engulido cantharidas.

Os banhos de Gastein gozão de reputação contra a paralyisia e impotencia viril. São tambem recommendados nos rheumatismos. Em bebida, as aguas de Gastein são aconselhadas nas gastralgias, dyspepsias, hysterismo e outras molestias nervosas. A estação thermal dura do 1º de junho até 15 de setembro. As vantagens de um ar puro são contrabalançadas pelas circumstancias climatericas pouco favoraveis no meio das quaes se acha Gastein, sobre a margem de uma torrente, n'um valle profundo dos Alpes noricos, e onde as chuvas e as neves cahem ás vezes no meio da estação thermal.

GASTRALGIA, Cardialgia ou Gastrodynia. Dôr nervosa do estomago. A palavra *gastralgia* deriva das palavras gregas *gaster*, estomago, e *algos*, dôr. A palavra *cardialgia* de *cardia*, orificio superior do estomago, e *algos* dôr. Dá-se ainda a esta molestia o nome de *gastrodynia*, das palavras gregas *gaster*, estomago e *odyne*, dôr. Estes tres nomes designão um soffrimento do estomago, puramente nervoso, isto é, sem lesão apreciavel d'este orgão, sem inflammação que se chama *gastrite*, sem desorganização como no *scirrho* ou *cancro*; a sensibilidade acha-se somente modificada, mas o tecido do orgão conserva as apparencias do estado são.

Considerando a abundancia e as differentes fontes dos nervos que vivificação o estomago, concebe-se com que facilidade esta viscera póde ser impressionada, e comprehende-se porque os medicos e os philosophos tem feito do estomago a séde ou o centro de grande numero de affecções e de paixões. Com effeito, o estomago soffre na maior parte das molestias, e as fortes emoções, bem que do dominio cerebral, têm uma correspondencia muito visivel com a região epigastrica. O essencial é não confundir as dôres nervosas do estomago com as que são produzidas pela inflammação e pelas outras lesões de textura.

Symptomas. Eis-aqui os principaes symptomas da gastralgia : Dôr viva, aguda, atroz, intermittente, diminuindo pela compressão, menos viva depois de comer, manifestando-se as mais das vezes

pela manhã ; lingua ás vezes descorada, larga, limpa ; appetite frequentemente exagerado, pervertido ; desejo de alimentos muito temperados ; sabor metallico, acido ; bocejos frequentes ; vomitos mucosos ; sêde ordinaria ; frequentemente prisão de ventre ; pulsações exageradas na bocca do estomago ; febre ordinariamente nulla ; emmagrecimento pouco sensivel ; physionomia pouco alterada ; character irascivel, timido, triste, etc. Comparando agora os symptomas da gastralgia com os da gastrite, achar-se-ha uma opposição em todos os pontos : dôr surda, contínua, augmentando pela compressão e depois de comer ; lingua vermelha ou suja ; bocca secca, saburrosa, amarga ; fastio, sêde, febre, etc. (*Veja-se GASTRITE*). É mais difficil distinguir a gastralgia do scirrho e cancro do estomago. Todavia n'este as dôres são mais contínuas e particularmente lancinantes ; os vomitos mais rebeldes ; emfim, a palpação fornece um signal caracteristico, descobrindo um tumor duro que não existe na gastralgia.

Estas gastralgias são caracterizadas pela sensação particular de anxiedade difficil de descrever. Sem ter appetite real, o doente experimenta aquella sensação de fraqueza que existe quando alguém precisa comer. Parece a alguns doentes que o estomago incha e se enche extraordinariamente ; a outros, que está vazio e estreitado ; muitas vezes sentem no estomago um calor intenso, ou, pelo contrario, um frio glacial ; alguns, emfim, sentem um formigamento analogo áquelle que produziria uma aranha a correr no interior do estomago.

A dôr gastralgica estende-se ordinariamente ás diferentes partes do ventre, ás costas, espadoas, paredes do peito. A pressão exercida methodica e progressivamente, sem sacudiduras, com a palma da mão applicada no epigastro, acalma-a as mais das vezes, mas nem sempre ; o contrario tem lugar ás vezes. A dôr cessa completamente ou diminue de intensidade por momentos ; quer espontaneamente, quer depois da expulsão de alguns gazes ; mas volta logo com mais violencia. Quando as crises são fortes, os doentes cahem n'um estado de soffrimento inexprimivel. Parece-lhes que vão suffocar ; outros desmaião ; emfim alguns ha que tem delirio e movimentos convulsivos, o que foi observado ás vezes nas senhoras muito nervosas.

As crises dolorosas, depois de persistirem com violencia durante um tempo que varia desde alguns minutos até dez ou doze horas, acalmão-se pouco a pouco. A dôr póde cessar de repente. O fim do accesso é ás vezes marcado por um desenvolvimento mais ou menos consideravel de gaz completamente inodoro, que sahe pela bocca. Esta expulsão é quasi sempre seguida de grande allivio ; a ourina

expulsa depois das crises é quasi sempre muito aquosa. As crises gastralgicas podem renovar-se em épocas mais ou menos approximadas e mui variaveis. Nos intervallos, os doentes gozão ordinariamente de boa saude, mas ha alguns que apresentam perturbações nas funcções digestivas ou no systema nervoso : estado este que se poderia considerar como a fórma chronica da molestia. N'esta os doentes experimentão do lado do estomago um soffrimento quasi contínuo : são pesos, estiramentos, caimbras; podem sobrevir estas sensações penosas quando o doente está em jejum, e acalmão-se pela ingestão dos alimentos; porém quasi sempre augmentão immediatamente depois de comer, ou então passadas duas ou tres horas. Às vezes existe no estomago um calor ardente que se propaga até á garganta, e é seguido da expulsão de uma materia liquida, acre, muito acida : diz-se então que ha *pyrose*. O appetite é muito caprichoso; conservado em uns, abolido em outros, exagerado em alguns e irregular no maior numero dos doentes. Os alimentos que o estomago digere sem dôr varião tanto quantos são os doentes : assim alguns doentes não podem supportar senão leite, outros são menos fatigados pelas carnes do que pelos legumes, e outros procurão as pastelarias e as digerem com facilidade. Não obstante a perturbação permanente das digestões, é raro ver os doentes emmagrecerem; a maior parte d'elles conservão as forças.

Causas. O temperamento nervoso, o sexo feminino, a vida sedentaria, predispõem á gastralgia. Suas causas são : os trabalhos intellectuaes, as affecções moraes concentradas, os pezares, as emoções vivas, as vigílias prolongadas, a falta de alimentação, um regimen debilitante, principalmente vegetal, as hemorragias abundantes, as épocas de menstruação, as flores brancas, a lactação prolongada por uma mulher debil, e tudo o que pôde enfraquecer, a chlorose, as fortes intemperies atmosphericas, e particularmente as tempestades, etc.

Duração. A gastralgia tem uma duração muito variavel; pôde não haver senão um só ataque, que cessa em alguns minutos, ou algumas horas, mas pôde este ataque repetir-se durante muitos annos.

Tratamento. Durante o ataque da gastralgia, empregão-se diversos meios, para entorpecer a dôr. São :

1º Dar a beber ao doente uma chicara de chá de macella gallega, de flor de tilia, de folhas de lorangeira, ou de herva cidreira.

2º Aplicar no ventre um panno quente.

3º Administrar um clyster preparado com agua morna e 20 gottas de laudano de Sydenham.

4º Fricciónnar o ventre com balsamo tranquillo ou com o linimento de chloroformio, cuja receita é a seguinte;

Chloroformio. 3 grammas (60 grãos)

Oleo de amendoas doces. 30 grammas (1 onça).

5º Tomar uma ou duas pilulas preparadas segundo a receita seguinte :

Extracto de opio. 15 centigram. (3 grãos)

Extracto de valeriana.. . . . 15 centigram. (3 grãos).

Faça 6 pilulas, e conserve para uso.

6º Ou os pós seguintes :

Subnitrate de bismutho 4 grammas (4 oitava).

Divida em 6 papeis, e conserve para uso. Toma-se um papel, de hora em hora, n'uma colher d'agua fria com assucar.

7º Tomar 10 gottas de ether sulfurico em meia chicara d'agua fria com assucar.

Para prevenir os ataques da gastralgia, importa determinar a sua causa especial, e principiar por elimina-la, sem o que quanto se faça será insufficiente ou inutil. Cumpre, pois, indagar se não ha alguma circumstancia apreciavel que tenha podido occasionar esta molestia, se não ha algum uso, algum costume novamente introduzido na existencia. Em todos os casos eis-aqui o que convem geralmente : um regimen brando, sufficientemente substancial, vegetal e animal, que se augmentará gradualmente segundo o appetite e as forças digestivas. As preferencias que tem os doentes para certos alimentos, não devem ser a principio nem rejeitadas, nem logo satisfeitas; antes de decidir; cumpre ás vezes esperar, para ver de que maneira forão recebidas pelo estomago. Quanto ás bebidas ordinarias, vinho com agua ou com agua de Seltz, e mesmo um pouco de vinho puro convem as mais das vezes. O uso de café e de chá da India aproveita geralmente. Além d'isto, não se deve esquecer que ao lado das regras geraes, acha-se sempre a experiencia de cada um, e que estejam enfermas ou de saude, as organizações tem sempre suas particularidades, seus costumes e suas predisposições. O exercicio é eminentemente favoravel na gastralgia, sobretudo quando se póde respirar o ar do campo, a pé, a cavallo ou em sege. O exercicio póde ser efficaamente auxiliado com os banhos tepidos ou frios, segundo a temperatura atmospherica. Convem evitar as contensões de espirito, e mais ainda as emoções e as contrariedades. É necessario combater a prisão de ventre com clysteres d'agua tepida, ou com os medicamentos purgativos, taes como magnesia calcinada, manná, oleo de ricino. Com o mesmo fim, póde tomar-se pela manhã, de vez em quando, uma pilula purgativa seguinte :

Aloes.	10 centigram. (2 grãos)
Gomma-gutta	10 centigram. (2 grãos)
Extracto de alcaçuz.	10 centigram. (2 grãos).

Faça uma pilula, e como esta mais onze.

Os medicamentos internos, que ajudam o tratamento hygienico da gastralgia, são :

1º Carvão vegetal. 120 grammas (4 onças).

Para tomar uma colher, das *de sopa*, duas vezes por dia, n'uma chicara d'agua fria com assucar.

2º *Pós antigastralgicos.*

Magnesia calcinada.	4 grammas (1 oitava)
Ruibarbo em pó.	4 grammas (1 oitava)
Canella em pó.	4 grammas (1 oitava).

Misture e divida em 12 papeis. Para tomar um papel, pela manhã, em meia chicara d'agua fria com assucar.

3º Pilulas ferruginosas de Vallet, 30.

Para tomar duas pilulas por dia, uma pela manhã, outra á noite.

4º Aguas ferreas naturaes tomadas á fonte.

5º *Pepsina amylacea*, que se toma na dóse de 1 gramma (20 grãos) em obrêa, um quarto de hora antes do jantar.

6º Vinho de quina, na dóse de uma colher *de sopa*, uma vez por dia.

GASTRITE. Dá-se este nome á inflammação do estomago. A gastrite divide-se, quanto á sua marcha, em *aguda* e *chronica*. Relativamente ás causas que a provocão, distingue-se : 1º *gastrite espontanea* que apparece sem causa bem evidente. 2º *Gastrite traumatica*, produzida por pancadas, quedas, feridas; 3º *Gastrite toxica*, que resulta da introducção de algum veneno. A gastrite toxica será descripta no artigo ENVENENAMENTO; occupar-nos-hemos aqui das outras variedades.

Gastrite aguda. *Caracteres anatomicos.* A molestia, na sua fórma primitiva e simples, nunca é mortal; os medicos tem só a occasião de examinar o estado do estomago inflammado em consequencia de outras molestias. A membrana interna apresenta enfão uma côr que varia desde o vermelho claro até á côr roxa escura, côr que é produzida pela injeccão ora uniforme, ora disposta por arborisações, por chapas ou por pontos; ás vezes o sangue, extravazado entre as membranas, forma pequenas ecchy-moses; outras vezes existem ulcerações e pequenas concreções ou falsas membranas.

Symptomas. A gastrite aguda póde apparecer subitamente ou ser precedida dos symptomas precursores proprios ás molestias agudas.

Quando a affecção está bem caracterizada, o doente queixa-se de uma dôr ás vezes obtusa, mas ordinariamente viva, lancinante, que existe na bocca do estomago, que augmenta pela compressão, pelos movimentos do corpo e pela ingestão dos liquidos. Ha fastio completo, e sêde viva; a lingua está coberta de uma camada branca ou amarellada; ás vezes a lingua está pegajosa, secca e rubra na ponta e nas margens. Existem nauseas e vomitos difficeis, dolorosos; são elles espontaneos, mas a ingestão da bebida a mais branda basta tambem para provoca-los. São compostos de materias aqueas, biliosas, amarelladas. Ao mesmo tempo augmenta o calor do corpo; accelera-se o pulso; ha dôr de cabeça, insomnia, respiração difficil, acompanhada de tosse pequena e de grande anxiedade; todavia estes ultimos symptomas não existem senão nos casos em que a gastrite é acompanhada de dôr viva.

A descripção precedente refere-se á gastrite grave, mas que não é a consequencia de um envenenamento por substancias irritantes. Comtudo, no maior numero dos casos, a molestia não tem tanta intensidade. As mais das vezes, a dôr é só obtusa, a sêde pouco viva; o appetite não está completamente perdido; o doente pôde tomar alguns alimentos, que todavia são raras vezes digeridos.

Quasi sempre, com effeito, estas substancias produzem dôres mais ou menos vivas, ou são lançadas depois de provocarem arrotos.

Terminação. Quasi sempre a gastrite tem exito feliz; a cura é a sua terminação a mais ordinaria. Quando esta tem lugar, os symptomas declinão pouco a pouco; entretanto, mesmo depois de cessarem completamente, o estomago conserva muitas vezes, durante ainda muito tempo, grande susceptibilidade; as digestões são dolorosas e difficeis. Ás vezes tambem os incommodos prolongão-se indefinidamente, a gastrite passa ao estado chronico.

Duração. A gastrite tem duração variavel; por pouco que tenha intensidade, é raro que os doentes se restabeleçam antes do fim da segunda semana; ás vezes a convalescença prolonga-se durante um tempo muito longo e completamente indeterminado.

Prognostico. A gastrite espontanea é em geral molestia pouco grave nos adultos; não se pôde dizer outro tanto da gastrite das crianças e das pessoas de idade.

Causas. A maior incerteza reina ainda sobre as causas da gastrite aguda espontanea. Tudo que foi dito sobre a influencia dos climas quentes, da alimentação, dos excessos alcoolicos, das emoções moraes, etc., como causas da molestia, está longe ainda de ser demonstrado. A inflammação do estomago pôde ser tambem produzida por uma ferida, uma pancada na bocca do estomago,

pela introdução de um corpo estranho, ou de substancias irritantes e corrosivas.

Tratamento. A gastrite, apesar da diversidade de suas causas e de suas fórmãs, não admite senão poucos meios de tratamento. Compreende-se facilmente que a importancia do regimen é aqui capital, quando se considera que o orgão doente é precisamente este no qual se accumulão os alimentos e as bebidas; pelo que o regimen deve occupar a primeira linha no tratamento das affecções do estomago.

No começo da gastrite aguda, não se deve pensar em fazer tomar qualquer comida que seja ao doente: este além d'isto achasse retido pelo fastio completo e pelo receio de lançar se tomar algum alimento. As bebidas quentes e doces são sobretudo mal supportadas. A unica coisa que se póde dar a beber com alguma vantagem, é a agua fria. Dão-se tambem ao doente alguns gomos de limão doce ou de laranja para chupar, afim de acalmar-lhe a sêde. Applique-se no ventre cataplasma de linhaça, simples ou borrifada com uma colher *de sopa* de laudano de Sydenham. Se a dôr do estomago não ceder a estes meios, administra-se internamente uma colher *de sopa*, de 2 em 2 horas, da poção seguinte:

Agua simples fria.	120 grammas (4 onças)
Laudano de Sydenham	20 gottas
Xarope de flor de laranja . .	15 grammas (1/2 onça).

A dieta será mais ou menos severa, mais ou menos prolongada; caldo de gallinha, de carne de vacca, leite; successivamente mingãos de tapioca, ovos, doce de fructas, geleia de marmelo, frango, gallinha, costellinhas de carneiro, até voltar definitivamente ao regimen da saude.

Gastrite chronica. A inflammação chronica do estomago é quasi sempre primitiva; raras vezes succede ao estado agudo. Desenvolve-se lenta e insidiosamente, e manifesta-se pelos signaes seguintes: A lingua habitualmente suja; a bocca e os labios seccos; as digestões longas e laboriosas; sensação gravativa na região do estomago depois de comer; anxiedade geral; bastante sêde; enjôos, ás vezes vomitos; mudança apreciavel no genio, grande irritabilidade, noites frequentemente agitadas, emmagrecimento progressivo, alteração do rosto, prisão habitual do ventre. O appetite umas vezes é nullo, outras vezes acalma-se immediatamente pela ingestão de pequena quantidade de alimentos.

Causas. As causas d'esta molestia são bastante numerosas. Assim, a gastrite chronica existe, não só na classe pobre ou ignorante, como tambem entre as classes ricas e esclarecidas. Na primeira, são os máos alimentos, os abusos dos licores alcoolicos, os excessos

de diversa natureza que a determinação; nas segundas são os trabalhos de gabinete, a applicação do espirito, a falta de exercicio, de ar, as vigílias, ou laboriosas ou consagradas ao prazer, que de ordinario a provocão. Os litteratos, os sabios, os artistas, as senhoras que frequentão muito os bailes, são de ordinario affectadas de gastrite chronica.

Tratamento. Todas as vezes que se puder apreciar bem a causa da molestia, a primeira indicação que se deve preencher consiste em subtrahir o doente á influencia d'ella. A alimentação será branda : o leite, o caldo, as geleas vegetaes ou animaes, as feculas, as fructas cozidas, ao principio; depois os alimentos solidos. Os doentes devem estudar por si mesmos quaes são os alimentos que mais convem ao seu estomago, porque a esse respeito não se podem dar regras absolutas, pois cada individuo parece ter, por assim dizer, uma faculdade digestiva que lhe é propria. O regimen deve ser simples e regrado; as comidas devem ser pouco copiosas, e tomadas a horas fixas. Para bebida durante as comidas, vinho com agua, ou com agua de Seltz. É necessario recorrer aos clysteres de cozimento de linhaça, para remediar a prisão de ventre que acompanha as gastrites chronicas. De* tempos a tempos, convem tomar um purgante de magnesia calcinada (15 grammas).

As seguintes pilulas podem ser uteis na gastrite chronica.

Rhuibarbo em pó.	4 grammas (1 oitava)
Gengibre em pó	4 grammas (1 oitava)
Extracto de absinthio..	4 grammas (1 oitava).

Faça 36 pilulas. Para tomar duas pilulas por dia, uma pela manhã outra á noite.

O exercicio moderado, os banhos de rio ou do mar, emfim a residencia no campo, sendo possivel, constituem uma parte mui necessária do tratamento.

GASTRODYNYA. *Veja-se* GASTRALGIA.

GASTRO-ENTERITE. Inflammção simultanea do estomago e dos intestinos, na qual os symptomas d'estas duas affecções se complicão e se aggravão mutuamente. O tratamento é o mesmo que o da gastrite e da enterite.

GASTRORRHAGIA. Hemorrhagia gastrica, exhalção de sangue na superficie da membrana interna do estomago, quasi sempre seguida de vomitos de sangue. *Veja-se* VOMITOS DE SANGUE.

GASTRORRHEA. Vomitos pela manhã de mucosidades pegajosas (gosma). *Veja-se* GOSMA.

GATO. O gato domestico vive de 10 a 15 annos. A gata, mais ardente que o macho, entra em cio duas vezes por anno; anda prenhe 55 dias e produz ordinariamente 4 a 6 filhos, que esconde

n'um lugar escuro e de que tem muito cuidado. O gato adquire todo o seu desenvolvimento aos 12 ou 15 mezes; e póde procrear na idade de um anno. É um preconceito popular o crer que os gatos estão expostos á vertigem, se não se lhes cortar a ponta do rabo, o que se faz com tesoura: realmente não ha necessidade alguma de lhes fazer soffrer esta tortura, e é melhor deixar-lhes inteiro o ornamento com que a natureza os dotou. Exceptuando a raiva, que é rara, e a vertigem, os gatos, quando pequenos, crião-se muito mais facilmente do que os cães. São lesto, bonitos, carinhosos e serião muito proprios para divertir as crianças se não se receiassem as suas unhas. O instincto para a caça desenvolve-se n'elles muito cedo: espião os passarinhos, os camondongos e outros pequenos animaes, e adquirem logo por si mesmos muita habilidade. O gato não ataca sómente os camondongos, póde tambem caçar o rato e d'elle triumphar; mas para isso deve ser vigoroso e de boa raça, e deve receber a recompensa cada vez que trazer o rato. Certas pessoas, sobretudo na roça, não cuidão da alimentação do gato, na convicção de que elle se sustenta com a caça, e que; não se lhe dando de comer, será mais ardente para destruir os animaes nocivos. É um erro e um máo calculo: o gato caça por gosto e não por necessidade, e quando apanha camondongo, diverte-se com elle e por fim mata-o, mas raras vezes o come; se não fôr sufficientemente alimentado, antes atacará as provisões da casa do que os camondongos. Por outra parte, o gato demasiadamente alimentado torna-se indolente e preguiçoso.

Nas fazendas e outras habitações ruraes, assim como nos armazens, e geralmente em todos os lugares infestados de ratos e de camondongos, deve-se ter um ou mais gatos. Dá-se-lhes sopa todas as manhãs, e põe-se-lhe o comer nos lugares em que é necessario attrahi-los; tratar-se-hão com brandura, sem os deixar familiarizar-se.

Na velhice, os gatos estão sujeitos a muitas molestias. As mais ordinarias são os *vômitos*, a *tosse* e a *sarna*. Quando o gato lança, convem faze-lo jejuar. Se tossir e espirrar expectorando materias, é preciso esfregar-lhe o nariz com sebo. Se tiver sarna deve esfregar-se com a pomada de Helmerick indicada n'este Dicionario no artigo SARNA. Os gatos estão sujeitos á raiva, mas muito mais raramente do que os cães. A carne do gato é boa para comer e tem o gosto da do coelho. Fez-se d'ella bastante consumo em Pariz durante o cerco, que teve lugar desde 18 de setembro de 1870 até fins de fevereiro de 1871 na guerra com a Allemanha.

O *gato selvagem* destroe muita caça. Vive isolado nos matos, e não se póde apanhar senão com laço.

GATO DE ALGALIA. Animal do genero dos Mammiferos carnivoros. Parece formar uma transição entre o gato domestico e o cão. É caracterizado por um sacco profundo, situado debaixo do anus, cheio de uma pomada abundante, de cheiro almiscarado. Ha duas especies : *Gato de algalia ordinario* e *zibetha*.

1º **Gato de algalia ordinario** ou **da Africa.** Fig. 281.

Habita na Guiné, Congo, Ethiopia. Este pequeno mammifero tem cerca de 75 centimetros de comprimento, não comprehendendo a cauda, e de 27 a 32 centrimetros de altura; é de côr cinzenta com malhas negras irregulares; a cauda menor que o corpo, preta na

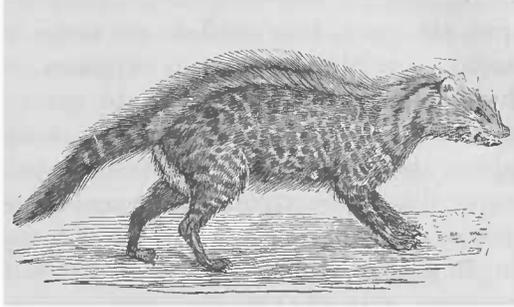


Fig. 281. — Gato de algalia.

ponta, marcada com quatro a cinco anneis na base; tem longos pellos ao comprimento do espinhaço, susceptiveis de se eriçarem como uma crina quando o animal está irritado; tem orelhas curtas, e longos bigodes. Estes animaes são de natural selvagem; comtudo pôde conseguir-se amansa-los. Tem muita agilidade; podem correr como os cães e saltar como os gatos; os seus olhos brilhão na escuridade; vivem de caça; perseguem os pequenos animaes, e sobretudo os passaros. O seu grito é semelhante ao de um cão em colera.

A materia cheirosa que elle contém é a principio semi-fluida e amarellada, depois muito espessa e mais ou menos roxa, de cheiro desagradavel. Esta materia, chamada *algaha*, é muito empregada na perfumaria : em pequena dóse, e associada ás outras substancias, dá um perfume que agrada a muitos pessoas; serve tambem para aromatizar o rapé. Extrahe-se algalia do animal vivo, introduzindo com precaução uma pequena colher no sacco que a contém. Esta operação repete-se uma ou duas vezes por semana, e o animal tanto mais fornece quanto mais bem alimentado. Em muitas partes da Africa, crião-se os gatos de algalia para ter o seu perfume. Certos mercadores tem até trezentos d'estes animaes, que alimentão exclusivaminte de carne, que dá ao perfume um cheiro penetrante.

2º **Zibetha.** Habita as duas peninsulas da India, as ilhas Molucas e Phillipinas. Este animal tem 30 a 40 centimetros de comprimento, e 35 de alto; não tem crina; o pello é de um cinzento

amarellado, com muitas nodoas pretas, ás vezes tão approximadas que formão linhas contínuas. Cria-se como o gato de algalia; contém igualmente a materia cheirosa, que se colhe pela mesma fórma.

GAUDA. *Veja-se* LIRIO DOS TINTUREIROS.

GAZ. Dá-se este nome a qualquer fluido aeriforme. Dividem-se os gazes em *permanentes e não permanentes*. Os primeiros são aquelles que, até agora, tem resistido aos meios mais energicos de condensação : o ar atmosferico, o oxygeneo, o hydrogeneo, o azoto, o hydrogeneo carbonado, etc., são gazes permanentes, pois conservão o seu estado aeriforme nas temperaturas mais baixas e apesar das mais fortes compressões; pelo contrario, o chloro, o vapor d'agua, os vapores de azougue, etc., não são gazes permanentes; porque por meio de uma compressão sufficiente, ou pela acção do frio, podem ser transformados de gaz em liquidos. Entre os gazes, uns não tem côr, como o ar, o oxygeneo, o hydrogeneo, o azoto, o acido carbonico, o gaz ammoniaco, etc.; outros são corados, como o chloro, o vapor de iodo, etc. O oxygeneo, o hydrogeneo, o azoto, etc., são *inodoros*; pelo contrario, o gaz ammoniaco, o chloro, o acido nitroso, o acido sulfureo, o hydrogeneo sulfurado, possuem um cheiro forte e proprio a cada um d'elles.

De todos os gazes conhecidos, o ar atmosferico é o unico proprio para a respiração. Seria perigoso respirar todos os outros, mesmo em pequena quantidade; mas os gazes que se distinguem sobretudo entre os mais nocivos são : o gaz que se desenvolve das evacuações alvinas, chamado gaz hydrogeneo sulfurado, e o gaz acido carbonico que resulta da combustão do carvão, ou que sahe das dornas onde está o vinho a fermentar.

Dá-se tambem o nome de gaz ás ventosidades que sahem pela bocca ou pelo anus, e que se formão no estomago e nos intestinos. É uma mistura de ar, de azoto, de hydrogeneo, de acido carbonico, de hydrogeneo carbonado, e de uma pequena quantidade de hydrogeneo sulfurado ao qual estas ventosidades devem principalmente o seu máo cheiro. *Veja-se* FLATULENCIA.

Gaz da illuminação. Costuma-se vulgarmente designar, com o nome de gaz, o hydrogeneo carbonado, mais leve que o ar atmosferico, de que se faz hoje grande uso para a illuminação das ruas, armazens e salões. Obtem-se pela acção do calor sobre as substancias organicas, especialmente sobre o carvão de pedra, schistos bituminosos, turfa, resinas, azeite de peixe, borra de vinho, substancia gordurosa que provém das aguas de sabão das fabricas de panno de lã, etc. A composição do gaz da illuminação varia

segundo as substancias de que se extrahê, e segundo a temperatura a que são submettidas; entretanto, a parte que illumina é sempre o hydrogeneo bicarbonado. O carvão de pedra fornece o gaz mais barato, e mais geralmete empregado. Distilla-se em cylindros de ferro fundido; o gaz que fornece é ordinariamente misturado com acido carbonico e acido sulfhydrico, que procedem dos pyrites que o carvão contém, os quaes lhe dão um cheiro desagradavel e uma acção nociva sobre a economia : é necessario por conseguinte purifica-lo fazendo-o atravessar por substancias que absorvem estes dois acidos, e que condensão ao mesmo tempo os oleos e o alcatrão, que foi levado pelo gaz : taes são a agua, a cal, certas dissoluções metallicas de pouco valor (sulfato de ferro, chlorureto de manganez). Assim purificado, o gaz dirige-se a um grande reservatorio, chamado *gazometro*, communicando com os tubos que o distribuem aos consumidores. Um kilogram. (2 libras) de carvão de pedra dá 200 a 300 litros de gaz. — Este gaz inflamma-se com muita facilidade approximando-lhe uma vela accesa ou qualquer outro corpo igneo; pelo que exige muita cautela. Para se *accender*, é essencial que se abra primeiro a torneira interior, e depois deve-se apresentar a luz successivamente ao orificio de cada bico, no momento mesmo em que se abre outra torneira que lhe é propria, afim de evitar a sahida do gaz não queimado. Para que o gaz produza todo o seu effeito util, e que nenhuma parte possa sahir sem ser queimada, manter-se-ha a chamma a uma altura moderada (8 centimetros), e deve-se contê-la n'um vidro de 20 centimetros de altura. Para *apagar*, fechar-se-ha primeiro a torneira principal, e depois cada um dos bicos. Os lugares allumiados devem ser cuidadosamente ventilados mesmo durante a interrupção da luz; isto é, devem ser praticadas, na parte superior, algumas aberturas por onde o gaz possa sahir em caso de fuga ou de incombustão. Sem esta precaução, o gaz não queimado accumula-se na casa, e póde occasionar asphyxias, explosões e incendios. Logo que um cheiro de gaz deixe crer que existe uma fuga, convem abrir as portas e as janellas para estabelecer uma corrente de ar, e fechar a torneira interior. É necessario informar d'isso simultaneamente o constructor do apparelho, para que a fuga seja concertada immediatamente. *O consumidor deve abster-se de procurar elle mesmo a fuga com luz.* No caso em que imprudente ou accidentalmente, uma fuga de gaz se inflamme, convem, para apaga-la, applicar por cima um panno embebido em agua.

Gaz hydrogeneo liquido. Chama-se assim impropriamente o liquido que resulta da mistura do alcool com a essencia de terebinthina.

Foi proposto para alumiar as casas, mas é muito inflammavel e apresenta grandes perigos. Devem estar bem lembrados alguns habitantes do Rio de Janeiro de que, por um descuido com este liquido, ali morreo queimado, em 1847, o esperançoso chimico francez o Dr. Darcet (filho).

GEITO. Esta palavra emprega-se ás vezes como synonymo de *torcedura* (veja-se esta palavra). *Mão geito* no pescoço significa *torcicollo* (veja-se *TORCICOLLO*).

GELATINA. A gelatina é uma substancia animal, solida, transparente, branca no estado de pureza, insipida, inodora, insolvel tanto no ether como no alcool; pouco soluvel em agua fria, e, pelo contrario, mui soluvel na agua quente; d'onde vem que a agua quente, mais ou menos saturada de gelatina, coalha depois de fria, mesmo quando a sua proporção na agua não seja que de 2 por 100. Pela dissolução prolongada, a gelatina, dissolvida, não forma mais geleia, depois de fria; a potassa e a soda produzem sobre ella um effeito do mesmo genero. Acha-se na carne muscular, na pelle, ligamentos, aponevroses, tendões, cartilagens, e sobretudo nos ossos, que d'ella contém metade do scu peso. Nas preparações culinarias apparece-nos sob a fórma de geleia; nas artes e no commercio constitue a colla ordinaria e a colla de peixe ou *ichthyocolla*: esta ultima é o extracto da membrana interna da bexiga natatoria do esturjão grande, ou do estomago e dos intestinos de diversos outros peixes. A colla de peixe tem muitos usos nas artes; é especialmente empregada nas pharmacias para a preparação das geleas e do encerado inglez; tambem serve para a confeição das geleas que se comem de sobremesa, e que costumão ser aromatizadas com rhum ou de outra maneira; e serve para clarificar os vinhos brancos. A colla forte prepara-se fervendo em agua pedaços de pelle, orelhas e cascos de pés de vaccas, de cavallo, de carneiros, etc. Dá-se o nome de *gretina* á gelatina purificada, extra-hida de cartilagens da vitella ou de pelles de animaes novos. A *gretina* serve para a fabricação de obreias, pennas artificiaes, perolas falsas, para a clarificação dos vinhos; emprega-se tambem nas imagens religiosas.

Os ossos, tão ricos em gelatina, não cedem á agua, pela ebulição e debaixo da pressão atmospherica, senão uma pequena parte de sua gelatina; mas pela ebulição na marmita Papiniana, isto é, sob uma pressão que permite elevar consideravelmente a temperatura do liquido, a ponto de amollecere os ossos, e poder-se d'este modo tirar-lhes toda a gelatina; mas este meio de extracção, além do perigo que apresenta, é dispendioso, e não póde ser praticado em grande. O chimico francez Darcet, pai, imaginou um processo

que é um dos maiores beneficios para a humanidade. Consiste elle em tratar os ossos pelo acido chlorhydrico. Este acido apodera-se de toda a materia terrea ou salina dos ossos, que se tornão meio transparentes e flexiveis. N'esse estado não são mais constituidos senão pela gelatina pura, que, tratada pela agua fervendo, se converte em gelea. Algum tempo depois Darcet inventou um apparelho mediante o qual extrahia pela acção do vapor uma solução gelatinosa, a qual misturada com carne forma caldos empregados vantajosamente na manutenção dos doentes nos hospitaes, dos prisioneiros, etc. Darcet aconselha que se misture a gelatina com a carne na proporção de 20 grammas de gelatina para 500 grammas de carne de vacca na preparação do caldo; por este meio economiza-se uma quantidade de carne que nos grandes estabelecimentos pôde ser servida assada e dar uma comida agradável e mais substancial do que se fosse cozida. Assim, para a panella ordinaria de quatro libras, Darcet indica a proporção seguinte: uma libra de carne e duas onças de gelatina secca, depois, os legumes e temperos ordinarios.

A gelatina constitue a maior parte da substancia nutrieute dos caldos. Unida ao extracto de carne ou osmazoma, e ao extracto dos legumes cozidos a banho-maria, constitue as tabellas de caldo, que se conservão annos, e são utilissimas ás pessoas que viajão, pois basta se derreta um pedaço d'essas tabellas em agua fervendo, para obter-se um caldo.

A gelatina, unida ao tannino, forma um corpo insolúvel e imputrescível, que dá aos couros cortidos o aspecto e a qualidade que se lhes conhece.

Contestação das propriedades nutritivas da gelatina. As propriedades nutritivas da gelatina, muito preconizadas na época em que Darcet indicou a sua preparação, forão depois contestadas por muitos annos, tendo tres commissões scientificas declarado que a gelatina não nutre na alimentação, que passa quasi inteiramente pelas ourinas e materias fecaes, e que a sua acção é semelhante á de um medicamento purgativo. Mas em presença das circumstancias difficeis que o cerco de Pariz creou em 1870 á alimentação da população, a contenda, que parecia finda, foi submettida a novo exame, e eis-aqui o resumo das ultimas experiencias:

As divergencias de opinião, que se manifestárão sobre as propriedades nutritivas da gelatina dependem sobretudo de que os experimentadores não se tem dirigido á mesma substancia. A gelatina do commercio provindo das materias primeiras ordinariamente impuras, assim como certas gelatinas, chamadas alimentarias, mas profundamente alteradas pelo calor, não podem concorrer

á nutrição. Estas substancias actuão á maneira dos purgantes, e são quasi completamente eliminadas com as evacuações. A gelatina porém, combinada com os outros principios organicos, e que tomamos nos caldos, carnes, mocotós, assim como a gelatina obtida dos ossos, entra por grande parte no elemento nutritivo.

GELEA. Dá-se este nome á preparações feitas com substancias vegetaes ou animaes que tem uma consistencia particular molle, tremula, e que se transformão em liquido pelo calor, ficando solidas pelo resfriamento. Preparão-se as geleas animaes com as carnes ou com a gelatina. As geleas vegetacs são formadas por uma substancia mucosa que alguns autores chamarão gelatina vegetal; preparão-se ordinariamente com o succo de certas fructas e assucar: taes são as geleas de marmelos, de groselhas, etc. Em pharmacia faz-se com o musgo islandico uma gelca empregada vantajosamente nas molestias peitoraes; e com o musgo de Corsega prepara-se uma gelea que se administra na dóse de uma colher *de chá* pela manhã e de noite, ás crianças que tem lombrigas. No meu *Formulario*, indico as receitas de diversas geleas.

GELO. É um agente precioso no tratamento de varias molestias. No estado de saude, o resfriamento momentaneo que occasiona, quando introduzido no estomago, ás pessoas que gozão boa constituição, é promptamente seguido de uma reacção que se manifesta por um brando calor, e pelo augmento da energia vital do estomago e de todos os outros orgãos: n'este caso o effeito do gelo é tonico, facilita a digestão e as outras funcções. Mas o gelo torna-se debilitante nas pessoas fracas cujos orgãos não são susceptiveis de reacção, e por isso o uso do gelo não convem aos convalescentes.

Dá-se o nome de *sorvete* ás preparações feitas com succos de fructas e assucar, congeladas por meio de misturas frigorificas. Congela-se tambem frequentemente o creme, preparado com leite e gema de ovo, e aromatizado com baunilha, café, sumo de laranja, pistacha, etc. Os sorvetes, cuja invenção é devida a um Italiano chamado Procopio, penetrarão em todos os paizes civilizados, e constituem as delicias dos dois mundos. A occasião mais favoravel para tomar-se este agradavel refresco é á tarde, depois que a digestão do jantar está quasi terminada. Durante os calores, quando o corpo se acha igualmente aquecido por uma temperatura elevada, o uso dos sorvetes é mui salutar; mas depois do exercicio violento expõe a accidentes. Póde causar um pleuriz ou uma inflammação do estomago, ou qualquer outra molestia. Os sorvetes acidos são nocivos ás pessoas sujeitas á tosse, e os sorvetes em geral convem menos ás senhoras delicadas do que

aos homens, e mais aos moços e adultos do que ás crianças e pessoas idosas.

Bem que o gelo marque zero no thermometro, necessita entretanto de uma grande quantidade de calor para derreter-se. Ajuntando-se duas libras de gelo a zero a duas libras d'agua quente a 75 grãos centigrados, resultão quatro libras de uma mistura da temperatura de zero; por conseguinte, para se transformarem duas libras d'agua de zero solido em zero liquido, é mister todo o calor necessario para que duas libras d'agua sejam levadas á temperatura de 75 grãos. E pois que o gelo derretido e a agua marcão zero, é preciso todo este calor, insensivel ao thermometro, para a mera mudança de estado. Esse calor, necessario á mudança de estado dos corpos e inapreciavel ao thermometro, foi chamado pelos phisicos *calor latente*. É facil explicar agora a razão por que o gelo se conserva tanto tempo sem derreter-se. A privação do ar e o contacto dos corpos máos conductores do calor, como, por exemplo, lã ou serradura de madeira, facilitão tambem a conservação do gelo.

Quando se mistura gelo pisado com saes soluveis em agua, resultão d'estas misturas, chamadas *frigorificas*, abaixamentos mais ou menos consideraveis de temperatura. Assim, se misturarmos uma parte de gelo com outra de sal de cozinha, obteremos um frio de 17 grãos centigrados. São estas as proporções que se empregão para fazer sorvetes. Pela mistura de 4 partes de chlorhydrato de calcio hidratado e de 3 partes de gelo pisado tem-se um frio de 28 grãos. Emfim, misturando-se uma parte de gelo e outra de acido sulfurico diluido em agua, obtem-se um frio de 45 grãos. Entretanto, para se ter este ultimo abaixamento da temperatura, é preciso antes, por meio de misturas de gelo e sal, dispôr separadamente o gelo e o acido, afim de lhes dar, o que é facil, uma temperatura abaixo de 6 grãos.

Para fazer gelo, introduz-se a agua n'um vaso de estanho ou de folha, de paredes mui delgadas, pouco largo e um tanto cónico na parte inferior; este vaso, cheio d'agua e fechado, colloca-se no recipiente de madeira, que contém a mistura frigorifica, e mexe-se brandamente esta mistura com um páo. Para apressar a operação da congelação da agua, póde-se, sendo preciso, passado um quarto de hora de agitação, reformar a mistura frigorifica; e deixar depois o aparelho em repouso, durante uma hora ou hora e meia, até que a agua fechada na caixa de estanho ou de folha esteja completamente solida. Achão-se no commercio aparelhos proprios para fazer gelo. Indiquei alguns d'estes aparelhos na ultima edição do *Formulario*. Póde-se tambem produzir artificialmente gelo, abaixando a temperatura por meio da evaporação no vacuo.

Ha um aparelho para este fim, que tambem se acha representado no mesmo *Formulario*.

Para fazer *sorvetes* introduz-se n'um vaso cylindrico de folha de Flandres mui delgado, denominado *sorveteira*, o liquido que se quer congelar, e mergulha-se este vaso n'uma mistura de 1 parte de sal de cozinha e 4 partes de gelo pisado. Cada vez que se quer activar a congelação, póde-se ajuntar ao sal de cozinha $1/10$ de sal de nitro.

GEMADA. Mistura de gemas de ovos, com assucar, agua quente e um pouco d'agua de flor de laranjeira. Bebida muito agradavel; util nos defluxos e nas bronchites. Eis-aqui como se prepara: Introduz-se n'uma tigela uma ou duas colheres de assucar em pó, uma ou duas gemas de ovo, e uma pequena colher d'agua de flores de laranjeira. Mexe-se vivamente esta mistura com um garfo, e ajunta-se, mexendo, uma quantidade conveniente d'agua fervendo. Esta bebida emolliente deve ser tomada á noite no momento de se deitar, e bem quente. Ás vezes ajuntão-se-lhe algumas gottas de rum, mas então a gemada torna-se um pouco excitante.

GENCIANA. *Gentiana lutea*, Linneo. Gencianeas. Planta com-
mum nas regiões montanhosas da Europa: em Portugal, habita

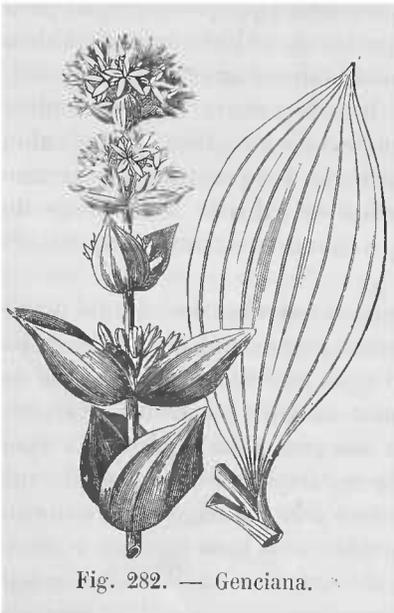


Fig. 282. — Genciana.

no cimo das mais elevadas montanhas da serra da Estrella. Fig. 282. Raiz perpendicular, ramosa, da grossura de um dedo ou mais, cylindrica, rugosa, rugas annulares; fusca por fóra, amarella por dentro. Caule 2 a 3 pés de altura; folhas abarcantes, ovaes, verde-claras; flores amarellas em espiga. A raiz d'esta planta é empregada em medicina como poderoso tonico. O extremo amargor, que a distingue, mostra a sua grande efficacia. Os pós d'esta raiz, na dóse de 50 a 100 centigrammas (10 a 20 grãos), tomados uma hora antes da comida, augmentão o appetite

e tornão o trabalho da digestão mais facil. O uso continuado da genciana, ajudado por um bom regimen, habitação sã e outras precauções hygienicas, torna-se util quando se trata de curar os primei-

ros symptomas das escrophulas nas crianças. Eis a razão porque a raiz d'esta planta entra como elemento essencial em todos os medicamentos compostos, que a arte de curar administra com vantagem contra as molestias complicadas de debilidade geral ou parcial. Emprega-se, com effeito, no escorbuto e nas flores brancas. N'estes ultimos casos administra-se ordinariamente o seu macerato em agua fria. Põem-se de mólho por quatro horas 4 gram. (1 oitava) da raiz de genciana em 180 grammas (6 onças) d'agua fria, cõa-se, e bebe-se a porção toda de uma vez.

Genciana brasileira. *Lisianthus pendulus* e *Lisianthus amplissimus*, Martius. Gencianeas. São pequenas plantas, que habitão no Brasil, na provincia de Minas Geraes. Tem flores azues, levemente arroxeadas, raizes da grossura de penna de ganso, de sabor amargo. A raiz é empregada n'aquella provincia contra as sezões, em macerato n'agua fria; 4 grammas (1 oitava) para 180 grammas (6 onças) d'agua fria.

GENEBRA. Bebida espirituosa que se prepara distillando n'um alambique aguardente de centeio, com bagas de zimbro. Póde tambem preparar-se infundindo bagas de zimbro, em quantidade variavel e á vontade, em aguardente de centeio. É mui excitante e diuretica.

GENGIBRE. *Zingiber officinalis*, Roscoë. Amomaceas. Planta originaria das Indias Orientaes e commum no Malabar, no Ceylão e na China, d'onde foi transportada para o Brasil, Mexico e Antilhas. Fig. 283. Tem o tronco subterraneo (chamado impropriamente *raiz*) tuberoso, articulado, rasteiro, produzindo talos contidos em bainhas formadas de folhas; as flores são dispostas em espigas cónicas, e supportadas por hastes radicaes curtas e compostas de escamas imbricadas. A *raiz* (tronco subterraneo) é a unica parte do vegetal que é empregada em medicina e na economia domestica. Acha-



Fig. 283. — Gengibre.

se em pedaços da grossura de um dedo, achatados, e apresentando umas como juntas; epiderme acinzentada, por dentro

branco-amarellada. Tem sabor muito quente, e cheiro aromatico tão forte, que provoca espirros em algumas pessoas. O licor de gengibre, tomado em pequena dóse, excita as forças digestivas. Alguns mercadores de cavallos aproveitam-se da qualidade irritante do gengibre. Antes de ensaiarem os cavallos, introduzem-lhes na entrada da via inferior um pedaço d'esta raiz, afim de provocarem, na occasião da venda, o ardor extinto d'estes animaes.

GENGIVAS. As gengivas são compostas de um tecido fibroso, denso, resistente; são cobertas em toda a sua extensão por uma membrana mucosa, e revestem a margem alveolar de ambos os queixos. No estado de saude, são côr de rosa, de aspecto agradável; contribuem para tornar mais apparente a alvura dos dentes e para dar a toda a bocca um ar de pureza e de frescura tão geralmente apreciado. Assim como todas as partes do corpo humano, estão sujeitas a molestias, que vou indicar.

§ 1. **Inflamação das gengivas** ou **Gengivite.** A inflamação das gengivas é caracterizada pela dôr, vermelhidão e inchação das gengivas: de ordinario é acompanhada de salivação.

As *causas* da inflamação das gengivas são: qualquer violencia exterior, a passagem subita de uma temperatura quente á fria, a sahida de um dente nas crianças, a accumulção da pedra nos dentes, a presença de um dente cariado, o uso dos medicamentos mercuriaes.

Tratamento. Para combater a inflamação das gengivas convem usar do gargarejo seguinte:

Decocção de raiz de althea..	500 grammas (16 onças)
Mel rosado	60 grammas (2 onças).

Tome-se um purgante: 60 grammas (2 onças) de sal d'Epsom, 8 grammas (2 oitavas) de magnesia calcinada, ou uma garrafa de limonada de citrato de magnesia. Alimpem-se os dentes se estiverem cobertos de pedra.

Nas crianças, que não sabem gargarejar, basta que se passe, sobre as gengivas inflammadas, um pincel de panno de linho molhado em mel rosado. É preciso tirar as raizes e os dentes cariados, que podem ser causa da desordem, ou entreter a molestia. Se a inflamação dolorosa das gengivas proceder do uso das preparações mercuriaes, deve-se suspender o uso dos remedios-mercuriaes, e recorrer aos gargarejos com agua, mel de abêlhas e vinagre, e aos outros meios indicados no artigo SALIVAÇÃO.

§ 2. **Amollecimento e inchação das gengivas.** O amollecimento e a inchação das gengivas, que muitas pessoas confundem sem razão com a inflamação, não são acompanhados nem de calor, nem de dôr. N'esse estado as gengivas estão inchadas e ás

vezes deitão sangue ao menor toque. A pedra dos dentes é a sua causa frequente; convem tira-la com instrumentos. O uso dos vegetaes acidos, taes como as laranjas e as limas, de salada de agriões, é mui util contra esta affecção. É bom esfregar as gengivas com pedrahume em pó, ou com os pós seguintes :

Cato em pó.	15 grammas (1/2 onça)
Canella em pó..	15 grammas (1/2 onça).

Toquem-se as gengivas com pedra infernal.

A seguinte *mistura gengival* convem tambem contra o amollecimento das gengivas :

Alcoolato de cochlearia.	45 grammas (1 1/2 onça)
Aguardente camphorada	45 grammas (1 1/2 onça).

Misture. Deita-se uma colher *de sopa* d'esta mistura em meo copo d'agua fria, e lava-se a bocca tres ou quatro vezes por dia.

Se estes meios não forem sufficientes, toquem-se as gengivas, duas vezes por dia, com pincel molhado na tintura de iodo, e lave-se immediatamente a bocca com agua fria.

§ 3. **Ulcerações das gengivas.** A presença da pedra nos dentes, e algumas outras causas menos bem conhecidas, podem determinar nas gengivas ulceras avermelhadas e sanguinolentas, acompanhadas de máo halito, e da excreção de uma materia esbranquiçada. As crianças e os adultos são-lhes igualmente sujeitos.

O tratamento consiste em ter a bocca limpa por meio de lavatorios frequentemente repetidos com agua, á qual se ajuntão dez a quinze gottas d'agua de Labarraque por copo, ou uma colher *de chá* de vinagre phenicó; em tocar cada dia estas ulcerações com podra infernal, ou com um pincel molhado na mistura em partes iguaes d'agua de Labarraque e de mel rosado.

§ 4. **Congestão das gengivas.** É uma simples inchação das gengivas, que deitão sangue pela menor compressão. Encontra-se frequentemente esta molestia nas mulheres gravidas, e nos individuos muito sanguineos cujo systema vascular é muito laxo. Para curar este incommodo, convem lavar a bocca com agua misturada com vinagre aromatico, esfregar as gengivas com escova aspera, e fazer sangra-las picando-as com um palito, fazendo pequenas escarificações com a ponta de uma lanceta, ou mesmo applicando uma bicha na gengiva inchada.

§ 5. **Hypertrophia das gengivas.** Designa-se assim, não a simples congestão de que acabei de fallar, mas um desenvolvimento extraordinario que adquirem ás vezes as gengivas a ponto de cobrirem inteiramente os dentes. N'esse estado a mastigação torna-se difficil, o halito esquentase e torna-se desagradavel, as

gengivas sangrão pelo menor toque, e os alimentos estão frequentemente impregnados de sangue durante a mastigação. As fricções repetidas com escova, e os lavatorios com agua acidulada, não bastão n'este caso como n'uma simples congestão; é preciso, com bisturi ou fesoura, tirar todas as porções que excedem o comprimento ordinario da margem das gengivas, e cauterizar depois as superficies sangrentas com estylete aquecido ao branco. Esta operação deve ser repetida tres a quatro vezes, até tornarem as gengivas ao seu estado natural. Lava-se quotidianamente a bocca com agua acidulada com vinagre, e adoçada com mel de abelhas.

§ 6. **Epulida.** Dá-se este nome a differentes tumores carnosos que se desenvolvem nas gengivas; uns são molles, fungosos, indolentes; de côr rubra escura; arrebentão com facilidade, e fornecem habitualmente uma materia purulenta, fetida, ás vezes misturada com sangue. Estas epulidas são ordidariamente occasionadas ou entretidas pela carie de uma raiz dentaria, ou de uma porção da margem alveolar.

Outras epulidas são de tecido mais firme, mais elastico, de côr rubra mais viva; abaixão-se quando se comprimem, e recobram promptamente o volume primitivo depois de cessada a compressão; deitam sangue, fazendo-se-lhes uma incisão; podem sobrevir em consequencia de alguma contusão, ou apparecer sem causa conhecida.

Emfim encontram-se epulidas duras, pallidas ou de côr rubra roxa. Entre estas, ha indolentes, nas outras existem dôres surdas ou latejantes: estas são as mais graves pela tendencia a transformarem-se em cancro.

O volume d'estes tumores é variavel; alguns tem apenas o tamanho de uma ervilha em grossura; outros excedem o de uma noz. A sua fórma apresenta tambem muitas differenças: algumas epulidas são arredondadas, salientes e pediculadas; outras são arredondadas, de base larga; outras, emfim, são pouco salientes, muito extensas em superficie, e com muitas adherencias.

As epulidas chegadas a certo volume incommodão a mastigação, e a pronunciação, abalão os dentes, ou produzem a sua deviação. Podem, segundo a sua natureza, ficar longo tempo estacionarias, ou augmentar de volume, transformar-se em ulceras, e deitar cheiro fetido. As epulidas provenientes da carie de uma ou mais raizes de dentes desapparecem ás vezes pouco tempo depois da extracção d'estes dentes; mas é mais prudente extirpa-las com tesoura ou com bisturi, immediatamente depois da evulsão dos dentes, do que esperar que murchem espontaneamente. As epulidas erectis pediculadas podem ser ligadas ou excisas. Sendo de base

larga, devem tirar-se o mais exactamente possível, quer com bisturi, quer com tesoura curva, e, em todos os casos, cõvem cauterizar a superficie pela qual estavão pegadas, para oppôr-se á sua reproducção ou para atalhar a hemorrhagia. São sobretudo as epulidas duras, que devem ser extrahidas quanto antes, para evitar que se transformem em scirrho.

§ 7. **Escorbuto.** N'esta molestia em que todo o corpo se acha affectado, as gengivas apresentam uma inchação de côr livida, e deixão sahir ao menor toque uma materia fetida e um sangue muito aguado. A primeira indicação consiste em subtrahir o doente ás causas que produzirão a molestia; é necessario depois recorrer a um tratamento geral e aos gargarejos acidulos. *Vejá-se* o artigo ESCORBUTO, vol. I, pag. 976.

§ 8. As gengivas podem apresentar excoriações, pequenas feridas occasionadas pelos corpos duros e agudos submettidos á mastigação, ou pela pressão que exercem sobre a margem alveolar desguarnecida de dentes, as peças artificiaes que se applicão. Lavatorios com decoção de althea misturada com mel de abelhas, e, em certos casos, a applicação de pedrahume ou de pedra infernal bastão para obter a cura.

Para as outras molestias das gengivas, *vejão-se* os artigos APHTAS, SAPINHOS, BOCCA, SALIVAÇÃO, e DENTES.

GENIPAPO. Fructo do genipapeiro, *Genipa brasiliensis*, Martius, arvore do Brasil, da familia das Rubiaceas. Esta arvore tem 16 a 20 metros de altura, casca cinzenta e lisa, folhas oppostas, oblongas e luzidias, flores amarellas. O fructo, depois de desenvolvido, é redondo; tem 12 a 15 centimetros de diametro; com o pericarpo fino, de côr cinzenta, coberto de uma substancia pulverulenta; compõe-se de uma polpa, de sabor acre e doce, que contém um succo violete, podendo servir para marcar roupa. Este fructo é bom para comer-se; é refrigerante; faz-se com elle um doce muito agradável.

GERAÇÃO. Dá-se este nome á funcção pela qual os corpos vitaes se reproduzem, dão nascimento a entes novos que lhes são semelhantes, e perpetuão consecutivamente a raça. Seria empreza bem temeraria o querer explicar todos os mysterios da geração na especie humana. As pesquisas de trinta seculos tem sido infructuosas, e as forças do espirito humano quebrão-se contra o véo impenetravel com que a natureza cobrio esta funcção. A concepção é um acto que se executa independemente de toda a vontade. As circumstancias que produzem a concepção ou impedem que ella tenha lugar são totalmente ignoradas.

Quanto ás qualidades physicas e moraes futuras da criança,

éssas estão, de alguma sorte, sob o dominio do nosso poder. O estado moral dos dois individuos, o gráo de actividade com que executão a funcção, tem influencia indubitavel sobre o resultado. O amor quer possuir o ente inteiro; se uma capacidade qualquer se achar distrahida durante a união dos sexos, o producto será fraco e delicado; o que se póde ver nos filhos dos que trabalhão muito de espirito. Nunca um grande homem gerou grandes homens, e os descendentes dos personagens illustres quasi sempre são indignos de seus pais. Por exemplo, os filhos de Socrates, de Pericles, de Cicero, entre os antigos; de Racine, de La Fontaine, de Buffon, e de mil outros que poderião ser citados, entre os modernos, nenhum herdou o grande engenho de seu pai. Pelo contrario a maior parte dos homens que se tornárão illustres, tem tido por pais individuos vulgares.

Bem que a especie humana seja geralmente unipara, não são raros entretanto os nascimentos de gemeos. Possuem-se até exemplos de mulheres que tiverão tres e mesmo quatro crianças; e existem dois casos de quintuplo parto. Este numero de crianças de uma só prenhez depende, dizem uns, de ter a mulher, neste caso, muitos ovos promptos a desligarem-se ao mesmo tempo dos ovarios, e por conseguinte maduros para a fecundação. Os partidistas do systema dos animalculos o attribuem ao pai, e para apoiarem a sua opinião citão o extraordinario facto de um camponcz que foi apresentado á imperatriz da Russia em 1755: teve elle duas mulheres; a primeira teve cincoenta e sete filhos em vinte e um partos, e a segunda trinta e tres em treze; todos os partos forão quadruplos, triplos ou duplos.

GERATACACA. *Veja-se MANACA.*

GERGELIM. *Sesamum indicum*, De Candolle, e *Sesamum orientale*, Linneo. Plantas da familia das Bignoniaceas, originarias da India, cultivadas no Brasil. O fructo é uma capsula com quatro loculamentos que contém sementes ovoides, um pouco mais pequenas que a linhaça. Extrahe-se d'estas sementes um oleo excellente empregado para o tempero das comidas, para luzes e para o fabrico do sabão. Em medicina, é um laxante brando; emprega-se tambem em fricções contra as manchas da pelle e contra as empigens. Os Egypcios comem o bagaço das sementes espremidas, temperado com mel de abelhas e sumo de limão. As sementes de gergelim dão uma farinha com que se preparão bolos, mingãos, etc. Estas sementes comem-se tambem torradas como o milho, ou cozidas como o arroz: é um alimento são e agradável.

GERVÃO. ORGIBÃO, URGEVÃO. *Verbena jamaicensis*, Linneo. Verbenaceas. Com estes nomes designa-se nas diversas provincias

do Brasil um sub-arbusto mui commum, que cobre as bordas dos caminhos e os terrenos proximos ás casas. O caule de 130 centímetros, folhas ovaes, oppostas, denteadas, flores azucs dispostas em espigas terminaes. As folhas d'esta planta tem cheiro aromatico agradavel, e infundidas em agua fervendo constituem uma bebida sudorifica. Prepara-se este chá com duas ou tres folhas e uma chicara d'agua fervendo. Externamente, as folhas usão-se nas contusões, sobre as quaes se applicão pisadas, em fórma de cataplasma.

GESSO. Sulfato de cal calcinado : obtem-se, sob a fórma de pó branco, pela calcinação da *pedra de gesso*, que se extrahе da profundidade da terra. Diluido em agua, o gesso serve para rebocar as paredes e ligar as pedras. Depois de secca, esta massa adquire uma dureza quasi igual á da pedra. Emprega-se o gesso mais fino para modelar figuras, tomar a marca dos caracteres typographicos, etc. Misturado com grude, constitue o *estruque*, que é susceptivel de adquirir o polimento do marmore. Serve na cirurgia, no tratamento das fracturas, para apparatus inamoviveis, que se preparão molhando as ataduras no gesso liquido, que se tornão duras, depois de seccas.

Quando se dilue em agua gesso calcinado, desenvolve-se muito calor; porque então elle toma consistencia e solidifica a agua que a calcinação lhe fez perder (cerca 20 0/0); a causa da solidificação do gesso é devida á pouca separação das particulas que se hydratão e se solidificão successivamente. O gesso amassado com agua augmenta de volume; 24 horas depois o augmento é só 1 0/0 do volume primitivo. Em virtude da propriedade do gesso de absorver a agua, é que se empregão chapas de gesso para seccar feculas, polvilho e diversos productos chimicos. *Veja-se* SULFATO DE CAL.

GESTAÇÃO. Tempo durante o qual a mulher e as femeas dos animaes mamiferos, depois de concebrem, trazem o feto no utero. Da mulher diz-se mais propriamente *gravidez* ou *prenhez*. Dura nove mezes na especie humana, pouco mais ou menos. *Veja-se* GRAVIDEZ.

Duração da gestação das femeas dos animaes domesticos. A duração da gestação varia quasi sempre no seu termo, e até de maneira consideravel, em todos os animacs domesticos. Sendo quasi sempre conhecida a época exacta da concepção, é impossivel negar esta irregularidade. Ignorão-se totalmente as verdadeiras causas que prolongão ou abrevião o tempo da gestação; o qual parece depender da organização particular de cada individuo. Muitos naturalistas fizeram pesquisas a este respeito; eis-aqui o resultado de suas observações :

ESPECIES	TERMO MAIS CURTO		TERMO ORDINARIO		TERMO MAIS LONGO	
	MEZES E DIAS	DIAS	MEZES E DIAS	DIAS	MEZES E DIAS	DIAS
	Burra..	12...	365	12.. 20	380	13. .. 1
Egua	9... 19	289	11..	333	13... 29	419
Yacca. ..	8..	240	9..	270	10.. 21	321
Ovelha.....	4... 26	146	5..	150	5.... 11	161
Cabra.....	4.. 20	140	5..	150	5.. 10	160
Porca.	3... 19	109	4.. 6	126	4.. 23	143
Cadella....	1. . 25	55	2.	60	2.... 3	63
Gata.....	1. 18	48	1. 20	50	1.. 26	56
Coelha	20		31		35

Nas gatas e coelhas existe ás vezes superfetação; quer dizer que a fêmea, estando prenhe, admite o macho e se opera nova concepção. Então pôde ter filhos a quatorze ou quinze dias de distancia de cada gestação. Mas ordinariamente essas gestações são pouco numerosas e limitão-se a um ou dois filhos nas gatas, e a dois ou tres nas coelhas.

Estas variedades no tempo da gestação encontrão-se igualmente no tempo da incubação das aves domesticas. Eis-aqui o quadro :

ESPECIES	TERMO MAIS CURTO	TERMO ORDINARIO	TERMO MAIS LONGO
	Perua } Gallinhas..	17 dias	24 dias
chocando } Peruas...	24 »	26 »	30 »
ovos de } Patas ..	24 »	27 »	30 »
Gallinha } Patas....	26 »	30 »	24 »
chocando } Gallinhas...	19 »	21 »	24 »
ovos de			
Pata.....	28 »	30 »	32 »
Gansa ...	27 »	30 »	33 »
Pomba... ..	16 »	18 »	20 »

GIBOSIDADE. *Veja-se* CARIE VERTEBRAL e CORCOVA.

GILBARBEIRA. *Ruscus aculeatus*, Linneo. Asparagineas. Pequeno arbusto sempre verde; acha-se no Brasil e em Portugal. Caule verde, glabro, ramificado, guarnecido de folhas consistentes, ovaes-agudas, pungentes no topo; fructo, bago espherica, vermelha; raiz esbranquiçada, da grossura do dedo minimo, nodosa, articulada, marcada de anneis mui conchegados. A raiz secca apresenta em massa um leve cheiro terebinthaceo; usa-se em medi-

cina como diuretico; entra na composição do xarope das cinco raízes aperientes.

GINSENG. *Panax quinquefolium*, Linneo. Fig. 284. Araliaceas.

Planta que habita na China e no Canadá. A raiz goza entre os Chins de grande reputação como tónica e aphrodisiaca. Fazem-se com ellas pastilhas. Macerada em vinho dá um vinho cordial. Esta raiz é da grossura e do comprimento do dedo mínimo, ás vezes fusiforme, dividida ordinariamente em dois ramos, amarella por fóra, branca ou amarellada no interior; cheiro aromático; sabor amargo, acre e assucarado ao mesmo tempo. Esta raiz é tão estimada na Asia oriental, que foi vendida durante muito tempo por grande preço; e cita-se como um acto de munificencia real, o terem-na os Embaixadores do Rei de Siam trazido como presente a Luiz XIV, Rei de França. Mas depois que a planta foi achada em abundancia na America septentrional, encontra-se facilmente no commercio.

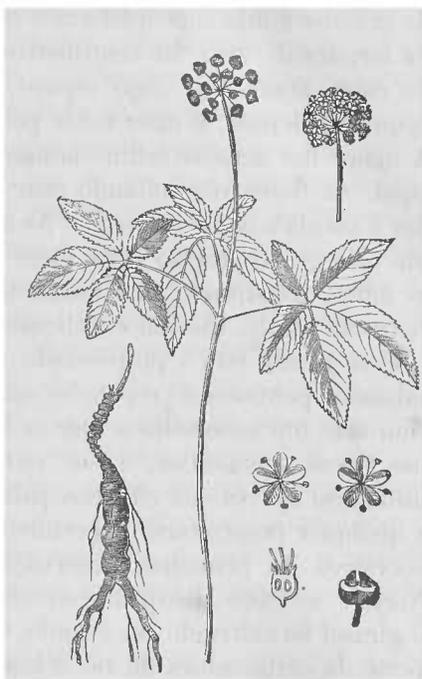


Fig. 284 — Ginseng.

GIQUIRIOBA. *Solanum oleraceum*. Solanaceas. Vegetal do Brasil; habita nos lugares humidos e sombrios da provincia do Rio de Janeiro e outras partes. É de um verde carregado, de sabor amargo e um pouco acre, de cheiro viroso. Caule rastejante, com muitos aguilhões curtos; folhas compostas, alternas, com foliolos curtamente peciolados, ovaes, agudos; flores brancas; fructo baga lisa, manchada de branco e verde, arredondada, quadri-ocular, com muitas sementes.

As folhas d'esta planta são empregadas no Rio de Janeiro, interna e externamente, contra as molestias de pelle. Internamente. *Infusão*: Folhas 2 grammas ($1/2$ oitava), agua fervendo quantidade sufficiente para ter 125 grammas (4 onças) de infusão, que se bebe n'um dia. Externamente, folhas em banhos.

GIRASOL. *Helianthus annuus*, Linneo. Synanthreas-seneioides. Planta annual, originaria do Perú, mas cultivada nos

jardins do Brasil, de Portugal, e de quasi todos os paizes, por causa da sua grande flor radiada. A haste, que é recta, tem 2 a 3 metros de altura; é guarnecida de ramos muito mais fracos, e de grandes folhas subcordiformes eriçadas de pello rude; as flores, da largura de 30 a 40 centímetros, apresentam um disco cercado de raios amarellos, cujo espaço, de côr roxa, é occupado por pequenos florões, e mais tarde por sementes pretas e cuneiformes. A maior flor acha-se ordinariamente na extremidade da haste principal. As flores vão voltando com o sol, sobre a haste: o que fez dar á planta o nome de *girasol*. As sementes fornecem por expressão um oleo graxo proprio para luzes e para a fabricação do sabão; as folhas constituem boa forragem para os animaes, e os talos, ricos em alcali, são um excellente combustivel.

Esta planta tem a propriedade de absorver gazes e destruir os miasmas pantanosos; reputa-se como meio preservativo das sezões; com este fim aconselha-se que se fação vastas plantações de girasol nas terras sezonaticas, e em roda das casas para se livrar da influencia nociva dos effluvios paludosos. É facil, e pouco custoso a qualquer proprietario experimentar a efficacia d'este meio preservativo. As primeiras observações forão feitas na America do Norte: a febre desapareceo nos terrenos pantanosos em que o girasol foi cultivado em grande. O mesmo aconteceo na Hollanda, perto da embocadura do rio Schelde.

GITO. *Veja-se* MARINHEIRO.

GIZ ou **Branco de Hespanha.** Carbonato de cal ou greda pulverizada, e depois reduzida a massa por meio da agua. Acha-se no commercio sob a fórmula de pães ovoides ou cylindricos. Emprega-se para escrever nos quadros ou taboas pretas dos collegios. Entra na composição dos pós dentifricios. Acha-se em abundancia na Hespanha.

GLANDULA. Em *anatomia* dá-se este nome a diversos órgãos mui distinctos e mui differentes quanto á sua natureza e funções. Assim se chamão: 1º certos órgãos de fórmula redonda que separão do sangue um liquido particular, taes como o figado, as glandulas mamarias, os testiculos, as parotidas ou glandulas salivares, etc.; 2º pequenos corpos redondos que se encontrão de distancia em distancia no trájecto dos vasos lymphaticos, sobretudo no pescoço, nas virilhas, debaixo do braço, e que se chamão tambem *ganglios lymphaticos*.

Em *medicina* dá-se o nome de *glandulas* a uns tumores que consistem de ordinario em um engurgitamento dos ganglios lymphaticos; é uma *inflammação das glandulas*, cujo nome scientifico é *adenite*. Nas crianças encontrão-se com frequencia pequenas incha-

ções dolorosas nas glandulas do pescoço. Às vezes os ganglios lymphaticos d'esta região inchão em consequencia da irritação que lhes é transmittida de um ponto mais ou menos remoto, porém com que elles tem communições vasculares. Assim, quando existem pustulas na cabeça, chamadas vulgarmente *ozagre*, não é raro ver as glandulas incharem e formarem pequenos tumores dolorosos na nuca, atraz das orelhas ou no pescoço. A dentição determina muitas vezes o engurgitamento sympathico das glandulas lymphaticas situadas debaixo do queixo. Estes engurgitamentos passam espontaneamente quando diminue a inflammação da parte que foi a origem da irritação. Assim, por exemplo, quando se inflamma alguma ferida no pé, acontece que as glandulas da virilha inchão e tornão-se sensiveis; combatendo pelo repouso e pelas cataplasmas de linhaça a inflammação do pé, o engurgitamento sympathico das glandulas, por onde passam os vasos lymphaticos que partem d'essa região, diminuirá na mesma proporção. Às vezes entretanto a inflammação secundaria da glandula persiste e dá lugar a uma pequena postema, que é necessario abrir com lanceta. As glandulas ou inguas que se mostrão nas virilhas durante um ataque de erysipela no pé desaparecem de per si : o mesmo acontece com as glandulas do sobaco, que inchão em consequencia da erysipela do braço.

O *tratamento* da inflammação das glandulas, que não dependem das causas que deixei indicadas, consiste em cataplasmas de linhaça ou de fecula. Quando as inchações glandulares resistem a estas applicações emollientes, convem recorrer ás fricções com pomada de iodureto de potassio, ou applicar o emplasto de cicuta. Se a glandula se tornar vermelha, dolorosa e molle, é signal de que contém pus : cumpre evacua-lo com lanceta, e continuar as cataplasmas de linhaça até ao fim da cura.

Nas senhoras, na idade critica ou em qualquer outra época da vida, por uma causa qualquer, tal como pancada, impressão do frio, etc., apparece ás vezes no seio uma *glandula*; isto é, um tumor mais ou menos volumoso, redondo, doloroso ou indolente, sem mudança da côr da pelle, que é formado umas vezes pelo engurgitamento de uma porção da mesma glandula mammaria, outras vezes pela tumefacção de uma das glandulas lymphaticas n'esta parte, emfim, por um kysto, lobinho que se desenvolveo, etc. Estes diversos tumores, de natureza e de marcha mui differentes, lhes causão ordinariamente grande susto. No maior numero de casos este susto é infundado, e quasi sempre, quando se consulta o medico a tempo, póde-se obter a resolução dos engurgitamentos inflammatorios e lymphaticos, ou, por uma leve operação, desem-

baraçar a doente dos tumores não susceptíveis de feliz terminação.

Achão-se no artigo **CANCRO DO SEIO** (vol. I, pag. 460) algumas informações que podem esclarecer as senhoras sobre esta interessante questão. N'aquelle lugar demonstro que tumores mui diversos podem apparecer no seio, que é mui difficil distinguir-se a sua natureza; e que uns só exigem a applicação de cataplasmas de linhaça, de applicações resolutivas, como, por exemplo, pomada de iodureto de potassio, emplasto de cicuta, e outros necessitam de uma operação.

Glandula enfiada. Engurgitamento chronico das glandulas lymphaticas. É um tumor que occupa ordinariamente as partes lateraes do pescoço, ou as vizinhanças do queixo inferior. A principio tem a grossura de uma pequena avelã, e pôde ficar assim estacionaria durante mezes e annos. Mas ordinariamente augmenta de volume, e pôde formar sobre o lado do pescoço uma grossura do volume do punho. Às vezes os dois lados do pescoço são atacados; outras vezes o tumor existe só de um lado. Estes tumores são arredondados, duros, movediços, sem alteração na côr da pelle. Às vezes resolvem-se: então a massa diminue de volume; as glandulas que a constituem separão-se, tornão-se pequenas, isoladas, movediças, e acabão por desaparecer; porém, as mais das vezes, a inflammação apodera-se d'ellas de uma maneira mais ou menos activa, tornão-se então dolorosas; a pelle faz-se vermelha n'um ponto; depois o tumor amollece, manifesta-se fluctuação, e se não se abrir a postema com bisturi, a pelle adelgaça-se, rompe-se, e deixa sahir um pus aquoso misturado com frocos esbranquiçados, e cujo aspecto foi comparado ao soro de leite não clarificado. Quando a inflammação foi viva o pus é mais espesso, mas sempre com frocos. É raro que a abertura se cicatrize immediatamente; quasi sempre a suppuração dura muito tempo. Podem sobrevir tambem, nas partes lateraes do pescoço, trajectos fistulosos, despegamentos da pelle e ulcerações, cuja cura é mui difficil, e que deixão cicatrizes mais ou menos disformes, mas sempre indeleveis.

O que deixei descripto para o pescoço pôde ter lugar nos ganglios dos sobacos, das virilhas, e das outras partes do corpo onde existem ganglios ou glandulas lymphaticas.

Tratamento. É externo e interno. No começo fação-se fricções sobre o tumor, duas vezes por dia, com pomada de iodureto de potassio; e applique-se, depois da fricção, um saquinho de panno de linho cheio de plantas aromaticas grosseiramente pulverizadas, que são: alfazema, alecrim, salva, hortelã, hysopo. Se o tumor fôr vermelho, applicuem-se cataplasmas de linhaça ou de fecula.

Internamente, administre-se a infusão de lupulo, o xarope de quina, o vinho de quina, o macerato de genciana, as pilulas ferruginosas de Vallet, as pilulas de iodureto de ferro de Blancard, o oleo de figado de bacalháo. A estes medicamentos devem ajuntar-se os cuidados hygienicos. O doente habitará o campo, em lugar secco e elevado, exposto aos raios do sol, que augmenta a força de todos os órgãos; fará exercicio ao ar livre, fará uso dos banhos de rio e sobretudo dos banhos do mar. Sua alimentação será substancial, composta principalmente de carnes assadas, e de vinho generoso.

RECEITAS CONTRA AS GLANDULAS ENFARTADAS.

1ª Pomada de iodureto de potassio 30 grammas (1 onça).

2ª *Infusão de lupulo.*

Pinhas de lupulo. 4 grammas (1 oitava)

Agua fervendo. 180 grammas (6 onças).

Infunda por meia hora, e cõe. Toma-se de uma vez por dia.

3ª Xarape de quina. 180 grammas (6 onças).

Para tomar uma colher *de sopa*, tres vezes por dia.

4ª Vinho de quina... 180 grammas (6 onças).

Para tomar uma colher *de sopa*, tres vezes por dia.

5ª *Macerato de genciana.*

Raiz de genciana incisa.. 2 grammas (1/2 oitava)

Agua fria 180 grammas (6 onças).

Macere por quatro horas e cõe. Toma-se a porção toda n'um dia, e de uma vez.

6ª Pilulas ferruginosas de Vallet. 36.

Uma pilula, tres vezes por dia.

7ª Pilulas de iodureto de ferro de Blancard. 24.

Para tomar uma pilula, duas vezes por dia.

8ª Oleo de figado de bacalháo. 180 grammas (6 onças).

Toma-se uma colher *de sopa*, duas vezes por dia.

GLAUCOMA. Molestia na qual se vê no fundo do olho, uma mudança de côr que se aproxima mais ou menos da côr verde-mar com alteração notavel da vista. Varião as opiniões, quanto á séde exacta do glaucoma; uns attribuem esta molestia a uma lesão do corpo vitreo, outros julgão que a sua séde primitiva é na retina ou no nervo optico.

Causas. As senhoras são mais predispostas a esta molestia do que os homens; encontra-se mais frequentemente o glaucoma nos olhos pardos ou azues do que n'aquelles em que o iris tem outra côr. As pessoas que soffrem de gota, rheumatismo, são mais sujeitas a elle; o frio humido, as grandes fadigas do corpo e do espirito predispõem ao glaucoma.

Symptomas. O glaucoma começa quasi sempre n'um só olho. A principio, o doente julga ver ao redor dos objectos uma fumaça mais ou menos espessa; ou então, ao acordar, parece-lhe que uma poeira se levanta no quarto. Os phenomenos cêssão e reproduzem-se com intervallos indeterminados; os que apparecem ao levantar-se da cama cêssão logo depois do almoço. Estas alterações da vista acabão sempre por se tornarem permanentes; e eis-aqui o que tem lugar então: A chamma de uma vela parece estar no meio de um nevoeiro branco bordado de um arco da velha; dôres na orbita que incommodão os movimentos do olho; o olho são tambem fica cançado. Logo as dôres tornão-se lancinantes; da orbita passão ao rosto, á testa, á fonte; vão até ao alto da cabeça e mesmo á nuca; mais fortes de noite do que pela manhã, augmentão nos tempos humidos. A pupilla perde os movimentos e a regularidade: ordinariamente sua abertura torna-se maior no sentido do seu diametro transversal; póde tambem estreitar-se. A membrana iris acaba por perder as suas côres. É quando a pupilla está dilatada e immovel que se póde verificar a côr verde-mar do fundo do olho; esta côr augmenta progressivamente de intensidade; apresenta ás vezes graduações de côr cinzenta ou de outras variedades de verde. O crystallino, que experimenta ás vezes estas alterações de côr, acha-se tambem ás vezes augmentado de volume, a ponto de empurrar o iris para diante e de fazê-lo resaltar para a camara anterior; inutil é dizer que a lentilha acaba por perder então a transparencia. Semelhante estado physico suppõe uma alteração grave da vista; a qual está com effeito completamente abolida, pois que o doente não distingue a luz da escuridão, e entretanto tem a percepção de um clarão branco que refere ao fundo do olho.

Tratamento. O tratamento é quasi sempre infructuoso; porque quando o olho toma a côr glauca, é prova que já chegou ao ultimo gráo da amaurose, ou que o crystallino está atrophiado; sómente, n'este ultimo caso, póde-se restabelecer a vista pela operação da cataracta, se comtudo a retina não estiver affectada. Nos casos em que o glaucoma está acompanhado de dores vivas, consequencia da distensão das membranas por demasiada secreção dos liquidos, obtiverão-se alguns bons resultados, fazendo a punção do olho atravez da cornea transparente, ou excisando uma porção do iris do olho affectado, para obter uma diminuição permanente na pressão intra-ocular.

GLOSSITE. Inflammção da lingua. As *causas* da inflammção da lingua são quaesquer feridas feitas na lingua por um instrumento picante ou cortante, ou por um dente durante o

ataque de gota coral. O mercurio, produzindo a salivação, tambem produz a inflammação da lingua. Esta molestia póde ser occasionada pela extensão da inflammação da garganta, pelo desenvolvimento das bexigas na lingua ; póde depender do embaraço gastrico, e emfim em certos casos sobrevem sem causa conhecida.

Symptomas. A inflammação da lingua manifesta-se ordinariamente de uma maneira subita. Em algumas horas a lingua incha a ponto de sahir da bocca ; a sua superficie cobre-se de materia esbranquiçada. A deglutição e a falla são difficeis, e depois impossiveis, a respiração constrangida ; uma saliva grossa e mais ou menos abundante corre da bocca. Quando a inflammação tem chegado a certo gráo de intensidade, o pulso torna-se frequente e a pelle quente.

Tratamento. Quando a inflammação é leve, bastão para cura-la o cozimento de cevada com o sumo de limão para bebida, pediluvio com mostarda, um purgante de 60 grammas (2 onças) de sal d'Epsom, e o gargarejo seguinte :

Infusão de salva.	600 grammas (20 onças)
Mel rosado.	60 grammas (2 onças).

Se a inflammação da lingua fôr intensa, applicuem-se 8 a 12 bichas debaixo do queixo; e administre-se um vomitorio :

Tartaro emetico	5 centigram. (1 grão)
Agua..	120 grammas (4 onças).

O tratamento da inflammação da lingua, quando ella é occasionada pelo uso do mercurio, acha-se indicado no artigo SALIVAÇÃO.

GLOTTE ou **Goto.** Assim se chama a abertura do larynge, canal que dá passagem ao ar. É sobre ella, e para a cobrir exactamente, que se abaixa a *epiglottle*, valvula fibro-cartilaginosa, durante a deglutição, afim de impedir a introduccção dos alimentos nas vias aereas. A *glotte* é a abertura triangular que se acha na figura ao nivel da letra *h*. Tem no adulto 23 a 25 millimetros de comprimento, e 5 a 7 millimetros de largura.

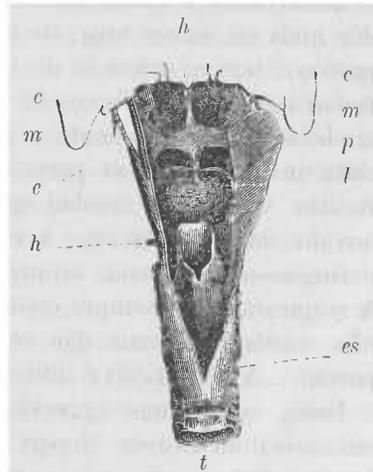


Fig. 285.

Pharynge, larynge, glotte, epiglottle, vistos por detraz.

Fig. 285. *Pharynge visto por detraz, e aberto de maneira que mostre a posição dos órgãos situados sobre sua parede anterior : c, c, a base*

do craneo; *m*, *m*, apophyses mastoideas; *n*, septo vertical que separa as duas fossas nasaes; *p*, o veo do paladar, que faz a continuação do céu da bocca e do qual desce o prolongamento chamado *a campainha da garganta*; *l*, a base da lingua, por cima da qual vê-se, de cada lado da campainha, a cavidade da bocca; *e*, um dos musculos que cleva o pharynge; *h*, extremidade esquerda do osso hyoide, occulta do outro lado pela parte posterior do pharynge, que se acha repellida para fóra; no pharynge, na mesma altura, está a abertura do larynge, por cima da qual existe a *epiglote*, que se achá applicada contra a base da lingua; *es*, principio do esophago, por diante do qual desce a traca-arteria *t*.

A glotte é a séde de algumas molestias, principalmente do edema e do espasmo que podem ser mui graves.

Edema ou inchação da glotte, ou Laryngite edematosa. Inchação da membrana mucosa que circumscreve a abertura superior do larynge.

Symptomas. Esta affecção póde manifestar-se subitamente por um accesso de suffocação, mas quasi na totalidade dos casos, a invasão é lenta e obscura: a voz é rouca e encoberta, a inspiração um pouco difficil; existe leve dôr na garganta; depois estes symptomas aggravão-se, até que enfim sobrevenha um violento accesso de suffocação. No maior numero dos casos a invasão tem lugar de tarde ou durante a noite.

Confirmada a molestia, os doentes queixão-se quasi sempre de dôr mais ou menos viva, de um incommodo na parte superior do pescoço; tem a sensação de um corpo estranho que os suffoca, e fazem incessantes esforços de expiração e de tosse para expulsa-lo, ou levão instinctivamente a mão á parte superior do pescoço. A cada inspiração, o ar parece atravessar um obstaculo, e produz muitas vezes um assobio que se ouve sobretudo applicando o ouvido sobre o pescoço; a voz é rouca ou fraca, pouco a pouco extingue-se; o mesmo acontece com a tosse que parece afogada. A respiração está sempre estrangida. A expectoração é nulla, ou não consiste as mais das vezes senão em muco viscoso e transparente. A deglutição é difficil, ás vezes impossivel.

Estes symptomas aggravão-se, a respiração torna-se de mais em mais difficiltuosa; depois declarão-se os accessos de suffocação. A anxiedade é extrema; o doente sentado na cama, tem o rosto livido, os labios azues, o corpo coberto de suor, vertigens, em uma palavra todos os signaes de asphyxia. Estes accessos durão sete a dez minutos, ás vezes mais; repetem-se no fim de algumas horas ou de muitos dias. No seu intervallo, a respiração, bem que sempre estrangida, torna-se muito mais livre. Se os accessos

voltarem a curtos intervallos, o calor diminue e sobrem a morte. Na autopsia acha-se a abertura da glotte quasi completamente obliterada pela inchação das dobras da membrana mucosa que são a séde da molestia.

Sendo muitas vezes o edema da glotte precedido ou complicado com inflammação geral da garganta, póde-se achar a campainha da garganta e o veo do paladar mais ou menos rubros e sobretudo inchados. No meio dos symptomas tão graves a febre é quasi nulla ou muito moderada.

Terminações. A morte, que é a terminação frequente da molestia, é a consequencia da asphyxia. Quando o exito deve ser feliz, os accessos afastão-se, a dyspnea diminue, depois cessa, a deglutição torna-se livre, e a voz, depois de um tempo mais ou menos longo, recobra o seu metal ordinario. Sobre 40 doentes, de que o Dr. Valleix reunio observações, só se contão 9 curas. O Dr. Sestier avalia as curas á metade.

Causas. O edema da glotte é ora *primitivo*, isto é constituido pela inflammação primitivamente desenvolvida no larynge ou que se propagou da garganta; outras vezes a molestia é *consecutiva* á alteração das partes vizinhas, taes como a ulceração do larynge ou carie de suas cartilagens. Rara na infancia, foi sobretudo observada nos individuos de 18 a 30 annos; é mais frequente nos homens do que nas senhoras. No maior numero dos casos, a molestia sobrem sem causa determinante apreciavel; mas ás vezes succede á impressão do frio. De ordinario o edema da glotte tem a origem inflammatoria, isto é que succede depois da phlegmasia do larynge ou da garganta. N'este caso o tecido cellular, que reveste a membrana do larynge, infiltra-se de serosidade pela mesma fórma que se infiltra o tecido laxo das palpebras, quando existe alguma ferida na vizinhança do olho.

Tratamento. O tratamento deve ser energico e prompto, em razão da gravidade da molestia, da sua marcha ás vezes fulminante. Se a suffocação não estiver imminente, convirá applicar dez bichas no pescoco ou ventosas sarjadas, e administrar um vomitorio, ʒ centigrammas (1 grão) de emetico n'uma chicara d'agua fria. Se o pulso tornar-se fraco, irregular, se o doente estiver ameaçado de asphyxia, será preciso fazer uma incisão no larynge e introduzir na ferida uma canula para fazer respirar o doente. Os resultados da operação são em geral mais favoraveis n'esta molestia do que no crup.

Espasmo da glotte. Contractão espasmodica da abertura do larynge; manifesta-se pela suffocação subita, que sobrem sem causa apreciavel nas crianças durante o dia ou a noite.

Symptomas. Esta molestia é caracterizada por accessos de suffocação, que sobreveem subitamente, sem phenomenos precursores e sem causas apreciaveis, ora de dia, ora de noite. A criança fica com a respiração suspensa, como se a glotte estivesse repentinamente obstruida. A physionomia da criança exprime então grande anxiedade; a bocca fica largamente aberta, como para aspirar o ar que lhe falta; a cabeça vira-se para traz, os olhos ficão fixos; o rosto torna-se azul; ha, em uma palavra, symptomas de asphyxia principiante.

Emfim, passados dez ou vinte segundos d'este estado grave, o ataque termina por uma ou mais inspirações sonoras, agudas e como convulsivas de que o soluço dá perfeita ideia. Durante este accesso, as pancadas do coração tornão-se tumultuosas, irregulares; a pelle cobre-se de suor frio, frequentemente ha evacuações involuntarias; emfim existem convulsões, ora geraes, ora parciaes, e consistindo em contracturas limitadas ás extremidades. Estas podem preceder de algum tempo o espasmo glottico e persistem depois, porém mais ordinariamente desenvolvem-se e desaparecem com elle.

Estes accessos tem duração variavel: observárão-se alguns accessos prolongar-se durante um quarto de hora; porém as mais das vezes acabão passados alguns segundos ou um ou dois minutos no maximo. Os accessos, raros ao principio, podem deixar entre elles um intervallo de muitas semanas ou de muitos mezes; mas podem approximar-se uns dos outros, de maneira que sobrevenhão todos os dias, e mesmo duas vezes por dia. Os esforços de deglutição, a dôr, o susto ou o acordar, são as causas principaes que provocão a volta dos accessos. Quando estes vem com grandes interrupções, as crianças recobráo, no seu intervallo, toda a alegria; mas á medida que se repetem, deixão um estado permanente de soffrimento.

Duração; prognostico. O espasmo da glotte tem duração média de algumas semanas a muitos mezes; póde prolongar-se durante muitos annos, como não durar senão alguns segundos. Termina pela morte ou restabelecimento.

Tratamento. Durante o accesso, cumpre esfregar o peito com panno embebido em vinagre; dar a respirar vinagre ou ether; applicar sinapismos nas pernas; administrar um clyster com agua morna e meia colher de sopa de sal de cozinha; dar a beber agua fria com assucar e agua de flores de laranjeira, ou chá de folhas de laranjeira; dar a beber 5 a 10 gottas de ether sulfurico em meia chicara d'agua fria com assucar; administrar, finalmente, o clyster seguinte:

Agua morna.	90 grammas (3 onças)
Assafetida .	30 centigrammas (6 grãos)
Gema de ovo	uma.

Para impedir os accessos cumpre não deixar a criança correr, prevenir-lhe os choros e contrariedades; administrar-lhe banhos com plantas aromaticas, como alfazema, alecrim, etc. A mudança de lugar, a habitação no campo, são ás vezes sufficientes para fazer cessar subitamente a molestia.

GLUTEN. Substancia organica azotada que existe nas sementes dos cereaes, e sobretudo no trigo, onde forma uma especie de rede cujas malhas encerrão os grãos de amido. Obtem-se sob a fórma de massa cinzenta, molle, muito elastica, insolúvel na agua, da apparencia de uma membrana, amassando pasta da farinha de trigo, em quanto se dirige a esta pasta um fio d'agua, até que este liquido tenha levado consigo todo o amido e as partes soluveis da farinha. O gluten é a parte essencialmente nutritiva das farinhas, e é elle que commúnicá á massa a propriedade de *levedar*, isto é produzir, um pão leve, saboroso e de facil digestão. As farinhas são tanto mais nutrientes quanto mais ricas são em gluten. O arroz, o milho, o trigo mourisco são mui pobres em gluten, ou são mesmo d'elle completamente privados. O gluten corrompe-se muito depressa pela influencia do calor humido; secco conserva-se indefinidamente. Prepara-se com elle uma especie de semola que se costuma misturar com caldo de carne, para fazer sopas que são mui nutrientes.

GLYCERINA. Liquido de consistencia de xarope, transparente, incolor, sem cheiro, de sabor doce, densidade 1,26. Extrahe se das gorduras e dos oleos, saponificando-os por meio dos alcalis. Mistura-se em todas as proporções com a agua e com o alcool. Emprega-se vantajosamente no curativo das feridas, e n'este caso substitue o ceroto. Em fricções é muito util nas affecções da pelle, e sobretudo no prurigo, cobreiro, eczema, acne, ichthyose, etc.

GLYCEREO. Medicamento para uso externo, e que resulta da dissolução em glicerina de qualquer substancia medicinal, amido, laudano, tannino, iodureto de potassio, etc.; e d'aqui vem os glyceros de amido, laudanizado, de tannino, de iodureto de potassio, etc. Existem muitas formulas de glycercos, para fricções, collyrios, injeções, gargarejos, etc. Podem substituir os linimentos, pomadas, unguentos, etc.

GLYCOSURIA. Ourinas doces. *Veja-se* DIABETES.

GOIABEIRA. *Psidium guajava*, Raddi. Myrtaceas. Pequena arvore do Brasil, de 18 a 20 pés de altura; folhas oppostas, de peciolo curto, oblongas, arredondadas nas extremidades, de gosto

amargo e adstringente; flores axillares; fructo, baga grande, contendo muitas sementes, de casca lisa e amarella, quasi espherica e coroada pelos dentes do calice; polpa do fructo rosada ou branca, sementes angulosas. O fructo chama-se *goiaba branca* ou *vermelha*, conforme a côr da polpa; bem maduro, é doce e mucilaginoso; pouco madura, é um tanto acido e adstringente. Com estes fructos, privados de sementes, se fazem doces (*goiabada*) mui saborosos, e que podem ser empregados como remedio nas diarrheas chronicas. O cozimento das folhas emprega-se em banhos como adstringente nas inchações das pernas. Prepara-se este cozimento com 60 grammas (2 onças) de folhas da goiabeira e 1,000 grammas (32 onças) d'agua.

GOIVEIRO AMARELLO. *Cheirantus cheiri*, Linneo. Cruciferas. Planta que existe no Brasil e em Portugal, e cujas folhas são empregadas como emmenagogas em infusão.

GOLFÃO. *Nymphaea*. Genero-tipo da familia das Nymphaeaceas, encerra plantas herbaceas aquaticas, de rhizoma grosso e carnoso, preso no fundo dos lagos por numerosas radículas; folhas fluctuantes na superficie d'agua, largas, espessas, arredondadas, recortadas na base; flores grandes e brilhantes. A especie principal é o *golfão branco* (*Nymphaea alba*, L.), de flores brancas, mui commum em Portugal nas aguas em estagnação, ou que correm lentamente. Atribuião-se-lhe outr'ora propriedades sedativas e anti-aphrodisiacas; mas hoje está reconhecido que esta opinião é inteiramente erronea.

GOLPE. Veja-se CORTADURA.

GOLPE DO SOL. *Queimado do sol*. Dá-se este nome a uma especie de inflammação superficial que dá á pelle uma côr rubra, e que tem por causa a acção mui viva e mui prolongada do sol ardente sobre as regiões do corpo descobertas. As mais das vezes o golpe de sol observa-se sobre o rosto e sobre o pescoço; pôde tambem encontrar-se nas mãos, nos braços, nas costas, etc., segundo que estas diferentes partes do corpo tenham sido tocadas a nú, durante um tempo mais ou menos longo, pela acção directa dos raios solares. As pessoas cuja pelle é fina e delicada, e que são pouco habituadas á exposição prolongada do grãnde ar e do sol, são mais predispostas do que outras. Vermelhidão viva, com turgescencia da pelle, sensação de calor e de comichão ardente, sensibilidade extrema ao tocar, ás vezes dôr de cabeça, mesmo febre pequena, taes são os symptomas habituaes do golpe de sol. Lavatorios com agua fria, simples ou misturada com vinagre, um banho fresco, unturas com azeite doce, glicerina, leite ou cold-cream, moderão um pouco o calor que se sente. É raro que esta

pequena molestia se prolongue além de dois ou tres dias. Entretanto, desenvolve-se ás vezes uma affecção dartrosa, uma erysipela verdadeira, uma inflammação do cerebro na occasião do golpe do sol; mas isto felizmente é mui raro. No caso de inflammação do cerebro, seria preciso praticar sangria no braço, e applicar na testa pannos molhados em agua fria.

GOMMA. (Molestia). É um tumor que se desenvolve na vizinhança dos ossos, e que provém da infecção syphilitica. É molle, sem mudança na côr da pelle, e contém uma materia semelhante á dissolução da gomma arabica, d'onde lhe vem o nome. V SYPHILIS.

GOMMA ou **Polvilho.** *Veja-se* POLVILHO.

GOMMA. (Botanica). Um dos principios immediatos dos vegetaes. Encontra-se em todas as partes d'elles, nas folhas, troncos raizes, fructos, sementes, etc. Mana espontaneamente sob a fórma de gottas mais ou menos volumosas, que se reúnem em massa e endurecem. No estado de pureza, a gomma é solida, semi-transparente, sem sabor, soluvel em agua. Ha grande variedade de gomas; só fallarei aqui das mais usadas em medicina.

Gomma alcatira ou **tragacantha.** Esta gomma exsuda de differentes arbustos do Oriente, pertencentes ao genero *Astragalus*, e sobretudo do *Astragalus verus*, da familia das Leguminosas (fig. 286). É solida, opaca, branca ou amarellada, não friavel, em laminas mais ou menos largas, ou em pequenos granulos sem fórma. Esta gomma incha consideravelmente em agua e forma mucilagem espessa. Contém vinte e cinco vezes mais principio gommoso do que a gomma arabica, e entra na preparação das poções peitoraes e de diversas pastilhas.

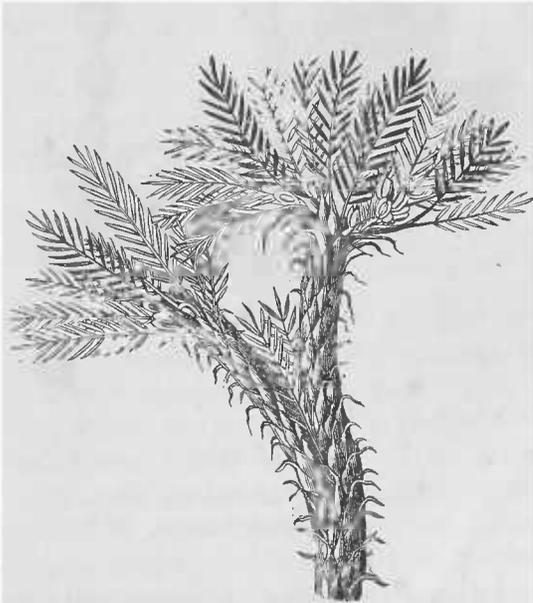


Fig. 286.

Astragalus verus, arbusto que produz a gomma alcatira.

Gomma ammoniaco. Gomma-resina proveniente de uma grande planta herbacea, *Dorema ammoniacum*, Don., que habita

na Persia. Existem duas especies de gomma ammoniaco : 1º em lagrimas separadas, raras vezes reunidas, irregulares, amarellas escuras por fóra, de fractura vitrea e branca; 2º em massas einczentas, que offerecem lagrimas com o aspcteto de pingos de cera. Uma e outra tem eheiro forte, particular e não desagradavel, sabor doce-amargo. Emprega-se internamente como antispasmodico; externamente entra na composição de muitos emplastos. ♀

Gomma arabica. Esta gomma vinha outr'ora exelusiveamente da Arabia e do Egypto; bem que essa procedencia não esteja exhausta vem em maior quantidade do Senegal. A gomma da Arabia mana da *Acacia vera*, Wild., arvore da familia das Leguminosas (fig. 287). A gomma do Senegal, da qual tratarei tambem

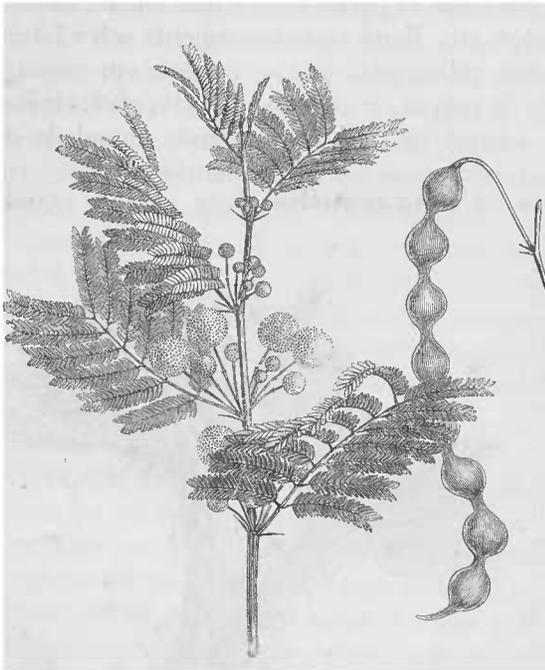


Fig. 287.

Acacia vera, arbustó que produz a gomma arabica.

aqui, visto offereeer os mesmos caracteres e as mesmas propriedades que a primeira, mana espontaneamente e por incisão da *Acacia senegalensis*, Lam., arvore da mesma familia das Leguminosas, que se lhe assemelha, e que forma immensas mattas no Senegal. Estas gommás achão-se no commercio em boeados irregulares, redondos, semi-transparentes, mais ou menos corados; tem sabor brando e são soluveis na agua. A gomma arabica é medicamento emolliente e peitoral. A solução

de 8 gram. (2 oitavas) de gomma arabica em 360 gram. (12 onças) d'agua forma uma bebida propria a combater a irritação das vias digestivas. Mas é sobretudo empregada nas molestias do peito, e considerada, de alguma fórmula, como um remedio específico. Os lambedores, os julepos, as poções peitoracs, as massas de althea, de alcaçuz, e grande numero de outras preparações usadas em semelhante caso, tem por base a gomma arabica, e a ella devem

as suas propriedades emollientes. Direi o mesmo d'essas numerosas *pastilhas peitoraes*, que só differem umas das outras pelo nome do autor.

Gomma de batata. *Veja-se* BATATA DE PURGA.

Gomma elastica. *Veja-se* BORRACHA.

Gomma gutta. Gomma-resina extrahida da *Stalagmitis cambogioides*, Murray, arvore da familia das Guttíferas, que habita nas Índias Orientaes (fig. 288). Aparece em pedaços cylindricos mais ou menos volumosos, de côr roxa amarellada exteriormente, amarella avermelhada no interior, friaveis, inodoros; de sabor fraco a principio, e depois acre. A gomma gutta é empregada como tinta; serve aos confeiteiros para tingir de amarello os confeitos. Em medicina serve como energico purgante; usa-se d'ella quando é necessario produzir um effeito forte, como na hydropisia, paralyasia, asthma. Emprega-se na dóse de 10 a 30 centig. (2 a 6 grãos) por dia para uma pessoa adulta, em pilulas. Administrada em dóse forte, occasiona colicas, vomitos e inflammação dos intestinos.

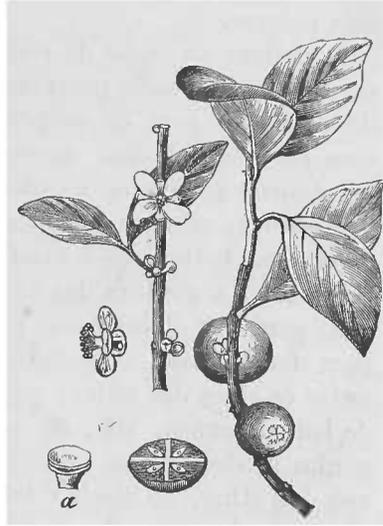


Fig. 288.

Stalagmitis cambogioides, arvore que produz a gomma-gutta.

Gomma-kino. *Veja-se* KINO.

Gomma-laca. *Veja-se* LACA.

Gomma-lacre. *V* CAAOPIÁ.

GOMMAS RESINAS. Substancias vegetaes que se compõem de gomma e de resina, misturadas com algumas outras substancias, e que manão, quer espontaneamente, quer por incisão, de certos vegetaes das regiões quentes do globo. Distinguem-se sobretudo pela propriçidade que tem de se dissolver em parte no alcool, em parte na agua, e de produzir com esta uma especie de emulsão. Tem cheiro forte, ás vezes fetido; sabor acre e desagradavel. Deitando-se agua n'uma soluçõo alcoolica de gomma resina, o liquido turva-se e toma aspecto lacteo, porque a resina, que é insolúvel, separa-se e fica em suspensão. As principaes gomas resinas são: *gomma-ammoniaco*, *aloes*, *assafetida*, *bdellio*, *galbano*, *gomma gutta*, *incenso*, *olibano*, *myrrha*, *opopanax*, *sagapeno*, *escamonea*. *Vejaõ-se* estas differentes palavras.

GONORRHEA. *Veja-se* BLENNORRHAGIA.

GONÚ. *Veja-se* TAYUYÁ.

GORDURA. Substancia molle ou oleoginosa, inflammavel, não soluvel na agua, pouco soluvel no alcool, soluvel nos oleos fixos, taes como azeite doce, oleo de amendoas doces. Encontra-se n'um grande numero dos tecidos dos animaes, principalmente na vizinhança dos rins e intestinos.

No homem, a gordura é em geral molle e liquida na temperatura do corpo. Em uma pessoa adulta de saude ordinaria forma quasi a vigesima parte do corpo. Achando-se n'uma proporção mais consideravel, constitue um estado chamado *obesidade*. *Veja-se* esta palavra.

A gordura ou *banha* de porco é empregada em medicina como excipiente para fazer pomadas : amolcece a pelle. A supposta banha de urso não goza de propriedade particular; o que se vende com este nome é uma mistura de banha de porco com algumas substancias activas ou mesmo inertes.

A gordura offerece modificações nas differentes classes de animaes; nos herbivoros é mais firme, menos cheirosa do que nos carnivoros; a gordura das aves é fina, unctuosa e mui fusivel.

As gorduras empregão-se para differentes usos : para a cozinha, para fazer sabão e pomadas, para fabricação das velas, para untar os eixos das rodas, etc. As gorduras de porco, de carneiro, de boi, de ganso, etc., são as mais empregadas. As substancias gordas produzem nas fazendas nodoas desagradaveis : tirão-se por meio do ether, do alcali volatil, da benzina, etc. A gordura de porco e a de ganso são as melhores de todas para as necessidades da cozinha, e para a conservação dos alimentos. As gorduras de boi, de vitella e de carneiro são empregadas habitualmente para fazer preparações industriaes, taes como as velas ordinarias e as velas stearinas. *Veja-se* BANHA.

GOSMA. Algumas pessoas, bem que dotadas das apparencias de boa saude, deitão, principalmente de manhã, por expectoração ou por vomitos, materias mucosas, esbranquiçadas, pegajosas, de sabor salgado, a que os antigos medicos davão o nome de *gosma*. Este estado provém ás vezes da secreção da membrana mucosa dos bronchios, e não constitue molestia alguma. Outras vezes depende do defluxo ou da bronchite chronica e exige o tratamento indicado n'essas molestias. Quando as materias vem com vomitos, procedem do estomago e necessitão o uso de alguma bebida amarga, tal como chá de macella, ou de raiz de chicoria, na dóse de uma chicara por dia.

GOSTO. A natureza creou para a sensação dos sabores um apparelho particular, que é muito menos complicado do que os apparelhos dispostos para receberem a luz, o som e os cheiros. A

lingua é o principal órgão do gosto, bem que os beiços, o interior das bochechas, o céu da bocca, os dentes, e até o estomago, não sejam totalmente privados da faculdade de receber as impressões dos corpos sapidos.

Os dados que este sentido nos ministra interessão altamente a nossa conservação. Os sabores são frequentemente um indicio das qualidades nutrientes, medicamentosas ou venenosas das substancias. A observação prova que, quasi sempre, um sabor agradável acompanha as substancias proprias para repararem as nossas perdas, que os sabores desagradaveis são inherentes ás substancias que nos podem ser nocivas, e que os alimentos cujo sabor é mais pronunciado são tambem os que se digerem com mais facilidade. Verdade é que esta lei não é geral; muitas substancias dotadas de sabor attractivo são venenos funestos; mas estas excepções não podem destruir a regra.

As repugnancias do gosto devem ser respeitadas. Com effeito, os alimentos tomados com repugnancia são mal digeridos, e muitas vezes não tardão a ser lançados por vomitos.

Algumas circumstancias influem sobre a percepção dos sabores. Os corpos devem demorar-se algum tempo sobre a lingua para serem saboreados. Sabe-se, com effeito, que as bebidas engulidas á pressa não produzem grande impressão sobre o gosto; e d'esta sorte é que evitamos sentir o sabor dos remedios desagradaveis. Convem que a temperatura dos alimentos não seja nem muito alta, nem mui baixa: as substancias nevadas não são susceptiveis de ser saboreadas senão depois de se terem elevado a certo grão de calor; as que estão vizinhas á ebullicão queimão a lingua, engrossão a pelle que a cobre, e destroem por um momento a faculdade de perceber os sabores.

O sentido do gosto é susceptivel de educação como todos os outros. A cultura faz-lhe adquirir uma delicadeza extrema. Ha pessoas que, provando vinho, não sómente reconhecem o terreno que o produz, mas ainda assignalão o anno em que foi colhido. Para que o gosto possa chegar a este grão de perfeição, necessita cuidados, e verdadeiro estudo. Evitar-se-hão as substancias mui sapidas, as que por sua temperatura elevada tornão espessa a membrana que cobre a lingua, e deve-se exercitar frequente e moderadamente o sentido, fixando a attenção sobre as sensações que elle percebe.

Independentemente da utilidade que tem o sentido do gosto, é elle ainda a origem de prazeres mui grandes. Mas estes prazeres são sobretudo vivos na época adiantada da vida, na qual a natureza principia a recusar-nos gozos mais doces; parece que nos quiz

indemnizar das perdas que nos faz experimentar. Nas molestias, a natureza tira ou perverte o gosto, e parece prohibir-nos, por esta precaução salutar, que introduzamos no estomago substancias que podem ser nocivas. Emfim, o gosto é um signal precioso em muitas affecções. Um gosto de *ovos chocos* acompanha a indigestão. Um gosto de *sangue* annuncia a imminecia dos escarros de sangue. Um gosto de *cobre* é um presagio de salivacão proxima nos doentes que usão de preparacões mercuriaes, e previne que se deve suspender o emprego d'estes remedios.

GOTA. A gota é uma molestia constitucional com inflammacão especifica das articulações, e que apparece por accessos mais ou menos irregulares. Bem que a gota tenha fixado a attenção dos medicos desde as épocas mais remotas, poucas molestias ha cuja theoria ficasse mais obscura e cujo tratamento seja mais incerto.

Symptomas. A gota é aguda ou chronica. A *gota aguda* é ás vezes precedida por desordens variadas na digestão, ou dôres indeterminadas em diversas partes do corpo, por vomitos, diarrhea, caimbras; as mais das vezes sobrevem subitamente. Em todos os casos, o dia antecedente ao do ataque é em geral marcado por um augmento de appetite e um estado de saude insolito; mas pela noite adiante, após algumas horas de um somno tranquillo, sente-se uma dôr viva, as mais das vezes no dedo grande do pé, no calcanhar ou no peito do pé; em alguns casos nos pulsos, mãos ou joelhos. Os doentes comparão esta dôr á sensacão de deslocacão da articulacão, de uma cunha enterrada entre os ossos, a uma queimadura, á dilaceracão produzida pela mordedura de um cão; ás vezes é acompanhada da sensacão que produziria agua quasi fria lançada sobre a parte affectada. Um calefrio com tremor manifesta-se quasi immediatamente, e dura mais ou menos tempo; cessa, a dôr cresce, o pulso accelera-se e a pelle torna-se secca e quente. Estes symptomas continuão toda a noite e durante todo o dia seguinte: a dôr, que não cessou de augmentar, chega de noite ao seu mais alto gráo; é então tão viva, que o simples peso de um cobertor é insupportavel; o doente vira-se para todos os lados, e busca em vão uma posicão que possa alliviar-lhe os soffrimentos. Parte da noite se passa ainda n'este penoso estado; mas pela manhã, vinte e quatro horas pouco mais ou menos depois da invasão do accesso, a dôr perde de repente a maior parte de sua intensidade: esta mudanca é tão subita, que o doente a attribue á ultima posicão que tomou: a pelle cobre-se de ligeira humidade, e o somno vem emfim fechar os olhos do pobre gotoso. Ao despertar, a dôr que sente é supportavel; a parte

affectedada acha-se inchada e vermelha. Nos dias seguintes ha um augmento mais ou menos consideravel da dôr quando se aproxima a noite; esta dôr é acompanhada de calor da pelle e de acce-
 ração do pulso. Mas estes paroxysmos cada dia vão diminuindo de intensidade; cêssão ordinariamente no fim de quatro a cinco dias, e d'esta maneira acaba-se o primeiro accesso.

Apenas passou o ultimo paroxysmo, principia o segundo accesso. A mesma serie de phenomenos que acabei de descrever se reproduz, ora sobre a mesma articulação, ora sobre o outro pé, e ás vezes sobre os punhos, cotovellos ou joelhos. Assim, este accesso, precedido de calefrio, acompanhado de acce-
 ração do pulso, seguido de inchação e de vermelhidão da parte como o precedente, termina, como elle, por tres ou quatro paroxysmos. Um terceiro accesso, semelhante, lhe succede; ás vezes vem um quarto accesso, e a saude restabelece-se depois. Esta serie de accessos e paroxysmos, cuja duração total é ordinariamente de quinze dias, forma o que se chama um *ataque* de gota.

A marcha do ataque de gota aguda não é sempre tal como deicxi indicado; a sua invasão pôde ter lugar durante o dia; e os accessos são ás vezes mais numerosos. Tem-se observado que em geral o ataque é tanto mais curto quanto mais violentas são as dôres. É raro que durante o curso de um ataque de gota aguda o doente tenha alguns instantes de remissão completa, a não ser nos ultimos dias. Em geral, em quanto o ataque dura, o doente experimenta ancia, frequencia do pulso e calor da pelle, não tem appetite, e as ourinas depõem um sedimento. Longos intervallos decorrem ordinariamente entre os primeiros ataques da gota aguda: um anno, dois, e muitas vezes mais, passão-se entre cada um d'elles; mas se o doente não se tem imposto as privações necessarias, tornão-se ellas cada vez mais frequentes. Repetem-se duas e tres vezes por anno; tornão-se mais longos, e acabão por não deixarem mais que um pequeno numero de dias de repouso ao doente. N'este caso, perdem a intensidade, e a molestia passa ao estado chronico.

Gota chronica. Succede á precedente, como acabei de dizer, ou então principia sob esta fórma. Em ambos os casos, assemelha-se á gota aguda, com a unica differença de serem os soffrimentos menos vivos, os accessos menos intensos, porém mais prolongados e separados por maiores intervallos; a febre é nulla ou quasi nulla; mas as articulações, que no periodo agudo recobravão a força e flexibilidade, ficão então fracas e rijas. Descolve-se inchação molle e compressiva; ás vezes formão-se nodosidades, e ao depois verdadeiras concreções, que não sómente deformão as articulações,

mas tambem incommodão e até impedem os movimentos dos membros.

Um dos accidentes mais notaveis da affecção gotosa é a mobilidade que a caracteriza. Não ha cousa mais singular, com effeito, do que ver a molestia transportar-se de um lugar para outro. Póde transportar-se sobre todos os órgãos importantes do corpo, taes como o cerebro, os pulmões, o canal intestinal. Mas os casos de verdadeiro retrocesso da gota são muito mais raros do que se diz vulgarmente. Se se accreditasse o que assegurão os gotosos, apenas um só doente seria isento d'este genero de accidente: entretanto o facto é muito mais raro. Esta opinião procede de se attribuirem á gota todas as molestias que sobrevem ás pessoas gotosas.

Causas da gota. Muitos autores considerão a gota como molestia hereditaria. Mas o facto foi mui exagerado: verdade é que as pessoas nascidas de pais gotosos estão um pouco mais expostas á molestia do que as outras: mas, em nenhum caso, esta predisposição será por si só sufficiente para desenvolver a molestia: é necessario tambem o concurso de causas mais activas. Scudamore diz que dos 444 doentes que observou, 22 tiverão o pai affectado de gota, 9 a mãe, 3 pai e mãe, 6 o avô, 1 a avó, 4 o tio; emfim, 58 doentes não conhecêrão vestigio algum de gota nos seus parentes. Uma vida passiva, a falta de exercicio, uma alimentação mui succulenta e mui abundante, composta principalmente de carne, o abuso dos licores excitantes, do vinho, do café, eis as grandes causas da gota. A notavel influencia da posição social sobre a producção da gota é um dos factos mais importantes da historia das causas d'esta affecção. Foi designada sob o nome de *molestia dos ricos*. Um dos medicos que deo as melhores descripções da gota, porque foi sujeito a ella, Sydenham, dizia: « O que é uma consolação para mim, e talvez para os outros gotosos dotados de um merecimento ordinario, é que reis, principes, generaes, philosophos e outros grandes homens, tem vivido nos mesmos tormentos. »

A gota é rara nos climas quentes; parece propria das regiões temperadas. O frio humido, e que affecta sobretudo os pés, é uma das causas que a provocão mais frequentemente. É sempre uma imprudencia da parte da pessoa gotosa o andar com calçado fino por terreno humido. A exposição do corpo a um nevoeiro um pouco forte não deixa de ter inconveniente. As senhoras são raras vezes affectadas da gota, porque em geral são sobrias: quando esta molestia as ataca, é depois da cessação do fluxo menstrual; porque esta evacuação periodica as desembaraça dos materiaes

nutritivos que podem achar-se n'ellas em excesso. As crianças gozão do mesmo privilegio que as senhoras, pois quasi nunca ha n'ellas materiaes nutritivos em excesso, visto que d'elles se faz um consumo contínuo para o crescimento de todos os órgãos. O homem é raras vezes affectado da gota antes da idade viril. O exercicio previne o desenvolvimento da molestia; porque despende uma parte dos materiaes nutritivos em excesso. A inacção predispõe a contrahi-la, pois favorece a accumulacão d'estes materiaes nas articulações.

Tratamento da gota aguda. No ataque da gotta aguda, é preciso envolver a junta em algodão, e pôr o membro n'uma posição tal que a parte affectada não esteja n'uma posição declive. Por conseguinte, se a molestia existir no pé, o calcanhar deve ficar mais alto do que a perna. Tome-se um purgante, por exemplo, 60 gram. (2 onças) de sulfato de magnesia, ou 30 grammas (1 onça) de oleo de ricino. O doente deve observar uma dieta severa, e usar só de caldos de gallinha. Se as dôres não diminuirem, applique-se uma cataplasma de linhaça, borrifada com uma colher de sopa de laudano de Sydenham.

Faça-se uso das pilulas seguintes :

Extracto de aconito. 50 centigram. (10 grãos).

Faça 10 pilulas. Tomem-se duas pilulas por dia, uma pela manhã, outra á noite.

Á medida que os symptomas locais e geraes forem diminuindo, pôde o doente usar de alguns alimentos, e pouco a pouco voltará ao regimen habitual.

Tratamento da gota chronica. Applique-se na junta um sinapismo, até o doente sentir bastante ardor. Se muitas juntas estiverem atacadas de gota, ponhão-se sinapismos successivamente em cada uma. Friccione-se a junta com um dos linimentos seguintes :

1º *Linimento opiado.*

Laudano de Sydenham.	4 grammas (1 oitava)
Azeite doce	28 grammas (7 oitavas).
2º Oleo camphorado.	30 grammas (1 onça).

3º *Linimento terebinthinado e opiado.*

Essencia de terebinthina.	15 grammas (1/2 onça)
Oleo de camomilla.	30 grammas (1 onça)
Laudano de Sydenham.	2 grammas (40 grãos).

4º *Linimento terebinthinado e camphorado.*

Essencia de terebinthina	30 grammas (1 onça)
Oleo camphorado.	30 grammas (1 onça).

Depois de cada fricção embrulhe-se a junta em baeta.

Internamente, faça-se uso das pilulas seguintes :

Extracto de coheio . . .	30 centigram. (6 grãos)
Extracto de guaiaco. .	30 centigram. (6 grãos).

Faça 12 pilulas. Tomem-se duas pilulas por dia, uma pela manhã, outra á noite.¹

Cura-se a inchação que persiste ás vezes depois da cessação das dôres da gota chronica, por meio de brandas fricções feitas com baeta impregnada de vapores de incenso, de benjoim, de suecino, com fomentações de tinturas de alecrim, de alfazema, com lini-mentos compostos de oleo camphorado e essencia de terebinthina, acima indicados. Recorrer-se-ha tambem aos mesmos meios contra as nodosidades e os engurgitamentos que se formão nos ligamentos e tendões, e contra as contracções permanentes de alguns musculos. Mas quando estas contracções forem dolorosas, aproveitão as cataplasmas de linhaça ou de feula.

Tratamento preservativo. O tratamento preservativo da gota póde resumir-se d'esta maneira : Ser sobrio; abster-se quasi completamente das bebidas alcoolicas fortes; evitar a ociosidade; não se entregar com excesso aos trabalhos de gabinete, mas fazer um exercicio activo todos os dias, e, sendo possivel, entregar-se a alguns trabalhos corporaes. O exercicio deve ser feito ao ar livre. Evitar o frio humido; ter os pés sempre quentes. Beber muita agua, pouco vinho e misturado com agua; usar sobretudo de legumes, hortaliça, peixe, ovos, fructas, leite, e pouca carne.

O uso das aguas mineraes alealinas, como bebida e em banhos, é tambem reeommendado para prevenir os accessos da gota. Na Europa, as aguas que gozão de maior reputação são as de Vidago e das Pedras salgadas em Portugal, as de Vichy e de Plombières em França, e Carlsbad na Bohemia. A base d'estas aguas alealinas é um sal chamado bicarbonato de soda : por consequente, no Brasil, e em outra qualquer parte, na falta de aguas mineraes alealinas, podem os doentes usar de bicarbonato de soda, na dóse de 4 a 8 gram. (20 grãos a 2 oitavas) duas vezes por dia, n uma chicara d'agua fria com assucar. O bicarbonato de soda, introduzido no corpo, muda a composição do sangue, e não só previne até certo ponto novos ataques da gota, mas tambem póde dissolver as concreções que se tem formado nas juntas em consequencia dos anteriores ataques da molestia. Eis-aqui a recita :

Bicarbonato de soda.	30 grammas (4 onça).
----------------------	----------------------

Divida em 30 papeis. Para tomar um papel, duas vvezes por dia.

GOTA CORAL ou MAL DE GOTA. *Veja-se* EPILEPSIA.

GOTA ROSADA ou **Caparrosa do rosto.** A gota rosada é uma molestia da pelle, caracterizada por vermelhidões e botões

espalhados pelo nariz, face, testa, e ás vezes pelas orelhas, cujo gráo mais forte forma uma especie de mascara que desfigura as feições mais agradaveis. A gota rosada principia ordinariamente por alguns pontos vermelhos ou algumas manchas no nariz e faces, nas quaes se manifesta um sentimento de calor e inchação após a comida, e principalmente depois da ingestão de vinhos fortes ou de licores alcoolicos. Logo depois apparecem pequenas pustulas pouco numerosas a principio, mas que se vão multiplicando e succedendo continuamente. A pelle incha e toma uma côr vermelha arroxeadá, que é mais viva á roda das pustulas: as feições perdem a harmonia e engrossão de uma maneira notavel. As veias externas, dilatadas pelos obstaculos numerosos que experimenta a circulação do sangue no rosto, augmentão ainda, por sua côr azulada, este aspecto desagradavel. Finalmente, a gravidade d'esta molestia offerece variações infinitas. Ás vezes, limitadas a um pequeno espaço, as pustulas são raras, isoladas, e só apresentam ao redor de si uma leve vermelhidão. Outras vezes occupão todo o rosto e as orelhas. Quando a molestia chega ao maior gráo de intensidade, os olhos inflammão-se, as gengivas tornão-se dolorosas, intumecem; os dentes vacillão, e outros symptomas de complicação escorbútica vem ainda augmentar este estado tão deploravel. Em alguns casos, a gota rosada não se estende além do nariz, no qual esgota, de alguma fórma, os seus effeitos. Todos os tecidos inchão a ponto de darem a esta parte uma dimensão dupla ou tripla d'aquella que lhe é ordinaria. Apparecem em diversos pontos do nariz tumores mais ou menos consideraveis. rugosos, lividos, que produzem uma deformidade mui grande: estes tumores observão-se principalmente nos individuos votados ao culto de Bacho, nos quaes se designão familiarmente pelo nome de *rubins dos bebados*.

Causas. A gota rosada é mais frequente no homem do que na mulher; pôde encontrar-se na mocidade, mas desenvolve-se de ordinario na idade madura, e nas senhoras na idade critica. A exposição do rosto a um calor vivo torna a caparrosa mais commum em certas profissões, taes como as de cozinheiro, fundidor, refinador, etc. Uma das causas da gota rosada nas senhoras é a applicação dos arrebiques. A suppressão natural ou accidental da menstruação é tambem causa frequente do apparecimento d'esta molestia. Os excessos de mesa, o abuso dos licores espirituosos, das especiarias, das substancias excitantes, das carnes salgadas e fumadas, e da caça, produzem muitas vezes o seu desenvolvimento. As affecções moraes, como os pezares, as paixões profundas, a ira, o susto, provocão-na ás vezes. Emfim em grande numero

de easos, esta affecção, como as outras molestias da pelle, está ligada á existencia de uma eausa interna, e sobretudo depende de alguma lesão digestiva; póde ser o producto de uma diathese geral ou de uma alteração particular dos humores.

Tratamento. A primeira eousa que se deve empregar contra a gota rosada consiste em lavar o sitio affectado com agua quente de uma temperatura tão elevada que o doente possa apenas supporta-la. Estes lavatorios, repetidos pela manhã e á noite durante um minuto, produzem primeiro calor e vermelhidão no rosto, mas logo o affluxo do sangue cessa, e, por uma reacção contraria á que provoca a acção da agua fria, as partes tocadas pela agua quente empallidecem e esfrião por algum tempo. Estes lavatorios podem, ao cabo de certo tempo, diminuir o movimento do sangue que tem lugar do lado da cabeça. Estes lavatorios fazem-se ora com agua pura simples, ora com agua misturada com algumas gottas de tintura de benjoim ou d'agua de Colonia, ou, para um copo d'agua quente, com uma colher *de chá* da solução seguinte:

Agua distillada. . .	60 grammas (2 onças)
Sublimado.	40 centigram. (8 grãos).

Cada dois ou tres dias toca-se o lugar affectado com um pineel molhado no oleo de cade.

As outras applicações que são aconselhadas contra a gota rosada são:

Coldcream, pomada que é eomposta de oleo de amendoas doces, cera, espermacete, agua de rosas, tintura de benjoim e tintura de ambar cinzento. (*Veja-se* Vol. I, pag. 638).

Pomada de pepino. que se aeha em todas as pharmacias.

Pomada de tannino.

Tannino. . .	2 grammas (40 grãos)
Agua. . .	2 grammas (40 grãos)
Banha fresca.	45 grammas (1 1/2 onça).

Pomada anti-dartrosa.

Pedrahume.	1 gramma (20 grãos)
Camphora. .	1 gramma (20 grãos)
Banha fresca. .	30 grammas (1 onça).

Solução de borax.

Borax.	4 grammas (1 oitava)
Agua de rosas.	125 grammas (4 onças).

Humedecem-se as manchas, tres ou quatro vezes por dia com esta solução, havendo o cuidado de não enxuga-la, mas sim de a deixar seccar no sitio em que se applica. Uma vida sobria e regular, um regimen eomposto de carnes tenras, legumes, hervas e fructas, as limonadas de limão e laranja, o cuidado constante de evitar os

exercícios fatigantes, são as regras hygienicas que concorrem para a cura d'esta molestia tão rebelde.

GOTA SCIATICA. *Veja-se SCIATICA.*

GOTA SERENA. *V AMAUROSE.*

GOTO. *V GLOTTE.*

GRACIOLA, GRACIOSA OU CINIFOLIO. *Graciola officinalis.* L. Escrophularineas. Planta que em Portugal habita nos lugares inundados e humidos, junto de Coimbra; Peso da Regua, e margens do Vouga. Raiz cylindrica, branca, obliquamente horizontal, fibras filiformes, perpendiculares; caule de 20 a 30 centímetros; folhas oppostas, rentes, lanceoladas, dentadas; cheiro nauseoso, sabor muito amargo. Goza de propriedades vomitivas e purgativas muito energicas; não deve ser empregada senão com muita prudencia. *Dóse:* *Pó,* 50 a 150 cent. (10 a 30 grãos).

GRAGEIA. Especie de confeitos seccos, preparados com amendoas, fructas miudas, sementes, pedacinhos de cascas ou raizes cheirosas, etc., que se cobrem com massa adocicada ou com assucar crystallizado. Os pharmaceuticos aproveitarão-se da facilidade com que as crianças, e as pessoas delicadas tomão as grageias para introduzirem n'ellas alguns medicamentos; ha nas pharmacias grageias vermifugas, grageias de copahiba, de lactato de ferro, etc.

GRAL. *Veja-se ALMOFARIZ.*

GRAMA. Ha duas plantas europeas, da familia das Grami-

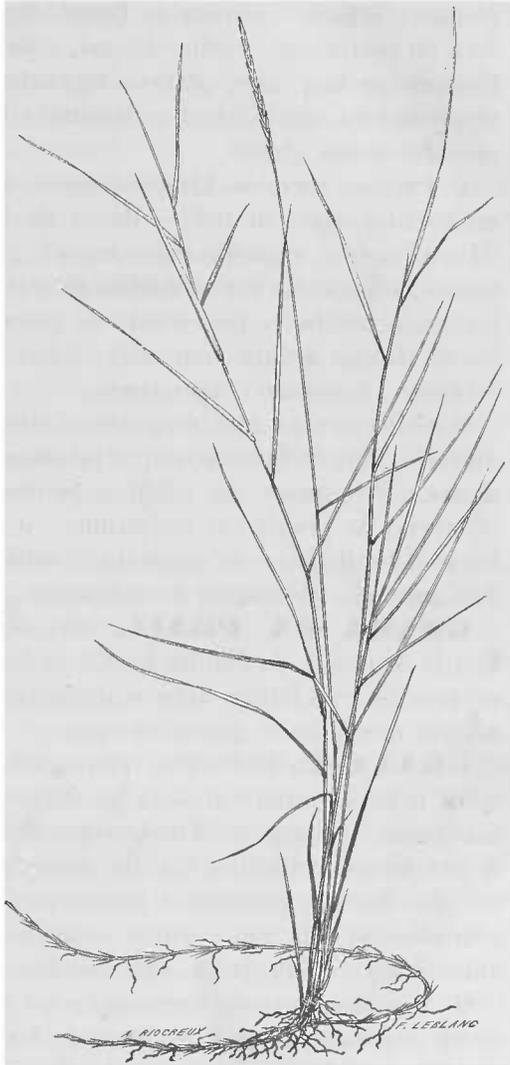


Fig. 289. — Grama.

neas, cujos troncos subterraneos, vulgo *raizes*, constituem o que se chama *grama das boticas*.

1º **Trigo reptante.** *Triticum repens*, Linneo. Habita em Portugal na parte septentrional da Beira, Douro, Minho, e Tras-os-Montes; acha-se tambem no Brasil. Fig 289. Caules da altura de 40 a 60 centimetros; folhas longas, rijas; raiz (tronco subterraneo) filiforme, roliça, lisa, glabra, reptante; compridissima, nodosa, nós distantes, embainhados, lançando fibrillas capillares; espiga mais ou menos glauca.

2º *Panicum dactylon*, Linneo (Gramma das botieas de Portugal). É muito frequente em todo o Reino de Portugal. Caules de 30 a 50 centimetros, ramosos inferiormente; folhas longas, rijas, pubescentes; espigas de côr vermelha roxa; raiz da grossura de uma penna de pombo, e guarneçada de grande numero de nós; a epiderme da raiz é dura, amarella, como envernizada; o seu tecido é branco, farinhoso e assucarado.

O cozimento da raiz de gramma é empregado como emolliente e diuretico nas inflammações, e principalmente nas das vias urinaarias. Prepara-se do modo seguinte: Cortão-se 4 grammas (1 oitava) de gramma em pedacinhos, e lavão-se em agua quente. Fervem-se depois em quantidade sufficiente d'agua, para obter 720 grammas (24 onças) de cozimento.

GRAMMA DA PRAIA. *Stenotaphrum glabrum*, Trinius. Planta do Brasil, da familia das Gramineas; habita particularmente na provincia da Bahia. Tem as mesmãs virtudes, e emprega-se do mesmo modo que a gramma europea.

GRANATE. Pedra fina, empregada como joia. Compõe-se de silica e de alumina, misturadas frequentemente com ferro, cal, manganez e magnesia, d'onde vem muitas variedades do granate. A sua fórma primitiva é a do decaedro rhomboidal; a dureza é tal que risea o quartzo; o peso especifico é de 3,55 a 4,18. Os granates são pela maior parte vermelhos, ás vezes entretanto são amarellados, alaranjados, esverdeados e roxo-eseuros.

Os granates são mui derramados na natureza; no Brasil achão-se na provincia do Rio de Janeiro. No commercio distinguem-se os granates do Oriente e os da Europa. Os primeiros vem da India, do Ceylão, da Syria. Ha tres sortes de granates orientaes: uns são de côr de sangue roxo, expostos ao sol ou á luz, parecem como um carvão aceso, e ha-os bastante grandes; uma segunda especie é quasi de côr de jacintho (vermelha-alaranjada); a 3ª sorte é o granate violete; este é considerado como o mais perfeito, e é tambem o mais estimado. — Os granates da Europa são menos apreciados; alguns, como os de Hespanha, tem côr fraeca; os gra-

nates da Bohemia são de um vermelho vinoso, de côr forte, que não perdem senão difficilmente pelo fogo. Tambem os ha de côr vermelha viva. A Bohemia, o Tyrol e a Hungria fornecem grande quantidade de pequenos granates. Os granates tem menos valor do que as outras pedras preciosas, apezar de formarem uma joia bonita.

GRANULOS. Pequenas pilulas cobertas de assucar. Contém mui pequena porção do medicamento, 1 milligram., por exemplo, para 10 centigrammas de assucar.

GRANZA. *Veja-se* RUIVA DOS TINTUREIROS.

GRÃO. *Veja-se* TESTICULO.

Grão cheio d'agua. *Veja-se* HYDROCELE.

GRAVIDAÇÃO DOS ANIMAES. *Veja-se* GESTAÇÃO.

GRAVIDEZ ou PRENHEZ. Em geral uma senhora só fica grávida no espaço da vida que decorre da primeira apparição dos menstros até á sua cessação natural. Ha, entretanto, exemplos de moças que ficárão grávidas antes de menstruadas, de senhoras que concebêrão após a cessação d'este fluxo, e emfim de outras que forão mãis sem nunca terem tido menstros. Estes casos, porém, são excepçionaes.

A época mais favoravel para a concepção é o tempo que segue immediatamente os menstros. Assim, algumas senhoras podem predizer, quasi com certeza, a época do seu parto, fazendo datar sua gravidez do fim da ultima menstruação.

Signaes da gravidez. Alguns signaes, mas de valor pouco seguro, fazem suspicitar o começo da gravidez. Logo que a senhora tem concebido, experimenta um sentimento vago de frio, uma especie de estremecimento universal não ordinario, ligeiros espasmos, e uma sensação de prazer que se prolonga algum tempo. A este estado succede logo a languidez, ás vezes uma invencivel modorra, a senhora cahe em um leve abatimento que de alguma fórma a deleita. Os outros signacs são: uma sensação de dôr, como uma colica na região do embigo, um certo movimento vermicular no mesmo lugar. Alguns autores dão como phenomeno da concepção o augmento de volume de todo o corpo, e aconselhão se meça com uma fita o pescoço de uma recém-casada um dia antes e um dia depois do seu casamento. Muitas senhoras, alguns dias depois da concepção, experimentão uma salivação mais ou menos abundante, dôres de dentes: a maior parte são atormentadas por nauseas e vomitos ás vezes contínuos, por dôres de estomago; algumas tem fastio, repugnancia aos alimentos succulentos e desejo mui pronunciado de comer cousas não usadas como alimento: outras são incommodadas por uma sêde viva e sensação

de calor na garganta. Em algumas pessoas, a prenhez annuncia-se, pelo contrario, pela necessidade ou desejo de ingerir grande copia de alimentos. Ha algumas senhoras que experimentão horror aos liquidos; outras que, depois da concepção, tem palpitações mui grandes; outras que desmaião ao menor movimento; manifestão-se fluxos de sangue pelo nariz, escarros de sangue, tosse, difficuldade na respiração, soluços, bocejos. Em algumas senhoras, a frescura do rosto diminue, e apparecem olheiras.

As senhoras, após a concepção, tornão-se ás vezes tristes, caprichosas, inactivas, buscão o repouso, e aborrecem as occupações de que antes mais gostavão. O caracter muda, tomão aversão a certas pessoas que antes amavão, e até ás vezes não podem soffrer os proprios maridos; queixão-se de vertigens, de vista escura, de zunido nos ouvidos. Em geral, a menor contrariedade as irrita; tornão-se ás vezes suspeitosas, ciosas, e até crueis.

Estes phenomenos durão mais ou menos tempo; de ordinario, acalmão-se e cessão no fim do terceiro mez. Chegadas a esta época, as senhoras, pela maior parte, não se queixão de incommodo algum, e este estado de tranquillidade persiste por certo tempo, até que novos accidentes venhão perturba-lo.

Um signal mais certo da concepção que os precedentes consiste na mudança que experimentão os seios. Umas vezes, desde os primeiros dias que seguem a impregnação, outras sómente um ou dois mezes depois, uma turgencia, a principio leve, manifesta-se; os seios tornão-se doridos ou ao menos sensiveis; tornão-se mais volumosos e mais duros; o bico do peito toma uma côr mais escura e fica mais grosso e sahido; quasi sempre pôde tirar-se d'elle, espremdo, algumas gottas de leite aguado: este leite corre tambem ás vezes espontaneamente em pequena quantidade. Essas mudanças, finalmente, são tanto mais pronunciadas quanto mais a gravidez se approxima do termo ordinario. Emfim, um dos signaes mais certos da concepção é a suppressão dos menstros.

Os phenomenos que deixei expostos não se encontrão em todas as senhoras, nem em todas as prenhezes; e, podendo mesmo ser occasionados por uma infinidade de causas differentes, devem ser considerados como mui equivocos e de nenhum modo proprios a caracterizarem a gravidez. Com effeito, ha senhoras que não experimentão incommodo algum; ignorão absolutamente que estão gravidas, e não principião a suspeitar o seu estado senão na época em que devião voltar os menstros. Quantas vezes se tem mallogrado as esperanças ou os sustos occasionados por estes diversos signaes! As affecções nervosas, as suppressões do fluxo menstrual,

tão ordinarias no sexo feminino, dão frequentemente lugar a uma serie de incommodos semelhantes aos que se manifestão quando a mulher está gravida. A falta da evacuação menstural não é um signal certo de prenhez; assim como sua presença nem sempre é uma prova negativa. A cessação dos menstros não deve ser um signal certo de gravidez; pois que existem affecções que suspendem esta evacuação; pelo contrario, muitas senhoras são menstruadas durante os primeiros mezes da gravidez. Embora sejam incertos estes signaes, fazem nascer a presumpção, e por isso não devem ser desprezados. A supressão dos menstros, quando tem lugar sem causa apreciavel em uma senhora que goza de boa saude, e sem ser seguida de symptoma algum morboso, deve ser considerada como signal quasi certo da gravidez.

Desde o fim do terceiro mez, o exame feito por uma parteira remove todas as duvidas. Apalpando o ventre, ou introduzindo o dedo para verificar o estado do utero, póde ella adquirir alguma certeza. Por meio do dedo, introduzido na vagina, póde verificar-se o augmento do volume do utero; póde então percorrer-se a parede posterior do utero, e julgar da sua proeminencia e desenvolvimento.

Nos primeiros tempos da gravidez a porção vaginal do collo uterino é mais curta e mais cónica, o corpo do utero é mais globoso; o órgão inteiro está situado mais profundamente na excavação; é ao mesmo tempo mais volumoso, mais resistente, menos movediço. No curso do quarto mez o collo do utero perde o terço do seu comprimento. Aos cinco mezes conserva só a metade do seu comprimento. Aos seis mezes fica só o terço; aos sete tem só 7 millimetros; aos oito 5 millimetros. Emfim, aos oito mezes e meio, uma simples depressão circular separa o utero da proeminencia da sua abertura (bocca de tenca). Nas senhoras não gravidas o collo do utero entra na vagina o comprimento de 2 centimetros e meio (1 pollegada) pouco mais ou menos.

Nos primeiros mezes da gravidez o utero afunda-se de mais em mais, o que é consequencia natural do augmento do seu volume, e sobretudo do seu peso. Não sobe senão na época em que, tendo augmentado de volume, não póde mais ser contido na pequena bacia; o seu corpo toma então um ponto de apoio sobre a margem do estreito superior do osso, excede-o, e continua a desenvolver-se na cavidade abdominal. É ordinariamente no quarto mez que se percebe o utero subir para a cavidade abdominal.

Do quarto ao quinto mez, o desenvolvimento do ventre e os movimentos da criança, que se tornão cada vez mais perceptíveis, constituem o melhor signal da gravidez. A época ordinaria de

serem estes movimentos sensíveis é aos quatro mezes e meio. Não é raro, entretanto, verem-se mulheres que começam a sentir mexer a criança desde os tres mezes e meio. Citão-se algumas que sentirão estes movimentos no fim do terceiro mez. Outras, pelo contrario, não experimentarão esta sensação senão ao cabo de cinco mezes, e até depois. Assegurão alguns autores haver senhoras que parirão crianças mui fortes, bem que estas não tivessem feito sentir movimento algum durante todo o curso da gravidez. O Dr. Désormeaux diz ter assistido a uma senhora em quem os movimentos da criança principiárão no termo ordinario, e continuárão com um grão de força admiravel por espaço de quasi tres mezes. Cessárão depois completamente por um mez. Esta senhora, entretanto, deo á luz uma criança que gozava de boa saude. A causa d'estas variações depende da maior ou menor vivacidade da criança, assim como da maior ou menor vivacidade da senhora. O estado de saude influe tambem n'estes movimentos. Assim, quando a senhora experimenta dôres de cabeça, calor no rosto, pulso forte ou frequente, symptomas que annuncião grande abundancia de sangue, esses movimentos são obscuros, e até parão completamente. Uma emoção viva torna-os, pelo contrario, mui pronunciados.

Os movimentos da criança são a principio mui brandos : tornão-se depois mais fortes, bem que com muitas irregularidades n'esta progressão. A mão, applicada na região da superficie ventral que corresponde ao utero, percebe a sensação de um corpo mais ou menos volumoso, que vem tocar e levanta ás vezes mui visivelmente as paredes ventraes e os vestidos. A criança não se mexe sempre; mas podem empregar-se diversos meios para excita-la a fazer movimentos. Esfria-se a mão, quer mergulhando-a em agua, quer pondo-a sobre um corpo frio, e applica-se depois sobre o ventre. A impressão do frio, assim occasionada, produz frequentemente o seu resultado. Póde tambem obter-se o mesmo fim batendo levemente na superficie do ventre com a mão. Quando o utero contém grande quantidade d'agua, póde-se por este meio distinguir facilmente a agitação do liquido e os movimentos da criança, a qual vem tocar a mão, fornecendo assim um signal certo da gravidez.

Quando se applica o ouvido sobre o ventre de uma senhora grávida, e chegada a uma época adiantada da prenhez, podem quasi sempre ouvir-se dois ruidos pulsativos differentes : um resulta das pancadas do coração do feto, e é designado pela expressão de *duplas pancadas*; outro, produzido pela circulação uterina, é conhecido debaixo do nome de *ruido de folle* ou *sopro placentario*. O

ruido produzido pelas duplas pancadas tem muita analogia com o que se percebe applicando-se o ouvido sobre a região precordial de um adulto. Sómente é muito mais fraco, e sobretudo muito mais precipitado, pelo que foi comparado ás pancadas de um relógio de algibeira. O numero d'estas pulsações, n'um tempo dado, nem sempre póde ser facilmente verificado, mas quando isso é possível, é de 130 a 150 por minuto, d'onde resulta que este numero é quasi o dobro das pulsações maternas. Estas duplas pancadas ouvem-se, em geral, sobre a parede anterior e inferior do ventre, e ordinariamente no meio da gravidez, isto é, *aos quatro mezes e meio*. O outro ruido pulsativo que se ouve quando se applica o ouvido sobre a parede abdominal de uma senhora grávida, chamado *sopro placentario*, differe das duplas pancadas por ser simples, isochrono com as pancadas do pulso da mão. Este ruido é semelhante ao que produz o ar lançado por um folle sobre carvão acceso. Póde ser reconhecido *no meiado do quarto mez*.

Época da gravidez. Taes são os caracteres da gravidez : accrescentarei agora algumas observações tendentes a determinar a época a que ella tem chegado, o que seria facil se os phenomenos que a caracterizão se desenvolvessem de maneira constante e regular. Bastaria attender ao tempo da cessação dos menstros, e depois ao tempo em que os movimentos da criança principiáram a ser perceptíveis; mas já vimos que não ha nada de fixo a esse respeito. Estes são, entretanto, os dois pontos nos quaes se basea o nosso juizo. É mister n'esta occasião observar que não se deve contar o principio da gravidez da época precisa em que os menstros deverião ter apparecido, mas sim busca-la quinze dias antes. Com effeito, notou-se que a concepção tem lugar mais frequentemente nos dias que seguem o fim da época menstrual.

O desenvolvimento gradual e ordinariamente regular do utero ministra tambem signaes das épocas da prenhez. Nos tres primeiros mezes, o augmento do volume do utero não é bem perceptivel. Nos dois primeiros mezes, o ventre da senhora muda tão pouco, que até parece estar mais chato. No decurso do quarto mez, o utero levanta-se e faz-se sentir em cima do pente. No decurso do quinto, o utero approxima-se cada vez mais do embigo, e todo o orgão se levanta na cavidade abdominal, e ás vezes até com bastante promptidão para espantar a senhora e assusta-la por um augmento tão rapido do ventre, que parece em poucos dias dobrar de volume. Aos seis mezes, o apice do utero está ao nivel do embigo. Aos sete, occupa a parte inferior da região epigastrica (bocca do estomago). Aos oito, tem adquirido a sua maior elevação. No fim do nono mez, abaixa-se, e a razão d'isto é que, ficando

a vagina mais larga na sua parte superior, pôde a cabeça da criança descer á cavidade da pelvis. N'este momento muitas senhoras sentem-se alliviadas, mais livres nos seus movimentos; pois com effeito o ventre está então muito menos desenvolvido.

Este desenvolvimento enorme do utero não pôde operar-se sem que os órgãos vizinhos sejam mais ou menos comprimidos e contrangidos em suas funcções. Demais, na primeira prenhez, a pelle do ventre e das coxas, sendo estirada pela primeira vez, experimenta geralmente rasgaduras que deixão mais tarde vestígios indeleveis. Nos primeiros mezes, em que o utero carregado do producto da concepção pesa sobre a bexiga e sobre o recto, a vontade de urinar é frequente e as evacuações alvinas são raras e difficeis. Em uma época mais adiantada, as digestões tornão-se mais lentas; emfim, nos ultimos mezes, a respiração é difficil, e o menor exercicio produz grande cansaço. Quanto ao desenvolvimento do producto da concepção, *veja-se* o artigo FETO.

O peso da criança a termo é de 6 libras (3 kilogrammas) pouco mais ou menos; é susceptivel de grandes variações desde 3, 4, até 11 ou 12 libras. O comprimento medido do vertice da cabeça até aos calcanhares varia desde 43 até 60 centimetros, termo médio 48 centimetros.

Nas outras idades da vida intra-uterina, a estatura parece susceptivel de variações muito maiores; mas a dissidencia dos observadores a este respeito procede provavelmente da difficuldade de se fixar o termo da gravidez na época do aborto, e a época exacta da morte do feto. Na exposição seguinte apresento o termo médio das observações que offerecem entre si maior approximação.

As duas semanas, comprimento do tronco, 3 millimetros; ao primeiro mez, 13 millimetros; aos dois mezes, 40 millimetros; aos tres mezes, 46 centimetros; contando do vertice da cabeça aos calcanhares; aos quatro, 49 centimetros; aos cinco, 21 centimetros; aos seis, 32 centimetros; aos sete, 38 a 43 centimetros; aos oito, 43 a 48 centimetros; aos nove emfim, 48 centimetros.

Modo de examinar o utero para reconhecer a existencia da gravidez. Para determinar a existencia da gravidez desde os primeiros mezes, cumpre fazer uma exploração externa e outra interna do utero, primeiro *separadamente*, depois *simultaneamente*. A mulher estando em jejum, deve deitar-se de costas de modo que as ancas estejam mais enterradas do que a cabeça e os pés; deve approximar os calcanhares das nadegas para relaxar a parede abdominal. Então a parteira applica uma das mãos sobre o hypogastro, manda á senhora fazer profundas inspirações para pôr em movimento as paredes do ventre, e durante a expiração

comprime a região sobre a qual a mão está applicada. Se sentir um tumor duro e redondo em cima do pente, pôde ficar convencida que é o utero que se acha desenvolvido.

Este signal, sem duvida de grande valor, seria entretanto insufficiente, se não se lhe podessem accrescentar outros. Deitada a senhora horizontalmente de costas, a parteira introduz o dedo indicador da mão direita na vagina até ao collo uterino, e levanta o utero; ao mesmo tempo que a outra mão, applicada sobre a região hypogastrica, comprime repetidas vezes, aparta os intestinos do fundo do utero, até sentir um corpo firme e redondo que está empurrado pelo dedo introduzido na vagina. Este corpo é o utero cujas dimensões dão a escala proporcional do adiantamento da prenhez. A parteira percorre com o dedo a porção vaginal do collo, para fazer uma ideia da sua fórma, comprimento e densidade. Uma exploração interna, estando a senhora de pé, completará o exame.

Lembrando-se, durante esta exploração, dos signaes os mais salientes, adquirem-se os elementos locais de apreciação para levar um juizo quasi certo; estes signaes são : o collo uterino é mais molle, mais redondo e mais curto; o utero é mais resistente, mais volumoso, e não apresenta tanta mobilidade como no estado de vacuidade.

O diagnostico da gravidez no *segundo semestre* é muito mais facil. Aos signaes de desenvolvimento do utero pôde accrescentar-se o sopro placentario, e, no meio d'este periodo, os movimentos da criança e as pancadas do seu coração.

No *terceiro trimestre* é impossível não reconhecer a gravidez passando em revista todos os signaes que forão indicados.

Conhecimento da vida e da morte da criança durante a gravidez. Os signaes da morte da criança no seio materno estão indicados no artigo FETO, Vol. I, pag. 4415.

Signaes da presença de duas ou mais crianças dentro do utero. Tudo que vou expôr quasi refere-se sómente á prenhez dobrada, por ser esta a que mais se offerece.

Reputão-se como signaes d'esta sorte de prenhez, as varizes, a inchação dos pés e das pernas, a dyspnea, a vontade frequente de urinar, e o incommodo maior ou menor nos movimentos que faz a senhora. Pouca confiança se deve ter n'estes signaes, porque tambem tem sido presenciados nas prenhez de uma só criança.

Os signaes deduzidos da fórma do ventre, o ser elle mais volumoso, mais arredondado, menos prominente na parte anterior com depressão longitudinal no meio; os provenientes dos movimentos do feto, mais frequentes, quasi continuados e percebidos

nos dois lados do ventre ao mesmo tempo, não merecem tambem conceito, por terem sido observados, conjuncta ou separadamente, em senhoras prenhes de uma só criança, e por se terem visto prenhezes duplas e triplices sem a manifestação de taes signaes. Comtudo a combinação de taes signaes, em certos casos, faz suspeitar a existencia de gemeos; pelo tocar e apalpar se podem dissipar algumas duvidas, principalmente nos ultimos mezes da prenhez.

Quando o desenvolvimento do utero é grande, que haja a suspeita de duas crianças, se existir uma só, mover-se-ha facilmente, e a agitação promover-se-ha sem obstaculo; pelo contrario havendo duas ou mais crianças, estes movimentos serão pouco sensiveis. Applicada uma das mãos sobre as paredes abdominaes, é provavel que as duas crianças se possam reconhecer, do mesmo modo, como em outros casos, claramente se distinguem os pés, os joelhos e braços de uma só criança.

Alguns tem querido, por meio da auscultação, provar a presença de mais de uma criança dentro do utero. Quando na prenhez dobrada, as crianças estão dispostas de maneira que se possa auscultar o coração de cada uma, póde-se adquirir a convicção de que a prenhez não é simples. Quando, por exemplo, as pancadas do coração se ouvem á esquerda, e igualmente á direita, não existindo ellas no intervallo que as separa, póde-se julgar que hajão duas crianças. Este signal, porém, não tem toda a certeza, porque em muitas senhoras com prenhezes simples se tem reconhecido as dobradas pulsações em todos os pontos do abdomen a que o globo uterino corresponde, ou a dois lugares bastante distantes. Em uma palavra, o diagnostico da gravidez dupla, é mui difficil de se obter.

Termo da gravidez. O intervallo que separa o momento da concepção do parto é ordinariamente de 270 dias, pouco mais ou menos. Entretanto, desde muito tempo, diversos factos tem mostrado que nem sempre é tão certo o tempo da gravidez; que o parto póde ter lugar muito depois do nono mez, e muito antes; e que, em summa, os nascimentos podem ser serodios ou temporãos.

Os *nascimentos serodios* forão, no seculo passado, objecto de discussões mui porfiadas. Os sabios que os negarão fundavão-se na opinião de Aristoteles, que disse ser o tempo da gestação dos animaes limitado a um espaço fixo. Mas esta asserção é falsa. Willer demonstrou que a sahida dos pintos da casca varia entre deztoito e vinte e cinco dias. Tessier, membro da Academia das Sciencias de Pariz, provou que nas vaccas a differença entre a mais curta gestação e a mais longa era de oitenta e um dias; isto

é, mais da quarta parte da duração média, que é de duzentos e oitenta dias. Nas eguas esta differença é de noventa e sete dias, tambem mais da quarta parte da duração média, a qual é de trezentos e trinta e tres dias. Nas burras, ovelhas e outras femeas de animaes, achou igualmente o mesmo sabio grandes irregularidades no termo da gestação. Assim, longe de ser fixo, o termo da gestação dos animaes é pelo contrario mui variavel. *Veja-se o artigo GESTAÇÃO.*

Ora, como os costumes e a constituição da senhora a tornão mais apprehensivel do que qualquer irracional, é muito de presumir que deve estar tambem sujeita ás mesmas irregularidades. Mas eis-aquí uma prova directa, referida pelo Dr. Désormeaux :

Uma senhora, que tivera tres filhos, cahio em alienação mental. O seu medico, tendo exaurido todos os recursos da arte, pensou que uma nova prenhez restabeleceria as faculdades intellectuaes. O marido assentou em um registo o dia de cada união sexual, que era só uma vez por tres mezes, afim de não destruir a concepção ainda imperfeita. Ora, esta senhora, vigiada por suas criadas, dotada além d'isto de principios de religião e moral extremamente severos, não pario senão após nove mezes e meio.

Ventilada em Londres, em 1826, perante a camara dos Lords, n'uma causa celebre, foi esta questão resolvida de uma maneira affirmativa; sómente nos limites que se devem admittir não concordarão os medicos. Mas áccrea d'estes limites, convem saber que, de quatrocentas e cinco observações feitas na Maternidade de Pariz, já havia Mauriceau deduzido que o termo da prenhez varia entre seis a onze mezes e oito dias. Deve-se, por conseguinte, concluir que os nascimentos tardios são inquestionaveis.

Os *nascimentos temporãos* são tambem admittidos. Entende-se por nascimento *temporão* o que tem lugar naturalmente, segundo a marcha dos nascimentos ordinarios, longo tempo antes de duzentos e setenta dias, e no qual se apresenta uma criança dotada de todos os caracteres de maturescencia e capaz de viver.

Se os fructos amadurecem mais cedo em certos annos do que em outros; se a apparição das flores, se a vegetação inteira póde ser adiantada : se em differentes classes de animaes se observão variedades analogas, porque não será a duração da gestação susceptivel igualmente de ser abreviada na especie humana? Não ha cousa razoavel que se possa objectar contra a possibilidade dos nascimentos temporãos. Ninguem ignora que um feto está ás vezes mais desenvolvido e forte aos seis mezes do que outro que tem sete ou mais; que uma criança a termo é ás vezes menos volumosa do que outra no seu setimo ou oitavo mez, e que a esse

respeito o desenvolvimento da criança offerece variedades quasi infinitas; por conseguinte, não poderia a razão desconhecer a possibilidade dos nascimentos temporãos, ainda quando não viesse grande numero de factos pôr a sua existencia fóra de duvida.

Molestias que podem acompanhar a gravidez. A gravidez não é uma molestia; de ordinario, corre os seus periodos sem perturbação, ou ao menos só determina na organização da mulher leves mudanças que não alterão sensivelmente a saude; mas ás vezes as senhoras gravidas são expostas a incommodos, cuja intensidade pôde ser mui grande.

A indisposição mais frequente é, sem contradicção, a *plethora* (repleção ou superabundancia de sangue). Dôr de cabeça, disposição para o somno, calor no rosto, respiração difficil, abatimento, ourinas vermelhas, pulso forte e frequente; taes são os signaes communs d'este estado. Os movimentos da criança no ventre materno tornão-se fracos, e ás vezes suspendem-se inteiramente. A senhora sente picadas em diversas partes do corpo, apparecem manchas na pelle; existe sêde, perda de appetite, vertigens, dôres no ventre, palpitações do coração. As bebidas refrigerentes, taes como a limonada, a laranjada, o regimen composto pela maior parte de vegetaes e o repouso, serão sufficientes n'este caso.

Varizes. As senhoras gravidas são frequentemente affectadas de varizes que não sómente occupão as pernas, mas estendem-se ás vezes á região superior das coxas. De ordinario, é só um lado affectado, ou pelo menos mais do que o outro. Estas varizes cêssão após o parto, mas persistem quando se renovão em muitas prenhizes successivas. O repouso por muito tempo, e tão frequente quanto fôr possível, em uma situação horizontal, a compressão uniforme mediante uma atadura applicada circularmente ou meias de brim, são os unicos meios que a arte pôde oppôr a este incommodo, que é antes desagradavel á vista do que perigoso.

Inchação. A difficuldade que experimenta em certa época da gravidez a circulação do sangue e da *lympha* deve ser considerada como a causa da infiltração que occupa os membros inferiores. Mas, como esta difficuldade é quasi a mesma na mór parte das mulheres, e entretanto só um pequeno numero d'ellas se acha affectado de inchação, deve-se admittir o concurso de alguma outra causa, tal como a constituição particular da senhora, a conformação da bacia que facilita os effeitos da compressão exercida pelo utero sobre os vasos sanguineos e *lymphaticos*. Esta inchação é levada ás vezes a um gráo extremo: estende-se até á parte inferior do ventre, e dá aos membros inferiores um volume monstruoso. Raras vezes affecta todo o corpo. Quando é pouco

desenvolvida, desaparece durante o repouso da noite; quando mais volumosa, apenas diminue então. Depois do parto, desaparece espontaneamente. Quando a inchação chega a um ponto tal que impede a livre execução dos movimentos, ou difficulta a respiração, torna-se indispensavel o soccorro da medicina. Brandos purgantes convem n'este caso. Estes meios devem ser ajudados pelo repouso em posição horizontal. Entretanto, se houver ameaço de suffocação, será melhor, pelo contrario, que a senhora fique mais tempo sentada do que deitada. Póde-se diminuir esta inchação; mas não se lhe deve esperar o desaparecimento completo antes de parto.

Salivação, nauseas vomitos. Temos visto que estes tres symptomas, que são tres grãos progressivos da mesma affecção, são phenomenos mui ordinarios da gravidez. Às vezes tornão-se bastante incommodos, e constituem verdadeira molestia. Cessão, de ordinario, após o terceiro ou quarto mez da gravidez. Em alguns casos, os vomitos cessão n'esta época; mas tornão a apparecer nos ultimos mezes; o que se attribue então á pressão que o utero, elevando-se, exerce sobre o estomago. Ordinariamente os vomitos tem lugar pela manhã, e então as pacientes lanção só um fluido viscoso. Outras vezes, apparecem indifferentemente a qualquer hora do dia, e sobretudo depois da comida. Em muitas occasiões, os alimentos são expellidos; ha senhoras que lanção toda a especie de substancias liquidas ou solidas ingeridas no estomago, e conservão apenas de longe em longe algumas colheres d'agua com assucar, de caldo ou café. Às vezes os alimentos ficão no estomago e as doentes só lanção mucosidades transparentes; outras vezes, os alimentos acalmão e fazem cessar os vomitos.

A salivação causa grande incommodo ás senhoras. O vomito é-lhes extremamente penoso; mas é mui raro que tenha consequencias perigosas, apezar da grande fraqueza que ás vezes produz. Autores ha que citão exemplos de vomitos acompanhados de dôres atrozes no estomago e de espasmos geraes violentos, que não obstarão a que a gravidez chegasse felizmente ao seu termo.

Algumas bebidas aromaticas, taes como infusões de folhas de laranja, de herva cidreira, de hortelã, de chá da India, de macella gallega, etc., ás vezes magnesia calcinada na dóse de 50 a 75 centigrammas (10 a 15 grãos) duas a tres vezes por dia, 30 centigrammas (6 grãos) de ruibarbo em pó, ou 10 a 20 gottas de laudano de Sydenham em algumas colheres d'agua, eis os medicamentos que se devem empregar nos casos de gravidez penosa. Se os incommodos forem mais rebeldes, administrar-se-ha o opio na dóse de 5 ou 10 centigrammas (1 a 2 grãos), ether sulfurico

na dóse de 10 a 20 gottas com agua e assucar; a agua de Seltz póde ser tambem empregada com vantagem. A applicação sobre a bocca do estomago de cataplasma de linhaça, borrifada de laudano na quantidade de uma colher *de sopa*, produz tambem bons effeitos.

É necessario dizer aqui algumas palavras ácerca d'esses *appétites extravagantes*, d'esses *gostos exquisitos*, a que algumas senhoras gravidas são sujeitas. No entender do vulgo, é preciso fazer tudo para satisfação d'esses *antojos*, sob pena de se ver a criança nascer com signaes. A experiencia prova todos os dias a falsidade d'esta consequencia. Regra geral: devemos satisfazer os desejos de uma senhora gravida todas as vezes que estes desejos não tiverem nada de nocivo. Um appetite voraz será refreado, enganado por comidas mais frequentes, por alimentos pouco temperados; o fastio será combatido por bebidas um pouco estimulantes, alimentos sapidos. Mas o carvão, a cal, o vinagre puro, os licores fortes, para as senhoras que não estão acostumadas a elles, serão recusados ou dados em mui pequena dóse. Não se lhes póde contentar os desejos extravagantes que por ventura tenham, sem expô-las a grandes inconvenientes para a saude.

A *prisão de ventre* é muito usual nas senhoras gravidas, sobretudo no fim da gravidez. Quando é mui prolongada, entretém o fastio, torna difficil a digestão, occasiona agitação e insomnia. A pressão habitual das materias feaes irrita a extremidade do intestino, impede a circulação do sangue, e desenvolve as hemorrhoidas. É preciso combater a prisão de ventre por todos os meios, menos purgantes drásticos (aloes, gomme gutta, jalapa, coloquintidas, escamonéa; purgante de Leroy, ou pilulas chamadas vegetaes americanas), que só offerecem um soccorro momentaneo, e cujo uso póde produzir accidentes. Os clysteres com decocção de linhaça, com agua morna e 60 grammas de azeite doce ou de oleo de ricino; ás vezes um brando laxante, tal como manná, cremor de tartaro, infusão de polpa de tamarindos, magnesia calcinada, eis os meios que não são perigosos e que preenchem perfeitamente a indicação.

Os outros accidentes, que podem sobrevir durante a gravidez, vão descriptos nos artigos ABORTO, CONVULSÕES, HEMORRHAGIA, PARTO.

Regras que devem observar as senhoras gravidas.

Quando uma senhora gravida goza de boa saude, o melhor é não mudar em nada a sua maneira ordinaria de viver, abstendo-se sómente de sahir, ainda levemente, dos limites da moderação e da prudencia. Assim, evitar os excessos de toda a natureza, abster-se das vigillias e emoções vivas, é o que convem. Em summa, não se deve usar de cautela ou medicação alguma intempestiva. Um collete póde ser util ás senhoras gravidas que tem as paredes

ventraes mui molles, mas convem que só sustente o ventre e os seios sem comprimi-los. O exercicio, proporcionado ás forças e á agilidade da senhora, entretém-lhe a saude e facilita o parto. O mais conveniente de todos é o passeio a pé, mas nunca levado até á fadiga. A carreira e dança não causão grandes inconvenientes, havendo a mesma precaução, e não tendo a pessoa o louco amor-proprio de querer mostrar uma agilidade ridicula quando a prenhez está um pouco adiantada. Um carro commodo não tem inconvenientes em época alguma; os balanços, em um caminho máo, de uma sege mal suspensa e os exercicios da equitação são perigosos a todas, principalmente nos primeiros mezes e se existir predisposição para o aborto. O repouso absoluto sobre um soã é ás vezes indispensavel ás senhoras que já tiverão abortos. Emfim, as relações conjugaes, que é necessario evitar tambem n'esta ultima circumstancia, não tem os mesmos inconvenientes em qualquer outra. Os banhos mornos são uteis como meio de asseio. Ao maior numero das senhoras o uso d'estes banhos é indifferente; o abuso é nocivo ás que são fracas e predispostas ás hemorragias uterinas; pelo contrario, as senhoras que tem as carnes duras, as gravidas pela primeira vez, podem usar de banhos mornos assiduamente, e sobretudo nos dois ultimos mezes da prenhez. Quanto aos banhos frios, a senhora que está a elles acostumada póde continua-los, mas com algumas cautelas; assim, quando os tomar no mar, não deve expôr o ventre ás ondas, para que o choque d'estas não produza algum accidente.

A exaltação da sensibilidade, que tem lugar nas senhoras gravidas, faz-lhes as percepções mais vivas, as paixões mais energicas e os effeitos mais temiveis. Não são raros os casos de molestias graves, de convulsões, hemorragias, e abortos produzidos pela vista de um objecto medonho, por um susto ás vezes bem pequeno, um accesso de colera, um movimento de alegria ou uma dôr um pouco viva. A senhora grávida merece, por conseguinte, toda a attenção da parte das pessoas que a rodeião. *Veja-se PARTO.*

GREDÁ ou **CRÉ.** (Em latim *creta*, do nome da ilha de Creta, onde a greda se acha em abundancia.) Nome vulgar de uma variedade de subcarbonato de cal; é uma terra calcarea. Apresenta-se em massas brancas, tenras, friaveis, de aspecto branco terreo. Preparada em pães ou cylindros, toma o nome de *giz*, ou *branco de Hespanha*. Usa-se para a preparação dos pós dentifricios. Sob a fórma de pedaços quadrados serve nos collegios para escrever nas taboas pretas. Diluida em agua emprega-se para limpar as vidraças, as colheres e os outros objectos de prata.

A greda, que serve para dar nos tacos do jogo de bilhar, com-

põe-se de duas partes de amido e de uma parte de giz, infundidas a frio, e reduzidas a massa, que se divide em bocados, e se faz seccar aq ar. As vezes dá-se-lhe côr com azul de Prussia.

GRENETINA. *Veja-se* GELATINA.

GRETA, GRETADURA. *Veja-se* RACHA.

GRIPPE. Nome vulgar da bronchite epidemica, tirado da lingua franceza. Tem por symptomas febre, dôr e peso de cabeça, injeção da face e olhos, seccura, inappetencia, prostração, tosse, dôr de garganta. Eis-aqui o tratamento: tomar um suadouro, beber chá de flor de malvas ou de violas adoçado com mel de abelhas ou xarope de gomma, e usar de gargarejos feitos com infusão de raiz d'althea e mel rosado. *Veja-se* BRONCHITE.

GRITADEIRA, DOURADINHA DO CAMPO, *Palicurea rigida*, Kunth. Rubiaceas. Arbusto do Brasil; habita em S. Paulo, Minas, Goyaz, Mato-Grosso. Folhas ellipticas, grandes, coriaceas, nitidas e quasi rentes; flores em paniculas longamente pedunculadas; corolla tubulosa; fructo, baga roxa denegrida, um tanto comprimida, contendo dois nucleos. As folhas d'este arbusto são reputadas diureticas e estimulantes, e aconselhadas nos rheumatismos e muitas outras molestias, em infusão, que se prepara com 1 gram. (20 grãos) para 180 grammas (6 onças) d'agua fervendo. Em dôse forte produzem vomitos e diarrhea.

Tambem são recommendadas, como gozando das mesmas propriedades, as folhas dos arbustos seguintes, que pertencem á

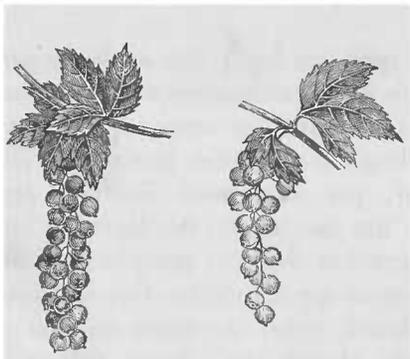


Fig. 290.

Groselhas vermelhas e brancas.

mesma familia das Rubiaceas, e ao mesmo genero, são:

GRITADEIRA (Minas). *Palicurea sonans*, Martius.

GRITADEIRA DO CAMPO (Minas). *Palicurea strepens*, Mart. *Palicurea officinalis*, Mart.

COTO-COTÓ. *Palicurea densiflora*, Martius.

DOURADINHA DO CAMPO (Minas). *Palicurea aurata*, Mart.

DOM BERNARDO (Minas). *Palicurea tetraphylla*, Cham.

Bem que estes vegetaes são aconselhados como medicamentos, advirto que ao mesmo genero *Palicurea* pertencem plantas vencnosas, conhecidas pelo nome vulgar de *Hervas de rato* (*Veja-se* esta palavra).

GROSELHA. Fructo do *Ribes rubrum*, Linneo, arbusto da familia das Grossulareas, que habita naturalmente nas regiões

montanhosas da Europa, e se cultiva nas hortas. Este fructo é uma baga succulenta, de sabor acido e agradável, ordinariamente vermelha, ás vezes rosea ou branca segundo as variedades. Fig. 290. Faz-se grande consumo de umas e outras, seja em substancia, seja em gelea ou xarope. O xarope de groselhas, diluido em agua, forma uma bebida temperante e levemente laxante, cujo uso é sobretudo indicado durante os grandes calores, e nas molestias inflammatorias.

GRUDE. *Veja-se COLLA.*

GRUMIXAMEIRA. *Eugenia brasiliensis*, Lamarek. Myrtaceas. Arvore do Brasil; habita especialmente espontanea na provincia de Rio de Janeiro. Folhas oppostas, pecioladas, obovacs; flores sustidas por pedunculos solitarios; fructo (*grumixama*), baga globosa-tetragonal; com uma semente, coroada pelos dentes do calice, de côr roxa escura ou branca, lisa, de sabor agradável, doce e levemente adstringente. Este fructo constitue um alimento sadio e refrigerante.

GUABIROBEIRA. Assim se chamão no Brasil diversos arbustos, da familia das Myrtaceas, pertencentes ao genero *Eugenia* e *Psidium*, cujos fructos são comestiveis. No Rio Grande do Sul dá-se este nome á *Eugenia depauperata*, Camb.; *Eugenia variabilis*, Martius; *Eugenia xanthocarpa*, Martius. As folhas são adstringentes, e empregão-se em infusão contra a diarrhea e leucorrhœa. A infusão bebe-se, ou administra-se em clysteres e injeccões. No Pará dá-se o nome de *guabiroba* aos fructos da *Eugenia myrobolana*, De Candolle; em S. Paulo, ao *Psidium guarumæfolium*, Camb.; em Minas, ao *Psidium corymbosum*, Camb.; e *Psidium multiflorum*, Camb.

GUACO. *Mikania guaco*, Humboldt. Planta que habita na Nova Granada, sobre as margens do rio Magdalena. O caule é trepante e ramoso, folhas pecioladas, oppostas, ovaes-agudas, com pellos asperos por cima; sabor amargo, cheiro forte e desagradavel. O vulgo attribue a esta planta propriedades especificas nas mordeduras das cobras. O sumo engole-se, e applica-se a planta sobre a ferida: c, a não se ter o guaco recente, toma-se uma forte decocção. No artigo COBRAS (Vol. I, pag 614) apresento um exemplo infeliz em que esta planta não produziu vantagem alguma, e por isso julgo que os factos apresentados para provar suas virtudes como contraveneno não merecem a menor confiança.

GUAIACO ou PÁO SANTO. *Guaiacum officinale*, Linneo. Rutaceas. Arvore cujo tronco adquire á vezes 1 metro de diametro: acha-se na Jamaica e Ilha de S. Domingos. Fig. 291. O páo e a resina empregão-se na syphilis e nos rheumatismos. Com 30 gram.

(1 onça) de pão e 750 grammas (24 onças) d'agua faz-se um cozimento que se toma em um dia. A resina administra-se em pilulas,

na dóse de 50 a 100 centigrammas (10 a 20 grãos).

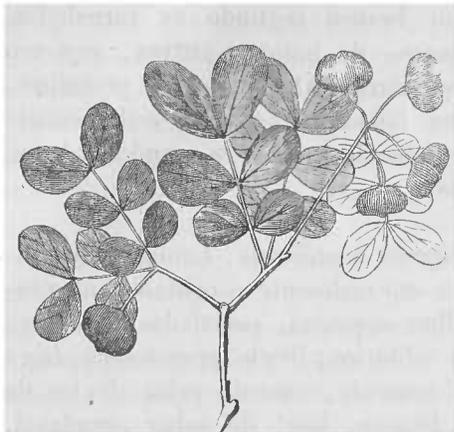


Fig. 291. — Guaiaco.

GUANO ou ERVILHA DE ANGOLA. *Cajanus flavus*, De Candolle. Leguminosas. Arbusto bem conhecido no Brasil, que dá uma ervilha saborosa e mui nutriente. Dura seis ou sete annos, e prospera nos terrenos mais asperos.

GUANO. Nas costas do Perú, do Chile, da Colombia, e tambem nas da Africa, existem ilhetas onde vão

descansar, dormir e ás vezes morrer, innumeraveis passaros marinhos. Os seus excrementos, e talvez os seus corpos, decompostos e accumulados n'aquellas ilhetas, levantárão-se pouco a pouco e formão hoje verdadeiras collinas de apparencia arenosa, amarellada, que se poderia tomar, á primeira vista, por areia finissima a não se exhalar d'esses outeiros um forte cheiro de ammoniaco que denota a existencia de uma materia animal. É esta substancia que se chama *guano*. Por longo tempo desprezado, é hoje mui procurado, por ser notorio haver elle sido um dos elementos mais activos da fecundidade dos terrenos. Com effeito, verificárão os agricultores que um metro cubico de guano produzio nos cereaes mais effeito do que 50 metros cubicos de estrume de curral misturado com estrume de estrebaria, e que a produçção foi sobretudo consideravel em palha.

Alguns exemplos de cura de pessoas affectadas de morphéa, que forão habitar nas ilhas onde se acha o guano, induzirão a crer que essa substancia póde ser um bom remedio contra tão terrivel molestia. Tentarão-se alguns ensaios no Rio de Janeiro. Segundo as informações que colhi, o guano administrado interna e externamente produzio algumas melhoras nos doentes de morphéa, mas não me consta factó algum de cura completa. O guano foi tambem ensaiado pelos medicos de Pernambuco, mas nenhum resultado favoravel produzio nos doentes de morphéa, como se vê no Relatorio do conselho de Salubridade publicado no *Archivo Medico do Rio de Janeiro*, 1847, nº 10. Na Bahía tambem aconteceu o mesmo.

GUAPEVA. *Veja-se* NHANDIROBA.

GUARANÁ. Sementes reduzidas a massa do *Paullinia sorbilis*, Martius, arbusto trepador da familia das Sapindaceas, que habita no Pará. Os fructos apresentam-se em cachos, como os da vide, e quando estão maduros tem uma bella côr vermelha rutilante; as amendoas são escuras e quasi do tamanho de avelãs. No seu fabrico seguem os indigenas da provincia do Amazonas o seguinte processo : Colhem os fructos ainda não bem maduros, tratão-n'os com agua, para tirar-lhes a parte carnosa. Torrão as sementes, triturão-n'as em pilões até reduzi-las a pó; transformão este com agua em massa sufficientemente consistente a ser moldada, sendo finalmente esta cozida em fornos proprios. Assim preparado, o *guaraná* apresenta-se no commercio em massas cylindricas, de figura elliptica, ou ovaes, duras, difficeis de reduzir a pó, de côr roxa ou cinzenta, de cheiro suave, sabor amargo agradável, e mui pouco adstringente, pesando cada pão 240 grammas mais ou menos. No pará e em Cuyabá faz-se um uso quotidiano do guaraná, reduzido a pó por meio de uma lima grossa; mistura-se uma colher d'este pó com um copo d'agua fria e assucar, e bebe-se em jejum. Em varias provincias do norte do Brasil, mesmo em Gayaz, Minas e S. Paulo, tem-se propagado o uso d'esta substancia, a ponto de a tomarem como limonada refrigerante para acalmar a sêde. O guaraná é aconselhado nas diarrheas chronicas, em dissolução, que se prepara com duas oitavas d'esta massa e 6 onças d'agua.

GUARANHEM. *Veja-se* BURANHEM.

GUARAREMA. *Veja-se* PÃO DE ALHO.

GUARDA-RAIO. *Veja-se* PARA-RAIO.

GUAXIMA ou MALVAISCO. *Urena lobata*. Cavanilles. Arbusto do Brasil, da familia das Malvaceas. Habita particularmente na provincia do Rio de Janeiro. Tem 1 a 2 metros de altura, folhas arredondadas, lobadas, serreadas, pecioladas, verde-escuras por cima, e verde-claras por baixo, de sabor mucilaginoso, flor rosea escura. A decocção e a infusão de folhas de guaxima são emollientes. A infusão (chá) prepara-se com 4 grammas (1 oitava) de folhas de guaxima e uma chicara d'agua fervendo; adoçada, é boa contra a tosse. A decocção usa-se em banhos. Para um banho 500 grammas (1 libra) de folhas de guaxima. A casca da arvore serve para fazer cordas.

GUELAS. (CORPOS ESTRANHOS NAS) *Veja-se* Vol. 1, pag. 728.

GUELAS. (INFLAMMAÇÃO DAS). *Veja-se* ANGINA.

GUTTA-PERCHA. Substancia gommo-resinosa, que mana do tronco da *Isonandra gutta*, Hooker (Sapotaceas), arvore que

habita nas ilhas da Asia, e sobretudo na de Borneo, e de outras arvores da mesma familia. A massaranduba, *Mimusops excelsa*, Freire Allemão, arvore do Pará, da familia das Sapotaceas, fornece um succo semelhante. — A *Isonandra gutta* é uma arvore de 12 a 15 metros de altura. Em vez de extrahir o succo, como se faz para ter a borracha, os indigenas da Asia abatem a arvore, tirão a casca, e colhem o succo leitoso que se coagula ao ar. Seria para desejar que se fizesse cessar, se fôr possível, esta destruição insensata, para não ficar brevemente exhausta a fonte de uma substancia, que é destinada a prestar grandes serviços á industria. O succo, depois de solidificado, é muito semelhante á borracha por suas propriedades. Purificada, a gutta-percha é de côr roxa amarellada, parecida com o couro. Para-lhe dar a configuração que se quer, basta immergê-la em agua quente e dar-lhe a fôrma com os dedos. Aquecida, torna-se porosa, molle, adhesiva; pôde-se á vontade reduzir a laminas, estender em tubos, moldar, soldar, etc. Resfriada, apresenta solidéz e tenacidade mui grandes; mas não tem a elasticidade da borracha. Misturando estas duas substancias, na proporção de 1 parte de gutta-percha, e 2 de borracha, obtem-se uma substancia mui resistente, que convém para os objectos que exigem mais rigidez do que a borracha. Nem a agua fria, nem os acidos, nem os alcalis tem acção alguma sobre a gutta-percha. A industria emprega a gutta-percha para numerosos usos. Fazem-se com ella tubos, tiras, vasos, bugias, talas para fracturas; cobrem-se com ella fios telegraphicos submarinhos, e mechas que devem communicar o fogo ás minas collocadas debaixo d'agua; serve para muitos outros usos.

GYMNASTICA. Arte de exercer o corpo para fortifica-lo. — Todos os jogos de acção a que se entregão as crianças, meninos e meninas, podem ser considerados como exercicios gymnasticos; taes são os jogos da bola, do balão, do arco, da corda, o volante, etc. Mas a gymnastica propriamente dita, tal como se acha organizada nos estabelecimentos publicos, e que tomou hoje, na educação da mocidade, o lugar que merece, comprehende o ensino pratico de exercicios particulares proprios para desenvolverem a força e a agilidade do corpo. Além dos felizes effeitos que estes exercicios produzem na saude dos meninos e meninas, inspirão-lhes confiança em certas posições difficeis, e, dando-lhes a consciencia de suas proprias forças, ajudão-n'os a sahir-se de um perigo ou a prestar soccorro aos seus semelhantes.

Todos os exercicios perigosos devem ser banidos do ensino dado á mocidade. Assim não se deve permittir o exercicio muito escabroso que consiste em andar sobre páos plantados na terra, e que

não sendo util por si mesmo, exporia as crianças a torceduras e deslocações. Não é necessario tambem que os meninos montados nas vigas, simulem quedas : deve haver o receio de que a imitação se torne ás vezes demasiado perfeita. Emfim alguns outros exercicios, que podem tambem produzir quedas graves, taes como a escadada das muralhas, ou o encontro de dois alumnos sobre a mesma trave, devem ser severamente proscriptos, assim como as differentes especies de lutas, porque estas lutas poderião por fim tornar-se sérias.

A gymnastica compõe-se de exercicios elementares e de exercicios compostos. Aquelles consistem em aprender a ficar em pé com o corpo recto, em fazer mover as pernas e os braços, em executar flexões do corpo. Os exercicios compostos comprehendem as barras parallelas e de suspensão, as cordas, as carreiras, as escadas, os saltos, os mastros, o trapezio, etc.

Quaesquer que sejam os exercicios gymnasticos, a que os meninos se entreguem, devem observar-se algumas regras de hygiene, e tomar certas precauções. As horas mais convenientes para estes diversos exercicios são as da primeira ou da segunda parte do dia, isto é, antes do almoço ou antes do jantar. [Immediatamente depois da comida poderião perturbar a digestão. À noite, no momento de se deitar, poderião impedir o somno. Póde-se ás vezes tomar mais exercicio do que é preciso, ou não toma-lo bastante. Um indicio infallivel e mui simples do tempo exacto de exercicio que se deve dar a cada criança, é o appetite. Se o appetite se conserva bom, se as digestões se fazem bem, é porque o exercicio não é demasiado. Mas se o appetite diminue, cumpre moderar-se : é prova de que o exercicio se mudou em fadiga. Todos os vestidos, durante os exercicios gymnasticos, devem ser largos e leves; convem proscrever aquelles que poderião, de qualquer modo que seja, constringer os movimentos. Não se deve ter nas algibeiras facas, canivetes, tesouras, estojos, pitorras, ou quaesquer outros objectos que possam ferir.

H

HABITAÇÃO. Se o estado social, e o concurso das forças augmentão o bem-estar de cada individuo, estas mesmas circumstancias tambem tornão-se a origem de muitos males. As diversas emanções provenientes da grande reunião dos homens, dos animaes que elles entretem, das manufacturas em que se formão

varios productos das artes, a privação da influencia dos ventos e do sol, tudo isto torna-se causa de muitas molestias. A medicina póde diminuir estes inconvenientes prescrevendo certas regras hygienicas, relativas á situação das cidades, á disposição das habitações particulares, e de diversos estabelecimentos que exhalão emanações deleterias.

A mór parte das cidades estão longe de serem construidas segundo as regras da salubridade. Edificadas em tempos em que considerações d'esta natureza geralmente se desprezavão, e em que motivos politicos, commerciaes ou particulares, exigião disposições que lhes erão contrarias, formadas por augmentos successivos, offerecem quasi todas trabalhos de salubridade a executar. Vejamos que posições convem mais a esta reunião de habitações.

São geralmente salubres as cidades edificadas em lugares elevados; isto é, nos que jazem sobranceiros a todos os seus arredores. O ar n'elles é mais vivo e secco; o accesso facil dos ventos permite a renovação da atmosphaera, os effluvios pantanosos chegam-lhes difficilmente, e as emanações nocivas que n'elles se formão dissipão-se promptamente. O contrario observa-se nas cidades dominadas de todos os lados por collinas, assim como nas que estão situadas em valles e gargantas. O ar é n'ellas estagnado, humido e alterado por miasmas de diversa natureza: os calores tornão-se insupportaveis por causa da reverberação dos raios solares. Póde-se observar ás vezes uma differença bem notavel de salubridade na mesma cidade, quando tem uma parte elevada e outra baixa. N'esta ultima, reinão as affecções escrophulosas, as febres intermittentes, molestias que são estranhas á parte alta. A vizinhança dos pantanos é muito insalubre: o perigo augmenta com o calor do clima, e mais que tudo pela situação da cidade, cujo vento dominante passa, antes de chegar a ella, por lugares lodosos. O melhor mcio de se subtrahir a estas influencias consiste em seccar-lhe os fócos, entulhando os pantanos ou dando um esgoto conveniente ás aguas estagnadas, ou ao menos fazendo plantações de arvores altas, espessas, situadas de maneira que ponhão o lugar habitado ao abrigo do vento que passa pelos pantanos. O centro dos matos espessos é, ordinariamente, desfavoravel; o ar circula n'elle mui difficilmente; o terreno não aquecido pelos raios solares conserva-se constantemente humido. Os seus confins não apresentam os mesmos inconvenientes. Os raios do sol podem penetrar nas habitações formadas n'esses lugares: a vizinhança d'estas grandes massas de arvores protegem-n'as contra a violencia dos ventos e modera os calores do verão. Ás vezes o abrigo de matos espessos e profundos é indispensavel á salubridade

de certos paizes que, sem esta condição, serão expostos ás emanações dos pantanos, levadas pelos ventos que os tivessem atravessado. Quanto ás cidades situadas á beiramar ou á margem dos rios, estas não achão n'esta circumstancia causa alguma de insalubridade, a não estarem expostas a outras causas particulares; assim, se as margens não forem bem limpas, podem tornar-se focos de infecções.

A disposição das ruas da cidade e praças publicas influe muito sobre a salubridade; esta disposição deve calcular-se de modo que facilite a circulação do ar e o accesso dos raios solares nas partes mais baixas das casas. Quando as cidades são muito extensas, não é possível que a direcção de todas as ruas seja igualmente favoravel; entretanto é vantajoso que as principaes se estendam do norte ao sul, se esta direcção não as expuzer a ventos insalubres particulares ao paiz. Deve a disposição das casas ser de maneira que facilite a circulação do ar e o accesso dos raios do sol nas partes mais baixas. É preciso, por conseguinte, que as ruas tenham a largura proporcionada á elevação dos edificios; muito estreitas e formadas de casas altas, conservão um ar corrupto; onde a luz do sol penetra imperfeitamente; mui largas, não scrião varridas por uma corrente de ar assás rapida, e sua atmosphaera alterar-se-hia facilmente em tempo calido. Nos climas intertropicaes, entretanto, onde os raios solares tem direcção menos obliqua, e em certos mezes perpendicular, e onde podem, por conseguinte, penetrar até ás partes mais baixas das casas, o que não acontece nas regiões temperadas, as ruas podem ser estreitas e os edificios altos: esta disposição tem a vantagem de preservar os habitantes do calor excessivo do clima. Considerando as habitações individualmente; isto é, examinando menos sua influencia sobre a salubridade exterior do que sobre a interior, os andares mais altos estão menos expostos ás exalações formadas no terreno, ao passo que as casas e aposentos terreos são geralmente humidos e menos sadios.

As praças publicas são muito uteis: contribuem para a circulação do ar no interior das cidades, e além d'isso augmentão a extensão relativa do espaço consagrado a um numero determinado de habitações; a somma de inconvenientes que resulta da reunião d'estas habitações, acha-se consequentemente diminuida. Tem-se discutido muito ácerca da salubridade proveniente das plantações de arvores no interior das cidades. Podem considerar-se uteis quando estas plantações são feitas em ruas largas e grandes praças cujo terreno não é humido, quando as arvores podem receber os raios solares, e quando não estão perto das casas nem

mui proximas umas das outras, para não impedirem a circulação livre do ar ou occasionarem humidade.

Todas estas disposições serão insufficientes para entreter a salubridade do ar nas cidades, se não houvesse tambem a cautela de destruir ou diminuir as causas numerosas que tendem a alterar-lhe a pureza. As ruas devem ser calçadas com cuidado; aliás sua superficie torna-se um pantano quasi permanente, d'onde se exhalão emanações deleterias. A calçada deve ser construida de maneira que offereça uma inclinação favoravel ao escoamento das aguas, e ser concertada apenas se arruinar. Convem que essas ruas sejam limpas diariamente de todas as materias susceptiveis de putrefacção. Varrer as ruas, os largos, e especialmente os mercados; prohibir que n'elles se lancem immundicias, e sobretudo materias fecaes, são outras tantas condições essenciaes de asseio, cuja influencia sobre a saude não póde ser contestada. Canos vastos e numerosos receberão as aguas impuras de cada quarteirão. Estes canos serão lavados frequentemente, para não se tornarem fócios da infecção que devem prevenir. Convem que os cemiterios estejam situados fóra das cidades e a certa distancia das moradas, de sorte que o vento não traga as exhalacões d'elles. Emfim, ficarão distantes das habitações todas as fabricas que possam produzir emanações perigosas.

HALITO. Designa-se com este nome o ar que sahe dos pulmões durante a expiração. Nas crianças o halito é mais ou menos azedo, mais nas crianças louras do que nas de cabello preto, mais nas meninas do que nos meninos; torna-se sobretudo notavel nas crianças affectadas de lombrigas. O halito perde ordinariamente o character primitivo, á medida que se vai approximando á puberdade; entretanto, nas meninas não cessa de todo senão após a appareição dos menstruos. Chegada a época da puberdade, o halito das pessoas que gozão de boa saude é em geral brando e sem cheiro particular. Até dizem que, em certos individuos, é suave: sem nos deixarmos arrastar por uma imaginação exaltada, não podemos negar que ha halitos que, por sua unica natureza, despertão os sentidos e excitão, aos prazeres do amor; mas são raros e nunca se encontrão em mulheres que tenham mais de trinta annos, nem em homens de mais de quarenta e cinco. Este estado da respiração suppõe uma saude perfeita, e o uso habitual de uma alimentação branda, e mais vegetal do que animal. Á proporção que o homem se adianta em annos, perde o halito a sua frescura, e vai adquirindo um cheiro mais ou menos desagradavel.

Máo halito. Chama-se *máo halito* aquelle que tem um cheiro

fetido. Depende de causas variaveis que podem ser permanentes ou eventuaes, naturaes ou accidentaes, curaveis ou incuraveis. Examinemos as principaes.

A falta de asseio da bocca e a carie dos dentes são as duas causas mais ordinarias do máo halito.

A affecção escorbútica, occasionando a inchação das gengivas, determina o mesmo resultado, assim como a salivacão produzida pelo mercurio, uma erupção abundante de aphtas, as ulceracões da lingua, da garganta, etc., etc. Emfim, no numero das molestias que podem affectar as fossas nasaes, a ozena ou a ulcera do interior do nariz é a que, por seu effeito nocivo sobre o halito, se torna mais sensivel.

O máo halito nas pessoas que gozão de boa saude, e que todavia cuidão na limpeza da bocca, provém ordinariamente de um modo particular de excreção dos pulmões. Todos sabem tambem que o uso de certos alimentos, como o alho, dá ao halito um cheiro forte, que se faz sentir em quanto dura a digestão. O uso habitual e quasi exclusivo da carne communica á respiração um cheiro mui sensivel.

Em uma época adiantada da gravidez, alguns dias após o parto e durante a amamentação, o halito da mulher tem um cheiro semelhante ao de soro de leite; em geral não é agradável durante a época menstrual. Emfim, nas molestias agudas, conserva sempre um cheiro particular.

Tratamento. Os meios devem necessariamente variar para remediar-se o máo halito. Se depender de alguma molestia, convem unicamente combater esta causa. Quando provém de um estado particular da constituição da pessoa, não ha remedio que aproveite. Assim como não se póde destruir o cheiro da transpiração da pelle, que é repugnante em alguns individuos, sem que se possa explicar este inconveniente. O halito forte, que depende da natureza dos alimentos, desaparece pelá cessação do seu uso. Quanto ao que depende da carie dos dentes ou da falta de asseio da bocca, remedeia-se facilmente mandando-se tirar os ossinhos que estão privados de vida, chumbando-se os dentes, ou emfim conservando-se sempre a bocca limpa. Já indiquei no artigo BOCCA os cuidados urgentes a este respeito; agora accrescentarei que o carvão de lenha goza da propriedade desinfectante em alto gráo; serão por conseguinte mui vantajosos, para as pessoas que soffrem o incommodo de que se trata, os lavatorios diariamente repetidos com agua e pós de carvão. Tambem se emprega internamente esta substancia para esse fim; preparão-se com ella pastilhas, de que se tomão quatro a oito por dia. Sua receita é a seguinte :

Carvão vegetal em pó..	100 grammas
Assucar..	300 grammas
Mucilagem de gomma alcatira	40 grammas.

Faça pastilhas de 1 gramma (20 grãos).

Aconselha-se tambem, para destruir momentaneamente o máo halito, gargarejos com agua e algumas gottas de vinagre phenico ou d'agua de Labarraque. Os perfumes e as substancias odoriferas, *verbi gratia*, pastilhas de hortelã pimenta, grageias de herva doce, de coentro, pastilhas de Bolonha, e os lavatorios com agua misturada com algumas gottas d'agua dentifricia, indicada no vol. I, pag. 55, podem tambem disfarçar por algum tempo o máo halito; mas este cheiro natural torna a apparecer.

HASCHISCH. Dá-se este nome ao *canhamo indiano* ou ás suas preparações empregadas no Oriente como substancias embriagantes.

O canhamo indiano (*Cannabis indica*, Linneo) parece ser uma variedade gigantesca do canhamo ordinario, planta cultivada em muitos paizes por causa de suas fibras corticaes, que servem para fazer cordoalha e canhamaços. O canhamo ordinario tem só 1 a 2 metros de altura, entretanto que o canhamo indiano attinge 5 metros e mais. As propriedades embriagantes d'este são muito mais energicas do que as da especie europea.

A palavra *Haschisch* é arabe, e significa simplesmente *herva*. Os orientaes applicando-a ao canhamo indiano, parecem designar a herva por excellencia. Com effeito, para muitas populações arabes, o haschisch é considerado como a fonte de todos os gozos immateriaes. *Bangh* é o nome indiano do haschisch; *bang*, *bangie*, o nome persano. Em [Argel, chama-se *haschisch-of-fokara*: herva dos faquires.

Os effeitos do haschisch são conhecidos desde a mais alta antiguidade. O celebre *Nepenthes*, de que falla Homero, as beberagens por meio das quaes o Velho da montanha, insigne personagem do tempo das Cruzadas, obtinha a obediencia fanatica dos seus sectarios, tinham o haschisch por base. As preparações mui antigamente conhecidas em algumas regiões da India e da Africa debaixo dos nomes de *Maslach*, *Majusck*, *Bangie*, *Bengie*, *Bangh*, *Assyoni*, *Teriaki*, estão nos mesmos casos.

O haschisch, a planta, é commum na India e em algumas regiões da Africa, por exemplo, no Egypto, onde se cultiva para o uso dos amadores d'esta droga. A parte a mais activa reside nas summidades floridas; tem cheiro forte, particular; respirada por muito tempo póde occasionar vertigens.

A planta simples é muito menos empregada do que as suas preparações. Entretanto em algumas regiões (Turquia, Egypto, Tunis,

Argelia), fuma-se ou masca-se como fumo, quer só, quer misturada com o fumo, ou com outras substancias. Na Turquia, na Anatolia, o haschisch é conhecido debaixo do nome de *esrar*, e consome-se sob a fórma de xarope adicionado de substancias aromaticas e aphrodisiacas, ou fuma-se em pastilhas do peso de cerca de 4 grammas, feitas com massa de esrar levemente torrada, e com forte infusão de café. O *madjoun* dos Argelianos é uma mistura de mel de abelhas e de pó de haschisch levemente torrado. Preparão-se tambem directamente, com a planta, infusos, decoctos, bebidas diversas.

O *extracto gordo* de haschisch dos Arabes é obtido fazendo ferver as summidades floridas da planta com manteiga e agua. Evaporada esta, e quando a manteiga se acha bastante saturada de principio activo, côa-se. É uma preparação que se apresenta sob a fórma de unguento, tenaz, de côr amarella-esverdeada, de sabor e cheiro nauseabundos de manteiga e de haschisch ao mesmo tempo. A dóse é de 2 a 4 grammas, que se tomão quer em bolinhas quer em café. Mas por causa do cheiro acre, que tem, dão-lhe fórmas de electuario, de pastilhas, ajuntando-lhe substancias aromaticas, como canella, moscada, baunilha, essencia de rosas, almiscar, etc.

O *Dawa-mesk*, ou *Kava-mesk* (droga almiscarada), que é a principal d'estas preparações, é o extracto gordo ao qual ajuntão assucar, pistaches, amendoas, substancias aromaticas; entre as quaes o almiscar deve figurar, segundo a sua etymologìa. Para torna-lo aphrodisiaco, accrescentão-lhe, dizem, ás vezes cantharidas. O *dawa-mesk* é de consistencia de electuario, arroxead, de cheiro e sabor agradaveis. Toma-se na dóse de 20 a 30 grammas (5 oitavas a 1 onça), quer sob a fórma de bolos, quer em café.

Efeito do haschisch. Os effeitos do haschisch consistem em determinar certa embriaguez e somnolencia particular. Em geral, estes effeitos são: transportes de alegria, suspiros, muitas vezes gritos, extases, hallucinações fantasticas, exaltações das ideias; o individuo vê, e de uma maneira clara, desenvolverem-se sem difficuldade os planos os mais complicados; os seus projectos os mais caros realizão-se sem obstaculo. Os differentes phenomenos varião segundo os individuos, e mesmo segundo as disposições do momento: assim muitas vezes o haschisch determinou extases politicos, furores guerreiros, homicidios, etc.

Haschischina ou *cannabina*. É uma substancia resinoides, de côr verde, cheiro viroso, soluvel no alcool e ether, á qual o haschisch deve as suas propriedades. A haschischina prepara-se tratando a planta secca pelo alcool, distillando para extrahir os tres quartos

de alcool, e evaporando o residuo até obter um extracto molle. Trata-se este extracto pela agua, que dissolve as substancias gommo-extractivas, e deixa a resina (a haschischina) que se faz seccar na estufa. 5 centigrammas de haschischina produzem o o mesmo effeito que 2 grammas de extracto gordo. Foi empregada como medicamento na alienação mental e em algumas molestias nervosas, na dóse de 5 a 20 centigrammas (5 a 4 grãos), em poção ou pilulas.

Tintura de haschischina. Prepara-se dissolvendo 1 parte de haschischina em 9 partes de alcool a 90° Parece que deo bons resultados contra a cholera na dóse de algumas gottas (5 a 15 centigrammas) em infusão de camomilla ou chá da India.

Extracto do canhamo indiano. Prepara-se tratando o canhamo indiano pelo alcool. É empregado contra a mania na dóse de 5 a 20 centigrammas (1 a 4 grãos) em pilulas.

HECTICA. (FEBRE). *Veja-se* FEBRE HECTICA.

HELLEBORO. O helleboro negro *Helleborus niger*, Linneo, Renunculaceas, e o helleboro branco *Veratrum album*, Linneo, Colchicaceas, são plantas cultivadas nos jardins como flores de ornamento. Gozavão antigamente de grande reputação contra a loucura, mas hoje não tem uso. As raizes são purgantes energeticos; e toda a planta é um veneno narcotico-acre. Do helleboro branco extrahe-se uma substancia, chamada *veratrina*, que se emprega em fricções contra a amaurose e paralysisia do rosto.

HEMALOPIA ou **Hypohema.** Derramamento de sangue na camara anterior do olho. *Veja-se* OLHO.

HEMATEMESE. Vomitos de sangue. *V* VOMITOS DE SANGUE.

HEMATOCELE. Assim se chama a accumulção de sangue na tunica vaginal do escroto, e o hematocele não differe do hydrocele senão pela natureza do liquido. É occasionado por uma pancada sobre o escroto, por uma quédia ou violencia qualquer. As applicções de pannos molhados em agua vegeto-mineral são sufficientes frequentemente para determinar a resorpção do sangue. Às vezes entretanto a abundancia do derramamento obriga a dar-lhe sahida praticando uma incisão no escroto. Outras vezes é necessario fazer a puncção e injecção como na operação do hydrocele.

HEMATURIA. Emissão pela urethra de sangue puro ou misturado com ourina. Vulgarmente, dá-se-lhe o nome de *ourinas de sangue*.

Causas. A hematuria póde ser produzida por varias causas; taes são : um esforço violento, uma grande caminhada, a equitação prolongada, uma escandescencia intensa, pancadas sobre o ventre,

uma quéda de um lugar alto, e a presença da pedra na bexiga. As cantharidas podem occasiona-la, quer sejam administradas internamente de uma maneira immoderada, quer, em alguns casos raros, depois da applicação de largos vesicatorios. Póde depender das molestias dos rins (calculos, inflammação dos rins), das molestias da bexiga ou da urethra. Porém as mais das vezes é occasionada pelas influencias climatericas : é uma molestia dos paizes quentes; é frequente no Rio de Janeiro, onde de ordinario apparece espontaneamente; chamão-lhe n'estes casos *hematuria dos paizes quentes*, *hematuria intertropical* ou *hematuria chylosa*. Tratarei d'esta ultima variedade n'um artigo separado; em primeiro lugar fallarei das outras especies de hematuria.

Symptomas. A hematuria tem quasi sempre prodromos que varião segundo o ponto das vias urinarias no qual tem lugar a exhalção sanguinea. Se é nos rins, o enfermo sente dôr obtusa ou calor nas cadeiras; se pelo contrario, a hemorrhagia deve fazer-se na bexiga, existe dôr profunda no pente, sensação de peso no anus e no perineo. A hematuria que é o effeito da absorpção das cantharidas é precedida de priapismo violento e de ardor em todas as vias urinarias. Aos symptomas, que precedem, juntão-se calefrios irregulares e vontade frequente de urinar; quando o doente a satisfaz, deita sangue em maior ou menor abundancia. Esta excreção faz-se ás vezes livremente por um jacto contínuo e sem soffrimento; outras vezes só com muitos esforços é que o liquido é expulso pouco a pouco e gotta a gotta. As vezes ha retenção de ourina : este accidente depende as mais das vezes do sangue coalhado que veio tapar o collo vesical. O aspecto do sangue varia; este liquido sahe ás vezes puro, quasi sem mistura de ourina, mas este caso é raro, e não se observa senão nos ferimentos dos rins. Em geral o sangue vem misturado com muita ourina; esta acha-se então tinta de vermelho ou de preto; distinguem-se além d'isto pequenos coalhos e, por meio do microscopio, muitos globulos sanguineos. Emfim, ás vezes a quantidade de sangue é tão pouco consideravel, que a ourina é apenas côr de rosa no momento de sua emissão, e não depõe grumos fibrinosos. Comtudo, examinando com o microscopio o sedimento no fundo do vaso, descobrem-se n'elle globulos sanguineos, isto é corpuseculos de cerca de $\frac{1}{120}$ de millimetro, lenticulares, amarellados, parecendo ter um nucleo central, insoluveis na agua e no acido azotico, soluveis no acido acetico. A ourina sanguinolenta coagula-se além d'isto pelo calor e precipita abundantemente pelo acido azotico a albumina que o sangue lhe forneceo. A quantidade de sangue varia muito não sómente nas differentes épocas

da molestia, mas ainda nas diversas emissões de urina que se fazem no mesmo dia. Assim vio-se ás vezes, nas hemorragias renaes, a urina tornar-se subitamente incolor, o que depende muitas vezes de que, estando obstruido por um grumo de sangue ou por um calculo o canal uretere do rim doente, a urina provém sómente do rim do lado opposto.

Duração. A duração da hematuria póde não ser senão de um ou de dois dias; ás vezes só de algumas horas. Mas póde tambem ser de muitos mezes.

Accidentes. A exhalção do sangue nas vias urinarias póde tornar-se a causa de muitos accidentes; assim, póde acontecer que um grumo de sangue, tapando o collo vesical, produza a retenção de urina. Outras vezes o sangue eoagulando-se no canal, chamado *uretere*, occasiona a accumulção nos rins do mesmo liquido e da urina; o rim assim dilatado, póde formar um tumor volumoso, fazendo proeminencia nas cadeiras; mas estes factos são raros, porque se um urétere está obstruido, a obstrucção é em geral momentanea. Esta obstrucção póde produzir accessos de colica nephritica. Os symptomas, qualquer que seja aliás a sua fórma, cessão depois de pouco tempo, quando os doentes expulsarão, com dôr ou sem ella, maior ou menor quantidade de pedaços de fibrina descorada, alongada, tendo muitas vezes a fórma e o volume de uma lombriga, o que ás vezes deo lugar a erros crassos.

Diagnostic. No diagnostico, trata-se de resolver diversos problemas :

1º Cumpre saber reconhecer se a urina é sanguinolenta. O aspecto do liquido e a natureza do sedimento bastão as mais das vezes para determinar a existencia do sangue; porém nos casos duvidosos, é preciso recorrer á inspecção microscopica, a qual fará reconhecer a presença dos globulos sanguineos, que com effeito não se podem confundir com qualquer outra coisa.

2º É preciso indagar se o sangue é exhalado nos rins, nos ureteres ou na bexiga. As mais das vezes não se podem ter a este respeito senão presumpções. Suspeitar-se-ha que o sangue vem dos rins quando os doentes tiverão dôres e peso nas cadeiras, ou quando uma pancada ou alguma outra causa traumatica teve acção sobre ellas, ou enfim quando os doentes deitão filamentos fibrinosos, ramificados, que se formárão evidentemente na substancia renal. Nenhum signal póde fazer reconhecer se o sangue vem dos ureteres. Suspeitar-se-ha que o liquido foi exhalado na bexiga quando todos os phenomenos loeacs forão concentrados n'este orgão; o sangue está então misturado menos intimamente com a urina do que quando vem dos rins.

Tratamento. Varia segundo as causas. Quando as ourinas sanguineas resultão de pancada ou de quêda, applicuem-se nas cadeiras pannos molhados em agua fria, e dê-se a beber limonada de vinagre.

Quando a molestia succede á absorpção das cantharidas, empregue-se um semicupio d'agua tepida, fação-se fricções no ventre com oleo camphorado, e dê-se a beber abundantemente infusão de linhaça. Se a hematuria depender da presença da pedra na bexiga, é preciso destruir esta causa.

O tratamento que convem na generalidade dos casos é o seguinte:

O doente deve guardar o repouso na posição horizontal. Tomar um clyster d'agua fria.

Comer pouco, e antes vegetaes do que carne.

Em muitos casos a hematuria faz-se com custo, e o doente deita fóra difficilmente a ourina ensanguentada, a qual, ás vezes, pôde achar-se completamente retida na bexiga. Em semelhante caso o catheterismo torna-se necessario; e se alguns grumos volumosos parecerem entulhar a bexiga, convem deixar no orgão uma sonda em permanencia, na esperança de que o sangue poderá ser arrastado parcialmente pela ourina.

Para fazer sahir a ourina retida pelo sangue coalhado, aconselhão-se ainda os meios seguintes :

Introduzir na bexiga uma sonda elastica contendo uma outra menos grossa no seu interior. Chegada à bexiga, tira-se a sonda interior, e a ourina corre.

Introduzir na bexiga uma sonda elastica tendo no interior uma haste metallica flexivel, terminada por uma inchação espherica. Se os grumos obstruem os olhos da sonda, a inchação espherica esmaga os grumos, e a ourina corre á roda da haste.

Se não bastarem estes meios, introduzir na bexiga agua tepida por meio de grossa sonda, á qual se adapta uma seringa, e *aspirar* depois a agua com a mesma seringa tirando o embolo. Repetir as injeções e as aspirações, até verificar que o liquido aspirado é apenas rubro. As injeções devem ser feitas com precaução e medida, afim de não dilatar extraordinariamente a bexiga e não romper-lhe as paredes.

Hematuria dos paizes quentes, *hêmaturia chylosa* ou *albumino-gordurosa*, *ourina leitosa*, *ourina chylosa*, *chyluria*. Taes são os differentes nomes de uma molestia que se desenvolve em certas e determinadas zonas do globo, caracterizada pela emissão de ourinas ora brancas como o chylo, ora rubras como o sangue. Esta molestia quasi não é conhecida na *Europa*; os autores fazem apenas menção de quatro casos de ourinas leitosas em individuos

que nunca deixarão a Europa : um caso observado em Pavia (Italia), dois na Inglaterra, um na Allemanha. Na *America* a molestia foi observada desde o 30º gráo latitude norte, até ao 35º gráo latitude sul. Procedendo do norte ao sul a hematuria chylosa existe na Nova-Orleans, Vera Cruz; nas ilhas de Cuba, Hayti, Martinica, Guadalupe; na Guayra, Porto-Cabello (Colombia), Guyana, no Brasil, Paraguay, Uruguay, Chili, Perú. Na *Africa*, a hematuria chylosa é commum no Egypto, no Cabo da Boa Esperança, no Port-Elisabeth, no Port-Natal, nas ilhas de Bourbon e de Mauricia. Na *Asia*, esta molestia foi notada na cidade de Calcutta e na ilha de Java.

A hematuria chylosa observa-se ordinariamente nas pessoas de 20 a 40 annos ; é mais commum nas mulheres do que nos homens. No Brasil nota-se nas pessoas brancas e pretas ; é mais frequente nas brancas ; ataca indistinctamente os individuos de todas as condições.

SYMPTOMAS. Em geral, a molestia sobrevem de modo subito, sem ser precedida de padecimento algum ; em alguns casos, porém, apparecem primeiro dôres nas cadeiras ; em outros casos é precedida de calefrios, sensação dolorosa que se estende das cadeiras até á bexiga e escroto, segundo a direcção dos canaes ureteres que levão a ourina dos rins á bexiga. Alguns enfermos sentem *pancadas* ou *pulsações* nas cadeiras. Esta sensação é geralmente subita, mui violenta ; desaparece, porém, em pouco tempo. Em muitos casos a molestia não tem prodromos. O enfermo sente apenas um leve incommodo no dia que precede a invasão da molestia. É com muita surpresa que vê as suas ourinas rubras como sangue, ou brancas como leite. Tem frequente vontade de urinar ; as ultimas contracções da bexiga são acompanhadas de sensação de cozedura. A emissão da ourina é acompanhada ás vezes de coalhos, que atravessão o canal da urethra sem difficuldade uma vez que a bexiga está cheia.

Ourina, suas propriedades physicas, côr. A ourina, examinada ao sahir do canal da urethra, apresenta côr ora rubra como sangue, ora branca como leite. Entre estas duas côres extremas, ha muitas graduações intermediarias. A côr das ourinas varia notavelmente no decurso do mesmo dia. De manhã, ao levantar-se da cama, as ourinas são geralmente de côr branca como leite ; no decurso do dia tornão-se côr de café com leite. O repouso tem uma acção importante n'estas modificações. Quando o doente conserva-se deitado, ou não se entrega senão a um exercicio moderado, a parte da ourina que occupa o fundo do vaso apresenta apenas côr rosea ; mas depois de uma longa caminhada, ou longo trajecto em

sego ou a cavallo, a ourina torna-se sanguinolenta completamente, e mais coagulavel.

Coalho. A ourina abandonada no repouso separa-se em duas camadas, uma inferior, espessa, de côr vermelha; outra superior opaca ou leitosa, ou de côr rosea desmaiada, ás vezes resentindo-se de côr avermelhada. Um coalho occupa o fundo do vaso, tomando o seu molde. O volume do coalho está em relação com a quantidade de sangue ou materias brancas gordurosas contidas na ourina. A formação dos coalhos tem lugar ora no vaso, ora no interior do aparelho urinario. Os coalhos, que sahcm pelo canal da urethra, apresentam-se sob dois aspectos: uns são molles, pouco alongados, de calibre bastante consideravel; outros são duros, delgados, tendo pouco mais ou menos o diametro da penna de pombo. Estes tem geralmente côr mais escura. Ás vezes os coalhos tem 8 a 10 centimetros de comprido, são vermiformes, com uma de suas extremidades inchada, levemente contorneada. Attribute-se esta fórma dos coalhos á sua formação na parte mais inferior dos ureteres, na embocadura d'estes canaes na bexiga.

O coalho que se forma fóra da urethra, no recipiente da ourina, apresenta tambem algumas particularidades: 1º Na hematuria pura, precipita-se no fundo do vaso, tomando na sua massa a maior parte dos globulos sanguineos. 2º Nas ourinas de aspecto leitoso, chyloso, o coalho encerra nas suas malhas grande parte do liquido. Tem-se uma gelea tremula, apresentando grande analogia com o leite coalhado. A quantidade da ourina varia segundo a sua qualidade. As ourinas excedem a quantidade normal, quando são puramente chylosas; são abaixo d'ella, quando o liquido é sanguinolento. Estes casos não são constantes. Em geral, as ourinas chylosas não apresentam augmento sensivel na quantidade. É sobre este facto que se estabelece a differença com o diabetes.

Acção do calor e do acido azotico. Debaixo da influencia d'estes dois agentes, as ourinas dão um abundante precipitado que apresenta todos os caracteres da albumina. A abundancia d'este precipitado está em relação com a quantidade dos globulos do sangue e com os corpusculos de materias gordas.

Presença do acido urico. O acido urico encontra-se frequentemente nas ourinas sanguinolentas e chylosas. Conhece-se pelo sedimento avermelhado, rugoso ao tocar, que se depõe nas paredes do vaso. Ás vezes o acido urico forma areias a que se attribuem as colicas nephriticas que sentem alguns enfermos.

Globulos rubros de sangue. O exame da ourina ao microscopio, com augmento de 350 diametros, deixa vêr globulos sanguineos,

bem que muitas vezes o aspecto exterior não indica a presença do sangue.

Globulos brancos. Por meio do microscopio avistão-se muitos corpusculos brancos, que parecem ser leucocythos.

Granulações pulverulentas. Todos os autores são unânimes a reconhecer que a côr branca das urinas de aspecto chyloso é devida, pela maior parte, a granulações mui delgadas, pulverulentas, de natureza gordurosa. Estas moleculas são soluveis no ether.

Cylindros e cellulas. Além dos corpusculos de sangue rubros e brancos, e de grande copia de moleculas de gordura, a urina de hematuria contém innumerous cylindros fibrinosos, semelhantes aos que se observão em muitas affecções dos rins. As cellulas epitheliaes que se encontrão soltas, e ás vezes em grupos, são provenientes de todas as partes das vias urinarias, do calyce renal, dos ureteres, da bexiga.

Vermes. O microscopio revela a presença de vermes na urina dos hematuricos dos paizes quentes. Estes vermes forão encontrados em 1851 no Egypto por Bilharz; na Bahia pelo Dr. Otto Wucherer em 1866; na Guadalupe, ilha das Antilhas francezas, pelo Dr. Crevaux em 1870. Os vermes do Egypto, forão observados na bexiga dos doentes fallecidos não de hematuria, mas sim de outra molestia. Os da Bahia e da ilha Guadalupe forão notados na urina excretada pelo doente durante a vida: ambos apresentavão os mesmos caracte-

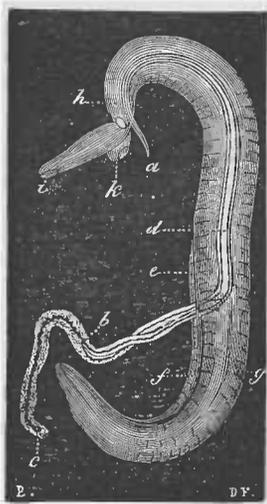


Fig. 292.

Distomum haematobium, segundo Bilharz, macho e femea, muito augmentados; vermes que forão achados nas paredes da bexiga, no Egypto: *a, b, c*, a femea contida em parte no canal *gynæcophoro*; *a*, extremidade anterior; *c*, a extremidade posterior; *d*, o corpo. — *e, f, g, h, i*, o macho; *e, f*, canal *gynæcophoro*; a femea foi extrahida em parte d'este canal para lhe deixar visivel a disposição; *g, h*, limite dorsal da face ventral que constitue o canal; *i*, ventosa buccal; *k*, ventosa ventral; entre *i*, e *h*, o tronco; atraz do *h*, a cauda. (Esta figura foi extrahida da obra do Dr. Davaine: *Traité des entozoaires*.)

res; differem dos vermes do Egypto.

O verme do Egypto é do genero *Distomum*; foi chamado por Bilharz *Distomum haematobium*, fig. 292, sendo o macho um ento-

zoario vermiforme, medindo 7 a 9 millímetros de comprimento; a fêmea é filiforme, mais comprida e mais delgada do que o macho. O corpo do macho é provido de canal *gynæcophoro*, em fôrma de fenda, no qual se aloja a fêmea, durante o acto de copular. A fig. 292 representa estes vermes consideravelmente augmentados. Forão encontrados por Bilharz e Griesinger no Egypto, nas paredes da bexiga, ou nas vegetações que cobrem a sua membrana mucosa, nos ureteres e nos bassinets ou reservatorios dos rins, do qual partem os ureteres. Os rins, n'estes casos, erão volumosos, e engurgitados de sangue.

O verme encontrado na *ourina dos hematuricos no Brasil* é filiforme (fig. 293), tendo uma extremidade mui delgada e outra obtusa; na obtusa vê-se um pequeno ponto que se não pôde bem distinguir se é um orificio. O seu comprimento é de $1/4$ de millimetro, a largura de $1/10$ de millimetro. Foi o Dr. Otto Wucherer que descobriu o primeiro este verme em 1866 na *ourina* de uma mulher e de um homem, affectados de hematuria na Bahia. Examinando ao microscopio uma particula do coalho, do tamanho da cabeça de um alfinete, descobriu estes vermes; erão numerosissimos; estavam

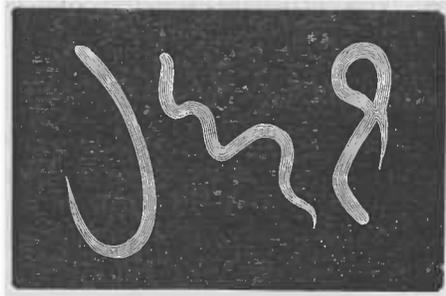


Fig. 293.

Vermes encontrados na *ourina dos hematuricos do Brasil*, consideravelmente augmentados. O do centro representa as ondulações do animal vivo, segundo o Sr. Dr. José Luiz de Almeida Couto.

vivos e executavão movimentos ondulatorios muito energicos. A razão porque os não descobriu mais cedo, diz o Dr. Wucherer, é porque nos precedentes exames omittia examinar os coalhos, procurando os vermes nos depositos da *ourina* e não nos coalhos, onde elles se encontrão em abundancia. O Dr. Wucherer teve depois a occasião de encontrar estes vermes nas *ourinas* de alguns outros doentes, em tudo 28 pessoas, todas na cidade da Bahia, 16 mulheres e 12 homens, todas as pessoas sendo adultas. Algumas tinhão mais de 50 annos. Uma preta tinha só 16 annos. D'estas 28 pessoas 20 erão brancas, 5 pardas, e 3 pretas.

Outros medicos da Bahia confirmárão as observações de Wucherer. O Sr. Dr. José Luiz de Almeida Couto reunio estas observações na excellente these do concurso para o lugar de Lente oppositor da Faculdade de medicina da Bahia, que publicou na

Bahia em 1872 sob o titulo de *Hematuria endemica dos paizes quentes*. Nesta these refere sete casos observados por elle mesmo, e apresenta a figura dos vermes encontrados na ourina dos hematuricos da Bahia; é esta figura que eu reproduzo na presente obra. Fig. 293.

Resulta de todas estas observações que a hematuria do Brasil coincide com um verme que é differente do *Distomium hæmatobium*, verme que acompanha a hematuria do Egypto. O Dr. Leuckart, distincto helminthologista de Leipzig, a quem o Dr. Wucherer remetteo da Bahia estes vermes, seccos, sobre um panno, declarou positivamente que não pertecem ao *Distomium hæmatobium*, mas, sim, que são embryões de um *nematoide*, provavelmente pertencente á familia dos *Strongylides*, que habita uma ou outra parte das vias urinarias, e parece que nos rins, pois que os cylindros albuminosos que se achão na ourina, demonstrão um padecimento d'estes orgãos.

Parce, com effeito, evidente, que os vermes achados na ourina dos doentes da Bahia, não se achavão ainda no estado de completo desenvolvimento; erão embryões; não se lhes descobria differença do sexo; por conseguinte só a autopsia póde esclarecer o diagnostico. Ora, este caso não se deó, porque a molestia não é mortal. Os exames cadavericos de Bilharz e Griesinger no Egypto forão provavelmente feitos sobre os individuos fallecidos de outra molestia, e não de hematuria, de que estes individuos erão ao mesmo tempo affectados.

Em 1872, um medico da marinha franceza, o Dr. Crevaux, publicou uma these sobre a hematuria dos paizes quentes, na qual relata o caso de um moço de 15 annos, branco, que foi accommettido d'esta molestia na ilha de Guadalupe, d'onde era natural. Um dia, ao urinar, o doente rendeo um pequeno coalho filiforme, denso, de côr rubra-escura. Examinando este coalho ao microscopio, de 80 diametros, o medico verificou um movimento entre as malhas do tecido fibrinoso, no meio dos globulos sanguineos, e reconheceo a presença de vermes filiformes do comprimento de $\frac{1}{4}$ de millimetro, da largura de $\frac{1}{10}$ de millimetro, obtusos n'uma extremidade, muito delgados na outra. Pelo desenho que juntou á descripção na sua these, estes vermes são semelhantes aos vermes observados na Bahia.

MARCA, DURAÇÃO, PROGNOSTICO. A duração da hematuria dos paizes quentes é indeterminada. Abandonada a si mesma esta molestia desaparece muitas vezes ao cabo de alguns dias, semanas ou annos. A affecção vem por accessos; muitas vezes os doentes tem um só accesso de pouca duração. Outros, pelo contrario,

soffrem d'ella, apezar das medicações mais diversas, durante notavel periodo da existencia. Não obstante sua longa duração, raras vezes se alterão as forças; a saude geral é ordinariamente perfeita; a molestia não é mortal por si mesma. No Brasil não ha noticia, pelo menos que eu saiba, de um só caso d'esta doença que terminasse pela morte. Ella é só afflictiva, nos homens, por causa dos coagulos que vem ás vezes entupir o canal da urethra, accidente que, aliás, se póde remediar com facilidade.

Causas. A descoberta dos vermes na ourina das pessoas affectadas de hematuria dos paizes quentes, autoriza a concluir que esta molestia é de natureza verminosa. Suppõe-se que os vermes rasgão os vasos sanguineos e lymphaticos do apparelho urinario. Estabelecida a communicação, o conteudo d'estes vasos penetra nos rins, e d'aqui resulta a presença do sangue e do chylo na ourina. Mas d'onde vem os vermes? Julga-se que os seus ovos penetrão pela pelle, ou são levados pelas aguas e alimentos ao interior do organismo, onde tem a faculdade de viver, desenvolver-se e multiplicar-se.

Tratamento. A principal indicação no tratamento de hamaturia chylosa, acompanhada de vermes no apparelho urinario, consiste em destruir ou expellir estes animaes. Os medicamentos são : a essencia de terebinthina, o iodureto de potassio, e a camphora.

O emprego da essencia de terebinthina, explica-se pelo bom resultado que com ella se obtem contra os vermes intestinaes e especialmente contra a tenia. O iodureto de potassio tem a propriedade de destruir os vermes existentes no organismo e os seus ovulos. Uma sanguesuga mergulhada na solução de iodureto de potassio torce-se, depois perde os movimentos e morre ao cabo de uma hora. Mergulhada na solução por alguns segundos, depois lavada e mettida na agua pura, fica immovèl e doente durante alguns dias. Quanto á camphora, todos sabem que as suas emanações destroem os insectos, e conheço um caso de cura de ourinas chylosas pelo uso externo e interno das preparações de camphora.

Eis-aqui o receituário :

Pilulas de essencia de terebinthina.

Essencia de terebinthina	10 centigrammas (2 grãos)
Cera branca .	10 centigrammas (2 grãos)
Assucar em pó .	quantidade sufficiente.

Derreta a calor brando a cera na essencia, deixe esfriar, ajunte o assucar, faça 1 pilula, e como esta mais 99. Dóse : 6 a 12 pilulas por dia.

Xarope de terebinthina. 500 grammas (16 onças).

Para beber 30 a 60 grammas (1 a 2 onças) por dia. A essencia de terebinthina póde tambem tomar-se em perolas, que se achão nas pharmacias.

Solução de iodureto de potassio.

Iodureto de potassio.. 40 grammas (2 1/2 oitavas)

Água. 290 grammas (10 onças).

Para beber uma colher *de sopa*, em meia chicara d'agua, duas vezes por dia.

O tratamento pelas preparações de camphora é o seguinte :

Applycar no ventre a cataplasma vermifuga, regada com 15 grammas (1/2 onça) d'agua sedativa; applycar nas cadeiras pannos molhados em alcool camphorado; internamente tomar tres pilulas camphoradas por dia. Seguir este tratamento durante oito dias pelo menos. Eis-aquí o receituario :

Cataplasma vermifuga.

Cataplasma de linhaça.. 125 grammas (4 onças)

Dente de alho. Nº 1

Assafetida. . 50 centigram. (10 grãos)

Pomada camphorada.. 2 grammas (40 grãos)

Misture a cataplasma de linhaça com o dente de alho pisado, e incorpore a assafetida triturada com a pomada camphorada. Esta cataplasma applica-se no ventre; mas antes de applica-la, rega-se com 15 grammas d'agua sedativa.

O Dr. John Harley, que exercia a medicina no Cabo da Boa Esperança, aconselha as injecções pelo canal da urethra no interior da bexiga com a solução de iodureto de potassio em macerato de quassia, em dóse diaria de 5 centigrammas (1 grão) de iodureto, e progressivamente até 2 grammas (40 grãos), para 150 grammas (5 onças) de macerato em agua fria de quassia. Estas injecções, porém, não são empregadas pelos medicos brasileiros, e o Sr. Dr. Jozé Luiz de Almeida Couto, autor da these acima citada, duvida da sua proficuidade, porque as injecções certamente não podem levar seus effeitos até aos rins.

Esta singular molestia desaparece algumas vezes sem applicação de medicamentos. Acontece tambem que o remedio que cura a primeira vez não cura a segunda. Um habitante do Pará, que veio a Lisboa no fim de 1869 e me consultou por carta, ficou bom da hematuria em menos de oito dias, pelo uso interno e externo das preparações de camphora (10 de Janeiro de 1870); regressou para o Pará e esteve bom durante 21 mezes, (até 10 de Outubro de 1871); depois do que voltou-lhe novamente a hematuria. Como era natural, recorreo á camphora que já o tinha curado; o remedio

porém foi inutil. Lançou então mão das perolas de terebinthina, e no fim de 15 dias d'este tratamento tornou a ficar bom, e assim se conservou cerca de 9 mezes (até 10 de Agosto de 1872). Voltou a molestia, a principio com intervallos, mas depois permanente. Tornou então a tomar a essencia de terebinthina, sem tirar o menor resultado nem conhecer a minima differença. Finalmente achava-se já desanimado, quando um medico do Pará lhe receitou chá de *barba de paca*, planta do mato, tres chicaras por dia, e no fim de 15 dias, achou-se bom pela terceira vez. Isto passou-se no fim de 1872; e eu não tive mais noticias d'este interessante doente desde o mez de Janeiro de 1873.

Os medicamentos adstringentes achão tambem applicação racional na hematuria com o fim de obstar á hemorrhagia. São perchlorureto de ferro, extracto de ratanhia, cato, tannino. De todos os adstringentes foi o perchlorureto de ferro que deo o melhor resultado. Receita-se pela fórmula seguinte :

Poção com perchlorureto de ferro.

Perchlorureto de ferro liquido a 30°	1 gram. (20 grãos)
Agua distillada..	120 gram. (4 onças)
Xarope simples	: 30 gram. (1 onça).

Para beber em duas doses, metade pela manhã, outra metade pela noite. Repete-se a poção no dia seguinte, e continua-se por oito dias.

A alimentação do doente deve ser corroborante a fim de manter as forças compromettidas pela molestia : bons caldos, carne assada, vinho do Porto, geleas animaes e vegetaes, mingãos de tapioca, etc. Os banhos do mar ou de rio aproveitão tambem como tonicos.

Se a hematuria fôr acompanhada de sedimentos de acido urico ou areias, convem empregar o bicarbonato de soda, agua de Vichy ou de Vidago.

Eis-aqui a formula :

Bicarbonato de soda. 30 grammas (1 onça).

Divida em 30 papeis. Para tomar 1 papel pela manhã, outro á noite, n'uma chicara d'agua fria com assucar.

Póde-se tambem ensaiar a copahiba, porque existem alguns casos de hematuria dos paizes quentes curados por esta resina. Dóse : 8 a 16 grammas (2 a 4 oitavas) por dia.

Em casos rebeldes, é preciso mudar de clima; deixar as regiões intertropicaes, ou morar na mesma região, mas n'uma localidade mais elevada e portanto menos quente. A emissão dos coalhos necessita ás vezes a introdução da sonda. Nos primeiros tempos da hematuria, a emissão dos coalhos é a preocupação contínua

do doente; mas não tarda a observar-se, a engenhar-se para evitar a introdução da sonda. Para chegar a este fim é preciso : 1º Não urinar senão quando a bexiga está bem cheia; 2º Começar por uma contracção energica; 3º Quando o coalho está no canal da urethra, contrahir fortemente; não persistir, se o coalho não passar na segunda contracção; 4º Não tornar a começar a tentativa, senão quando a bexiga estiver completamente cheia.

De manhã, apesar da accumulção das materias coalhadas na bexiga, os doentes urinão de ordinario com bastante facilidade; as particulas do coalho desagregão-se; a divisão da massa torna a resistencia quasi nulla. O coalho dissolve-se ás vezes completamente na urina contida na bexiga. Mas se acontecer, que a sahida dos coalhos seja impossivel, será necessario recorrer á introduccção de grossa sonda na bexiga, ás injecções d'agua tepida, como ficou explicado na pag. 107 d'este volume.

HEMERALOPIA. Molestia nervosa, na qual os olhos gozão da faculdade de ver em quanto o sol está sobre o horizonte, e cessão de distinguir os objectos á medida que o astro declina.

Consiste o tratamento em dirigir sobre os olhos vapores d'agua de Colonia ou de balsamo de Fioravanti. Para este fim, derramão-se algumas gottas d'estes liquidos na palma da mão, e approxima-se esta aos olhos.

HEMICRANIA. Dôr nervosa que occupa metade da cabeça. *Veja-se ENXAQUECA.*

HEMIPLEGIA. Paralysis da metade direita ou esquerda do corpo. *Veja-se PARALYSIA.*

HEMOPTYSE. *Veja-se ESCARROS DE SANGUE.*

HEMORRHAGIA. Toda a effusão de sangue fóra dos vasos destinados para contê-lo é hemorrhagia, seja qual fôr a causa d'este phenomeno e o lugar em que se opera, quer o sangue corra para fóra, quer se derrame em alguma cavidade interna do corpo. As numerosas affecções comprehendidas sob esta denominação, offerecem entre si differenças notaveis. Umas resultão de certa lesão manifesta dos conductos em que circula o sangue; outras tem lugar sem alteração sensivel que possa explica-las. Estas chamão-se *hemorrhagias espontaneas*; aquellas *traumaticas*.

As causas que predispõem ás *hemorrhagias espontaneas* são : os grandes calores, o frio vivo e secco, a habitação em lugares elevados e o abuso das comidas demasiadamente excitantes, o simples uso de alimentos abundantes e mui nutrientes, café, bebidas espirituosas, paixões violentas, etc. Declara-se tambem sob a influencia de uma carreira rapida, de esforços ou exercicios violentos, na occasião de uma diminuição consideravel e rapida da

pressão atmospherica, e, por conseguinte, nas pessoas que galgão altas montanhas e nas que se elevão em balões. Sobrevem outrossim em consequencia da supressão de um fluxo sanguineo habitual, como hemorrhoidas ou menstrosos. Mas excepto estas causas, a hemorrhagia exige nos individuos que affecta uma d'aquellas condições desconhecidas da organização, a que se chama *predisposição*. A idade tambem influe muitissimo na producção das hemorrhagias, e em especial no lugar que occupão : raras na infancia, tornão-se mui communs até á idade viril, para diminuir de frequencia na velhice. Ha muito tempo se disse que o fluxo de sangue pelo nariz é a hemorrhagia dos adolescentes, os escarros de sangue a dos moços, as hemorrhoidas a dos adultos; e emfim, que o derramamento de sangue no cerebro, ou a apoplexia, era o triste apanagio da velhice. A observação quotidiana prova a verdade d'este facto, tomado em geral.

Em todos os casos, a hemorrhagia pruduz uma fraqueza que depende da abundancia do sangue, da rapidez com que corre, do orgão de que sahe, e da força do individuo. Se, entretanto, esta quantidade fôr mediocre e o individuo robusto, as forças não diminuem, até ás vezes, o doente sente-se mais agil do que antes; mas se a hemorrhagia fôr muito abundante, dá então lugar á pallidez do rosto, á diminuição da contractilidade muscular, ao resfriamento dos pés; em um gráu ainda mais consideravel, produz vertigens, zunido nos ouvidos, suores frios, e ás vezes convulsões. A existencia d'estes signaes basta para dar a conhecer as hemorrhagias internas. Alguns d'esses phenomenos podem depender mais da influencia que exerce a ideia do perigo no moral do doente, do que do enfraquecimento produzido pela perda de sangue. Um terror machinal, de que é tão susceptivel a criança que principia a andar como o homem mais destemido, acompanha o individuo que suppõe perder todo o seu sangue. Sabe-se que só a vista do sangue causa desmaio a muitas pessoas, bem que dotadas de incontestavel coragem. Um dos caracteres mais curiosos, que apresentam as hemorrhagias espontaneas, é a tendencia a renovar-se e até a tornarem-se periodicas. Isto observa-se sobretudo nas hemorrhoidas e fluxos de sangue do nariz; mas todas as hemorrhagias, sem excepção, podem apresentar este phenomeno.

Depois d'estas considerações geraes, examinemos agora as hemorrhagias em particular.

Hemorrhagia anal. Póde depender dos tumores hemorrhoidaes, do fluxo intestinal, da fissura no anus, ou ser simplesmente occasionada pelas materias excrementicias endurecidas nas pessoas que soffrem da prisão de ventre. N'este ultimo caso, é

preciso recorrer aos clysteres d'agua morna na occasião de ir á banca; para os outros. *Veja-se* HEMORRHOIDAS, HEMORRHAGIA INTES-TINAL, FISSURA NO ANUS.

Hemorragia arterial. É occasionada por uma ferida da arteria. Conhece-se pelo corrimento do sangue vermelho que esguicha por movimentos isochronos ás pancadas do coração, e pela formação de um tumor que apresenta pulsações.

Os meios empregados para atalhar a hemorragia arterial são de duas ordens : uns tem por fim suspender o corrimento de uma maneira momentanea, até que se possa obrar mais effizamente; outros produzem a oclusão definitiva do vaso. Os meios provisorios devem occupar-nos mais que os meios definitivos, que são exclusivamente pertencentes á cirurgia : os primeiros, pelo contrario, devem ser conhecidos das pessoas estranhas á arte de curar, que muitas vezes podem achar-se no caso de salvar a vida a alguns de seus semelhantes, mediante praticas simples que permittirão esperar a chegada do medico.

Entré estes meios, a compressão é sem contradicção o mais simples e o mais effiz; póde-se exercer sobre a mesma ferida : a ponta do dedo, apoiada com leve esforço sobre o orificio do vaso aberto, basta para fazer cessar instantaneamente o corrimento de sangue. Mas, quando o vaso está escondido no fundo de uma ferida tortuosa, de maneira que não se póde ver a sua abertura, é preciso carregar sobre a ferida com muito mais força; sem o que o sangue se derramará por baixo da pelle. Ainda é melhor, em lugar do dedo, applicar fios ou pedaços de panno, os quaes se mantem mediante uma atadura bem apertada. Quando a hemorragia persiste, interpõem-se ao aparelho peças de moeda, que comprimem com muito maior força do que o panno. Os numerosos meios definitivos empregados contra as hemorragias arteriaes são : a laqueação, a torsão, os refrigerantes, os adstringentes, o ferro quente, os causticos, etc.; estes não podem ser praticados senão por um cirurgião. *Veja-se* tambem o artigo ARTERIA (*Feridas da*), vol. I, pag. 240.

Hemorragia da bocca. As differentes partes da bocca podem ser a séde de hemorragia, que póde provir do estado fungoso das gengivas, do ferimento da membrana mucosa da bocça, ou da extracção de um dente.

Se a hemorragia seguir a extracção de um dente, é preciso applicar pedra infernal, ou panno molhado na solução de perchloreto de ferro. Quando se descobre a séde da hemorragia, não é preciso perder o tempo com vinagre, cumpre immediatamente recorrer á applicação da solução de perchloreto de ferro.

Se não se avistar o ponto d'onde sahe o sangue, convem empregar os gargarejos com agua e vinagre, ou melhor ainda 10 gottas de solução de perchlorureto de ferro em meio copo d'agua fria.

Hemorragia dos bronchios. *Veja-se* ESCARROS DE SANGUE.

Hemorragias capillares. São as mais frequentes de todas, e as que se podem atalhar com mais facilidade. A compressão directa, por pouco energica que seja, basta de ordinario n'este caso. Às vezes, entretanto, é mister recorrer a meios mais poderosos; por isso, acontece frequentemente que as picadas das sanguesugas, que só offendem os vasos capillares, produzem uma hemorragia que resiste á compressão. N'este caso recorre-se ás applicações adstringentes, absorventes e até causticas. Os absorventes são substancias molles e esponjosas, as quaes, applicadas sobre as feridas, fovecem a formação de grumos de sangue. Póde-se, para este fim, empregar a teia d'aranha, o panno queimado, a isca, fios, etc.; os absorventes devem ser ajudados por uma compressão branda.

Se o sangue não parar, empreguem-se os adstringentes, que actuão apertando ou condensando os tecidos. Os mais usados são o vinagre, o sumo de limão, com os quaes se embebem os fios que se applicão sobre as feridas, ou a pedrahume pulverizada. A solução de perchlorureto de ferro a 30 gráus é um meio muito empregado hoje. Basta molhar fios, ou um pedaço de isca n'esta solução, applica-la sobre o lugar do qual sahe o sangue, e comprimir algum tanto, para fazer cessar a hemorragia. A pedra infernal, que se emprega para cauterizar as picadas das bichas que deitão muito sangue, é quasi o unico caustico usado hoje para vedar as hemorragias capillares. É de applicação facil: basta demora-la alguns instantes na ferida, para ver formar-se uma escara que tapa os orificios dos vasos abertos, e impede a sahida do sangue. Este meio emprega-se tambem nas hemorragias consecutivas á extracção de um dente.

Hemorragia cerebral. *Veja-se* APOPLEXIA.

Hemorragia depois da extracção de um dente. *Veja-se* DENTE, vol. I, pag. 802.

Hemorragia pelo embigo. *Veja-se* vol. I, pag. 901.

Hemorragia do estomago. *Veja-se* VOMITOS DE SANGUE.

Hemorragia intestinal. — *Causas.* A hemorragia intestinal póde ser essencial, isto é sem lesão do estomago, ou symptomatica de alguma molestia d'este orgão. Póde ser produzida por causas directas taes como venenos corrosivos, purgantes drasticos, sobretudo as coloquintidas e o aloes; póde tambem apparecer espontaneamente sem causa conhecida. A maior parte das hemor-

rhagias symptomaticas dependem das ulcerações da membrana mucosa dos intestinos, ás vezes da degenerescencia cancerosa.

Symptomas. Alguns enfermos experimentão, um ou dois dias antes da hemorragia, uma sensação de incommodo, ou dôres, picadas no ventre e nas cadeiras. Na maior parte dos casos, porém, não ha prodromos. Alguns doentes experimentão dôr obtusa no embigo, seguida de fraqueza, desmaio, suores frios. Logo depois sentem necessidade imperiosa de ir á banca, e deitão alguns excrementos solidos a principio, e depois uma quantidade mais ou menos consideravel de sangue fluido ou coalhado, puro ou misturado com materias intestinaes, e mais ou menos alterado, segundo o ponto em que foi exhalado e conforme o tempo que este sangue se demorou no intestino. Póde-se avaliar a dois ou tres copos a quantidade média do sangue que os doentes perdem na maior parte das hemorragias intestinaes. Entretanto esta quantidade póde ser menor, ou maior.

Tratamento. Em primeiro lugar é preciso fazer cessar a hemorragia. Para este fim cumpre applicar no ventre pannos molhados em agua fria, tomar um clyster d'agua fria, beber limonada de vinagre muito fria, ou sumo de limão puro ás colheres, observar repouso do corpo, e privar-se da alimentação. Usar tambem da seguinte poção :

Extracto de ratanhia.	4 grammas (1 oitava)
Agua commum	120 grammas (4 onças)
Xarope de marmelo.	30 grammas (1 onça).

Uma colher, das *de sopa*, de hora em hora.

A hemorragia intestinal da dysenteria deve ser tratada pela ipecacuanha tomada pela bocca e em clysteres.

Hemorrhagia nasal. É conhecida sob o nome de fluxo de sangue do nariz; em medicina chama-se *epistaxis*. Esta hemorragia raras vezes constitue molestia, e não póde alterar a saude senão por sua continuidade e quantidade. Sendo moderada e passageira, é muitas vezes vantajosa ao individuo.

Causas. Um temperamento sanguineo e a cpoça da puberdade predispõem a este fluxo sanguineo. Póde ser produzido pela insolação ou demora em um lugar mui calido, pelos estudos prolongados, vigílias, paixões, uso de licores excitantes, exercicios violentos, por tudo quanto póde irritar directamente a membrana nasal, como os pós esternutatorios, as pancadas, as quédas sobre o nariz, etc.

Tratamento. A hemorragia nasal moderada não reclama tratamento algum; é necessario abandona-la aos recursos da natureza nos individuos robustos. Nas pessoas que soffrem habitualmente

vertigens e dôres de cabeça, torna-se frequentemente um meio curativo; á medida que o sangue corre, o individuo sente-se alliviado, e uma sensação de bem-estar não tarda a apparecer. Quando se julga necessario fazer parar uma hemorrhagia nasal, aperta-se o nariz com os dedos, expõe-se o doente ao ar fresco; manda-se que esteja assentado ou fique de pé, com a cabeça não inclinada: fazem-se levantar os braços ao doente perpendicularmente. Se a hemorrhagia (como acontece ordinariamente) fôr só de um lado, basta fazer levantar o braço correspondente. Applicão-se pannos molhados em agua fria com vinagre sobre a testa, fontes, nuca, á roda do nariz, entre as coxas, e dá-se-lhe ao mesmo tempo a beber uma limonada de limão mui fria. Comprime-se com o dedo a arteria facial do lado de que corre o sangue, por cima do labio superior, mui perto da ala do nariz. Se isto não bastar, dão-se escaldapés e fazem-se mergulhar as mãos em agua quente ou n'um banho sinapizado. Se tudo isto não produzir effeito, deve-se fazer aspirar ao doente algum liquido adstringente, tal como agua misturada com vinagre ou dissolução de pedra-hume. Se, apesar de todos estes meios, o fluxo sanguineo não parar, será necessario recorrer ao entupimento. Para este fim mettem-se na venta fios embebidos em agua e vinagre, havendo o cuidado de introduzi-los o mais acima possivel. Este entupimento impede o corrimento do sangue para diante; mas, ás vezes, não se oppõe a que elle corra para dentro da garganta; em tal caso é urgente se recorra ao duplo entupimento. Só o cirurgião tem os conhecimentos e os instrumentos necesarios para esta operação. Por este ultimo meio as cavidades nasaes ficão fechadas por diante e por detraz; não sendo as partes dilataveis, o sangue não acha lugar para derramar-se, e pára immediatamente.

Hemorrhagia do ouvido. Póde sobrevir em consequencia de uma befetada ou de uma pancada sobre a orelha. A sacudidura do ar por um som muito forte, tal como um tiro de canhão, póde, rompendo a membrãa do tympano, occasionar uma hemorrhagia do ouvido. Um espirro violento póde produzir esta ruptura. O tratamento consiste em introduzir no conducto auditivo um tampão de algodão para vedar a hemorrhagia; empregar, nos dias seguintes, lavatorios com agua tepida.

Hemorrhagia pulmonar. *Veja-se* ESCARROS DE SANGUE.

Hemorrhagia que resulta das picadas das sanguessugas. *Veja-se* HEMORRHAGIAS CAPILLARES, vol. II, pag. 119.

Hemorrhagias traumaticas (*produzidas por violencias externas*). As causas das hemorrhagias traumaticas são quasi todas exteriores: procedem ordinariamente de lesões feitas por corpos

vulnerantes, sobretudo por instrumentos cortantes, e devem ser vedadas quanto antes. Mas, antes de se pôr obstaculo ao corrimto sanguineo, é necessario saber de que especie de vaso procede. A circulação do sangue opera-se mediante as arterias que transmittem este liquido do coração á superficie do corpo, e por meio das veias que reconduzem este sangue ao coração. Entre estas duas ordens de vasos existe o tecido proprio dos órgãos, onde se acha uma multidão de vasos delgadissimos chamados vasos capillares. Ora, conforme fôr o sangue fornecido por uma d'estas tres classes de vasos, arterias, veias ou capillares, assim se observarão phenomenos particulares, os quacs, se nem sempre são caracteristicos, podem ao menos em bom numero de casos servir para se reconhecer a origem do mal.

Nas *feridas arteriaes*, o sangue é vermelho claro, sahe por movimentos isochronos com as pancadas do pulso : comprimindo-se em cima da ferida, entre ella e o coração, suspende-se a hemorragia, entretanto que a compressão exercida em baixo da ferida augmenta a força do jorro. Quando o vaso aberto é uma *veia*, o sangue é preto, corre em jorro contínuo, o qual augmenta comprimindo-se em cima da ferida, e pára, pelo contrario, quando a compressão é feita em baixo. Quando só os *vasos capillares* estão offendidos, o sangue é de côr vermelha pouco viva, não sahe aos jorros, mas corre pouco a pouco de uma maneira uniforme : a compressão em cima e em baixo da ferida quasi nada influe na abundância da hemorragia. Se estes caracteres fossem constantes, não haveria difficuldade alguma em reconhecer-se o vaso que fornece o sangue. Infelizmente sobrevem circumstancias que os mudão inteiramente. Assim, quando o trajecto da ferida é sinuoso e desigual, o sangue arterial não pôde sahir em jorro; então imita a hemorragia por lesão dos capillares. Pôde-se entretanto reconhecer pela compressão em cima da ferida, que suspende ou diminue o corrimto sanguineo. Por outra parte, o sangue venoso é ás vczes vermelho como o sangue arterial, e pôde tambem sahir ás golfadas. N'este caso, ainda a compressão em baixo da ferida tirará as duvidas.

Os meios de vedar as hemorragias traumaticas são numerosos, e varião conforme o genero dos vasos que estão abertos. *Veja-se* HEMORRHAGIAS ARTERIAES, VENOSAS, e CAPILLARES.

Hemorrhagia da urethra. Pôde ser produzida pela sonda introduzida no canal, ou ser a consequencia de alguma ferida. Para vedar esta hemorragia convem applicar pannos molhados em agua fria.

Hemorrhagia do utero ou *frouxo de sangue pelo utero*. Todo

o fluxo de sangue que se faz pelo utero não merece o nome de hemorragia, visto que no estado natural a mulher, quasi todos os mezes, perde certa quantidade de sangue que recebeu o nome de *menstruos, regras, lua* ou *fluxo catamenial*, e cuja falta, quando não depende da gravidez, é um signal de desarranjo na saude. Hemorragia uterina é quando a mulher perde mais sangue que habitualmente, e, em lugar de sentir-se alliviada e mais forte, como acontece depois do fluxo menstrual, fica, pelo contrario, fraca e incommodada; emfim, quando esta perda de sangue sobrevem n'uma epoca que não é a do fluxo catamenial. Depois d'esta definição, dividiremos o nosso artigo em tres partes distinctas, segundo a epoca em que se mostra o accidente: 1º hemorragias no estado de vacuidade do utero; 2º hemorragias durante a gestação; 3º hemorragias depois do parto.

a. Hemorragias no estado de vacuidade do utero. A hemorragia, durante a vacuidade do utero, pôde manifestar-se nos differentes periodos da vida da mulher. Tem-se observado em meninas recém-nascidas; mas então não é mui consideravel e pouca attenção reclama: entretanto, na idade de 6 a 10 annos merece grande cuidado.

Bem que moderada, a hemorragia uterina deve ser considerada, na mulher adulta, como uma molestia grave, e convem fazê-la desaparecer promptamente. Para isso é necessario conhecer as causas, que varião extremamente: taes são um calor excessivo ou um frio intenso, os exercicios violentos, e o abuso das substancias que provocão os menstruos. As mulheres muito irritaveis estão expostas a esta perda em consequencia de algumas affecções moraes, como a colera, o susto, o pezar, o ciume, a alegria, etc. As alterações organicas do utero são tambem causas frequentes das hemorragias d'esta viscera. Os polypos, os tumores fibrosos, os scirrhos, os caneros, as ulceras do utero, são muitas vezes acompanhadas d'ellas.

Tratamento. A doente deve estar n'um sitio fresco, deitar-se horizontalmente em um colchão duro, cobrir-se apenas, e tomar bebidas frias e aciduladas, taes como limonada de limão, de laranja, de vinagre. Se isto não bastar, applicuem-se pannos molhados em agua fria com vinagre sobre o baixo-ventre e coxas, mergulhem-se as mãos em agua quente e dê-se um clyster d'agua fria. Administre-se a poção seguinte:

Solução de perchlorureto de	
ferro a 30° ..	1 gramma (20 grãos)
Agua..	120 grammas (4 onças)
Assucar	15 grammas 1/2 onça).

Misture. Dá-se uma colher *de sopa* de quarto em quarto de hora.

Quando a hemorrhagia não pára, e a vida da doente corre perigo por causa da grande perda de sangue, é necessario recorrer ao entupimento, que consiste em encher o interior da vagina com fios envoltos em um panno.

Quando a hemorrhagia é chronica; isto é, quando apparece de tempos a tempos em pequena quantidade, a enferma deve usar de um regimen brando, abster-se de todos os excitantes, tomar cozimento de arroz acidulado com sumo de limão ou infusão de raiz de ratanhia; emfim, praticar injeções na vagina com infusão de ratanhia, com a dissolução de pedrahume ou algum outro liquido adstringente. É tambem aconselhado o uso interno da pedrahume: este remedio é effectivamente util nas hemorrhagias chronicas; administra-se na dóse de 8 grammas (2 oitavas) por dia, dissolvido em um quartilho d'agua. Emprega-se tambem no mesmo caso o nitro até á dóse de 30 grammas (1 onça) por dia, dissolvido em agua; o tannino, na dóse de 10 a 15 centigrammas (2 a 3 grãos), cinco a seis vezes por dia, produz tambem bons effeitos. Quando a hemorrhagia depende de molestias organicas do utero, o melhor meio de combatê-la é empregar o tratamento proprio d'estas affecções.

Eis-aqui as receitas contra a hemorrhagia chronica do utero:

Nitro. 8 grammas (2 oitavas).

Divida em 8 papeis. Toma-se um papel de 2 em 2 horas n'uma chicara de limonada de limão, ou limonada de vinagre fria.

Cozimento adstringente.

Raiz de ratanhia. 30 grammas (1 onça)

Agua fervendo. 500 grammas (16 onças).

Infunda por meia hora, cõe e ajunte:

Assucar 30 grammas (1 onça).

Bebe-se uma chicara d'este cozimento frio de 2 em 2 horas.

Pilulas adstringentes.

Tannino. 2 grammas (40 grãos).

Faça 20 pilulas. Toma-se uma pilula de 3 em 3 horas.

Injecção adstringente.

Raiz de ratanhia. 30 grammas (1 onça)

Agua fervendo.. 1000 grammas (32 onças).

Infunda por meia hora e cõe.

A injeção faz-se fria.

Poção adstringente.

Extracto de ratanhia. 4 grammas (1 oitava)

Agua distillada de rosas 120 grammas (4 onças)

Xarope simples. 15 grammas (1/2 onça).

Misture. Tomão-se duas colheres de sopa de 2 em 2 horas.

b. Hemorrhagia uterina durante a gravidez. Póde sobrevir em todas as epochas da gravidez. Entretanto, observa-se mais frequentemente nos tres primeiros mezes, e nos ultimos tempos da gravidez. As causas que a determinão são quasi as mesmas que produzem as hemorrhagias da primeira divisão. Basta citar um regimen muito excitante, as affecções vivas da alma, os banhos demasiadamente quentes, os vestidos mui apertados, pancadas, quédas, exercicios forçados, a pé, a cavallo ou em seges mal suspensas. Como uma das causas que podem produzir a hemorrhagia no fim da gravidez, convem citar a má disposição das pareas. Podem estar fixadas sobre o orificio do utero; em tal caso rasgão-se e separão-se successivamente do utero, pelo desenvolvimento natural d'este orgão.

Se a perda fôr pouco consideravel, bastão os meios que deixei indicados contra a hemorrhagia que apparece durante a vacuidade do utero : a posição horizontal, o repouso, o socego de espirito, as bebidas acidulas, etc. Se porém o corrimento sanguineo der cuidado, convem se empregue o entupimento como unico meio de impedir a morte da mulher; porquanto, provocando elle o parto, póde cortar o mal pela raiz. Faz-se o entupimento com mechas de fios untados de azeite doce, os quaes se introduzem successivamente na vagina até encher este canal. Por fóra das partes genitales applica-se uma porção de fios, e mantem-se tudo com ligaduras convenientes.

Se a hemorrhagia se declarar no momento em que principia o trabalho de parturição, recorra-se á versão do feto ou á applicação do forceps para acelerar o parto.

c. Hemorrhagia uterina depois do parto. Certa quantidade de sangue corre sempre durante e depois da parturição, mas raras vezes puro; é quasi sempre misturado com serosidade, e em geral mui pouco abundante. Acontece entretanto ás vezes que após a sahida da criança o utero não se contrahe, e seus largos e numerosos vasos deixão correr sangue em grande abundancia. Não sahindo o sangue, accumula-se na cavidade do orgão, que se deixa facilmente distender como quando continha a criança. As vezes o sangue corre em tal abundancia, que a mulher perde muitas libras d'elle em alguns minutos, e morre promptamente se não fôr soccorrida. Em todos os casos, é necessario vigiar com o maior cuidado a mulher que acaba de parir. Tem-se visto as recém-paridas succumbirem em quanto a parteira se occupava da criança. Quando a perda é interna, os signaes geraes das hemorrhagias lhe dão a conhecer a existencia. O esfriamento geral, os calefrios, o desmaio, os zunidos nos ouvidos, os suoros frios, os movimentos

convulsivos apparecem n'este caso. É preciso incontinente que a parteira verifique se existe um corrimento para fóra e se o utero está contrahido. É facil, atravez das paredes molles do ventre, senti-lo sob a fórma de um corpo globoso, duro, que occupa a parte inferior do ventre. Em tal caso não ha nada que temer. Se, pelo contrario, o utero fôr volumoso, se occupar grande parte do ventre, se fôr molle, não globoso, não ha duvida de que se enche de sangue. Esta falta de contracção do utero chama-se *inercia*.

Tambem existe outra causa, bem que muito mais rara, da hemorrhagia subsequente ao parto. Às vezes as pareas, deixadas no utero por negligencia ou impericia da mulher ou das pessoas que a assistem, distendem este orgão, impedem que se reduza ás dimensões normaes, e provocão o corrimento sanguineo. É preciso immediatamente fazer-lhe a extracção.

Os meios que fazem cessar a hemorrhagia são : fricções no ventre feitas com a mão, applicação de pannos molhados em agua fria sobre o baixo-ventre, e sobre a parte superior das coxas, injeções d'agua fria ou d'agua com vinagre, na cavidade do utero. Às vezes é necessario recorrer á introducção da mão na cavidade do utero; é um dos processos mais poderosos para fazer cessar a inercia; elle é indispensavel em todos os casos de hemorrhagia interna, e em todos os outros em que a causa do accidente parece depender da presença na cavidade uterina de algum grumo de sangue ou de alguma porção de pareas. A mão introduzida evacuará primeiramente o utero, depois tocará as paredes d'elle; a outra mão, apoiada no ventre, comprimirá sobre a primeira o utero inerte, até que uma contracção energica venha emfim obrigar esta a retirar-se e annunciar feliz solução d'este estado perigoso. O centeio espigado tem a propriedade de provocar as contracções do utero; pôde ser empregado n'este caso em pó na dóse de 30 centigram. (10 grãos), repetidos duas, tres e quatro vezes, com um quarto de hora de intervallo. — Eis-aqui a receita :

Centeio espigado em pó 2 grammas (40 grãos).

Divida em 4 papeis. Dá-se um papel de meia em meia hora, n'uma colher d'agua fria com assucar.

Quando a inercia resiste a tudo, e as paredes do ventre estando molles, pôde-se recorrer ao entupimento : ãntroduzem-se então, como já deixei dito, mechas de fios na vagina, aperta-se o ventre com uma toalha, e impede-se que o útero se distenda, comprimindo-o d'esta sorte durante muitas horas.

A perda que se declara muitos dias depois do parto, deve ser tratada pelos meios indicados nas hemorrhagias que sobrevem no estado de vacuidade do utero.

Hemorrhagias venosas. Sendo muito menos consideravel o esforço, que faz o sangue para sahir das veias do que das arterias, são necessarios meios muito menos poderosos para atalhar estas hemorrhagias. Uma branda compressão exercida por meio de pannos de linho, de uma atatura semelhante á que se faz após a sangria no braço, basta ordinariamente para vedar o sangue. Deve haver toda a cautela em não se comprimir acima da ferida, para que não torne a apparecer a hemorrhagia; ter-se-ha, por consequente, o cuidado de dirigir a compressão sobre a parte inferior.

Hemorrhagia vesical. *Veja-se* HEMATURIA.

HEMORRHOIDAS ou ALMORREIMAS. Molestia caracterizada por um fluxo de sangue pela via inferior, com desenvolvimento de tumores sanguineos n'esta parte. Algumas pessoas dão-lhes o nome de *caseiras*. As hemorrhoidas constituem uma das affecções mais communs que affligem a especie humana, uma das que exercem na saude maior influencia, e cuja prolongação, irregularidade e, ás vezes, supressão são susceptiveis de produzir grandes desordens nos órgãos essenciaes da economia.

Causas. A alimentação muito abundante, unida á vida sedentaria, é uma das causas que mais predispõem ás hemorrhoidas. O uso habitual de comidas mui temperadas, de bebidas quentes e estimulantes, de licores alcoolicos, são outras tantas causas especiaes que provocão esta molestia. As suas causas mais proximas são : a prisão do ventre, a prenhez, os trabalhos intellectuaes, as paixões tristes, os vestidos mui apertados, sobretudo ao nivel do ventre, etc. A maior parte d'estas causas obrão constringindo a circulação abdominal ou irritando a extremidade inferior do intestino.

Symptomas. Os tumores hemorrhoidaes não se formão de uma maneira subita. As mais das vezes o desenvolvimento d'esta affecção é precedido de phenomenos de congestão no anus. Os doentes sentem um incommodo geral, abatimento de forças; ficão de máo humor, tem vertigens, o rosto torna-se-lhes pallido, existem dôres no estomago, flatuosidades, prisão do ventre, dôres nas cadeiras, movimentos espasmodicos no ventre. Logo manifesta-se certo peso e calor na região anal. Os doentes accusão uma sensação de corpo estranho no recto; vontade frequente de evacuar. O anus tornà-se doloroso; as dôres estendem-se ao sacro, ás nadegas, á bexiga; são mais vivas no momento da defecação. Symptomas geraes vem ajuntar-se por vezes a estes phenomenos locaes : agitação, insomnia, pulso cheio, duro, frequente.

Estes symptomas desaparecem de ordinario no fim de dois a

quatro dias. Depois de um tempo variavel, o accesso torna a apparecer, ás vezes de uma maneira periodica. É d'esta maneira que se formão os *tumores hemorrhoidaes* por uma serie de congestões na extremidade inferior do recto. Estes tumores apresentam-se com caracteres variados, conforme se examinão no intervallo dos periodos da congestão hemorrhoidal, ou durante o curso d'este periodo.

1º No intervallo das congestões, os tumores desaparecem ás vezes completamente, ou estão murchos, indolentes e consistem n'uma dobra da pelle; ou então ficão mais apparentes e contém sangue no estado liquido ou sob a fórma de grumos. Os tumores podem mesmo tornar-se bastante volumosos e estorvar a defecação; em certos casos fornecem um fluxo mucoso, que se designa debaixo do nome de *hemorrhoidas brancas*.

2º Durante o periodo de congestão, as hemorrhoidas apresentam-se sob a fórma de tumores lisos, luzidios, violaceos, desaparecendo completamente ou incompletamente pela compressão, para reaparecerem depois de cessada a compressão. A região anal e as partes vizinhas apresentam uma côr vermelha. Os doentes experimentão voutade frequente de evacuar; fazem esforços que são acompanhados de dôres vivas; não podem andar facilmente nem ficar em pé. Estes tumores formão-se á roda do anus ou no interior do intestino. No primeiro caso chamão-se externos, e internos no segundo. A estructura dos tumores hemorrhoidaes é mui variavel. Umaz vezes, são formados pela dilatação das numerosas veias que cercão a extremidade inferior do recto; outras vezes, são especies de saccos em communicação com as veias ou arterias: tumores ha que parecem constituidos por um tecido de nova formação, analogo ao que se encontra nos signaes de nascença ou tumores erectis que algumas crianças trazem no corpo. São susceptiveis de adquirir grande volume: já se virão alguns do tamanho de um punho.

Occupemo-nos agora da *fluxo hemorrhoidal*.

Este fluxo annuncia-se quasi sempre por phenomenos que constituem os *prodromos*. Os tumores inchão e tornão-se mais duros; sobrevem comichão no anus, ás vezes picadas passageiras; os symptomas expostos precedentemente augmentão de intensidade. Os phenomenos symphaticos são: incommodo geral, estado de apathia e de irritabilidade. O doente experimenta caimbras nos membros inferiores, inchação do ventre, borborygmos, fastio, modorra, vertigens, zunidos nos ouvidos, acccleração do pulso. Taes são os symptomas precursores que se observão, mas nem sempre, porque o fluxo hemorrhoidal pôde apparecer sem prodromo.

mos. O sangue não sahe sempre da mesma maneira; não tem sempre o mesmo aspecto; a quantidade varia tambem: principia as mais das vezes por uma pequena humidade que augmenta até ao terceiro dia, e depois vai diminuindo; cessa no quinto ou no sexto dia, para voltar em outra epoca. Acontece ás vezes que o sangue faz irrupção, e corre por jacto contínuo como na sangria. O sangue tem caracteres ora do sangue arterial, ora parece venoso; é vermelho no primeiro caso, quasi preto no segundo: pôde tambem ser uma mistura d'estes dois sangues.

A quantidade de sangue é variavel como a dos menstros. Quando o sangue sahe em quantidade moderada, e de uma maneira algum tanto rapida, o allivio é tambem rapido; os phenomenos indicados debaixo do nome de prodromos desaparecem immediatamente. Mas acontece tambem que o fluxo toma o caracter de uma verdadeira hemorragia. Em muitos casos os fluxos hemorrhoideaes immoderados são verdadeiras complicações, que occasionão grande fraqueza, sobretudo quando se repetem. Quando o fluxo é moderado, pôde produzir curas de molestias que frequentemente resistirão a muitos meios. A supressão do fluxo hemorrhoidal pôde ás vezes aggravar molestias existentes, e produzir outras. Passa-se, com effeito, n'este caso no homem, que cessa de ter este fluxo, a mesma cousa que se observa na mulher na idade critica.

O verdadeiro fluxo hemorrhoidal não existe sem tumores; mas os tumores podem existir sem o fluxo. Assim, fazem-se de tempo em tempo turgencias no anus que são sem corrimento de sangue; ás vezes mesmo estas turgencias são periodicas. São *hemorrhoidas seccas*. O desenvolvimento dos tumores, e o seu fluxo, podem ser contínuos, intermittentes e periodicos. As epocas em que se reproduzem as congestões e os fluxos hemorrhoideaes são mui variaveis. Umavez ha só quinze dias de intervallo entre cada ataque, outras vezes o intervallo é de muitos mezes, e até de muitos annos. O regimen, o abuso ou a abstinencia dos excitantes, o repouso ou as fadigas, exercem grande influencia sobre este reaparecimento. As hemorrhoidas podem diminuir pouco a pouco de volume; desaparecer em parte ou em totalidade: fica frequentemente um botão alongado, descorado e murcho.

Complicações. Uma das mais frequentes é a *inflamação* dos tumores hemorrhoideaes. Esta inflamação resulta da demora prolongada das materias feccas no recto, de alguma queda sobre o assento, do uso de alimentação excitante; mas as mais das vezes provém da estrangulação pela abertura anal dos tumores hemorrhoideaes sahidos para fóra. Os doentes quicixão-se então de peso,

calor e ardor na parte inferior do recto; os tumores augmentão de volume, e apresentam uma côr roxa escura; o menor contacto occasiona vivas dôres; o doente não pôde assentar-se. Esta inflamação termina ordinariamente pela resolução. Passados alguns dias, os tumores diminuem de volume, e pouco a pouco entrão no interior do recto.

Diagnosticó. Conhecem-se as hemorrhoidas pela simples inspecção quando são *externas*; a introdução do dedo é necessaria, quando são *internas*. Ha entre as hemorrhoidas e as outras molestias do recto, ou as molestias dos órgãos vizinhos, analogias que ás vezes tornão obscuro o diagnosticó. As molestias que podem ser confundidas com os tumores hemorrhoidaes são outros tumores do anus, do recto ou dos órgãos vizinhos. Taes são as vegetações venereas, os polypos, os abcessos, e o prolapso do recto. Mas, considerando as causas d'estas molestias e a sua origem, comparando-as com os symptomas das hemorrhoidas, descobre-se facilmente a verdade.

Prognostico. O prognostico das hemorrhoidas não é grave, em geral, e até ha casos em que estes tumores podem ser considerados como um beneficio da natureza. Além d'isso, para estabelecer o prognostico de uma maneira completa, é necessario considerar o fluxo, os tumores e as complicações. Entre os tumores, os que são *internos* são mais graves do que os *externos*. Quanto ao fluxo, não é perigoso, se depende de um estado de plethora; mas se a perda do sangue é consideravel, quando o individuo, em vez de ser plethorico, é debil, o prognostico é então serio. É tambem de grande consideração, e autoriza uma operação, quando as hemorrhoidas mui desenvolvidas, ulceradas, fornecem um fluxo sanioso e abundante.

Tratamento. Nos casos ordinarios, quando a dôr não é grande, o tumor pouco volumoso e o fluxo moderado, o doente deve limitar-se a um tratamento mui simples. Algumas bebidas diluentes, taes como a limonada de limão, de laranja, cozimento de cevada ou infusão de linhaça, lavatorios do anus com agua fria, pela manhã e á noite, o cuidado de entreter o ventre livre com clysteres d'agua tepida, um regimen brando, pouco abundante, mais vegetal do que animal, e o repouso, bastão no maior numero de casos. É bom untar o anus com unguento populeão.

As pessoas sujeitas ás hemorrhoidas não devem fazer excessos nas comidas e bebidas; devem sobretudo usar pouco de temperos e de bebidas alcoolicas. Preferirão para seu alimento as carnes brancas, como o frango, a gallinha, a vitella, legumes herbaceos, peixe e fructas; importa muito que tenham o ventre livre. A prisão

do ventre é uma das causas mais proprias para augmentar os soffrimentos dos hemorrhoidarios, pois favoreee as congestões sanguineas da extremidade inferior do recto : e, além d'isto, a passagem das materias endurecidas irrita fortemente os tumores. Os purgantes mais proprios neste easo são : o oleo de rieino, a magnesia ealeinada, a limonada de citrato de magnesia, o cremor de tartaro, o manná, o sal de Glauber. Os trabalhos sedentariõs não convem ás pessoas affectadas de hemorrhoidas. Quando a elles se derem, devem servir-se de cadeiras duras, de palha, e evitar os assentos molles e quentes. No periodo de *congestão* das hemorrhoidas, faça-se uso dos lavatorios com agua fria, tome-se um purgante brando, e applique-se a pomada seguinte :

Galhas em pó	4 grammas (1 oitava)
Banha	30 grammas (1 onça).

Misture.

Se os tumores se *inflammarem*, applicuem-se bichas no anus, depois cataplasmas de linhaça, e observe-se o repouso absoluto. Quando os tumores hemorrhoidaes, sahidos para fóra, se achão estrangulados pela abertura anal, devem ser reduzidos e repellidos para o interior por meio de compressão branda e gradual. Para este fim deita-se o doente com a barriga para baixo, apoiado nos joelhos e nos cotovelos, de maneira que a região anal esteja mais elevada do que os hombros. Então o cirurgião, ou a pessoa que o substitue, unta o tumor com azeite doce, applica por eima um panno de linho, e comprime toda a massa de baixo para cima, até reduzi-la no interior. Esta operação, bem que dolorosa, não deve ser abandonada senão quando fôr evidente que a redução é inteiramente impossivel; mas é raro que não se consiga com grande perseverança e pressões feitas methodicamente. Depois de reduzido o tumor, applica-se sobre o anus uma esponja embebida em agua fria, por eima um ehumaço, e sustem-se tudo com uma ligadura em fórmula de T. (*Veja-se* LIGADURA.) O doente deve evitar toda a especie de esforços, e se o tumor tornar a sahir, deverá immediatamente usar de lavatorios com agua fria, deitar-se de costas, e fazer elle mesmo a nova redução. — Se a redução fôr impossivel, apezar das compressões methodicas, applicuem-se bichas sobre o tumor, ou na região vizinha. Depois de diminuidas de volume, pela sahida do sangue, as hemorrhoidas reduzem-se mais facilmente.

Se o fluxo hemorrhoidal, isto é, o eorrimento sanguineo, fôr tão abundante que debilite o doente, convem veda-lo. Lavatorios com agua fria, clysteres com agua fria misturada com vinagre, introdução no recto de mecha molhada na solução de perchlo-

rureto de ferro a 30 gráus, e a posição horizontal, são os meios proprios para este fim. Se não forem sufficientes, cumpre recorrer ao tampão : introduz-se no interior do recto um panno de linho, e enche-se com fios.

Contra as dôres dos tumores hemorrhoidaes empregue-se o linimento de Buchan; cobre-se a mecha com este linimento, e introduz-se no anus :

Linimento de Buchan.

Unguento populeão.. .	30 grammas (1 onça)
Laudano de Sydenham.	8 grammas (2 oitavas)
Gema de ovo.	Nº 1

Misture.

Se as dôres forem occasionadas por pequenas feridas sobre os tumores hemorrhoidaes, convem toca-las com pedra infernal.

Contra o corrimento branco, que existe ás vezes n'esta affecção, fação-se lavatorios com a solução seguinte :

Pedrahume..	30 grammas (1 onça)
Agua fria	500 grammas (16 onças),

e empregue-se o clyster seguinte :

Copahiba..	15 grammas (1/2 onça)
Gema de ovo ..	Nº 1.
Agua tepida.. ..	120 grammas (4 onças).

É necessario desembaraçar o doente dos tumores hemorrhoidaes por meio de operação, quando formão grande obstaculo á defecação, quando tendem a degenerar; quando, pelas perdas sanguineas que occasionão, enfraquecem muito o doente; quando as dôres que determinão são violentas e tirão o somno: emfim quando estes tumores constituem uma verdadeira molestia e não um incommodo supportavel. As operações que se empregão com preferencia contra os tumores hemorrhoidaes são a excisão e a cauterização.

HEMOSTATICO. Dá-se este nome á substancia medicamentosa propria para vedar o corrimento sanguineo. O melhor hemostatico é a solução de perchlorureto de ferro. Emprega-se mantendo com um pedaço de páo, sobre o lugar do qual sahe o sangue, uma bolinha de fios embebida n'esta solução. A hemorragia das picadas de bichas cessa em alguns minutos, se se proceder d'esta maneira. Os outros hemostaticos são vinagre, pedrahume calcinada, colophonía em pó, pedra infernal.

HEPATITE. Inflammação do figado. *V* Vol. I, p. 1130.

HERA TERRESTRE. *Glechoma hederacea*, Lin. Labiadas. Planta commum na Europa; em Portugal habita nos sitios humidos e sombrios da Beira, Estremadura e outras partes; é cultivada no

Brasil. Fig. 294. Caule reptante; folhas oppostas, cordiformes, longamente pecioladas, crenuladas nas margens, de côr verde escura, assim como os caules no estado fresco, um pouco roxas no estado secco, e amarelladas quando velhas; de cheiro forte, sabor um pouco aromatico; flores purpureas ou azuladas, dispostas em numero de duas a tres na axilla das folhas. As folhas d'esta planta empregão-se como expectorantes nas bronchites. Usão-se em infusão que se prepara com 2 grammas (1/2 oitava) de hera terrestre e uma chicara d'agua fervendo. Tomão-se por dia duas ou tres chicaras, adoçadas com assucar.

HERNIA. *Veja-se QUEBRADURA.*

HERPES. Designão-se com este nóme molestias cutaneas, caracterizadas pelo desenvolvimento de certo numero de vesiculas ou bolhas transparentes, reunidas em grupos sobre uma porção de pelle ou de membrana mucosa vermelha e inflammada. Estes grupos vesiculosos são separados uns dos outros por intervallos em que a pelle ou a membrana mucosa está inteiramente sã. Umaz vezes sem prodromos, outras vezes depois de um ou dois dias de incommodo, apparecem pequenas nodoas vermelhas, acompanhadas ás vezes de vivo ardor. Descobrem-se n'ellas quasi immediatamente pequenas vesiculas cheias de um liquido transparente, mui pequenas, grupadas em numero mais ou menos consideravel.

Passados dois dias o liquido contido n'estas elevações, de citrino torna-se branco, puriforme; depois o pequeno sacco enrugase, abaixa-se no quarto ou quinto dia; forma-se finalmente uma pequena crosta que, depois de cahida, deixa uma marca violacea ou avermelhada.

Taes são os caracteres geraes da molestia; todavia, ella apresenta nas suas fórmaz differenças taes, que foi necessario admittir muitas especies distinctas.

1º **Herpes labial.** Vulgo *Beijos arrebrandos*. Sua séde é nos beijos. Sabe-se que em consequencia das febres e de algumas outras molestias agudas, ou pelo contacto de certas substancias irritantes, desenvolvem-se sobre os labios e á roda da bocca grupos mais ou menos numerosos de vesiculas. Esta erupção é frequentemente critica; não exige grande tratamento. Basta lava-la com



Fig. 294.

Hera terrestre.

agua morna, polvilhar com amido, ou applicar glycerina, cold-cream ou ecroto simples.

2º **Herpes buccal e guttural.** Desenvolvem-se ás vezes na face interna dos labios e das faces, no céo da bocca, e nas favas da garganta, grupos vesiculosos cercados de areola vermelha, acompanhados frequentemente de abundante exsudação, de apparencia de creme de leite. Sobrevem principalmente depois de uma constipação. Os doentes queixão-se de dôr, de calor na garganta, e de difficuldade de engulir. O herpes guttural não póde ser confundido com a aphta, que é uma ulceração solitaria, ao passo que o herpes é essencialmente caracterizado por grupos vesiculosos.

Tratamento. O herpes buccal e guttural combate-se com o gargarejo seguinte :

Agua	500 grammas (16 onças)
Pedrahume.	30 grammas (1 onça)
Mel de abelhas..	60 grammas (2 onças).

Convem tambem tomar um purgante, 30 grammas (1 onça) de olco de ricino, ou 60 grammas (2 onças) de sal de Glauber.

3º **Herpes conjunctival ou ocular.** Aparecem ás vezes na conjunctiva ou na cornea vesiculas isoladas ou reunidas em pequenos grupos. Estas vesiculas podem murchar e resolver-se sem deixar vestigios; mas frequentemente depois da vesicula segue-se uma ulceração, que póde ser superficial ou profunda. No primeiro caso, resulta d'isso só uma cicatriz esbranquiçada, no segundo produz-se uma hernia do iris e sobrevem accidentes ainda mais graves.

O *tratamento* consiste em tocar a superficie ulcerada com pedra infernal ou com pedra lipes, e lavar o olho com o collyrio seguinte :

Sulfato de zinco..	50 centigrammas (10 grãos)
Agua distillada..	120 grammas (4 onças)
Alcool camphorado	15 grammas (1/2 onça).

4º **Herpes dos órgãos genitacs.** Occupa o prepucio ou a glande no homem, os grandes e pequenos labios da vulva na mulher. Distingue-se de qualquer outra affecção, pela existencia sobre um disco ou sobre uma chapa vermelha, de certo numero de vesiculas pequenas, pontudas, pruriginosas. A ulceração, uma vez estabelecida, não póde ser tomada por um cancro venereo, por ser este mais profundo, por ter a superficie cinzenta e endurecida, e as bordas cortadas perpendicularmente. Para curar esta especie de herpes, é preciso usar de banhos e lavatorios frequentes com agua morna, tocar a pequena ferida com pedrahume ou pedra infernal, e polvilhar com amido, ou applicar fios seccos.

5º **Herpes zona, vulgo cobreiro.** Caracterizado por grupos

mais ou menos numerosos de vesículas sobre uma superficie inflammada, e apresentando a circumstancia notavel de se achar a molestia quasi sempre limitada á metade do corpo em fôrma de cinto. *Veja-se* COBREIRO.

6º Herpes circular. Vesículas miudas, aggregadas em fôrma de circulo, commummente expansivo, com a area a principio sã, depois avermelhada, a final casposa. Erupção rapida e successiva, de semelhantes aggregações pela cara, pescoço, etc., até aos pés. Applicar pasta de araroba com vinagre, polvilho, glicerina, ceroto simples. Internamente limonada de limão, de laranja.

7º Herpes variegado ou *Iris herpetico*. Vesículas aggregadas em circulos concentricos, de diversas côres. Situação nas mãos e peito dos pés. — O mesmo tratamento que o do herpes circular.

HERVA DO BICHO, ACATAYA, CATAYA OU CAPETIÇOVA. *Polygonum antihæmorrhoidale*, Martius. Polygoneas. Planta do Brasil. Caule de 1 metro, com numerosos nós, de 3 centímetros de intervallo de um a outro nó; folhas agudas, alternas, de sabor acre, apimentado, sem cheiro notavel; flores terminaes dispostas em espigas. O chá de herva do bicho é reputado estimulante e diuretico; prepara-se com 4 grammas (1 oitava) de folhas de herva do bicho e uma chicara d'agua fervendo. Em clysteres e banhos é remedio popular nas affecções hemorrhoidaes. O *Polygonum acre*, Kunth, goza das mesmas propriedades.

Ha mais duas especies: *Polygonum stypticum*, Cham., e *Polygonum acetosæfolium*. O succo d'estas especies, que é adstringente, emprega-se na diarrhea.

HERVA DOS CACHOS DA INDIA. *Veja-se* TINTUREIRA VULGAR.

HERVA CAPITÃO ou **DO CAPITÃO**, ou ACARIÇOBA. *Hydrocotyle bonariensis*, Lam. Umbellíferas. Pequena planta do Brasil. Caule prostrado, que se arraiga nos diversos pontos d'onde partem as folhas, as quaes são reniformes; sabor acre, cheiro aromatico. O succo, na dóse de 8 a 16 grammas (2 a 4 oitavas), é aconselhado nas obstrucções do figado; em dóse elevada provoca vomitos.

HERVA CIDREIRA ou MELISSA. *Melissa officinalis*, L. Labiadas. Planta cultivada nas hortas do Brasil e de Portugal. Fig. 295. Caule de 60 centímetros a 1 metro, folhas pecioladas, oppostas, bastante grandes, largamente ovadas, um tanto cordiformes na base, de um verde claro na face inferior, de um verde escuro na superior, superficie aspera, crenuladas nas margens, um pouco vellosas; flores de pedunculo curto, brancas; cheiro semelhante ao de limão, sabor aromatico. O chá de herva cidreira

é excitante e antispasmodico; emprega-se nas indigestões, colicas, ataques nervosos e outras muitas molestias. Prepara-se infundindo 3 ou 4 folhas em uma chicara d'agua fervendo.



Fig. 293.

Herva cidreira.

HERVA DE COBRA. *Miconia opifera*, Martius. Synanthereas. Planta trepadeira do Brasil; folhas pecioladas, acuminadas, base cordiforme; flores pediculadas, dispostas em paniculas córymbosas; cheiro aromatico, sabor amargo. O succo espresso é empregado, nas provincias de S. Paulo e Minas, interna e externamente, contra as mordeduras de cobras venenosas; o que é um erro, porque a planta não póde possuir tantas virtudes.

HERVA COLLEGIO, HERVA GROSSA (Rio de Janeiro); SUÇUÁYA, FUMO BRAVO (Minas). *Elephantopus Martii*, Grah. Synanthereas. Planta do Brasil. Caule de 60 centimetros a 1 metro, vellosos, aspero; folhas superiores quasi rentes, onduladas, serreadas, asperas na face superior, tomentosas na inferior; as inferiores oblongas e attenuadas; flores situadas na extremidade dos ramos; raiz amarga, roxa por fóra, branca por dentro. As folhas d'esta planta são emollientes, e são recommendadas em infusão nas bronchites. A raiz

é tónica, e seu cozimento é aconselhado nas febres intermittentes; prepara-se com 8 gram. (2 oitavas) da raiz e 180 grammas (6 onças) d'agua.

HERVA DA COSTA OU MARIA DA COSTA. *Schubertia multiflora*, Martius. Asclepiadeas. Planta do Brasil; habita no Ceará. É venenosa.

HERVA CRUZ. Veja-se ARAPABACA.

HERVA DOCE. Veja-se ANIZ.

HERVA DUTRA. *Miconia martiusiana*. Dec. Melastomaceas. Arbusto do Brasil, muito commum na provincia de S. Paulo. Caule de 3 a 4 metros de altura, folhas oppostas-cruzadas, oblongas,

glabras, acuminadas, ponta obtusa, base um pouco aguda, de 5 centímetros mais ou menos de comprimento, trinervaes, de sabor um pouco adstringente e adocicado. A infusão das folhas é empregada na provincia de S. Paulo contra a diarrhea; usa-se em clysters; prepara-se com 8 grammas (2 oitavas) das folhas e 250 grammas (8 onças) d'agua fervendo.

HERVA DOS FERIDOS. *Veja-se* IMBIRI.

HERVA-FERRO. *Veja-se* CAA-ATAYA.

HERVA GROSSA. *Veja-se* HERVA COLLEGIO.

HERVA MOIRA. *Solanum nigrum*, Linneo. Solanaceas.

Fig. 296. Pequena planta que dá em quasi todas as regiões do mundo; é commum em Portugal; no Brasil foi introduzida pelos Jesuitas, e acha-se ordinariamente perto das habitações. As flores são brancas, reunidas em numero de seis a oito; formão pequenos ramalhetes, aos quaes succedem bagas a principio verdes, depois vermelhas, e emfim quasi negras quando maduras. As folhas são ovaes, sinuosas ou dentadas. Com as folhas d'esta planta preparãõ-se cataplasmas que gozão de propriedades calmantes. As são narcoticas, e pretende-se que tem sobre vindo vertigens e mesmo convulsões a crianças que as comêrão em pequena quantidade.

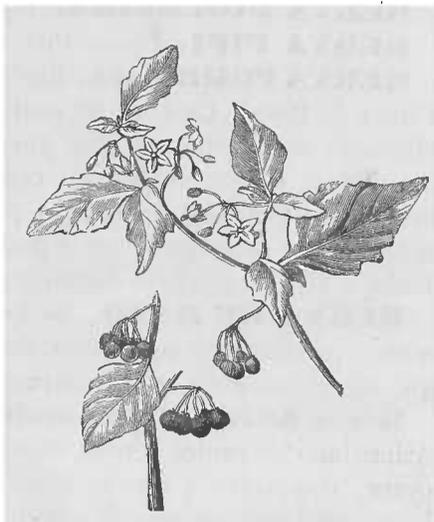


Fig. 296. — Herva moira.

Herva moira do sertão. *Veja-se* PARATUDO.

HERVA MULAR, CURRALEIRA (S. Paulo), PÉ DE PERDIZ, ALCAMPHOREIRA (Minas). *Croton perdicipes*, St.-Hilaire; *Croton anti-syphiliticus*, Martius. Euphorbiaceas. Arbusto do Brasil. Folhas alternas, curtamente pecioladas, lanceoladas, duas vezes desigualmente denteadas; flores dispostas no apice dos ramos em espigas de cerca 8 centímetros de comprimento. As folhas e raizes d'este arbusto são aromaticas, e empregão-se, em infusão, como estimulantes, diureticas e sudorificas. *Dóse* : 4 grammas (1 oitava) das folhas ou raizes para 250 grammas (8 onças) d'agua fervendo. A mesma infusão aproveita em lavatorios nas ulceras. As folhas frescas, piladas, ou seccas e pulverizadas, applicadas externamente favorecem a cicatrização das ulceras.

HERVA DE NOSSA SENHORA. V CIPÓ DE COBRAS.

HERVA DE PASSARINHO (S. Paulo). ENXERTO DE PASSARINHO (Pernambuco). *Loranthus marginatus*, Lam. Loranthaceas. Arbusto que vegeta sobre as outras arvores e de preferencia sobre limoeiros e laranjeiras. Ramos cylindricos, delgados e extensos, casca parda escura; folhas quasi sempre oppostas, ovaes lanceoladas, marginadas por uma linha translucida, algum tanto carnosas; flores axillares, dispostas em racimos, ora solitarias, ora reunidas em grupos de tres e mais; corollas brancas-esverdeadas. O succo das folhas é usado pelo povo nas quedas e affecções do peito.

HERVA PIOLHEIRA. Veja-se PAPARRAZ.

HERVA PIPI. Veja-se PIPI.

HERVA POMBINHA. *Phyllanthus niruri*, L. Euphorbiaceas. Planta do Brasil. Caule de 60 centimetros, mui fino; folhas ovaes, alternas, mui pequenas; flor amarella, esverdeada; fructo com 3 cellulas, e 2 sementes em cada cellula; raiz fusca por fóra, esverdeada por dentro. Toda a planta é diuretica; usa-se em infusão, que se prepara com 4 grammas (1 oitava) de herva pombinha e 250 grammas (8 onças) d'agua fervendo.

HERVA DE RATO. No Brasil ha varias plantas com este nome, pertencentes ao genero *Palicourea*, familia das Rubiaceas, que são venenosas e que se empregão para matar os ratos.

Herva de rato da amarella e verdadeira *Palicourea*.. Arbustinho de caules verdes, escuros; ramos com fôlhas oppostas, ovaes, compridas e duras; flores em cachos, amarellas; fructo, baga reniforme, deprimida, preta, do comprimento de 1 centimetro e 1/2, com dois caroços dentro.

Ha uma variedade de flor branca, outra de flor rôxa, e outra de flor quasi vermelha. Julga-se que a amarella é a mais venenosa.

Herva de rato de Goyaz. *Palicourea noxia*, Martius.

Herva de rato de Minas. *Palicourea nicotianæfolia*, Cham. Arbustinho que vegeta em Minas. Tem as folhas oppostas, ovaes, compridas; as flores em cachos, e os fructos como os dos outros.

Herva de rato de S. Paulo. *Palicourea Marcgraviæ*. St.-Hil. Arbustinho que habita nas provincias de S. Paulo e Rio de Janeiro. Tem os ramos meio quadrangulares, fôlhas oppostas, oblongas; flores em cachos de côr açafroada e vermelha.

Todas estas plantas pertencem á ordem dos venenos narcotico-acres; produzem tremores, perturbação do entendimento e da vista, nauseas, vomitos, diarrhea, syncope e enfraquecimento do pulso. Os fructos pisados e incorporados na banha usão-se para matar os ratos.

HERVA SANTA OU ALECRIM. *Baccharis ochracea*, Sprengel. Synanthreas. Arbusto do Brasil, commum no Rio Grande do sul. Folhas lineares, planas, arqueadas para baixo, inseridas sem ordem sobre os ramos; flores pequenas reunidas em capitulos; ramos tomentosos, bem como a face inferior das folhas; cheiro aromatico, sabor amargo. A infusão das folhas é um estomachico.

HERVA DE SANTA LUZIA. *Euphorbia brasiliensis*, Lam. Euphorbiaceas. Pequena planta que habita nos lugares humidos do Brasil, e especialmente nas provincias do Rio de Janeiro, S. Paulo, Minas, Bahia. Ramos delgados, rasteiros e pubescentes; folhas oblongas, denteadas; flores terminaes dispostas em racimos compostos. Toda a planta contém um succo branco, levemente caustico, que se emprega nas roças contra as belidas dos olhos. Com as folhas fazem-se cataplasmas que se applicão nas ulceras chronicas.

Ha mais outras especies que gozão das mesmas propriedades; são : *Euphorbia cæcorum*, Martius, chamada vulgarmente **Andorinha**; *Euphorbia phosphorea*, Martius, que habita na Bahia.

HERVA DE SANTA MARIA. *Chenopodium ambrosioides*, Lin. Planta que habita espontaneamente no Brasil, Portugal, ilhas dos Açores, Mexico, etc. Em Portugal, chamão-lhe vulgarmente *Herva formigueira*, nos Açores *Usaidella*, nas Alagoas e na Bahia *Matruz* ou *Mentruz*, no Rio de Janeiro *Herva de Santa Maria*.



Fig. 297. — Herva de Santa Maria.

Fig. 297. Esta figura foi desenhada segundo um ramo colhido nos arredores do Rio de Janeiro; representa a metade do tamanho natural. Caule de 1 metro a metro e 1/2 de alto, da grossura de uma penna de escrever : raiz oblonga, amarellada por fóra, branca

por dentro; folhas alternas, compridas, agudas, fortemente denteadas; flor miuda, esverdeada; fructo envolvido inteiramente no calice; sementes mui pequenas, pretas, cobertas de uma casquinha amarella escura, cheiro de toda a planta aromatico e particular.

A herva de Santa Maria goza propriedades vermifugas de uma efficacia incontestavel. Emprega-se frequentemente no Rio de Janeiro contra as lombrigas das crianças.

Dóse : sementes em pó, 8 grammas (2 oitavas). *Infusão* das folhas, 12 grammas (3 oitavas) para 250 grammas (8 onças) d'agua fervendo. *Sumo espresso*, 2 a 4 colheres de sopa.

HERVA DE S. JOÃO ou MENTRASTO. *Ageratum conyzoides*, Linneo; ou *Cacalia mentrasto*, Velloso. Synanthereas. Planta do Brasil. Caule pouco elevado; folhas pecioladas, ovaes-rhomboidaes ou cordiformes, ora agudas, ora obtusas, denteadas; flores reunidas em capitulos quasi globosos, de muitas flores, dispostos em corymbos terminaes, florões azues ou brancos; cheiro aromatico, sabor amargo. Toda a planta é empregada internamente contra as colicas e diarrheas, em fórma de chá, que se prepara com 4 grammas (1 oitava) de folhas e 180 grammas (6 onças) d'agua fervendo; ou externamente em banhos na debilidade dos membros e nas dôres rheumaticas. Estes banhos preparão-se com 1 ou 2 libras da planta, e quantidade sufficiente d'agua quente.

HERVA TOSTÃO ou **Tangaraca**. *Berhavia hirsuta*, L. Nyctagineas. Planta do Brasil. Em Pernambuco chamão-lhe *Brêdo de porco*. Caule rasteiro, roliço; folhas oppostas, ovaes, verdes por cima, esbranquiçadas por baixo; flores mui pequenas, dispostas em corymbos, de côr vermelha amarantina; fructo pequeno, glutinoso, contendo uma só semente; raiz da grossura de um dedo, roxa por fóra, branca por dentro. Toda a planta, e principalmente a raiz, tem sabor picante e algum tanto amargo. A raiz é empregada como diuretico e desobstruente nas molestias do figado; usa-se em fórma de infusão, que se prepara com 8 grammas (2 oitavas) de raiz de herva tostão e 250 grammas (8 onças) d'agua. Esta porção toma-se n'um dia, em duas dôses. A decoção com farinha de linhaça, em fórma de cataplasma, applica-se na região do figado com o mesmo fim.

HERVA ULMEIRA. *Veja-se* ULMEIRA.

HERVA VENENOSA. Nas provincias centraes do Brasil dá-se este nome á *Echites venenosa*, Martius, planta da familia das Apocynaceas, cujo succo é fortemente acre, produz vomitos, desmaios, delirio. O tratamento consiste em dar a beber claras de ovo batidas em agua fria. Em Minas ha grande copia d'esta planta, que é muito prejudicial aos bois e cavallos.

HOMBRO. Parte do corpo humano, desde a axilla até ao pescoço, e d'onde nasce a raiz do braço. As partes osseas que entrão na sua composição são posteriormente a omoplata, e anteriormente a clavícula com a extremidade superior do humero : estes diversos ossos são mantidos por fortes ligamentos, e por musculos numerosos.

MOLESTIAS DO HOMBRO. Trato das deslocações do hombro, no artigo DESLOCAÇÕES. As feridas e as contusões d'esta parte do corpo nada offerecem de especial. (Veja-se *Feridas* em geral, e *Juntas* (Molestias das).

Fractura dos ossos do hombro. As fracturas do humero e da clavícula achão-se descriptas nos artigos FRACTURA DO BRAÇO e da CLAVICULA; a omoplata póde tambem fracturar-se em suas diversas partes em consequencia de pancadas violentas e quedas. Esta lesão, que pouco perigo offerece por si mesma, exige repouso absoluto e o emprego de um apparelho contentivo durante certo tempo. *Veja-se FRACTURAS DA ESPADOA*, vol. I, pag. 1084.

HOMBURG. Aguas salinas chloruretadas frias.

Itinerario de Pariz a Homburg : Estrada de ferro até Homburg mesmo 17 horas. Depeza 78 francos.

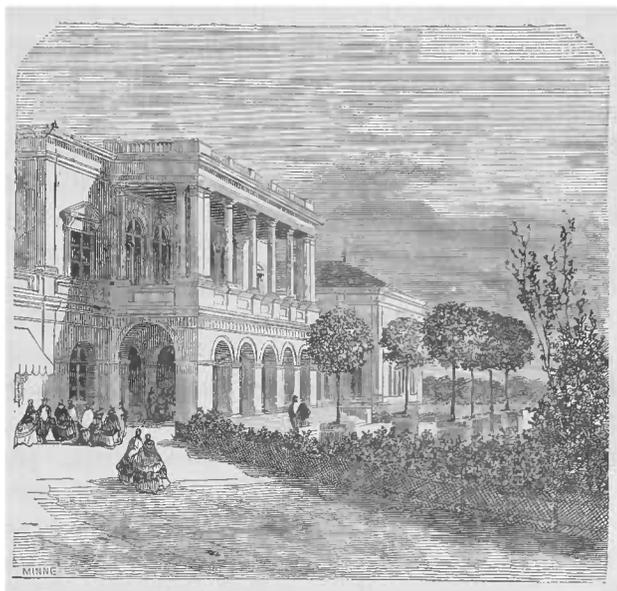


Fig. 298. — Homburg.

Homburg é uma pequena cidade da Allemanha construida sobre a ladeira de uma collina. O seu Kursaal (casa de tratamento) é

um dos mais bellos estabelecimentos d'este genero. Espaçosos salões ornados de columnas de marmore, rica mobilia, bellas pinturas, tudo concorre a tornar esplendido este edificio.

As fontes mineraes, em numero de cinco, são frias. Temperatura de 40° a 42° centigrados. Pertencem á classe das aguas salinas chloruretadas. A mais celebre é a fonte Elisabeth. A agua é clara, limpida; contém por litro 9^s,860 de chlorureto de sodio, 0^s,031 de bicarbonato de ferro, e 1^s,93 de gaz acido carbonico livre. É por esta fonte que se principia o tratamento. O seu sabor salgado não tem nada de desagradavel. Bebida em dóse de tres a quatro copos é purgativa.

Immediatamente depois da fonte Elisabeth, vem a fonte Luiza, que contém mais ferro do que a precedente.

As aguas de Homburg não servem sómente para a bebida; administrão-se em banhos e duchas; servem tambem para a medicação hydrotherapica.

As molestias que se tratão em Homburg com maior vantagem são as affecções das vias digestivas, a dyspepsia, a hypochondria, a anemia, a chlorose; a prisão de ventre. Tomadas pela manhã, na dóse de um a dois copos, estas aguas activão as secreções, e, debaixo da influencia de evacuações moderadas, desembaração a congestão da cabeça. O sitio é aprazivel, os passeios magnificos, as reuniões esplendidas. Transportadas, estas aguas conservão-se bem. Dois copos, tomados de manhã, produzem um effeito brandamente laxativo.

HOMEOPATHIA. Devo prevenir que este artigo, filho das circumstancias, não ha de corresponder um dia á utilidade quotidiana pela qual procuro dar a este dictionario um character de duração. A homeopathia não acharia aqui lugar, se não existisse no publico um desejo momentaneo de satisfazer a curiosidade, e se não me julgasse obrigado a acautelár, ou a desabusar as pessoas nimiamente credulas. Depois d'esta advertencia, lancemos uma vista de olhos sobre a doutrina medica chamada *homeopathia*.

Ha setenta e seis annos que um medico allemão, chamado Hahnemann, concebeo, diz elle, esta nova doutrina por effeitos que experimentou do sulfato de quinina que a si mesmo administrára. Tendo o doutor presentido alguns phenomenos analogos a um accesso de febre, depois de ingerir a preciosa substancia que os faz parar maravilhosamente, antolhou-se-lhe, como um raio de luz que devia revolucionar a medicina, que o remedio mais seguro para curar uma molestia era justamente aquelle que era capaz de produzi-la. Em consequencia d'este principio, todos os vomitos devem ser tratados pelo emetico, as diarrheas pelos purgantes, e

por extensão, sem duvida, a queimadura pelo fogo. Mas não consiste n'isto a singularidade principal da homeopathia. Eis-aqui a maneira pela qual n'este methodo se procede na administração dos medicamentos. Toma-se um grão de uma substancia qualquer, de extracto de aconito, por exemplo, dissolve-se n'um copo d'agua pura, dando-se dez pancadas de alto a baixo, nem mais nem menos de dez; toma-se uma só gotta d'esta solução e põe-se em um segundo copo d'agua pura, favorece-se a mistura mediante outras dez pancadas applicadas da mesma maneira. Repetindo-se esta operação por dez vezes, obter-se-ha uma alteração do grão primitivo : administrando-se então uma gotta d'esta decima mistura a um doente, produzirá ella effeitos extremamente energicos. Incorpore-se da mesma maneira um grão de enxofre com cem grãos de assucar, o que eleva o remedio á centesima *potencia*; ajuntando-se depois 1 grão d'esta mistura a 100 grãos de assucar, o enxofre fica elevado a uma potencia 10,000 vezes mais forte do que no começo; e assim por diante, de mistura em mistura, chega-se successivamente até á *decima*, da qual se administra um grão por dia ao doente. Todos os outros medicamentos homeopathicos preparam-se pela mesma fórma. Hahnemann não explica por que motivo uma tão pequena dóse de substancia possui tão grandes propriedades; acreditai n'isto, mas não indagai. Refere elle grande numero de exemplos d'esta actividade espantosa das doses infinitamente pequenas. « Um maniaco, victima de afflicções terriveis, tencionava suicidar-se, quando lhe fizerão respirar um atomo de pó de ouro homeopathico. Immediatamente tornou-se de humor alegre, recobrou a razão e a saude. » (*Organon de Hahnemann*, pag. 370.)

A camomilla, planta pouco activa, e que muitas pessoas usão como chá, torna-se tambem um agente poderoso nas mãos dos homeopathas. Se alguém tomar um atomo homeopathico d'esta substancia, apresentará (segundo Hahnemann) os symptomas seguintes : « Vertigem, fallando ao cabo de dezeseis horas; vertigem depois de tomar o seu café; fonte esquerda inchada e dolorosa ao cabo de seis horas : prurido na pelle da testa; estremecimentos na orelha direita; vontade de comer repolho crú, etc., etc. »

Taes são os pontos principaes d'este systema, hoje considerado como ridiculo. Senhores homeopathas, vós suppondes que determinais artificialmente uma molestia analoga á que existia naturalmente, e que a substituis á primitiva, na persuasão de que ella durará menos. A isto vos responderemos : Os medicamentos que escolheis, a dóse infinitamente dividida cujo emprego recomen-

dais, nada absolutamente podem produzir. Nós negamos que façais sobrevir um accesso de febre com um globulo de sulfato de quinina, um cancro venereo com um atomo de mercurio, etc., outrosim que cureis estas molestias pelos mesmos meios. Se o emprego d'estas imperceptiveis fracções tem causado ás vezes mudanças immediatas e sensiveis, é pelo simples effeito da imaginação; e quem ignora o seu poder?

Esta doutrina, entretanto, tem achado partidarios. « O grande segredo dos charlatães em medicina, diz um autor, consiste em repetir de contínuo que curão todas as molestias, até aquellas que se reputão incuraveis. Elles podem assoalhar todas as ineptias que lhes vierem á cabeça : o homem que soffre não vê, não ouve senão uma cousa, a promessa de uma cura certa; depois de enganado dez ou vinte vezes, nem por isso é menos accessivel á illusão. »

Podem, com effeito, citar-se algumas curas homeopathicas; mas estas pretendidas curas serão facilmente explicadas quando se souber que a dieta representa uma grande parte no tratamento homeopathico; esta dieta é o principal agente das curas, a natureza faz o resto. Não se vêem todos os dias muitas molestias cedem pelos meios mais simples, sem medicamento algum?

Pórem, se a hemeopathia é inoffensiva no tratamento de muitas molestias nervosas que sárão por si mesmas ou com remedios muito simples, não se póde dizer o mesmo do seu effeito nas molestias que exigem um tratamento activo e approvedo pela experiencia de muitos seculos : n'estes casos a homeopathia tem feito grande damno á humanidade.

A Academia de Medicina de Pariz, a do Rio de Janeiro, e outras Sociedades sabias; tem reprovado a homeopathia. Direi para a justificação d'este systema o seguinte : Nas sociedades primitivas, homens superiores não se pejárão de recorrer á impostura para inculcarem crenças e praticas que julgárão salutaes; pergunto se, sob fórmas artificiosas e um pouco fantasticas, o doutor Hahnemann não teria tido a ambição secreta de restaurar a medicina expectante, que consiste em nada prescrever aos doentes, limitando-se a actuar sobre o moral, e a regular as circumstancias hygienicas?

HORDEOLO. *Veja-se TERÇOL.*

HORTELÃ (*Mentha*). Genero da familia das Labiadas, contém plantas herbaceas quasi vivaces, de talos angulosos, levando pequenas flores monopetaes recortadas em 4 lobos e dispostas em anneis ou em espigas. Habitão em differentes sitios do Brasil e de Portugal, ou se cultivão em jardins por causa do seu cheiro aroma-

tico e agradável. Ha muitas especies de hortelã; as mais communs são : HORTELÃ SELVAGEM (*Mentha sylvestris*), HORTELÃ AQUATICA (*Mentha aquatica*), que habitão nos lugares humidos; HORTELÃ-PIMENTA (*Mentha piperita*), HORTELÃ VERDE (*Mentha viridis*), HORTELÃ CRESPA (*Mentha crispa*), HORTELÃ DE FOLHAS REDONDAS OU MENTHASTRO (*Mentha rotundifolia*), HORTELÃ POEJO (*Mentha pulegium*).

Hortelã pimenta. *Mentha piperita*, Linneo. Fig. 299. É originaria da Inglaterra; cultiva-se nos jardins. Os seus caules são avermelhados, glabros ou guarnecidos de pellos mui raros, folhas de côr verde escura, pecioladas, ovaes agudas, denteadas, flores purpureas, formando espigas na extremidade dos caules; cheiro aromatico, sabor amargo camphorado, deixando na bocca uma frescura mui notavel. A planta, depois de secca, conserva o mesmo cheiro. Este cheiro é devido á presença de um oleo essencial abundante, contido nas pequenas glandulas que se achão na espessura das folhas, e que se distinguem facilmente olhando atravez das folhas. A hortelã pimenta é antispasmodica, tonica e excitante; provoca a transpiração. Usa-se em fórmula de chá nas dôres rheumaticas, defluxos, colicas, vomitos espasmodicos e como vermifugo. Este chá prepara-se com tres ou quatro folhas da planta e uma chicara d'agua quente. — O oleo essencial, que se extrahе da hortelã, emprega-se na confeição das pastilhas ou para aromatizar grande numero de licores. Este oleo ou essencia é uma das melhores preparações para aromatizar a agua com a qual se lava a bocca.



Fig. 299.

Hortelã-pimenta.

As outras especies de hortelã, mencionadas no principio d'este artigo, gozão das mesmas propriedades, porém menos pronunciadas, do que a hortelã-pimenta.

Hortelã brava. Veja-se PARACARY.

HOSTIA. Veja-se PÃO AZYMO.

HUMERO. Osso do braço; é mui longo e forte; occupa o espaço comprehendido entre a esp^{ma} e o cotovelo. Notão-se-lhe um corpo e duas extremidades. O cõrpo do humero é cylindrico. A extremidade superior é arredondada e conhecida pelo nome de *cabeça do humero*; uma parte estreit^{ma} e muito curta a supporta, é o *collo* (pescoço). A extremidade in^{ra}rior do humero apresenta

indo de fóra para dentro : o condylo que se articula com o radio, uma *crista* encaixada no radio e cubito, a *trochlea* ou moutão, recebida na cavidade sigmoide do cubito. Adiante está uma fossa destinada a receber a apophyse coronoide do cubito, quando se dobra o antebraço; atraz acha-se outra maior, para alojar a apophyse olecranea do mesmo osso, quando elle se estende.

HYDARTHROSE. *Veja-se* HYDROPSIS DA JUNTA.

HYDATIDA ou ACEPHALOCYSTO. Dá-se este nome a vesiculas transparentes, sem cabeça, sem bocca nem órgãos digestivos, do tamanho de uma ervilha ou de uma cereja, situadas no figado, no baço, nos rins, no cerebro, no tecido cellular, etc. Estas vesiculas ou saquinhos são cheios de um liquido transparente no qual nadão pequenos grãos esbranquiçados, apenas visiveis, que são uns vermes chamados *echinococos*.

É ás vezes impossivel reconhecer as hydatidas desenvolvidas no interior dos órgãos, mas quando ellas formão um tumor bastante grosso para levantar a pelle sem mudar sua côr, e quando este tumor indolente, fluctuante, dá ao dedo que o bate uma sensação especial de ruido elastico, póde-se estar certo da sua presença. As hydatidas podem ser eliminadas espontaneamente pela pelle, pelas membranas mucosas, ou ficarem estacionarias nos órgãos cercandose de uma membrana fibro-cartilaginosa e calcarea que faz cessar para sempre o seu desenvolvimento, de maneira a formar um corpo estranho que o organismo tolera, pouco mais ou menos.

Tratamento. Contra as hydatidas que formão um tumor acessivel á mão, não ha outra cousa a fazer senão a punção com um trocate capillar para fazer morrer os echinococos; ou a abertura do tumor com o bisturi ou por meio das applicações causticas. Aberto o tumor, praticão-se-lhe no interior injeccões com agua de Labarraque, ou com tintura de iodo diluida em agua,

HYDRIODATO DE POTASSA. *Veja-se* IODURETO DE POTASSIO.

HYDROCELE. Chama-se hydrocele um tumor do escroto formado pela agglomeração da serosidade na tunica vaginal, membrana que envolve o testiculo. Este tumor é oval, igual, molle, sem dôr, e transparente; a transparencia póde verificar-se pelo auxilio de uma luz posta atraz do escroto. Quando a molestia é antiga, a tunica vaginal torna-se mais espessa, e o tumor perde a transparencia. As causas desta affecção em geral são incertas: julga-se que as contusões e as pancadas e o máo commodo do cavallo podem desenvolvê-la. Esta molestia não é grave; mas é muito incommoda: o tumor augmentando de volume, attrahe a pelle do membro viril, de sorte que este apenas apparece e fica

privado de preencher as funções da geração. O tratamento do hydrocele é especialmente cirurgico. Depois de evacuada a serosidade por meio da punctura, injecta-se no interior da tunica vaginal um liquido irritante, tal como o vinho quente, a tintura de iodo diluida em agua, etc., para produzir uma inflammação que tem por effeito fazer adherir as paredes do sacco em que se acha o liquido. A cura é tanto mais certa quanto mais cedo se pratica esta operação; pois que, quando o hydrocele é antigo, a tunica vaginal torna-se dura, e é mais difficil reunirem-se suas paredes uma á outra. Outra razão ha para que o doente se determine a recorrer aos socorros da arte logo ao principio da molestia, e vem a ser que o liquido que constitue o hydrocele irrita continuamente o testiculo, e faz com que este orgão augmente de volume : esta causa póde até produzir a desorganização do tecido; é preciso, por consequente, destrui-la o mais cedo possivel.

Ha ainda outra especie de hydrocele, e vem a ser aquella que procede da accumulção de serosidade no tecido cellular subcutaneo das bolsas; sobrevem nos hydropicos, e acha-se então ligado a outra molestia; observa-se tambem nas crianças fracas ou tratadas com pouco asseio, e ás vezes nos adultos. Esta molestia é pouco grave; e quando não depende de outra affecção, cura-se mediante a applicação de chumaços embebidos em agua salgada, ou em agua vegeto-mineral.

HYDROCEPHALO ou AGUA NA CABEÇA. *Veja-se* HYDROPSISIA DA CABEÇA.

HYDROCHLORATO DE AMMONIACO. *Veja-se* AMMONIACO.

HYDROCHLORATO DE OURO. *Veja-se* OURO.

HYDROCOTYLE ASIATICA. *Hydrocotyle asiatica.* Lin. Umbelliferas. Planta herbacea, empregada em Pondichery contra a lepra, syphilis, escrophulas; na ilha Mauricia contra a morphea. Habita nos lugares humidos da India. São as folhas e a raiz que são empregadas. A raiz é rude, carnosa, cinzenta. Fresca, a planta tem só o cheiro herbaceo; secca, tem cheiro viroso e particular. Emprega-se interna e externamente. Para bebida a dóse é de 30 grammas (1 onça) para 4000 grammas d'agua, que se reduzem á metade pela decoção. Este *cozimento* toma-se em tres doses por dia. *Pó* da planta secca, dá-se na dóse de 8 a 30 grammas (2 oitavas a 1 onça). O *cozimento* emprega-se tambem em lavatorios.

HYDROPATHIA. *Veja-se* HYDROTHERAPIA.

HYDROPERICARDIO. *Veja-se* HYDROPSISIA DO CORAÇÃO.

HYDROPHOBIA. *Veja-se* RAIVA.

HYDROPHTHALMIA. *Veja-se* HYDROPSIA DO OLHO.

HYDROPSIA EM GERAL. Dá-se o nome de *hydropisia* a todo o derramamento de serosidade em uma cavidade qualquer do corpo, ou no tecido cellular subcutaneo. Quando o tecido cellular de todo o corpo está cheio de serosidade, como uma esponja embebida d'agua, a molestia toma o nome de *anasarca*; e se esta *hydropisia* se limita a uma só região, chama-se *edema*, ordinariamente *inchaço*; a que occupa o ventre denomina-se *ascite*, ou vulgarmente *barriga d'agua*: o nome de *hydropisia do peito* é reservado á da cavidade das pleuras, etc.

Causas. As causas capazes de produzir a *hydropisia* são numerosas. O frio humido e o temperamento debil predispõem a este genero de affecção. A alimentação insalubre ou insufficiente, a ingestão de bebidas frias, estando o corpo suado, as paixões vivas da alma, a tristeza, uma vida sedentaria e desoccupada, a supressão subita de algumas erupções cutaneas, taes são as causas frequentes das *hydropisias*. O estado de gravidez é ás vezes acompanhado de *hydropisia* dos membros inferiores, e até do ventre, proveniente da compressão das veias pelo utero mui dilatado; cessa depois do parto. Em um grande numero de convalescenças que succedem ás molestias longas, observa-se, principalmente de tarde, a inchação dos pés. Este leve accidente é produzido pela fraqueza geral e pela frouxidão da circulação do sangue nas extremidades. Á proporção que os doentes recobram as forças, a inchação desaparece. As molestias de que resultão mais frequentemente as *hydropisias*, são as febres intermitentes, as inflammções chronicas do figado e baço. As evacuações sanguineas mui copiosas, as hemorrhagias abundantes podem tornar-se causa da *hydropisia*. Esta molestia succede ás vezes ás febres eruptivas, e principalmente a escarlatina. Mas não ha molestias que sejam acompanhadas tão frequentemente de *hydropisia* como as affecções organicas do coração.

Prognostico. O prognostico das *hydropisias* depende de grande numero de circumstancias; não é possível, por conseguinte, estabelecer-lo de uma maneira geral. Esta molestia cura-se mui frequentemente, e ás vezes até espontaneamente, por suores ou ourinas abundantes; mas tambem se reproduz com a maior facilidade.

Tratamento. O tratamento das *hydropisias* consiste, em geral, no emprego dos meios proprios para determinarem as secreções derivativas, taes como os purgantes, os diureticos e os sudorificos. Todos os medicamentos que compõem estas tres classes são empregados. Na *hydropisia* do ventre, quando a accumulção da serosi-

dade é abundante, as paredes abdominaes parecem ser ameaçadas de ruptura, e se a difficuldade da respiração fôr excessiva, é preciso recorrer á punção. Esta operação cura ás vezes, e allivia sempre. Havia outr'ora grande receio de se prescrever bebidas aos hydropicos ; hoje todos os medicos estão bem convencidos de que é exagerado o medo de augmentar por bebidas abundantes a quantidade da serosidade derramada. Quando a hydropsia depende da lesão organica do coração ou de alguma outra viscera, o tratamento deve ser dirigido contra esta ultima effecção.— Depois d'estas generalidades, examinemos cada uma das hydropsias em particular.

Hydropsia das articulações. V HYDROPSIA DAS JUNTAS.

Hydropsia da cabeça ou AGUA NA CABEÇA. Como o nome indica, esta molestia consiste na accumulacão d'agua na cabeça ; em medicina chama-se *hydrocephalo*. A quantidade do liquido varia de algumas colheres a um quartilho e mais. Esta molestia, umas vezes, principia quando a criança se acha ainda no seio materno, outras vezes declara-se depois do nascimento.

Causas. A verdadeira causa da accumulacão d'agua na cabeça é um mysterio. Notarão entretanto os medicos que ha algumas circumstancias que podem considerar-se como causas que predispõem para esta molestia, e dependem ou da mãe ou da criança. Assim, quando a mulher grávida experimentar frequentes emoções, pezares profundos, sustos que lhe perturbão vivamente a alma, quando tiver durante a prenhez molestias mui graves, quando lhe existirem no utero muitas aguas, quando se espartilhar demasiadamente por faceirice ou para esconder o seu estado, como se vê nas mãis solteiras, que dão nascimento a maior numero de crianças hydrocephalas do que as casadas ; quando a mulher fôr unida a um homem esfalfado pela idade ou pelos excessos, tudo isto póde predispôr a ter criança com agua na cabeça. Outras vezes a causa da molestia depende da mesma criança. Assim, independentemente do vicio de organizacão, a agua na cabeça póde ser ocasionada pela denticão, pela presenca de lombrigas nos intestinos, pela suppressão subita da crosta lactea (vulgarmente ozagre), e por quedas na cabeça.

Symptomas. Um dos principaes signaes d'esta molestia é o augmento do volume, e a fórma particular da cabeça. Este augmento de volume da cabeça nem sempre existe, e por isso a molestia chamada agua na cabeça distingue-se : 1º na em que a cabeça é mais volumosa ; 2º na em que ella conserva o seu tamanho.

1º Quando o volume da cabeça augmenta, a physionomia tem um aspecto mui singular, pois o craneo é grande, em quanto que o rosto conserva o volume ordinario, Tem-se visto recem-nascidos

cujo cranco apresentava 40, 50 e até 80 centímetros de circumferencia. Os olhos muitas vezes são vesgos. O sentido do ouvido, mui fino, no começo, perde pouco a pouco a sensibilidade e acaba por desaparecer completamente. É preciso fazer muita bulha para que os hydrocephalicos possam ouvir. A intelligencia a principio é mui desenvolvida em algumas crianças, mas diminue á medida que a molestia faz progressos, e enfraquece de tal maneira, que a criança nada mais entende; não falla, solta unicamente um ruido particular.

2º Quando a *agua na cabeça* existe sem augmento de volume do cranco, este é ordinariamente pontudo no apice, deprimido nas partes lateraes; os olhos estão em movimento contínuo e insensíveis á luz; a physionomia tem a expressão de estupidez; a voracidade d'estas crianças é grande, mas a digestão faz-se mal; as excreções das materias fecaes e as ourinas são involuntarias; a voz consiste n'um som fraco e rouco. Estas desgraçadas crianças não tem a menor apparencia de razão, e constituem um dos mais tristes quadros das miserias humanas.

Prognostico. O prognostico da agua na cabeça é gravissimo; no maior numero de casos esta molestia termina-se pela morte; as curas são raras, entretanto tem-se observado algumas.

Tratamento. Os medicamentos que se empregão para curar a agua na cabeça são os mesmos que os indicados nas outras especies de hydropsias: taes são os purgantes, os diureticos, os tonicos, os calomelanos, as fricções mercuriaes no pescoço, os causticos na nuca, etc.

O tratamento *preservativo* é cousa mais importante. Convem respeitar as erupções que se observão na cabeça de muitas crianças, limitar-se ás applicações emollientes, e abster-se de pomadas irritantes que possam recolher estas molestias. Releva que se evitem as pancadas e quedas. As crianças que tem a cabeça grande, a intelligencia mui precoce, devem ser educadas com muita cautela. Não se lhes cultive muito cedo o espirito; é preciso poupa-las em seus estudos, e não lhes forçar a intelligencia.

Hydropsia do coração OU AGUA NO CORAÇÃO. Molestia que consiste na accumulção de serosidade na cavidade do sacco membranoso que envolve o coração, e chama-se *pericardio*. A hydropsia do coração designa-se em medicina com o nome de *hydropericardio*. A quantidade de serosidade que se acha n'esta molestia á roda do coração varia de 60 a 200 grammas. A côr ás vezes imita a da agua; porém quasi sempre é um pouco esverdeada ou amarella.

Causas. A hydropsia do coração procede, no maior numero de casos, das molestias do coração ou das lesões das principaes veias

e arterias que communicão com este orgão. As outras causas da hydropsia do coração são : pancadas sobre o lado esquerdo do peito, interrupção da transpiração, abuso dos licores alcoholicos, suppressão de hemorragias habituaes, paixões violentas, taes como a ambição e seus tormentos, o ciume, os pezares, etc.

Symptomas. O enfermo sente uma especie de fluctuação na região do coração, um peso n'esta mesma região; respira difficilmente, e quando quer tomar uma posição horizontal, acha-se ameaçado de suffocação; ás vezes desmaia, raramente tem palpitações; o pulso é fraco, frequente e ás vezes irregular. Em alguns casos, quando o derramamento seroso é consideravel, o lado esquerdo do peito é mais elevado que o direito. Frequentemente inchão os pés, e ás vezes nota-se uma leve inchação na parte anterior, e do lado esquerdo do peito. A percussão sobre o lado esquerdo do peito dá um som massiço. O ouvido applicado sobre este lado do peito, percebe os ruidos do coração pouco evidentes e que parecem distantes; ás vezes não se percbe ruido algum. — A duração d'esta molestia é indeterminada.

Tratamento. Os remedios que se empregão contra esta molestia são os mesmos que os indicados na hydropsia em geral. São : diureticos, sudorificos, digital, nitro, scilla, causticos no peito, e purgantes.

RECEITUARIO CONTRA A HYDROPSIA DO CORAÇÃO.

- | | |
|--|-----------------------|
| 1º Extracto de digital. | 2 grammas (40 grãos). |
| Faça 20 pilulas. Para tomar uma pilula, 3 vezes por dia. | |
| 2º Extracto de scilla. | 1 gramma (20 grãos) |
| Extracto de zimbro. | 1 gramma (20 grãos). |
| Faça 20 pilulas. Para tomar uma pilula, 3 vezes por dia. | |

Hydropsia da junta ou **Hydarthrose**. Dá-se este nome ao derramamento, á accumulção anormal de serosidade n'uma junta.

Causas. Estes derramamentos são de duas especies : uns formão-se rapidamente e são acompanhados de phenomenos inflammatorios intensos : são hydarthroses *agudas* que resultão das quédas, pancadas e outras causas da inflammção da junta; outras formão-se lentamente, são estas as hydarthroses *chronicas*; desenvolvem-se sob a influencia de um resfriamento, de morada em habitações humidas, da blennorrhagia urethral. Todas as juntas não são affectadas de hydarthrose com um gráo igual de frequencia : em primeira linha vem o joelho, depois o hombro, o cotovelo, o punho, o pé, etc.

Symptomas. A hydarthrose apresenta-se debaixo da fórma de um tumor molle ao nivel da articulação, circumscripto de todos os lados pelos limites da membrana synovial, de volume variavel.

Este tumor, de fôrma desigual, está apertado nos pontos em que existem ligamentos espessos; mais saliente nos pontos em que os tecidos são extensíveis; esta disposição torna-se sobretudo apparente na hydarthrose do joelho, onde a inchação apresenta duas proeminencias mui notaveis de cada lado da rotula. O tumor é molle e fluctuante; a pelle que o cobre não apresenta alteração. Em geral os movimentos da junta achão-se conservados.

Tratamento. A hydarthrose aguda deve ser combatida com cataplasma de linhaça ou de fecula, e com a poção seguinte :

Agua .	150 grammas (5 onças)
Tartaro emetico.	20 centigrammas (4 grãos)
Xarope simples.	30 grammas (1 onça).

Misture. Para beber duas colheres *de sopa*, de 2 em 2 horas.

Esta poção produz vomitos e evacuações alvinas. No dia, em que d'ella usar, o doente só tomará caldos de gallinha, por todo o alimento.

O tratamento da hydarthrose chronica compõe-se dos meios seguintes :

1º Fazer fricções seccas com a mão sobre a articulação affectada.

2º Comprimir a articulação com tiras de emplasto adhesivo ou com atadura.

3º Apply o emplasto seguinte :

Gomma ammoniaco..	60 grammas (2 onças)
Vinagre commum	8 grammas (2 oitavas).

Misture.

4º Apply panno molhado na solução seguinte :

Sal ammoniaco	4 grammas (1 oitava)
Agua	60 grammas (2 onças).

5º Estender sobre a junta com pincel uma ou mais camadas de tintura de iodo.

6º Apply um ou mais causticos volantes na junta.

Em quanto dura o tratamento, o doente pôde fazer alguns movimentos da junta, excepto se o exercicio occasionar dôres, ou produzir phenomenos inflammatorios. Se a hydarthrose resistir a estes diversos tratamentos, não ha mais outra cousa a fazer do que evacuar o liquido e modificar a vitalidade das paredes da membrana synovial, de modo a oppôr-se á reproducção do derramamento. A operação executa-se da maneira seguinte: Faz-se a punção no tumor com um trocate; espreme-se cuidadosamente o humor pelo canudo do instrumento, e injecta-se na junta o liquido preparado segundo a receita seguinte :

Agua .	40	grammas
Iodo.	5	grammas
Iodureto de potassio . . .	10	grammas

Misture em gral de vidro o iodo com o iodureto e ajunte a agua. Deixa-se o liquido durante alguns minutos, depois evacua-se e mantém-se a junta immovel até desapparecerem os phenomenos inflammatorios que resultão da injeccão. Obtiverão-se muitas curas mediante esta operação.

Hydropsia do olho ou Hydrophthalmia. Moléstia que depende do augmento excessivo dos humores do olho: este orgão adquire maior volume e dureza do que no estado natural, pôde até fazer proeminencia fóra da orbita, e então as palpebras não o cobrem. A pupilla dilata-se, torna-se quasi immovel, e a vista perde-se pouco a pouco; sobrevem ás vezes insomnia, dôres no fundo da orbita, inflammação do olho, e sua ruptura.

Causas. As contusões do globo ocular, as ophthalmias que dependem das bexigas, da escarlatina e das outras affecções agudas da pelle, são as causas occasionaes mais frequentemente observadas. Vem depois a suppressão dos menstruos, das hemorrhoidas; enfim, a hydrophthalmia pôde declarar-se, como muitas outras molestias, sem causa conhecida.

Tratamento. Convem administrar repetidos purgantes, e fazer fricções á roda do olho com pomada mercurial. Appliquem-se no olho saquinhos com plantas aromaticas, taes como alfazema, alecrim, salva, absinthio, hortelã. Internamente administrem-se tonicos, taes como o vinho de quina, o ferro reduzido, a infusão de lupulo. Quando a hydrophthalmia, chegada ao ultimo periodo, determina accidentes graves, é preciso praticar uma punção do olho para evacuar o humor aqueo.

Hydropsia dos ovarios. Os ovarios são dois corpos ovoides, achatados, do comprimento de 3 a 5 centimetros, da largura de 1 a 2 centim., situados no interior da bacia da mulher, um de cada lado do utero. Os ovarios podem ser affectados de hydropsia, a que se dá o nome de *hydropsia do ovario*, ou *kysto do ovario*.

Causas. Os kystos do ovario desenvolvem-se n'um orgão que apresenta no estado normal um grande numero de pequenos kystos ou vesiculas. As mulheres de qualquer idade podem ser affectadas d'esta moléstia, porém mais especialmente na idade de trinta a cincoenta annos. O desenvolvimento da moléstia foi precedido ás vezes de uma quédã sobre o lado do ventre, de uma contusão da parede abdominal, de abortos, ou de inflammações do utero. A hydropsia do ovario mostra-se igualmente nas mulheres que tiveram muitos filhos, e nas que nunca estiverão gravidas.

Symptomas. Os kystos ovaricos eausão, a principio, dôr surda e permanente n'uma das regiões lateraes e inferiores do ventre, eerta sensação de incommodo e de peso na nadega e na coxa eorrespondentes. Passado certo tempo mostra-se, na parte lateral e inferior do ventre, um tumor pequeno, circumscripto, arredondado, elastico, indolente ou doloroso, mobil. Este tumor oocupa ás vezes a linha mediana; em outros easos inelina-se para o lado opposto áquelle onde se originou.

Á proporção que o tumor faz progressos, o ventre torna-se mais duro e elevado do lado correspondente ao kysto; é molle nos outros pontos; mas este signal não é constante. Ás vezes, com effeito, o ventre estira-se regularmente nos diferentes pontos de sua extensão. N'esta época verifica-se faeilmente, apalpando, que existe no ventre um tumor circumscripto, oocupando um espaço mais ou menos vasto, e no qual pôde sentir-se a fluetuação applicando-se uma das mãos em um dos lados do ventre e percutindo-se com a outra a parte opposta. Este tumor muda de lugar nas diversas attitudes da doente, quando ainda não adquirio um volume mui consideravel.

As mais das vezes existem irregularidades na menstruação; a concepção é possível, excepto se os dois ovarios estão occupados por kystos, mas o aborto é frequente. Bem que a saude continue a ser boa, observão-se em certos casos vomitos, appetites extravagantes, picadas e tumefacção dos seios, signaes que fazem suppôr uma gravidez ineipiente. Quando o tumor adquire um volume enorme, a compressão que exêree sobre os orgãos vizinhos determina desarranjos na digestão, inehação dos membros inferiores, difficuldade na excreção das ourinas.

Marcha e terminações. Os kystos serçosos do ovario podem ficar estacionarios durante muitos annos, sem incommodarem notavelmente as doentes. Augmentão mais rapidamente de volume nas mulheres de vinte a trinta annos do que nas mulheres comprehendidas entre os quarenta e cincoenta annos. Já se lhe notou a desaparição espontanca, e esta desaparição eocincidio com a excreção copiosa das ourinas ou eom a diarrhea abundante.

Prognostico. Os kystos ovaricos constituem sempre uma affecção grave. Se em alguns casos, com effeito, não exercem influencia na saude, ha muitos outros em que compromettem a existencia da mulher, quer por seu desenvolvimento rapido, quer pelos accidentes que produzem.

Tratamento. 1º *Tratamento palliativo.* Quando o kysto tomou certo desenvolvimento, e se exercer uma pressão incommoda sobre a parede abdominal, sustenha-se o ventre com cinta. Se o kysto se

inflamar, combata-se a inflamação com bichas e cataplasmas de linhaça. Se se formar abcesso, abra-se com o bisturi ou com a potassa caustica. A difficuldade de urinar, que se mostra no curso d'esta affecção, desaparece pela simples posição horizontal; fallando este meio, recorra-se á sonda. Se o kysto tomou um volume bastante consideravel para produzir accidentes de suffocação, cumpre recorrer á *puncção*. Pratica-se esta operação com um grosso trocate que se faz penetrar na região antero-lateral do ventre, ao nivel do ponto o mais saliente do tumor. Depois da puncção, o liquido reproduz-se com maior ou menor rapidez, e, passado algum tempo, é necessario repetir a operação.

2º *Tratamento curativo*. Fizerão-se tentativas para curar radicalmente os kystos ovaricos sem operação sangrenta: forão empregados os purgantes repetidos, as fricções com pomada de iodureto de potassio, a compressão feita methodicamente sobre o tumor.

Os meios cirurgicos comprehendem:

a. A *puncção* seguida de uma injecção irritante no interior do kysto. Forão empregadas particularmente as *injecções com a tintura de iodo*. Este modo de tratamento foi julgado diversamente pelos cirurgiões da nossa epoca. Resulta de uma estatistica apresentada á Academia de medicina de Pariz pelo Dr. Velpeau, que em 94 operações d'este genero praticadas pelos cirurgiões francezes, houverão 30 mortes e 64 curas. É, pois, de todos os methodos de cura radical o menos perigoso, e por consequente é a elle que se deve dar a preferencia.

b. *Extirpação do kysto*. Contão-se 28 curas em 60 operações. D'onde se conclue que a hydropsia do ovario não é uma molestia tão grave para fazer correr á doente os riscos de uma operação mui perigosa.

Hydropsia do peito ou **Agua no peito**. Accumulação de serosidade no sacco membranoso que envolve os pulmões: os medicos dão a esta molestia o nome de *hydrothorax*.

Causas. Esta molestia é muitas vezes consequencia de um pleuriz. Póde tambem depender de um obstaculo na circulação no coração e nos pulmões, de certas alterações do sangue, da desapareção subita de rheumatismo, gota, alguma erupção cutanea. Em certos casos sobrevem depois dos sarampos, da escarlatina, ou resulta de uma febre intermittente prolongada, póde acompanhar tambem o estado de enfraquecimento geral designado debaixo do nome de *anemia*.

Symptomas. A quantidade de serosidade póde chegar a muitos quartilhos. Quando a colleção serosa é pouco consideravel, o doente sente apenas um leve embaraço na respiração; mas se o

derramamento é abundante, e sobretudo se occupa ambos os lados do peito, a ancía é grandissima, e o doente vê-se obrigado a estar sentado na cama, Quando a hydropisia existe só de um lado, o doente deita-se do lado affectado, afim de permittir se dilate completamente o que ficou são. Pouca ou nenhuma é a tosse, secca ou acompanhada de uma expectoração sem caracteres particulares; o pulso está umas vezes febril, outras natural. Medindo-se os dois lados do peito, póde-se ver que o que está affectado da hydropisia acha-se mais dilatado do que o outro, por pouco consideravel que seja a colleccção serosa; mas este signal perde muito do seu valor se ambos os lados estiverem affectados ao mesmo tempo. Percutindo-se o peito, obtem-se um som massiço no ponto correspondente ao liquido derramado; e, applicando o ouvido no peito, nota-se um enfraquecimento do murmurio respiratorio, se a hydropisia é pouco consideravel. Na hydropisia que enche toda a cavidade da pleura, o lado doente acha-se dilatado, fluctuante no espaço intercostal, dá um som massiço em toda a sua extensão, não deixa mais ouvir o murmurio respiratorio. Quando ao applicar-se o ouvido no peito, se manda fallar o doente e se escuta o ecco da voz, ouve-se o som normal muito modificado. Esta modificação consiste na resonancia exaggerada da voz, que é aspera, tremula, como a da cabra : chamão-lhe *egophonia*.

Tratamento. Funda-se o tratamento do hydrothorax nos mesmos principios que os das outras hydropisias. Os diureticos, taes como a digital, a scilla, o nitro, o acetato de potassa, são os medicamentos mais uteis; vem depois os purgantes, e principalmente a jalapa, a escamonéa, o oleo de croton tiglium. A estes remedios ajuntão-se com vantagem os causticos no peito. Tem acontecido que os meros esforços da natureza produzirão a cura da hydropisia do peito : quasi sempre n'este caso a absorpção espontanea da serosidade foi acompanhada de transpiração abundante, de grande evacuação das ourinas ou de expectoração excessiva. Quando, apesar de todos os esforços da arte, o derramamento é tão consideravel que ameaca o doente de suffocação, deve empregar-se como ultimo recurso a operação, que consiste em furar o peito para dar sahida ao liquido.

Hydropisia do tecido cellular. *Vêja-se ANASARCA.*

Hydropisia do ventre ou **Barriga d'agua.** Chama-se *hydropisia do ventre, barriga d'agua* ou *ascite*, á accumulção de serosidade na cavidade do ventre.

Causas. Esta molestia é ordinariamente occasionada pelas moléstias do coração, do figado, do baço, dos rins, pelos obstaculos produzidos na circulação do sangue das principaes veias do ventre ;

mas sobrem igualmente sem alteração organica apreciavel, após evacuações sanguineas abundantes, nos individuos fracos que vivem n'uma atmospheria fria e humida, em lugares mal arejados, nos homens que tem profissões sedentarias. A barriga d'agua pôde sobrevir depois das febres intermitentes, affecções escorbúticas e supressão subita de dartros extensos.

Symptomas. Seja qual fôr a causa da barriga d'agua, eis-aqui os signaes que denotão esta molestia. O ventre incha, e torna-se pouco a pouco mui volumoso; a pelle estira-se e fica luzidia; e se, applicando-se uma das mãos n'um lado do ventre, se bater com a outra no lado opposto, sente-se distinctamente a onda ou o movimento do liquido, que vem tocar a parede do ventre sobre a qual a primeira mão se acha applicada. A fórma do ventre muda conforme a posição que o doente toma na cama; o liquido dirige-se sempre para o lado sobre o qual o doente se deita; se fôr de costas, o ventre fica chato no centro e proeminente dos lados. À medida que a accumulacão de serosidade augmenta, a respiracão torna-se difficil; e este incommodo é tanto maior, quanto mais o doente se conserva na posição horizontal: a difficuldade de respirar diminue se o doente se assentar. A pelle de todo o corpo fica secca, a sêde é muito intensa, as ourinas poucas; o doente emmagrece: este estado augmenta cada vez mais.

Prognostico. A morte não é consequencia inevitavel da hydropsia do ventre. Esta molestia sara muitas vezes pela evacuação abundante das ourinas, ou por diarrhea, suores excessivos que sobrem espontaneamente, ou são provocados pelos medicamentos. Dura ao menos de um a dois mezes; prolonga-se ás vezes por muitos annos.

Tratamento. Os medicamentos empregados para curar a hydropsia do ventre pertencem a estas tres classes: sudorificos, diureticos e purgantes. Entre os primeiros indicarei as infusões quentes de sabugueiro, o acetato d'ammoniac, os banhos d'agua quente e os de vapor. Entre os diureticos, isto é, os medicamentos que provocão a secreção das ourinas, citarei a scilla, digital, colchico, parietaria, cainca, zimbro, nitro; e entre os purgantes, os calomelanos, jalapa, coloquintidas, gomma-gutta; aloes. Ajuda-se a acção d'estes remedios com sinapismos que se applicão nas diversas partes do corpo, e com causticos. A agua, as bebidas aqueas podem ser permittidas: os doentes devem satisfazer a sêde, e é um erro, em que já ninguem acredita, que os liquidos ingeridos possuão augmentar a massa da serosidade da hydropsia.

Emfim, quando a accumulacão da serosidade se torna mui

consideravel, quando a difficuldade de respirar é excessiva, convem praticar a punção do ventre. Esta operação cura ás vezes, e allivia sempre; prolonga e torna supportaveis os dias do doente. A quantidade do liquido extrahida do ventre pela punção é mui variavel : é raramente menor de quatro a cinco quartilhos; póde ser de trinta até quarenta. Faz-se a punção com um trocate guarnecido de uma canula de prata, introduz-se este instrumento n'um dos pontos do ventre em que se não achão nem veias, nem arterias, nem orgãos importantes. Depois de furado o ventre tira-se o estylete, e deixa-se a canula pela qual sahe o liquido. Finda a operação, aperta-se o ventre com uma toalha. Esta compressão impede o desmaio, e póde obstar á volta da hydropsia, ou ao menos retardar-lhe os progressos.

Eis-aqui as receitas dos medicamentos que mencionei n'este artigo contra a hydropsia do ventre.

Pilulas contra a hydropsia.

Scilla.	10 centigrammas (2 grãos)
Digital..	10 centigrammas (2 grãos)
Ecamonéa..	10 centigrammas (2 grãos).

Faça 1 pilula, e como esta mais 35. Tomem-se 3 por dia.

Outras pilulas contra a hydropsia

Coloquintidas.	10 centigrammas (2 grãos)
Gomma-gutta.	10 centigrammas (2 grãos)
Calomelanos..	5 centigrammas (1 grão).

Faça 1 pilula, e como esta 17. Tomem-se 3 pilulas por dia.

Outras.

Colchico..	10 centigrammas (2 grãos)
Extracto de zimbro.	20 centigrammas (4 grãos).

Faça 1 pilula, e como esta mais 35. Dóse : 4 a 8 pilulas por dia.

Outras.

Extracto de cainca.	10 centigrammas (2 grãos)
Digital em pó.	5 centigrammas (1 grão).

Faça 1 pilula, e como esta mais 35. Dóse : 3 a 6 pilulas por dia.

Pós diureticos.

Nitro..	10 centigrammas (2 grãos)
Scilla.	5 centigrammas (1 grão)
Canella ..	5 centigrammas (1 grão).

Faça 1 porção, e como esta mais 35. Tomem-se 3 a 6 porções por dia n'uma chicara de infusão de parietaria.

Vinho diuretico.

Vinho branco generoso.	2000 grammas (64 onças)
Casca de Winter	30 grammas (1 onça)
Casca exterior de limão.	30 grammas (1 onça)

Quina em pó	15 grammas (1/2 onça)
Angelica..	15 grammas (1/2 onça)
Scilla	5 grammas (4 escropulos)
Bagas de zimbro.	5 grammas (4 escropulos)
Macis	5 grammas (4 escropulos)
Losna .	1 gramma (20 grãos)
Herva cidreira.	1 gramma (20 grãos).

Macere a banho-maria por 24 horas, mexendo de vez em quando; cõe com expressão, e filtre por papel. Deite o licor em garrafas, e tape estas exactamente. *Dóse* : Duas a quatro colheres de sopa por dia.

HYDROTHERAPIA. Esta palavra significa o tratamento das molestias pela água. Muitos autores, para designarem o mesmo modo de tratamento, empregão a palavra *hydropathia*. Este methodo de tratar as molestias foi introduzido em 1829 por Priessnitz, medico veterinario de Graefenberg, pequena aldêa da Silesia pertencente á Austria. Consiste este methodo na administração d'agua fria em abundancia, quer internamente, quer externamente, combinada com um meio sudorifico energico, fricções prolongadas, exercicio quasi incessante, regimen simples e um ar vivo e puro.

O tratamento hydrotherapico administra-se em estabelecimentos particulares, que existem em differentes paizes, debaixo da direcção de medicos especiaes. A agua fria, momentaneamente applicada sobre a pelle, actua sobre o systema nervoso, faz contrahir e depois dilatar o systema capillar, e augmenta assim a temperatura da pelle. Da acção exercida sobre o systema nervoso pelo frio, e da reacção operada pelo systema dos vasos capillares, dependem os bons resultados da hydrotherapia. As pessoas que não experimentão reacção não obtem nada de bom d'este methodo curativo. A agua de rio na estação quente não é bastante fria para o tratamento hydrotherapico; sua temperatura é então de 20 grãos centigrados, pouco mais ou menos. Serve só a agua de 10° a 12° centigrados; sem isso não ha acção nem reacção sufficiente.

A hydrotherapia principiou a ser empregada em 1829; desde esta epoca passou por muitas modificações. Compõe-se hoje das praticas seguintes :

Affusão. É a mais simples das praticas da hydrotherapia, e póde fazer-se em casa. Sentado o doente em uma banheira vazia, recebe sobre os hombros e sobre o corpo o conteudo de um balde d'agua fria, depois enxuga-se rapidamente, dá um passcio apressado durante um quarto de hora para obter a reacção, e volta á casa para almoçar.

Lençol molhado. Ao sahir da cama, envolve-se o doente rapidamente com um lençol molhado previamente torcido; o criado esfrega-lhe as costas, o peito, as nadegas e os membros durante tres ou quatro minutos. Quando o lençol principia a aquecer-se, tira-o, e substitue-o por um lençol secco de panno grosso, torna a fazer vigorosamente a fricção, e não cessa senão depois de bem enxuto e bem aquecido o corpo. Este meio é excellente, se se obtiver a reaeção.

Cueiro humido. N'uma cama guarnecida de um cobertor de lã estende-se um lençol molhado sufficientemente espremido, e envolve-se com elle o corpo nú do doente. Põem-se-lhe por cima tres ou quatro cobrtores de lã. Depois de aquecido o corpo, o que exige vinte minutos, pouco mais ou menos, tira-se o cueiro, e administra-se o banho de emboreação ou mette-se o doente na piscina.

Cueiro secco. O cueiro secco faz-se como o cueiro humido, sem lençol molhado, com dois cobrtores de lã. Põem-se por cima tres cobrtores de lã, durante um tempo variavel, até á transpiração. Dá-se depois ao doente o banho de emboreação ou mette-se na piscina.

Emborcações ou duchas. Depois de aquecido o doente por um banho de estufa seeea, ou pelo cueiro secco, eonduz-se á emborcação de chuva, que cahe durante um minuto sobre as espaldas e sobre o corpo, estando a cabeça coberta com uma toalha dobrada em muitas dobras para proteger o cerebro. Durante o tempo que dura a emboreação de chuva, empregão-se as duchas lateraes para tocarem as pernas e os pés. Querendo-se operar sobre o figado ou sobre o baço, é sobre estas regiões que devem ser dirigidas as duchas. Ha tambem *duchas em círculo*, que se dão por meio de um aparelho especial, de uma guarita, na qual se colloca o doente. No momento desejado, milhares de esguichos d'agua concentricos, sahidos de canacs circulares postos uns em cima dos outros, vem bater contra o corpo e produzem n'elle uma acção revulsiva consideravel.

As *duchas em ondas* administrão-se n'uma piseina, na qual o doente vem receber uma enorme quantidade d'agua, debaixo da fórma de onda lançada com força nas costas ou nas cadeiras. Aqui, como em muitos outros processos de hydrotherapia, a percussão do corpo pela emborcação vem ajuntar-se á acção da agua fria, cujo poder ella augmenta.

Os *semicupios d'agua corrente* são banhos de assento tendo no interior milhares de pequenos buracos, pelos quaes esguichão outras tantas espadanas d'agua destinadas a bater contra as nade-

APPARELHOS HYDROTHERAPICOS

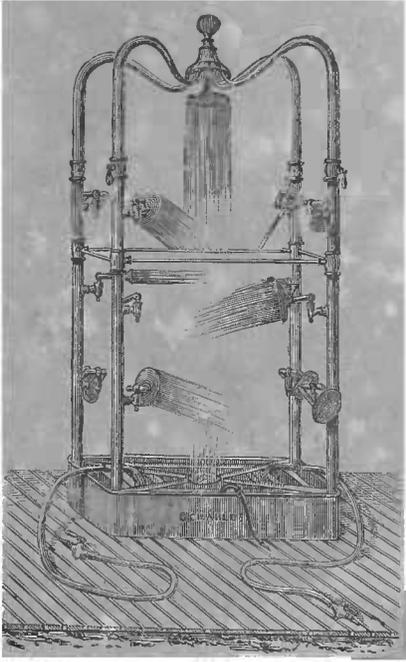


Fig. 299 (a).

Duchas horizontaes, lateraes e verticaes.



Fig. 299 (b).

Duchas em fôrma de huva.

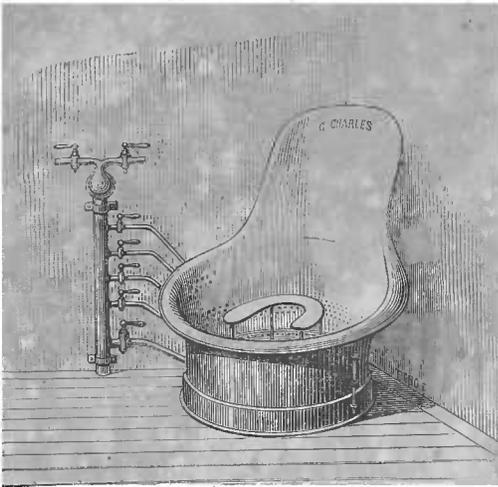


Fig. 299 (c).

Ducha em semicupio.

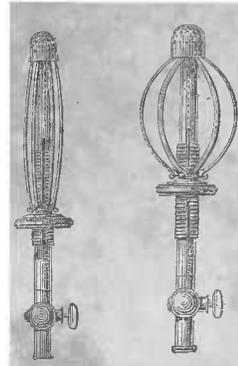


Fig. 299 (d).

Feixe de esguichos d'agua para a ducha vaginal.

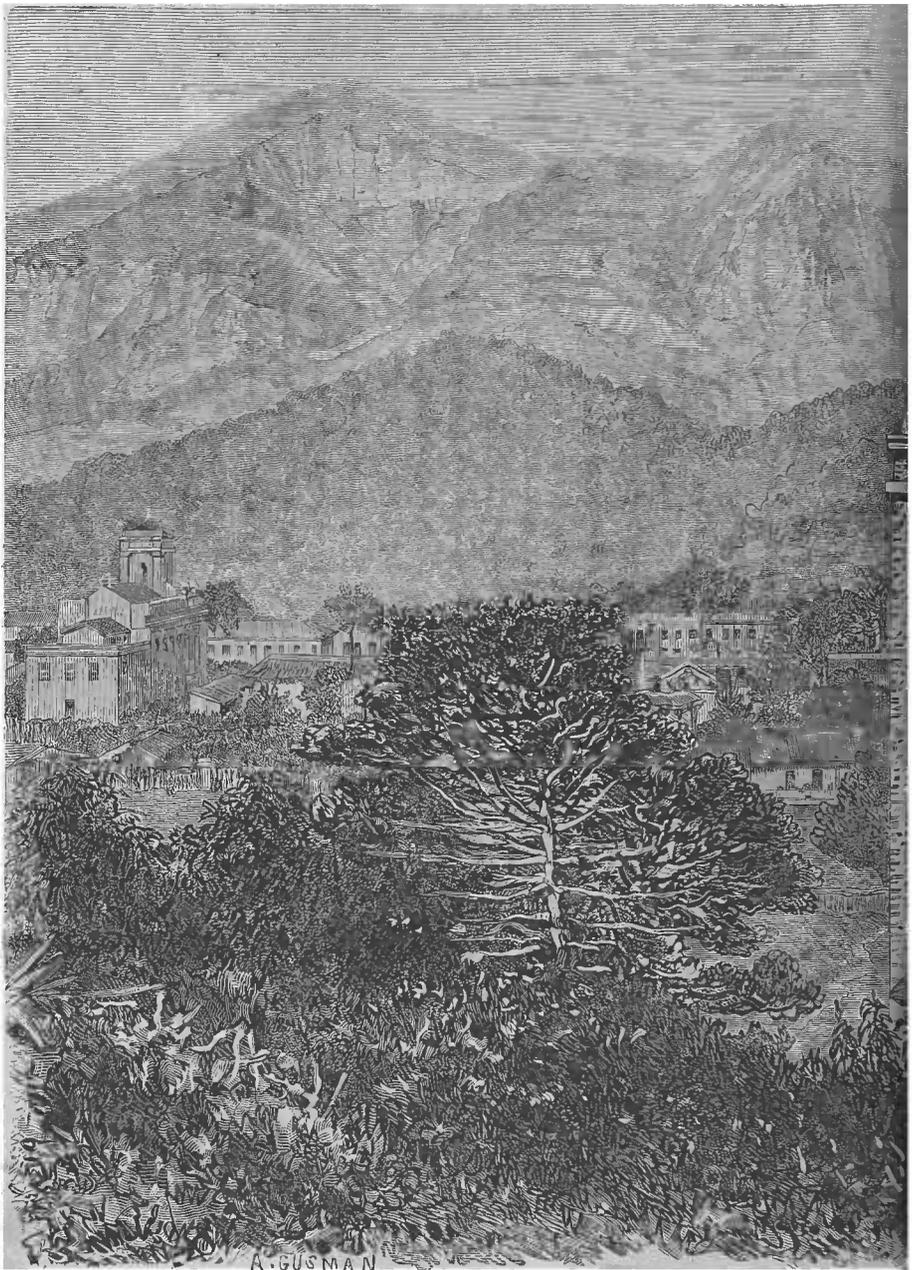


Fig.

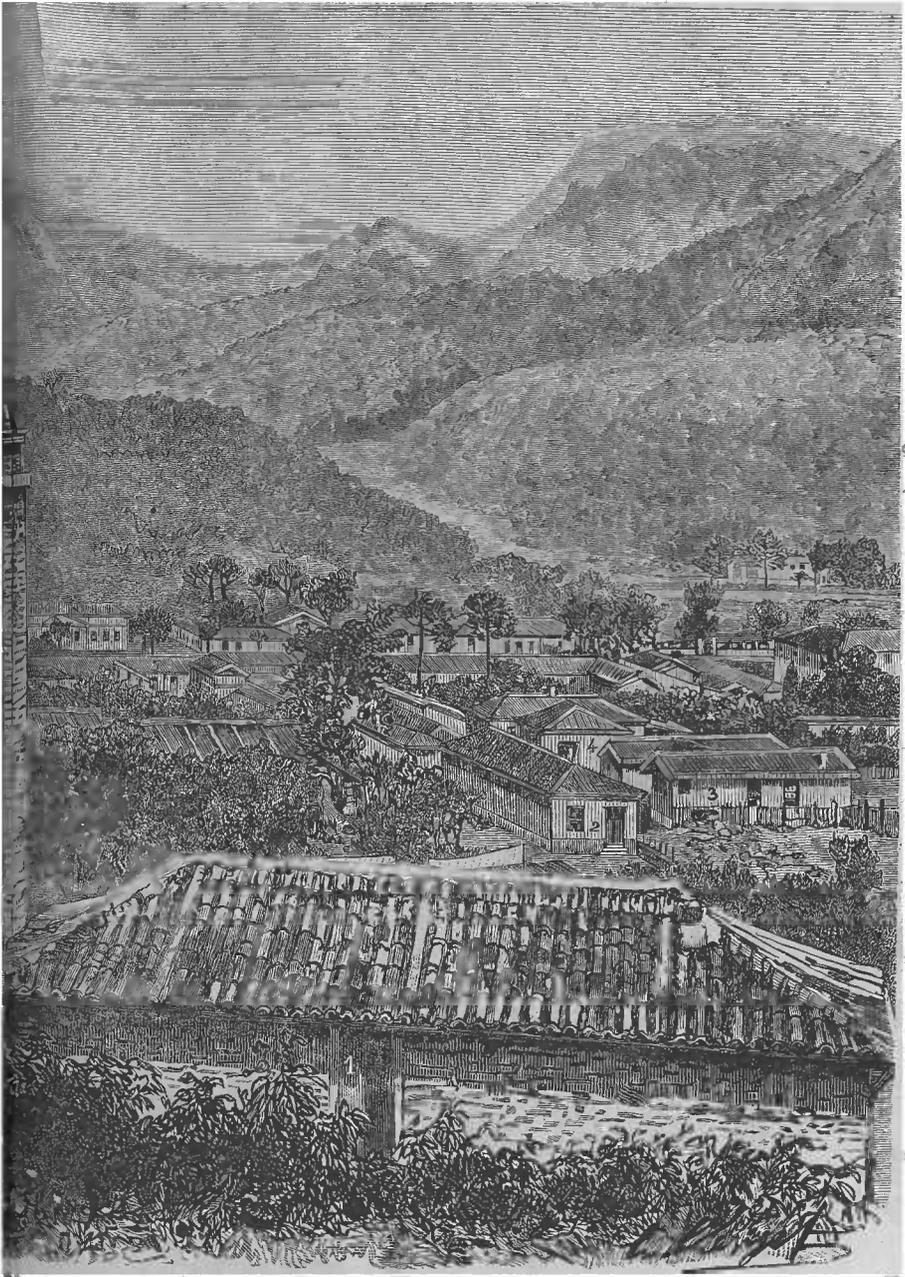
VISTA, SEGUNDO A PHOTOGRAPHIA, DO ESTABELECIM

1 — Casa de tijolo que contém os depositos d'agua fria, uma maquina de refrigerar a agua, uma maquina de vapor para movê-la, um deposito d'agua para as duchas escossezas, e um filtrador da agua.

2 — Estabelecimento hydrotherapico de 45 palmos (9 metros 90 centimetros) de largura e 160 palmos (35 metros 20 centim.)

de comprimento. Comprehe para senhoras e outra para hom sala das duchas, em cujo cel administrarem as duchas; e 8^o em separado os apparatus hyd

3, 4, 5, — Chaletes e cas



HYDROTHERAPICO EM NOVA-FRIBURGO (BRASIL).

...las de recepção, sendo uma
quartos vestiarios; a grande
acha uma tribuna para se
grandes lateraes, contendo
tipicos.
na aposento dos doentes.

O resto da vista representa uma parte da villa de Nova Fri-
burgo.

O estabelecimento está bem montado, dirigido por dois ins-
tuidos meditos, e acha-se situado n'um clima temperado e mui
salubre.

APPARELHOS HYDROTHERAPICOS

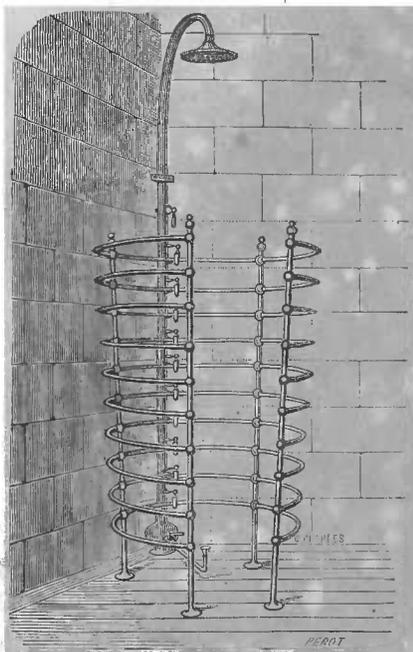


Fig. 299 (f).
Ducha em circulo.



Fig. 299 (g).
Ducha rectal.

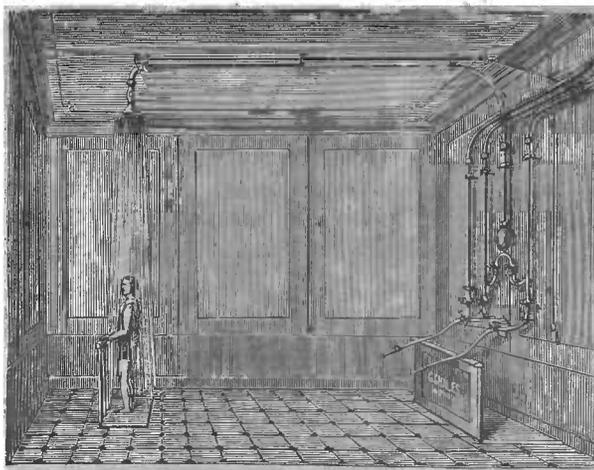


Fig. 299 (h).
Sala de duchas n'um estabelecimento hydrotherapico.

Estes aparelhos constroem-se na fabrica de Jorge Charles,
rua de Bièvre, 10, em Pariz.

gas, contra a parte superior da coxa e as partes genitales. É o processo de hydrotherapia mui conveniente para as affecções chronicas do utero.

Ducha vaginal. Ha duchas, tendo $1/2$ centimetro a 1 centimetro de orificio, que se dirigem para a vagina durante cinco a dez minutos. É um excellento remedio contra as flores brancas, nevralgias e descida do utero.

Ducha rectal ascendente. Por meio de um apparelho especial em fórma de cadeira de retrete, a hydrotherapia lança no recto uma columna d'agua consideravel de 12 a 20 grãos centigrados, que sobe no colon, enche-o até ao intestino ceco, expulsa todas as materias, e reanima a contractilidade extincta d'estas partes. É um excellento meio que se emprega, duas ou tres vezes por semana durante dez minutos, em certas prisões de ventre.

Uso interno d'agua fria. A agua fria na temperatura de 8 a 10 grãos centigrados, ingerida na dóse moderada, 6 a 8 meiocopos em 24 horas, exerce acção tónica, estimulante, sobre o tubo digestivo; produz diarrhea nos individuos impressionaveis. Na dóse de 10 a 15^o pequenos copos provoca secreção abundante da bilis e da ourina. Convem aos gotosos, aos que padecem de areias, do figado, de hemorrhoidas. Pelo contrario, as pessoas opiladas, as escrophulosas, supportão mal o uso interno d'agua fria. Em geral, é com preferencia pela manhã e em jejum que se deve beber agua fria. No principio, cumpre limitar-se a 2 ou 3 copos em 4 ou 6 dóses, fazer exercicio entre cada dóse, e deixar, depois de cada comida, um intervallo de tres ou quatro horas. Se a tolerancia se estabelecer, póde augmentar-se o numero das dóses até 10 ou 15 copos por dia; mas é raro que se chegue a este numero.

Termo médio, bastão 4 a 6 copos por dia, deixando entre cada dóse meia hora de intervallo. Sobrevindo diarrhea, administrão-se algumas gottas de laudano.

Exercicio ao ar livre. Os doentes, antes de se submeterem á agua fria, devem andar durante algum tempo para se aquecerem, e depois de cada pratica hydrotherapica devem ainda dar um passeio para activar a reacção e para torna-la duravel. Se o andar for impossivel, suppre-se esta falta por meios artificiaes. A necessidade da reacção espontanea é de rigor; não podendo obter-se, cumpre cessar o tratamento hydrotherapico e recorrer a outros agentes. O tratamento hydrotherapico, applicado inopportuna-mente, ou sem discrição, póde ter consequencias funestas.

Regimen alimentario. Deve variar segundo as circumstancias, mas em geral uma alimentação substancial sem exageração é neces-

saria ao maior numero dos doentes. O vinho não será proscripto systematicamente.

Molestias tratadas ordinariamente pela hydrotherapia. Varião os efeitos da hydrotherapia segundo o modo de applicação, a temperatura da agua, a fórma debaixo da qual é administrada, e a combinação de diversos processos. Conforme estas circumstancias a hydrotherapia póde ser sedativa, antiphlogistica, tonica excitante, etc.

As molestias que se tratão ordinariamente pela hydrotherapia são : albuminuria, amenorrhœa ou falta de menstruação, ankyloses falsas, asthma, ataxia locomotriz, atrophia muscular, bronchite chronica, carie dos ossos, caimbras, catalepsia, congestões pulmonares (disposição ás), constituição delicada, constituição hemorrhagica, consumpção, diabetes, digestões lentas, dôres osteocopas, dôres rheumaticas, engurgitamentos do baço, do figado, das glandulas lymphaticas, enteralgia, enxaqueca, escorbuto, escrophulas, esfalfamento nervoso, fastio, febres intermittentes, flores brancas, fraqueza da bexiga, do estomago, dos intestinos, gastralgia, gota, hemorrhagia uterina, hemorrhoidas, hydarthrose, hypochondria, hysterismo, impotencia, insomnia, lumbago, melancolia, menstruação difficil, metrite chronica, molestias nervosas diversas, nephrite chronica, nevralgias diversas, nevroses, opilação, palpitações nervosas, papeira, paralyrias, polluções, prisões de ventre, rachitismo, rheumatismo articular ou muscular, rizejas articulares, sciatica, syphilis constitucional, tísica incipiente, torcicollo, tumores brancos (certos), ulceras inveteradas, vomitos nervosos, etc.; em geral, as molestias chronicas em que é preciso restabelecer as forças da economia.

HYDROTHORAX. *Veja-se* HYDROPSIS DO PEITO.

HYGIENE. A hygiene é a parte da sciencia medica que ensina a conservar a saude; dá aos doentes e aos homens são os preceitos necessarios para a escolha dos alimentos e bebidas, as regras que se devem seguir no exercicio, banhos, somno, paixões, trabalhos intellectuaes, etc.; ensina e evitar as cousas nocivas e a fazer bom uso das uteis. Todas estas materias são tratadas em diferentes artigos d'esta obra.

A hygiene está ao alcance de todos os homens, com tanto que se queirão submeter ás suas prescripções. Com effeito, observar a sobriedade, a temperança; exercer igualmente e em justos limites o corpo e o espirito, conservar quanto seja possivel a serenidade e a tranquillidade da alma, eis em resumo todas as regras da hygiene.

Hygiene da criança recém-nascida. *Veja-se* PARTO.

Hygiene da mulher. *Veja-se* GRAVIDEZ, AMAMENTAÇÃO, MENSTRUAÇÃO.

Hygiene das pessoas idosas. *Veja-se* IDADE.

Hygiene dos litteratos. *Veja-se* PROFISSÕES.

Os outros artigos d'esta obra, que tem principalmente relação com a hygiene, são : AR, DESINFECCÃO, EPIDEMIA, MIASMAS, HABITAÇÃO, ALIMENTOS, BEBIDAS, CARNE, FRUCTAS, TEMPEROS, EXERCICIOS, BANHOS, IDADE, SOMNO, etc., etc.

O Sr. Dr. Rodrigues de Gusmão publicou em Lisboa no anno de 1862 uma *Summula de preceitos hygienicos* que foi approvada, para uso das escolas, pelo Conselho de instrucção publica de Portugal. Eis-aqui alguns extractos d'este excellente opusculo :

Fluidos que nos cercão. 1º O ar, a luz, o calor são indispensaveis para a conservação da saude.

2º O ar deve ser puro, e para o purificar é mister renova-lo muitas vezes, e afastar para longe as materias animaes, ou vegetaes, que se acharem em estado de putrefacção. — 3º Nas escolas, por estarem os meninos apinhados em salas pouco espaçosas o ar acha-se muito viciado. Se não fôr durante as horas das lições, por causa do frio, ao menos no intervallo que ha entre a lição da manhã e a da tarde, devem os Professores mandar abrir as janellas das escolas. — 4º O ar que se respira depois do pôr do sol, nos lugares humidos e pantanosos, é causa, muitas vezes de febres com accessos mui perigosos. — 5º O ar mais puro, e mais salu-tifero é o da manhã, depois de nascer o sol. — 6º A luz é um dos estímulos proprios, directos e immediatos da pelle; é a causa principal da côr, que apresenta este órgão, e torna activas as funcções. — 7º Assim como os vegetaes privados de sufficiente luz perdem a côr, o cheiro e o sabor, tambem as crianças, que morão em ruas onde não dá o sol, ou ao réz da calçada, e em ruas estreitas, onde o sol, raras vezes penetra, são fracas, descorodas, e sujeitas a molestias escrophulosas. Poderão occorrer, em parte, aos inconvenientes de semelhantes habitações, passeando, durante o dia, nas praças, caes, e outros lugares bem alumíados.

Materias que se applicão ao corpo. 8º Os vestidos destinados a proteger-nos contra o calor, frio e humidade, devem ser asseíados, e variar segundo as estações, a idade, o sexo, tanto na materia, como na côr e fórma.

9º As camisas de algodão são preferiveis ás de linho. — 10º É perigoso o uso de collarinhos, gravatas e ligas demasiadamente apertadas, que comprimindo o corpo perturbão as mais essenciaes funcções da vida, e com especialidade a circulação e respiração. — 11º Tambem importa evitar os apertos do calçado, que deve ser com-

modo e macio. — 12º Os banhos são necessários para a conservação da saúde. Os banhos nunca se devem tomar senão tres ou quatro horas depois das comidas. Os banhos demasiadamente quentes podem ser mui nocivos. Os banhos frios devem ser de mui pouca duração, quando não se puder nadar. — 13º O banho frio deve tomar-se estando o corpo bem descansado, e por nenhum modo em quanto está suado, e com a pelle mui quente. Deve-se sahir do banho, antes que um segundo tremor ou estremecimento venha substituir a agradável impressão que se sente depois do primeiro calefrio, ou estremecimento experimentado no acto de entrar na agua. — 14º Os vestidos molhados devem mudar-se logo que seja possível, enxugando além d'isso a pelle, para tirar toda a humidade, sem que haja evaporação. É muito prejudicial deixar seccar a roupa no corpo, ainda que seja expondo-se a uma corrente de ar, ou á acção de um calor artificial. — 15º As partes expostas ao contacto do ar, como o rosto e as mãos, devem ser lavadas todos os dias, e muitas vezes segundo as circumstancias.

Alimentos e bebidas. 16º O homem deve nutrir-se de uma mistura de substancias vegetaes e animaes em proporção quasi igual. Um regimen quasi exclusivamente vegetal, ou animal, prejudica a saúde. — 17º É util interromper, por intervallos, o regimen habitual; porque uma dieta uniforme predis põe a determinadas enfermidades. São, por consequencia muito salutaes, as prescripções da Igreja catholica sobre os jejuns da Quaresma, Temporas, Vigilias, etc. — 18º Os alimentos devem variar segundo os climas, as estações, as idades, os sexos, e estado de saúde dos individuos. — 19º Segundo as mesmas circumstancias deve estabelecer-se o regimen alimentar, regulando o numero das comidas, e estabelecendo para ellas uma ordem qualquer. — 20º Nunca se deve comer antes de estar completa a digestão da comida antecedente; porque de outro modo corre-se o perigo de ter indigestões. — 21º Alguns meninos costumão-se a estar sempre a comer, e a encher o seu estomago de mais alimento, que póde conter. D'aqui procedem as indigestões, as affecções verminosas, a debilidade geral, as diarrheas, e muitas vezes enfermidades mortaes. — 22º Ha inconvenientes graves em comer demasiadamente : embrutece-se o espirito, e entorpce-se o corpo. — 23º A sobriedade apura os sentidos, dá agilidade aos membros, viveza ao entendimento, perspicacia á imaginação, facilidade e tenacidade á memoria, soltura aos movimentos, galhardia a todas as nossas acções, conserva a saúde, e prolonga a vida. — 24º Em qualquer caso de enfermidade, por mais leve que seja, é bom diminuir a quantidade do alimento, e mesmo guardar dieta, que é o primeiro de

todos os medicamentos. — 25º As bebidas são necessarias ao nosso organismo, e a todas é preferivel a agua pura; é para os adultos o que o leite é para os infantes; é tão indispensavel como o ar. — 26º A agua auxilia a digestão, dilue o alimento, é o refrigerante por excellencia. — 27º Os vinhos e os licores devem ser considerados como bebidas fortes, cujo uso importa restringir. — 28º Durante as primeiras horas da digestão deve evitar-se todo o trabalho intellectual, e devem suspender-se os trabalhos corporaes energicos.

Vigilia, somno, exercicios. 29º A noite é o tempo proprio para o somno, e o dia para a vigilia.

30º O estado da vigilia tem uma duração variavel, segundo a idade, e o sexo; o mesmo acontece a respeito do somno, que deve ser de nove ou dez horas para as crianças, e de sete ou oito para os adultos. — 31º O somno é indispensavel á vida, e sem perigo não póde estender-se o estado de vigilia além dos limites indicados pela idade e constituição dos individuos. — 32º É perigoso criar animaes nos quartos de cama, enxugar ahi roupa, aquecer-se com brazeiros, ou conservar flores. — 33º O exercicio regular, physico e intellectual, é necessario á conservação da saude; fortifica os orgãos, e torna a sua acção mais perfeita, — 34º É necessario proporcionar o trabalho ao sexo e forças do individuo; porque todo o excesso d'este genero fatiga promptamente os orgãos, e é occasião de innumeraveis molestias, mais frequentes e mais graves nas crianças. — 35º O trabalho não deve ser contínuo; é preciso, que haja tempo de descanso, afim de poupar as forças, e reparar as perdas que o corpo soffre. — 36º A infancia e puericia são as idades dos exercicios activos; a fonte da sua saude está, ou deveria estar nos gymnasios. — 37º A falta de exercicios gymnasticos deve supprir-se pelos do passeio, volante, varios jogos, etc.

Adagios hygienicos. Come caldo, vive em alto, anda quente, viverás longamente.

Deos te dê saude e gozo, e casa com quintal e poço.

Horta com pombal é paraíso terreal.

Não farás horta em sombrio, nem edificues a par do rio.

O cabrito de um mez, o queijo de tres.

Pão de hoje, carne de hontem, vinho de outro verão, fazem o homem são.

A pão duro dente duro.

Quando fores ao mercado, pão leve e queijo pesado.

Agua de serra e sombra de pedra.

Pão que sóbre, carne que baste, e vinho que falte.

Pão quente, muito na mão e pouco no ventre.

Não te fies de villão, nem bebas de charqueirão.

Faze da noite noite, o do dia dia, viverás em alegria.

Higiene dos animaes. Nos animaes como no homem, é muito mais facil prevenir as molestias do que cura-las. Um dos melhores meios de prevenir as molestias do gado, consiste em dar-lhe uma habitação sadia, sufficientemente espaçosa, perfectamente arejada, e mantida n'um estado de asseio rigoroso. A alimentação do gado deve ser tambem uma das preoccupações constantes do agricultor. As forragens que se lhe distribuem devem ser sobretudo bem limpas. Convem entreter nos animaes muita limpeza. Consiste esta em esfregar-lhes a pelle com almofaça, com escova, com o ferro de limpeza, e em pentear as crinas e a cauda. Esta operação é mais empregada no cavallo; todavia é muito util em todos os animaes, para lhes conservar a pelle limpa e macia, favorecendo a transpiração cutanea; a estimulação da pelle influe sobre todas as funcções, tornando mais regular o seu exercicio. As vaccas bem almofaçadas, e bem esfregadas com palha, dão mais leite, e de melhor qualidade. O exercicio é necessario para a saude dos animaes; a inacção causa-lhes tantas molestias quantas produz a fadiga e o excesso do trabalho.

No caso de indisposição, existem remedios simples e inoffensivos que podem administrar-se em muitas molestias sem gravidade. Taes são : 1º *a agua branca* preparada com um punhado de farelos de trigo ou farinha de trigo diluida n'uma medida d'agua; é um remedio universal para refrescar o animal; 2º *a agua acidula*, isto é, misturada com uma pequena quantidade de vinagre : é uma bebida muito refrigerante; 3º *a agua com mel de abelhas* é emolliente e adoçante; 4º *os banhos* : nada tira melhor o cansaço aos animaes; pulão alegres ao sahir da agua; 5º *o sal*; todos os animaes gostão d'elle com paixão; as ovelhas lambem as paredes impregnadas de sal; este dá força ao estomago e reanima os orgãos digestivos enfraquecidos. O melhor meio de o dar ao gado consiste em dissolvê-lo em agua, e aspergir com esta a superficie da forragem; 6º *as fricções seccas* com panno; 7º *as fricções humidas* feitas com tintura de alfazema ou aguardente camphorada, ou com a simples aguardente de canna; 8º *clysteres* com agua morna.

Taes são os remedios simples que podem empregar-se com vantagem em muitas molestias dos animaes; porque n'elles, como nos homens, o abuso dos medicamentos não faz frequentemente senão aggravar as molestias.

HYGROMA. Hydropisia das bolsas mucosas sub-cutaneas; affecção que se observa particularmente no joelho por diante da rotula, nas pessoas costumadas a estar muito tempo de joelhos,

verbi gratia os religiosos; resulta as mais das vezes da contusão d'estas membranas capsulares. N'este caso, o derramamento não se torna manifesto senão muito tempo depois que a causa o determinou : o tumor cresce lentamente; ás vezes só depois de muitos annos é que toma volume consideravel. Parece certo que o hygroma póde provir tambem de alguma causa interna, sendo então rapido o seu desenvolvimento.

Symptomas. O hygroma do joelho, que tomo por typo da descripção, apresenta-se debaixo da fórma de um tumor cujo volume varia desde o de uma noz até ao de uma laranja, e póde mesmo adquirir dimensões mais consideraveis; este tumor, mui bem circumscripto por todos os lados, é resistente, elastico, fluctuante; não occasiona dôr alguma, quer espontaneamente. quer pela pressão; incommoda sómente, porque é um obstaculo ao exercicio dos movimentos do membro; a pelle que o cobre é mobil ou um pouco adherente, sem vermelhidão nem calor. Quando o tumor adquirio grande volume, quando as suas paredes não são muito espessas, e se o liquido que encerra é incolor, póde-se verificar a sua transparencia como no hydrocele.

Tratamento. Quando o tumor é recente, póde ás vezes resolver-se pela applicação de pannos molhados na solução seguinte :

• Vinho tinto	180 grammas (6 onças)
• Sal ammoniaco.	15 grammas (1/2 onça).

Uma compressão methodica praticada sobre o tumor produz tambem bom resultado.

Falhando estes meios, faça-se uma incisão sobre o tumor, na sua parte mais declive; e, depois de evacuado o tumor, comprima-se com uma atadura conveniente para pôr em contacto as suas paredes. Sendo o tumor antigo, é preciso excisar uma porção do sacco. Em outros casos, faz-se uma punção seguida de uma injeção de tintura de iodo misturada com agua, como na operação do hydrocele, para produzir a inflammação do interior do sacco, e a reunião de suas paredes.

Não podendo a resolução do tumor ser obtida, e causando elle pouco incommodo, é presiso abandonar a molestia a si mesma.

Se o tumor causar grande incommodo póde-se produzir a sua ruptura apoiando fortemente com os dois dedos pollegares, afim de derramar o liquido no tecido cellular vizinho, onde desaparece pouco a pouco pela absorpção.

HYPEREMIA. Synonymo de congestão.

HYPERSTHENISANTES. Medicamentos que augmentão a força vital do organismo. São : alcool, rhum, vinho, canella, cravo da India, noz moscada, etc.

HYPERTROPHIA. Accrescimento extraordinario de um órgão ou da porção de um órgão, caracterizado pelo augmento do seu peso e do seu volume, sem alteração real de sua textura intima. A hypertrophia é o resultado de uma nutrição anormal e muito activa. A aneurysma activa do coração é uma hypertrophia das paredes d'este órgão; a obesidade é uma hypertrophia do tecido adiposo.

Hypertrophia do baço. *Veja-se* vol. I, pag. 282.

Hypertrophia da conjunctiva. *Veja-se* vol. I, pag. 659.

Hypertrophia do coração. Chama-se assim uma molestia do coração, na qual este órgão adquire um volume muito mais consideravel do que no estado normal; este volume póde chegar a igualar o do coração de um boi. As paredes do órgão tomão ao mesmo tempo uma espessura desmedida, até attingirem 2 a 4 centimetros. A hypertrophia do coração é designada tambem pelo nome de *aneurysma* ou *aneurysma activa do coração*.

Causas. A hypertrophia do coração desenvolve-se ordinariamente em consequencia de esforços, e de exercicios violentos. As profissões que fatigão os órgãos da voz e da respiração, como acontece muitas vezes aos cantores, oradores, tocadores de instrumentos de vento etc., estão muito expostas a esta molestia. As grandes paixões, como a colera, o odio, o ciume, etc., podem igualmente produzi-la. Os actores tragicos são d'ella frequentemente affectados. O celebre Talma, comquanto morresse de outra molestia, todavia tinha o principio de uma affecção d'este genero.

Symptomas. Reconhece-se esta molestia pelo augmento da força nas pancadas do coração: tornando-se ellas ás vezes tão energicas, que repellem a mão applicada sobre a região d'este órgão; podem ser visiveis atravez da roupa. Ás vezes o lado esquerdo do peito apresenta uma proeminencia que não existe no estado normal. Os movimentos do coração produzem uma sensação dolorosa. Os doentes não podem dar-se a exercicio algum sem terem *palpitações* e difficuldade na respiração. Sobrevem ás vezes hemorragias pelo nariz ou pela bocca. O pulso, em geral, é mui forte e irregular. Cumpre entretanto dizer, para tranquillizar as pessoas a quem semelhante descripção poderia assustar, que estes symptomas podem ser simulados por simples affecção nervosa; que qualquer emoção viva, ou a influencia de uma imaginação preocupada, bastão para produzir palpitações mui violentas em alguns individuos. Não ha cousa mais commum do que ver pessoas, que se julgão affectadas de molestias do coração, não terem outra cousa mais do que phenomenos nervosos isentos de todo o perigo. O medico, explorando os ruidos do peito, por meio do instrumento

chamado stethoscopio, e reunindo estes symptomas aos outros, é quem pôde dizer alguma cousa a este respeito.

Quando se applica o ouvido á região do coração em individuos de boa saude, distinguem-se alternativamente dois ruidos differentes o primeiro é surdo e prolongado, é isochrono com o pulso. A este ruido succede outro mais claro, mais rapido; é analogo ao choque da valvula de uma bomba. Os dois ruidos tem no estado natural um som particular, que, no estado de doença pôde modificar-se de diversos modos. Os ruidos do coração mostrão-se surdos, suffocados em alguns casos de hypertrophia consideravel. Succede frequentemente que os ruidos sejam acompanhados na hypertrophia pelo *ruido do folle*, assim chamado porque se parece mui exactamente com o ruido d'este instrumento. Outras vezes ouve-se na hypertrophia um ruido chamado *tinido metallico*, que se compara ao ruido que se pôde produzir applicando ligeiramente a polpa do dedo médio ao orificio do canal auditivo externo de maneira que este fique completamente fechado, e dando uma pequena pancada n'este dedo com a mão do lado opposto. Todavia o ruido de folle e o tinido metallico não são exclusivamente proprios da hypertrophia do coração: existem igualmente nos casos em que a acção d'este orgão se augmenta sem lesão material em seu tecido, como nas palpitações nervosas, nos individuos plethoricos, nas senhoras gravidas, e tambem nas pessoas enfraquecidas pelas hemorrhagias abundantes.

Resulta d'esta exposição que um ou dois symptomas não constituem a existencia da hypertrophia do coração; e que só, pela reunião de muitos d'elles é que o medico pôde formar o diagnostico.

Tratamento. Não se pôde curar a hypertrophia do coração, mas existem meios para atalhar os seus progressos, e moderar os perigos a que expõe. Se se tratar de um individuo robusto, sujeito a dôres de cabeça e calores do rosto, convem praticar uma sangria no braço; nos individuos fracos, não se podem empregar as emissões sanguineas, mas sim os medicamentos diureticos e purgativos. Estes medicamentos fazem desaparecer as congestões sanguineas, diminuem a excitabilidade do coração e acalmão as palpitações. Entre os diureticos, o melhor é o azotato de potassa; entre os purgantes, o sulfato de soda ou o sulfato de magnesia, na dose de 15 grammas (1/2 onça) frequentemente repetida.

Eis-aqui a receita do azotato de potassa:

Azotato de potassa. 40 grammas (10 oitavas).

Divida em 40 papeis. Para tomar um papel, duas vezes por dia, n'uma chicara d'agua fria com assucar. A digital, que tem a pro-

priedade de acalmar as palpitações, acha tambem applicação n'esta molestia. Administra-se em pilulas segundo a formula seguinte :

Extracto de digital. 2 grammas (40 grãos).

Faça 40 pilulas. Para tomar 1 pilula por dia.

O doente deve ser submettido a um tratamento hygienico dos mais severos: regularidade e sobriedade nas comidas, abstinencia dos licores e vinhos generosos, regimen composto exclusivamente de vegetaes, leite, ovos, gallinha, carne de vacca, vinho com agua, uso de fructas, repouso do corpo e do espirito, abandono dos trabalhos e dos prazeres que fatigão, exercicio moderado, passeios interrompidos pelos frequentes descansos, taes são os principios d'este tratamento, que bastão muitas vezes para prevenir durante longã serie de annos qualquer phenomeno grave.

Hypertrophia do figado. *Veja-se* vol. I, pag. 1128.

Hypertrophia da lingua. Desenvolvimento excessivo da lingua, sem alteração da sua textura.

A lingua tem ás vezes um desenvolvimento tal que não póde ser contida na bocca. Esta especie de hypertrophia é ordinariamente de nascença; póde sobrevir no adulto, mas isto é mais raro.

Symptomas. No momento do nascimento, a lingua não sahe muito da bocca; mas á medida que a criança se desenvolve, a disproporção pronuncia-se mais, sobretudo se não se fizer nada a este movimento de hypertrophia. Apenas perceptivel entre os labios, este orgão acaba por descer até ao queixo inferior, de que resulta uma deformidade medonha. Quanto mais a lingua sahe da bocca, tanto mais incha, porque não está mais submettida ás diversas compressões exercidas pelos orgãos que compõem esta cavidade. A perda da saliva, a deviação dos dentes é a consequencia d'este estado.

Tratamento. Se a affecção é de nascença, pouco pronunciada, e se se póde tratar immediatamente, um pouco de pimenta, ou pó de pedrahume depositada sobre a lingua todas as vezes que ella sahe da bocca, fazem-n'a entrar. Uma ama que tem bicos de peito compridos e grossos é mui favoravel para estas crianças, que então não estão obrigadas a alongar a lingua para mamarem, como o fazem quando o bico tem disposição contraria. Se este meio não aproveitar, póde-se introduzir o leite com mamadeira afim de obrigar a criança a retirar a lingua, para moderar o fluxo do liquido. Quando a criança não mamar, cumpre ligar-se-lhe os queixos com lenço.

Se estes meios não forão empregados a tempo, ou se não aproveitirão, podem fazer-se lavagens adstringentes ou mesmo escarificações superficiaes com a lanceta. As lavagens adstringentes

podem ser : agua com vinagre e mel de abelhas, solução de pedrahume, succo de limão. Um meio mais racional é a compressão, quer com duas chapas de caoutchouc, com um sacco de panno, uma funda elastica ou com qualquer outro meio mecanico. Se se tratar de um individuo que tivesse grande desejo de curar-se, poderia elle mesmo fazer uma compressão persistente com os dedos; seria a menos dolorosa e a mais efficaz. Nos casos desesperados cumpre excisar uma porção da lingua em V, cujo apice seria para traz, extrahe-se o pedaço triangular, e reune-se a ferida com sutura.

Hypertrophia da prostata *Veja-se* PROSTATA.

Hypertrophia do seio. *Veja-se* SEIO.

HYPNOTICOS. Dá-se este nome aos medicamentos que provocão o somno. Taes são : o opio, chlorhydrato de morphina, sulfato de morphina, acetato de morphina, chloral hydratado e lactucario.

HYPOCHONDRIA. Molestia especialmente caracterizada por uma preocupação constante, inquieta, sem motivo, ou exagerada, ás vezes delirante, sobre a propria saude. Os symptomas da hypochondria são extremamente variados; não ha quasi parte alguma do corpo que não seja a séde de um soffrimento : a cabeça o peito, o ventre, são alternativa ou simultaneamente accusados pelo doente de occultarem differentes causas de desordens, de dôres, e affecções diversas. Estes doentes, que o vulgo chama *scismaticos*, tem geralmente o humor mui variavel; paixão quasi sem motivo do medo á esperanza, da alegria á tristeza, da colera á bondade; um nada os contraria, os agita, motiva-lhes terrores, accessos de desespero. O estado de sua saude, sobretudo, os inquieta muito : á menor dôr, ao mais fraco accidente, julgão-se no maior perigo. Queixão-se de cair em estado de fraqueza extrema; empregão as mais exageradas expressões para descreverem os seus soffrimentos, sua molestia é nova, extraordinaria, desconhecida, incuravel e das mais perigosas. « Minha saude está arruinada, vos dirá um d'estes infelizes; os medicos não me acertão com a molestia, já não posso sobreviver a tantos males, morrerei subitamente em uma crise horrivel : a morte é mil vezes preferivel a semelhante existencia; hei de matar-me. » Tal é a sua ultima expressão.

Os hypochondriacos fallão frequentemente do aborrecimento que tem da vida, e todavia buscão com ardor os conselhos da medicina; ouvem e consultão os curandeiros, recorrem a todas as receitas que lhes são gabadas, dirigem-se successivamente a novos medicos, ouvem os seus conselhos, mas aborrecem os remedios logo que usão d'elles. O que mais amofina estes infelizes é serem

avaliados doentes imaginarios, e repetir-se-lhes que acreditão muito em si mesmos, que não tem coragem nem resolução, que não tem molestia alguma, e que se quizessem, poderião livrar-se da sua tristeza. Estas exprobrações são muito injustas, e semelhantes conselhos inuteis; irritão os doentes e causão-lhes desespero. Os hypochondriacos soffrem realmente bastante; e as desordens de suas faculdades sensitivas são mui positivas. Alguns padecem no pescoço de constrictões espasmodicas; muitos são sujeitos á oppressão, ás palpitações, e atormentados por uma prisão do ventre; queixão-se de calor nas entranhas, ás vezes de uma viva sensibilidade no ventre. Estas differentes desordens são attribuidas pelos doentes a affecções graves, taes como aneurysmas do coração, cancos do estomago, tísicas, hydropisias, syphilis, e todas as molestias de que tem ouvido fallar.

A hypochondria é uma molestia de natureza nervosa; por isso alguns medicos, e até o vulgo, lhe chamão *espasmos*, *molestias de nervos*, ou *flatos*.

Causas. As pessoas nervosas e mui sensiveis são as mais expostas a contrahir a hypochondria. As suas causas mais ordinarias são as affecções vivas e prolongadas, os pezares profundos, o ciume, o susto, a passagem de uma vida activa a um estado de ociosidade completa, a ambição frustrada, a perda da belleza e a successão dos annos em algumas mulheres, trabalhos de espirito excessivos, a vida sedentaria, os abusos venereos, o onanismo. A hypochondria sobrevem raramente aos agricultores, aos militares, aos obreiros: escolhe as suas victimas entre os sabios, artistas, poetas, pessoas ricas e desoccupadas.

Tratamento. Os hypochondriacos são individuos essencialmente infelizes, dignos de toda a compaixão, e para com os quaes as pessoas que os rodeião devem ter as maiores attenções e indulgencia.

A primeira indicação no tratamento d'esta molestia consiste em remover a causa que a produzio. A simples mudança do genero de vida, das occupações e costumes dos doentes, é quasi o meio mais efficaz que se póde oppôr aos seus males. Infelizmente existem causas indestructiveis: taes são os pezares profundos e repetidos, as occupações habituaes dos litteratos, as posições sociaes e as profissões que os doentes não podem de modo algum deixar. Convem então contar com os felizes efeitos do tempo, contentando-se em enfraquecer a influencia d'essas causas.

As meditações entretem e aggravão os soffrimentos dos hypochondriacos; deve-se, por conseguinte, dar frequentemente repouso ao espirito, deixar o trabalho logo que a cabeça fique cansada, e

distrahir-se pela residencia alternativamente feita ora no campo ora na cidade. Em geral, cura-se a hypochondria, não com a abundancia dos medicamentos, mas com agradaveis conversações entre amigos, com innocentes prazeres do campo, frequentes exercicios a cavallo, passeios, jogos, espectaculos, bailes, concertos, leituras divertidas, e outros semelhantes meios hygienicos. Que uns se applicquem á caça, á cultura de um jardim, outros a certos jogos, como o bilhar, as cartas, etc.

A prisão do ventre e o calor das entranhas devem ser combatidos com clysteres d'agua morna ou fria, ou com bebidas levemente laxativas : um purgante brando póde ser util uma ou duas vezes por mez. Os banhos mornos e frescos convem muito aos hypochondriacos. Os escaldapés, as applicções frias sobre a cabeça, uma lavagem fresca no rosto; antes que o doente se deite, são os melhores meios a empregar para dissipar a insomnia. O regimen deve ser brando, apropriado ao gosto e ás forças do doente.

Taes são as regras geraes que se podem applicar a todos os individuos affectados de hypochondria. Os medicamentos que convem contra este estado são :

Elixir santo.

Rhuibarbo	40 grammas
Aloes.	24 grammas
Cardamomo.	15 grammas
Aguardente	1000 grammas.

Macere por oito dias, e filtre por papel. *Dóse* : 15 grammas (1/2 onça) por dia, pela manhã em jejum, como estomachico e purgativo.

Pilulas antispasmodicas.

Extracto de valeriana.	1 gramma (20 grãos)
Oxydo de zinco.	1 gramma (20 grãos).

Faça 20 pilulas. Para tomar uma pilula por dia.

HYPOCHONDRIO. Parte superior e lateral do ventre, á direita e á esquerda do epigastro. No hypochondrio direito acha-se o figado, e no hypochondrio esquerdo o baço.

HYPODERMICAS (INJECCÕES). *Vejá-se* INJECCÕES.

HYPOEMIA INTERTROPICAL. Dá-se este nome á opilação.

HYPOGASTRO OU REGIÃO HYPOGASTRICA. Parte inferior do ventre. Limita-se superiormente por uma linha recta que se suppõe tirada de uma a outra espinha iliaca superior e anterior, pouco mais ou menos a tres dedos abaixo do embigo.

HYPOHEMA. *Vejá-se* OLHO.

HYPOPYON. *Veja-se OLHO.*

HYPOPHOSPITO DE SODA. É um sal sob a fôrma de pó branco ou de crystaes, de sabor salino, soluvel em agua. É aconselhado contra a tísica, na dósé de 1 a 3 grammas (20 a 60 grãos) por dia, dissolvido em agua ou xarope.

HYPOSPADIAS. *Veja-se URETHRA.*

HYPOSTHENISANTES. *Veja-se CONTRA-ESTIMULANTES.*

HYPOSULFITO DE SODA. Sal debaixo da fôrma de crystaes transparentes, sem cheiro, pouco alteraveis ao ar, de sabor amargo, soluveis em agua. Sua solução aquosa, na proporção de 30 grammas para 1000 grammas d'agua, é empregada para conservar os cadaveres que servem para o estudo de anatomia nas escolas de medicina.

HYSOPO. *Hyssopus officinalis*, Linneo. Labiadas. Arbusto que habita na Europa meridional. Caule do comprimento de 33 centímetros; folhas estreitas, agudas; flores azues ou côr de rosa; cheiro aromatico, sabor quente. Fig. 300. As folhas e flores do hysopo são empregadas como expectorante, em fôrma de chá, que se prepara com 2 grammas (1/2 oitava) de hysopo e uma chicara d'agua fervendo.



Fig. 300.

Hysopo.

HYSTERISMO. O *hysterismo*, *flatos hystericos* ou *ataque de nervos*, é uma molestia propria das senhoras, que se manifesta por ataques, cujo principal caracter consiste em sentir uma bola que parece subir do utero, produzir no estomago um calor mais ou menos vivo ou um frio intenso, e dirigir-se depois ao peito e ao pescoço, onde occasiona uma especie de estrangulação. Frequentemente, as doentes queixão-se de dôres de cabeça: o ventre incha momentaneamente, assim como o peito e o pescoço; as extremidades tornão-se frias, e ha palpitações violentas do coração. Quando o ataque é forte, estes phenomenos são seguidos de convulsões e perda dos sentidos. As doentes batem de encontro ao peito, retorcem os braços, e em sua colera innocente procurão morder tudo o que encontrão. Esta excitação é immediatamente seguida de socego, cujas alternativas se succedem um numero de vezes indeterminado. Emfim, no gráo mais intenso da molestia, a respiração, a circulação e as outras funcções podem suspender-se. As doentes ficão frias, pallidas, inanimadas, e finalmente em um estado mais ou menos prolongado de morte aparente, que, a ser mais demorado, poderia occasionar a extincção total da vida. Tornada a si, a doente lembra-se

as mais das vezes, do que se passou durante o ataque, e experimenta uma anxiedade geral que dura mais ou menos tempo.

Sobre a *duração* do hysterismo nada ha de fixo; póde consistir em um pequeno numero de ataques, ou durar toda a vida; cura-se ás vezes espontaneamente com o tempo, ou cede aos meios que a arte lhe oppõe.

Causas. O hysterismo pertence exclusivamente á mulher, na idade de 15 a 35 annos sobretudo. As causas d'esta molestia são : as emoções moraes de toda a especie, o susto, as paixões tristes principalmente, o pezar, o ciume, um amor contrariado, etc. As outras causas são : a constituição muito impressionavel, mui delicada, a erupção difficil dos menstros ou o seu desarranjo, e a vida desoccupada.

Tratamento. Divide-se em preservativo, tratamento dos ataques e o da molestia. O primeiro é applicavel a todas as senhoras muito nervosas, de paixões vivas, de systema uterino muito irritavel. Consiste este tratamento em exercicios, occupações mecanicas e estudos serios; é preciso que usem de alimentos não estimulantes, d'agua pura ou quasi pura para bebida, e de banhos frios. Não devem ser contrariadas.

O tratamento *durante os ataques* reduz-se a um pequeno numero de meios simples : collocar a doente na cama com a cabeça elevada, contê-la para que não se magoe, tirar o collete, as ligas e todos os obstaculos que possam impedir a circulação; deixar entrar ar puro no quarto, fazer respirar vinagre ou ether, dar a beber agua com agua de flor de laranjeira, e algumas gottas de ether; fazer algumas aspersões d'agua fria na cabeça, applicar n'esta pannos molhados em agua fria e vinagre, e pôr sinapismos nos pés. Se o ataque se prolongar, administre-se um clyster preparado com a mistura das substancias seguintes :

Agua quente.	180 grammas (6 onças)
Assafetida.	1 grammá (20 grãos)
Camphora.	50 centigram. (10 grãos)
Gema d'ovo.	uma.

Emfim, o tratamento da molestia, que tem por fim prevenir a repetição dos ataques, consiste principalmente na observancia das mesmas precauções que deixei indicadas no tratamento preservativo. Os melhores meios de curar esta molestia são os exercicios do corpo, os banhos frios, a equitação, as viagens, as distracções agradaveis. O uso dos clysteres d'agua fria é utilissimo, assim como o dos meios hydrotherapicos. Nos casos rebeldes recorra-se aos medicamentos antispasmodicos, cujas receitas são as seguintes :

1º *Pilulas camphoradas.*

Camphora 10 centigrammas (2 grãos)
 Conserva de rosas. 10 centigrammas (2 grãos).

Faça 1 pilula, e como esta mais 17. Para tomar duas pilulas por dia, uma pela manhã, e outra á noite.

2º Oxydo de zinco em pó. 10 centigrammas (2 grãos)
 Assucar em pó. 10 centigrammas (2 grãos).

Misture e faça uma porção, e como esta mais 16 porções. Dóse 2 porções por dia.

3º Xarope de ether 30 grammas (1 onça).

Para tomar uma colher *de chá*, duas vezes por dia.

4º *Pilulas de assafetida compostas.*

Assafetida. 5 centigrammas (1 grão)
 Extracto de valeriana. 5 centigrammas (1 grão).

Faça 1 pilula e como esta mais 71 pilulas. Dóse: 2 pilulas por dia.

5º Chá de herva cidreira uma chicara por dia.

I

ICHTHYOCOLLA. Colla de peixe. *Veja-se COLLA.*

ICHTHYOSE. Da palavra grega *ichthys*, peixe. Molestia da pelle, caracterizada por escamas mais ou menos largas, duras e seccas, de um branco cinzento e como imbricadas. A semelhança grosseira, que se achou entre este estado e a superficie do corpo de certos peixes, fez dar á molestia o nome que tem. Esta affecção é quasi sempre congenial, isto é, apparece logo depois do nascimento; póde tambem ser accidental. Esta é commummente limitada aos membros ou ao tronco; aquella é de ordinario geral.

Causas. As causas d'esta molestia não são conhecidas.

Symptomas. Na ichthyose pouco grave, a pelle fica molle, mas secca; parece mais grossa; acha-se eriçada de laminas de pelle cinzentas e seccas, o que lhe dá um aspecto rugoso, desigual. Outras vezes estando a epiderme realmente engrossada e rachada em todos os sentidos, forma verdadeiras escamas, duras, pardacentas ou cõr de nacar, de que muitas são sobrepostas á maneira de telhas. Estas escamas despreção-se ou são arrancadas pelos doentes sem produzirem dôr nem prurido. Em geral, não ha transpiração na pelle, que apparece só nos pés, nas axillas, na cabeça, onde póde ser extremamente abundante. — A ichthyose congenial, pouco pronunciada na epoca do nascimento, não se manifesta senão quinze dias depois, pelo aspecto cinzento, secco

da pelle, que ás vezes está rachada. À medida que a criança adianta em idade, os caracteres da ichthyose tornão-se de mais em mais apparentes. A ichthyose accidental tem a marcha muito mais rapida; diminue ou desaparece mesmo em certas épocas do anno, ou na occasião de alguma molestia intercurrente, para tornar a apparecer de novo.

A duração d'esta molestia é mui longa, e a cura difficil.

Tratamento. O tratamento compõe-se de banhos d'agua tepida, de unturas com glycerina, de banhos com sulfureto de potassio, 60 a 120 grammas (2 a 4 onças) de sulfureto para cada banho, de fricções com *pomada de alcatrão* :

Alcatrão purificado.

8 grammas (2 oitavas)

Banha.

24 grammas (6 oitavas).

Misture em almofariz.

ICTERICIA OU TERICIA. Molestia caracterizada pela côr amarella da pelle, produzida pela passagem no sangue das materias corantes da bilis. A ictericia póde sobrevir na colica hepatica, na inflammação do figado, nas affecções dos orgãos vizinhos do figado (pulmões, pleura, peritoneo), na febre amarella, na mordedura dos animaes venenosos, etc. Todavia, em muitos casos a ictericia constitue por si só toda a molestia, e não está ligada a alteração nem dos solidos, nem dos liquidos. Ha por consequente uma ictericia *essencial* e uma ictericia *symptomatica*. Faço conhecer esta tratando das molestias que ella acompanha; no presente artigo só me occuparei da ictericia essencial.

Causas. A ictericia essencial sobrevem ordinariamente sem causa apprciavel. Póde reinar epidemicamente, isto é, atacar ao mesmo tempo grande numero de pessoas. Declara-se ás vezes de uma maneira quasi subita, por occasião de um pezar violento, de um susto vivo ou de colera: forma-se tambem sob a influencia de uma afflicção prolongada, do ciúme, da ambição frustrada e do odio concentrado; manifesta-se igualmente em consequencia das grandes dôres physicas, por exemplo, das que acompanhão as luxações, as picadas dos nervos e as grandes operações chirurgicas. As quédas e pancadas sobre a cabeça ou sobre qualquer outra parte, nas quaes o cerebro experimenta uma commoção mais ou menos forte, podem produzi-la tambem em alguns casos.

Symptomas. A ictericia, quando não é subita, principia ordinariamente pelos olhos; pouco a pouco a coloração estende-se ao rosto, pescoço, unhas, peito, ao tronco, e emfim aos braços e ás pernas. Um prurido assás vivo por todo o corpo acompanha muitas vezes este estado. As ourinas, límpidas e de um amarello pouco escuro ao principio, tornão-se logo açafreadas, espumosas, verme-

lhas e grossas : a sua côr carrega-se cada vez mais, tornão-se verdes, ás vezes até pretas, e depõem no fundo do vaso um sedimento grosso e viseoso. Ao mesmo tempo existe uma prisão de ventre assás rebelde; as materias fecaes, expulsas com esforço e em pequena quantidade, são pardas e ás vezes inteiramente brancas. A estes symptomatmas essenciaes associa-se ordinariamente tristeza, abatimento, dôr ou peso de cabeça, perda ou diminuição notavel do appetite, sêde viva, cansaço geral, ás vezes algumas colicas, e quasi sempre ventosidades.

A *duração* da ictericia é ordinariamente bastante longa; dissipa-se raramente antes de quinze ou vinte dias, e ha casos em que se prolonga por dois e tres mezes; mas estes casos são raros. A ictericia por si nunca é molestia grave.

Tratamento. A ictericia essencial sára naturalmente pelo repouso, com bebidas emollientes e refrigerantes, e com um regimen brando e frugal, composto da metade, pouco mais ou menos, da alimentação habitual. As bebidas que convem são as limonadas de limão, de laranja, o cozimento de grama. É preciso conservar a liberdade do ventre com clysteres d'agua morna. A reeeita seguinte aproveita muito na ictericia :

Acetato de potassa.	30 grammas (1 onça)
Agua..	250 grammas (8 onças).

Dissolva. O doente toma diariamente duas colheres *de sopa* d'esta dissolução, uma colher pela manhã, outra á noite, n'uma chicara d'agua fria com assucar.

No fim da ictericia um purgante é muito util, e com preferencia a limonada de citrato de magnesia ou o sal de Glauber.

IDADE. Espaço de tempo que tem decorrido desde o nascimento. Por extensão, designão-se tambem sob o nome de idades os grandes periodos da vida, caracterizados por mudanças successivas na organização do corpo humano. Como estas mudanças sobrevem após um numero variavel de annos conforme as circumstancias, seria preferivel distinguir as idades por estas mesmas mudanças do que pela successão do tempo; e com effeito, aó passo que ha homens que parecem ter o feliz privilegio de prolongar a sua mocidade até aos eincoenta annos e exercer as suas prerogativas, Bebe, anão do rei de Polonia, tinha percorrido, aos vinte e tres annos, todos os periodos da vida, e extinguiu-se realmente em uma velhice prematura. Os climas quentes apressão a puberdade. A maneira de viver e mil outras circumstancias adiantão ou retardão a velhice.

Com a maior parte dos autores contarei quatro idades da vida :

1^a, a *injanca* ou o espaço de tempo comprehendido entre o nascimento e a puberdade; 2^a, a *adolescencia* ou mocidade, que começa com o desenvolvimento da puberdade, aos dez ou onze annos para as meninas, e treze annos mais ou menos para os rapazes no clima intertropical, e acaba na época em que o corpo tem tomado todo o seu crescimento; o que tem lugar aos vinte e um annos nas senhoras, e aos vinte e cinco nos homêns; 3^a, a *virilidade* ou idade madura, que vai até aos cincoenta e cinco ou sessenta annos, época em que principia a decadencia do corpo e das nossas faculdades: 4^a a *velhice* emfim, que se estende até á morte, a qual se faz raramente esperar após noventa annos. Segundo Haller, de 1400 individuos, apenas um só chega a cem annos. A população está desigualmente repartida n'estas diferentes idades: a infancia abrange os 28/000; a adolescencia, os 18/000; a virilidade, os 31/000; e a velhice, os 23/000.

Passemos agora ao exame dos principaes phenomenos que apresenta cada uma d'estas idades, e á indicação das regras hygienicas que lhes convem.

Infancia. A criança que nasce a termo tem 43 a 49 centim. (16 a 18 pollegadas) de comprimento, pouco mais ou menos; pesa 2 kilog. e 1/2 a 4 kilog. 1/2 (5 a 9 libras); a metade do seu corpo cõrresponde um pouco acima do embigo; emfim, vem com a pelle coberta de uma substancia branca, gorda e unctuosa. A criança que não nasce a termo é privada mais ou menos d'esta capa particular, o seu peso e comprimento são menores, as unhas existem apenas e não se estendem até á extremidade dos dedos; as palpebras estão ás vezes ainda adherentes; emfim, a metade do corpo chega muito acima do embigo. Mas a maior parte d'estes signaes podem induzir em erro, e só da sua reunião é que se póde tirar uma conclusão exacta. As crianças que nascem mui delicadas podem entretanto viver longo tempo; assim Voltaire, nascido tão fraco que se duvidou que pudesse viver, chegou aos oitenta e dois annos. As feições da criança recém-nascida apresentam uma especie de redondeza e inchação que não escaparão aos pintores. Apenas nasce, dá gritos; não é porém a dôr que a excita, mas sim a necessidade de respirar. Seus pulmões, comprimidos em um canto do peito durante toda a sua residencia no seio materno, são dilatados então pelo ar e enchem toda esta cavidade. Após a necessidade de respirar vem á criança a de alimentar-se. Um liquido lhe é destinado, o leite de sua mãe, que o instincto natural o faz mamar. N'esta occupação, e em um somno profundo passa perto de dois terços do dia. Alguns mezes depois, o menino póde admittir algum alimento estranho, e dos sete para os oito mezes

principia o que se chama a *primeira dentição*; vinte dentes, chamados de leite, vem guarnecer successivamente as duas queixadas. Aos sete annos cahem, expulsos pelos dentes definitivos que os substituem. Durante este tempo, a criança tem-se desenvolvido rapidamente no physico e moral. Um anno apenas tem decorrido, e já principia a balbuciar; póde até sustentar-se nas pernas. Ha crianças que pricipião a fallar mui pequenas, isto é, antes de um anno, entretanto que outras só o fazem muito mais tarde, já por algum impedimento dos orgãos, já pela lentidão da intelligencia. Aos sete annos desenvolve-se a memoria, feliz partilha da infancia e adolescencia, e de que frequentemente ao depois se sente não se ter aproveitado. Todos conhecem o character da criança, os seus desatinos, volubilidade e pouco siso. Come frequentemente e tem um somno profundo, dorme mesmo em pé, e até comendo; entretanto, a duração total do seu somno diminue á medida que se vai afastando da época do seu nascimento. As diversas excreções naturaes fazem-se frequentemente. A necessidade de exercer os musculos lhe dá gosto de correr, saltar e traquinar. Com effeito, não lhe seria possivel o estar immovel. N'esta idade as meninas distinguem-se pouco dos rapazes pelo character. Não se acha na infancia nem a reflexão, nem o raciocinio, nem o juizo. A criança conduz-se só por instincto ou sentimento proprio. D'ahi vem a necessidade de dar pela educação uma direcção util e salutar ás ideias.

Tem as crianças uma necessidade contínua de comer, e supportão difficilmente a abstinencia e a fome. Quando Dante representa o desditoso conde Ugóline e seus filhos fechados na torre em que devião perecer de fome, conta, segundo a historia, que os mais moços succumbirão primeiro, os mais idosos depois, e que este infeliz pai sobrevivêra ao ultimo, opprimido de todas as dôres.

Muitas crianças morrem ao verem a luz pela primeira vez, e Süssmilch diz que morrem n'esse momento vinte e tres sobre mil; mas este numero foi achado muito mais consideravel no Hospicio da Maternidade de Pariz, pois, sobre vinte e seis nascimentos, ha commummente uma criança que nasce morta, apesar dos cuidados esclarecidos que se administrão n'esta casa durante o parto.

As molestias que ameação a infancia são frequentes e perigosas. A quarta parte das crianças que nascem morre durante o primeiro anno da sua existencia. No segundo, a mortalidade é ainda consideravel, e uma terça parte das crianças não chega á idade de dois annos; mas diminue após essa mortalidade, e aos dez annos é a época da vida em que morre menor numero de pessoas.

Para as considerações hygienicas que se referem á infancia, veja-se o artigo MENINOS.

Adolescencia. Esta segunda idade da vida, que é tambem conhecida pelo nome de *mocidade*, principia com os primeiros signaes da puberdade, mais cedo ou mais tarde, e termina na mulher aos vinte e um annos, e no homem aos vinte e cinco. Esta epoca, que é sobretudo a das graças e da belleza, é tambem a idade das illusões da vida. O adolescente, entregue ás mais doces esperanças, principia, por assim dizer, uma nova existencia, e o encanto d'ella se diffunde sobre elle mesmo e sobre tudo quanto o rodeia.

Os phenomenos que caracterizão a adolescencia, e se succedem durante a sua duração, devem ser observados e dirigidos com a mais activa sollicitude, pois que da sua appareição regular, do seu desenvolvimento normal e da sua retenção em justos limites, dependerá a execução vigorosa e duravel de todas as funcções. Durante a adolescencia, a constituição dos homens aperfeiçoa-se ou deteriora-se para sempre. — Já mencionei que os climas quentes apressão o desenvolvimento da adolescencia. Assim, nos paizes intertropicaes principia aos dez ou doze annos; alguns exemplos provão mesmo que póde ser ainda mais temporã, entretanto que nas regiões vizinhas do polo a puberdade não se declara senão aos dezeseis ou dezoito annos nas meninas, e aos dezenove ou vinte nos rapazes. Observemos que em todos os climas a exposição ao sol, uma situação elevada, a influencia de um ar vivo e puro, a abundancia das cousas necessarias á vida, um exercicio moderado e a ausencia de trabalhos mui pesados, são outras tantas causas que accelerão a época da adolescencia, e exaltão os phenomenos que a acompanhão. A puberdade é menos temporã nos habitantes das roças, subtrahidos em parte a todas as excitações, taes como os bailes e theatros, uma alimentação estimulante, a cultura das bellas artes, etc., que anticipão nas grandes cidades a epoca marcada pela natureza.

No momento em que a adolescencia principia, declarão-se grandes mudanças na organização physica do homem e da mulher. No primeiro, desaparecem as feições molles e redondas da infancia, um brando buço vem cobrir-lhe a barba e o beiço superior; o peito toma um desenvolvimento notavel, os orgãos genitales dobrão de volume, a voz torna-se rouca ao principio e fica depois mais forte, perdendo o metal da infancia. Na menina, a pelle adquire n'essa idade um brilho particular; os orgãos da geração desenvolvem-se, recebem nova vida e novo aspecto, os seios, até então semelhantes nos dois sexos, tomão o caracter proprio e tornão-se, como se

sabe, por sua elevação e redondeza, um dos attributos mais distinctivos da mulher.

A actividade de todas as funcções é um dos caracteres da adolescencia : as sensações de um joven são vivas e promptas ; tem uma memoria extensa, uma imaginação rica e brilhante ; é mais attento do que na infancia ; mas carece ainda de juizo e reflexão ; e essa ausencia póde conduzi-lo a muitos erros. A menina, cujo character antes da puberdade differia pouco do do rapaz, muda de repente ; as suas inclinações e gostos já não são os mesmos, torna-se mais reservada, ornando-se de novas graças, e adquire então aquella delicadeza, aquella tacto particular, e aquella pudor que é o seu mais bello predicado ; ao mesmo tempo torna-se distrahida e pensativa, busca a solidão e cahe frequentemente na languidez de uma suave melancolia. Emfim, em ambos os sexos tem-se desenvolvido a branda inclinação que os attrahe um para o outro. A necessidade de amar faz-se imperiosamente sentir, exercendo grande influencia, mórmente na mulher.

Se por falta de vigor organico ou nativo, ou por privação de alimentos sufficientes, ou emfim pelo effeito de trabalhos excessivos, o joven ou a joven adolescente conservarem um estado habitual de languidez e fraqueza que impede o livre desenvolvimento da puberdade, convem livra-los d'estas causas debilitantes. A exposição a um ar vivo, quente e puro, exercicios moderados, alimentação abundante e substancial, banhos quentes e frios, o vinho, os cozimentos amargos, eis os meios mais simples que são uteis n'este caso.

Os orgãos genitales são ás vezes, na epoca da adolescencia, a séde de uma grande actividade, que obriga incessantemente as pessoas moças a excita-los e a provocar os prazeres solitarios, que são causa poderosa do estrago da saude. Exercer-lhes as forças phisicas mediante uma gymnastica racional, occupar-lhes o espirito, esclarecer-lhes a razão, nunca deixa-los entregues a si mesmo, e dar, sem lhes fazer sentir violencia, uma direcção mais conveniente ás suas inclinações, taes são os meios mais efficazes para prevenir ou dissipar o funesto habito da masturbacção.

Uma melancolia profunda e rebelde manifesta-se frequentemente nos jovens puberes, sobretudo quando, pouco confiantes em si, desesperão de jamais obter bom successo na sua carreira. Então afastão-se do mundo, tornão-se tristes, pezarosos, possuidos de ideias desanimadoras, e como atormentados por uma oppressão interior e invencivel. Póde-se facilmente combater este estado, dando-se alento aos jovens melancolicos, esforçando-se por infun-

dir-lhes melhor opinião de si, mostrando-lhes o mundo e o futuro sob o aspecto mais risonho, sustentando seus primeiros passos, e provando-lhes que não estão isolados, nem privados de um prompto apoio que os possa socorrer.

A maior parte das molestias da adolescencia depende das mudanças rapidas que acompanhão a puberdade; cumpre dizer tambem que esta mesma revolução produz frequentemente a cura de muitas affecções que affligem a infancia; taes como a gota coral, os diversos fluxos, as escrophulas, etc. Nas meninas, o estabelecimento dos menstros é muitas vezes difficil e acompanhado de grande numero de molestias e indisposições : chlorose, ataques de nervos, espasmos, depravações de gosto, etc. Depois das tormentas da puberdade, as molestias proprias da adolescencia tomão um character inflammatorio. Existem tambem outras affecções annexas aos numerosos abusos venereos, infelizmente mui frequentes, e cujas consequencias são algumas vezes funestas.

Em conclusão, eis-aqui as *regras hygienicas da adolescencia* : O exercicio é necessario a esta idade, convem favorecê-lo; não sómente é util ao desenvolvimento do corpo, mas produz ainda, como já disse, uma feliz diversão a certas ideias que se devem afastar. Longe de apressar o desenvolvimento sexual por imprudentes conhecimentos, ideias ou pinturas capazes de inflamar a imaginação e os sentidos, não ha cousa mais salutar para adquirir uma saude firme, constituição robusta, e mais que tudo uma alma energica, do que deixar por longo tempo a criança em sua infancia. Nas meninas, a menstruação merece uma attenção particular : deve ser especialmente vigiada nas que são pallidas, descoradas, e languidas tanto no physico como no moral : destinei a este assumpto um artigo separado. (*Veja-se MENSTRUACÃO*). Os moços, em quanto crescem, precisão comer muito. É necessario dar-lhes uma alimentação sã e abundante. O uso do vinho deve ser moderado; dão-se bem em geral com uma vida regular e regrada. A actividade da respiração deve fazer-lhes escolher habitações vastas e claras. Alguns medicos considerão com razão como uma das causas da tísica os quartos estreitos, humidos, escuros e em que dormem grande numero de pessoas. Esta idade é a que deve ser sobretudo consagrada á educação : o adolescente não tem ainda inclinações decididas; e, pela flexibilidade do seu character, sujeita-se aos preceitos que se lhe dão; sua memoria e intelligencia permitem-lhe ao mesmo tempo o lembrar-se d'elles e comprehendê-los.

Virilidade. A virilidade ou idade madura é caracterizada pelo inteiro desenvolvimento das forças physicas e moraes; o homem

cessa então de crescer, e tem adquirido um temperamento proprio e inclinações determinadas que já não podem mudar-se. Comprehende-se a estatura média, para o homem, entre 168 e 176 centímetros. A mulher é mais baixa : a sua estatura não excede 150 a 165 centímetros; provavelmente, diz Haller, *para que a força esteja do lado dos maridos*. A infancia é a idade da memoria; a adolescencia a da imaginação; a virilidade tem por attributo o raciocinio. O homem medita, reflecte e compara. A ambição, o amor da gloria, o desejo das riquezas e honras tomão insensivelmente, no coração do homem adulto, o lugar do amor e das paixões mais brandas e mais generosas que enchem a alma do adolescente. O cuidado do pai para com a sua familia nascente isola-o dos outros homens, e dá-lhe interesses privados que se tornão o principio do egoismo, ao qual tende, e contra o qual os esforços de sua razão não o podem inteiramente premunir.

A geração, ao exercicio da qual o homem adulto é convidado pelos desejos que o urgem, e pelo bem-estar real que experimenta na sua satisfação, mostra que é então verdadeiramente chamado pela natureza á propagação da sua especie. O homem está sómente apto, n'esta idade, para o casamento. Póde-se observar que um enlace prematuro enerva os jovens individuos, abrevia-lhes a vida, e prepara a seus filhos uma existencia fraca e valetudinaria. Com effeito, o homem só é capaz de reproduzir sua especie quando adquirio o complemento de sua propria organização.

Na mulher, pertence á idade madura a época da cessação dos menstros; época que não é livre de perigo, e que por isso foi chamada *idade critica*. Esta suppressão dos menstros, que principia por irregularidades seguidas ás vezes de perdas abundantes, tem lugar dos quarenta aos cincoenta annos pouco mais ou menos, conforme foi a apparição dos menstros mais ou menos tardia durante a adolescencia. *Vejá-se MENSTRUÇÃO*.

Velhice. Divide-se em tres periodos : 1º, a idade do *retrocesso*, que comprehende o intervallo dos sessenta aos setenta annos; 2º, *caducidade*, dos setenta aos oitenta annos; 3º, a da *decrepidez*, que vai dos oitenta annos até ao fim da vida. Estas épocas anticipão-se ou retardão-se no homem conforme certas circumstancias, como o abuso da vida, as paixões, os pezares, as occupações, o genero do trabalho. Principiãõ para uns aos cincoenta annos, e retardão-se para outros até aos setenta. São mais anticipadas nas mulheres : ha a este respeito dez annos de differença entre os dois sexos.

A parte material do nosso ente, consumida pelo uso e pelo tempo, enfraquece e cahe. A porção intellectual extingue-se e a

sua perda precede frequentemente a do corpo. O ornamento da natureza, o orgulho da criação, o homem, nos seus últimos instantes, é sómente massa reduzida ás mais simples funcções do organismo, provida de uma existencia animal. Esta decadencia tem lugar de maneira gradual e insensivel.

Os principaes caracteres physicos da velhice são as rugas, a côr fusca e a flaccidez da pelle, a côr branca e depois a quêda dos cabellos, um tremor particular. Os dentes gastão-se, vacillão e cahem : as costas arqueão-se, e os ossos tornão-se mais duros e quebradiços. De todas as funcções da vida, a digestão é a que menos se altera nos velhos, e mesmo os prazeres da mesa são quasi os unicos que lhes ficão. A facultade da reproducção diminue e extingue-se. Os sentidos tornão-se mais obtusos; d'onde procede o erro tão commum nos velhos de crer que tudo tem degenerado no mundo externo, porque os mesmos objectos não podem causar-lhes a mesma impressão. No seu tempo, a gente valia mais, os costumes erão mais puros, vivia-se mais barato, etc.

A conversação é um dos maiores encantos do velho; gosta de contar o que vio, os acontecimentos de que foi testemunha e muitas vezes heroe. O militar conta as suas batalhas, o juiz as suas causas celebres, o medico as suas curas, tudo um pouco fóra da verdade; mas este é o privilegio dos velhos e viajantes; modificão as cousas na occasião, e seria estranho que a verdade, vinda de tão longe, não se alterasse um pouco no caminho. Esquecem-se mui facilmente do que contárão; d'aqui vem a repetição contínua e sem fim que forma o character d'esta idade. As sympathias, estes movimentos generosos da alma pelos quaes o homem se esquece de si para consagrar-se a seus semelhantes, estreitão-se cada vez mais com a idade, e o egoismo os substitue mui frequentemente. O sentimento de sua fraqueza e o medo da indigencia são as causas da avareza que distingue os velhos. A imaginação extingue-se, a existencia materializa-se, e só se compõe então dos frios calculos dos interesses pessoaes. O medo da morte é excessivo n'esta idade; torna o velho pusillanime e verdadeiramente infeliz. A ideia de sua destruição o faz estremecer, e até cahir em desmaio; busca distrahir-se, e desviar o pensamento d'esse objecto de desespero.

As imperfeições moraes da velhice, que deixei indicadas, são compensadas por vantagens de outra ordem. A ausencia das paixões deixa o homem em tranquillidade, em um socego que não lhe era conhecido até então : seu coração já não é dilacerado pela afflicção de um amor infeliz, pelas lagrimas amargas de uma ambição frustrada, pelas anxiedades concentradas do amor pro-

prio humilhado, ou de todas as outras fraquezas humanas. Se o velho tem vivido como homem de bem, se tem preenchido os sagrados deveres da sociedade, recebe na idade madura a mais agradável de todas as recompensas, o gozo de uma consciencia pura, o encanto de um fim sereno e tranquillo : é a tarde de um bello dia.

Se a memoria geral, e a das circumstancias actuaes frequentemente foge ao velho, não acontece o mesmo com a que se chama local. É raro que esta não subsista apesar dos progressos do tempo. O velho vos dirá com uma precisão admiravel a menor particularidade sobre os acontecimentos de sua mocidade, de sua infancia, e sobre os lugares que o virão nascer. Esta sorte de memoria é preciosa para o velho; offerece-lhe á lembrança os primeiros objectos que o occuparão, os jogos de sua infancia, a felicidade domestica de sua familia : elle vê a alegria de seu pai, as caricias de sua mãe, e abençoa o céo por poder lembrar-se de objectos tão caros. É uma previsão admiravel da natureza, que subtrahе n'este periodo da vida o quadro dos acontecimentos presentes, sempre mais ou menos tristes, e o substitue pela imagem dos felizes tempos da mocidade.

O socego dos sentidos favorece a attenção : a ausencia das paixões fortifica o juizo, a experiencia lhe dá autoridade. [Esta idade é afamada pela sua circumspecção, prudencia e sabedoria. Em quasi todos os paizes é a velhice que governa, senão directamente, ao menos por sua influencia, que é immensa nos destinos das nações. Em muitos povos da antiguidade, a velhice foi divinizada como symbolo da experiencia e sabedoria. É a idade em que a virtude do homem brilha com seu mais puro resplendor. É para lamentar que reuna a essas qualidades eminentes as tendencias e preoccupações defeituosas que deixei descriptas, e que são uma origem fecunda de erros e juizos falsos. A circumspecção está perto da desconfiança, a prudencia da pusillanidade, a ordem e a economia da avareza, a austeridade dos principios da intolerancia. Ora, a organização dos velhos põe-n'os, sem elles o saberem, sobre o declive de todos estes excessos. Além de que, sua repugnancia para a experimentação os torna mui obstinadamente conservadores, e para ter uma sociedade perfeita seria preciso possuir a feliz alliança da confiança da mocidade, da constancia na idade adulta e da experiencia na velhice.

Passemos ás *regras hygienicas relativas á velhice*.

Postos n'esta torrente que não permite repouso, e contra a qual ninguem póde lutar, chegamos todos á velhice, salvo se naufragarmos no caminho. Approximando-se a este periodo de

decadencia, o homem é advertido pelo instincto, não menos que pela experiencia, que já lhe não é permittido arriscar a saude, e que tem de supprir, por cuidados, o que falta á força vital que se enfraquece. É, por consequinte, á velhice que mais importa o conhecimento e a pratica dos preceitos hygienicos.

À proporção que o movimento vital se vai tornando mais fraco, o corpo soffre menores perdas e precisa menos reparação. Sabe-se que são os velhos que melhor supportão a abstinencia. Consequintemente, a sobriedade convem principalmente ás pessoas idosas. Tendo fracos os órgãos digestivos, devem abster-se de alimentos indigestos e copiosos. Sem excluir nenhuma substancia reputada sã, serão as carnes de animaes tenros preferidas ás carnes duras, os legumes e fructas ao regimen animal. Sobretudo depois da queda de muitos dentes, é preciso usar de pouca carne, substituindo-lhe o caldo, o leite, as sopas, os mingãos, as féculas, os ovos, os vegetaes e o peixe. Sendo os dentes deteriorados na velhice, convem submeter os alimentos a uma longa mastigação, afim de terem tempo de impregnar-se de saliva, fluido que favorece muito a digestão. Se os dentes e as queixadas recusarem servir, será conveniente dar ás substancias alimentarias uma divisão preliminar mediante um instrumento apropriado. Os temperos são menos contrarios na idade de que tratamos do que nas outras epochas da vida. Favorecem a acção do estomago augmentando-lhe a energia; mas nunca se deve abusar d'este meio. Quanto ao que respeita a hora e numero das comidas, as pessoas idosas só terão a seguir as regras que indico no artigo ALIMENTOS para todos os homens; mas será mui importante para elles o comerem mui pouco de noite. O vinho, segundo a opinião de Platão, convem muito á velhice, não menos para distrahi-la de suas penas do que para activar as funcções do corpo. Accrescentarei que o abuso d'esta bebida, como o de todas as que são fermentadas, é muito mais perigoso n'esta epoca da vida do que nas idades que a precedem. O uso sobrio do café, do chá, e ás vezes dos licores, é mais salutar do que nocivo á velhice.

O ar é outro alimento não menos necessario á existencia. As pessoas que tem muita idade devem tê-lo puro. Devem dormir em um quarto espaçoso, claro, bem arejado, commodo, agradável, e não em alcova fechada. Esta idade é mui sensivel ao frio; convem, por consequinte, nos tempos frios, impedir por meio de roupa sufficiente a impressão do ar externo. A morada no campo, em clima quente, as occupações e os prazeres campestres merecem a preferencia quando seja possivel. O exercicio, proporcionado ás forças, que não chegue a fátigar, é eminentemente salutar ás

pessoas idosas. Para entreterem a transpiração da pelle, é bom que tomem banhos mornos, cuja duração não deve exceder a um quarto de hora até meia hora. Os banhos frios são perigosos, pois a reacção nas pessoas idosas é mui difficil. As evacuações alvinas, que são mui difficultosas n' esta epoca da vida, serão facilitadas por clysteres, ou com medicamentos purgativos, entre os quaes as pilulas de aloes merecem a preferencia.

A medida que a potencia genital se extingue, é necessario que a pessoa saiba resignar-se ao decreto sancionado pela natureza, e não solicitar pela imaginação, ou pelos medicamentos excitantes, forças artificiaes, cujo favor poderá custar mui caro.

Convem, quanto fôr possivel, regular as horas da vigilia e do somno; não se deitar muito tarde nem levantar-se muito cedo, dar pela manhã um passeio quando o tempo o permittir; é tambem o momento mais conveniente para ir á banca. Se as paixões e as applicações fortes do espirito são nocivas ás pessoas adiantadas em annos, as distracções agradaveis, as recreações do espirito, pelo contrario, são-lhes salutaes. Cicero, no seu Tratado sobre a velhice, aconselha a cultura das letras como meio mais digno, e mais capaz de abrandar o rigor d' esta quadra. Bons livros encantão e consolão, e precisa-se muita philosophia em uma epoca tão fecunda em pezaes, para todo aquelle que não sabe resignar-se ás leis immutaveis da natureza, e conformar-se ás necessidades da ultima idade.

A apprehensão da morte é, como já disse, um sentimento fixo que envenena a existencia de grande numero de pessoas idosas. Em vão a benevola natureza, querendo privar-nos da vida, se esforça em despir-nos successivamente dos favores que no-la podião tornar cara, o louco amor para com as unicas funcções da respiração nos acompanha até ao sepulcro. Mas quanto perde a morte em suas fórmas hediondas, quando ao sentimento das privações e das dôres das enfermidades, se ajuntão bons testemunhos da consciencia e a firme esperanza de um futuro melhor a prol do qual se não tem desmerecido! Quem se não sentio commovido e transportado, representando-se o fim do virtuoso Socrates! Quanto é sublime este philosopho quando, depois de acceitar de seus verdugos, a quem perdoa, o copo da venenosa cicuta, disserta, com serenidade, sobre a immortalidade da alma, rodeado de seus discipulos, que julgão já ver n' elle alguma cousa de divino! Os velhos medrosos farão bem em lér e meditar os escriptos dictados por uma sã philosophia, ou inspirados pelo genio do christianismo, e que tendem a desenvolver um justo desprezo da morte. As pessoas que acreditão na immortalidade da alma basta a paz de sua

consciencia. Estas sabem que ganhão muito abandonando, por uma vida eterna, uma existencia cheia de miserias.

Queixão-se frequentemente os velhos da indifferença e aversão que se lhes testemunha; muitos buscão a solidão, e cahem na misanthropia. Sem duvida, os homens são ás vezes injustos para com uma idade que merece alguma indulgencia e exige todo o respeito; mas quem exprobra agravos, não deve ter tomado a iniciativa. O velho destituido de discernimento ou poder sobre si mesmo para comprimir o genio ralhador, a intolerancia, o humor sombrio, o egoismo ao qual o predispõe a organização degenerada, deve ter a certeza de não achar nos outros muita promptidão em servi-lo. É respeitado por um sentimento de decoro ou dever; mas quanto á affeição, é natural que os estranhos lh'a neguem. A benevolencia honra, faz honrar e amar a velhice. Os velhos devem temperar a gravidade do seu character, a severidade de seus principios e suas prevenções para com o tempo presente. A serenidade da alma, a affabilidade das maneiras, uma alegria decente e moderada convem muito á velhice. Associando a um character amavel a experiencia, a sabedoria e os ornamentos do espirito, serão amados e respeitados de todos.

IDADE CRÍTICA. Epoca da vida das mulheres na qual cessa a menstruação, entre 45 a 50 annos, pouco mais ou menos. O epitheto de *critica* foi-lhe dado, por causa de alguns incommodos que apparecem n'esta epoca.

Se os incommodos ou molestias, que acompanhão ás vezes a cessação dos menstros, fazem d'esta epoca da vida das mulheres uma *idade critica*, é preciso saber que em muitos casos, esta epoca não sómente não tem nada de perigoso, mas pelo contrario é favoravel a certas senhoras, que tendo soffrido do utero durante toda a sua mocidade, de ataques de nervos e outros incommodos, gozão boa saude depois da cessação dos menstros.

A idade critica é muitas vezes marcada por hemorrhagias uterinas excessivas e prolongadas, devidas á atonia do utero que fica molle, e fortemente congestionado; estas hemorrhagias occasionão pallidez do rosto, fraqueza geral, palpitações e todos os symptomas de anemia. As hemorrhagias da idade critica durão um ou dois annos debaixo da fórmula intermittente, e desaparecem permittindo a volta da saude.

Quando os menstros césão naturalmente sem occasionarem hemorrhagias, apparece ás vezes a plethora caracterizada pelos calores no rosto, oppressões no peito, e uma sensação de plenitude desagradavel na bacia. Certas molestias da pelle, e sobretudo a acne rosacea ou caparrosa do rosto, apparecem depois da cessação

das regras, e formão enfermidades difficeis de curar. Sobrevem igualmente nevralgias lombo-uterinas.

Tratamento. A plethora, que acompanha a idade critica, deve ser combatida pelo regimen vegetal, uso de limonadas, e, ás vezes pela sangria no braço. Se a idade critica fôr acompanhada de hemorrhagias uterinas, é preciso que a mulher se conserve em repouso sobre um canapé ou na cama, e use das preparações de ferro ou do centeio espigado.

Eis-aqui as receitas :

Tintura de Marte tartarizada. 30 grammas (1 onça).

Para beber 20 a 40 gottas, em meia chicara d'agua fria com assucar, de 2 em 2 horas.

Centeio espigado em pó. 1 gramma (20 grãos).

Para tomar a dóse inteira de uma vez, n'uma colher d'agua com assucar.

Estes medicamentos tomão-se durante as hemorrhagias; no intervallo d'ellas convem usar dos banhos de rio ou do mar, e das lavagens locais frias.

Cumpre evitar a prisão do ventre, que é seguida sempre de congestão uterina. Para este fim recorra-se aos clysteres d'agua morna ou brandos purgantes. As erupções da pelle e as nevralgias tratão-se do mesmo modo que em qualquer outra circumstancia.

IDIOTISMO, IDIOTA. Os idiotas são entes privados mais ou menos completamente da intelligencia desde a mais tenra idade. Formão uma familia numerosa, por isso que, desde a ausencia quasi inteira da intelligencia até ao gráu que representa o estado ordinario d'esta funcção, observão-se muitas graduacões e variedades. Assim, encontrão-se idiotas que tem uma existencia quasi vegetativa; parecem estranhos a toda a especie de sensações, não sentem nem frio, nem fome, nem especie alguma de dôr; mettem-se lhes alimentos na bocca, elles os engolem; se abrem os olhos, é de alguma maneira sem enxergarem os objectos. Outros deixão ver que experimentão algumas sensações, reconhecem os alimentos que se lhes offerecem, tomão-n'os e comem-n'os, vêem os objectos e sabem evita-los, virão a cabeça para o lado onde ouvem ruido; se os beliscão, buscão subtrahir-se á dôr; até se encolerizão sendo contrariados, mas não sabem fazer uso dos objectos exteriores, não podem vestir-se, ficão expostos ao frio, e só pensão em comer quando vêem os alimentos: alguns gritos e gestos mui simples formão n'elles toda a expressão da linguagem. Principia-se a encontrar vestigio da intelligencia n'aquelles que occupão um gráu um pouco mais elevado: sua attenção é ás vezes fixada pelas impressões feitas sobre seus sentidos; parecem olhar para certos

objectos com um sentimento de prazer misturado de curiosidade ; dirigem-se aos alimentos e apoderão-se d'elles, reconhecem as pessoas que d'elles cuidão habitualmente, indicação ás vezes, por meio de gritos ou gestos, os objectos de seus desejos ; manifestão a alegria ou o desgosto que experimentão. Entretanto, é preciso vesti-los, deita-los, pô-los no lugar em que se quer que elles fiquem, são incapazes de satisfazer as suas necessidades ; pôde-se, quando muito, fazer-lhes reter uma ou duas palavras á força de as fazer repetir em circumstancias dadas. Seguem-se os idiotas que reconhecem as differentes pessoas com que vivem, e ás quaes manifestão affeição se d'ellas estão satisfeitos, que ajudão a vestir-se, comprehendem certas perguntas, vão buscar o alimento, articulão algumas palavras ; são entretanto incapazes de qualquer trabalho, e estão todo o dia sentados, deitados ou passeando. Existem, emfim, idiotas cujas faculdades intellectuaes são desenvolvidas até certo ponto ; chamão-se *imbecis* : observão-se n'elles algumas ideias, um uso limitado da palavra, alguma memoria e certas acções razoaveis. Conhecem o valor do dinheiro e sabem o seu uso, procurão a reunião dos sexos, sabem vestir-se, prover ás suas necessidades. Mas não se lhes pôde ensinar a ler nem a escrever.

As causas da molestia que nos occupa nem sempre são faceis de determinar. Affecções moraes, vivas e penosas durante a prenhez parece que produzem ás vezes o idiotismo : as quédas em que a cabeça da criança recebe o choque, o susto, uma inflammação do cerebro, as convulsões, podem tambem ser seguidas da obliteração da intelligencia.

Ordinariamente não se sabe a que causa deve ser attribuida esta molestia. Umaz vezes traz seu principio do seio materno, e outras origina-se após o nascimento. No primeiro caso, os pais reparão que a criança, chegada á idade em que deveria ser sensível ás primeiras impressões, mostra-se-lhes indifferente ; não se lhe podem despertar os sentidos, nem fixar a attenção ; não aprende a fallar. Os pais só principião a inquietar-se aos dezoito ou vinte mezes depois do nascimento, e muitas vezes não reconhecem bem a enfermidade da criança senão muito depois. Quando os meninos não se tornão idiotas senão na epoca em que a intelligencia tem principiado a desenvolver-se, os pais ficão suspensos ordinariamente [algum tempo antes de notarem o estado da criança ; buscão explicar por qualquer outra causa a sua indifferença, seus fracos conhecimentos ; mas emfim o mal progride, a intelligencia escurece-se e extingue-se.

Os idiotas ficão ordinariamente n'este estado toda a vida. Nos

imbecis a educação pôde, ás vezes, desenvolver até certo ponto as faculdades intellectuaes; aperfeiçoão-se pelo costume do trabalho e por suas relações com os individuos no meio dos quaes vivem; alguns idiotas adquirem tambem um pequeno numero de conhecimentos. Citão-se alguns exemplos de meninos mui obtusos até dez ou doze annos, e cujas faculdades desenvolvêrão-se depois. Em geral, os idiotas não vivem muito tempo, a maior parte d'elles morrem antes de chegarem aos trinta annos. Os imbecis vivem mais que os idiotas. O estado da sensibilidade physica e a falta de intelligencia tornão mui obscuras as molestias que n'elles sobreveem; não soffrem, ou, se soffrem, não sabem dar conta de suas sensações.

Os idiotas e os imbecis são susceptiveis de serem interdictos. Alguns são maliciosos e até perigosos; deym ser vigiados: se são pobres, é de costume serem encerrados nos hospícios. Ha exemplos de imbecis que servirão de instrumento a actos reprehensiveis e até a crimes. Quanto áquelles espiritos limitados que se soffrem na sociedade, alguns são incapazes de reger seus negocios, e é indispensavel dar-se-lhes um tutor para não prejudicarem seus interesses por sua incapacidade. Esses entes desgraçados da natureza, que não podem chegar ao conhecimento das verdades moraes nas quaes se basêõ os deveres do homem em sociedade, e cuja fraca razão é dominada por paixões imperiosas, merecem, pela maior parte, ser tratados com indulgencia quando commettem faltas, ou quando são conduzidos perante os tribunaes por delictos ou crimes que hajão commettido.

Pouco tenho que dizer sobre o *tratamento* do idiotismo. Quando a molestia existe com um vicio de conformação do craneo, ou com a paralytia dos membros que annuncia uma lesão organica do cerebro, não ha remedio que aproveite. Mas quando a cabeça é bem conformada, sobretudo se o enfraquecimento da intelligencia tiver principiado depois do nascimento, se fôr recente e não houver paralytia, pôde-se tentar o uso dos purgantes, dos causticos na nuca, dos banhos frios e mornos, das affusões frias sobre a cabeça; e nada se arrisca com estas tentativas. É preciso exercer uma vigilancia particular sobre os doentes para impedir que se entreguem ao onanismo.

A educação bem dirigida de alguns idiotas, e sobretudo dos imbecis, pôde ter resultados vantajosos. Muitas pessoas esquecem-se de que os estudos devem ser proporcionados ás forças da intelligencia; que tal individuo, por exemplo, que poderia ter adquirido conhecimentos necessarios para viver na sociedade, tem ficado estúpido por se haver exigido d'elle uma applicação de que não era capaz;

que outro que ficou imbecil porque, pertencendo a uma familia rica, foi, por assim dizer, abandonado de seus pais, repellido por elles, poderia ser um obreiro util se tivesse pertencido a uma familia pobre. Póde-se conseguir que muitos idiotas sejam limpos, obedientes, que communicem suas necessidades e fujão dos extremos da temperatura, que aprendão a comer, etc. Os imbecis podem ser instruidos em muitos trabalhos faceis e muitos deveres sociaes; póde-se até certo ponto multiplicar-lhes os conhecimentos e aperfeiçoar-lhes a linguaguem.

ILEO, Volvo ou **Volvulo**. Molestia caracterizada por dôres extremamente vivas na barriga, acompanhadas de vomitos e de prisão do ventre. É assim chamada porque tem a séde no intestino ileo, ou porque n'esta affecção os intestinos estão frequentemente enrolados e como enovelados; *volvere* em latim significa *enrolar*. Chamão-lhe tambem *nó na tripa*. A intensidade da dôr fez com que se lhe dêsse o nome de *miserere*, do verbo latino que significa *tenha pena de mim*.

Causas. As causas d'esta molestia são obliterações momentaneas do canal digestivo por deslocações, invaginações, estrangulações de uma porção do intestino. A obliteração póde ser causada pela rotação de uma parte do intestino sobre um eixo formado por uma outra parte; esta causa, porém, é a mais rara. A obliteração póde ser produzida pela accumulacão das materias fecaes endurecidas, pelos caroços de fructas, por vermes intestinaes, e pela invaginação intestinal. Dá-se este ultimo nome á introduccão com viramento de uma porção mais ou menos consideravel de intestino n'uma outra porção do órgão situada ordinariamente debaixo da primeira. Um dedo de luva meio virado imita assás exactamente a disposição que apresenta o intestino invaginado.

Symptomas. Os symptomas do ileo sobrevem pouco a pouco ou de uma maneira subita. No primeiro caso são precedidos de perturbações nos órgãos digestivos; o que se observa quando a obliteração depende da accumulacão de fezes ou da simples pressão de alguma membrana, consequencia da inflammação do peritoneo, que achata o intestino sem exercer constricção completa. Mas se, como acontece ordinariamente, a obliteração foi produzida por algum obstaculo, os symptomas sobrevem subitamente, como nas quebraduras estranguladas. As mais das vezes, sem causa apreciavel, ou depois de um jantar copioso, ou depois de algum esforço, o individuo acha-se acommettido de uma dôr mais ou menos viva no ventre. Se a estrangulaçãõ se fizer durante a digestão estomacal, o doente lança os alimentos que tomou como se experimentasse uma violenta indigestão, e de ordinario sente-se

alliviado logo depois. Mas as dôres abdominaes não tardão a apparecer; são contínuas e exacerbantes; o doente as compara a picadas. Ha, entretanto, doentes que não soffrem tanto. Mas qualquer que seja o gráu de violencia das dôres abdominaes, os vomitos apparecem desde o começo da molestia; a principio alimentarios, são logo depois formados de mucosidades e de bilis. Supprimem-se as evacuações alvinas, incha o ventre. Se a estragulação persistir, sobrevem soluços; os vomitos são mais frequentes, e passado algum tempo são formados de materias estercoraes, amarelladas, liquidas, de cheiro caracteristico. Alterão-se as feições; cavão-se os olhos; extinguc-se a voz; a pelle torna-se fria, e cobre-se de suor viscoso; os soluços são contínuos; o pulso torna-se frequente e fraco. O doente extinguc-se conservando as mais das vezes a razão; muitos cêssão de soffrer, e, algumas horas antes do termo fatal, dizem que sentem allivio.

O ileo tem sempre uma marcha aguda; mas esta é geralmente menos rapida do que nas estrangulações herniarias, nas quaes a constricção do intestino é muito mais forte: e por isso é raro que, no primeiro caso, a morte sobrevenha antes de seis ou sete dias; frequentemente os doentes lutão durante quinze dias; mas alguns succumbem no fim de 24 ou 36 horas.

A morte é a terminação frequente do ileo, entretanto não é raro que os doentes se restabeleçam. A cura pôde mesmo ter lugar nos casos desesperados, e depois de muitos dias de vomitos estercoraes. Na sua obra de pathologia, o Dr. Grisolle cita muitos casos favoraveis. Logo que a liberdade do ventre se restabelece, os doentes expulsão abundantemente ventosidades pelo anus, e uma quantidade prodigiosa de materias liquidas. Se o obtaculo foi produzido por fezes accumuladas ou por alguns corpos estranhos, podem elles achar-se nas dejeções.

Tratamento. Em presença dos signaes de uma obliteração intestinal, deve-se examinar primeiro se não existem corpos estranhos no tubo digestivo, ou materias fecaes endurecidas, ou uma quebradura. Os corpos estranhos reconhecem-se pelos antecedentes dos doentes, que por exemplo dizem terem comido fructas com caroços. Tumores estercoraes existem nos individuos que soffrem habitualmente de prisão do ventre, e, tambem, pôde-se sentir o tumor n'um dos lados do ventre. Procure-se sobretudo saber se não ha quebradura. A principio administrem-se 60 grammas (2 onças) de oleo de ricino, em duas dôses, com meia hora de intervallo. Appliquem-se no ventre pannos molhados em agua fria, ou melhor ainda, pedaços de gelo. Administre-se um clyster com 60 grammas (2 onças) de oleo de ricino, e quantidade sufficiente d'agua muito

fria. Dê-se a beber agua fria ou gelada, e, podendo ser, faça-se engulir gelo, aos pedacinhos. O frio é util, porque concentra os gazes, e provoca a contracção intestinal. As applicações frias são sempre bem toleradas, e o seu uso deve ser continuado durante muitos dias.

Se o oleo de ricino não produzir evacuações, recorra-se aos purgantes mais energicos, que são :

1º Sene...	30 grammas (1 onça)
Herva doce ..	4 grammas (1 oitava)
Agua fervendo.	360 grammas (12 onças).

Infunda por meia hora, cõe, e adoce com assucar. Administra-se esta infusão em duas doses, com meia hora de intervallo.

2º Uma gotta de oleo de croton tiglium, n'uma colher d'agua fria com assucar, repetida tres vezes, de quarto em quarto de hora.

Se estes meios não produzirem effeito, empregue-se o seguinte : Dilate-se fortemente o ventre com agua fria introduzida pelo anus no canal intestinal por meio de uma seringa; introduza-se depois, do mesmo modo, 1º a solução de 30 grammas de acido tartrico em 90 grammas d'agua; 2º a solução de 30 grammas de bicarbonato de soda em 90 grammas d'agua; tape-se o anus com um chumaço fortemente applicado; espere-se alguns minutos; por fim tire-se o chumaço. A irrupção espontanea dos gazes, liquidos e materias estercoraes produz a cura do doente.

Se tudo isto não fôr sufficiente, recorra-se aos calmantes e antispasmodicos. Metta-se o doente n'um banho d'agua tepida, e administre-se-lhe a poção séguite :

Infusão de folhas de laranjeira.	120 grammas (4 onças)
Tintura de belladona.	20 gottas
Laudanno de Sydenham.	20 gottas
Ether sulfurico..	20 gottas
Xarope simples ..	30 grammas (1 onça).

Misture. Para tomar uma colher, das *de sopa*, de meia em meia hora.

ILIACOS (Ossos), ou OSSOS COXAES. São dois ossos situados na parte inferior e lateral do corpo, um de cada lado; formão sobre os lados as ancas ou ilhargas, e constituem o pubis na parte anterior.

IMAGINAÇÃO. Faculdade da intelligencia, a qual traz á lembrança objectos tanto ausentes como presentes. Examinemos este objecto debaixo do ponto de vista medico; isto é, indiquemos, de uma parte, a influencia da imaginação sobre o organismo, e de outra, a influencia da organização e dos agentes physicos, que a modificação, sobre a mesma imaginação.

Annuncia-se a um homem sentenciado á morte que é chegada a sua ultima hora, mas que se lhe vai abrandar o supplicio irrevogavel, abrindo-sc-lhe uma veia em cada um dos quatro membros. Vendão-sc-lhé os olhos, praticão-se-lhe quatro cesuras, sobre as quaes se deita um fio d'agua morna, e o desgraçado, que tudo ao redor de si confirma artificialmente em uma illusão funesta, não duvida de que vai perder todo o sangue. O horror da morte, que lhe tem gelado a alma, paralysa logo os movimentos corporeos, a respiração torna-se mais lenta, o coração cessa de bater, e o homem cahe morto.— Um doente chega ao seu derradeiro instante, o desespero associa-se á molestia para acelerar a sua perda. Um medico celebre, um remedio supersticioso, reanimão a esperanza, e o doente recobra a existencia prestes a abandona-lo. — Quem foi que operou estes prodigios? A imaginação. É, por conseguinte, bem poderosa esta faculdade, que póde matar e resuscitar! Aos que não comprehendem um tal dominio do moral sobre o physico, poder-se-hião citar mil situações em que elle é manifesto. Quantas vezes tem sido attribuidos a causas sobrenaturaes effeitos prodigiosos que o poder da imaginação explicava naturalmente? Nem são contos essas curas maravilhosas, da antiga medicina, obtidas nos templos dedicados a Esculapio; ou pelos votos, offrendas, orações, nos seculos religiosos; ou por exorcismo, magia, feitiçaria e astrologia, nos tempos de superstição; ou por encantos, figas, homeopathia em epoca de credulidade. As molestias existião realmente; só foi desconhecido o unico medico, a imaginação apoiada na fé e na esperanza.

Os individuos de temperamento nervoso e melancolico vivem consideravelmente sob o dominio da imaginação, e carecem de acautelarse continuamente contra as illusões que ella lhes prepara. A influencia do regimen é grandissima sobre esta faculdade. Os homens imaginão menos quando vivem de alimentos farinaceos, gordurosos, oleosos, vegetaes, quando cansão o corpo e quando dormem muito. O regimen inverso, quando é compativel com a saude, é o que mais favorece a imaginação. Sabe-se quanto os estimulantes, e principalmente o vinho, o café, a despertão e exaltão. As letras, as bellas artes, e sobretudo as paixões, a excitão no ultimo gráo. Quando se considera a parte immensa que tem a imaginação nos pezarcs e deleites da vida; quando se pensa que a alienação mental não conhece causa mais frequente do que os seus abusos e as suas aberrações, sente-se logo a importancia da educação d'esta rainha das illusões e das chimeras. É mister que se cuide bem cedo da imaginação dos meninos, não os preocupando com contos fantasticos, cujo menor damno é falsear-lhes o juizo,

quando lhes não produzem terror pusillanime. Poupem-se-lhes as impressões fortes, a vista de painéis exagerados e estranhos, os espectáculos que lhes commovão a alma. A natureza é assás fecunda para ministrar imagens a crianças, sem que seja preciso usar-se de artificios.

É mui commum tomarem-se os remedios com repugnancia, e eis o que acontece ás pessoas que pedem conselhos para vencerem a força da imaginação. Os romances, a poesia, os espectáculos, a musica, a pintura, e com isto o repouso do corpo e as meditações, são o que mais lhes agrada, e é precisamente o que mais contrario lhes é. Devem alimentar o espirito com estudos serios, a historia, litteratura divertida e sisuda, com as sciencias naturaes, physicas e mathematicas. Póde-se tirar grande proveito da conversação com homens sabios, dos principios religiosos, da vida tranquilla e occupada, do exercicio, de um regimen brando, dos banhos, etc., para refrear a imaginação.

Quanto á imaginação das mulheres gravidas, relativamente ás crianças que trazem no seio, algumas coincidencias extraordinarias, e a propensão do povo ao maravilhoso, tem concorrido a acreditar esta opinião, que a medicina moderna nega completamente.

IMAN, MAGNETTE, PEDRA-IMAN OU PEDRA DE CEVAR. O *iman natural* é um mineral ferruginoso que possui a propriedade de attrahir o ferro e alguns outros metaes, que são o nickel, o chromo e o cobalto, e que se chamão substancias magneticas. Este mineral é um oxydo de ferro; isto é, um composto de ferro e de oxygeneo, da mesma fórma que a ferrugem, de que não differe, senão por ter um pouco menos de oxygeneo.

A pedra iman possui a propriedade, não menos notavel, quando se acha movel sobre um quicio, ou suspensa a um fio, de se dirigir por si mesma e apontar para uma parte determinada do horizonte; e por semelhante propriedade, essa pedra mysteriosa, de um trigueiro escuro, sem lustre nem brilho, merece tudo ser collocada muito acima das pedras preciosas as mais procuradas. É ella, com effeito, que guia os navegantes no meio das trevas, dando-lhes o meio de se dirigirem com a mesma certeza sobre os mares, como se estivessem caminhando por estrada batida.

A pedra iman ou *iman* era conhecida dos antigos com os nomes de *pedra de Lydia*, *pedra d'Heracléa*, *pedra de magnesia*, porque acháráo primeiro este mineral perto da cidade de Magnesia, chamada tambem Heracléa, na Lydia, e é do nome da cidade de Magnesia que os Gregos derão ao iman o nome da *magnes* (em portuguez, magnete), e d'onde veio tambem a palavra *magnetismo*, debaixo da qual os physicos designão hoje a totalidade dos pheno-

menos que apresentação os imans. Encontrão-se os magnetes naturaes em quasi todos os pontos do globo : os mais poderosos vem da Suecia, Noroega e das Indias orientaes.

Além dos imans naturaes, ha tambem *imans artificiaes*, assim chamados porque são o producto da arte. Estes são de aço, substancia composta de ferro e de uma porção minima de carbone. Naturalmente o aço não atrahê o ferro, mas faz-se-lhe adquirir essa propriedade, friccionando-o com um forte iman, e é então que elle se torna tambem um iman.

Os imans artificiaes possuem inteiramente as mesmas propriedades que os imans naturaes, mas são muito mais poderosos, e portanto são elles quasi sempre os que se empregão na pratica. Dá-se-lhes umas vezes a fórma de grossas barras de 30 a 40 centímetros de comprido, outras, a de uma ferradura, ou emfim, quando devem ser moveis, cortão-se em laminas delgadas e mui compridas. No meio da lamina está engastada uma agata, excavada por baixo, de maneira a poder aceitar um quicio de aço para



Fig. 301.— Iman attrahindo a limalha de ferro.

sobre elle gyrar livremente. Assim disposto o iman artificial, toma o nome de *agulha magnetica*.

DISTRIBUIÇÃO DA FORÇA MAGNETICA NOS IMANS. A força com que um iman attrahe o ferro não é a mesma em todas as suas partes; é nas extremidades, que a força attractiva é mais consideravel; d'ali vai decrescendo rapidamente até á parte média, onde é nulla. Para o demonstrar, mette-se uma barra magnetizada em limalha de ferro, e quando

se tira, vê-se a limalha adherente á extremidade da barra em filamentos longos e apinhados (fig. 301), mas se se róla a barra toda, nenhuma porção de limalha se lhe pega á parte média.

As duas extremidades em que tem lugar a maior attracção chamão-se *pólos* do iman, e a parte média, em que a attracção é

nulla, é a *linha neutra*. Todo o iman, natural ou artificial, qualquer que seja a sua fôrma, tem dois pólos e uma *linha neutra*. Algumas vezes, além dos dois pólos principaes, observão-se no comprimento das barras pólos intermedios, a que se chama *pontos consequentes*. Isto procede de uma tempera desigual ou de fricções irregulares, quando se magnetizou a barra. Nós supporemos sempre que o iman só tem dois pólos.

Quando um iman, quer natural, quer artificial, está suspenso livremente, uma de suas extremidades dirige-se constantemente para o norte, e outra para o sul. A primeira foi chamada *pólo norte*, ou *boreal* e a segunda *pólo sul* ou *austral*. No hemispherio boreal, o pólo norte do iman suspenso inclina-se abaixo do nivel natural; e, no hemispherio austral, o pólo sul experimenta a mesma inclinação. Nos dois imans, os pólos analogos repellem-se, e os pólos oppostos attrahem-se mutuamente.

A acção do iman sobre o ferro exerce-se atravez de todos os corpos. Por exemplo, colloca-se uma barra magnetizada sobre uma mesa, depois põe-se em cima uma folha de papelão, e por uma pequena peneira se lhe deixa cahir em cima limalha de ferro. Ora, á medida que esta cahe, é solicitada pela attracção respectiva dos dois pólos e se dispõe em longos filamentos, que vão em curvas regulares, reunir-se de um pólo ao outro, mas por cima da região média do iman, não se manifesta acção alguma, e a limalha cahe ahi, como em outro qualquer objecto.

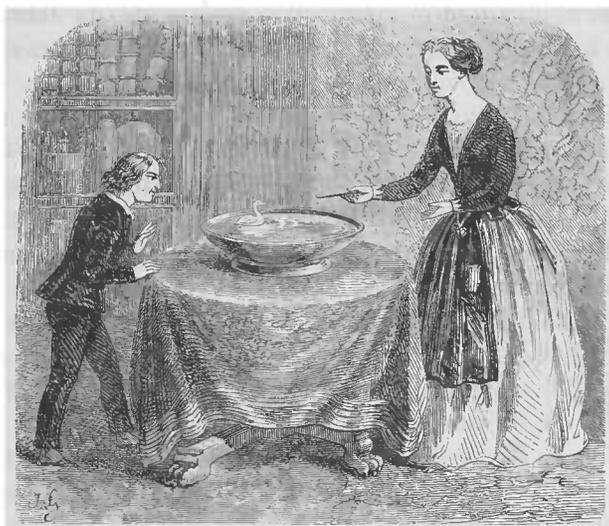


Fig. 302. — Attracção pelos imans.

Tem-se um exemplo d'esta attracção das substancias magneticas pelos imans em um brinquedo de meninos figurado por um

pequeno pato de esmalte, em cujo bico está um pedaço de ferro. Fig. 302. Quando se lhe approxima um iman, elle se adianta lentamente em virtude da attracção exercida sobre o ferro. Torna-se a experiencia mais curiosa, occultando o iman com um bocado de pão.

MAGNETISMO TERRESTRE ; BUSSOLA. — *Direcção dos imans para o norte.* Já vimos que a influencia dos imans sobre o ferro não é a unica propriedade notavel que elles nos offerecem, visto possuirem outra, não menos curiosa, a de se collocarem por si mesmos na direcção norte sul, todas as vezes que se achão suspensos de maneira a poderem livremente virar-se em sentido horizontal. Por exemplo, se se tomar uma agulha magnetica movel sobre um quicio, em qualquer posição que se colloque, tomará exactamente a mesma direcção, com o seu pólo austral virado para o norte, e o boreal para o sul. Se fôr desviada, seja com o dedo, ou pela influencia attractiva ou repulsiva de oútro iman, e logo que o obstaculo cessar, ella voltará sollicitamente á sua primeira posição, sem se enganar, nem n'um centesimo de millimetro. Se em lugar de collocar a agulha sobre um quicio, ella fôr presa sobre um disco de cortiça e este em um vaso d'agua, ver-se-ha o disco voltar-se lentamente em roda, e parar exactamente na mesma direcção que a agulha tinha, quando equilibrada sobre o quicio. Tendo as mesmas observações sido repetidas sobre todos os pontos do globo, por toda a parte se notou, que, no hemispherio do norte é o pólo austral da agulha que se vira para o pólo norte da terra, e que no outro hemispherio é o pólo boreal que se dirige para o pólo sul do globo.

BUSSOLA DE DECLINAÇÃO. — A propriedade que tem os imans de se dirigirem para o norte, recebeo uma applicação na *bussola de declinação*. Este pequeno instrumento, representado pouco mais ou menos de grandeza natural na fig. 303, compõe-se de uma caixa de metal ou de madeira, em cujo fundo está figurada uma estrellada de dezaseis pontas, representendo a rosa dos ventos. O contorno tem um círculo graduado, cujo zero de gradação se acha sobre a linha N S que marca a direcção do norte ao sul. Emfim, no centro da caixa está um quicio de aço sobre que assenta uma agulha magnetica muito movel.

A facilidade com que a bussola de declinação permite achar sempre um mesmo ponto do horizonte, fez d'ella o objecto mais preciso para as viagens de mar. Antes da sua descoberta, que parece datar do seculo XII^o, a navegação, lenta e timida, se limitava a percorrer as costas, que não podião perder de vista, sem o perigo de se perder no meio dos mares. Mas guiados pelas indi-

cações da bussola, que não perturbão nem as trevas as mais profundas, nem as tempestades as mais violentas, os navegantes

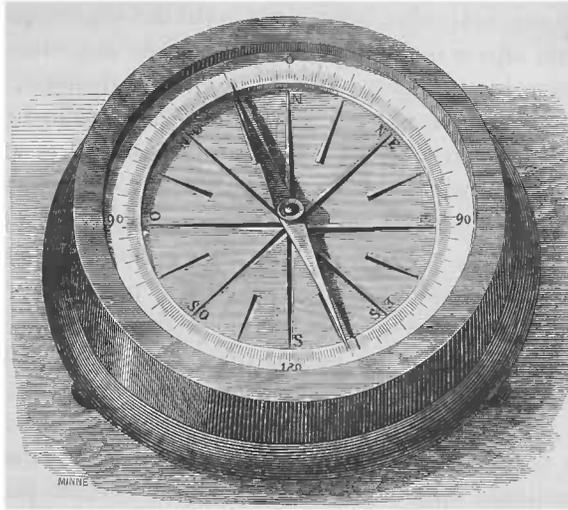


Fig. 303 — Bussola de declinação.

conseguirão poder igualmente, de noite ou de dia, seguir o seu verdadeiro caminho; foi então que, ousando perder de vista as costas, descobrirão a America e fizerão o gyro da terra.

PROCESSOS DE MAGNETIZAÇÃO. — Magnetizar uma substancia é transmittir-lhe as propriedades magneticas, isto é, a de atrahir o ferro e a de se virar para o norte. As unicas substancias susceptiveis de uma magnetização duravel são o aço temperado e o oxydo de ferro que constitue os imans naturaes. A magnetização póde produzir-se lentamente pela influencia prolongada da terra, ou rapidamente pela fricção com um iman; ou emfim, pela acção da electricidade, e n'este caso a magnetização é instantanea.

MAGNETIZAÇÃO POR FRICÇÕES. — Para magnetizar as barras de aço e as agulhas da bussola, o processo geralmente empregado é a magnetização por fricções, que se divide em fricções por *simples toque*, por *toque separado*, e por *duplo toque*. Na magnetização por simples toque, segurando com uma das mãos a barra de aço que se quer magnetizar, com a outra passa-se-lhe por cima no sentido do comprimento o pólo de uma grossa barra magnetizada. Depois de ter repetido muitas vezes essas fricções, a barra de aço adquire a propriedade magnetica. Todos os objectos de aço, como facas, tesouras, e outros, podem magnetizar-se pelo mesmo modo, e o seu iman será tanto mais duravel, quanto mais forte fôr a sua tempera.

Emprego do iman no tratamento das molestias. O iman emprega-se ás vezes para extrahir do olho ou de uma ferida, particulas ferruginosas que ali possuem introduzir-se.

As chapas magnetizadas, applicadas perto dos orgãos que soffrem, produzem um allivio real em grande numero de molestias nervosas, que são : nevralias, dôres sciaticas, rheumatismas, dôres de dentes, oppressões, anginas do peito, etc. Empregão-se para isso chapas que se moldão sobre a fórma dos lugares em que se applicão. Tem nas suas extremidades buracos destinados para as fitas que devem segura-las umas ás outras. Uma precaução é indispensavel quando se applicão, e vem a ser que sejam oppostas pólo a pólo, de maneira que o pólo sul seja virado contra o pólo norte. Mantem-se por meio de ataduras que passam em roda da parte affectada. Quando a dôr occupa só um ponto, duas chapas são sufficientes; assim, para uma nevrurgia temporal ou tico doloroso da face, deve applicar-se uma chapa sobre o lado doloroso, e outra do lado opposto; ás vezes mesmo, basta só uma chapa; assim uma simples barra magnetizada applicada sobre um dente cariado poderá fazer desaparecer a dôr. Mas quando o mal occupa todo o comprimento de um membro, como n'uma sciatica, é preciso applicar tres ou quatro pares de iman a alturas differentes; e se se quizer curar uma dyspnea, ha de se envolver o peito de uma zona composta pelo menos de tres ou quatro peças.

O tempo durante o qual devem trazer-se as chapas magnetizadas varia conforme a tenacidade da molestia. Nas nevralias as chapas entorpecem ás vezes immediatamente a sensibilidade dos nervos, outras vezes é preciso trazê-las durante semanas e mezes.

IMBÉ ou TRAGUANS. *Philodendron imbé*, Schott. Aroideas. Cipó do Brasil. As folhas contém um succo acre, e são empregadas no curativo das ulceras. A raiz é purgativa; secca e reduzida a pó, é aconselhada na hydropisia na dose de 30 a 120 centigrammas (6 a 24 grãos); cumpre, porém, emprega-la com muita cautela.

Ha mais outras especies : *Philodendron grandifolium*, Schott; *philodendron hederaceum*, Schott; e *philodendron arborescens*, Kunth. Gozão das mesmas propriedades.

IMBIRI, ALBARÁ, HERVA DOS FERIDOS. *Canna glauca*, Linneo. Marantaceas. Planta do Brasil. Caule herbaceo, recto, simples, de 3 a 4 pés; folhas oblongas, lanceoladas, verdes; fructo, capsula oval, com tres loculamentos, triangular; angulos obtusos, coroados pelas lacínias do çalice; sementes pretas e redondas; raiz (tronco subterraneo) tuberosa, carnosa, nodosa, horizontal e guarneçada de fibras, que são as verdadeiras raizes da planta. Esta raiz contém

um principio resinoso que pôde ser comparado ao que existe na raiz do lirio florentino. A sua infusão é diuretica e sudorifica; prepara-se com 8 grammas (2 oitavas) da raiz e 180 grammas (6 onças) d'agua fervendo. O cozimento da planta é usado em banhos nas dôres rheumaticas; as folhas recentes applicão-se nas feridas e ulceras.

Ha outras especies: *Canna aurantiaca*, Rosc., *Canna edulis*, Ker., *Canna stolonifera*, Bouché. Suas raizes gozão das mesmas propriedades.

IMBUZEIRO. *Spondias tuberosa*, Arruda. Terebinthaceas. Arvore do Brasil, cujo fructo (imbú, umbú ou ambú) contém uma substancia agridoce mui agradável, e uma amendoa gostosa. No interior da provincia da Bahia e em Pernambuco prepara-se, com o succo dos fructos, leite e assucar, uma sobremesa deliciosa a que chamão *imbuzada*. Tanto o fructo como as tuberas, que se achão na raiz do imbuzeiro, se dão aos febricitantes como um agradável refrigerante.

IMPERFORAÇÃO DO ANUS. Assim se chama o estado de uma criança que nasce tapada. *Veja-se* ANUS, vol. I, pag. 244.

IMPERFORAÇÃO DO PREPUCIO. *Veja-se* TAPADA (CRIANÇA).

IMPETIGO, SALSUGEM; EMPIGEM HUMIDA. Molestia cutanea, não contagiosa, caracterizada pela erupção de pequenas pustulas, agglomeradas ou espargidas, que, seccando, formão crostas amarellas, rugosas e espessas.

Symptomas. Esta molestia occupa ordinariamente o rosto: se existe nas crianças, chamão-lhe então mais particularmente *ozagre* ou *crosta lactea*; observa-se menos frequentemente nos braços ou pernas, e mais raras vezes no tronco. Sobrevem de ordinario sem prodromos. Vê-se um ou muitos pontos da pelle tornarem-se vermelhos e experimentarem um calor e prurido incommodo; logo depois desenvolvem-se sobre estas chapas muitas pustulas pequenas, pouco salicntes, que, em dois ou tres dias, se abrem e deitão um liquido purulento que se transforma em crostas amarellas, friaveis, semi-transparentes, que forão comparadas ao succo gommoso de algumas arvores ou ao mel de abelhas dessecado. O impetigo fica assim estacionario durante um tempo que varia entre duas e quatro semanas; então o prurido e o calor tornão-se menores; as crostas cahem, e a porção de pelle que deixão descoberta é ora vermelha e luzente, ora excoriada e gretada. Outras vezes a crosta não cahe, mas forma-se debaixo d'ella uma ulceração corrosiva que destroe a pelle e deixa, depois de sarar, uma cicatriz disforme. Isto não se vê senão no impetigo do nariz. Em

outros casos, uma nova erupção de pustulas se faz sobre as superfícies doentes, e acompanha-se de symptomas locais que marcam a primeira erupção. A molestia passou então ao estado chronico; a pelle inflammada acaba por adquirir uma espessura mais ou menos consideravel.

Quando o impetigo existe nos braços ou pernas, as crostas envolvem ás vezes estes membros de todos os lados. Destino um artigo especial aos symptomas e ao tratamento do impetigo que occupa o rosto e a cabeça das crianças (*veja-se* OZAGRE): n este lugar occupo-me só do impetigo das outras regiões do corpo.

Tratamento. Consiste em lavatorios com cozimento de raiz de althea, banhos d'agua tepida, cataplasmas de fecula, limonadas de limão, de laranja ou outras bebidas refrigerantes, e um regimen simples, mais vegetal de que animal. É bom tambem tomar um ou dois purgantes, taes como o manná, oleo de ricino, chá de S. Germano ou limonada de citrato de magnesia.

Se a molestia resistir, recorra-se ás applicações seguintes :

1º *Ceroto sulfurado.*

Enxofre sublimado e lavado.	40 gram. (2 1/2 oitavas)
Oleo de amendoas doces. . .	5 gram. (1 1/4 oitava)
Ceroto simples.	50 gram. (1 1/2 onça).

Misture em almofariz o enxofre com o ceroto, e ajunte o oleo continuando a triturar.

2º Glyceréo de amido. 30 gram. (1 onça).

3º *Pomada de iodureto de enxofre.*

Iodureto de enxofre.	1 gram. (20 grãos)
Banha benzoinada. . .	20 gram. (5 oitavas).

Misture sobre o porphyro.

4º *Banho sulfuroso.*

Sulfureto de potassio secco..	100 gram. (3 onças)
Agua commum..	500 gram. (16 onças).

Dissolva, e deite em uma banheira de páo, que tenha sufficiente agua quente para um banho geral.

5º Polvilhar as ulcerações com amido.

6º Cauteriza-las levemente com pedra infernal.

IMPIGEM. *Veja-se* EMPIGEM.

IMPOTENCIA. Impossibilidade de exercer o acto reproductor. Suas causas são physicas ou moraes, permanentes ou temporarias, á frente das quaes devem ser apontadas a falta, a imperfeição, as deformidades, as molestias incuraveis dos órgãos da geração. Existindo estas causas, a impotencia é manifesta, e, em todos os casos, duravel, salvo se uma operação a puder curar; outras vezes, pelo contrario, o apparelho genital é bem confor-

mado. e entretanto existe impotencia originaria ou adquirida. Este estado reconhece tambem muitas causas accidentaes : taes são os excessos do onanismo, os abusos venereos, a debilidade geral, os soffrimentos prolongados, um regimen debilitante, fadigas excessivas do corpo e espirito, a embriaguez e o abuso dos licores espirituosos. Tem-se reconhecido tambem que a abstinencia absoluta dos prazeres venereos enfraquece as faculdades genitaeas. Os transportes que excita a possessão do objecto amado pôde tirar repentinamente o poder de satisfazer os desejos. Por outra parte, o amor timido, respeitoso, o medo de cumprir mal as obrigações conjugaes, podem ter a mesma influencia. Certas paixões, taes como o odio. o ciume, a vista de alguma deformidade, o nojo produzido por um máo halito, as esperanças mallogradas no acto conjugal, podem gerar a impotencia momentanea.

O *tratamento* da impotencia é relativo ás suas causas, e não admittie methodo exclusivo applicavel a todos os casos. Diversas operações podem curar a deformidade ou as mólestias das partes genitaeas. A continencia restitue frequentemente uma faculdade que o abuso contrario tinha abolido. É bom, n'esse caso, privar-se até da sociedade das mulheres por algum tempo. Os passeios, as distracções, a tranquillidade dos sentidos, a confiança, dissipão a impotencia occasionada pela applicação forte do espirito, pelas emoções, e pelo medo. N'uma palavra, é preciso oppôr o contrario. O restabelecimento das forças geraes dá ao aparelho genital o vigor que molestias chronicas, um máo regimen, fadigas consideraveis lhe tinham tirado. É indubitavel que uma alimentação mui nutritiva, composta principalmente de carnes assadas, caça, temperos, vinhos, licores, tudo sem excesso, augmenta consideravelmente a potencia genital; o mesmo direi de quasi todos os temperos com sabor acre, picante, apimentado e fortemente aromatico. Diversos outros meios são empregados para combater a inercia dos órgãos genitaeas : são elles banhos frios, banhos do mar, principalmente o nadar, semicupios frios, vapores aromaticos de incenso, zimbro, dirigidos ás partes genitaeas, unções ás mesmas partes com linimentos em que entrem almiscar e alambre, a immersão do membro na infusão em agua tepida de sementes de mostarda, fricções nas cadeiras com linimento volatil, com essencia de terebinthina, com tintura de cantharidas, e os banhos aromaticos. A impotencia que resulta da idade, é incuravel. *Veja-se* APHRODISIACOS.

INAPPETENCIA. *Veja-se* FASTIO.

INCENSO ou **Olibano.** Gomma-resina que se queima nas igrejas como perfume. Procede de uma arvore das Indias, da

família das Terebinthaceas, chamada *Boswellia serrata*. É formado de lagrimas amarellas, meio-opacas, redondas, ou se acha em pedaços grossos, misturados com cascas. Os vapores do incenso empregão-se em fumigações contra as dôres rheumaticas.

INCHAÇÃO ou **Inchaço**. Assim se chama vulgarmente a augmentação do volume de *uma parte* ou do corpo todo.

1º **Inchação parcial**. O seu nome scientifico é *edema*. A inchação pôde mostrar-se nas palpebras, no rosto, nas pernas das pessoas enfraquecidas ou convalescentes de molestias graves que as obrigarão a ficar muito tempo na cama. Um regimen composto principalmente de carnes assadas, o uso do vinho e dos remedios tonicos são indicados n'este caso. A inchação desaparece á proporção da volta das forças geraes. Algumas fricções com baeta embebida n'agua de Colonia são uteis. Quando a inchação existe nas pernas, é bom liga-las durante o dia com uma atadura de panno de linho, principiando o doente a enrolar primeiro o pé, e subindo até ao joelho.

As crianças molles e os adultos de constituição fraca são naturalmente um pouco inchados. Um regimen restaurador, o uso de vinho, banhos aromaticos, banhos do mar, exercicio ao ar livre, passeios ao sol, o cuidado de evitar as habitações humidas, fricções com agua de Colonia, são os meios mais proprios contra esta má disposição. Observa-se ás vezes uma inchação no rosto em consequencia de dôr de dentes ou de inflammação nas gengivas. Esta tumefacção exterior é ás vezes o indicio de uma pequena postema que se forma na gengiva. *Veja-se FLUXÃO NO ROSTO*, vol. I, pag. 800. — Nos ultimos mezes da prenhez, frequentemente as pernas inchão. Este estado não exige tratamento algum; desaparece de per si depois do parto. — O pé ou a mão inchão em consequencia da applicação do aparelho nas fracturas da perna ou do braço. Os pés podem inchar pela simples applicação das ligas, pelas grandes caminhadas, etc. O inchaço sobrevem tambem ás vezes na pelle do membro viril quando existem cavallos, e nas palpebras quando ha alguma ferida na cabeça. — A inchação parcial é um symptoma que se observa nas *contusões*, *torceduras*, *postemas*, *erysipela*, em muitas *inflammações*, etc. Todas estas inchações desaparecem com as causas que as produzem. — Em alguns casos, a inchação é o primeiro signal de uma hydrophisia que começa, e então merece séria attenção, especialmente nas pessoas affectadas de alguma molestia do coração.

No maior numero d'estas inchações, a pelle fica pallida; não ha dôr senão quando a inchação é muito grande. Comprimindo-se com o dedo a parte entumecida, sobrevem uma depressão que

persiste por algum tempo. Em algumas circumstancias, quando a inchação depende de erysipela ou de postema, a côr da pelle é um pouco vermelha e a compressão dolorosa.

2º **Inchação do estomago.** *Veja-se* ESTOMAGO, vol. I, pag. 1009.

3º **Inchação das juntas.** Declara-se no *rheumatismo, arthrite, gota, hydarthrose*. *Veja-se* estas molestias.

4º **Inchação da lingua.** *Veja-se* GLOSSITE.

5º **Inchação das parturientes, edema doloroso** ou *Phlegmatia alba dolens*. Inchação dolorosa dos membros inferiores, de que as senhoras são ás vezes affectadas em consequencia do parto.

Symptomas. Raras vezes a molestia sobrevem antes do quinto dia depois do parto, ou passado o vigesimo-quinto; as mais das vezes, declara-se entre o decimo e decimo-quinto. Não invade quasi nunca os dois membros inferiores ao mesmo tempo. Quando a molestia principia, a mulher experimenta uma sensação de peso, ou uma dôr viva e obtusa no membro inferior, acompanhada de inchação das glandulas na virilha. Logo depois a perna, a coxa e o membro entumecem parcialmente ou em todo o comprimento; a inchação estende-se de cima para baixo ou de baixo para cima. O membro torna-se doloroso, pesado e incapaz de executar movimento algum. A pelle, que o cobre, é branca, quente, luzente. A menor compressão produz grandes dôres, e faz distinguir frequentemente cordões duros, doridos, que são veias obliteradas; mas a simples compressão com a ponta do dedo não produz marca alguma; para fazer uma depressão, seria preciso exercer uma pressão mui forte, mas a isso oppõe-se a sensibilidade do membro. A febre é pouca, ás vezes nulla.

Marcha, terminações. Os symptomas, depois de persistirem com maior ou menor intensidade, durante cinco ou sete dias, diminuem; acalmão-se as dôres, a inchação do membro diminue pouco a pouco. É raro que a resolução se faça simultaneamente sobre toda a extensão do membro; de ordinario, é a coxa que desincha primeiro; a perna e o pé não recobram o seu volume senão um pouco mais tarde. Esta desinchação é mais ou menos rapida; ás vezes não se completa antes de dois mezes; mas ordinariamente effeituase em quinze ou vinte dias. Depois de cessar n'um membro, o edema doloroso pôde invadir o membro opposto, mas esta circumstancia é rara. Esta molestia sára quasi sempre.

Causas. O character anatomico invariavel do edema doloroso é uma obliteração venosa, produzida por coalhos adherentes. A obliteração invade ordinariamente a veia que alimenta o membro

ou uma das suas divisões principaes, mas ás vezes são só as ramificações superficiaes ou as veias de pequeno calibre que estão obstruidas. Estas obstrucções são produzidas pela inflammação da veia. — Quanto ás causas d'esta affecção, póde dizer-se que não são cónhecidas. Apparece ás vezes depois da impressão do frio; e por isso é mais frequente nos climas frios, humidos, e durante o inverno.

Tratamento. Compõe-se de banhos d'agua tepida, cuja duração será prolongada o mais possivel; de cataplasmas de linhaça, e de fricções com balsamo tranquillo. Deve-se entreter o ventre lubrico com clysteres d'agua tepida. Emfim, quando a sensibilidade do membro se tornou quasi nulla, e persistindo só a tumefacção, exercer-se-ha uma compressão methodica com uma atadura. Póde mesmo acontecer que a doente seja obrigada a trazer uma meia elastica durante um tempo indefinido, se a veia não recobrar sua permeabilidade, ou se as veias collateraes se não desenvolverem de maneira sufficiente.

RECEITUARIO.

Balsamo tranquillo. 60 grammas (2 onças).

6º **Inchação do rosto.** *Veja-se* FLUXÃO, vol. I, pag. 800.

7º **Inchação dos seios.** *Veja-se* SEIOS.

8º **Inchação do ventre nas crianças.** Observa-se ás vezes nas crianças uma molestia caracterizada pela tumefacção e dureza do ventre, e que procede do desenvolvimento de uns corpos duros, chamados tuberculos, no interior do ventre. Denominão alguns medicos esta molestia *tisica mesentérica*, outros *opilação do ventre*. Occupo-me d'ella no artigo TUBERCULOS MESENERICOS.

9º **Inchação geral.** *Veja-se* ANASARCA, vol. I, pag. 169.

INCONTINENCIA DE OURINA. Assim se designa a sahida involuntaria da ourina. Isto acontece ás vezes pelo effeito rapido de uma tosse violenta, de grandes risadas, do estado de gravidez, da embriaguez, dos ataques de gota coral e convulsões; frequentemente tambem é um do symptomas da inflammação da bexiga, da commoção do cerebro, da appoplexia, da inflammação da medulla espinhal, da febre cerebral e outras febres graves; mas nenhum d'estes casos constitue a molestia principal, e só é um accidente secundario que cessa com a sua causa. N'este artigo só me occuparei da incontinencia da ourina procedente de fraqueza da bexiga.

As *causas* d'esta incontinencia de ourina são, nas mulheres, a contusão do collo da bexiga pela cabeça da criança durante o parto, e nos individuos adiantados em annos o mero progresso da idade. Em alguns d'estes doentes a sahida da ourina tem lugar gotta por

gotta e de maneira contínua de dia ou de noite; em outros, certa quantidade de urina accumula-se na bexiga, mas de repente este liquido vence pelo seu peso a resistencia d'este orgão, e é subitamente evacuado antes que a necessidade se tenha feito sentir.

Ha uma incontinencia mui commum e mui rebelde : é a que affecta muitos meninos e muitas meninas durante o somno. Nos meninos, durante um somno profundo, a bexiga, sendo estendida por grande quantidade de urina, contrahe-se e expulsa todo o liquido que contém. A maior parte das crianças são sujeitas a esta incontinencia durante os dois ou tres primeiros annos; ha muitas nas quaes ella se prolonga até á idade de seis, oito, dez ou doze annos; emfim, ha alguns meninos, e principalmente meninas, que conservão esta enfermidade até á puberdade, e mesmo por mais tempo.

Tratamento. Varia segundo a causa da incontinencia de urina. Remedeia-se a *incontinencia nocturna*, despertando as crianças mais ou menos frequentemente durante a noite para faze-las urinar, e para lhes fazer contrahir o costume de se despertarem por si mesmas a horas certas. Não se lhes dê agua a beber no momento de se deitarem, e faça-se-lhes tomar de tempos a tempos um banho frio. As correcções, as reprehensões á vista de pessoas estranhas, concorrem efficazmente para o mesmo fim. Se estes meios não forem sufficientes, administre-se á criança a belladona segundo a receita seguinte :

Folhas de belladona em pó. 20 centigrammas (4 grãos).

Divida em 20 papeis.

Durante a primeira semana, a criança toma um d'estes papeis todas as noites, n'uma colher d'agua fria com assucar. Durante a segunda semana, 2 papeis todas as noites.

Se a incontinencia nocturna das crianças não ceder ao uso da belladona, recorra-se ao ferro segundo a seguinte formula :

Ferro reduzido. . . 12 grammas (3 oitavas).

Divida em 24 papeis. Para tomar um papel por dia com agua e assucar.

Os banhos aromaticos são muito uteis contra este incommodo. As plantas que servem para a preparação d'estes banhos, são conhecidas nas pharmacias sob o nome de *especies aromaticas*. É uma mistura de partes iguaes de folhas seccas de salva, tomilho, serpão, hysopo, hortelã, ouregão, losna, alecrim. Deita-se agua fervendo sobre quatro ou cinco punhados (mãos cheias) d'estas plantas; cobre-se exáctamente. Deixa-se esfriar até agradável temperatura. Ajunta-se um copo de aguardente de canna, no momento de metter a criança no banho; e deixa-se a criança no

banho por um quarto de hora pouco mais ou menos. Depois de cinco ou seis banhos, convem augmentar a quantidade das plantas aromaticas e da aguardente. Os banhos do mar, frios, e os clysteres d'agua fria são tambem uteis. Se todos estes meios não produzirem effeito, applique-se um caustico nas cadeiras ou na parte inferior do ventre. O caustico actua sobre a bexiga pela absorpção das cantharidas que contém. Alguns medicos aconselham tambem introduzir, de tempo em tempo, uma sonda de prata na bexiga, para estimular directamente o collo vesical.

A incontinençia de ourina das pessoas idosas, que depende da fraqueza da bexiga, combate-se com semicupios d'agua fria, clysteres d'agua fria, banhos aromaticos quentes, causticos nas cadeiras, e fricções nas cadeiras com o linimento seguinte :

Tintura de cantharidas. 8 grammas (2 oitavas)

Vinagre aromatico. 60 grammas (2 onças).

Faz-se uma fricção por dia, com uma colher *de sopa* d'este liquido.

Se a incontinençia de ourina fôr incuravel, não ha outro recurso senão trazer continuamente um ourinol de caoutchouc vulcanizado, ou de gomma, representados nas fig. 304 e 305. Na falta d'este instrumento, as mulheres servem-se de uma esponja que mudão frequentemente.

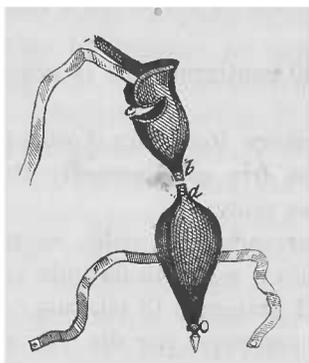


Fig. 304.

Ourinol de caoutchouc vulcanizado empregado na incontinençia de ourina, para homem.



Fig. 305.

Ourinol de gomma empregado na incontinençia de ourina, para mulher.

INCORDIO. *Veja-se MULA.*

INDIGESTÃO. Assim se chama a perturbação subita da digestão. Muitas pessoas julgão que a indigestão é necessariamente consequencia da intemperança. Ordinariamente assim é; porém ás vezes, a temperança mais rigida, o cuidado mais minu-

cioso na escolha dos alimentos, não livrão d'este accidente. Se por ventura uma emoção viva sobresaltar um individuo, depois de uma comida mesmo mui leve, vê-se ás vezes, só por isso, perturbada a digestão, e desenvolverem-se successivamente todos os phenomenos da indigestão.

As *causas* que produzem a indigestão são numerosas e variadas. A mais ordinaria é a quantidade excessiva dos alimentos, que varia muito conforme os individuos, A qualidade dos alimentos é igualmente uma causa poderosa de indigestão. No artigo ALIMENTOS achará o leitor noções acerca da maior ou menor facilidade da digestão das differentes substancias. Geralmente fallando, as substancias quentes são mais facilmente digeridas do que as frias. Os alimentos frios, as bebidas geladas são frequentes causas de indigestão. Algumas pessoas não podem toma-las sem soffrerem infalivelmente algum incommodo : em outras, pelo contrarió, as bebidas frias favorecem poderosamente o trabalho da digestão. As bebidas alcoolicas e os vinhos fortes, que, em quantidade moderada, ajudão as funcções do estomago, tornão-se, quando d'elles se abusa, uma causa energica da perturbação do trabalho digestivo. Os banhos frios ou quentes após a comida, a sangria geral ou local nas mesmas circumstancias, as emoções vivas da alma, a alegria, o susto, a colera, uma carreira rapida a pé ou a cavallo, e até de sege, sobretudo se a sege fôr mal suspensa, o balanço de um navio, tudo isto pôde tambem ser causa de indigestão.

Os *symptomas* da indigestão simples são os seguintes : sensação de peso no estomago ; depois, vontade de vomitar, soluços, arrotos acidos ou æres. No fim de algum tempo, declarão-se vomitos e desenvolvem-se colicas fortes, ás quaes succedem evacuações alvinas mais ou menos abundantes, e no meio d'ellas achão-se materias alimentarias não digeridas. Em certas pessoas, nas mulheres e crianças sobretudo, a indigestão pôde annunciar-se por um desmaio mais ou menos completo : em algumas ha convulsões.

Incommodos graves, e até mortaes, podem resultar de uma indigestão ; em primeiro lugar, a apoplexia, que se observa principalmente nas pessoas que costumão cear mui tarde. Outro resultado das indigestões é a introdução das materias alimentarias nas vias aereas. Isto acontece principalmente nos individuos ebrios, e por duas causas : a primeira, porque, não sendo os vomitos dirigidos pela vontade, os musculos da garganta não favorecem, por sua acção, a sahida das materias ; a segunda, mais real e mais poderosa, é a posição horizontal em que se collocão os individuos ebrios. Se n'este estado os vomitos se declararem, as materias accumulão-se na garganta e penetrão necessariamente no conducto

aereo. A morte é a consequencia ordinaria d'este accidente, que actua de maneira mecanica, obstruindo a passagem do ar. E por isso nunca os individuos ebrios devem ser postos em posição horizontal; é necessario assenta-los, e apoiar-lhes as costas e a cabeça de encontro a um corpo resistente.

Tratamento. O tratamento da indigestão é mui simples. Quando alguém se sente incommodado depois de um jantar copioso, o melhor remedio é tomar uma chicara de chá da India. Quando se declarão os vomitos, é preciso favorecê-los bebendo algumas chcaras de chá da India mui brando, de chá de macella ou d'agua morna simples. Se o paciente sentir grande peso no estomago e os vomitos não se declararem, convirá provoca-los tomando 5 centigrammas (1 grão) de emetico dissolvido n'uma chicara d'agua morna ou fria. Desembaraçado o estomago, convem muito as bebidas frias, levemente acidulas, como limonada de limão ou de laranja; e basta um dia de dieta e algum clyster de linhaça para extinguir os vestigios da indigestão. Entretanto se se manifestar uma dôr na bocca do estomago, é preciso beber de hora em hora uma colher *de sopa* da poção seguinte :

Infusão de herva cidreira...	120 grammas (4 onças)
Laudano de Sydenham.	20 gottas
Ether sulfurico ..	20 gottas
Xarope de gomma.	30 grammas (1 onça).

INDURAÇÃO DO BAÇO, FIGADO. V HYPERTROPHIA.

INERCIA DA BEXIGA. A inercia ou atonia da bexiga é a falta da contractilidade das paredes d'este reservatorio; é uma causa frequente da retenção de ourina. Quando se chega a dar á bexiga a contractilidade necessaria, a emissão das ourinas pôde tornar-se normal. *Vejá-se* PARALYSIA DA BEXIGA.

INERCIA DO UTERO. Estado do utero quando não manifesta a contractilidade necessaria para apertar e approximar as suas paredes, depois da expulsão do feto. Conhece-se pela molleza do utero, que occupa grande parte do ventre. Quando o utero está contrahido, como deve ser depois do parto, é facil senti-lo, atravez das paredes do ventre, sob a fórmula de um corpo globoso, duro, que occupa a parte inferior do ventre. Se a inercia do utero fôr acompanhada de hemorrhagia, é preciso extrahir as pareas que dilatão o utero e impedem a sua contracção. Se a hemorrhagia continuar, apezar da sahida das pareas, cumpre administrar o centeio espigado, segundo a receita seguinte :

Centeio espigado em pó. 2 grammas (40 grãos).

Divida em 4 papeis. Dá-se 1 papel de meia em meia hora n'uma colher d'agua fria com assucar.

INFECCÃO. Acção exercida na economia por miasmas morbíficos. A infecção differe do contagio, em que este, uma vez produzido, não tem mais necessidade, para se propagar, da intervenção das causas que lhe derão origem; em que este se reproduz de certo modo por si mesmo, por contacto, e independentemente, até certo ponto, das condições atmosphericas; ao passo que a infecção, devida á acção que substancias animaes e vegetaes em putrefacção exercem no ar ambiente, não actua senão na esphera do foco de que emanão os miasmas morbíficos. Verdade é que a infecção propaga-se de um individuo doente a outro são, como o contagio; mas não é por contagio; é alterando o ar ambiente que o primeiro individuo actua sobre o segundo, a respeito do qual elle vem a ser, de alguma sorte, outro foco de infecção.

INFLAMMAÇÃO. Diz-se que uma parte está inflammada quando se acha vermelha, inchada, dolorosa e mais quente do que no estado natural. Estes symptomas, que se observão nas inflammções externas, e especialmente na erysipela, tomada por termo de comparação, existem mais ou menos pronunciados nas inflammções internas. Este phenomeno é acompanhado sempre de accumulção mais ou menos consideravel de sangue na parte affectada, e de exaltação de sensibilidade. Por pouca extensão que a molestia tenha, é logo seguida dos symptomas que caracterizão a febre, que são : calor geral, acceleração do pulso, calefrios e prostração das forças.

As causas da inflammção são numerosas e variadas; taes são : as violencias externas, a passagem do calor ao frio ou do frio ao calor, a suppressão de evacuações habituaes, uma fadiga consideravel, vigalias prolongadas, applicação excessiva do espirito, affecção moral viva, etc.

As consequencias da inflammção são assás diversas : ordinariamente acaba pela resolução; isto é, desaparece pouco a pouco percorrendo os seus periodos : esta terminação é a mais feliz. Outras vezes forma-se pus, que se reúne com mais ou menos promptidão em um só foco e constitue um abcesso. A terminação mais temivel é a gangrena, a qual procede do excesso da inflammção; mas esta terminação é extremamente rara.

O *tratamento* da inflammção apresenta muitas indicações, que são as mesmas para muitos orgãos; e para isso existe um methodo de tratamento chamado *antiphlogistico*, destinado a combater este estado morbido. Este methodo, exagerado por certos medicos, tem dado mui tristes resultados. Empregado, pelo contrario, de uma maneira judiciousa e moderada, offerece preciosos recursos.

Os primeiros meios que se empregão contra as inflamações são as cataplasmas de linhaça ou de fecula, os banhos mornos, os lavatorios com decoções de raiz de althea, de folhas de malvas, de sementes de linho. Seguem-se depois as bichas, as ventosas sarjadas, a sangria. O regimen nas molestias inflammatorias é de alta importancia. As bebidas doces, taes como agua com gomma arabica, as infusões de althea, de malvas, as decoções de arroz, de cevada, a orxata, etc., as bebidas acidulas, como a limonada, laranjada, etc., são quasi sempre indicadas. A dieta severa, a privação completa de alimentos solidos é conveniente em quasi todas as affecções acompanhadas de inflamação.

INFLAMMAÇÃO DAS AMYGDALAS. *Veja-se* ANGINA TONSILLAR.

INFLAMMAÇÃO DAS ARTICULAÇÕES. *Veja-se* ARTHRITE.

INFLAMMAÇÃO DO BAÇO. *Veja-se* SPLENITE, vol. I, pag. 284.

INFLAMMAÇÃO DA BEXIGA. *Veja-se* BEXIGA, vol. I, pag. 343.

INFLAMMAÇÃO DA BOCCA. *Veja-se* BOCCA, vol. I, pag. 363.

INFLAMMAÇÃO DO CEREBRO. *Veja-se* ENCEPHALITE.

INFLAMMAÇÃO DA CONJUNCTIVA. *Veja-se* CONJUNCTIVITE.

INFLAMMAÇÃO DA CORNEA. *Veja-se* KERATITE.

INFLAMMAÇÃO DOS DEDOS. *Veja-se* DEDOS, vol. I, pag. 785.

INFLAMMAÇÃO DO ESTOMAGO. *Veja-se* GASTRITE.

INFLAMMAÇÃO DO FIGADO. *Veja-se* HEPATITE, vol. I, pag. 4130.

INFLAMMAÇÃO DA GARGANTA. *Veja-se* ANGINA.

INFLAMMAÇÃO DAS GENGIVAS. *Veja-se* GENGIVAS.

INFLAMMAÇÃO DOS INTESTINOS. *Veja-se* ENTERITE.

INFLAMMAÇÃO DO IRIS. *Veja-se* IRITE.

INFLAMMAÇÃO DO JOELHO. *Veja-se* ARTHRITE.

INFLAMMAÇÃO DAS JUNTAS. *Veja-se* ARTHRITE.

INFLAMMAÇÃO DA LINGUA. *Veja-se* GLOSSITE.

INFLAMMAÇÃO DA MEDULLA ESPINHAL. *Veja-se* MYELITE.

INFLAMMAÇÃO DO OLHO. *Veja-se* OPHTALMIA, CONJUNCTIVITE.

INFLAMMAÇÃO DO OUVIDO. *Veja-se* OTITE.

INFLAMMAÇÃO DA PALPEBRA. *Veja-se* PALPEBRAS.

INFLAMMAÇÃO DA PROSTATA. *Veja-se* PROSTATA.

INFLAMMAÇÃO DOS PULMÕES. *Veja-se* PNEUMONIA.

INFLAMMAÇÃO DOS RINS. *Veja-se* NEPHRITE.

INFLAMMAÇÃO DOS SEIOS. *Veja-se* SEIOS.

INFLAMMAÇÃO DOS TESTICULOS. *Veja-se* ORCHITE.

INFLAMMAÇÃO DA UNHA. *Veja-se* UNHA.

INFLAMMAÇÃO DA URETHRA. *Veja-se* URETHRA.

INFLAMMAÇÃO DO UTERO. *Veja-se* METRITE.

INFLAMMAÇÃO DAS VEIAS. *Veja-se* PHLEBITE.

INFUSÃO. A infusão resulta da acção da agua fervendo sobre

as substancias medicamentosas. Estas substancias são de ordinario folhas ou flores, e ás vezes cascas ou raizes. As infusões são remedios domesticos que servem de bebidas para os doentes; dá-se-lhes tambem o nome generico de *chá*. A melhor maneira de proceder consiste em deitar agua fervendo sobre as substancias que devem empregar-se, mettidas previamente, em proporções convenientes, n'um vaso destinado para este fim, que é um bule. Se as substancias submettidas á infusão forem cheirosas ou delicadas, taes como flores de macella, folhas de laranjeira, de herva cidreira, etc., não devem ficar na agua por mais de cinco a dez minutos, e a infusão deve ser feita em vaso coberto. Se as plantas ficassem por mais tempo na agua, o liquido não teria gosto agradavel. Mas quando as substancias que se infundem são raizes, cascas, lenhos, devem ser primeiro cortadas muito miudas, e deixão-se mais tempo em infusão. Feita a infusão, cõa-se por um panno, mas sem espreme-la. As infusões adoção-se com assucar, mel de abelhas ou xarope de gomma.

INGUA. É um pequeno tumor duro que sobrevem nos lugares em que se achão as glandulas lymphaticas, como na virilha, nas axillas, em baixo do pescoço, etc., quando não é outra cousa mais do que o engurgitamento inflammatorio d'essas glandulas. A ingua chama-se tambem *glandula*, e o que deixei dito d'esta inflammação no artigo *Glandula* (vol. II, pag. 54) póde ser applicado aqui. O nome de *bubão* é reservado mais particularmente ao engurgitamento que resulta do virus syphilitico : trato d'elle no artigo MULA : n'este lugar vou occupar-me das inguas que resultão de outras causas.

São estas causas mui numerosas. Todas as vezes que uma parte está inflammada ou ferida, a irritação communica-se ás glandulas mais proximas. Assim, uma ferida no dedo, um panaricio, occasionão a tumefacção das glandulas do sobaco. As feridas dos pés ou das pernas são acompanhadas de inchação das glandulas da virilha. Os dentes cariados e dolorosos produzem o augmento do volume das glandulas do pescoço. Póde dizer-se que a inflammação sympathica das glandulas da virilha é muito mais frequente do que a das outras partes do corpo : manifesta-se nas pessoas affectadas de erysipela, de feridas ou de alguma phlegmasia um pouco intensa das extremidades inferiores. A irritação produzida pelos callos dos pés ou pelo calçado mui estreito póde occasionar o desenvolvimento de inguas. Estes tumores desaparecem ordinariamente logo que cessa a causa que os produzio.

Muitas vezes, a ingua apparece sem causa conhecida e apresenta-se sob duas fórmas. Ora o tumor tem marcha rapida :

desenvolvem-se n'elle dôres latejantes; a pelle que o cobre torna-se vermelha, depois branquea, abre-se e deixa sahir a materia purulenta; ora a ingua permanece indolente por espaço de mezes; a tumefacção é o unico signal da sua presença: nenhuma dôr, nenhuma mudança na côr da pelle, nenhum vestigio de suppuração. Encontrão-se algumas d'estas inguas, que, depois de persistirem n'este estado por um tempo mais ou menos longo, inflammão-se de repente e passão rapidamente á suppuração.

A presença da ingua na virilha é attribuida geralmente á existencia da syphilis. Entretanto, como já vimos, pôde resultar de outras causas. — Não ha caracteres que possam fazer distinguir a ingua simples de um bubão syphilitico. Julga-se *simples* se o doente não se expoz ao contagio, ou foi curado radicalmente de todos os symptomas venereos de que tinha sido affectado precedentemente; as circumstancias oppostas poderão estabelecer uma opinião differente.

Quanto ao *tratamento* das inguas simples, é inteiramente local: consiste no repouso e em cataplasmas de linhaça. Se o tumor acabar por suppuração, é preciso abri-lo, e proceder como em todos os abcessos. *Vêja-se* ABCESSO.

INHAME. *Dioscorea sativa*, Linneo. Dioscoraceas. Planta trepadeira, natural da Africa, naturalizada no Brasil. Em Pernambuco chamão-lhe *Inhame da Costa*; na Bahia *Inhame de S. Thomé*. É de vergontea fina; folhas alternas, lustrosas, cordiformes, oblongas; de côr verde e amarella; flores pequenas, fructo insignificante. Sua importancia consiste no rhizoma, vulgo *raiz*; é uma tubera mui volumosa, e chega ás vezes a mais de 50 centímetros de diametro; coberta de casca laminosa, delgada, de côr parda clara, crivada de poros na parte inferior; contém uma substancia compacta, humida, macia, de textura pulverulenta, adocicada e um tanto resinosa. Come-se cozinhada; constitue um alimento sadio, saboroso, nutriente e de facil digestão; fazem-se com ella podins, bolos, e extrahe-se d'ella uma fecula excellente. Na India e na China, o inhame constitue o principal alimento do povo.

INHUMAÇÃO. Os povos antigos tinham, fóra das cidades, lugares destinados para as inhumações dos mortos; tal foi sempre o uso dos Egypcios, dos Chins e das nações asiaticas. Um edicto de Adriano, imperador romano, ordenava em Roma a confiscação do terreno sobre o qual fosse elevado um sepulcro, e obrigava a exhumação do cadaver. Mas o christianismo veio substituir novos usos aos antigos. Os monges tiveram a permissão de ser sepultados em seus conventos; os fundadores das igrejas gozávão do mesmo

privilegio. Os outros homens, induzidos pela superstição, julgáráo participar das recompensas dos justos, sendo enterrados junto d'elles. Os papas favorecerão estes abusos, concedendo a alguns cemiterios vizinhos das igrejas, singulares privilegios: os mortos que erão sepultados n'elles obtinhão pleno perdão de todos os seus peccados. Entretanto, grandes inconvenientes assignalavão o perigo das inhumações nas igrejas e na cidade; e por toda a parte os medicos fizerão uteis reclamações. De ha muito tem elles observado que os coveiros vivem pouco, e tem participado aos magistrados muitas catastrophes de que tem sido testemunhas. Está bem provado hoje que as inhumações nas cidades põem em grande risco a salubridade publica; que os miasmas que se exhalão das sepulturas podem occasionar e tem occasionado numerosas desgraças, e que não sómente dão maior intensidade ás molestias reinantes, como produzem novas affecções. Em França, desde 1776, a inhumação nas igrejas e cidades foi inteiramente prohibida, e esta medida policial tem sido observada com tanto rigor, que em 1810 o arcebispo d'Aix solicitou inutilmente do governo a permissão de ser sepultado na sua igreja cathedral.

Cemiterios. Uma grande cidade deve ter muitos cemiterios; convem sejam situados, tanto quanto as localidades o permittirem, em lugares altos, pouco distantes da cidade; não devem jámais ser em lugares baixos e expostos a inundações. Importa que cada cemiterio seja fechado por um muro de oito a dez pés de altura, e não contenha outro edificio habitado senão a casa do porteiro. A extensão do cemiterio será calculada conforme a população da cidade para a qual é destinado. São precisos, em geral, cinco annos para a decomposição de um cadaver enterrado a quatro ou cinco pés de profundidade: a extensão do cemiterio deve ser, por consequente, cinco vezes maior do que o espaço necessario para as inhumações de cada anno. Assim, sendo trinta e um pés quadrados as dimensões da cova de um adulto, multiplique-se primeiramente o numero dos mortos de cada anno por trinta e um, e o producto por cinco, que é o numero de annos necessario para que a decomposição de um cadaver seja completa, e ter-se-ha o numero dos pés quadrados, ou a extensão necesseria que deve ter o cimeterio. A profundidade da cova deve ser de quatro a cinco pés; sendo maior, o contacto do ar com o cadaver seria quasi impossivel, e a decomposição putrida seria muito mais lenta; se o fundo da cova fôr menor, pelo contrario, os miasmas atravessarão facilmente as camadas da terra, e infectarão a atmospherá. Afastar-se-hão, quanto seja possivel, os cemiterios dos poços, fontes e rios, cujas aguas sirvão ás necessidades da casa. Podem

fazer-se n'elles plantações; mas sem serem mui altas, para não impedirem a circulação do ar.

Inhumações precipitadas. Os perigos das inhumações precipitadas forão apontados desde os tempos mais remotos. Moysés, legislador hebreu, que deo tão admiraveis preceitos de hygiene, ordenou que os mortos fossem conservados insepultos por tres dias. Em Athenas, foi esta lei igualmente de rigor : em muitas outras cidades da Grecia fixou-se o termo de seis dias. Os Romanos conservavão os cadaveres sete dias para então os sepultarem. Em alguns outros povos não se permittião inhumações, senão quando muitas provas tinham confirmado a realidade da morte. Hoje, na Allemanha, não se enterrão os cadaveres senão tres dias depois da morte. Em França, Hespanha, Portugal e Brasil, a lei exige vinte e quatro horas entre o fallecimento e a inhumação; mas muitas vezes este lapso é mais breve, por causa dos falsos certificados de obito. É, pois, necessaria toda a vigilancia sobre taes abusos; pois está assás provado existirem muitas apparencias de morte que são unicamente suspensão momentanea da vida, contra a qual os soccorros da arte não são infructuosos.

As molestias que podem produzir morte apparente, e expôr ás inhumações precipitadas são : A apoplexia, asphyxia, catalepsia, convulsões, dansa de S. Guido, emanações gazosas, epilepsia, estrangulação, hysticismo, lethargo, perdas sanguineas, submersão n'agua, syncope, tetano, e muitas mortes subitas. N'estes casos, não existe cessação definitiva das funcções vitaes, que constitue a morte, mas sim suspensão da vida. Para se distinguir da suspensão a cessação definitiva da vida, ha muitos signaes que, considerados separadamente; podem ser falliveis, mas cuja reunião offerece maior grão de certeza.

Os signaes principaes da morte são : 1º A ausencia da respiração; 2º a ausencia da circulação; isto é, a falta do pulso e das pancadas do coração; 3º a ausencia da sensibilidade; 4º o esfriamento do corpo; 5º o suor frio que cobre todo o corpo; 6º a relaxação do sphincter do anus; 7º o achatamento das partes do corpo sobre os quaes o cadaver está deitado; 8º a molleza e a flaccidez dos olhos; 9º a rijeza cadaverica; 10º a putrefacção, que nunca pôde estabelecer-se em quanto o corpo vive.

De todos estes signaes, os mais certos são a rijeza cadaverica e a putrefacção. Consiste a rijeza na maior ou menor difficuldade de dobrar a perna sobre a coxa, o antebraço sobre o braço, os dedos ou qualquer outra articulação; pôde ser tal, que um cadaver levantado pelas pernas não execute movimento algum de flexão.

A rijeza principia poucos instantes depois da morte, e dura vinte

e quatro a trinta e seis horas. Em quanto, os membros são flexíveis, se sua flexibilidade não é subsequente á rijeza, pôde-se presumir um resto de vida. Mas convem distinguir a rijeza cadaverica do tetano ou de algum estado convulsivo. Quando se pega n'um membro, e quando, mediante um esforço, se chega a vencer a rijeza cadaverica, a articulação apresenta um estado de molleza tal, que a menor força basta para renovar a flexão. Se, pelo contrario, a rijeza do membro fôr o effeito do tetano, o membro recobra toda a sua energia, apenas cessa de exercer-se a força que a venceo.

O segundo signal da morte, e ainda mais caracteristico que o precedente, é a putrefacção, a qual se conhece pelo cheiro particular que desenvolve.

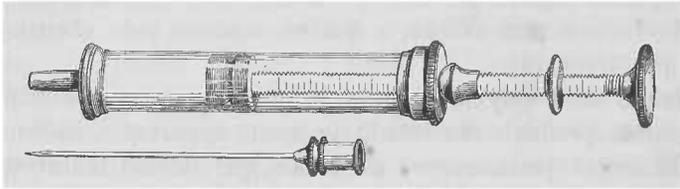
Fallando da asphyxia,* catalepsia, lethargo e outras molestias que podem produzir um estado de morte apparente, indico, com os sufficientes promenores, os meios que devem tentar-se para restituir á vida o morto apparente : n'este lugar, limito-me a cita-los de uma maneira geral e succinta. Consistem estes meios em descobrir a face, deixar a bocca aberta para permittir a introducção do ar nas vias respiratorias, tirar tudo quanto, comprimindo o peito e o ventre, possa impedir o resto dos movimentos que ainda existão, posto que imperceptiveis aos nossos sentidos, no diaphragma, coração e intestinos. Os outros meios são : applicar sinapismos nas pernas, fazer* fricções pelo corpo com baeta ou escova, applicar garrafas com agua quente ao redor do corpo, introduzir rapé no nariz e sal na bocca; approximar do nariz vidros contendo vinagre, agua de Colonia, ether ou alcali volatil. Emfim, nos casos duvidosos, melhor é conservar um ou mais dias o cadaver, do que expôr-se ao perigo de enterrar um corpo vivo.

INJECCÃO ou SERINGATORIO. Acção de introduzir um medicamento liquido, por meio da seringa, nas cavidades naturaes ou accidentaes do corpo. Chama-se tambem injecção o liquido que serve para essa operação. Os principaes canaes naturaes em que se fazem seringatorios são : a vagina, a urethra, e o conducto auditivo. As injecções que se fazem na urethra com a dissolução de azotato de prata exigem seringas de vidro : para outros liquidos servem as seringas de estanho ou borracha.

Injecções sub-cutaneas ou **hypodermicas**. Consistem em introduzir debaixo da pelle, no tecido cellular, certos medicamentos soluveis, mui activos debaixo de pequeno volume, e que são d'esta maneira mais seguramente absorvidos, do que se fossem ingeridos no estado de poções, pilulas, pós, etc. Este modo de administrar um medicamento é de data recente.

Para que uma substancia medicamentosa possa ser administrada em injeccões, é preciso : 1º que esta substancia activa seja mais ou menos solúvel; 2º que não seja irritante ou corrosiva. As doses devem ser menores que se o medicamento fosse administrado em poções ou pilulas, porque n'este ultimo caso uma parte do medicamento escapa á absorpção e sahe com as excreções.

Para fazer as injeccões sub-cutaneas, é preciso servir-se da pequena seringa de Pravaz, modificada por Luer, fabricante de instrumentos cirurgicos em Pariz. Fig 306. Depois de feita a punção com a ponta de uma canula adaptada á seringa, injec-



Fig, 306. — Seringa de Luer.

tão-se cinco, dez, vinte ou vinte e cinco gottas da solução medicinal. Faz-se uma ou duas injeccões de cada vez, segundo a quantidade de liquido que se quer fazer penetrar, e injecta-se no braço, coxa, epigastro, pescoço, costas, etc., penetrando obliquamente debaixo da pelle, a 1 centimetro de profundidade.

As injeccões sub-cutaneas são muito empregadas contra todas as nevralgias; facilitando a introducção do medicamento perto do lugar doloroso acalmão promptamente.

Eis-aqui a lista dos principaes medicamentos que forão injectados debaixo da pelle :

Sulfato de atropina. Nas nevralgias, na dose de 1 a 5 gottas de solução normal; maior dose poderia produzir symptomas de envenenamento. A solução normal é : Sulfato de atropina 15 centigrammas, agua 15 grammas. Cinco gottas da solução contém 1 milligramma de atropina.

Morphina. Os saes de morphina que se empregão são : o chlorhydrato e o sulfato de morphina. Solução normal : chlorhydrato ou sulfato de morphina 15 centigrammas, agua 15 grammas. Dose : 5 a 10 gottas por injeccão, na enxaqueca, nevralgias, sciatica, chorea, etc.

Aconitina. Actua energicamente na dose de 1/2 milligramma a 2 milligrammas; não seria prudente exceder esta dose.

Sulfato de strychnina. Deve-se proceder por doses progressivas de 2 a 3 milligrammas. Emprega-se nas paralyrias. As injeccões devem ser feitas sobre a trajecto do nervo paralyzado nas para-

lysis locais, nas paralyisias geraes as injecções podem ser feitas indifferentemente em qualquer lugar, com preferencia nas costas.

Sulfato de quinina. De 10 a 15 centigrammas. No rheumatismo articular agudo e nas febres intermitentes simples e perniciosas. A solução acida até agora empregada (sulfato dissolvido em agua acidulada com algumas gottas de acido sulfurico) tem serios inconvenientes; e foi substituida com vantagem pela solução seguinte: agua distillada 40 grammas, sulfato de quinina bibasico 1 gramma, acido tartrico 50 centigrammas.

Curare. 1 milligramma de curare para cada injecção que se repete de meia em meia hora, segundo os symptomas que se observão. Forão aconselhadas estas injecções no tetano, mas deve-se proceder com muita cautela.

Algumas outras substancias forão empregadas em injecções hypodermicas, mas os seus effeitos não são bem determinados, são: a veratrina, colchicina, daturina, conicina, nicotina, ergotina, cafeina, tintura de haschisch.

INOCULAÇÃO. Operação que consiste em introduzir no corpo o principio material de alguma affecção contagiosa. Dá-se especialmente este nome á operação que era praticada outr'ora antes da descoberta da vaccina, com o intuito de preservar as pessoas dos accidentes das bexigas. Consistia esta operação em inocular o virus das bexigas, afim de produzir as bexigas benignas em vez das graves que se manifestavão, sobretudo durante a epidemia d'esta molestia. A inoculação foi muito usada durante certo tempo; mas como nem sempre era sem perigo, achou grande numero de adversarios, e foi emfim completamente abandonada depois da descoberta da vaccina.

INSOLAÇÃO. Dá-se este nome á exposição prolongada aos raios do sol. A insolação, sobretudo durante os grandes calores, póde ser causa de molestia. Ha exemplos de morte subita, de congestão cerebral, entre militares expostos por muito tempo a um sol ardente. A alienação mental póde tambem resultar da insolação prolongada. Mas estes casos infelizes são rarissimos, e o melhor remedio a empregar contra taes accidentes é a sangria. Ordinariamente a insolação produz uma ligeira erysipela no rosto, que se diz então *queimado do sol*. Simples lavatorios com agua fria, repetidos muitas vezes por dia, são sufficientes n'este caso. Se houver dôr de cabeça, applicuem-se na testa pannos molhados em agua fria pura, ou misturada com vinagre. Longe de ser uma causa de molestia, a insolação póde ser, em certos casos, um remedio propicio ao restabelecimento da saude. Possui uma acção tonica conveniente aos convalescentes e pessoas fracas, principalmente

ás crianças debeis, ás meninas chloroticas, e em geral em todos os individuos delicados.

INSOMNIA. Privação do somno. O somno é o repouso dos orgãos da vida, acalma a excitação que adquirirão durante a vigilia, restitue ao corpo as forças e ao cerebro a energia. A insomnia priva o corpo de todas estas vantagens. Algumas causas predisponentes a favorecem. O somno, que nas crianças é longo e profundo, é nas pessoas adiantadas em annos, em geral, curto e difficil. As profissões que mantem o corpo n'uma excitação extrema, expõem a insomnias frequentes. Alimentos ingeridos em grande abundancia, pouco tempo antes da hora de se deitar, não consentem ao somno apoderar-se dos sentidos: certas substancias sobretudo excitão o cerebro, e mantem-n'o no estado de vigilia. Tal é o effeito do café em muitos individuos; mesmo tomado de manhã o café difficulta o somno nas horas que lhe são destinadas. Os alimentos excitantes, as bebidas aromaticas ou alcoolicas, um ar mui frio ou mui quente, os banhos frios, produzem a insomnia. As occupações intellectuaes mui fortes, e as paixões mui vivas não permitem o somno. Os ambiciosos dormem pouco, os soberanos, que se occupão de objectos de grande interesse, soffrem frequentemente de insomnias rebeldes. As outras causas da privação de somno são: o ruido, a luz, as dôres externas locaes e muitas molestias internas. Em quanto tudo repousa na natureza, os infelizes doentes velão para soffrêrem.

O *tratamento* da insomnia consiste em remover as causas que a produzirão. Um exercicio moderado do corpo e do espirito, o remanso da alma, o silencio e a escuridão, uma temperatura branda, um banho morno, uma quantidade moderada de alimentos, bebidas pouço excitantes, eis os meios naturaes para se obter o repouso nocturno. A embriaguez causa somno, mas não creio que haja quem queira recorrer a este expediente para provoca-lo. O passeio antes da hora de deitar-se pôde favorecê-lo. Quando a insomnia é um symptoma de molestia, desaparece com ella. Quanto aos medicamentos narcoticos, como o opio, o chlorhydrato de morphina, e o chloral hydratado, não se deve recorrer a elles senão quando os meios hygienicos que deixei indicados não produzem o effeito desejado.

Eis-aqui as receitas das preparações para provocar o somno. Póde usar-se de qualquer d'ellas.

- | | |
|---|------------------------------|
| 1 ^a Extracto de opio. | 10 centigrammas (2 grãos). |
| Faça 4 pilulas. Para tomar uma pilula ao deitar-se. | |
| 2 ^a Emulsão de amendoas doces. | 120 grammas (4 onças). |
| Chlorhydrato de morphina. | 10 milligram. (1/5 de grão). |
| Xarope de flor de laranjeira. | 15 grammas (1/2 onça). |

Misture-se. Toma-se esta poção toda, de uma vez no momento de deitar-se.

- * 3ª Infusão de herva cidreira... 120 grammas (4 onças)
- Laudano de Sydenham. 20 gottas.
- Assucar 15 grammas (1/2 onça).

Misture. Tome-se toda a porção no momento de deitar-se.

- 4ª Codeína. 10 centigram. (2 grãos)
- Extracto de alcaçuz. 10 centigram. (2 grãos).

Faça 8 pilulas. Para tomar uma ou duas ao deitar-se.

- Xarope de lactucario. 30 grammas (1 onça).

Toma-se com agua, a porção toda, ao deitar-se.

Xarope de chloral hydratado.

- Chloral hydratado 2 grammas (1/2 oitava).
- Xarope simples.... 40 grammas (10 oitavas).

Misture. Tomar a metade d'este xarope ao deitar-se; outra metade meia hora depois, se a primeira não produzir somno.

INTERMITTENCIA. *Veja-se APYREXIA.*

INTERMITTENTE (FEBRE). *Veja-se* vol. I, pag. 1049.

INTERTRIGO ou ASSAMENTO. Inflammção occasionada pelo atrito de duas partes uma contra a outra; excoriação da pelle pela acção prolongada da ourina ou do suor. *Veja-se* ASSAMENTO.

INTESTINOS. Na sua significação extensa, o intestino designa todo o canal alimentario desde a bocca até ao anus; mas ordinariamente esta palavra exprime a porção do conducto digestivo existente no ventre, o qual, principiando no estomago, estende-se, depois de grande numero de circumvoluções, até ao anus: é o que se chama vulgarmente *tripas*. No homem adulto, o seu comprimento varia de quatro a cinco vezes o comprimento do corpo; isto é, de 8 a 10 metros. O intestino divide-se em delgado e grosso. O primeiro é formado de tres partes: o *duodeno* que é a continuação do estomago, o *jejuno* que segue depois, e o *ileo* que termina a porção delgada do tubo digestivo. O intestino grosso compõe-se tambem de tres partes: o *cego* que succede ao *ileo*, depois o *colona*, e enfim o *recto*, que acaba entre as duas nadegas pela abertura chamada *anus*. Como se vê, estas partes, que tomão differentes denominações, compõem um só orgão. É uma só rua que muda muitas vezes de nome. No artigo ANATOMIA, vol. I, pag. 177, acha-se a figura dos intestinos.

Molestias dos intestinos. CANCRO DOS INTESTINOS. *Veja-se* vol. I, pag. 436.

DÔRES NOS INTESTINOS. *Veja-se* COLICA.

FERIDAS DOS INTESTINOS. *Veja-se* vol. I, pag. 1089.

INFLAMMAÇÃO DOS INTESTINOS. *Veja-se* ENTERITE. Vol. I, pag. 928.

INVAGINAÇÃO OU ESTRANGULAMENTO. *Veja-se* ILEO.

INTUMECIMENTO. *Veja-se* INCHAÇÃO.

INULA CAMPANA. *Inula helenium*, Linneo. Synanthereas-asteroideas. Planta que habita em Portugal, França, Italia, etc. Fig. 307 Vegeta nos sitios sombrios, e cultiva-se nos jardins. Tem

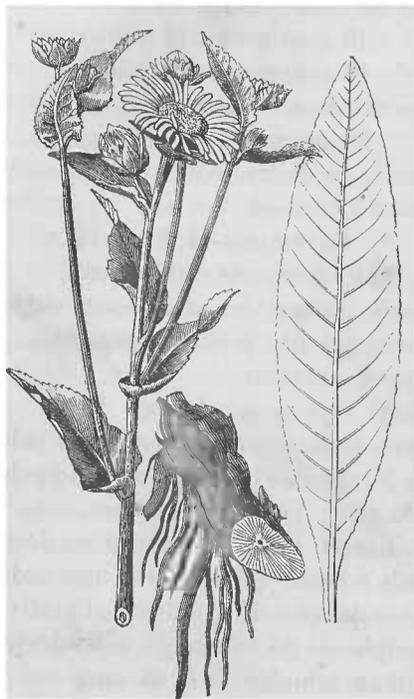


Fig. 307. — *Inula campana*.

caule recto, veloso, da altura de 1 metro, pouco mais ou menos; folhas grandes, ovas, dentadas, asperas por cima, cotanilhosas por baixo; raiz grossa, carnosa, roxa por fóra, esbranquiçada por dentro, de cheiro aromatico, sabor acre e amargo. A raiz é a unica parte usada. Tónico e estimulante; emprega-se na bronchite; sob a fórma de chá que se prepara com 8 grammas (2 oitavas) da raiz e 360 grammas (12 onças) d'agua fervendo.

INVAGINAÇÃO ou Nó NA TRIPA. *Veja-se* ILEO.

IODO. Corpo simples obtido de plantas marinhas, do genero *fucus*. É solido, em escamas de côr negra cinzenta, de um brilho metallico, cheiro d'agua de Labarraque e sabor

acre; pouco soluvel n'agua, mais soluvel no alcool e no ether; produz uma bella côr azul combinando-se com o amido. O iodo e os seus compostos empregão-se vantajosamente na papeira, escrophulas, engurgitamento dos testiculos, tumores brancos, syphilis inveterada, etc.

Em todos os casos, é necessario ter muita cautela na sua administração, pois é um veneno muito irritante, um corrosivo mui energico, deve-se cessar o seu emprego apenas se veja sobrevir o emmagrecimento do corpo. O iodo administra-se sob a fórma de *tintura*, na dóse de 4 a 20 gottas por dia, em meia chicara d'agua fria com assucar.

Ha varios compostos de iodo; os mais usados são :

Iodureto de amido. Composição de iodo e amido. É de bella côr azul. É aconselhado contra as escrophulas e molestias do peito, debaixo da fórma de xarope.

Iodureto de chumbo. Sal amarello, pouco solúvel na agua fria, algum tanto mais na agua fervendo, inalteravel ao ar. É aconselhado internamente nas escrophulas; externamente nos dartros.

Iodureto de enxofre. Sal solido, de côr violacea, cheiro forte de iodo, insolúvel na agua, sabor acre. Empregado contra as molestias cutaneas, externa e internamente.

Iodureto de ferro. Sal roxo, de sabor estyptico, deliquescente, mui solúvel em agua. Excitante e tonico, goza das propriedades do iodo e do ferro. Empregado nas affecções tuberculosas, flores brancas, chlorose, etc., na dóse de 10 a 20 centigrammas (2 a 4 grãos) e mais progressivamente, em pilulas.

Iodureto de mercurio. Ha dois ioduretos de mercurio, o protoiodureto e o deutoiodureto. *Veja-se MERCURIO.*

Iodureto de potassio ou HYDRIDATO DE POTASSA. Sal solido, branco, crystallizado em cubos ou em prismas quadrangulares, opaco, solúvel em agua, deliquescente, de sabor acre. É empregado no tratamento da papeira e da syphilis antiga, na dóse de 10 centigram. (2 grãos) e progressivamente até 5 grammas (100 grãos) por dia, dissolvido em agua.

IPECACUANHA ou **Poaya.** *Cephalis ipecacuanha*, Richard. Rubiaceas. Pequeno arbusto que habita nos mattos do Brasil, nas provincias de Pernambuco, Bahia, Minas, Matto Grosso, Espirito Santo, Rio de Janeiro, S. Paulo. Fig. 308. É um pequeno arbusto rasteiro ou pouco elevado acima da superficie da terra; a raiz constitue um dos mais preciosos medicamentos. Este arbusto tem folhas ovaes, lanceoladas, oppostas, verdes, as flores brancas, o fructo ovado, denegrido. As raizes, taes como se achão no commercio, tem 1 a 4 polleg. de comprimento, torcidas, da grossura de uma pequena penna de ganso, com muitos anneis irregulares, epiderme cinzenta denegrida; cheiro fraco, mas

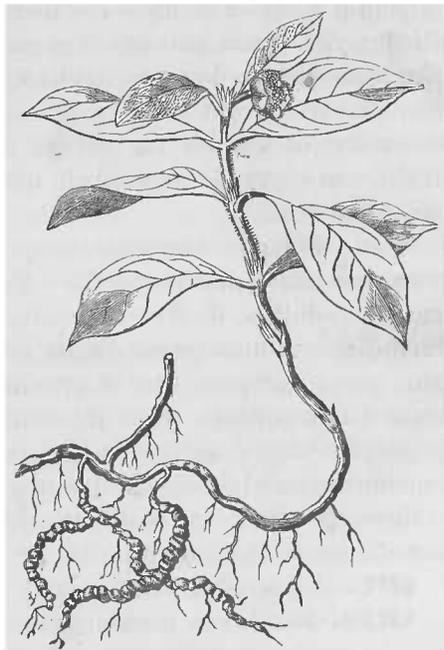


Fig. 308. — Ipecacuanha.

cheiro fraco, mas

desagradavel; sabor amargo e nauseante. São formadas de uma parte cortical, cuja fractura é esbranquiçada ou einzenta e resinosa, e de uma parte mediana', fibrosa amarellada, tendo menos sabor. Esta especie chama-se cinzenta; é a melhor de todas, e forma os tres quartos da ipeecuanha do eommercio; as outras especies (roxa e branea), fornecidas pelas outras arvores da mesma familia, são menos estimadas.

A introduccão da poaya na Europa data do anno de 1672. N'esta epoca, um medioo francez, ehamado Legras, trouxe da America certa quantidade d'ella, que depositou n'uma botica, onde foi vendida eom o nome de *mina de ouro*. Mas o medieamento, tendo sido administrado em easos em que não convinha, perdeu logo a sua reputação. Quatorze annos depois, isto é, em 1686, um negociante trouxe para Pariz 140 libras de poaya. Helvetius, eelebre medioo, fez experiencias eom esta raiz, confirmou sua grande effieacia em muitas molestias, e em reeompensa dos seus trabalhos recebeu de Luiz XIV empregos, honras e riquezas. O uso da ipeacuanha espalhou-se logo por toda a Europa. O véo que cobria a sua origem e a avidez do lucro nos mercadores oeeasionárão numerosas falsificações. Cada paiz da America julgou possuir esta preciosa planta, e o nome de ipecaeuanha foi applicado a muitas raizes que não offerecem com a poaya do Brasil outras analogias senão a de exeitar os vomitos em virtude do principio acre que contém. D'ahi vem o grande numero de ipecaeuanhas falsas que se aehão no commercio.

A raiz de poaya administra-se principalmente em pó, para provocar os vomitos, na dóse de 75 a 150 centigrammas (15 a 30 grãos) para os adultos, de 30 a 50 centigrammas (6 a 10 grãos) para as erianças, em uma pouca d'agua morna. Dá-se tambem em infusão, que se prepara com 8 grammas (2 oitavas) de poaya e um eopo d'agua quente. Esta raiz entra em muitas preparações; as principais são : o xarope de ipecaeuanha, que se administra principalmente nas bronehites das erianças, na dóse de uma a duas colheres *de sopa*, e as pastilhas, de que se tomão duas a quatro por dia eomo expectorante.

IPU. *Veja-se* BATATA DE PURGA.

IRIS. Membrana eireular colloeada na parte anterior do olho, por diante do crystallino que lhe é contiguo; aeha-se dentro do humor aqueo, no qual forma um septo vertical que separa uma da outra as duas eamaras. A parte média d'esta membrana apresenta uma abertura ehamada *pupilla* ou *menina do olho*.

IRITE ou IRIDITE. Inflammiação do iris. Póde ser aguda ou chronica.

Irite aguda. *Causas.* Esta molestia observa-se em consequencia das feridas penetrantes do olho, das operações da cataracta, da pupilla artificial; é ás vezes consecutiva ás inflammações da conjunctiva.

Symptomas. A irite annuncia-se pela mudança de côr do iris, que se torna amarello se o olho é preto, verde se o olho é azul; pela immobildade da pupilla; emfim pela deformação, e pelas adherencias parciaes da margem pupillar com a capsula do crystallino. O olho faz-se vermelho á roda da cornea transparente. No principio ha pouca dôr, a vista está algum tanto confusa; mas logo depois augmenta a dôr, e mesmo torna-se excessiva; o doente não pôde supportar a luz; no ultimo periodo, a vista acha-se quasi completamente extincta.

Tratamento. Principia o tratamento pela applicação de cinco bichas atraz de cada orelha.

Fação-se depois fricções na testa com a pomada seguinte :

Pomada mercurial cinzenta	30 grammas (4 onça)
Extracto de belladona.	1 gramma (20 grãos)
Camphora.. ..	1 gramma (20 grãos).

Friccionão-se as fontes, duas vezes por dia, com uma porção d'esta pomada do tamanho do de uma azeitona. Administre-se depois um ou dois purgantes.

Irite chronica. É caracterizada pela confusão da vista, pouco ou nenhuma dôr, deformação da pupilla, mudança de côr do iris. O tratamento compõe-se de causticos na nuca e de purgantes repetidos. As fricções com a pomada mercurial, indicadas contra a irite aguda, podem tambem ser empregadas com vantagem contra a irite chronica.

IRRIGADOR EGUISIER. Instrumento empregado para clysteres e injeções. *Vejase* CLYSTER, vol. I, pag. 606.

IRRITAÇÃO. Esta palavra designa o primeiro gráo de exaltação das propriedades vitaes n'uma parte qualquer do corpo. A iritação é de alguma sorte o primeiro periodo da inflammação com affluxo de sangue: o seu character essencial consiste em não produzir immediatamente modificação apreciavel nos tecidos; só as funcções do orgão parecem experimentar alguma desordem.

Pôde a iritação ser produzida por varias causas; por exemplo: um grão de areia entra no olho, irrita-o, o olho lagrimeja, fica vermelho; isto prova que a acção vital está augmentada n'esta parte. Da mesma maneira um vomitorio irrita o estomago, e um purgante os intestinos, vapores acres irritão os pulmões e produzem a tosse, etc., etc.

Segundo o que acabei de dizer, está claro que a primeira cousa

que se deve fazer na irritação consiste em remover a causa que a produzio ; e, cessando esta, quasi sempre cessa o mal. Se, entretanto, se recorresse a isso muito tarde e a irritação já tivesse progredido, existiria então *inflammção*, e a medicação mais conveniente seria a chamada *antiphlogistica*. *Veja-se* INFLAMMAÇÃO.

ISCA, ISCA HEMOSTATICA. *Veja-se* AGARICO.

ISCHURIA. Impossibilidade de urinar, retenção completa da urina. *Veja-se* RETENÇÃO DE OURINA.

J

JABORANDI. *Ottonia anisum*, Sprengel. Arbusto do Brasil, da familia das Piperaceas. Ramos sarmentosos, nodosos ; folhas alternas, quasi rentes, inseridas sobre as nodosidades, ovaes, oblongas, acuminadas ; flores dispostas em espigas ; fructo akenio oval, com quatro sulcos profundos, contendo uma só semente ; cheiro aromatico. A raiz mastigada produz uma abundante secreção de saliva, e empregada d'esta maneira aproveita nas dôres de dentes. A tintura, que se prepara macerando 1 parte da raiz em 8 partes de alcool rectificado, emprega-se em fricções sobre os membros paralyzados. No Pará dá-se o nome de jaborandi á *Alfavaca de cobra* (*Monnieria trifolia*, Aublet), planta da familia das Rutaceas. *Veja-se* vol. I, pag. 114.

JABOTICABEIRA. *Eugenia cauliflora*, Martius. Arvore do Brasil. Myrtaceas. Folhas oppostas, oblongas agudas, lisas, coriáceas, com as margens onduladas ; flores quasi rentes ; fructo (*jaboticaba*), baga de côr purpurea roxa, ás vezes manchada de verde, globosa, pouco mais ou menos de uma pollegada de diametro, lustrosa, coroada por um disco opaco ; casca do fructo coriacea, polpa quasi liquida com uma a seis sementes. A polpa do fructo é adocicada e muito agradavel. Os doentes de febre podem chupala com vantagem. A casca do fructo é adstringente, o seu cozimento emprega-se em gargarejos nas esquinencias, e em clysteres contra a diarrhea. Este cozimento prepara-se com 30 grammas (1 onça) da casca e 500 grammas (16 onças) d'agua. Ha diversas especies de jaboticabeiras, cujos fructos são comestiveis.

JACA. Fructo de uma arvore originaria das Indias orientaes, commum no Brasil, *Artocarpus integrifolia*, Linneo, da familia das Artocarpeas. Arvore elevada e copada, de casca grossa e rachada ; transuda d'ella um succo leitoso e viscoso ; folhas ovaes, de 12 centimetros e mais, duras, grossas, lustrosas, de côr verde-negra,

fructo (a jaca) ovoide ou redondo, tendo de extensão mais de 48 centímetros; e de peso 25 a 30 kilogrammas, ás vezes 40. Sua superficie apresenta saliencias cônicas, de côr verde-amarellada. Interiormente compõe-se de polpa filamentosa, amarellada, viscosa, doce, de cheiro pouco agradável, que se divide em compartimentos, em cada um dos quaes se aloja uma baga de 6 centímetros, gelatinosa, de sabor doce, tendo no centro um caroço oval e alvacento. Come-se a massa assim como o caroço assado. Na provincia das Alagoas, com tal abundancia existe esta fructa, que até se dá ao gado. Existem no Brasil tres variedades: a *jaca dura*, a *jaca molle* e a *jaca manteiga*; a primeira tem maior accitação.

JACARÉ. *Veja-se* CROCODILO.

JACARÉ-ARU. *Veja-se* CAFÉRANA.

JACATUPÉ. *Pachyrrhizus angulata*. Leguminosas. Planta do Brasil; habita nas provincias do norte. A raiz bulbifera, muito desenvolvida, compõe-se quasi completamente de fecula que, depois de bem lavada, pôde servir de alimento. As sementes são tidas por venenosas. O Sr. Dr. Peckolt, porém, julga-as innocentes. Os Indios chamão esta planta *abacucu*.

JACINTHO. Pedra preciosa de um vermelho alaranjado, misturado de roxo. Ha quatro especies d'esta pedra; a 1ª de côr escarlate, lança raios como o fogo: é a esta qualidade que se dá o nome de *bello jacintho*; a 2ª especie tem uma côr de açafão avermelhado; a 3ª é semelhante ao ambar amarello, mas é mais dura; a 4ª é transparente e branca. Os jacinthos achão-se no Brasil, Ceylão, Arabia, Bohemia, etc. Tem pouco valor; raras vezes empregão-se como joias; servem principalmente para a gravura.

JACINTHO. *Hyacinthus*. Genero de plantas, da familia das Liliaceas, que contém mais de 2,000 variedades, que habitão na Asia menor e são cultivadas nas estufas da Europa. São plantas herbaceas que nascem de uma raiz em fórma de cebola; as folhas longas e quasi lineares, sahem da terra sob a fórma de um feixe, no meio do qual se levanta uma haste lisa terminada por um pennacho de flores singelas ou dobradas, de cheiro suave e de varias côres, branca, amarella, roxa, rosea, etc. Houve amadores hollandezes que no 18º seculo chegarão a pagar até um conto de réis por um unico bolbo de uma variedade nova. Hoje este furor tem diminuido muito. Os jacinthos entravão tambem na composição de algumas preparações pharmaceuticas, que já não se empregão.

Na linguagem das flores o jacintho é o symbolo da dôr e da delicadeza.

JACUÁ-ACANGA. *Veja-se* AGUARÁ CIUNHÁ-AÇÚ.

JAKIRANABOIA. *Fulgora lanternaria*, Linneo. Insecto que habita nas Guyanas e outras partes da zona quente. Tem 7 a 8 centímetros de comprimento, e 10 a 12 de largura; é de côr amarella esverdeada, salpicado de preto e branco com grande olho amarello cercado de preto, e tendo uma pupilla da mesma côr com duas manchas brancas. A cabeça tem mais de 2 centímetros de comprimento, é globosa, com uma proeminencia em cima. É uma borboleta em ponto grande. Os Indios attribuem-lhe qualidades maleficas e venenosas; no entanto este insecto é innocente e inoffensivo; e tudo quanto se conta de estragos e mortes por elle causadas em tripulações de canoas, em aldeias dos Indios, nas roças, etc., não passa de uma mera historia fabulosa; e poucos são hoje os que ainda acreditão no ferrão mortal, que lhe sahe do peito, para dar cabo das outras especies viventes.

JALAPA. *Exogonium purga*, Bentham. Convolvulaceas. Planta que habita no Mexico. Fig. 309. Caule herbaceo, sarmentoso,

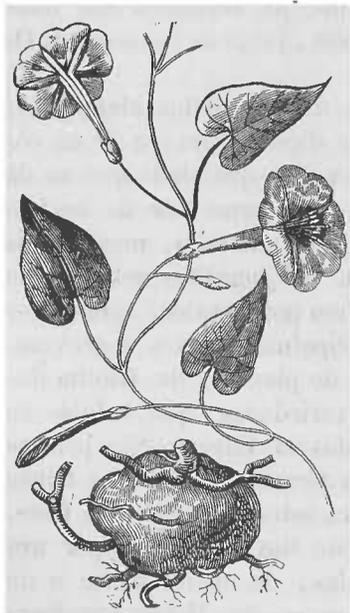


Fig. 309. — Jalapa officinal.

enroscando-se á roda das outras plantas, cylindrico, liso, da grossura de uma penna de ganso, de côr roxa brilhante; folhas alternas, peciola-das, cordiformes, profundamente cortadas na base, acuminadas; flores grandes pedunculadas, solitarias ou reunidas em duas, pedunculos axil-lares, corolla em fôrma de funil, côr de rosa desmaiada; fructo, capsula ovoide arredondada, com 4 locula-mentos, contendo cada um uma se-mente globosa, glabra; raiz tuberosa, arredondada, mais ou menos irregu-lar, branca, carnosa, cheia de um succo lactescente resinoso. No com-mercio esta raiz acha-se em talhadas ou rodellas compactas, pardo-escuras por fôra, esbranquiçadas ou amarel-ladas por dentro, com linhas concen-tricas; superficie enrugada, fractura lisa, ondulada com pontos brilhantes, sabor a principio fraco, depois acre; cheiro nauseante. A raiz de jalapa administra-se como purgante em pó ou em pilulas na dôse de 1 a 5 grammas (20 a 100 grãos). Extrahe-se d'esta raiz uma resina, cujas propriedades purgativas são muito mais fortes : dá-se na dôse de 10 a 50 centigrammas (2 a 10 grãos).

JALAPA DO BRASIL. Veja-se BATATA DE PURGA.

JALAPÃO, TIU, RAIZ DE LAGARTO. *Adenoropium opiferum*. Martius. Euphorbiaceas. Planta do Brasil; habita em Minas, S. Paulo, Goyaz, Bahia, Pernambuco. A sua raiz é purgativa na dose de 1 a 4 grammas (20 grãos a 1 oitava); e o extracto na de 1 a 2 grammas (20 a 40 grãos); é empregada na ictericia, hydropsias e obstrucções das visceras abdominaes.

JAMACARÚ, JARAMACARÚ, MANDACARÚ, FIGUEIRA DA INDIA, URUMBÉBA OU CUMBÉBA. *Cercus triangularis*, Martius. Nopaleas, segundo Martius; Cacteas, segundo Duchesne. Arbusto do Brasil. *Partes usadas* : Fructo, e planta. Antiscorbutico, refrigerante, peitoral e deterativo. — O succo dos fructos passa por antiscorbutico. A decocção da planta é refrigerante, e aconselhada nas febres biliosas. O succo espresso da mesma depois de cozida, e misturado no liquido do decocto com assucar sufficiente para ser levado á consistencia de xarope, é muito usado nas affecções pulmonares, nas tosses pertinazes. Externamente, em cataplasma nas ulceras sordidas, e nos tumores glandulares, depois de assada a planta no rescaldo. (Dr. Castro do Pará.)

JAMBO. Fructo do jambeiro, *Jambosa vulgaris*, De Candolle, Myrtaceas, arvore da India, introduzida no Brasil. Este fructo é de côr rosea; tem um gosto agradável e cheiro de rosa.

JANIPARINDIBA. *Gustavia brasiliana*, De Cand. Myrtaceas. Arbusto do Brasil; habita especialmente nas provincias do Pará, Maranhão, Pernambuco. A raiz é amarga, acre e aromatica; as folhas trituradas exhalão um cheiro desagradavel; o lenho tambem é fetido. Com as folhas fazem-se cataplasmas que se applicão no lado direito do ventre na dureza do figado. Os fructos proycção vomitos, e embebedão os peixes. O succo do fructo tinga a pelle de preto.

JAPÁNA. *Veja-se* AYAPÁNA.

JAPECANGA. *Veja-se* SALSAPARRILHA.

JARRINHA. *Veja-se* MILHOMENS.

JASMIN. Flor do jasmineiro, *jasminum*, genero de plantas da familia das Jasmineas. São arbustos originarios dos paizes quentes, cujos ramos numerosos são dispostos em mouta, ou são delgados e trepantes sobre os corpos vizinhos; as folhas oppostas ou alternas são pinnuladas com um foliolo impar, mas frequentemente reduzidas a tres foliolos ou a uma só folha sobre um peciolo articulado. As flores são amarellas ou brancas, frequentemente roseas exteriormente, de ordinario dispostas em paniculas pouco guarneccidas, de um cheiro muito suave. Os jasmineiros cultivão-se nos jardins do Brasil e de Portugal. A essencia dos jasmins é tão volatil, e tão difficil de se extrahir, que não se póde obter na agua ou no alcool pela distillação, como as outras essencias. Para obtê-

la é preciso embeber algodão cardado com oleo de ben, que é inodoro e pouco susceptível de tornar-se rancido, e dispôr este algodão, camada por camada, entre as flores de jasmim, em peneiras que se cobrem; passadas 24 horas, separa-se o algodão que se impregnou do cheiro do jasmim, e torna-se a pôr com flores novas; repete-se a operação até que o algodão adquira sufficiente cheiro, submete-se então este algodão á prensa para extrahir d'elle o oleo que se conserva em vidros cheios e bem tapados, para os usos da perfumaria.

JASMIM MANGUEIRA, JASMIM MANTEIGA. *Cerbera mangas*, Gaertner. Apocynæas. Vegetal venenoso, que habita nas provincias do Norte do Brasil.

JASPE. Pedra parecida com a agata, porém mais dura de lavar; é de uma côr só, ou de varias; o mais estimado é o verde, salpicado de vermelho. O jaspe branco, que se parece côm o marfim, é o mais raro. Acha-se esta pedra no Brasil, na Sicilia, Prussia, Siberia, etc. No Brasil acha-se particularmente na provincia do Amazonas, do Pará e na da Bahia nas jazidas existentes na villa da Barra, onde são conhecidas com o nome de *pedra de santeiro*. Todos os jaspes são empregados para a fabricação de objectos de ornato, taes como sinetes, vasos, caixas de relógios, e mesmo mesas, se o pedaço é bastante volumoso para se prestar a este uso. A sua dureza, muito maior que a do marmore, e a difficuldade que ha em o polir, dão sempre grande preço a estes objectos.

JATAHY, JETAHY, JATEHY, JETAHYBA, JATOBA, JATUBA, JETAICICA. *Hymenæa courbaril*, L. Fig. 310. Arvore do Brasil, da familia das Leguminosas; habita em Minas, Bahia, Pernambuco, Amazonas. É uma arvore muito alta, de casca espessa, rugosa, de côr ruiva dencgrida; lenho duro e avermelhado, ramos numerosos; folhas alternas, pecioladas, compostas de dois foliolos approximados, como conjugados, luzentes, de um verde-escuro, ovaes-lanceolados, inteiros; inflorescencia disposta em paniculas; fructo, vagem achatada, de 13 a 19 centimetros de comprimento, de 5 a 8 de largura. Esta vagem é composta de um envolvero lenhoso, avermelhado, algum tanto rugoso, luzidio, contendo uma polpa farinhosa, amarelhada, doce e agradavel ao gosto. No meio d'esta polpa achão-se 4 ou 5 sementes ellipticas, roxas, do tamanho de favas. Estes fructos, chamados *pão de ló de mico*, *fructa de jatahy*, são comestiveis e nutrientes, porém algum tanto grosseiros. Do tronco e dos ramos d'esta arvore mana grande quantidade de resina amarelhada, transparente, que no Brasil se chama vulgarmente *resina de jatahy*; encontra-se de ordinario enterrada na proximidade das raizes, e algumas vezes em lugares onde já não existe vestigio

algum da arvore que a produzio. Apresenta-se ordinariamente em pequenos pedaços, de fôrma espherica, ou em grandes massas cobertas por uma camada terrea. A sua fractura é brilhante, o cheiro aromatico, pouco sensivel. Na exposição universal de Pariz, em 1867, havia muitos bocados cylindricos d'esta resina, procedentes da provincia do Amazonas e de outras partes; os maiores tinham 24 centimetros de comprimento e 7 de largura; a côr era

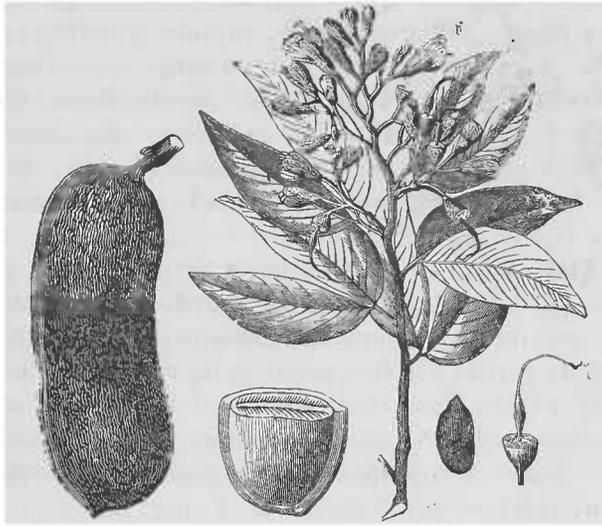


Fig. 310. — Jatahy.

amarellada, cinzenta, ou com veios avermelhados; a fractura vitrea. Esta resina é empregada nas artes para fazer vernizes, que são brilhantes e bastante solidos; serve aos indigenas para vidrarem a louça de barro, ou para se alumiarem. É tambem remedio popular contra os escarros de sangue; usão toma-la em pó na dôse de 1 gramma (20 grãos), misturada com uma gema de ovo. Diluida em aguardente, agua e assucar, é preconizada pelos habitantes da provincia de Minas como effcaz na tosse chronica. Ha mais outras arvores no Brasil, da mesma familia, que fornecem semelhante resina. São :

Hymenæa stilbocarpa, Hayne (Minas, Bahia, Pernambuco).

Hymenæa Martiana, Hayne (mesmos lugares).

Hymenæa Olfersiana, Hayne (mesmos lugares).

Hymenæa stigonocarpa, Martius (Bahia, Piauhy).

Hymenæa Sellowiana, Hayne (mesmos lugares).

Trachylobium Martianum, Hayne (Rio Negro).

JENIPAPO. Veja-se GENIPAPO.

JERATACA. Veja-se MANACÁ.

JIQUIRIOBA. *Veja-se* GIQUIRIOBA.

JIQUITIBA. *Curatari legalis*, Mart. Myrtaceas. Grande arvore do Brasil, que habita especialmente na provincia de S. Paulo. Casca grossa, ciuzenta, sulcada longitudinalmente; lenho avermelhado, pouco duro; folhas de peciolo curto, alternas, luzidias, ellipticas, irregularmente denteadas, e guarneccidas na base de dois pequenos appendices que se achão constantemente dobrados sobre o dorso da folha, flores dispostas em racimos de muitas flores, terminaes e axillares; fructo, capsula cylindrica, coriacea, operculada. A casca tem um gosto amargo e adstringente e é empregada em decocção, internamente nas diarrheas, em bebida e clysteres; e externamente, em gargarejos, nas esquinencias. Esta decocção prepara-se com 30 grammas (1 onça) da casca e 500 gram. (16 onças) d'agua. O lenho é usado nas construcções civis.

JITO. *Veja-se* MARINHEIRO.

JOELHO. Assim se chama a junta ou articulação da perna com a coxa. Esta junta resulta do contacto da extremidade inferior do femur (osso da coxa) com a extremidade superior da tibia (canela, osso da perna) e a face posterior da *rotula* ou rodela. Estes ossos estão reunidos por ligamentos mui fortes. A rotula é um osso achatado, redondo, que forma uma proeminencia na parte anterior do joelho. Vou indicar as principaes molestias do joelho :

Joelho. (ABCESSO NO). *Veja-se* Vol. I, pag. 6.

Joelho. (AGUA NO) OU HYDARTHROSE. *V* HYDROPSIS DA JUNTA.

Joelho. (CONTUSÃO DO). *Veja-se* Vol. I, pag. 684.

Joelho. (DESLOCAÇÃO DO). *Veja-se* Vol. I, pag. 823.

Joelho. (FERIDA DO). *Veja-se* FERIDAS DAS JUNTAS.

Joelho. (FRACTURA DO). *Veja-se* FRACTURA DA ROTULA.

Joelho. (GEITO OU TORCEDURA DO). *Veja-se* TORCEDURA.

Joelho. (HYGROMA DO). *Veja-se* HYGROMA.

Joelho. (INFLAMMAÇÃO DO). *V* ARTHRITE, Vol. I, pag. 241.

Joelho. (QUÉDA SOBRE O). O resultado ordinario da quéda sobre o joelho é uma *contusão*. Compõe-se o tratamento de applicação no joelho de pannos molhados em agua fria, durante os dois primeiros dias; depois, de cataplasmas de linhaça; ás vezes é necessario applicar bichas. *Veja-se* CONTUSÃO, Vol. I, pag. 684.

Joelho. (TUMOR BRANCO DO). *Veja-se* TUMOR BRANCO.

JUÁ-PÔCA. *Veja-se* CAMAPÚ.

JUBUBA ou **Açofeifa.** Fructo da maceira d'anafega. *Rhamnus ziziphus*, Linneo, arbusto da familia das Rhamneas, originario do Egypto, Syria, Barbaria, d'onde foi transportado para a Italia; em Portugal, cultiva-se no Algarve. Fig. 311. Este fructo é ovoide, carnoso, do tamanho de uma azeitona; polpa saccharina, um tanto

vinosa ; contém um caroço com dois repartimentos. Come-se fresco no paiz que o produz, ou conserva-se secco. As jujubas seccas fazem parte dos quatro fructos peitoraes, e entrão na composição dos cozimentos e da *pasta de jujubas*, cujo uso é util nas molestias acompanhadas de tosse.

JULEPO. Palavra de origem arabe ; serve para designar as poções doces e calmantes empregadas nos defluxos, e outras affecções do peito acompanhadas de tosse. O mais simples julepo é a mistura de uma chicara de chá de flores de malva com duas a tres colheres de xarope de gomma e uma colher d'agua de flor de laranjeira. Ajunta-se-lhe, ás vezes, uma colher de xarope de diacodio, para provocar o somno durante a noite.



Fig. 311. — Jujuba.

JUMENTO, JUMENTA. *Veja-se* BURRO.

JUNÇA CHEIROSA ou **Albafor.** *Cyperus longus*, Linneo. Cyperaceas. Planta que em Portugal habita nos lugares humidos e paludosos. Colmo folioso, de tres faces : umbella foliosa, sobrecomposta ; pedunculos nús ; espigas alternadas. Raiz quasi lenhosa, roliça, ramosa, articulada, cercada de anneis approximados ; secca cheiro fragrante, agradável ; recente, cheiro mais debil, sabor amargo e balsamico. A raiz emprega-se na perfumaria.

JUNÇA COMESTIVEL. *Cyperus esculentus*, Linneo. Cyperaceas. Herva que habita na proximidade dos rios e mesmo n'elles ; é originaria de Africa ; acha-se no Brasil, particularmente nas provincias de Pernambuco e Alagoas ; é uma especie de capim, de 1 metro de altura. A raiz compõe-se de radículas delgadas que trazem na extremidade um tuberculo ovoide, do tamanho de uma azeitona. Este tuberculo é marcado de anneis circulares, e apresenta na parte inferior um pequeno prato coberto de fibrillas. É amarello por fóra, branco por dentro, de gosto adocicado, oleoso, como o de avelã ; é uma verdadeira amendoa subterranea ; é nutriente, e proprio, dizem, para provocar o appetite venereo.

JUNIPERO. *Veja-se* ZIMBRO.

JUNTA ou **Articulação.** Chama-se *junta* ou *articulação* a reunião de dois ou mais ossos. As juntas podem ser moveis e immoveis. As juntas moveis são : o hombro, o cotovelo, o punho,

o joelho, as juntas dos dedos, da coxa, do pé, etc. As juntas immoveis são as dos ossos do craneo, das vertebraes, dos dentes, etc. As juntas são sujeitas a varias molestias; eis-aqui as mais frequentes :

1º ANKYLOSE. *Veja-se* vol. I, pag. 203.

2º CONTUSÃO DA JUNTA. Esta lesão resulta de pancadas e quedas sobre as juntas. A primeira cousa que se deve fazer é applicar á parte offendida pannos molhados em agua fria. *V.* vol. I, p. 684.

3º DESLOCAÇÃO. *Veja-se* vol. I, pag. 844.

4º DÔR NAS JUNTAS. *Veja-se* RHEUMATISMO.

5º FERIDAS DAS JUNTAS. *Veja-se* vol. I, pag. 4090.

6º GOTA. *Veja-se* o artigo GOTA.

7º HYDROPSIA DA JUNTA. *Veja-se* vol. II, pag. 151

8º INFLAMMAÇÃO DA JUNTA. *Veja-se* ARTHRITE, vol. I, pag. 241.

9º RHEUMATISMO. *Veja-se* RHEUMATISMO.

10º TORCEDURA. *Veja-se* TORCEDURA.

JUREMA. *Acacia jurema*, Martius. Leguminosas. Arvore do Brasil; habita em Minas, Bahia, Pernambuco. Sua casca é adstringente, e o cozimento d'esta casca emprega-se em banhos contra as inchações erysipelatosas. 30 grammas (1 onça) para 1 litro (32 onças) d'agua.

JURUBEBÁ, JURIBEBA OU JUPEBA. *Solanum paniculatum*, Lin. Solaneas. Planta do Brasil; habita em Pernambuco e nas provincias do Norte. Caule espinhoso; folhas cordiformes, sinuosas e angulosas, glabras na face superior, tomentosas na inferior; flores terminaes dispostas em paniculas; fructo, baga espherica. Todas as partes d'esta planta contém um principio amargo. A infusão da raiz é aconselhada nas obstrucções do figado; prepara-se com 2 grammas (1/2 oitava) da raiz e 250 grammas (8 onças) d'agua fervendo. As folhas frescas applicão-se nas feridas.

JUVIÁ. *Veja-se* CASTANHEIRO DO MARANHÃO.

K

KAMALA. Pó resinoso que cobre os fructos de uma arvore da India, *Rottlera tinctoria*, Hoshst, da familia das Euphorbiaceas. Apresenta-se debaixo da fórma de granulos vermelhos, quasi redondos, misturados com destroços de folhas e de talos. É muito empregado em Bengala como vermifugo, na dõse de 2 a 12 gram. (40 grãos a 3 oitavas).

KERATITE. Affecção da cornea, membrana transparente do olho, que se apresenta debaixo de diversas fórmas; 1º a cornea

perde seu brilho, e cobre-se de pequenos grãos; 2º sobrem uma pequena bolha produzida pelo levantamento da membrana externa da cornea; 3º esta bolha rompe-se e é seguida de ulceração. Estas diversas alterações são acompanhadas de photophobia, ou aversão contra a luz, lagrimejamento, dôr, e alteração da vista.

As causas d'esta molestia são pancadas no olho, ferimentos, e muitas outras causas que produzem a inflammação do olho.

Tratamento. Deve-se tocar levemente a cornea com pedra infernal, e banhar o olho com o collyrio seguinte :

Agua de rosas.	120 grammas (4 onças)
Laudano de Sydenham.	20 gottas.

Se este tratamento não fôr sufficiente, applique-se de noite, sobre a margem ciliar da palpebra, um pouco de pomada de sulfato de cobre, do tamanho de um grão de trigo. Eis-aqui a receita d'esta pomada :

Sulfato de cobre..	5 centigram. (1 grão)
Camphora.	10 centigram. (2 grãos)
Banha	... 2 gram. (1/2 oitava).

Porphyryze longamente o sulfato de cobre e a camphora, ajuntando uma gotta de azeite doce, e depois misture exactamente com a banha.

KERMES MINERAL ou OXY-SULFURETO DE ANTIMONIO HYDRATADO. Pós de côr roxa vermelha, de aspecto aveludado, inodoros quando estão bem seccos, de cheiro um pouco sulfuroso quando humidos; insolueis na agua. Expostos ao ar e á luz, perdem a côr vermelha e o aspecto aveludado. Em pequena dóse, 5 a 20 centigrammas (1 a 4 grãos), em pós, pilulas ou n'uma poção, o kermes favorece a expectoração, e emprega-se nas bronchites e outras molestias do peito. Este remedio produz ás vezes vomitos.

KEROSENE. Oleo de naphta ou petroleo purificado, empregado para luzes.

KINO. Varios succos adstringentes provenientes de differentes arvores correm no commercio com o nome de *kinos*. As principaes especies de kinos são : 1º Kino de Africa, fornecido pelo *Pterocarpus erinaceus* e *marcupium* (Leguminosas). 2º Kino de Botany-Bay, fornecido pelo *Eucalyptus resinifera* (Myrtaceas). 3º Kino de Jamaica, produzido pelo *Coccoloba uvifera* (Polygoneas). 4º Kino de Maduga, succo extrahido do *Butea frondosa* (Leguminosas). 5º Kino de Amboina, da India ou verdadeiro, produzido pelo *Nauclea gambir* (Rubiaceas). Este ultimo, que é o das pharmacias, apresenta-se em massas irregulares, seccas, que se quebrão facilmente em fragmentos mais pequenos, opacos, negros, brilhantes, de cheiro bituminoso fraco, sabor amargo e adstringente; um

pouco solúvel em água fria, muito mais solúvel em água quente.

Adstringente, empregado nas diarreias, nos escarros de sangue e outras hemorragias na dose de 1 a 4 grammas (20 grãos a 1 oitava) em pó, pilulas ou poção.

KIRSCH ou **KIRSCHENWASSER** (das palavras allemãs *kirsche*, cereja, e *wasser*, água), licor espirituoso que se obtém pela distillação das cerejas com seus caroços socados e suas amendoas. É tão forte como os líquidos mais espirituosos; tem gosto delicado, muito agradável, analogo ao das amendoas amargas, e que é devido á presença de pequena quantidade de ácido prússico contido nos caroços e nas amendoas das cerejas. O melhor kirsch prepara-se na Floresta-Negra, na Allemanha. É um licor estomachico e excitante. Toma-se depois de jantar, em pequena dose.

KISSINGEN. Aguas salinas frias. Itinerario de Pariz a Kissingen : A estrada de ferro conduz directamente de Pariz a Kissingen em 16 horas; a viagem custa 90 francos.

Kissingen é uma pequena cidade de 2,000 habitantes situada na Baviera, no centro de um valle fértil, que atravessa o rio Saale. São tres as suas principaes fontes d'água mineral : *Rakoczy*, *Pandur* e *Maxbrunn*. Temperatura 10° a 11° centigrados. A fonte *Rakoczy*, que é a mais importante, sahe aos borbotões de um poço. A água é límpida e não exhala cheiro algum; o seu sabor, acidulo e salgado, deixa um resaiço algum tanto amargo que nada tem de desagradavel. Exposta ao ar, depõe um sedimento amarello avermelhado. Contém, por litro, 9 grammas e 45 centigrammas de saes, que são : chloruretos de sodio, de magnésio e de potássio, sulfatos e carbonatos de cal e de ferro.

A composição da fonte *Pandur* aproxima-se muito da de *Rakoczy* : sómente os saes achão-se n'ella em menor porção. Além d'isso, estas duas fontes contém notavel quantidade de gaz ácido carbonico : *Rakoczy* 0^{lit},779; *Pandur* 1^{lit},011.

Quanto á fonte *Maxbrunn*, que se considera como simples bebida de mesa, sua mineralização é insignificante, em compensação é a fonte a mais gazosa de Kissingen.

É pela manhã que os doentes se dirigem ás fontes *Rakoczy* e *Pandur*. Aquella sobretudo tem muita concurrencia. A maior parte dos doentes bebem a água tal como sahe do poço; outros fazem evaporar uma parte do gaz, mergulhando o copo n'água quente. Vai-se depois dar um passeio nas alamedas do parque ou nas longas e bellas galerias do *Kursaal* (salão de cura), para voltar ao cabo de quinze ou vinte minutos, beber um outro copo. Isto dura cerca de duas horas. Pela tarde, das 6 ás 8 horas, a mesma affluencia perto das fontes; mas então é a fonte de *Pandur* que tem

mais gente. Se de tarde se dá a preferencia a esta ultima fonte, resulta isso da sua menor actividade; não agita o sommo, como poderia fazer a fonte Rakoczy.

A dóse na qual se bebe esta agua nada tem de fixo; é ordinariamente de 3 a 6 copos de manhã, e de 2 a 4 de tarde; mas não se chega a esta dóse senão gradualmente. Regra geral, só se deve beber a quantidade d'agua mineral que o estomago digerir sem difficuldade.

As aguas de Kissingen são laxativas. A sua acção, nos primeiros dias, manifesta-se pelo augmento do appetite e da força; mas á medida que a agua mineral está absorvida, os seus effeitos generalizão-se. As evacuações alvinas tornão-se escuras, biliosas; as urinas turvão-se e apresentam um deposito. Os doentes experimentão uma especie de prostração physica e moral; espantão-se de verem reaparecer os males desde longo tempo esquecidos, e que julgavão completamente curados. Porém esta crise, que se desenvolve do primeiro ao segundo septenario, não tarda a desaparecer, e a cura recobra então a sua marcha normal.

As aguas de Kissingen são uteis contra as affecções abdominaes, contra as hypertrophias do figado e do baço, e contra a gota. Administrão-se não só como bebida mas tambem em banhos, que se preparão com agua de Pandur e com a de *Soolensprudel*. Esta ultima fonte, de que ainda não fallei, brota a alguns minutos de Kissingen: é uma fonte artesiana intermittente, de 104 metros de profundidade, a qual offerece alternativas de fluxo e de refluxo verdadeiramente extraordinarias, que se repetem seis ou sete vezes por dia. O *Soolensprudel* tem a temperatura de 18° centigrados; contém muito gaz acido carbonico; a sua composição é semelhante á de Rakoczy, sómente contém maior porção de sal marinho. Sobre o local, onde brota, levanta-se um bello edificio no qual se acha um arsenal balnear dos mais completos: duchas de toda a especie, banhos de vapor, estufas, salas de inhalações e apparatus hydrotherapicos. Emfim, o mesmo estabelecimento encerra banhos de lodo, assim como todas as variedades de banhos e de duchas de gaz acido carbonico.

Kissingen é um lugar agradável. O *Kursaal* (sala de cura) apresenta uma magnifica columnata de 264 metros de comprimento. No centro do edificio existe uma vasta sala para as festas. Quanto ao *Kurhaus* (casa de cura), é um estabelecimento completo: sómente, desde que teve a fortuna de hospedar reis e imperadores, os preços tomárão taes proporções, que a casa se tornou inacessivel aos simples mortaes.

Um novo estabelecimento, chamado o *Estabelecimento thermal*

por acções, está situado no novo parque, do outro lado rio, defronte de Rakoczy e Pandur. É alimentado pela fonte artesiana de Schoenborn, distante uma hora de Kissingen, que antigamente servia só para a extracção do sal marinho. A sua temperatura é de 19 grãos, e a composição semelhante á do Soolensprudel. A agua é conduzida da nascente por tubos de ferro. O novo estabelecimento comprehende 40 gabinetes para banhos d'agua salgada, 4 para duchas, 2 para estufas, e 12 para banhos de lodo. Este lodo, proveniente das montanhas de Rhoen, contém muitas substancias bituminosas.

A agua de Rakoczy, transportada, conserva-se bem; presta longe da fonte importantes serviços: A dósc é de 1 a 2 copos, pela manhã.

KREUZNACH. Aguas salinas frias, na Prussia rhenana.

Itinerario de Pariz a Kreuznach: Vai-se pela estrada de ferro de Pariz a Kreuznach mesmo, em 16 horas. Despeza 67 francos.

Kreuznach é uma pequena cidade da Prussia, situada sobre a margem esquerda do Rheno. Os banhos, ali, não passam do accessorio das grandes emprezas commerciaes para a extracção do chlorureto de sodio (sal de cozinha) contido nas fontes mineraes. Convem dar a explicação do modo de obter o sal, porque esta explicação servirá para fazer conhecer a natureza das aguas-maes, isto é, do residuo da crystallização empregado para banhos.

A agua salgada sahe da terra a um gráo de concentração pouco adiantado. Para obter um gráo mais forte, conduz-se, por meio de maquinas hydraulicas, á parte superior de vastos telheiros formados de fachinas ordenadamente sobrepostas. A agua penetra gotta a gotta a travez das ramadas, divide-se infinitamente, e, despida pela evaporação de uma parte dos seus principios aqueos e dos seus saes menos soluveis, cahe nos vastos reservatorios, d'onde sahe e se dirige sobre novas fachinas. Só depois de seis operações d'este genero é que marca no arcometro um gráo sufficiente de concentração; transporta-se então para immensas caldeiras, onde é submettida á calefacção prolongada. Pouco a pouco o sal marinho deposita-se sob a fórma de crystaes brilhantes, que se tirão á medida que se formão, e que se fazem seccar antes de serem entregues ao commercio. Quanto á agua espessa que fica, recusando dar crystaes, e que se chama *agua-mae*, reserva-se para uso medico.

Segundo as analyses a agua mae contém, por litro, 8 grammas 70 centigrammas de bromureto de sodio, e 2 grammas 60 centigrammas de bromureto de magnesio. Junta á agua dos banhos, em proporção variavel, communica-lhe propriedades muito mais energicas do que as que possuem as proprias fontes.

A mais conhecida d'estas fontes, a unica que merece occupar-nos, é a fonte *Elisabeth*. Temperatura 9º centigrados. O sabor é acre, salgado e algúm tanto nauseabundo. Contém por litro 12^g,242 de saes, de que 11^g,642 de chlorureto de sodio; contém igualmente um pouco de iodo.

O tratamento consiste principalmente no emprego dos banhos, que se aquecem por meio do vapor d'agua fervendo que passa nos tubos collocados no fundo das banheiras. Tomadas em bebida, as aguas de Kreuznach tem accção fundente e depurativa, que se explica pela natureza dos saes e sobretudo do iodo que entrão na sua composição. Tres ou quatro copos da fonte Elisabeth, bebidos de manhã em jejum, são sufficientes. Estas aguas gozão de reputação contra as affecções escrophulosas, dartrosas, cachexias siphiliticas, engurgitamentos chronicos do utero e dos ovarios.

KUSSO. *Veja-se Cusso.*

KYSTO. Designão-se sob o nome de kystos uns saccoes membranosos, sem abertura, arredondados, que se desenvolvem accidentalmente na espessura dos tecidos, e contém substancias de diversas naturezas, liquidas ou solidas. A membrana que forma o sacco póde ser delgada, semelhante em tudo a uma membrana serosa; mas póde tambem ser formada de tecido fibroso, fibrocartilaginoso e mesmo osseo. De ordinario não adhere senão fracamente aos tecidos vizinhos.

A cavidade do kysto é ordinariamente unica, mas póde tambem ser dividida em muitos loculamentos. As materias que se encontram no interior dos kystos differem muito. Ora é uma serosidade incolor, citrina e albuminosa; ora é um liquido esverdeado, túrvo, mucilaginoso, de máo cheiro; ou então pus, sangue mais ou menos alterado, tendo a côr de chocolate. Algumas vezes encontram-se ali concreções fibrinosas, cartilaginosas, osseas, diversos corpos estranhos. O volume dos kystos varia singularmente, desde o da cabeça de um alfinete até ao da cabeça de um homem adulto. Os kystos que adquirem este ultimo volume são ordinariamente multiloculares e formados de paredes delgadas. A fórma dos kystos é em geral globosa; póde ser modificada pela pressão dos órgãos vizinhos, pela existencia de bridas naturaes ou accidentaes, que ás vezes os dividem em duas porções. A fórma é muitas vezes irregular, com proeminencias, nos kystos multiloculares. Os kystos mostrão-se em todos os órgãos e em todas as regiões. São mais frequentes nas regiões abundantemente providas do tecido cellular, no pescoço, nas virilhas, na orbita. Achão-se tambem nas visceras, no cerebro, nos scios, no figado, nos rins, nos ganglios lymphaticos, e sobretudo nos ovarios.

Causas. O desenvolvimento dos kystos faz-se ordinariamente sem causa apreciavel. Em certo numero de casos, pôde-se attribuir a sua origem a um atrito, a uma compressão ou á contusão violenta feita em epoca mais ou menos afastada.

Symptomas. Os kystos apresentam-se, no seu começo, debaixo da fórma de pequenos tumores duros, circumscriptos, moveis, sem mudança de côr na pelle, indolentes, e nos quaes é impossivel verificar a fluctuação. Quando, ao cabo de um tempo geralmente bastante longo, o tumor tomou um desenvolvimento mais consideravel, então é molle e fluctuante, ou duro e elastico: estas differenças resultão da densidade do liquido, da resistencia e da espessura das paredes do sacco. A sua fórma, ordinariamente arredondada, é dividida ás vezes em muitos lobos e apresenta proeminencias. A pelle, que o cobre, está estendida, muitas vezes azulada e percorrida por veias. Certos kystos serosos, salientes e de paredes delgadas, são translucidos; outros, cujas paredes são espessas e transformadas em involucro cartilaginoso ou osseo, não offerecem mais transparencia, nem fluctuação. Os kystos não alterão as funcções geraes da economia; só incommodão [pela sua presença, pela compressão que exercem sobre os orgãos vizinhos, e emfim pelo peso, quando são mui volumosos.

Marcha e terminações. Os kystos desenvolvem-se lentamente; mas é raro que fiquem inteiramente estacionarios, e mais raro ainda que desapareçam espontaneamente. Entretanto ha exemplos de kystos que tem desaparecido pela resorpção rapida ou lenta; a cura teve tambem lugar pela ruptura accidental do sacco e pela infiltração do conteudo no tecido cellular, onde foi absorvido. A inflamação do kysto pôde tambem produzir a suppuração, a abertura no exterior e a obliteração definitiva. A ruptura não tem sempre resultado favoravel; pôde ter por consequencia a reproducção do tumor, fistulas difficeis de curar, e mesmo vegetações de má natureza.

Tratamento. Os medicamentos internos, os emplastos, as pomadas não fazem desaparecer os kystos; é preciso recorrer a uma operação cirurgica, quando estes tumores causão incommodo pelo seu volume. Os methodos aconselhados são:

1º *A punção.* Este meio é só palliativo; não faz desaparecer o tumor senão em casos mui raros; quasi sempre o liquido reproduz-se promptamente.

2º *Fazer suppurar o kysto.* Para isso, faz-se incisão sobre o kysto, ou pratica-se excisão de uma porção de sua parede, e enche-se a cavidade com fios seccos; ou, então, introduz-se um scdenho no tumor.

3º A *extirpação completa*. Faz-se uma incisão sobre a pelle, separa-se o kysto das partes vizinhas, e extrahese inteiro.

4º A *puncção seguida da injecção*. Fura-se o kysto, deixa-se sahir a materia n'elle contida, e injecta-se dentro do sacco um liquido irritante, tal como o alcool, vinho quente ou tintura de iodo misturada com agua, que determinão a inflammação adhesiva das paredes do kysto e produzem a cura. A injecção é o melhor meio de tratamento dos kystos uniloculares e algum tanto volumosos.

Kysto do figado. *Veja-se* Vol. I, pag. 1133.

Kysto do ovario. *Veja-se* HYDROPSIA DO OVARIO.

Kysto do seio. *Veja-se* SEIO.

L

LABAÇA. *Rumex patientia*, Linnéo. Polygoneas. Planta europea cultivada no Brasil. Fig. 312. Tem metro e meio de altura, raiz grossa, longa, perpendicular, amarga; caule sulcado, amarellado; folhas ovaes, lanceoladas, grandes; flores pequenas, esverdeadas. A raiz de labaça emprega-se como tonico e diaphoretico nas molestias do figado e da pelle, em infusão, que se prepara com 8 gram. (2 oitavas) da raiz e 360 grammas (12 onças) d'agua fervendo.

LABDANO. Resina que mana espontaneamente dos ramos e das folhas de muitos arbustos do genero *Cistus*, da familia das Cistineas, que habitão na ilha de Candia. É duro, secco, quebradiço, de cheiro suave. Entra na composição de alguns emplastos e na das preparações odoríferas.

LABIO LEPORINO. *Veja-se* BEIÇO RACHADO.

LACA. Resina, impropriamente chamada gomme (*gomma laca*), que sahe, sob a fórma liquida, dos ramos de muitas arvores da India (*Ficus indica*, *Ficus religiosa*, *Rhammus jujuba*, *Croton lacciferum*, *Terminalia*), d'onde mana em consequencia da picada que faz a femea de um insecto hemiptero, chamado *Coccus laca*. É no meio d'este liquido, que se condensa pouco a pouco, que o insecto se multiplica. A laca apresenta-se no commercio debaixo da apparencia de um succo concreto, semi-transparente, secco,



Fig. 312. — Labaça.

quebradiço, de côr vermelha mais ou menos escura, de cheiro aromático. Conhecem-se tres especies: 1ª *Laca em póds*, ainda adherente á extremidade dos ramos da arvore; 2ª *Laca em grãos*, que foi tirada dos ramos e reduzida a pó grosso; 3ª *Laca chata*, em folhas ou escamas, que foi derretida e escoada sobre o tronco liso de uma bananeira ou sobre uma pedra chata. Utiliza-se a laca para vernizes, para grudar a louça quebrada; serve sobretudo na tinturaria e na fabricação dos lacres. Em medicina é empregada como dentifricio.

Dá-se tambem o nome de *laca* a certos compostos de alumina, de greda, e de materia corante; emprega-se na pintura, e impressão dos papeis pintados, qualquer que seja aliás a materia corante.

A *laca carminada*, por exemplo, obtem-se misturando com uma solução de pedrahume (sulfato de alumina e potassa) uma decocção de cochonilha.

LACRAIA. *Veja-se ESCORPIÃO.*

LACTUCARIO. Succo lacteo da alface obtido por incisão, e secco ao sol. Goza de propriedades calmantes, e emprega-se na dóse de 10 centigrammas a 1 gramma (2 a 20 grãos) em pilulas, xarope e pasta. O xarope de lactucario é uma preparação que hoje os medicos empregão frequentemente no tratamento da bronchite, e de outras molestias de peito. Toma-se este xarope na dóse de uma a tres colheres *de sopa* por dia, puro ou em alguma poção. A dóse para as crianças é de uma colher *de chá*. Esta dóse deve ser augmentada, porque com o tempo o habito torna-a insufficiente.

LACTINA. *Veja-se ASSUCAR DE LEITE.*

LADILHAS. *Veja-se PIOLHOS LADROS.*

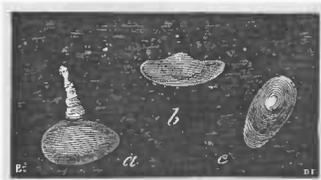


Fig. 313. — Ladra do porco de tamanho natural.

a, corpo e cabeça sahidos da vesicula; *b*, *c*, vesicula vista sob dois aspectos, o corpo e a cabeça do verme estando dentro da vesicula.

LADRARIA. Molestia particular ao porco, que consiste no desenvolvimento de vermes vesiculares, denominados *ladras* ou *cysticercos ladricos*, que apparecem no tecido cellular debaixo da fórma de granulações brancas de fórma oval. O seu maior diametro tem 40 millim.; o diametro médio 6 millim.; o pequeno diametro 4 millimetros. Fig. 313. No começo da molestia não ha signaes que a manifestem; só passado algum tempo é que se notão na base da lingua pontos brancos que annuncião a molestia. É esta acompa-

nhada de grande fraqueza, a qual cresce a ponto, que, tomando-se o animal por um dos pés, não faz esforço para tirar o membro

por que se acha preso. Então, as sedas se lhe arrancão com facilidade; a andadura do animal é lenta; a pelle torna-se mais grossa, sobrevem o marasmo e finalmente a morte.

Estes vermes encontrão-se em todos os órgãos em que ha tecido cellular. A carne do animal, que invadem, deve ser rejeitada, porque, sem ser precisamente muito nociva, perdeo as suas boas qualidades. Fica tão modificada nos seus principios nutrientes, que resiste á acção do sal. Occasiona, além d'isto, no homem, o desenvolvimento da solitaria, e a formação no tecido cellular dos kystos contendo vermes cysticercos.

São pouco conhecidas as causas d'esta molestia; todavia attribue-se á falta de limpeza nos cortelhos, á habitação nos lugares pantanosos, e ao uso de alimentos e bebidas corruptas.

Reputa-se molestia incuravel; mas em todos os periodos os meios hygienicos são os mais proveitosos para a combater. Portanto, convem dar ao animal alimentação roborante, deixa-lo banhar em agua limpa, conservar a possivel limpeza nos cortelhos, e deixar pastar os animaes ao ar livre.

As ladras, que se desenvolvem na base da lingua do porco, podem ser reconhecidas pelo exame d'esta parte; é pela existencia d'estes vermes na lingua que os Fiscaes nas feiras reconhecem a carne inficionada de ladraria. Esta pratica era usada mesmo na antiga Grecia. Em França, os porcos affectados de ladraria não podem ser guardados nos cortelhos nem vendidos nos mercados publicos; os Fiscaes são encarregados de visitar a este respeito os animaes apresentados pelos mercadores; mas a presença debaixo da lingua de vesiculas ladricas, á qual se attribue exclusivamente a existencia da molestia, é um signal incerto e muitas vezes insufficiente, porque as ladras podem existir no corpo antes de apparecerem na lingua.

LAGARTO. Fig. 314. Reptil de corpo quasi roliço, com quatro pés, cada um com cinco dedos levemente comprimidos, lingua dividida na ponta, cauda afusada. Existe em abundancia no Brasil;

a carne come-se; tem um gosto agradável e delicado. Os queixos são guarnecidos de dentes finos e numerosos. Estes animaes são brandos e timidos; procurão morder quando os agarrão; mas a mordedura não é venenosa. Algumas especies são exclusivamente herbivoras; nutrem-se só de folhas e flores; outras alimentão-se

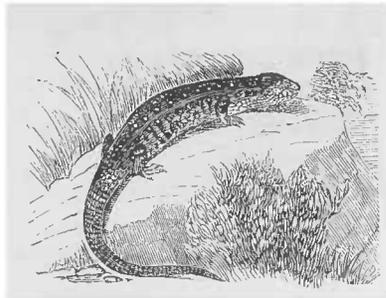


Fig. 314. — Lagarto.

com insectos, pequenos molluscos e ovos de passarinhos. Tem 30 a 60 centímetros e mais de comprimento. Põem ovos brancos, ellipticos, com casca calcarea, do tamanho dos de pomba, e os abandonão á incubação solar na area ou nas folhas cahidas.

A *lagartixa* é um animal vulgar de feição de lagarto, que anda pelas paredes e casas velhas; é muito mais pequena que o lagarto. Acha-se em toda a parte, e não se come.

LAGOSTA. *Palinurus*. Fig. 315. Animal crustaceo proximo á familia dos Caranguejos dos quaes se distingue pelas antenas

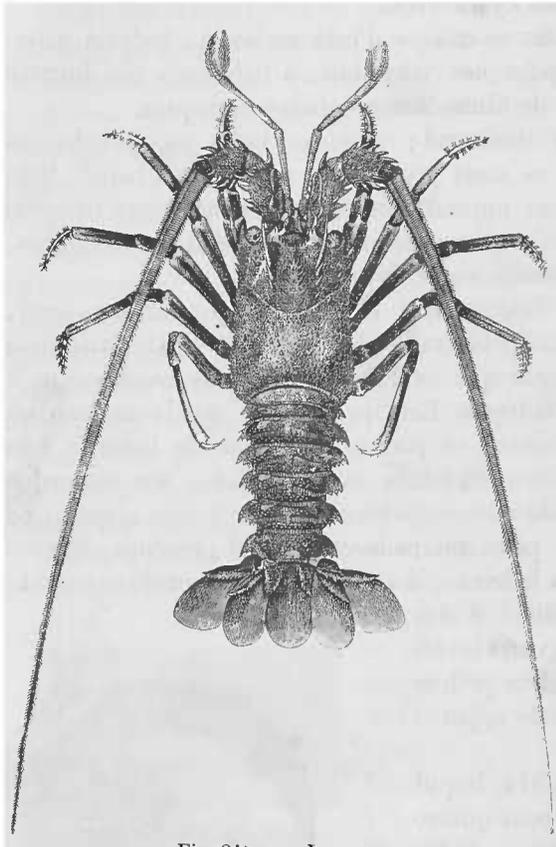


Fig 315. — Lagosta.

excessivamente longas; eriçadas de espinhos; pela ausencia das pinças; pelos olhos grandes situados na extremidade do thorax. Casca semi-cylindrica, eriçada de pontas, sobretudo na frente, marcada, como a dos caranguejos, de um sulco transversal e arqueado atraz. Patas mediocrementelongas, bastante fortes, terminando todas por um dedo simples, curto, agudo, eriçado em baixo. As femeas distinguem-se dos machos por terem nos quatro anneis do meio da cauda duas membranas ovas nas quaes se fixão

os ovos, depois de postos; ellas tem tambem, na base do dedo do ultimo par, uma especie de esporão que os machos não tem.

As lagostas habitão as profundidas do mar durante o inverno, mas approximão-se das costas e sobretudo dos lugares pedregosos durante o verão. Vivem de peixes e de diversos animaes marinhos, e se chegão a subtrahir-se á pesca, attingem um tamanho consideravel. Geralmente o seu comprimento é de cerca de 30 cen-

timetros. As femeas trazem os ovos dispostos no interior do corpo em duas massas alongadas, do tamanho de uma penna e de bella côr vermelha. Estes ovos dirigem-se, divergindo, ás duas aberturas situadas, uma de cada lado, na base das patas intermedias; são mui pequenos ao sahirem do corpo do animal; mas crescem pouco a pouco durante quasi tres semanas, tempo durante o qual se achão pegados ás membranas da face inferior da cauda. Passado este tempo, separão-se todos juntos do seu envoltorio, e encontrão-se frequentemente fixos aos rochedos. Só quinze dias depois é que sahem da casca.

A côr da casca da lagosta é roxa esverdeada; torna-se vermelha depois de cozida. A carne, e sobretudo a da femea, é muito estimada. É uma comida salubre. As lagostas morrem mais depressa fóra d'agua do que os caranguejos, e por isso é preciso cozê-las logo depois da pesca.

LAGRIMA. Dá-se o nome de *lagrimas* ao humor aqueo que humedece o globo ocular, facilita os seus movimentos na orbita, e serve para limpar o olho levando para fóra os corpusculos estranhos que o ar póde introduzir n'elle. Segregadas pela glandula lagrimal, que é situada sob a abobada da orbita, as lagrimas são vertidas sobre o olho, depois levadas ao angulo interno, onde existe uma pequena abertura chamada *ponto lagrimal*, pela qual penetrão no *sacco lagrimal*, d'onde correm para o *canal nasal*, que desemboca nas fossas nasaes. Quando alguem chora, as lagrimas correm sobre o rosto, e ao mesmo tempo sentem-se correr tambem pelas ventas, misturadas com mucosidades que contém estas partes.

Quando os pontos lagrimaes estão tapados, e a absorpção das lagrimas não póde ter lugar, forma-se uma molestia chamada *epiphora* ou o *lagrimejar*. A oclusão do sacco lagrimal e do canal nasal produz o mesmo inconveniente. Depois apparece uma inchacção no angulo interno do olho, a que se deo o nome de *tumor lagrimal*. Quando este tumor, que é constituido pela accumulacção das lagrimas no sacco lagrimal, se abre, forma-se uma *fistula lagrimal* e as lagrimas derramão-se sobre o rosto por esta abertura. *Veja-se*, para o tratamento d'esta molestia, o artigo FISTULA.

LAGRIMEJAMENTO. *Veja-se* EPIPHORA.

LAMALOU. França. Aguas bicarbonatadas, sodicas, ferruginosas, arsenicaes, saturadas de acido carbonico, quentes.

Itinerario de Pariz a Lamalou: Estrada de ferro por Lyão, Montpellier, Beziers até Bedarieux, 22 horas. Omnibus de Bedarieux a Lamalou 40 minutos. Despezas 108 francos.

Lamalou é um Lugar na França meridional, situado a 7 kilo-

metros da cidade de Bedarieux; contém fontes d'agua ferruginosa e alcalina, quentes, que brotão n'um valle agradável, e limitado por montes cobertos de vinhas e castanheiros. As diferentes fontes, que são utilizadas, apresentam grande analogia de composição; differem só pelas proporções das substancias; a rocha, de que emergem, é da natureza do taleo, isto é, composta de silica, magnesia, ferro e alumina. A agua é clara, limpida, de gosto de tinta de escrever, com um resaiço acidulo. As fontes reúnem-se em tres estabelecimentos collocados a pouca distancia um do outro, e designados pelos nomes de *Lamalou-o-baixo*, *Lamalou do centro*, e *Lamalou-o-alto*. A temperatura em grãos centigrados, tomada nas piscinas para os banhos é de 29° a 35°; e nas fontes para bebida é de 16° a 26°. Estas diversas temperaturas repartem-se do modo seguinte :

Lamalou-o-baixo, de 30° a 35° para os banhos segundo a piscina, e 39° para as duchas.—Lamalou do centro, 30°.—Lamalou-o-alto, 29° para os banhos, 28° para as duchas.

Fontes para bebida : *Lavernière*, 16°. *Capus*, 23°. *Bourges*, 26°.

Os principios dominantes das fontes de Lamalou são o bicarbonato de soda, de magnesia e de ferro; vestigios de arseniato de soda e de cobre; cal, potassa, alumina, manganez, stronciana, baryta, lithia, iodo; acidos phosphorico, borico, azotico, carbonico.

Eis-aqui segundo as analyses mais recentes, a quantidade dos saes dissolvidos n'um litro d'agua :

Lamalou-o-baixo	2 $\frac{5}{10}$,1269
Lamalou do centro.	1 $\frac{5}{10}$,4915
Lamalou-o-alto ..	1 $\frac{5}{10}$,4625
Lavernière (fonte para bebida).	2 $\frac{5}{10}$,4483
Capus (fonte para bebida)..	0 $\frac{5}{10}$,5017
Bourges (fonte para bebida) ..	1 $\frac{5}{10}$,5606

A quantidade de acido carbonico livre para 1 litro d'agua varia segundo a fonte, na proporção de 73 a 472 centímetros cubicos.

Lamalou-o-baixo possui duas grandes piscinas de natação, duas piscinas reservadas, e duas piscinas temperadas tendo gabinetes de duchas. No Lamalou do centro achão-se duas piscinas, uma galeria de banheiras, banhos de vapor, semicupios d'agua corrente, e um systema de duchas mui variado. O estabelecimento de Lamalou-o-alto contém duas piscinas communs, duas piscinas reservadas, gabinetes com banheiras, além d'isto um gabinete de duchas.

As fontes para bebida são tres : *Lavernière*, *Capus* e *Bourges*. A primeira é notavel pela quantidade de bicarbonato de soda e de

magnesia, como tambem pelo acido carbonico livre. — Na agua da segunda fonte, domina em um alto gráo, o arseniato de soda e de ferro. — Emfim a fonte *Bourges*, occupa o lugar médio quanto á sua composição chimica, entre as duas outras.

As aguas de Lamalou são recommendadas para os diversos rheumatismos, para a chlorose, anemia, affecções uterinas que dependem da insufficiêcia do sangue, molestias nervosas, paralysisa, ataxia locomotriz progressiva, e impotencia viril.

A estação de Lamalou acha-se situada n'um valle não longe do rio Orbe, aonde os banhistas podem entregar-se ao prazer da pesca. O clima é brando, as chuvas são raras, e os montes vizinhos formão um abrigo natural contra o vento. Estas circumstancias, juntas á disposição dos estabelecimentos, explicão como o Lamalou encerra todos os elementos de uma excellente estação invernall, que é sobretudo frequentada pelos anemicos e pessoas affectadas de rheumatismo. O estabelecimento está aberto todo o anno. As aguas empregão-se em bebida, mas sobretudo em banhos.

Cada estabelecimento de banhos possui um hotel com mesa redonda, e além d'isto ha outros hoteis perfeitamente organizados, taes como o hotel do Norte, aonde os doentes são tratados com muita amenidade. Ha além d'isto muitas casas mobiliadas particulares, aonde vão installar-se familias que querem passar o tempo na maior tranquillidade. Um medico da estação thermal reside no estabelecimento.

LAMBEDOR. Medicamento liquido composto da infusão de alguma planta misturada com um xarope. Dá-se tambem o nome de lambedor a um simples xarope, uma emulsão, um loock, ou a qualquer outra poção doce.

LAMINARIA DIGITADA. *Laminaria digitata*, Lamour. Alga que, mergulhada na agua, depois de secca, augmenta seis vezes de volume, e é aconselhada para dilatar as fistulas e outros canaes.

LANÇADA. Ferida feita com uma lança. *Veja-se FERIDA.*

LANCETA. Instrumento de aço, delgado, chato, e muito agudo, que serve para sangrar, vaccinar e abrir postemas.

LÂNGUIDEZ. É um symptoma proprio ás molestias chronicas, sobretudo ás que são caracterizadas por um estado de atonia geral nas funcções vitaes. A languidez precede e acompanha a pilação, as gastrites chronicas, as febres lentas, as molestias do peito, etc. O tratamento, que convem applicar n'estas diversas circumstancias, varia necessariamente conforme as causas que produzem a languidez. Se, pelo contrario, a languidez provier unicamente de causas moraes, de pezares, por exemplo, é pelas distracções, pela mudança de lugar, etc., que se deve tentar a cura.

LARANJADA. Esta bebida agradável e refrigerante prepara-se com agua, assucar e sumo de laranja. Corta-se a laranja em duas partes, espreme-se o succo n'um vaso, e tirão-se os caroços; ajunta-se a este succo quantidade sufficiente d'agua e assucar.

LARANJEIRA. *Citrus aurantium*, Linneo. Aurantiaceas. Dá-se este nome a um grupo de vegetaes, avores ou arbustos, de aspecto agradável, e porte elcgante, cujas folhas sempre alternas, persistem sobre os ramos e formão uma verdura perpetua. A laranjeira é originaria da China; é commum no Brasil, em Portugal, e cultiva-se em todas as regiões quentes do globo. Todas as partes da laranjeira são uteis. As folhas, dotadas de cheiro agradável, usão-se em infusão, como sudorificas e antispasmodicas. Devem ser colhidas no seu maior estado de verdura; rejeitar-se-hão as que houverem envelhecido na arvore. As flores, que são brancas e cheirosas, servem para fazer uma agua distillada mui suave, que se emprega na arte culinaria como tempero agradável, e em medicina como antispasmodico. O fructo em todas as especies é carnosos, coberto de uma pellicula amarella, dividido interiormente em um numero variavel de compartimentos, occupados por vesiculas oblôngas, cheias de um succo amarellado, doce, algum tanto acidulo e de gosto muito agradável. Este succo serve para fazer com agua e assucar uma bebida refrigerante, chamada *laranjada*. O fructo chama-se *laranja*. Ha muitas variedades de laranja : maior ou menor, casca fina ou grossa; polpa acido-doce, acida, ou um tanto amarga. Ha laranjas *doces* ou *da China*, *selectas* (mui doces, de uma especie muito delicada, que dá no Rio de Janeiro); *laranjas de embigo*; *laranjas sem caroço*; *laranja de cravo*; *laranjas com casca amarga* (*laranjas da terra*; no Rio de Janeiro); *laranjas de succo vermelho*; *laranjeira de fructo mui pequeno*, etc.

A laranjeira de fructo doce recommenda-se pelo fructo, que é um dos mais bellos e mais agradaveis que se conhecem. É redondo, de tamanho médio, de cõr amarella dourada. O amarello da casca d'esta laranja (epicarpo) dá pela espressão grande quantidade de oleo volatil, que tem o nome de *essencia de Portugal*.

O typo da laranjeira está representado na fig. 316.

A laranja de *casca amarga* (*laranja da terra*, no Rio de Janeiro), *Citrus vulgaris*, Risso, é uma das especies mais uteis, e uma das de que a medicina faz maior uso. É verdade que o amargor de sua baga impede que se coma como fructo agradável, mas fazem-se com ella doces muito gostosos; emfim é esta arvore, e não a laranjeira verdadeira, que fornece á pharmacia as *folhas de*

laranjeira, as flores de *laranjeira* que servem para fazer a *agua de flores de laranjeira*, a *essencia de neroli*; e a *casca de laranja amarga*; porque todas as suas partes tem mais sabor, e cheiro mais penetrante do que na laranjeira de fructo doce. E por estes motivos a laranjeira de fructo amargo (*bigarradier*, em francez) é quasi a unica cultivada nas estufas dos climas frios ou temperados debaixo do nome de *laranjeira*. A casca d'esta laranja serve para fazer um licor de mesa muito estimado, chamado *curacao*. Pela expressão obtem-se d'esta casca um oleo essencial conhecido na perfumaria sob o nome francez *essence de petit grain* (essencia de pequeno grão). O que se vende nas confeitarias debaixo do nome de *chinoiz* (chinez) são pequenas laranjas amargas verdes, fervidas no xarope de assucar, e depois de seccas, conservadas seccas em caixas, ou em aguardente nas garrafas.

O amarello da casca de laranja (epicarpo, casca exterior ou casquinha) tem um sabor aromatico e amargo; estando secco dá-se em pó como tonico e estomachico; faz-se com a casquinha de laranja um chá que goza de propriedades estimulantes, e se administra para provocar a transpiração. As laranjas servem tambem para a preparação de uma especie de vinho, de sabor agradável, mas que não se póde conservar por muito tempo.

LARANJEIRINHA DO MATTO, LIMÃOZINHO (S Paulo). *Mundia brasiliensis*, St-Hilaire. Polygaleas. Arbusto do Brasil; commum na provincia de S. Paulo. É mui ramoso e espinhoso; folhas alternas, lanceoladas, lustrosas, de peciolo curto; flores nas axillas das folhas; fructo, capsula indehiscente, bilocular, cordiforme, comprimida; raiz muito amarga, de cheiro semelhante ao da raiz de laranjeira. A infusão das folhas usa-se na provincia de S. Paulo contra as dôres de barriga. Prepara-se esta infusão com 8 gram. (2 oitavas) da raiz e 250 grammas (8 onças) d'agua fervendo.

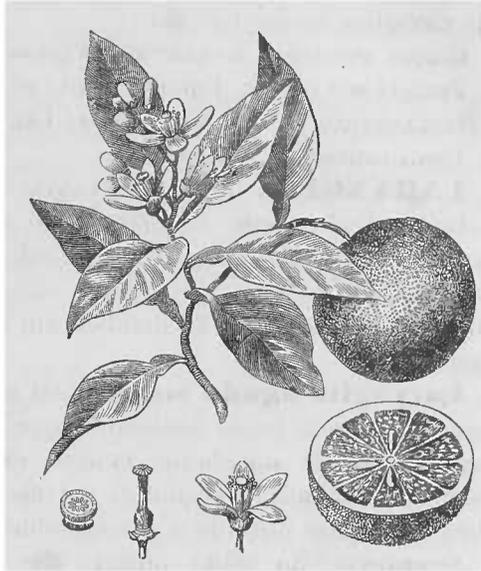


Fig. 316. — Laranjeira.

LARYNGE. Esta palavra designa um canal membrano-cartilaginoso, situado na parte anterior do pescoço, diante do pharynge. Serve este canal de conducto para o ar que entra e sahe dos pulmões, e serve tambem para a producção da voz. *Veja-se a figura do larynge, no artigo ANATOMIA, vol. I, pag. 174 e 175.* As molestias do larynge são :

CORPOS ESTRANHOS NO LARYNGE. *Veja-se vol. I, pag. 729.*

FERIDAS DO LARYNGE. *Veja-se FERIDAS DO PESCOÇO, vol. I, pag. 1101.*

INFLAMMAÇÃO DO LARYNGE. *Veja-se LARYNGITE.*

TISICA LARYNGEA. *Veja-se TISICA.*

LARYNGITE ou ANGINA LARYNGEA. Designa-se geralmente debaixo d'este nome a inflammação da membrana mucosa do larynge. Esta molestia apresenta-se sob as fórmas mui differentes, considerando os seus symptomas, suas alterações anatomicas e a sua marcha, pelo que foi dividida em muitas especies distinctas, que são :

Laryngite aguda simples ou **mucosa.** *Caracteres anatomicos.* As unicas lesões anatomicas que se encontram consistem na vermelhidão da membrana mucosa do larynge. A inflammação póde ser limitada á epiglottle, valvula destinada a tapar a abertura do larynge durante a passagem dos alimentos.

Symptomas. No maior numero dos casos, a laryngite aguda determina só symptomas locais sem nenhuma gravidade. A voz altera-se ; é desigual e rouca ; ás vezes existe aphonía completa. Os doentes accusão, além d'isso, uma sensação de calor e de ardor no larynge ; experimentão, no fundo da bocca, picadas incommodas que excitão a tosse ; esta é muitas vezes penosa em razão da dôr que acompanha a expulsão subita do ar ; apresenta ás vezes um som semelhante ao do crup : poderia, com effeito, comparar-se ao latido de um cachorrinho. Esta circumstancia, que não é importante, preoccupa muito os parentes. Na laryngite leve a expectoração é nulla, ou só formada por alguns escarros brancos e espessos. A pressão feita exteriormente sobre o larynge é ás vezes dolorosa e excita a tosse ; a deglutição é tambem ás vezes acompanhada de dôr. Não ha febre, nem desarranjo das funcções digestivas.

Comtudo na fórma mais grave, o incommodo na região do larynge é maior ; alguns doentes tem a sensação de um corpo estranho que se oppõe á entrada do ar : a voz é fraca, sibilante, e produz-se depois de muitos esforços ; ás vezes então ouve-se a grande distancia, ou applicando o ouvido sobre o pescoço, um fervor mucoso mais ou menos forte. Por pouco que esta difficuldade da respiração se prolongue, o rosto exprime a anxiedade ;

torna-se pallido, alterado ; os beiços ficam azues, os olhos salientes, a pelle calida, o pulso frequente e pequeno. Estes symptomas asphyxicos podem ir augmentando; outras vezes acalmão-se momentaneamente, depois da expulsão de alguns escarros mucosos, opacos ou pegajosos. As mais das vezes a molestia tem exito feliz : os symptomas diminuem então gradual e rapidamente; a alteração da voz é o unico symptoma que persiste ás vezes durante muito tempo.

Na inflammação da epiglottle o enfermo experimenta na parte anterior e superior do pescoço, uma dôr mais ou menos viva e a sensação de um corpo estranho. Fazendo abrir-lhe largamente a bocca, e abaixando com uma colher a base da lingua, apparece a epiglottle, rubra, semelhante á cereja madura. A deglutição é dolorosa ou impossivel. A molestia, n'este caso, começa ás vezes de maneira subita, e chega rapidamente ao mais alto gráo de intensidade.

Prognostico. A laryngite só é grave quando é intensa, é mais séria nas crianças, em razão da estreiteza do larynge n'esta idade.

Causas. As causas d'esta inflammação são quasi as mesmas que as da esquinencia ordinaria. As crianças são-lhe sujeitas. Certas pessoas, por uma disposição especial, são affectadas d'ella pela menor causa : um resfriamento, uma emoção viva, etc.; os actores, os advogados, os professores, as pessoas, n'uma palavra, que fazem uso dos órgãos vocaes, estão muito expostas a ella. Esta affecção acompanha frequentemente as febres eruptivas, as bexigas, os sarampos e a escarlatina. Toma, ás vezes, o character epidemico.

Tratamento. O silencio rigoroso, o repouso do corpo, os sudorificos leves taes como o chá de sabugueiro, de borragem, emfim os sinapismos nas pernas, os pediluvios com a mostarda constituem todo o tratamento das fórmias benignas da laryngite simples. Nos casos mais serios convem administrar um emeto-cathartico, segundo a seguinte receita :

Agua.	.	500 grammas (16 onças)
Emetico.	5 centigram. (1 grão)
Sulfato de magnesia.	30 grammas (1 onça).

Para beber uma chicara de hora em hora.

Para combater a agitação, a tosse ou a insomnia cumpre recorrer ás preparações calmantes, que seguem :

1º Xarope de lactucario. 180 grammas (6 onças)

Para beber uma colher *de sopa*, tres vezes por dia.

2º Xarope diacodio. . 120 grammas (4 onças)

Para beber uma colher *de sopa*, 2 vezes por dia.

Mais tarde applica-se um caustico na nuca. Emfim se o

doente fôr ameaçado de asphyxia, seria necessario recorrer á tracheotomia.

Laryngite estridula, LARYNGITE SPASMODICA, ANGINA ESTRIDULA, CATARRHO SUFFOCANTE, ASTHMA DE MILLAR, OU CRUP FALSO. Estes differentes nomes forão dados á variedade da laryngite simples, caracterizada por symptomas de suffocação ás vezes formidaveis, que apparecem por accessos. O nome de estridula, vem do estridor, ruido tremido que a acompanha. Ataca sobretudo as crianças.

Symptomas. Esta molestia é notavel pelo seu apparecimento muitas vezes subito. Ás vezes, entretanto, observa-se, durante um ou mais dias, ou pelo menos durante algumas horas, rouquidão, defluxo, alguma tosse, signaes, emfim, de uma affecção catarrhal benigna. Os symptomas da molestia sobrevem de repente, e quasi sempre durante a noite. A criança acorda sobresaltada; acha-se n'um estado de anxiedade e de oppressão extrema; tem tosse secca, sibilante, sonora ou rouca, simulando ás vezes o ladrar de um cãosinho, o grito do pato, etc., comparações mais ou menos exactas. A respiração é accelerada, alta, interrompida; o ar, penetrando no larynge, faz ouvir um assobio agudo ou rouco mais ou menos sonoro; o doente inquieto, espantado, agita-se, e, se póde, dá alguns gritos; sua voz é enrouquecida, mas muito distincta; forão entretanto observados casos de extincção da voz. O exame da garganta não faz descobrir membrana alguma; e as glandulas debaixo do queixo não estão inchadas como no crup. No meio d'estes accessos tão penosos, o rosto incha, os labios tornão-se azues, a anxiedade é extrema. De tempo em tempo sobrevem pequenas remissões durante as quaes os doentes, agitados, se queixão mais ou menos. Depois de algum tempo, que raras vezes excede de uma hora, os symptomas acalmão-se, a tosse torna-se humida, diminue, e muitas vezes cessa; a respiração perde sua frequencia, e os symptomas de asphyxia desaparecem. Entretanto, os doentes, depois de um abalo tão violento, ficão pallidos e abatidos. Se o accesso, sobrevindo no meio da noite, interrompeo o somno, a criança torna a adormecer, logo que acaba a crise. Os accessos que apparecem durante o dia, não são tão intensos, abatem menos, e passados elles, as crianças recobráo a alegria e continuação a brincar, até que nova crise se declare. Ordinariamente contão-se muitos d'esses accessos em 24 horas; mas a sua violencia vai diminuindo á medida que se reproduzem. Ás vezes o pulso é frequente; mas de ordinario a febre não existe. A tosse torna-se humida, catarrhal; emfim os doentes acabão por ter um simples defluxo, que desaparece passados alguns dias.

Terminações. A laryngite estridula, quando é simples tem quasi sempre exito feliz; pelo que os medicos que a observáram não podião dizer quaes erão os seus caracteres anatomicos. Alguns doentes porém succumbirão em consequencia de outra molestia intercurrente, tal como por exemplo a pneumonia: n'estes casos o exame do larynge não explicou os symptomas graves observados durante a vida: não se lhe achou senão uma leve vermelhidão com alguma inchação ou sem ella.

Diagnosticó. A laryngite estridula é a molestia que apresenta a maior semelhança com o crup, pelo que foi muitas vezes confundida com elle. Importa porém, para o prognostico e tratamento, saber distinguir uma affecção da outra. Por consequente é necessario lembrar-se que, na laryngite estridula, a voz torna-se *enrouquecida*, mas raras vezes *extincta*; a tosse é *estroncosa*, *sonora*, entretanto que é *surda* e *abafada* no crup. Na primeira molestia os doentes nunca deitão concreções membraniformes que são ás vezes expellidas na segunda. É verdade que em ambas as molestias ha accessos de suffocação; mas na angina estridula estes accessos são seguidos de remissão quasi completa, pois que muitas crianças, no intervallo das crises, voltão aos seus brinquedos, entretanto que não acontece o mesmo no crup, que é acompanhado de dyspnea quasi permanente. Emfim, a laryngite estridula é raras vezes mortal, entretanto que no crup a cura só tem lugar em mui pequeno numero dos casos.

Causas. A laryngite estridula é uma affecção especial á primeira infancia; rara antes de dois annos, quasi nunca subrevem depois do setimo ou oitavo anno. Esta circumstancia explica-se pela estreiteza relativa do larynge n'esta idade. A molestia declara-se quasi sempre depois da impressão do frio.

Tratamento. Appliquem-se sinapismos nas pernas, e dêm-se á criança algumas colheres d'agua fria com assucar e com agua de flores de laranjeira, ou de chá de folhas de laranjeira. Molhe-se repetidas vezes o pescoço com esponja embebida d'agua quente. Administre-se depois um vomitorio. Para este fim dissolvão-se 5 centigrammas (1 grão) de emetico em meia chicara d'agua fria, e dê-se ao doente uma colher *de sopa* de dez em dez minutos até provocar os vomitos. Se apesar d'este tratamento os ataques continuarem, administre-se o clyster seguinte:

Assafetida.	..	30 centigram. (6 grãos)
Gema de ovo.		uma
Agua morna	120 grammas (4 onças).

Siga-se depois o tratamento indicado contra a laryngite aguda simples.

Em alguns casos raros, a suffocação prolonga-se bastante tempo para pôr em perigo os dias do doente; não se deve hesitar então, é preciso praticar a tracheotomia, e não se deixar afastar d'esta obrigação pela benignidade ordinaria da molestia.

Laryngite edematosa ou EDEMA DA GLOTTE. V vol. II, p. 60.

Laryngite chronica. Inflamação do larynge que percorre lentamente os seus periodos, e que é caracterizada anatomicamente pela simples vermelhidão da membrana mucosa, sem ulcerações.

Symptomas. A laryngite chronica simples pôde ser *leve* ou *intensa*. A primeira fórma é caracterizada só pela rouquidão e extincção da voz, um constrangimento da respiração, ás vezes tosse, mas sem a menor febre. Quando a molestia é mais pronunciada, a rouquidão é mais intensa, ou então, existe aphonia completa com dôr no pescoço, tosse, expectoração de escarros amarellados, respiração constrangida, sempre sem symptomas geracs bem sensiveis, isto é sem febre.

Tratamento. Beber infusões de hera terrestre, salva, hysopo, uma a duas chicharas por dia; xarope de alcatrão ou de terebinthina na dósc de duas a tres colheres *de sopa* por dia, applicar sobre o pescoço tintura de iodo; usar de fumigações com infusão de folhas de estramónio; lavar a garganta com o gargarejo seguinte:

Infusão de roças rubras..	500 grammas (16 onças)
Pedrahume..	15 grammas (1/2 onça)
Mel de abelhas	60 grammas (2 onças)
Laudano de Sydenham.	4 grammas (1 oitava).

Laryngite ulcerosa. Inflamação chronica do larynge com ulcerações. Esta molestia pôde ser idiopathica, isto é existir por si só, e não pelo facto da existencia de outra affecção; mas pôde tambem complicar a tísica pulmonar ou depender do virus syphilitico constitucional. A laryngite ulcerosa idiopathica é mui rara; a molestia sobrevem de ordinario no curso de alguma outra affecção; as mais das vezes apparece na tísica pulmonar, e é n'este caso que é designada sob o nome de *tísica laryngea*.

Symptomas. O desenvolvimento da molestia é lento: muitas vezes começa de maneira insidiosa, como uma dôr de garganta sem importancia. Não é senão por causa da persistencia dos symptomas que os doentes comecção a ter alguma inquietação e se decidem a consultar o medico. A *dôr* a principio é fraca, e só adquire intensidade no fim da molestia. A *deglutição* é dolorosa na epoca adiantada. A alteração da *voz* é um dos primeiros e dos mais importantes symptomas. Ordinariamente esta alteração consiste a principio em uma simples rouquidão; logo depois a voz torna-se

dura, aguda; e compõe-se de sons discordantes. A rouquidão, intermittente a principio, não tarda a tornar-se contínua e a degenerar em aphonía completa. Então os doentes fazem grandes esforços para fallar, e ouve-se um ruido estridulo produzido pela passagem do ar sobre as regiões alteradas do larynge. A *tosse*, que não falta, torna-se mais frequente quando a molestia se aggrava. Basta então, para provoca-la, a passagem dos alimentos; a acção de fallar, ou uma forte inspiração. A *expectoração* é um dos principaes symptomas : os escarros são abundantes, espumosos, pegajosos, estriados de pus e de sangue, apresentam ás vezes pequenos fragmentos de pus concreto. Achárão-se mesmo nas materias expectoradas fragmentos de cartilagens. A *respiração* é sempre mais ou menos difficil.

Taes são os symptomas *locaes* que se podem attribuir á laryngite ulcerosa.

Quanto aos symptomas *geraes*, são graves quando a laryngite acompanha a tísica pulmonar; consistem então em febre lenta, emmagrecimento, marasmo : n'este caso, como já deixei dito, dá-se á molestia o nome de *tísica laryngea*. Nos casos em que a laryngite ulcerosa se apresenta só, a alteração da saude geral é pouco marcada a principio; nunca mesmo esta alteração faz grandes progressos no decurso da molestia, e só o augmento dos symptomas *locaes* é que torna perigoso o estado do doente, produzindo a inchação da glotte, e depois a asphyxia. Na laryngite syphilitica não existe igualmente febre, nem grande alteração da saude geral.

A *terminação* da laryngite ulcerosa é quasi sempre fatal, quando acompanha a tísica pulmonar, que é a principal causa da morte. Mas quando os pulmões estão isentos de qualquer alteração, o doente póde salvar-se, sobretudo se a laryngite fôr de natureza syphilitica.

Lesões anatomicas. São numerosas e variadas. Consistem em ulcerações da membrana mucosa, que deixão a nú as cartilagens do larynge. Estas são ossificadas, cariadas, destruidas em parte.

Diagnosticó. A laryngite ulcerosa distingue-se da laryngite aguda simples pelos signaes seguintes. Esta sobrevem frequentemente no meio da saude; determina menos dôr; dá lugar á expectoração puramente mucosa. A laryngite ulcerosa sobrevem quasi sempre no curso de alguma outra affecção; occasiona dôres vivas e constantes; os escarros são ás vezes puriformes, estriados de sangue. Reconhece-se que a laryngite ulcerosa é de natureza syphilitica pela ausencia de qualquer phenomeno morbido do lado do peito, pela circumstancia de ter sido o doente affectado antigamente da

syphilis, que não foi bem tratada, ou pela existencia das pustulas ou exostoses; signaes evidentes da infecção syphilitica geral.

Resta agora uma questão que foi mui debatida : *Se a tísica pulmonar pôde ser consecutiva á laryngite ulcerosa, se pôde ser produzida por esta laryngite?* Citárão-se casos em que, apesar da existencia incontestavel da laryngite ulcerosa, o peito, explorado por todos os meios conhecidos, e com muito cuidado, não apresentou a principio signal algum de tuberculos, e nos quaes a tísica pulmonar, tendo-se declarado mais tarde, causou a morte. Comtudo não se segue d'isto que a tísica pulmonar tenha sido produzida n'estes casos pela laryngite ulcerosa. O facto não parece demonstrado, porque : 1º os signaes, no começo da tísica pulmonar, não são bastante certos, para que os medicos mais exercidos não possuão desconheçê-los ; e 2º os factos citados são em mui pequeno numero para provar que não tenha havido simples coincidencia entre o desenvolvimento da tísica pulmonar e o da laryngite ulcerosa.

Tratamento. Os meios differem conformc se julga que a molestia é ou não syphilitica. N'este ultimo caso é preciso recorrer a quasi todos os remedios que forão indicados contra a *Laryngite chronica simples* (Vol. II, pag. 256). Administrar-se-ha uma bebida levemente excitante, tal como a infusão de salva, de alecrim, etc. Applique-se um caustico na nuca, no peito ou no pescoço. Mais tarde fação-se fricções no pescoço com oleo de meimendro, e fumições com as folhas de cicuta pela fórma seguinte :

Folhas de cicuta..	4 grammas (1 oitava)
Agua fervendo	500 grammas (16 onças).

O doente cobre a cabeça com um panno, e respira durante cinco a dez minutos o vapor carregado do principio medicamentoso.

Applique-se sobre o pescoço o emplasto de belladona.

Lave-se a garganta, cinco a seis vezes por dia, com o gargarejo seguinte :

Rosas rubras..	8 grammas (2 oitavas)
Raiz de alcaçuz. .	8 grammas (2 oitavas)
Passas.	8 grammas (2 oitavas)
Jujubas.	8 grammas (2 oitavas)
Figos seccos.	8 grammas (2 oitavas).

Ferva em quantidade sufficiente d'agua para obter 1000 gram. (32 onças) de decocto ; ajunte mel rosado 60 grammas (2 onças).

Introduzir no interior da garganta a solução de azotato de prata por meio de esponja levada sobre a haste de baleia. Esta operação faz chegar directamente uma parte do remedio ao lugar que se quer curar. Eis-aqui a receita da solução :

Azotato de prata crystallizado.	1 gramma (20 grãos)
Agua distillada.	4 grammas (1 oitava).

Em vez da solução, assoprar nas fauces, por aspiração, um dos pós seguintes :

1º Alumen em pó.	4 grammas (1 oitava)
Assucar em pó.	4 grammas (1 oitava).
2º Azotato de prata em pó	50 centigram. (10 grãos)
Assucar em pó.	2 grammas (40 grãos).

Eis-aqui como o doente deve proceder. Tome um tubo de 4 milímetros de diametro e de 20 centímetros de comprido. Metta n'uma das extremidades o pó medicamentoso; introduza a outra extremidade na bocca, o mais profundamente que possa. Feche a bocca depois de fazer uma expiração completa, depois execute subitamente uma inspiração. O pó, arrastado pelo ar que atravessa o tubo, chega á garganta, e penetra, em parte, no larynge.

É preciso recommendar ao pharmaceutico que misture os pós sobre um porphyro, para evitar os inconvenientes que resultarião da presença dos grãos mais grossos do que os outros.

Tratamento da laryngite ulcerosa syphilitica. É n'esta especie que as curas forão as mais numerosas; pelo que, logo que se possa ter, não a certeza, mas sómente alguma suspeita de que a laryngite é de natureza syphilitica, deve-se empregar o tratamento apropriado. Este tratamento compõe-se das preparações de mercurio, de iodureto de potassio e de salsaparrilha. Eis-aqui as receitas :

Pilulas de proto-iodureto de mercurio.

Proto-iodureto de mercurio	5 centigram. (1 grão)
Thridacio.	5 centigram. (1 grão).

Faça 1 pilula, e como esta mais 39. Para tomar 1 pilula de manhã, outra á noite. Por cima de cada pilula, o doente deve beber uma colher *de sopa* de xarope de salsaparrilha, misturado com meia chicara d'agua morna.

A receita do xarope é :

Xarope de salsaparrilha.	1 litro (32 onças).
--------------------------	---------------------

Estas pilulas juntamente com o xarope devem ser tomadas durante dois mezes. Se depois d'este espaço de tempo o doente não sarar, recorra ao iodureto de potassio, segundo a seguinte receita :

Iodureto de potassio	1 gramma (20 grãos)
Agua commum..	180 grammas (6 onças).

Para beber metade d'esta poção pela manhã, outra metade á noite. Repete-se a poção todos os dias, e durante um mez.

O doente deve guardar um silencio quasi absoluto, ou mesmo absoluto, se o caso for bastante grave para exigi-lo. Não deve andar

rapidamente contra o vento; evitará as grandes fadigas corporaes e os excessos de todo o genero. Como em certos casos, a laryngite ulcerosa, bem que seja a molestia principal, pôde ser acompanhada de symptomas ainda poueo intensos de *tisica pulmonar*, deve-se vigiar attentamente o estado do peito, afim de poder, em easo semelhante, empregar os meios que convem contra esta ultima molestia, e que estão indicados no artigo *Tisica pulmonar*.

LASCAS e outros corpos pontudos que entrão na carne. Aeontee, frequentemente, entrarem na pelle das mãos, dos pés ou das pernas alguns corpos pontudos, como espinhos de rosas, lascas de lenha, pedaços de osso, de agulha, etc. Se estes corpos são extrahidos logo na occasião, o accidente não tem consequencia alguma; mas se não puderem ser extrahidos, sobrevem logo a inflammação, e depois forma-se uma postema.

Para prevenir este resultado, é preeiro se faça immediatamente uma pequena ineisão para faeilitar a extração do corpo estranho. Se isto não puder ser, eumpre applicar cataplasmas de linhaça. Se se formar uma postema, convem abri-la com laneeta; então o corpo estranho sahe com a suppuração.

LATÃO. *Veja-se* COBRE.

LATEJAR. Diz-se que a dôr é *latejante* ou *pulsativa*, quando é acompanhada de pulsação na parte dolorosa. Ordinariamente esta sensação annuncia a formação de pus. *Veja-se* ABCESSO.

LAUDANO, *laudanum* em latim. Esta palavra vem de *laus*, louvor, como para designar um medieamento que merece grandes elogios. O *laudano liquido de Sydenham* é frequentemente empregado em poções ou em elysteres como calmante, na dóse de 10, 20 e 40 gottas; deve suas propriedades ao opio que entra na sua composição. O laudano de Sydenham é um liquido de côr vermelha escura, de cheiro de açafirão; prepara-se nas pharmacias pela maceração do opio, canella, açafirão e cravo da India em vinho de Malaga. Vinte gottas de laudano contém quasi 5 centigrammas (1 grão) de extracto de opio.

LAVATORIO, Loção ou LAVAGEM. Acção de lavar qualquer parte do corpo com um panno ensopado em liquido, tal como a agua simples, fria ou quente, uma infusão, uma decocção, ou qualquer outro liquido mais ou menos composto, conforme o effeito que se deseja obter. Em *pharmacia* chamão-se tambem loções os liquidos que servem para estes lavatorios.

Os lavatorios formão certos curativos. Assim fazem-se lavatorios, isto é, lavão-se muitas vczes por dia os olhos doentes com o eozimento de linhaça, com os diversos collyrios. Lavão-se do mesmo modo as feridas, as ulceras, as superficies inflamadas, com agua

morna ou algum liquido medicamentoso, cada vez que se descobrem, e antes da applicação dos novos curativos.

Os *lavatorios d'agua fria*, praticados todas as manhãs sobre as partes superiores do corpo, são um dos meios hygienicos mais poderosos e mais fecundos em bons resultados. Alguns instantes depois de se levantar, passa-se, uma ou duas vezes, sobre o pescoço, braços e tronco, uma esponja ou um panno embebido em agua fria. Logo depois, enxuga-se a pelle, esfregando-a fortemente com uma toalha; feito isto, cobre-se immediatamente o corpo com os vestidos apropriados á estação. Póde-se principiar o emprego d'estes lavatorios em qualquer estação e em qualquer idade, salvo na velhice. Nas pessoas idosas, em vez de agua fria, deve empregar-se agua morna. As crianças de tenra idade não podem tambem supportar ao principio agua fria; deve empregar-se agua morna. Mas uma vez acostumados gradualmente aos lavatorios d'agua fria, os meninos obtem excellentes resultados. Mediante estes lavatorios quotidianos uma reacção energica e salutar opera-se na pelle; os musculos e todos os tecidos da parte superior do corpo adquirem tom e força; e a circulação do sangue torna-se mais activa.

LAXANTES. *Veja-se* PURGANTES.

LAZARETO. *Veja-se* QUARENTENA.

LAZARO. *Veja-se* MORPHÉA.

LEBRE. Fig. 317. Pequeno quadrupede da familia dos Roedores, um pouco maior do que o coelho, com que se parece; tem os dentes insisivos superiores em duplicado, collocados em duas fileiras, orelhas compridas, pescoço curto e levantado, beijo superior muito rachado; tem o corpo e a planta dos pés cobertos de pelo ruivo, os quaes são mais compridos que as mãos. As lebres são meigas e tímidas; não tem outra defesa senão o seu rapido correr e a subtileza do ouvido, que as adverte do perigo. Alimentão-se unicamente de vegetaes. Abundão em todas as partes da Europa, sobretudo na Hespanha. Não se submettem, como os coelhos, á domesticidade. A carne é rubra escura, gostosa e estimada.

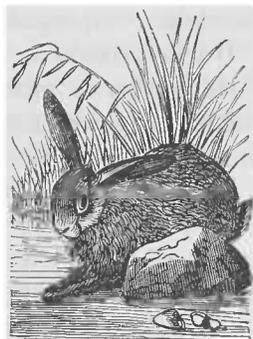


Fig. 317. — Lebre.

LECHETREZ. *Veja-se* MALEITEIRA.

LEGUME. Chama-se vulgarmente *legume* qualquer planta que se cultiva nas hortas, e que é empregada como alimento, as couves, cenouras, batatas, feijões, etc. Os legumes herbaceos, alcachofras, couve-flor, espinafre, bertalha, etc., são alimentos

sadios e leves, que devem entrar em notavel proporção n'um bom regimen alimentario, e que convem quasi a todas as pessoas, principalmente ás crianças, ás mulheres, ás pessoas idosas, aos individuos occupados em trabalhos intellectuaes ou sedentarios. A batata, sob todas as fórmãs, é tambem um excellento alimento. Os legumes feculentos, taes como os feijões, as lentilhas, as favas, são mui nutritivos.

LEICENÇO. *Veja-se* FRUNCHO.

LEITARIGA. *Veja-se* MALEITEIRA.

LEITE. O leite é um liquido segregado pelas glandulas mamma-rias das femeas dos animacs mammiferos, e destinado para o primeiro alimento de seus filhos. Homogeneo no momento d' sua sahida, não tarda a alterar-se e a separar-se em tres substancias mui distinctas : esta separação é tanto mais completa quanto mais largo fôr o vaso, mais perfeito o repouso e a temperatura mais vizinha de 10 a 12 grãos do thermometro centigrado.

Fallarei em primeiro lugar do *leite de vacca*. O leite deixado em repouso cobre-se de uma camada mais ou menos espessa de materia gorda, mais amarella do que o leite e mais consistente ; é a nata, que deve suas proppriedades á manteiga que contém. O leite separado da nata decompõe-se em *caseo*, que se precipita lentamente sob a fórma de flocos brancos, e n'um liquido chamado *soro de leite*. É com o *caseo* que se fabrica o *queijo*. Com a nata extrahida do leite faz-se a manteiga. Para isso introduz-se a nata n'uma especie de barril, onde é submettida a uma violenta agitação, mediante a qual a manteiga se separa, e fica um liquido, chamado leite de manteiga, empregado como emolliente.

O leite privado de nata é mais fluido, e de côr branca azulada. Póde coalhar-se espontaneamente com uma rapidez mui variavel, conforme as circumstancias da temperatura e o estado electrico do ar: todos sabem com que facilidade o leite coalha quando o tempo é tempestuoso. Submettido á acção do calor, cobre-se de uma pellicula de caseo coalhado, a qual augmenta rapidamente de espessura a ponto de pôr obstaculo ao desenvolvimento dos vapores. Estes vapores, retidos por esta pellicula, levantão-n'a e fazem com que o leite venha a cima.

Os acidos em geral fazem sempre coalhar o leite : a sua decomposição espontanea procede do desenvolvimento do acido lactico. Mas de todos os meios empregados para se obter a separação completa do caseo, o melhor é o uso do *coalho*, substancia que se tira dos estomagos das vitellas e cordeiros lactantes, e cuja base é formada pelo leite coalhado. O liquido que fica depois da separação do *caseo* chama-se *soro de leite*. Contém acido lactico, assucar de

leite, chlorureto de sodio, e alguns saes, que são lactatos, phosphatos e sulfatos de potassa, soda, magnesia e ferro.

Tal é a composição do leite de vacca, que pôde variar muito. Entre os causas que podem fazer variar a composição do leite, a primeira é a época do parto. Pouco tempo antes e depois d'este termo, o leite é semi-transparente, amarellado, viscoso, de sabor pouco agradável. Quanto mais remota fôr a época do parto, tanto mais adquire o leite as qualidades do leite ordinario.

Uma segunda circumstancia que influe poderosamente na composição do leite é o intervallo que se põe no ordenhar a vacca. O leite de uma vacca, ordenhada uma vez em 24 horas, é menos abundante em quantidade, porém mais rico em manteiga do que aquelle que se obtem mugindo-se até tres vezes no mesmo espaço de tempo. Na mesma operação, o primeiro leite é sempre mais seroso do que o ultimo, que se approxima ao estado de nata pura. Emfim, o leite dos ubres posteriores contém maior quantidade de substancia nutritiva do que o leite fornecido pelos ubres anteriores. A alimentação influc tambem muito na modificação do leite. Sabe-se que a losna torna-o amargo, que o tomilho e o alho lhe communicão o seu cheiro; a graciola dá-lhe uma propriedade purgativa; a ruiva dos tintureiros torna-o avermelhado. Uma alimentação abundante, solida e tónica torna-o melhor e mais abundante.

Leite de mulher. É mais transparente e mais doce que o leite de vacca. Não ha leite mais susceptivel de variação na sua composição do que o da mulher. Não só a idade, o temperamento, o regimen modificão as qualidades do leite, mas tambem o estado moral da pessoa. O pezar torna o leite mais fraco; a colera dá-lhe instantaneamente propriedades tão más, que existem exemplos de crianças atacadas de convulsões por terem mamado um leite alterado recentemente por um acesso de colera. Algumas substancias gozão da propriedade de augmentar o leite: taes são as ervilhas e a cangica. Emfim, a ultima circumstancia que altera profundamente o leite é a concepção; bem que ha mulheres que continuão a dar de mamar com bom exito durante a gravidez, é muito mais commum conhecer este estado pelo damno que a criança soffre.

A menstruação exerce uma acção analoga sobre o leite, com a differença de que a alteração que d'ahi resulta, é passageira, em vez de ser duradoura como a que provém da gravidez.

O *leite de burra* é aquelle que d'entre todos mais se approxima ao leite de mulher. Contém menos manteiga e mais assucar de leite do que o leite de vacca.

O leite de ovelha é analogo ao leite de vacca.

O leite de cabra parece-se tambem com* o leite de vacca quanto á côr e á consistencia; mas quasi sempre repugna pelo seu cheiro cabrum.

Usos do leite. Não me occuparei aqui do leite considerado como alimento exclusivo da primeira infancia; o artigo AMAMENTAÇÃO contém tudo o que é util saber-se a este respeito. Nas idades seguintes o leite entra ainda em proporção assaz grande na alimentação, para que seja necessario conhecer a influencia que esta substancia exerce na economia. O leite é emolliente e relaxante; dispõe a engordar. Nem todos os estomagos se dão bem com elle. Quando não pôde digerir-se puro, a addição de chá da [India ou café remedia este inconveniente. O leite é utilissimo nas molestias chronicas do peito e dos intestinos. Existem casos de gotas, epilepsias e hydropisias curadas pelo uso exclusivo do leite continuado com perseverança.

O leite azeda facilmente quando faz calor; ás vezes começa a azedar ao cabo de 6 a 10 horas, sobretudo se se conservar em vasilha que continha precedentemente leite coalhado. Por pouco que o leite tenha passado ao estado azedo, não pôde mais supportar a ebullicão; coalha. Mas está ainda bom para ser bebido frio. O leite fervido não se coalha como o leite crú; passa com o tempo a um estado de decomposição putrida, e a nata não se separa d'elle. Para impedir o leite de azedar, basta ajuntar-lhe um pouco de bicarbonato de sôda, 1 a 2 grammas para 1 litro de leite. Esta addição não é nociva á saude; tem por fim neutralizar o acido lactico que se forma no leite.

Conservação do leite. Pôde-se conservar o leite, segundo o methodo de Appert, fechando-o, depois de desnatado, em caixinhas de folha de Flandres, cheias, bem fechadas e privadas de ar, nas quaes o liquido foi exposto a um calor de 100° durante duas horas: estas *conservas de leite* são muito usadas nas viagens maritimas. Ha outro methodo que consiste em evaporar o leite, previamente assucarado, n'um tacho largo, aquecido a banho-maria n'uma temperatura que não exceda 100°; quando tem a consistencia de mel, fecha-se em caixinhas de folha, que se submettem á ebullicão cheias e já soldadas. Para obter o leite normal *revivificado*, ajunta-se uma quantidade d'agua igual a 4 vezes o peso da conserva, e submete-se á ebullicão,

Falsificação do leite. As vezes o leite é sophisticado com polvilho, fecula de batatas, agua de arroz ou gomma arabica, para ter maior consistencia. Mas estas falsificações são raramente empregadas e mui facéis de reconhecer: as decocções de feculas deixão

sempre globulos nas paredes das vasilhas, sobretudo quando o leite é submettido á ebullição, e além d'isso são nocivas á conservação do leite. A farinha que se ajunta ao leite, para lhe dar a opacidade que a agua lhe fez perder, faz com que o leite se pegue ao fundo das panellas e outros vasos em que se ferve. Póde-se ainda reconheer melhor a farinha, o polvilho, assim como os decoctos de arroz, de feculas, e todas as substancias amylaceas, coalhando o leite com vinagre, coando-o, e ajuntando ao soro de leite, que se formou, algumas gottas de tintura de iodo: desenvolver-se-ha uma bella côr azul, se o leite foi misturado com estas substancias. A mais frequente sophisticação, que fazem os vendedores, consiste em tirar a nata que apparece sobre o leite depois de algumas horas de repouso, ou em ajuntar agua ao leite. O leite misturado com agua é mais fluido, azulado pelas margens, de sabor menos agradável; supporta menos o transporte e altera-se com grande facilidade. A densidade do leite puro varia entre 1,029 e 1,033; a do leite desnatado, que é sempre mais forte, é de 1,033 a 1,037. Quando se suspeita que se ajuntou agua ao leite, póde-se conhecer esta fraude mediante um instrumento que indica a sua densidade; este instrumento, chamado lactometro (pеса-leite), e que é analogo ao pesa-licor (areometro), é de vidro, e afunda-se tanto mais no leite quanto maior é a quantidade de agua que se lhe ajuntou, porque o leite misturado com agua é menos denso do que o leite puro.

Leite de amendoas. *Veja-se* AMENDOA.

LEITE VIRGINAL. Mistura de 1 parte de tintura de benjoim com 40 partes d'agua de rosas. É um cosmetico, empregado em lavagens contra as manchas da pelle.

LEITEIRA. *Veja-se* MALEITEIRA.

LENÇO ATADO AO PESCOÇO. *Veja-se* SUSPENSÓRIO DO BRAÇO.

LENTILHA. Este fructo ou legume apresenta-se sob a fórma de uma vagem, mais oval que alongada, contendo sementes orbiculares, achatadas. Cultiva-se em Portugal, onde cresce quasi espontanea entre as searas. É um alimento nutriente e de facil digestão. Reduzidas a farinha, as lentilhas servem para a preparação de mingaos leves e substanciaes. Gozão da reputação de augmentar o leite nas amas. São frequentemente atacadas por insectos que nascem na parte farinacea e se nutrem d'ella. Podem separar-se dos bons grãos os que estão atacados por insectos, pondo todos de molho na agua, e rejeitando os que sobrenadão.

LENTILHA D'AGUA. *Veja-se* FLOR D'AGUA.

LENTILHAS DO ROSTO. *Veja-se* SARDAS.

LEPRA. Os medicos arabes davão este nome a todas as molestias da pelle caracterizadas por fórmas hediondas, e o povo ainda hoje chama lepra ás sarnas e varias empigens que occupão grande extensão da pelle. Os medicos modernos derão á palavra *lepra* a sua verdadeira accepção, e distinguem esta molestia da elephantiasse dos Arabes e da morphéa, com as quaes a lepra foi tambem confundida. A alteração da pelle, que constitue a *lepra*, annuncia-se por pequenas elevações cercadas de manchas avermelhadas, luzidias, *circulares*, e um pouco proeminentes. A superficie d'estas elevações, ao principio lisa, apresenta no fim de alguns dias; em seu centro, uma pequena *escama* epidermica, branca, meio transparente, que se solta logo. A superficie d'estes pontos escamosos, depois de ter sido assim despida uma primeira vez, estende-se progressivamente, *mas conservando sempre uma fórma circular*. Cobre-se de novas escamas delgadas, firmes, brancas escuras, cercadas por uma margem vermelha um pouco elevada, que cahem e são substituidas successivamente por outras. Ás vezes, estas laminas leprosas são pallidas, brancas ou vermelhas, o que faz admittir differentes especies de lepras. Ordinariamente, estas laminas orbiculares mostram-se ao principio sobre os membros, e com mais frequencia em cima do cotovelo ou joelho, d'onde se propagação, ás vezes, por todo o corpo. A lepra pouco extensa é acompanhada só de um leve prurido; mas quando as laminas leprosas são profundas e numerosas os movimentos tornão-se difficeis, e existem então dôres mui vivas.

As *causas* e a natureza da lepra não são conhecidas. Tem sido aconselhados para o *tratamento* d'esta molestia os meios irritantes e os emollientes; e, com effeito, quando não existe inflammação, fazem-se, depois dos lavatorios e banhos mornos, fricções na pelle com uma das pomadas seguintes :

1º Alcatrão ..	8 grammas (2 oitavas)
Banha. .	60 grammas (2 onças).
2º Subcarbonato de potassa.	30 grammas (1 onça)
Banha	180 grammas (6 onças)
Flor de enxofre	30 grammas (1 onça).
3º Sulfureto de potassio.	30 grammas (1 onça)
Banha. . .	210 grammas (7 onças).

Toquem-se, de vez em quando, as manchas leprosas com pedra infernal.

Internamente, empreguem-se os pós seguintes :

Flor de enxofre. . .	15 grammas (1/2 onça)
Magnesia calcinada.	15 grammas (1/2 onça).

Misture-se e divida-se em 24 papeis. Tomão-se dois papeis por

dia, um pela manhã, outro á noite; e depois de cada papel bebesse uma chicara de cozimento de fumaria ou de salsaparrilha.

Use-se de um regimen composto pela maior parte de vegetaes; de fructas, leite, e observe-se o maior asseio.

Lepra tuberculosa. *Veja-se* MORPHÉA.

LESMA. Genero de Molluscos gasteropodes e nús, tendo por caracteres : corpo oval alongado, molle, plano por baixo, convexo por cima; cabeça guarnecida de dois pares de tentaculos; dois olhos collocados na extremidade dos tentaculos mais compridos. É um caracol sem concha. As lesmas não tem concha exterior; mas tem por cima da cabeça uma especie de peça membranosa e espessa que se levanta pelas bordas sómente, e que se chama *escudo*; fazendo-se uma incisão n'esta parte carnosa, encontra-se uma pequena concha branca e delgada que tem a fórma de uma pequena unha, e que é tanto mais solida quanto o animal é mais idoso. A contractilidade das lesmas é mui grande; retrahem-se debaixo do seu escudo quando se lhes toca. A pelle é enrugada, grossa e viscosa. Arrastão-se sobre um pé ou disco carnudo, deixando por onde passão um rasto de humor glutinoso. As especies mais communs são : a *Lesma rubra*, cuja côr varia do amarello alaranjado ao roxo sombrio; a *Lesma cinzenta*, commum nas adegas e habitações humidas; a *Lesma agreste*, grande, de côr parda suja commum nas hortas; a *Lesma preta*, é pequena e habita nos jardins, etc. As lesmas encontrão-se sobretudo nos lugares humidos e sombrios. Alimentão-se de vegetaes, fructos, papel e madeira podre. Fazem grandes estragos nas hortas e nos pomares. Põem ovos no chão, debaixo dos musgos, nos lugares frescos e humidos, inaccessiveis aos raios solares. Sua fecundidade é muito grande. Habitualmente não sahem senão pela manhã e de noite, e pelos tempos de orvalho e de chuva.

Modo de destruir as lesmas e os caracoes. Um pouco antes do nascer do sol, polvilhão-se com cal os campos infestados d'estes molluscos. Vê-se immediatamente o chão cobrir-se de nodos brancos escumosos : são as lesmas, attingidas pela cal, que se cobrem de escuma. Logo, para escaparem a seu supplicio, arrastão-se e deixão adherente ao chão a cal com a escuma, de maneira que o maior numero poderia escapar e esta primeira operação não sendo repetida. Uma segunda aspersão surprende o animal e dá cabo d'elle. — Póde-se ainda empregar vantajosamente agua de cal, derramada mediante um regador ou de qualquer outra maneira, sobre os lugares infestados de lesmas e caracoes : uma unica regadura basta para matar estes molluscos. A terra recebe, além d'isso, um adubo estimulante cuja efficacia é muito conhecida. — Na

pequena cultura, polvilha-se com sal o terreno infestado; o contacto do sal mata as lesmas ainda mais depressa do que a cal em pó. — Para destruir as lesmas foi ainda empregado com vantagem um bando de perús. — Nos jardins, põem-se de distancia em distancia, folhas de salada, pequenos montões de farelos, taboas levantadas por uma pedra do lado do norte : são outros tantos meios de attrahir as lesmas para as apanhar em grande numero. Podem distribuir-se ás gallinhas e aos patos, que gostão muito d'ellas. A multiplicação das lesmas é sobretudo impedida pelas grandes seccas do verão. Se, n'esta epoca do anno, se lhes dêsse uma caça assidua, seria então mais facil destruir as que tivessem escapado. Nos climas quentes e seccos a lesma é apenas conhecida.

LETHARGO. Chama-se lethargo a um somno profundo, do qual, entretanto, não é impossivel tirar os doentes : durante os curtos instantes em que estão acordados, fallão sem saber o que dizem, esquecem o que disserão, e recahem no seu somno. Este estado observa-se em varias molestias, que são : *commoção cerebral, apoplexia, histerismo, epilepsia e catalepsia*. Vulgarmente, denomina-se lethargo um estado de aniquilação completa de todas as faculdades intellectuaes, o qual é a imagem da morte.

LEUCOCYTHEMIA. Molestia descripta ha poucos annos, devida ao augmento do numero dos globulos brancos do sangue. No estado normal o sangue contém, terino médio, 1 corpusculo branco sobre 335 corpusculos rubros; o numero dos corpusculos brancos póde na leucocythemia ser augmentado e o dos corpusculos rubros diminuido de tal maneira que os brancos formem um sexto e mesmo a metade e mais dos rubros.

As *causas* da leucocythemia são inteiramente obscuras. A molestia encontra-se mais frequentemente nos homens do que nas mulheres. No maior numero de casos o baço acha-se consideravelmente augmentado de volume. As glandulas lymphaticas representam frequentemente tumores enormes. Entre as que são situadas no interior do corpo, inchão principalmente as glandulas mesentericas, lombares, epigastricas : entre as glandulas superficiaes, as mais volumosas forão encontradas as glandulas do pescoço, da virilha e da axilla. O figado foi achado tambem muito augmentado n'esta molestia.

Symptomas. Ordinariamente os primeiros symptomas são : a inchação do ventre, a sensação de compressão e de repleção no hypochondrio esquerdo. A inchação do baço faz-se ora sem dôr e sem febre, ao ponto de não poder saber-se a que epoca se manifestou pela primeira vez, ora desenvolve-se por intervallos, caracterizados pela dôr local e pela febre. Esta é a fórma *splenica* da leucocythemia,

Na fôrma *lymphatica*, as inchações das glandulas do pescoço, da axilla e da virilha, que se desenvolvem lentamente ou por sacudidas, chamão a attenção sobre a molestia. As duas especies dos tumores, os do baço e os das glandulas lymphaticas, podem durar annos, antes de se poder apreciar a composição do sangue. — A pobreza crescente do sangue em elementos corados acaba por tornar a tez pallida, que pouco a pouco faz-se côr de cera. A respiração é precipitada, e manifestão-se phenomenos de suffocação, devidos ao crescimento do baço. O exame microscopico do sangue, pôde só decidir da natureza da molestia. Este exanfe não causa prejuizo ao doente : bastão para fazê-lo tres ou quatro gottas de sangue obtidas pela picada na ponta de um dedo cercado de um fio cónstrictor. Uma gotta de sangue fresco, examinada ao microscopio, não deixa vêr, como o sangue normal, alguns raros globulos brancos, mas sim quantidades d'elles, que em vez de estarem espalhados no meio dos rubros, estão reunidos em pequenas massas irregulares. — Os doentes são sujeitos a hemorrhagias repetidas que provém ordinariamente do nariz, ás vezes manifestão-se estas hemorrhagias pelo anus, no tecido da pelle, algumas vezes no cerebro. Este ultimo caso é um dos mais graves : constitue uma verdadeira apoplexia. O doente emmagrece fortemente, e o seu aspecto torna-se excessivamente pallido. Sobrevem muitas vezes hydropisia. Nos ultimos periodos da molestia, a febre, que a principio se manifestava por intervallos, torna-se contínua.

Tratamento. Consiste na alimentação substancial, hydrotherapia, banhos do mar, preparações de ferro, aguas ferruginosas, e sulfato de quinina. Eis-aqui as receitas :

1º Pilulas ferruginosas de Vallet 100. Tomar 3 pilulas por dia.

2º Pilulas de iodureto de ferro de Blancard 30. Tomar 1 pilula, duas vezes por dia.

3º Sulfato de quinina 2 grammas (40 grãos). Divida em 20 papeis. Para tomar 1 papel, duas vezes por dia.

LEUCOMA. Mancha profunda da cornea. *Veja-se* BELIDA.

LEUCORRHEA. *Veja-se* FLORES BRANCAS.

LICHEN, ou FOGAGEM. Molestia caracterizada : 1º pela erupção cutanea de pequenas elevações duras, solidas, chamadas *papulas*, reunidas em grupos, conservando ás vezes a côr da pelle, mas apresentando, no maior numero de casos, uma côr mais ou menos rubra; 2º pelos productos de inflammação, taes como a ulceração, a screeção de um liquido sero-purulento; 3º por um prurido mais ou menos intenso.

Causas. O lichen accomette todas as idades; é frequente no

verão, e commum nas regiões intertropicaes. É frequentemente produzido no rosto pelos ardores do sol e pelo excesso no regimen. Entre as suas causas determinantes, contão-se sobretudo os excessos alcoolicos.

Symptomas. Varião segundo a especie de lichen.

1º *Lichen simples.* Pequenas papulas, do tamanho de um grão de milho painço, agglomeradas, rubras, acompanhadas de prurido e de calor, que apparecem na superficie da pelle. Passados alguns dias, diminue o rubor, abaixão-se as papulas, e a comichão extingue-se gradualmente. No fim de dez ou quinze dias, uma leve exfoliação furfuracea indica o fim da molestia. Vulgarmente dá-se o nome de *fogagem* a esta especie de lichen.

2º *Lichen simples chronico.* Em vez de ter esta marcha rapida, o lichen, as mais das vezes, fica estacionario durante muito tempo, ou então prolonga-se por uma successão de erupções novas, o que constitue o lichen simples *chronico*, affecção muito mais commum do que a que acabei de descrever.

No lichen simples chronico, as papulas não são inflammadas ou apenas o são; conservão a côr da pelle, e consistem em pequenas proeminencias, sobretudo apreciaveis ao tacto. O dedo, que corre sobre a erupção, percebe a sensação de pequenos corpos duros de que a pelle se acha eriçada. Esta, quando a molestia dura desde um certo tempo, torna-se mais grossa, e cobre-se frequentemente de uma exfoliação bastante abundante.

A séde mais ordinaria do lichen, quando é agudo, é o pescoço e o rosto; no estado chronico, encontra-se mais particularmente nos braços e nas costas das mãos.

3º *Lichen ferino.* N'esta fórmula a erupção toma grande intensidade, e apresenta-se com caracteres particulares. — Sobre uma superficie avermelhada, apparecem aggregadas em grande numero pequenas papulas mui rubras e inflammadas; salientes, acuminadas, luzentes, acompanhadas de comichão, calor e ardor principalmente de noite. Depois a inflammação augmenta, cresce o volume das papulas, e no seu apice apparecem pequenas ulcerações com um liquido sero-purulento que se coagula e se converte em pequenas crostas. Às vezes, no fim de duas semanas, a inflammação cede gradualmente, o tudo termina por uma exfoliação leve. Outras vezes acaba pelo endurecimento da cutis, que toma uma côr amarellada.

O lichen ferino, com os caracteres de gravidade que deixei indicados, apparece ordinariamente no rosto, onde por vezes produz uma inchação que lhe altera as feições. Póde tambem occupar toda a superficie cutanea; frequentemente concentrado nas mãos,

e subretudo na face dorsal dos dedos, attinge a raiz da unha e a torna desigual, rugosa e friavel.

Tratamento. Compõe-se de banhos d'agua tepida, lavatorios com agua de sabão; bebidas acidulas, taes como limonadas de limão, laranja, tamarindos; uso de fructas, e de um regimen composto principalmente de vegetaes. O lichen ferino, quando está muito inflammado, pôde reclamar o emprego das cataplasmas de fecula. Faz-se cessar a comichão passando uma esponja molhada em agua fria misturada com vinagre, ou cauterizando levemente a pelle com a pedra infernal molhada em agua. Um ou dois purgantes são uteis.

As outras applicações externas, que se empregão contra o lichen são :

1º Glycerina pura.

2º Pomada seguinte :

Calomelanos	1 gramma (20 grãos)
Camphora	1 gramma (20 grãos)
Banha	30 grammas (1 onça).

3º Untar a superficie affectada com um pincel molhado no oleo de cade.

4º Usar dos banhos sulfurosos séguintes :

Sulfureto de potassio secco	60 grammas (2 onças)
Agua	500 grammas (16 onças).

Dissolva e deite n'uma banheira de páo que tenha sufficiente agua para um banho geral.

5º *Pomada de Helmerik* :

Enxofre sublimado e lavado	10 grammas (2 1/2 oitavas)
Subcarbonato de potassa	5 grammas (1 1/4 oitava)
Agua distillada	5 grammas (1 1/4 oitava)
Oleo de amendoas doces	5 grammas (1 1/4 oitava)
Banha	35 grammas (9 oitavas).

Reduza o subcarbonato a pó fino; ajunte a agua para dissolvê-lo; depois o enxofre, e emfim o oleo e a banha; triture para obter uma pomada homogenea.

LICHEN ISLANDICO. Planta. *Veja-se* MUSGO ISLANDICO.

LICOR. (*Economia domestica*). Chama-se licor toda a bebida espirituosa obtida artificialmente, quer pela distillação (kirschenwasser, rhum, genebra, etc.), quer misturando com aguardente ou com alcool certos vegetaes aromaticos ou os seus productos, e assucar (anisetta, curaçao, absinthio, etc.).

Os licores de mesa formão tres classes : 1ª *Licores simples* ou *ratafias*, mui pouco assucarados, de um gráo espirituoso fraco e pouco aromatizados (os marmelos, cerejas, agua de aniz); 2ª *Licores*

finos, que contém maior proporção de assucar e de espirito (anisetta, oleo de rosa, de baunilha, etc.); 3ª *Licores superfinos* ou *cremes* (curaçao, rosolio, marasquino, etc.). Os licores são digestivos e excitantes; faz-se uso d'elles sobretudo depois de jantar. Devem tomar-se com muita moderação.

Modo de dar côr aos licores. A maior parte dos licores são naturalmente brancos, e ás vezes verdes como o absinthio. Para lhes dar côr empregão-se as seguintes tintas :

Tinta vermelha. Cochonilha 20 partes, pedrahume 1, agua 250. Reduza-se a cochonilha e a pedrahume a pó fino, ferva-se a agua e deite-se por cima. Póde-se fazer d'este modo uma tinta vermelha mais ou menos carregada, empregando maior ou menor quantidade de cochonilha.

Outra receita de tinta vermelha. Páo de Pernambuco 375 partes, alcool 1,000.

Tinta roxa. Misture-se uma parte de azul em licor (solução de anil no acido sulfurico), com duas partes de tinta vermelha, da primeira receita.

Tinta verde. Dissolve-se 1 parte de curcuma com duas de azul em licor e um pouco de pedrahume.

Tinta azul. Solução de anil em alcool.

Tinta amarella. Infusão de açafrao em agua ou alcool.

Outra receita de tinta amarella. Raiz de curcuma 125 partes, alcool, 1,000.

Com esta ultima tinta e azul, faz-se a *tinta verde*.

Licores feitos em casa. O modo mais simples e mais facil consiste em prepara-los por infusão. Se não tem a transparencia e a limpidez dos licores feitos por distillação, nem por isso deixão de ser bons, quando forem preparados com todo o cuidado necessario. Convem deixar envelhecer os licores antes de fazer uso d'elles; as garrafas que os contém devem ser collocadas n'um lugar, cuja temperatura seja antes elevada do que baixa.

Licor (creme) de anisetta. Infunda durante cinco dias 50 gram. de fructos de aniz em 2 litros de espirito de vinho, e cõe por panno de linho. Dissolva á parte 1,500 grammas de assucar n'um litro d'agua, e ajunte a este xarope a infusão de aniz. Deixe a mistura em repouso até ficar clara, cõe por manga de lã ou papel pardo, e engarrafe o licor.

Licor ou creme de baunilha. Infunda durante uma hora, em 2 litros de espirito de vinho, 2 a 3 vagens de baunilha cortadas em pequenos bocados. Dissolva, á parte, 1,800 grammas de bom assucar em 2 litros d'agua pura, ajunte este xarope de assucar á infusão de baunilha, e filtre a mistura.

Licor de café ou *Crema de Moka*. Torre 500 grammas de café até ficarem só côr de canella clara; quebre-o grosseiramente n'um gral de marmore, ponha-o n'um frasco de vidro com 3 litros de espirito de vinho, e deixe de infusão por 2 ou 3 dias na temperatura ordinaria. Ao depois cõe o liquido e ajunte-lhe um xarope de assucar preparado com 3 kilogrammas de assucar lentamente dissolvidos em 2 litros d'agua. — Póde-se tambem distillar a banho-maria a infusão espirituosa do café, mas a operação é mais longa.

Licor de Chartreuse. Este licor, muito estimado, fabrica-se no Convento da *Grande-Chartreuse*, perto de Grenoble em França. Ha 3 qualidades, que se distinguem em *verde*, *amarello* e *branco*. O verde é o mais forte, o branco é o mais brando, o amarello é de força intermedia á dos dois outros. Os distilladores vendem, sob o nome de *Chartreuse*, uma imitação d'este licor. Para ter o verdadeiro que custa 8 a 10 francos o litro, é preciso dirigir-se ás casas que o tem em deposito.

Eis-aqui uma das receitas que é dada como a do *licor de Chartreuse*. Herva cidreira fresca 600 partes, hysopo 640, angelica 320, canella 160, açafão 40, macis 40. Depois de oito dias de maceiração em 10,000 partes de alcool, distille. Ajunte 1,250 partes de assucar.

Licor de curaçao. Infunda durante 10 a 15 dias, 500 grammas de casquinha de laranja amarga, bem secca; em 10 litros de aguardente de vinho com algumas grammas de canella fina e cravo da India. Esta infusão deve ser feita ao sol ou ao calor de um fogão, n'uma garrafa bem tapada, havendo o cuidado de agita-la todos os dias. Ao depois, filtre o liquido e junte-lhe xarope de assucar, composto de 2,500 grammas de assucar dissolvido em um litro d'agua. Póde-se-lhe tambem ajuntar um pouco de tintura de páo de Pernambuco para dar côr.

Licor anodyno de Hoffmann. *Vejase* ANODYNOS.

LIENTERIA. Espécie de diarrhea na qual se encontrão os alimentos meio digeridos. Esta molestia ataca sobretudo as crianças. Cumpre, n'este caso, diminuir a sua alimentação; escolher comidas leves e de facil digestão: mingaos, sopas de arroz, ovos, e nada de pastelaria. Convem tambem dar-lhes a beber meia chicara de chá de macella, uma vez por dia.

LIGADURA. Chama-se *ligadura* a applicação racional a alguma parte do corpo, quer de uma ou mais ataduras, quer de um ou muitos chumaços ou compressas. As ligaduras são destinadas a fixar, a conter no seu lugar as diversas partes de um curativo ou de uma região doente. Forão divididas em grande numero, segundo o seu fim, sua fórmula e a figura que apresentão.

Ha ligaduras que, preenchendo uma indicação geral, applicão-se a todas as partes, e merecem o titulo de ligaduras geraes. As outras, tendo sido imaginadas só para certas partes ou para certas regiões, tem o nome de ligaduras especiaes.

§ I. **LIGADURAS GERAES.** Os diferentes fins para que se applicão as ligaduras, fizeram-lhes dar diferentes nomes, como *unitivas*, quando de sua applicação resulta a união das partes; *contentivas*, quando sómente as contém, ou conservão nos seus lugares as outras peças do aparelho; *compressivas*, quando comprimem as partes; *expulsivas*, quando obrigão o pus a sahir dos abcessos, etc. Todas estas ligaduras podem ser feitas com ataduras. Para algumas, bastão simples pedaços de panno ou compressas, lenços, fitas, etc.

Ligadura contentiva. Mais empregada do que qualquer outra, a ligadura contentiva applica-se em todos os lugares. Ao redor das feridas, deve fazer uma compressão moderada, cujo unico fim é manter as compressas, os fios, etc. Esta ligadura representa ora uma espiral ao redor do membro (fig. 318), em

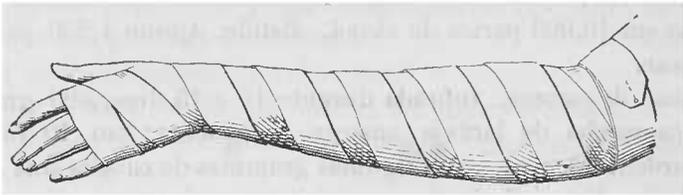


Fig. 318. — Ligadura espiral.

losanjas ou uma dupla espiral cruzada (fig. 319), ora uma verdadeira ligadura enrolada. Depois da redução das luxações, é a ligadura contentiva que se applica. Muitos aparelhos de fracturas são igualmente ligaduras contentivas.

Ligadura compressiva. Com esta ligadura exerce-se uma compressão ora circumscripta, ora diffusa, frequentemente parcial,

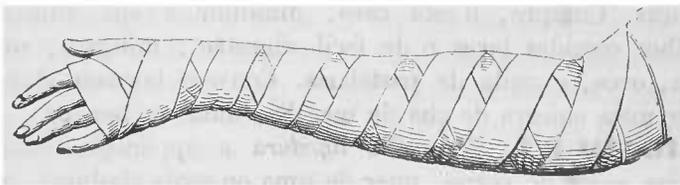


Fig. 318. — Ligadura em fôrma de losanjas.

às vezes geral sobre a circumferencia do membro. A ligadura compressiva pôde ter uma infinidade de fôrmas diversas. Assim,

emprega-se debaixo da fôrma de ligadura circular, de ligadura enrolada, de ligadura cruzada ou de ligadura recorrente, de ligadura em T, de ligadura em cruz, de suspensorio, de funda ou de ligaduras especiaes.

Ligadura circular. Fig. 320. Se com uma atadura mais ou menos larga, se fazem á roda de qualquer parte muitos circulos, que se deixão ali á maneira de uma colleira; como isso se pratica ás vezes no punho, no braço, na perna, coxa ou no pescoço, para o curativo de algumas feridas ou dos causticos, a ligadura toma o nome de ligadura circular; é por ella que se começão muitas outras ligaduras; mas perdem então o nome primitivo.



Fig. 320.

Ligadura circular.

Ligadura enrolada. É a mais commum de todas. Entende-se por ligadura enrolada uma serie de circulos de atadura, que se cobrem da metade ou dos dois terços, e que, pela sua reunião, constituem uma especie de meia ou de polaina. Esta ligadura preenche varias indicações; muitas vezes é só contentiva; outras vezes é unitiva; pôde ser igualmente expulsiva; mas a indicação que ella melhor preenche é a compressão.

Maneira de applicar as ataduras em geral. Estando a atadura enrolada em um globo, pega-se com uma das mãos pelas duas extremidades do seu eixo, e applica-se a ponta livre pela face externa sobre o ponto opposto ao que occupa a ferida. Em quanto os dedos ou o pollegar retêm a ponta no seu lugar, a mão direita puxa moderadamente pelo globo para o desenrolar percorrendo a circumferencia do membro.

Para que o extremo livre da atadura não possa escorregar nem desmanchar-se, é bom fixa-lo com dois ou tres circulos. Continuando a desenrolar o globo da atadura, cumpre ter o cuidado de não afasta-lo da superficie cutanea senão o menos possivel, e de nunca desenrolar em uma vez mais do que é necessario para a metade de um circulo. Procedese assim até esgotar o globo da atadura, até que a ponta central fique livre. Fixa-se então esta com alfinetes.

Para este fim pôde proceder-se de uma das tres maneiras seguintes: 1º prega-se a ponta aos circulos subjacentes com um só alfinete sobre o meio do comprimento da margem; o alfinete deve ter constantemente a cabeça virada do lado livre da margem; de outro modo tenderia continuamente a deslocar-se, e a ponta ficaria

livre no fim de algumas horas. 2º Se a atadura tem mais de dois dedos da largura, a margem da ponta livre, não estando fixa senão pelo meio, não deixa de levantar-se nos angulos e dar um aspecto desagradavel á ligadura; É melhor, por conse-

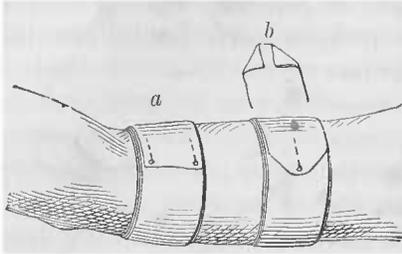


Fig. 321.

Modo de fixar a atadura com alfinetes.

com um nó á maneira das fitas. Sendo a atadura estreita, como a que se emprega para os dedos por exemplo, é facil, dividindo a ponta livre na extensão de quatro a seis pollegadas, trans-

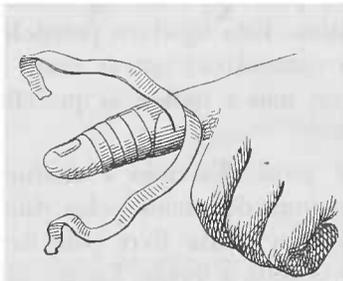


Fig. 322.

Modo de fixar a atadura com cordões.

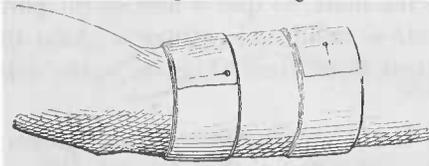
formar-se para dentro as duas extremidades, afim de transforma-la em triângulo, que se fixa pela ponta, como se vê no *b* da fig. 321.

3º Algumas pessoas preferem atar dois cordões na ponta da atadura com o fim de fixar esta com um nó á maneira das fitas. Sendo a atadura estreita, como a que se emprega para os dedos por exemplo, é facil, dividindo a ponta livre na extensão de quatro a seis pollegadas, transforma-la assim em dois cordões, que se devem metter um debaixo do outro antes de ata-los (fig. 322).

Nunca se devem metter os alfinetes atravessados (fig. 323), ou com a cabeça dirigida para o lado da atadura (fig. 324).

Ao desenrolar uma atadura, fazem-se : 1º circulos regulares, quando elles se superpõem directamente; 2º porções de espiral, quando, actuando sobre uma parte cónica, se segue de uma extremidade á outra a superficie do membro fazendo assentar perpendicularmente sobre ella todos os pontos da face externa da atadura; 3º estes circulos, que se chamão obliquos, podem cobrir-se um pelo outro de um terço, dois terços ou de metade.

Fig. 323. Fig. 4.32



Modo vicioso de pregar os alfinetes.

Para fazer comprehender a maneira de applicar a ligadura enrolada, supponhamos que se trata do membro inferior. É

preciso ter uma atadura de comprimento conveniente, enrolada em um globo, da largura de tres dedos, e principiar por envolver o pé.

Se o cirurgião se achar acompanhado de ajudantes, um d'elles pega no calcanhar com uma das mãos e na ponta dos pés com a outra, em quanto que outro ajudante, collocado do lado da bacia do paciente, segura no jarrete ou na parte inferior da coxa, de maneira que toda a perna esteja bastante elevada para permittir que se passem á roda d'ella as differentes voltas da atadura. Não havendo ajudantes, o calcanhar do doente descançará no joelho do cirurgião, sobre a margem de uma cadeira ou de qualquer outra cousa isolada. Tomadas estas precauções, applica-se o extremo livre da atadura sobre um dos tornozelos, o tornozelo externo se se trata do pé direito, o tornozelo interno se se trata pelo contrario do pé esquerdo, suppondo sempre que o cirurgião se serve mais facilmente da mão direita do que da esquerda. Segura n'este ponto pela mão esquerda, a atadura é levada pela sua face livre sobre o dorso, sobre a margem interna, sobre a planta do pé, e a raiz do dedo pequeno. Faz-se então um primeiro, depois segundo circulo que cobre os dois terços do primeiro, depois terceiro, depois quarto, seguindo as mesmas regras até se aproximar ao peito do pé. Aqui a atadura é levada para o lado interno, e conduzida pelo lado externo ao redor da parte inferior da perna, de maneira que os circulos do pé, juntando-lhes os da perna, tenham a fórma de um 8. N'este lugar apresentam-se as difficuldades que só a pratica ensina a vencer. Os tornozelos e o calcanhar formão tres proeminencias que separão as anfractuosidades desiguaes. Se a ligadura enrolada deve ser puramente contentiva, não se faz caso d'estes inconvenientes; mas por pouco que deva exercer compressão, estas regiões devem ser igualmente envolvidas; o melhor meio consiste em empregar a atadura coberta de colla. N'este caso desenrola-se sempre a atadura perpendicularmente ás superficies, e as inversões, que é preciso fazer para mudar a direcção, não tendo mais tendencia a escorregar, permittem que não se deixe vacuo, e cobrem facilmente todos os pontos da região. Caso não se queira recorrer ás ataduras cobertas de colla, será preciso fixar a atadura á medida que se desenrola, aos circulos que tende a cobrir, servindo-se de alfinetes a cada circulo cuja direcção se quer mudar.

Inversões. Antes de chegar até ao peito do pé, e sobretudo para continuar a atadura do lado da perna, é necessario fazer *inversões* (fig. 325). Na arte das ligaduras dá-se o nome de inversão a uma dobra mediante a qual a margem superior da atadura se torna inferior, e a face externa interna. Para não serem nocivas, estas inversões devem ser *subitas*, afim de que a margem obliqua que resulta não tenha mais comprimento do que a largura

da atadura; de outro modo representaria uma especie de corda que offenderia as partes tornando a compressão desigual. Para fazer estas inversões, quer de baixo para cima, quer de cima para baixo, segundo o lugar em que se applicão, o cirurgião fixa o ultimo ponto desenrolado da atadura na superficie do membro, em quanto que com a outra mão, que não desenrolou o globo d'esta atadura senão em mui pequena extensão, vira-a subitamente sobre si, sem puxa-la, como para cruzar-lhe as duas margens. Feito isto, continua a desenrolar a atadura até que chegue ao mesmo ponto, seguindo as regras já acima indicadas, de maneira a renovar a mesma manobra um certo numero de vezes, caso a fórma do membro o exija, fig. 325.

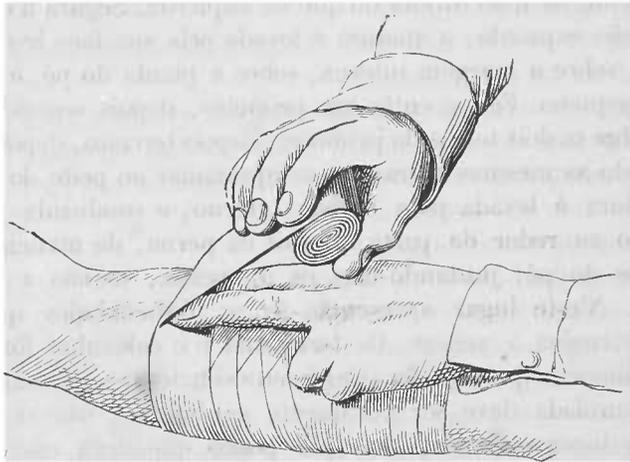


Fig. 325. — Modo de fazer as inversões.

Estas inversões são indispensaveis em todos os lugares em que o membro se aproxima da fórma cónica. Com effeito, na perna, coxa, ou no braço, augmentando as partes de baixo para cima, obrigão a que as voltas da atadura se alonguem em espiral para assentarem perpendicularmente sobre todos os pontos da superficie. Para obter uma atadura enrolada regular, cumpre por conseguinte, n'estas regiões, virar a margem superior da atadura, isto é, trocar as margens da atadura; e é isso o que se chama *inversão*.

Ligadura mal assente. (*Godets*, em francez.) Fig. 326. Se, em semelhante caso, não se fazem inversões, a atadura applicada circularmenté não assenta bem, e comprime com uma só margem; a outra fica em falso e tende a deslocar-se. Além de que este modo de proceder tira á atadura tudo o que ella póde ter de elegante, faz ainda com que o membro se ache como estrangulado de espaço em espaço, e o apparelho, apenas applicado, não tarda

a desmanchar-se. Assim, para chegar dos dedos até ao peito do pé, é quasi indispensavel fazer tres ou quatro inversões. Desde os tornozelos até ao meio da perna, estas dobras podem não ser necessarias; mas d'ali para cima, até uma ou duas pollegadas abaixo do joelho, são indispensaveis, e exigem cuidado extremo. Perto do joelho, o membro tornando-se cylindrico, ou antes algum tanto estrangulado, póde

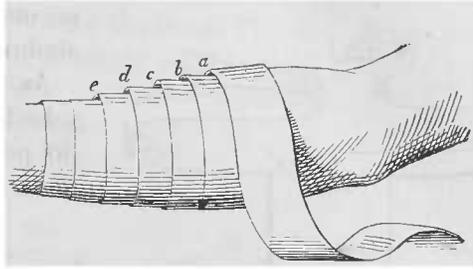


Fig. 326.

Ligadura mal assente (*godets*, em francez).

não exigir o mesmo genero de precauções. — Para dar alguma elegancia a este arranjo, collocão-se as inversões na mesma linha, na região interior do membro por exemplo, desde os dedos até ao joelho; resulta d'isto um aspecto cruzado que dá á ligadura uma especie de analogia com o antigo cothurno, com uma espiga de trigo (fig. 327).

Comtudo, não se deve comprimir de uma maneira desigual parte alguma, com o unico fim de augmentar a regularidade do apparelho. Não sendo sempre a mesma, em todos os individuos, a fórma cylindrica ou cónica da parte, seria perigoso querer submeter a applicação da ligadura enrolada a regras demasiado exactas. O principio a que se deve attender antes de tudo, em semelhante caso, é a que o plano da atadura assente sempre perpendicularmente sobre a pelle; a compressão deve ser igual em todos os pontos; não deve haver vacuo algum entre os circulos da atadura; as espiras devem cobrir-se regularmente, isto é, apresentar a disposição das telhas de um telhado.

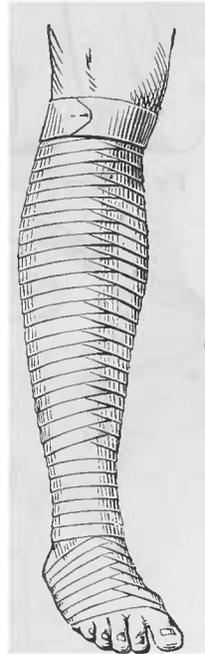


Fig. 327.

Ligadura enrolada com inversões.

Ligadura T. Fig. 328. A ligadura em fórma de T compõe-se de duas porções, uma horizontal e outra vertical. O ramo horizontal do T, porção de atadura, cujo comprimento deve estar em relação com o volume da parte que deve abranger, é quasi sempre disposta da mesma maneira. O ramo vertical d'esta ligadura apresenta pelo contrario algumas differenças. Ordinariamente simples, póde ser duplo até á sua origem, ou sómente até

algumas pollegadas do ramo horizontal. Faz-se esta ligadura cosendo, ou fixando simplesmente com alfinetes uma ou duas tiras no meio de uma outra porção de atadura.

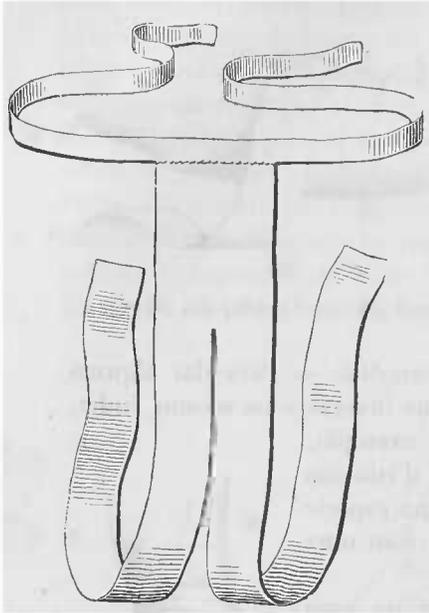


Fig. 328. — Ligadura T.

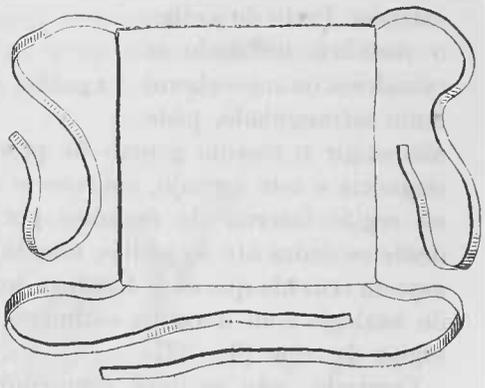


Fig. 229. — Ligadura quadrada.

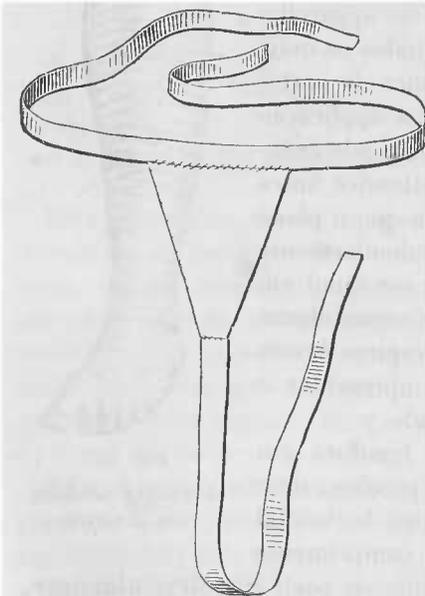


Fig. 330. — Ligadura triangular.

As ligaduras T empregão-se sobretudo nas molestias do anus, do perineo e dos órgãos genitales.

Ligadura quadrada.

Fig. 329. Compõe-se de um pedaço de panno de linho, algum tanto forte, cortado em quadrado, e tendo uma fita em cada um de seus angulos. Esta ligadura, que pôde cõvir a certas molestias dos seios, dos quadris, da parte superior da coxa e dos lados do peito, é tão simples que é escusado descrevê-la.

Outro tanto se pôde dizer da **ligadura triangular** (fig. 330), que se emprega nas mesmas regiões, e ás vezes no escroto.

§ II. LIGADURAS ESPECIAES, ou segundo as regiões do corpo que podem necessita-las. Obrigando a fôrma das differentes partes do corpo a variar as ligaduras ou os

apparelhos de curativos, convem descrever as ligaduras especiaes successivamente desde a cabeça até aos pés.

Ligadura da cabeça ou de Galeno. Fig. 331. Faz-se com um pedaço de panno do comprimento de 1 metro (4 palmos e $1/2$) e da largura de 33 centímetros (palmo e $1/2$) com tres pontas em cada extremo, resultando de dois córtes em iguaes distancias. Mas as pontas do meio (2, 2), devendo atar-se debaixo do queixo, serão menos incommodas se se lhes diminuir a largura de maneira que tenham a fórmula de um triangulo truncado. Para isto, corta-se uma parte de sua largura, como indica a linha pontuada. Applica-se o meio da ligadura no alto da cabeça, com as pontas pendentes sobre os lados. Atão-se debaixo do queixo as duas pontas medianas, como mostra a figura; levão-se as anteriores á nuca, onde se sobrepõem uma á outra; as posteriores assentão sobre estas, e trazem-se á testa, onde se segurão com alfinetes.

Esta ligadura emprega-se sobretudo nos curativos das feridas da cabeça.

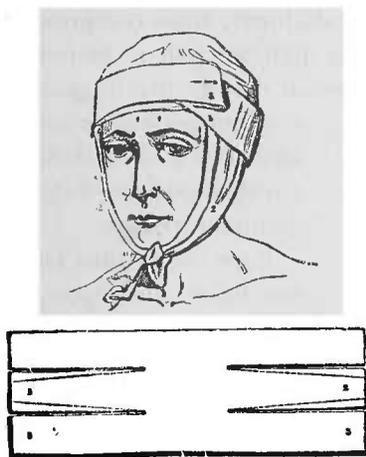


Fig. 331.

Ligadura da cabeça ou de Galeno.



Fig. 332.

Funda da nuca.

Funda da nuca. Fig. 332. Não differe da ligadura precedente senão por ter duas pontas de menos. O meio applica-se na nuca por cima dos chumaços. As duas pontas de cima passam pela parte superior das orelhas e atão-se na testa, e as debaixo atão-se na parte anterior do pescoço. Póde servir para o curativo dos causticos na nuca. Applicada sobre a parte anterior da cabeça, esta funda póde substituir a ligadura de Galeno.

Lenço na cabeça. Muitas das ligaduras da cabeça, que se empregavão antigamente, são hoje substituidas por um simples lenço. Os pannos quadrados, os lenços de pescoço ou de algibeira, dobrados em triângulo, em gravata, ou de outra maneira, são sufficientes para muitos curativos.



Fig. 333.

Lenço dobrado em triângulo.

o cirurgião deve então dar-se por feliz quando tem a facilidade de se servir dos objectos dos assistentes ou dos do doente mesmo



Fig. 334. — Ligadura de lenço para inclinar a cabeça para diante.

Estes objectos, que se achão sempre á mão, offerecem ainda a vantagem de tornarem a entrar depois no uso da economia domestica. Dão-se frequentemente, quer na roça, quer na cidade, accidentes subitos cujas feridas ou ferimentos devem ser curados immediatamente sem que haja á mão, nem ataduras, nem compressas;

com que póde fazer o curativo. Por meio do lenço o curativo póde ser feito por qualquer pessoa.

Para cobrir uma ferida nas faces, nos beiços, no queixo, póde servir um lenço dobrado em triângulo. Assim dobrado applica-se na cabeça, com a ponta para traz; os dois ramos cruzão debaixo do queixo, e depois levão-se para a parte posterior da cabeça, onde se fixão por um nó, ou com alfinetes (fig. 333).

O lenço dobrado em gravata convem tambem para conter os appositos que se applicão nas feridas do rosto. Para qualquer divisão do beiço superior obtem-se uma ligadura

unitiva com um lenço dobrado em gravata. Para este fim applica-se o meio do lenço sobre a testa, levão-se as duas pontas a cruzar na parte posterior da cabeça, depois trazem-se por baixo do nariz, onde tornão a cruzar, e fixão-se na nuca.

Ligaduras do pescoço. Os curativos ordinarios do pescoço fazem-se com uma atadura ou com um lenço. É assim que se curão os causticos na nuca. Se o curativo das feridas do pescoço exigir certa fixidade na largura da ligadura, mette-se uma chapa de papelão ou de papel entre as dobras do lenço.

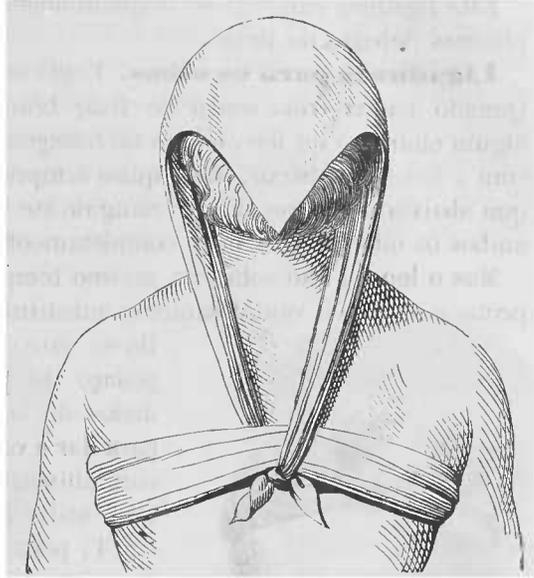


Fig. 335. — Ligadura de lenço para levar a cabeça para traz.

As ligaduras unitivas, e as que são destinadas para endireitar o pescoço, obtem-se com um lenço dobrado em triângulo. As pontas fixão-se á faixa do tronco por diante, se fôr preciso inclinar a cabeça para diante (fig. 334), ou para traz, no caso contrario (fig. 335).

Ligadura da axilla. Fig. 336. As molestias da axilla podem ser curadas sem difficuldade com um lenço dobrado em gravata. applica-se o meio da gravata debaixo do braço enfermo, para cruzarem as duas metades sobre o hombro correspondente.



Fig. 336. — Ligadura da axilla.

Levão-se depois uma por diante, a outra por detraz até á axilla sã, onde se fixão. Se o lenço fôr demasiado curto, alonga-se com alguns pedaços de

cadaço ou com outro lenço atado com o primeiro sobre o hombro do lado enfermo.

Esta ligadura emprega-se frequentemente para segurar as cataplasma de baixo do braço.

Ligaduras para os olhos. *Venda* ou *Faixa de cobrir os olhos*. Quando não se trata senão de fixar brandamente sobre os olhos algum chumaço ou fios, o *lenço em triangulo*, applicado sobre a testa com a base para baixo, basta quasi sempre. Concebe-se com effeito que abaixando a base d'este triangulo até á parte inferior do nariz, ambos os olhos devem ficar completamente cobertos.

Mas o lenço, que cobre ao mesmo tempo toda a cabeça e comprime o nariz, é vantajosamente substituido pela *venda* (fig. 337).

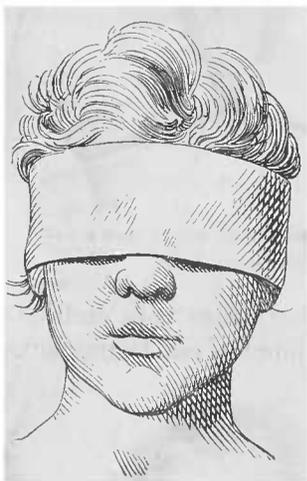


Fig. 337.

Venda ou faixa dos olhos.

Dá-se este nome a uma tira, um pedaço de panno de cinco a seis dedos de largo, bastante comprido para dar a volta da cabeça e ser fixado com alfinetes. Para tornar esta faixa mais util, é bom fazer-lhe uma fenda em T, perto da margem e no meio. Para isto dobra-se em dois; corta-se a dobra transversalmente com a tesoura, na extensão de uma pollegada, quasi a meia pollegada por cima da margem inferior. Faz-se de baixo para cima, sobre a margem superior da incisão horizontal, uma outra incisão perpendicular á primeira, e que deve representar o ramo vertical do T. A fenda, que deve receber o nariz, faz com que uma vez applicada, a faixa não pôde nem

subir do lado da testa, nem descer do lado da bocca, e que assenta sensivelmente melhor sobre as palpebras. Deve por conseguinte ser preferida no maior numero de casos. Além d'isto, applicando quer o lenço, quer a faixa obliqua ou diagonalmente, em vez de pô-la circularmente ao redor da cabeça, obtem-se uma especie de monoculo em lugar da ligadura para ambos os olhos.

Monoculo simples. Fig. 338. Faz-se com uma atadura de 4 a 6 metros de comprimento e tres dedos de largo, enrolada em um globo. Depois de postos os chumaços, applica-se na nuca a ponta da atadura, e dão-se uma ou duas voltas ao redor da cabeça, por cima das orelhas, até o globo tornar á nuca, donde se conduz por baixo da orelha do lado enfermo, por cima do olho, e sobre a fonte

opposta, dando-se assim tres ou quatro circulos em pequenas espiraes, até que, chegando o globo á nuca, torna a fazer voltas circulares ao redor da cabeça.

Monoculo duplo. Fig. 339. Pratica-se com uma atadura de 7 metros de comprido, e tres dedos de largo, enrolada em dois globos. Depois de situados os chumaços, põe-se o meio da atadura na testa, e dirigem-se os globos para a nuca onde se cruzão, para se trazerem por baixo das orelhas, por cima do olhos, e parietaes até á nuca, d'onde continuão do mesmo modo a fazer tres ou quatro voltas, descrevendo pequenas espiraes, e acabão em algumas circulares ao redor da cabeça.



Fig. 338. — Monoculo simples.

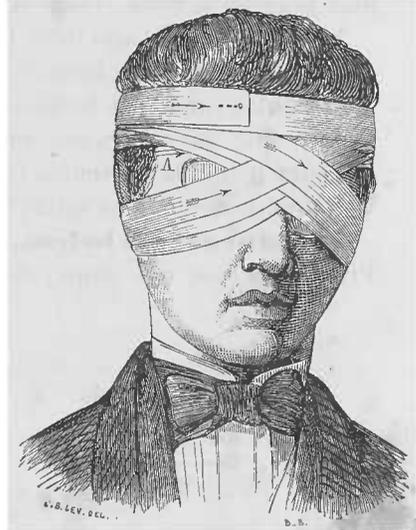


Fig. 339. — Monoculo duplo.

Todas estas ligaduras são frequentemente empregadas para segurar as cataplasmas e outros appositos que se applicão nos olhos; mas não são sufficientes quando fôr necessario comprimir com certa força alguns pontos da circumferencia da orbita. Recorre-se então á ligadura chamada *monoculo compressivo*.

Monoculo compressivo. Faz-se com uma atadura de 4 metros de comprido e tres dedos de largo, enrolada em um globo. Situados os appositos, pega-se na atadura, e applica-se a ponta sobre o angulo do queixo, ficando um bocado pendente sobre o peito, e leva-se á nuca por cima do olho e da fonte opposta, e d'ali por baixo da orelha, até chegar acima do olho, dando-se assim tres ou quatro voltas, depois das quaes dirige-se a ponta pendente para a fonte do mesmo lado, finalizando com a outra ponta por circulares ao redor da cabeça.

Ligaduras do nariz. Para curar as feridas dos lados e da raiz do nariz, usa-se o T duplo, cuja tira transversal é do comprimento de um metro, e as perpendiculares de 50 centímetros, e todas da largura de um dedo. applica-se, pondo o meio da tira transversal sobre o beicho superior, e as perpendiculares aos lados do nariz, as quaes, cruzando sobre a raiz do nariz, vão á nuca por cima das fontes, onde são sujeitas pelos extremos da transversal, que sobem por cima das orelhas; e, cruzando na nuca, acabão por circulares ao redor da cabeça.

Bolsa do nariz. Empregada para os curativos da ponta do nariz. É uma especie de bolsa guarnecida de tres fitas. Levão-se as duas fitas lateraes á nuca, onde se fixa a fita superior.

A *funda do nariz* não deve ter senão 3 centímetros de largo, e deve apresentar um buraco no meio para a ponta do nariz. As duas pontas inferiores levão-se por cima das orelhas, á nuca, em quanto que as superiores vão por baixo á nuca. Esta pequena ligadura não tapa as ventas como a precedente, mas tem o inconveniente de ser menos solida e de achatar o nariz.

Ligaduras dos beiços. *Funda contentiva dos beiços.* Fig. 340. Pratica-se com um panno de quatro pontas, do comprimento de

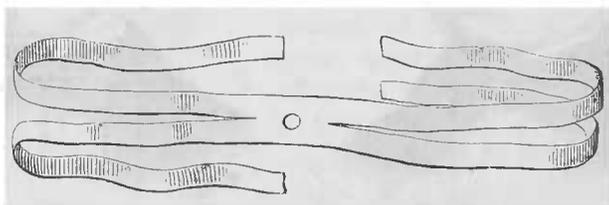


Fig. 340. — Funda.

160 centímetros, fendido quasi até ao meio. A sua applicação, depois de situados os appositos, consiste em pôr o meio sobre o beicho de cima, e levar as duas pontas superiores por baixo das orelhas a cruzar na nuca, e a atar na testa, e as inferiores por cima das orelhas a cruzar do mesmo modo na nuca e atar na testa.

Em alguns casos esta funda deve ter um buraco no meio que corresponde á bocca, e outro buraco para o nariz; n'este caso o panno deve ser mais largo. A sua applicação, depois dos appositos, consiste em ajustar os buracos á bocca e ao nariz, e levar as pontas por cima e por baixo das orelhas, a cruzar na nuca e a atar na testa.

Ligadura do queixo. *Funda do queixo.* Fig. 341. Emprega-se no curativo das feridas da barba, para segurar as cataplasmas e outros appositos, para manter as fracturas do queixo inferior, para

conter o queixo no seu lugar quando se tem deslocado, e depois de reposto no seu lugar.

A funda do queixo faz-se com um panno do comprimento de um metro e da largura de 10 a 15 centímetros dividido até 10 centímetros do seu centro em quatro pontas iguaes. Applica-se o meio do panno sobre o queixo; as duas pontas superiores levão-se sobre o queixo inferior, por baixo das orelhas, e d'ali trazem-se a cruzar á nuca onde um ajudante as segura; as pontas inferiores levão-se pelas faces a cruzar no alto da cabeça, onde se pregão com alfinetes. O cirurgião pegando então nas duas pontas superiores leva-as até á testa, onde as cruza e fixa com alfinetes.



Fig. 341.

Funda do queixo.

Mascara. Sendo necessario cobrir ao mesmo tempo muitas regiões do rosto, emprega-se, debaixo do nome de *mascara*, um pedaço de panno moldado sobre o rosto, furado ou fendido em T ou de travez defronte dos olhos, do nariz e da bocca, e que leva quatro fitas, duas superiores, e duas inferiores, destinadas a fixa-lo passando ao redor da cabeça.

Ligaduras da região da orelha. *Escudo.* Um pedaço de panno, bastante largo para cobrir quer a orelha só, quer a orelha assim como a porção superior e lateral da face, ao qual se atão tres cadaços, um posterior, um superior e outro inferior, constitue o escudo da orelha.

Esta ligadura, que se fixa por uma circular vertical por meio do cadaço superior e inferior, e de uma circular horizontal por meio do cadaço posterior, segura bem os fios e os outros appositos, quer nas anfractuósidades do pavilhão da orelha, quer entre o pavilhão e o rosto.

Ligadura T. Fig. 328, pag. 280. Quando se quer deixar a orelha livre, e quando se trata de uma molestia na região dianteira da orelha, de um curativo de caustico por exemplo, a ligadura T é preferivel ao escudo. Fixa-se o seu ramo horizontal ao redor da base da cabeça; depois abaixa-se o ramo vertical quer por detraz quer por diante da orelha, segundo o lugar da ferida, para leva-lo debaixo do queixo em fórma de freio, e ir fixa-lo á circular horizontal do lado opposto. Esta ligadura, sem duvida a mais simples que se póde applicar na orelha, é entretanto pouco empregada; isto

provém de que nem sempre é sufficiente e de que se lhe póde substituir um simples lenço que se ata no alto da cabeça.

Ligaduras do peito.



Fig. 342. — Faixa do tronco.

Faixa do tronco. Fig 342. O peito propriamente dito não reclama as mais das vezes senão a ligadura chamada faixa do tronco. É a unica que se emprega como meio contentivo no curativo das feridas. Convem nas fracturas das costellas, e em todas as molestias que necessitam o emprego de alguma applicação local nas paredes do peito. Faz-se com uma toalha dobrada em tres dobras, e applica-se circularmente ao redor do corpo. Deve-se apertar um pouco mais em baixo do que em cima, afim de que se desarranje o menos possivel,

e não se enrole como corda pelos movimentos do peito ou dos braços; fixa-se pela margem superior com um escapulario. Este faz-se com uma tira dobrada ao meio, cuja dobra se fixa sobre a faixa do tronco entre os hombros, e cujas duas pontas se levão á maneira de suspensorios de cada lado do pescoço para fixa-las adiante, quer a alguma distancia uma da outra, quer juntas sobre a faixa circular.



Fig. 343. — Luva.

Ligadura da mão. Luva. Fig. 343.

Assim se chama uma ligadura que tem lugar quando se cobrem os dedos em toda a sua extensão. Pratica-se com uma atadura de 8 metros de comprimento, 2 centímetros e $\frac{1}{2}$ de largo, enrolada em um globo, dando-se duas voltas ao redor do punho, e levando-se obliquamente até á ponta do dedo minimo, d'onde deverá

fazer espiraes até á base d'este dedo, para d'ali subir outra vez ao punho, e baixar a fazer as mesmas voltas ao dedo annular, e a

todos os mais, se fôr preciso, seguindo-se tres voltas espiraes ao redor da mão, e acabando-se por cobrir o dedo pollegar do mesmo modo, e segurar o resto da atadura por duas ou tres circulares ao redor do punho.

Para complemento d'este artigo veja-se ATADURA, CURATIVO, FUNDA, SUSPENSORIO, SUSPENSORIO DO BRAÇO.

LIGAMENTO. Feixe fibroso de um tecido branco, pouco extensivel e mui resistente. Os ligamentos adherem, por seus extremos, aos ossos ou ás cartilagens, e servem assim de meios de união para as juntas ou para algumas partes osseas.

Designão-se tambem debaixo do nome de *ligamentos*, membranas destinadas a manter certos orgãos no seu lugar. Taes são : os ligamentos do figado, da bexiga, do utero etc.

LIMA. Fructo da limeira, *Citrus limetta*, Risso, arvore da familia das Aurantiaceas, commum no Brasil. Este fructo contém um succo adocicado, levemente acidulo, util aos doentes affectados de febre. Ha duas especies, lima de embigo, e lima da Persia. O epicarpo (casca exterior) fornece um oleo essencial, muito estimado pelos perfumistas.

LIMALHA DE FERRO. Veja-se FERRO.

LIMÃO AZEDO. O limão azedo é o fructo do limoeiro, *Citrus limonum*, Risso, arvore da familia das Aurantiaceas, originaria da Persia, cultivada no Brasil, em Portugal, e em todas as regiões quentes do globo. Ha diversas fórmas de limão azedo : ha-os de casca fina e adherente á baga; outros ha cuja casca se aproxima da da cidra. No Brazil ha limões azedos pequenos redondos, muito succosos, e outros que são grandes oblongos (fig. 344). Os limões são frequentemente empregados em medicina e na arte culinaria. Servem sobretudo para fazer a *limonada*, bebida agradável e refrigerante, que convem nas molestias febris, e só é contraindicada quando ha tosse. O epicarpo (casca exterior ou casquinha) de limão fornece, quer por espressão, quer pela distillação, um oleo volatil que se emprega como perfume, ou para tirar as nodoas de gordura das fazendas de seda ou de panno de lã. O chá de cas-

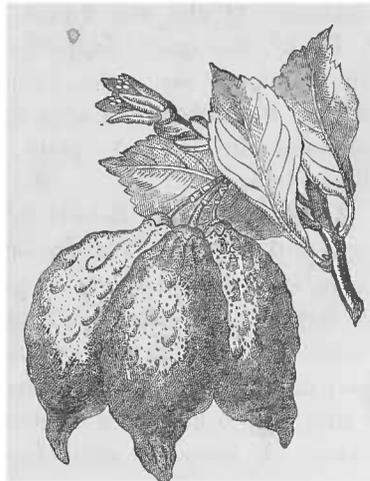


Fig. 344.

Limão azedo, variedade oblonga, casca grossa.

quinha de limão é empregado para provocar a transpiração na constipação e em muitas outras molestias. Espreme-se ás vezes o limão nas ulceras putridas. — Conservão-se os limões na areia. Podem tambem conservar-se collocando-os sobre táboas de madeira e cobrindo-os com uma redoma de vidro.

O succo de limões *inspissado* faz parte da provisão de muitos navios. Prepara-se espremendo o succo de muitos limões, deixando depois durante 24 horas, filtrando, e evaporando em banho maria até á consistencia de xarope. Serve para acidular as bebidas e os alimentos durante a viagem. Constitue tambem um medicamento preservativo e curativo do escorbuto.

LIMÃO DOCE. Fructo do limoeiro doce, *Citrus limonum edulis*, que habita no Brasil. É acidulo, assucarado e refrigerante; muito apreciado nos tempos de calor, e nas molestias acompanhadas de febre.

LIMOEIRO BRAVO. *Citriosma cujabana*, Martius. Monimias. Arbusto do Brasil; habita especialmente na provincia de S. Paulo. Folhas de peciolo curto; ellipticas, oblongas, irregularmente denteadas, oppostas em cruz, tomentosas; ramos e inflorescência pubescentes; flores pedunculadas; pedunculos axillares de muitas flores; fructo, pequena drupa vermelha. As folhas tem um sabor aromatico e amargo, e quando esfregadas, exhalão um cheiro semelhante ao do limão, mas que tem alguma cousa de nauseoso. O chá das folhas é muito empregado na provincia de S. Paulo, nos casos de quédas e nas contusões, e principalmente nas pancadas do peito. Prepara-se com uma folha do limoeiro bravo e uma chicara d'agua fervendo. Usa-se tambem este chá nas affecções chronicas do peito, continuando-se o seu emprego por muito tempo.

LIMONADA. Bebida acida composta de succo de limão, de agua e de assucar. Prepara-se *a frio* ou *a quente*. No primeiro caso basta espremer o succo do limão na agua fria contendo assucar; no segundo, prepara-se a limonada, que se chama então *limonada cozida*, deitando agua fervendo sobre um limão cortado em talhadas, deixando-se fazer a infusão por um quarto de hora, coando e adoçando o liquido á vontade, para ser bebido depois de arrefecido. A *limonada secca* faz-se triturando assucar com acido citrico, aromatizando a mistura com um pouco de essencia de limão, e dissolvendo-a em agua.

A limonada é muito refrigerante; toma-se, ora como simples bebida fria para acalmar a sêde; ora como medicamento; nas febres, molestias biliosas, etc.

Por extensão, dá-se o nome de *limonada* a qualquer bebida

preparada com acidos vegetaes; não sómente com o succo do limão, mas tambem com o da laranja, cajú, groselhas, etc.

Chama-se *limonada mineral*, agua que, depois de adoçada, se acidula com algumas gottas de acido sulfurico ou azotico, até que offereça ao gosto uma acidez agradável. Emprega-se em algumas febres.

LIMONADA DE CITRATO DE MAGNÉSIA. *Veja-se* MAGNESIA.

LINGUA. Orgão principal da sensação do gosto. A lingua compõe-se de musculos susceptiveis de lhe dar diversas figuras, de alonga-la, encurta-la, curva-la, de lhe dar uma fôrma de gotteira, etc. A lingua é adherente de tal maneira ao soalho da bocca, e fixada tão fortemente ao queixo, que é impossivel poder ser engulida; e aqui devo refutar a fabula que diz que os *negros engolem a lingua*: este factó é anatomicamente impossivel.

Entretanto, muita gente no Rio de Janeiro acredita esta fabula, e um capitão de um navio asseverou-me que n'uma viagem que fez da costa d'África ao Brasil, morrêrão-lhe muitos pretos por terem engulido a lingua. A morte n'este caso devia ser attribuida á asphyxia produzida pela falta da renovação do ar no porão do navio onde se fechavão os pretos, e não á causa que o capitão allegou. Para que a lingua virada para traz possa tapar o gôto e produzir a asphyxia, é preciso primeiro destruir as adherencias d'ella com o queixo; o que não póde fazer-se pela simples vontade; e para provar quanto isto é impossivel, póde-se dizer que é mais facil a uma pessoa arrancar-se um dedo da junta, do que rasgar com os proprios esforços as adherencias da lingua. Mas se os musculos que prendem a lingua ao queixo forem cortados, a lingua então virar-se-ha para traz, tapará o gôto, e, impedindo a entrada do ar no canal aereo, poderá produzir a morte. Pouco faltou para que semelhante desgraça acontecesse a um celebre cirurgião em França, que cortava a um doente o osso queixal affectado de cancro. Depois de dividir as adherencias da lingua com o osso, encarregou a outro cirurgião de segurar a lingua com os dedos, antes de fazer as costuras necessarias; largando este a lingua, o doente ia morrer suffocado por ter fugido a lingua para traz, e tapado as vias da respiração. Então o operador, com uma presença de espirito admiravel, appressou-se immediatamente a fazer com o bisturi uma abertura no pescoço, para dar entrada ao ar, e salvou o doente. A operação foi seguida de cura completa.

MOLESTIAS DA LINGUA.

Affecções syphiliticas. As affecções syphiliticas da lingua apresentão-se debaixo de fôrmas diversas; são :

1º Vegetações de apparencia de verrugas, mais ou menos

salientes, que occupão em geral a base da lingua, mas que tambem forão observadas sobre toda a superficie;

2º Chapas mucosas arredondadas, de margens salientes, superficie côr de rosa; encontrão-se nas margens e ponta da lingua;

3º Tuberculos mucosos, profundos, desenvolvidos na espessura da membrana mucosa; são arredondados, salientes, de côr rubra violacea; ora isolados, ora grupados em numero mais ou menos consideravel. A sua marcha é bastante lenta; ás vezes transformão-se em ulceras, e apresentão então o aspecto do cancro da lingua, com o qual podem mesmo confundir-se.

O diagnostico é então mais difficil, e as duvidas não podem ser resolvidas senão pelos resultados que fornece o tratamento anti-syphilitico. As ulceras syphiliticas cicatrizão-se pelo uso interno do mercurio ou do iodureto de potassio, as cancrosas ficão estacionarias ou progredem.

Estas tres especies de producções pertencem aos symptomas secundarios da syphilis, isto é que devem ser combatidos por um tratamento quasi semelhante. É ás vezes necessario fazer a ligadura ou a excisão das verrugas syphiliticas; convem tocar com pedra infernal as ulceras. No interior administrão-se as preparações de mercurio, de iodureto de potassio e de salsaparrilha do modo indicado no artigo SYPHILIS.

4º Emfim entre as affecções syphiliticas da lingua, é preciso indicar as ulceras primitivas ou consecutivas, de margens cizentas, cortadas perpendicularmente. As circumstancias antecedentes dos enfermos, e sobretudo o tratamento farão distinguir estas ulcerações das aphtas ou das ulcerações produzidas pela salivção mercurial.

Cancro da lingua. *Veja-se* CANCRO, vol. I, pag. 456.

Feridas da lingua. As feridas produzidas por instrumentos cortantes estão descriptas no artigo FERIDAS, vol. I, pag. 1091.

Freio da lingua. *Veja-se* vol. I, pag. 1204.

Hypertrophia da lingua. *Veja-se* vol. II, pag. 170.

Inflammação da lingua ou Glossite. *V* vol. II, p. 58.

Kystos da lingua. Kystos serosos forão observados em diversas partes da lingua. Tratão-se pelos mesmos meios que os outros kystos: a incisão combinada com a excisão, a punção seguida da injeccção; extrahem-se os tumores que estão bem limitados.

Lingua pregada. *Veja-se* FREIO DA LINGUA.

Quêda da lingua ou LINGUA CAHIDA. Esta affecção chronica não deve ser confundida com a inchação aguda produzida pela glossite; é independente da hypertrophia. É ás vezes a conse-

quencia nas crianças, do costume de deitarem continuamente a lingua de fóra, e, nos adultos, de salivações mercuriaes abundantes e prolongadas. Nas pessoas affectadas d'esta enfermidade, a bocca está meio-aberta pela lingua que sobresahe entre os dentes e os labios, e que pende ás vezes diante do queixo. Os dentes são empurrados para diante, a saliva corre involuntariamente e de uma maneira contínua. É preciso empurrar a lingua para dentro da bocca, e, no intervallo das comidas, mantê-la ali por meio de uma ligadura que approxime fortemente os queixos. Empreguem-se os gargarejos com agua e vinagre, ou preparados segundo a formula seguinte :

Infusão de rosas.	500 grammas (16 onças)
Pedrahume.	15 grammas (1/2 onça)
Mel de abelhas	30 grammas (1 onça).

Tumores erectis da lingua. Desenvolvem-se na superficie da lingua ou na sua espessura. Principião por um ponto rubro que fica estacionario por muito tempo; depois o tumor augmenta, torna-se de côr vermelha viva. Estes tumores são pulsativos, isto é batem como arteria, e reductiveis. Depois de alguma excoriação, ou fazendo-se n'elles uma punção, dão saída ao sangue vermelho. Os tumores erectis sub-mucosos são azulados, reductiveis, e menos sujeitos ás hemorrhagias do que os tumores erectis superficiaes.

Tratamento. Os pequenos tumores erectis superficiaes serão cauterizados com ferro em brasa. Os que são mais volumosos e limitados serão extrahidos por meio do esmagador linear. Os tumores profundos e pulsativos serão tratados pela cauterização intersticial com ferro pontudo. Não se deverá tocar nos tumores cujo crescimento fôr lento.

Tumores varicosos da lingua. Desenvolvem-se na segunda metade da vida; são varizes contra as quaes nada se deve fazer.

Ulcerações da lingua. Podem ser o resultado de alguma causa local, ou ligadas a um estado geral da economia.

As primeiras são frequentes; succedem muitas vezes ás aphtas (*veja-se* esta palavra); mas de ordinario são produzidas por um dente mui saliente ou desviado ou por um dente cariado ericado de asperidades. Para curar estas ulcerações deve-se extrahir o dente que as occasionou, ou lima-lo.

As ulcerações da segunda especie observão-se no escorbuto, em consequencia das febres graves, ou são o resultado da affecção venerea ou cancerosa. As ulcerações que dependem do escorbuto, não constituem senão um accidente d'esta affecção geral. Combatem-se pelos meios indicados contra o escorbuto. As que se desen-

volvem nas molestias agudas, desapparecem facilmente tocando-as com mel roçado ou com pedrahume.

As *ulcerações venereas* apresentam côr cinzenta, e margens cortadas perpendicularmente. Tratão-se pela cauterização com pedra infernal, e pelo uso interno das preparações mercuriaes.

As *ulcerações cancerosas* estão descriptas no artigo CANCRO.

Ha ainda *ulcerações da lingua* que sobrevem pelo abuso do mercurio. O seu tratamento está indicado no artigo SALIVAÇÃO MERCURIAL.

LINGUA DE TUCANO. *Eryngium lingua tucani*, Martius. Umbelliferas. Planta do Brasil (Minas, S. Paulo). O cozimento d'esta planta emprega-se internamente como diuretico; e externamente em gargarejos contra a inflammação da garganta. 15 gram. (1/2 onça) por 500 grammas (1 libra) d'agua.

LINGUA DE VACCA. *Leria nutans*, De Candolle. Synanthreas. Planta do Brasil. Rhizoma tortuoso, guarnecido de fibras radicaes compridas (raizes) : do seu topo nascem folhas radicaes, dispostas em roseta, de figura quasi alyrada, com os lobos lateraes pequenos arredondados; o terminal muito maior, largo, oval, todos denticulados, molles, glabros na face, cotanilhosos no dorso; do meio dellas eleva-se uma hastea simples, roliça, fistulosa, cotanilhosa; gosto das folhas e raizes, amargo. O cozimento da raiz e das folhas emprega-se, como tonico, nas bronchites. Prepara-se com 15 grammas (1/2 onça) de folhas ou raizes e 500 grammas (16 onças) d'agua. O succo das folhas na dóse de 30 a 60 grammas (1 a 2 onças) como desobstruente nas molestias do figado. As folhas applicão-se nas ulceras.



Fig. 345. — Linho.

LINHAÇA. Sementes do linho, *Linum usitatissimum*, Linneo, planta cultivada em Portugal e no Brasil (Minas, Rio Grande do sul, Santa Catharina); da familia das Lineaceas. Fig. 345. Estas sementes são pequenas, oblongas, comprimidas, luzidias, de côr roxa avermelhada no exterior, esbranquiçada no interior; oleoginosas, de sabor adocicado. O oleo e a mucilagem que contém as sementes de linho dão-lhes qualidades emollientes mui preciosas. O cozimento de linhaça, que se prepara pela simples infusão em agua fervendo, constitue uma bebida emolliente e diuretica, empregada com vantagem em todas as inflammações, e principalmente nas da bexiga e nas blennorrhagias. Para fazer esta bebida, bastão

duas colheres *de chá* de sementes de linho em 1/2 litro d'agua. Para clysteres usa-se a decocção. Esta mesma decocção serve em injeccões, gargarejos, fomentações, em grande numero de casos que exigem o emprego dos emollientes. A farinha de linhaça serve para fazer cataplasmas emollientes, que são de uso quotidiano, e convem em todas as inflammacões. Para conservar em casa a farinha de linhaça por algum tempo sem alteraçãõ, é preciso guarda-la n'um vaso de louça, sobre que se colla um letreiro indicando a substancia que contém.

Eis-aqui as receitas dos principaes medicamentos domesticos que se fazem com a linhaça :

Bebida de linhaça. Deite 1/2 litro d'agua fervendo por cima de duas colheres *de chá* de sementes de linho; infunda por um quarto de hora, cõe, e adoce com assucar.

Clyster de linhaça. Ferva por um quarto de hora duas colheres *de chá* de sementes de linho em tres chicanas d'agua, e cõe por um panno.

Cataplasma de linhaça. Farinha de linhaça, á vontade; agua fervendo, quanto baste. Misture. V CATAPLASMA, vol. I, pag. 541.

As sementes de linho fornecem, por expressão, um oleo gordo que serve para luzes e na pintura. Os talos da planta são fibrosos: depois de varias preparações fião-se, e do fio fazem-se linhas para coscr, ou para se tecer em lençarias de toda a qualidade.

LINIMENTO. Medicamento unctuoso, de consistencia intermedia á do azeite e á da banha, destinado a ser empregado em fricções. Os linimentos compõem-se de oleos ou banhas, e de uma substancia emolliente, tonica, estimulante, etc., conforme o effeito que se deseja obter. O oleo camphorado, linimento ammoniacal, são linimentos. — Os linimentos empregão-se em unccões, ou em fricções, duas ou tres vezes por dia. Molha-se n'elles um pedaço de flabella ou de panno de lã, e esfrega-se brandamente a parte doente com este panno, que é util deixar sobre a parte. Às vezes tambem se cobre simplesmente a região doente com linimento por meio dos dedos; e applica-se por cima um panno de linho, um pedaço de flabella, ou papel sem colla.

LIPOMA. Da palavra grega *lipos*, gordura. Tumor resultando do desenvolvimento anormal e circumscripto do tecido cellulogorduroso; é uma especie de obesidade parcial.

A inspecção directa permite que se reconheção facilmente n'estas producções dois elementos: 1º um celluloso que envolve o tumor, e envia no interior muitos prolongamentos que se cruzão reciprocamente em differentes sentidos e formão compartimentos de diverso tamanho, contendo no seu interior o 2º elemento, que

é a gordura molle e amarella. A quantidade relativa d'estes dois elementos faz variar, nos limites bastante restrictos, o aspecto e a consistencia do lipoma. Quando a substancia gordurosa se aproxima do sebo pela côr e consistencia, o tumor chama-se mais particularmente *esteatoma*, da palavra grega *steatos*, sebo.

A fôrma do lipoma, quando pôde desenvolver-se livremente, é hemispherica; mas, debaixo da influencia das compressões ou tracções diversas, o tumor adquire fôrmas que se afastão mais ou menos das que lhe são habituaes. Às vezes o tumor é desigual, e como formado de lobos; raramente é pediculado. O seu volume é extremamente variado; ordinariamente é limitado entre o de uma avelã e o de um ovo de gallinha; mas ha-os tambem muito mais volumosos. O lipoma é ordinariamente unico; e só em circumstancias raras se observão muitos no mesmo individuo.

Todas as partes, porém raras vezes a palma das mãos e a planta dos pés, podem ser a séde de lipomas; as regiões que os fornecem mais são aquellas em que predomina o tecido cellulo-gorduroso: taes são a nuca, as partes lateraes do pescoço, as costas, as paredes do ventre, as nadegas, e ali, os tumores desenvolvem-se debaixo da pelle. Os lipomas superficiaes são os mais frequentes. Ha-os profundos, mas são muito mais raros.

Symptomas. O lipoma não fixa a attenção da pessoa que o tem senão pelo seu volume ou incommodo que occasiona; não ha dôr. A sensação que apresenta ao tocar é inteiramente semelhante, no maior numero dos casos, á que faz experimentar o seio; é flexivel e não offerece resistencia. O seu peso, comparado ao seu volume, é pouco consideravel. A pelle, que o cobre não experimenta alteração. O crescimento do lipoma faz-se ordinariamente de uma maneira lenta e gradual; ás vezes suspende a sua marcha, e depois torna de repente a crescer com grande actividade. Chegã em alguns mezes ou annos a um volume mediocre, e fica então estacionario durante o resto da vida. Não degenera em cancro.

Diagnosticos. Os lipomas constituidos exclusivamente pelo tecido gorduroso dão á mão que os explora uma sensação de molleza e de falsa fluctuação que pôde fazer crêr na existencia de um abcesso frio quando o tumor é profundo, e quando occupa uma das regiões onde se mostrão os abcessos por congestão, a parte posterior do tronco, por exemplo. A mobilidade do tumor, o seu lento desenvolvimento, a ausencia das dôres em todos os pontos do corpo, a integridade da saude geral, bastarão no maior numero dos casos para esclarecer o diagnostico. Os lipomas com predominação do tecido celluloso parecem-se com os tumores fibrosos. A consistencia média do tumor, sua marcha essencialmente lenta, sua séde nas

regiões providas do tecido gorduroso, a falta da dôr, o estado normal dos ganglios lymphaticos vizinhos, que não augmentão de volume, a integridade da saude geral, pertencem ao lipoma. Os kystos differem d'este último pela sua resistencia, elasticidade e mobilidade menor. No caso de duvida póde-se praticar uma punção exploradora com um trocate de pequeno calibre; o exame do liquido que sahe pela canula no caso de kysto desvanecerá toda a incerteza.

Causas. O lipoma pertence quasi exclusivamente á idade adulta e á velhice, salvo esta condição todas as outras são cercadas da maior obscuridade, e as causas que forão indicadas não merecem menção.

Prognostico. É pouco grave. O lipoma, n'um certo gráo de desenvolvimento, constitue antes um leve incommodo do que uma molestia. Quando adquire um grande volume, torna-se não só incommodo pelo peso, mas póde distender dolorosamente a região á qual está pegado, e determinar ulcerações na pelle.

Tratamento. O lipoma não é susceptivel de resolver-se; por conseguinte é inutil esforçar-se em attingir este fim por meio de pomadas ou medicamentos internos. A extirpação é o unico meio de cura, mas quando é que se deve praticar esta operação? Eis-aqui a resposta a esta pergunta. Sendo o tumor pequeno, do volume de uma noz ou de um ovo de gallinha quando muito, e a sua marcha parecendo parada, a operação não é necessaria. Se o tumor attingio o tamanho de um ovo de gallinha, e se o seu crescimento continuar de uma maneira evidente, deve-se recorrer á extirpação; porque n'esta epoca praticar-se-ha uma operação simples, que será quasi certamente seguida de bom exito, entretanto que demorando-se, o tumor poderia adquirir um volume, para o qual a operação exporia a algum perigo. Emfim, em terceiro lugar, se a base do tumor adquirio um decimetro ou mais de extensão, convem abster-se de qualquer operação, porque o lipoma abandonado a si, não póde produzir a morte, ao passo que uma operação pondo a nú uma circumferencia de um decimetro de diametro, ou mais, poderia comprometter a vida.

LIPOTHYmia. Perda subita e instantanea do movimento e do sentimento, continuando ainda a respiração e a circulação, ao passo que na syncope estas duas funcções estão suspensas.

LIQUIDAMBAR. Balsamo fornecido por uma grande arvore do Mexico e da Florida, chamada *liquidambar styraciflua*, Linneo, da familia das Liquidambaraceas. Ha duas especies commerciaes: o liquido e o molle; este tira-se da casca onde elle adquirio alguma espessura; aquelle obtem-se por incisões feitas na arvore. O balsamo *liquidambar liquido* tem a consistencia de oleo espesso,

é de côr amarella, cheiro forte, sabor aromatico e acre. Contém acido benzoieo ou cinamico, porque basta pôr uma gotta d'elle sobre o papel de turnesol para tornar este vermelho. — O *balsamo molle* é semelhante a uma terebinthina espessa ou a pez molle; é opaco, esbranquiçado, de cheiro menos forte que o precedente, de sabor aromatico, mas deixando um resaiço aere na garganta. Um e outro não tem grande emprego em medieina : entrão só na composição de alguns emplastos.

LIRIO FLORENTINO. *Iris florentina*, Linneo. Irideas. Planta que habita na Italia, e principalmente nos arredores de Florença; tem flores braneo-amarelladas. Seu rhizoma, vulgo raiz, tal como se aeha no eommeireio, é braneo, pesado, de sabor aere e amargo, de eheiro de violas. Reduzido a pó, puro ou misturado eom outras substaneias, emprega-se como dentifrieio.

LIRIO DOS TINTUREIROS ou GAUDA. *Reseda luteola*, Linneo, Bixineas. Planta que vegeta naturalmente na Europa, mas que se eultiva tambem em grande escala para uso da tinturaria. Em Portugal habita nos eampos nos arredores de Lisboa, Coimbra e outras partes. Caule erecto, roliço, de 30 centimetros ou mais, inferiormente ramoso; folhas lanceoladas, inteiras, ordinariamente onduladas; raiz perpendicular; flores mui pequenas, verde-amarelladas, dispostas em espiga terminal. Logo que a semente amadureee, arranca-se a planta eom a raiz, faz-se seeear ao sol, e formão-se com ella mólhos de 6 a 7 kilogrammas. Tira-se de toda a planta uma bella côr amarella mui solida, que se fixa com pedrahume. Tinge-se tambem com ella de verde, empregando aetato de eobre como mordente. Prepara-se com esta planta uma laca amarella para uso dos pintores.

LITHARGYRIO. *Veja-se* CHUMBO, vol. I, pag. 586.

LITHIA. Oxydo de lithio, metal deseoberto em 1818 em alguns mineraes da Sueeia. O *carbonato de lithia*, que é em pó branco, sabor alealino, soluvel na agua, exeree uma açção dissolvente sobre o acido urieo, e foi aeonselhado ultimamente contra a gota e areias, internamente, na dóse de 50 eentigrammas a 1 gramma (10 a 20 grãos) tres vezes por dia, em agua. Muitas aguas mineraes o contém, como as de Carlsbad na Bohemia, Viehy em França, e as de Moura no Alemtejo em Portugal, segundo assegura o Dr. Beirão. O Sr. Viseonde de Villa-Maior aehou-o nas aguas de Moura no Alemtejo; e é a razão porque estas aguas se tem sempre mostrado profieuas no tratamento das affeeções caleulosas.

LITHOTRIGIA. Esta palavra designa a destruição da pedra na hexiga, sem operação sanguenta, por meios meeanieos

que reduzem a pedra a pó ou a fragmentos tão pequenos, que se torna fácil a sua expulsão pelo canal da urethra. Esta descoberta pertence inteiramente aos modernos. A ideia de destruir mecanicamente as pedras na bexiga devia ter vindo certamente ao espirito de todas as gerações de cirurgiões, mas só foi realizada em 1820. Aos cirurgiões francezes pertence a honra dos primeiros trabalhos racionaes sobre este ponto : o Dr. Leroy foi quem inventou os instrumentos chamados *lithotritores*; o Dr. Civiale foi o primeiro que operou sobre o homem vivo.

No momento da operação, a bexiga deve achar-se estendida. Para este fim, faz-se a injeção d'agua morna na cavidade vesical mediante uma sonda particular, que serve ao mesmo tempo para verificar a presença da pedra. Depois de retirada esta sonda, introduz o cirurgião o lithotritor. Às vezes esta introdução é dolorosa, por causa do grande volume dos instrumentos comparativamente á largura do canal, ou por causa da sensibilidade do doente. Quando o instrumento chegou á bexiga, é preciso certificar-se da posição da pedra, e para agarrar-la é necessario abrir e fechar o instrumento muitas vezes e em differentes direcções. O cirurgião julga que a pedra está segura quando o instrumento não pôde ser fechado completamente. Então fixa a pedra solidamente entre as divisões do lithotritor e procede á sua destruição. Os meios de destruição que se empregão referem-se aos dois pontos seguintes: 1º instrumentos que raspão e reduzem pouco a pouco a pedra a pó; 2º instrumentos que a quebrão.

Depois de quebrar a pedra, é preciso segurar os differentes pedaços para tornar a dividi-los e facilitar a sua expulsão. Faz-se isto no mesmo dia ou em dias afastados. Depois de cada operação, o instrumento deve ser fechado exactamente e tirado com vagar e cautela. O doente toma um banho d'agua morna e fica de cama. Alguns doentes supportão tão facilmente a lithotricia, que podem ir apresentar-se ao medico e voltar para casa depois da operação. As operações repetem-se com intervallos mais ou menos longos, conforme o volume da pedra e a sensibilidade dos doentes.

Em algumas circumstancias, a lithotricia é uma operação pouco dolorosa, de duração curta e inoffensiva; mas ordinariamente produz dôres vivas e constitue uma operação longa e penosa. Entretanto é uma das mais bellas conquistas da cirurgia; mas nem sempre pôde substituir a operação que consiste em extrahir a pedra por mcio da incisão e que se chama *lithotomia*. *Veja-se* o artigo PEDRA.

LITTERATOS. (HYGIENE E MOLESTIAS DOS). V PROFISSÕES.

LIXIVIA. *Veja-se* BARRELA.

LOBELIA INFLADA. *Lobelia inflata*, Linneo. Lobeliaceas. Planta que habita nos Estados-Unidos da America do Norte. Caule ramoso na parte superior, guarnecido de folhas irregularmente denteadas, um pouco pubescentes; flores pequenas, de pedicello curto, dispostas em cachos em fórma de espigas; corolla azul pallida : fructo, capsula ovoide, inflada. Esta planta é colhida, caule, folhas e flores misturadas, pelos quacres de New-Lebanon, e posta sob a fórma de quadrados compridos, fortemente comprimidos, e do peso de meia ou uma libra. É então de um verde amarellado, de cheiro nauseoso e irritante, e de sabor acre semelhante ao fumo. Parece conter um principio acre semelhante á nicotina. Emprega-se contra a asthma, em *infusão*. que se prepara com 4 grammas (1 oitava) de lobelia e 180 grammas (6 onças) d'agua fervendo. A *tintura* (lobelia 1 parte, alcool 5 partes), administra-se, nos mesmos casos, na dóse de 20 a 30 gottas, de meia em meia hora. Suspende-se o seu uso logo que produza enjôos ou vomitos.

LOBINHO, Lupia. Tem-se dado estes nomes a tumores nascidos por baixo da pelle, indolentes, circumscriptos, moveis, do volume de uma ervilha até ao de uma laranja. São formados por um sacco que contém um fluido analogo, por sua consistencia, á clara de ovo, ou uma materia semelhante ao mel, ou uma substancia que foi comparada ás papas, ou materia gordurosa mais ou menos consistente. Estes tumores podem desenvolver-se em todas as regiões do corpo, mas com especialidade na cabeça e no rosto. Suas causas são muito obscuras; parece que é necessaria uma predisposição para as pancadas poderem produzi-los; certas familias lhes são mais dispostas. O lobinho simples não é perigoso por si, mas póde tornar-se muito incommodo ou produzir deformidade. Alguns lobinhos, e principalmente os que affectão as palpebras, desapparecem espontaneamente; mas no maior numero de casos persistem, e os doentes são obrigados a reclamar os soccorros da arte. A cauterização ou a extirpação dos tumores são os meios de cura-los; não se deve contar com os effeitos dos emplastos ou pomadas em que algumas pessoas tem confiança. Não é necessario operar os lobinhos pequenos e multiplos.

LOBO. Fig. 346. Animal mamifero, da ordem dos Carnivoros, do genero cão. Encontra-se nas regiões frias e temperadas do globo, habita nos matos, e é insociavel. Tem de comprimento desde o focinho até á raiz da cauda 1 metro, e de alto perto de 80 centímetros. Parece-se com o cão, mas differe pelo focinho mais alongado, orelhas sempre direitas, o tamanho maior e pela queixada. O *lobo ordinario* (*Canis lupus*), é de côr fulva, com o

focinho preto. Este animal, por seu appetite carniceiro, pela guerra contínua que faz aos rebanhos de ovelhas e aos outros animaes domesticos, é um dos animaes mais nocivos e mais temiveis. Esfamado, ataca mesmo o homem; entretanto a sua coragem não corresponde á sua força. A femea pare cinco a seis lobatos, a quem dá de mamar por algumas semanas, e logo os habitua a comer carne de animaes, dando-lh'a mascarada.

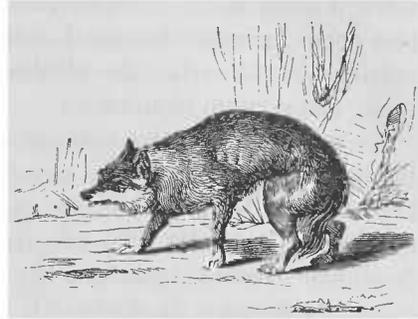


Fig. 346.

Lobo ordinario da Europa.

Além do lobo ordinario, os naturalistas distinguem o *Lobo preto* (*Canis Lycaon*), o *Lobo rubro da America* (*Canis jubatus*), côr de canella, com uma pequena crina preta ao longo do espinhaço; e o *Lobo do Mexico* (*Canis mexicanus*); que tem o ventre e os pés esbranquiçados.

A destruição dos lobos tem sido em toda a parte objecto da solicitude dos governos. Em França o governo concede recompensas pecuniarias por cada cabeça de lobo. Com estas providencias o numero dos lobos tem diminuido consideravelmente em toda a Europa; desapparecêrão completamente na Inglaterra: os ultimos n'este paiz forão mortos em 1710. São diversos os meios que se empregão para a sua destruição: fazem-se sahir do mato, perseguindo-os, e matão-se a tiro de espingarda; ou prendem-se em laços, taes como trapulas, laços de ferro, fossos, galerias.

LOCHIOS. *Veja-se* PARTO.

LOCO, CAA-POMONGA, CAA-JANDIWAP. *Plumbago scandens*, Linneo. Arbusto do Brasil, da familia das Plumbagineas; de folhas pecioladas, ovaes e glabras; ramos trepadores, sulcados; flores azues, dispostas em espigas terminaes. A raiz contém um succo acre, que goza de propriedades vesicantes; machucada, applica-se atraz da orelha nas dôres de ouvido.

LOËCHE. Suissa. Aguas salinas sulfatadas quentes.

Itinerario de Pariz a Loèche: Estrada de ferro até Sion, 20 horas. Carro de Sion a Loèche, 6 horas. Despeza 100 francos.

Loèche é uma aldeia da Suissa de 600 habitantes situada na margem direita do Rhodano, no fundo de um valle. As fontes mineraes, mui numerosas, fornecem um tal volume d'agua, que se estima a mais de 10 milhões de litros, em 24 horas. A mais importante é a fonte de *S. Lourenço*. A sua temperatura é de 51°

centigrados na nascente, 34°8 nas piscinas. É esta que se bebe, é ella que alimenta a maior parte das casas de banhos.

Esta agua é pouco gazosa, sem cheiro, e muito limpida. O seu sabor é quasi nullo. Resulta das analyses mais recentes que contém como principio essencial sulfato de cal, 1g,520 por litro. Os outros saes são carbonatos alcalinos. Contém tambem algum arsenico; não contém enxofre.

As aguas de Loèche usão-se pouco como bebida, muito em banhos, que se administrão em cinco principaes estabelecimentos. O costume é de banhar-se nas piscinas. Estas representão grandes quadrados abrigados com telheiros, de cerca de 1 metro de profundidade, onde cabem 30 a 40 pessoas. Ao lado de cada piscina existem gabinetes de duchas. É entre as 4 e 5 horas da madrugada que os doentes se dirigem ás piscinas. Vestem uma longa tunica de lã, e descem á piscina por uma especie de plano inclinado até á profundidade necessaria. Gradualmente a piscina enche-se de outras pessoas, e em pouco tempo está cheia. O banho dura uma, duas e mais horas. Todas as condições e idades estão reunidas no mesmo banho: crianças, moças, pessoas de idade, padres, militares, religiosas: tudo está no mesmo banho. Uns cantão, outros lêem, outros trabalham ou meditão. Cada banhista tem uma mesa fluctuante, especie de barquinho onde depõe o lenço, a caixa de rapé ou o almoço.

Este modo de banhar-se em commum existe em Loèche de tempo immemorial; tem por vantagem de entreter o espirito, e de abreviar, pela distracção, as longas horas do banho. Além d'isto, ha facilidade de banhar-se só em gabinetes separados; mas usa-se pouco. Ha tambem no *Hôtel des Alpes* e no *novo Banho* pequenas piscinas chamadas *de familia*, que se podem alugar para a estação. A duração d'estes banhos é hoje menos longa do que era antigamente.

Eis-aqui como se procede:

Principia-se por banhos de meia hora a uma hora; depois augmenta-se de uma hora por dia, até que se chegue a ficar no banho tres ou quatro horas de manhã, e duas depois do meio dia, antes de jantar. É o que se chama *alto banho*. Continua-se pela mesma fórma durante doze a quinze dias; depois diminue-se successivamente e na mesma proporção o numero das horas, de maneira a voltar ao ponto de partida. A duração total do tratamento é, termo médio, de 25 dias; mas muitas circumstancias podem obrigar o medico a modifica-la. A circumstancia mais importante é o *impulso* (*poussée*).

o *impulso* é a erupção produzida pelas aguas; sobrevem habi-

tualmente do sexto ao duodecimo dia. Os prodromos d'este estado podem ser imperceptiveis, bem que se manifestem quasi sempre pelos accessos febris mais ou menos regulares, e pelo estado saburroto do estomago. N'este periodo um vomitorio produz excellente effeito. Logo depois uma vermelhidão bastante viva, acompanhada de comichão e calor, mostra-se nos joelhos e nos cotovelos; espalha-se nos braços, ventre, peito, costas; invade assim gradualmente o corpo inteiro, poupando sómente as mãos e o rosto. A esta vermelhidão succede ordinariamente uma verdadeira erupção; á medida que apparece, o movimento febril e os outros symptommas diminuem. Quando o impulso chegou ao auge, diminue successivamente, e então principia, como nos sarampos, o periodo de descamação: com ella tambem coincide o periodo decrescente dos banhos. O tratamento está então perto do fim.

As caldas de Loèche convem sobretudo nas molestias de pelle, nos rheumatismos chronicos, e na syphilis antiga; remedeião tambem os effeitos produzidos pelo abuso do mercurio.

A vida que se leva n'estas caldas é bastante monotona, por ser uma grande parte do dia destinada ao tratamento. Quando o tempo está bonito, as pessoas que tem a erupção podem sahir como as outras, sem receio de a fazer recolher, mas é preciso vestir-se convenientemente, e estar de volta cedo, porque as tardes são mui frias. A excursão mais interessante é a que conduz ao lugar chamado *Escadas*. As reuniões de noite tem lugar nos salões dos principaes hotéis, e sobretudo no *Hôtel des Alpes*, de todos o mais confortavel. Tocão-se ali varios instrumentos de musica, e dansa-se. — A estação thermal dura do 1º de junho até ao fim de setembro.

LOMBRIGAS. *Veja-se* VERMES INTESTINAES.

LONGEVIDADE. Longa vida. O termo ordinario da vida do homem que chega á velhice é de 80 annos; mas grande numero de exemplos antigos e modernos demonstrão que este termo está bem longe de ser absoluto, e que a duração da vida da especie humana póde ser muito maior. Segundo as pesquisas de Hufeland, achão-se nos Egypcios, Gregos e Romanos, muitos homens celebres que chegarão á idade de 100, 130 e mais annos. Os tempos modernos offerecem tambem muitos exemplos de longevidade: o celebre Haller cita mais de mil centenarios. D'estes exemplos, colhidos nos antigos e entre nós, póde-se concluir que a longevidade não tem epochas, e que em todos os tempos ella favoreceo os homens pouco mais ou menos n'um mesmo gráo.

As differentes *latitudes* do globo não são igualmente favoraveis á prolongação da vida. Os exemplos mais frequentes de longevidade são extrahidos sobretudo das regiões frias, como Suecia, Noruega,

Russia, Polonia, e Inglaterra; a França, e depois d'esta os Estados do sul da Europa. Os grandes frios abrevião a vida : sabe-se a este respeito que os povos das regiões polares (os Laponios, Esquimós e outros) vivem mui pouco. Quanto aos paizes intertropicaes, alguns escriptores tem dito que n'elles a vida é sempre curta; outros porém, e especialmente o Dr. Emilio Joaquim da Silva Maia, referem factos inteiramente contrarios. Forão publicados na *Revista medica* do Rio de Janeiro, pelo medico que acabei de citar, quarenta e cinco casos de Brasileiros que vivêrão mais de 100 annos; n'este numero achão-se individuos que contárão 125 e 130 annos. « O grande padre Antonio Vieira, diz o mesmo autor, estava tão persuadido que o Brasil era um paiz tão proprio para se prolongar a existencia, que quando se preparava em Lisboa, já sexagenario, para de novo voltar á Bahia, e alguém lhe perguntava que vinha cá fazer, respondia que vinha viver mais 20 a 30 annos : o que com effeito assim aconteceu. » Os viajantes que percorrêrão o Brasil, como Augusto de Saint-Hilaire, Spix e Martius, encontrarão pessoas de idade muito avançada; está, por conseguinte, bem provado que nos paizes intertropicaes os homens podem chegar á idade tão adiantada, como nos climas temperados.

Os paizes e os lugares de qualidades diversas exercem grande influencia na longevidade. Os campos abertos e fertes, as montanhas de uma elevação não excessiva, os paizes seccos, a favorecem singularmente. Os lugares baixos, as regiões humidas, as grandes cidades, abrevião, pelo contrario, a duração da vida humana. Debaixo das primeiras condições encontra-se grande numero de pessoas idosas; assim Hufeland cita uma aldeia *Remda* perto de Iena, em Allemanha, na qual os homens vivem tanto, que apenas morre todos annos um individuo sobre 60. Sabe-se, pelo contrario, que nas grandes cidades, principalmente Londres e Pariz, acha-se um centenario quando muito para 3,000 individuos, entretanto que a proporção geral é no campo de um para 1,400. A *humidade* dos terrenos, considerada em particular, diminue sensivelmente a duração da vida. Conhece-se a triste mortandade dos paizes pantanosos, d'aquelles onde se cultiva o arroz, dos matos virgens da Guyana; e em Hollanda, apezar de todas as providencias de salubridade de um povo civilizado, morre todos os annos um individuo sobre 24, entretanto que nos paizes vizinhos esta proporção é de 1 para 26, e que se acha assaz universalmente de 1 para 33.

Das *raças de homens*, a raça arabe, europea ou caucasica, é a que vive mais tempo. Depois d'ella a raça mongola, sobretudo na India e China, onde a brandura dos costumes e uniformidade dos

usos da vida parece que prolongão a sua duração. As raças negra e polar vivem menos.

O *estado social* não deixa de ter influencia na prolongação da vida. Tornando-se feliz, cercado-se de luxo, o homem abrevia consideravelmente a vida; mas d'esta observação verdadeira não se póde concluir, como tem feito alguns, que o estado selvagem póde ser favoravel á longevidade. Esta vida contra a natureza expõe o homem a muitos perigos e fadigas para poder prover ás suas necessidades : sobrecarregando-o de miseria, condemna-o a uma morte prematura. Assim, os dois extremos abreviãõ a vida, e o grão médio de civilização mostra-se mais favoravel á sua duração.

As pessoas idosas encontrão-se commummente entre as *mulheres*.

As fadigas da maternidade, as desordens da idade critica fazem perecer sem duvida grande numero d'ellas; mas, passada essa epoca, a longa persistencia das *mulheres* faz com que no total ellas gozem uma vida mais longa do que os homens. Segundo calculos muito exactos, que estabelecem a duração média da existencia para cada sexo em particular, está demonstrado que existe em favor das *mulheres* uma differença de quatro annos.

Condições especiaes da longevidade deduzidas das circumstancias da vida. Notão-se entre as principaes : 1º *um nascimento feliz e a termo* : elle suppõe pais sãos, moços, e chegados ao complemento do seu desenvolvimento, commummente fixado para os paizes intertropicaes de dezaseis a dezoito annos para a *mulher*, e de vinte e cinco a trinta para o *homem* : sabe-se que os filhos de pessoas mui moças são de uma delicadeza que põe em duvida a possibilidade da sua criação; que os dos velhos nascem enfermos, e que a maior parte dos meninos nascidos antes do termo morrem logo, ou não sobrevivem mais ou menos tempo scão por artificio; 2º *a amamentação materna ou alimentação dada por uma boa ama de leite*, continuada durante um anno pelo menos; 3º *a educação physica e moral da criança*, que deve favorecer de um modo igual a marcha da natureza no desenvolvimento de todos os orgãos; 4º *diversas partes da maneira de viver*, que mais influem na prolongação da vida, e que vou successivamente percorrer.

A *sobriedade* no comer e beber, e o cuidado de fazer escolha de alimentos sãos, constituem a primeira condição da vida longa. Quasi todos os exemplos de longevidade pertencem, com effeito, a pessoas notaveis pela grande frugalidade, e ao mesmo tempo pelo uso habitual da agua, e pela temperança das bebidas alcoolicas. Sabe-se a historia do celebre Cornaro, que, enervado pelos excessos de uma mocidade tormentosa, adoptou aos trinta annos uma

semelhante maneira de viver, e lhe deveo não só o restabelecimento da sua saude arruinada, mas ainda a velhice sã e adiantada a que chegou.

O homem prolonga a sua carreira quasi sempre no meio dos *exercicios* de uma vida laboriosa e occupada. Entretanto, se os trabalhos prolongão a existencia do homem, isto acontece só quando são conformes ás forças; raras são as pessoas idosas entre as que exercem officios mui pesados: o grande esforço que fazem gasta-lhes rapidamente a vida. Mas os trabalhos manuaes, constantes, regulares e moderados a que o homem se entrega, sobretudo ao ar livre, contribuem efficazmente para a sua duração. São pois frequentes os velhos entre os jardineiros, pescadores, agricultores, etc.

As *dignidades* e as *condições elevadas* não são geralmente favoraveis á duração da vida. Apenas achão-se alguns octogenarios na lista dos imperadores e dos reis. Em 300 papas, elevados quasi todos ao pontificado já depois de velhos, só se citão 5 que hajão attingido ou excedido os oitenta annos. Em compensação, os exemplos de longevidade abundão entre os religiosos retirados do mundo e submettidos ás regras de uma disciplina restricta. Os homens dados ao culto da philosophia (Epimenides, Democrito, Pythagoras, Zenon, Bacon, Kant), e das sciencias (Kepler, Newton, Euler, Buffon, Monge) tem-se tornado notaveis pela grande idade a que os conduzio uma vida regular, adornada pelo estudo e communmente livre dos cuidados e inquietações inseparaveis do bulicio do mundo. Entre os litteratos observão-se na verdade homens que chegarão a uma extrema velhice, quaes forão Anacreonte, Sophocles, Fontenelle, Voltaire; mas estes exemplos estão longe de servir de regra a tal respeito, pois poucos são os que chegão a viver muito tempo.

O *casamento*, quando é feliz e bem unisono, contribue poderosamente para a duração da vida. Todos os exemplos de longevidade são dados com effeito por pessoas casadas, das quaes algumas mesmo o forão muitas vezes. Fica portanto provado que o feliz effeito d'esta união depende de uma parte da fixidade que dá á existencia do homem, e que vem moderar a ambiciosa inquietação produzida pela sua isolacão, e de outra parte, que, subtrahindo-se o individuo aos excessos venereos, a que o expõem os attractivos da novidade, pratica a temperança, tão salutar á prolongação da vida. O celibato é contrario á longevidade. Sabe-se realmente que as religiosas raras vezes chegão á velhice.

As *ideias dominantes* alegres ou tristes, as occupações do mesmo genero, o character franco ou concentrado, folgazão ou pezaroso,

a serenidade da alma ou sua agitação, prolongão ou abrevião a vida.

As *molestias* interrompem tão commummente o curso ordinario da vida, que é bem raro que deixem ao homem o tempo de chegar ao seu fim natural; observa-se entretanto que as pessoas mui fracas, obrigadas a cuidar assiduamente da sua saude e a viver em um extremo regimen, tem devido á propria debilidade da sua constituição a vantagem de prolongar seus dias. Os gotosos passam no mundo por viverem bastante tempo, e a mesma vantagem tem sido confirmada em favor dos que são affectados de hemorrhoidas.

Meios de prolongar a vida. O homem não quer morrer, agarra-se a tudo o que lhe promete um longo futuro. Joven, não pôde considerar que, tendo vivido 26 annos e alguns mêzes, tenha já preenchido o contingente da duração de sua especie, e persuade-se que a elle só pertence o chegar a ser velho; o octogenario entrevê ainda, nos exemplos conhecidos de longevidade, o termo possivel de uma vida a que deve chegar. D'esta disposição nasce, sem duvida, o grande apreço que os homens de todos os tempos tem dado ao emprego dos meios de prolongar a vida.

Se me fosse permittido passar aqui em revista os pretendidos segredos de conservar a mocidade, gabados pelo charlatanismo e acolhidos pela credulidade, indicaria o uso vulgar dos emeticos e sudorificos, praticado na mais remota antiguidade, e dos elixires, dos balsamos, das pilulas de *longa vida* acreditadas nos seculos da barbaridade. Não deixaria emfim a *transfusão do sangue* de animaes novos nas veias de pessoas idosas, tentada infructuosamente e ha muito tempo justamente abandonada.

Mas outras praticas mais racionaes merecem que lhes prestemos toda a attenção. Por um systema originario da antiga Grecia, aconselha-se o exercicio contínuo de nossas forças e o gozo da natureza como os meios mais seguros de augmentar a consistencia dos principios da vida. Hippocrates e os philosophos do seu seculo punhão todo o segredo de uma longa vida na temperança, em um ar puro, no uso dos banhos, do exercicio, e principalmente no das fricções quotidianas. Outros davão como principaes os exercicios variados da gymnastica. Herodico, que exaggerou suas applicações, pareceo assim, augmentando os esforços, triumphar até da esfalção, e Platão quasi que o critica por ter prolongado d'esta sorte as mais miseraveis existencias. Os preceitos de Plutarcho, aos quaes elle mesmo deveo sua velhice, e que consistem em não esquecer-se do corpo pensando do espirito, e em oppôr a principio o jejum ás simples indisposições antes de recorrer aos medica-

mentos, merecem ser ainda conservados. Finalmente, a arte de prolongar a vida não se basêa em específico algum, nem em um meio de regimen particular, mas consiste na observancia das regras da hygiene, e principalmente na moderação de todos os actos da vida : questões que são tratadas em muitos lugares d'este Diccionario.

LOOCK. Palavra arabe que serve para designar uma poção, empregada nas molestias acompanhadas de tosse. As amendoas, o assucar, a gomma, a agua commum e a agua de flores de laranjeira, são as substancias que entrão na sua composição. Os loocks azedão facilmente, pelo que devem ser guardados em lugar fresco, e renovados todos os dias.

LOSNA. *Veja-se* ABSINTHIO.

LOUCURA, DOUDICE OU ALIENAÇÃO MENTAL. Perturbação das faculdades intellectuaes.

Causas. O sexo feminino, o temperamento nervoso, uma educação viciosa, o celibato, as profissões que exigem um grande esforço de espirito, que agitação fortemente e põem em lida a vaidade, a ambição, etc.; as grandes revoluções politicas, a superstição, os terrores religiosos, a saciedade de todos os gozos, os excessos venereos, os licores fortes, a leitura dos romances e dos máos livros, o ocio, a congestão cerebral frequente, são as causas que predispõem á loucura. Mas as causas que a determinão ordinariamente consistem quasi todas nas affecções moraes vivas ou contínuas, taes como a colera, o susto, uma perda subita de fortuna, uma felicidade inesperada, um pezar violento, os excessos de estudos, a ambição mallograda, o amor proprio humilhado, o ciume, os acontecimentos politicos, os pezares domesticos, o amor contrariado, o fanatismo, etc.

Symptomas. A invasão da loucura é lenta ou subita; mas, de qualquer maneira que principie, eis-aqui os symptomas geraes que lhe são proprios. Ordinariamente as impressões feitas sobre um ou mais sentidos são vivamente percebidas ou mal julgadas. Assim, os doudos umas vezes percebem vivamente e com desagrado a luz, os sons, os cheiros ou sabores; outras vezes tomão um objecto, um individuo, um ruido, etc., por outros. Às vezes vêem pessoas, ouvem vozes ou sons, e sentem cheiros que não tem realidade alguma e não existem senão no seu cerebro doente. As desordens das faculdades intellectuaes são extremamente variadas, e apresentam frequentemente a singular mistura de perfeita razão em certos pontos com delirio completo em outros. Em quasi todos os alienados a lembrança do passado é conservada, mas a indifferença completa ou a aversão para com seus parentes, filhos e amigos,

substitue os sentimentos de affeição; uma paixão, como a alegria e a tristeza, o medo e o terror, o pezar e o transporte, a astucia e a malicia; o orgulho e a vaidade, a inclinação ao suicidio ou ao homicidio, os desejos amorosos, dominão a desordem intellectual. Os alienados commettem ás vezes homicidios; doudos furiosos atirão-se, em seus accessos, a tudo quanto encontrão : uns imaginão reconhecer, nas pessoas que os rodeião, inimigos, espiões, genios malfazejos, carcereiros, dos quaes julgão dever vingar-se; outros julgão que Deos ou uma voz interna manda-lhes matar tal ou tal individuo. O Dr. Pinel cita o facto de um alienado que, em dois differentes paroxysmos, matou dois filhós seus para purifica-los por um baptismo de sangue, e fez muitas tentativas d'este genero sobre outras pessoas, sempre pelo mesmo motivo.

Os symptomas da loucura offerecem-se, em geral, ao observador sob tres aspectos principaes. Ás vezes o delirio tem só por objecto uma ideia fixa, dominante, exclusiva, ou consiste na exaggeração de uma paixão ou de uma inclinação, e em geral o doente discorre com muito acerto quando está distrahido do objecto que o preoccupa : este genero de loucura foi chamado *monomania*. Outras vezes o delirio é geral e estende-se a tudo, é sempre acompanhado de exaltação, e frequentemente de furor; toma então o nome de *mania*. Outras vezes, emfim, a uma indifferença ou apathia moral junta-se a inactividade, o enfraquecimento ou a perturbação completa da intelligencia; isto é, a *demencia*.

Eis-aqui as variedades principaes da monomania. Uns julgão-se reis, imperadores, papas, prophetas, rainhas, princezas, e suas acções correspondem a estas ideias; outros queixão-se de ter perdido a amizade das pessoas que lhes são mais caras; estes tem desejos venereos violentos; aquelles a cabeça preocupada de um objecto que adorão, que ornão de todos os encantos, ao qual fallão sem cessar (*erotomania*). Alguns são atormentados por escrupulos religiosos, perseguidos pelo medo do inferno (*monomania religiosa*). Outros julgão-se em poder do diabo (*demonomania*). Em alguns monomaniacos a tristeza, o aborrecimento, o pezar, o temor, são symptomas dominantes (*melancholia*); em outros predomina o odio a seus semelhantes (*misanthropia*). Ha alguns que se julgão transformados n'um individuo de outro sexo, ou em cão, leão passaro, etc.

Duração e prognostico. A loucura não é sempre contínua; de ordinario é intermittente. A sua duração é variavel; assim, póde ser sómente de oito a quinze dias, ou alguns mezes na mania; mas muitas vezes é de um ou muitos annos, e até póde durar toda a vida. A loucura póde curar-se pela reaparição de uma secreção

ou de uma hemorragia supprimida, por vomitos, evacuações alvinas abundantes, por suores, hemorragias espontaneas, e além d'isto pela maior parte das impressões moraes vivas.

Tratamento. Os loucos devem estar isolados, separados de todas as pessoas com que vivião, e collocados de maneira que possam ser facilmente vigiados. É neccessario tomar todas as precauções para impedir que se matem, se elles tem inclinação ao suicidio. Os alienados inquietos ou furiosos devem ser subjugados com a camisa, e até amarrados, se fôr necessario. Nunca se devem avivar as ideias ou as paixões d'estes doentes no sentido do seu delirio; é necessario não combater suas opiniões desarrazoadas pelo raciocinio, discussão, opposição ou zombaria; e convem fixar sua attenção sobre objectos estranhos ao delirio, e communicar a seu espirito ideias e affecções novas.

O tratamento da loucura é difficil e complicado; e é quasi impossivel que as familias possam fazer o que convem. Só a presença das pessoas e cousas habituaes é um grande obstaculo á sua cura. Interesses de muitos generos combinão-se para determinar as familias a encerrar os alienados nos estabelecimentos publicos ou particulares. Primeiro que tudo, a segurança publica impõe justamente esta obrigação. A liberdade, que se deixa a estes doentes em seus domicilios, compromette a vida d'elles e a das pessoas que os rodeião; mil motivos devem fazer preferir a sua morada em um estabelecimento proprio. A experiencia prova que um muito maior numero de loucos são curados nos estabelecimentos do que quando são conservados no seio de suas familias.

No Rio de Janeiro, até ao anno de 1841, não havia outro asylo para os loucos senão o hospital da Misericordia, onde estes infelzes se achavão na mais miseravel posição. Já desde o anno de 1830 a Sociedade de Medicina clamava contra tal estado de cousas, e fez a este respeito vivas representações á administração. O sabio secretario da Academia de Medicina, o Sr. Dr. De-Simoni, em uma Memoria cheia de convicção e de logica que publicou, fez sentir a necessidade da creação de um estabelecimento separado em que os loucos pudessem ser submettidos a um tratamento conveniente. Algumas commissões da Camara Municipal, encarregadas da visita dos hospitaes, representárão tambem energicamente no mesmo sentido. Estes brados da sciencia e da humanidade acharão echo no coração do Monarcha Brasileiro o Senhor D. Pedro II; e ao digno Provedor da Santa Casa, o Conselheiro José Clemente Pereira, coube a gloria de realizar o pensamento do Augusto Imperador. Este illustre philanthropo é o principal autor a quem a cidade do Rio de Janeiro deve a formação da casa para os alie-

nados, na praia Vermelha, n'um dos lugares mais salubres dos arredores do Rio de Janeiro. Para levar ao cabo este grande projecto, S. Exc.^a. recorre ao patriotismo e á generosidade dos habitantes da côrte; muitos acudirão ao seu chamado, e citarei, entre as mais importantes subscripções, as do Commendador Thomé Ribeiro de Faria, Barão de Guapymirim, que deo sessenta contos de reis, do Barão de Pirahy, do Commendador José de Souza Breves e do Barão de Santa Luzia. S. M. I. o Senhor D. Pedro II, tomou a empreza debaixo da sua alta protecção, favorecendo-a com a sua costumada generosidade. S. M. a Imperatriz viuva, como tutora de sua augusta filha, a Senhora princeza D. Maria Amelia, contriuiuio tambem para esta grande obra. Hoje a cidade do Rio de Janeiro possui um dos mais bellos estabelecimentos para os alienados.

As sangrias abundantes estão já em parte riscadas do tratamento da loucura. Entretanto, é util recorrer á sangria, nos individuos robustos, após uma suppressão de hemorrhagia habitual, ou quando ha symptomas de congestão cerebral. Os banhos frios, as duchas, as applicações frias sobre a cabeça, são meios uteis. Empregão-se com vantagem os causticos na nuca e os purgantes. As viagens, a musica, as distracções, os trabalhos de jardinagem, curão ás vezes certos monomaniacos: são sobretudo vantajosos na convalescença para consolidarem a cura.

Se se pudesse obter dos doudos um trabalho mecanico quotidiano de muitas horas e ao ar livre, as curas serião muito mais numerosas. O maior obstaculo no tratamento da loucura é a exaltação do pensamento: ora, não ha cousa melhor para refrear a actividade das ideias do que os exercicios physicos prolongados, e até cançarem, como a agricultura, as artes mecanicas, a caça, etc. A gymnastica reúne muitas vantagens no tratamento da loucura. Primeiramente, o doudo que faz muito exercicio pensa menos e sente menos; depois, o trabalho imprime ás suas ideias una direcção vantajosa; emfim, o exercicio dispõe ao somno, que é um grande beneficio para muitos doudos. As viagens continuadas por muito tempo a pé ou a cavallo, sobretudo nos paizes montanhosos, são muito mais proficuas do que as que são feitas em sege. Os incommodos d'essas viagens, a que os doentes não estão acostumados, produzem os melhores effeitos.

A dieta é raramente util, e podem-se permittir sem receio os alimentos que os doentes desejão. As insomnias são mui communs no começo da loucura; combatem-se pelo exercicio, por banhos mornos prolongados tomados no momento de se deitar, abstinencia do café e das bebidas espirituosas. Se isto não fôr sufficiente,

póde-se dar á noite uma chicara de amendoada com vinte gottas de laudano, ou uma pilula de opio de 5 centigrammas (1 grão), ou 1 gramma (20 grãos) de chloral hydratado.

Convem combater a prisão do ventre com clysteres de linhaça, limonada de tamarindos ou alguns purgantes.

LOURO-CEREJA. *Prunus lauro-cerasus*, Linneo. Rosaceas-mygdaleas. Arbusto originario das margens do Mar Negro. Fig. 347. Tem folhas grandes, ovaes, alongadas, agudas, dentadas, duras, mui lisas e luzidias;



Fig. 347. — Louro-cereja.

as flores brancas. A estas succedem fructos arredondados, denegridos, com um caroço, dentro do qual se acha uma amendoa muito amargosa e com cheiro de amendoas amargas ou de acido prussico. O louro-cereja é um vegetal mui perigoso: todas as suas partes, e principalmente as folhas, contém um dos venenos mais subtis e violentos, o acido prussico, ao qual todas as partes d'este arbusto devem o cheiro de amendoas amargas.

Com as folhas de louro-cereja prepara-se a agua distillada e o oleo essencial que se empregão em medicina como calmante, a primeira na dóse de 10 a 40 gottas n'uma poção, e o segundo (o oleo) na dóse de 1 a 4 gottas n'uma emulsão de 180 grammas (6 onças), que se administra ás colheres de hora em hora, havendo o cuidado de mexer a emulsão no momento de toma-la.

Os accidentes que póde produzir o louro-cereja são os do acido prussico. O tratamento acha-se indicado no artigo ENVENENAMENTO PELO ACIDO PRUSSICO, vol. I, pag. 932.

LOURO ORDINARIO. *Laurus nobilis*, Linneo. Lauraceas. Arbusto originario da Grecia, cultivado nas hortas do Brasil e de Portugal, onde tambem habita espontaneamente nas matas da Arrabida, de Monchique e outras. Tem as folhas ellipticas, em fórma de lança, agudas, um pouco duras e luzidias. Os fructos pretos, pequenos, redondos, alongados, contém uma amendoa. As folhas são de cheiro aromatico, sabor amargo e picante, e empregão-se como tempero nos mólhos. — O chamadô unguento de louro, de que se faz uso na medicina veterinaria, e que se vende nas pharmacias, é a gordura corada de verde com anil e

curcuma, na qual se infundirão folhas ou bagas de loureiro. Também ha um oleo espresto das bagas de loureiro, de aspecto grumoso, que se emprega em fricções como estimulante nas paralyrias. — Na antiguidade, entre os Gregos e Romanos, os ramos de louro tinham grande importancia nas ceremonias religiosas. Era com elles que se coroaão os poetas e os guerreiros. Na idade média coroaão-se com ramos de loureiro, dos quaes pendião as suas respectivas bagas, os novos doutores, na sua formatura, e d'ahi se derivou o nome de *baccalaureatus*, dado ao primeiro gráo academico.

LOURO-ROSA. *Veja-se* ESPIRRADEIRA.

LUCCA. Italia. Aguas salinas sulfatadas quentes.

Itinerario de Pariz a Lucca. Estrada de ferro de Pariz a Lucca 37 horas; diligencia de Lucca aos banhos 2 horas. Despeza 170 francos.

Lucca é uma cidade da Italia, de 23,000 habitantes. Os banhos não se achão mesmo na cidade, porém n'uma aldeia distante de Lucca 20 kilometros. Percorre-se, para chegar ali, uma bella estrada que, depois de atravessar uma planicie abundante em vinhas e pastagens, penetra n'um valle plantado de castanheiros magnificos. É ao pé dos montes Apeninos, sobre a ladeira do outeiro Corsena que se achão os cinco estabelecimentos thermaes. Um outro estabelecimento dista da aldeia cerca de meia legoa. Estes diversos banhos tem uma organização elegante e ao mesmo tempo severa; as banheiras e as piscinas são de marmore.

As fontes que alimentão os banhos são numerosas e abundantes; a sua temperatura varia de 31° a 56° cent. A agua é limpida, sem cheiro e quasi sem sabor, o que explica a sua pouca mineralização, que é quasi a mesma para todas. 1 litro da fonte Barnabe, a mais empregada de Lucca, contém só 2^g,637 de saes que são o sulfato de cal, de magnesia, carbonato de cal, silica, alumina, ferro, e um pouco de gaz acido carbonico.

Estas aguas, usadas em bebida, e sobretudo em banhos e duchas, são empregadas nas affecções rheumatismas e gotosas, nas molestias cutaneas e escrophulosas, na chlorose, nos engurgitamentos das visceras abdominaes.

LUCHON. Aguas mineraes. *Veja-se* BAGNERES DE LUCHON.

LULA. *Loligo*, Lamarck. Fig 348. As lulas são molluscos pertencentes ao grande genero das *sibas*. São notaveis por uma lamina cornea, sob a fórma de espada ou de lanceta, que tem no dorso em lugar da concha. A cabeça é guarnecida de 8 pés, e de 2 tentaculos muito mais compridos, armados de chupadores na ponta que é mais larga. Estes servem-lhes para apalpar os objectos, ou agarrar a presa. É um animal marinho que se encontra na beira-

mar. As lulas tem, como as sibas, no figado um sacco que contém um liquido preto, especie de tinta empregada na pintura, sob o nome de *sepia*. Derramão este liquido na agua, quando são perseguidas por algum inimigo. São muito ligeiras, e nadão para traz com muita agilidade; ás vezes até se atirão fóra da agua. O seu tamanho é variavel, conforme as especies, que são superiores a vinte. A lula commum (fig. 348) é a mais conhecida. Serve como alimento, de que se faz uso frequente no Rio de Janeiro; cozida com arroz, ou com vinho, constitue uma comida sã e agradável. Serve tambem de isca aos pescadores.

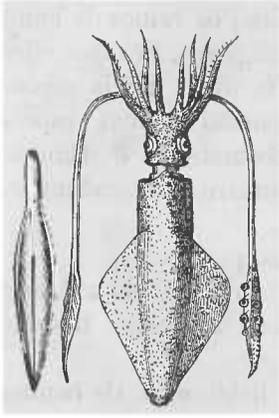


Fig. 348. — Lula.

LUMBAGO. *V* DÔR DE CADEIRAS.

LUNAR. *Veja-se* SIGNAL DE NASCENÇA.

LUNATICO. *Veja-se* SOMNAMBULISMO.

LUPARO. *Veja-se* LUPULO.

LUPIA. *Veja-se* LOBINHO.

LUPO. Molestia chronica da pelle, que apparece quasi sempre no rosto, caracterizada por manchas, e as mais das vezes por tuberculos violaceos ou avermelhados; estes transformão-se em ulceras, que tem grande tendencia a destruir em profundidade e em superficie os tecidos vizinhos. O lupo mostra-se especialmente no rosto, onde occupa sobretudo o nariz, as faces e os labios. No tronco, ataca com preferencia o peito e os hombros; não é mui raro no pescoço nem na face externa dos antebraços, nem no peito nem na face dorsal da mão, que são os pontos dos membros mais frequentemente invadidos pelo trabalho destruidor. Emfim, attinge, ás vezes, na mulher as partes externas da geração.

Causas. O lupo affecta com preferencia as crianças, e os individuos jovens, sobretudo de doze a vinte e cinco annos; quasi nunca apparece depois dos quarenta annos. Tem uma frequencia igual no homem e na mulher; ataca especialmente os individuos lymphaticos e escrophulosos. Ignorão-se as causas que podem desenvolver esta molestia.

Symptomas. A molestia principia quasi sempre pelo desenvolvimento de um ou de muitos pequenos tumores duros, de côr rubra escura e indolentes, podendo ficar estacionarios durante um tempo mais ou menos longo, mas acabando tarde ou cedo por se transformarem em ulceras. Todavia, em alguns casos, em vez de principiar por um tuberculo, o lupo começa por uma simples

vermelhidão violacea; depois pouco a pouco a pelle adelgaça-se e ulcera-se. Qualquer que seja o modo de invasão, estabelecida a ulceração, a superficie doente fornece uma materia acre, que excoria as partes vizinhas, e cobre-se de crostas cinzentas mais ou menos grossas. A ulceração póde permanecer superficial durante muito tempo; mas frèquentemente faz progressos em profundidade, e não só corroe a pelle em toda a sua espessura, mas destroe além d'isto as partes molles sub-jacentes. Acontece ás vezes que estendendo-se de um lado, a ulceração sára do outro; a cicatriz que se forma então é desigual, indelcvel, e parece-se exactamente com a que succede aos diversos grãos de queimadura. No rosto, horrendas deformações resultão d'este trabalho destruidor. O nariz fica ás vezes inteiramente destruido, e não apresenta no seu lugar senão uma abertura triangular dividida pelo septo das fossas nasaes; as palpebras ficão viradas e vermelhas; os labios, e as faces estão roidas; perforadas, sulcadas de regos desiguacs, formados por cicatrizes disformes. Emfim o rosto, entumecido, desfigurado, privado de seus lineamentos mais salientes, torna-se n'estes infelizes um objecto de horror que inspira aos outros e a elles mesmos uma aversão quasi invencivel. O que ha de notavel, é a pouca dôr que geralmente acompanha tão grandes desordens. Alguns doentes queixão-se só de comichão e ardor. É raro tambem que a saude geral se altere. Com effeito, quasi sempre as funcções importantes executão-se com regularidade; não ha febre; as forças conservão-se, não havendo complicações.

Comtudo o lupo não se apresenta sempre com os mesmos caracteres. Offerece, com effeito, muitas variedades intermedias, desde o seu estado mais benigno, até ao gráo mais intenso; de sorte que, comparando os dois extremos, dir-se-hia que são duas molestias inteiramente differentes. Admittem-se tres varicdades principaes: 1º o lupo que se estende em superficie; 2º o lupo que destroe em profundidade; 3º lupo hyperthrophico. No primeiro caso não ha, de ordinario, nem tuberculos nem crostas; a pelle sómente enrubece, adelgaça-se e exfolia-se; é lisa, luzidia e parece-se com a cicatriz recente de uma queimadura superficial. Deixando a molestia de progredir, a vermelhidão desaparece; não se fazem mais exfoliações epidermicas, mas a pelle fica delgada, luzente, lisa, e como se tivesse perdido alguma cousa de sua espessura. Ás vezes, esta especie de lupo principia por pequenos tuberculos, cujos apices se tornão em ulceras. A ulceração póde então invadir uma grande superficie, todo o rosto, por exemplo. — Na segunda variedade, o lupo esgota ás vezes sua acção sobre um ponto circumscripto. como a ponta do nariz ou uma face, que cava e perfora n'um

tempo mui breve. — O lupo com hypertrophia apparece quasi sempre no rosto, e não se observa senão nos individuos escrophulosos; é acompanhado de uma tumefacção ás vezes enorme de todas as partes do rosto. Estas differentes variedades podem encontrar-se no mesmo doente.

Tratamento. O tratamento do lupo é primeiro que tudo local; é preciso modificar a vitalidade do lugar affectado pelo emprego de substancias irritantes e mesmo causticas: assim, no principio da molestia fazem-se unções com pomada de protoiodureto e biiodureto de mercurio, de iodureto de enxofre, ou com estoraque liquido. Eis-aqui a composição d'estas pomadas:

Pomada de protoiodureto de mercurio.

Protoiodureto de mercurio.	1 gramma (20 grãos)
Banha benzoinada.	20 grammas (5 oitavas).

Pomada de biiodureto de mercurio.

Biiodureto de mercurio...	60 centigram. (12 grãos)
Banha benzoinada.	30 grammas (1 onça).

Pomada de iodureto de enxofre.

Iodureto de enxofre..	1 gramma (20 grãos)
Banha benzoinada.	20 grammas (5 oitavas).

A estes meios associar-se-hão fumigações com vapores aromaticos, provenientes da infusão de alecrim, alfazema e de hortelã, em agua a ferver

Existindo a ulceração, convem recorrer á cauterização. Esta faz-se com pedra infernal, com massa de chlorureto de zinco, ou com massa caustica de Vienna. Antes de operar, cumpre fazer cahir as crostas por meio de cataplasmas de fecula; depois applica-se a substancia caustica sobre toda a superficie doente, e mesmo além de seus limites; cahida a escara, cura-se a ulcera com ceroto simples ou glicerina; se a ulcera não se tornou de melhor aspecto, repete-se a cauterização; é raro que uma só seja sufficiente.

O tratamento interno compõe-se de infusão de lupulo, e de oleo de figado de bacalháo. A infusão de lupulo toma-se na dóse de uma chicara por dia, e o oleo de figado de bacalháo na dóse de 60 a 120 grammas (2 a 4 onças) e mesmo mais por dia. O regimen deverá ser mais animal do que vegetal. Os banhos do mar tambem aproveitão muito.

LUPULO ou LUPARO. *Humulus lupulus*. Linneo. Cannabineas. Fig. 349. Planta mui cultivada na Europa; em Portugal habita nos arredores de Coimbra, Porto e outras partes do norte do Reino; no Brasil cultiva-se na provincia do Rio Grande do Sul. Os fructos chamados pinhas, entrão na composição da cerveja, á

qual comunicação o sabor amargo que se lhe conhece, e a propriedade de se conservar por muito tempo sem azedar. Estes fructos são cônes, compostos de escamas foliaceas, de côr amarella-esverdeada, coberta de pequenos pellos, dos quaes sahe uma especie de poeira chamada *lupulino*; sabor amargo, cheiro viroso. Estas mesmas pinhas, sob a fôrma de infusão ou decocção, na dose de 4 grammas (1 oit.) para 360 gram. (12 onças) d'agua fervendo, empregão - se como tonico nas escrophulas, escorbuto, falta de appetite, e quando é preciso fortificar a constituição.

LUXAÇÃO. Veja-se DESLOCAÇÃO.

LUXEUIL. França. Aguas ferruginosas frias e tepidas, e aguas salinas quentes.

Itinerario de Pariz a Luxeuil : Estrada de ferro até á estação Saint-Loup, 9 horas 40 minutos. Carro de Saint-Loup a Luxeuil, hora e meia. Despeza total 45 francos.

Luxeuil é uma pequena e linda cidade da França de 3,750 habitantes. As suas thermas remontão a mui alta antiguidade, e os seus banhos são anteriores á conquista pelos Romanos da antiga Gallia, hoje França. Durante as invasões dos barbaros, os banhos de Luxeuil forão muitas vezes destruidos e reconstruidos. A ultima reconstrucção data de 1768. Melhoramentos e augmentos forão feitos depois pelo Estado, que se tornou proprietario das fontes; hoje o estabelecimento thermal de Luxeuil é um dos mais bellos da Europa.

Luxeuil possui 2 fontes *ferruginosas* e 16 fontes *salinas*.

1º **Fontes ferruginosas.** Designão-se debaixo do nome da



Fig. 349. — Lupulo.

- a*, lupulino de tamanho natural; *b*, lupulino visto de lado pelo microscopico; *c*, o mesmo visto perpendicularmente do lado convexo.

fonte do *Poço Romano* (*Puits Romain*), e da fonte do *Templo* (*Temple*).

A agua do *Poço Romano* tem 27°,9 centigrados de temperatura, é limpida ao sahir da fonte, mas turva-se ao contacto do ar, deixando depositar um precipitado amarello; o seu sabor é ferruginoso e estyptico.

A agua da fonte do *Templo* tem só 19°,6 de temperatura; é tambem limpida, mas deixa depositar um precipitado amarello; tem o sabor estyptico.

Eis-aqui a composição d'estas aguas segundo Leconte. 1 litro d'agua contém :

	Poço Romano.	Templo.
Sesquicarbonato de potassa	0g,01909	0g,01551
Sulfato de soda . .	0g,06865	0g,10826
Chlorureto de sodio.	0g,23596	0g,11122
Carbonato de cal.	0g,04011	0g,15480
— de magnesia.	0g,00990	0g,02428
Fluorureto de calcio..	} 0g,00239	0g,00350
Alumina.		0g,00479
Sesquioxydo de ferro..	0g,00939	0g,02500
Oxydo rubro de manganez..	0g,00499	0g,01220
Acido silicico	0g,04100	0g,03120
Materias organicas e perda.	0g,00911	0g,00405
Iodo e arsenico..	Vestigios mui pequenos.	
Total das materias fixas.	<u>0g,44059</u>	<u>0g,54199</u>
Gaz oxygeno.	0g,42	0g,60
— acido carbonico	30g,58	75g,95
— azoto	9g,42	17g,15

As aguas ferruginosas formão um dos elementos mais importantes da estação thermal de Luxeuil.

2° **Fontes salinas** (*chloruretadas sodicas*). São 16, porém nem todas são utilizadas. A sua temperatura varia de 30° a 56° centigrados. Os outros caracteres physicos as distinguem apenas uma da outra. As aguas d'estas fontes são limpidas, unctuosas ao tocar, de sabor levemente salino. A composição chimica de todas parece a mesma. Eis-aqui o resultado da analyse da fonte chamada dos *Benedictinos*, feita pelo chimico Leconte. 1 litro d'agua contém :

Sesquicarbonato de potassa	0g,03084	Alumina	} 0g,01145
Chlorureto de potassio....	0g,01861	Oxydo de manganez . . .	
— de sodio.. . .	0g,72957	Sesquioxydo de ferro....	
Sulfato de soda.... . . .	0g,19206	Acido silicico.....	0g,08619
Carbonato de cal.....	0g,04421	Materias organicas.....	0g,03019
— de magnesia....	0g,00215	Iodo e arsenico.....	vestigios fracos.
		Total das substancias solidas	<u>4g,14557</u>

A maior parte das aguas salinas de Luxeuil contém gaz azoto que se desenvolve em notavel quantidade de algumas d'ellas.

As aguas de Luxeuil usão-se em banhos, duchas, banhos de vapor e como bebida.

O serviço balnear comprehende 7 piscinas, 18 banheiras simples, 38 banheiras com duchas, 2 grandes duchas, 4 duchas ascendentes, 19 duchas de injecção, 2 estufas, 8 bicas para beber a agua mineral.

As aguas de Luxeuil empregão-se nas differentes nevroses, rheumatismos, chlorose, anemia. A estação thermal dura do 1º de maio a 15 de outubro. A morada em Luxeuil é agradável; existe ali um cassino mui bem installado; o clima é salubre, os passeios são numerosos e variados.

LUZETRO. *Veja-se MALEITEIRA.*

LYCOPODIO. *Lycopodium clavatum*, Linneo. Lycopodiaceas. Planta reptante que habita sobretudo na Allemanha e Suissa, e cujas capsulas contém um pó amarello, leve, inodoro, insipido, inflammavel, empregado na pharmacia para envolver as pilulas, e em medicina para polvilhar as excoriações e assaduras das crianças. Este pó é susceptivel de inflamar-se quando se lança sobre a chamma de uma vela ou qualquer outro corpo em ignição, e arde sem cheiro; utilizão-se estas propriedades no theatro para simular relampagos, e para fabricar tochas ardentes.

LYMPHA. Fluido transparente, de côr amarellada, contido nos vasos lymphaticos. Provém de todas as materias que a absorpção interna recolhe nas diversas partes do corpo. Recebe no seu curso o chylo, entra de mistura com elle nas veias, e vem a ser um dos materiaes do sangue.

LYMPHATICO. Que é relativo á lymphá.

Systema lymphatico. Reunião dos orgãos que concorrem para a formação e circulação da lymphá, a saber as glandulas e os vasos lymphaticos. Estes são mui delgados, transparentes; suas paredes, como as de todos os vasos, são formadas de muitas membranas; apresentam em todo o seu comprimento uma serie de expansões

produzidas pelas valvulas interiores, que favorecem a circulação impedindo o refluxo da lymphá.

Glandulas ou *ganglios lymphaticos*. Orgãos do volume de uma lentilha até ao de uma avelã, mas podendo augmentar consideravelmente pela inflammação; estão collocados sobre o trajecto dos vasos lymphaticos, sobretudo nas dobras das grandes articulações, na vizinhança dos pulmões, dos seios, etc.

Temperamento lymphatico. Aquelle em que a pelle é fina, branca, e em que as glandulas lymphaticas tem tendencia a engurgitarem-se, inflammarem-se, e a serem affectadas de diversas molestias.

LYMPHATITE OU ANGIOLEUCITE. Inflammação do systema lymphatico.

Symptomas. Quando a inflammação occupa os vasos lymphaticos superficiaes, apparecem na superficie da pelle cordões, fitas, ou simples chapas, de côr rosea ou violacea. Estas fitas são irregulares, tortuosas, e mais ou menos intensas; correm ás vezes sobre todo o comprimento de um membro, e tem quasi sempre por ponto de partida qualquer alteração da pelle, como uma ferida, uma inflammação ou uma suppuração. A lymphatite principia de ordinario na vizinhança d'estas lesões; não é raro, entretanto, que os primeiros symptomas se mostrem n'um ponto mais ou menos afastado. Espalhadas aqui e ali a principio, estas fitas ou estas chapas reúnem-se logo depois, confundem-se entre si, e acabão por formar uma vermelhidão uniforme, apresentando todos os caracteres da erysipela ordinaria. Existe na parte affectada uma dôr ardente, que é comparada á queimadura pelo sol, e que sempre augmenta pela pressão. Existe uma inchação ordinariamente pouco consideravel da parte; emfim os ganglios onde se reúnem os vasos lymphaticos inflammados tórnam-se quasi sempre dolorosos e inchados. Quando a inflammação invade primitivamente o plano profundo dos vasos lymphaticos, é a dôr que fixa primeiro a attenção: esta dôr é profunda e pungente. Apalpando o lugar, sentem-se profundamente pontos endurecidos, mui dolorosos, que acabão por levantar a pelle; existe frequentemente tambem uma inchação dura de toda a região. Apelle torna-se distendida, luzente, branca ou côr de rosa pallida; enrubece, quando a inflammação se prolonga aos vasos lymphaticos superficiaes.

Os symptomas geraes limitão-se a principio a alguns calefrios e ao fastio; logo depois apparece a febre, que é mais ou menos intensa, acompanhada de sede e de vomitos. Estes symptomas pertencem exclusivamente á inflammação; mas outros ha que resultão da infecção do sangue pelo pus: taes são o delirio, a

prostração, a lingua fuliginosa, a pequenez do pulso. Entretanto, semelhantes accidentes são mui raros, porque os ganglios lymphaticos, que estão tambem inflammados, oppõem as mais das vezes uma barreira insuperavel ao pus, e impedem que este liquido penetre no systema venoso.

Terminação. A lymphatite termina resolvendo-se; o que tem lugar as mais das vezes quando a inflammção acommette só um pequeno numero de vasos superficiaes. No caso contrario, a molestia é seguida de suppuração, e acha-se então o pus infiltrado ou reunido em collecções mais ou menos vastas.

Duração. Esta molestia é de duração variavel: quando não occupa senão um pequeno numero de vasos superficiaes, a resolução póde ser completa no quarto ou quinto dia; outras vezes a inflammção cresce durante sete ou oito dias, e a cura não tem lugar senão tres semanas depois.

Causas. A lymphatite é quasi sempre uma molestia consecutiva: sobrevem de ordinario depois dos ferimentos da pelle, sobretudo quando estes forão feitos com instrumentos sujos ou cobertos de materia putrefacta, como acontece nas picadas anatomicas; declara-se tambem depois das contusões, ou espontaneamente na vizinhança das regiões inflammadas.

Tratamento. Compõe-se de cataplasmas de linhaça ou de fecula que se applicão nas regiões inflammadas; do repouso, e das bebidas emollientes ou refrigerantes, taes como o cozimento de cevada, limonada de limão ou de laranja. A dieta será mais ou menos rigorosa, conforme a intensidade da inflammção. É bom tambem tomar um purgante: uma garrafa de limonada de citrato de magnesia, d'agua de Sedlitz, 8 grammas (2 oitavas) de magnesia calcinada, 60 grammas (2 onças) de sal d'Epsom ou de Glauber. Se a molestia, não ceder, administre-se o *cozimento antiphlogistico de Stoll*, cuja composição é a seguinte:

Cozimento de cevada.	360 grammas (12 onças)
Nitro	2 grammas (40 grãos)
Xarope de vinagre.	40 grammas (10 oitavas).

Para beber uma *chicara de 3 em 3 horas.

Sobrevindo symptomas de infecção, caracterizados pela febre, delirio e prostração das forças, empreguem-se as pilulas de camphora e a infusão de quina. Eis-aquí as receitas:

Pilulas camphoradas.

Camphora.	4 grammas (1 oitava)
Conserva de rosas.	4 grammas (1 oitava).

Faça 36 pilulas. Para tomar uma pilula de 3 em 3 horas; e

por cima de cada pilula o doente beberá meia chicara da infusão seguinte :

Casca de quina.	8 grammas (2 oitavas)
Agua a ferver		360 grammas (12 onças).

Infunda por duas horas, cõe e adoce com quanto baste de assucar

M

MACACO. Animal mamífero da ordem dos Quadrumanos, que se approxima do homem por sua conformação geral e organização interna. Tem de 32 a 36 dentes, dois seios peitoraes, quatro membros terminados por mãos offerecendo um dedo pollegar separado e que se póde oppôr, mais ou menos, aos outros dedos; unhas chatas como as do homem. Tem a cabeça geralmente arredondada; o rosto quasi sempre nú, ora cõr de carne, ora azul ou preto; as ventas approximadas e assaz semelhantes ás do homem nas especies do antigo continente, mas, pelo contrario, desviadas á direita e á esquerda de um largo septo nas especies americanas; as orelhas sem lobulo, os olhos vivos e muito moveis. O seu tamanho varia desde o de um esquilo até ao de um homem da altura de quasi 2 metros; o corpo é geralmente magro, coberto com um pello de cõr variavel; os membros são delgados e alongados, sobretudo os membros anteriores, que, em algumas especies, são de um comprimento desmedido; a posição recta não lhes é natural. A cauda varia em comprimento; muitas especies não a tem; nas que a tem, ella é ás vezes prehensil; n'este caso, constitue quasi um quinto membro que lhes serve para se suspenderem; as mãos são cobertas com uma pelle mui fina e frequentemente cnrugada. Estes animaes alimentão-se ordinariamente de fructas. Pertencem, em geral, ás regiões intertropicaes, do Antigo e do Novo-mundo.

Todos conhecem a intelligencia dos macacos, o seu espirito de imitação e de malicia, a inclinação para o roubo e rapina, a gravidade de uns, a vivacidade dos outros. Muitas especies são susceptiveis de se amansar e de viver em domesticidade: os saltimbancos ensinão-lhes differentes habilidades, e fazem n'os trabalhar nas ruas e nas feiras. Entretanto, os macacos grandes não são meigos e trataveis senão quando ainda novos: quando adultos, tornão-se máos e ferozes, ou cahem em um marasmo que os conduz rapidamente á morte. As femeas andão gravidas cerca de sete

mezes; manifestão a maior ternura a seus filhos, ternura partilhada pelo pai, que embala e adormece seu filho nos braços, e o entrega á mãe para que ella lhe dê de mamar.

MACAJERA. *Veja-se AIPIM.*

MAÇÃ. Fructo da maceira, *Pyrus malus*, Linneo, arvore da familia das Pomaceas, originaria da Europa, cultivada por todo o globo, e de que existem mais de duzentas variedades. Esta arvore dá nos jardins do Rio de Janeiro, mas os fructos não são tão saborosos como nos paizes frios. A fig. 350 representa a especie chamada *raineta do Canadá*. A maçã

é uma fructa mui sadia. As maçãs cruas, comidas moderadamente, quando estão bem maduras e bem sãs, constituem para todas as pessoas um alimento salutar e refrigerante. São um tanto adstringentes. As melhores para comer cruas são as que são adocicadas e ao mesmo tempo acidulas, e cujo sabor é perfumado. Taes são a maçã raineta e camoeza. As maçãs cozidas debaixo de todas as fórmãs, no forno, em compota, em marmelada, em doces, em gelea, etc., fornecem um alimento leve, e tão salutar como agradável, não só para as pessoas

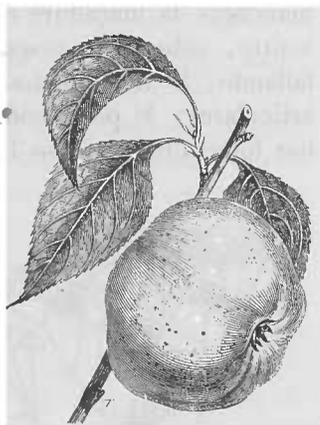


Fig. 350.

Maçã raineta do Canadá.

de saude, mas para os convalescentes : é um alimento leve, e que ao mesmo tempo relaxa brandamente o ventre. Além d'esta propriedade, as maçãs cozidas tem uma virtude peitoral e emolliente, que as torna uteis nos defluxos, e bronchites. Nos paizes onde a maçã nasce com abundancia, como, por exemplo, na Normandia em França, extrahe-se d'esta fructa um succo com o qual se prepara pela fermentação uma bebida chamada *cidra*.

MAÇADURA. Acção de comprimir, de amassar, por assim dizer, com as mãos, as partes musculares do corpo, e de exercer tracções sobre as juntas, afim de lhes dar flexibilidade e excitar a vitalidade da pelle, e dos tecidos subjacentes. Esta pratica é muito empregada no Oriente. A maçadura methodica constitue o melhor modo de tratamento das torceduras, das consequencias das luxações, das rijezas articulares, das retracções dos musculos, do torcicollo, e para restabelecer os movimentos depois das fracturas. Usa-se tambem na opilação, no hysticismo e suas contracturas, na bronchite chronica, nas molestias do coração, nas contusões, na

prisão de ventre rebelde, nas diversas nevralgias, no rheumatismo chronico, etc.

A maçadura pratica-se de ordinario com a mão nua, com uma escova de crina, com uma luva, com uma prancheta de páo, com rodinhas de buxo, etc. Cobre-se a parte, que se quer maçar, com azeite doce, oleo de amendoas doces, banha de porco ou sabão. Todas as manobras reduzem-se a : 1º fricções humidas ou seccas; estas ultimas consistem em fricções com a luva, escova, panno de linho ou flanela : 2º pressões com a mão ou com rodinha de páo; as pressões segundo o trajecto dos tendões constituem as manobras da maçadura nas torceduras; as pressões feitas sobre o ventre, sobre os musculos, são as maçaduras propriamente fallando; 3º movimentos variados na direcção dos movimentos articulares; 4º percussão. Para o modo de applicar a maçadura nas torceduras, veja-se TORCEDURA.

MACELLA GALLEGA.

Pyrethrum parthenium, Smith.,
Synanthereas senecioides. Planta
commum em Portugal; cultiva-se
no Brasil. Fig. 351. Caules de 60
a 90 centimetros de alto, estria-
dos, angulosos, glabros, ramosos;
folhas pecioladas pinnatisectas,
de lacínias pinnatifidas e dentea-
das, um tanto pubescentes; os
capitulos formão um largo corym-
bo, com as flores do disco ama-
rellas, e as da circumferencia
ligulosas, brancas, duas vezes
mais longas que o involucro. As
flores de macella são tonicas e esti-
mulantes; empregão-se nas colic-
cas, indigestões, fastio, etc. É
um remedio vulgar que se admi-
nistra em infusão quente. Esta
infusão, ou chá, prepara-se com
quatro a seis flores de macella e
uma chicara d'agua fervendo.

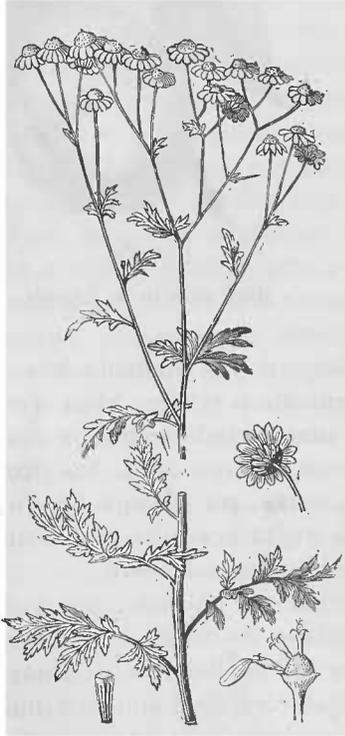


Fig. 351.

Macella gallega.

MACERAÇÃO. Operação
pharmaceutica, que tem muita
analogia com a infusão, da qual

differe porque se opera constantemente a frio. Consiste, pois, em pôr de môlho os corpos por mais ou menos tempo na temperatura

ordinaria. Dá-se o nome de *macerato* ao producto d'esta operação. — São pouco numerosas as bebidas dos doentes que se preparão por maceração. Esta operação usa-se para fazer os maceratos de quassia, simaruba e rhuibarbo. Se estas substancias fossem tratadas pela agua quente, isto é, por infusão, o producto seria turvo, por causa do amido, que se acha n'estas substancias, e que se dissolveria na agua quente. O amido não se dissolve em agua fria. A maceração é sobretudo empregada para a preparação dos vinhos medicinaes, porque o vinho não pôde supportar a acção do calor sem experimentar mudança na sua natureza.

MACHO. *Veja-se* MULO.

MACHUCADURA. *Veja-se* CONTUSÃO.

MACIS. *Veja-se* MOSCADA.

MACULA. Mancha da pelle, de côr differente da natural, sem elevação nem mudança de consistencia. As molestias caracterizadas por maculas são : *sardas*, *pannos*, *signaes de nascença*, *albinismo*, *vitiligem*. *Veja-se* estas palavras.

MACULO. Chama-se *maculo* uma dilatação consideravel do anus, precedida e acompanhada de diarrhea mais ou menos abundante. Esta molestia ataca principalmente os negros, e as pessoas pouco asseidadas ; n'este caso, desenvolve-se frequentemente no anus uma porção consideravel de bichos, de oito a dez linhas de comprimento, chamados vulgarmente *varejas*. Às vezes, o anus acha-se dilatado de tal maneira, que se pôde introduzir n'elle uma garrafa pequena. As evacuações alvinas são liquidas e frequentes : nos casos mais graves, o corrimento tem lugar quasi de uma maneira contínua. A pelle é fria e pallida, e o emmagrecimento grande.

As *causas* do maculo são as mesmas que as que produzem a diarrhea e a dysenteria. A agglomeração de grande numero de pessoas, e principalmente dos doentes de diarrhea, n'um espaço mui circumscripto, o uso de aguas de má qualidade, as affecções moraes tristes, o escorbuto, favorecem o desenvolvimento do maculo.

Tratamento. O tratamento do maculo é *local* e *geral*. O tratamento local tem por fim destruir os bichos que se desenvolvêrão no anus. Os meios mais racionaes são : lavatorios com agua morna misturada com agua de Labarraque na proporção de uma chicara d'agua morna para meia chicara d'agua de Labarraque. Depois d'estes lavatorios deve-se polvilhar o intestino recto com pós de calomelanos ou com rapé. Um meio vulgar, e empregado com vantagem, consiste em introduzir no anus um limão azedo descascado e polvilhado com polvora e pimenta. É indispensavel

que o doente tome cada dia um ou dois semicupios d'agua morna. Depois de destruidos os bichos, é preciso dar dois clysteres por dia preparados com infusão de poaya. Meia onça (15 grammas) de poaya, que se deixa de infusão por uma hora, em duas chicaras d'agua quente, é a dóse que serve para estes dois clysteres. Dá-se tambem pela bocca um vomitorio de 1 gramma (20 grãos) de poaya em pó n'uma chicara d'agua morna. Os outros meios são os mesmos que servem para combater a diarrhea e a dysenteria. *Veja-se* vol. I, pag. 849.

MADRE DE FORA. *Veja-se* UTERO.

MAGNESIA. Oxydo de magnesia. Acha-se ás vezes puro no estado de natureza, mas ordinariamente está combinado com acidos. A magnesia pura obtem-se calcinando o carbonato de magnesia. A mais leve vem de Inglaterra. É uma substancia branca, pulverulenta, sem sabor nem cheiro, quasi insolúvel em agua. É um purgante brando, na dóse de 8 a 15 grammas (2 a 4 oitavas), desfeitos em meio copo d'agua fria com assucar, a que se ajunta um pouco d'agua de flor de laranjeira. Na dóse pequena de 1 a 2 grammas (20 a 40 grãos) emprega-se para combater a azia. A magnesia neutraliza os acidos mineraes, e por isso se emprega nos envenenamentos por estes acidos.

SAES DE MAGNESIA. Carbonato de magnesia. Acha-se na natureza, mas em mui pequena quantidade e impuro. Prepara-se tratando uma dissolução de sulfato de magnesia pelo carbonato de potassa fervendo. Este sal apresenta-se no commercio sob a fórma de massas cubicas, brancas, macias ao tocar, sem gosto nem cheiro, mui leve, insolúvel em agua. Seus usos são os mesmos que os da magnesia pura. Administra-se como anti-acido contra a azia, na dóse de 30 centigrammas a 4 grammas (6 grãos a 1 oitava).

Citrato de magnesia. É um sal branco, pulverulento, sem sabor, macio ao tocar, soluvel em agua, mediante um leve excesso de acido. Esta dissolução tem um sabor levemente acido que nada tem de desagradavel. O citrato de magnesia obtem-se de duas maneiras diferentes: póde preparar-se decompondo o sulfato de magnesia pelo citrato de soda, ou saturando uma solução de acido cítrico pela magnesia ou pelo hydrocarbonato de magnesia. O citrato de magnesia é um purgante brando na dóse de 50 grammas (onça e 1/2). Dissolvido em agua parece-se com uma limonada. Por seu sabor agradavel, é um medicamento precioso para os doentes que tem repugnancia em tomar purgantes. Não occasiona nem sêde nem puxos, apenas produz algumas colicas. O effeito purgativo deve ser favorecido com caldo de gallinha, ou melhor ainda

com o de hervas. Ajuntando-se a esta limonada um pouco de bicarbonato de soda, obtem-se uma bebida espumosa, que é ainda mais agradável a beber-se.

Sulfato de magnesia. *Veja-se* SAL D'ÉPSOM.

MAGNETE. *Veja-se* IMAN.

MAGNETISMO ANIMAL. Entende-se por magnetismo animal uma reunião de phenomenos nervosos particulares, produzidos pela influencia de um individuo sobre outro. Os principaes d'estes phenomenos são : a modorra, o somno, a suspensão completa do exercicio dos sentidos, a faculdade de fallar durante este estado, o que na expressão da arte se chama *somnambulismo artificial*. Contestado por grande numero de sabios como uma miseravel charlataneria, sustentado por outros com firme convicção, o magnetismo animal deve ser estudado; pois que no meio dos abusos que o acompanhão, e independentemente do charlatanismo que o explora, existem factos reaes, mui curiosos e assaz importantes.

Quando se magnetiza alguma pessoa, logo se reconhece que ella experimenta um peso na cabeça e nas palpebras, arripios nos membros, bocejos, ás vezes uauseas; d'ahi a pouco esta pessoa fecha os olhos e adormece. É raro que fique somnambula da primeira vez; mas depois de algumas sessões o somnambulismo declara-se de ordinario, bem que todos os individuos não sejam susceptiveis d'elle. De todos os phenomenos magneticos, o que mais facilmente se póde obter é o seguinte : Se se quizer tolher o movimento a um membro, dois ou tres gestos o põem em completa immobildade; é absolutamente impossivel á pessoa magnetizada mexê-lo de maneira alguma, e é preciso tirar-lhe a paralyisia para que possa servir-se d'elle. Para isso é mister fazer outros gestos. Não se julgue entretanto que esta immobildade seja o resultado dos gestos magneticos, e que o somnambulo, vendo estes gestos, entenda o que se deseja obter d'elle : a vontade unica do magnetizador, a intenção de paralyzar um membro, a lingua ou um sentido, basta para produzir este effeito. A lingua paralyza-se com maior facilidade, e se se fizer alguma pergunta, o somnambulo ha de fazer esforços extraordinarios para responder, o rosto ha de córar e inchar; a dôr mostrar-se-ha na face; mas nenhuma palavra poderá ser proferida.

Alguns somnambulos assecurão que vêm no interior do seu corpo; mas suas descripções são ou falsas, ou pelo menos erroneas. Quanto ás molestias de que se dizem affectados, não tem senão opiniões chimericas; estas opiniões consistem sempre na exposição fiel de seus preconceitos e das ideias que lhes forão

communicadas. A sua vontade é quasi nenhuma, e é de tal modo submettida á do magnetizador, que não parece ser outra coisa senão seu instrumento: fazem o que elle quer, pôde influir mesmo em seus desejos, e até em seus pensamentos. Tivemos a prova d'isto nas paralyrias dos sentidos e movimentos, que sempre se produzem, querendo. Alguns magnetizadores assegurão até que podem mudar para os seus somnambulos a agua em vinho, leite ou qualquer outro liquido, e que lhes basta para isso magnetizar, sem dizer palavra, a agua com uma intenção dada: os somnambulos julgão beber leite, vinho, etc., e é agua que bebem. Os somnambulos são affectuosos, reconhecidos; tomão afeição a seu magnetizador de uma maneira extraordinaria, não o querem nunca deixar; obedecem-lhe de uma maneira passiva, a até no estado de vigilia. Muitos somnambulos são completamente insensíveis; pôde-se-lhes beliscar a pelle, introduzir no corpo alfinetes sem que sintão dôr alguma. Uma das doentes (segundo o relator da commissão designada pela Academia de Medicina de Pariz, em 1831, para observar os effeitos magneticos), depois de magnetizada, foi insensível a uma das operações mais dolorosas da cirurgia, a extirpação de um seio canceroso.

Tudo o que deixei referido pôde ser testemunhado a cada momento por qualquer pessoa; mas existe uma segunda ordem de factos que não tem a mesma certeza. Estes factos são a vista sem o soccorro dos olhos, a vista pelo ventre, ponta dos dedos, testa, nuca, a prophetização, a adivinhação, determinação da séde, da natureza e do tratamento das molestias por individuos que não estudarão medicina. Estes milagres magneticos forão mal observados, e faltão-lhes as provas que temos o direito de exigir em semelhante materia.

Maneira de produzir os phenomenos magneticos. Para se obterem effeitos magneticos, são indispensaveis certas condições da parte da pessoa que magnetiza, e da que é magnetizada. O magnetismo é produzido pela força da vontade: convem, por consequente, que o magnetizador tenha uma vontade firme, um desejo vivo de produzir effeitos, e a convicção intima de que produzirá esses effeitos. É preciso que não tenha nada de repugnante, que goze boa saude, que esteja no vigor da idade, que seja grave e ao mesmo tempo affectuoso, que seja superior quanto fôr possível á pessoa magnetizada, ou por sua dignidade, sua idade, suas qualidades intellectuaes, ou por qualquer outra maneira. Da parte do magnetizado, releva que este se queira submeter, que deseje e creia. Se fôr doente, enfraquecido, de uma constituição sensível, affectado de alguma molestia do systema nervoso, achar-se-ha nas

condições favoráveis. É claro que convem se queira submeter, pois que, sem esta vontade, a superfície do seu corpo fica, por assim dizer, fechada para o agente que se lhe envia. Cumpre, entretanto, dizer que, depois de algumas sessões, já não é necessario que o magnetizado *queira* adormecer; dorme sem querer; ha tambem pessoas que adormecem, bem que no momento de se submeterem á experiencia, não saibão o que se vai fazer d'ellas; ha emfim outras nas quaes se produz o mesmo phenomeno, embora queirão resistir aos effeitos magneticos.

Forão descriptos de muitas maneiras os processos de magnetização. Cada magnetizador tem seu methodo proprio. A uns basta pôr a mão sobre a testa da pessoa que se magnetiza, immediatamente ou em pequena distancia. Outros contentão-se com dizer á pessoa magnetizada : *adormeça, quero que adormeçais*, e logo ella pega no somno, sem poder subtrahir-se a esta ordem. Às vezes basta ter esta vontade sem manifesta-la; mas só gradualmente se chega a influencia tão grande. Nas primeiras sessões, eis-aqui como se deve proceder.

Faz-se sentar a pessoa que se quer magnetizar : o magnetizador senta-se em frente d'ella, de maneira que lhe toque com os joelhos e as pontas dos pés; toma-lhe, com as mãos, o dedo pollegar, que conserva até que se tenha posto em equilibrio com a sua temperatura. Põe depois as mãos sobre os hombros, e assim fica por espaço de um minuto; corre-as lentamente, por uma especie de leve fricção, ao longo dos braços até á extremidade dos dedos. Estes movimentos devem ser repetidos muitas vezes; depois d'isto, applica as mãos por alguns instantes na bocca do estomago e as faz descer aos joelhos e até aos pés; leva depois as mãos á cabeça do individuo que magnetiza, tendo o cuidado de afasta-las quando sobem, e as faz descer ainda ao longo dos braços, e mesmo até aos pés. Depois de feitas muitas vezes estas fricções, percebem-se alguns movimentos magneticos. A pessoa magnetizada experimenta arrippios nos membros, embaraço na cabeça, peso nas palpebras. No fim de algumas sessões, pega completamente no somno. O magnetizador, em quanto opera, não deve pensar em outra cousa; sua attenção deve estar concentrada toda inteira no magnetismo; qualquer distracção é contraria ao bom exito da operação. A expressão do rosto favorece poderosamente a acção magnetica. O olhar, a physionomia grave do magnetizador, concorrem para o mesmo fim.

Explicação do magnetismo. Não ha nada de maravilhoso no magnetismo, diz o Dr. Rostan. É um phenomeno natural, ainda não percebido, ignorado de muitos, e eis tudo. Este medico pensa que

todos esses phenomenos pertencem ao systema nervoso, e que devem ser attribuidos a uma modificação, a uma extensão d'este systema e de suas propriedades. No estado actual da sciencia, tudo faz considerar o cerebro como orgão que segrega um agente particular que tem a propriedade de transmittir o sentimento e a vontade. Mas este agente, chamado fluido nervoso, não pára na pelle; arremessa-se ainda para fóra, com certa energia, e forma assim uma verdadeira atmosphaera nervosa. Então tudo parece susceptivel de uma explicação. A atmosphaera nervosa activa do magnetizador mistura-se com a atmosphaera nervosa passiva da pessoa magnetizada, e d'esta communicação resultão os effectos magneticos que deixei expostos.

Effeitos do magnetismo no tratamento das molestias. A influencia do cerebro sobre todo o organismo é inquestionavel; não existe uma molecula do nosso corpo que não seja penetrada por algumas das suas ramificações; não se póde, por conseguinte, negar que, modificando-se este orgão como se faz pelo magnetismo, possão sobrevir mudanças notaveis na nossa economia. A philanthropia, o desejo de ser util a seus semelhantes, foi causa sem duvida de ser exagerada a potencia do magnetismo. O charlatanismo, paixão tão vil quanto a outra é louvavel, tem, com outro fim, exagerado essa potencia; mas ella existe, é indubitavel. A influencia directa d'este novo agente sobre o systema nervoso deixa crer que a sua acção deve exercer-se efficazmente nas molestias nervosas. O hysteresismo, a hypochondria, podem receber, e tem com effeito recebido do magnetismo, as influencias mais salutaes. Os espasmos de todas as especies, as convulsões, grande numero de dôres, os rheumatismos, as gotas serenas, certas paralyrias, devem experimentar pelo magnetismo uma modificação qualquer. Tal é a opinião do Dr. Rostan : não duvido que as esperanças que este sabio expõe não se possão realizar em alguns casos; direi sómente que as tentativas que fiz sobre um epileptico, se bem que fossem seguidas de symptomas magneticos, não produzirão vantagem alguma. Novas e multiplicadas experiencias deverião ser feitas com prudencia e discernimento por medicos instruidos, afim de se determinar o gráo de utilidade a que o magnetismo póde chegar.

Vista de olhos sobre a historia do magnetismo. É difficil dizer em que epoca se originou o magnetismo. Parece que foi conhecido e praticado na mais remota antiguidade. O que se conta dos mysterios das Sibyllas, dos milagres, da magia deve ser attribuido ao magnetismo animal. Pelo menos, os effectos do magnetismo tem muita analogia com a maior parte d'estes phenomenos. Mas esses

factos forão considerados como fabulas, e pouco a pouco cahirão em esquecimento.

No meio do decimo-oitavo seculo, os sabios occupavão-se muito das virtudes do iman (*magnes* em latim), e alguns d'elles attribuião-lhe grandes virtudes no tratamento das molestias. Um jesuita, chamado Helle, contando a Antonio Mesmer que se havia curado de um rhçumatismo por este meio, e que o tinha empregado tambem com bom exito em outros doentes, inflammou a imaginação d'este ultimo. Mesmer resolveo experimentar; estabeleceo uma casa de saude, tratou os doentes gratuitamente, enviou por toda a Allemanha anneis e laminas tocadas com iman, e obteve ou julgou obter curas que fez propagar pelos jornaes do seu paiz. No curso de suas experiencias, observou que o iman não era necessario para produzir os effeitos que elle obtinha; attribuiu-os a um agente distincto do iman, que rege, por assim dizer, o universo. A descoberta do magnetismo animal deve datar d'essa epoca. Eis-aqui como Mesmer expoz o seu systema em uma memoria que publicou : « O magnetismo animal é um fluido universalmente espalhado, constitue o meio de uma influencia mutua entre os corpos celestes, a terra e os corpos animados. A acção e a virtude do magnetismo animal podem ser communicadas de um a outros corpos animados. O magnetismo animal póde curar immediatamente as affecções dos nervos, e mediatamente as outras molestias; por meio d'elle, o medico conhece o estado de saude de cada individuo, e julga com certeza da origem, natureza e progressos das molestias mais complicadas, impede o seu augmento e obtem a sua cura, sem nunca expôr o doente a effeitos perigosos, qualquer que seja a sua idade, temperamento e sexo. » Todos os sabios taxarão de charlatanismo as asserções de Mesmer. A Academia de Berlim declarou-o illudido. Mesmer não se deo por vencido, respondeo a todas as criticas, fez novas experiencias; deixou depois Vienna, e veio a Pariz em 1778.

Eis-aqui como Mesmer e os seus discipulos operavão o magnetismo. Punhão no meio de uma vasta sala uma pequena tina tapada. Na tampa havia um certo numero de buracos, d'onde sahião braços de ferro moveis. Os doentes erão collocados á roda d'esta tina, e cada um pegava n'um d'estes braços de ferro; uma corda posta ao redor do corpo ligava-os uns aos outros; ás vezes formava-se outra cadeia que se communicava á primeira pelas mãos. Um piano era collocado n'um canto da sala, e tocavão-se n'elle differentes arias; cantavão-se tambem varias melodias. Todos os que magnetizavão tinhão na mão uma varinha de ferro de dez a doze pollegadas de comprimento, que foi conside-

rada como conductor do magnetismo. O som, segundo o principio de Mesmer, era tambem conductor do magnetismo, e para comunicar o fluido ao piano bastava approximar-lhe a varinha. Os doentes recebem o magnetismo por todos estes meios, pelos braços de ferro que sahião da tina, pela corda que lhes cingia o corpo, pela união das mãos, pelo som do piano e pelas vozes agradaveis do canto. Erão igualmente magnetizados directamente mediante o dedo e a varinha de ferro dirigida ao rosto, acima ou atraz da cabeça e ás regiões doentes: actuava-se tambem fixando n'elles os olhos; mas erão sobretudo magnetizados pela applicação das mãos, e pela pressão dos dedos sobre o ventre.

Eis-aqui o que experimentavão os doentes submettidos á acção d'este aparelho. Alguns ficavão tranquilllos, outros tossião, escarjavão, sentião um calor local ou universal, e tinhão suores frios; outros erão agitados de convulsões. Vião-se doentes buscarem-se exclusivamente, precipitarem-se uns sobre os outros, rirem e fallarem com affeição. Nada era mais pasmoso do que este espectaculo: estas agitações, estes accidentes variados, as sympathias que se estabelecião entre todos estes individuos, maravilhavão extraordinariamente. « Não é possivel, dizião os commissarios encarregados pelo rei de examinar o magnetismo, deixar de reconhecer n'estes effeitos constantes um grande poder que agita os doentes, e cujo deposito parece ser o magnetizador. » Os mesmos commissarios, que erão membros da Academia das Sciencias e da Sociedade de Medicina, concluirão todavia que não existe fluido algum particular que mereça o nome de *fluido magnetico*; que todos aquelles effeitos não erão mais que o resultado da imaginação; pois que, segundo suas experiencias, erão obtidos os effeitos magneticos sem o iman quando os doentes sabião que erão magnetizados, ao passo que não existião estes effeitos quando os doentes erão magnetizados sem o saberem; accrescentarão que as crises produzidas nos tratamentos magneticos podião ser perigosas, e nunca uteis. Entretanto, o grande botanico Jussieu, recusou assignar o relatorio de seus collegas; foi mais assiduo do que outros nas experiencias, e fez um relatorio particular, no qual admittia effluvios que sahião do corpo humano e actuavão sobre outros individuos.

O relatorio dos commissarios foi debatido e sustentado com muito calor de parte a parte, e os magnetizadores continuarão os seus trabalhos.

No meio d'essas pesquisas, o marquez de Puisségur descobriu o somnambulismo magnetico, phenomeno dos mais curiosos, e que já tinha sido observado nas curas de Mesmer. Os processos forão simplificados; a tina e todos os outros aparelhos forão despre-

zados, e o magnetismo foi praticado tal qual o deixei descripto no primeiro paragrapho.

Em 1831, o Dr. Husson, em nome da Commissão encarregada pela Academia de Pariz de assistir ás experiencias magneticas do Sr. Foissac, leo o seu relatorio, do qual passo a transcrever algumas conclusões : 1º Os meios exteriores e visiveis nem sempre são necessarios para operarem os effeitos magneticos, pois que em muitas occasiões a vontade, a fixidade dos olhos, forão bastantes para produzirem estes phenomenos, até sem que os magnetizados o soubessem. 2º O tempo necessario para se transmittir a acção magnetica, varia desde um minuto até meia hora. 3º Os effeitos produzidos pelo magnetismo são mui variados : agita uns, acalma outros; as mais das vezes occasiona a acceleração momentanea da circulação, movimentos convulsivos, entorpecimento mais ou menos profundo, somnolencia, e, em um pequeno numero de casos, o somnambulismo. 4º Como entre os effeitos attribuidos ao somnambulismo alguns ha que podem ser simulados, o mesmo somnambulismo pôde ás vezes ser simulado, e favorecer o dolo do charlatanismo. 5º Alguns dos doentes magnetizados não experimentarão vantagem alguma, outros sentirão allivio mais ou menos sensivel; isto é, suspensão das dôres habituae; outro, a volta das forças, outro, uma demora de muitos mezes no reaparrecimento dos accessos de gota coral, outro, emfim, a cura completa de uma paralytia grave e antiga.

Pela exposição das precedentes conclusões, vê-se quanto differe a fé magnetica dos commissarios nomeados em 1784 da dos que o forão em 1831. Desde esta ultima epoca, muitas obras novas se tem publicado ácerca d'este objecto. Infelizmente, muitos d'estes escriptos são desfigurados por um enthusiasmo ou credulidade illimitada. Talvez não esteja mui longe o momento de ser este estado particular do systema nervoso menos rejeitado com desdem por uns, e menos inconsideradamente admirado por outros, e de vir emfim a occupar o seu lugar entre os phenomenos naturaes.

MAGNETISMO MINERAL. Causa que dá a um iman ou magnete natural e artificial, a propriedade de dirigir um de seus lados para o polo norte, e o outro para o polo sul; de se inclinar para o primeiro d'esses polos no hemispherio boreal, e para o segundo no hemispherio austral; de não se inclinar de nenhum lado em certos lugares que formão o que se chama o *equador magnetico*; de attrahir pela sua parte virada ao norte a parte de um outro iman que olha para o sul, e de repellir, pelo contrario, o lado boreal d'este ultimo iman. Esta propriedade, que o ferro, o nickel e o cobalto são susceptiveis de manifestar,

foi attribuida a uma causa especial, até ao momento em que ás descobertas de Oersted a fizeram entrar na categoria dos phenomenos electricos. *Veja-se* IMAN.

MAGREZA. A magreza acompanha frequentemente a saude mais perfeita e normal. Não se deve então fazer diligencias para cura-la; faz parte integrante da constituição, e torna-se uma das condições da saude; aquelle que, por um regimen alimentario mais substancial, procura adquirir gordura, quando a sua natureza consiste em ser magro, corre ao encontro da molestia. Mas quando o volume normal do corpo diminue gradualmente, este estado póde depender de alguma molestia : está desenvolvido no artigo EMMAGRECIMENTO.

MAL CADUCO. *Veja-se* EPILEPSIA.

MAL DE EMBIGO. *Veja-se* MAL DE SETE DIAS.

MAL DE ENGASGO. DYSPHAGIA, ESPASMO DO ESOPHAGO OU ESOPHAGISMO. Constricção mais ou menos completa e duravel do canal pharyngo-esophagico, podendo produzir a impossibilidade absoluta de engulir, ou sómente impedir a deglutição dos corpos solidos ou liquidos. É uma molestia nervosa.

Symptomas. O mal de engasgo declara-se ordinariamente de repente : é em toda a plenitude da saude, e as mais das vezes no meio de uma comida, que o espasmo do estomago apparece e impede o curso do bolo alimentario. A invasão da molestia fez crer a alguns doentes que um corpo estranho tinha parado no esophago. Os symptomas varião segundo o ponto do esophago que está affectado. Se o espasmo occupa o pharynge na parte superior do esophago, os alimentos são repellidos quasi immediatamente. Pelo contrario, a deglutição opera-se quando o obstaculo occupa um ponto do esophago vizinho do estomago. N'este caso, os alimentos demorão-se algum tempo por cima da constricção, ou são reconduzidos quasi immediatamente para a bocca pela regurgitação, que póde ter lugar sem soffrimentos, mas que ás vezes é seguida de dôr viva começando na garganta e prolongando-se até ao estomago. Independentemente dos symptomas precedentes, que só se declarão quando os doentes querem engulir, ha outros que são permanentes, e que se aggravão depois da deglutição. Assim existe de ordinario sobre o trajecto do esophago uma especie de constricção, de dôr contínua, produzindo a sensação de um corpo estranho parado no canal. Notou-se tambem o soluço como um dos symptomas bastante commum. Ás vezes o espasmo propaga-se aos órgãos respiratorios, e produz os symptomas de suffocação. Emfim, apparecem ás vezes phenomenos de hydrophobia. O espasmo do esophago, assim como a maior parte das outras nevroses, apresenta

muitas anomalias. Ora, as bebidas quentes passam mais facilmente de que as frias, ora o contrario tem lugar; ordinariamente os liquidos só podem ser engulidos, outras vezes só as substancias solidas. Alguns doentes conseguem fazer descer até ao estomago o bolo alimentario bebendo agua em cima.

Duração, terminações. O espasmo do pharynge e do esophago não tem duração fixa : póde desaparecer passado algumas horas, ou persistir durante muitos dias sem remissão : n'uma observação durou doze dias sem interrupção. Se tivesse durado mais tempo teria occasionado a morte por inanição.

Causas. O mal de engasgo observa-se especialmente nos individuos nervosos, irritaveis, já acommettidos de alguma nevrose, como a hypochondria. As emoções moraes vivas, subitas, como a colera, um pesar profundo, são quasi as unicas causas cuja acção parece bem evidente.

Tratamento. Estando provado que o mal de engasgo é uma molestia nervosa, são os medicamentos antispamodicos e narcoticos que lhe convem. Foi aconselhada sobretudo a assafetida e a camphora em clysteres. Pela mesma fórma administrão-se os narcoticos, ou applicão-se externamente em cataplasmas (meimendo, cicuta), em fricções (laudano, pomada de belladona, balsamo tranquillo), ou em injecções sub-cutaneas (sulfato de atropina). Os autores recommendão ainda as bebidas nevadas, ou aconselho fazer derreter pedaços de gelo na bocca : este meio teve com effeito bons resultados. Mas o modo de tratamento que offerece maiores vantagens é a introduccção das sondas esophagicas. Sabe-se que o catheterismo é muito usado nos estreitamentos espasmodicos da urethra, e a utilidade que se tira na urethra deo a ideia de seguir o mesmo methodo para o esophago. Os casos em que o catheterismo deo bons resultados são já hoje bastante numerosos. Uma unica introduccção da sonda no esophago, até ao lugar da contracção, foi sufficiente ás vezes para obter a cura completa e immediata do mal de engasgo.

RECEITUARIO CONTRA O MAL DE ENGASGO.

1º *Clyster de assafetida e camphora.*

Assafetida ..	4 grammas (1 oitava)
Camphora ...	50 centigrammas (10 grãos)
Gema de ovo.	nº 1
Agua tepida	180 grammas (6 onças).

2º *Pomada de belladona.*

Extracto de belladona.	2 grammas (40 grãos)
Banha de porco..	16 grammas (4 oitavas).

Para friccionar no epigastro ou no pescoço.

3º Cataplasma de linhaça feita em cozimento de meimendro e cicuta . . . : 125 grammas (4 onças).

Applica-se na bocca do estomago.

4º Balsamo tranquillo.. 60 grammas (2 onças).

5º *Solução de sulfato de atropina.*

Sulfato de atropina.. 5 centigrammas (1 grão)

Agua distillada. . . 5 grammas (100 grãos).

Para injeções sub-cutaneas 1 a 5 gottas por injeção. As injeções fazem-se debaixo da pelle do pescoço.

MAL FEIO. *Veja-se MORPHEA.*

MAL GALLICO. *Veja-se SYPHILIS.*

MAL DE GOTA. *Veja-se EPILEPSIA.*

MAL DE LOANDA. *Veja-se ESCORBUTO.*

MAL PERFORANTE ou **Ulcera verrugosa.** Ulcera da planta do pé, que succede a uma callosidade ou a uma verruga, e que póde profundar de tal maneira que attinge o periostio e os ossos. É uma inflammação chronica de uma bolsa serosa abaixo do callo, ou um tumor verrugoso da epiderme. Conhece-se pela ulceração cercada de laminas epidermicas formando uma proeminencia cornea dura, com estillicidio de serosidade sanguinolenta fetida. Se a pessoa continua a andar, a ulceração póde attingir as bainhas tendinosas, os ossos e as articulações. Em geral o mal perforante estende-se sem cessar, salvo se os doentes guardão o repouso absoluto. Acommette todos os tecidos comprimidos pelo calçado e aquelle sobre que os doentes se apoião. Mas a planta do pé não é o unico lugar que póde ser affectado : este mal fixa-se ás vezes na face dorsal dos dedos do pé, ao nivel da proeminencia de suas articulações.

Causas. A unica, e verdadeira causa é inteiramente mecanica : é a compressão longa, continua, da derme entre dois corpos resistentes; primeiro entre o calçado e os ossos, mais tarde entre os ossos e a callosidade. A derme, ao nivel da induração epidermica, acaba por experimentar uma modificação analoga, de alguma maneira, á que se produz no caso de estrangulamento. Debaixo da influencia de uma pressão repetida ao nivel da induração epidermica, experimenta uma mortificação comparavel á que se observa em consequencia de uma contusão.

Tratamento. Ao principio, o repouso absoluto, a extracção da callosidade, e as cataplasmas de linhaça ou de fecula produzem a cura. O doente deve abster-se de andar durante um mez depois da cura. Se os ossos estiverem affectados de necrose, será necessario extrahir as esquirolas.

MAL DE POTT. *Veja-se CARIE VERTEBRAL.*

MAL DE SÃO LAZARO. *Veja-se* MORPHEA.

MAL DE SETE DIAS, ou MAL DE EMBIGO. Tetano dos recém-nacidos.

Causas. Esta molestia é bastante frequente nos climas intertropicaes. No Brasil ceifa muitos crioulinhos. Attribue-se á inflamação do cordão umbilical, inflammação que pôde ser produzida pelo desalinho. Pôde apparecer espontaneamente; mas é occasionada de ordinario pela falta dos cuidados hygienicos, e sobretudo por uma atmospherá corrupta no meio da qual vivem em algumas fazendas as pretas paridas. O Dr. Langgaard, refere que n'uma fazenda importante do Brasil, que possuia mais de 400 escravos, morrião muitos crioulos do tetano, nos primeiros dias do nascimento. Consultando-o sobre a causa d'esta extraordinaria mortalidade, mostrarão-lhe um quarto pequeno, de 12 palmos de comprimento sobre 8 a 10 de largura, no centro da casa, escuro, sem ventilação, onde constantemente se achavão tres ou quatro escravas paridas, e ás vezes mais; foi a esta accumulção de muitas pessoas n'um pequeno espaço que o doutor attribuiu o desenvolvimento da molestia. O quarto foi abandonado; arranjou-se outro muito maior para recolher as negras paridas, onde havia claridade e se podia renovar o ar; desde então, e durante 6 a 7 annos, não appareceu um só caso de tetano nos recém-nacidos.

Symptomas. Esta molestia mostra-se de ordinario nos primeiros sete dias depois da nascença, d'onde lhe veio o nome de *mal de sete dias*, que se lhe dá no Brasil. A criança deixa de mamar, e chora muito; os musculos do rosto enrijecem, e mantém o queixo inferior fortemente applicado contra o queixo superior. A rijeza propaga-se depois aos musculos do pescoço, do tronco, dos braços e das pernas. Sobrevem convulsões, e a criança morre de ordinario 24 a 36 horas depois da apparição dos primeiros symptomas.

Tratamento. Os medicamentos que convem contra esta molestia são :

1º *Poção calmante.*

- Infusão de folhas de laranjeira. 60 grammas (2 onças)
- Laudano de Sydenham 20 gottas
- Xarope de gomma. 15 grammas (1/2 onça).

Para dar a beber uma colher *de sopa*, de hora em hora.

2º Se a criança não puder engulir, dê-se-lhe o clyster seguinte :

- Agua tepida.. ... 90 grammas (3 onças)
- Laudano de Sydenham 5 gottas.

Dão-se, como este, dois clysteres por dia.

3º Fricções com balsamo tranquillo. Eis-aqui a receita :

- Balsamo tranquillo.. 60 grammas (2 onças).

Fazem-se nas costas duas fricções por dia. Para cada fricção usa-se uma colher, das *de sopa*, d'este balsamo.

4º Banho geral d'agua morna simples.

MALACIA. Esta palavra serve em medicina para designar a depravação do gosto, com desejo de comer substancias que são pouco alimentares, ou que não contém principio algum nutritivo, e que repugnão ordinariamente. Observa-se nas meninas chloroticas, e, durante a gravidez, em certas mulheres nervosas. Os remedios indicados n'este estado são : rhuibarbo em pó na dóse de 1 gramma (20^o grãos) por dia, e o uso de chá de canella, de hortelã ou de herva cidreira. Eis-aqui a receita do rhuibarbo :

Rhuibarbo em pó. 8 grammas (2 oitavas).

Divida em 8 papeis.

MALDITA. Varias molestias são designadas com este nome. Uns chamão *maldita* a uma *erysipela*; outros dão este nome ás *espinhas* no rosto, braço, etc.; outros finalmente, a uma erupção cutanea de bolhas cheias d'agua, e que não são outra cousa senão o *cobreiro* ou *empigem humida*.

MALEITAS. *Veja-se* FEBRE INTERMITTENTE.

MALEITEIRA. LEITEIRA, LEITARIGA, LUZETRO, LECHETREZ. *Euphorbia* [*papillosa*, St.-Hilaire *Euphorbiaceas*. Planta do Brasil meridional. Caule herbaceo de 30 a 50 centimetros; folhas sesseis, inteiras; as que são mais vizinhas da raiz são ovaes arredondadas ou ovaes; as do caule são oblongas ou oblongas lineares; as folhas superiores são lineares, obtusas na base, agudas no topo; flores dispostas em umbellas papillosas pubescentes, com os appendiculos do involuero arredondados; fructo, capsula obtusa, triangular, pubescente, tricocca. Toda a planta é purgativa; seu succo emprega-se como tal na dóse de 2 colheres *de sopa* misturadas com mel de abelhas.

MALINA ou MALIGNA. *Veja-se* FEBRE MALIGNA.

MALLEOLO. *Veja-se* TORNOZELO.

MALT. Cevada que se faz inchar em agua, germinar e depois seccar ao fogo, e de que, porfim, separão-se os germes pela fricção. A sua dissolução em agua, depois fermentada, e associada ao lupulo, constitue a cerveja. — O malt emprega-se em medicina contra a digestão difficil, em pó, na dóse de 1 a 2 grammas (20 a 40 grãos) depois de cada comida; e debaixo da fórma de *cerveja de malt*, que é util no tratamento das affecções chronicas do estomago.

MALVA. *Malva*. Genero da familia das Malvaceas, contém plantas herbaceas, sub-arbustos ou arbustos, que habitão em diversos climas do globo; muitas existem no Brasil, e são todas

notaveis por suas propriedades emollientes, de sorte que podem ser, sem inconveniente, substituidas umas ás outras no uso medico. Empregão-se as folhas e flores em infusão ou decocção, nos defluxos, nas bronchites, em todas as molestias inflammatorias. A infusão usa-se em bebida, a decocção em banhos.

Dóse : *Internamente*, 4 grammas (1 oitava) de flores ou folhas para 360 grammas (12 onças) d'agua fervendo. Esta infusão, convenientemente adoçada, constitue uma bebida emolliente, empregada sobretudo nos defluxos e nas bronchites.

Externamente. Flores ou folhas em decocção; 15 grammas (1/2 onça) para 360 grammas (12 onças) d'agua, em lavatorios, banhos, gargarejos, collyrios. Quando as malvas devem ser administradas em clysteres ou banhos, devem ser cozidas em agua até ficar esta levemente unctuosa.

Nas boticas empregão-se particularmente duas especies conhecidas sob o nome de grande e de pequena malva.

Malva grande ou **silvestre**. *Malva sylvestris* Lin. Fig. 352. Planta vivaz, mui commum nos lugares cultos e incultos de Portugal, cultivada nos jardins do Brasil. Tem caules pubescentes, de um, dois e mais pés de alto; folhas alternas, chanfradas na base, de 5 a 7 lobulos agudos ou um tanto obtusos, crenulados; peciolos longos, pilosos; flores entre azues e purpureas, com veios de côr escura; sabor mucilaginoso. *Partes usadas* folhas e flores.

Malva pequena ou **de folhas redondas**. *Malva rotundifolia*, Lin.

Distingue-se da precedente em ser a sua raiz annual, por seus talos mais delgados e prostrados na superficie da terra; as folhas,



Fig. 352.

Malva grande ou silvestre.

igualmente lobadas, são mais pequenas; as flores, que são de côr rosea pallida ou quasi brancas, são reunidas em grande numero na axilla das folhas. *Partes usadas* : folhas e flores.

Malva do campo, folha santa ou pinhão. *Kielmeyra speciosa*, St.-Hilaire. Arvore que habita no Brasil, e particularmente na provincia de Minas. Tem 3 a 5 metros de altura; ramos quebradiços, cobertos de uma casca semelhante á cortiça; folhas espargidas, ellipticas, obtusas, quasi sesseis, verdes por cima, mais pallidas por baixo; flores roseas, dispostas em cachos no apice dos ramos. As folhas abundão em mucilagem, e sua decocção serve para preparar banhos emollientes. 30 grammas (1 onça) para 1 litro (32 onças) d'agua.

Malva da China, ou Althea rosea da China. *Althea rosea*, Cavanilles. Cultivada nos jardins, por causa da belleza das flores, que são de côres variadas, desde o branco e amarello até ao vermelho escuro; cheiro nullo, sabor pouco; folhas quasi redondas, angulosas-sinuosas, ou lobadas sinuosas. Toda a planta é mucilaginoso. A sua raiz é ás vezes substituida no commercio á da althea.

MALVAISCO. *Sphaeralcea cisplatina*, St.-Hilaire. Malvaceas. Arbusto do Brasil (Rio grande do sul). Metro e 1/2 de alto; folhas ovaes, agudas, obtusas na base, trilobadas, denteadas, pubescentes por cima, esbranquiçadas por baixo; flores pedicelladas, approximadas umas das outras, vermelhas. A infusão ou decocção das folhas e flores é emolliente; emprega-se internamente contra a tosse, e externamente em banhos. 8 a 16 grammas (2 a 4 oitavas) para 500 grammas (1 libra) d'agua. Dá-se tambem o nome de malvaisco á *quaxima*.

MAMADEIRA. *Vêja-se* vol. I, pag. 143.

MAMOEIRO. *Carica papaya*, Linneo. Papayaceas. Arvore das ilhas Molucas, naturalizada no Brasil. Os fructos verdes servem para doces e preparações culinarias; quando maduros, contém uma substancia comestivel bastante agradável. As sementes passão por vermifugas. As folhas servem para clarear a roupa; tambem se emprega o fructo em cataplasmas nas ulceras. A carne dura dos animaes velhos, recentemente mortos, envolvida durante uma só noite nas folhas do mamociro, torna-se tenra e boa para comer.

MAMONA, RICINO, CARRAPATEIRO ou PALMA-CHRISTI. Dão-se estes nomes a uma arvore denominada por Linneo *Ricinus communis*, da familia das Euphorbiaceas, originaria da Africa e das Indias Orientaes; mas cultivada em Portugal e no Brasil, onde é quasi espontanea, e frequentemente chega a altura de 13 metros.

Fig. 353. As suas folhas são vulgarmente empregadas para curar feridas e para banhos emollientes. Estas folhas são grandes, palmadas, com 7 ou 9 lobulos agudos e dentados. Das sementes, conhecidas sob o nome vulgar de *carrapatos*, extrahe-se oleo ordinario para luzes, e fino para o uso medico, sendo o seu consumo immenso como purgante brando; é conhecido pelo nome de *oleo de ricino*, e administra-se na dose de 8 grammas (2 oitavas) para as crianças, e 15 a 60 grammas (1/2 a 2 onças) para os adultos puro ou misturado com agua, assucar e sumo de limão.

MANACÁ, MANACAN, GERATACÁCA, JERATACA, CANGABÁ. *Franciscea uniflora* Pohl. Scrophularineas. Arbusto do Brasil; habita especialmente no Pará, Maranhão, Amazonas. Folhas de peciolo curto, alternas, oblongas, acuminadas, onduladas; flores solitarias e terminaes, de cheiro fragrante; sabor de toda a planta amargo e nauseoso. A raiz é purgativa na dose de 30 centigrammas a 1 gramma (6 a 20 grãos); é empregada como antisiphilitica entre os indigenas. Em alta dose é venenosa; produz escurecimento da vista, confusão de ideias, delirio e tremores. Os indios, habitantes do interior do Amazonas, extrahem d'esta planta um succo em que molhão as pontas de suas settas.

MANCENILHA. *Hippomane mancenilla*, Linneo. Euphorbiaceas. Arvore da America equatorial; no Brasil habita nas provincias do Amazonas, Pará, Maranhão. Arvore venenosa. A imaginação augmentando-lhe a actividade pernicioso, aliás excessiva, fez d'esta arvore uma especie de substancia intangivel, capaz de envenenar com as suas emanações, e ferindo de morte os que se abrigão junto d'ella. Ha n'isto grande exaggeração.

A mancenilha é uma arvore elevada, contendo debaixo da casca



Fig. 353.

Mamona ou Ricino.

e nas suas partes herbaceas, um succo leitoso, abundante, de propriedades causticas e venenosas. Folhas ovaes, quasi cordiformes na base, pontudas, levemente serreadas; as flores masculinas formão espigas terminaes globosas; a flor femea, solitaria, acha-se inserida na sua base. Fructo, drupa grossa, carnosa, semelhante a uma pequena maçã, contendo uma noz multilocular, cada loculamento com uma semente. Estes fructos separão-se espontaneamente, quando maduros. Todas as partes da arvore são venenosas; o succo irrita a pelle e produz erupções pustulosas com vermelhidão, inchação e prurido doloroso. Os fructos tem cheiro particular pouco sensivel. Quando se comem, não tem sabor a principio, depois tem um gosto adocicado. Mas logo manifesta-se irritação violenta nos labios, lingua e paladar. Esta acção irritante local não deve ser confundida com a acção geral do veneno.

Houve quem assegurasse que a mancenilha torna venenosa a chuva que tocou a sua folhagem; que mesmo a sua sombra é funesta. O naturalista Jacquin foi porém molhado, sem incommodo, pela chuva que atravessou esta arvore. Descançou tambem debaixo de uma outra mancenilha, durante tres horas, sem experimentar o menor accidente. Forão, pois, exaggerados os effeitos malfazejos d'este vegetal; o que comtudo, não autoriza sufficientemente a considerar as suas emanções como não nocivas em todas as circumstancias.

Symptomas do envenenamento. Se se tem comido, por exemplo, o fructo, ha logo depois calor urente da lingua e bocca, contracções do estomago, vomitos, suores frios, syncopes, até que sobrevem a morte.

Em caso de envenenamento dá-se um vomitorio, 5 centigram. (1 grão) de tartaro emetico, para expellir o veneno.

Quando a pelle foi posta em contacto com o succo leitoso da mancenilha, é preciso immediatamente lava-la com agua fria, e depois applicar uma cataplasma de linhaça.

MANCHAS DO OLHO. *Veja-se BELIDA.*

MANCHAS ou NODOAS DA PELLE. Varias manchas podem existir na pelle. Cada uma das molestias da pelle principia por manchas de character differente, e cuja descripção se acha nos artigos que tratão d'essas molestias.

Existem, ás vezes, certos *descoramentos* ou *perdas da côr da pelle* em varios lugares do corpo. Esta affecção observa-se frequentemente no Rio de Janeiro nos pretos, raras vezes nos brancos; cónsiste em nodoas mais ou menos extensas e muito mais desmaiadas do que as partes vizinhas, e dependentes da modificação do *pigmento* da pelle. Esta alteração da côr da pelle declara-se sem

causa conhecida : parece que é devida á influencia do clima ; pôde desaparecer espontaneamente , e não ha medicamentos internos nem externos que possam ter influencia sobre a sua cura. Suppõe-se que a mudança do clima pôde ser favoravel. Mas estas manchas não alterão a saude geral, só são desagradaveis á vista.

Manchas hepaticas. Estas manchas distinguem-se pela côr fusca, amarellada, d'onde lhe vem o nome de manchas hepaticas. N'esta variedade apparecem na superficie da pelle, e particularmente no peito e pescoço, nodoas de fórma e extensão variaveis, mais ou menos numerosas, approximadas umas das outras, mas ordinariamente separadas em muitos pontos por intervallos em que a pelle conserva a côr natural. As manchas hepaticas não são sensivelmente salientes na superficie da pelle, são só um pouco rugosas pelo effeito da seccura da pelle que não transpira n'este lugar, e em consequencia da exfoliação da epiderme que se faz na superficie d'ellas. Estas manchas são ás vezes passageiras : ha senhoras que só são d'ellas affectadas nas epocas proximas da menstruação.

As manchas hepaticas constituem uma affecção de pouca importancia. Desapparecem com bebidas refrigerantes, taes como limonada de limão, de laranja, de tamarindos, regimen composto principalmente de vegetaes e banhos sulfurosos. Estes banhos preparão-se com 60 grammas (2 onças) de sulfureto de potassio e quantidade sufficiente d'agua morna para um banho geral. Tambem aproveitão os lavatorios com o [leite virginal. Eis-aqui a receita d'esta preparação pharmaceutica :

Agua de rosas.	..	4 grammas (1 oitava)
Tintura de benjoim.	..	160 grammas (40 oitavas).

Misture-se.

Mas, apesar de todos os remedios, as manchas hepaticas tornão a apparecer em algumas pessoas com muita facilidade, sobretudoo com a volta dos calores.

As differentes manchas da pelle são muitas vezes confundidas sob o nome vulgar de *pannos*. Veja-se MOLESTIAS DA PELLE.

MANDIBULA. Veja-se QUEIXO.

MANDIOCA ou **Maniva.** *Jatropha manihot*, Linn. Euphorbiaceas. Fig. 354. Arbusto sarmentoso e trepante, originario da Africa, cultivado na India, e na America desde o estreito de Magalhães até ás Floridas. Como alimento, é para o Brasil o mesmo que o trigo para os Europeos e Norte-americanos. A raiz é grossa, tuberosa, carnosa, branca interiormente, e cheia de um succo branco, muito acre e muito venenoso. As folhas são alternas, pecioladas, divididas em tres; cinco ou sete lobulos lanceolados,

profundos, agudos, um pouco sinuosos sobre as margens, de um verde escuro na face superior, glaucas na inferior. As flores

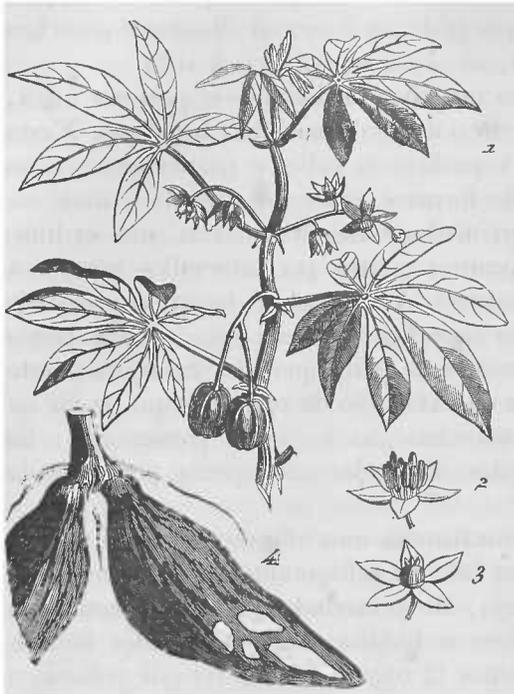


Fig. 354. — Mandioca, *Jatropha manihot*.

- 1, ramo florífero e fructífero; 2, flor masculina;
3, flor fêmea; 4, raiz.

masculinas são separadas das fêmeas; existem ambas no mesmo vegetal.

A raiz da mandioca é a parte da planta que é a mais importante. Algumas raízes adquirem um volume mui consideravel e pesão até 15 kilogr. Esta raiz é branca e carnosa interiormente; é quasi unicamente composta de amido, ao qual se ajunta um sumo branco, acre e venenoso. Este veneno, que é mui alteravel, parece ser acido cyanhydrico ou um corpo facil de transformar-se n'este acido. Todavia chega-se facilmente a privar a raiz da mandioca do

seu principio acre e venenoso, quer pela acção do calor quer por lavagens repetidas. Esta raiz torna-se então um alimento são e abundante. Serve para a preparação da farinha de mandioca, um dos alimentos mais preciosos aos habitantes do Brasil. Eis-aqui o processo que se emprega na preparação da farinha: *Raspase* bem a raiz com uma faca, *ceva-se* (isto é, reduz-se a massa) em uma roda vertical, e depois *espreme-se*, para privar-la do sumo venenoso. A massa então é exposta á torrefacção, que lhe tira os ultimos vestigios do principio venenoso, e dá-lhe aquelle aspecto de farinha granulosa e branca com que apparece nas mesas. Chamaõ-lhe tambem *farinha de pão*.

A agua na qual se lavou a pasta de mandioca, deixa depositar no fundo dos vasos um pó branco que é fecula amylacea muito pura. Esta fecula, depois de secca, chama-se *tapioca*, alimento muito delicado e mui nutriente.

O succo da raiz tem acção venenosa mui intensa. Uma pequena

dóse determina a morte no homem e nos animaes, depois de produzir vomitos, e convulsões. O principio venenoso da mandioca é mui volátil, porque se o succo está exposto ao ar, perde ao cabo de trinta e seis horas as propriedades deleterias; acontece o mesmo quando se submete á ebullição. Submettido á distillação este succo fornece um liquido dos mais venenosos : algumas gottas, postas sobre a lingua de um cão, bastarão para mata-lo em dez minutos (Ricord-Mádiana, journal de pharmacie, t. XVI, p. 310). Chama-se *manipuêra* o liquido resultante da espressão da raiz de mandioca ralada e posta no *tepiti*, especie de cesta ou vaso feito da taquarussú, ou taquara rachada e trançada. Apesar de tão venenoso, serve para preparar o *tucupi*, mólho muito usado no Pará, Amazonas e Maranhão. Para prepara-lo, ferve-se o liquido com pimenta e alho, ou simplesmente se põem em maceração esses ingredientes, e deixão-se expostos ao ar e sereno. A mesma tubera, lançada dentro d'agua em maceração, até soffrer principio de fermentação, perde tambem o principio venenoso; e sendo lavada em diversas aguas serve para fazer bolos. É a mandioca *puba*.

O nome de *mandioca* é dado á raiz, e o de *maniva* em geral ao vegetal, de que ha muitas variedades, que indico segundo o *Diccionario de Botanica brasileira* de Joaquim de Almeida Pinto.

Maniva aipim. *Jatropha pseudo-aipi* (?) O caule é branco, os peciolos das folhas esverdinhados no apice e arroxeados na base junto ao caule. As folhas são de 5 ou 7 divisões. Parece-se com a *macaxera branca*.

Maniva amarella. *Jatropha*. A raiz é do tamanho ordinario, de cerca de 36 centimetros, casca fina e branca em relação ás outras; a massa tem a côr amarella e dá boa farinha.

Maniva atando calado. Caule branco, gommos arroxeados, raiz curta, grossa e cascuda, massa enxuta; dá farinha de boa qualidade.

Maniva Barroso. É de Alagôas. Gommos e talos rôxos, lenho acinzentado; a raiz cresce muito; dá boa farinha.

Maniva branquinha. Existe em Pernambuco e Alagôas; tem o caule e os peciolos esbranquiçados. A raiz tem a casca parda; massa grossa e compacta. Dá boa farinha.

Maniva caboclinha. Pernambuco, Alagôas. Caule aproxima-se á côr da castanha; raiz curta e grossa, massa enxuta; dá boa farinha.

Ha tambem outra qualidade de *Maniva caboclinha*, em Pernambuco e Alagôas, de caule e peciolos avermelhados. A raiz cresce bastante, e dá boa farinha; mas como d'ella se usa de preferencia

para comer cozida, depois de lavada em duas aguas, pouca farinha se faz d'esta especie.

Maniva canella de urubú. Caule com manchas côr de purpura; os peciolos das folhas são purpureos, e estas de cinco divisões.

Maniva carriry de fogo. Caule branco, manchado de rubro; peciolos das folhas rubros e estas de sete divisões; gommos purpurinos.

Maniva cruvella, Mamão. Assim chamão em Pernambuco a esta especie que cresce muito sem esgalhar. Os peciolos das folhas são vermelhos inferiormente e brancos por cima. As raizes pouco crescem, mas engrossão e são muito succulentas. Dão uma farinha regular.

Maniva cruvellinha. Especie conhecida nas Alagôas. Peciolo das folhas branco, flores amarellas riscadas de côr de rosa; abunda em raizes que engrossão muito; dá em quasi todos os terrenos, e produz boa farinha.

Maniva engana-ladrão. Conhecida em Alagôas e Pernambuco. Peciolos vermelhos, caule acinzentado e gommos brancos. A raiz é compacta; dá boa farinha; estando em terra enxuta conserva-se por muito tempo.

Maniva fria, da matta. Alagôas e Pernambuco. Peciolos brancos, raizes pequenas, grossas, quasi esphericas, succulentas. Dá excellente farinha.

Ha outra variedade de *Maniva fria, da matta*. Sub-arbusto que esgalha muito, com caule esbranquiçado; peciolos brancos com manchas rosadas ou rubras; folhas de cinco lobulos sendo arroxeadas as dos gommos; flores amarelladas, com veio côr de rosa; raiz pequena, quasi redonda, succulenta.

Maniva de gомmo branco. Pernambuco, Alagôas. Caule acinzentado, peciolo e gомmo branco; raiz de casca parda. A massa produz excellente e abundante farinha.

Maniva de gомmo rôxo. Alagôas. Tem um nó rôxo junto ao olho, e o peciolo arroxeadado na inserção das folhas. Raiz cascuda e redonda; não dá má farinha.

Maniva humana. Alagôas, Pernambuco. Caule escuro, peciolo roxo; esgalha abundantemente. A raiz é grande, succulenta e muito enxuta; dá boa farinha e em grande quantidade.

Maniva humana branca. Caule branco, raiz esbranquiçada, casca fina; folhas com tres divisões; peciolo branco; flôr esverdinhada.

Maniva humana fria. Pernambuco, Alagôas. É um pouco esgalhada. Caule acinzentado, peciolo branco; raiz grossa, com-

pacta; dá excellente e abundante farinha. Também lhe chamão *humana fria da matta*.

Maniva humana vermelha. Pernambuco. Caule manchado de côr de rosa; quasi todos os peciolo das folhas vermelhos; estas com cinco divisões; flores amarelladas; raizes grandes e succulentas.

Maniva Isabel de Souza. Esta especie, assim denominada em Sergipe, não cresce muito. Dá raizes que madurecem em seis mezes n'aquella provincia, mas em todas as outras só no fim de um anno e meio. Esta raiz não tem o principio venenoso das outras e até comc-se crua sem que produza nenhum accidente. É usada como macaxera.

Maniva landin. Conhecida em Pernambuco e Alagôas. É um tanto esgalhada, tem o caule pardo, e o peciolo esverdinhado. A raiz tem a casca parda e grossa, e a massa enxuta. Dá boa farinha, mas também a comem; não sendo porém boa para este fim.

Maniva manipeba. 1ª Variedade. É uma qualidade, cujas raizes são bulbiferas no seu prolongamento. Nasce de distancia em distancia uma batata, e por este modo se encrava muito pela terra, dando muito trabalho para colher-se. D'esta batata extrahese farinha, que é tão venenosa que nenhum animal d'ella come. Póde-se conservar o tempo que se quizer; visto que o vegetal chega a grandes alturas acompanhando o matto, se não fôr arrancado.

Maniva manipeba. 2ª Variedade. De Pernambuco e Alagôas. É de caule acinzentado, de peciolo esverdinhado, esgalha tão rasteiramente que os galhos se introduzem na terra. A raiz cresce muito, tem a casca fina, a massa muito enxuta, e entranha-se tanto na terra, que a mão desarmada de instrumento não a póde arrancar. Dura muito tempo, pois chega a dois annos sem corromper-se. Dá uma farinha tão venenosa que nem as formigas a comem.

Maniva manivinha. Tem o caule branco e fende-se na parte inferior em laminaes. As folhas, de cinco lobos, com peciolo branco no meio e purpurinos em cima.

Maniva milagrona. É conhecida nas Alagôas por tal nome; em Pernambuco chamão-lhe, *Maniva freira*. Não esgalha; tem o caule castanho e o peciolo branco. As raizes tuberosas engrossão e alongão-se; são muito compactas. Dão boa farinha em quantidade. Come-se.

Maniva mulatinha. Pernambuco, Alagôas. Caule castanho,

com peciolo quasi da mesma côr; raiz curta e grossa, massa enxuta. Produz boa farinha.

Maniva pacoré. Pernambuco. Caule e peciolo esbranquiçados; raiz parda escura; massa amarella. Quasi se não faz d'ella farinha, por usarem muito comê-la de preferencia.

Maniva parahyba. Caule e peciolos brancos; folhas de 5 divisões; fructo com arestas verdes.

Maniva pé de pombo. *Veja-se Maniva caboclinha.*

Maniva periquito. Alagôas. Caule branco e não esgalha; peciolos encarnados; raiz bastante grossa, produz excellente farinha.

Maniva pipóca. Alagôas. Caule acinzentado; peciolo branco com os pontos de inserção avermelhados; a raiz tem a casca preta. Come-se; dá tambem boa farinha.

Maniva retroz. Esta especie, conhecida nas Alagôas, esgalha e desenvolve-se muito. Caule castanho, peciolo vermelho, raizes longas e grossas, massa muito compacta. A farinha que dá é um pouco fibrosa; sendo porém velha, não é má.

Maniva do Rio Grande. Tronco branco, peciolos das folhas mui compridos e brancos, e as extremidades rosadas; folhas de sete divisões.

Maniva tapicima. Pernambuco, Alagôas. Caule pardo, cresce sem esgalhar, peciolo esverdinhado, raiz parda ou castanha, massa enxuta. Come-se e dá boa farinha.

Maniva tio Pedro. Pernambuco. Caule e peciolos arroxeados, raiz grossa. Dá boa farinha.

Maniva vermelha. Pernambuco, Alagôas. Caule escuro e não esgalha; peciolo vermelho arroxeadado, raiz comprida e carnosa, Sendo nova dá boa farinha.

MANDIOQUINHA DO CAMPO, OU BOLSA DE PASTOR. *Zeyheria montana*, Martius. Bignoniaceas. Arbusto do Brasil; habita especialmente nas provincias de S. Paulo, Minas e Bahia. Tem 2 metros de altura, pouco mais ou menos, ramos tomentosos: folhas pecioladas, oppostas, compostas de 3 a 5 foliolos, oblongos, lanceolados: flores situadas na extremidade dos ramos, e dispostas em paniculas; corolla de côr amarella; fructo, capsula de duas valvulas, oblonga, um tanto comprimida, lenhosa, e coberta exteriormente de uma camada pouco resistente e espinhosa; sementes aladas; raizes com a casca succulenta. A casca da raiz é empregada, segundo Martius, como remedio para combater as molestias da pelle. Faz-se d'ella uma maceração em agua fria, e tomão-se d'este macerato dois a tres copos por dia.

MANDOBI, MENDOBIM, OU AMENDOIM. *Arachis hypogaea*, Lin. Leguminosae. Planta originaria do Brasil, d'onde foi transportada para as Antilhas, Africa e outras regiões quentes do globo. Fig. 355.

É uma planta herbacea que pôde ter 30 centímetros de altura. As folhas são compostas de 4 folíolos; flores amarellas dispostas na axilla das folhas. As flores superiores ficam no ar, entretanto que as que se achão na porção inferior da planta, encurvão-se do lado da terra immediatamente depois de fecundadas, e afundão dentro o novo fructo; é a uma ou duas pollegadas debaixo da terra, que elle chega a amadurecer. É necessario, pois, arrancar a planta com a raiz para ter os fructos, que consistem em uma vagem do comprimento de 27 a 37 millímetros, de 9 a 14 millímetros de largura, um pouco estreitada no meio, contendo ordinariamente duas sementes de um vermelho vinhoso no exterior, brancas interiormente, muito oleoginosas, e que se comem torradas ou cozidas, são de gosto agradável, e gozão, segundo a opinião popular, de propriedades aphrodisiacas. Extrahe-se d'ellas um oleo comestivel, de que fornecem cerca de 50 por 100.

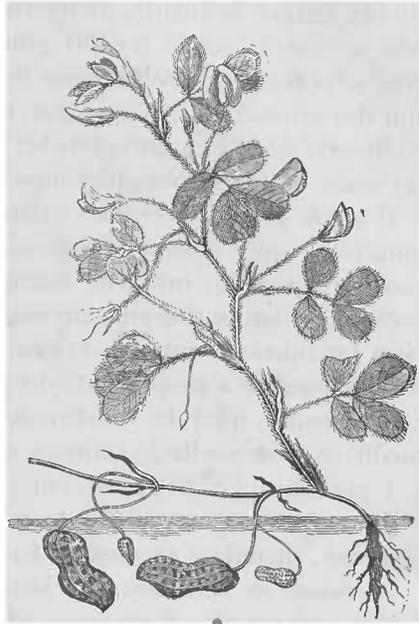


Fig. 355. — Mandobi.

MANDUBI-GUAÇÚ. Veja-se PINHÃO DE PURGA.

MANGABEIRA. *Hancornia speciosa*, Gomez. Apocynaeas. Arvore do Brasil; habita especialmente nas provincias do Rio de Janeiro, Minas, S. Paulo, Bahia, Sergipe e Pernambuco. Folhas oppostas, oblongas, agudas, coriáceas e glabras; flores pedunculadas, pedunculos quasi sempre de tres flores; fructo, baga amarella, ás vezes com manchas vermelhas, succulentas, esphericas, com muitas sementes; sementes circulares, comprimidas. Os fructos (mangabas) comem-se crús ou preparados em doce. São refrigerantes, acidulos, gommosos. De toda a planta, e mesmo do fructo, distilla um succo lacteo e pegajoso, que pôde servir para fazer a *borracha*. Este succo, côr de leite, figurou na Exposição de Pariz em 1867.

Ha outra especie, *Hancornia pubescens*, Martius, cujo fructo (mangaba brava) é tambem comestivel.

MANGANEZ. Metal descoberto em 1774; é do peso de 6,85, de um branco brilhante, de fractura rugosa, mui duro, mui fragil; não se derrete senão no 160 gráo do pyrometro de Wedgwood. Não se obtem senão sob a fórma de grenalha, operando pelo carvão um dos seus oxydos. Não se usa, entretanto que o seu oxydo preto, conhecido de toda a antiguidade, e designado geralmente debaixo do nome de manganez, tem usos importantes.

O *oxydo preto de manganez* existe na natureza, quer em massas amorphas, quer debaixo da fórma de agulhas brilhantes; é friavel, inodoro, insipido, insolúvel em agua. Emprega-se para a preparação do chloro e dos chloruretos, para a extracção do oxygeneo, para branquear o vidro e o crystal, e para a fabricação dos esmaltes. Attribue-se-lhe a propriedade de preservar de qualquer alteração a agua com a qual foi misturado na proporção de 3/500. Em medicina é aconselhado contra a chlorose na dóse de 10 centigram. a 1 gramma (2 a 20 grãos), em pó ou pilulas.

As seguintes composições de manganez são propostas contra a chlorosc, quando a medicação ferruginosa tem falhado.

Carbonato de manganez. Pó branco, algum tanto rosado. *Dóse* : 40 centigrammas a 2 grammas (8 a 40 grãos) em pilulas.

Lactato de manganez. *Dóse* : 5 a 30 centigrammas (1 a 6 grãos) em pilulas.

MANGERICÃO. *Ocimum minimum*, Lin. Labiadas. Planta cultivada nos jardins. Forma por suas ramificações uma linda bola; folhas numerosas, verdes ou avermelhadas; flores pequenas e brancas, cheiro aromatico. As folhas verdes empregão-se como tempero nos môlhos; gozão de propriedades estimulantes.

MANGERONA VULGAR. *Ocimum majorana*, Linneo. Labiadas. Planta annual, aromatica, cultivada nas hortas e empregada para temperar os môlhos e as comidas. Tem 25 centímetros de altura, caules delgados, lenhosos, um tanto pubescentes e avermelhados, guarnecidos de folhas ellipticas obtusas, pecioladas, esbranquiçadas, de cheiro fragrante, sabor um tanto acre, amargo e aromatico.

Mangerona vivaz. *Origanum majoranoides*, Willd. Labiadas. Planta vivaz, isto é, que vive mais de um anno; o seu caule é mais lenhoso do que o da precedente; folhas mais pequenas, mais cotanilhosas e ainda mais aromaticas. Emprega-se para a preparação dos banhos estimulantes.

MANGUEIRA. *Mangifera indica*, Linnco, arvore da familia das Tercbinthaccas, originaria das Indias orientaes, naturalizada

nas Antilhas e no Brasil, onde formou muitas variedades. Arvore bonita, de copa convexa, de folhagem densa, que dá sombra agradável. Tem 8 a 10 metros de altura, de 1, 2 e mais metros de circumferencia; as folhas são lanceoladas, e tem em todas as suas partes um succo resinoso; as flores, em cachos pyramidaes, são de sexos separados, de côr esverdinhada e vermelha. O fructo (*manga*) é uma grossa drupa, de 6 a 12 centimetros, com a fórma de coração; uns são exteriormente de côr verde, ainda mesmo quando maduros; outros de côr amarella pallida, amarella côr de gema do ovo, outros amarellos com uma parte vermelha, e finalmente alguns com uma parte verde e outra vermelha. A polpa é de côr amarella alaranjada. É um fructo de cheiro agradável, de sabor acidulo, assucarado e resinoso; o caroço é quasi chato. A amendoa tem um gosto fortemente adstringente, e contém grande quantidade de acido gallico livre, que se pôde extrahir de maneira muito mais facil e expeditiva do que a que serve para extrahir este acido da noz de galha. A manga é uma excellente fructa, talvez a melhor que existe; dizem que occasiona a febre: esta opinião é inteiramente hypothetica. A polpa tem sabor e cheiro delicioso, a que o Dr. Martius chamou uma *verdadeira ambrosiã*.

MANIA, MANIACO. *Vêja-se LOUCURA*.

MANNÁ. O manná é um sumo concreto que corre espontaneamente e por incisão de muitas especies de freixos, e principalmente do *fraxinus ornus*, Linneo (Oleaceas), que dão na Italia. O manná é mais ou menos puro. O mais estimado é o que vem em pedaços de tamanho variavel, seccos, branco-amarellados, e de sabor doce agradável; é o que se chama *manná em lagrimas*. Uma segunda especie denominada *manná commum* é mais humido, menos branco, em pedaços mais irregulares e adherentes entre si: emfim, dá-se o nome de *manná gordo* ou ordinario ao que é em massas molles, pegajosas, e côr de mel de abelhas, misturado com muitas impurezas. A primeira especie é expectorante e peitoral, mais propria para lambedores, marmeladas: a segunda mais laxante é empregada nas bebidas laxantes, ou dissolvida em um copo de leite na dóse de 30 grammas (1 onça), para as crianças e de 60 gram. (2 onças) para os adultos; a terceira é ainda mais laxante, usada para clysteres na mesma dóse.

O manná é recommendado nas affecções catarrhaes do peito, e mais particularmente na tosse. O manná em lagrimas, quando é puro e recente, deve ser considerado como uma substancia alimentaria. Com effeito, os habitantes da Sicilia e Calabria empregão-n'ò em lugar do assucar, sem que d'elle soffrão acção alguma purgativa, e por isso, quando se quer que esta especie de manná

produza o effeito purgativo, augmenta-se a dóse até 90 e 120 gram. (3 a 4 onças).

Foi dado o nome de manná a muitas substancias que tem analogia com o manná dos freixos. Assim foi chamado *manná alhagi*. um sumo branco, concreto, que se tira de um arbusto que forma pequenas sarças, e que habita nos desertos, na Persia, Arabia e Nubia. Este arbusto foi chamado por Linneo *Hedysarum alhagi*. Muitos autores julgão que esta substancia é o manná com que se nutrião os Hebreos no deserto. Outros pensão que foi fornecido por *Tamarix mannifera* do Oriente, pequeno arbusto espinhoso que produz em abundancia um succo avermelhado, que cahe no chão, e que os Arabes ainda hoje chamão *man*. Outros, emfim, julgão que o manná dos Hebreos era a *parmelia esculenta*, especie de musgo que arrancado pelos ventos, e trasportado por elles a longa distancia, foi cahir como chuva do céu. O manná dos Hebreos era, segundo a Biblia, uma substancia analoga á gomma, friavel e doce. Sabe-se que, pouco tempo depois de sahidos do Egypto, os Hebreos, chegados ao valle de Siu, carecêrão de alimentos, e que então appareceu no chão, de manhã, uma substancia a que os Hebreos chamárão *manná*. Cahio durante todo o tempo que os Israelitas vivêrão no deserto.

MANNITA. Principio crystallizavel do manná. É branca, de sabor agradável, solúvel em agua. Fazem-se com ella pastilhas contra a tosse.

MANTEIGA. Substancia gorda de côr branca amarellada, mais leve do que a agua, mui fusivel; acha-se no leite dos animaes. Para prepara-la, abandona-se primeiro o leite a si mesmo; depois tira-se a nata, e bate-se esta n'um apparelho apropriado. As particulas da manteiga reúnem-se então pela agitação, e separão-se da parte liquida. Em vez de deixar repousar o leite para tirar a nata, introduz-se o leite mesmo no apparelho, e bate-se immediatamente. A extracção da manteiga n'este caso é tão facil como com a nata, sómente exige apparelhos maiores. Termo médio, é preciso 28 litros de leite para obter 1 kilogramma de manteiga; uma boa vacca dá cerca de 64 kilogrammas de manteiga por anno. A manteiga fina tem ordinariamente uma côr amarella, que se imita com sumo de cenoura, com urucú e outras plantas. O contacto do ar torna a manteiga rançosa com muita promptidão, sobretudo no verão; para impedir este inconveniente cumpre derretê-la a calor brando ou salga-la; conserva-se então por muito tempo. Salga-se a manteiga, misturando-a com sal cinzento, que é preferivel, n'este caso, ao sal branco. A manteiga destinada para as viagens maritimas, salga-se com a mistura de 2 partes de

sal grosso, 1 parte de assucar, e 1 parte de salitre. A manteiga emprega-se como tempero e como alimento. Fresca, usa-se em medicina no curativo das feridas pequenas; e em pharmacia substitue ás vezes a banha na composição de pomadas.

MANTEIGA DE ANTIMONIO. Chama-se assim uma substancia grossa, branca, semi-transparente, excessivamente caustica, susceptivel de attrahir a humidade do ar, que a torna amarella, e a transforma em um liquido oleoginoso. A manteiga de antimonio é um dos causticos mais energicos; emprega-se para cauterizar os carbunculos, as mordeduras de animaes damnados e de cobras venenosas. applica-se mediante um pincel de fios, mas deve-se primeiro enxugar o sangue.

MANTEIGA DE CACÁO. *Veja-se CACÁO.*

MANULUVIO OU BANHO DE MÃO. Imersão mais ou menos prolongada das mãos n'um liquido quente ou frio.

MÃO CHEIRO DO NARIZ. *Veja-se OZENA.*

MÃO GEITO. *Veja-se TORCEDURA.*

MÃO GEITO NO PESCOÇO. *Veja-se TORCICOLLO.*

MÃO HALITO. *Veja-se HALITO.*

MÃO SUCCESSO. *Veja-se ABORTO.*

MÃO. É a parte do corpo que termina o braço; serve para o tacto e para apanhar os diversos objectos. A palma da mão é sulcada de rugas ou linhas que são determinadas pela flexão d'este orgão, e cuja direcção offerece algumas differenças segundo os individuos. É n'estas linhas que era baseada a *chiromancia*, sciencia occulta muito em voga na idade média, e que consistia em adivinhar pelas linhas da palma da mão a indole ou o futuro de alguem. A *chiromancia* cahio hoje no ridiculo.

A descripção dos ossos, que entrão na composição da mão, acha-se no artigo *Deslocação da mão*, vol. I, pag. 826.

MOLESTIAS DA MÃO. As molestias da mão são numerosas; as que podem affectar os *dedos* achão-se descriptas no vol. I, pag. 783.

Deslocações ou luxações da mão. *Veja-se* vol. I, pag. 826.

Feridas da mão. *Veja-se* vol. I, pag. 4091.

Fracturas dos ossos da mão. *Veja-se* vol. I, pag. 4192.

Ganglio. *Veja-se* vol. II, pag. 43.

Hemorrhagia da mão. *Veja-se* FERIDAS, vol. I, pag. 4092.

Inflammação, postemas. A inflammação da mão merece bastante attenção, por causa da pelle dura, de muitos nervos e arterias que entrão na composição d'esta região. As picadas profundas podem determinar postemas, que tambem sobrevem sem causa conhecida. Os manuluvios d'agua morna, as cataplasmas de linhaça são os remedios mais convenientes n'este caso. Se sobrevier uma

postema, é preciso abri-la mui cedo com bisturi, afim de impedir que o pus penetre mais profundamente, e destrua os tendões e os ossos. *Veja-se* ABCESSO, vol. I, pag. 7

Verrugas. Veja-se VERRUGA.

MAPAM. *Hippomane brasiliensis*. Euphorbiaceas. Arvore do Brasil. É lactifera e venenosa. O fructo é uma baga que tem dentro uma noz leitosa, contendo muitos caroços.

MAR. As margens do mar são salubres, especialmente quando a praia é algum tanto elevada. Esta vizinhança póde apresentar inconvenientes quando, pelo contrario, as praias são planas, deprimidas, e não deixão vazar as aguas das altas marés. Então formão-se pantanos que pela decomposição dos productos vegetaes e animaes se tornão focos de molestias epidemicas. Os habitantes das bordas do mar são geralmente sãos e vigorosos; o costume da navegação, o ar vivo, que respirão, a alimentação que tirão da pesca, contribuem para lhes dar actividade e força, O ar do mar é vivo, excitante, e contribue poderosamente para a saude. Deve esta propriedade ás particulas salinas que se lhe misturão pela evaporação das aguas. Basta ás pessoas, que a isso não estão costumadas, habitar por algum tempo as margens do mar, para verificar a acção produzida pela sua vizinhança : a respiração faz-se com maior facilidade, é mais larga, e produz um certo prazer. As funcções executão-se com maior energia, a digestão é mais activa, os movimentos do corpo são mais vivos. Esse augmento de actividade nas diversas funcções, produzido pela influencia do ar maritimo, é vantajoso em muitas affecções chronicas; convem sobretudo aos individuos fracos, ás meninas chloroticas, ás senhoras nervosas, aos individuos fatigados pelos trabalhos de gabinete ou por certos excessos, ás pessoas que tem desarranjo nos órgãos digestivos, gastralgias e até catarrhos chronicos. Esta acção do ar marino é ainda augmentada pelos banhos do mar. Para o complemento d'este artigo *veja-se* AGUA DO MAR e ENJÓO.

MARACUJÁ. *Passiflora maliformis*, Linneo. Passifloreas. Cipó commum no Brasil. O seu fructo, de que existem muitas variedades, contém uma polpa gelatinosa, acidula, com um aroma particular e delicioso. Convem muito aos convalescentes.

MARASMO. Assim se chama o emmagrecimento extremo de todo o corpo : consequencia ordinaria de grande numero de molestias chronicas. O marasmo apodera-se frequentemente das pessoas profundamente descorçoadas, quer por causas moraes, quer por enfraquecimento resultante de alguma molestia grave, quando se persuadem que não lhes é mais possivel voltar á saude; mas se elles mesmos se abandonão, não é um motivo para aban-

dona-los. A mudança de ar, as viagens, o regimen tonico, o vinho generoso, as aguas minereas ferruginosas, triumphão assaz frequentemente do marasmo occasionado pelo pezar ou pelo abatimento, que succede aos soffrimentos de uma longa molestia.

MARAVILHA, BONINA, BOAS ou BELLAS NOITES. *Mirabilis dichotoma*; Linneo. Nyctagineas. Fig. 356. Esta planta, commum no Brasil e em Portugal, é uma das que decorão os jardins mais agradavelmente. — As suas flores são ordinariamente vermelhas, ás vezes amarellas, brancas ou raiadas de branco-vermelho, ou branco - amarello; abrem-se de noite, e fechão-se de manhã; folhas ovaes, pontudas.

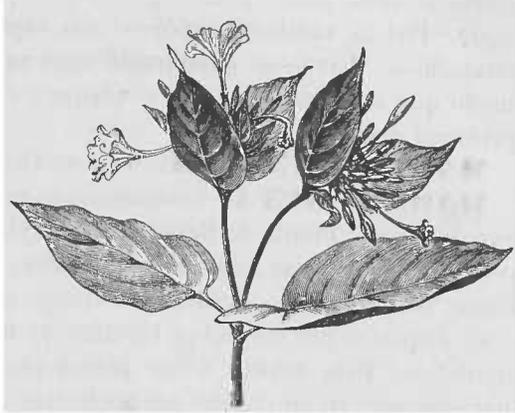


Fig. 336. — Maravilha.

A raiz, de gosto acre e nauseoso, goza de propriedades purgativas, e por muito tempo suppôz-se na Europa que esta raiz dava a jalapa. Sabe-se hoje que a jalapa provém da *Exogonium purga*. A raiz da maravilha, na dóse de 2 a 4 grammas ($1/2$ a 1 oitava), póde ser administrada como purgante.

MARCELLA. *Veja-se* MACELLA.

MARFIM. Substancia ossea que constitue as presas ou os dentes do elephante. É susceptivel de receber mui bello polimento, e emprega-se para fazer cabos de instrumentos, leques, estatuas pequenas e grande numero de pequenos objectos. A maior parte das presas de elephante vem da Africa, sobretudo da costa de Guiné; vem igualmente das Indias orientaes, principalmente do Ceylão. Tem-se achado do peso de 80 kilogrammas. Os dentes do hippopotamo, do elephante marinho (*morse*, em francez), e do unicornio (*narval*) fornecem tambem especies de marfim muito estimadas. Existe ainda um *marfim fossil da Siberia*; bem que enterado desde o diluvio, está perfeitamente conservado, e é muito abundante: é conhecido no commercio sob o nome de *marfim verde*, porque é de côr branca algum tanto esverdeada. O marfim perde logo a alvura ao contacto do ar e da poeira: póde-se impedir que se torne amarello mettendo-o sob uma redoma de vidro hermeticamente fechada: assim exposto aos raios solares torna-se mesmo mais branco. Tingem-se o marfim de differentes

eôres mergulhando-o n'um banho de páo Brasil, de açafão, de verdete, de campeche, ou de sal de ferro, segundo o que se queira vermelho, amarello, verde ou preto; mas põe-se previamente de mólho por algumas horas n'uma solução de pedrahume ou de vinagre.

Modo de limpar os objectos de marfim cuja alvura está alterada. Esfreguem-se eom pedra pomes reduzida a pó mui fino e diluidã em agua. Podem tambem expôr-se aos vapores de enxofre e depois enxugão-se. Lavão-se igualmente com sabão preto. Mas qualquer modo que se empregue, não se chega a restituir ao marfim a sua primeira alvura.

MARFIM VEGETAL. *Veja-se* COQUEIRO MORPHIS.

MARIA PRETA. *Conoclinium prusifolium*, De Candolle. Synanthereas. Planta do Brasil. Caulcs cylindricos, eriçados; folhas pecioladas, alternas, ás vezes oppostas, ovaes com a base cordiforme ou troneada, denticadas; flores reunidas em capitulos; e estes dispostos em corymbos terminaes; florões eôr de rosa; cheiro aromatico. Esta planta serve para a preparação dos banhos aromaticos, que se empregão nas molestias caracterizadas por debilidade. — 1 kilogramma (2 libras) da planta para um banho.

MARIANINHA. *Veja-se* TRAPOERABA-RANA.

MARIBONDO. Especie de vespão do Brasil que morde e deixa ardor por algum tempo. Ha varias especies de maribondos: ha-os pretos e amarellos; estes ultimos chamão-se *caboclos*; sua picada arde muito, e inflamma-se ás vezes por dias; os menos nocivos são os *maribondos mosquitos*, ou pequenos: vivem em sociedade eomo as abelhas, e fazem varios andares com casinhas para os filhos; algumas d'estas casinhas são de barro; alguns vivem solitarios, e chamão-se ermitãcs. O tratamento de suas picadas é o mesmo que o das picadas de abelhas. *Veja-se* vol. I, pag. 16.

MARIENBAD. Aguas salinas sulfatadas frias. Itinerario de Pariz a Marienbad: Estrada de ferro por Francfort e Bamberg até á estação de Eger: 22 horas. Carro de Eger a Marienbad 4 horas. Despeza 130 francos.

Marienbad é uma aldeia da Bohemia, situada a 6 legoas de Carlsbad. É um verdadeiro parque inglez, com as suas alamedas areadas, bosques e correntes de agua, tudo eereado de hoteis destinados pela maior parte aos banhistas.

As fontes de Marienbad, no numero de sete, são frias; contém sulfato de soda, de potassa, chlorureto de sodio, lithina, acido carbonico. Entre estas fontes duas sobretudo merecem uma descripção particular, são *Kreutzbrunn* e *Ferdinandsbrunn*.

A fonte *Kreutzbrunn* brota no centro de uma elegante rotunda

cercada de triplice fileira de columnas, ligadas por uma longa galeria que serve de passeio ás pessoas que vem beber a agua. Esta agua é limpida; o seu sabor é acidulo e picante; deixa um resaibo levemente salgado que não é desagradavel; contém 7 gram. de saes por litro.

A fonte *Ferdinandsbrunn* está situada nos limites do valle, a 1 kilometro de Marienbad; a vereda que ali conduz atravessa o matto na sua parte mais agradável, e chega a um elegante palacetec onde se bebe a agua. A sua composição consiste nos mesmos saes que a precedente, só a proporção dos saes é mais forte, pelo que a acção da agua é mais poderosa.

As fontes de menor importancia são : as fontes de *Carolina* e de *Ambrosio*, notaveis sobretudo pela quantidade de gaz e de ferro que contém; a *Wiesenquelle* e a *Waldbrunn*, que tirão o nome, uma do prado, outra do matto onde nascem : são as fontes mais ricas de Marienbad em carbonato de magnesia e de cal. Emfim ha a fonte *Maria*, menos mincralizada do que as outras, mas de tal maneira gazosa que o tanque onde brota parece estar em ebullicão.

As fontes de Marienbad tem quasi todas as mesmas propriedades medicinaes : são as aguas resolutivas por excellencia, e purgativas. Empregão-se sobretudo nos enfartes abdominaes, molestias do figado, do baço, gota, areias, e para combater a obesidade. De ordinario associão-se os banhos á bebida. Os banhos preparão-se ora com agua mineral simples, ora com uma especie de turfa friavel e pulverulenta, que se extrahe do lugar vizinho, composta de terra vegetal unida a uma substancia bituminosa, e que se dilue na agua previamente aquecida da fonte *Maria*. Estes banhos tomão então o nome de *banhos de lodo*. É um poderoso revulsivo. Produzem tal comichão, que se imaginou, para o uso dos banhistas, verdadeiros raspadores. São pequenas almofadinhas de velludo guarnecidas de alfinetes, e adaptadas a uma haste, de que os banhistas se servem para esfregar as costas. Chamando assim o sangue para o exterior, estes banhos desembaração os orgãos situados mais profundamente; pelo que são gabados contra os engurgitamentos visceraes. Ha tambem em Marienbad banhos de gaz acido carbonico, que estimulam energicamente a pelle. Estão dispostos n'uma pequena casa situada por cima de uma corrente gazosa. A estação dos banhos dura do 1º de Junho a 15 de Setembro. Estas aguas, transportadas, conservão-se bem.

MARINHEIRO ou **Gito**. *Guarea purgans*, St.-Hilaire, Meliaccas. Arvore do Brasil. Ramos avermelhados; folhas alternas,

compostas de cinco até nove parcs de foliolos oppostos, oblongos, lanceolados, glabros; flores axillares; dispostas em paniculas racimosas; fructo, capsula glabra. A casca d'esta arvore é amarga e adstringente; goza de propriedades purgativas e vermifugas. Os sertanejos para se purgarem tomão a infusão de 15 grammas (1/2 onça) de casca em 150 grammas (8 onças) d'agua fervendo. Tambem se preparão clysteres, com a mesma infusão; são utilizados nos casos de vermes no recto. Em dóse elevada esta casca é venenosa.

Marinheiro de folha larga, Tuaiussú, Utuapoca. *Guarea spiciflora*, Jussieu. Meliaceas. A casca da arvore, e principalmente a da raiz, é tambem purgativa; deve ser empregada com cautela.

Marinheiro de folha miuda. *Moschoxylon catharticum*, Martius. Meliaceas. Arvore do Brasil, (Minas, Bahia, Pernambuco). O cozimento da casca da raiz é usado em clysteres nas febres intermittentes.

MARIRIÇÓ, BARIRIÇÓ OU CAPIM REI. *Poarchon fluminensis*, Freire Allemão. Irideas. Planta do Brasil. É uma herva semelhante a um capim, com bolbo na raiz e flores em pendão. Tronco subterraneo tuberiforme, cylindrico, vertical, de côr amarella, tendo até 5 centimetros de comprimento, e 2 1/2 de grossura, obtuso em baixo, subcarnoso, e marcado de linhas transversaes; todo coberto de raizes fibrosas, roliças e longas. Este tronco subterraneo chama-se vulgarmente *cabeça de maririçó*. Folhas ensiformes, reunidas no alto do tronco subterraneo, chegando a mais de 45 centimetros de comprimento, 1 a 2 centimetros de largura, planas. Caule, ou antes pedunculo axillar, unico para cada inflorescencia, elevando-se além da altura das folhas, comprimido, fistuloso. Flores solitarias na axilla de cada bractea, amarellas. O fructo é uma capsula oblonga, obtusa; sementes numerosas. As *cabeças* de maririçó compõem-se de fecula, e de um principio acre no qual residem as proppricdades purgativas. Para se obter o seu effeito, assão-se no borrvalho seis a oito cabeças, e comem-se; bebe-se por cima meio copo d'agua.

MARISCA. Excrescencia syphilitica. *Vejá-se SYPHILIS.*

MARISCO. Animal mollusco, facil de reconhecer pela sua concha bivalve curva, oblonga, de côr azul carregada. É mui commum á beira do mar, e usa-se, desde a mais remota antiguidade, como alimento. A sua carne, de sabor agradável, é em geral difficil de digerir, sobretudo no verão: estação na qual produz ás vezes accidentes, cuja causa ainda não está bem determinada. Uns pretendem que os mariscos são nocivos em razão

de pequenas estrellas do mar que encerrão em si, ou porque desovão na estação quente; outros attribuem os seus efeitos deletérios, a uma disposição especial do estomago das pessoas que os comem, ou a uma affecção morbosa do mesmo animal. Convem, entretanto, dizer que os accidentes causão maior espanto do que devião, visto não serem tão perigosos como se suppõe : consistem em vomitos, evacuações alvinas, comichão na pelle, erupção de pequenos botões, dôres de cadeiras, calefrios, suffocação, etc. O tratamento d'estes accidentes é o seguinte : favorecer os vomitos dando a beber 5 centigrammas (1 grão) de emetico n'uma chicara d'agua morna; e depois de provocados os vomitos, administrar uma chicara de chá de herva cidreira ou de folhas de laranja. Para assegurar-se de suas boas qualidades, é preciso escolher os mariscos que são pesados e com duas conchas fechadas; cumpre rejeitar as que estão abertas ou leves. Os mariscos do mar são mais estimados do que os das lagoas.

Modo de tirar aos mariscos as qualidades nocivas. Como não se póde ter a certeza de que os mariscos que se comprão ou se pescão, não tenham qualidades nocivas, é prudente faze-los passar por uma preparação antes de os empregar. Consiste esta preparação em mette-los, por cinco ou seis horas, em agua simples renovada duas ou tres vezes. E de qualquer maneira que se preparem, devem temperar-se com vinagre. Ficão então desembaraçados de todas as materias nocivas, e perdem ao mesmo tempo o gosto de lôdo que ás vezes tem.

MARLIOZ. Aguas sulfurosas. *Veja-se* vol. I, pag. 401.

MARMELADA. Dá-se este nome a doces de consistencia pouco solida, feitos com fructas carnosas, marmelos, maçãs, damascos, etc., e assucar. Por analogia, chamão-se tambem *marmeladas* medicamentos de consistencia pultacea, compostos de substancias viscosas e assucaradas.

MARMELO. Fructo do marmeleiro, *Pyrus cydonia*, Linneo, arvore da familia das Rosaceas-pomaceas, originaria da illa de Creta, frequente em Portugal, cultivada no Brasil. Ha duas principaes variedades do marmeleiro, um tem os fructos redondos, outro alongados. Aquelle chama-se *marmeleiro dos marmelos miudos*, este *marmeleiro dos marmelos molares* ou *gamboas*, ou *de Portugal* (*Cydonia lusitanica*), fig. 357 Este fructo é tonico e adstringente. O seu cheiro é forte, mas agradavel, sabor agridoec; come-se crú, cozido ou feito em doce. Os marmelos nos climas temperados como a França, mesmo perfeitamente maduros, são muito acerbos para poderem ser comidos crús; e por isso submettem-se primeiro a diversas preparações; mas os marmelos do Brasil podem comer-se

crús : são agrídoces. Prepara-se com o sumo um xarope adstringente, com o qual se adoça as bebidas administradas nas dysenterias chronicas. Os caroços do marmelo contém abundante mucilagem, e sua decocção, além de ser um bom peitoral, pôde empregar-se com vantagem em lavatorios nas inflammações dos olhos. Prepara-se este cozimento com uma colher *de chá* de caroços de marmelo e duas chicanas d'agua. É com estes mesmos caroços (pevides) que os cabelleiros preparão a *bandolina*, liquido que serve para lustrar e fixar os cabellos. A *gelea de marmelos* é um dos doces mais agradaveis.

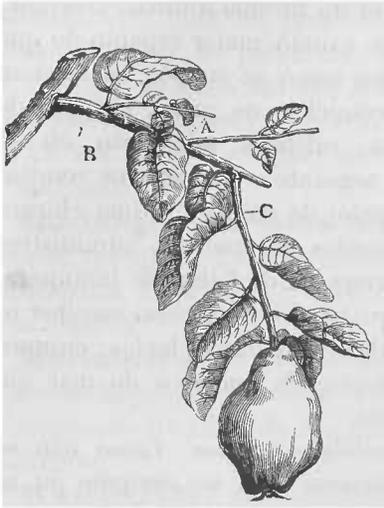


Fig. 357.

Marmeleiro de Portugal.

mento nas artes. Fazem-se com elle estatuas, columnas, mesas, etc. Em alguns paizes, em Veneza sobretudo, foi empregado para construir palacios. — O marmore é cal carbonatada. O marmore branco não é composto senão d'esta substancia; as variedades coradas devem suas differentes côres, seus veios, suas nodoas, a substancias estranhas, geralmente metallicas, que se infiltrárão primitivamente entre suas moleculas. Os marmores são tanto mais estimados quanto suas côres são mais vivas, e a massa mais homogenea. Dá-se-lhes o polimento mediante os pós duros, taes como o grés, a areia argilosa, a pedra pomes, o esmeril, o colcothar, a limalha de chumbo misturada com pós de sapato. Tirão-se os marmores principalmente da Italia, França, Belgica, Inglaterra e Hespanha. No Brasil ha bellas variedades de marmores : de côr preta em S. Paulo, branca nas provincias do Rio de Janeiro e da Bahia, rosada nas provincias de Minas, do Rio Grande do sul, e outros lugares.

Modo de limpar o marmore. Se as estatuas ou outros objectos de marmore estão manchados pela gordura, dá-se-lhes o seu primeiro polimento pelo modo seguinte : Molha-se um tampão de fios na dissolução de soda caustica ou *lixivia dos saboeiros* (3 partes de soda e 8 d'agua), e esfregão-se levemente com este tampão todas

MARMORE. Pedra calcarea mui dura, susceptivel de receber um bello polimento, e de ser empregada como orna-

as partes do objecto, havendo o cuidado de não deixar parte alguma que não esteja perfeitamente molhada. Passado duas horas, lava-se o marmore com agua pura, mediante uma esponja nova e bem macia; depois deixa-se seccar. Se uma unica lavagem com a soda não fôr sufficiente para fazer desaparecer as nodoas, repete-se a lavagem. A agua chlorurada, preparada com 60 gram. de chlorureto de cal para 1 litro d'agua, póde substituir a soda com vantagem: branquea melhor o marmore do que a soda. — Para lavar o marmore branco os officiaes que trabalham n'esta substancia procedem do modo seguinte: Collocão o objecto de marmore um pouco inclinado, sobre dois rolos de madeira, e depois de bem ensaboado, cobrem-n'o de um panno de linho velho e expõem-n'o ao sol, tendo o cuidado de o molhar 7 a 8 vezes por dia com agua um tanto addicionada de cremor de tartaro. Em 5 a 6 semanas, o marmore torna-se perfeitamente branco.

Modo de lustrar o marmore. Esfrega-se o marmore com uma mistura de cera e de essencia de terebinthina.

Mastique para marmore. Para concertar um objecto de marmore quebrado, reunem-se os dois pedaços, depois de cobertos com uma mistura de 2 partes de cera, de 1 parte de resina e 2 partes de marmore pulverizado. O marmore deve ser bem secco, e o mastique levemente amollecido pelo calor. — Tapão-se as fendas dos marmores com agua de grude, á qual se ajunta uma mistura de alabastro em pó para o marmore branco, ocre para o marmore vermelho ou roxo. Dá-se depois o polimento com pedra pomes mui fina, tripoli e branco de Hespanha.

MARROIO BRANCO. *Marrubium vulgare*, Lin. Labiadas. Planta commum em Portugal; cultivada no Brasil, na provincia de S. Paulo. Caule vellosos, esbranquiçado; folhas ovaes pennugentas; flores brancas, pequenas; cheiro aromatico. O chá de marroio, que se prepara com um pugillo das folhas ou das flores d'esta planta e uma chicara d'agua fervendo, é empregado contra a tosse.

MARUPÁ ou MARUPÁ-MIRI. *Simaruba amara paraensis*. Ruta-ceas. Arbusto do Brasil; habita no Pará e Amazonas. A casca da raiz, é aconselhada contra a diarrhca e dysenteria. Foi empregada com vantagem pelo Sr. Dr. Castro, quando estas molestias grassarão com bastante intensidade no Pará no anno de 1868. Usa-se em decocção, que se prepara com 4 grammas (1 oitava) da casca e agua sufficiente para ter 500 grammas (16 onças) de cozimento, sendo este tomado em doses de duas colheres de sopa de duas em duas horas, e repetindo-se o mesmo remedio até que a molestia

ceda, o que geralmente succede ao quarto ou quinto dia de sua applicação.

MASSARANDÚBA. *Mimusops excelsa*, Freire Allemão. Sapotaceas. Arvore do Brasil; habita no Pará. Tem dois a dois e meio metros de grossura, e 22 a 26 de altura. Extrahe-se d'ella, por meio de incisão, um leite de côr branca, que quando liquido é muito saboroso e bebe-se com chá ou café, como o leite de vacca; usa-se tambem nos mingaós: é muito substancial. Coagula-se em 20 ou 30 horas, e assemelha-se, depois de coagulado, á gutta-percha; a differença existe apenas em ser a gutta-percha, tirada das outras arvores, trigueira, em quanto que o succo da massarandúba é branco, gozando do mesmo gráo de elasticidade. A madeira empregá-se nas construcções; é uma das mais fortes que existe no Brasil; a casca contém muito tannino.

MASTIQUE. *Veja-se ALMEGEGA.*

MASTITE. Inflammação do seio. *Veja-se СБИО.*

MASTRUÇO. *Senebiera pinnatifida*, De Candolle. Cruciferas. Planta da Flora brasileira. Folhas pinnatas, foliolos pequenos, incisos, de sabor acre e picante; flor branca. Toda a planta é antiscorbutica. Usa-se em infusão, que se prepara com 8 grammas (2 oitavas) de mastruço e uma chicara d'agua fervendo. *Sumo espresso*, na dóse de 4 a 8 colheres *de sopa*.

MATA-CANNA. *Veja-se CAA-ATAYA.*

MATA-CACHORRO. *Apocynium citrifolium* (?) Apocynaceas. Planta venenosa do Brasil; habita no Pará, Amazonas, Maranhão, etc. O seu succo é venenoso, seja d'onde fôr extrahido. Os symptomas são: Dôr de garganta, somno profundo; ao despertar, embriaguez, furor, olhos immoveis, semblante risonho, convulsões, vomitos e dejecções sanguineas. O tratamento consiste em vomitivos logo a principio; depois, limonada de vinagre para bebida, e fricções pelo corpo com panno molhado em vinagre.

MATADOURO. Lugar onde se matão os animacs, taes como bois, vitellas, carneiros, etc., que servem para alimento. São telheiros, providos de caldeiras, e de chafarizes e reservatorios d'agua, fechados n'um só recinto, que contém além d'isso estabulos e celleiros para pelles e forragens, assim como alojamentos e uma fundição de sebo. Os matadouros estão collocados fóra das cidades. Permittem que se vigie a qualidade dos animaes que n'elles entrão, e das carnes que d'elles sahem; que se impeça a alteração do ar das cidades pela putrefacção do sangue e das outras substancias; que se afaste dos olhos do publico as operações sangrentas, e que elle seja prescervado do mal que podem fazer animaes furiosos que fogem ás vezes.

De todas as questões de hygiene, que se referem aos matadouros, a mais importante e a da chegada da agua para as lavagens, e do esgoto d'esta agua suja pelas diversas operações que se praticão n'esses lugares. Esta agua deve chegar em grande abundancia de um chafariz ou de um rio. Quanto ao esgoto facil das aguas servidas, os meios de attingir este fim devem variar segundo as localidades. O mais ordinario consiste em conductos especiaes que vão quer directamente ao rio ou ao mar, quer ás vallas, e cujo declive deve ter pelo menos dois centimetros por metro. Na falta de matadouros publicos nas pequenas localidades, cumpre applicar aos matadouros particulares as principaes prescripções hygienicas.

Apezar das experiencias de data recente, segundo as quaes pareceria que as carnes provenientes de animaes mortos de molestias contagiosas perdem as propriedades nocivas pela coccão, deve-se exigir que os animaes mortos nos matadouros, e cuja carne deve servir para consumo, estejam n'um bom estado de saude; nunca devem admittir-se n'elles animaes caçados, mortos de molestias carbunculosas, porcos affectados de ladraria, etc.

Os animaes destinados para consumo não podem ser mortos seão n'uma epoca determinada : o boi de 4 a 6 annos; a vacca de 5 a 8 annos; o touro de 4 a 8 annos; a vitella de 6 semanas a 4 mezes; o carneiro de 18 mezes a 3 annos; o cordeiro de 1 a 2 mezes.

MATA-OLHO. SANTA-LUZIA (em Maricá), CHACHIM (em S. Paulo), GRUMANÉ (em S. Fidelis). *Ophthalmoblaton macrophyllum*, Freire Allemão. Euphorbiaceas. Vegetal do Brasil; habita no Rio Grande do Sul, S. Francisco, Santa Catharina. Contém um succo leitoso, muito acre e muito caustico, de cheiro forte e nauseante. Diz-se que a fumaça d'esta lenha póde cegar.

MATAPASTO. Veja-se FEDEGOSO.

MATE ou **Congonha.** CONGONHA VERDADEIRA. *Ilex paraguayensis*, Lambert, Illicinas. Arbusto de que se faz no Paraguay o objecto de uma cultura importante; acha-se tambem no Brasil nas provincias do sul, e particularmente na provincia do Paraná, e nos arredores de Curitiba, provincia de S. Paulo, etc., onde lhe chamão *herba mate*, ou simplesmente *herba*. As folhas são glabras, oblongas, cuneiformes e dentadas; flores dispostas em paniculas axillares; fructo, baga avermelhada, pedunculada, contendo ordinariamente quatro sementes. Ha ainda as variedades : *Ilex acutifolia* e *Ilex obtusifolia*, Martius. As folhas, depois de seccas ao fogo e reduzidas a pó grosso, servem para a preparação de uma infusão muito gostosa de que se faz uso frequente nas provincias do sul

do Brasil, em Montevideo e Buenos Ayres. É de sabor amargo e um pouco adstringente : constitue uma bebida tonica e estimulante, proveitosa nas febres intermitentes.

Para preparar esta bebida, é preciso ter : 1º uma *cuya*, isto é, um vaso de prata, louça, cabaça limpa de miolo, etc., de bocca um pouco estreita; 2º um canudo de prata, chamado *bomba*, tendo na parte inferior uma bola ôca crivada, que impede a ascensão do pó. Mette-se na *cuya* o mate, misturado com assucar ou não, humedece-se este com agua fria, enche-se a *cuya* com agua quente e chupa-se, por meio da *bomba*, o liquido quente. Sobre a mesma herva já servida, deita-se nova agua quente, e repete-se esta operação tres ou quatro vezes. Em outros lugares, a infusão de mate prepara-se e toma-se com assucar como o chá da India : prepara-se com 15 grammas de *herva* e 500 grammas d'agua fervendo.

O arbusto de mate cresce agreste nas matas do Rio Grande do Sul e Paraná, de preferencia nos terrenos baixos e húmidos. Convem muito que seja animada a cultura d'esta planta; tanto mais que o arbusto cultivado melhora muito de qualidade, desenvolve maior vegetação, e torna-se mesmo arvore frondosa, muito maior do que a agreste das matas. Conhecem-se geralmente duas variedades do mate, uma chamada *herva mansa* ou *caámini*, e a outra *herva de palos* ou *caáuna* : a primeira é a mais apreciada, e por isso destinada á exportação; a segunda tem pouco apreço por ser de um gosto excessivamente amargo; isso porém acontece quando cresce em estado agreste, porque, sendo cultivada, perde o amargo excessivo, e é toleravel.

Em Minas dá-se particularmente o nome de *congonha* á *Ilex congonha*, Lambert, que se usa da mesma fórma que a precedente, e chamão *mate do campo* ou *congonha do campo* á *Luxemburgia polyandra*, Saint-Hilaire, cuja infusão substitue o verdadeiro mate.

MATICO. Especie de pimenteira da America meridional, *Piper angustifolium*, Ruiz e Pavão, que habita sobretudo no Perú. Piperineas. As folhas tem 5 a 20 centimetros de comprido, são oblongas, lanceoladas, de cheiro de hortelã e de cúcubas, sabor acre e amargo. A infusão d'estas folhas emprega-se contra a diarrhea, dysenteria, blennorrhagia e flores brancas. Prepara-se com 15 gram. (4 oitavas) das folhas e 360 grammas (12 onças) d'agua fervendo.

As mesmas folhas, reduzidas a pó, e applicadas sobre as feridas, suspendem as hemorragias.

MATERIA. Esta palavra significa em lingua vulgar o mesmo que *pus*.

MATRUZ. Veja-se HERVA DE SANTA MARIA.

MATURIDADE. Estado de um abcesso em que o pus está completamente formado; o abcesso, quando maduro, torna-se molle, e apresenta fluctuação.

MATURATIVO. Dá-se este nome ás applicações feitas com substancias excitantes sobre os tumores indolentes para apressar a suppuração. Ha cataplasmas, emplastos e unguentos maturativos. As cebolas assadas no borrarho, as folhas de azedas misturadas com farinha de trigo servem para a preparação das cataplasmas maturativas; os emplastos de diachylão, os unguentos da madre, populeão, basilicão, de estoraque, são maturativos que se empregão ordinariamente.

MAXILLA. *Veja-se* QUEIXO.

MAXIXE. *Cucumis angúrria*, Linneo. Planta cultivada no Brasil. Seu fructo, ericado de pequenos espinhos, constitue um alimento refrigerante. Come-se em salada, temperado com sal, pimenta, vinagre e azeite. Os clysteres de cozimento de maxixe administrão-se com proveito na diarrhea.

MECHA. Dá-se este nome á reunião de alguns fios, ou a uma tira estreita de panno de linho ou de algodão, que se introduz ás vezes na abertura de uma postema, para favorecer o corrimento do pus e impedir que esta abertura se feche antes da sahida de todo o pús. *Veja-se* Vol. I, pag. 770.

MECONIO. *Veja-se* FERRADO.

MEDICAMENTOS. Dá-se este nome ás substancias empregadas para obter a cura das molestias, ou alliviar os doentes. Todos os meios empregados para este fim não são necessariamente medicamentos. Assim, o regimen, o repouso, os banhos, as fricções, etc., são meios therapeuticos que, com os medicamentos, concorrem para o tratamento das molestias. Os medicamentos são tomados n'um dos tres reinos da natureza, vegetal, animal ou mineral; a sua historia constitue a sciencia da *pharmacologia* ou *materia medica*: a sua colheita, preparação e conservação são do dominio da *pharmacia*. A reunião de todos os meios que se empregão no tratamento das molestias constitue a *therapeutica*. Dividem-se os medicamentos segundo as suas propriedades, e conforme os effeitos que produzem. Assim ha medicamentos tonicos, adstringentes, estimulantes, calmantes, purgativos, vomitivos, febrifugos, vermifugos, diureticos, sudorificos, emollientes, temperantes, antiscorbuticos, antispasmodicos, narcoticos, etc. Cada uma d'estas palavras acha-se explicada no seu lugar alphabetico.

Os medicamentos são *simples* quando formados de uma só substancia, ou *compostos* se resultão da mistura de muitas.

Os medicamentos simples, taes como flores, folhas, talos, raizes,

lenhos, substancias mineraes, podem ser conservados facilmente, guardando-os n'um lugar secco e ao abrigo do contacto do ar. As flores aromaticas devem estar fechadas em caixas, e reformadas todos os annos.

MEDICAMENTOS QUE DEVEM ACHAR-SE NA BOTICA DOMESTICA. *Veja-se Vol. I, pag. 376.*

MEDULLA. Substancia gorda, vulgarmente TUTANO, contida no canal central dos ossos.

MEDULLA ESPINHAL ou TUTANO DO ESPINHAÇO. Chama-se assim o prolongamento da parte inferior do cerebro, que principia no craneo, desce ao canal do espinhaço, e acaba na altura da primeira vertebra lombar. Dos lados da medulla espinhal partem cordões cylindricos, chamados *nervos*, que se ramificão e se distribuem por todo o corpo, onde levão o sentimento e o movimento.

MOLESTIAS DA MEDULLA ESPINHAL. Quando a medulla espinhal está doente, ha perturbação na sensibilidade e nos movimentos do corpo. Umas vezes sobrevem paralyisia absoluta, falta completa de toda a faculdade de sentir nas partes situadas abaixo do ponto affectado : outras vezes, pelo contrario, esta faculdade é exaltada e pervertida, e então o doente accusa picadas, entorpecimento nos membros e dôres mais ou menos fortes. Os movimentos são mais frequentemente compromettidos do que a sensibilidade, e as affecções da medulla principião ordinariamente pela sua perda completa ou incompleta, ou então por abalos tetanicos, ou por movimentos spasmodicos e convulsivos. Muitas vezes sobrevem paralyisia da bexiga com retenção de ourinas e prisão de ventre, ou então evacuações involuntarias. A intelligencia conserva-se intacta.

Amollecimento da medulla espinhal. *Veja-se Vol. I, pag. 159.*

Commoção da medulla espinhal. *Veja-se Vol. I, pag. 651.*

Contusão da medulla espinhal. *Veja-se Vol. I, pag. 684.*

Inflammação da medulla espinhal. *Veja-se MYELITE.*

MEIMENDRO BRANCO. *Hyosciamus albus*, Linneo. Solanaceas. Habita frequente em todo o Portugal, nos entulhos, junto dos muros e lugares seccos mais elevados. Caule alto de 30 centimetros, peludo, pouco ramoso, guarnecido sobre todo o comprimento de folhas pecioladas, ovaes, cotanilhosas, as inferiores sinuosas, as superiores inteiras. As flores são esbranquiçadas, sesseis, solitarias na axilla das folhas superiores, e dispostas em uma longa espiga unilateral; as sementes permanecem brancas na madureza. Esta planta é mais pequena em todas as suas partes do que a seguinte; o seu chciro é menos viroso, e parece menos activa; não se emprega em medicina.

MEIMENDRO NEGRO. *Hyosciamus niger*, Linneo. Solanaceas. Planta europea, importada para o Brasil; vegeta em S. Paulo, S. Catharina e no Rio Grande do Sul; em Portugal habita nos caminhos, ruínas de edificios da Beira e norte do Reino. Fig. 358. Caule de 30 a 60 centímetros, ramoso, peludo-lanuginoso, viscoso; folhas angulosas, profundamente sinuadas nas margens, avelludadas; flores amarelladas, com estrias rubras, em espiga unilateral; cheiro fétido; sabor adocicado; raiz fusiforme, esbranquiçada; fructo alongado e contido dentro do calice da flor, sementes cinzentas, ovaes, comprimidas, negras quando maduras.

O meimendro é planta venenosa; as suas folhas tem sido tomadas algumas vezes pelas da chicoria, e as raízes pelas da pastinaca. Em pequena dóse; isto é, de 10 a 60 centigr. (2 a 12 grãos),

emprega-se como calmante na epilepsia, alienação mental, colicas nervosas, nevralgias, convulsões, etc. Externamente, as folhas applicão-se nos tumores e ulceras. O extracto de meimendro administra-se só na dóse de 5 a 20 centigrammas (1 a 4 grãos). Com o cozimento das folhas de meimendro e farinha de linhaça preparam-se cataplasmas calmantes. Para se fazer este cozimento, usa-se de 15 grammas (1/2 onça) de folhas de meimendro para 500 grammas (16 onças) d'agua. Combate-se o envenenamento, que produz o meimendro em grande dóse; pelos meios indicados no vol. I, pag. 947

MEL DE ABELHAS. Substancia doce, de consistencia de xarope, produzida pelas abelhas que a depõem em pequenos alveolos chamados *favos*. É preparada por estes insectos, com os succos viscosos e assucarados, que colhem nas flores e folhas de certas plantas. O insecto abelha está representado na fig. 1, pag. 15 do 1º volume. A natureza das plantas, de que as abelhas extrahem o succo, exerce influencia mui notavel na qualidade e nas propriedades do mel: as abelhas que buscão o sustento nas plantas aromaticas produzem excellente mel; entretanto que não dão

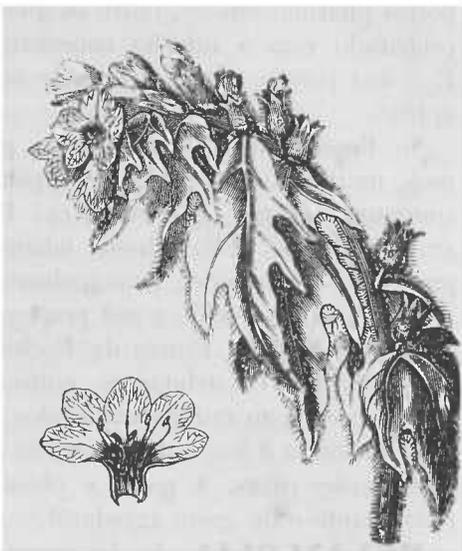


Fig. 358 — Meimendro negro.

senão um mel pouco agradável quando se alimentão nas flores dos matos. Emprega-se o mel como alimento, e convem muito ás crianças. Faz-se d'elle grande uso para adoçar os cozimentos; é emolliente e laxante. Antes da descoberta da America o mel de abelhas era empregado em vez de assucar. Serve a muitos compostos pharmaceuticos, entre os quaes se distingue o *mel rosado*, preparado com a infusão concentrada de rosas rubras e mel. É o mel rosado um adstringente empregado nas esquinencias e aphtas.

No Brasil acha-se em diversas provincias uma qualidade de mel, muito estimada, produzido pela *abelha jaty*. Quanto á abelha commum europea (*apis mellifera*, Linneo), existe já ha muitos annos no Brasil. Ella acha-se felizmente acclimada em diversas provincias do Imperio, principalmente nas do Sul, onde campos floridos tem favorecido a sua propagação.

MELANCIA. Fructo da *Cucurbita citrullus*, Linneo, planta da familia das Cucurbitaceas, cultivada no Brasil e em Portugal, e de que existem muitas variedades. Este fructo é oval ou orbicular; a casca é lisa e de um verde escuro; a polpa cõr de rosa e as sementes roxas. A polpa é cheia de um succo adocicado; é refrigerante e de gosto agradável.

MELANCOLIA. Na linguagem vulgar, designa-se assim o estado habitual de tristeza, sem alteração das faculdades intellectuaes. Os medicos derão o nome de melancolia a uma variedade de alienação mental, caracterizada por um delirio exclusivo. Examinarei sob esta denominação tres estados, um predominio de temperamento, uma disposição morbosa e uma molestia declarada.

Uma sensibilidade e uma imaginação mui viva, a faculdade de se entregar muito ás mesmas impressões, a inclinação á tristeza e ao recolhimento, constituem a predisposição ou base fundamental da melancolia. Esta affecção é mais commum nos periodos da existencia em que as impressões tem maior intensidade e perseverança, como na mocidade e virilidade. É rarissima na infancia; entretanto, observão-se exemplos d'ella n'esta idade, occasionados particularmente pelo ciume. A exaltação da sensibilidade e a perturbação das sensações, na época da puberdade, são frequentemente acompanhadas de accessos de melancolia passageira. Ella é temivel para as senhoras mui dadas ao namoro ou loureiras, quando lhes chega a idade critica, termo perigoso d'este amor, que tão grande parte tem na sua existencia. O onanismo, os excessos venereos, o abuso das bebidas estimulantes, cansando o systema venereo, predispõem igualmente á melancolia. Direi outro tanto da vida sedentaria, desoccupada, solitaria, do celibato, que

concentrão a sensibilidade e favorecem as reflexões sobre si mesmo. A predisposição á melancolia das profissões que fatigão muito o moral, como as bellas artes, as lettras, as sciencias, foi ha muito tempo notada. Grande numero de homens que se illustrarão n'estas carreiras forão melancolicos.

As *causas* da melancolia são todas moraes; taes são os pezares domesticos, os revezes da fortuna, o amor mal correspondido, o susto, a colera, o amor proprio offendido, o ciume, emfim todas as emoções, paixões, occupações mentaes da humanidade. De mais, se a causa que produz a melancolia não fosse conhecida, seria ordinariamente descoberta pelo delirio dos doentes, que versa sobre o mesmo objecto que o produziu. Considerados juntos, os melancolicos mostram as preoccupações que mais atropellão as sociedades, e as disposições moraes predominantes na natureza humana. Zimmermann disse que os homens são loucos por orgulho, as moças por amor, as mulheres por ciume. Indiquemos agora os *caracteres* dos tres grãos de melancolia.

Symptomas. Os individuos mui sensiveis offerecem, como já deixei dito, os caracteres da disposição melancolica. Semelhantes a uma lyra cujas cordas estão mui tesas, e que o mais leve toque faz vibrar fortemente, os individuos predispostos á melancolia quasi nunca sentem uma impressão circumscripta nos justos limites. Um nada os affecta; desgosto e prazer, tudo é exagerado; paixão promptamente da tristeza á alegria, da indifferença ao enthusiasmo. Reservados, delicados, suspeitosos sobre qualquer procedimento, seu trato é difficil, julgão ver uma desatenção, uma offensa n'um lance de olhos, n'um gesto, n'uma palavra, em uma omissão que a qualquer outro passaria desapercibida. São circumspectos, desconfiados, promptos a interpretações desfavoraveis. Para se viver sempre bem com elles, é preciso usar de atenções continuas, não se servir de palavras que tenham dois sentidos, nem de maneiras equivocas. Admittem poucas pessoas na sua intimidade, e são de ordinario amigos da solidão e misanthropos. Existem, entretanto, intervallos nòs quaes são expansivos, buscão a sociedade e mostram n'ella uma alegria viva e espirituosa, fallando da humanidade com calorosa affeição, para recahirem logo nas suas ideias favoritas e na sua misanthropia. Na discussão paixão subitamente da brandura á colera; seu amor proprio é sujeito a muitas variações: são alternativamente os mais humildes e orgulhosos dos homens. Eis os caracteres da disposição melancolica, que póde durar toda a vida sem passar d'isto.

Na melancolia do *segundo grão*, aos phenomenos precedentes ajunta-se uma ideia fixa que opprime todas as facultades. Esta

paixão exclusiva, ordinariamente triste, ás vezes alegre, torna-se a mola da existencia moral : tudo parte d'ella e tudo volta a ella. Entretanto, não ha ainda delirio, e frequentemente o individuo que sente a tyrannia da ideia que o domina, esforça-se em livrar-se d'ella; se não é bem succedido, oppresso pela preocupação que lhe ataca o cerebro, esquece-se dos seus devcres e costumes, busca a solidão ou isola-se mentalmente no meio da sociedade; é distrahido, pensativo, concentrado em si mesmo, e estranho a tudo o que o rodeia. Se a sua linguagem não o atraiçôa ainda, é facil adivinhar que uma paixão qualquer se apoderou d'elle. No entretanto o appetite vai diminuindo e o corpo definhando.

O *terceiro gráo* da melancolia consiste no desenvolvimento excessivo da ideia fixa; é caracterizado pelo delirio. N'este estado, o melancolico identifica-se com a sua infeliz preocupação : longe de reconhecer que a exagera, que se engana, pelo contrario accusa de desvario e tolice a todos que não pensão ou sentem como elle. Não posso descrever, nem indicar as especies infinitas dos delirios dos melancolicos : são tão variadas como os objectos a que a intelligencia e o sentimento podem applicar-se com força e perseverança. Supponhamos que o melancolico é realmente o que julga ser (abandonado por uma mulher, atraído por um amigo, opprimido por um revéz da fortuna, ou então general, imperador, etc.), o delirio versará sobre esta ideia, e a maior parte de suas acções serão consequentes com esta illusoria posição.

Tratamento. A sensibilidade normal só se desenvolve gradualmente; e se os homens se observassem e quizessem, poderiam frequentemente prevenir ou corrigir esta disposição morbida. Mas uns por ignorancia ou por distracção, outros por descuido ou mesmo de proposito, não se dão ao trabalho de conter a sensibilidade em seus justos limites. Existem, sem duvida, organizações refractarias a todos os recursos da hygiene e da educação; mas o maior numero é susceptivel de modificações. Quando, por consequente, o homem reflectido repara, ou quando algum amigo judicioso lhe faz observar que tem por habito o ser mui aprehensivel, que se inquieta ou se regozija mais do que convem, que se fixa obstinadamente sobre as mesmas impressões, então a pessoa prevenida e sisuda deve abrir os olhos aos males que lhe póde preparar esta excessiva sensibilidade. Indagar-se-ha ao principio se a causa determinante d'esta sensibilidade a normal, da qual convem se desconfie, é physica ou moral. No primeiro caso, os remedios da alma serão apenas secundarios, o corpo reclama os primeiros cuidados. Principiar-se-ha por afasta-lo das influencias excitantes. Assim, regimen brando, leite, caldo com feculas, vegetaes, fructas, carnes brancas,

cozidas e assadas com preferencia aos mólhos, extrema sobriedade em temperos, licores e café; eis o que convem. O vinho com bastante agua, ou puro em pequena quantidade, não será contrario ás pessoas que a elle estão habituadas. Porém o meio de mais certa efficacia para abrandar a sensibilidade é o exercicio quotidiano levado até á fadiga : fóra de casa, o passeio, a caça, a equitação, as occupações campestres, o nadar, a navegação, a sege, diversos jogos; dentro de casa, o bilhar, a dansa, a esgrima. Assegura-se que Tronchin, medico de Voltaire, fez maravilhas no seculo ultimo, aconselhando ás senhoras de boa companhia, atormentadas de espasmos e de uma sensibilidade excessiva, que esfregassem ellas mesmas seus salões. A prisão do ventre é mui commum aos temperamentos melancolicos; combate-se com clysteres, bebidas laxantes e alimentos vegetaes.

Quando a sensibilidade fôr desmedidamente desenvolvida por causas Moraes (e estes casos são os mais ordinarios), deve-se, sobretudo, cuidar no regimen moral. Não preciso recomendar a distracção das paixões tristes. E quem haverá que se não queira ver desembaraçado d'ellas? Mas direi aos que se apaixonão por tudo quanto comprehendem : prevêe de longe até onde vos póde conduzir esse esforço excessivo do systema nervoso; sem duvida elle será ordinariamente favoravel á empreza que proseguís ardentemente nas artes, letras, sciencias, em todas as carreiras abertas á ambição; mas uma vez chegado ao alvo, e frequentemente não podereis chegar a elle, ficar-vos-ha uma sensibilidade tão incommoda, que invejareis mais de uma vez a sorte dos individuos mais obscuros e menos ricos do que vós, que, impassiveis ou indifferentes ás contrariedades communs da existencia, não conhecem penas, salvo as da dura necessidade, e entregão-se aos prazeres com inteira effusão da alma. Longe de mim, assignalando os males que resultão frequentemente do emprego forçado das faculdades mentaes, a intenção de reprovar de uma maneira absoluta o louvável desejo de instruir-se, a nobre ambição de distinguir-se honrosamente. Sómente, pois que trato da medicina preservativa e curativa, devo prevenir que a gloria e a riqueza adquirem-se muitas vezes á custa da felicidade. Procuremos, por consequinte, evitar excitações mui prolongadas e mui fortes do systema nervoso, saibamos dirigir e conter o sentimento e a imaginação, regular com moderação as occupações intellectuaes, afastar e combater as causas physicas que exaltão a sensibilidade, e então nada será mais raro do que a melancolia.

Mas, se a disposição melancolica não foi prevenida, se uma causa se apresentou, se as forças do sentimento se concentrarão

em um só objecto, e a molestia se declarou, que se deve fazer então? Desde este momento procuraremos distrahir o melancolico das suas preoccupações. É preciso não deixa-lo só, desoccupado, nem entregue ás meditações que lhe perturbão a cabeça; devemos leva-lo quantas vezes fôr possível aos exercicios, ás recreações de todo o genero. A mudança de lugar, as viagens, são excellentes meios. Quando a ideia fixa é conhecida, a palavra sisuda, tranquilla e affectuosa de um amigo, de uma pessoa estimada, póde obter bons resultados. Mas é necessario haver circumspecção e discernimento, pois que nunca estes doentes devem ser contrariados nem atormentados. Depois d'isto, como entrar nos pormenores d'esta medicina moral? É evidente que a linguagem deve variar conforme a especie da ideia dominante. Não se deve fallar ao nostalgico que tem saudades de sua terra, á amante enganada, abandonada, á mãe que perdeu seu filho, da mesma fôrma que ao monomano que acredita em um sonho da sua perturbada imaginação, com o qual de ha muito entretinha a sua ambição, e que se julga favorecido de alguma das glorias, grandezas ou riquezas que fascinão a especie humana. Finalmente, quer' a melancolia seja triste, quer' alegre, convem sempre a distracção. Entre as distracções, a musica é mui recommendada contra a melancolia. Mas todos os gencros de musica não convem igualmente. O modo que exprime as paixões oppressivas agradaria aos melancolicos tristes, mas poderia aggravar o seu estado. É preciso submettelos ao rhythmo precipitado, ás marchas bellicosas, quadrilhas e valsas.

O tratamento da melancolia do segundo gráo reclama, além d'isto, os mesmos cuidados que o da disposição melancolica, da qual só se distingue, porque se tem de combater uma preoccupação renitente que não existe no primeiro estado. A melancolia confirmada, delirante, do terceiro gráo, necessita tambem os mesmos meios, e, além d'isto, maior vigilancia : entre os remedios mais proveitosos entrão os purgantes energicos.

MELÃO. *Cucumis melo*, Linneo. Cucurbitaceas. Todos conhecem este fructo de cheiro delicioso, e cuja polpa constitue um alimento refrigerante; cultiva-se no Brasil e em Portugal. Acalma a irritação das entranhas, facilita as ourinas, e ás vezes torna-se um brando laxante. Come-se com assucar, ou com sal e pimenta : ha pessoas que preferem o melão sem tempero algum : é alimento mui sadio. Convem facilitar a sua digestão com um pouco de vinho puro.

Ha d'elles tres especies bem distinctas : 1º melão commum ou bordado que é redondo ou de fôrma oblonga, como o que repre-

senta a fig. 359. 2º melão cantalupo (fig. 360), e 3º melão de casca lisa. O melão cantalupo distingue-se dos outros pelo gosto e aroma delicioso; é originario da aldea de Cantalupo nas vizinhanças de Roma.

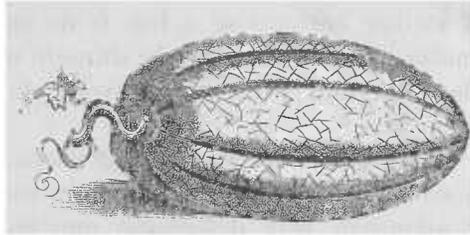


Fig. 359. — Melão commum.

O melão está bom para ser colhido quando o pedunculo parece querer separar-se d'elle, quando se torna amarello por cima, quando o pequeno renovo que se acha no nó se separa d'elle, quando exhala cheiro; todos estes signaes annuncião o ponto de madureza dos melões que se querem comer promptamente. Os melões que não se devem comer senão passado alguns dias, ou que se querem transportar para longe, devem ser colhidos logo que principiem a contornear-se; amadurecem depois; tem mesmo um gosto mais agradável, porque vão amadurecendo brandamente e porque tiverão o tempo de se refrescar ao abrigo do sol.

Raras vezes, o melão se conserva além de uma semana, quando foi colhido no estado de madureza completa, ainda quando houve o cuidado de o guardar constantemente coberto com um panno molhado. Um melão cortado conserva-se difficilmente durante 24 horas; um panno molhado póde preserva-lo de mui prompta decomposição, mas não póde impedir que o aroma se dissipe de um dia para outro. — Um melão colhido antes de ter attingido o maximum de sua madureza, depois enxuto ao ar durante um ou dois dias, amadurece, e póde conservar-se durante 2 ou 3 semanas

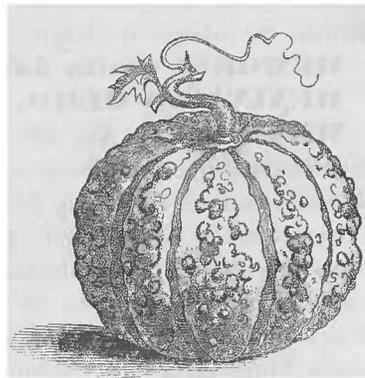


Fig. 360. — Melão cantalupo.

n'um barril cheio de areia, ou de mistura de serradura de madeira com carvão pulverizado, tudo perfeitamente secco, e collocado n'um lugar escuro, ao abrigo da humidade e do calor.

É muito difficil apreciar a qualidade dos melões segundo os signaes externos. A côr não deve ser nem mui verde nem mui amarella: mui verde, o melão não está bastante maduro; mui amarello, será de madureza muito adiantada e sem gosto. Se é

leve, é ôco e sem succo; se é pesado e se não dá som quando se lhe bate com o dedo, é um bom signal. O olfacto é tambem um guia bastante fiel; mas em geral, quando se compra um melão, é melhor entregar-se á boa fé do mercador. Antes de se abrir o melão, deve-se conserva-lo durante uma ou mais horas em agua de poço mui fresca, ou envolve-lo n'um panno molhado em agua fria.

MELILOTO. *Melilotus officinalis*, Willd. Leguminosas papilionaceas. Planta europea. As flores são amarellas, mui pequenas, e adquirem pela deseccação um cheiro agradável. A infusão d'estas flores emprega-se em lavatorios nas ophthalmias pouco intensas.

MELISSA. *Veja-se HERVA CIDREIRA.*

MELLITE. Xarope preparado com mel de abelhas e agua, ou com mel e differentes infusões ou decoções de plantas.

MEMBRANA. Nome generico de diversos órgãos delgados, representando especies de teias, flexiveis, dilataveis, brancas, cinzentas ou avermelhadas, variaveis em sua estructura e em suas propriedades vitæes, destinadas a absorver, a exhalar, e a segregar certos fluidos, ou a envolver outros órgãos. Distinguem-se quatro especies de membranas: as *fibrosas*, as *mucosas*, as *serosas*, e a *pelle*. Chamão-se *membranas falsas* as que se desenvolvem sob a influencia de circumstancias morbidas, por exemplo, as que se formão no interior do larynge; na molestia chamada *crup*.

MEMORIA (Falta da). *Veja-se AMNESIA.*

MENINA DO OLHO. *Veja-se PUPILLA.*

MENINGITE, ARACHNITE OU ARACHNOIDITE. Inflammção das membranas que envolvem o cerebro. Esta molestia designa-se tambem com os nomes de *febre cerebral*, e *hydrocephalo agudo*.

Symptomas. A meningite póde declarar-se subitamente, ou ser precedida de alguns prodromos, dos quaes os mais frequentes são um cansaço geral, peso na cabeça, algumas vertigens, intelligencia opprimida, e hemorrhagia nasal. Depois de um lapso de tempo, que varia entre algumas horas e muitos dias, principia a molestia. Conforme os symptomas que se manifestão, a meningite póde dividir-se em dois periodos, o periodo de *exaltação*, e o de *collapso*.

Primeiro periodo. No maior numero de casos o começo da meningite declara-se por dôr de cabeça mui viva; é ella acompanhada de agitação, insomnia, febre intensa, e frequentemente tambem de prisão do ventre e de vomitos. Mas é a dôr de cabeça que forma sobretudo o character predominante; é de ordinario lancinante, e arranca gritos ao paciente; por vezes é surda, obtusa e

compressiva. Augmenta quasi sempre pelos movimentos do corpo, pela impressão de uma luz viva, e pelos sons muito agudos. Raras vezes geral; não occupa as mais das vezes senão uma parte circumscripta da superficie do craneo, especialmente a testa, mais raras vezes as fontes ou a parte posterior da cabeça. Logo depois, sobrevem agitação e delírio; este é quasi sempre calmo: então o doente profere apenas entre dentes palavras inintelligiveis. Muitos d'estes doentes sendo interrogados e distrahidos de suas ideias, respondem com bastante tino; mas em grande numero de outros, existe desde o principio um delirio furioso que obriga a fixa-los na cama por meio de uma camisola. Qualquer que seja a sua fórma, o delirio é, em geral, contínuo; todavia cessa muitas vezes momentaneamente, e é substituído por intervallos mais ou menos lucidos. N'esta época, percebem-se sobresaltos dos tendões nos antebraços, tremores dos membros ou verdadeiros movimentos convulsivos, como os que caracterizam o tetano ou a epilepsia. Emfim, na decima parte dos casos apparece o estrabismo, ora permanente, ora passageiro. Os movimentos convulsivos alternão de ordinario com uma leve modorra. Depois de uma duração, que é ordinariamente de tres ou quatro dias, e que pôde variar desde menos de um dia até um ou dois septenarios, a molestia chega ao seu segundo periodo, ou periodo de collapso.

Segundo periodo. N'esta época cessa o estado de exaltação; o delirio é substituído por uma somnolencia de que se pôde ao principio tirar os doentes, mas que se torna depois permanente. Aos movimentos convulsivos succede fraqueza dos membros, ora igual de ambos os lados, ora mais notavel n'uma metade do corpo; ás vezes a paralyisia é parcial: limita-se ao rosto, a um membro ou sómente a alguns musculos, ao elevador da palpebra superior, por exemplo; esta acha-se então cerrada. Estas paralyisias são ora permanentes, ora passageiras: cessão e tornão a voltar com intervallos irregulares, e alternão ás vezes com contracturas e movimentos convulsivos. N'este periodo da molestia as evacuações alvinas são involuntarias, e observa-se frequentemente retenção de ourina. Emfim, o doente, insensivel a tudo o que o cerca, não parece ouvir nem ver. As pupillas estão ás vezes contrahidas; de ordinario dilatadas; muitas vezes são desiguaes em ambos os olhos e irregulares. O rosto, quasi constantemente pallido, exprime o pasmo. No meio d'estes graves symptomas, o pulso adquire de ordinario grande frequencia e torna-se irregular e intermittente; acontece comtudo ás vezes que a sua frequencia não é maior do que no estado normal; em alguns casos mesmo o pulso bate mais lentamente que de costume. O calor do corpo diminue então muito;

n'esta epoca a respiração accelera-se e interrompe-se de vez em quando; emfim a morte sobrevem, ora lentamente, outras vezes subitamente no meio de um accesso convulsivo. A duração d'este periodo varia entre um e cinco dias : é raro que se prolongue mais tempo. Em resumo, a molestia tem uma duração média de um a dois septenarios, raras vezes excede vinte e cinco dias; é tambem raro que se termine depois de tres ou quatro dias. A molestia pôde tambem terminar pela cura, mas raras vezes.

Causas. A meningite é uma molestia que se observa em todas as idades. Uma constituição forte, as profissões que expõem os que as exercem ás intemperics do ar, parecem ser suas causas predisponentes. As causas efficientes mais ordinarias são as pancadas, quedas e outras contusões da cabeça, com ou sem fracturas, a exposição prolongada ao sol, o abuso das bebidas alcoolicas, um violento abalo moral, uma molestia aguda ou chronica. As affecções em cujo curso sobrevem o mais frequentemente uma meningite, são : a pneumonia, a albuminuria, a peritonite, o pleuriz, o rheumatismo articular agudo, a erysipela do rosto, a tísica.

Tratamento. A gravidade da meningite e a sua marcha rapida exige o emprego de meios promptos e energicos. Entre elles, as emissões sanguineas occupão o primeiro lugar : devem ser praticadas qualquer que seja a idade dos doentes e o periodo da molestia. A quantidade de sangue que se deve tirar, e o numero das sangrias, regulão-se segundo a força do pulso. As applicações de bichas atraz das orelhas devem ser preferidas, nas crianças, á sangria do braço; entretanto que nos individuos adultos, é necessario recorrer simultaneamente á sangria do braço, e á applicação de bichas atraz da orelhas. Appliquem-se ao mesmo tempo na cabeça pannos molhados em agua fria, que devem renovar-se continuadamente.

Administre-se um purgante : 30 grammas (1 onça) de oleo de ricino, ou 60 grammas (2 onças) de sal d'Epsom n'um copo d'agua fria. Diminue-se o affluxo de sangue para a cabeça, mantendo esta elevada com travesseiros. Appliquem-se sinapismos nas pernas. Administrem-se internamente os calomelanos segundo a formula seguinte :

Calomelanos. 1 gramma (20 grãos).

Divida em 10 papeis. Para tomar um papel, de 3 em 3 horas, n'uma colher d'agua fria com assucar.

Quando o periodo de excitação é substituido pelo estado de colapso, convem applicar um caustico na nuca. O doente deve estar collocado n'um quarto bem arejado e de temperatura moderada. Não deve ter á roda do pescoço gravata nem qualquer outro

objecto que possa constranger a circulação, e não deve estar coberto. Deve achar-se n'um lugar meio-escuro, e no meio de profundo silencio. A dieta será severa; administrar-se-hão bebidas refrigerantes, taes como limonadas de limão, de laranja, ou agua fria, amiudadas vezes.

MENINOS (EDUCAÇÃO DOS). A fraqueza dos meninos, os perigos que os rodeião, os cuidados constantes e prolongados que reclamão, e as esperanças que lhes estão annexas, todas estas circumstancias justificão o interesse que inspirão. Consagremos, por conseguinte, duas paginas d'este Diccionario ás considerações hygienicas que dizem respeito a esta idade da vida.

A alimentação que a natureza destina á criança, que acaba de nascer, é o leite de sua mãe; mas é ás vezes impossivel a esta o preencher tal dever. Se estiver affectada de alguma molestia chronica, tal como a tísica, a molestia de pelle, as escrophulas, o rachitismo; se fôr de saude fraca, se não tiver bastante leite, é evidente que se ha de recorrer a uma ama. Mas tudo quanto diz respeito a esta questão foi já tratado nos artigos AMAMENTAÇÃO e DESMAMAÇÃO, que o leitor poderá consultar.

A maneira por que as crianças são hoje vestidas é muito mais conforme ás regras de uma sã hygiene. Os vestidos da primeira idade devem ser assaz quentes para preservarem das intemperies do ar, e bastante largos para não constrangerem de modo algum a circulação e até permittirem os movimentos mais extensos. A cabeça só deve estar coberta quando não tem cabellos, e ainda assim é preciso que os objectos com que fôr coberta não occasionem grande calor, o qual pôde favorecer a producção de congestões cerebraes.

O uso de pregar os vestidos com alfinetes pôde ter graves resultados. Factos ha de crianças que tiverão convulsões, por lhes haver penetrado na pelle um alfinete pregado no vestido, e que quanto mais as apertavão para assim as fazer calar, tanto mais se augmentavão os accidentes.

A cama merece igualmente fixar nossa attenção. Nunca deve ser mui quente, nem muito molle. A lã, a crina, a palha, são as materias que merecem preferencia para a sua composição. É preciso tambem que haja cuidado em que o berço não receba luz nem pela cabeça, nem pelos lados; sem esta precaução, os olhos, buscando-a continuamente, podem tomar uma direcção viciosa; por isso, esconder-se-ha a janella ou qualquer outro fóco de luz á vista da criança, mediante cortinas no berço.

Que espaço de tempo deve a criança dormir? Nos primeiros dias de sua existencia, a vida é para ella um longo somno, interrom-

pido sómente pela necessidade de mamar. Deve deixar-se dormir quanto quizer; para o diante, nove ou dez horas de somno lhe serão sufficientes. Nunca se deve provocar o somno embalando o recém-nascido. A agitação do berço, além de excitar os vomitos e perturbar a digestão como o movimento do navio, retarda a circulação e só dispõe ao somno provocando uma ligeira congestão do cerebro. Um tal repouso é ficticio e morbido. No adulto mesmo produz entorpecimento e vertigens.

Nos primeiros dias, a criança está continuamente deitada de costas; mas bem depressa começa a mover os membrosinhos. Este exercicio fortifica e desenvolve seus orgãos. Pouco tempo depois, a criança roja, por assim dizer, sobre o chão, onde está em liberdade; depois engatinha, finalmente endireita-se e anda. Nunca se deve buscar adiantar a epoca que a natureza tem fixado para que a criança ande só; os meios mecanicos de que se faz uso para se conseguir este fim são todos mais ou menos perigosos. Quando a criança chega á epoca da adolescencia, gosta de correr, saltar, trepar; é um instincto natural que não se deve embaraçar, tendo-se entretanto o cuidado de afasta-la de tudo quanto lhe puder ser nocivo. Nada lhe é mais util do que o exercicio dos orgãos de locomoção para desenvolver-lhe o vigor de todo o corpo. Os antigos, que entendião melhor do que nós da educação physica, tinhão muitos generos de gymnastica; além da natação, da equitação, esgrima, dansa, erão tambem exercitados pelos meninos o salto, o pugilato, a gestação de pesos, a luta, etc.; de maneira que aquelle que se exercitava assim em tudo ficava perfeitamente desenvolvido. Nem por isso se deve crer que approvo o cuidado exclusivo das forças corporaes, e que não desejo formar senão athletas e dansarinos; só quero dizer que uma educação physica bem entendida augmenta a energia moral pela saude que produz. Todos os cuidados devem, por consequinte, tender a conservar na infancia uma especie de equilibrio entre estas duas vidas, se assim se póde dizer. A vantagem, que os pais achão em ter pequenos prodigios, não póde compensar os inconvenientes inseparaveis do desenvolvimento prematuro das faculdades mentaes; este desenvolvimento só póde ter lugar com detrimento das outras funcções, e é bem raro que a criança que offerece um predominio consideravel e prematuro do cerebro tenha longa vida. Isto basta para provar quanto é importante que se consagrem os primeiros annos ao desenvolvimento physico.

Apenas o homem entra na carreira da vida logo é susceptivel de experimentar paixões. A colera, o ciuime, o medo, agitação-n'o antes que possa exprimir por palavras estas paixões. É preciso se

obste aos seus progressos para se evitarem os grandes perigos que os acompanhão. É mui importante para a boa educação das crianças que se lhes não deixe tomar um imperio mui poderoso. Evitar-se-ha que ellas se fação ciosas, distribuindo com equidade os elogios e as exprobrações, os castigos e as recompensas. Um sentimento de justiça anima a tenra idade; a injustiça a irrita até ao ultimo ponto : tem-se visto corações juvenis, ulcerados por uma preferencia iniqua, conservarem d'ella durante toda a vida uma impressão dolorosa contra os autores de seus dias; impressão que as forças da razão não pudérão destruir. Muitas crianças emmagrecem por causa d'esta paixão. É mui necessario tambem que se privem as crianças de tudo o que lhes possa causar medo; pois que são innumerous os males que d'elle podem resultar; convem então não assusta-las voluntariamente, acostuma-las com prudencia aos objectos do seu pavor, e prohibir severamente todas essas historias que, pelas suas imagens terriveis de ladrões ou espectros, são proprias a produzirem susto. Os pais devem exercer uma vigilancia muito attenta sobre as pessoas a quem confião seus filhos. Muitas vezes se tem visto estes juvenis entes serem victimas de perniciosos costumes, communicados por criados corrompidos. *Veja-se ONANISMO.*

MENSTRUAÇÃO, Menstruo. É o nome que se dá ao fluxo natural sanguineo que se faz pelos órgãos genitais da mulher. Este phenomeno é tambem chamado *assistencia, fluxo catamenial, regras, lua, incommodo mensal, embarço, ou acostumado, etc.* As regras principião na epoca da puberdade, renovão-se cada mez durante todo o tempo da fecundidade, salvo durante a gravidez, e em geral na da amamentação, e cessão com a faculdade de conceber. Todas as mulheres, de qualquer raça da especie humana, são sujeitas ao fluxo menstrual. Antigos viajantes tinhão, é verdade, pretendido que as que habitão perto do pólo arctico e as indigenas da America estavam livres d'elle; porém observações mais recentes e exactas tem provado o contrario. Bem que a menstruação pareça ser um resultado necessario da organização, existem entretanto alguns factos de mulheres que não tem sido menstruadas, sem que isto lhes haja causado incommodo algum; mas taes exemplos são rarissimos.

A idade em que este fluxo principia varia conforme os climas. No clima intertropical, este phenomeno mostra-se, em geral, dos dez aos quatorze ou quinze annos : nos paizes temperados da Europa, um ou dois annos mais tarde, e é tanto mais tardio quanto mais as pessoas se approximão do pólo. Em summa, não ha cousa mais difficil do que estabelecerem-se epocas, ainda

que approximadas, a esse respeito; pois que mil causas diversas, entre as quaes é preciso considerar primeiramente um regimen substancial, uma habitação sadia, e tambem uma educação dirigida com pouca reserva e máos exemplos, contribuem a desenvolver prematuramente na menina o instincto reproductor, a cuja existencia está ligada por laços mui estreitos á apparição do fluxo menstrual.

A primeira erupção dos menstros annuncia-se pelos symptomas seguintes : os seios, que tomárão um desenvolvimento rapido, inchão; a menina experimenta uma sensação de peso, de calor no baixo-ventre, um leve prurido nas partes genitales, dôres vagas nas cadeiras e coxas; sobrevem um corrimento de fluido branco, que dura ás vezes, muitos mezes, mas que de ordinario é logo depois seguido do fluxo de sangue, cuja apparição faz cessar os phenomenos que acabei de indicar. Esta excreção sanguinea, ordinariamente pouco abundante, dura dois, tres ou quatro dias; cessa para tornar a apparecer depois de um tempo mais ou menos longo; e, após alguns intervallos irregulares, toma a periodicidade regular. N'essa epoca da puberdade, o exterior dos órgãos genitales principia a cobrir-se de cabello : fazem-se tambem mudanças notaveis no moral da menina; torna-se pensativa, mais reservada córa e suspira facilmente. Os phenomenos precursores da menstruação não se mostram regularmente em todas as senhoras : ha umas em que são apenas sensiveis; outras, pelo contrario, em que são mais visiveis e vem acompanhados de dôres de cabeça e de alguns outros symptomas que, quando tem certo gráo de intensidade, constituem um verdadeiro estado morboso, do qual falarei n'este mesmo artigo.

A duração do fluxo sanguineo de cada periodo menstrual é geralmente invariavel n'uma mulher de boa saude; mas varia de uma a outra. É ordinariamente de quatro a cinco dias, ou, para melhor dizer, varia de tres a oito. Raras vezes está áquem ou além d'estes dois limites; e a quantidade de sangue que as mulheres perdem é avaliada em 90 a 150 grammas. No maior numero de mulheres, cada epoca é precedida ou seguida de um corrimento branco, que não se deve confundir com as flores brancas.

Tem-se tido, em diversas epocas, ideias differentes sobre a natureza e qualidade do sangue menstrual. Nos tempos antigos, sobretudo, foi considerado este sangue como dotado de propriedades deleterias. Hoje está bem demonstrado que não differe em nada d'aquelle que é fornecido por qualquer outro phenomeno hemorrhagico; e se algumas mulheres exhalão n'esta epoca um

cheiro desagradavel, a causa provém da falta de asseio. Mas o povo ainda não está desenganado a este respeito. Em alguns paizes, ha pessoas que negão dar entrada nos lugares onde se acha o vinho em deposito á mulher que tem suas regras, por julgarem que, pelo seu estado actual, podem fazer azedar o liquido.

Os nomes *menstruos* e *lua* dados a esta excreção annuncião que ella se reproduz mensalmente. É preciso entretanto convir que nada é absolutamente regular n'este caso, assim como em muitos outros da physiologia humana, na qual uma infinidade de circumstancias vem imprimir modificações na marcha natural de nossas funcções. Ha senhoras cujos menstruos apparecem regularmente cada 29 ou 28 dias; ha outras que os tem periodicamente cada 24 dias, ou são sujeitas a elles duas vezes por mez; e em algumas, emfim, só se observão todas as seis semanas, de dois em dois mezes, e até em maiores intervallos. O dia do apparecimento das regras não é o mesmo para todas as mulheres: podem apparecer em todos os dias do mez.

Logo que a menstruação está estabelecida, continua regularmente, sem outra interrupção que a do tempo da gravidez e da amamentação, até á idade de quarenta e cinco a cinquenta annos. Este termo entretanto não é fixo. A menstruação termina ás vezes mais cedo. Assim, não é raro ver-se a menstruação acabar aos quarenta ou trinta e seis annos, e ainda antes. De outra parte, a menstruação prolonga-se ás vezes muito além do termo ordinario, até a idade de cinquenta annos, e então a faculdade de gerar é tambem conservada. Regra geral: quanto mais cedo principião os menstruos, tanto mais cedo cessão.

A cessação das regras é ordinariamente annunciada, muito tempo antes, por notaveis desarranjos. Mui raramente a menstruação cessa de repente, mas ha uma diminuição progressiva na qualidade do sangue evacuado. Uma anxiedade geral, entorpecimentos nos membros inferiores, dôres nas cadeiras, calor no rosto, são tambem phenomenos que se observão em grande numero de mulheres. Em algumas, esta epoca é acompanhada de symptomas graves: molestias que até então estavam latentes manifestão-se de uma maneira subita; outras, que existião estacionarias, tomão uma marcha rapida. São estes casos, cujo numero tem sido muito exagerado, que inspirão tantos sustos ás senhoras, e que fizerão dar a esta epoca o nome de *idade critica*. Passado esse tempo, as forças dos outros órgãos augmentão á custa das do utero, que não tem mais vida particular; a epoca dos perigos deixa de existir; as mulheres adquirem um fundo de vida inexaurivel; não são mais sujeitas ás affecções particulares do seu sexo.

Necessarios em todas as epochas da vida, os cuidados hygienicos são com mais razão indispensaveis á mulher, cuja economia, já naturalmente sensivel, se acha violentamente abalada pelas crises menstruaes. Os cuidados, que reclama a epocha de sua primeira apparição, são em grande parte confiados á ternura maternal: é ella quem deve dirigir a joven pubere nas veredas novas que tem de percorrer, e premuni-la contra os perigos. N'esta epocha da vida, a leitura dos romances é extremamcmente perigosa. A menina que lê romances aos onze annos terá ataques de nervos aos vinte, disse Tissot. Um exercicio moderado é de grande utilidade, assim como uma alimentação sã sem muitos temperos, a residencia em um lugar bem arejado, e vestidos que permittão o livre exercicio de todos os membros e o desenvolvimento completo de todos os orgãos. Estes cuidados mui simples bastão ordinariamente quando tudo se passa na ordem natural; mas nem sempre acontece assim: em muitas meninas a menstruação estabelece-se e regulariza-se com difficuldade. Dôres de cabeça, vertigens, são frequentemente os unicos phenomenos que se manifestão nas primeiras epochas. N'este caso, é preciso pôr activamente em uso todos os meios proprios a determinar o fluxo de sangue nas partes destinadas pela natureza a darem-lhe sahida; taes são: semicupios quentes, escalda-pés, fricções com tintura de alecrim sobre as coxas, e sinapismos nos pés.

Um estado porém mais penoso e grave é o que apresenta uma menina *chlorotica*. Esta affecção, cuja causa determinante é, como precedentemente, a falta ou irregularidade dos menstruos, póde ter por predisposição um temperamento lymphatico, um amor contrariado, o ciuime, etc.; elle reclama sobretudo o emprego de diversos recursos hygienicos. Por conseguinte, logo que, na epocha ordinaria da puberdade, se percebe em uma joven lymphatica e fraca um estado de indolencia, é preciso excitar-lhe brandas emoções, sentimentos ternos. Convem que cultive a pintura, a musica; é necessario obriga-la, não obstante a sua aversão pronunciada, a ir ao passeio, á dança, ás reuniões, aos bailes, ao theatro, e a fazer outros exercicios que, sendo perigosos á menina dotada de uma imaginação ardente, são, pelo contrario, outros tantos meios para despertar na *chlorotica* a sensibilidade extincta. É bom que habite um quarto secco, elevado, exposto ao sol; que tome banhos frios, e sobretudo os do mar; que se nutra com alimentos tonicos e até estimulantes, como, carneiro, caça, vacca, vinho generoso. Se emfim, taes meios não forem sufficientes, poder-se-ha simultaneamente recorrer ás substancias medicamentosas apropriadas; ás infusões e decocções amargas, aromaticas, de quina, de gen

ciana, de herva cidreira, de hortelã-pimenta, ás preparações ferreas. No caso em que a affecção proceda de amor contrariado, claro está que o mais prompto e o mais efficaz de todos os remedios é o casamento com o objecto.

O tempo dos menstros não reclama cuidado especial algum. Digamos, entretanto, que as impressões da alma, que nas senhoras, em todo o tempo, produzem grandes effeitos, exercem então uma influencia muito mais pronunciada. A ellas seguramente, depois do frio e da humidade, devem ser attribuidas as supressões subitas do fluxo periodico. Um accesso de colera, um susto, uma noticia desagradavel, bastão para determinar este resultado. Por conseguinte, quantos cuidados e attenções exige o estado da mulher da parte de todos que a rodeião, e mais particularmente do homem que a natureza lhe deo por defensor.

A epoca de cessação dos menstros é vulgarmente considerada no mundo como uma idade perigosa para as mulheres. Este medo, como já deixei dito, é muito exagerado. Os sabios que quizerão estabelecer as leis da mortalidade nas differentes idades da vida, não achárão nada no quadro dos obitos que annunciasse os estragos do tempo critico. Não se julgue entretanto que o estado da mulher não necessite, n'esta epoca, de especial attenção. Cumpre remover tudo quanto possa produzir uma congestão sanguinea, exaltar a sensibilidade e excitar os órgãos genitaes. Um regimen alimentario brando, pouco substancial, convem em taes casos; um exercicio moderado e ao ar livre é tambem util. Um brando purgante é ás vezes util, tal como limonada de citrato de magnesia ou oleo de ricino.

Menstruação difficil ou **Dysmenorrhœa**. Quando a erupção menstrual é acompanhada de dôres vivas no utero e de alguns phenomenos insolitos mais ou menos graves, taes como vomitos, desmaios, convulsões, etc., designa-se este estado debaixo do nome de *Dysmenorrhœa* ou *menstruação difficil*.

Symptomas. Segundo a definição que precede, vê-se que na dysmenorrhœa os symptomas predominantes tem lugar ora do lado do utero, ora do lado de um órgão mais ou menos afastado. No primeiro caso, as senhoras queixão-se de colicas uterinas, que se propagação ás cadeiras, virilhas, e á parte superior das coxas; estes soffrimentos diminuem, e mesmo acalmão-se frequentemente pela compressão ou pela applicação de pannos quentes. As pacientes experimentão uma anxiedade geral; apresentão no rosto vestigios de abatimento e de dôr; tem calefrios passageiros; no maior numero d'ellas o appetite está diminuido ou perdido; muitas não podem ter-se em pé, e são obrigadas a ficar na cama durante

24 horas. Diversos phenomenos podem ajuntar-se aos symptomas precedentes : assim algumas mulheres queixão-se de dór de cabeça extremamente viva : outras são atormentadas por vomitos amargos. Algumas desmaião; emfim, porém raras vezes, observão-se movimentos convulsivos. Estes phenomenos raramente tem lugar durante toda a epoca menstrual; as mais das vezes precedem-n'a de algumas horas ou de um dia, e continuão só durante os dois primeiros dias do fluxo. Este faz-se em geral de uma maneira desigual; ás vezes não tem lugar senão ás gottas e com dôres mui vivas. Em muitas mulheres, os menstros, depois de correrem com custo e lentamente, durante os dois ou tres primeiros dias, tornão-se mais abundantes do que costumão ser, o que, de ordinario, é seguido de um allivio notavel. O sangue não offerece commummente nada de especial a notar, corre em geral só : mas ás vezes as pacientes expulsão ao mesmo tempo, depois dos grandes soffrimentos, falsas membranas de tamanho variavel: diz-se então que a dysmenorrhœa é *membranosa*. Estas membranas ora tem só alguns millimetros de largura e comprimento, ora, por sua extensão e sua fórma, representão inteiramente a cavidade uterina.

A dysmenorrhœa pôde fazer crer n'um aborto. Se não se chegar a reconhecer um embryão no meio de suas membranas, é impossivel differençar os dois saccos um do outro. Os unicos caracteres distinctivos consistem em que na dysmenorrhœa ha sempre coincidencia do ataque com o periodo menstrual, e quasi sempre repetição dos ataques durante muitos mezes, ao passo que não acontece o mesmo no aborto.

Causas. A dysmenorrhœa é produzida por causas que actuão, umas durante o fluxo dos menstros, outras no intervallo dos mezes. Assim os symptomas da dysmenorrhœa sobrevem ás vezes nas senhoras que, durante o fluxo menstrual, se expõem á impressão do frio, ao coito, a uma grande caminhada, ou experimentão uma emoção moral viva. Quanto ás causas que exercem a acção no intervallo das regras, de ordinario não são conhecidas. Cita-se sobretudo a vida sedentaria, a continencia, as paixões vivas, a superabundancia de sangue, uma constituição demasiado forte ou mui debil; mas não se sabe nada de positivo a este respeito. Ha, além d'isto, senhoras que, depois de soffrerem dysmenorrhœa durante muitos annos, tem a menstruação mui facil, sem que comtudo semelhante mudança possa explicar-se por nenhuma modificação sobrevinda na constituição das doentes, ou na sua maneira de viver. Em regra geral, a dysmenorrhœa encontra-se mais frequentemente nas donzellas; desaparece de ordinario

depois da primeira gravidez. Emfim, os mesmos accidentes tornão a reproduzir-se nos annos que precedem a idade critica.

Tratamento. A mulher deve ficar na cama, em quanto durarem as colicas uterinas, e conservar sobre o baixo-ventre toalhas quentes ou cataplasmas de linhaça regadas com 30 gottas de laudano de Sydenham. Deve beber chá da India bem quente, ou infusão de herva cidreira, de folhas de laranjeira ou de arruda. Tome um clyster segundo esta receita :

Cozimento de raiz de althea.. 180 grammas (6 onças)

Laudano de Sydenham ... 15 gottas.

As pilulas seguintes são tambem uteis :

Extracto de opio. 25 milligr. (1/2 grão)

Camphora 10 centigr. (2 grãos).

Mucilagem de gomma arabica.. quantidade sufficiente.

Faça 1 pilula, e como esta mais outra. Para tomar 1 pilula pela manhã outra á noite.

Um banho geral d'agua tepida, de meia a uma hora de duração, póde tambem ser vantajoso.

O tratamento preventivo da dysmenorrhœa vâria segundo as causas que parecem produzi-la : assim combate-se a superabundancia de sangue pelo regimen composto principalmente de vegetaes, fructas, leite; prescrever-se-hão, pelo contrario, os banhos do mar e as preparações de ferro ás senhoras cuja constituição fôr debil. Eis-aqui a receita :

Ferro reduzido. 8 grammas (2 oitavas).

Divida em 16 papeis. Para tomar um papel por dia, n'uma pouca d'agua fria com assucar

Falta de menstruação ou **Amenorrhœa.** Dão-se estes nomes não só á ausencia e á suppressão dos menstros, mas ainda á sua diminuição consideravel.

Ha diversas amenorrhœas : 1º amenorrhœa *constitucional*, isto é, a que está ligada a um estado geral da pessoa; 2º amenorrhœa por *causa local*, symptomatica de um estado morbido do utero ou de seus orgãos annexos; 3º amenorrhœa que depende da existencia de uma molestia local, mas *situada n'um outro orgão que o utero*. N'estas tres divisões a amenorrhœa póde ser *completa* ou *incompleta*, segundo que os menstros faltão totalmente ou correm ainda um pouco. A amenorrhœa é *primitiva*, quando as meniús chegadas á puberdade, ou tendo passado esta epoca, não vêem apparecer suas regras : diz-se então assaz impropriamente que a amenorrhœa é devida á *retenção*; se pelo contrario, as regras faltão nas senhoras já menstruadas, a amenorrhœa é chamada *accidental* ou *por suppressão*.

Causas. A amenorrhea pôde ser observada nas senhoras de constituições as mais diversas; entretanto a que é constitucional e primitiva, encontra-se especialmente nas meninas lymphaticas, e submettidas a causas debilitantes, taes como uma alimentação insufficiente, a habitação em lugares baixos e humidos, as paixões tristes, a vida sedentaria, a falta de exercicio, trabalhos excessivos. Na mulher já menstruada, e submettida ás mesmas circumstancias, o fluxo catamenial diminue gradualmente, e enfim desaparece. A constituição robusta ou o estado plethorico de algumas senhoras é tambem, em certos casos, uma causa rara, mas bem provada, da amenorrhea. — Já deixei indicado que a amenorrhea podia depender de uma lesão mais ou menos evidente do utero e de seus annexos : taes são a inflamação, os engurgitamentos chronicos, as deslocações, ou falta de desenvolvimento dos orgãos genitales. Ás vezes, a amenorrhea depende unicamente de um estado de atonia do utero; n'este caso, a excitação do orgão pelo matrimonio basta ás vezes para produzir uma menstruação regular. — Enfim, frequentemente as regras não se estabelecem ou faltão na sua epoca em consequencia do soffrimento de um orgão importante. A molestia de peito produz frequentemente este resultado.

A maior parte das causas precedentes oppõem-se á apparição das regras, ou impedem a sua volta nas senhoras já menstruadas. Entretanto, o maior numero de amenorrheas, que se observão n'estas ultimas, sobrevem em consequencia de uma supressão subita das regras, debaixo da influencia de causas variadas; as mais das vezes, depois da acção do frio, por exemplo, depois da immersão do corpo inteiro ou de uma parte em agua fria. As emoções moraes vivas, a colera, uma alegria excessiva, e mais frequentemente ainda o susto, produzem o mesmo effeito, e isto n'uma proporção muito maior do que o frio. Estas mesmas causas, reproduzindo-se frequentemente no intervallo dos menstros, podem retardar estes ou mesmo impedi-los de tornarem a voltar na sua epoca habitual.

Symptomas. Em alguns casos, a ausencia ou diminuição consideravel do fluxo menstrual é a unica mudança que se observa na saude da mulher; a supressão das regras não é acompanhada então de accidente algum. Comtudo estes factos são excepçoes : na maioria dos casos, com effeito, sobrevem perturbações mais ou menos numerosas. Frequentemente apparecem congestões sanguineas na cabeça, no peito, no ventre; outras vezes predominão os phenomenos nervosos. Assim as pacientes experimentão anxiedades geraes, uma sensação de calor, pulsações e calores insolitos, pas-

sageiros, em diversas partes do corpo; outras queixão-se de dôres de cabeça, vertigens, zunidos de ouvidos; tem a vista turva; sentem torpor, somnolencia, ou são, pelo contrario, atormentadas por insomnias; algumas ha que se queixão sobretudo de suffocações, oppressões, palpitações, desmaios. Emfim, algumas tem colicas surdas, pesos nas virilhas, nas coxas e no assento. Sobrevem diversas hemorragias, para supprir o fluxo menstrual que falta, ou apparece uma febre passageira. As senhoras nas quaes os symptomas nervosos predominão, queixão-se de dôres vivas de natureza nevralgica; outras tem espasmos, contracturas e diversas nevroses do lado dos orgãos digestivos.

Cumpre não esquecer, que nas senhoras jovens a amenorrhœa pôde ser a consequencia de uma gravidez incipiente. Mas n'estes casos, não se pôde ter duvidas sobre a verdadeira causa da falta da menstruação senão nos primeiros mezes; porque, mais tarde, os ruidos uterino e fetal tirarão todas as duvidas. N'estes casos duvidosos é preciso proceder com prudencia, e esperar algum tempo, antes de se decidir a empregar os meios energicos.

Tratamento. Quando a falta de menstruação é acompanhada de calor no rosto, de dôres de cabeça, e espasmos, convem praticar uma pequena sangria no braço, ou applicar tres bichas na parte interior de cada joelho ou na parte superior das coxas, e usar de pediluvios com farinha de mostarda. Mas as emissões sanguineas são irrationaes e sem vantagem nas meninas chloroticas, pallidas, nas quaes a amenorrhœa parece depender da fraqueza da constituição; n'este caso, pelo contrario, os esforços da medicina devem tender a augmentar as forças das doentes. Para estas convem recorrer á alimentação succulenta, á carne de vacca assada, costeletas de carneiro, filhotes, mingãos de araruta, tapioca, geleas animaes e vegetaes, vinho; ao exercicio ao ar, aos banhos frios de rio ou do mar, aos banhos quentes aromaticos, fumigações estimulantes, ás fricções nas coxas com linimentos estimulantes, ás preparações de ferro, ás aguas ferreas, aos medicamentos tonicos. Eis-aqui as reccitas :

1º *Fumigação estimulante.*

Folhas de absinthio.	15 grammas (1/2 onça)
Folhas de artemisia.	15 grammas (1/2 onça)
Agua fervendo. . .	1 litro (32 onças).

Dirija-se o vapor sobre as partes genitales.

2º *Para bebida* : infusão quente de herva cidreira, de arruda, de camomilla romana, de macella, de hysopo, de sabina.

Qualquer d'estas bebidas convem em todas as especies de falta de menstruação.

3º *Pilulas emmenagogas.*

Açafrão..	2 grammas (40 grãos)
Extracto de arruda.	2 grammas (40 grãos)
Extracto de absinthio	2 grammas (40 grãos)
Aloes	2 grammas (40 grãos).

Faça 40 pilulas. Para tomar uma pilula, tres vezes por dia.

4º Vinho de genciana. ; 360 grammas (12 onças).

Para beber uma colher *de sopa*, duas vezes por dia.

5º Ferro reduzido. 8 grammas (2 oitavas).

Divida em 16 papeis. Para tomar um papel por dia, n' uma pouca d'agua fria com assucar.

6º *Linimento de Rosen.*

Oleo concreto de moscada.	10 gram. (2 1/2 oitavas)
Oleo volatil de cravo.	10 gram. (2 1/2 oitavas)
Alcoolato de zimbro.	180 grammas (6 onças).

Misture. Para friccionar as coxas, uma vez por dia, com uma colher *de sopa* d'este linimento.

7º *Banhos aromaticos.* O modo de sua preparação está indicado no vol. I, pag. 307.

É inutil dizer que, se a amenorrhœa depender de alguma molestia do utero, é contra esta molestia que deve ser dirigido o tratamento.

MENTAGRA ou **Sycose.** Molestia caracterizada por botões vermelhos, que se desenvolvem na barba, ás vezes no labio inferior e nas partes lateraes do rosto; estes botões occasionão uma comichão viva, abrem-se e suppurão.

Symptomas. Durante alguns mezes, e com longos intervallós, apparecem na parte inferior do rosto, nos lugares em que ha cabello, pequenos botões de duração ephemera. Estes botões são depois substituidos por uma pequena *pustula* acuminada e dolorosa, que se rompe ao cabo de tres ou quatro dias, e deixa uma *pequena crosta* que cahe sem deixar vestigio de sua existencia. Uma outra *pustula* apparece logo depois, segue a mesma marcha, com duração mais longa, até que enfim sobrevenha uma erupção de muitas *pustulas*, acompanhadas de comichão dolorosa e de vermelhidão. N'esta epoca, já se póde verificar n'este grupo de *pustulas* uma pequena *induração* na base. As *crostas* produzidas pela suppuração de mais em mais abundante são mais grossas; são *anegradas*, seccas, pouco adherentes. Depois de sua quéda, apparecem novas *pustulas* que percórrem as mesmas phases que as primeiras. A inflammação, fazendo progressos, produz engurgitamentos tuberculosos, cada vez mais extensos. É n'estes casos que a barba se altera na sua fórma; ás vezes estes tumores parecem-se um tanto

com as cerejas, e dão á physionomia um aspecto particular. N'um gráo mais adiantado, a molestia póde occasionar a quéda do cabello, e produzir até mesmo verdadeiros abcessos.

A *duração* da mentagra é extremamente variavel, e em geral mui longa. Quando termina pela cura, os engurgitamentos tuberculosos abatem pouco a pouco; as crostas cahem; e as pustulas, que se tornão de mais em mais raras, cêssão inteiramente de apparecer. Quando a molestia durou muito tempo, deixa marcas rubras, violaceas, sobre cuja superficie se faz uma exfoliação epidérmica.

Causas. A mentagra não existe nas senhoras : ataca exclusivamente os homens e em particular os que tem muita barba, que são dotados de constituição sanguinea. A molestia é devida ao desenvolvimento de um vegetal parasitico na raiz do cabello; d'onde se segue que, pelo unico emprego de uma navalha que esteve em contacto com uma erupção de mentagra, se póde contrahir a mesma molestia. Em outros termos, a mentagra é contagiosa.

Tratamento. Para curar a molestia é preciso destruir o vegetal parasitico. Para este fim, cumpre tocar todos os dias as pustulas com um pincel molhado no oleo de cade, ou na creosota misturada com maior ou menor quantidade d'agua fria. Se estes meios não forem sufficientes, deve-se praticar a epilação, arrancando com uma pinça o cabello da barba, um por um, e applicar depois o seguinte *liquido parasitocida* :

Agua distillada.	30 grammas (1 onça)
Sublimado corrosivo	5 centigram. (1 grão).

Dissolva.

No intervallo d'estas applicações, lava-se o lugar affectado com agua tepida ou com o cozimento de raiz de althea mórno; e, se a inflammação fôr intensa, applicuem-se cataplasmas de fecula de batatas. Durante o curso do tratamento, convem supprimir o uso da navalha; cumpre cortar a barba com tesoura, e conserva-la n'um estado de perfeito asseio.

MENTHASTRO. *Veja-se* HORTELÃ.

MENTRASTO. *Veja-se* HERVA DE S. JOÃO.

MENTRUZ. *Veja-se* HERVA DE SANTA MARIA.

MERCURIO OU AZOUGUE. Metal liquido na temperatura ordinaria, brilhante, de côr branca levemente azulada; pesa treze vezes e meia mais do que a agua. Seus usos são importantes e variados. Serve para a confeição dos barometros e thermometros; emprega-se para dourar e pratear os metaes; unido ao estanho, forma a amalgama chamada *aço dos espelhos*; emfim, ministra á

arte de curar grande numero de compostos energicos. O mercurio combina-se facilmente com o ouro; d'aqui vem o preceito para os doentes que fazem fricções com unguento mercurial, de tirarem os aneis dos dedos para evitarem o estrago que n'elles faria o mercurio.

Nada está tão bem provado como a efficacia do mercurio no maior numero das molestias venereas. As pessoas estranhas á arte de curar, tem geralmente grande repugnancia em empregar este remedio. Não negarei que se tenha abusado do mercurio, que os empiricos e os ignorantés possão ainda abusar d'elle; mas sempre a opinião dos mais sabios medicos é que o mercurio, empregado com cautela, deve merecer toda a confiança, e que é o mais seguro meio contra a syphilis. Assim, os charlatães, que assegurão em seus annuncios que as preparações que vendem não contém mercurio, tem o cuidado de juntar ao seu *arrobe*, pretendido vegetal, ao seu *vinho de salsaparilha*, ás suas pilulas, etc., certa quantidade de sublimado (deutochlorureto de mercurio) que constitue toda a virtude do remedio. O unico accidente, que póde attribuir-se ao uso que se faz do mercurio nas molestias, é a salivação; mas, além de não ser este estado de gravidade real, não ha medico que não saiba preveni-lo ou fazê-lo cessar logo ao principio. Quanto aos terrores espalhados no vulgo sobre a pretendida penetração do mercurio em todos os tecidos da economia, e principalmente nos nervos e ossos, sendo causa de dôres, caries, paralyrias, e até da loucura. direi que nunca tratamento algum mercurial, dirigido por um medico instruido, póde ter este resultado; até não está ainda bem provado que fossem observados taes accidentes nos casos em que se houvesse realmente abusado do mercurio. Novas discussões sciêntificas provárão tudo quanto havia de falso e de exagerado na opinião publica, relativamente aos pretendidos estragos do mercurio. Os tremores paralyticos, que podem ser attribuidos á acção deletéria do mercurio, sobrevem só nas profissões que necessitão de uma exposição contínua e prolongada ás emanações mercuriaes. A suspensão do trabalho, e o uso de banhos mornos, ou de vapor, são os melhores remedios que se conhecem contra este genero de molestia. *Veja-se SALIVAÇÃO.*

O mercurio emprega-se em fricções, debaixo da fórma de *pomada* ou *unguento mercurial*; para isto tritura-se com banha até não apparecerem mais globulos metallicos. Estas fricções usão-se para desfazer os tumores ou engurgitamentos, ou como antisiphiliticas, ou para matar os piolhos. Administra-se tambem em pilulas contra a syphilis. Ha muitas composições do mercurio. Passo a examinalas successivamente.

Oxydo rubro de mercurio, *bioxydo de mercurio, deutoxydo de mercurio, precipitado rubro* ou *pós de Joannes*. É de côr rubra alaranjada, quasi insolúvel em agua, mais soluvel no alcool. — Emprega-se sobretudo para uso externo, para cauterizar as excrescencias syphiliticas, as ulceras boubaticas; entra na composição de muitas pomadas ophthalmicas. Internamente usa-se contra as boubas na dóse de 1 centigramma ($1/5$ de grão) em pilulas. Póde-se elevar a dóse a 2 centigrammas ($2/5$ de grão) por dia; em maior dóse produziria accidentes graves, por causa de sua acção caustica.

Proto-chlorureto de mercurio, *mercurio doce* ou *calomelanos*. Sal solido, branco ou branco amarellado quando foi exposto ao ar, crystallizado em agulhas prismaticas, inodoro, insípido, insolúvel em agua e no alcool. Esta composição mercurial usa-se principalmente nas molestias do cerebro, do figado e do baço, na dóse de 5 a 25 centigrammas (1 a 5 grãos) por dia, internamente em pó ou pilulas. Raras vezes se emprega como antisymphilitico; mas foi aconselhado por alguns médicos como purgativo e vermifugo. Produz evacuações alvinas na dóse de 1 gramma (20 grãos). Tem o inconveniente assaz grave de occasionar facilmente a salivacão, pelo que não deve ser administrado senão nos casos, que deixei indicados, em que não póde ser substituído por outros medicamentos. Como purgativo ou vermifugo, os calomelanos podem ser substituídos por muitas outras substancias.

Bi-chlorureto de mercurio, *deuto-chlorureto de mercurio, sublimado* ou *sublimado corrosivo*. Acha-se no commercio em pedaços mais ou menos volumosos, solidos, pesados, circulares; concavos de um lado, convexos do outro; é branco, crystallizado em agulhas prismaticas, inalteravel ao ar, inodoro, de sabor caustico e metallico, soluvel em agua, alcool e ether.

É um dos mais violentos venenos: ingerido na dóse de 25 a 40 centigrammas (5 a 8 grãos), corroe as membranas do estomago, produz um calor acre e ardente na garganta e na bocca do estomago, vomitos, dejecções alvinas, dôres atrozes, phenomenos nervosos e a morte. Quando se emprega como remedio, administra-se na dóse de 6 a 10 milligrammas ($1/8$ a $1/5$ de grão). Depois da ingestão d'esta fraca dóse, sentem-se ainda algumas colicas. O sublimado é empregado na syphilis, nas boubas e em algumas molestias da pelle. 1 $1/2$ gramma a 2 grammas (30 a 40 grãos) curão os symptomas primitivos da syphilis. O sublimado é um dos medicamentos mercuriaes que menos frequentemente produzem a salivacão. Para o tratamento do *envenenamento* que póde ser occasionado pelo sublimado, veja-se vol. I, pag. 946.

Cyanureto de mercúrio. Sal sem côr, de sabor desagradavel, mui venenoso, crystallizado em prismas rhomboides, solúvel em agua, pouco solúvel no alcool. Aconselhado nas molestias cutaneas na dóse de 3 milligrammas ($1/16$ de grão) por dia; mas deve ser empregado com muita prudencia.

Proto-iodureto de mercúrio. Apresenta-se em pó amarello esverdeado, inodoro, de sabor metallico, volátil, insolúvel em agua e no alcool. Altera-se sob a influencia da luz, pelo que deve ser conservado em frascos de vidro opaco e em lugar escuro. Emprega-se com muita vantagem contra os cancos venereos, e outros symptomas da syphilis, internamente, na dóse de 25 milligrammas a 10 centigrammas ($1/2$ grão a 2 grãos) por dia, em pilulas.

Deuto-iodureto de mercúrio. Pó de bella côr vermelha, insolúvel em agua, mas solúvel no alcool e no ether, alteravel pela luz, pelo que deve ser conservado em frascos pretos, e em lugar escuro. Antisyphilitico, mas muito mais energico do que o proto-iodureto; é pouco empregado internamente; usa-se sobretudo em pomada.

Sulfureto rubro de mercúrio, ou *cinabrio*. Apresenta-se em pedaços de grossura variavel e compostos de grande numero de agullias crystallinas, dispostas parallelamente, côr roxa, que passa a vermelha viva pela pulverização. Reduzido a pó fino, chama-se *vermelhão*. Emprega-se na pintura, e para dar côr vermelha aos lacres. Em medicina, entra na composição de algumas pomadas, usadas nas molestias cutaneas.

Fulminato de mercúrio, *mercurio fulminante* ou *pós de Howard*. Pó cinzento-amarellado, crystallino, mui perigoso para se lhe pegar com as mãos, susceptivel de detonação violenta pelo choque, pela acção do calor a 186° , ou pelo simples contacto dos acidos sulfurico e azotico concentrados. Obtem-se operando o mercúrio pelo acido azotico em presença do alcool. Foi descoberto em 1799 por Howard. Prepara-se em grande escala para a fabricação das capsulas de espingarda.

Nitrato acido de mercúrio. Liquido transparente, sem côr, tornandò-se verde pela acção da luz, inodoro, de sabor caustico. Caustico-violento, empregado para cauterizar as mordeduras dos animaes venenosos; as ulceras cancerosas, etc.

Sub-sulfato de deutoxydo de mercúrio ou *turbitho mineral*. Sal amarello, insolúvel na agua. Só se emprega externamente; entra na composição das pomadas usadas contra os dartros.

METEORISMO ou **Tympanite**. Augmento de volume do ventre pela presença de gaz nos intestinos ou na cavidade do peri-

toneo. O ventre torna-se então sonoro á percussão. É um symptoma assaz ordinario da enterite e da peritonite; acompanha mesmo, em grãos diversos, grande numero de molestias. Diz-se *meteorizado*, o ventre em que se observão os phenomenos do meteorismo. *Veja-se FLATULENCIA.*

METRITE. Inflammiação do utero. Póde ser *aguda* ou *chronica*.

Metrite aguda. *Causas.* As causas d'esta molestia são : as pancadas sobre o ventre, a quéda sobre as nadeegas ou joelhos, a suppressão subita da menstruação por uma imprudencia, tal como, immersão n'agua fria, um parto laborioso, as manobras violentas praticadas com o forceps ou com a mão para fazer a extracção da criança. Emfim, esta molestia, como outras muitas, póde declarar-se sem causa conhecida.

Symptomas. A doente experimenta na parte inferior do ventre uma dôr obtusa que se propaga ás cadeiras, virilhas, e ás vezes ás coxas; esta dôr augmenta pela pressão praticada no baixo-ventre; existe tambem difficuldade de urinar. Ha suppressão de menstruação ou de locchios, se a molestia se declarou na epoca das regras ou depois do parto. A molestia principia de ordinario por calefrios mais ou menos intensos; existe febre, sêde e fastio.

A *duração* da inflammiação aguda do utero é ordinariamente de quinze a vinte dias; mas póde limitar-se a alguns dias. As mais das vezes a molestia sara, ou passa ao estado chronico.

Tratamento. O tratamento da metrite aguda é proporcionado á extensão da molestia e á gravidade dos symptomas. Compõe-se de bichas que se applicão na parte inferior do ventre, ou nas virilhas, de semicupios d'agua morna, de cataplasmas de linhaça no ventre, de clysters de cozimento de linhaça, e de bebidas emollientes, taes como infusão de linhaça, de flores de malvas ou de cozimento de cevada. Fazem-se duas vezes por dia fricções no ventre com o linimento seguinte :

Oleo camphorado	...	15 grammas (1/2 onça)
Balsamo tranquillo.		15 grammas (1/2 onça)
Laudano de Sydenham		15 grammas (1/2 onça).

Misture-se.

Todo este tratamento será auxiliado com uma dieta mais ou menos severa.

Metrite chronica. A inflammiação chronica do utero é caracterizada por um engurgitamento; isto é, pelo augmento de volume com endurecimento, ou ás vezes com diminuição de consistencia da parte affectada.

Causas. As causas da inflammiação chronica do utero nem

sempre podem ser determinadas; entretanto, tem-se reconhecido a acção das influencias seguintes. Em primeiro lugar, a molestia é muito mais rara nas senhoras jovens, e nas que não tiverão filhos, do que nas que são de certa idade e que tiverão muitos partos, mórmente se estes forão laboriosos, ou se houve abortos. A cessação dos menstruos é talvez a epoca em que os engurgitamentos do utero se mostrão com mais frequencia. Póde-se attribuir a molestia ás contusões sobre o ventre, ás sacudiduras repetidas, aos excessos venereos, á suppressão da menstruação por alguma affecção viva ou alguma imprudência. Emfim, a metrite chronica póde succeder á metrite aguda.

Symptomas. Os primeiros phenomenos da inflammação chronica do utero são muito obscuros, salvo se esta molestia fôr a terminação de uma inflammação aguda. Ordinariamente, a doente experimenta desde longo tempo um peso nas cadeiras, dôres no estomago e difficuldade na digestão. A menstruação torna-se irregular nas suas epocas, e na quantidade de sangue. Mais tarde, manifesta-se peso na região do utero, uma sensação de compressão no anus, dôr no andar ou no transporte em sege mal suspensa. Existe prisão do ventre, difficuldade na emissão das ourinas, que frequentemente são vermelhas e carregadas. Ao mesmo tempo observa-se uma purgação mais ou menos espessa, e ás vezes misturada com sangue. Sobrevem em alguns casos pequenos accessos de febre, bem que geralmente o estado do pulso permaneça no seu typo ordinario: nota-se tambem uma inchação dos seios como no principio da gravidez. A attenção do medico fixa-se então necessariamente no utero: n'este orgão é que elle deve procurar a causa dos phenomenos, para saber se a molestia é uma degeneração cancerosa ou scirrhusa, um polypo, ou uma inflammação chronica do utero, visto que todas estas molestias podem produzir phenomenos analogos; só pela exploração com o dedo ou pela inspecção com a vista, por meio do intrumento chamado *especulo*. póde o medico decidir a questão. Quando a inflammação é chronica, o dedo reconhece um augmento no volume do collo uterino, ás vezes uma dureza, outras vezes certa molleza. A compressão na parte inferior do ventre, feita durante estas manobras, determina quasi sempre uma dôr no utero.

Tratamento. O tratamento da inflammação chronica do utero é muito longo e difficil. Conveniê principiar pela applicação de dez a doze bichas na parte superior das coxas. A doente tomará todos os dias um ou dois semicupios com o cozimento morno de folhas de malvas, e fará seringatorios no utero com este mesmo cozimento ou com o decocto de linhaça. Se as dôres forem intensas, os serin-

gatorios serão feitos com o cozimento de dormideiras : os banhos com o cozimento de folhas de trombetaireira são uteis no mesmo caso. Depois de empregar por algum tempo estes meios emollientes e calmantes, é preciso mudar de tratamento e recorrer aos medicamentos resolventes e tonicos. Os seringatorios com agua vegeto-mineral, com a solução de pedrahume, os banhos frios de rio ou de mar, as fricções no ventre com pomada de iodureto de potassio, convem n'este periodo da molestia. As doentes devem fazer algum exercicio, habitar de preferencia fóra das grandes cidades, nutrir-se com alimentos substanciaes : um pouco de vinho é-lhes vantajoso. Eis-aqui as receitas :

1º Agua vegeto-mineral.	..	1/2 litro (16 onças).
2º Agua.		1/2 litro (16 onças)
Pedrahume.	.	30 grammas (1 onça).
3º Pomada de iodureto de potassio.		30 grammas (1 onça).

METRRRHAGIA ou HEMORRHAGIA DO UTERO. V vol II, pag. 122.

MEXILHÃO. *Veja-se* MARISCO.

MEZEREÃO. *Veja-se* TROVISCO.

MÉZINHA. *Veja-se* CLYSTER.

MIASMAS. Tomando a palavra em sua accepção lata, considerão-se sob este titulo todas as *emanações nocivas*, que corrompem o ar, e atacão o corpo humano. Nada ha mais obscuro do que a natureza intima dos miasmas : conhecemos muitas causas que os originão; podemos apreciar grande numero de seus effeitos perniciosos, e apenas sabemos o que elles são. Submettendo-os á investigação de nossos sentidos, só o olfato nos póde advertir da sua presença : não nos é dado toca-los nem vê-los. A chimica mais engenhosa perde-se na subtiliza das dóses e combinações miasmaticas; de ordinario, nada descobre no ar insalubre ou mortifero que d'elles esteja infectado, e quando conseguê reconhecer n'elle uma proporção insolita, ou a presença accidental de algum principio gazoso, não nos reléva senão uma dimintissima parte do problema.

Deixemos, por conseguinte, a sua composição intima, e occupemo-nos de suas causas, effeitos e dos meios preservativos. Os miasmas fazem parte d'esse systema geral de emanações, que tem tão grande parte na natureza. Cada ente os recebe e os transmite reciprocamente. N'esta troca contínua de elementos, operão-se as misturas, as separações, as combinações mais variadas. Em certos casos nascem miasmas, especies de venenos volateis, invisiveis, impalpaveis, cujas fontes são felizmente conhecidas, e que podemos evitar ou destruir.

As condições que favorecem os desenvolvimentos miasmaticos estão bem determinadas. Os pantanos offerecem-se em primeiro lugar. Ninguem ignora quanto são communs, sobre o globo, as molestias, e especialmente as febres intermittentes benignas ou perniciosas que provém d'elles. Estes effluvios pantanosos, cujos insalubres effeitos sobem de ponto pela decomposição das materias vegetaes e animaes, são sobretudo temiveis nos paizes quentes, visto que a actividade da putrefacção está na razão directa do calor. Assim, os pantanos immensos do norte da Europa, tem pouca influencia sobre a saude, e parece que nenhuma sobre a duração da vida; entretanto que a Africa occidental é o paiz mais insalubre do mundo. Depois das inundações consideraveis, desenvolvem-se tambem effluvios dos terrenos que acabão de ser submergidos. Estes effluvios constituem um grande fóco de infecção; são elles que tornão insalubres as margens dos rios, ribeiros e regatos sujeitos a trasbordar, os paizes em que o terreno, por causa de sua natureza o inclinação, não póde nem absorver as aguas da chuva, nem permittir seu escorrimento. Estes miasmas causão na *America* a insalubridade de Cayenna, das margens do Mississipi, do Orenôco, etc.; na *Africa*, de toda a porção de suas margens occidentaes situada entre o rio de Senegal e a Cafraria, de Madagascar, do baixo Egypto depois da retirada do Nilo etc.; na *Europa*, da vizinhança de Roma, Mantua, da Sardenha, de alguns pontos da Corsega, etc.; e na *Asia*, das planicies de Bengala, dos arredores do Euphrates, do Ganges, etc., etc.

Devem ser assemelhados aos pantanos salgados os porões dos navios, e aos d'agua doce os canaes mal conservados, nos quaes o lodo se demora uma parte do anno; os arrozaes, emfim, as ruas e as estradas convertidas em uma lama preta e infecta pelas aguas da chuva e pelas das casas, pelo rodar das seges, pelo transito dos homens e animaes.

Parece bem provado, tanto por experiencias directas como por factos observados sobre as margens da Italia e Provença, que a mistura das aguas do mar e da agua doce determina uma infecção muito mais consideravel, do que quando estas mesmas aguas se estagnão isoladamente.

Ha muitas industrias que diffundem no ar principios maleficos; taes são as explorações das minas, as fabricas em que os obreiros trabalham com materias animaes. Em toda a parte em que se achão individuos da especie humana, animaes, vegetaes, existem necessariamente miasmas. A respiração, as excreções de uns, a decomposição de outros, corrompem continuamente o ar. As latrinas, os desaguadeiros, os canos, as cloacas, os matadouros,

os cemiterios, desenvolvem, sem cessar, miasmas, cuja diffusão na massa do ar os torna felizmente pouco nocivos; e que seriam deletérios pela demasiada abundancia ou concentração. Mas, entre os focos de infecção, um dos mais perigosos para o homem é o mesmo homem vivo ou morto. Em uma Memoria publicada sobre a origem da peste, o Dr. Lagasquie provou que esta horrivel molestia, que enluta todos os annos o Levante, provém, no Egypto, da incrível negligencia das sepulturas humanas. Quando outr'ora a policia das inhumações era mal feita na Europa, observavão-se numerosas epidemias provenientes da putrefacção dos cadaveres. A influencia dos miasmas do homem sobre o homem é muito mais nociva durante o estado da molestia do que durante o estado de saude. Em todos os casos, deve evitar-se sua concentração nos lugares circumscriptos, como nos hospitaes, prisões, quartéis, navios.

Os focos de infecção que acabei de assignalar de uma maneira geral, tem diversos grãos de actividade conforme as diversas circumstancias. Os miasmas desenvolvem-se em muito menor quantidade por um tempo frio e secco, e durante o dia. A humidade quente favorece sua formação e augmenta suas propriedades nocivas. Quer sejam mais abundantes, quer o corpo esteja mais mal disposto, é constante que as emanações miasmaticas são mais temiveis de noite do que de dia. Emfim, a influencia da luz e da obscuridade sobre as emanações está bem conhecida. Sabe-se, por exemplo, que as flores odoríferas, que se não devem accumular no quarto de dormir, desenvolvem muito mais aroma depois do sol posto.

Poderíamos, na verdade, ter grandes motivos para receiar a infecção da atmospherá pela grande quantidade de miasmas que ella recebe a todos os instantes, se não soubessemos que a Providencia previo tudo para a conservação dos entes a quem gratificou com a vida. Assim, esse gaz acido carbonico não respiravel que exhalamos de nossos pulmões, que desenvolvem as luzes; esses vapores maleficos que sahem das materias animaes e vegetaes em decomposição, em fermentação; tudo isso, em virtude das leis geraes, cessa de existir no estado miasmatico para entrar em novas combinações favoraveis á vida. Os principios de vida e de morte tocão-se e confundem-se na natureza. O ar sempre alterado volta continuamente á sua pureza primitiva. As arvores e as plantas trabalham activamente n'esta depuração salutar; para se desenvolverem ou entreterem, as plantas decompõem as emanações malignas, os ventos as dispersão, os mineraes tambem se apoderão d'ellas e as submettem a novas combinações, e, por estas conti-

nuas transformações, o equilibrio dos elementos nunca é perturbado de uma maneira duravel. Todavia, existem miasmas que parecem resistir obstinadamente ás acções dissolventes e depurantes da chimica e physica geral; taes são os miasmas da febre amarella, da peste e cholera-morbus.

O corpo humano, mergulhado em uma atmospherá miasmática, é accessivel á infecção por todos os pontos, mas sobretudo pelas vias respiratorias. Com tudo isso, a acção dos miasmas é inconstante como todas as causas de molestia; sem a predisposição do corpo, são todas sem effeito. Os individuos naturalmente fracos e medrosos, os que são debilitados por privações, pezares ou fadigas, resistem menos a esta acção.

Regras sanitarias relativas ás emanações. Collocar o corpo nas condições mais favoraveis para que possa resistir-lhes, occupar-se em purificar ou esgotar a sua fonte, taes são os meios preservativos contra os miasmas. Claro fica que é preciso afastar-se dos fócios de infecção sempre que fôr possivel. Convem evitar a residencia, por mais curta que seja, perto de pantanos pestiferos ou qualquer outro fóco de emanações perigosas; nunca expôr-se ao embate do vento d'estes fócios; preferir, quando se está no mar, vogar antes ao largo do que approximar-se das costas, mórmente quando ellas são insalubres; é necessario emfim escolher uma boa ancoragem. Em virtude do mesmo principio, é preciso não estabelecer hospitaes, quartéis, prisões, etc., nem levantar acampamentos na vizinhança dos focos; cumpre abandonar, como foi necessario fazer com um hospital na Jamaica, os estabelecimentos em taes lugares, e até destrui-los; partido que, segundo o que refere Humboldt, o governo esteve muitas vezes para tomar a respeito de Vera-Cruz.

Quando é necessario absolutamente viver perto dos fócios, convem collocar o organismo na melhor situação de resistencia. O primeiro ponto consiste em evitar os excessos de qualquer especie que sejam; pois que todo o excesso é debilitante, e todo o debilitante diminue o poder de reacção contra os miasmas. Assim, nada de vigílias, fadigas physicas ou moraes, abusos venereos, intemperança nos alimentos e bcbidas. Regimen são, vegetal e animal, proporcionado á necessidade e ás forças digestivas. Mudar o menos possivel os habitos, e corrigir sómente os que são máos. As emanações pantanosas são sobretudo nocivas de manhã quando o sol se levanta, e de tarde depois do seu occaso; deve-se evitar então o ar exterior, e fechar as janellas durante a noite.

O poder do homem sobre os miasmas, para prevenir o seu desenvolvimento, é immenso, e se quizesse dar-se cuidadosamente ao

trabalho, quasi todos os focos de infecção serão destruidos. O esgoto dos pantanos, e de todas as especies d'aguas dormentes, preservaria de muitas especies de febres que affligem tantas regiões do globo. Convem que os canaes que levão os liquidos alterados, mórmente os grandes desaguedeiros, estejam em declive e bem unidos : nunca se devem consentir depositos de immundicias nas vias publicas ; as ruas devem ser bem calçadas, os cadaveres de toda a especie enterrados ; é necessario manter o asseio dos navios, desembaraça-los da lama fetida que faz do seu porão um pantano ; preferir antes, para limpar o interior dos navios, o raspar as taboas do que lava-las ; fazer ventilações com as mangueiras ; emfim recorrer ao uso das substancias desinfectantes indicadas no artigo DESINFECÇÃO.

As industrias insalubres devem ser removidas para longe das habitações, e os homens dados a ellas terão grande cuidado de proteger a sua saude, arejando os lugares em que trabalhão, entretêndo um asseio restricto, e empregando outros meios de desinfeção. Os cemiterios mais bem situados são os que se achão apartados das casas : seu terreno deve ser enxuto, um pouco inclinado e accessivel aos ventos. Serão espaçosos, de sorte que cinco ou seis annos e mais decorrão sem ser preciso mexer-se nas covas, cuja profundeza conveniente deve ser de 165 a 200 centimetros.

As latrinas são foco de infecção obrigado, que cada casa conserva, mas cujos inconvenientes entretanto podem ser diminuidos havendo todo o cuidado no asseio, empregando-se os fossos inodoros, ou collocando-se os barris o mais longe possivel dos quartos habitados.

Quando não se pôde impedir a formação dos miasmas, é preciso ao menos favorecer a sua diffusão. Consegue-se isto procedendo-se nas cidades ao alargamento das ruas, ou abrindo-se os quarteirões mal arejados ; não se permittindo que se edifiquem casas de muitos andares ; mutiplicando-se nos hospitaes, quarteis, prisões, etc., as portas e janellas, procurando abrir, se o tempo o permitir, as portinholas e as escotilhas dos navios ; abatendo certos matos ou morros que concentram os miasmas em um valle ou impedem a chegada dos ventos que devem dispersa-los, etc., etc. Póde-se operar a diffusão dos miasmas, agitando com largas superficies o ar dos lugares circumscriptos. Isto faz-se em alguns hospitaes, removendo com as portas a atmospherã das salas. Este meio pôde bastar para renovar o ar de um quarto de mediocre extensão. O mesmo effeito pôde obter-se removendo violentamente o ar pela deflagração da polvora, e por isso aconselha-se que se dispare uma

pistola nas partes dos navios onde, como o porão e a coberta, o ar não circula. Obtem-se tambem de uma maneira mais certa a diffusão dos miasmas, estabelecendo, por meio do calor, entre a atmosphaera viciada e o ar externo, uma corrente que deite uma no outro. Muitos meios podem preencher esta indicação. Os primeiros e os mais simples são as chaminés. Estando o fogo acceso no fogão, e abrindo-se, as portas, o ar de um quarto é promptamente renovado. Os fogareiros conseguem o mesmo fim, mas com menos efficacia.

Duhamel adaptou ao intervallo situado entre a cozinha dos officaes e a da tripulação, nos navios, em que o ar é sempre quente, tubos que, mergulhados no porão e na coberta, recebem o ar viciado que se acha n'elles constantemente. Semelhante processo foi inventado por Sutton, em Inglaterra; mas era mais efficaz, porque os tubos respiratorios estavam adaptados mesmo ao fóco da cozinha.

Eis-aqui a explicação d'estes apparatus. O ar contido no tubo, sendo rarefeito pelo calor, attrahe o ar viciado do porão, o qual, á proporção que vai subindo e sahindo pelo canudo, é logo substituído pelo ar exterior, que se introduz no porão por sua abertura natural.

O estabelecimento de um foco de combustão sobre uma das aberturas de um lugar circumscripto basta ordinariamente para renovar a sua atmosphaera. Emprega-se ás vezes fogo de lenha. Usão-se tambem fornalhas, que por isso são chamadas ventilantes ou purificantes. Consistem em fogareiros ordinarios, armados ou não de um tubo, os quaes, sendo abertos pelo fundo, forção a corrente do ar a atravessar seu fóco; e este fóco é um simples tubo guarnecido de uma grade de ferro no meio, e cuja parte superior se enche de carvão acceso. Em 1780, para se purificarem os carneiros de uma igreja de Malta, propuzerão uma fornalha de tijolo quadrada e construída sobre uma grade de ferro com a dimensão da abertura do carneiro, afim que o ar não pudesse passar senão a travez da fornalha. Demais, estas diversas fornalhas não podem ser uteis senão para os lugares que tenham pelo menos duas aberturas, taes como os canos e as cloacas. É preciso que o ar exterior penetre pela abertura livre, varra o ar viciado, e saia pela abertura em que se acha o fogo. Não se deve empregar este meio para os carneiros das igrejas, os quaes geralmente são só abertos de um lado, senão depois de ter-lhes feito uma abertura em outro lugar. A escolha da abertura que deve receber a fornalha não é indifferente. Deve preferir-se aquella em que se suppõe que o ar terá uma sahida mais rapida, e que esteja situada de tal maneira, que

as emanções que passarem por ella incomodem o menos possivel a vizinhança.

A salubridade das salas dos theatros obtem-se mediante um processo analogo. Uma chaminé de tamanho sufficiente é collocada por cima do telhado no lugar correspondente ao lustre e communica com a sala por sua abertura inferior. O lustre e o calor da sala fazem o resto. Ao mesmo tempo, um systema de tubos está organizado para conduzir á sala o ar exterior, e dirigido de maneira que não venha tocar immediatamente os espectadores. Seria muito para desejar que se procedesse com iguaes cautelas na purificação dos hospitaes, das prisões e de todos os lugares onde uma quantidade de homens são ou doentes devem viver ou restabelecer-se em um espaço circumscripto.

Vê-se, pois, que a questão dos miasmas é uma das que mais interessão a saude publica e privada; quanto ás outras circumstancias, que mais ou menos directamente se referem a este assumpto, acha-las-ha o leitor nos artigos ASPHYXIA, CONTAGIO, DESINFECÇÃO, PANTANOS.

MILHO ou **Milho grosso**. Fig. 361. Fructo da *Zea mais*, Linneo, planta da familia das Gramineas, que existe em todo o Brasil; e é cultivada em Portugal. Apresenta-se sob a fórma de espigas de tamanho e comprimento variaveis, cobertas de grande numero de escamas. Estas espigas são solitarias; compõem-se de um sabugo mui grosso e de sementes globosas, deprimidas em certas partes, lisas, luzidias, de côr amarella, branca ou roxa, conforme as variedades. Estas sementes contém uma substancia branca ou amarellada, farinacea e mui nutriente.

Ha muitas variedades de milho grosso, que não differem, pela maior parte, senão pelas côres da semente; varião ás vezes no mesmo campo, na mesma espiga; encontram-se tambem sementes mescladas. As principaes variedades são: *Milho amarello*, o mais commun, que parece ser o typo da especie; sua semente é mui saborosa; o *Milho branco*, cuja espiga é mais longa, mais grossa e a semente mais larga, mais achatada; fornece um terço mais de farinha, e amadurece 12 a 15 dias mais cedo; *Milho de frango*,

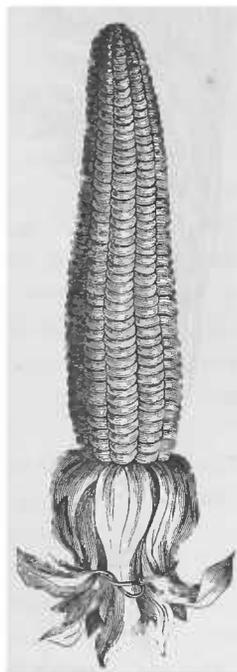


Fig. 361.

Milho grosso ordinario.

cuja espiga e sementes são mais pequenas: é assim chamado porque convem principalmente para alimentação dos frangos, etc.

O milho grosso é um dos vegetaes mais preciosos; constitue a base do sustento dos habitantes das provincias centraes do Brasil, ora em grão depois de despido da casca e fervido até ficar molle

debaixo do nome de *cangica*, ora em pirão depois de reduzido á farinha chamada *fibá*, pela socagem ou moagem. O *cuscuz* é outra preparação do milho grosseiramente socado e cozido dentro de um panno á moda da Africa. Preparão-se outras comidas, temperando a farinha de milho com leite, ovos, assucar, etc. Na Europa faz-se com o milho um pão saboroso, e umas papas gostosas conhecidas pelo nome de *polenta*.

Os homens alimentados com o milho são, segundo muitos observadores, mais fortes e sustentão melhor as fadigas do que os que se nutrem com centeio, trigo, cevada: as amas tem mais leite, e as crianças crescem melhor. Muitos doentes, cujo estomago recusa alimentos faceis de digerir, dão-se bem com o milho, e existem casos de pessoas magras, e em estado desesperado, que recobráão as forças e a gordura pelo uso de farinha de milho cozida n'agua e temperada com manteiga. O milho é aconselhado na tísica com vantagem: faz-se um cozimento com agua e adoça-se com assucar; o doente bebe por dia duas ou tres chicaras d'este cozimento.

MILHO MIUDO. *Panicum miliaceum*, Linneo. Gramineas. Fig 362. Planta annual, que póde ter até 1 metro e meio de altura. Sua haste é robusta, vellosa; as folhas são largas, acuminadas, asperas nas margens, e cobertas

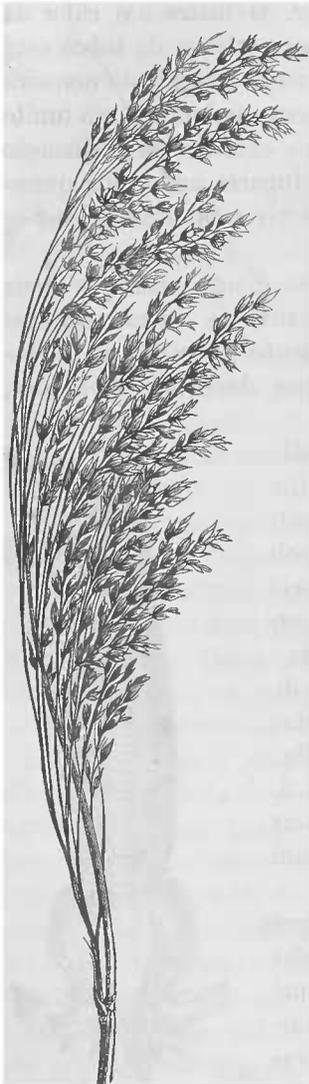
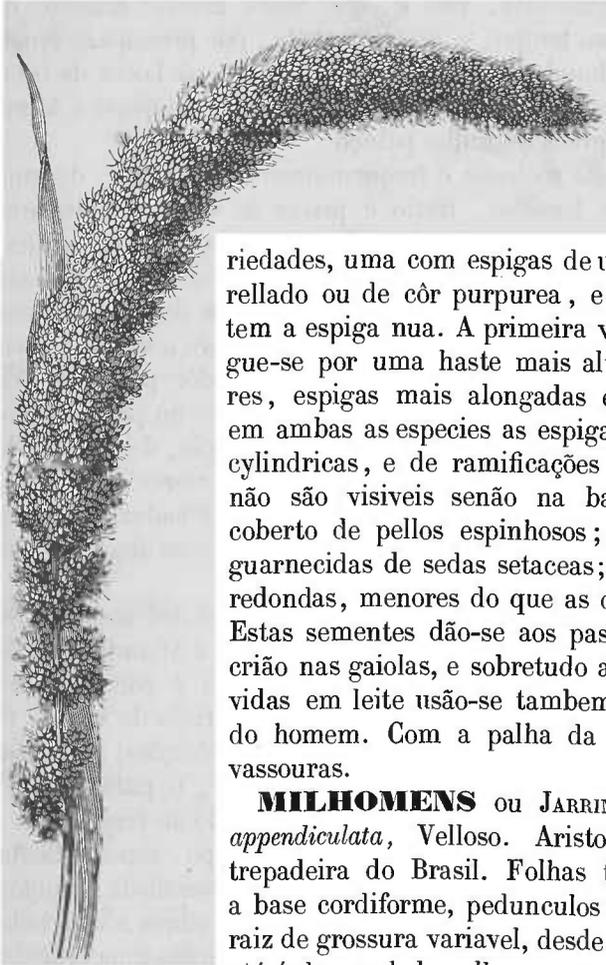


Fig. 362. — Milho miudo.

principalmente de pellos nas bainhas; suas paniculas são laxas, diffusas, compostas de espiguinhas bastante grossas; semente ovada, quasi chata, nitida, de 2 millímetros ou mais de compri-

mento, casca negra escura, branca, ou alourada; farinha branca, um tanto doce. Esta planta, originaria da India, cultiva-se no Brasil e em Portugal, por causa da semente, que é alimentaria; usa-se sobretudo para as aves domesticas, e para os passarinhos que se crião nas gaiolas. Suas hastes formão uma boa forragem, e servem tambem para fazer vassouras.

MILHO PAINÇO. *Panicum italicum*, Linneo. Gramineas. Planta cultivada no Brasil e em Portugal. Fig. 363. Caule recto,



nodoso, da altura de 70 c. a 1 metro, guarnecido de folhas bastante largas. Distinguem-se em geral duas va-

riedades, uma com espigas de um branco amarellado ou de côr purpurea, e hirsutas; outra tem a espiga nua. A primeira variedade distingue-se por uma haste mais alta, folhas maiores, espigas mais alongadas e mais grossas; em ambas as especies as espigas são apertadas, cylindricas, e de ramificações tão curtas, que não são visiveis senão na base; seu eixo é coberto de pellos espinhosos; suas flores são guarnecidas de sedas setaceas; sementes quasi redondas, menores do que as do milho miudo. Estas sementes dão-se aos passarinhos que se crião nas gaiolas, e sobretudo aos canarios; fervidas em leite usão-se tambem como alimento do homem. Com a palha da planta fazem-se vassouras.

MILHOMENS OU JARRINHA. *Aristolochia appendiculata*, Velloso. Aristolochneas. Planta trepadeira do Brasil. Folhas trilobadas, com a base cordiforme, pedunculos de uma só flor; raiz de grossura variavel, desde a de uma penna até á de um dedo pollegar, roxa escura e rugosa por fóra, composta de duas partes: a externa, molle, de côr amarella avermelhada sendo fresca, e a interna mais dura, lenhosa e amarella,

cheiro forte, desagradavel, sabor amargo alcanforado. A infusão de raiz de milhomens, que se prepara com 4 grammas (1 oitava)

Fig. 363.

Milho painço.

d'esta raiz e 250 grammas (8 onças) d'agua fervendo, pôde ser empregada com vantagem em lavatorios contra as ulceras; ou a raiz em pó nas mesmas ulceras. Esta mesma infusão é tambem recommendada internamente no fastio. Muitas outras plantas do genero *Aristolochia*, que habitão em differentes partes do Brasil, possuem as mesmas propriedades estimulantes e são empregadas umas pelas outras.

MILIARIA ou FEBRE MILIAR. Febre eruptiva, que reina quasi sempre epidemicamente, isto é, que ataca grande numero de pessoas ao mesmo tempo, e que apresenta, por principaes symptomas, suores abundantes, constricção dolorosa na bocca do estomago, e, pelo corpo, uma erupção de botões tendo quasi a fórmula e o volume dos grãos de milho painço.

Symptomas. Esta molestia é frequentemente precedida, durante alguns dias, de lassidão, fastio e prisão de ventre; mais raras vezes existem vomitos e diarrhea. Outras vezes principia subitamente: assim os doentes, tendo-se deitado de boa saude, acordão de noite inundados de suor. Este constitue um dos phenomenos predominantes da molestia, e marca quasi sempre o seu principio. O suor é acompanhado de cansaço, de uma dôr por cima dos olhos, de constricção dolorosa no epigastro, peso no peito, palpitações e desmaios. Os suores são, desde o principio, de uma abundancia excessiva: penetrão os vestidos, os cobertores e colchões, como se todos estes objectos tivessem sido mergulhados em agua; e quando o doente se descobre, um vapor mui denso desenvolve-se da cama.

N'esta epoca da molestia, o rosto está turgido, a sêde é mais ou menos viva, mas raras vezes proporcionada á abundancia dos suores; a lingua está esbranquiçada, a ourina é pouca; ha ás vezes difficuldade de urinar e quasi sempre prisão de ventre. O pulso está amplo, de frequencia moderada (80 pulsações): todavia, em alguns doentes, a reacção febril é maior, o pulso attinge 120 pancadas, e o calor é mais vivo. Do segundo ao terceiro dia, os doentes accusão picadas violentas pelo corpo, especialmente nas costas; outros sentem uma comichão incommoda; muitos queixão-se de entorpecimento, de rijeza nos membros, sobretudo nas mãos; é no meio d'estes symptomas que apparece uma erupção especial.

Esta apresenta-se debaixo de duas fórmãs principaes: as mais das vezes apparece uma multidão de pequenas manchas irregulares, tendo quasi a côr dos sarampos, desapparecendo como estes pela pressão do dedo, e offerecendo no seu centro um ponto saliente e duro formado por uma pequena vesicula cheia de um

liquido transparente. Estas vesiculas, metade mais pequenas do que um grão de milho painço, são apreciaveis á vista; mas, ás vezes, são tão pequenas, que é preciso empregar uma lente para descobri-las. Entretanto, em alguns casos, mesmo com este instrumento não se descobre ponto vesiculoso algum; as proeminencias são então constituidas por pequenos botões duros, por verdadeiras papulas, que cedo ou tarde se transformão em vesiculas. Tal é a erupção a que se chama *miliaria rubra*. Uma outra fórma de erupção, que raras vezes existe só, é formada, como a precedente, por vesiculas diaphanas; não é acompanhada de vermelhidão : é a *miliaria branca*. Qualquer que seja a sua fórma, a erupção miliar principia ordinariamente pela face anterior do peito, depois apparece nas costas, na parte anterior dos antebraços e no resto dos membros; respeita quasi sempre o rosto. A pelle é desigual e rugosa, o que se conhece facilmente passando os dedos sobre a sua superficie.

Depois de completa a erupção diminuem os suores e cessa a dôr de cabeça, mas a febre ainda persiste. No terceiro dia da erupção, o liquido contido nas vesiculas torna-se esbranquiçado. Estas murchão e abatem-se, o rubor da pelle empallidece e extingue-se; a febre desaparece, e no sexto ou setimo dia da erupção, principia a exfoliação. Esta tem lugar ordinariamente por pequenas escamas furfuraceas, ás vezes por largas folhas como na escarlatina. A exfoliação termina lentamente; prolonga-se ás vezes durante seis ou sete semanas, o que depende em parte de que, durante a exfoliação, e mesmo n'uma epoca em que a convalescença já está bastante adiantada, pequenas erupções parciaes tem lugar novamente no tronco e nos membros.

Mas a miliaria não segue sempre uma marcha tão regular, nem se apresenta constantemente com o mesmo character. É, ordinariamente, molestia benigna, mas apparecem ás vezes casos de excessiva gravidade. A dôr de cabeça póde ser atroz, ou sobrevem delirio, convulsões, modorra, sobresaltos dos tendões. Queixão-se sobretudo os doentes de dôr na bocca do estomago e de constricção no peito; frequentemente achão-se então n'um estado de suffocação imminente. N'estes casos, a anxiedade é extrema, o pulso toma grande frequencia, o semblante decompõe-se, e por pouco que este estado se prolongue, póde sobrevir a morte.

Duração. A duração da miliaria é mui variavel. As vezes os diversos periodos succedem-se tão rapidamente, que em tres ou quatro dias os individuos achão-se em plena convalescença; outras vezes, pelo contrario, os symptomas prolongão-se durante quinze dias. A duração média para os casos benignos é de sete a oito

dias, e de quatorze a dezaseis para os casos graves seguidos de cura. A morte sobrevem as mais das vezes do terceiro ao quarto dia; entretanto ás vezes a terminação funesta tem lugar passados doze ou quatorze dias.

Diagnostic. No começo de muitas epidemias a miliaria foi ás vezes desconhecida, e confundida com os sarampos e sobretudo com a escarlatina anomala. O diagnostico entretanto não offerece difficuldade, porque a constrictão na bocca do estomago, os suores excessivos e a erupção miliar a caracterizão sufficientemente, e a fazem distinguir de qualquer outra affecção. Differe, além d'isto, do sarampo por não ser precedida nem acompanhada de lagrimejamento, de defluxo nem de catarrho bronchico. As duas erupções differem tambem muito entre si : porque se em ambos os casos ha manchas irregulares, estas são simples no sarampo, ao passo que na miliaria, se acha no seu centro um ponto vesiculoso ou papuloso.

O meio de a distinguir da escarlatina, mesmo quando esta se complica de miliaria, não é menos facil, porque na miliaria não se vê nem dôr de garganta, nem a côr escarlate no interior da bocca. Comparando as duas erupções, não se acha, na miliaria a côr vermelha e a regularidade que se observa na escarlatina.

Causas. Não são conhecidas as causas das epidemias da miliaria. A molestia ataca todas as idades; parece comtudo ser mais frequente nos adultos. Em algumas epidemias, as crianças forão respeitadas. Não está provado que a molestia seja contagiosa. Póde affectar muitas vezes o mesmo individuo, quer no intervallo de alguns mezes, quer ao cabo de um ou de muitos annos.

Tratamento. Não se deve sebrearregar de cobertores o doente affectado de miliaria, nem dar-se-lhe bebidas quentes. A molestia deve ser combatida com um regimen leve, bebidas acidulas frias (limonada, laranjada), agua fria pura, renovação do ar, e mudança de roupa feita com as necessarias precauções. No publico estes preceitos achão opposição, porque muitas pessoas tem por costume sebrearregar os doentes de cobertores, encerra-los em camas guarnecidas de espesso cortinado, em quartos hermeticamente fechados, e administrar-lhes bebidas quentes. Esta pratica augmenta a febre e provoca maior erupção : não deve ser seguida. Convirá não sómente mudar de roupa logo que o doente estiver molhado, mas ainda ventilar o quarto.

A *poaya* é um remedio por excellencia da miliaria : dá-se em pó na dóse de 1 gramm (20 grãos) n'um pouco d'agua morna.

Combate-se a prisão de ventre com clysteres d'agua morna, ou com brandos purgantes, taes como manná, magnesia calcinada,

oleo de ricino. Contra a oppressão e a dôr do epigastro, empreguem-se as fricções no ventre com o linimento seguinte :

Essencia de terebinthina..	15 grammas (1/2 onça)
Linimento ammoniacal	15 grammas (1/2 onça).

Misture.

Contra a agitação nervosa recorra-se á poção seguinte :

Agua.	90 grammas (3 onças)
Agua de flores de laranjeira.	8 grammas (2 oitavas)
Ether sulfurico .	20 gottas
Xarope de gomma.	15 grammas (1/2 onça).

Misture. Para dar a beber uma colher *de sopa*, de 2 em 2 horas.

Se houver delirio, somnolencia e outros phenomenos perniciosos, administre-se o sulfato de quinina, segundo a receita seguinte :

Sulfato de quinina.	60 centigram. (12 grãos).
---------------------	---------------------------

Divida em 6 papeis. Para dar um papel de 3 em 3 horas.

N'este mesmo periodo da molestia administra-se o vinho de quina :

Vinho de quina	120 grammas (4 onças).
----------------	------------------------

Para dar a beber uma colher *de sopa* de 3 em 3 horas.

MIOLOS. *Veja-se CEREBRO.*

MISTURA. Em pharmacia chama-se *mistura* a reunião de medicamentos muito activos, e que se tomão ás gottas com assucar, ou n'um copo d'agua, ou em alguma outra bebida. Dá-se igualmente o nome de *mistura* a medicamentos compostos, designados tambem com o nome de *poções*.

MODORRA. *Veja-se SOMNOLENCIA.*

MOEDAS ENGULIDAS. Se as moedas engulidas forem de ouro ou prata, póde-se esperar sem perigo a sua expulsão pelo modo ordinario. Mas se forem de cobre, podem produzir no estomago o verdete, que é um composto venenoso de cobre; n'este caso convem apressar a expulsão da moeda por meio de um purgante, e com preferencia de magnesia calcinada. Administra-se ao mesmo tempo agua com claras de ovo, como contra-veneno dos saes de cobre.

MOFO ou **Bolor.** Especie de vegetação que se desenvolve na superficie das substancias vegetaes e animaes quando estão humidas e em estado de fermentação : são pequenos cogumelos microscopicos, que constituem o genero *Mucor* de Linneo. As manchas de côr diversa, que apresentam ás vezes fazendas encerradas em lugares humidos, são tambem produzidas pelas vegetações da mesma natureza.

Para *impedir o mofo nos doces*, é preciso primeiro que estejam cozidos ao ponto conveniente; cumpre depois comprimi-los na vasilha que os contém, para não deixar lugar algum por onde

se possa introduzir o ar exterior; cobrir a superficie com uma camada ligeira de uma substancia não susceptivel de criar mofo, tal é o rhum, aguardente de França ou mel de abelhas; estender por cima uma folha de papel dobrada em muitas dobras e não uma folha simples, e melhor ainda, pergaminho; emfim conserva-los em lugar secco, onde não possam penetrar nem a luz nem o sol. Se, apesar d'estas precauções, os doces criarem mofo, póde-se fazer desaparecer com vinagre ou succo de limão.

Para impedir que a *tinta de escrever* crie mofo, ajunta-se-lhe uma gotta de acido phenico ou de vinagre phenico, um pouco de oleo essencial de cravo, de alfazema, ou uma pequena quantidade de deutoxydo de mercurio.

O *couro do calçado*, do arnez, dos livros, expostos á humidade, cobre-se de mofo que o deteriora promptamente. Previnem-se estes estragos esfregando estcs diversos objectos com essencia de terebinthina, ou mesmo derramando algumas gottas d'esta essencia nos moveis ou caixas que os contém.

Uma solução de cal viva, de chlorureto de cal, de soda ou de potassa, é excellente para desinfectar o interior de um barril que tem contrahido o cheiro de mofo.

MOLA. Massa de estrutura variada que se desenvolve no utero, em lugar do feto, e é expulsa mais ou menos tarde após sua formação. As molas são ordinariamente o resultado de uma concepção cujo desenvolvimento não foi regular, e por isso são frequentemente formadas de massas de carne em que se encontram ossos, dentes, cabellos, que annuncião serem o producto da destruição de um feto. As molas podem existir no utero desde onze a quatorze mezes; mas as mais das vezes são expulsas entre o terceiro e o sexto mez. É mui difficil verificar a presença de uma mola no utero, sobretudo nos dois primeiros mezes; seus symptomas são os de uma prenhez dolorosa; a mulher experimenta um peso no baixo-ventre, de vez em quando sobrevem pequenas perdas de sangue aguado: estes signaes de certo são mui vagos. Mais tarde o ventre torna-se proeminente; o utero, cada vez mais pesado, parece cahir do lado para o qual a mulher se inclina. Não se sente movimento de feto; em vão se procurarião as pancadas do coração.

A expulsão da mola é ás vezes penosa, lenta e precedida, como no aborto, de hemorragias repetidas; outras vezes é, pelo contrario, facil e rapida. Esta expulsão torna-se perigosa quando sobrevem grande perda de sangue.

O tratamento d'esta hemorragia, e outros cuidados que reclama a mulher após a expulsão da mola, são os mesmos

que vão indicados nos artigos ABORTO, HEMORRHAGIA DO UTERO, e PARTO.

A mulher não deve desesperar de ter mais tarde boa prenhez e de parir no termo normal : os exemplos d'isto são numerosos.

Ainda existe outra degeneração do embrião chamada *mola hydatica* ou vesicular; tem a séde nos envoltorios do feto, e parece ser a causa de sua morte, e não o seu effeito, como succede na mola precedente. Suas causas são desconhecidas.

A mola hydatica é constituida pela dilatação dos grãos da placenta; estes grãos reúnem-se em fórma de cacho, e ao mesmo tempo a cavidade central do ovo humano diminue e desaparece. Tudo o que se refere a esta especie de mola differe pouco do que deixei dito da precedente. As molas hydaticas são ordinariamente expulsas aos pedaços e por diversas vezes.

MOLESTIA, Doença ou Affecção. Dá-se este nome a toda alteração de uma ou de muitas partes do corpo : ella se manifesta pelo desarranjo de suas funcções. As molestias a que está sujeita a humanidade são excessivamente numerosas e variadas. As differenças que apresentam procedem sobretudo de suas causas, symptomas, séde e natureza. Em certas circumstancias, é difficil indicar as causas das molestias; quando isto é possível, vê-se que ha causas chamadas em medicina *communs*, que podem produzir tal ou tal molestia, conforme a disposição do individuo que se acha submettido á sua acção. Outras vezes observa-se que certas causas são *especiaes* a certas affecções, que ha entre ellas uma relação constante; isto é, que tal causa não produzirá senão tal affecção : estas molestias chamão-se *especificas*. N'esta classe vê-se a raiva, a qual só é determinada pela mordedura de um animal damnado, ás molestias contagiosas e virulentas, taes como as bexigas, a syphilis, que são o resultado necessario de uma communicacão directa ou indirecta com as pessoas atacadas das mesmas affecções. Quando as causas das molestias actuão passageiramente sobre grande numero de individuos atacados ao mesmo tempo e no mesmo lugar, as molestias chamão-se *epidemicas*; quando essas causas são permanentes no paiz, e parecem depender da localidade, as molestias chamão-se *endemicas*; quando uma molestia só ataca um individuo isolado toma o nome de *sporadica*.

Manifestão-se as molestias no exterior pelos phenomenos anormaes que se chamão *symptomas*. O modo, segundo o qual nascem e se succedem esses phenomenos, constitue o andamento das molestias que comprehende o typo, a duração e os periodos. O typo é a ordem segundo a qual os symptomas se reproduzem; chama-se *continuo* quando persistem desde o principio até á terminacão sem

interrupção bem marcada; é pelo contrario *intermittente* quando a molestia se compõe de accessos separados por intervallos de boa saude : estes accessos voltão periodicamente nos momentos determinados, separados por intervallos iguaes, então a molestia toma o nome de *intermittente* regular; ou então os accessos não apresentam regularidade na sua volta, e são mais especialmente designados debaixo do nome de *ataques*. As febres intermittentes nos offerecem um exemplo das primeiras; o hysterismo e a gota coral são exemplos das outras.

Segundo a duração, as molestias dividem-se em duas grandes classes : molestias *agudas* e *chronicas*. As primeiras são caracterizadas por uma duração bastante curta, e que não se estende de ordinario além de quarenta dias; em geral, tem symptomas intensos, e entretanto offerecem grandes probabilidades de cura. As molestias *chronicas* tem uma duração illimitada; são ás vezes consequencia das molestias agudas, outras vezes *chronicas* desde o principio; não offerecem em geral a intensidade dos symptomas observados no estado agudo, mas são muito mais graves.

Certas molestias tem periodos regulares, assim nos sarampos distinguem-se tres : o periodo de invasão, durante o qual apparecem symptomas de defluxo; o periodo de erupção, durante o qual se desenvolvem as pintas cutaneas; o periodo de descamação, que corresponde á renovação da epiderme. Em outras molestias, os periodos não apresentam tanta regularidade, e ás vezes é impossivel distingui-los; entretanto, de ordinario observão-se tres : o primeiro, que corresponde á invasão da molestia, e que é chamado periodo de crescimento; o segundo, durante o qual os symptomas ficão estacionarios, tendo a molestia chegado ao seu maior gráo de intensidade; e emfim o terceiro, que corresponde á terminação da molestia; é o periodo do decremento em que sobrevem a cura ou a morte, ou a mudança em outra molestia.

Existe em nós uma reacção salutar que é opposta á molestia, e se acha em combate contra os seus máos resultados. Esta reacção, que se designa sob o nome de força medicatriz da natureza, é como o antidoto ao lado do veneno; tende sem cessar a restabelecer a tranquillidade e o equilibrio na organização. Ás vezes sufficiente para produzir a cura por si mesma, carece outras vezes de ser coadjuvada pelos soccorros da arte, e é para auxilia-la que se devem applicar todos os esforços do medico. Infelizmente, essa influencia favoravel é muitas vezes demasiado fraca, e a molestia, proseguindo o seu curso, apesar da reacção salutar, produz a morte do organismo.

Salvo certas molestias que apparecem subitamente como um

raio, a *apoplexia*, por exemplo, ou a *epilepsia*, a maior parte das molestias agudas annuncião-se por symptomas mais ou menos apreciaveis. São a principio o abatimento, a dôr de cabeça, e o fastio. A estes primeiros symptomas succedem ordinariamente o calefrio, a anxiedade, os enjôos, o desarranjo dos intestinos, a mudança na quantidade e na côr das ourinas, e a febre. Todos estes symptomas desenvolvem-se n'uma duração de tempo que varia de 24 a 48 horas. A primeira cousa que deve fazer o doente, é conservar-se no quarto e mesmo na cama, cobrindo-se sufficientemente para entreter uma branda transpiração e mesmo provocar suores. Ao mesmo tempo, conservar-se-ha o repouso de espirito o mais completo. Se os symptomas diminuirem de intensidade e desaparecerem pouco a pouco, o doente poderá dispensar os cuidados do medico : a dieta, mais ou menos rigorosa, o somno e alguns dias de repouso bastarão para o restabelecimento. Se, pelo contrario, os symptomas parecerem tomar um character de mais em mais grave, será necessario chamar o medico e observar as suas prescripções com exactidão e com a maior confiança. O doente deverá estar collocado n'um quarto sufficientemente espaçoso, cujo ar seja o mais puro possivel, e a temperatura moderada e uniforme; e afastar-se-hão d'elle as crianças, as visitas, e toda a especie de ruido.

MOLESTIA DE ADDISON OU MOLESTIA BRONZEA. Molestia assim chamada do nome do medico inglez que primeiro a descreveu. Consiste na côr bronzea da pelle, acompanhada de fraqueza geral. Ordinariamente a molestia produz-se ao mesmo tempo que uma lesão tuberculosa ou cancerosa nas capsulas ou glandulas que se achão por cima dos rins, e alguns medicos fizeram d'csta lesão a causa da molestia; mas não é assim, porque existem na sciencia quarenta casos de pelle bronzea sem nenhuma alteração das capsulas supra-renaes.

A natureza d'esta molestia não é conhecida; julga-se que é uma nevrose. Ignorão-se tambem as suas causas.

Os *symptomas* são : emmagrecimento e enfraquecimento progressivos; vomitos de vez em quando; a pelle torna-se escura, bronzea no rosto, e pouco a pouco em todo o corpo. Manchas pretas apparecem tambem no interior da bocca, na face interna dos labios e nos lados da lingua. O prognostico é grave; entretanto todos os symptomas podem melhorar, e a côr bronzea diminuir de intensidade.

O *tratamento* é o seguinte : 1º Aguas ferreas, cozimento de quina, macerato de calumba e de quassia, 4 grammas, por litro d'agua.

2º Os banhos do mar ou de rio, a hydrotherapia, a maçadura, as viagens.

3º O extracto de quina, 1 gramma (20 grãos) por dia.

4º Vinho e alimentação substancial.

Molestia de Bright. *Veja-se* ALBUMINURIA.

Molestia imaginaria. *Veja-se* HYPOCHONDRIA.

Molestia nervosa. Dá-se o nome de *molestias nervosas* ás affecções que tem por causa uma perturbação do systema nervoso, sem lesão sensível na estrutura do órgão. Tem por caracteres o serem de longa duração, difficilmente curaveis, de offerecerem symptomas graves em apparencia, sendo todavia pouco perigosas. São : coqueluche, asthma, gota coral, catalepsia, hysterismo, colica nervosa, etc. *Veja-se* NERVOS (*Molestias dos*).

Molestias dos olhos. *Veja-se* OLHO.

Molestias de pelle. Entendem-se por esta palavra todas as molestias que mudão a côr ou a textura natural da pelle. A muitas d'ellas dá-se o nome generico de *dartros* ou *empigens*. São caracterizadas por *exanthemas*, *vesiculas*, *bolhas*, *pustulas*, *papulas*, *escamas*, *tuberculos*, *maculas* e outros caracteres.

1º As *exanthemas* são manchas vermelhas, superficiaes, de diversas figuras, espargidas pelo corpo, com intervallos de côr natural, e que acabão por furfuração ou exfoliações da epiderme. As molestias da pelle caracterizadas por *exanthemas* são : *erythema*, *erysipela*, *roseola*, *sarampos*, *escarlatina* e *urticaria*.

2º As *vesiculas* são elevações da epiderme, cheias de um liquido transparente e ás vezes opaco, seguidas de furfuração ou de crostas laminosas. As molestias caracterizadas por *vesiculas* são : *miliaria*, *cataporas*, *eczema*, *herpes* e *sarna*.

3º As *bolhas* são porções da epiderme despegada pela interposição de um liquido aquoso. Aparecem espontaneamente no *pemphigo* e *rupia*.

4º As *pustulas* são elevações da epiderme, cheias de pus, tendo a fórmula de botões brancos, inflammadas na base. As molestias caracterizadas por *pustulas* são *beixigas*, *vaccina*, *ecthyma*, *impetigo*, *acne*, *mentagra*, e *tinha*.

5º As *papulas* são pequenas elevações da epiderme, da mesma côr que a pelle, ou de um vermelho pouco escuro, solidas, isto é, não contendo nem pus como as *pustulas*, nem serosidade como as *bolhas*, e acabando por furfuração. As molestias cutaneas caracterizadas por *papulas* são : *lichen* e *prurigo*.

6º As *escamas* são laminas de epiderme morbosa, duras, alva-centas e opacas. As molestias cutaneas caracterizadas por *escamas* são : *psoriase*, *caspa*, *lepra*, *pityriase*, *ichthyose* e *pellagra*.

7º Os *tuberculos* são tumores pequenos, superficiaes, circumscriptos, do volume de uma ervilha até ao de uma azeitona, e que terminão por suppuração ou por alteração na textura das partes affectadas. As molestias cutaneas caracterizadas por tuberculos são : *morphea* e *boubas*.

8º As *maculas* são malhas da pelle, de côr differente da natural, procedentes de uma alteração do pigmento. As molestias caracterizadas por maculas são : *sardas*, *pannos*, *signaes de nascença*, *albinismo*, *vítiligem*.

Alem d'estas molestias da pelle ha ainda as seguintes que não podem ser comprehendidas nas categorias precedentes :

9º *Lupo*.

10º *Purpura*.

11º *Elephantiase dos Arabes*.

12º *Syphilides*.

Todas estas differentes molestias cutaneas achão-se descriptas em artigos separados.

Molestia venerea. *Veja-se SYPHILIS.*

Molestias das vias urinarias. *Veja-se OURINA.*

Para as molestias do *baço*, da *barba*, da *bexiga*, da *bocca* e de outros orgãos, *Veja-se BAÇO, BARBA, BEXIGA, BOCCA, etc.*

MOLLEIRA. Espaço membranoso e não ossificado que existe no craneo das crianças recém-nascidas. Podem n'este espaço sentir-se os movimentos de elevação e de abaixamento do cerebro. Ha seis molleiras; as duas mais importantes estão situadas, uma na parte dianteira da cabeça, por cima da testa, no angulo de reunião dos ossos parietaes e do osso frontal, e outra por detraz na junção dos ossos parietaes com o osso occipital. As molleiras ossificão-se e desapparecem á medida que a criança vai crescendo.

MONESIA. *Veja-se BURANHEM.*

MONT-DORE. França. Aguas alcalinas quentes.

Itinerario de Pariz a Mont-Dore : Estrada de ferro de Pariz a Clermont, 9 horas 1/4. Carro de Clermont a Mont-Dore, 5 a 6 horas. Despeza 55 francos.

Mont-Dore é uma aldeia da França, de 1,200 habitantes, situada n'um valle muito pittoresco. Possui sete fontes d'aguas mineraes, uma fonte fria e seis quentes.

A fonte fria, chamada fonte de *Santa-Margarida*, tem sabor picante e acidulo que deve ao gaz acido carbonico. A sua mineralização é quasi nulla, a temperatura é só de 12º centigrados. Constitue para a mesa uma bebida agradável.

As seis fontes thermaes são : o *Grande-Banho*, a *fonte de Cesar*, o *banho Ramond*, o *banho de Rigny*, e a fonte da *Magdalena* ou

fonte Bertrand. Estas fontes, cuja temperatura oscilla entre 42° e 46° centigrados, estão accomodadas no estabelecimento thermal, bello edificio situado sobre o lugar das nâscentes. (Fig. 364.) Compõe-se de cinco divisões reunidas por um hemicyclo e galerias cobertas, que servem para o passeio. Ali achão-se os banhos, as duchas, as piscinas e a bica para beber. Perto do estabelecimento thermal existe um edificio elegante e commodo, especialmente destinado para as duchas de vapor, inhalações e pulverização. A estação thermal de Mont-Dore é pois, uma das mais completas e optimamente organizada.

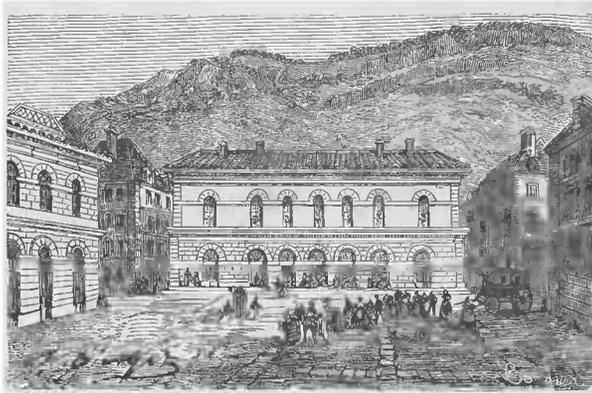


Fig. 364. — Mont-Dore.

As aguas de Mont-Dore são limpidas. Não tem cheiro; o sabor é levemente acidulo, depois salgado; deixão um resaiibo estyptico bastante desagradavel. Expostas ao ar livre, cobrem-se de uma pellicula delgada. Resulta das analyses, que estas aguas contém saes de soda, de cal e de ferro, cuja quantidade varia de 2^{es} 80 a 3 grammas por litro. Thenard achou n'ellas, além d'isto, 1 milligramma de arseniato de soda por litro d'agua.

Os grandes banhos ou banhos de alta temperatura constituem para alguns medicos a medicina topica e particular de Mont-Dore. A sua duração é necessariamente mui curta; muitos doentes não podem permanecer n'elles mais de cinco ou seis minutos. É mais prudente principiar pelos banhos temperados do Grande-Salão. A sua acção consiste em estimular brandamente a pelle e fortificar a acção muscular.

Bebe-se esta agua em temperatura muito elevada; é a fonte Bertrand, que é a mais quente, que alimenta a bica; a dóse é de 3 a 4 copos por dia. Ingerida no estomago, é rapidamente

absorvida, e imprime á circulação nova actividade. Debaixo d'esta excitação interna e externa a febre thermal declara-se ordinariamente do terceiro ao oitavo dia. Quasi sempre manifesta-se depois algum phenomeno critico do lado da pelle. Para favorecer o transporte dos fluidos do interior á superficie faz-se uso frequente dos pediluvios. Empregão-se para o mesmo fim, as duchas, a maçadura, as fricções, os banhos de estufa, em uma palavra tudo o que póde produzir congestão na pelle, desambaraçando os orgãos mais profundos.

As caldas de Mont-Dore convem especialmente contra a laryngite e bronchite chronicas, contra as diversas especies de angina, na asthma e nas escrophulas. As inhalações favorecem a cicatrização das cavernas pulmonares na tísica, e impedem os progressos dos tuberculos. A duração de uma estacção em Mont-Dore é de duas a tres semanas; tomadas por maior tempo, estas aguas terião o inconveniente de excitar de uma maneira excessiva. As aguas tomão-se de 15 de junho a 15 de setembro.

As principaes distracções de Mont-Dore são os passeios. Existe, com effeito, no estabelecimento um grande e bello salão, mas os banhistas preferem os salões de verdura. Ali circula, debaixo da abobada dos pinheiros que os cercão, um ar brando e balsamico.

Transportadas, estas aguas conservão-se perfeitamente. Preparão-se tambem *pastas de Mont-Dore*, que, pelos saes que contém, produzem effeito calmante nas molestias das vias aereas.

MONTE-CATINI. Italia. Aguas salinas chloruretadas tepidas.

Itinerario de Pariz a Monte-Catini : Estrada de ferro de Pariz, por Turim, Florença até Monte-Catini 36 horas. Despezas 161 francos.

Estas aguas achão-se situadas ao pé dos Apenninos, n'um dos valles mais ferteis da Italia. O numero das fontes é consideravel, dez estão hoje utilizadas. São aguas thermaes, mas é difficil indicar exactamente a temperatura das nascentes, porque brotão em grandes tanques chamados *crateras*. Encerrão todas os mesmos elementos salinos; só as proporções é que varião. A fonte do Tettuccio, que se cita como typo, contém 8^g,508 de saes, de que 6^g,672 de chlorureto de sodio. A agua d'estas diversas fontes é clara, transparente, um pouco gazosa. O sabor é levemente salgado, porém não é desagradavel; póde comparar-se á agua contida nas ostras.

No Monte-Catini tratão-se as affecções rheumatismaes, hypertrophias do figado e do baço, o catarrho vesical e muitas outras molestias. As aguas applicão-se em bebida, banhos e duchas.

Estão accomodadas em diversos estabelecimentos, de que as mais importantes são as thermas de Leopoldo e da Torreta.

A situação de Monte-Catini a pouca distancia de Florença que em estrada de ferro se percorre em duas horas, permite aos banhistas aproveitarem os recursos que apresenta esta grande cidade. O campo vizinho da aldeia offerece tambem agradaveis distracções. Mas a excursão preferivel a todas, tanto pela novidade como pelo esplendor do espectaculo, tem por objecto a *Gruta Monsummano*, situada a meia hora dos banhos. Esta gruta, cuja descoberta data apenas de 1849, representa uma immensa galeria natural, cavada na espessura do monte de que tem o nome, e não communica com o exterior senão por uma estreita abertura. Contém uma fonte d'agua limpida e morna, levemente alcalina, cujos vapores se espalhão na atmospherá. As pessoas affectadas de rheumatismo tomão ali banhos de vapor naturaes. A *Gruta de Monsummano* representa hoje uma estação thermal, que serve de annexo á de Monte-Catini.

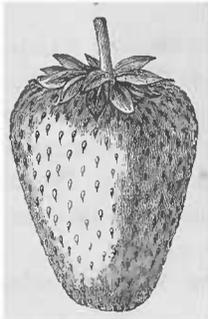


Fig. 365. — Morango.

MORANGO. Fructo do morangueiro ou fragaria, *Fragaria vesca*, Linneo, planta da familia das Rosaceas, commum em Portugal, cultivada no Brasil. É um dos fructos mais suaves que existem. A sua fórmula e côr differem segundo as variedades; é vermelho ou branco, redondo ou oblongo. O tamanho varia tambem conforme a qualidade do terreno e a exposição; infelizmente parece que perde em perfume o que ganha em tamanho. Fig. 365. Este fructo é refrigerante e diuretico; é aconselhado contra a gota e as areias. O aroma do morango combina-se agradavelmente com assucar; algumas pessoas ajuntão-lhe vinho tinto, vinho branco ou leite.



Fig 366. — Morcego commum.

MORCEGO. Fig. 366. Nome vulgar dos animaes *Cheiropteros*, tribu dos Mammiferos carnivoros, que por muito tempo forão considerados como aves. São animaes quadrupedes que tem azas e possuem a faculdade de se moverem no ar á maneira dos passaros; suas azas, que não passão de uma transformação das mãos, são formadas de uma vasta membrana, que une os membros anteriores ao corpo, e que é sustentada por um alongamento enorme dos

formadas de uma vasta membrana, que une os membros anteriores ao corpo, e que é sustentada por um alongamento enorme dos

quatro ossos metacarpos; só o dedo pollegar conserva a fôrma ordinaria, e acha-se isoladò com a sua phalange. As queixadas são guarnecidas de dentes incisivos, caninos e molares. Tem olhos pequenos, orelhas grandes; as femeas parem dois filhos. Todos são animaes nocturnos, que ficão immoveis durante o dia, nas cavernas, nos buracos das arvores velhas, nos rochedos ou nas casas deshabitadas. Esta tribu, mui numerosa, foi subdividida em grande numero de generos.

Os *morcegos communs* (*Vespertilio*, Cuvier), constituem um genero caracterizado por orelhas separadas, quatro dentes incisivos em cima, seis em baixo, cauda comprehendida na membrana. As numerosas especies d'este genero achão-se distribuidas em todas as partes do mundo, e habitão sobretudo nos subterraneos, nos troncos das arvores velhas. Nutrem-se principalmente de insectos, e, debaixo d'este ponto de vista, prestão grandes serviços. Cação durante a noite, e de dia ficão immoveis nos seus retiros, agarrados pelas unhas, e com o corpo envolvido em suas membranas. Procurão morder, quando alguem os agarra.

Os *morcegos de grande especie* (*Pteropus*, Briss., e *Molossus*, Geoffroy), achão-se na America meridional e na Asia. Alimentão-se em grande parte de fructas. Estes animaes encontrão-se em bandos numerosos, agarrados com a cabeça para baixo aos ramos das arvores, apertados uns contra os outros, immoveis, silenciosos, e parecendo fazer corpo com o ramo; apenas é sol posto, deixão a arvore e voão para o campo a procurarem o seu alimento. Devorão indistinctamente todas as especies de fructas e fazem estragos consideraveis. Faz-se-lhes uma caça bastante activa.

No genero *Phyllostoma* existem morcegos que chupão o sangue dos bois e de outros animaes.

MORDECHIM. *Veja-se* CHOLERA-MORBUS.

MORDEDURA. Ferida feita pelos dentes de algum animal. A mordedura é *simples*, quando é feita por um animal que não deixa virus na ferida; *complicada*, quando o animal depõe na ferida um virus ou um principio venenoso.

A mordedura do cão, ou de qualquer outro animal que é são, não tem consequencias perigosas, a não ser profunda e ter offendido alguma grossa arteria ou orgão importante. N'este caso, é preciso recorrer aos cuidados de um cirurgião. Quanto ás mordeduras ordinarias, os cuidados, que ellas reclamão, podem ser applicados por qualquer pessoa. Cumpre lavar a ferida com agua fria, e applicar fios molhados em aguardente ou em balsamo catholico, e segura-los com uma atadura. No dia seguinte, lava-se a ferida com agua morna, e cobre-se com enceraçõ inglez ou

emplasto diachylão. Se as bordas da mordedura se tornarem muito vermelhas e inchadas, applique-se uma cataplasma de linhaça. — Se a mordedura fôr de alguma extensão, as margens devem ser reunidas com tiras de emplasto adhesivo. As vezes estas feridas suppurão : curão-se então com fios untados de ceroto, ou com cataplasmas de linhaça. Se o dente do animal offendeo alguma arteria, sobrevem então uma hemorrhagia abundante : em tal caso cumpre, antes da chegada do cirurgião, comprimir fortemente a ferida com fios molhados em aguardente, e apertar com atadura, para atalhar temporariamente a hemorrhagia. O meio definitivo é a laqueadura da arteria.

Mordeduras de animaes venenosos. 1º *Mordeduras de animaes damnados. Veja-se RAIVA.*

2º *Mordeduras das cobras venenosas. Veja-se vol. I, pag. 620.*

MORMO. Na arte veterinaria, dá-se este nome a um fluxo, de materia ao principio esbranquiçada e fluida, e depois verde e espessa, que escorre das ventas de um animal. Durante muito tempo, julgou-se que o mormo era uma molestia particular ao cavallo, ou, para melhor dizer, aos solipedes; isto é, aos animaes cujo pé tem um só casco; mas uma experiencia, tristemente adquirida n'estes ultimos annos, não deixa duvida de que o mormo póde transmittir-se dos animaes ao homem. Entretanto, não ha exemplos de que esta molestia possa desenvolver-se espontaneamente no homem.

Chama-se *mormo* uma molestia grave, caracterizada por febre, inflammação particular das fossas nasaes, corrimento pelas ventas de materia purulenta, erupção de botões na pelle e na membrana mucosa das vias aereas; emfim pela formação de postemas mais au menos abundantes, e de escaras gangrenosas.

Quasi todos os doentes observados até hoje, erão homens encarregados de tratar de cavallos mormosos, ou que habitavão n'uma estrebaria onde havia cavallos affectados d'esta molestia. Em alguns casos, a transmissão teve lugar porque a materia virulenta, que sahia das ventas do cavallo, foi posta em contacto com uma esfoladura ou um córte que existia nas mãos da pessoa infectada; havia então *inoculação* verdadeira. Mas em outros casos, não podendo ser verificada alguma d'estas circumstancias, a molestia foi communicada pela pura *infecção*, determinada pelas relações frequentes e prolongadas com os cavallos mormosos. Emfim, um caso bem doloroso veio provar que o mormo é igualmente transmissivel de homem a homem : um joven estudante de medicina, que curava n'um hospital de Pariz um arriero affectado de mormo, succumbio d'esta terrivel molestia.

O mormo apresenta-se sob a fôrma *aguda* ou *chronica*.

Symptomas do mormo agudo. Quando o mormo foi contrahido por infecção, os prodromos são os de uma affecção aguda; ás vezes os de uma febre grave : calefrios, fastio, lassidão geral, dôres em diversas partes do corpo, dôres de cabeça, nas costas, mas sobretudo nas pernas e braços. Quando o pus mormoso foi inoculado por alguma ferida, alguma picada, etc., estes symptomas são precedidos pela inflammação local, (erysipela, engurgitamento dos ganglios lymphaticos vizinhos), que se mostra de dois a oito dias depois da inoculação. Emfim, o mormo póde declarar-se subitamente durante o curso de um farcin chronico. *Vêja-se* FARCIN.

Qualquer que seja o seu modo de invasão, logo as dôres musculares e articulares augmentão; o pulso torna-se mais forte, assim como o calor do corpo. As dôres, que constituem o phenomeno predominante, parecem-se com as do rheumatismo agudo. Ao cabo de alguns dias, uma articulação dolorosa, ou algum ponto do rosto, torna-se a séde de uma inflammação erysipelatosa, que se cobre logo de vesiculas e de manchas gangrenosas; em outras partes é uma erupção de tuberculos, de empolas ou pustulas que forão comparadas á vaccina ou ás bexigas; ellas seccão lentamente, e podem ser seguidas de ulcerações que tendem a augmentar. A febre vai continuando : mas muitas vezes o pulso já se acha menos desenvolvido; a lingua está vermelha na ponta e suja na base; ha diarrhea, a respiração está accelerada; o ar circula difficilmente atravez das fossas nasaes, em consequencia da inchação da membrana mucosa. Sobrevem tosse secca e rara. Um fluxo mucoso, ou puriforme, amarellado, cinzento, estriado de sangue, abundante e fetido, estabelece-se pelas ventas. Examinando então as fossas nasaes, acha-se ordinariamente a membrana mucosa rubra, excoriada, ulcerada; o septo póde estar perforado. A pelle do rosto, a das pernas, cobre-se de novas pustulas e de bolhas gangrenosas. Collecções purulentas circumscriptas formão-se no tecido cellular sub-cutaneo, sobretudo na espessura dos musculos; não são acompanhadas da mudança de côr na pelle. Os doentes ficão então muito abatidos; tem presentimentos sinistros; o somno agitado por sonhos : muitos tem delirio; a respiração accelera-se; a tosse é mais frequente; muitas vezes deitão escarros côr de tijolo; o pulso torna-se mais accelerado e mais fraco; a lingua fica secca e preta; a garganta dolorosa; pontos gangrenosos observão-se no ceo da bocca; as evacuações alvinas são abundantes e fetidas. A prostração é então extrema; o delirio é continuo ou alternado com somno profundo; o corrimento nasal é mais viscoso; as pustulas cutaneas, a gangrena e os tumores

purulentos multiplicão-se. O doente exhala cheiro fetido; a respiração torna-se difficil; enfim sobrevem a morte. A morte chega commummente do decimo quinto ao vigesimo dia, ás vezes mais tarde (o trigesimo); raras vezes mais cedo (oitavo ou decimo).

Symptomas do mormo chronico. O mormo chronico é raras vezes primitivo; quasi sempre é precedido pelo farcin. Quando não é assim, os doentes expostos desde um tempo mais ou menos longo ao contagio, que então nunca é immediato, sentem fadiga, enfraquecimento, dôres vivas nos braços, pernas e juntas, e ás vezes pontadas excessivamente fortes, mas pouco duraveis; depois são successivamente ou ao mesmo tempo affectados de tosse secca, dôr de garganta e irritação das fossas nasaes. As ventas estão tapadas como no defluxo; alguns doentes accusão uma dôr na raiz do nariz; assoão de vez em quando sangue, muco puriforme, e crostas; ás vezes explorando as fossas nasaes, descobrem-se ulcerações e avista-se o septo perforado. O exame da bocca e da garganta faz tambem reconhecer lêsões mais ou menos profundas. A estes signaes vem juntar-se a maior parte dos symptomas que se observão no farcin chronico (dôres articulares, musculares, diarrhea, emmagrecimento, febre).

O mormo chronico dura muito tempo; tem-se visto persistir durante seis annos.

Prognostico. Em geral, o prognostico do mormo e do farcin é extremamente grave. O mormo agudo é quasi sempre mortal; não ha até agora senão dois casos de cura.

Tratamento do mormo e do farcin. Descrevendo o farcin (Vol. I, pag. 1037) já deixei dito que o mormo e o farcin são molestias da mesma natureza, e reclamão o mesmo tratamento; ei-lo :

Contra o mormo e contra o farcin empregão-se os meios locaes e os meios internos.

Os meios locaes consistem em fazer seringatorios no interior do nariz, no caso de mormo, com agua de Labarraque, com solução de chlorureto de cal, com solução de creosota, ou com agua phenica. Eis-aqui as receitas :

1º Agua de Labarraque	1 garrafa.
2º Chlorureto de cal.	30 grammas (1 onça)
Agua.	500 grammas (16 onças).
3º Creosota.	1 gramma (20 grãos)
Agua..	90 grammas (3 onças).
4º Agua phenica	500 grammas (16 onças).

As ulceras do farcin e do mormo curão-se com os mesmos liquidos.

Internamente, administre-se o vinho de quina, na dóse de uma colher *de sopa*, tres vezes por dia; ou a poção seguinte:

Cozimento de quina.	250 grammas (8 onças)
Ether sulfurico.	30 gottas
Accetato de ammoniaco	4 grammas (1 oitava)
Xarope de quina.	30 grammas (1 onça).

Misture-se. O doente tomará quatro colheres *de sopa* d'esta poção, de duas em duas horas.

Os outros medicamentos internos aconselhados são :

Tintura de iodo, na dóse de 6 gottas, duas vezes por dia, n'uma colher d'agua fria com assucar.

Extracto de aconito em pilulas, segundo a receita seguinte :

Extracto de aconito ¹ .	1 gramma (20 grãos).
------------------------------------	----------------------

Faça 20 pilulas. Para tomar 6 pilulas por dia, uma pilula de 2 em 2 horas.

É preciso espalhar no quarto do doente agua de Labarraque, ou agua phenica, duas ou tres vezes por dia.

A attenção deve ser sobretudo dirigida para os meios de evitar o contagio, e de prevenir seus effeitos. Todas as pessoas obrigadas a approximar-se dos cavallos mormosos, ou farcinosos, devem observar o maior asseio, não dormir nas estribarias, evitar o contacto das materias que sahem das ventas ou das postemas, lavar as mãos em agua de Labarraque depois de cada contacto; e se por acaso esta materia cahir n'uma ferida, n'uma arranhadura, lavar instantaneamente a parte com muita agua e cauterizar com pedra infernal ou com oleo de vitriolo. Seria para desejar que a policia vigiasse os estabelecimentos que contém muitos cavallos ou bestas, e mandasse immediatamente matar os animaes mormosos. Para evitar que os arreios das bestas mortas de mormo communicuem a molestia a outros animaes, é necessario lavar estes arreios em agua de Labarraque, ou na dissolução de chlorureto de cal, na proporção de 30 grammas (1 onça) de chlorureto de cal para 5 litros d'agua.

MORPHÉA. A *morphéa*, *mal de São Lazaro*, *mal feio* ou *elephantiase dos Gregos*, é uma molestia cutanea caracterizada, no seu melhor gráo de desenvolvimento, por pequenos tumores ou *tuberculos* que se mostram principalmente no rosto e nas orelhas, e depois na bocca, nos membros, etc., susceptiveis de persistirem mui longo tempo em um estado de dureza, ou de terminarem por ulceração, e ás vezes pela resolução. O desenvolvimento dos tuberculos é precedido de manchas que nos homens brancos são roxas ou avermelhadas, e nos negros mais escuras do que a pelle. Quando, depois, a molestia faz progressos, os tuberculos inflam-

mão-se, tornão-se molles e ulcerão-se. O pus d'estas ulcerações secca promptamente, e torna-se em crostas adherentes roxas ou pretas. Sob estas crostas formão-se ás vezes boas cicatrizes; mas esta terminação é rarissima.

Causas. Esta molestia, pouco commum nos climas temperados, é, pelo contrario, mui frequente nos paizes quentes, na Africa, nas Indias, nas Antilhas e no Brasil. O calor e a humidade favorecem o seu desenvolvimento, e observa-se principalmente nas regiões pantanosas, onde estas duas condições se achão reunidas. Acha-se a morphéa n'um paiz mui frio, que é a Noruega; mas o resto da Europa está quasi inteiramente livre d'esta molestia, com excepção de alguns pontos do littoral do mar Mediterraneo; taes como a Provença em França e o Piemonte, onde ainda hoje se encontrão alguns casos isolados. O desalinho, a falta de cuidado, a miseria, as causas de insalubridade que actuão especialmente sobre a pelle, tem tambem muita influencia sobre a producção d'esta molestia. Uma alimentação má, e sobretudo o uso de peixes corruptos, salgados, o abuso de carne de porco salgada, póde tornar-se, segundo o juizo de muitos medicos, a causa da morphéa.

Sempre reinou terror a respeito do caracter contagioso da molestia. As leis antigas recommendavão precauções muito severas, e o costume que existe em muitos paizes de apartar os morpheticos, prova quanto é grande o medo da communicação da morphéa. Entretanto, apezar da opinião vulgar, não está de maneira alguma demonstrado que a morphéa se possa transmittir por contagio; muitos factos tendem a provar, pelo contrario, que as communicações approximadas e frequentes, taes como aquellas, por exemplo, que podem existir entre um marido e uma mulher, não bastão para determinar a transmissão da molestia.

Symptomas. Primeiro periodo. A molestia declara-se de maneira quasi insensivel: apparecem no rosto ou em outras partes do corpo manchas roxas ou vermelhas, mais pretas do que o resto da pelle, ou avermelhadas em o negro. Um dos caracteres mais importantes é a insensibilidade das manchas. Esta insensibilidade, que existe no maior numero de casos, é, no principio, um dos signaes mais certos da molestia.

Segundo periodo. Logo depois a molestia manifesta-se por signaes menos equivocos: o rosto toma uma côr roxa ou azulada; frequentemente o tecido cellular da testa e do rosto principia a ficar mais espesso; a pelle engrossa e adquire uma côr de cobre. O nariz faz-se mais volumoso e muda de côr, as orelhas tornão-se mais espessas, as palpebras inchão, os olhos ficão humidos. A insen-

sibilidade das partes intumescidas torna-se mais manifesta. Os cabellos que existem sobre as manchas mudão de côr, e depois cahem. Os beiços augmentão de volume; o halito é fetido, a voz rouca. Ao mesmo tempo os doentes tornão-se sorumbaticos; tem vergonha e horror de si mesmos, perdem a actividade e as forças. As vezes a molestia pára n'este gráo, e póde assim persistir estacionaria por muitos annos.

Terceiro periodo. Aqui a fórma tuberculosa apparece de maneira mui distincta. Especialmente no rosto, elevações arredondadas, molles, lividas, vem dar á molestia um caracter particular. Estes tuberculos, que varião desde o tamanho de uma ervilha até ao de uma noz e mais, são de duas especies : uns *superficiaes*, redondos, achatados; outros *subcutaneos* e formados pelo engurgitamento do tecido cellular. As mãos dos doentes tem um caracter particular; são em geral gordas, molles e rugosas; ás vezes, toda a pelle tem um aspecto luzidio, como se estivesse coberta de azeite.

Quarto periodo. Os symptomas adquirem ainda maior intensidade. Os tuberculos amollecem, abrem-se, cobrem-se depois de crostas pretas, ou dão lugar a um fluxo abundante. As ulceras são de côr vermelha escura com margens duras. Os dedos curvão-se, as unhas cahem. Os doentes n'esta epoca cahem n'um abatimento e desespero profundo; perdem as forças e emmagrecem.

Tratamento. Muitos medicamentos tem sido ensaiados contra a morphéa. Tem-se recorrido aos purgantes, aos sudorificos, ás preparações antimoniaes, mercuriaes, arsenicaes, quasi sem resultado. A sciencia espera ainda novas luzes sobre esta molestia. Os doentes devem mudar frequentemente de roupa, entregar-se a exercicios brandos, lavar a miudo as ulceras com decoção de malvas ou de linhaça, e*ter o maior asseio. Seu regimen será brando, composto principalmente de leite e vegetaes; a abstinencia das carnes salgadas, de todos os estimulantes, é de absoluta necessidade. A emigração para outras regiões é o mais poderoso meio para que o doente melhore d'esta molestia, produzida por influencias locaes. O uso do leite de uma ama sã póde neutralizar n'uma criança a disposição hereditaria. Os medicamentos aconselhados contra a morphéa são :

1º *Banho sulfuroso.*

Sulfureto de potassio secco.	90 grammas (3 onças)
Agua commum.	1/2 litro (16 onças).

Dissolva e deite em uma banheira de páo que tenha sufficiente

agua para um banho geral. Cinco a dez banhos, cada um de meia hora.

2º *Pilulas de iodureto de ferro de Blancard.* 48.

Para tomar 2 pilulas por dia, uma pela manhã, outra á noite.

3º *Pilulas de sabão medicinal.*

Sabão medicinal.	15 centigram. (3 grãos)
Nitro..	5 centigram. (1 grão)
Alcaçuz em pó.	quanto baste.

Para fazer 1 pilula, e como esta mais 35. Toma-se uma pela manhã, outra á noite.

Externamente, sobre os tuberculos fricções com uma das pomadas seguintes :

1º *Pomada iodada.*

Iodo	2 grammas (40 grãos)
Banha	45 grammas (1 1/2 onça).

2º *Pomada de iodureto de enxofre.*

Iodureto de enxofre.	1 gramma (20 grãos)
Banha benzoinada.	20 grammas (5 oitavas).

Sobre as ulceras, fação-se as applicações seguintes :

1º *Agua phenica.* 250 grammas (8 onças).

Molhão-se fios n'esta agua, e applicão-se sobre as ulceras.

2º *Glycereo phenico.*

Acido phenico liquido...	2 grammas (40 grãos)
Glycerina.	20 grammas (5 oitavas).

3º *Solução de chlorureto de cal.*

Chlorureto de cal.	8 grammas (2 oitavas)
Agua.	360 grammas (12 onças).

4º *Solução de perchlorureto de ferro.*

Perchlorureto de ferro liquido	
a 30º	15 grammas (1/2 onça)
Agua	1/2 litro (16 onças).

5º *Solução de permanganato de potassa.*

Permanganato de potassa.	1 gramma (20 grãos).
Agua	1 litro (32 onças).

6º *Solução de sulfato de ferro.*

Sulfato de ferro.	15 grammas (1/2 onça)
Agua	250 grammas (8 onças).

É boni tambem tocar levemente as ulceras morpheticas com pincel molhado no oleo de cade puro, ou misturado com dez ou cinco tantos de azeite doce. O oleo de cade puro é caustico, misturado com azeite doce é simplesmente detergente, isto é, mundificativo das ulceras. O tratamento hydrotherapico, que consiste no

uso d'agua fria, interna e externamente, tem ás vezes aproveitado contra a morphéa. *Veja-se HYDROTHERAPIA.*

Tratamento de morphéa pelo Dr. Beauperthuy. O Dr. Beauperthuy, já fallecido, era um medico francez, que residia em Cumana (Venezuela) onde empregava contra a morphéa um tratamento que produzia grandes vantagens, e que se tornou tão notorio, que os governos inglez e francez mandárão em 1869 cada qual um medico para se entenderem com o Dr. Beauperthuy, e observarem os resultados do seu tratamento, que é o seguinte :

1º Regimen nutritivo e abundante, composto de carne de vacca fresca e de vegetaes frescos. Abstinencia do peixe e carne salgada e das bebidas alcoolicas. É permittido o vinho fraco, o de Bordeos, em pequena quantidade. Abster-se completamente da carne de porco, salgada ou fresca.

2º Os doentes devem habitar uma localidade salubre, longe dos pantanos, etc. Devem dormir debaixo dos mosquiteiros, afim de evitarem as picadas dos mosquitos, que irritão a pelle e propagão talvez a molestia. Não mais de duas pessoas devem habitar o mesmo quarto, e melhor será que cada qual tenha o seu em separado.

3º Usar internamente de sublimado corrosivo, na dóse de meio centigramma (1/10 de grão) uma vez por dia. A melhor fórma de administrar este medicamento é o licor de Van-Swiéten, de que o doente tomará 5 grammas (1 1/4 oitava) de manhã n'uma chicara d'agua fria.

Pela noite, ingerir 2 grammas (meia oitava) de bicarbonato de soda n'uma chicara d'agua fria simples, ou com assucar. Resulta d'esta explicação que o doente tomará de manhã o sublimado, e pela noite o bicarbonato de soda, e continuará estes medicamentos durante todo o tempo do tratamento. Se o sublimado affectar a bocca, ou produzir qualquer irritação do tubo intestinal, deve se logo interrompido o seu uso, e substituido pelo bicarbonato de soda, de que o doente tomará 2 grammas de manhã e 2 grammas pela noite. Em alguns doentes, o sublimado não produz bom effeito; n'este caso é preciso limitar-se ao uso do bicarbonato de soda, de que se augmenta gradualmente a dóse, até o doente tomar 30 grammas (1 onça) por dia.

4º Sobre os tuberculos da morphéa, applicar oleo de castanha de cajú, obtido pela evaporação espontanea da tintura da castanha, que deve ser bem pisada em almofariz de pedra ou de pão, antes de se expôr á acção do alcool. O oleo encontra-se flutuando sobre o alcool, e póde ser separado d'elle. applica-se por meio de esponja; produz em 24 horas uma ligeira cauterização;

forma-se uma crosta ou escara, na qual não se deve tocar, e sim deixa-la cahir por si mesma. Depois de cahida a crosta, torna-se a applicar o oleo; á proporção que diminuem os tuberculos, tornão-se mais tenues as crostas das applicações subseqüentes, e translucidas por fim. Quando os tuberculos são pequenos e de formação recente, isto é, de menos de um anno, uma só applicação restabelecerá a sensibilidade, e duas ou tres mais destruirão o tuberculo, deixando a pelle perfeitamente flexivel, macia, e sem cicatriz. Sendo mais antigos e mais levantados os tuberculos, serão precisas duas ou tres applicações para despertar a sensibilidade, e mais cinco ou seis para destrui-los inteiramente. Para os tuberculos duros e redondos, nos lobulos das orelhas, a applicação é differente. O Dr. Beauperthuy fazia sobre ellas puncturas com uma agulha molhada no oleo, o qual promovia a suppuração, e fazia-os desaparecer mais depressa.

Como applicações externas, póde empregar-se a copahiba e a pomada de iodureto de potassio.

5º Friccionar todo o corpo pela manhã e á noite com azeite de côco ou azeite doce.

6º Tomar um banho d'agua e sabão antes de cada fricção.

MORPHINA. É uma base organica existente no opio. Obtida pelos processos chimicos, apresenta-se sob a fórma de agulhas prismaticas, brancas, de sabor amargo, pouco soluveis em agua. Combina-se com os acidos, e forma saes que se empregão em medicina, e gozão das propriedades do opio, porém muito mais energicas. Os saes que se empregão com mais frequencia são o chlorhydrato e o sulfato de morphina. Administrão-se para provocar o somno, e acalmar as dôres, na dóse de 1 a 3 centigrammas ($\frac{1}{5}$ a $\frac{3}{5}$ de grão). Em dóse elevada é um veneno narcotico-acre; produz uma especie de embriaguez e um somno profundo que póde ser seguido de morte. No caso de envenenamento pela morphina ou seus saes, siga-se o tratamento indicado contra o *Envenenamento pelo opio*, vol. I, pag. 943.

Acetato de morphina. Sal que resulta da combinação do acido acetico com a morphina. Obtem-se dissolvendo a morphina em quantidade sufficiente de acido acetico, e evaporando o liquido até á seccura, a calor brando. É branco, amarellado, inodoro, de sabor amargo, soluvel em agua. Mas passado algum tempo torna-se insolúvel, e para o dissolver então é preciso ajuntar-lhe um pouco de acido acetico. Narcotico energico; tem as mesmas propriedades que o opio; mas hoje é pouco empregado, e prefere-se-lhe o chlorhydrato e o sulfato de morphina. Internamente administra-se

na dose de 1 a 3 centigrammas ($\frac{1}{5}$ a $\frac{3}{5}$ de grão) em pilulas ou xarope.

Chlorhydrato ou **hydrochlorato de morphina**. Sal crystallizado em agulhas, soluvel em agua. Tem os mesmos usos que o opio, mas a sua acção é tres vezes mais energica que a do extracto d'esta substancia. Administra-se como calmante na dose de 1 a 3 centigrammas ($\frac{1}{5}$ a $\frac{3}{5}$ de grão) em pilulas ou xarope.

Sulfato de morphina. Sal branco, crystallizado em agulhas reunidas em fasciculos, inalteravel ao ar, soltível em agua, inodoro, de sabor amargo. Calmante energico, empregado em muitas affecções acompanhadas de dôres, na insomnia, tosse, etc., na dose de 1 a 3 centigrammas ($\frac{1}{5}$ a $\frac{3}{5}$ de grão) em pilulas ou xarope.

MORTE. O naturalista Plinio, considerando a incerteza dos signaes da morte, disse que a condição do homem era tal, que até se não podia fiar da morte. Com effeito, a morte é *real* ou *apparente*. A primeira annuncia que cessou a resistencia da força vital ás leis destructivas, e que o corpo obedece ao imperio das reacções chimicas : é então *cadaver*. A morte apparente, que não é, pelo contrario, senão um simulacro da morte, provém da suspensão momentanea da vida externa, sem que a vida interna tenha cessado; na morte real, a vida externa e interna acha-se suspensa. Existe grande numero de factos authenticos que provão que se tem commettido erros sobre a morte. A asphyxia, a apoplexia, a syncope, a catalepsia e muitas outras molestias, podem suspender a vida externa sem destruir a vida interna.

No artigo *Inhumação* achão-se expostos os signaes que distinguem a morte apparente da morte real.

Signaes da morte. São : ausencia da respiração e da circulação, frio glacial, insensibilidade ás incisões, cauterizações, etc., rijeza cadaverica, e mais tarde putrefacção.

A morte é ordinariamente precedida de alguns symptomas graves que dependem da perturbação da respiração, da circulação ou das funcções cerebraes, e que constituem a *agonia*. Aquella que sobrevem de repente, e sem phenomenos precusores chama-se *morte subita* : é determinada ordinariamente pela apoplexia fulminante ou pela ruptura de uma aneurysma. A morte é *natural* se sobrevem em consequencia de uma molestia espontanea ; *violenta* quando é effeito de uma violencia qualquer.

Signaes da morte da criança no utero. V FETO. Vol. I, p. 4445.

MORURÉ, MURURÉ OU MERCURIO VEGETAL. *Bichetea officinalis* (?) Urticaceas. Arvore do Pará. Seu leite ou seiva resinosa, que é mui liquida e de côr de tijolo, é um estimulante energico do systema

muscular e nervoso. Usa-se no Pará contra a syphilis e rheumatismo, internamente na dóse de 4 grammas (1 oitava) diluida em meia onça d'agua, tomando-se este mixto de uma só vez, e repetindo-se a mesma dóse no dia seguinte, ou com intervallo de um a dois dias, conforme a acção do medicamento sobre a economia. Desafia grandes dôres ao longo da columna vertebral, em todos os musculos e nas articulações, promove copiosa diaphorese, e ás vezes dejecções alvinas. Martius chamava *mercurio vegetal* ao manacan, seguramente por engano, ou mal informado, porquanto é a esta substancia vegetal que o povo dá aquelle nome, e não ao manacan. (Dr. Castro, do Pará).

MOSCA. Genero de insectos Dipteros, isto é, que tem duas azas, cujos caracteres são : corpo oblongo, quasi cylindrico, cabeça globosa, 2 olhos grandes e 3 pequenos, testa achatada, em cima da qual existem antenas com 3 articulos; tromba membranosa, dobrada como cotovelo, retractil, e terminada por 2 labios; corsolete cylindrico, e ventre ovado; azas grandes e horizontaes; patas longas, delgadas, terminadas por dois ganchos e duas pelotas, e cobertas de pellos rudes.

Existem muitas especies de moscas. Algumas chupão o mel das flores : porém o maior numero ataca as materias animaes ou vegetaes em decomposição. Algumas ha que põem ovosinhos chamados *lendeas*; outras põem as *larvas* vivas. Durante o curso da sua existencia experimentão tres metamorphoses, designadas pelos nomes seguintes : 1º *larva*, 2º *chrysalida*, 3º *insecto perfeito*. A larva é o primeiro estado da mosca, aquelle em que se acha depois da sua sahida do ovo, e apresenta-se debaixo da fórma de um verme esbranquiçado, cylindrico e molle, com a cabeça armada de ganchos : encontra-se na carne em decomposição, nos estrumes, monturos, etc. A *chrysalida* ou *nympha* é sob a fórma de uma pequena semente ovoide, coberta de uma casca denegrida, de que sahe, passado certo tempo, a mosca perfeita.

O typo da especie é a MOSCA DOMESTICA (*musca demestica*). É a *mosca de casa*, que todos conhecem. Tem 1/2 centimetro de comprimento, as antenas pretas, os olhos roxos, o rosto coberto de um pello como seda, o peito cinzento com quatro riscos longitudinaes denegridos; o ventre cinzento por cima, amarrellado por baixo. Vive no estado de larva no estrume; atira-se a todas as comidas que se servem nas nossas mesas, ataca sobretudo as substancias doces, mas pousa frequentemente sobre o homem para chupar os productos da transpiração.

As larvas de certas moscas atormentão ás vezes a especie humana. As que se encontrão mais frequentemente nas diversas

partes de nosso corpo referem-se a quatro especies principaes : 1^a *mosca carniceira*, 2^a *mosca varejeira*, 3^a *mosca dourada*, 4^a *mosca hominivora*.

A *mosca carniceira*, que põe as larvas já vivas, é bastante commum, e a maior das quatro. Tem o corpo amarellado por diante e coberto de pellos negros bastante compridos e espessos; peito pardacento com quatro riscos longitudinaes negros; ventre preto luzente com quatro nodoas quadradas esbranquiçadas sobre cada annel. Esta mosca voa com rapidez e faz ouvir um zunido contínuo; depõe as suas larvas nos cadaveres.

Mosca varejeira. Fig. 367 e 368. É uma das grandes especies. Tem o thorax preto e o ventre azul. Annuncia-se por um zunido bastante forte; tem o olfato assaz subtil, sente a carne de longe e sobretudo a carne fresca. É ovipara: isto é, põe lendeas, assim como as duas especies seguintes.



Fig. 367.
Mosca varejeira.

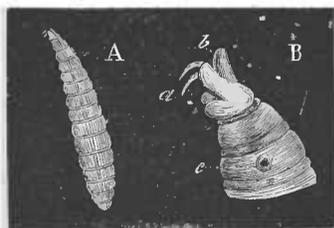


Fig. 368.
Larva da mosca varejeira.
A, larva; B, extremidade do lado da cabeça, engrossada; a, ganchos; b, corno carnudo; c, estigma.

Mosca dourada, é do tamanho da *mosca domestica*. Põe os ovos sobre os cadaveres de animaes.

Mosca hominivora. Habita a America meridional; tem 9 millimetros (4 linhas) de comprimento, palpos ou filamentos fulvos, cabeça grande, rosto amarellado, pernas pretas, azas transparentes, um pouco escuras na base.

As larvas de todas estas moscas podem desenvolver-se nas feridas, e nas cavidades naturaes do corpo humano, e formão então o que se chama *bicheiro*. (Veja-se esta palavra, vol. I, pag. 349.) Encontrei uma vez essas larvas, no Rio de Janeiro, no interior do nariz de um preto, de que fallo no vol. I, pag. 350 d'esta obra. O doente sarou depois de expulsar 84 bichos. O Dr. Coquerel observou uma quantidade d'essas larvas n'um con-

demnado em Cayenna, que produzirão a morte d'este infeliz. O Dr. Saint-Pair vio seis casos analogos (1855, 1856). Tres doentes succumbirão depois de crueis soffrimentos; dois perdêrão completamente o nariz; e o ultimo ficou quite por uma deformação d'este órgão. O Dr. Daniel deo a conhecer outro caso seguido de morte, no qual a orelha esquerda estava cheia de larvas de moscas. Na Europa tambem se encontrão casos semelhantes. Um exemplo mui curioso d'este genero foi publicado pelo Dr. d'Astros, d'Aix em Provença, na França. Uma mulher, tendo adormecido no campo, foi assaltada por moscas, que lhe depuzerão os ovos no nariz. Durante tres dias sentia uma dôr leve, mas surda, que partia da testa e estendiã-se até á fonte direita. Esta dôr era seguida de um formigamento importuno e de um ruído particular que a doente e as pessoas assistentes ouvião, e que podia comparar-se ao dos vermes que roem a lenha. Dois dias depois em consequencia de uma hemorrhagia nasal, deitou 113 vermes. Se acontecesse um caso semelhante, seria necessario incontinentemente usar de seringatorios d'agua salgada, para produzir a expulsão d'estes bichos.

As larvas das moscas podem tambem introduzir-se sob a pelle, e produzir tumores e ulcerações. O Dr. Cloquet refere o caso seguinte: Um homem, cuja profissão era apanhar trapos velhos para as fabricas de papel, foi achado adormecido n'um fosso de Pariz, e levado ao hospital São Luiz. Tinha a pelle da cabeça coberta de tumores com perforações, que erão fervedouros de larvas de moscas. Quinze a vinte d'estes vermes sahião das palpebras singularmente inchadas e approximadas. Os olhos estavam furados e vasios. Outras larvas sahião pelo nariz e orelhas. Este infeliz reproduzia, em todo o seu horror, a molestia do pobre Job. Se as larvas das moscas se desenvolvessem em alguma parte superficial do corpo, o meio de livrar-se d'ellas consiste em polvilha-las com rapé ou com calomelanos.

Meios para destruir as moscas. 1º Espalhar pós de pyrethro nos lugares onde se ajuntão as moscas. 2º Pôr n'um quarto um copo contendo uma dissolução mui carregada de sabão, e cobrir este copo com um papel no meio do qual se faz um buraco bastante grande, afim de que as moscas possam entrar n'elle. O effeito d'esta cilada será mais certo, ajuntando á agua de sabão um pouco de assucar, ou mel de abellas.

A agua de sabão tem a propriedade de attrahir o insecto, sem ter os effeitos perigosos do cobalto arsenical que pôde occasionar accidentes nos homens, e matar as gallinhas que engolem as moscas envenenadas pelo arsenico. — O papel *para matar as*

moscas, que se vende em certas lojas, prepara-se molhando uma folha de papel n'uma decocção de quassia adoçada com assucar, á qual se ajunta ás vezes uma decocção de noz vomica, que é um veneno violento para todos os entes. Os outros liquidos envenenados são sempre perigosos, pois é impossivel impedir que as moscas, que não morrem immediatamente, vão cahir nas comidas e lhes communicarem propriedades nocivas. — Um meio simples consiste em pôr sobre uma mesa duas pranchetas cobertas interiormente de mel de abelhas, e mui proximas uma da outra; quando se vêem entre ellas as moscas reunidas em numero compacto, e occupadas de sua comida, approximão-se rapidamente as duas pranchetas, e matão-se assim estes insectos por centenas. O oleo de louro é antipathico ás moscas. Passando uma leve camada d'este oleo sobre os quadros dourados que ornão os salões, consegue-se garanti-los por alguns mezes do contacto das moscas.

Nas estribarias e nos curraes, expulsão-se facilmente as moscas que atormentão as bestas, fazendo reinar por alguns minutos n'estes lugares uma escuridão completa. Abrindo-se depois um postigo, afim de introduzir um raio de viva luz, todas as moscas sahirão. Os cavallos e as bestas que viajam são frequentemente atormentados, sobretudo nos matos, pelas picadas de certas moscas. Põem-se ao obrigo da importunidade d'estes insectos esfregando-os com plantas amargas ou de cheiro forte, taes como a losna, almeirão e outras.

A *mosca de carne* põe os ovos na carne. Apesar de todas as precauções, é difficil evitar seus estragos. O melhor meio consiste em suspender a carne onde haja corrente de ar, ou em lugar escuro. Se, apesar d'isto, a carne apresentar signaes de corrupção; cumpre, antes de prepara-la da maneira ordinaria, ferve-la levemente em agua na qual se deitão alguns pedaços de carvão de lenha.

A picada das moscas, que pousarão em animal morto do carbunculo ou n'um cadaver em putrefacção, produz tumores sempre graves, e occasiona ás vezes a *pustula maligna*. V CARBUNCULO.

MOSCADA ou **NOZ MOSCADA**. Amendoa do fructo da moscadeira, *Myristica officinalis*, Linneo, arvore das Molucas, da familia das Myristiceas, cultivada no Pará. Fig. 369. Esta amendoa é oval, dura, unctuosa, de côr cinzenta avermelhada, com veios cinzentos; cheiro suave e forte, sabor quente. É envolvida por uma especie de cupula, chamada *arillo da noz moscada* ou *macis*, que se divide em tiras chatas, ramosas, cartilaginosas, frageis, muito vermelhas quando está fresca, mas fazendo-se amarellas com o tempo: é a substancia mais aromatica de todo

o fructo. A noz moscada é um estimulante poderoso; emprega-se principalmente na arte culinaria; facilita a digestão. A infusão de raspas de moscada, feita em vinho quente, é muito empregada

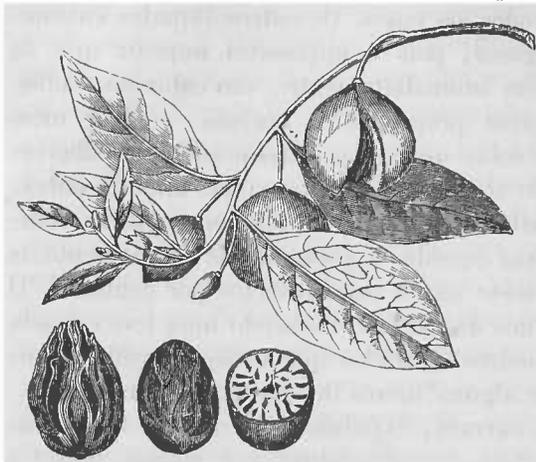


Fig. 369. — Moscada.

entre a gente dos campos, durante o parto, como tónica e estimulante. — Obtem-se, pela expressão, da moscada, um óleo concreto, aromático, chamado *manteiga de moscada*, que entra na composição do balsamo nerval, empregado nas paralyrias em fricções como estimulante.

Moscada do Brasil. Dá-se este nome á semente da *Cryptocarya*

moschata, Martius, arvore do Brasil, da familia das Laurineas, mui commum nas mattas virgens da Provincia de Minas Geraes, da Bahia, e outras. Esta arvore tem as folhas ovaes-oblongas, terminadas em ponta, base aguda; flores inseridas na axilla das folhas superiores; fructo oboval, formado exteriormente pelo envoltorio e interiormente por uma baga que termina por uma pequena ponta, de cheiro e sabor aromaticos. Estes fructos gozão de propriedades estimulantes. As cascas da arvore, depois de seccas, são de cheiro e sabor muito agradaveis, assemelhando-se a uma mistura de cravos e pimentas. No Brasil tambem é conhecida com o nome de noz moscada a bicuiba, *myristica bicuhyba*, Schott. *Veja-se BICUIBA.*

MOSQUITO. Todos conhecem estes insectos importunos, que abundão sobretudo nos lugares aquaticos. Avidos de sangue humano, perseguem-nos em toda a parte, furão-nos a pelle, que muitas vezes nem os vestidos podem preservar, e depõem na picada um liquido venenoso, que é causa da dôr e inchação que se manifesta. Não ha outro meio de se preservar de seus ataques senão cercar a cama com um mosquitoeiro, especie de sacco feito de cassa. Sem esta precaução, é impossivel descansar quieto de noite, e até de dia. Para preservar os soldados nos quartéis, aconselha-se que se fechem as portas e janellas um pouco antes de se pôr o sol, deixando uma abertura á qual estes insectos se dirigem todos para sahirem, por um effeito do instincto que os leva

a procurarem a luz. — Convem afastar as habitações das aguas estagnadas; n'estes lugares os mosquitos achão-se em maior numero, porque suas larvas vivem n'agua. Pelo mesmo motivo, é preciso evitar ter deposito d'agua em casa. — A agua fria, simples ou misturada com aguardente ou com vinagre, é o melhor remedio para prevenir a inflammação das picadas dos mosquitos.

MOSTARDA. Planta da familia das Cruciferas, de que existem varias especies. As principaes que são empregadas são :

Mostarda negra. *Sinapis nigra*, Lin. Planta cultivada no Brasil e em Portugal. Fig. 370. As suas sementes são vermelhas quando maduras, e tornão-se pretas com o tempo. Reduzida a pó, esta semente constitue a farinha de mostarda, medicamento de uso quotidiano e de efficacia incontestavel. Os banhos de pés, a que se ajunta a farinha de mostarda, actuão como derivativos contra as dôres de cabeça, congestões cerebraes, inflammações dos olhos, dos ouvidos, da garganta, etc. Com farinha de mostarda e agua tepida ou fria se fazem cataplasmas que se chamão *sinapismos*, e applicão-se ás pernas, principalmente nas molestias da cabeça. *Veja-se SINAPISMO.*



Fig. 370.

Mostarda negra.

Farinha de mostarda. Esta farinha apresenta, quando é de boa qualidade, um aspecto amarelado, com pontos pretos. É util ter sempre em casa alguma farinha de mostarda; mas não se deve fazer d'ella grande provisão, porque perde, com o tempo, as suas propriedades excitantes. Convem guarda-la n'um vaso de louça pondo-se-lhe um lereiro, afim de não confundir esta substancia com a farinha de linhaça.

Mostarda branca. *Sinapis alba*, Lin. As sementes são de côr amarellada e duas vezes maiores que as da mostarda preta. Contém pouco principio acre, não podem servir para fazer *sinapismos*, mas reduzidas a farinha empregão-se como estomachicas. Na dóse de duas colheres de chá, a farinha de mostarda branca é laxativa.

Mostarda (Condimento). A mostarda que se serve nas mesas é a semente preta moída com vinagre, e ás vezes com vinho. Muitos

fabricantes fazem entrar outros ingredientes na fabricação da mostarda, taes como rábão, pimenta, assucar, etc. Esta substancia, tomada em pequena quantidade, estimula o estomago, e augmenta as forças digestivas.

Mostarda franceza. Para preparar a mostarda ordinaria, isto é sem substancias aromaticas, infunde-se durante alguns dias certa quantidade de sementes inteiras de mostarda negra em igual quantidade de vinagre branco, por exemplo um litro de sementes de mostarda n'um litro de vinagre. Mexe-se a mistura 2 a 3 vezes por dia, e ajunta-se novo vinagre, se fôr necessario, afim de que as sementes estejão sempre humidas. Tirão-se as sementes, e depois de moidas no moinho ou pisadas n'um gral de pedra, diluem-se em vinagre para obter massa espessa. Depois deita-se a mostarda nos potes, e tapa-se com cuidado. A mostarda franceza é de côr amarella escura, por isso que a semente não foi privada do seu envoltorio.

Mostarda aromatica franceza. Salsa hortense, cerefolio, cebolinha 1/2 mólho de cada substancia; alho 3 dentes; sal de cozinha 250 grammas; azeite doce 125 grammas; mistura de cravos da India, moscada, pimenta do reino, canella ou gengibre em pó, 60 grammas; essencia de tomilho, 40 gottas; essencia de canella, 30 gottas; essencia de estragão 30 gottas. Cortão-se muito miudo as plantas, macerão-se por 15 dias em quantidade sufficiente de vinagre branco. Passado este tempo, moem-se no moinho, mistura-se com as substancias moidas bastante mostarda em pó para formar 12 litros; e ajuntão-se então as outras substancias.

Mostarda ingleza. É amarella, e é formada como a franceza pelas sementes da mostarda preta, mas na sua preparação, a episperma separa-se primeiro da amendoa, e só esta se reduz a farinha. É muito mais activa do que a farinha franceza, que é cinzenta, visto que n'esta se acha misturado o envoltorio externo da semente ou a episperma. Apresenta-se nas mesas em pó, e para emprega-la é necessario dilui-la em agua, e ajuntar-lhe um pouco de sal e de assucar. É um tempero que facilita a digestão.

A mostarda ingleza é muito mais forte do que a franceza, porque o vinagre que entra na composição d'esta, oppõe-se ao desenvolvimento da essencia de mostarda, que só se forma na presença da agua fria ou algum tanto tepida. A agua quente impede tambem o desenvolvimento da essencia na farinha de mostarda.

MOVITO. *Veja-se* ABORTO.

MUCILAGEM. É agua carregada de certa quantidade de gomma, ou de um principio mucilaginoso que tem bastante analogia com esta, e que existe em muitas substancias vegetaes,

como são as raízes e folhas de malvas, sementes de linho, de marmelo, etc. Estas preparações são viscosas. Basta, para obter a mucilagem, fazer ferver em agua estas diversas substancias.

MUDEZ. Nome pelo qual se designa o estado de uma pessoa muda ou que se acha na impossibilidade de proferir uma palavra. Distingue-se a mudez em *accidental* e de *nascença*. A primeira é o symptoma passageiro de alguma molestia, e principalmente de affecção ccrebral aguda. A mudez de nascença reconhece por causas o idiotismo, a privação ou a má disposição da lingua, e a surdez. A mudez, que apparece durante alguma molestia, persiste, cura-se e reproduz-se com esta molestia, sem reclamar emprego de meio algum particular. A mudez que depende do idiotismo, e de vicio na conformação da lingua está quasi além dos recursos da arte; quanto á que provém da surdez, *veja-se* SURDEZ.

MULA ou **Bubão.** O bubão é um tumor, mais ou menos consideravel, formado pelo engurgitamento das glandulas da virilha, e produzido pelo virus syphilitico. No maior numero de casos, o bubão reconhece por causa a presença de cancrios syphiliticos nas partes genitales, ou a existencia na economia do vicio syphilitico, mas as glandulas da virilha podem tambem inchar sympathicamente por causa de uma simples ferida no pé, pela irritação occasionada pelos callos ou pelo calçado muito estreito. As inchações não syphiliticas chamão-se *inguas*. Distinguem-se das inchações syphiliticas pelas circumstancias que acompanhão a sua apparição. Devem-se, pois, fazer indagações muito minuciosas sobre os antecedentes da pessoa, para não confundir o bubão syphilitico com um simples engurgitamento das glandulas. No presente artigo occupar-me-hei só do bubão syphilitico; quanto ás inchações das glandulas da virilha, que procedem de outras causas, consulte o leitor o artigo *INGUA*. Os bubões não syphiliticos apparecem tambem na peste. (*Veja-se* esta molestia).

Os bubões syphiliticos podem ser *consecutivos* ou *constitucionaes*. Os bubões consecutivos são os que se declarão depois da apparição dos cancrios venereos ou de uma blennorrhagia; os constitucionaes manifestão-se ao cabo de um tempo mais ou menos longo, em consequencia de uma infecção antiga, que se tornou constitucional.

Symptomas. Dividem-se os bubões em *inflammatorios* e *indolentes*. A apparição de um bubão inflammatorio é ordinariamente precedida de uma dôr na virilha, que frequentemente se attribue ás grandes caminhadas. Quando se põe a mão n'este lugar, percebe-se que uma ou mais glandulas estão inchadas, e são sensiveis á pressão. Pouco a pouco, o tumor torna-se mais consideravel, duro,

adherente; incommoda muito quando o doente anda : a superficie faz-se vermelha; apparecem dôres latejantes cada vez mais fortes; enfim, um fóco de suppuração se estabelece mais ou menos promptamente. Os bubões indolentes desenvolvem-se com lentidão, quasi sem dôr; não apresentam mudança na côr da pelle, suppurão raras vezes, e sempre com difficuldade. Os bubões syphiliticos podem terminar por suppuração ou resolvem-se.

Tratamento. As differenças, que entre si apresentam os bubões syphiliticos, indicão bastantemente que devem existir grandes variedades no seu tratamento. Se o bubão começar com grande sensibilidade, convem applicar cataplasmas de linhaça, usar de semicupios d'agua tepida, de bebidas diluentes, como a infusão de linhaça, o cozimento de arroz, de cevada, e conservar-se em repouso absoluto. Acontece muitas vezes que com este tratamento, o tumor diminue e desaparece inteiramente. Mas se, pelo contrario, não foi possível vencer a força da inflammação, o bubão acaba por suppuração, o que se conhece pela elevação do seu apice, e fluctuação que apresenta. N'esta circumstancia, quando a collecção purulenta se fez com grande rapidez, ella abre-se espontaneamente, e a cura opera-se em geral sem deixar cicatriz muito apparente. Se o trabalho inflammatorio fôr menos prompto, abreviar-se-ha a duração do tratamento local, evacuando o fóco por meio do instrumento. A cicatriz será linear e pouco visivel. Se n'este caso se esperasse a abertura espontanea do abcesso, a pelle tornar-se-hia mui delgada, a abertura mui grande, e a cicatriz seria disforme.

Applica-se ás vezes potassa caustica para abrir o tumor; este meio convem todas as vezes que a collecção de pus se formou lentamente, quasi sem irritação inflammatoria, como em alguns tumores escrophulosos, ou tambem quando o fóco é vasto, a pelle violacea e despegada.

A ulcera que resulta da abertura do bubão deve ser curada com fios untados de ceroto simples; e se houver ainda grande inflammação, applicar-se-hão por cima d'estes fios cataplasmas de linhaça. Se carnes esponjosas se oppuzerem á cura, é preciso toca-las levemente com pedra infernal, ou polvilhar com alumen calcinado, e fazer curativos com fios molhados em agua de Labarraque. Os curativos com unguento mercurial são tambem um bom excitante n'este caso.

Durante este tratamento local, é indispensavel empregar internamente, *logo no principio*, os medicamentos antisymphiliticos, sem os quaes a cura não pôde ser duradoura. Estes medicamentos são:

Pilulas de proto-iodureto de mercurio.

Proto-iodureto de mercurio.	5 centigram. (1 grão)
Thridacio	5 centigram. (1 grão)
Extracto de cicuta.	10 centigram. (2 grãos).

Faça 1 pilula, e como esta mais 59. Toma-se 1 pilula por dia. Por cima da pilula bebe-se uma colher *de sopa* de xarope de salsaparrilha misturada com uma chicara d'agua fria.

Se depois de acabadas estas 60 pilulas, o bubão não sarar, recorra-se ao licor de Van-Swieten, cuja receita é :

Bichlorureto de mercurio.	25 centigrammas
Alcool a 80°..	25 grammas
Agua distillada.	225 grammas.

Dissolva. *Dose* : 4 grammas (1 oitava), isto é, uma colher *de chá*, duas vezes por dia, n'uma chicara d'agua fria ou de cozimento de salsaparrilha.

O modo de preparar o cozimento de salsaparrilha está indicado no artigo SALSAPARRILHA. Este cozimento pôde ser substituido por uma colher *de sopa* de xarope de salsaparrilha, misturada com uma chicara d'agua fria. A receita do xarope é :

Xarope de salsaparrilha . 500 grammas (16 onças).

As precauções necessarias durante o tratamento mercurial achão-se indicadas no artigo SYPHILIS.

Se existirem trajectos fistulosos, cauterizem-se com pedra infernal, ou fação-se injecções com agua de Labarraque ou com o liquido seguinte :

Tintura de iodo	15 grammas (1/2 onça)
Iodureto de potassio	25 centigram. (5 grãos)
Agua	15 grammas (1/2 onça).

Cortem-se com tesoura todas as sinuosidades, e as margens da ulcera, se estiverem despegadas.

O bubão syphilitico *indolente*, quer se tenha mostrado com este character desde a sua apparição, quer não se tenha tornado indolente senão depois da inflammação mais ou menos viva, deve ser atacado por todos os meios capazes de produzir a sua resolução. O primeiro de todos, e o mais effcaz, é o tratamento mercurial interno. Tomar-se-hão, ao mesmo tempo, alguns purgantes para provocar uma derivação sobre o canal intestinal, e empregar-se-hão fricções sobre o tumor com a pomada de iodureto de potassio. Fazem-se duas fricções por dia sobre o bubão, com a quantidade de pomada do tamanho de uma azeitona para cada fricção. Não cedendo o engurgitamento, applique-se o emplasto de Vigo. Vesicatorios applicados repetidas vezes sobre o tumor podem produzir a sua resolução ou determinar a suppuração.

MULO ou MACHO e MULA, ou BESTAS MUARES (*Animaes domesticos*). Animal que nasce da copula do jumento com a egua, ou do cavallo com jumentã. No primeiro caso tem o nome de *besta equariça*, e no segundo de *besta asneira*. Nem o macho nem a mula se podem reproduzir; e como nascem pelo cruzamento de duas especies differentes, acontece que os productos tirão uma parte de suas qualidades da mãe e outra do pai; e como estes são muito variados, os seus filhos tambem varião muito na estatura, nas fórmas e qualidades, conforme as raças a que seus pais pertencem. Quando a egua foi fecundada pelo cavallo, o tempo da gravidação é, termo médio, 11 mezes; é um pouco mais longo quando a egua foi fecundada pelo jumento. Antes de propagar estes animaes, convem fixar anticipadamente o uso ao qual serão destinados os animaes muares que hão de nascer d'esta copula. Cumpre tambem escolher as eguas, e lembrar-se de que d'uma egua alongada e ligeira hão de nascer muares convenientes para serviço de sella, entretanto que os que provém das eguas fortes e pesadas servem principalmente para carroças, e para levar cargas. Os muares são animaes mui preciosos; vivem e mantem-se em todos os climas; tem do burro o bom pé, a segurança da perna e a boa saude; tem os lombos fortes, podem levar cargas mais pesadas do que os cavallos, e se são menos alertos e andão mais lentamente do que elles, sua andadura é muito mais segura; raras vezes tropeção nas veredas estreitas e tortuosas; e por isso empregão-se frequentemente nos paizes montanhosos.

No Rio de Janeiro a maior parte dos trens de luxo são puxados por parelhas de machos ou mulas. Usão-se tambem para serviço de sella; seu trote é brando e ás vezes menos fatigante que o do cavallo. Mas quando se destinão para este ultimo uso, devem-se preferir as *mulas*, cujas andaduras tenham bastante analogia com as do cavallo. As mulas são com effeito muito mais meigas, muito menos caprichosas do que os machos, que, quando encontrão eguas sobre sua passagem durante o tempo do cio, atirão ás vezes couces no momento em que se julga que estão mais quietos; tornão-se então muito perigosos para as pessoas que os conduzem ou os montão.

Em resumo, o muar é um animal eminentemente util. O boi para os pantanos, o cavallo para as planicies, a mula para as montanhas. Sobrio como o camelo, supporta a fome, a sede, as privações com resignação corajosa. Vive de pouco, gosta dos climas quentes, e raras vezes está doente. Nos climas quentes o cavallo cobre-se de suor, cansa-se, enerva-se; entretanto que a mula conserva-se valente. As bestas muares nutrem-se da mesma

maneira que o burro e o cavallo, e estão sujeitas ás mesmas molestias que estes. As crias costumão desmamar-se na idade de sete ou oito mezes. Os machos castrão-se no segundo anno. A idade dos muares conhece-se pelos dentes, como a dos cavallos.

MULUNGÚ. *Erythrina corallodendron*. Linneo. Leguminosas. Arvore do Brasil; habita em Pernambuco, Alagoas, Bahia. Tem 5 a 10 metros de altura; a casca é um tanto herbacea e lisa, semeada de aculeos cônicos que se destacão com facilidade; as folhas são compostas de tres foliolos, são pubescentes; as flores são grandes e vermelhas. É uma arvore elegante; na epoca da florescia despoja-se das folhas, e reveste-se de flores, o que lhe dá um aspecto pittoresco. O fructo é uma vagem de 10 a 15 millimetros de comprimento, de 5 millimetros de largura, curva, alojando uma só semente vermelha, e ás vezes duas e mais. — O mulungú é reputado calmante do systema nervoso; o cozimento do entrecasco applica-se em banhos nos espasmos. Internamente o entrecasco emprega-se debaixo da fórma de xarope, na dóse de uma colher *de sopa*, de 3 em 3, ou de 4 em 4 horas, para os adultos; e na de uma colher *de chá* para os meninos; emprega-se na bronchite, asthma e tosse convulsa.

Mulungú crista de gallo. *Erythrina crista galli*, Linneo. Leguminosas. Arvore do Brasil; habita no Rio de Janeiro, Minas e S. Paulo. O tronco não tem geralmente espinhos; as folhas são compostas de foliolos ovaes, lanceolados; os peciolos tem duas glandulas na base. O extracto do entrecasco, na dóse de 10 centigrammas (2 grãos), provoca o somno. As sementes são venenosas.

MUMIA. Corpo humano embalsamado, e conservado quasi intacto durante muitos seculos. A sua côr é roxa escura, ás vezes negra e luzente: o corpo, tão duro e secco como madeira, espalha um cheiro aromatico particular. Com excepção do rosto, frequentemente bem conservado, o resto do corpo é coberto com tiras de panno de linho. (*Veja-se* EMBALSAMENTO.) Encontrão-se ainda hoje muitas mumias no Egypto, quer nas pyramides, quer nos sepulcros subterraneos, e achão-se em diversos museos.

MUNHECA. (DESLOCAÇÃO DA). *Veja-se* vol. I, pag. 830.

MURITYSEIRO. *Mauritia vinifera*, Martius. Palmeiras. Arvore do Brasil; habita na provincia do Amazonas. Chamão-lhe tambem *muruty*, *miriti*, e nas provincias do Sul *burity*. Da polpa do fructo se faz uma bebida agradável e um vinho mui apreciado. Seu doce e geléa são tambem muito procurados. As folhas novas dão palhas e fibras para chapeos, cestas, esteiras, redes, cordas, etc. A parte exterior do tronco dá taboas muito duraveis, planas e convexas; são estas ultimas empregadas no fabrico do azeite e da

farinha. Os caroços do fructo, a que chamão *marfim vegetal*, servem para diversos artefactos.

MURRO. *Veja-se* CONTUSÃO.

MURTA. *Myrtus communis*, Linneo. Myrtaceae. Arbusto ou arvore cultivada no Brasil, em Portugal e outros paizes quentes. É uma arvore de tronco recto, dividido em numerosos ramos. Folhas oppostas, quasi sesséis, pequenas, ovaes lanceoladas intciras, glabras dos dois lados, de um verde escuro, firmes, sempre verdes, persistentes, de cheiro forte e agradável quando esfregadas; flores brancas, solitarias na axilla das folhas; fructo (*murtinho*), baga globosa, de um verde anegrado, de cheiro aromatico. Preparava-se antigamente com as folhas d'esta arvore uma agua distillada, chamada *agua de anjo*, que era muito empregada como cosmetico. No Brasil, com as folhas da murta, reduzidas a pó, costumão polvilhar a pequena ferida que apparece depois da queda do cordão umbilical das crianças, o que é muito conveniente e racional.

MURURÉ. *Veja-se* MORURÉ.

MUSCULO. Chamão-se musculos aos órgãos vermelhos e carnudos, compostos de uma reunião de fibras mais ou menos parallelas, susceptiveis de contrahir-se e alongar-se, e destinados a mover o corpo em totalidade ou em parte. São os musculos que constituem o que se chama *carne*; formão no homem e nos animaes vertebraes a maior parte da massa do corpo.

Os musculos distinguem-se em *voluntarios* e *involuntarios*. Estes contraem-se sem a participação do individuo, aquelles obedecem á vontade.

Os *voluntarios* são formados por feixes distinctos, e fixão-se em geral aos ossos pelas suas extremidades como um fio preso ás duas pernas de um compasso; são os órgãos essenciaes do movimento, em virtude da propriedade que tem de se contrahir e estender. Quando se contraem ou encolhem, as fibras dobrão-se em zigue-zague e apresentam ondulações angulosas que cessão com a contracção. Começão e terminão quasi todos por aponevroses e tendões que servem para fixa-los aos ossos. São atravessados em todos os sentidos por arterias, veias e nervos.

Os *musculos involuntarios* apresentam-se, pela maior parte, em fórma de membranas mui delicadas, muitas vezes imperceptiveis á simples vista, como nos intestinos ou na bexiga, seja em fórma de bolsas contracteis, como no coração e no útero, que são verdadeiros musculos ôcos.

MOLESTIAS DOS MUSCULOS.

Atrophia muscular. *Veja-se* Vol. I, pag. 267.

Contusão dos musculos. *Veja-se* Vol. I, pag. 685.

Feridas dos musculos. *Veja-se* Vol. I, pag. 1093.

Inflamação dos musculos. *Veja-se* MYOSITE.

Retração dos musculos. Designa-se debaixo d'este nome um estado particular dos musculos no qual o musculo perdeu uma parte do seu comprimento e espessura. De mais, o tecido muscular desaparece, e é substituído por tecido de apparencia fibrosa. Este estado é o resultado de uma alteração do systema nervoso. Os symptomas d'esta affecção varião com a região na qual ella se manifesta. O tratamento consiste em banhos d'agua tepida, maçadura, fricções com balsamo tranquillo, e aparelhos orthopedicos.

Ruptura dos musculos. *Veja-se* RUPTURA.

MUSGOS. Vasto grupo de plantas Cryptogamas e Acotyledoneas, contendo muitas familias. São pequenas plantas annuaes ou vivazes, que gostão dos lugares humidos e sombrios; reúnem-se, pela maior parte, em montões mais ou menos volumosos, quer no chão ou nos rochedos, quer no tronco das arvores, das muralhas ou dos edificios velhos. Fornecem a maior parte dos materiaes com que os passaros constroem os seus ninhos. Os musgos empregados em medicina são: *musgo de Corsega*, *musgo islandico* e *caragaheen*. (*Veja-se* estas palavras.)

As arvores de que o musgo se tem apoderado não tardão a morrer, porque esta planta parasita apropria-se do seu succo, e serve de refugio a legiões de insectos. Eis-aqui um meio facil de o destruir. Por meio de um pincel grosso, cobre-se a casca da arvore com leite de cal espesso. Esta operação deve ser feita na primavera, quando a vegetação principia. O musgo cahe, e a arvore, que parece ter remoçado por este tratamento, cresce com um novo vigor. N'um jardim de pouca extensão, basta esfregar o tronco e os ramos cobertos de musgo com uma escova dura. Executando esta operação depois da chuva, o musgo separa-se facilmente, e as arvores ficão desembaraçadas d'elle por muito tempo.

Musgo de Corsega. *Fucus helminthocorton*, Linneo. Planta marinha que habita nas costas do Mediterraneo e da ilha da Corsega. Fig. 371. Reunião de filamentos numerosos, curtos, entrelaçados uns com os outros, de textura flexivel, de côr vermelha escura, sabor amargo e salgado, e cheiro nauseante. Ha muitis-

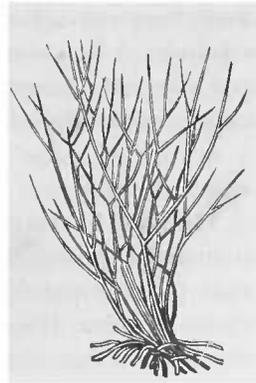


Fig. 371.

Musgo de Corsega.

simo tempo que se emprega o musgo de Corsega como vermifugo, e merece esta preferencia especialmente para as crianças affectadas de lombrigas. Infundem-se 4 grammas (1 oitava) em uma chicara d'agua quente, cõa-se depois, adoça-se com assucar, e dá-se a beber. Os pharmaceuticos preparão com musgo de Corsega um xarope que se administra na dóse de 30 a 60 grammas (1 a 2 onças), e uma gelea da qual se dá uma colher *de sopa*, e mais.

Musgo ou **Lichen islandico**. *Lichen islandicus*, Linneo. Fig. 372. Este musgo, que habita nas regiões septentrionaes da

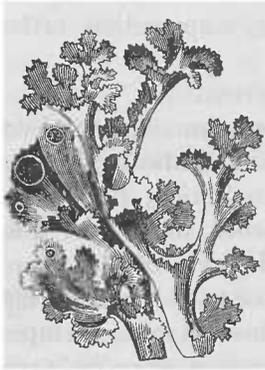


Fig. 372.

Musgo islandico.

Europa, e principalmente na Islandia, contém uma fecula abundante, e um principio amargo. Emprega-se frequentemente em medicina sob a fórma de decocção e geléa; mas suas preparações apresentam differenças essenciaes, conforme contém maior ou menor porção de parte amarga. Uma decocção de musgo não lavado dá esta parte amarga, e constitue uma bebida tonica. O cozimento de musgo que se usa nas molestias do peito prepara-se da maneira seguinte :

Leve ao fogo 5 gram. (1 1/4 oitava) de musgo em 100 grám. (3 onças) d'agua; tire immediatamente do fogo logo que comecçar a ferver; rejeite esta agua, e lave o musgo em agua fria até elle perder quasi todo o seu amargor. Faça-o depois ferver por meia hora em agua sufficiente para obter 1/2 litro (16 onças) de coadura. Adoce com assucar, e, tomado em tres ou quatro doses por dia, este cozimento é mui vantajoso ás pessoas que tem a expectoração abundante.

A *geléa de musgo* toma-se ás colheres *de chá* nas mesmas circumstancias.

MUSICA. Talvez veja o leitor com admiração, entre a triste nomenclatura dos males da humanidade, lançada, como por erro, uma palavra que desperta as sensações mais puras e mais deliciosas; porém, traçando a historia das molestias, devo tambem descrever a dos meios que podem preveni-las ou combatê-las; e um dos agentes mais poderosos sobre o systema nervoso, um d'aquelles de que o medico deve mais esperar ou temer, não poderia passar em silencio.

Chama-se *modo* o tom em que a peça de musica é composta. Os antigos tinham quatro modos principaes. Cada um d'elles podia inspirar paixões differentes: o modo *phrygio* excitava a coragem

e o furor ; o *lydio*, a tristeza, as queixas, os pezares; o *eolio* a ternura e o amor; o *dorio*, a piedade e o respeito para com os deoses.

Hoje não temos rigorosamente senão tons maiores e menores; mas podem ser modificados de muitas maneiras. Roger, que compôz um tratado dos effeitos da musica sobre o corpo humano, conta vinte e quatro modos differentes. O primeiro tom, entre os que se chamão maiores, é cheio de magestade e proprio a inspirar a piedade, e o amor de Deos. O segundo, quando é temperado, convem á ternura e á compaixão; quando é mais animado, excita a alegria. O terceiro e o quarto gerão melancolia, enternecem e fazem derramar lagrimas. O quinto desperta a alma, e a excita ás emprezas difficeis; é notavel por sua nobreza e dignidade. O sexto e o duodecimo, respirão o ardor dos combates e inflammão a coragem. Os modos menores referem-se mais particularmente á tristeza.

A musica pôde acalmar o medo, o pesar, a inquietação e o aborrecimento. Uma branda harmonia distrahe o espirito e livra-o das idéas sombrias, cuja continuação pôde alterar o organismo, provoca um somno reparador, e suspende as dôres phisicas não menos que as moraes. Bem longe de inspirar a castidade, como o julgavão os antigos, a musica (pelo menos a musica moderna) é um estímulo poderoso para o amor; inspira idéas voluptuosas, excita os desejos dos sentidos. A musica excita a imaginação, dá movimento ao espirito, cria, multiplica e desenvolve as idéas. Os pintores, os poetas, os litteratos, podem obter d'ella utejs soccorros. Augmenta tambem as forças musculares. O soldado supporta por mais tempo a fadiga, e executa mais facilmente as marchas forçadas quando é conduzido ao som de instrumentos. Uma senhora debil, que não pôde andar meia hora sem experimentar o maior cansaço, passa toda a noite a dansar.

As pessoas muito sensiveis devem evitar a musica mui dramatica, mui fecunda em emoções, e devem deixar-se enlevar por brandas melodias; tal era a musica predilecta de Napoleão I, pois que ella só o distrahia nos momentos de suas reflexões, sem occupa-lo fortemente. O que acabei de dizer de quem ouve a musica é ainda mais applicavel a quem a executa: as emoções do artista são muito mais fortes se chega a fazer comparti-las; então uma verdadeira febre se apodera d'elle, e n'esta excitação acha um poder sobrenatural; mas como paga caro o artista cstes triumphos de um momento! Pallido, anhelante, coberto de suor, cahe sem sentidos extenuado pelos esforços que fez; e se estas emoções se renovão frequentemente, esgota a vida e morre antes

do tempo : tal é a historia da maior artista do nosso seculo, M^{me} Malibran, que succumbio na idade de 28 annos, morta após dez annos de triumphos. Sem duvida, não é essa a sorte da maior parte das pessoas que exercem a musica : são dados a poucos artistas estes triumphos que matão; mas, como medico direi que as senhoras fracas e nervosas devem moderar o seu gosto por esta arte, evitar a excitação artificial que occasionão os applausos, e esforçar-se em produzir os mesmos effeitos por meios que convem melhor á reserva do seu sexo : encantar pela bella simplicidade de sua execução, sem desejarem excitar o enthusiasmo, que só é proprio a animar-lhes as paixões, e alterar-lhes a saude.

A musica póde, em algumas circumstancias, tornar-se um bom meio curativo. Produzirá os melhores resultados nas molestias nervosas. Uma harmonia branda e suave exerce uma acção calmante que será preciosa nas convulsões hystericas, nos ataques epilepticos, na hypochondria, melancolia, alienação mental; doentes se tem visto, ha muito tempo privados de somno, adormecerem aos sons de uma musica, cujo rhytmo monotono parece animar a imaginação fatigada.

MUTÁ-MUTÁ. Planta trepadeira do Brasil; habita no Pará e Amazonas. Encontra-se nas mattas virgens, enleuada pelas arvores colossaes; tem o tronco formado em zigue-zague. O cozimento do lenho usa-se no Pará contra as tosses e hemoptyses; é adstringente brando e peitoral. Prepara-se este cozimendo fervendo 30 grammas (1 onça) do lenho em 500 grammas (16 onças) d'agua. Emprega-se tambem em xarope. (Dr. Castro, do Pará.)

MYDRIASE. Paralysis da membrana iris caracterizada pela dilatação permanente da menina do olho. É ás vezes um symptoma de gota serena, ou da presença dos vermes nos intestinos. Combate-se dirigindo ao olho vapores estimulantes, taes como os de alcali volatil ou de balsamo de Fioravanti, ou instillando entre as palpebras a dissolução de extracto de fava de Calabar.

MYELITE. Inflammção da medulla espinhal.

Symptomas. A molestia principia por symptomas inteiramente locais. Os doentes experimentão entorpecimentos, caimbras nos membros inferiores, e ás vezes nos membros superiores, conforme a altura na qual existe a séde da molestia. Experimentão um formigamento, isto é, uma sensação como a que produzirão formigas que se agitam. Os movimentos tornão-se difficeis, embaraçados, rijos e incertos; de tempos a tempos sobrevem estremecimentos convulsivos. Muitos d'estes doentes sentem uma dôr fixa n'um ponto do espinhaço. Esta dôr póde ser constante; mas as mais das vezes não se sente senão comprimindo ou perechtindo as apo-

physes das vertebrae correspondentes, ou quando os doentes se deitam de costas. Às vezes emfim, provoca-se esta dôr correndo uma esponja molhada em agua, ou mui quente ou mui fria, sobre todo o comprimento do espinhaço, o que excita na região affectada uma sensação de queimadura, ao passo que em todas as outras partes o doente sente só a impressão ordinaria do calor ou do frio. Independentemente d'esta dôr local, que indica a altura em que a medulla está alterada, existem frequentemente outras dôres, que ora parecem ser uma propagação da precedente, ora são independentes d'ella. Estas dôres occupão os membros inferiores, e especialmente a coxa e a planta dos pés; existem tambem ás vezes á roda do corpo, e parecem ter sua séde nos ramos dos nervos intercostaes. Logo depois sobrevem paralyisia, principiando quasi sempre pelos membros inferiores, estendê-se de baixo para cima. Ao mesmo tempo, a ourina deixa de ser excretada, ou sahe involuntariamente; as materias fecaes podem em geral ficar retidas quando estão solidas, mas, por pouco que sejam liquidas, sahem apezar da vontade do doente, e sem que elle o sintá.

A extensão da paralyisia varia segundo a altura que occupa a alteração da medulla. Se a myelite existe nas regiões dorsal e lombar, os membros inferiores, a bexiga e o recto são as unicas partes affectadas; mas quando a alteração occupa a região cervical, a respiração torna-se curta e difficil, os membros superiores paralyião-se. Ordinariamente a inflammação da medulla não é acompanhada de febre; ás vezes ha só séde, fastio e vomitos.

Causas. A myelite é mais commum na mocidade e na idade adulta; as mais das vezes é espontanea; succede tambem ás violencias exteriores sobre o espinhaço, ou ás fadigas excessivas.

Tratamento. Começa-se o tratamento pela applicação de bichas ou ventosas sarjadas no espinhaço, no lugar affectado. Mais tarde applicão-se causticos volantes, pannos molhados na tintura de iodo. A dieta, o repouso na cama e a immobilidade são indispensaveis no começo da molestia; mas não existindo febre, os doentes podem comer, tendo o cuidado de conservar a liberdade do ventre com clysteres d'agua morna simples ou misturada com 30 gram. (1 onça) de oleo de ricino.

No caso de prisão de ventre rebelde, o doente deverá tomar todos os dias uma ou duas pilulas seguintes :

Aloes..	1 gramma (20 grãos)
Gomma-gutta	1 gramma (20 grãos)
Xarope simples.	.. quantidade bastante.
Faça 20 pilulas.	

É muito util o uso dos banhos geraes d'agua tepida, de tres quartos de hora a uma hora de duração, e frequentemente repetidos.

Mais tarde fação-se fricções no espinhaço com oleo de croton tiglium ou com pomada stibiada, até produzir uma erupção de botões. Eis-aqui as receitas :

- | | |
|----------------------------|------------------------|
| 1ª Oleo de croton tiglium. | 8 grammas (2 oitavas). |
| 2ª Pomada stibiada. | 30 grammas (1 onça). |

Abra-se uma fonte no lugar correspondente á inflammação da medulla.

Os banhos e as duchas d'aguas sulfurosas, taes como as das Caldas da Rainha em Portugal, ou da villa de Caldas na provincia de Minas Geraes, no Brasil, empregão-se com vantagem n'esta molestia.

MYOPIA. Assim se chama o estado das pessoas que tem a vista curta, e só vêem os objectos de perto. Este vicio reconhece ordinariamente por causa a excessiva convexidade do olho. Ás vezes é adquirido. Assim nas crianças póde resultar do máo costume de olhar de mui perto; observa-se tambem nas pessoas que tem quasi continuamente os olhos fixos sobre objectos míudos, como os relojoeiros, abridores, etc. A myopia é em geral incuravel; entretanto, acontece ás vezes que, occasionando os progressos da idade um achatamento dos olhos pela diminuição da densidade ou quantidade dos humores d'estes orgãos, a vista recobra o seu alcance ordinario. Ella se restabelece ainda quando a myopia é effeito do máo costume. N'este caso, convem que o myope se exercite a olhar para os objectos de uma distancia que deve ser cada vez mais consideravel. A habitação da roça em um paiz descoberto, viagens de mar, são mui proprias para conseguirem este fim. Ás crianças que tem contrahido este costume, é necessario mostrar-se-lhes, a uma distancia conveniente, objectos capazes de excitar-lhes a curiosidade, e impedir-lhes que approxímem muito dos olhos as cousas que querem ver. Quando a affecção depende do vicio de conformação, é preciso limitar-se ao uso dos oculos concavos. Convem ter a cautela de pôr os oculos sempre na mesma distancia dos olhos. Para a escolha dos oculos. *V* OCULOS.

MYOSITE. Inflammação do tecido muscular. É caracterizada por dôres vivas que augmenta o movimento; pela inchação e endurecimento mal limitado da região dolorosa, pela vermelhidão pouco intensa quando os musculos são superficiaes. Os doentes tem uma tendencia instinctiva a pôr os musculos no mais completo repouso. Esta inflammação tem uma marcha lenta; a suppuração, quando tem lugar, não principia senão doze ou quinze

dias depois do começo da molestia; apparecem então todos os symptomas que caracterizão um abcesso (*veja-se* vol. 1, pag. 3). A myosite é muitas vezes seguida de induração do tecido cellular, intra-muscular, que torna difficeis os movimentos durante algum tempo.

Causas. A myosite resulta das fadigas excessivas, acções musculares exageradas, esforços violentos e prolongados nas pessoas que não estão habituadas a elles.

O *tratamento* compõe-se de cataplasmas de linhaça ou de fecula, de banhos d'agua tepida. Se se formar um abcesso, será preciso abri-lo quanto antes.

MYRABOLANO ou MYROBOLANO. Fructos seccos que provém da India de diversas especies do genero *Terminalia*, e de que ha cinco especies, a saber *citrinos*, *chebulos*, *indicos*, *belericos* e *emblicos*. Os *citrinos* são de côr amarella avermelhada, gosto adstringente e desagradavel, tem a fórma de ameixas, o comprimento 2 centimetros e 1/2 a 3 centimetros e 1/2; contém uma amendoa. Os *chebulos* são alongados, tem 30 a 40 centimetros de comprimento, e 18 a 20 de espessura, superficie enrugada, côr roxa, raras vezes amarellada, polpa adstringente. Os *indicos* são do tamanho e da fórma de azeitonas. Os *belericos* tem o tamanho de uma moscada. Os *emblicos* são globosos, do tamanho de uma cereja, deprimidos ao centro. Os myrabolanos erão antigamente empregados como adstringentes; hoje não se usão.

MYRRHA. Gomma-resina produzida por um arbusto da Arabia chamado por Nees *Balsamodendron myrrha*, da familia das Terbinthaceas-burseraceas. É em lagrimas ou grãos irregulares, frageis, semi-transparentes, de côr amarella avermelhada, cheiro aromatico pouco agradavel, sabor amargo. A myrrha é um medicamento excitante e tonico. Emprega-se nos catarrhos pulmonares chronicos, em pó, na dóse de 50 centigrammas a 4 grammas (10 grãos a 1 oitava). A *tintura*, diluida em agua, usa-se externamente em injectões nos trajectos fistulosos.

N

NABO. *Brassica napus*, Linneo. Cruciferas. Planta bisannual, cultivada no Brasil e em Portugal, cuja raiz tuberosa é empregada como alimento. Existem varias fórmas da raiz de nabo; ha nabos oblongos, achatados, globosos, etc. Fig. 375. É um ali-

mento agradável, e de fácil digestão; convem sobretudo ás pessoas que soffrem do peito. Preparão-se com este legume varias iguarias, quer com carne, quer empregando-se o nabo só com gordura.

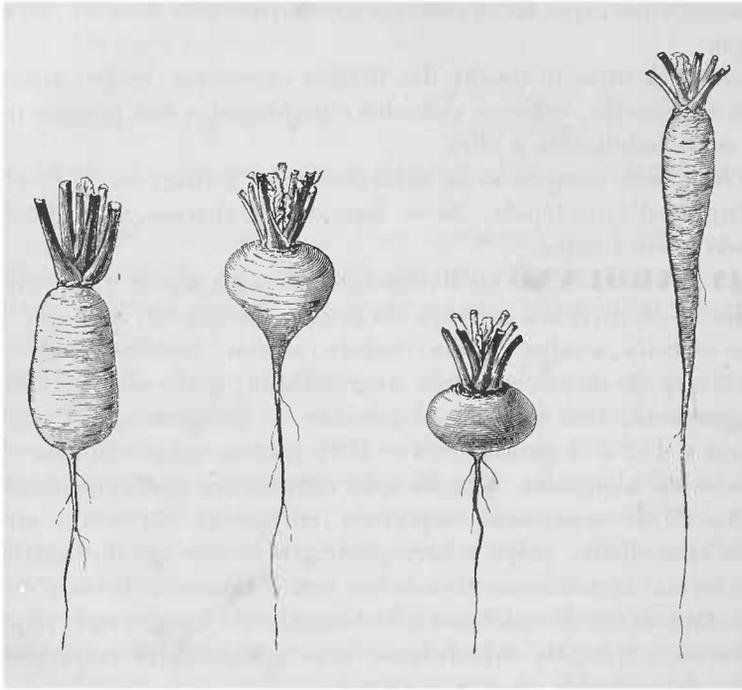


Fig. 373.

Nabo das virtudes,
branco, collo
esverdeado.

Nabo meio
redondo,
branco.

Nabo bola
de ouro,
amarello.

Nabo
comprido,
preto.

NADAR. *Alguns preceitos sobre a natação.* § 1. O corpo humano, com o peito cheio de ar, é mais leve do que a agua. Este facto, se fosse mais geralmente conhecido, impediria que muita gente morresse afogada. O corpo humano, com o peito cheio de ar, boia naturalmente com a metade da cabeça de fóra, sustenta-se ao lume da agua como um pedaço de páo. Por conseguinte, a unica cousa que se deve fazer para respirar, consiste em conservar esta parte fóra d'agua. Se a pessoa, que não sabe nadar, e que cahe na agua conservasse bastante presença de espirito para se deitar de costas, de maneira que o rosto fique fóra da agua, poderia então respirar livremente e esperar soccorros. Consegue-se isto inclinando para traz a parte superior do corpo, estendendo as pernas em linha recta, applicando os braços sobre os lados do tronco e dentro da agua, virando a cabeça para traz e deixando-a mergu-

lhada até aos ouvidos, ficando só o rosto fóra d'agua. Não ha inconveniente em que a agua se introduza nos ouvidos; pois que não póde penetrar além de um septo membranoso que existe no interior do conducto auditivo. Os braços assim como os membros inferiores devem estar dentro da agua. Se os braços estivessem fóra da agua, não perderião do seu peso uma parte equivalente ao liquido deslocado, e a totalidade d'esse peso viria juntar-se ao peso da cabeça para a fazer afundar.

§ 2. Os nadadores estão expostos a uma contracção muscular na perna, chamada *caimbra*, que tira toda a força a este membro. Mas o nadador não deve assustar-se; com sangue-frio este mal não é temivel. Logo que se sentir uma caimbra na perna ou no pé, deve-se estender este membro com força agitando o calcanhar e levando os pés para cima; se estes esforços não tiverem bom exito, convem virar-se de costas e deixar-se boiar, ou então nadar com as mãos, até chegarem os soccorros. Se a caimbra não se ápodcrou senão de uma perna, o nadador póde ainda servir-se da outra; se ambas se acharem paralyzadas, nade com os braços. Importa sobretudo conservar a presença de espirito: porque o mais habil nadador, se se abandonar ao medo, se ficar desatinado, corre os mesmos perigos que aquelle que não sabe nadar.

Os *soccorros que se devem dar aos afogados* estão descriptos no vol. I, pag. 47, e a maneira de soccorrer uma pessoa que se afoga está indicada no vol. I, pag. 50. Quanto aos effeitos salutaes que produz o exercicio da natação, veja-se vol. I, pag 1032.

NADEGA (DÔR NA). *Veja-se* COXALCIA, vol. I, pag. 743.

NAFÉ DE ARABIA. *Veja-se* QUIGOMBÓ.

NAPHTA. Substancia liquida, transparente, incolor ou algum tanto amarellada, de cheiro excessivamente penetrante, mui inflammavel, e ardendo com uma bella chamma que não deixa residuo: é mais leve do que a agua e compõe-se de carbone e de hydrogeneo. A naphtha é uma especie de betume; é rara na natureza no estado puro. As principaes fontes conhecidas achão-se nas margens do Tigre e do mar Caspio, e na Italia, na aldeia de Ammiano. Extrahe-se tambem do petroleo: d'onde lhe veio o nome vulgar de *oleo de petroleo*. A naphtha serve para luzes; serve tambem para dissolver a borracha, e afasta os insectos das fazendas de lã. Emfim conservão-se na naphtha substancias, como o potassio e o sodio, para preserva-las da acção do oxygeneo do ar.

NAPHTALINA. Substancia que se obtem pela distillação do carvão de pedra. É concreta, crystallizada em laminas, volatil, de cheiro aromatico, insoluvél na agua; soluvél no alcool, ether,

nos oleos volateis e graxos. É aconselhada internamente contra a bronchite chronica na dóse de 1 gramm (20 grãos); e externamente contra as molestias cutaneas, em pomada:

NARCOTICOS. Dá-se o nome de narcoticos aos medicamentos que tem a propriedade de adormecer. Todos tem um cheiro viroso e produzem, em maior ou menor dóse, um envenenamento chamado *narcotismo*. Administrados convenientemente, podem ser uteis no tratamento das molestias nervosas, dos rheumatismos e de quasi todas as affecções acompanhadas de dôres intensas. A esta classe de medicamentos pertencem o opio, a morphina, o chloral, belladona, herva moira, meimendro, cicuta, figueira do inferno, tabaco, lactucario, thridacio, trombeteira. *V* estas palavras.

NARCOTISMO. Reunião dos effeitos produzidos pelas substancias narcoticas. Uma vez o narcotismo limita-se a uma modorra mais ou menos profunda, e constitue, em certos casos, uma medicação util; outras vezes é um verdadeiro envenenamento caracterizado por um entorpecimento geral, somnolencia, vertigens, nauseas, um estado de embriaguez ou de apoplexia, delirio contínuo, dilatação das meninas dos olhos, convulsões, etc. Quando o narcotico produzio este effeito, é preciso incontinente administrar 5 centigrammas (1 grão) de emetico n'um copo d'agua, e depois dar ao doente uma chicara de café.

NARIZ. O nariz é um orgão pyramidal situado no meio do rosto, com duas aberturas inferiores chamadas *ventas*, que dão entrada a dois conductos, as *fossas nasaes*, que communicão com a garganta. As funcções das fossas nasaes consistem em fazer supplemento ás vias respiratorias e constituir o orgão do olfato. O nariz é composto de ossos, cartilagens, musculos e pelle.

MOLESTIAS DO NARIZ.

§ 1º **Vicios de conformação.** O nariz póde apresentar muitos vicios de conformação, que exigem varios tratamentos. Assim, as aberturas do nariz podem ser tapadas, ou pelo menos demasiado estreitas; esta lesão é ordinariamente consequencia de algum accidente, tal como uma queimadura, o effeito de uma ulceração syphilitica ou outra, etc. Se as *ventas* estiverem tapadas, será preciso abri-las com um instrumento cortante, e em todos os casos dilata-las por meio de esponjas preparadas.

§ 2º A **falta do nariz** é um phenomeno raro, salvo se esta perda foi produzida por uma ferida ou uma molestia; e quando tem lugar, é preciso limitar-se a fazer uso de um nariz postiço, ou recorrer a uma operação chamada *rhinoplastia*, que consiste em fazer um nariz com a pelle das partes vizinhas.

§ 3º Frequentemente o nariz é **desviado** : não se trata d'essa leve inclinação para a direita que é attribuida ao costume de nos assoarmos com a mão direita, mas dos narizes tortos que constituem verdadeira deformidade. Imaginou-se um apparelho particular, feito de panno de linho, que tem por fim restabelecer o nariz na sua direcção natural. Mas este apparelho, para ser efficaz, deve ter uma acção constante e prolongada.

§ 4º **Feridas do nariz.** *Veja-se* FERIDAS, vol. I, pag. 1093.

§ 5º **Fracturas do nariz.** *Veja-se* vol. I, pag. 1192.

§ 6º **Queimaduras do nariz.** As queimaduras do nariz exigem todos os cuidados. Muitas deformidades podem resultar de uma cicatrização viciosa. Assim, tem-se observado ficar a ponta do nariz unida com o beijo ou á face, ou o orificio das ventas ficar estreitado, e até inteiramente obliterado. Cumpre, por conseguinte, haver toda a attenção durante a cicatrização. Conforme os casos, é preciso introduzir mechas de fios ou uma sonda nas ventas; é necessario pôr um panno de linho entre o nariz e o beijo ou o rosto, e por meio de ataduras convem dirigir o nariz para uma direcção opposta áquella para onde o puxa a cicatrização viciosa.

§ 7º **Ulceras do nariz.** Varias ulceras ou chagas podem desenvolver-se no nariz. Estas ulceras são *venereas*, *cancerosas*, *dartrosas*, *escrophulosas* e *morpheticas*. Exigem o tratamento proprio a cada uma das molestias de que são symptoma. *Veja-se* tambem ACNE, GOTA ROSADA, e LUPO.

§ 8º **Tumores do nariz.** Tumores de diversa natureza podem manifestar-se no nariz. Uns são de pequeno volume e de natureza benigna; estes não exigem cuidado algum. Lobinhos ou kystos, que se desenvolvem ás vezes, necessitam extirpação.

Tumores cancerosos. Os verdadeiros cancos do nariz são as mais das vezes encephaloides. (*Veja-se* CANCRO, vol. I, pag. 445.) Tem o aspecto fungoso, e deitão sangue. Tratão-se pela excisão ou cauterização.

No nariz desenvolve-se ás vezes a fórmula do cancro que se chama *cancro epithelial*, *cancroide*. Principia por um pequeno botão com comichão que leva o doente a coçar-se; d'aquí vem uma excoiação que se cobre de uma crosta que o doente tira, mas que torna a apparecer. Declara-se a ulcera, que augmenta pouco a pouco. É preciso ataca-la com as preparações causticas, e principalmente com a mistura de açafão em pó e acido sulfurico.

Tumores elephantiacos. O nariz de certos individuos transforma-se ás vezes em massa de côr vermelha violacea ou cinzenta. Esta alteração, que só parece ser um desenvolvimento exagerado dos tegumentos naturaes do nariz, pôde adquirir uma extensão tal,

que resulte d'isso um tumor analogo, quanto á sua natureza, aos tumores elephantiacos do escroto. Chegão estes tumores a ter o peso de muitas libras. Nenhuma dôr causão; ordinariamente não experimentão transformação de má natureza, e como não é possível cura-los sem operação, os doentes não se occupão d'elles senão na epôca mui adiantada do seu desenvolvimento. Devem ser extirpados com bisturi.

§ 9º **Rhinoplastia.** Assim se chama a arte de fazer um nariz inteiro, ou em parte, com uma porção de pelle tirada na vizinhança, ou n'um lugar mais remoto. As causas que produzem a destruição do nariz e que obrigão a recorrer á rhinoplastia são: feridas, queimaduras, úlceras, gangrena, etc. Existem tres methodos de fazer um nariz.

I. Os antigos, taes como Celso, Galeno, etc., conhecião a arte de restaurar os narizes em que um accidente qualquer havia produzido uma perda de substancia. Seu methodo consistia em dissecar de cada lado do nariz um pedaço quadrado da pelle, que depois approximavão da linha mediana. Este methodo foi seguido e modificado pelos modernos, mas não é applicavel a todos os casos, e não sendo consideravel o espaço que se pôde cobrir com os pedaços lateraes, segue-se d'isto que o methodo de Celso não pôde ser empregado senão nos casos em que a perda de substancia é pequena.

II. Muitos cirurgiões italianos da idade média descreverão um processo inteiramente novo. O methodo italiano consiste em cortar no braço um pedaço de pelle semelhante á fôrma do nariz que se quer reconstruir, mas que deve tambem ser adherente por sua base; então, depois de cortadas as margens do nariz destruido, o doente encolhe o braço, de maneira que possa tocar o rosto; une-se então a porção cortada no braço, applicando a ponta entre os dois olhos, e os lados sobre as margens das ventas. Os pontos de costura e as ataduras mantêm as partes n'esta posição penosa. Depois de feita a reunião, o cirurgião corta a base do pedaço da pelle, dando-lhe a fôrma da ponta e das azas do nariz, separa-o do braço, que fica livre, e reúne o resto do nariz artificial ao orificio das ventas. Durante algum tempo, introduz-se nas ventas uma sonda de prata, afim de se lhes dar uma fôrma approximada da fôrma natural. Este methodo está hoje completamente abandonado.

III. A mutilação do nariz era um supplicio usado na India, e por isso a destreza e humanidade dos homens, que se occupavão da arte de curar, vierão em soccorro das desgraçadas victimas da barbaridade. A rhinoplastia é praticada n'este paiz desde tempo

immemorial. O processo empregado pelos Brahmanes é o mais simples e o melhor. Desenha-se sobre a testa o modelo de um nariz, cuja base toque nos cabellos e cujo apice se confunda com a raiz do nariz mutilado. Este molde é cortado e dissecado com cuidado; então virando-o, sobre o rosto e torcendo o pedunculo, o operador applica-o, e segura-o por meio de uma costura, no lugar do orgão destruido. Depois de effectuada a reunião, corta-se o pedunculo torcido, afim de se dar ao nariz, assim reconstruido, uma fórma mais regular. Este methodo é quasi geralmente adoptado pelos cirurgiões modernos que julgão dever praticar a rhinoplastia.

Que devemos pensar da rhinoplastia? Com excepção de certas mutilações *parciaes* que podem ser restauradas facilmente e sem perigo, mediante um pedaço de pelle cortada na vizinhança, não convem praticar a rhinoplastia. Esta operação não é isenta de perigo; ás vezes tem occasionado a morte. Os narizes postiços de prata, de folha de Flandres ou de papelão pintado, podem ser fabricados com tanta habilidade, que imitem perfeitamente o orgão verdadeiro. Para tornar a applicação mais exacta e a illusão mais perfeita, podem adaptar-se com olhos; ou, para esconder a parte inferior, o individuo, se fôr homem, deixará crescer os bigodes. D'esta maneira a illusão será a mais completa possivel.

§ 10º **Chagas, ulceras ou feridas no interior do nariz.** Nas fossas nasaes ha ulceras como em todas as outras partes do corpo. Sem fallar das que são symptoma do mormo, existem ulceras que dependem do vicio escrophuloso, dartroso, escorbutico, canceroso, e venereo. Algumas succedem a um polypo tratado por excisão ou cauterização; emfim, existe uma ulcera que é acompanhada de um cheiro fetido caracteristico, e que se chama *ozena*: trato d'ella no artigo OZENA.

As ulceras que dependem da syphilis, das escrophulas, do escorbuto, tem caracteres communs a todas essas ulceras, em qualquer parte que se encontrem. (*Veja-se* o artigo ULCERA.) Ordinariamente distinguem-se menos pelos caracteres proprios do que pela constituição geral do doente. O tratamento geral consiste em medicamentos internos, apropriados á natureza de cada uma das molestias que tem estas ulceras por symptoma, e de algumas applicações locaes, taes como ceroto sulfureo, unguento mercurial, etc., conforme os casos. As ulceras que se desenvolvem sem causa geral, e se mostram de ordinario perto do orificio das ventas, devem ser principalmente tratadas pelas applicações emollientes. Aos banhos com cozimento de linhaça ou de malvas, é preciso ajuntar ceroto simples ou coldcream. As ulceras que resultão da extracção dos polypos sãrão pela cauterização com pedra infernal.

§ 11º **Polypos das fossas nasaes.** Os polypos são tumores de diversas naturezas, que se desenvolvem nas cavidades cobertas por uma membrana mucosa. Existem frequentemente nas fossas nasaes. Conforme a sua estructura dividem-se em duas classes: 1º *polypos molles, mucosos vesiculares*; 2º *polypos fibrosos*.

Os *polypos mucosos*. São molles, de côr cinzenta, deixando escorrer, quando se cortão, grande quantidade de serosidade; fazem-se em pedaços quando se comprimem. São pegados á membrana mucosa do nariz, quer por uma superficie larga, quer por um pediculo estreito e mais ou menos alongado. São solitarios ou multiplos; occupão ás vezes as duas fossas nasaes. Tendem sempre a augmentar de volume; pelo que enchem a metade, ou os tres quartos da fossa nasal. Ás vezes proeminão para diante e para traz. Geralmente não tem acção sobre os ossos; mas, chegados para diante, deslocão as cartilagens, de maneira que a venta fica ás vezes consideravelmente dilatada.

Os *polypos fibrosos* são duros, resistentes, brancos interiormente, formados de fibras entrecruzadas. A sua base é larga ou pediculada; são muito mais vasculares do que os polypos mucosos e quasi sempre solitarios. Estes tumores apartão as paredes osseas que se oppõem ao seu desenvolvimento, deslocão a separação das ventas, deprimem a abobada palatina e podem repellir para diante os proprios ossos do nariz.

Causas. As causas dos polypos do nariz são mui obscuras. Os autores citão casos em que pancadas, quédas, emfim violencias experimentadas sobre o nariz forão seguidas do desenvolvimento de polypo. Cita-se o caso de ter sobrevivido um polypo depois da extracção de um feijão introduzido no fundo da venta. Por outro lado, achão-se tambem observações em que nenhuma causa apreciavel póde ser apresentada; e mesmo o numero d'estes casos é muito mais consideravel do que o dos precedentes.

Symptomas. A principio, o polypo do nariz causa só algum incommodo, que se attribue a defluxo; mas a pessoa não tarda a ser desenganada pela persistencia d'este leve soffrimento. O tumor adquire um desenvolvimento mais ou menos rapido; a respiração pelo nariz torna-se mais difficil, a ponto que o doente é obrigado sobretudo durante a noite, a dormir com a bocca aberta, experimenta frequentemente a necessidade de assoar-se; fica com a falla fanhosa. Estes symptomas diminuem em tempo secco e augmentão com o tempo humido, nos casos de polypos mucosos. O estado hygrometrico do ar não exerce influencia sobre os polypos fibrosos. Virando a cabeça para traz, e examinando o interior da fossa nasal, avista-se uma substancia de côr cin-

zenta avermelhada, coberta de mucosidades. O dedo introduzido no interior da venta, ou por detraz do véo do paladar, sente um tumor molle, elastico, sendo um polypo mucoso; duro, resistente, quando o polypo é fibroso. Fazendo-se assoprar com força o paciente, verifica-se que o ar não passa ou passa com assobio pela venta obstruida. N'esta experiencia o enfermo sente no nariz um corpo que muda de lugar; ás vezes ouve-se um certo ruido.

Diagnosticó. Os polypos podem ser confundidos, no começo, com defluxo, com abcesso, com inchação da membrana mucosa do nariz, com corpos estranhos nas fossas nasaes; mas pelo soccorro dos symptomas que acabei de indicar, e indagando as circumstancias antecedentes dos enfermos, é facil evitar o erro.

Prognostico. É pouco grave para os polypos mucosos, mais serio nos polypos fibrosos por causa da deformação que produzem apartando os ossos. Ás vezes os polypos desaparecem espontaneamente; e é sempre facil tira-los. Simples e leve, quando está no principio, esta affecção torna-se grave quando o tumor abandonado a si mesmo, faz sem cessar progressos e põe obstaculo á respiração e á deglutição, ou produz suppurações abundantes; é preciso pois tratar de cura-lo ou, pelo menos, diminuir-lhe temporariamente o volume.

Tratamento. Os meios aconselhados para curar os polypos são:

1º A *exsiccación* pela applicação dos adstringentes liquidos ou em pó, como a pedrahume, o sulfato de zinco, o tannino. As soluções d'estas substancias são aspiradas ou injectadas; empregão-se os pós introduzindo na venta uma bolinha de fios humidos e polvilhados do medicamento. Este methodo produziu algumas curas dos polypos mucosos, mas é muito longo, e muito incerto; existem outros meios mais efficazes.

2º *Excisão.* Applica-se aos polypos fibrosos; é difficil quando o tumor é profundo.

3º *Ligadura.* Convem tambem sobretudo nos polypos fibrosos; mas é de applicação difficil.

4º *Arrancamento.* É o methodo mais geralmente empregado; e simples e não determina geralmente accidentes. Quando o polypo é duro e resistente, o arrancamento deve ser acompanhado do movimento de rotação ou de torsão do pediculo.

Qualquer que seja a operação empregada, é necessario repeti-la de vez em quando, porque o polypo torna a nascer depois de extrahido, quando não se lhe pôde tirar a raiz, o que acontece as mais das vezes. O polypo tem sido ás vezes curado sem operação. Em certos casos destaca-se e é expulso n'um esforço de tosse, de vomitos, ou quando o paciente se assóa. Tem-se tambem obser-

vado polypos que cahirão espontaneamente, ou desaparecerão em consequencia de uma suppuração. Estes factos, porém, são excepcionaes.

§ 12º **Corpos estranhos** de diversa natureza podem introduzir-se casualmente nas fossas nasaes; o que acontece sobretudo ás crianças que mettem no nariz feijões, caroços de frutas, grãos de café, etc. O que se deve fazer n'este caso acha-se indicado no vol. I, pag. 730.

§ 13º **Hemorragia pelo nariz.** *Veja-se* vol. II, pag. 120.

§ 14º **Defluxo.** *Veja-se* vol. I, pag. 786.

§ 15º **Bichos no nariz.** *Veja-se* BICHEIRO, vol. I, pag. 349.

§ 16º **Quedas sobre o nariz.** As quedas sobre o nariz podem produzir uma *hemorragia*, uma *contusão* ou uma *ferida*. A primeira cousa que se deve fazer é applicar pannos molhados em agua fria. Se o sangue correr com força, devem-se tapar as ventas, introduzindo n'ellas pannos molhados em agua fria. Se houver ferida, convem banha-la por algum tempo com agua fria, e reunir, depois, as margens com tiras de emplasto adhesivo ou com encerado inglez. Ás vezes, estas quedas produzem *fractura* dos ossos: o que se deve fazer n'este ultimo caso está indicado no artigo FRACTURA, vol. I, pag. 1192.

§ 17º **Vermelhidão do nariz.** A pelle do nariz torna-se vermelha nas pessoas affectadas de gota rosada, de lupo, erythema escrophuloso, e, nas pessoas idosas, quando a pelle se enche de varizes capillares.

O tratamento consiste em lavar o nariz com agua avinagrada muito quente, em applicar coldcream, glicerina ou as pomadas seguintes:

1º Ceroto sulfureo.	30 grammas (1 onça).
2º Calomelanos	4 grammas (1 oitava)
Banha benzoinada.	36 grammas (9 oitavas).

NASCIDA. Dá-se este nome vulgarmente á *postema* e ao *fruncho*.

NASCIMENTOS, SERODIOS e TEMPORÃOS. *Veja-se* GRAVIDEZ.

NATAÇÃO. *Veja-se* NADAR e EXERCICIOS.

NAUSEA. Vontade de lançar. Esta sensação penosa precede os vomitos. (*Veja-se* VOMITOS). Quanto ás nauseas que sobrevem durante as viagens de mar, *Veja-se* ENJÓO, Vol. I, pag. 926.

NECROSE. Estado de um osso ou de uma porção de osso privado de vida. A necrose é para os ossos o que a gangrena é para as partes molles. A parte mortificada, que se chama *sequestro*, isola-se das partes sãs; mais tarde é expulsa, e ao mesmo tempo o tecido mortificado reproduz-se e enche o vacuo deixado pela

eliminação do sequestro. O osso affectado de necrose tem geralmente a superficie desigual, rugosa; a côr menos rosea, branca, amarella, roxa e mesmo preta; apresenta-se debaixo da fórma de laminas ou de fragmentos. Quando o sequestro se acha na superficie do osso, perde depois de certo tempo as adherencias com a porção ossea sã, solta-se e é expulso com a suppuração que se formou diante d'elle. O sequestro fechado, ou, como se diz, invaginado n'uma cavidade formada pela porção sã do osso, não pôde ser expulso senão depois de atravessar este osso e as partes molles que o cobrem. Muítas vezes é necessario alargar-lhe o caminho.

Causas. A necrose pôde depender de uma causa externa, ou de uma causa interna, variavel na sua natureza. As causas externas são os ferimentos do osso, as contusões, os derramamentos do sangue entre o osso e a membrana que o cobre e que se chama *periostio*, as fracturas que produzem esquirolas, a inflammação primitiva do periostio, seguida de abcesso na superficie do osso, a mesma inflammação occasionada pelo contacto do pus de um abcesso vizinho, etc. Em todos estes casos, comprehende-se facilmente a maneira por que sobrevem a mortificação; porque a propria causa priva o osso subitamente da vida, ou rompe-lhe as communicações vasculares. As causas internas são a syphilis constitucional, o escorbuto, as escrophulas e a affecção rheumatismal; estas molestias produzem a inflammação do osso ou do seu periostio, e em seguida occasionão a necrose ou morte do osso.

Symptomas. Varião conforme a necrose occupa a superficie ou a parte profunda de um osso.

No primeiro caso (*necrose superficial*) os doentes sentem durante mais ou menos tempo, uma dôr surda e fixa pelo trajecto de um osso. Mais tarde forma-se, no lugar correspondente á molestia, um tumor mal circumscripto, que se confunde por sua base com o osso, sem mudança na côr da pelle correspondente. Este tumor torna-se depois fluctuante, e augmenta de volume pela propagação da inflammação suppurativa ás partes molles vizinhas. A postema abre-se no exterior, e deixa sahir pus misturado ás vezes com parcellas de osso. A abertura não se fecha; converte-se em fistula, pela qual é facil introduzir um estylete até á superficie do osso mortificado, e verificar, por meio d'este instrumento, se a superficie é dura e rugosa.

Quando a necrose occupa a espessura de um osso, a molestia principia tambem por dôres que durão geralmente muito tempo antes da producção de algum outro signal local. Passado certo tempo, manifesta-se uma inchação que se estende ás vezes ao

membro todo, desigual, dura, resistente; conhece-se, ao apalpar, o augmento do volume do osso. Depois formão-se abcessos mais ou menos numerosos que arrebentão e se convertem em fistulas, cujo orificio se cobre de carnes lividas que deitão sangue ao menor contacto. Introduzindo um estylete por estes trajectos fistulosos, chega-se logo ao osso, e nas circumstancias mais favoraveis, ou pelo facto de uma exploração repetida, entra-se com o instrumento dentro de uma das aberturas ou cavidades que o novo osso apresenta. No fundo da cavidade, o estylete encontra o sequestro com os caracteres physicos que lhe são próprios.

Na necrose superficial, raras vezes existem phenomenos geraes internos; na profunda, os doentes experimentão dôres violentas, profundas e contínuas; tem uma febre intensa, fastio, insomnia; se o sequestro não fôr expulso, a suppuração torna-se abundante e pôde enfraquecer o doente.

Diagnostic. A necrose pôde ser confundida com a carie; a exploração dos trajectos fistulosos, que succedem a qualquer d'estas duas affecções, é necessaria para distingui-las. Na necrose, o estylete encontra uma superficie dura, resistente, rugosa, dando pela percussão um som duro e secco; na carie, o estylete acha uma superficie irregular e molle, facil de penetrar e fornecendo, durante a passagem do instrumento atravez da substancia ossea alterada, uma sensação de crepitação especial produzida pela ruptura de uma serie de septos osseos. Os symptomas que se manifestão no principio da necrose, dôres, inchação, são mui vagos para que se possa distinguir, de qualquer outra molestia do osso, inflammação ou carie: a marcha ulterior da molestia esclarecerá o diagnostico. Reconhecida a necrose, cumpre determinar a sua séde. Na necrose superficial, o estylete encontra o sequestro na superficie do osso; na profunda, o mesmo instrumento não chega ao sequestro senão depois de atravessar uma cavidade estreita cavada na espessura do osso. Determina-se facilmente a extensão da necrose na molestia superficial; difficilmente, na profunda. Para reconhecer se um sequestro é movel, é necessario buscar imprimir-lhe movimentos com um forte estylete que se dirige pela sua superficie.

Prognostico. A necrose é pouco grave quando superficial e limitada; pôde enfraquecer muito os doentes pela abundancia da suppuração quando é profunda e extensa. Sendo as causas iguaes, apresenta menos gravidade quando occupa uma região accessivel aos meios cirurgicos.

Tratamento. É geral ou local. O tratamento geral tem por fim combater a causa que originou a necrose, quando a mortificação

do osso é produzida pela syphilis, escorbuto, escrophulas, etc. N'estes casos é preciso administrar internamente os medicamentos que se empregão contra estas molestias. *Veja-se* SYPHILIS, ESCORBUTO, ESCROPHULAS. Se a nevrose foi originada por contusão, abcesso vizinho ou outra causa externa, não ha tratamento interno a seguir.

O tratamento externo apresenta tres indicações : prevenir a necrose, se fôr possível ; favorecer a expulsão do sequestro ; combater os accidentes locaes e geraes que possão manifestar-se durante o curso da molestia.

1º Prevenir a mortificação. — Quando um osso foi posto a descoberto por um ferimento, é preciso applicar quanto antes as partes molles sobre a sua superficie. Se em consequencia de uma contusão, houver derramamento de sangue entre o osso e o periostio, se se formar pus debaixo d'esta membrana, dê-se immediatamente sahida ao liquido derramado, fazendo-se uma incisão prolongada até ao osso.

2º Favorecer a expulsão do sequestro. — Se o sequestro fôr pouco extenso e superficial, póde extrahir-se logo que fôr movel, agarrando-o com uma pinça ; se o sequestro tardar a tornar-se movel, será preciso imprimir-lhe muitas vezes movimentos com um forte estylete ou com o ramo de uma pinça, afim de romper suas adherencias com as partes subjacentes. Se o sequestro se achar invaginado, convem esperar, para fazer a sua extracção, que o novo osso tenha adquirido a devida solidez. Aliás póde-se, como no caso de necrose superficial, apressar a mobilidade do sequestro, abalando-o com tracções mecanicas. Buscar-se-ha abrir-lhe caminho, agarrando-o com uma forte pinça introduzida por uma das aberturas do osso. Se a abertura não fôr bastante grande, augmentar-se-ha por meio do trepano.

3º Combater os accidentes locaes e geraes. — Combate-se a inflammação local com cataplasmas de linhaça ou de fecula. Durante o periodo de suppuração, sustentem-se as forças do doente, e não se deixe o pus demorar-se sobre o osso. Depois da expulsão do sequestro, o paciente não se deve servir do membro senão muito tempo depois da cura, afim de lhe dar o tempo necessario para adquirir solidez.

NEPHRITE. Inflammação dos rins.

Causas. Esta molestia póde sobrevir espontaneamente ; porém as mais das vezes succede depois de alguma violencia exterior, tal como pancadas, quedas, feridas, commoções ; póde ser produzida pelo abuso das bebidas alcoolicas, por alimentação mui succulenta e mui temperada ; pela acção das cantharidas e do frio humido.

Symptomas. A inflamação dos rins principia ordinariamente por um calefrio. Logo depois manifesta-se nas cadeiras, de um ou dos dois lados, uma dôr viva, aguda e profunda, que se propaga á bexiga, virilha, escroto, e ás vezes até á coxa; augmenta pela pressão das cadeiras, pelos movimentos, tosse, riso e esforços para ir á banca. As ourinas são pouco copiosas e vermelhas, e contém em geral depositos mucosos ou purulentos. Ao mesmo tempo existe febre mais ou menos forte, e proporcionada á intensidade da molestia; quasi sempre tambem se nota algum desarranjo nas funcções digestivas, como bocca amarga, lingua saburrosa, nauseas e prisão de ventre. A nephrite termina ordinariamente pela resolução; então os symptomas precedentes desapparecem pouco a pouco, e as ourinas voltão ao seu estado normal. A molestia tem n'este caso uma duração que varia entre sete e quinze dias. Ás vezes, a inflamação passa ao estado chronico: o tecido renal torna-se então duro. Os doentes experimentão uma dôr habitual nos rins; emmagrecem e tem grande fraqueza nas pernas.

Tratamento. Appliquem-se nas cadeiras 10 a 15 bichas ou duas a quatro ventosas sarjadas; depois uma cataplasma de linhaça, que se renovará duas vezes por dia. Dê-se um banho geral d'agua tepida, no qual o doente deve ficar pelo menos meia hora. Administrem-se em abundancia bebidas emollientes e diureticas frias, taes como a infusão de folhas de parietaria, de sementes de linho, ou o cozimento de grama. A dieta será mais ou menos rigorosa, conforme a intensidade da molestia. O uso de leite é muito favoravel. Se a nephrite não ceder ao tratamento precedente, façõ-se fricções nas cadeiras, duas vezes por dia, com o linimento seguinte:

Balsamo tranquillo.	30 grammas (1 onça)
Laudano de Sydenham.	30 grammas (1 onça);

e faça-se uso da bebida seguinte:

Infusão de linhaça.	600 grammas (20 onças)
Nitro..	4 grammas (1 oitava)
Xarope de gomma..	60 grammas (2 onças).

Para beber uma chicara de 2 em 2 horas.

Se a molestia passar ao estado chronico, convirá fazer fricções nas cadeiras com pomada stibiada e usar em bebida da infusão de lupulo conforme a receita seguinte:

Pinhas de lupulo.	4 grammas (1 oitava)
Agua fervendo	360 grammas (12 onças).

Infunda por meia hora, cõe e adoce com assucar. Para beber esta porção em duas dôses por dia.

O bicarbonato de soda tambem aproveita na nephrite chronica. Eis-aqui a formula :

Bicarbonato de soda. 30 grammas (1 onça).

Divida em 16 papeis. Toma-se um papel por dia, n'uma chicara d'agua fria com assucar.

Nephrite albuminosa. *Veja-se* ALBUMINURIA.

NERIS. França. Aguas bicarbonatadas sodicas quentes.

Itinerario de Pariz a Neris : Estrada de ferro de Pariz a Montluçon, 9 horas 15 minutos. Carro de Montluçon a Neris, 45 minutos. Despeza total 38 francos.

Neris é uma pequena cidade da França central de 2,000 habitantes, situada n'um clima salubre, que temperão no verão as montanhas vizinhas e os ventos bastante frequentes. As aguas mineraes estão reunidas em 6 poços differentes, mas tem origem commum. Estes poços occupão um espaço de 15 metros de comprimento e 5^m50 de largura, e achão-se na ordem seguinte indo do leste ao oeste : Poço da cruz (*puits de la croix*), poço de Cesar (*puits de César*), poço quadrado (*puits carré*), poço de nogueira (*puits du noyer*), poço innominado (*puits innommé*).

As aguas de Neris são limpidas, quasi sem cheiro nem sabor ; a sua temperatura varia de 49° a 53° centigrados. Dois immensos tanques estão dispostos a descoberto, um para resfriar a agua thermal, outro para o desenvolvimento das plantas, da classe de algas, chamadas confervas, que são empregadas, em applicações externas, no tratamento das molestias, e sobretudo nos effurgitamentos articulares.

Eis-aqui a composição da agua do *Poço do Cesar*, segundo Lefort :

Acido carbonico livre	0 ^{cc} ,0490	Sulfato de soda	0 ^{gr} ,3896
Bicarbonato de soda	0 ^{gr} ,4169	Chlorureto de sodio	0 ^{gr} ,1788
— de potassa	0 ^{gr} ,0129	Iodureto de sodio	vestigios
— de magnesia	0 ^{gr} ,0037	Silica	0 ^{gr} ,1121
— de cal	0 ^{gr} ,1435	Materia organica azotada	vestigios
— de ferro	0 ^{gr} ,0042	Total das substancias fixas	<u>1^{gr},2637</u>
— de manganez	vestigios		

O estabelecimento thermal de Neris é um dos mais bellos, e completos que existem. Contém quatro piscinas, duas das quaes temperadas (32° a 34°) bastante vastas, servem para a natação ; as duas outras quentes (38° a 42°), menos extensas, são destinadas para os banhos parciaes de curta duração. Ha 58 banheiras, dispostas em outros tantos gabinetes, e guarnecidas de duchas descendentes, que offerecem todas as variedades de temperatura. Ha

além d'isto, salas para banhos de vapor, para a maçadura, inalação, e, emfim, todos os aparelhós hydrotherapicos.

Existe ali tambem um pequeno estabelecimento chamado Banho dos Pobres, e um hospital para os indigentes.

As aguas de Neris applicão-se sobretudo em banhos e duchas; pouco em bebida. As molestias em que se empregão são : rheumatismo, seiatica, diversas nevralgias, hysticismo, chorea, molestias nervosas, affecções do utero, certo numero de molestias cutaneas taes como eezema, liehen, prurigo. A estação thermal dura de 15 de maio a 15 de setembro.

NEROLI ou ESSENCIA DE NEROLI. Nome dado pelos perfumistas e pharmaceuticos ao oleo volatil extrahido das flores de laranja. Este nome vem de uma prineeza italiana chamada *Nerola*, que foi a primeira que obteve esta essencia, e a fez conhecer.

NERVO. Orgão conductor das sensações e dos movimentos. Os nervos são cordões esbranquiçados, cylindricos, que partem do cerebro ou medulla contida na columna vertebral, e se dividem em ramos que se distribuem ás differentes partes do corpo, onde acabão ramificando-se nos orgãos por uns raminhos tão finos, que se ignora o seu modo de terminação. Estes filamentos nervosos, dos quaes os mais volumosos são da grossura de uma penna de ganso, são da mesma natureza que os do cerebro. Segundo alguns physiologistas, circula n'elles um fluido invisivel, principio da sensibilidade e do movimento, e cuja natureza não é conhecida; chamão-lhe *fluido nervoso*.

Nervos (MOLESTIAS DOS), ou MOLESTIAS NERVOSAS. As molestias dos nervos tem muitos caracteres que lhes são communs, e que as distinguem das outras especies de molestias. O primeiro caracter, e o mais notavel, é a ausencia de uma lesão material apreciavel aos sentidos, d'onde procede : 1º a mobilidade das affecções nervosas, e em muitos casos o seu desaparecimento subito, sem deixarem vestigios da sua existencia; 2º a conservação da saude geral apezar dos soffrimentos mais vivos e dos receios mais exagerados; 3º os erros e preconceitos relativos ao tratamento, que fazem frequentemente attribuir a um remedio insignificante resultados que são devidos ao acaso, ou a uma imaginação abalada. A classe das affecções nervosas é preeisamente aquella em que os charlatães achão uma mina rica a explorarem; é n'ella sobretudo que os homeopathas vão buscar os exemplos de curas maravilhosas. Entre os individuos atacados de molestias nervosas, encontrão-se os que são chamados, talvez sem razão, doentes *imaginarios*, *scismaticos*, visto que, por serem seus soffrimentos puramente moraes, nem por isso

deixão de existir. A esta classe pertencem tambem os incommodos chamados *ataques de nervos*. *Veja-se* vol. I pag. 263.

Eis quanto posso dizer das affecções nervosas em geral; para as outras particularidades, recorra o leitor a cada um dos artigos especiaes em que estas molestias vão descriptas; taes são : ASTHMA, ATAQUE DE NERVOS, GAIMBRA, COLICA, CONVULSÕES, ENXAQUECA, GOTA CORAL, HYSTERISMO, HYPOCHONDRIA, MELANCOLIA, NEURALGIA, etc.

NEVOA DO OLHO. *Veja-se* BELIDA.

NEURALGIA. Nome de certo numero de molestias, cujo principal symptomata é uma dôr viva, contínua ou intermittente, que segue o tracto de um nervo e suas ramificações, sem vermelhidão, calor ou inchação. A neuralgia toma nomes differentes conforme o cordão nervoso que affecta; apresenta tambem em differentes lugares, alguns symptomatas particulares; mas as causas e o tratamento das differentes neuralgias são quasi os mesmos.

Causas. São em geral obscuras, e muitas neuralgias sobrevem sem que se saiba a que causa devem ser attribuidas. A maior parte das pessoas affectadas d'ellas são magras e mui sensiveis. Sobrevem ás vezes debaixo da influencia de uma corrente de ar que vem tocar uma parte circumscripta, e sobretudo quando o resto do corpo está quente; pelo effeito dos vestidos molhados, de uma chuva abundante, pelo contacto de um terreno humido sobre o qual a pessoa foi obrigada a dormir, etc. A neuralgia é ás vezes consequencia de uma pancada sobre o nervo ou de sua picada, como acontece ás vezes depois da sangria no braço. A constituição debil, a chlorose predispõem ás neuralgias; são produzidas frequentemente pelas paixões, emoções vivas, fadigas excessivas, quer intellectuaes, quer musculares.

Symptomata. Eis-aqui os symptomatas communs a todas as neuralgias: manifesta-se subitamente uma dôr mui forte em alguma parte do corpo; parece ao doente que agulhas mui quentes lhe atravessão o lugar affectado; ás vezes a dôr é acompanhada de entorpecimento, outras vezes de picadas. O caracter particular d'esta dôr é que desde o ponto em que principia propaga-se segundo o tracto do nervo, sem manifestar-se nas outras partes. Quando a dôr é lancinante, as picadas são extremamente rapidas. Raras vezes a dôr é acompanhada de vermelhidão, tumefacção e calor; e quando por acaso alguns d'estes phenomenos existem, são sempre pouco evidentes. Ordinariamente a dôr desaparece de repente; torna a voltar depois de intervallos mais ou menos longos, irregulares no maior numero de casos; mas, ás vezes, periodicos. Muitas vezes tambem a neuralgia deixa de reproduzir-se. As neuralgias existem sem produzir a febre.

Marcha, duração, terminações. Em geral as neuralgias desenvolvem-se gradualmente, e de maneira mais ou menos rápida. Chegada ao seu estado, a molestia offerece na sua intensidade immensas variações; as mais das vezes os paroxysmos não tem nada de regular na sua volta, eomtudo, em certo numero de casos, tem periodicidade perfeita. As neuralgias limitão-se quasi sempre ao nervo primitivamente invadido; mas ás vezes estendem-se, por communicações, aos nervos vizinhos; podem até affectar simultaneamente, grande numero dos nervos do corpo. Além da dôr local, as neuralgias podem ser acompanhadas de vertigens, enfraquecimento dos membros, tremores, diminuição da sensibilidade da pelle em alguns pontos, eircumstancias estas que podem enganar e deixar crer que existe alguma affecção material. Em certos easos a neuralgia cessa repentinamente n'um ponto e reproduz-se n'um outro mais ou menos afastado do primeiro. A duração das neuralgias é mui variavel, e a nenhuma regra pôde ser submettida. Estas molestias sárão quasi sempre; mas muitas vezes tornão a appareeer.

Tratamento das neuralgias em geral. Duas espeeies de medicações são reecommendadas contra as neuralgias: os meios locaes e os meios geraes. Varião estes segundo a causa que produz e entretem a molestia, e conforme a marcha que ella segue.

Quando a neuralgia parece depender de excitação nervosa, é preciso em primeiro lugar reeorrer aos remedios sedativos. Administrar-se-hão internamente a belladona, o aeonito, o estramonio, o ehloral hydratado, mas sobretudo o opio e o ehlorhydrato de morphina. Ás vezes associar-se-hão estes remedios aos antispasmodieos; o que tem lugar, por exemplo, nas pilulas de Meglin. Os antispasmodieos administrão-se tambem sós; e são: a valeriana, a assafetida, a camphora, o valerianato de zinco. Os sedantes sós eurão muitas neuralgias, e quasi sempre as allivião. Quando as dôres são intoleraveis, deve-se administrar o opio. Em semelhante easo eonvem tambem recorrer ás inhalações de ether sulfurieo ou de ehloroformio, pelas quaes se eonseguiu muitas vezes fazer cessar immediatamente, e ás vezes definitivamente, accessos de neuralgia mui violentos. Este methodo foi sobretudo empregado na neuralgia facial; mas pôde ser applicado á maior parte das outras neuralgias. Se a neuralgia fôr de character intermittente, cumpre empregar o sulfato de quinina, pela bocca ou em elyster. Sendo o estado de debilidade uma das easas frequentes das neuralgias, deve este estado ser combatido pelos medicamentos tonieos e sobretudo pelas preparações ferruginosas. Estes medicamentos achão-se indicados no artigo ANEMIA. Curando-se a anemia,

faz-se cessar a neuralgia. Os meios hydrotherapicos tambem combatem victoriosamente muitas neuralgias. *Vejase* HYDROTHERAPIA.

A medicaçãõ local sempre aproveita. Empregãõ-se sobretudo os emplastos calmantes, os linimentos narcoticos como laudano, balsamo tranquillo, a pomada de belladona, o linimento de chloroformio, e muitas outras applicações, cuja efficacia foi demonstrada pela experiencia; tal é, por exemplo, a essencia de terebinthina em fricções. Um banho geral quente, e prolongado por uma hora, é um excellente calmante contra todas as dôres neuralgicas. Os sinapismos e os causticos sãõ de utilidade incontestavel em todas as neuralgias. Em alguns casos a electricidade mostrou-se vantajosa. As differentes caldas achãõ tambem aqui sua applicaçãõ. As injeccões sub-cutaneas de saes de morphina ou de atropina aproveitãõ muito contra as neuralgias. As receitas vãõ indicadas mais abaixo. *Vejase* tambem INJECCõES SUB-CUTANEAS, Vol. II, pag. 219.

As neuralgias sãõ molestias mui caprichosas; se um medicamento nãõ curar, é necessario recorrer a outro. Eis-aqui as differentes receitas contra as neuralgias.

FORMULARIO CONTRA AS NEURALGIAS EM GERAL.

Externamente :

1º Applicar no lugar dorido um lenço de seda ou de panno de linho dobrado muitas vezes, e bem quente.

2º Applicar um sinapismo no mesmo lugar.

3º Esfregar com panno embebido na essencia de terebinthina :

Essencia de terebinthina 60 grammas (2 onças);

ou no laudano de Sydenham :

Laudano de Sydenham • 30 grammas (1 onça).

4º *Linimento de chloroformio.*

Chloroformio. 5 grammas (1 1/4 oitava)

Oleo de amendoas doces. 45 grammas (1 1/2 onça).

Misture. Molhar um panno n'este linimento, e friccionar o lugar dorido.

Applicar um panno molhado no chloroformio, e mantê-lo com um caliz.

5º *Linimento calmante.*

Oleo de meimendro. 30 grammas (1 onça)

Chloroformio.. 4 grammas (1 oitava)

Laudano de Sydenham 4 grammas (1 oitava).

Misture. Em fricções.

6º *Pomada de belladona.*

Extracto de belladona.. 4 grammas (1 oitava)

Banha de porco. 30 grammas (1 onça).

Misture. Em fricções. Para cada fricção usa-se uma porção do tamanho de uma azeitona.

7º Tintura de iodo 15 grammas (1/2 onça).

Molha-se um panno de linho n'esta tintura, e applica-se no lugar dorido.

8º Balsamo tranquillo 30 grammas (1 onça).

Em fricções.

9º *Linimento opiado.*

Laudano de Sydenham 4 grammas (1 oitava)

Azeite doce. 28 grammas (7 oitavas).

Em fricções.

10º *Linimento camphoro-opiado.*

Oleo camphorado. . . 40 grammas (10 oitavas)

Ceroto simples. 5 grammas (1 1/4 oitava)

Tintura de opio . . 5 grammas (1 1/4 oitava).

Dilua o ceroto no oleo, e ajunte a tintura. Em fricções.

11º Unguento populeão. 30 grammas (1 onça).

Em unccções.

12º *Cataplasma anodyna.*

Cataplasma de linhaça 90 grammas (3 onças).

Estenda em panno, e deite por cima :

Laudano de Sydenham. 2 colheres *de chá*.

13º *Cataplasma calmante.*

Folhas de meimendro negro.. 15 grammas (1/2 onça)

Cabeças de dormideiras 8 grammas (2 oitavas)

Agua. quantidade sufficiente

para ter : 180 grammas (6 onças)

de decocto; ajunte :

Farinha de linhaça. quantidade sufficiente.

14º Emplasto de cicuta 60 grammas (2 onças).

Estenda em panno, e applique no lugar dorido.

15º *Injecções sub-cutaneas.* As substancias que se empregão para estas injecções são o chlorhydrato de morphina, e o sulfato de atropina. Eis-aqui as receitas :

Solução de chlorhydrato de morphina : Chlorhydrato de morphina 15 centigrammas, agua distillada 15 grammas. *Dose :* 5 a 10 gottas por injecção.

Solução de sulfato de atropina. Sulfato de atropina 15 centigrammas, agua distillada 15 grammas. *Dose :* 1 a 5 gottas por injecção.

A acção energica d'estas substancias, mesmo administradas em pequena dose, reclama o uso dos instrumentos de grande exac-

tidão. Para fazer as injeções sub-cutaneas, emprega-se a seringa de Pravaz, modificada por Luer (fig. 374).

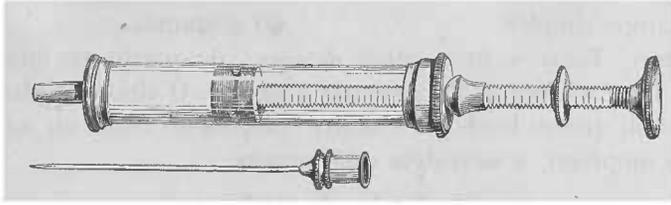


Fig. 374. — Seringa de Luer.

Seringa de Luer. Compõe-se de um cylindro de vidro, de conteúdo de 40 gottas de liquido, com guarnição de prata. O embolo, munido de uma rôsea, é graduado por millímetros a partir do ponto em que começa a penetrar no cylindro. Este é calibrado de tal maneira, que por cada millimetro percorrido pelo embolo, uma gotta de liquido é expellida pela canula. Para regrar com anticipação a marcha do embolo, basta fixar o aro sobre o algarismo que representa o numero de gottas que se querem injectar. A canula, que é de aço, é cortada obliquamente e termina em ponta aguda. — A operação é mui simples: Enche-se a seringa com o liquido, adapta-se a canula, penetra-se obliquamente debaixo da pelle a 1 centimetro de profundidade, e comprime-se o embolo para fazer a injeção.

Continuão-se as injeções, uma ou duas vezes por dia, até que a dôr desapareça de todo. É preciso proceder com attenção e não augmentar a dôse senão progressivamente, porque a atropina na dôse de 5 gottas de solução, administrada na primeira injeção, poderia produzir dilatação da pupilla, perturbação da vista, náuseas e vomitos. Em dôse forte, a atropina introduzida pelas injeções sub-cutaneas poderia occasionar a morte. A morphina é menos energica, comtudo não deve ser administrada senão na dôse de 5 a 10 gottas por injeção.

Em vez de injeções com seringa podem introduzir-se os medicamentos debaixo da pelle por meio de lanceta. Depois de dissolver 2 centigrammas ($\frac{2}{5}$ de grão) de chlorhydrato de morphina em mui pequena quantidade d'agua, fazem-se sobre os pontos dolorosos 30 a 40 picadas com lanceta carregada d'este liquido. O methodo por injeções sub-cutaneas é, porém, mais exacto.

Internamente :

1º Chloral hydratado na dôse de 1 a 5 grammas (20 a 100 grãos) para os adultos; 50 centigrammas a 1 gramma (10 a 20 grãos) para as crianças.

Eis-aqui a receita :

Chloral hydratado	5 grammas
Agua distillada.	150 grammas
Xarope simples.	30 grammas.

Misture. Toma-se uma colher *de sopa*, de quarto em quarto de hora, até o medicamento produzir o somno. O chloral hydratado, dá tres ou quatro horas de somno, e depois de cinco ou seis dias do seu emprego, a neuralgia está curada.

2º *Pilulas de Meglin.*

Extracto alcoolico de meimen- dro.	5 centigram. (1 grão)
Extracto alcoolico de valeriana	5 centigram. (1 grão)
Oxydo de zinco por sublima- ção	5 centigram. (1 grão).

Faça 1 pilula e como esta mais 19. *Dóse* : 1 a 4 pilulas por dia, durante o accesso da neuralgia.

3º *Pilulas calmantes.*

Extracto de opio.	15 centigram. (3 grãos)
Extracto de valcriana.	15 centigram. (3 grãos).

Faça 6 pilulas. *Dóse* : 1 a 3 pilulas durante o accesso da neuralgia.

4º *Pilulas antispasmodicas.*

Extracto de valeriana	5 grammas (100 grãos)
Extracto de quina.	5 grammas (100 grãos).

Faça 50 pilulas. Para tomar 3 pilulas por dia, nas neuralgias acompanhadas de chlorose.

5º *Outras pilulas antispasmodicas.*

Valerianato de zinco..	5 centigram. (1 grão)
Extracto de meimendo..	5 centigram. (1 grão).

Faça 1 pilula e como esta mais 19. Para tomar uma pilula de 2 em 2 horas, durante as crises neuralgicas.

6º Sulfato de quinina. 60 centigram. (12 grãos).

Divida em 3 papeis. Para tomar um papel de 3 em 3 horas, no intervallo das crises das neuralgias periodicas.

7º *Chlyster de assafetida.*

Assafetida	4 grammas (1 oitava)
Gema de ovo.	nº 1
Agua quente.	180 grammas (6 onças).

Passarei em revista as diversas neuralgias, para indicar o que cada uma d'ellas apresenta de particular.

Neuralgia do anus. Quando sem fissura anal, nem lesão alguma do recto, se sentem no orificio do anus dôres agudas,

intermittentes, com contracção dolorosa do anus e da bexiga, póde-se admittir que a affecção é uma neuralgia. Esta affecção é horripelmente dolorosa, e leva o doente a um estado de prostração extrema. Faz parar ás vezes o jacto das ourinas, pelo que póde fingir a pedra na bexiga.

Tratamento. Fação-se fricções no anus com a pomada de belladona. (Sua receita está indicada no vol. II, pag. 465).

Administre-se o clyster seguinte :

Infusão de dormideiras.	180 grammas (6 onças)
Laudano de Sydenham.	20 gottas.

Applique-se um sinapismo no anus; friccione-se esta parte com essencia de terebinthina, com unguento populeão, com linimento de chloroformio, e outros linimentos indicados no *Formulario das neuralgias em geral*. Se tudo isto não aproveitar, faça-se incisão ou rasgadura do sphincter do anus, como na operação da fissura do anus.

Neuralgia da bexiga ou *Cystalgia*. É caracterizada pela vontade frequente de urinar, dôr quando a urina principia a correr e quando se acaba de urinar, sensibilidade mais viva depois da fadiga, depois das relações conjugaes, e depois da defecação. Ha duas fórmas nas manifestações d'esta molestia : — ora ha vontade frequente de urinar; a bexiga não póde conservar uma gotta de urina, e á medida que esta é expulsa, sente-se um vivo ardor no canal da urethra; a urina é vermelha; — ora ha um espasmo do collo da bexiga e uma retenção subita da urina. O que caracteriza as neuralgias da bexiga, é a volta das dôres sob a fórma de crise. Não se póde, portanto, confundir a neuralgia da bexiga com a inflammação d'este orgão, pois que n'esta existe febre e dôr contínua. Nos calculos vesicaes, como na neuralgia de bexiga, ha uma suspensão repentina do jacto da urina, mas pela introducção da sonda na bexiga póde-se reconhecer se se trata de um calculo vesical. A neuralgia da bexiga póde mesmo impedir as relações conjugaes, e occasionar momentaneamente uma impotencia viril.

As pedras na bexiga, a inflammação da bexiga, da próstata, da urethra, do recto e do utero, produzem ás vezes a cystalgia.

Tratamento. A cystalgia que depende da inflammação da bexiga ou das outras molestias que deixei mencionadas, deve ser combatida pelos meios indicados contra estas molestias. Na cystalgia essencial, o leite e os alimentos vegetaes devem predominar no regimen, afim de que o ventre se lubrifique, sem que haja necessidade de recorrer aos purgantes. Os medicamentos que convem, são; semicupios com decoção de dormideiras e herva moira,

banhos geraes mornos, clysteres cálmantes, introduccão no recto de uma mecha untada com pomada de belladona, fricções no perineo com balsamo tranquillo, com linimento de chloroformio : um caustico applicado nas cadeiras. As receitas d'estes medicamentos estão indicadas no *Formulario contra as neuralgias em geral*, vol. II, pag. 465. Aqui dou sómente a receita do clyster calmante.

Infusão de dormideiras.. 180 grammas (6 onças)

Laudano de Sydenham. 20 gottas.

Havendo retenção de urina, é necessario sondar o doente. Foi proposta mesmo, como meio curativo, a introduccão frequente de uma sonda de prata na bexiga : alguns factos provão a utilidade d'este meio, que não apresenta inconveniente.

Neuralgia das cicatrizes. Se existirem dôres intermitentes n'uma cicatriz, póde suppor-se que ha compressão do nervo, ou adherencia d'este nervo ao osso ou á cicatriz, e uma neuralgia.

Tratamento. Applicar algodão sobre a cicatriz. Praticar injeccões sub-cutaneas perto da cicatriz com a solução de chlorhydrato de morphina. Se estes meios não acalmarem a dôr, fazer a secção do nervo, ou a excisão da cicatriz.

Neuralgia do coração ou **Neuralgia cardiaca.** *Vêja-se* ANGINA DO PEITO.

Neuralgia crural. É caracterizada por uma dôr que, da virilha, estende-se á face anterior da coxa, sobre o lado lateral da perna, no tornozelo interno, e na planta do pé. A dôr apresenta os mesmos caracteres que nas outras neuralgias. O tratamento é o mesmo que o da *sciatica*.

Neuralgia dentaria. *V* DÔR NERVOSA DOS DENTES. vol. I, p. 800.

Neuralgia do escroto. *Vêja-se* NEURALGIA DO TESTICULO.

Neuralgia facial. É aquella que tem sua séde no nervo facial; é conhecida mais geralmente pelo nome de *tico doloroso*. Divide-se em *frontal*, *sub-orbitaria* e *maxillar*. A primeira (*neuralgia frontal*) é a neuralgia do nervo *orbito-frontal*. N'esta molestia a dôr principia em cima de um dos olhos, d'ali propaga-se á testa, á palpebra superior, é ás vezes a todo o lado do rosto. Durante o accesso, a palpebra está ordinariamente fechada e o olho dorido, as arterias vizinhas batem com força, e ás vezes algumas lagrimas correm pelo rosto. Esta neuralgia é uma das mais frequentes. — A segunda (*neuralgia sub-orbitaria*) occupa o nervo submaxillar. A dôr principia debaixo do olho, propaga-se á palpebra inferior, ao nariz, beijo inferior, e ás vezes aos dentes e ao paladar. Basta ás vezes o mais leve movimento de mastigação para despertar a dôr. Emfim, na *neuralgia maxillar (tico doloroso)* a dôr faz-se sentir no beijo inferior, communica-se depois aos

alveolos, aos dentes, ás fontes, ás partes lateraes da lingua. Estende-se ás vezes por toda a face; em alguns casos é difficil distinguir esta neuralgia de uma dôr de dentes.

As *causas* d'esta neuralgia são as mesmas que produzem as outras neuralgias. A molestia succede ás vezes a um susto ou a qualquer outra impressão moral viva. Dentes cariados, não dolorosos, occasionão frequentemente a neuralgia facial, e sua extracção é indispensavel para a cura da molestia.

Tratamento. Salvo algumas modificações locaes, o tratamento da neuralgia facial é o mesmo que o das neuralgias em geral. Applique-se um lenço de seda ou de panno de linho bem quente no rosto. Friccione-se o lugar dorido com essencia de terebinthina, com laudano de Sydenham, com linimento de chloroformio. Ponha-se um sinapismo no rosto por espaço de tres minutos. Fação-se cinco ou seis inspirações de ether sulfurico ou de chloroformio. Applique-se quotidianamente por meio de um pincel sobre o lugar dorido tintura de iodo, até a epiderme rachar. Applique-se um pequeno caustico volante sobre o mesmo lugar. Fação-se injecções sub-cutaneas com a solução de morphina ou de atropina (vol. II, pag. 466). Administrem-se internamente os pós seguintes:

Açafrão de Marte aperiente. 8 grammas (2 oitavas).

Divida em 2 papeis. Para tomar um papel, n'uma pouca d'agua fria com assucar, durante a dôr.

Tomem-se 20 gottas de laudano de Sydenham em meia chicara d'agua fria com assucar.

Recorra-se ás pilulas de Meglin, ou ás de valerianato de zinco. As receitas estão indicadas no *Formulario contra as neuralgias em geral*. Se a neuralgia fôr intermittente, administre-se o sulfato de quinina durante a intermittencia, na dóse de 20 a 40 centig. (4 a 8 grãos).

Neuralgia do figado. Bem que raras, observão-se neuralgias do figado, e então os doentes são accomettidos de dôres lancinantes no hypochondrio direito, com irradiação nas costas, no ventre e no hombro; soffrem mais ou menos, tem nauseas, ás vezes vomitos, mas não tem ictericia, o que distingue esta neuralgia da colica hepatica. A neuralgia do figado é uma molestia intermittente, cujos accessos são mais ou menos afastados, e que existe sem lesão apreciavel.

Tratamento. Os remedios a empregar são : xarope de ether ou de chloroformio, 30 a 60 grammas por dia; banhos prolongados d'agua tepida; injecções sub-cutaneas de morphina ou de atropina; duchas sobre o hypochondrio direito; chloral hydratado; e os outros medicamentos indicados contra as *neuralgias em geral*. (vol. II, pag. 465).

Neuralgia intercostal. Quando, sem febre nem tosse, existe uma dôr no peito, que principia nas costas, e occupa toda a extensão ou só uma parte do comprimento do espaço intercostal, é uma neuralgia intercostal. Esta dôr augmenta sempre pela compressão, e estende-se ás vezes ao hombro, pescoço e braço; impede ás vezes ás senhoras de se vestirem. O tratamento é o mesmo que o das *neuralgias em geral*.

Neuralgia dos intestinos. *Veja-se COLICA*, vol. I, p. 639.

Neuralgia lombo-abdominal. As senhoras estão sujeitas a uma dôr lombar ou na virilha, devida á neuralgia do primeiro par dos nervos lombares, que se combate pelos meios indicados contra as *neuralgias em geral*.

Neuralgia occipital. Dôres agudas, intermittentes, na região superior e posterior da cabeça, caracterizam a neuralgia occipital. O tratamento é o mesmo que o das *neuralgias em geral*.

Neuralgia do olho, *neuralgia supra-orbitaria e sub-orbitaria.* Dôres contínuas ou intermittentes, na palpebra superior ou inferior, mais violentas de noite, acompanhadas ora de secreção abundante de lagrimas, de aversão á luz, de calor no nariz, de zunido nos ouvidos; ora de tremores do rosto.

Tratamento. Aplicar no olho panno molhado n'um dos collyrios seguintes :

Collyrio opiado.

Agua de rosas.	30 grammas (1 onça)
Extracto de opio.	15 centigrammas (3 grãos).

Collyrio calmante.

Infusão de açafão	60 grammas (2 onças)
Chlorhydrato de morphina	10 centigrammas (2 grãos).

Aplicar uma das cataplasmas seguintes :

1º Cataplasma de linhaça. 120 grammas (4 onças).

Estenda em panno, e polvilhe com :

Camphora	2 grammas (40 grãos)
Opio bruto. ...	1 gramma (20 grãos).

2º *Cataplasma calmante.*

Meimendo negro.	16 grammas (4 oitavas)
Dormideiras	8 grammas (2 oitavas)
Agua	250 grammas (8 onças).

Ferva, cõe, e ajunte quantidade sufficiente de farinha de linhaça para fazer uma cataplasma.

Friccionar a palpebra com essencia de terebinthina, ou applicar um sinapismo na testa. Finalmente, seguir o que está indicado contra a neuralgia facial.

Neuralgia do ouvido. V. DÔR DE OUVIDO, no artigo OUVIDO,

Neuralgia da planta do pé. O mesmo tratamento que na sciatica. *Veja-se* SCIATICA.

Neuralgia sciatica. *Veja-se* SCIATICA.

Neuralgia dos seios. Affecta especialmente as senhoras irritaveis, nervosas, no periodo de 16 a 30 annos, e ás vezes além d'esta epoca. É caracterizada por dôres vivas, lancinantes, contínuas ou intermittentes, limitadas á superficie dos seios, e que se estendem ás vezes até ao pescoço, axilla, membros superiores, e nadega. Estas dôres augmentão em geral quando se comprime o órgão ou quando se abandona a seu proprio peso. Não são acompanhadas commummente de mudança apreciavel no volume nem na textura do seio; ás vezes, entretanto, encontrão-se n'elle pequenos tumores duros, movediços, extremamente dolorosos, que se resolvem sempre no espaço de alguns dias ou de algumas semanas. A neuralgia dos seios tem uma marcha muita irregular. Não dura ás vezes senão poucos dias; outras vezes persiste quasi sem descontinuar durante mezes e annos, de modo a persuadir as mulheres de que estão affectadas de scirrho ou de alguma outra molestia grave. Por mais longa que seja a molestia, e por mais vivos que sejam os soffrimentos, nunca se vio a neuralgia determinar lesão alguma organica.

Tratamento. Os medicamentos que se applicão contra a neuralgia dos seios são os mesmos que se empregão contra as outras neuralgias : fricções com pomada de belladona, com unguento populeão, com essencia de terebinthina, com linimento de chloroformio, etc. *Veja-se* as receitas no *Formulario contra as neuralgias em geral*, vol. II, pag. 463.

Neuralgia do testiculo e do cordão spermatico. Molestia caracterizada por uma dôr mais ou menos viva, ás vezes excessiva, no testiculo e no cordão spermatico, geralmente sem mudança apreciavel no volume, e na textura do órgão.

Symptomas. A molestia pôde declarar-se de repente; porém as mais das vezes tem prodromos, taes como peso no escroto, e uma sensação penosa na virilha. Depois de um tempo mais ou menos longo a affecção caracteriza-se : os doentes sentem então no testiculo uma dôr viva, lancinante, que se estende á virilha, ao perineo, e ás vezes até ás cadeiras. A compressão, por mais fraca que seja, os movimentos, o andar, a simples posição vertical, se o testiculo não esta sustido, exasperão os sóffrimentos; os doentes, incapazes de se entregarem a occupação alguma, ficão deitados de costas, inclinados sobre o lado opposto ao órgão affectado. O testiculo conserva quasi o seu volume normal. Esta exaltação de sensibilidade pôde existir em um só ou em ambos os testiculos

ao mesmo tempo. As principaes funcções não apresentam, n'esta molestia, perturbação notavel, salvo as dos órgãos digestivos. Com effeito, ha geralmente prisão do ventre, fastio e, ás vezes, durante a violencia das crises, nauseas e vomitos.

Tratamento. Os meios que devem oppôr-se á neuralgia testicular são : banhos geraes e semicupios d'agua morna simples, com folhas de estramonio; cataplasmas calmantes, applicações de tintura de iodo, de linimento de chloroformio, de pomada de belladona, de alcool camphorado, de um caustico sobre o escroto, que se cura depois com o ecroto seguinte :

Ceroto simples. 30 grammas (1 onça)

Chlorhydrato de morphina. 10 centigrammas (2 grãos).

Internamente : pilulas de Meglin, pilulas de opio ou de valerianato de zinco, e outras applicações contra as neuralgias em geral. *Veja-se* vol. II, pag. 465.

• **Neuralgia da urethra.** *Symptomas.* Calor e dôr ao longo do canal da urethra, acompanhada ás vezes de difficuldade de urinar. Aplicar o mesmo tratamento que contra a neuralgia do testiculo.

• **Neuralgia do utero.** O utero, sem que o seu tecido nem o dos seus annexos apresentem alteração de textura apreciavel, póde ser a séde de dôres vivas, lancinantes, estendendo-se mais ou menos longe, e tendo, por seu character e sua marcha, a maior analogia ou antes uma completa identidade com as neuralgias. Nas senhoras de que se trata, as picadas augmentão quando ellas estão em pé ou andão; o coito é excessivamente doloroso; os esforços para evacuar renovão ás vezes as crises. Todos os generos de exploração a que se submettem são geralmente intoleraveis : assim a applicação do especulo é ordinariamente dolorosa; um simples dedo introduzido na vagina para verificar a consistencia e o volume do utero provoca igualmente dôres. Aliás, este órgão não apresenta nem á vista nem ao dedo lesão apreciavel; e até mesmo não ha geralmente flores brancas. As dôres propagam-se ás virilhas, cadeiras, aos membros; são acompanhadas frequentemente de inchação do ventre, de oppressão, anxiedades, palpitações, isto é, d'esta serie de accidentes que se chamão vulgarmente *espasmos*, e que caracterizão uma das fórmas do hysticismo. As senhoras que experimentão estes soffrimentos são excessivamente impressionaveis; tem digestões lentas e laboriosas, a menstruação pouco abundante e irregular.

Tratamento. Compõe-se de repouso, posição horizontal, banhos ou semicupios d'agua tepida simples ou com decocção de dormideiras, herva moira, figueira do inferno; injeções na vagina com

os mesmos liquidos; clysteres opiados, cuja receita é :

Decocto de linhaça...	180 grammas (6 onças)
Laudano de Sydenham.	20 gottas.

Appliquer no ventre uma cataplasma de linhaça regada com uma colher *de sopa* de laudano de Sydenham.

Internamente as pilulas de Meglin, ou de valerianato de zinco, e outros medicamentos indicados no *Formulario contra as nevralgias em geral*, vol II, pag. 465. No intervallo das crises; os banhos frios de rio ou do mar são de grande utilidade.

Nevralgia da vagina e da vulva. N'esta região existem ás vezes dôres vivas, pungentes, que se estendem ao longe, exasperão-se pelo menor toque das partes, tornão não sómente impossiveis as relações conjugaes, mas até o andar. Entretanto no aspecto das partes nada explica os soffrimentos; ás vezes comtudo a membrana mucosa é algum tanto vermelha, excoriada e coberta de um liquido esbranquiçado.

Tratamento. Os meios que devem empregar-se contra esta nevralgia são : semicupios d'agua tepida ou com decocto de plantas narcoticas, dormideiras, herva moira, figueira do inferno. Introduzir na vagina uma mecha untada com *ceroto opiado* :

Extracto de opio.	50 centigrammas (10 grãos)
Agua.	50 centigrammas (10 grãos)
Ceroto simples..	50 grammas (1 1/2 onça).

Fação-se lavatorios com o liquido seguinte :

Agua.	1 litro (32 onças)
Bi-carbonato de soda.	30 grammas (1 onça).

Se a sensibilidade persistir, toque-se levemente a superficie com pedra infernal.

NEVROMA. Tumor de naturezà fibrosa desenvolvido sobre o trajecto ou na espessura dos nervos. Os nervos dos braços, coxas e pernas, e sobretudo os nervos superficiaes, o nervo sciatico em particular, são mais frequentemente a séde d'estes pequenos tumores, do que os das outras regiões do corpo. Os nevromas encontrão-se nos nervos da cabeça, raras vezes na mão e no pé.

Desenvolvem-se ás vezes em consequencia das contusões, mas as mais das vezes apparecem de uma maneira espontanea. O seu volume varia desde o de um grão de milho painço até ao de um tumor de 13 a 16 centimetros de diametro.

Symptomas. Varião segundo que os nevromas são *dolorosos* ou *não dolorosos*.

1º *Nevromas dolorosos.* As mais das vezes unico, o nevroma doloroso existe sobre o trajecto de um nervo e forma um tumor movediço debaixo da pelle. O symptoma importante, quasi unico,

é a dôr. Volta por accessos, ás vezes espontaneamente, outras vezes depois de uma pancada, um attrito, um simples contacto. Esta dôr, que augmenta de intensidade, e cujos accessos aproximão-se á medida que a molestia se torna mais antiga, é ás vezes tão viva que obriga o doente a parar quando anda, e produz ás vezes um desmaio. Os accessos dolorosos podem manifestar-se todos os dias e mesmo muitas vezes por dia. Póde-se n'este caso verificar pela simples vista uma proeminencia geralmente pouco volumosa, sem mudança de côr da pelle; pela palpação conhece-se que rola facilmente debaixo da pelle; a compressão produz ás vezes vivas dôres.

2º *Nevromas não dolorosos*. Certos nevromas occasionão poucas dôres, ou não são acompanhados de soffrimento algum; o facto explica-se pelas relações do nevroma com os cordões nervosos estes podem ser comprimidos ou não pela producção morbida.

Tratamento. Para acalmar as dôres empreguem-se as cataplasmas de linhaça regadas com laudano, as fricções com balsamo tranquillo, com essencia de terebinthina ou com glycereio de chloroformio, cuja receita é :

Cbloroformio.	2 grammas
Glycerina.	15 grammas.

Se estas applicações não acalmarem, a extirpação do tumor é o unico meio de cura.

NEVROSE. Dá-se este nome ás molestias do systema nervoso que não se manifestão por lesão material apreciavel. A esta classe de molestias pertencem a enxaqueca, a epilepsia, a catalepsia, etc. *Veja-se NERVOS (MOLESTIAS DOS).*

NHA. *Veja-se CASTANHEIRO DO MARANHÃO.*

NHAMBÚ. *Veja-se AGRIÃO DO PARÁ.*

Nhambú bravo. *Spilanthes, radicans*, Schrad. Synanthereas-senecioides. Planta que habita espontanea na provincia de S. Paulo e nas outras partes do Brasil. Caule diffuso, folhas de um verde claro, flores amarellas. Contém um principio acre; é estimulante e antiscorbutica como agriões; usa-se como alimento.

NHANDIROBA. *Fevillea cordifolia*, Poir. Cucurbitaceas. Planta herbacea que habita no Brasil e nas Antilhas. Fig. 375. Caule trepador, munido de gavinhas; folhas cordiformes, acuminadas, sub-denteadas, ás vezes trilobadas; fructo espherico de 11 a 12 centimetros de diametro, marcado de uma linha circular situada em baixo da metade do fructo: o interior do fructo é carnudo, cheio no centro, com 3 loculamentos estreitos approximados da circumferencia. Cada loculamento contém 2 sementes da largura de 5 a 6 centimetros, irregularmente lenticulares, adelga-

çadas nas margens. O episperma (pelle) é espesso, coriáceo, liso e como avelludado na superfície; é de côr fulva, mais escura na circumferencia; a amendoa é chata, amarellada, oleoginosa, amarga, fortemente purgativa. O oleo que se espreme d'ella é amargo, purgativo, e empregado para luzes.

Ha mais outras especies :
Fevillea monosperma, Velloso;
Fevillea passiflora, Velloso :
 CASTANHA DO JABOTÁ, DE BUGRE (Pará); *Hypanthera guapeva*, Manso, GUAPEVA (S. Paulo).

Confundem-se as amendoas de todas estas especies, no que não ha inconveniente, pois que todas gozão das mesmas propriedades. O vulgo dá-lhes o nome de *favas de Santo Ignacio*, o que tem inconvenientes e causa confusões porque a verdadeira fava de Santo Ignacio é um veneno violento; contém strychnina e produz rijeza e convulsões; entretanto que as sementes da nhandiroba, tomadas em grande dóse, produzem só superpurgação. A fava de Santo Ignacio (a verdadeira), provém de um arbusto trepante que habita nas ilhas Philippinas, e que foi chamado por Linneo *Ignatia amara*; seu fructo é oval, e maior do que um melão.

As sementes de nhandiroba na dóse de 4 a 8 grammes (1 a 2 oitavas) são reputadas tonicas e estomachicas. Em maior dóse (1 a 2 amendoas) são purgativas e emeticas; empregão-se no Brasil nas molestias do figado.

NITRATO DE MERCURIO. *Veja-se* Vol. II, pag. 392.

NITRATO DE PRATA. OU AZOTATO DE PRATA. É conhecido e empregado debaixo de dois estados :

1º *Azotato de prata crystallizado* : Apresenta-se sob a fórmula de laminas sem côr, nem cheiro, de sabor estyptico desagradavel, mui caustico, soluvel no seu peso d'agua distillada; exposto ao sol, ennegrece; forma manchas negras na pelle e na roupa, que só podem desvanecer-se pela lavagem com a dissolução de iodureto ou cyanureto de potassio. Todos os liquidos vendidos para

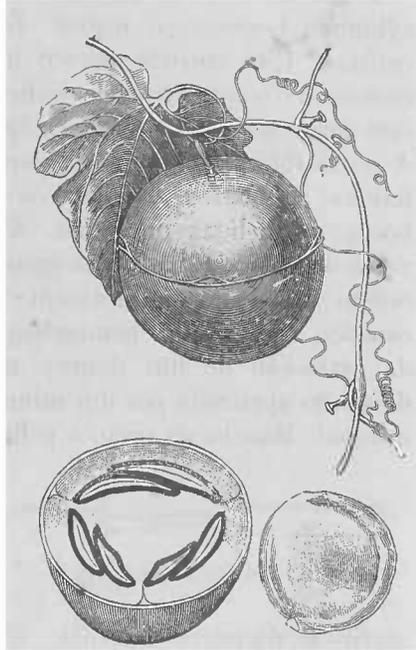


Fig. 375. Nhandiroba.

tornar o cabello preto, tem por base o azotato de prata crystallizado. A maior parte das tintas para marcar roupa são preparadas com azotato de prata. Dissolvido em agua distillada é empregado em injeccões e collyrios.

2º *Azotato de prata fundido ou Pedra infernal.* Apresenta-se em cylindros brancos ou negros. É empregado em medicina como caustico. Este caustico merece menos do que muitos outros mais energicos o nome com que é conhecido. Sua acção é instantanea, mas está longe de occasionar a dôr que o seu nome parece anunciar. A pedra infernal emprega-se para cauterizar as carnosidades das feridas, as ulceras rebeldes, os cancros venereos, as aphtas da bocca, as belidas dos olhos. As hemorragias que resultão ás vezes das cisuras de sanguesugas, e que resistem a compressão, cedem quasi instantaneamente á applicação prolongada d'este caustico na cisura. A hemorragia que sobreveem ás vezes depois da extracção de um dente, atalha-se tambem introduzindo e deixando applicada por um minuto na cavidade dentaria a pedra infernal. Mancha de preto a pelle e a roupa; estas nodoas desap-

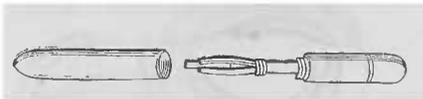


Fig. 376. — Porta-pedra.

parecem lavando-as com a solução de iodureto ou cyanureto de potassio, pela mesma fórma como se faz com as de azotato de prata crystallizado. Para servir-se da pedra infernal, é preciso introduzi-la no canudo de uma penna ou n'um instrumento, chamado *porta-pedra*, representado na fig. 376.

NITRO, SAL DE NITRO, SALITRE OU NITRATO DE POTASSA. Este sal forma-se naturalmente na superficie das paredes humidas e no chão, nos lugares habitados pelo homem e pelos animaes. Achase, por conseguinte, nos entulhos das casas velhas. Obtem-se pela evaporação das lixivias d'estas substancias. Encontra-se tambem na superficie da terra, especialmente na Hespanha e India. No Brasil, perto do rio de S. Francisco, nas provincias de Minas Geraes e da Bahia, achão-se lagões d'agua nitrosa d'onde se extrahе o salitre. Forma-se tambem no leito das cavernas calcareas das provincias de Minas, Ceará, Mato-Grosso e outros lugares do Brasil. As fontes naturaes de nitro não são sufficientes para o enorme consumo que se faz d'este sal, e por isso estabelecêrão-se em França e na Allemanha nitreiras artificiaes. Dispõem-se para este fim, debaixo de alpendres baixos e humidos, terras calcareas misturadas com substancias vegetaes e animaes. O nitro é branco, de sabor fresco, picante, levemente amargo. Misturado com enxofre e carvão constitue a polvora. Em medicina emprega-se

como diuretico, na dóse de 1 a 4 grammas (20 grãos a 1 oitava) dissolvido em agua ou algum cozimento.

NÓ NA TRIPA. *Veja-se* ILEO.

NODOAS DA PELLE. *Veja-se* MANCHAS.

NOGUEIRA. *Juglans regia*, Linn. Juglandeas. Grande arvore, originaria da Persia, cultivada em Portugal. Folhas pinnuladas, foliolos ovaes, glabros, de cheiro forte e agradável. O fructo, chamado *noz*, é globoso, formado de uma casca exterior verde e succulenta (sarcocarpo); de um endocarpo ligneo, sulcado e bivalve; e de uma semente, cuja amendoa oleoginosa é formada de dois cotyledones, mui desenvolvidos, divididos inferiormente em 4 lobulos, de superficie desigual. A noz é alimenticia; serve-se nas mesas não completamente madura, ou madura e recente, ou secca. Extrahe-se d'ella, por espressão a frio, um oleo comestivel, e por espressão a quente um oleo utilizado na pintura. A casca exterior do fructo contém um oleo volatil, tannino, e um principio acre e amargo que tinge de uma maneira quasi indelevel os dedos e os tecidos. As folhas e as flores da noqueira contém um principio particular de cheiro penetrante, que se exhala em grande quantidade durante a estação quente, e póde occasionar dôres de cabeça nas pessoas mui delicadas.

As folhas da noqueira, verdes ou seccas, empregão-se interna e externamente, como adstringentes e tónicas. Para uso interno empregão-se em infusão, que se prepara com 2 gram. (20 grãos) das folhas para 200 grammas (7 onças) d'agua fervendo. Esta bebida usa-se contra as escrophulas e rachitismo. Para uso externo, emprega-se em injeccões a infusão contra as flores brancas, fistulas, ozena, etc. Prepara-se deixando de infusão por uma hora, e coando depois com espressão, 50 grammas (1 1/2 onça) de folhas de noqueira em 1,000 grammas (32 onças) d'agua fervendo.

NOSTALGIA. Melancolia produzida pela ausencia do paiz natal, e pelo desejo irresistivel e incessante de voltar a elle.

A nostalgia apodera-se tanto mais facilmente dos homens recém-sahidos do seio de sua familia, quanto mais differente é da terra que deixárão a terra em que se achão, e quanto mais submettidos estão a occupações, deveres e trato que fazem grande contraste com a independancia e a brandura de sua vida anterior.

Symptomas. Os primeiros phenomenos que indicão a invasão da nostalgia consistem na reserva insolita que manifesta o doente, no aborrecimento e na preguiça para as occupações a que se entregára antes com toda a actividade, em um estado habitual de tristeza que se torna cada dia mais pronunciado. Com o tempo, a cabeça torna-se-lhe quente e dorida, os olhos murchão e encovão-

se, as fcições do rosto abatem-se, os movimentos são lentos e como involuntarios, a digestão é difficil, perde o appetite, emmagrece, e a sua debilidadade vai augmentando cada vez mais.

Quando a nostalgia apparece durante alguma molestia, torna-se uma complicação grave. Não sómente augmenta a intensidade dos symptomas e a febre, mas tambem oppõe-se á apparição assim como aos progressos da convalescença.

Tratamento. Não é a nostalgia uma molestia que se cure com receitas da pharmacia; é preciso oppôr-lhe uma medicina mais simples e elevada. Quando os primeiros symptomas d'esta affecção apparecem, pôde-se, em muitas circumstancias, cura-la. Cumpre tratar o nostalgico com brandura. Longe de distrahir-lhe a attenção do objecto de seus pezares, é util até fallar-lhe d'elles, mas isto deve-se fazer com benevolência, entrando nas suas ideias, e elogiando o paiz que deixou. Esta conversação não deixará de interessa-lo, poderá enfraquecer e até destruir um sentimento que, deprimido ou combatido, poderia adquirir uma força irresistivel.

No caso de febre e dôr de cabeça, banhos mornos geraes acompanhados de affusões frias sobre a cabeça, constituirão os meios que podem ser utilmente associados aos meios precedentes.

Se, apesar de todos estes cuidados, a nostalgia progredir, e a debilidadade augmentar com rapidez, é indispensavel que se diga ao doente que ha de voltar á sua terra. É notavel, além d'isso (tanto o espirito humano é estranho) que tem havido nostalgicos que forão curados pela simples convicção de poderem ir, quando quizessem, ver sua patria; e por isso, quando este meio tão feliz, tão prompto em seus resultados, é impraticavel, nem por isso se deve deixar de experimenta-lo, e fazer crer ao doente que ha meios seguros de se lhe proporcionar o que tão ardentemente deseja. Uma melhora sensivel no seu estado será a consequencia certa d'este innocente engano, que afinal lhe trará a saude. Durante o bloqueio de Moguncia, em 1814, o Dr. Percy annunciou nos hospitaes que o general em chefe, sabendo que muitos militares desejavão voltar para as suas casas, facilitava-lhes licença, e para isso obteve do inimigo, que os cercava, uma livre passagem para todos os doentes e convalescentes. Esta esperança reanimou a coragem de grande numero de nostalgicos, e restabeleceo-lhes a saude.

NOZ. Em botanica dá-se o nome de *noz* ao segundo envoltorio lenhoso, testacco ou osseo, de uma ou muitas sementes, cobertas além d'isto de um tegumento proprio. A noz é contida n'uma polpa mais ou menos molle e carnosa, ou secca e quebradiça, que se chama *casca verde* na nogueira, amendoeira, aveleira, etc.; *drupa*

no pecegueiro, ameixeira, etc. N'este ultimo caso a noz toma o nome de *caroço*.

O que se chama mais ordinariamente *noz*, é o fructo da nogueira, *Juglans regia*, L., bella arvore da familia das Juglandneas, originaria da Persia, cultivada em Portugal. As nozes comem-se na sobremesa; são de gosto excellente, mas comidas em abundancia são indigestas. Para restituir ás nozes seccas a frescura primitiva, é preciso pô-las de môlho, durante 24 horas, em leite de vacca um pouco aquecido ou em agua com sal; feito isto, tirão-se; pôde-se então tirar-lhes a epiderme amarella e amarga, do mesmo modo como ás nozes recém-collidas.

NOZ DE GALHA. *Veja-se GALHA.*

NOZ MOSCADA. *Veja-se MOSCADA.*

NOZ VOMICA. Semente da *Strychnos nux vomica*, Linneo, arvore da India, da familia das Loganiaceas. Fig. 377. É redonda, chata, umbilicada em uma das faces, da largura de 12 a 18 millimetros, de consistencia como cornea, denegrida ou acinzentada, coberta com um pello curtissimo no exterior, ordinariamente branca, e ás vezes negra no interior, inodora; sabor extremamente amargo.

Veneno violento. Seu primeiro effeito é um aperto nas fontes e na nuca; os queixos enrijão-se um tanto, apparece difficuldade de fallar e respirar, uma pequena vertigem, percepção de uma multidão de corpos luminosos, olhos estrebecimentos nos membros, erecção do membro viril. Se a dóse fôr exaggerada sobrevem rijeza tetanica, convulsões, e

a morte precedida por um instante de insensibilidade completa. A dóse de 1 1/2 gramma (30 grãos) pôde produzir estes funestos resultados. Em pequena quantidade, a noz vomica é util nas paralyrias, gota serena, incontinnencia das ourinas, etc. Mas o emprego de todas as preparações d'este medicamento exige a maior circumspecção. Administra-se n'estas molestias na dóse de 10 a

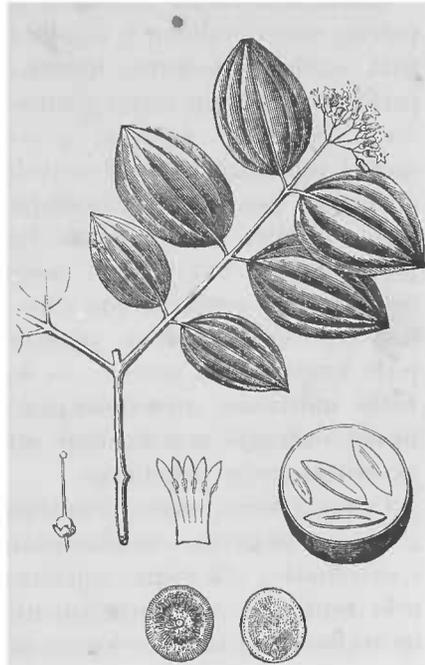


Fig. 377. — Noz vomica.

75 centigrammas (2 a 15 grãos), divididos em muitas doses, durante 24 horas, em pós ou pilulas.

NYCTALOPIA. A nyctalopia é a faculdade de ver durante a noite, entretanto que durante o dia existe privação da vista. As causas d'esta molestia são obscuras; os pezares, as vigílias, o abuso dos licores alcoholicos, uma longa residencia em um lugar escuro, a tem produzido muitas vezes. Para remediar este estado, é preciso acostumar pouco a pouco os olhos a uma luz progressivamente mais intensa, e usar de oculos com vidros azues ou verdes.

O

OBESIDADE. Quando a gordura se acha no corpo em proporção com o volume e a estatura, constitue um estado de perfeita saude, em outros termos, é a nutrição levada ao auge de perfeição. Além de certos limites, a gordura degenera em *corpulencia*, *obesidade*, palavras que designão, em um gráo mais ou menos pronunciado, o desenvolvimento consideravel do volume do corpo, por uma accumulção extraordinária de gordura no tecido cellular sub-cutaneo. Pelo effeito da obesidade o corpo póde adquirir um volume enorme : póde pesar 300, e mesmo 800 libras. A gordura, que n'um adulto de corpulencia ordinaria, não representa senão a vigesima parte do peso total do corpo, póde formar a sua metade, os dois terços e até os quatro quintos. Estes individuos movem-se com difficuldade; não podem fazer o menor exercicio sem ficarem suffocados, cobertos de suor, e sem experimentarem palpitações.

Causas. Nem todas as constituições são igualmente dispostas á gordura : as pessoas de alta estatura, delgadas, trigueiras, seccas e cabelludas, são menos sujeitas a ella. As constituições humidas, pelo contrario, os temperamentos sanguineos, lymphaticos, os individuos com cabellos louros ou castanhos, de pequena estatura, tem ordinariamente muita gordura. Segundo estas considerações, é evidente que os homens em geral são menos dispostos a ella do que as mulheres.

A obesidade é uma affecção muitas vezes hereditaria; não é raro que principie desde a mais tenra infancia. Em geral, começa no trigésimo anno e augmenta depois dos quarenta annos. Esta affecção sobrevem especialmente nos individuos que levão uma vida ociosa, sedentaria, e que usão de uma alimentação succulenta. As substan-

cias oleosas, as gorduras, o leite, o pão, as batatas, os alimentos farinaceos fazem engordar. As affecções moraes contribuem poderosamente para o estado de gordura ou magreza do corpo. Um homem irascivel, tristonho, inquieto, de ordinario é mirrado. Mas independentemente de todas estas circumstancias, certas pessoas trazem, ao nascer, maior ou menor disposição para a obesidade, a qual só espera, para desenvolver-se, o concurso de certas circumstancias.

Tratamento. Logo que a disposição á obesidade se manifestar, cumpre diminuir a quantidade habitual dos alimentos. É preciso comer pouco pão, pouca farinha de mandioca, pouca tapioca e mui pouco de outras feculas ou substancias seguintes : batatas, azeites e gorduras; abster-se de bebidas alcoolicas. Alimentar-se sobretudo de carne e vegetaes herbaceos, de saladas com vinagre. Levar vida activa, fazer muito exercicio, e não ficar na cama senão o tempo strictamente necessario para restaurar as forças. Tomar um purgante de tempos a tempos e com preferencia a limonada de citrato de magnesia, ou as pilulas seguintes :

Escamonea	2 grammas (40 grãos)
Raiz de jalapa.	2 grammas (40 grãos)
Xarope de gomma.	quantidade sufficiente.

Faça 20 pilulas. Para tomar 2 a 6 pilulas por dia.

Convem tambem recorrer á hydrotherapia (*veja-se* esta palavra). Pelo uso bem combinado dos meios sudorificos, das emborçações, da agua fria no interior e exterior, e do exercicio, faz-se desaparecer o tecido gorduroso, e diminue-se rapidamente o peso do corpo, sem alterar a saude.

Os medicamentos recommendados contra a obesidade são : a alga vesiculosa, o bicarbonato de soda e o iodo. Eis-aqui as suas receitas.

1º Alga vesiculosa em pó. 120 grammas (4 onças).

Divida em 30 papeis. Para tomar um papel, duas vezes por dia, n'uma pouca d'agua fria ou de chá da India.

2º Bicarbonato de soda. 120 grammas (4 onças).

Divida em 30 papeis. Para tomar um papel, duas vezes por dia, n'uma pouca d'agua fria com assucar.

3º Tintura de iodo. 60 grammas (2 onças)

Iodureto de potassio. 4 grammas (1 oitava).

Dissolva. *Dóse* : 20 gottas, uma vez por dia, n'uma pouca d'agua com assucar.

OBLITERAÇÃO DO ANUS. † IMPERFORAÇÃO, v. I, p. 211.

OBLITERAÇÃO DO ORIFICIO DA URETHRA.

Veja-se CRIANÇA QUE NASCE TAPADA, no artigo TAPADA.

OBREIA. Folha de massa de farinha de trigo, cozida em um ferro, empregada para fechar cartas e para hostias da missa.

As *obreias ordinarias* para cartas fabricão-se com agua e flor de farinha de trigo sem leavadura. Faz-se uma massa bastante liquida á qual se dá côr com diversas substancias, e que se coze depois em um ferro proprio. Corta-se depois com o sacabocado.

As *obreias transparentes* não são outra cousa senão gelatina que se faz dissolver em agua fervendo, e que depois de esfriada se deita n'um molde, para ter a consistência necessaria. Deixa-se depois esfriar de todo, e tira-se a gelatina sob a fórma de uma folha delgada e transparente, que se corta com o sacabocado.

Não podem empregar-se indifferenteemente todas as especies de tintas para dar côr ás obreias, e devem-se observar a este respeito as mesmas precauções que para os confeitos e licores. Eis-aqui as tintas que se costumão empregar : para o *vermelho*, uma decocção de páo de Pernambuco, de ruiva dos tintureiros, de cochonilha em pó com uma pouca de pedrahume; para o *azul*, o anil ou o azul de Prussia em pó fino; para o *amarello*, uma decocção de açafraão, de curcuma ou de grãos de Avinhão; para o *verde*, o azul e o amarello; para o *roxo*, o azul e o vermelho; para o *preto*, os pós de sapato.

OBSTRUÇÃO. Esta palavra, que é synonyma de *engurgitamento*, foi applicada, na linguagem vulgar, a affecções mui differentes, e principalmente aos engurgitamentos chronicos do figado e do baço, que se desenvolvem ás vezes depois das febres intermittentes prolongadas.

Obstrução do baço. *Vêja-se* vol. I, pag. 282.

Obstrução do figado. *Vêja-se* vol. I, pag. 1132.

OCRE. Substancia argilosa, corada de vermelho, amarello ou roxo, por certa quantidade de peroxydo de ferro. Acha-se em muitos terrenos. A maior parte dos ocreos são empregados na pintura. Os mais conhecidos são : o *Ocre vermelho de Ormuz*, ou *Rubro indiano*, que se tira da ilha de Ormuz, no golfo persico; o *Ocre de Combal*, na Saboia, de um amarello alaranjado; os *Ocres amarelllos* de Vierzou, Pourrain, Bitry e Saint-Amand em França; o *Ocre amarello* conhecido sob o nome de *Terra de Sienne*; o *Ocre roxo* ou *Terra de Ombria* que se tira de Ombria na Italia; o *Ocre vermelho* de Portugal, que serve para fabricar a olaria fina, o *Ocre avermelhado*, que serve aos Hespanhoes, para corar o fumo, polir os espelhos e limpar os objectos de prata; enfim o *Ocre vermelho* dos Cafres, que estes povos empregão para pintarem o corpo.

OCULOS. Designão-se sob o nome de *oculos* os diversos instrumentos destinados a remediar as imperfeições da vista, ou a augmentar-lhe o alcance. Compreendem-se debaixo d'esta denominação os *oculos ordinarios*, de que me occuparei principalmente, e os instrumentos mais ou menos complicados, chamados *oculos de longamira* ou *de ver ao longe*, *oculos de punho*, *telescopios*, etc.

Os *oculos ordinarios* são vidros circulares encaixilhados em fórmas variadas, e estes vidros são mais ou menos *convexos* ou mais ou menos *concavos*, conforme a vista é mais ou menos *longa* (*presbyopia*), ou, pelo contrario, mais ou menos *curta* (*myopia*).

Quando a vista principia a diminuir, os *oculos* com vidros *convexos* são muito uteis. Muitas pessoas conservão por este meio, durante dez, quinze e vinte annos, a sua vista no mesmo grão de alcance. Mas, para se obter este effeito, é preciso saber o momento em que se deve principiar a usar de *oculos*, e escolher os instrumentos de maneira que nada deixem a desejar. Este momento não é exactamente indicado pela idade, como julgão certas pessoas, mas sim pelos symptomas seguintes :

1º O ponto de vista principia a alongar-se, e a pessoa afasta machinalmente os pequenos objectos para os ver melhor. 2º Querendo ler de noite, põe o livro perto da luz ou atraz d'ella. 3º Os olhos fatigão-se pelo menor trabalho : é preciso suspendê-lo para lhes dar algum descanso. Quando estes signaes se manifestão, não se deve esperar mais; convem servir-se de *oculos*. Um vão amor-proprío, sobretudo nas senhoras, faz ás vezes hesitar; a vista porém vai-se perdendo cada vez mais. N'este caso os vidros *convexos* são mais uteis que nocivos.

A vantagem dos vidros *convexos* depende da augmentação do angulo dos raios visuaes : os objectos parecem então maiores, mais approximados, e sobretudo menos luminosos do que no estado ordinario.

Os vidros *concavos* de que se servem os *myopes*, produzem phenomenos inteiramente oppostos. Os corpos vistos por meio d'estes vidros parecem *pequenos* e *brilhantes*; sua circumferencia é mais clara, mais bem marcada do que no estado natural. Porém quanto mais pequeno e afastado está um objecto, tanto mais cansa a vista, porque obriga os olhos a fazer maiores esforços para vê-lo distinctamente. Se a isto se accrescentar o brilho da luz produzida pela concavidade do vidro, ver-se-ha quão perniciosos são para a vista estes instrumentos, que na realidade não produzem effeito senão excitando fortemente a parte nervosa do olho; e por isso não se deve usar de *oculos* com vidros *concavos* senão havendo absoluta necessidade. Os *myopes* decididos a empregar o socorro dos *oculos*

devem escolher os vidros que permitem ler facilmente e sem fadiga na distancia de 40 centimetros. Estes oculos podem ás vezes curar a myopia, se, depois de emprega-los por algum tempo, tiver o myope a precaução de muda-los todos os mezes, passando gradualmente para numeros cada vez menos fortes, até chegar aos vidros quasi chatos. Citão-se casos de cura de myopia obtidos por este meio.

Oculos com vidros de côr. Empregão-se estes oculos para diminuir sobre os olhos a impressão mui viva da luz, e por conseguinte para conservar a vista : os vidros azues são os que devem ser preferidos. Sem contestar a utilidade d'estes oculos, convem observar que apresentam algum inconveniente. Com effeito, não podendo permanecer constantemente diante dos olhos, umas vezes os objectos apresentam-se esclarecidos naturalmente, outras vezes n'uma especie de escuridão, alternativa que é mui nociva á sensibilidade do orgão. E por isso, o uso dos oculos com vidros de côr deve ser mui limitado. Só convem quando os olhos estão expostos á acção contínua de uma luz viva, como, por exemplo, quando alguém é obrigado a atravessar um sitio em que o sol bate sobre aridos rochedos, ou sobre areia.

Escolha de bons oculos. Este ponto é muito importante. Algumas pessoas, seduzidas pelo preço pouco elevado d'estes instrumentos, não reflectem que compromettem um valor inestimavel, pois que o pagão com a perda do orgão mais precioso. Se se considerar a difficuldade de fazer bons vidros, os processos minuciosos, os talentos, a longa experiencia que sua fabricação exige dos artistas que se consagrão a este genero de industria, julgar-se-ha facilmente quanto são funestos á vista os vidros communs, defeituosos pela natureza, pelo feitio e pelos aros.

Já disse que para os myopes convem os vidros concavos, para os presbytas os convexos, e para as pessoas que não tem a vista nem curta, nem longa, e só querem preservar momentaneamente os olhos da influencia nociva de uma luz mui brilhante, convem os vidros chatos de côr. Mas, qualquer que seja a fórmula e a côr de um vidro, deve reunir estas tres qualidades : ser *polido*, *puro* e *igual* em toda a sua substancia; é preciso que a sua transparencia não seja perturbada nem por manchas, nem por sinuosidades ou alguma mistura heterogenea; é necessario que seja mui macio ao tacto, e que seu brilho augmente quando é limpo com um lenço depois de coberto com o vapor do halito. A reunião de todas estas vantagens é indispensavel para obter uma refração perfeita dos raios luminosos; de outro modo, não atravessando a luz igualmente o vidro, resultarão d'isso refrações parciaes

cujo effeito será nocivo. A *desigualdade dos focos* é tambem um defeito grande nos oculos. É raro encontrar pessoas cujos olhos tenham ambos o mesmo alcance. O foco de cada vidro deve ser, por conseguinte, proporcionado á força ou fraqueza do olho que lhe corresponde. Mas, não obstante isto, todas as pessoas que se servem de vidros concavos ou convexos os tem quasi sempre do mesmo numero, e cansão por conseguinte os olhos.

A *irregularidade das curvaturas* deve ser cuidadosamente evitada. É indispensavel que os apices de duas curvaturas de um vidro tenham o mesmo eixo : é uma condição esta a que faltão frequentemente os artifices pouco attentos ou pouco habéis, e esta disposição produz um resultado desfavoravel, porque, não se fazendo de maneira conveniente a refração dos raios, sua reunião dá sobre a retina imagens irregulares; e os esforços continuados que o olho faz para as regularizar acabão por estragar o orgão.

Qualquer pessoa que deseje achar vidros proprios para a sua vista deve examinar por si mesma a *pureza*, a *transparencia*, o *brilho*, as *curvaturas* convexas ou concavas; assegurar-se bem, apresentando-os alternativamente a cada olho, do foco que convem a um e outro; experimenta-los por algum tempo sobre livros ou outros objectos antes de compra-los. Não é raro encontrar vidros que parecem bons a principio, e cujo uso mais continuado demonstra o contrario. Os caracteres de impressão de um livro ordinario devem apparecer distinctamente aos olhos a uma distancia cerca de 27 centimetros (10 pollegadas).

Eis-aqui a escala adoptada pelos fabricantes de Pariz :

• *Presbyopia* ou *vista longa*. Vidros convexas.

Presbyopia fraca. N^{os} 80, 72, 60, 48, 36, 30, 24, 20.

Presbyopia mais forte. 18, 16, 15, 14, 13.

Presbyopia forte. 11, 10, 9, 8, 7, 6, 5.

Presbyopia muito forte. 4 1/2, 4, 3 1/2, 3, 2 1/2, 2, 1 3/4, 1 1/2, 1.

Esta ultima serie dá-se ordinariamente aos individuos operados de cataracta.

Myopia ou *vista curta*. Vidros concavos.

Myopia fraca. N^{os} 60, 30, 20, 18, 16.

Myopia mais forte. 15, 14, 13, 12, 11, 10.

Myopia forte. 9, 8, 7, 6, 5, 4 1/2, 4.

Myopia muito forte. 3 3/4, 3 1/2, 3, 2 3/4, 2 1/2, 2, 1 3/4, 1 1/2, 1 (raras vezes empregados).

Os aros exigem tambem certas precauções. Sendo muito fracos ou muito moveis, o seu movimento continuo desarranjará a cada momento o eixo da visão. Se os vidros ficarem mui perto dos

olhos, a vista será incommodada; além d'isto, a transpiração mancha-lhes o brilho, e não será possível então distinguir bem os objectos. Se, pelo contrario, ficarem muito afastados, não servirão para o fim que se deseja. É, por conseguinte, importante que os aros tenham a *elasticidade*, a *solidez* e o *comprimento* necessarios para que os vidros fiquem n'uma distancia conveniente dos olhos, e não se desarranjem pelos movimentos da cabeça.

ODONTALGIA, ou DÔR DE DENTES. *Veja-se* vol. I, pag. 799.

ODONTALGICO. Palavra que serve para designar elixires aconselhados contra as dôres de dentes. De ordinario, são compostos de alcool, no qual se faz macerar raiz de pyrethro, guaiaco, moscadas, etc. Muitos d'elles são pouco efficazes contra as dôres de dentes. Os medicamentos proprios para acalmar as dôres de dentes achão-se indicados no vol. I, pag. 799.

OFFICIAL DE SALA. *Asclepias curassavica*, Linneo. Asclepiaceas. Planta do Brasil e das Antilhas. Habita nos prados, como por exemplo nos arredores do Rio de Janeiro entre o Berquó e o Hospicio de Pedro Segundo. Na Bahia dão-lhe o nome de *Cega-olho*. A raiz goza da propriedade emetica e é empregada nas Antilhas para este effeito na dóse de 1 gramma (20 grãos). O Sr. Dr. Nicoláo Moreira a considera suspeita, á vista de factos de envenenamento occasionados por esta planta.

OLEADO. *Veja-se* ENCERADO.

OLEANDRO. *Veja-se* ESPIRRADEIRA.

OLEOS. Corpos gordos que ordinariamente conservão o estado liquido na temperatura de 10° a 20° centigrados, e com mais razão acima d'esta temperatura. Os oleos distinguem-se em *graxos* ou *fixos*, e em *volateis* ou *essenciaes* ou *essencias*. Para estes *veja-se* ESSENCIAS.

Os *oleos fixos* são insolueis na agua; pouco soluveis no alcool, exceptuando o *oleo de ricino* e o de *croton tiglium* que se dissolvem completamente. São soluveis no ether. Os alcalis transformão-n'os em productos novos, com que se combinão e dão nascimento ao *sabão* cujos usos economicos e industriaes são bastante conhecidos. Extrahem-se pela maior parte dos vegetaes. Encontrão-se quasi exclusivamente nas sementes; raras vezes nas partes carnosas dos fructos: taes são a azeitona, os fructos de louros e alguns outros. Extrahem-se ordinariamente submettendo as partes vegetaes á prensa. Alguns oleos fixos são fornecidos por certos animaes: como são o azeite de baleia, chamado impropriamente azeite de peixe, e o oleo de mocotó ou de mão de vacca. Achão-se os oleos fixos, nos animaes, nas mesmas partes que as gorduras solidas,

Distinguem-se os oleos fixos em *oleos siccativos* e *oleos não siccativos*. Os primeiros tem a propriedade de se espessarem pouco a pouco ao contacto do ar e de se transformarem n'uma especie de membrana solida e transparente; taes são os oleos de linhaça, de nozes, de sementes de canhamo, de sementes de dormideira. Esta propriedade torna-os preciosos na preparação dos vernizes e das tintas a oleo. Os oleos não siccativos empregão-se como alimentos e como medicamentos, ou para luzes, para a fabricação do sabão; taes são os oleos de azeitonas, de amendoas, de nabo, de colza, etc.

1. **Oleo de amendoas.** Obtem-se péla expressão, a frio e sem agua, das amendoas doces e amargas, fornecidas pela arvore chamada amendoeira. É liquido, de côr esverdeada; o cheiro e sabor parecem-se um pouco com o de amendoas doces. Em alta dôse é laxante, emolliente em dôse pequena. Emprega-se internamente nos envenenamentos por substancias acres, nos pleurizes, bronchites, irritações das vias urinarias, e externamente em fricções como emolliente.

Oleo de andiroba. *Vêja-se* ANDIROBA.

Oleo de anta. Oleo extrahido da anta, animal mamífero do Brasil, representado no vol. 1. pag. 206. Este oleo emprega-se em fricções contra as dôres rheumaticas.

Oleo de avelã. Oleo extrahido dos fructos da aveleira. A pequena quantidade que se tira d'este oleo é reservada para a pharmacia, e para a preparação de diversos cosmeticos.

Oleo de azeitona. *Vêja-se* AZEITE.

Oleo de ben. Oleo extrahido das nozes da *moringa aptera*, Decaisne. Não é coagulavel, nem se faz rançoso facilmente; e por causa d'estas qualidades é procurado pelos relojoeiros, e pelos perfumistas para a preparação de *extractos de flores* de cheiro fugace.

Oleo de bicuíba. *Vêja-se* BICUIBA.

Oleo de cade. Oleo que se obtem queimando n'um forno os troncos de uma especie de zimbro, chamado oxycedro, *juniperus oxycedrus*, L., arvore que habita em Portugal, e sobretudo nos arredores de Setubal. É um liquido roxo, muito inflammavel, de consistencia oleosa, cheiro forte de alcatrão, sabor acre e caustico. Falsifica-se ás vezes com oleo de alcatrão ou com oleo de carvão de pedra, que tem differente composição e propriedades inferiores. Uma gotta de oleo de cade, applicada sobre um dente cariado, acalma a dôr. Este oleo é effcaz contra as lombrigas, na dôse de 20 gottas, administradas em 90 grammas (3 onças) d'agua com assucar. Uma ou duas fricções completas e um pouco fortes

com oleo de cade, são sufficientes para curar a sarna. É util em muitas molestias cutaneas, como no eczema, lupo, tinha e outras; emprega-se n'estes casos em fricções brandas, feitas todos os dias, ou de dois em dois dias, sobre as partes affectadas, puro ou misturado com 2 ou 3 partes de glicerina ou oleo de amendoas doces. É muito empregado na medicina veterinaria, em fricções contra a sarna, e, misturado com banha, forma o unguento usado contra as ulceras sarnentas dos animaes.

Oleo de cajeput. Oleo extrahido por distillação das folhas frescas de um arbusto chamado por Smith *Melaleuca minor*, da familia das Myrtaceas, que habita nas Molucas. É liquido, mui volátil, transparente, amarello-dourado, de cheiro forte e agradável, inteiramente soluvel no alcool. Recommendado como estimulante nas molestias nervosas do estomago; dá-se na dóse de 6 a 8 gottas com assucar; tambem se fazem fricções com este oleo no rheumatismo e paralyasia.

Oleo camphorado. Prepara-se dissolvendo 1 parte de camphora em 9 partes de azeite doce, e filtrando depois de feita a dissolução. Emprega-se em fricções nos rheumatismos.

Oleo de carrapato. *Veja-se* OLEO DE RICINO.

Oleo de colza. Oleo extrahido das sementes de uma especie de couve, *brássica oleracea*. Este oleo póde empregar-se como alimento; mas serve sobretudoo para luzes e fabricação do sabão.

Oleo de copaliba. *Veja-se* Vol. 1, pag. 696.

Oleo de croton tiglium. Oleo extrahido das sementes do *croton tiglium*, Linn., arbusto qua habita nas Molucas e na China. Emprega-se em medicina como purgante. Tem a consistencia de xarope, de côr escura e opaca sendo em grande quantidade, de côr amarella alaranjada sendo em pequena; sabor quente e muito acre, cheiro particular e desagradavel.

O oleo de croton tiglium é um purgante extremamente violento. O seu emprego exige muita prudencia, porque em minima dóse, como na de uma gotta, determina dejeções alvina abundantes. Administra-se na dóse de 1 a 2 gottas em 15 grammas (1/2 onça) de xarope de gomma ou em pilulas com miolo de pão.

Oleo de dendê. *Veja-se* AZEITE DE DENDÊ.

Oleos essenciaes. *Veja-se* ESSENCIAS.

Oleo de figado de bacalháo. O figado do bacalháo é muito volumoso e fornece um oleo empregado em medicina. Este oleo é amarellado ou escuro. É aconselhado internamente na dóse de uma colher *de sopa* tres vezes por dia na tísica, no rachitismo, rheumatismo articular, nas escrophulas; externamente emprega-se em fricções nos mesmos casos.

Oleo de linhaça. Oleo siccativo que se extrahê das sementes de linho, depois de torradas e moidas. Emprega-se na pintura commum e para preparar os vernizes graxos. Torna-se mais siccativo sendo fervido com 7 a 8 por cento de lithargyrio: chama-se então *oleo de linhaça fervido*. A tinta de imprensa prepara-se com oleo de linhaça e $\frac{1}{6}$ do seu peso de pós de sapato. O tafetá gomado recebe muitas camadas successivas de oleo de linhaça com lithargyrio; preparão-se do mesmo modo couros envernizados, pannos encerados, etc.

Oleo do louro. Oleo extrahido das bagas de louro. Esverdeado, grosso, de cheiro forte, desagradavel; empregado para curar as feridas dos animaes.

Oleo de macassar. Nome que se deo a uma pomada empregada para untar o cabello. Ha diversas receitas d'esta preparação cosmetica. Eis-aqui uma :

Oleo de ben (oleo extrahido das sementes da arvore <i>moringa aptera</i> , Decaisne, que habita no Ceylão).	4 litros
Oleo de avelã.	2 litros
Espirito de vinho	$\frac{1}{2}$ litro
Tintura de almiscar	50 grammas
Alcoolato de casca de laranja.	50 grammas
Essencia de bergamota.	50 grammas
Essencia de Portugal.	54 grammas
Essencia de rosas.	54 grammas.

Aquece-se a banho-maria, n'uma vasilha bem tapada, durante uma hora, deixa-se infundir durante 8 dias na mesma vasilha, mexendo duas ou tres vezes por dia, e deita-se-lhe depois orcaneta para lhe dar côr.

Oleo de mão de vacca. Obtem-se abandonando a si mesmo o decocto aquoso das mãos e pés de vacca separados do casco, tirando o liquido que sobrenada, e lançando-o em grandes reservatorios onde se purifica pelo repouso. Serve para untar as rodas das maquinas delicadas, principalmente na relojoaria, e emprega-se mesmo na cozinha para frituras.

Oleos medicinaes. Dissoluções de diversas substancias medicinaes em azeite doce. Empregão-se para fricções em diversas molestias. Taes são : oleo camphorado, oleo de camomilla, de cicuta, de belladona, etc.

Oleos mineraes. Dá-se este nome á naphta e ao petroleo, que se achão no estado de verdadeiras fontes em muitos lugares da America do Norte, da California e do Canadá (*Veja-se* NAPHTA e PETROLEO). Tirão sua origem de uma especie de distillação lenta

effeituada no seio da terra, pela influencia do calor terrestre, sobre materias organicas combustiveis. Empregão-se para luzes.

Oleo de nabo. Extrahe-se das sementes de nabo. Emprega-se para luzes, fabricação do sabão molle, apisoamento das fazendas de lã, e preparação dos couros.

Oleo de nozes. Extrahe-se das nozes, e é mais siccativo do que o oleo de linhaça. Emprega-se com preferencia para as pinturas finas. Serve tambem para vernizes, luzes, e sabão verde. Nas localidades onde ha muitas nogueiras emprega-se para comidas; não é muito inferior ao oleo de azeitonas, mas torna-se rancido em pouco tempo.

• **Oleo de petroleo.** *Veja-se* PETROLEO.

Oleo de ricino. Oleo extrahido das sementes da mamona, *Ricinus communis*, Linneo, arvore representada na fig. 353, vol. II, pag. 341. A fig. 378 mostra as sementes. Este oleo é de côr branca ou amarellada, viscoso, de sabor desagradavel; é um dos purgantes mais usados, bem que sua acção seja inconstante. Goza tambem de propriedades vermifugas. Administra-se na dôse de 15 a 60 grammas ($1/2$ a 2 onças) em caldo de vacca, ou n'uma chícara d'agua fria com assucar e um pouco de sumo de limão. Para tirar o gosto do oleo, o melhor meio consiste em chupar limão azedo com



Fig. 378.

Sementes do ricino.

assucar, ou lavar a bocca com vinho ou aguardente.

Oleo de schisto. Oleo para luzes extrahido pela distillção dos schistos betuminosos e do carvão de pedra.

Oleo de sementes de canhamo. Serve para luzes, para a preparação dos vernizes e do sabão.

Oleo de sementes de dormideira. Emprega-se como alimento, para luzes e na pintura.

Oleo de tamaquaré. Producto resinoso obtido de incisões feitas na cásca de uma grande arvore do Brasil, que habita particularmente nas margens do Rio Negro. É um liquido opaco, de consistencia de mel espesso, de côr amarella suja, de sabor fraco, de cheiro semelhante ao da manteiga, insolvel em agua, soluvel no alcool, no chloroformio, na benzina, no acido acetico; pouco soluvel na essencia de terebinthina. — Emprega-se em fricções contra as molestias cutaneas.

Oleo de terebinthina. *Veja-se* TEREBINTHINA.

Oleo de vitriolo. *Veja-se* ACIDO SULFURICO, vol. I, pag. 42.

OLEO VERMELHO OU BALSAMO. *Myrospermum erythroxyllum*, Freire Allemão. Leguminosas, Arvore do Brasil; habita em

Minas, no Ceará, e nas outras provincias do Imperio. É uma das principaes arvores silvestres, pela belleza e aroma do seu cerne. É de grandes dimensões; seu tronco tem 25 metros de altura, pouco mais ou menos, e mais de 6 metros de circumferencia; a casca é lisa, de um cinzento claro, de cheiro aromatico; as folhas são compostas de foliolos alternos, ovaes-oblongos, em numero variavel em cada folha, glabros, luzidios, de um verde muito mais intenso no limbo, glandulosos, recortados e ondulados nas orlas; inflorescencia em racimo; as flores são pequenas, aromaticas e de côr branca; o fructo é um legume com uma semente envolvida em um pouco de resina. O cerne (parte interior do lenho) é formado por um tecido compacto, de côr vermelha, e contém um oleo essencial que lhe communica um aroma extremamente agradável, e que não desaparece facilmente com o tempo; este cerne é pesado, resinoso, muito combustivel, e empregado com vantagem nas obras immersas, que exigem um prolongado contacto com a agua ou com o solo; é susceptivel de muitas outras applicações. Na lavoura muitos eixos dos carros são construidos com esta madeira. Os indios servem-se dos fragmentos do oleo vermelho como fochos. O carvão, que d'elle se extrahê, arde com facilidade. O Sr. Dr. Theodoro Peckolt, distincto pharmaceutico do Rio de Janeiro, obteve d'esta arvore um balsamo inteiramente semelhante ao balsamo chamado no commercio *peruviano*, que é produzido por uma arvore da mesma familia, *Myrospermum Pereiræ*. Boyle, que não habita no Perú como o seu nome parece indicar, mas sim na America central. O balsamo, obtido por incisões praticadas no tronco do oleo vermelho, pôde ter as mesmas applicações na medicina contra as molestias do peito, que o balsamo *peruviano* que se acha no commercio, e poderia vir a ser um importante artigo de exportação. Na Exposição universal de Pariz de 1867, achavão-se os differentes productos d'esta interessante arvore, a madeira, a casca, o balsamo tirado da arvore, e o oleo essencial extrahido da serradura.

OLFACTO. Um vapor ligeiro e subtil levanta-se continuamente da superficie dos corpos, e espalha-se pela atmosphaera. É invisivel, impalpavel, imponderavel, e escapa a todos os nossos meios de exploração: entretanto, um appparelho particular, disposto com uma arte infinita pelas mãos do Creador, recolhe estas impressões fugitivas e leva a sua impressão ao cerebro. O sentido do olfacto é que põe a maior parte dos animaes em relação com essas moleculas tenuissimas. Muitos d'entre elles tem certamente maior fineza do que o homem no olfacto: sentem a maiores distancias; não sómente são advertidos de mui longe da presença

dos corpos, como tambem reconhecem os seus vestigios muito tempo depois da sua passagem. Nos animaes das classes inferiores ao homem, o olfacto é o orgão principal do instincto; seus olhos e ouvidos não podem considerar os objectos debaixo de todos os pontos de vista. Na escolha de seus alimentos, os animaes são esclarecidos pelo olfacto muito mais seguramente do que o homem. Os rebanhos que pastão nos prados não comem as hervas nocivas. No homem, pelo contrario, as sensações que dão os cheiros augmentão pouco as suas ideias; frequentemente o olfacto não lhe descobre os venenos, e até faz-lhe achar n'estes venenos cheiros agradaveis. A natureza quiz privar o homem d'estas luzes totalmente instinctivas, afim de o levar a desenvolver completamente a observação, que é o caracter da sua intelligencia.

Um dos principaes usos do olfacto no homem é fazer reconhecer as qualidades do ar que deve servir á respiração. Segundo as impressões, que este sentido experimenta, o aparelho respiratorio dispõe-se a receber ou repellir a substancia que lhe é enviada. Assim, se o ar que se respira tem um cheiro desagradavel, a inspiração parece fazer-se com violencia, e o peito aperta-se com força.

O olfacto é como todos os actos que dependem do exercicio da sensibilidade; parece que esta faculdade se consome e se exhaure por uma serie de sensações vivas e prolongadas. Sensações fracas não são quasi percebidas quando succedem a outras muito mais fortes, e a mesma sensação enfraquece-se pela duração, bem que os corpos exteriores que a causão não tenham mudado. Assim, as pessoas continuamente expostas ás emanações mais infectas, como aos cheiros mais suaves, acabão por lhes ser inteiramente insensiveis. Sabe-se que o celebre cardeal Richelieu fizera um tal abuso dos perfumes, debaixo de todas as fórmãs, que não sentia mais a sua acção, e que a atmospherã em que vivia habitualmente era tão odorifera, que incommodava as pessoas que entravão nos seus salões.

As lesões do olfacto referem-se á abolição completa, á simples diminuição, á exaltação e á perversão da faculdade olfactiva. A falta do olfacto observa-se em diversas circumstancias. As vezes, bem que raramente, mostra-se desde a nascença; e tem-se notado alguns individuos que apresentavão esta singular disposição, sem que existisse vicio algum de conformação nos seus orgãos olfactivos. Porém, as mais das vezes, a falta do olfacto sobrevem em consequencia de algumas molestias que alterão a estrutura da membrana nasal, que obstruem as cavidades olfactivas, ou emfim é o resultado de affecções cerebraes. Assim, tem ás vezes sido produzida

por defluxos frequentes, por uma ulcera no interior do nariz, ou pela presença de um polypo. A falta do olfacto observa-se muito mais frequentemente durante o curso das affecções agudas, com as quaes desaparece : taes são o defluxo e as molestias do cerebro. O que acabo de dizer da falta de olfacto é tambem applicavel á simples diminuição ou ao enfraquecimento d'este sentido, que é muito mais commum.

A exaltação do olfacto observa-se, ás vezes, particularmente nas pessoas nervosas, e nas molestias em que existe excitação cerebral mui pronunciada. Manifesta-se ás vezes durante a gravidez. O menor cheiro affecta desagradavelmente estas pessoas. Em alguns casos, são affectadas sómente por um certo cheiro, que descobrem com uma sensibilidade infinita e em distancias grandes. Emfim a perversão ou a depravação do olfacto, que consiste em perceber cheiros agradaveis ou desagradaveis que não existem, em buscar cheiros ordinariamente repugnantes, encontra-se quasi exclusivamente nas pessoas hypocondriacas, hystericas, e ás vezes nas senhoras gravidas : é um phenomeno puramente nervoso.

OLHO. Orgão da vista, de fôrma espherica, contido em duas cavidades osseas, chamadas *orbitas*. Fig. 379.

Procedendo-se, de diante para traz, ao exame do olho; isto é, das partes que se apresentam em primeiro lugar ás que são situadas mais profundamente, encontra-se :

A *cornea* (*k*), membrana lisa, perfeitamente transparente, convexa na sua face externa, concava na face interna, que occupa a quinta parte anterior do globo ocular, entretanto que a sclerotica occupa os quatro quintos posteriores. É semelhanté a um vidro de relógio engastado no seu aro.

A *sclerotica* (*d*), membrana opaca que dá ao olho a consistencia e a fôrma, é de côr branca azulada. É aberta anteriormente para a cornea transparente : por detraz, quasi no centro, existe outra abertura muito mais pequena, destinada á passagem do nervo optico. A sua porção anterior, que é visivel, constitue o que se chama o *branco do olho*. A face interna da sclerotica é unida com a *choroide* (*s*), outra membrana mui vascular, coberta de uma massa preta chamada *pigmento*.

O *iris* (*hh*), membrana situada entre a cornea e o humor crystallino, formando d'esta maneira as duas camaras do olho. É de côr varia, e, conforme esta côr chamão-se olhos azues, gazcos, pretos, etc. O iris tem no centro uma abertura, redonda no homem, chamada *pupilla*, vulgarmente *menina do olho*.

O *humor aqueo*. limpido e transparente, semelhante á agua com uma pouca de gomma em dissolução, que enche as duas camaras

do olho; isto é, todo o intervalo desde a cornea até ao crystallino.

O *crystallino* (*l*), corpo transparente, de fôrma lenticular, situado na direcção da pupilla, na reunião dos dois terços posteriores com um terço anterior do olho. É revestido de uma membrana, chamada *capsula* do *crystallino*. Quando o *crystallino*, ou a sua *capsula*, se tornão opacos, formão a molestia chamada *cataracta*.

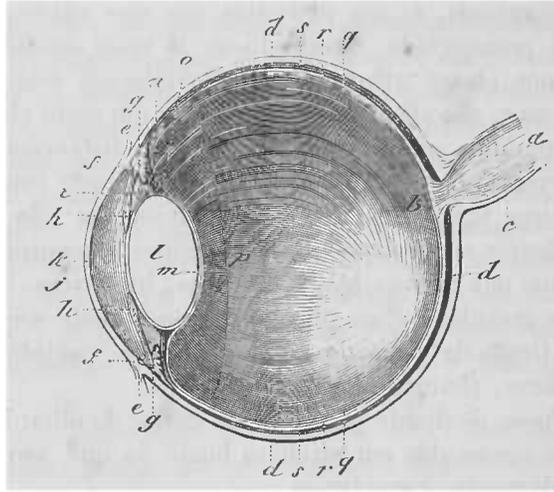


Fig. 379.

Côrte vertical e antero-posterior do globo do olho.

k, cornea; *d*, sclerótica; *s*, choroide; *r*, retina; *a*, nervo optico; *hh*, a membrana iris que limita a pupilla e se apoia no *crystallino*; *l*, o *crystallino* collocado atraz da pupilla; *m*, capsula do *crystallino*; *b*, extremidade do nervo optico; *c*, bainha do nervo optico; *f*, canal de Holvius ou de Schlemm; *g*, ligamento ciliar e processos ciliares; *pb*, corpo ou humor vitreo ou hyaloideo, que enche a cavidade do olho atraz do *crystallino*; *qgo*, membrana do humor vitreo; *p*, zonula de Zinn; *n*, o canal de Petit; *o*, parede posterior d'este canal; *j*, camara anterior cheia de humor aqueo; *i*, camara posterior; *e*, terminação da conjunctiva ao nivel da junção da cornea com a sclerótica.

O *corpo vitreo* (*pb*), comparavel a geleia, de uma transparencia perfeita, e que occupa o espaço comprehendido entre o *crystallino* e a retina.

A *retina* (*r*), membrana formada pela expansão do nervo optico. Esta membrana recebe a impressão da luz; é o orgão immediato da visão. Acha-se por detraz do corpó vitreo, e communica com o cerebro por intermedio do nervo optico.

Um nervo volumoso (*a*), cuja extensão concorre a formar a retina, entra no olho pela extremidade posterior da abobada orbitaria, e atravessa a sclerotica. Seis musculos fixados na sclerotica pela sua extremidade anterior, e inseridos atraz do globo do olho pela sua extremidade opposta, fazem executar a este orgão movimentos em todos os sentidos.

MOLESTIAS DOS OLHOS.

1º **Arco senil.** Nas pessoas idosas a superficie da cornea infiltra-se de granulações gordurosas que fórmão na circumferencia d'esta membrana um circulo esbranquiçado de 2 a 3 millimetros de largura. Não ha nada a fazer contra esta alteração senil que, aliás, não impede a vista. O arco senil apparece ás vezes nos adultos.

2º **Belida** ou **Nevoa do olho.** *Veja-se* vol. I, pag. 329.

3º **Cancro do olho.** *Veja-se* vol. I, pag. 457.

4º **Cataracta.** *Veja-se* vol. I, pag. 514.

5º **Commoção do olho.** Os corpos contundentes, obrando com violencia sobre o olho ou nas regiões vizinhas, podem dar lugar a lesões mui graves; um simples abalo do globo ocular póde ter tristes consequencias, tanto a retina tem pouca cohesão, os vasos pouca firmeza, e o iris pouca adherencia. Assim, em consequencia de pancadas sobre o olho, sobrevem uma verdadeira commoção, rasgaduras internas, etc. Achando-se o systema nervoso quasi no estado de polpa para formar a retina, é sobre elle que se manifestão sobretudo os effeitos da commoção; ha compressão subita e instantanea da membrana nervosa, d'onde vem a cegueira. mais ou menos prompta, mais ou menos rebelde. Este effeito póde existir sem alteração alguma das partes transparentes do olho. Esta commoção ocular é occasionada por todos os corpos applicados violentamente sobre o olho: a rolha de uma garrafa de Champaña destapada com estrondo; um grão de chumbo que não penetra, ou um nó da ponta de um chicote. É assim que se produzem muitas commoções oculares; e estas são commoções directas do olho. A commoção indirecta póde ser occasionada por um abalo, em consequencia de uma pancada sobre o rosto, sobre a sobrancelha e mesmo sobre a testa. Uma bofetada deo muitas vezes lugar a uma commoção ocular seguida de gota serena. Foi uma commoção ocular indirecta que fez perder a vista ao duque de La Rochefoucauld, de que falla Voltaire no *Seculo de Luiz XIV*. O duque recebeu na testa, n'uma rua de Pariz, uma bala morta que não dividio os tecidos: houve perda de sentidos, e cegueira immediata que foi incuravel. O olho não appresentava alteração physica.

Tratamento. Se algum abalo do olho fôr seguido de cegueira, será preciso pôr dez bichas na fonte correspondente, e applicar no olho pannos molhados em agua fria.

6º **Contusão do olho.** *Veja-se* vol. I, pag. 685.

7º **Corpos estranhos no olho.** *Veja-se* vol. I, pag. 730.

8º **Estaphyloma.** *Veja-se* vol. I, pag. 1004.

9º **Feridas do olho.** Estas feridas são um dos accidentes mais frequentes que se dão no olho. Quando são insentas de contusões e de qualquer outra complicação, sãrão promptamente sem deixar belidas, e as picadas feitas na cornea são ainda menos graves que os córtes : os differentes methodos da operação de cataracta pela cornea são provas d'isto. Ha casos em que pontas de agulha ou tesoura penetrãrão na cornea, e os accidentes forão prevenidos por simples applicações de pannos molhados em agua fria. Nas feridas largas da cornea, o humor aqueo é sempre evacuado; mas esta circumstancia nem sempre é grave, porque este humor reproduz-se em pouco tempo. O perigo d'estas feridas depende, por consequinte, de outras circumstancias : umas vezes o crystallino foi tocado, e forma-se então uma cataracta; outras o corpo vitreo sahio, e este não se reproduz; emfim, a ferida da cornea não se cicatriza immediatamente, uma suppuração tem lugar, a qual determina uma belida; e se esta se achar na direcção da pupilla, a vista fica mais ou menos impedida. Póde tambem sobrevir uma inflammação profunda no olho, que occasiona a perda d'este orgão.

O *tratamento* das feridas do olho consiste, nos primeiros dias, em bichas e applicações de pannos molhados em agua fria. A descripção mais circumstanciada das feridas do olho e o seu tratamento achão-se no artigo FERIDAS, vol. I, pag. 1093.

10º **Fistula da cornea.** Dá-se este nome á pequena abertura da cornea que distilla o humor aqueo do olho. Pela maior parte é a consequencia de ulcerações da cornea, ás vezes das feridas obliquas d'esta membrana pela ponta de agulha, de canivete ou de qualquer outro instrumento picante. A abertura, que a forma, deixa escorrer continuamente o humor aqueo em quantidade pequena; resulta d'isto o desapparecimento da camara anterior do olho, a propulsão da membrana iris, que se applica á face posterior da cornea; esta torna-se enrugada. O olho é menos resistente á pressão do que no estado normal. A abertura da cornea fecha-se ás vezses espontaneamente, e então o globo ocular recobra a sua conformação primitiva.

Para curar as fistulas da cornea empregão-se os collyrios adstringentes, a oclusão das palpebras por meio de uma ligadura

convenientemente applicada, chamada monoculo (vol. II, pag. 285), e, finalmente, a cauterização *superficial* das margens da fistula com pedra infernal. Eis-aqui as receitas dos collyrios :

- | | |
|----------------------|-------------------------|
| 1ª Sulfato de zinco. | 5 centigrammas (1 grão) |
| Agua distillada. | 30 grammas (1 onça). |
| 2ª Azotato de prata. | 5 centigrammas (1 grão) |
| Agua distillada. | .. 30 grammas (1 onça). |

11º **Glaucoma.** *Veja-se* vol. II, pag. 57

12º **Gota serena.** *Veja-se* vol. I, pag. 146.

13º **Hemalopia** ou *Hypohema*. Derramamento do sangue na camara anterior do olho. É ás vezes espontaneo; sobrevem em consequencia de ophthalmias violentas; mas de ordinario resulta de uma contusão do olho, de uma ferida do olho, e da operação da cataracta.

A resorpção do sangue é a mais frequente terminação da hemalopia; mas muitas vezes é incompleta, uma porção de coalho fica na camara anterior, e ás vezes uma inflammação é a consequencia da presença d'este corpo estranho.

O *tratamento* consiste em applicar no olho pannos molhados em agua fria, que se reformão de vez em quando. Para combater as dôres administra-se internamente o xarope diacodio na dóse de uma colher *de sopa*, 3 vezes por dia.

14º **Herpes ocular.** *Veja-se* vol. II, pag. 134.

15º **Hydropisia do olho** ou *Hydrophthalmia*. V v. II, p. 153.

16º **Hypopyon.** Collecção de pus no interior do olho, consequente a uma inflammação violenta d'este orgão. Conhece-se pelo meio circulo de um branco amarellado, que existe na parte inferior da cornea, e augmenta insensivelmente.

Tratamento. Instillem-se entre as palpebras com um pincel algumas gottas do collyrio seguinte :º

- | | |
|-----------------------|----------------------|
| Agua | 30 grammas (1 onça) |
| Laudano de Sydenham.. | 1 gramma (20 grãos). |

E applicuem-se sobre as palpebras pannos molhados em agua tepida, ou cataplasma de linhaça.

As puncções repetidas da cornea com agulha de cataracta é o melhor meio que póde empregar-se. O humor aquco, reproduzindo-se, leva consigo cada dia um pouco de pus.

17º **Inflammação do olho.** *Veja-se* CONJUNCTIVITE.

18º **Keratite.** *Veja-se* vol. II, pag. 236.

19º **Olho postiço** ou **artificial.** Assim se chama uma especie de meio-globo em esmalte, vidro ou qualquer outra substancia, cuja superficie convexa offerece a imagem de um olho natural. Os antigos servião-se de uma simples chapa metallica coberta de

uma pelle fina, que applicação por diante da orbita. Sobre esta chapa pintavão a imagem do olho, a qual, longe de esconder, punha em evidencia a deformidade. Os olhos postiços fabricados hoje de esmalte estão aperfeiçoados até ao ponto de imitarem perfeitamente a cornea, a camera anterior, a fórma variada do iris, a abertura pupillar, a sclerotica e os vasos da conjunctiva; de sorte que é muitas vezes difficil, para não dizer impossivel, distinguir o olho postiço do natural. Se existe um côto movel na orbita, e se a molestia respeitou os musculos, o olho postiço recebe os movimentos em harmonia com os do olho, e a illusão é completa. Todas as manhãs introduz-se o olho de esmalte debaixo das palpebras, e tira-se todas as noites, para deixar descansar a orbita, e lava-la com agua.

20º **Pterygio** ou **Unha do olho.** *Veja-se* PTERYGIO.

21º **Queimadura do olho.** *Veja-se* QUEIMADURA.

22º **Ulceras da cornea.** As ulceras da cornea são a consequência das inflammações, das pustulas, dos abcessos da cornea. São superficiaes ou profundas.

Symptomas. Todas estas ulceras tem symptomas communs: lagrimejamento, aversão á luz, alteração da vista. A dôr é ás vezes viva, outras vezes quasi nulla.

A *marcha* d'estas ulceras é variavel; ora é extremamente rapida, e a perforação da cornea sobrevem em vinte e quatro ou quarenta e oito horas; ora é chronica.

A *terminação* a mais frequente é a cicatrização, uma substancia plastica, segregada pela superficie ulcerada, depõe-se sobre a ulcera e a enche pouco a pouco. Esta substancia, a principio opaca, torna-se mais clara e a cornea recobra insensivelmente a sua transparencia; a opacidade não persiste senão quando a ulcera é mais extensa. Mas ás vezes a ulcera continuando a sua marcha, destroe a maior parte das laminas da cornea, então a camada a mais profunda não póde resistir á pressão do humor aqueo: sobrevem uma proeminencia chamada *keratocele*. Em casos raros, toda a cornea está destruida, a membrana do humor aqueo faz *hernia* atravez da solução de continuidade; outras vezes a membrana do humor aqueo perfora-se; sobrevem *fistula da cornea*.

Tratamento. Applicar sobre as palpebras pannos molhados em agua quente, e impedir, por meio de atadura o movimento das palpebras. Duas vezes por dia tocar a ulcera da cornea com pincel molhado no laudano de Sydenham, ou no collyrio seguinte:

Agua distillada.	30 grammas (1 onça)
Azotato de prata.	5 centigrammas (1 grão).

Se estes meios não aproveitarem, cumpre tocar levemente a ulcera com pedra infernal.

O doente deve estar collocado em boas condições hygienicas, n'um lugar arejado; será bem alimentado. Durante o tratamento não fará uso dos olhos para trabalhar em qualquer cousa que seja.

Para as molestias que tem connexões com as dos olhos, *Veja-se* o artigo PALPEBRAS.

OLHO DE POLVO. Vulgarmente assim se chamão bexigas mui graves, que, em vez de se encherem de materia purulenta, abatem rapidamente e tornão-se chatas pouco depois do seu desenvolvimento, *Veja-se* BEXIGAS, vol. I, pag. 346.

OLIBANO. *Veja-se* INCENSO.

OMENTO. *Veja-se* EPIPLOON.

OMOPLATA. Osso chato do hombro, que cobre as costas. Póde ser fracturado por queda, pancada ou qualquer outra violencia exterior; mas estas fracturas são raras. *Veja-se* FRACTURA DA ESPADOA, vol. I, pag. 4191.

ONANISMO ou MASTURBAÇÃO. Este assumpto é melindroso e grave, digno de toda a solicitude dos pais de familia, e de todas as pessoas zelosas da moralidade e da saúde da mocidade.

Os perigos d'este vicio e de todos os abusos venereos forão já antigamente reconhecidos. « Segundo a minha opinião, diz o Dr. Reveillé-Parise, nem a peste, a guerra, as bexigas, ou outro grande numero de males semelhantes, tem resultados mais desastrosos para a humanidade do que o funesto costume da masturbação : é o elemento destruidor das sociedades civilizadas, e é tanto mais activo, que obra continuamente e vai minando pouco a pouco as populações. » O onanismo reina com maior furor nas epochas da vida em que o corpo se forma, e a constituição, arruinada em seus alicerces, não chega áquelle estado de força a que devia chegar. O temperamento que teria sido forte fica fraco, e só o enfraquecimento da constituição abre a porta a grande numero de molestias. Não é raro verem-se pessoas raciocinar falsamente sobre as consequencias do onanismo. A maior parte dos adolescentes, dizem, e grande quantidade de meninas cahem n'esta sorte de excessos, e veja-se, entretanto, se ha tantas victimas quantos são os culpados? Primeiramente, pelo unico facto de que a acção perigosa do onanismo é lenta e secreta, é evidente que muitas vezes não se póde saber se foi ella que produzio os accidentes que sobrevivem. Em segundo lugar, todos os masturbadores não recebem um castigo immediato de sua culpa; ás vezes não soffrem as más consequencias d'este vicio senão muitos annos depois de curados d'elle. E, além d'isto, o onanismo, assim como

as outras causas de molestia, não tem uma acção igual e constante. Poupa ou ataca fracamente a este, mata aquelle, prepara enfermidades a est'outro. Em uma batalha alcanção as balas todos o combatentes? Não de certo, mas nem por isso deixão todos de ter corrido perigos. Saiba-se pois que, de todas as influencias que ameação a existencia humana, nenhuma existe mais perigosa do que esta.

Os symptomas do onanismo são os seguintes : o corpo definha, as carnes tornão-se molles, a tez murcha, a cara conserva-se habitualmente pallida, um circulo livido orla a palpebra inferior, os olhos perdem a expressão. Todavia, as digestões são ainda boas, frequentemente até o appetite augmenta; mas acabão por desarranjar-se, a appetencia dos alimentos diminue, torna-se caprichosa, o trabalho digestivo é lento e difficuloso. Esgotadas de uma parte, mal reparadas de outra, as forças não podem sustenter-se; o exercicio, tão natural e salutar á idade juvenil, já não é tão facil e attractivo; existe preguiça, o movimento determina facilmente palpitações. O character muda, é desigual, irritavel, triste, tímido, vergonhoso, pusillanime; as faculdades intellectuaes, sobretudo a attenção, a memoria, a imaginação, soffrem consideravelmente. Este estado de degradação que se observa em grãos mui variaveis nos individuos entregues á masturbação, conduz a muitas affecções nervosas, taes como o idiotismo, a hypochondria, o hysterismo, a melancolia, etc. Eis-aqui finalmente a lista das molestias que se tem observado como resultado de excessos onaniacos ou venereos : a apoplexia, a epilepsia, as affecções da medulla espinhal, a carie vertebral, a paralysisa, a perda ou a debilidade do ouvido e da vista, as alporcas, a tísica, a asthma, o rachitismo, a impotencia viril, a incontinençia de ourinas, as polluções, o hydrocele, o varicocele, as flores brancas, o cancro do útero, etc. Mas antes de chegar a estes terriveis resultados, quanto é triste o enfraquecimento produzido pela masturbação! quanto é deploravel ver-se tão grande numero de jovens parcerem-se com esqueletos ambulantes, incapazes de sustentar com fructo um trabalho physico ou intellectual!

Causas do onanismo. Entra na ordem da natureza que se despertem espontaneamente sensações particulares nos órgãos que tem por fim concorrer á reproducção da especie; mas os desejos que resultão d'estas sensações dirigem-se principalmente para o sexo opposto, e as pessoas que os querem satisfazer em si mesmas só o fazem por aberração ou depravação.

Ha causas organicas, innatas, que podem despertar prematuramente o sentido genital. Em alguns individuos, a predisposição

ao onanismo provém de uma educação mui sensual. Mas de todas estas causas, as de que devemos desconfiar mais são o ensino, a provocação e o exemplo. Esta calamidade tende a propagar-se especialmente nos lugares em que a mocidade se acha reunida em grande numero, como nos collegios, seminarios, etc. Nas casas particulares, os jovens achão tambem provocações da parte dos camaradas, dos amigos, dos criados, etc. A experiencia mostra que, entre estes ultimos, as criadas são as mais perigosas.

Tratamento do onanismo. As precauções que se devem tomar contra o onanismo resumem-se n'estes tres pontos principaes : 1º prolongar o somno dos orgãos genitae, privando-os das causas de sua excitação especial; 2º ter toda a vigilancia em que a criança não descubra em si mesma este vicio; 3º impedir que lhe seja ensinado.

As partes genitae são ás vezes a séde de uma irritação; a comichão que esta irritação occasiona attrahe as mãos a estas partes, produzem-se sensações desconhecidas, e a masturbação é accidentalmente descoberta. Isto dá a conhecer quanto é essencial que se afaste d'estas partes, tanto em um como em outro sexo, tudo quanto n'ellas possa produzir comichão. Frequentemente tambem acontece serem toques fortuitos, e não motivados por comichão alguma, que ensinão ás crianças que existe n'ellas um fóco de prazeres. Dai, por conseguinte, ás crianças, mesmo desde a sua primeira idade, costumes pudicos; vedai-lhes que toquem as partes genitae, fazendo com que d'isso se envergonhem. Sobretudo não deixeis os meninos sózinhos; esta necessidade de observar, tão viva na sua idade, elles em si mesmos a dirigem quando não achão distracções externas, e d'esta sorte fazem ás vezes perigosas observações, mormente na cama, onde a falta de occupação póde tornar-se fatal. Obrigai, por conseguinte, as crianças a levantarem-se logo que acordem, e cuidai em que a hora do deitar preceda pouco a do somno. Convem tambem que se saiba que muitos meninos são conduzidos á masturbação pelos esforços que fazem para resistir á necessidade de urinar. As pressões que para este fim exercem sobre o membro viril, acabão por despertar as sensações que buscão e que chegão a reproduzir.

Não é menos importante a privação de tudo quanto lhes possa excitar os sentidos e a imaginação, taes como os bailes, espectaculos, leituras de livros immoraes, estampas, conversações licenciosas. Juntai a estas precauções o exercicio do corpo, alternado com os trabalhos do espirito, e tereis posto as crianças nas condições mais favoraveis para escaparem á perniciosa descoberta do onanismo.

Quanto ao ensino de que este vicio é susceptivel nos collegios e outros lugares onde se reúnem os meninos, deve reinar sempre a maior vigilancia. Se um alumno se tornar suspeito, seja objecto de especial vigilancia. Se se julgar que provoca os outros ou exige d'elles vergonhosos serviços, cumpre expulsa-lo immediatamente do collegio; é uma ovelha gafeirenta no meio de um rebanho.

Como se ha de reconhecer a existencia d'este vicio, visto que esta noção é indispensavel para se proceder á reforma do masturbador? Primeiramente, a presença dos symptomas especiaes do onanismo, cujo quadro acabo de esboçar, fará presumir exuberantemente a existencia d'este pessimo costume. Depois só ha dois meios de convicção, a surpresa em flagrante delicto e a confissão do culpado.

Seria bom que se pudesse reconhecer o onanismo antes que os seus effeitos apparecessem, mas raras vezes se dá esta felicidade. Existe nas crianças uma especie de instincto que as faz occultar cuidadosamente as suas manobras, com quanto não penetrem ainda que o que fazem é cousa illicita e vergonhosa. A arte com que illudem a vigilancia, e enganão as pessoas que as interrogão é incrível; deve-se pois desconfiar d'isto. A frequentação, a companhia de uma criança deve produzir suspeitas, visto que a masturbação se communica. Lançai as vistas sobre aquelle que busca a solidão, que fica muito tempo sózinho sem poder dar motivos satisfactorios ácerca d'esta isolamento. Dirigimo-nos aqui ás pessoas cujo dever é vigiar sobre os costumes e a saude da mocidade. applicai toda a vigilancia, sobretudo poucos instantes depois d'elles se deitarem e pouco antes de se erguerem da cama; eis principalmente o tempo em que o masturbador póde ser colhido em flagrante. Nunca suas mãos estão fóra da cama, e geralmente gosta de esconder a cabeça sob o cobertor. Apenas está deitado, parece dormir profundamente; esta circumstancia, da qual desconfia sempre o homem perspicaz, é uma das que mais contribuem para a segurança dos pais. A affectação que o joven culpado mostra n'este falso somno, a exaggeração notavel com que finge dormir, podem servir para denuncia-lo. Se alguém se chegar a elle, acha-o frequentemente vermelho e lavado em suor; ao mesmo tempo a respiração está mais precipitada, o calor da pelle mais forte, o pulso mais frequente do que no estado habitual. Se n'este comenos o joven fôr subitamente descoberto, achar-se-lhe-hão as mãos, se não teve tempo de muda-las de lugar, sobre os órgãos de que abusa ou em suas vizinhanças.

Uma confissão dispensaria estas investigações, estas provas

sempre desagradaveis e frequentemente infructuosas; mas como obter-se esta confissão? como se lhe propôr a questão? Primeiramente, é certo que todas as apparencias proprias para despertarem a suspeita do onanismo podem existir em outras molestias chronicas, que não reconhecem este vicio por causa. Portanto, deve temer-se, questionando, que isto offenda o pudor, e vá ensinar cousas ignoradas. Com os rapazes tanta reserva é raras vezes necessaria, mas com uma mênina deve ter-se toda a decencia e circumspecção. A linguagem necessaria é mui difficil, a clara affronta, offende, a enigmatica ou cheia de rodeios, de circumlocações, poderá não ser comprehendida, ou obter sómente falsas conclusões das respostas. Independentemente de que a significação talvez não seja intelligivel, accresce mais que nem sempre é conveniente fazer soar as palavras masturbação, onanismo, toques as partes secretas, etc. Mas raras vezes tambem a decencia permite empregar a linguagem descriptiva. Se bastasse uma simples pergunta para se obter uma resposta sincera, bem; mas a vergonha torna sempre difficil esta confissão. Quando se tem presumpções mui fortes, é melhor dar conselhos como se se tivesse a certeza de um facto cuja confidencia se não exige. Outras vezes, deve-se perguntar atrevidamente ao joven culpado em que idade principiou a entregar-se á masturbação. Procedendo-se d'esta sorte, poupa-se o desgosto e a humiliação de uma confissão que se acha assim tacitamente feita; logo que não forem repellidos os conselhos, que são a consequencia evidente da presumpção da culpabilidade. Existe ainda certo meio de tentativa com que alguns medicos obtiverão bom exito a respeito das mulheres. As apparencias na senhora, dizia o medico, denotão abuso de algum dos órgãos da geração. Acaso a senhora tem certeza de que, durante o somno, não leva a mão a esse lugar? Póde ser, respondia a culpada, contente ao principio em poder innocentemente attribuir ao somno praticas luxuriosas, que ao depois confessava não lhe serem estranhas durante a vigilia.

Reconhecida a existencia do onanismo, póde-se proceder energeticamente á reforma d'este fatal costume. Mas não basta uma vigilancia das mais rigorosas, importa ainda que se faça concorrer aos mesmos fins a vontade dos masturbadores. Tem-se para isto as distracções e o medo, e definitivamente meios coercitivos ou prohibitivos. Pelas distracções, pela gymnastica sobretudo, e depois pelas recreações honestas e pelos trabalhos de espirito, afasta-se a attenção de manobras que o attractivo dos prazeres e a força do costume havião tornado tyrannicas. Pelo medo, liga-se a vontade, que não ousa mais assistir a praticas, cujas consequencias terri-

veis são conhecidas; e na verdade esses sustos são bem legítimos quando se conhece o triste cortejo do onanismo. Mas, ao passo que os masturbadores que affincadamente perseverão em tão triste vicio tem tudo a temer, tranquillizem-se aquelles que tem a coragem de vencer seus máos costumes; a experiencia prova que o restabelecimento das forças phisicas e moraes, quando o mal não é levado muito longe, tem lugar com grande promptidão.

Quando as distracções e o medo nada podem contra a masturbação, só resta uma aturada vigilancia, ajudada, em caso de necessidade, de meios coercitivos. Por conseguinte, sendo um dever prevenir qualquer occasião que possa dar largas a um joven para entregar-se a tão detestavel vicio, cumpre que elle se deite, durma e se levante sob as vossas vistas; e se isso não bastar, fazei-o dormir na vossa cama. Esta providencia é quasi a unica que póde arrancar certos individuos ao onanismo. Nos collegios não deve haver quartos particulares; vastos dormitorios em que a inspecção se possa executar facilmente, eis o que convem. É preciso que durante a noite se entretenha uma luz fraca, e que os mestres, em horas diversas, fação silenciosas inspecções.

Os meios francamente prohibitivos, cujo emprego suppõe a insufficiencia de todos os outros, e ao mesmo tempo a imminencia de grandes perigos para a saude ou para a vida, estes meios, repito, não são de uma applicação nem segura, nem facil, pois que então trava-se uma briga teimosa entre os masturbadores e o seu vigiador. Principia-se por exigir que os braços estejam fóra da cama, e observão-se depois os movimentos do corpo; porquanto o onanismo, principalmente nas jovens, consegue seus fins pelos attritos de toda a especie. Foi proposto o uso de camisas mais compridas do que o corpo, fechadas além dos pés; a camisola de força, cujas extremidades excedem as mãos e os pés, e finalizão com uma correia que permite fixar as pernas como se deseja. Emfim, nas lojas dos fabricantes de fundas achão-se cintas contra o onanismo, cujo uso, sem ser uma garantia segura contra o vicio que se deseja destruir, não é entretanto destituido de efficacia.

Os meios de reparar as desordens occasionadas pelo onanismo, vão indicados nos artigos AMOR e POLLUÇÕES.

ONÇA. *Felis onça*, Fig 380. Mammifero carnivoro do genero Gato. Tem o pello curto, o fundo da pelle amarellado, ornado em cada flanco de 6 a 7 fileiras de nodoas pretas em fórmula de O ou quadradas. Habita no Brasil e n'uma grande parte da America meridional, mas em nenhum lugar é tão commum e tão perigoso como no sul de Buenos-Ayres. Vive particularmente nos grandes mattos atravessados pelos rios, onde caça os animaes. Dorme

durante o dia sobre as ilhotas, no meio de montões deervas e de juncos. Pesca o peixe, que apanha destramente com a pata. Os estragos que faz nos gados, e o grande apreço que se dá á sua pelle, a fazem cada vez mais rara nos lugares habitados. Espera a presa em sitio occulto, salta impetuosamente sobre ella, tira-lhe a faculdade de fugir ou de resistir. Trepá pelas arvores com admiravel destreza, e nada com igual habilidade. Tem um metro de

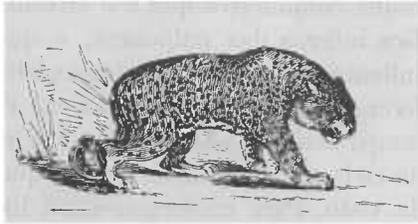


Fig. 380. — Onça.

comprimento pouco mais ou menos; tem a vista e o ouvido perfectos, e vê de noite. Dá-se-lhe uma caça activa, porque a sua pelle constitue um ramo importante de commercio entre a America e a Europa.

O mesmo genero contém mais de vinte especies. As principaes são: O TIGRE REAL (*Felis tigris*, Linneo); a PANTHERA (*Felis pardus*, Linneo); o LEOPARDO (*Felis leopardus*, Linneo); o LYNCE, (*Felis lynx*, Linneo), etc., que habitão na Africa e Asia.

ONYX. Veja-se AGATA.

ONYXIS. Inflammação da madre da unha. Veja-se UNHA.

OPALO, QUARZO OU SEIXO OPALINO. Substancia mineral infusivel, composta de silica e d'agua; branquea ao fogo, dá agua pela calcinação. Esta pedra é procurada pelos lapidarios, que fazem d'ella muitas joias (engastes de anneis, alfinetes de peito, camaféos, etc.). Distinguem d'ella 6 variedades principaes; *Opalo nobre* ou *oriental*, chamado tambem *Opalo de chammas*; *Opalo arlequim* ou *de palhetas*; *Opalo gyrasol*; *Opalo sombrio* ou *anegrado*; *Opalo vinhoso* e o *Premio* ou *matriz de opalo*. Designa-se tambem sob o nome de *opalo de madeira*, um opalo que apresenta filamentos lenhosos. Estimão-se sobretudo os opalos cujos reflexos são ao mesmo tempo vermelhos e verdes; estas pedras adquirem grande valor quando são de bom tamanho e sobretudo sem riscos. Nada ha mais delicado do que o opalo: a acção do frio, a do ar basta com o tempo para lhe fazer perder todos os seus brilhos e tirar-lhe por conseguinte todo o seu valor. As pessoas que os trazem devem evitar expô-los a estas causas de destruição.

Os antigos conhecião o opalo e tiravão-n'õ da India, do Egypto, e da Arabia. Hoje é a Hungria que fornece a maior parte dos opalos que existem no commercio. Achão-se tambem na Saxonia, nas ilhas Feroe e na Islandia.

OPHTHALMIA. Dá-se este nome a toda a inflammação do olho ou das palpebras que se manifesta exteriormente por qualquer vermelhidão. Chamão-lhe tambem *conjunctivite*, do nome da membrana conjunctiva que é o envoltorio mais exterior do olho e da face interna das palpebras, e que é a primeira invadida n'esta inflammação. Os ophthalmologistas modernos usão hoje com preferencia da palavra *conjunctivite* do que da *ophthalmia*; ao mesmo tempo assignalárão caracteres e nomes proprios ás inflammações de cada um dos outros tecidos que concorrem para formar o orgão de visão. Para conformar-me á linguagem moderna, descrevo no artigo CONJUNCTIVITE, o que se chama vulgarmente OPTHALMIA. As lesões dos outros tecidos do olho vão descriptos nos artigos *Irite*, *Keratite*, *Sclerotite*.

OPHTHALMOSCOPIO. Instrumento inventado em 1851 para examinar o interior do olho. Ha d'elle differentes especies. Estes instrumentos compõem-se geralmente: 1º de um espelho mais ou menos concavo fig. 381, furado em dois lugares, e munido

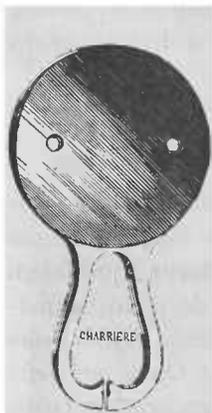


Fig. 381.

Ophthalmoscopio.

de um cabo; 2º de uma lente convexa de ambos os lados, destinada a augmentar as dimensões dos objectos situados no fundo do olho. Para examinar o olho, dilata-se a pupilla instillando entre as palpebras algumas gottas de solução de sulfato de atropina; depois o medico colloca o doente de frente de si, n'um quarto escuro, sentado de tal maneira que os olhos do doente, os do medico e a chamma do candieiro estejam no mesmo nivel; toma-se então com uma das mãos o espelho; vira-se do lado do candieiro a superficie reflectiva, e dispõe-se tudo de modo a dirigir a luz sobre o olho do doente. Este olha então do lado dos raios luminosos, um pouco á esquerda do medico, quando se examina o olho esquerdo, e

vice-versa. Fig. 382. Logo que o fundo do olho estiver allumiado, interpondo entre o espelho e o olho do doente a lente biconvexa, e olhando pelos buracos do espelho, o medico vê um fundo avermelhado debaixo da fórma de nodoa um pouco diffusa a principio, transformando-se em um circulo brilhante, da largura de 6 a 8 millimetros. Se se cahir sobre a papilla do nervo optico (fig. 383), a mancha é branca, e vê-se uma arteria e uma veia em cima e em baixo. Cahindo-se sobre a retina, o fundo da mancha é vermelho, percorrido de estrias anegradas que são os vasos sanguineos. É preciso um pouco de exercicio e de habito

para chegar a collocar o olho do paciente na distancia da visão distincta com a lente. Procura-se então a papilla do nervo optico :



Fig. 382. — Exame ophthalmoscopico.

ella forma uma leve proeminencia na face anterior da retina, ao nivel da entrada do nervo no olho. No estado normal, apresenta o aspecto de um circulo da largura de 5 millimetros, branco roseo, luzente, de cujo centro partem vasos que se dirigem para cima e para baixo. Procura-se então se ha no fundo do olho nodoas, elevações, tumores, atrophia da retina; opacidades ou corpos estranhos no corpo vitreo. Antes de proceder ao exame dos olhos doentes, o medico deve-se ter exercido a examinar olhos sãos.

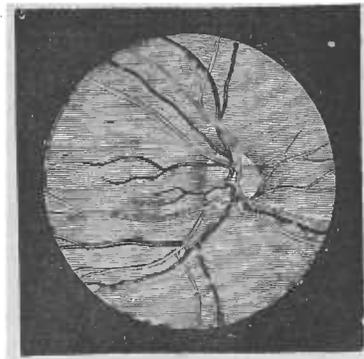


Fig. 383.

Fundo do olho no estado normal.
Papilla do nervo optico.

OPIATO. Preparação pharmaceutica, de consistencia molle, que se obtem misturando um pó ou diversos póes com mel de abelhas ou algum xarope. — Exemplo : *Opiato dentifricio*. Coral porphyrizado 15 grammas, cremor de tartaro 3 grammas, osso de siba pulverizado 2 gram-

mas, cochonilha 2 centigrammas, mel de abelhas 15 grammas; misture.

OPILAÇÃO, Hypoemia intertropical ou Canção. Molestia dos paizes quentes, caracterizada pela fraqueza geral (anemia), pallidez e inchação da face; acompanhada muitas vezes da perversão do gosto. Differe da *chlorose* e da *cachexia palustre*. (*Veja-se* estas palavras). Segundo as observações do Dr. Griesinger, confirmadas pelo Dr. Otto Wucherer, da Bahia, pelo Dr. Julio Rodrigues Moura, Dr. Silva Lima, Dr. Faria e outros medicos brasileiros, e pelos medicos da marinha franceza, a opilação é a consequencia do enfraquecimento da economia devido á presença nos intestinos *jejuno* e *ileo*, mas sobretudo no intestino *duodeno*, de grande numero de pequenos vermes, chamados *anchylostomos*, que subtraem continuamente o sangue. Esta molestia encontra-se nas Indias occidentaes, na Jamaica, Porto-Rico, Guadelupe, Martinica, S. Domingos, Trindade, Goyana, Brasil, nas provincias meridionaes dos Estados-Unidos da America, na costa d' Africa, no Egypto, em Java, Sumatra e na Italia. No Brasil encontra-se sobretudo desde o Rio de Janeiro até ao Pará, e na provincia de Minas Geraes. Ao sul do Rio é mais rara.

Symptomas. A opilação principia por um enfraquecimento physico e moral, dôr de cabeça, vertigens. Depois de declarada, a molestia apresenta os symptomas seguintes: dôr na bocca do estomago, espontanea e augmentando pela compressão, vomitos, perversão do appetite, pallidez da pelle, canção, inchação dos pés, desmaios, etc. A dôr de estomago nada tem de especial, pois que encontra-se ordinariamente em todas as anemias, qualquer que seja a sua causa. Em geral, ao principio, ha prisão de ventre. O pulso é molle, depressivel, quando o doente está quieto; mas ao primeiro esforço que faz, o pulso torna-se frequente e irregular. As palpitações são evidentes, e applicando o ouvido sobre o lado esquerdo do peito ouve-se um ruido de folle. O canção apparece ao menor movimento. Todos estes symptomas existem, porém, nas outras anemias. Á medida que o sangue se altera, a côr da pelle modifica-se; a pelle, nos brancos, torna-se amarella-pallida; a côr preta e luzente dos tegumentos do negro é substituida pela côr fula e baça; a tez dos pardos experimenta mudanças analogas, devidas á diminuição dos materiaes solidos do sangue. As membranas mucosas das palpebras, dos labios, e outras tornão-se descoradas; a lingua é branca. A falta de appetite alterna com perversão do gosto, que consiste em desejar e comer substancias não alimentarias, e que causão mais ou menos asco no estado de saude, taes como carvão, terra, e outras até

immundas. Este appetite pervertido pôde faltar nos doentes da raça branca, mas é frequente nos individuos de côr preta. É com verdadeiro furor que estes infelizes satisfazem o seu gosto depravado. Para pôr obstaculo a esta paixão bizarra, é ás vezes preciso recorrer aos meios coercitivos. Ao mesmo tempo que este gosto depravado augmenta, o appetite para as substancias alimentarias vai diminuindo.

Desde os primeiros symptomas da molestia, ha diminuição do suor, da ourina, da bilis; d'aqui vem o descoramento quasi constante das evacuações alvinas, que contém muitas vezes lombrigas, porém nunca anchylostomos. A ourina é pallida. Os vomitos são frequentes, e depois da prisão de ventre renitente succede a diarrhea ou a dysenteria; o ventre está chato e mesmo deprimido. Os doentes emmagrecem primeiro, mas depois ficão inchados. Queixão-se de frio e procurão o sol. Vêem-se estes infelizes caminharem com muito custo, deitarem-se ao pleno sol, e ficarem expostos aos seus raios ardentes durante muitas horas em immobillidade completa. A fraqueza augmenta e chega ao mais alto grão. Aparece a febre hectica. Quando os doentes querem levantar-se, achão-se acommettidos de vertigens, de tremores dos membros, e de palpitações do coração. A diarrhea prolongada produz prolapso do recto. A pelle, a principio secca e escamosa, cobre-se de ulceras atonicas; os doentes exhalão um cheiro fetido. Succumbem quer subitamente, na occasião dê um esforço, quer pelos progressos da diarrhea.

A *marcha* da opilação é habitualmente progressiva e lenta. Os symptomas, pouco salientes a principio, chegão promptamente a um grão de intensidade que torna evidente a natureza da molestia. A *duração* d'ella depende então da resistencia individual do enfermo, e das condições hygienicas nas quaes se acha. Geralmente varia de alguns mezes a annos.

Anatomia pathologica. Os cadaveres dos individuos mortos de opilação são excessivamente magros e inchados. Os musculos são profundamente descorados. O estomago é molle, pallido. Contém habitualmente terra, greda, cascallios, carvão, areia, etc. Estas substancias achão-se igualmente nas outras partes do tubo intestinal. A membrana mucosa do estomago e do intestino delgado está reduzida a polpa que se separa facilmente, deixando a nú a tunica muscular e, em alguns pontos, a serosa. Os intestinos estão ordinariamente exsangues e vasios; no intestino jejuno, mas principalmente na porção intestinal chamada *duodeno*, achão-se sempre os vermes chamados *anchylostomos*. São numerosos no duodeno, raros no jejuno, e no ileo só um ou outro apparece. Estes vermes

são de pequena dimensão, 6 a 10 millímetros (3 a 5 linhas) de comprimento. Estão representados nas fig. 384 e 385.

O Dr. Griesinger, que foi medico do hospital no Cairo de 1851 a 1852, occupava-se especialmente da opilação, molestia frequente no Egypto. Fazia diligencias, durante o tempo que passou n'aquelle paiz, para descobrir a causa d'esta molestia, e foi só na vespera de sua partida para Allemanha, em 17 de abril de 1852, que praticando a autopsia de um individuo fallecido de opilação, descobrio no duodeno, jejuno e principio do ileo, no meio de certa quantidade de sangue recentemente derramado, pequenas ecchymoses na membrana mucosa, semelhantes ás que produzem as mordeduras de sanguesugas. Sobre estes pontos estavam agarrados pequenos vermes brancos. Examinando-os ao microscopio, reconheceo que pertencião á especie descoberta e descripta por Dubini de Milão, em 1838, debaixo do nome de *anchylostomo duodenal*. Em 1855 o Dr. Griesinger publicou o resultado de suas observações sobre as molestias do Egypto, e declarou formalmente que a affecção que designou sob o nome de *chlorose do Egypto*, era uma anemia produzida pelos *anchylostomos duodenaes*. Esta opinião ficou por muito tempo sem ser confirmada por outros observadores. No mez de agosto de 1866, o Dr. Otto Wucherer, distincto medico da Bahia fallecido em 1873, publicava, na *Gazeta medica da Bahia*, observações de opilação seguidas de autopsia em quatro individuos, dois brancos, um pardo escravo, e um Africano liberto. Estas autopsias manifestarão a presença de numerosos *anchylostomos* no intestino duodeno. Além d'isso o Dr. Wucherer, abriu doze cadaveres de individuos fallecidos de diversas outras molestias, procurou cuidadosamente os *anchylostomos*, e não os achou.

Na mesma epoca, sem ter podido tomar conhecimento dos trabalhos do Dr. Wucherer, os Drs. Grenet e Menestier, medicos da marinha franceza na Majotta, ilha da Africa, achavão o *anchylostomo* nos intestinos dos individuos da raça moçambique, fallecidos de opilação. No anno de 1867, o Dr. Kerangal, medico em chefe da marinha franceza em Cayenna, assignalava tambem a extrema frequencia d'este verme nos intestinos dos individuos fallecidos n'esta localidade em consequencia da mesma molestia. As descrições das lesões locais, devidas á presença do *anchylostomo*, redigidas por observadores collocados n'essas diferentes partes do mundo, concordão entre si perfeitamente. Nas autopsias feitas por estes laboriosos medicos, nada podia explicar a morte senão a anemia profunda devida provavelmente á subtracção constante do sangue pelos *anchylostomos*. N'estes casos os intestinos continhão

um liquido espesso, de côr vermelha escura, coincidindo a maior abundancia de anchylostomos com os pontos onde havia mais d'este liquido. A membrana mucosa era avermelhada em algumas partes, como ecchymosada, e notavelmente amollecida.

Quando a opilação existe sem outra molestia, o baço está atrophiado. O figado não augmenta de volume senão no caso de cachexia palustre ou de molestia propria a este orgão. As glandulas mesentericas estão quasi sempre engurgitadas. O coração torna-se pallido, os pulmões estão sãos, e o cerebro molle.

Causas da opilação. Julgava-se até agora que a opilação era devida aos máus alimentos, á humidade, e em geral ás más condições hygienicas em cujo meio vivem os doentes. Posto que a existencia prolongada de taes condições possa conduzir á anemia, é certo que as investigações do Dr. Wucherer, e de outros medicos acima citados, provão que a verdadeira causa da opilação é a presença de anchylostomos nos intestinos. É claro que estes vermes vivem não sómente do sangue, mas occasionão contínuas bem que minimas hemorragias, que devem produzir, ao cabo de certo tempo, uma anemia excessiva. Na ausencia de qualquer outra causa a que se possa razoavelmente applicar estes casos de anemia, é racional attribui-los aos anchylostomos. Resta saber d'onde provém os anchylostomos. Vem certamente de fóra, mas ignora-se ainda como os seus ovos ou embryões se introduzem no corpo do homem, e em que condições existem fóra d'elle. Póde-se sómente suppôr que são ingeridos ou com os alimentos solidos, ou com as bebidas, como muitos outros vermes. O uso de alimentos improprios ou pouco variados, de substancias feculentas, com exclusão de estimulantes e condimentos; e, sobretudo, pouco escrupulo nas aguas para beber, são causas da opilação; é facto que, entre os habitantes entregues á lavoura, é que se encontra o maior numero de opilados, e não houve um d'elles que não tivesse bebido agua de gotteiras, riachos ou poços; estas aguas contém germens dos vermes. Todas as causas debilitantes invocadas anteriormente para explicar o desenvolvimento da opilação, facilitão a introduccção e sobretudo a multiplicação dos anchylostomos no organismo. Do mesmo modo, que o dracunculo ou bicho da costa, por exemplo, não se encontra senão em certas partes do globo, o anchylostomo não acha senão em certas regiões, condições proprias para a sua existencia.

Descripção do anchylostomo (Anchylostomum duodenale, Dubini). Comprimento de 6 a 10 millimetros (3 a 5 linhas), sendo as femeas um pouco maiores do que os machos. A sua côr é branca, acinzentada, tirando, em alguns, para o encarnado. O corpo é

roliço, attenuando-se para ambas as extremidades. A cabeça é arredondada, separada do corpo por um leve estreitamento formando uma especie de pescoço. A bocca é de fôrma de funil, truncada obliquamente e guarnecida de quatro dentes cónicos, que parecem nada mais ser do que prolongamentos da margem da

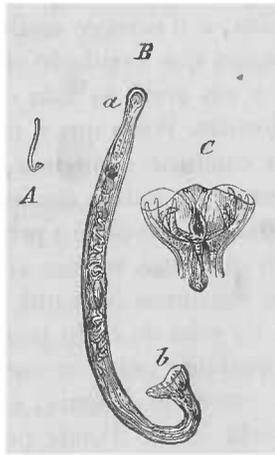


Fig. 384.

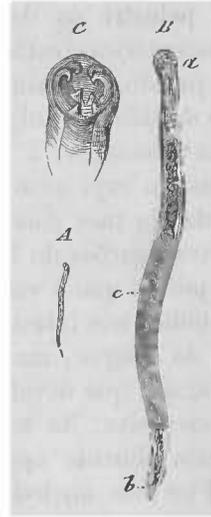


Fig. 385.

Fig. 384. — *Anchylostomum duodenale* macho. — A, de tamanho natural. — B, o mesmo engrossado; a, extremidade cephalica; b, extremidade posterior; C, extremidade posterior, fortemente engrossada.

Fig. 385. — *Anchylostomum duodenale* femea. — A, de tamanho natural. — B, a mesma engrossada; a, extremidade cephalica; b, extremidade posterior; c, vulva. — C, extremidade cephalica, fortemente engrossada para mostrar a disposição da armação buccal.

bocca, que é de substancia cornea. A extremidade posterior da femea é cónica, o anus fica em pequena distancia da ponta, a abertura genital acha-se situada um pouco além do meio do corpo. A extremidade posterior do macho acaba em fôrma de calice, partido de um lado.

Diagnostico. Seria facil distinguir a especie de anemia que nos occupa, se fosse possivel reconhecer nos doentes a presença dos vermes; mas até agora não foi possivel descobri-los nas dejeções alvinas, mesmo depois da administração de vermifugos energicos. Póde-se suppôr a sua existencia nos casos de anemia grave, acompanhada do appetite depravado, de que não se póde explicar a

origem por outras causas. É preciso todavia examinar sempre as evacuações alvinas. Na falta de anchylostomos, a presença da matéria gelatinosa, corada de vermelho pelo sangue, pôde esclarecer o diagnostico.

A opilação tem muitas relações com a anemia profunda produzida por causas geraes, com a *cachexia palustre*, e com a *chlorose*. Para estabelecer a differença entre estas molestias, é preciso examinar as causas. A hypertrophia do figado e do baço serve para reconhecer as mais das vezes a influencia palustre, mas estes signaes são inconstantes, e, ás vezes, mui difficeis de verificar. Quanto á *chlorose*, é uma anemia propria ás jovens que chegarão á época da puberdade. (*Veja-se Chlorose e Cachexia*).

Tratamento. Para curar a opilação é preciso destruir os anchylostomos. O melhor medicamento par este fim é o succo, chamado *leite*, de uma arvore do Brasil denominada *gameleira* (*Ficus doliaria*, Martius). Administra-se na dóse de 30 grammas (1 onça) misturado com outra tanta agua ou leite de vacca, uma vez por dia de manhã, de dois em dois dias. Continua-se o medicamento pela mesma fórma durante quinze dias. Suspende-se por alguns dias se produzir grandes evacuações alvinas. A dóse do succo de gameleira pôde ser augmentada até 150 grammas (5 onças) por dia.

Ao mesmo tempo o doente deve usar de alimentação substancial, de comidas apimentadas, carne, bom vinho, e boa agua. Não beber nunca agua de riachos, regos, etc., sem ser filtrada. Os lavradores não deverião sahir para o trabalho dos campos, sem levarem consigo sufficiente agua de vertente, para não beberem aguas que lhes podem occasionar a opilação.

Para fortificar a constituição debilitada, o doente fará uso do vinho de quina, na dóse de 30 grammas (1 onça) por dia, e do ferro reduzido, cuja receita é :

Ferro reduzido pelo hydrogneo. 30 grammas (1 onça).

Divida em 30 papeis. Para tomar um papel por dia, n'uma colher d'agua fria com assucar.

O doente tomará a dóse do ferro no decurso do dia, e 30 gram. (1 onça) de vinho de quina á tarde.

Se o leite de gameleira não aproveitar contra a opilação, empreguem-se as preparações de essencia de terebinthina, de feto macho, de musgo de Corsega e a santonina. Eis-aqui as receitas :

Pilulas de essencia de terebinthina.

Essencia de terebinthina. 10 centigrammas (2 grãos)

Cera branca. 10 centigrammas (2 grãos)

Assucar em pó. quantidade sufficiente.

Derreta a calor brando a cera na essencia, deixe esfriar, ajunte

o assucar, e faça 1 pilula; e como esta mais 23. Dóse : 2 pilulas, tres vezes por dia.

Opiato terebinthinado.

Gomma arabica.	48 grammas (1 1/2 onça)
Assucar	16 grammas (1/2 onça)
Essencia de terebinthina.	8 grammas (2 oitavas)
Xarope de flor de laranjeira.	32 grammas (1 onça).

Triture a gomma com o assucar, e ajunte pouco a pouco a essencia e o xarope. Dóse : duas colheres de chá tres vezes por dia.

Existem nas pharmacias perolas de gomma, e capsulas gelatinosas, que contém a essencia de terebinthina. É o melhor modo de administrar esta substancia.

Pilulas de extracto de feto macho.

Extracto ethereo de feto macho	20 centigram. (4 grãos)
Gomma arabica em pó.	5 centigram. (1 grão)
Agua	5 centigram. (1 grão)
Feto macho em pó.	quantidade sufficiente.

Faça 1 pilula, e como esta mais 19. Dóse : 10 pilulas de noite ao deitar; 10 pilulas na manhã do dia seguinte. Hora e meia depois da segunda dóse administrar 45 grammas (1 1/2 onça) de oleo de ricino.

Pós de musgó de Corsega.

Musgo de Corsega em pó. 30 grammas (1 onça).

Divida em 8 papeis. Para tomar dois papeis por dia n'uma pouca d'agua com assucar.

Pós de santonina.

Santonina.. .. 40 centigram. (8 grãos).

Divida em 4 papeis. Para tomar 1 papel por dia, pela manhã em jejum, n'uma colher d'agua fria com assucar.

OPIO. Sumo concreto extrahido de muitas especies de dormideiras, principalmente do *Papaver somniferum*. Colhe-se por meio de incisões feitas nas cabeças das dormideiras ainda não maduras, d'onde corre sob a fórma de um succo que se coagula promptamente. Prepara-se sobretudo na Turquia e India. Vem do Oriente sob a fórma de massas mais ou menos duras, roxas, amargas e de cheiro viroso particular.

O opio constitue um dos medicamentos mais preciosos : é o melhor calmante. Em pequena dóse acalma as dôres e provoca o somno. Administra-se na dóse de 5 a 40 centigrammas (1 a 8 grãos) por dia, e muito mais, progressivamente. Dado de uma só vez em dóse grande, produz accidentes graves, e até a morte. *Vejase ENVENENAMENTO PELO OPIO*, vol. I, pag. 943.

O opio administra-se interiormente em pilulas, em clysteres;

ou externamente em fricções, injeccões, cataplasmas, etc.; preparam-se com elle xaropes, tinturas, extractos, etc. Deve sobretudo a sua efficacia aos seus alcalis, taes como a *morphina* e *codeina*.

Os Orientaes, e sobretudo os Chins, tem uma verdadeira paixão pelo opio; engolem-n'õ ou fumão-n'õ em cachimbos para provocarem uma especie de embriaguez; e chegão gradualmente a tomar d'elle por uma só vez quantidades prodigiosas; mas como este abuso pôde comprometter gravemente a saude publica, o governo da China vio-se obrigado a tomar providencias severas para o combater.

PREPARAÇÕES DE OPIO USADAS EM MEDICINA. Opio privado mecanicamente dos corpos estranhos, administra-se em pilulas, na dóse de 5 a 40 centigrammas (1 a 8 grãos) e mais progressivamente.

Extracto de opio. É a preparação mais empregada. Obtem-se dissolvendo o opio bruto em agua, filtrando e evaporando o liquido a banho-maria até á consistencia de extracto. Dóse : 2 1/2, 5, 10, até 15 centigrammas (1/2, 1, 2, 3 grãos), em pilulas.

Laudano de Sydenham. É uma solução de opio com açafão, canella e cravos da India em vinho de Malaga. 20 gottas d'este liquido contém quasi 5 centigrammas (1 grão) de extracto de opio. 4 grammas (1 oitava) em peso contém 25 centigrammas (5 grãos) de extracto de opio, ou o dobro do opio bruto. Este preparado de opio é um dos mais usados. Internamente, administra-se na dóse de 20 gottas em poção, ou em meia chicara d'agua com assucar, como calmante. Na mesma dóse administra-se em clyster. Externamente, para juntar á cataplasma de linhaça, prescreve-se na dóse 8 a 15 grammas (2 a 4 oitavas).

Black drops ou *Gottas pretas inglezas.* Eis-aqui a sua composição segundo o Codigo pharmaceutico francez, adoptado como pharmacopea legal do Brasil : Opiõ de Smyrna, 100 grammas; vinagre distillado, 600 grammas; açafão, 8 grammas; moscadas, 25 grammas; assucar, 50 grammas. — 5 gottas contém quasi 5 centigrammas (1 grão) de extracto de opio. Administra-se na dóse de 5 a 10 gottas em poção.

Tintura thebaica ou *tintura de extracto de opio.* Dissolução de 10 grammas de extracto de opio em 120 grammas de alcool a 60 grãos do areometro centigrado. — 15 gottas contém quasi 5 centigrammas (1 grão) de extracto de opio. Dóse : 15 a 30 gottas em poção.

Xarope de opio. (Extracto de opio, 2 grammas; agua distillada, 8 grammas; xarope de assucar, 990 grammas. Dissolva a frio o xarope na agua distillada; filtre, e misture a dissolução com o xarope). — 20 grammas (5 oitavas) d'este xarope contém 4 cen-

tigrammas ($\frac{4}{5}$ de grão) de extracto de opio. *Dóse* : 15 a 30 gram. ($\frac{1}{2}$ a 1 onça) em poção.

Xarope diacodio. (Extracto de opio, 50 centigrammas; agua distillada, 4 $\frac{1}{2}$ grammas; xarope de assucar, 995 grammas. Dissolva o extracto de opio na agua distillada, filtre a dissolução, e ajunte-a ao xarope.) — 20 grammas (5 oitavas) d'este xarope contém 1 centigramma ($\frac{1}{5}$ de grão) de extracto de opio. *Dóse* : 30 a 90 grammas (1 a 3 onças) em poção.

Morphina e seus saes. Veja-se MORPHINA, vol. II, pag. 426.

OPODELDOCH. V BALSAMO OPODELDOCH, vol. I, pag. 299.

OPOPANACO. Gomma resina extrahida de uma planta do Levante, *opopanax chironium*, Koch. Apresenta-se em bocados irregulares, avermelhados por fóra, de côr branca suja no interior, opacos, friaveis, de cheiro aromatico pouco agradável. Entra na composição de alguns emplastos.

OPRESSÃO DO PEITO. Sensação de um peso sobre o peito, e difficuldade de respirar. A oppressão é um dos symptomas que acompanhão quasi todas as molestias dos pulmões e do coração; adquire uma intensidade extrema na asthma. Manifestão-se tambem nas pessoas nervosas oppressões leves e passageiras, que cedem facilmente á exposição ao ar e a algum remedio antispasmodico, como, *verbi gratia*, chá de herva cidreira ou de folhas de laranja. Quando são habituaes e sómente nervosas, cedem a uma vida activa, á habitação no campo e ao exercicio ao ar livre.

ORBITA DO OLHO.

A cavidade ossea que contém os orgãos da vista.

ORCANETTA, BU-GLOSSA OU ANCHUSA. *Anchusa tinctoria*, Lin. Borragineas. Fig. 386. Planta que habita nos lugares estereis e arenosos das margens do Mediterraneo; em Portugal, acha-se nos montes calcareos dos arredores de Lisboa, de Coimbra e n'outras partes da Estremadura e da Beira.



Fig. 386. — Orcanetta.

Caulis levantados, angulosos, hirsutos, como o resto da planta, de 22 centimetros de comprimento; folhas sesseis, oblongas. Raiz cylindrica, fusiforme, de

côr rubra violacea mui carregada; parenchyma quasi carnoso, encarnado; cortada transversalmente apresenta um centro medullar circular rubicundo; cheiro nullo. A raiz fornece uma tinta vermelha, empregada nas pharmacias para dar côr ás pomadas, e nas confeitarias para dar côr aos confeitos e licores.

ORCHATA. Dá-se este nome: 1º á bebida agradável e emolliente que se prepara com xarope de amendoas diluido em agua; 2º á bebida feita de pevides de melancia descascadas, pisadas com assucar, e tudo desfeito em agua.

ORCHITE Inflamação dos septos fibro-cellulosos do testiculo. Os canaes seminíferos não são a séde da lesão inflammatoria. A inchação, que se observa na orchite, é devida a um derramamento seroso no testiculo. A orchite é *aguda* ou *chronica*.

Orchite aguda. *Causas.* Esta molestia depende de causas variaveis; a blennorrhagia é a causa principal, vem depois a fadiga, um esforço para levantar algum corpo pesado, as pancadas, quedas, attritos das partes, choques provenientes do trote de um cavallo, certas irritações da urethra, como, por exemplo, as que são occasionadas pela introducção de uma sonda; pelas injecções irritantes que se praticão no canal da urethra para curar a blennorrhagia; emfim, a orchite póde apparecer espontaneamente.

Symptomas. A orchite aguda, quer simples, quer blennorrhagica, isto é, a que sobrevem durante o curso de uma blennorrhagia, principia por uma dôr mais ou menos viva no testiculo. Este incha, torna-se quente, mui sensível á pressão, sobretudo para traz n'um lugar proeminente que se chama *epididymo*; ás vezes não ha mudança de côr na pelle, em outros casos, pelo contrario, o escroto torna-se vermelho. A dôr e a inchação propagão-se ás vezes até á virilha, ao longo do cordão espermatico, e quando o annel inguinal comprime este cordão, sobrevem dôres mui vivas, soluços, vomitos. A dôr estende-se ás vezes até á região dos rins, isto é, ás cadeiras. Emfim, esta inflamação, por pouco que seja intensa, é acompanhada de febre. Estes symptomas desenvolvem-se ás vezes n'um espaço de tempo mui curto, em algumas horas. Em outros casos não chegão ao seu auge senão no fim de alguns dias. A dôr que acompanha a orchite blennorrhagica varia de intensidade. Em muitos doentes é obtusa, e assaz moderada para não força-los a ficar de cama ou não sahir da casa; em outros tem intensidade extrema, a ponto de impedir o somno, de provocar gritos, de atacar vivamente o systema nervoso. Ha doentes que soffrem tão fortemente, que são obrigados a ficar deitados de costas na immobilidade mais completa, a evitar o menor movimento, o mais leve toque no escroto. Todavia esta inflamação

raras vezes se complica com a febre bem marcada, e não atormenta seriamente os doentes senão pela dôr que occasiona. Ao cabo de um tempo variavel termina quer pela desappareição successiva dos symptomas, quer pelo engurgitamento chronico; em alguns casos, porém, quando a inflammação é mui intensa formão-se abcessos no escroto.

A duração total da orchite acompanhada de blennorrhagia é em geral de quinze a vinte dias; termina quasi sempre pela cura.

Tratamento. No maior numero dos casos, o tratamento da orchite aguda só exige repouso na cama, posição horizontal, cataplasmas de linhaça ou de fecula, banhos geraes d'agua morna, e um regimen leve. É preciso manter as bolsas levantadas com um tampão de pannos de volume conveniente. Um lenço dobrado em gravata, applicado pelo meio debaixo das bolsas, e fixado n'um cinto pelas pontas, preenche o mesmo fim. É preciso que as partes doentes estejam sustentadas brandamente, que não sejam abandonadas ao proprio peso, nem expostas á compressão entre as coxas.

Os banhos geraes d'agua tepida são de utilidade incontestavel no tratamento da orchite; abrandão notavelmente os soffrimentos, e acalmão o systema nervoso. Toma-se um banho de dois em dois dias, ou todos os dias se as dôres forem grandes.

As bichas, que alguns medicos applicão sobre o tumor, são de pequena utilidade. Só são indicadas quando o cordão espermatico (vulgo *tendão*) está duro, inchado, doloroso, e sobretudo se as dôres se propagão do lado do ventre. N'este caso convem applicar dez bichas na virilha.

No começo da orchite os purgantes são nocivos; simples clysters do cozimento de linhaça convem se houver prisão de ventre. Mais tarde, pelo contrario, ao cabo de oito ou dez dias, os purgantes são uteis; é ao oleo de ricino ou sal de Glauber que se deve recorrer n'este caso.

Na primeira semana da orchite blennorrhagica cumpre cessar o uso de copahiba e de cubebas; convem, porém, recorrer a estes medicamentos depois de diminuidos os symptomas de agudez da orchite; n'esta epoca a copahiba e as cubebas tem a propriedade não só de curar a blennorrhagia, mas tambem de favorecer a resolução da orchite.

Orchite chronica. Succede muitas vezes á orchite aguda, ou desenvolve-se lentamente sob esta fórma. A affecção consiste no augmento do volume do testiculo com uma dôr leve. Ha tambem engurgitamentos chronicos do testiculo, que não são acompanhados de dôr alguma. O tumor raras vezes excede o volume de um ovo de gallinha, e não ataca ordinariamente senão um só testiculo.

O *tratamento* da orchite chronica compõe-se de bichas applicadas muitas vezes em pequeno numero (5 a 6) cada vez no escroto, de fricções com pomada de iodureto de potassio, emplasto de sabão, emplasto de cicuta, emplasto de Vigo e banhos do mar. Eis-aqui as receitas :

1^a Pomada de iodureto de potassio 60 grammas (2 onças).

Duas fricções por dia, com a porção de pomada do tamanho de uma azeitona cada vez.

2^a Emplasto de sabão. 10 centímetros quadrados.

3^a Emplasto de cicuta. 10 centímetros quadrados.

4^a Emplasto de Vigo.. 10 centímetros quadrados.

Orchite chronica dos syphiliticos, ou **Testículo syphilitico**. Dá-se este nome a engurgitamentos chronicos do testiculo nos individuos que forão affectados de caneros venereos.

Symptomas. O testiculo augmenta pouco a pouco de volume. A principio as dôres não são muito sensiveis, e o incommodo não é grande. Algum tempo depois o escroto torna-se pesado, e as dôres sentem-se sobretudo de noite. De um lado, ás vezes de ambos os lados, existe um *hydrocele* de pequeno volume, perfeitamente transparente. Deprimindo o liquido, é facil verificar a presença de um *tumor* duro, mui duro, apresentando relevos. O volume raras vezes excede o de um ovo. O tumor é pouco doloroso; tem de particular que não apresenta, á pressão, a dôr característica que se produz quando se comprime um testiculo são. Interrogando o doente, verifica-se que foi affectado precedentemente de syphilis. Esta molestia póde ser confundida com a orchite chronica simples, com os tuberculos ou com o canero ou scirrho. As circumstancias antecedentes tem grande valor para esclarecer o diagnostico. Os caneros venereos, vulgo cavallos, precedem a orchite syphilitica; vestigios de escrophulas fazem suspeitar o testiculo tuberculoso.

No testiculo syphilitico, as dôres são surdas, leves, ás vezes nullas; são vivas, lancinantes, no testiculo canceroso; nullas, a principio, no testiculo tuberculoso, tornão-se vivas quando os tuberculos amollecem.

A orchite syphilitica sára sempre, mas é preciso proseguir o tratamento durante um tempo muito longo.

Tratamento. O tratamento é o da syphilis confirmada. Compõe-se de preparações de mercurio e das de iodureto de potassio. Todos os dias faz-se uma fricção no escroto com unguento mercurial duplo. Para cada fricção emprega-se a porção da pomada igual em tamanho a uma azeitona. Internamente o doente tomará as pilulas de iodureto de mercurio, uma pilula por dia. Eis-aqui a receita :

Proto-iodureto de mercurio.	5 centigram. (1 grão)
Extracto de alcaçuz	5 centigram. (1 grão).

Faça 1 pilula, e como esta mais 39.

Por cima de cada pilula o doente beberá uma colher, das *de sopa*, de xarope de salsaparrilha misturado com uma chicara d'agua fria.

Se sobrevier salivação, cumpre suspender o uso das pilulas e das fricções mercuriaes, e não tornar a toma-las senão depois de combatida a affecção da bocca pelos meios indicados no artigo SALIVAÇÃO.

Depois de acabadas as 40 pilulas de iodureto de mercurio, se o engurgitamento do testiculo não diminuir, recorrer-se-ha ao iodureto de potassio segundo a receita seguinte :

Iodureto de potassio.	8 grammas (2 oitavas)
Agua commum...	250 grammas (8 onças).

Dissolva. Para tomar uma colher *de sopa*, duas vezes por dia. Continua-se esta poção ao menos durante um mez.

OREGÃO, Oregão de Creta OU DICTAMO DE CRETA. *Origanum dictamnus*, Linneo. Labiadas. Esta planta habita principalmente na ilha de Creta (hoje Candia), mas acha-se também em Portugal, nos arredores de Lisboa e outras partes. Caules avermelhados de 25 a 30 centímetros, guarnecidos de folhas ovas arredondadas, pecioladas, do tamanho da unha do dedo pollegar, e cotanilhosas, cheiro fragrante, agradável, forte. Esta planta, foi celebre nas nações antigas para curar as feridas; entra na composição do electuario diascordio e do electuario de açafraão composto.

Oregão vulgar. *Origanum vulgare*, Linneo. Labiadas. Planta aromatica, commum em Portugal; habita nos lugares seccos e elevados onde as suas flores perfumão o ar. Caules de um pé de altura, ramosos, pubescentes; folhas oppostas, ovadas; flores espigadas, em panicula terminal, cercadas de uma folha distincta das outras (bractea) de côr purpurea; corolla roxa, cheiro fragrante, sabor aromatico. Emprega-se em banhos, como estimulante.

ORELHA. Concha cartilaginosa que se acha ao redor do conducto auditivo. *Veja-se* OUVIDO.

Feridas da orelha. *Veja-se* vol. I, pag. 1098.

Kystos da orelha. *Kystos sebaceos do pavilhão da orelha.* São espinhas que se desenvolvem sobre o lobulo da orelha e na concha; contém materia sebacea. Com o tempo tornão-se duras e ficão estacionarias. Quando existem na vizinhança do conducto auditivo diminuem a faculdade de ouvir. — É necessario abri-las com a ponta do bisturi e esvazia-las pela compressão. Se o kysto

fôr algum tanto grande, cumpre fazer a incisão, e cauterizar a cavidade com pedra infernal. Os kystos volumosos serão extrahidos pela incisão, e pela compressão semelhante áquella que se faz sobre um fructo para expulsar a pevide.

Kystos simples. São kystos sebaceos alterados, nos quaes a substancia sebacea tornou-se liquida. Para cura-los, faz-se a incisão sobre o kysto, cauteriza-se a cavidade com pedra infernal, e introduzem-se dentro fios para provocar a inflammação e produzir depois a adhesão das paredes do kysto.

Perforação do lobulo da orelha. Faz-se esta pequena operação nas meninas para introduzir no furo uma argola de ouro, que se substitue depois pelos brincos. Póde fazer-se com agulha e retroz encerado, mas é melhor empregar um trocate com furador cónico que vai diminuindo até á ponta. Existem furadores de ouro e platina; os de aço são preferiveis.

Entorpece-se primeiro a sensibilidade do lobulo da orelha mediante leve compressão; depois applica-se o lobulo contra uma chapa de cortiça que lhe serve de ponto de apoio, e atravessa-se a orelha com bastante esforço afim de que a canula e o furador penetrem até certa profundidade na cortiça. Tira-se o furador e a rolha; pela canula que ficou na orelha faz-se penetrar a argola de ouro; finalmente tira-se a canula, e deixa-se a argola.

Queimaduras da orelha. O tratamento é o mesmo que está indicado no artigo geral QUEIMADURA; convem dirigir a cicatrizaçãõ com o maior cuidado para impedir que a orelha se una com a pelle do craneo, ou que a abertura da concha e do conducto auditivo fique tapada. Previnem-se estes accidentes por meio de fios interpostos entre as partes que devem ficar separadas.

Tumores do lobulo da orelha. Observão-se ás vezes no lobulo da orelha tumores duros, fibrosos, ou formados por elementos da pelle sobrepostos uns sobre outros. São assaz frequentes nas Antilhas e nas Indias orientaes, nos individuos indigenas. A inflammação consecutiva á perforação das orelhas não é estranha talvez á sua producção. Não ha pomadas que possam fazer desaparecer estes tumores, que, aliás, não tem gravidade. Extrahem-se com bisturi, quando incommodão.

Para as outras molestias, veja-se OUVIDO.

ORELHA DE GATO. *Hypericum connatum*, Lamark. Hypericinas. Sub-arbusto do Brasil; habita especialmente nas provincias de S. Paulo e Rio Grande do Sul. Tem 50 centim. de altura; folhas oppostas e soldadas duas a duas desde a base, até ao meio; sua parte livre é oval, obtusa ou um tanto aguda no apice; flores formando uma cymeira de poucas flores, do comprimento de 2 a

7 centímetros; fructo, capsula ovoide. As folhas d'esta planta, sendo esfregadas, exhalão um cheiro forte, pouco agradável. Sua infusão usa-se em gargarejos nas inflammações da garganta; 8 gram. (2 oitavas) para 250 grammas (8 onças) d'agua fervendo.

ORELHA DE ONÇA. *Cissampelos ebracteata*, St. Hilaire. Menispermeas. Sub-arbusto do Brasil; habita especialmente na provincia de Minas. Tem 30 a 60 centímetros de altura; folhas alternas, orbiculares-rhomboidaes, pubescentes na face superior, cotanilhosas na inferior, de côr cinzenta; flores reunidas em feixe, pedicelladas, em numero de cinco mais ou menos, na axilla das folhas superiores. Empregão-se as raizes d'esta planta contra as mordeduras de cobras; mas não se pôde affirmar que tenham alguma efficacia. Em geral, diz Augusto de St. Hilaire, os habitantes do interior do Brasil attribuem a mesma virtude a grande numero de vegetaes diversos; e cada agricultor gaba com enthusiasmo o contra-veneno a que dá preferencia. É difficil crer que plantas que pertencem a familias differentes, e das quaes muitas tem só o gosto e o cheiro herbaceos, possam curar do mesmo modo a mordedura das cobras venenosas. A raiz da orelha de onça é amarga, e sua decocção pôde ser util contra as febres intermitentes. Prepara-se esta decocção com 8 grammas (2 oitavas) da raiz e 250 grammas (8 onças) d'agua.

O nome de orelha de onça vem da semelhança que se julgou notar entre as folhas d'esta planta e a orelha da onça.

Dá-se tambem o nome de orelha de onça a outro sub-arbusto do mesmo genero, *Cissampelos ovalifolia*, St. Hilaire, que habita em Minas e Goyaz. Suas folhas são alternas, ovaes, cotanilhosas nas duas faces, de côr verde cinzenta; flores extremamente pequenas, dispostas em caxos axillares. A raiz é amarga, e o seu cozimento emprega-se contra as febres intermittentes, 8 grammas (2 oitavas) para 250 grammas (8 onças) d'agua.

ORELHA DE RATO. *Veja-se CAA-ATAYA.*

OREZZA. Ilha de Corsega. Aguas ferruginosas gazosas frias.

Orezza é uma aldeia situada na ilha de Corsega a pouca distancia do mar. Contém duas fontes ferruginosas mui frias (14º centigrados). A agua espuma ao sahir da fonte. Contém por litro 12 centigrammas (2 1/2 grãos) de carbonato de ferro, e 1 litro e 1/4 de gaz acido carbonico. É empregada na anemia. É limpida, mui gazosa, de gosto acidulo e agradável. A possibilidade de conserva-la e de transporta-la torna o seu emprego precioso á distancia.

ORGÃO. Dá-se este nome a toda a parte do corpo destinada a executar uma funcção; assim o olho é o orgão da vista; os mus-

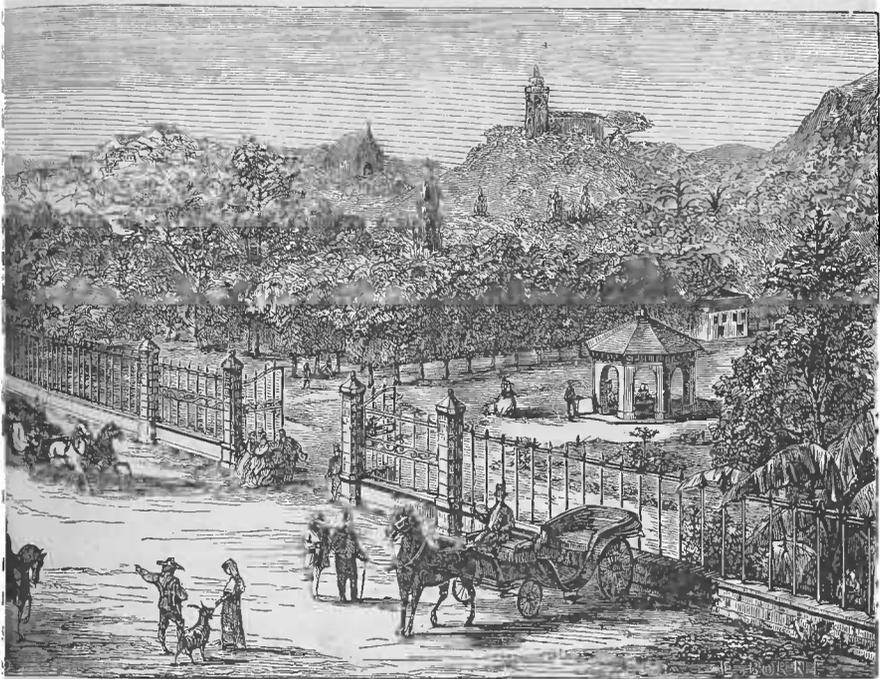


Fig. 386 (a).

OREZZA (ILHA DE CORSEGA).

Aguas ferruginosas gazosas frias.

culo são os órgãos do movimento; o estomago e os intestinos são os órgãos da digestão; etc.

ORTHOPEDIA. Esta palavra designa a arte de dar aos meninos uma boa conformação. Muitas tentativas feitas em diversas epochas para remediar, porapparelhos mecanicos ou por exercicios particulares, as deformidades occasionadas pelo rachitismo, attestão que, se a palavra *orthopedia* é moderna, a cousa é realmente assaz antiga. A orthopedia tem por fim conservar as fórmulas naturaes dos ossos, e restabelecê-las quando se achão em um estado anormal. Comprhende, por conseguinte, duas partes: uma pertence á hygiene (orthopedia préventiva), outra á therapeutica (orthopedia curativa).

Da orthopedia preventiva. Para conservar a integridade das fórmulas do corpo, é preciso evitar as causas capazes de alterar-lhe a conformação, e submettê-lo ás influencias mais favoraveis ao seu desenvolvimnto normal.

Os ossos tenros e flexiveis da criança cedem com o tempo á compressão que se exerce sobre elles, d'onde vem a necessidade de livrar a infancia d'essas ligas estreitas, que os conselhos dos medicos e a eloquencia de Rousseau não tem podido proscreever em toda a parte, e que são mais proprias a deformar a estructura do corpo do que a assegurar-lhe a solidez, como algumas pessoas julgão. Os inconvenientes não serião menores se a cabeça do recém-nascido fosse apertada fortemente. Evitar-se-ha, por um motivo semelhante, a pressão constante das mesmas partes quando se traz a criança no braço, devendo ser mudada frequentemente de lado, sustendo sempre a parte posterior do tronco.

Nos primeiros mezes da existencia, vivendo a criança quasi todo o tempo deitada, está pouco sujeita a deformar-se pelo unico effeito das attitudes. Não acontece assim quando principia a sentar-se, e sobretudo a pôr-se de pé e a andar. Importa então que se não carreguem as regiões inferiores do corpo com o peso das regiões superiores, senão quando as primeiras estão bastante solidas para não se curvarem com o peso d'esta carga. É mui reprehensivel a impaciencia dos pais, que fazem andar por força crianças mui fracas, ainda para poderem pôr-se de pé. Muitas curvaturas dos membros inferiores e da columna vertebral não tem outra origem. As andadeiras e os carrinhos, de que se servem algumas pessoas, augmentão tambem a desordem pela má direcção que dão aos hombros. A posição sentada, bem que menos nociva, pois que não exige tantos esforços, só deve ser permittida quando a criança pôde sustentar o tronco bem direito.

A medida que os movimentos da infancia se multiplicão, devem

augmentar os cuidados para prevenir uma situação viciosa. A cama será bastante dura, para que se não abaixe muito pelo peso do corpo; o travesseiro será pouco grosso; a criança deitar-se-ha, tanto quanto fôr possível, ora á direita, ora á esquerda, ou de costas, afim de que as inflexões das juntas não tenham constantemente lugar no mesmo sentido. Cumpre, sobretudo, durante o dia, prevenir e corrigir as attitudes viciosas que ella possa contrahir. Deve-se acostuma-la logo a ter a cabeça alta, a dirigir os hombros e os cotovelos para traz, apresentando o peito para diante, e endireitando a parte superior do tronco. Vigiar-se-ha que, quando ella estiver em pé, todo o corpo repouse igualmente sobre ambos os pés, e que estes tenham uma direcção ou uma situação convenientes. Quando se sentar, as duas nadegas devem firmar-se igualmente sobre a cadeira. As cadeiras de que se fizer uso serão baixas, para que os pés da criança descancem no chão. Preferir-se-hão as que tem espaldar, pelo menos quando fôr necessario prolongar-se esta attitude por algum tempo. Empregar-se-hão cadeiras de braços para as crianças fracas ou convalescentes.

As crianças devem ser vigiadas nas suas occupações, e até nos seus jogos, afim de evitar que certas inflexões se lhes tornem habituaes. Convem que o corpo se desvie o menos possível da linha perpendicular nas diferentes posições exigidas pela escripta, desenho, execução de diversos instrumentos, costura e outros trabalhos de agulha. As mesas serão de uma altura proporcionada á das cadeiras, e á da estatura das crianças, e os pequenos objectos bastante approximados dos olhos, para que possam facilmente distingui-los sem se inclinarem muito para diante. Esta precaução será ainda mais uecessaria se a criança tiver a vista curta ou o costume de olhar de perto. Demais, não se devem permittir os trabalhos d'este genero senão com frequentes intervallos de repouso ou de exercicio activo.

Um dos meios mais seguros de prevenir os effeitos de uma posição má, consiste em variar o mais possível os movimentos da criança, e não lhe impôr a dupla violencia de uma posição incommoda, e de longa immobildade. Todos sabem, por experiencia propria, que, depois de alguém estar muito tempo em pé ou sentado, sente allivio andando, e a criança, cansada de estar em uma posição uniforme, inclina o corpo de lado para conservar a apparencia da attitude direita que se exige d'ella. O exercicio contribue poderosamente para prevenir as deformações, dando maior resistencia aos ossos e mais energia aos musculos. O regimen de muitos collegios precisa de ser modificado a este respeito. A introducção dos exercicios gymnasticos n'estes estabelecimentos prôva

já um progresso ; mas esta criação não dará todos os fructos, se não se tiver o cuidado de fazer succeder frequentemente o movimento á inacção, se as horas de estudo não forem menos prolongadas, se uma vigilancia activa não fôr exercida a todos os instantes sobre a postura habitual dos alumnos.

Deve fazer-se uma escolha entre os diversos exercicios. Os mais convenientes são os que dão lugar a movimentos variados; taes como o salto, a dansa, a carreira, a esgrima, a luta, a equitação, o nadar, os jogos do volante, a acção de trepar e suspender-se pelos membros superiores, etc. Os exercicios que põem as partes em uma posição forçada, ou que são acompanhados de uma inclinação permanente de um só lado, poderião ter graves inconvenientes; taes são os esforços que se fazem para levantar maiores ou menores pesos, os que empregão as meninas para carregar nos braços, e quasi sempre de um só lado, suas irmãs mais moças, etc.

A largura dos vestidos na idade juvenil é uma condição essencial para a regularidade das fórmas. Um vestido mui apertado, além do incommodo que occasiona no exercicio de muitas funcções, pôde, com o tempo, deslocar certos ossos, inclina-los viciosamente, oppôr-se ao seu desenvolvimento e tornar-se origem de outras desordens, fazendo contrahir á criança posturas viciosas, para subtrahir-se a uma pressão incommoda.

Apresenta-se aqui uma questão, e vem a ser : se é necessario buscar em certas peças do vestuario um sustentaculo que contribua para endireitar o corpo? Não ha inconveniente em proceder assim relativamente aos membros. Os calçados levados até á perna, taes como as botinas, são geralmente empregados para este fim; dão com effeito, firmeza ás articulações dos ossos do pé e da perna, e servem para prevenir a inclinação d'estes ossos para o lado. Mas a questão é mais complexa no tronco. A mobilidade do peito, a molleza dos órgãos, a sua sensibilidade, tornão qualquer constricção penosa e até perigosa n'esta região. Assim, está hoje abandonada a especie de couraça, na qual foi por muito tempo encerrado o tronco das meninas, apezar da grande opposição de muitos medicos. O collete, que lhe foi substituido, é um vestido ligeiro destinado a soster os seios e o ventre; mas é inutil, e até pôde ser perigoso, quando é empregado antes que estas partes tenham chegado a todo o seu desenvolvimento. Em todos os casos, o collete deve ser pouco apertado, as barbatanas postas adiante e atraz terão só a resistencia sufficiente para sostê-lo em posição; deve-se torna-lo mais supportavel guarnecendo-o de substancias elasticas que se accomodem ás variações contínuas dos órgãos;

emfim, é necessario que elle se molde exactamente á fórma do tronco, afim de comprimir todos os pontos de maneira igual.

Da orthopedia curativa. Recorre-se á arte muito mais frequentemente para remediar deformidades existentes do que para prevenir as desordens d'este genero antes que se manifestem. Muitos vicios de conformação reconhecem, com effeito, por causa a negligencia das precauções necessarias no desenvolvimento regular das fórmas. Mas existe, além d'isto, certo numero de deformidades de nascença que podem ser corrigidas pela arte, comquanto não seja ella bastante para preveni-las. O dominio da orthopedia, considerado como um ramo da arte de curar, encerra ainda as diversas deformações que succedem após diversas molestias, e principalmente depois do rachitismo. Em quanto estas affecções são dolorosas, o paciente deve limitar-se a dar aos orgãos uma situação conveniente sem exercer esforço algum. Mas quando toda a irritação tem cessado, combate-se vantajosamente a deformidade pelos meios orthopedicos. O repouso, os aparelhos, os exercicios musculares, eis os principaes meios que a orthopedia emprega alternativamente para restabelecer a falta de harmonia nas fórmas exteriores.

OSSO. Chamão-se *ossos* as partes solidas e duras do corpo humano e dos animaes superiores, cuja reunião constitue o *esqueleto*. O corpo humano, na idade adulta, contém 212 ossos, sem contar 32 dentes. Seus nomes achão-se no artigo ESQUELETO. Os ossos são formados de um tecido fibroso particular, dentro do qual se acha depositada a materia calcarea.

MOLESTIAS DOS OSSOS.

Amollecimento dos ossos. O amollecimento dos ossos nas crianças chama-se *rachitismo*, e na idade adulta *osteomalacia*. *Veja-se RACHITISMO e OSTEOMALACIA.*

Cancro dos ossos ou OSTEOSARCOMA. O cancro dos ossos não se mostra com frequencia igual em todos os ossos do esqueleto. Eis-aquí a ordem decrescente : queixo superior, femur, tibia, queixo inferior, osso iliaco, cabeça do humero, vertebrae, ossos do pé. É formado do tecido scirrroso, encephaloide, colloide, raras vezes do tecido melânico. (*Veja-se CANCRO EM GERAL*, vol. I, p. 444, para a explicação d'estes differentes termos). Principia no periostio, membrana que cobre os ossos, ou nas partes profundas do osso. No primeiro caso determina a formação de um tecido osseo, e uma hypertrophia da substancia compacta sub-jacente; no segundo caso, produz um adelgaçamento, uma destruição dos tecidos vizinhos.

Symptomas. O cancro dos ossos principia de uma maneira obscura; Os enfermos sentem dôres surdas que tomão por dôres rheumatismaes ou nevralgicas; mais tarde o osso affectado apresenta um augmento de volume; forma-se um tumor. Este tem caracteres variaveis: ora é pouco volumoso, duro, confundido com o osso; a pelle que o cobre conserva o aspecto normal ou apresenta só algumas veias flexuosas e dilatadas; ora é mui volumoso, e occupa toda a extensão em comprimento de um osso, do femur, por exemplo, e então a pelle que o cobre é estirada, lisa, luzente, adelgaçada, percorrida pelas veias numerosas; ora é molle e dá uma sensação de falsa fluctuação; ou então é duro, e fornece á pressão dos dedos uma sensação de estalo devido ao abaixamento e á volta sobre si mesma da lamina ossea que o reveste.

Marcha e terminação. O cancro dos ossos faz progressos continuos. O tumor augmentando de volume comprime os orgãos vizinhos, d'onde resultão effeitos variados: inchação da parte affectada, dôres nevralgicas, dyspnea, difficuldade de engulir, etc., segundo que a compressão se faz sobre as veias, nervos, trachea, esophago, etc. Quando o cancro occupa o centro de um osso, o adelgaçamento das camadas superficiaes é levado ás vezes a um grão tal que o osso fractura-se pelo mais leve esforço durante um movimento feito pelo doente. N'um periodo mais adiantado, sobrevem alteração da saude geral: a tez do rosto muda, as forças e a gordura desaparecem. Se o cancro occupar um osso profundo, não se forma adherencia entre a pelle e o tumor; se se desenvolver pelo contrario n'um osso superficial, as adherencias produzem-se e são seguidas de ulceração analoga á que é propria a todos os cancros, de dôres vivas, de suppuração e de todos os phenomenos da cachexia cancerosa (*Veja-se* vol. I, pag. 449).

Diagnostic. Não sendo caracterizado o cancro no seu começo senão pelas dôres, estas podem ser confundidas com dôres de rheumatismo ou com dôres osteocopas de natureza syphilitica. A marcha ulterior da molestia póde só esclarecer o diagnostico. Quando o tumor está formado, póde-se ainda hesitar e toma-lo por outros productos morbidos. Os *tumores cartilaginosos* dos ossos tem superficie dura, e as partes molles que as cercão conservão a sua integridade; a molestia tem marcha lenta e benigna; não é acompanhada de dôres e de emmagrecimento; tem o lugar de predilecção nos ossos do pé e da mão. As *exostoses* tem marcha mui lenta; são duras, indolentes, não tendem á ulceração, e são ligadas as mais das vezes a uma infecção syphilitica anterior. Um tratamento anti-syphilitico explorador permittirá, em alguns casos, esclarecer a natureza da molestia.

Prognostico e tratamento. O cancro dos ossos é muito grave, tanto mais grave quanto se desenvolver sobre um ponto do esqueleto menos accessivel á applicação dos meios cirurgicos e mais vizinho de órgãos importantes.

A unica indicação que se apresenta consiste em praticar a extracção da parte affectada, pela amputação, desarticulação ou reseccção (ossos queixaes), ou pela extirpação da totalidade do osso atacado (ossos da mão e do pé), segundo a séde do cancro. Se a situação do tumor não permittir a intervenção do instrumento, cumpre limitar-se ao tratamento palliativo (*veja-se* CANCRO EM GERAL, vol. I, pag. 454).

Carie. *Veja-se* vol. I, pag. 484.

Contusão dos ossos. *Veja-se* vol. I, pag. 685.

Dôres nos ossos, ou **osteocopas.** *Veja-se* SYPHILIS.

Enchondromo. *Veja-se* vol. I, pag. 920.

Exostose. *Veja-se* vol. I, pag. 1036.

Feridas dos ossos. *Veja-se* vol. I, pag. 1098.

Fracturas. *Veja-se* vol. I, pag. 1166.

Hypertrophia dos ossos. Augmento do volume de um osso, sem alteração na sua textura. Apparece ao redor das articulações affectadas de arthrite, depois das feridas por armas de fogo, depois das contusões, etc. Conhece-se a hypertrophia pela inchação uniforme de um osso e falta de dôres; ás vezes, porém, existem dôres nocturnas. Nada se faz contra as hypertrophias consecutivas ás lesões dos ossos; sárão por si mesmas: com o tempo o osso diminue de volume. As hypertrophias que se mostram nos individuos affectados de escrophulas ou de syphilis, exigem o tratamento anti-syphilitico e anti-escrophuloso interno; não ha tratamento local a fazer.

Inflamação dos ossos. *Veja-se* OSTEITE.

Necrose. *Veja-se* o artigo NECROSE.

Os ossos podem ser a séde de diversos tumores, que lhes são communs com as outras partes, taes são os *kystos*, os *tumores sanguineos*, os *tumores fibrosos* e os *tuberculos*.

OSTEITE. Inflamação do tecido osseo.

Causas. Esta molestia desenvolve-se sobretudo debaixo da influencia de causas locais: contusões, feridas, fracturas, compressão prolongada, contacto de um corpo estranho, substancias causticas, etc. Citão-se casos em que uma crivilha introduzida n'uma ulcera artificial chamada *fonte*, inflammou o osso do braço; uma bolinha de papel introduzida no ouvido determinou a inflamação do osso do ouvido. Entre as causas chamadas geraes, comprehendem-se as escrophulas, o escorbuto, a syphilis, o rheumatismo, a gota.

Symptomas. A osteite é caracterizada por dôres *fixas e continuas* na superfície ou na profundidade do osso. A região correspondente ao osso affectado incha, quer por causa de uma verdadeira augmentação de volume do osso inflammado, quer pela tumefacção das partes molles vizinhas.

A osteite pôde terminar de quatro modos : pela resolução, induração, suppuração (*carie*), ou por gangrena (*necrose*).

Quando termina *pela resolução*, as dôres desaparecem, e a tumefacção diminue gradualmente. Quando acaba *por induração*, diz-se que a molestia passa ao estado chronico ; o osso augmenta então de grossura e mesmo de comprimento.

A *carie* é caracterizada pelo amollecimento do osso, suppuração, friabilidade, côr denegrida ou avermelhada, e máo cheiro. V **CARIE**.

A *necrose* conhece-se pela mobilidade da porção morta (sequestro), suppuração das partes molles vizinhas, e sahida do sequestro. *Veja-se* **NECROSE**.

Tratamento. Se a inflammação fôr intensa, applicuem-se dez bichas no lugar dorido, e depois cataplasma de linhaça ou de fecula. Se a dôr e tumefacção não forem grandes, bastão as cataplasmas. Os banhos d'agua quente simples são igualmente uteis. Cumpre continuar durante muito tempo o emprego das cataplasmas e dos banhos. O repouso absoluto da parte affectada é indispensavel. Se, depois de cessar a inflammação, a tumefacção persistir, recorra-se á applicação dos emplastos de cicuta, sabão, ou de Vigo, que se achão em todas as pharmacias. Quando se suppõe que a osteite depende das escrophulas ou da syphilis, empreguem-se internamente os medicamentos indicados contra estas molestias. O tratamento da *carie* e da *necrose* está indicado nos artigos respectivos.

OSTEOCOPO, Dôres osteocopas. São as dôres que tem a séde nos ossos : é um symptoma da syphilis constitucional.

OSTEOMALACIA. Amollecimento dos ossos na idade adulta. O rachitismo, molestia da infancia, e a osteomalacia no adulto, são as mesmas molestias modificadas pela idade. O rachitismo é um amollecimento dos ossos que impede o seu desenvolvimento, entretanto que a osteomacia é o amollecimento dos ossos completamente formados. A osteomalacia é o desaparecimento do tecido osseo ; os ossos tornão-se mais graxos ; contém menos phosphato de cal ; inchão nas extremidades, e curvão-se no sentido dos seus movimentos mais frequentes. Todos os ossos podem ser affectados de osteomalacia ; comtudo, é uma molestia mui rara.

Causas. As causas da osteomalacia não são bem conhecidas : attribue-se esta molestia á má hygiene, á alimentação privada dos saes calcareos, á moradia nos lugares humidos e insalubres.

Symptomas. A osteomalacia annuncia-se por dôres em todos os ossos, pela fraqueza e impossibilidade de resistir á fadiga; depois os ossos curvão-se, quebrão-se ás vezes, as pernas torcem-se, o tronco encurta-se por causa do achatamento das vertebras, o thorax torna-se mais chato lateralmente, as omoplatas curvão-se para diante, o humero toma a fôrma de um S. Altera-se a saude geral; as ourinas são carregadas de phosphato de cal, que se conhece mediante o microscopio; o phosphato de cal é caracterizado por um pó branco.

Tratamento. Logo que a molestia fôr conhecida, o doente deverá submeter-se a um regimen tonico, a uma alimentação com as farinhas, que são os alimentos que contém maior porção de phosphato de cal. A vizinhança do mar ou a moradia no campo são indicadas. Administrar-se-hão os banhos frios, e os banhos adicionados de 250 grammas de phosphato de cal. O doente deve ficar na cama, o maior tempo possível, e na posição horizontal. O vinho de genciana, de quassia, de quina convem tambem, assim como o oleo de figado de bacalháo internamente e em fricções. Administrar-se-ha internamente o phosphato de cal, na dóse de 2 a 8 grammas por dia, n'um copo d'agua com assucar.

OSTEOSARCOMA ou CANCRO DO OSSO. V vol. II, p. 528.

OSTRA. *Ostrea.* Marisco da familia dos Testaceos, de concha bivalve, desprovido de pés, contido n'uma capa guarnecida de duas ordens de franjas. A concha tem uma charneira sem dentes, e compõe-se de folhas que se separão com facilidade; quando morre a ostra abre-se a concha. A bocca d'este animal corresponde ao ligamento que une as valvas; sua parte posterior, mais larga, corresponde á margem livre das valvas. Pegados aos corpos submarinhos, estes animaes não tem órgãos locomotores; adherem á concha por um unico musculo bastante resistente; são privados, pelo menos em apparencia, da vista, do ouvido e do olfacto. A bocca é grande, collocada perto da charneira; o estomago é um sacco collocado na espessura do figado, que é volumoso e de côr roxa; o intestino contornea-se muitas vezes no figado, e depois acaba no meio do dorso por um orificio fluctuante e em fôrma de funil. Os órgãos reproductores são pouco conhecidos. Sabe-se sómente que as ostras são hermaphroditas em toda a extensão da palavra, e que se reproduzem por si mesmas e sem concurso de outro individuo. São de uma fecundidade extraordinaria. Rejeitão, no principio do verão, as ovas que se parecem com um pingo de sebo, e nas quaes se distingue, mediante o microscopio, uma infinidade de pequenas ostras completamente formadas que se apegão aos rochedos, ás pedras, ou a qualquer corpo solido disperso no mar.

Estes molluscos vivem ordinariamente nas costas do mar, a pouca profundidade, e n'um mar cujas aguas são pouco correntes. Apegão-se não só aos rochedos, mas tambem umas ás outras: d'onde procedem estas massas mais ou menos consideraveis que se chamão *bancos de ostras*, e que durante muito tempo podem satisfazer um grande consumo. Apegada ao *banco*, onde nasceo, a ostra cresce e morre sem nunca mudar de lugar. O mar traz-lhe o alimento que se compõe das ovas de peixes, e de destroços de todas as especies suspensos no mar. São necessarios 3 annos para que a ostra adquira o tamanho necessario para servir de alimento.

A ostra constitue um alimento leve, agradável e salubre. A facilidade com que se digere é tal, com effeito, que ha pessoas que comem 4, 8 duzias d'ellas e mais, sem experimentarem incommodo algum.

As ostras achão-se nas costas da America e da Europa. Na Europa sua pesca é prohibida durante os mezes de maio, junho, julho e agosto, tempo durante o qual ellas desovão. Esta pesca faz-se por meio de um aparelho chamado *draga*, especie de pá de ferro recurvada, e guarnecida de um sacco de couro ou de uma rede que se amarra a uma embarcação. Esta, impellida pelo vento, arrasta a draga, que, como um ancinho, ajunta as ostras no meio das aguas. Arrancão-se assim 1,000 a 1,200 ostras de uma vez. Não são boas para comer senão depois de se deixarem por alguns dias n'um reservatorio d'agua salgada, de 3 a 4 pés de profundidade, chamado *parque*, communicando com o mar por meio de um canal por onde a agua póde entrar e sair.

A agua das ostras é aperiente, pois contém sulfato de magnesia, sulfato de cal e uma porção bastante forte de osmazoma. As conchas, compostas, pela maior parte, de carbonato de cal, são utilizadas na agricultura para adubar as terras. As ostras não são sãs durante o verão, tempo em que desovão. Conhecce-se que a ostra está sã, quando a agua na qual se acha se conserva limpida, quando a sua carne é brilhante, quando as margens das valvas não estão escuras. Nas ostras doentes a concha está meio-aberta, o corpo do animal é molle, leitoso e cede á pressão do dedo. Não se devem abrir as ostras senão no momento de as comer. O vinho branco acidulo facilita a digestão das ostras. Separando a ostra da concha com uma faca ou com um garfo, deve-se ter o cuidado de não furar a concha com a ponta do instrumento, para evitar que a agua da ostra adquira cheiro fetido.

OTALGIA. Dôr de ouvido. *Veja-se* OUVIDO.

OTITE. Debaxo d'este nome comprehendem-se todas as inflammações do interior do ouvido. Chama-se *otite externa*, quando

a inflammação affecta só o conducto auditivo externo, e *interna*, se occupa as partes mais profundas do ouvido, isto é, a caixa do tympano e o labyrintho. (Veja-se a fig. 387, na pag. 546 d'este volume, que representa as diversas partes de que se compõe o órgão do ouvido). Em relação á sua marcha, a otite divide-se em *aguda* e *chronica*.

Otite aguda. *Causas.* A inflammação aguda do ouvido é occasionada por contusões, pela presença dos corpos estranhos, pela acção do ar frio e humido: pôde tambem sobrevir espontaneamente sem causa conhecida.

Symptomas. Differem conforme a inflammação fôr externa ou interna, e segundo a intensidade da molestia.

1º *Otite externa.* Na sua fôrma mais benigna, quando a inflammação não é acompanhada de tumefacção, os doentes sentem no conducto auditivo algum calor, e sobretudo uma comichão desagradavel. Logo sobrevem picadas com dôres de cabeça e zunidos; o conducto auditivo torna-se vermelho. Fôrma-se n'elle escamas delgadas; a cera do ouvido, mais consistente, torna-se ás vezes arroxeadada, e mesmo preta; sua secreção augmenta. É em consequencia d'esta leve inflammação, que se formão frequentemente no conducto auditivo especies de rolhas duras como sabão, que irritão a porção do conducto com que estão em contacto, produzem um corrimento puriforme, e ás vezes uma surdez completa. Na fôrma mais intensa da otite existe um calor ardente no conducto auditivo; muitas vezes ha picadas; o conducto está mais ou menos estreitado; apparecem no seu orificio vesiculas de pequeno volume, ou vegetações carnosas, e um fluxo aguado ou purulento. Esta especie de otite foi chamada *catarrhal*; persiste ás vezes annos sem estender-se; acontece comtudo ás vezes que pela influencia do frio ou da humidade propaga-se á porção interna do ouvido.

Na terceira fôrma de otite externa, a inflammação torna-se phlegmonosa, vem a ser que se propaga até ao tecido cellular. Os doentes sentem então dôres vivas, lancinantes, que lhes arrancão gritos; a mastigação, os movimentos, a impressão do calor ou do frio exasperão-n'as; a faculdade de ouvir d'este lado acha-se diminuida ou perdida; existem zunidos, em consequencia da inchação da membrana que obstrue ou oblitera o conducto. Ao mesmo tempo ha uma anxiedade geral, ás vezes febre intensa, com dôr de cabeça. Se a dôr de ouvido fôr muito viva e o doente nervoso, pôde sobrevir delirio. Todavia, de ordinario, no terceiro ou quarto dia os symptomas diminuem de intensidade, e esta melhora coincide quasi sempre com o fluxo de um pus inodoro ou fetido, que se faz pelo conducto auditivo, e que cessa geralmente no fim de alguns

dias. Às vezes, a suppuração continua, mas o conducto auditivo fica então de tal maneira estreitado, que o pus não pôde escoar-se; este liquido accumula-se no conducto, comprime a membrana do tympano, e torna-se causa de dôres muito vivas.

2º *Inflamação aguda da membrana do tympano.* A membrana do tympano forma uma separação entre o conducto auditivo externo e a orelha média. À sua inflamação occasiona dôres mais ou menos vivas no fundo do conducto auditivo, que se estendem até á garganta e á parte superior do pescoço; são acompanhadas ordinariamente de zunidos e ruidos diversos. A membrana do tympano, posta a descoberto por meio de especulo de orelha, apparece rubra. A faculdade de ouvir diminue; existe febre, e a secreção do cerumen fica suspensa. Se a molestia não fôr bem tratada, ou se fôr abandonada a si mesma, um fluxo puriforme, estriado de sangue, tem lugar pela orelha. A surdez faz progressos, e tornando a examinar o estado da membrana, vê-se que ella apresenta muitas aberturas, que podem não ser mais largas do as que faria uma picada de alfinete; mas ás vezes tem o diametro de uma ervilha. Emfim, nos casos mais graves ainda, os dois terços do tympano estão destruidos. A molestia sendo tratada convenientemente, cessa a febre, acalmão-se as dôres, desapparecem os zunidos; mas a surdez augmenta em razão da espessura que adquire a membrana do tympano, por causa de uma infiltração serosa que se faz entre as camadas membranosas que a compõem.

3º *Inflamação interna da orelha.* Debaixo do nome de *otite interna* comprehende-se a inflamação do tecido cellular e a do periostio da caixa. Aqui os symptomas são muito mais graves do que nos casos precedentes. A dôr de ouvido é atroz, intoleravel; ha febre, nauseas, vomitos, dôr de cabeça mui forte, agitação, insomnia, ás vezes convulsões e delirio. Em geral a deglutição e a mastigação são difficeis e dolorosas.

A molestia termina rapidamente pela suppuração. Quando, o pus está accumulado na caixa do tympano, pôde-se, applicando o ouvido sobre a orelha do doente, ouvir durante os violentos esforços de expiração, e quando o ar atravessa o liquido, uma especie de ruido crepitante, e ás vezes um verdadeiro fervor mucoso. O pus, depois de ficar preso durante mais ou menos tempo na orelha, acaba por ser expulso; muitas vezes sahe subitamente ás golfadas, pelo conducto auditivo externo, depois de perforar a membrana do tympano; mais raras vezes sahe pelo conducto interno chamado *trompa de Eustachio*, que se abre na garganta: os doentes cospem então uma materia puriforme, que produz na bocca sabor e cheiro desagradaveis. A suppuração tem mais tendencia a perforar o tym-

pano e a passar pelo conducto auditivo externo do que a sahir pela garganta.

Na inflammação externa, o corrimento purulento não se faz esperar mais de tres ou quatro dias, e ás vezes apparece algumas horas depois da invasão da dôr; na inflammação interna, pelo contrario, a dôr prolonga-se durante mais de uma semana sem que se faça o corrimento; depois, a membrana do tympano rasga-se de repente e deixa sahir materia abundante, que não foi precedida por fluxo seroso.

Duração, terminações. A otite aguda póde durar cinco ou seis dias; outras vezes prolonga-se durante um mez; passada esta epocha chama-se chronica. Quando a inflammação affecta só o conducto externo, os doentes sãrão completamente: comtudo acontece ás vezes conservarem durante longo tempo alguma dureza de ouvido, que desaparece pouco a pouco. Mas, em consequencia da otite interna, é raro que os doentes não fiquem com o ouvido duro; e até mesmo tornão-se muitas vezes completamente surdos.

Tratamento. O tratamento da otite aguda externa é o mesmo que o da interna, salvo que o tratamento d'esta deve ser muito mais energico. A otite benigna exige só o emprego de algumas injecções emollientes, taes como a decocção tepida de semente de linho ou raiz de althea. Se se formou um tampão ceruminoso, cumpre extrahi-lo com a pinça ou com um pequeno esgaravador. Se não puder extrahir-se d'este modo, deve-se primeiro amollecere a massa seringando no conducto auditivo agua morna ou a mistura de azeite doce quente e ether sulfurico, em partes iguaes. Tirada a massa, a surdez cessa instantaneamente.

Se a inflammação fôr mais intensa, applicuem-se cataplasmas de linhaça ou de fecula na orelha e tomem-se repetidos pediluvios sinapizados. Se a dôr fôr viva, cumpre applicar 10 a 12 bichas atraz da orelha inflammada, e tomar um purgante, tal como oleo de ricino, magnesia calcinada, ou sulfato de soda. Se houver muita febre, faça-se uma sangria no braço. Se se formar um abcesso, cumpre abri-lo, e convem favorecer a sahida do pus pela posição ou com injecções d'agua tepida. O doente usará de bebidas diluentes, taes como o cozimento de cevada ou limonada de limão, e observará dieta mais ou menos rigorosa.

Otite chronica. Só differe da aguda pela menor intensidade dos symptomas, e pela duração muito mais prolongada. Dá-se-lhe tambem o nome de *otorrhea*, que significa fluxo mucoso ou purulento pelo ouvido.

Causas. São as mesmas que as da inflammação aguda, á qual

succede ás vezes. Póde ser ocasionada pelo vicio escrophuloso, dartroso, syphilitico, e pela presença de um corpo estranho.

Symptomas. A otite chronica póde succeder ao estado agudo ou ser primitiva. Do mesmo modo que a inflammação aguda, póde ser *externa* ou *interna*, ser limitada ao conducto auditivo ou affectar tambem a membrana tympanica.

A otite chronica benigna é caracterizada sómente por comichão, pela alteração do cerumen, e pela formação de concreções no conducto auditivo. A faculdade de ouvir está mais ou menos alterada.

Se a otite aguda foi catarrhal ou phlegmonosa, vê-se, em consequencia da passagem da molestia ao estado chronico, o conducto auditivo encher-se de vegetações fungosas, e a pelle tornar-se mais grossa, desigual, o que produz uma surdez mais ou menos completa. Muitos d'estes doentes não experimentão dôr alguma; a molestia consiste sobretudo no fluxo de um pus amarello ou cinzento, abundante, com zunidos e dureza do ouvido. Se ao mesmo tempo a membrana do tympano estiver affectada, o especulo do ouvido mostra que ella está opaca, desigual, e ás vezes perforada. Quando esta alteração existe, o ar sahe com sibilo pelo conducto auditivo externo, logo que o doente assopra ou assoa-se; tendo a cautela de apertar previamente o nariz com os dedos para impedir o ar de sahir pelas ventas, e para obriga-lo a introduzir-se no ouvido pela abertura da trompa de Eustachio, que se acha no fundo da garganta.

Quando a orelha interna está affectada, a faculdade de ouvir achá-se quasi inteiramente perdida por causa das grandes desordens que existem; a suppuração é então mais abundante; é cinzenta, anegrada, fetida, misturada com fragmentos dos ossos da orelha interna, cariados ou affectados de necrose.

Diagnostic. O modo de distinguir a otite externa não apresenta difficuldade. Entretanto, commctem-se ás vezes erros. Com effeito, considerão-se muitas vezes como affectadas de surdez incuravel pessoas que, em consequencia de uma otite superficial, tem no fundo do conducto auditivo uma accumulção de materia ceruminosa, que tapa o ouvido, torna a faculdade de ouvir difficil ou a anniquila completamente. Para descobrir este corpo estranho, e reconhecer o estado do conducto auditivo, basta puxar a orelha para traz e para cima, e expôr o orificio do conducto aos raios solares. Mas é melhor ainda introduzir o especulo do ouvido, que permite descobrir facilmente a causa da surdez.

Tratamento. Em primeiro lugar tirem-se os corpos estranhos, se alguns houver no conducto auditivo.

Applique-se um caustico na nuca, e façãose no conducto injeções com um dos liquidos seguintes :

1º Decocção de raiz de althea.	120	grammas (4 onças).
2º Tannino.	60	centigram. (12 grãos)
Agua fria..	120	grammas (4 onças).
3º Alumen.	15	grammas (1/2 onça)
Agua fria.	90	grammas (3 onças).
4º Creosota..	1	gramma (20 grãos)
Agua fria..	90	grammas (3 onças).
5º Agua distillada de rosas.	30	grammas (1 onça)
Pedra divina.	1	gramma (20 grãos).
6º Azotato de prata crystallizado.	20	centigram. (4 grãos)
Agua distillada.	30	grammas (1 onça).

Entretenha-se o asseio, por meio de frequentes lavatorios com agua tepida. Faça-se uso dos banhos frios de rio ou do mar. Ao mesmo tempo faça-se uso internamente de medicamentos proprios para combater certos estados geraes, que podem só por si produzir ou entreter o fluxo purulento pelo canal auditivo; tal é em particular a constituição escrophulosa, á qual oppôr-se-hão os meios apropriados. Os medicamentos mais convenientes n'este caso são a infusão de raiz de chicoria, de genciana, as preparações de ferro, o oleo de figado de bacalháo, etc. *Veja-se ESCROPHULAS.* Se se suppuzer que o fluxo do ouvido depende do vicio syphilitico, que existe na economia, recorra-se ao tratamento mercurial interno (*Veja-se SYPHILIS*).

OTORRHEA. Fluxo mucoso ou purulento pelo ouvido. *Veja-se OTITE CHRONICA.*

OURINA. A ourina é um liquido separado do sangue arterial pelos rins, e conduzido pelos canaes chamados *uretères* á bexiga, d'onde desce pelo canal da *urethra*.

A ourina no homem de boa saude varia segundo o momento em que é expulsa. A ourina expellida immediatamente depois da comida (*ourina das bebidas*), e que é clara, aquea, differe da ourina expulsa algumas horas depois (*ourina de digestão*), que está mais animalizada; e differe ainda mais da que se deita pela manhã, e que é o producto da elaboração por assim dizer completa, que os rins fizeram experimentar ao sangue (*ourina de sangue*). Em geral, a ourina é transparente, variando segundo as condições que deixei indicadas, do amarello claro ao amarello alaranjado, de cheiro particular, de sabor acre, salgado; quando recente avermelha o papel de turnesol; abandonada a si mesma, deixa depositar um sedimento amarellado, ou côr de tijolo, composto de acido urico, e ás vezes phosphorico: então a ourina tornou-se alcalina. Em

seguida, decompõe-se e dá origem ao ammoniaco; ao mesmo tempo forma-se um deposito de urato de ammoniaco, de phosphato de cal, de phosphato de ammoniaco e de magnesia. A sua densidade média é de 1,017. A analyse seguinte, dada por Berzelius, está adoptada por todos os autores: 1,000 partes de ourina contém: agua 933,00; — uréa 30,10; — sulfato de pôtassa 3,71; — sulfato de soda 3,16; — phosphato de soda 2,94; — chlorhydrato de soda 4,45; — phosphato de ammoniaco 1,65; — chlorhydrato de ammoniaco 1,50; — acido lactico livre, lactato de ammoniaco, materia animal soluvel no alcool, uréa que não póde ser separada d'esta materia 17,14; — phosphato de magnesia com phosphato de cal 1,00; — acido urico 1,00; — mucosidade da bexiga 0,32; — silica 0,03. Resulta d'esta analyse que 1,000 partes de ourina contém 933 partes d'agua, e 67 partes de substancias solidas. Não se deve, porém, considerar esta avaliação como absoluta, porque mesmo no estado normal a composição chimica da ourina está sujeita a variações consideraveis. Independentemente dos elementos indicados, a ourina póde, sem sahir do estado natural, conter muitos outros pelas influencias que passo a examinar.

A quantidade de ourina expulsa em 24 horas foi diversamente avaliada pelos autores. Segundo as ultimas observações dá-se por quantidade média 1,267 grammas nos homens, e 1,371 nas mulheres; os limites extremos são 900 e 1,400 grammas.

§ I. **Variações da ourina no estado natural.** As bebidas abundantes, augmentão notavelmente a secreção urinaria. A temperatura elevada, tornando os suores mais copiosos, diminue a quantidade da ourina. O regimen animal augmenta as partes solidas d'este liquido, ao passo que os alimentos vegetaes diminuem-n'as. A côr da ourina modifica-se por certas substancias tomadas internamente: o anil a torna azul; a ruiva dos tintureiros, a raiz de morangueiro, o páo campeche, as amoras, as framboezas tingem-n'a de vermelho; o rhuibarbo tingem-a de amarello; a cannafistula, as preparações de ferro, a noz de galha e as substancias que contém tannino dão-lhe uma côr anegrada. A essencia de terebinthina, simplesmente absorvida pela pelle ou pelos pulmões, faz-lhe exhalar um cheiro de violas mui sensivel, entretanto que os espargos tornão-n'a muito fetida, e a copahiba communica-lhe o seu cheiro aromatico. Os principios odoriferos do zimbro, do alho, passão igualmente do estomago ás vias urinarias. O bicarbonato de soda e outros alcalis mostrão-se facilmente nas ourinas, e por isso estas substancias e ás aguas mineiras que as contém, como por exemplo, as de Vichy, de Vidago, são verdadeiramente efficazes para combater as areias e os calculos

formados pelo acido urico. Os acidos vegetaes tornão as ourinas fortemente acidas; taes são os acidos çitrico, tartarico, oxalico, etc. Chegados á bexiga, elles actuão segundo as suas affinidades particulares; assim o acido oxalico apodera-se da cal que se acha nas ourinas e forma um oxalato de cal insolúvel. As pessoas que fizerem uso frequente de azedas, ou tomates, substancias em que se acha o acido oxalico, scrão expostas a soffrer de areias d'esta especie.

Acontece muitas vezes no estado de saude que as ourinas tornão-se turvas, jumentosas, isto é semelhantes ás dos grandes quadrúpedes. Este estado depende da presença de mucosidades, do urato de ammoniaco em pó, e do acido urico crystallizado. Uma simples indigestão póde produzir este effeito. Deve notar-se que nas pessoas que tem habitualmente as ourinas jumentosas, as digestões são laboriosas.

Os *sedimentos* mostrão-se frequentemente no estado de saude; um simples abaixamento de temperatura basta para alterar a transparencia da ourina, e produzir um deposito mais ou menos consideravel. Em consequencia de um jantar copioso, de um leve excesso de bebidas alcoolicas, a ourina turva-se e deixa depôr uma quantidade mais ou menos consideravel de acido urico, e de urato de ammoniaco. Observa-se outro tanto em algumas pessoas depois de uma grande caminhada, ou depois de uma transpiração abundante. Esta modificação de ourinas, quando não é acompanhada de outros symptomas, não annuncia molestia alguma. Desapparece com a mudança de regimen ou de temperatura.

O *exercicio muscular* augmenta a quantidade da uréa e do acido lactico, diminue o acido urico. Comprehende-se, segundo isto, como a vida sedentaria, acompanhada de um regimen animal e muito abundante, favorece o desenvolvimento das areias. A *temperatura exterior*, actuando sobre as funcções da pelle, exerce uma influencia inversa sobre a secreção urinaria: esta é mais abundante e mais rica em principios solidos, quando a temperatura está mais baixa, e reciprocamente. No *estado de gravidez* a ourina apresenta algumas modificações na sua composição, que são sobretudo notaveis do segundo ao quarto mez. Depois de algumas horas de repouso, apparece na ourina um leve sedimento de côr branca; mais tarde particulas arredondadas separão-se d'este sedimento, sobem á superficie do liquido e vem formar ali uma pellicula de mais de dois millimetros de espessura. Esta substancia não se encontra de uma maneira constante na ourina das mulheres gravidas; de sorte que se se póde presumir a existencia da gravidez, quando esta substancia existe; a conclusão inversa não póde tambem ser rigorosamente admittida.

§ II. **Variações da ourina nas molestias.** No curso das molestias, a ourina póde apresentar modificações numerosas, quer nas suas propriedades physicas, quer na sua composição.

Sua *quantidade* augmenta no diabetes e no hysticismo; diminue, pelo contrario, nas affecções febris, na hydropisia, nas molestias acompañadas de abundantes evacuações alvinas ou de suores copiosos.

A *côr* é de um amarello mais ou menos alarañjado nas affecções febris, taes como o rheumatismo articular agudo, pneumonia, febre typhoide. No principio da ictericia a ourina toma uma côr amarella parecida com a das dissoluções de ouro; esta côr torna-se de mais em mais escura á medida que a molestia faz progressos; chega ao verde e mesmo roxo. A presença do sangue tinge a ourina de vermelho; torna-se branca, leitosa pela sua mistura com pus ou com materias gordas. Certos medicamentos communicão-lhe uma côr anormal: assim o rhuibarbo dá-lhe uma côr amarella. Por opposição, as ourinas perdem a côr, e tornão-se limpidas como agua, no periodo algido das febres intermittentes, no diabetes, em muitas molestias nervosas, como o hysticismo, a epilepsia, etc.

Quando o *sangue* está misturado com ourina, é facil distinguir seus diversos elementos. A fibrina, coagulando-se, forma grumos mais ou menos volumosos e de uma côr que varia do branco rosado ao roxo. O sangue communica á ourina uma côr rubra tanto mais escura quanto mais consideravel é a sua proporção. Todavia, certas ourinas são muito vermelhas, bem que não contenhão o menor vestigio de sangue. Observão-se as ourinas sanguineas na hematuria, nas molestias dos rins, da bexiga, da urethra. *Veja-se HEMATURIA.* Ha substancias que para serem reconhecidas, exigem pesquisas chimicas. Assim descobre-se a *albumina*, caracteristica da molestia chamada *albuminuria*, pela acção do calor e do acido azotico, que determinão na ourina a formação de um coalho. O *assucar* no diabetes conhece-se deitando na ourina uma pequena quantidade de solução de sulfato de cobre e de carbonato de potassa. Aquecendo então a ourina, ella torna-se azul se não contém assucar; mas, contendo-o, adquire uma côr rubra arroxeadada. O exame da ourina, junto aos outros symptomas, tem certa importancia no diagnostico das molestias; mas por si só não póde servir para fazer reconhecer senão um mui pequeno numero d'ellas.

§ III. **Molestias das vias urinarias.** Achão-se descriptas nos artigos seguintes: *Albuminuria, Ardor no urinar, Areias, Catarrho vesical, Diabetes, Estreitamento do canal da urethra, Fluxo*

de *ourina*, *Hematuria*, *Incontinencia de ourina*, *Inflammação da bexiga*, *Retenção de ourina*.

Ourinas albuminosas. *Veja-se* ALBUMINURIA.

Ourinas doces. *Veja-se* DIABETES.

Ourinas leitosas ou **chylosas.** É uma variedade de *hematuria* ou de *ourinas sanguineas*, molestia que existe sobretudo nos paizes intertropicaes; é bastante frequente no Rio de Janeiro; chamão-lhe *hematuria dos paizes quentes*. Em 24 horas, no mesmo dia, os doentes deitão as mais das vezes duas especies de ourina: uma, examinada a olho nú ou mediante o microscopio, apresenta todos os caracteres de uma ourina sanguinea (globulos de sangue, grumos fibrinosos, albumina); outra é de côr rubra pallida, e abandonada a si mesma, separa-se em duas partes, das quaes a inferior parece sanguinolenta, ao passo que a superior é turva, côr de leite ou completamente opaca. Em geral os individuos que expellem esta especie de ourina gozão em apparencia de boa saude; mas este estado deve ser combatido, porque com o tempo pôde vir a ser causa de enfraquecimento. O tratamento está descripto no artigo HEMATURIA DOS PAIZES QUENTES, v. II, p. 107.

Ourinas sanguineas. *Veja-se* HEMATURIA.

OURO. O ouro é um metal conhecido desde a mais remota antiguidade; é o mais precioso de todos os metaes, e aquelle cujo valor commercial é mais elevado. É amarello, brilhante, mui maleavel e ductil. Certos metaes são mais raros do que o ouro, a platina, por exemplo, e não obstante estão longe de iguala-lo em preço. O ouro é pouco duro e deixa-se riscar com facilidade; derrete-se difficilmente ao fogo; é 19 vezes mais pesado do que a agua. Tem grande affinidade para o mercurio, com o qual forma uma *amalgama*, de que se separa facilmente. Dissolve-se na agua regia (mistura de 1 parte de acido azotico com 3 partes de acido chlorhydrico.)

O ouro acha-se na natureza unido ao cobre, á prata, platina, chumbo ou sulfureto de ferro, etc. Encontra-se tambem, sob a fórma de pó, misturado com a areia de certos rios ou nos terrenos de alluvião. As minas mais ricas de ouro achão-se na America, Africa e Asia; as da Europa são pouco abundantes. Para separar o ouro dos metaes que o acompanhão submette-se ás operações da refinação.

No Brasil quasi não ha ponto que não se preste á extracção do ouro. As minas e lavras mais ricas existem, porém, na provincia de Minas Geraes, onde esta industria é rendosa, e tambem de annos a esta parte, no districto do Tury-Assú, provincia do Maranhão. O trabalho mais importante é feito por companhias,

pela mór parte inglezas. Em Mato-Grosso, occupão-se na mineração, mas em menor escala, os denominados *faiscadores*. Extrahe-se tambem algum ouro nas provincias de S. Paulo e do Paraná, e no districto de Lavras da provincia de S. Pedro do Rio Grande do Sul. Na provincia do Ceará ha ouro nas encostas da serra de Ipiapaba no termo do Ipú, nas lavras da Mangabeira perto da Granja, e nas serras vizinhas de Baturité. Na provincia do Rio Grande do Norte, e em Piancó na da Parahyba, apparece o ouro em formações quartzosas. O ouro lavado em Minas Geraes, nas alluviões, costuma ser acompanhado de platina e iridio. Dentro dos veeiros de algumas lavras da mesma provincia apparece o ouro acompanhado de diversos mineraes, como o tellurio.

A relação do ouro á prata tem variado de epoca em epoca; está hoje em França de 15 1/2 a 1, isto é que a peso igual o ouro vale 15 vezes e meio mais do que a prata.

Sendo o ouro ainda mais molle do que a prata, precisa de ser ligado ao cobre para poder ser convertido em moedas, utensilios ou joias. Eis-aqui em que proporções tem lugar esta combinação segundo a lei franceza.

Moedas de ouro em França..	900	ouro	100	cobre.
Baixella	}	1º titulo..	920	» 80 »
e		2º titulo.	840	» 160 »
utensilios de ouro		3º titulo..	750	» 250 »

A liga do 3º titulo, empregada para as joias ordinarias, embacia-se assaz frequentemente pelo uso, e adquire um aspecto sujo pela oxydação do cobre; restitue-se-lhe o scu brilho primitivo lavando-o com ammoniaeo liquido. Todas as ligas de ouro e de cobre, que circulão no commercio, estão submittidas na França ao registro, quer por meio da pedra de toque, quer por meio da refinação; e trazem uma marca para garantir aos compradores o valor dos objectos fabricados.

Modo de conhecer os objectos de ouro. 1º Faz-se sobre uma pedra de toque um risco de alguns millimetros de comprimento, com a liga que se quer experimentar, e molha-se este risco com uma vara de vidro molhada em agua forte: esta dissolve o cobre, e deixa um traço de ouro mais ou menos largo segundo o titulo da liga; fazem-se depois os ensaios comparativos com agulhas de ouro de titulos conhecidos. As agulhas de ensaio dos ourives tem cinco titulos differentes, a saber: 583, 625, 667, 708 e 750 millesimos.

2º Na falta de pedra de toque pôde empregar-se o modo seguinte: esfrega-se n'uma pederneira o objecto que se quer experimentar, e logo que o risco feito pelo metal seja bem visivel, accende-se

uma mecha de enxofre, e aproxima-se a chamma do risco feito na pederneira; este risco persiste se o objecto fôr de ouro: desaparece no caso contrario.

3º Faça-se um risco sobre uma pederneira com o objecto que se quer experimentar, e applique-se sobre este risco uma gotta de acido azotico; sendo o objecto de ouro o risco não experimenta alteração alguma, entretanto que desaparecerá ou tomará côr azul se o objecto fôr de cobre, ou se contiver notavel proporção d'este metal.

4º Toca-se o objecto que se quer experimentar com uma vara de vidro molhada em acido azotico. Se o objecto é de ouro, não apresenta mudança alguma, mas se fôr de cobre, ou tiver notavel quantidade d'este metal, a parte em que se tocou com o acido apresentará uma côr azul ou verde.

Usos do ouro em medicina. Reduzido a folha emprega-se para obturar as cavidades dos dentes cariados.

Chlorureto de ouro ou *Hydrochlorato de ouro*. Sal amarello, crystallizado em agulhas prismaticas, mui soluvel na agua, inal-teravel ao ar secco, deliquescente ao ar humido. Veneno corrosivo em alta dósé; em pequena, foi aconselhado nas molestias syphiliticas rebeldes ao mercurio, na papeira e morphéa. O uso d'esta substancia exige muita attenção. Internamente administra-se na dósé de 2 a 5 milligrammas ($1/25$ a $1/10$ de grão) por dia, em pilulas ou dissolvido com agua distillada.

Chlorureto de ouro e sodio. Sal côr de laranja, crystal-lizado em longos prismas de quatro faces, soluvel em agua, deliquescente. Emprega-se nas molestias syphiliticas, com muita precaução, na dósé de 2 a 10 milligrammas ($1/25$ a $1/5$ de grão), uma a duas vezes por dia, dissolvido em 120 grammas (4 onças) d'agua distillada.

OUROPIMENTO. Sulfureto amarello de arsenico. É solido, brilhante, de bella côr amarella. Emprega-se na pintura. É venenoso. Para combater os accidentes que pôde produzir veja-se ENVENENAMENTO PELO ARSENICO, vol. I pag. 936.

OUVIDO. Comprehende-se debaixo do nome de *ouvido* o sentido da audição, de que abaixo tratarei, e as seguintes partes d'este orgão: a concha da orelha, o conducto auditivo externo, a caixa do tympano, e o labyrintho onde se acha o nervo que recebe a impressão dos sons.

Orgão do ouvido. De todos os apparelhos sensitivos o appa-relho auditivo é o mais complicado. Distinguem-se n'elle tres partes ou cavidades, e o nervo que percebe a sensação sonora.

As tres partes, de que se compõe o aparelho da audição, são a orelha externa, a média e a interna. Fig. 387.

Orelha externa. Comprehende o *pavilhão* e o *conducto auditivo externo*. — O *pavilhão da orelha* é aquella parte oval e saliente, curvada em diferentes sentidos; é formada por uma fibro-cartilagem, e revestida de uma pelle fina e muito adherente. Apresenta eminencias e anfractuosidades, que são mui favoraveis para reunir e repercutir as ondas sonoras; a maior das covas chama-se *concha*. — O *conducto auditivo externo* é um canal semi-cartilaginoso e osseo que serve de continuação á concha, e estende-se á orelha média, da qual é separado pela membrana do tympano. A pelle que o forra é fina, e transforma-se no fundo em uma membrana mucosa, que segrega um humor oleoso, chamado *cerumen*, vulgo *cera do ouvido*.

Orelha média. Segue-se depois do conducto auditivo externo sendo intermedio a este e á orelha interna. Offerece ao exame a caixa e a trompa de Eustachio. — A *caixa do tympano* é uma cavidade situada entre o conducto auditivo externo e a orelha interna. Assenta na base do osso chamado *rochedo*, e offerece uma circumferencia e duas paredes, como a caixa de um tambor. Esta circumferencia apresenta, por traz, uma abertura que vai ás cellulas mastoideas, as quaes, cavadas na apophyse mastoide do temporal, estão cheias de ar, e reforção o som, reflectindo-o; por diante uma outra abertura que communica com a trompa de Eustachio. A parede externa é formada pela *membrana do tympano*, estendida verticalmente entre o conducto auditivo e a caixa. Na parede interna achão-se duas aberturas: a *janella oval*, que communica com a orelha interna, e a *janella redonda*, fechada por uma membrana.

No interior da caixa encontrão-se quatro pequenos ossinhos: o *martello*, a *bigorna*, o *estribo* e o *osso lenticular*, os quaes são articulados entre si de maneira que formão uma cadeia angulosa que atravessa de fóra para dentro a orelha média, e toca, pela sua extremidade externa a membrana do tympano, e, pela interna, a janella oval. — *Trompa de Eustachio*. — É um canal meio osseo, e semi fibroso, com 5 centímetros de comprido, que se estende da orelha média ao fundo da garganta, onde a sua abertura se acha collocada na parte superior e lateral do pharynge, ao nivel da abertura posterior da fossa nasal correspondente.

Orelha interna. É a porção profunda e delicada do ouvido, aquella em que se faz a impressão dos sons, porque é ali que se distribue principalmente o nervo acustico. Communica com a orelha média pela janella oval, e com o interior do craneo pelo conducto auditivo interno, que dá passagem aos nervos e vasos das cavidades

auditivas. A orelha interna acha-se na parte dura do osso temporal, é formada de canaes recurvados sobre si mesmos, dos quaes um em espiral se chama *cochlea*, e tres outros descrevendo uma porção

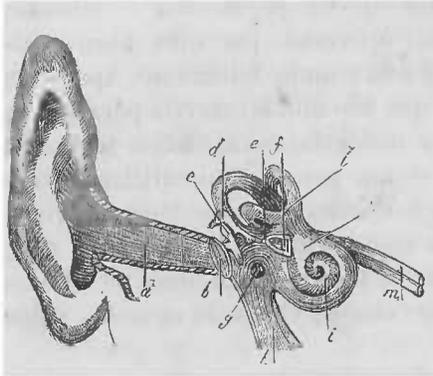


Fig. 387.

Orelha externa, média e interna.

a, conducto auditivo externo; *b*, membrana do tympano; *c*, martello; *d*, bigorna; *e*, ossos lenticulares; *f*, estribo, *g*, janella redonda; *h*, trompa de Eustachio; *i*, cochlea; *k*, vestibulo; *l*, canaes semi-circulares; *m*, nervo acustico.

de círculo se chamão *semi-circulares*: a reunião d'esta disposição recebeu o nome de *labyrintho*. Um nervo designado sob o nome de *nervo acustico*, parte do cerebro, penetra no labyrintho pela abertura ossea, que é o conducto auditivo interno, e divide-se em grande numero de fiosinhos que se distribuem na cochlea e nos canaes semi-circulares, onde estão como suspensos no liquido que enche essas cavidades. *Veja-se* á fig. 387.

MOLESTIAS DO OUVIDO.

Algumas já forão indicadas no artigo ORELHA.

§ 1. **Cera no ouvido.** *Veja-se* vol. I, pag. 547

§ 2. **Corpos estranhos no ouvido.** Alguns insectos ou corpos inertes podem introduzir-se no conducto auditivo; para o tratamento *veja-se* vol. I, pag. 731.

§ 3. **Dôr de ouvido** ou **Otalgia.** Designa-se com este nome uma dôr viva dentro da orelha, sem que a observação possa descobrir vestigios de alguma alteração bem determinada; é uma neuralgia. A dôr manifesta-se subitamente, e logo chega ao seu mais alto gráo de intensidade, sem passar por grãos successivos, como acontece com a dôr que depende da inflammação do ouvido. Depois de durar algum tempo, cessa subitamente ou muda de lugar para fazer sentir-se em outra qualquer parte da cabeça. Sendo a dôr forte, existem zunidos de ouvidos e surdez momentanea.

Esta molestia nada tem de constante, nem na marcha, nem na duração; pôde atacar muitas vezes a mesma pessoa. Cumpre não confundi-la com a inflammação, visto que o tratamento d'esta é differente. Para isso, deve-se examinar attentamente o canal auditivo, afim de ver se elle não apresenta vermelhidão ou fluxo mucoso, signaes da inflammação: devemos lembrar-nos de que

na inflammação existe ordinariamente febre, e que a dôr caminha gradual e progressivamente, entretanto que a dôr nervosa, pelo contrario, não é acompanhada de febre, é subita na sua apparição e desaparece de repente.

A dôr occupa quer o pavilhão da orelha, quer o conducto auditivo externo, ou uma parte mais profunda. É de ordinario lancinante, e as picadas parecem-se com a dôr que produziria um instrumento agudo introduzido no ouvido. Muitas vezes outras dôres apparecem na cabeça : é porque a nevralgia estendeo-se a grande numero de ramos nervosos fóra da orelha.

Tratamento. Acalma-se a dôr introduzindo no conducto auditivo algodão molhado em azeite doce quente, o mais quente que se possa supportar; em laudano de Sydenham, em balsamo tranquillo igualmente quentes; em tintura de aconito, em chloroformio, ou um pedaço de camphora envolto em chloroformio. Um pediluvio sinapizado é tambem util. Applique-se panno quente na cabeça, ou um sinapismo na nuca.

Eis-aqui um outro meio : Introduzão-se n'um frasco 12 grammas de ether sulfurico e 15 grammas d'agua, mergulhe-se o frasco em agua quente, e dirija-se o gargalo no conducto auditivo, onde se deixa até o frasco não exhalar mais cheiro de ether.

Se a dôr persistir appliquem-se seis a oito bichas atraz da orelha; e, finalmente, ponha-se um caustico na nuca. Eis-aqui as receitas dos medicamentos indicados contra a dôr de ouvido :

1º Laudano de Sydenham.	8 grammas (2 oitavas).
2º Balsamo tranquillo.	8 grammas (2 oitavas).
3º Tintura de aconito..	4 grammas (1 oitava).
4º Chloroformio.	4 grammas (1 oitava).

§ 4. **Hemorragia pelo ouvido.** *Vêja-se* vol. II, pag. 121.

§ 5. **Inflammação do ouvido.** *V* OTITE. vol. II, pag. 133.

§ 6. **Polypos do conducto auditivo.** Excrescencias carnosas que nascem sobre as paredes do conducto auditivo, mais raras vezes sobre a membrana do tympano. No maior numero dos casos são o resultado de uma inflammação do conducto auditivo, e não se desenvolvem senão depois de purgações prolongadas. Um enfraquecimento do ouvido, ás vezes perda completa d'este sentido, um corrimento mucoso indolente, uma sensação de plenitude na orelha, indicão a formação de um polypo, que se conhece sempre pelo exame com o especulo. A exploração com o estylete curvo permite distingui-lo de um tumor osseo, e ao mesmo tempo verifica-se se tem pediculo. Ha polypos de que se ignora a existencia, e que entretem a purgação do ouvido.

Tratamento. Contra as vegetações, que se desenvolvem sobre

ulcerações do conducto auditivo, cumpre empregar as injecções seguintes :

Agua fria. . .	90 grammas (3 onças)
Pedrahume	2 grammas (1/2 oitava).

Se este meio não fôr sufficiente, cauterize-se a vegetação com potassa caustica. Para este fim introduz-se no conducto auditivo um tubo de vidro até sobre a exerescencia, mette-se a potassa no tubo, e empurra-se no tubo mais adiante; deixa-se a potassa em contacto durante seis a oito minutos, e faz-se depois uma injecção d'agua tepida. Se se receiar que fique alguma porção do caustico, faça-se uma injecção d'agua com vinagre. Cura-se depois com uma bolinha de algodão. As granulações que se desenvolvem sobre ulcerações serão tratadas unicamente com insufflações de alumen em pó. Os polypos vesiculosos, que tem a raiz sobre o conducto auditivo, podem ser arrancados com pinça; porém os que nascem sobre a membrana do tympano, serão tratados só com alumen em pó levado ao fundo da orelha sobre um rolete de algodão, e com as injecções seguintes :

Agua.	30 grammas (1 onça)
Sulfato de zinco..	15 centigram. (3 grãos).

§ 7. **Purgação pelo ouvido.** *Veja-se* OTITE CHRONICA.

§ 8. **Ruptura da membrana do tympano.** A ruptura do tympano póde sobrevir debaixo da influencia de uma causa traumatica, como uma bofetada, um murro sobre a orelha, e o sacudimento do ar por um som mui forte, tal como um tiro de canhão. Um espirro violento é capaz de causar esta ruptura; mas é provavel que haja, n'este caso, alguma lesão antiga da membrana. — Uma pequena hemorragia pelo ouvido e uma surdez incompleta instantanea caracterizão a ruptura traumatica da membrana do tympano. — Esta membrana póde ser tambem destruida pela demora de um corpo estranho, pelo ajuntamento do cerumen endurecido, por uma ulceração, accidente que não é raro na escarlatina. Na maior parte dos casos, o tratamento é inefficaz para fazer reproduzir a membrana destruida.

As rupturas traumaticas da membrana do tympano sárão sem applicação alguma. É preciso sómente tapar o conducto auditivo com algodão. No caso de inflammação do ouvido, é preciso applicar algumas bichas atraz da orelha.

A audição póde cffeituar-se sem a membrana do tympano : as provas d'isto são os individuos que são desprovidos d'ella, ou nos quaes rompeo-se espontaneamente; elles ouvem ainda e mostrão que esta membrana está perforada fazendo sahir pelo ouvido a fumaça do charuto que retem no fundo da bocca. Todavia está

membrana tem utilidade incontestavel : modera os sons, e impede o contacto directo do ar sobre os orgãos delicados contidos na orelha interna. A sua rasgadura é ás vezes seguida da surdez ou do enfraquecimento do ouvido : n'este caso póde collocar-se dentro do conducto auditivo uma membrana artificial feita de cautchouc vulcanizado ou de gutta percha.

§ 9. **Zunido no ouvido.** *Veja-se* esta palavra.

Para as outras molestias do ouvido, *veja-se* ORELHA e SURDEZ.

OUVIDO (SENTIDO). Depois dos olhos, o sentido que mais favorece as nossas relações com os nossos semelhantes, e que nos dá prazeres mais suaves, é o sentido da audição. Por este sentido é que a voz opera seus prodigios; por elle é que os homens communicão uns aos outros seus desejos, necessidades, pezares, prazeres, e todas as suas sensações; por elle é que a eloquencia exerce o seu dominio; por elle é que a poesia nos enleva e a musica nos encanta.

Quando se imprime, por um meio qualquer, um movimento oscillatorio a um corpo, este movimento determina no ouvido uma impressão a que se dá o nome de som. O som é, por conseguinte, o excitante natural do ouvido, como a luz é, o da vista.

Na maior parte dos animaes, um apparelho mui complicado é destinado a recolher os sons, e provavelmente a modifica-los e a transmitti-los ao cerebro. Este apparelho compõe-se da orelha externa, da média e da interna. Está descripto no artigo Ouvido.

Os sons muito intensos produzem ao principio uma sensação penosa, uma verdadeira dôr, que póde determinar a inflamação das diversas partes do ouvido e outros accidentes. Quando o som é mui forte e repetido muitas vezes, acaba cedo ou tarde por enfraquecer o ouvido, diminuir a sensibilidade d'este sentido; e isto por aquella lei geral que todo o orgão enfraquece-se quando se acha muito excitado. As pessoas que por seu estado estão expostas a ruidos violentos conservão raras vezes o ouvido em bom estado. Os militares, os artilheiros, ensurdecem frequentemente. Não é raro que o ruido extremo rompa a membrana do tympano : são principalmente os militares que tem a faculdade de fazer sahir a fumaça do charuto pelo conducto auditivo : é a prova da ruptura da membrana do tympano; este accidente não produz consequencias graves por si, se não é acompanhado de desordens do nervo acustico.

O regimen da vida influe muito sobre o ouvido, bem como sobre o olho. A plethora, isto é, a abundancia do sangue, foi apontada como causa da maior parte das affecções do ouvido. Os zunidos e ruidos de todas as especies podem resultar de um regimen mui

restaurante. O regimen contrario poderia enfraquecer o ouvido, se a abstinencia fosse levada mui longe. Mas são sobretudo as bebidas alcoholicas, tomadas com excesso, que produzem estes accidentes de uma maneira muito mais prompta. Não sómente dão lugar aos phenomenos momentaneos da plethora e congestão cerebral, como tambem por seu uso prolongado põem os sentidos em tal estado de entorpecimento, que não ha cousa mais frequente do que a audiçãõ dura produzida por este vicio. A suppressãõ de uma secreçãõ habitual, de uma hemorrhagia, produz ás vezes inflammaçãõ nas diversas partes do ouvido, purgações, e outras molestias cuja consequencia pôde ser uma surdez mais ou menos completa. Um exercicio activo occasiona zunidos nos ouvidos; mas de ordinario este effeito é passageiro como a causa que o determina. Um exercicio do ouvido produz n'elle uma rara perfeiçãõ; desenvolve este sentido nas pessoas que pareciãõ privadas d'elle. O estudo da musica dá-lhe uma precisãõ e delicadeza maravilhosas. — Ha pessoas que são incommodadas por certos sons, ou ruidos, particularmente os que são elevados e agudos. Estas pessoas devem trazer algodãõ nos conductos auditivos.

OVARIO. Os ovarios são duas glandulas situadas no interior do ventre da mulher, de cada lado do utero; são de fórma ovoide, achatados lateralmente, de côr rosea desmaiada, do volume de um ovo de pomba. Forãõ chamados testiculos da mulher, e algumas analogias de funcções justificãõ esta denominaçãõ. Assim, o testiculo é o orgãõ que no homem ministra a materia fecundante no acto da geraçãõ; na mulher, o ovario ministra o pequeno ovo, o qual sendo fecundado, deve constituir o novo ente. Na epoca da puberdade, apparecem nos ovarios pequenos saquinhos transparentes que contêm um liquido no meio do qual nada o pequeno ovo. Todos os mezes, e de uma maneira regular, um d'estes saquinhos rompe-se, deixa sahir o ovo, que vai ter ao utero, d'onde é provalmente expulso pelas vias genitales. Esta especie de postura de ovos tem lugar todos os mezes, tanto nas virgens como nas mulheres casadas. Estas observações, que forãõ feitas pelos medicos modernos, explicãõ a razãõ por que a fecundaçãõ se faz tão facilmente na epoca dos menstruos; visto que entãõ o esperma actua sobre o ovo, que já tem descido ao utero.

HYDROPSIA OU **KYSTO** DO **OVARIO.** *Veja-se* vol. II, pag. 153.

INFLAMMAÇãõ DO **OVARIO.** *Veja-se* OVARITE.

OVARITE. Designa-se debaixo d'este nome a inflammaçãõ do tecido do ovario.

Causas. Esta molestia sobrevem frequentemente depois do parto. Comtudo não é rara fóra do estado de gravidez e do parto. Declara-

se então mais especialmente depois da supressão subita da menstruação, ou depois de alguma violencia, tal como uma contusão da parte inferior do ventre.

Symptomas. Quasi sempre a ovarite principia por uma dôr na parte inferior e lateral do ventre. Esta dôr augmenta pela pressão, torna o andar penoso; pôde estender-se á coxa e até á maior parte do membro inferior; é acompanhada as mais das vezes de febre, e, em alguns casos, de nauseas e vomitos, phenomenos sympathicos muito communs nas affecções do utero e de seus annexos. Apalpando o ventre, não se sente tumor algum, sendo de mediocre volume: mas se o ovario se tornou volumoso, distingue-se então um tumor tendo a fórma de oval alongado. Depois de ficar por alguns dias estacionario, o engurgitamento inflammatorio diminue ou desaparece no fim de sete a quinze dias. Mas, ás vezes, forma-se uma suppuração que se annuncia pelo augmento da dôr, por calefrios irregulares e suores nocturnos; o tumor torna-se molle, fluctuante. As vias pelas quaes o pus sahe são numerosas. Muitas vezes o abcesso despeja-se nos órgãos vizinhos, no recto, na vagina, na bexiga, ou atravez da parede inferior do ventre. Segue-se então um allivio notavel. O fluxo do pus continua em geral durante muitos dias; cessa depois, quer por estar a sua fonte exhausta, e então as doentes sárão immediatamente; quer porque se obliterou a abertura de communicacão: n'este caso, accumulando-se o pus no fóco, o tumor recobra suas dimensões primitivas, e os mesmos accidentes reapparecem até que a materia purulenta abra um novo caminho. Estas retenções e estes corrimentos alternativos de pus podem repetir-se muitas vezes. Todavia, a maior parte das doentes sárão completamente, mas só depois de muitos mezes de tratamento.

Tratamento. Appliquem-se 10 a 12 bichas na parte inferior do ventre, e depois cataplasmas de linhaça; administrem-se semicupios d'agua tepida, e clysteres de cozimento de linhaça. Se a dôr continuar, torne-se a applicar nova porção de bichas. Se se formar um abcesso, cumpre attrahe-lo para fóra. Fazendo o tumor uma proeminencia na parte inferior do ventre, pôde ser evacuado por uma larga incisão feita com bisturí. Favorecer-se ha o corrimento do pus por uma posição conveniente e pela compressão methodica.

Se a ovarite passar ao estado chronico, que é caracterizado por dôres surdas, será necessario fazer fricções com a pomada de iodureto de potassio, e applicar um caustico volante sobre a região lateral e inferior do ventre. Eis-aqui a receita da pomada:

Pomada de iodureto de potassio. 30 grammas (1 onça).

OVELHA. Animal domestico. Uma boa ovelha deve ter os olhos espertos, o andar alerta, o dorso e o ventre bem desenvolvidos, o pescoço grosso e direito, as veias dos olhos apparentes, a lã macia e branca : as ovelhas pretas e cinzentas são pouco estimadas. A ovelha, bem que seja apta para a reproducção na idade de um anno, não deve ser empregada n'este mister antes de ter dois annos. Os cordeiros mais vigorosos provém de ovelhas de 3 a 6 annos de idade. Logo que uma ovelha tenha attingido 7 ou 8 annos, é util reforma-la; ás vezes mesmo reforma-se na idade de 5 annos : é o melhor meio de impedir o rebanho de degenerar. A duração da gestação na ovelha é de 5 mezes pouco mais ou menos. É preciso 3 carneiros para 100 ovelhas. Durante a gestação, a ovelha exige uma alimentação abundante e substancial ; durante o ultimo mez, deve ser muito bem tratada. Convem afastar d'ella as causas de espanto que poderião produzir o aborto; deve-se vigiar que, quer ao entrar no redil, quer ao sahir d'elle, não seja topada nem apertada por suas companheiras, ou que os cães não a persigão. Uma tempestade, uma grande chuva, um prado humido, etc., são outras tantas causas que podem provocar o aborto. Quando o momento da parturição se aproxima, não se deve mais conduzir a ovelha ao pasto. Geralmente o parto é regular, e opera-se naturalmente sem o soccorro do homem. Assaz frequentemente a ovelha pare dois anhos ao mesmo tempo. *Veja-se CORDEIRO e CARNEIRO.*

OVO. Em geral, chama-se ovo o producto que se forma nos *ovarios* das femeas dos animaes, e no qual está encerrado o germen que deve perpetuar a especie.

Nas aves, os ovos são compostos de um envoltorio calcareo de côr variada, contendo muitas membranas e um liquido albuminoso transparente (*a clara*), no meio do qual se acha suspenso um globo de côr amarella (*a gema*); sobre este globo observa-se uma nodoa gelatinosa com irradiações esbranquiçadas (*cicatricula*) : é o germen do animal futuro. Chocado pela femea durante um tempo mais ou menos longo, o ovo produz uma ave. Na gallinha, ao cabo de 10 horas de incubação vê-se um pequeno ponto vermelho na gema; este ponto tornar-se-ha o coração do pinto, d'onde partirão logo as ramificações dos vasos venosos; uma pequena linha cinzenta, que cerca o pequeno ponto vermelho em fórma de crescente da lua, torna-se a medulla espinhal, a qual engrossando para diante vem a formar o cerebro; as pernas, as azas e todas as visceras desenvolvem-se gradualmente, e o animal está completo quando nasce a termo. A clara de ovo é o primeiro alimento que o feto da ave toma no ovo mesmo por meio de seu cõrdão umbilical;

mais tarde, a gema, mais nutritiva, alimenta-o até ao momento em que elle fura a casca, sahe d'ella, e muda de maneira de viver.

A maior parte dos ovos postos pelas aves domesticas servem de alimento ao homem. Os ovos de gallinha são aquelles cujo consumo é mais consideravel. Vem depois os de perua, gansa, pata, gallinha de Angola. Os ovos servem não sómente para a alimentação do homem, mas tambem para grande numero de usos. A clara de ovo serve para clarificar o vinho tinto, os xaropes, etc. Usa-se tambem como verniz, e na fabricação da porcelana.

Os ovos de gallinha são um dos melhores alimentos de que se póde usar; convem principalmente ás pessoas delicadas ou enfraquecidas. Comem-se cozidos e preparados de diversas maneiras : *molles* e *quentes*, são de digestão facil; *em fritada* e *estrellados*, não provão tão bem; *cozidos duros*, são ás vezes indigestos. As *claras* de ovo *cruas* constituem um bom remedio contra a diarrhea e dysenteria; administrão-se em bebida, misturadas com cozimento de linhaça ou de arroz, e assucar; dão-se tambem em clyster. As claras de ovo, misturadas com agua, constituem o melhor contra-veneno do sublimado e de outras preparações mercuriaes, como cinabrio, vermelhão e turbitio mineral. As *gemas* misturadas com assucar e agua quente, e aromatizadas com uma pouca d'agua de flores de laranjeira, formão o que se chama *gemada*, uma especie de emulsão muito agradável, e util nos defluxos e irritações do peito.

Escolha dos ovos. O ovo de gallinha fresco, recentemente posto, é cheio e sem bolhas de ar no interior, quando se mira collocando-o entre o olho e uma luz qualquer; a casca offerece então uma superficie regularmente branco-leitosa. O ovo já velho apresenta, pelo contrario, um vacuo mais ou menos consideravel na ponta, e a casca mostra pequenos pontos mais ou menos transparentes e mais ou menos numerosos. Se, mirando-se um ovo á luz, o liquido interior fôr claro e transparente, póde-se dizer que é são; se, pelo contrario, estiver turvo, é prova de que já se acha alterado. — Experimentão-se ainda os ovos expondo-os a um brando calor; se forão postos recentemente, suas cascas cobrem-se de uma leve humidade. Differentemente, póde-se affirmar que a postura teve lugar ha muitas horas. — A prova por meio da agua salgada parece tambem certa: faz-se dissolver 1 onça de sal de cozinha em 10 onças d'agua pura. Depois de completa a dissolução, mergulha-se n'ella o ovo; se o ovo fôr fresco, precipita-se no fundo do vaso; sendo do dia precedente, não chega ao fundo; se tiver 2 dias, nada no liquido; tendo mais de cinco dias, fluctua na superficie, e sahe do liquido tanto mais quanto mais idoso.

Conservação dos ovos. As precauções que se devem tomar, para conservar os ovos, consistem em garanti-los do contacto da agua, da humidade, da acção do ar, do calor e da geada. Um verniz resinoso ou um leve envoltorio de azeite, banha ou cera produz este resultado. Este ultimo meio é o mais vantajoso : pratica-se mergulhando os ovos isoladamente na cera derretida, suspendendo-os por fios e deixando resfriar depois. É preciso ter o cuidado, n'este caso, de cobrir com cera nova os pontos da casca, que poderião ficar descobertos durante a operação. A applicação de um verniz sobre os ovos communica-lhes ás vezes cheiro e gosto desagradaveis pelo que este meio não é empregado. Em alguns paizes estratificão-se os ovos nos farelos, nas cinzas de lenha, na serradura de madeira, na areia, no pó de carvão misturado com sal, nas cascas do milho, da cevada, da aveia, do centeio, ou emfim põem-se simplesmente sobre camas de palha de centeio mui secca. Os agricultores intelligentes rejeitão com razão as cinzas, porque attrahem a humidade da atmosphera, e os farelos, porque aquecem-se e fermentão, ou cobrem-se de bichos. O melhor pó para este uso é uma mistura de 5 partes de areia, 5 partes de carvão de lenha em pó, e 1 parte de sal de cozinha. Depois de fechados os ovos n'um barril, n'uma caixa ou n'um cesto, collocão-se em lugar temperado, sobre estantes de madeira, ao abrigo da humidade, do calor, e, tanto quanto fôr possível, do accesso da luz. Em certos paizes, quentes e seccos, emprega-se o sal só; mas este modo não convem para os paizes humidos, porque o sal attrahe a humidade, e transforma-se em uma salmoura liquida que penetra atravez da casca, e destroe, com o tempo, e interior do ovo.

Mediante estes diversos meios,* os ovos podem conservar-se sãos durante algumas semanas, se ficarem constantemente em repouso; mas o transporte é-lhes nocivo, sobretudo se estiverem fecundados. O balanço da carreta desorganiza as partes interiores, então o germen morre e corrompe tudo o que o cerca. Ha pois vantagem em não conservar senão os ovos não fecundados, isto é, os que forão postos pelas gallinhas separadas de gallo, tendo a experiencia demonstrado que um ovo não fecundado póde conservar-se durante muitos mezes. Em todos os casos, convem consumir promptamente os ovos que forão transportados, porque alterão-se mais facilmente do que os que não viajarão.

Eis-aqui ainda outros meios de conservação dos ovos :

1º Encher aos tres quartos, com ovos recentēs, potes de barro; 200 ovos, pouco mais ou menos, em cada pote. Encher, depois, completamente estes vasos com leite de cal preparado fazendo

extinguir, para cada pote, cerca de 1 kilogramma de cal viva na sufficiente quantidade d'agua, e resfriado. Cobrir depois os potes com tampa de barro.

2º Manter os ovos, durante 30 a 40 minutos, n'uma bacia contendo 5 kilogrammas de pedrahume e 5 kilogrammas d'agua na temperatura de 45 a 50 grãos centigrados. Isto feito, tira-los. Levar então á ebullição o soluto de pedrahume, e quando attingir o maximo da temperatura, mergulhar n'elle os ovos durante 40 a 45 segundos; tira-los e enxuga-los. Depois de frios, embrulha-los n'uma substancia que possa impedir o accesso do ar: algodão ou serradura de madeira podem servir para este uso. Segundo o inventor (Goffard) os ovos assim preparados podem conservar-se um anno.

OXYDO. Designa-se sob o nome de *oxydos* a combinação dos diversos corpos ordinariamente metallicos com o gaz oxygeneo. Este gaz póde combinar-se em diversas proporções com os corpos, e, para se designarem estes diversos estados, empregão-se os termos protoxydo, deutoxydo, peroxydo, etc. O protoxydo é o oxydo que contém menos oxygeneo, o deutoxydo encerra a duplo, o peroxydo é sempre aquelle que contém mais oxygeneo. Exemplo: oxydo de antimonio, peroxydo de ferro, protoxydo de chumbo, deutoxydo de chumbo; etc. A maior parte das terras tão abundantes na superficie do globo, não são outra cousa mais que oxydos metallicos, taes como a cal, alumina, silica, magnesia, etc., cujos metaes são calcio, aluminio, silicio, magnesio, etc.

Oxydo de chumbo, de ferro, de mercurio, de zinco.
Veja-se CHUMBO, FERRO, MERCURIO, ZINCO.

OXYGENEO. Gaz simples, incolor, sem sabor nem cheiro, que forma a parte respiravel do ar, no qual entra por pouco mais de um quinto; os quatro quintos restantes são constituídos pelo gaz azoto. É o corpo mais importante da natureza: é o agente da respiração animal e da combustão; entra na maior parte dos corpos compostos, taes como a agua, grande numero de acidos, as terras e as pedras de todas as especies, as partes vegetaes e animaes, etc. Sua densidade, comparada á do ar, é de 1,105. Os animaes podem viver algum tempo no gaz oxygeneo; mas sua respiração torna-se n'elle mais laboriosa do que n'um volume igual de ar atmospherico, em consequencia da grande irritação que o oxygeneo puro produz nos pulmões. Este gaz manifesta grande afinidade para todos os outros elementos; e quando se combina com elles, desenvolve-se calor e muitas vezes luz: a chamma produzida pela combustão da lenha, do carvão e de outros corpos inflammaveis, é devida á sua combinação com o oxygeneo do ar.

Esta combustão é muito mais viva no oxygeno puro : assim uma vela apagada, mas que apresenta ainda alguns pontos de ignição, torna a inflammar-se n'este gaz; a mola de um relógio, ao qual se atou um pedaço de isca accesa, incendeia-se n'elle instantaneamente : arde então lançando globulos luminosos de mui bello effeito. Obtem-se o oxygeno submettendo á acção do calor certos oxydos, taes como o peroxydo de manganez ou o bioxydo de mercurio. O methodo mais commodo para obter rapidamente gaz oxygeno, consiste em aquecer o chlorato de potassa em um pequeno balão de vidro sobre uma alampada de alcool; este sal desenvolve então todo o oxygeno que contém, e converte-se em chlorureto de potassio.

O oxygeno foi ensaiado em inhalações na asthma, debilidade, ulceras, escorbuto, escrophulas, cholera, diabetes, dyspepsia, opilação, tísica; mas com melhores resultados contra os accidentes produzidos pela chloroformização e etherização.

OXYMEL. Mistura de mel de abelhas com vinagre. — Obtem-se em pharmacia, o *oxymel simples*, cozendo juntas 2 partes de mel de abelhas e 1 parte de vinagre; o *oxymel scillitico*, que se prepara como o simples, mas com vinagre scillitico. — O *oxymel simples*, misturado com agua, constitue uma limonada refrigerante; usa-se tambem em gargarejos na esquinencia. — O *oxymel scillitico* administra-se em poção como expectorante.

OZAGRE ou **CROSTA LACTEA.** É uma affecção cutanea, propria das crianças de peito. Occupa a pelle da cabeça ou do rosto, e é caracterizada por pequenas vesiculas mui conchegadas, que se terminão pela resorção do fluido que contém, ou por excoxiações superficiaes, acompanhadas de uma exhalação serosa, á qual succedem novas erupções ou o estado escamoso da pelle.

O *tratamento* d'estas erupções, que são consideradas ás vezes como salutaes, limita-se aos cuidados de asseio e ao leite de uma boa ama. É preciso dar frequentemente á criança banhos geraes d'agua morna simples, lavar a parte affectada com decocção de sementes de linho ou de raiz de althea, e cobrir as excoxiações com panno fino untado de glycerina, com azeite doce ou deitarlhes polvilho. Se as excoxiações forem vermelhas e inflammadas, antes de se empregar o ceroto, devem-se applicar por alguns dias cataplasmas de fecula de batatas.

OZENA. Assim se chama a ulcera fetida do interior do nariz. As suas causas são pouco conhecidas. Póde encontrar-se nas pessoas de boa constituição, mas observa-se principalmente nos individuos escrophulosos que tem o nariz achatado. Depende ás vezes da existencia do vicio syphilitico na economia. Principia na

infancia ou na adolescencia. O cheiro é o primeiro phenomeno que se observa; existe ás vezes privação do olfacto; não ha dôr nem fluxo de materia, e o exame das fossas nasaes nada faz descobrir de anormal; mas o cheiro é dos mais fortes; foi comparado ao de percevejo.

Tratamento. Usar em fôrma de rapé de um dos pós seguintes :

1º Sub-azotato de bismutho..	30 grammas (1 onça).
2º Carvão vegetal em pó..	8 grammas (2 oitavas)
Casca de quina em pó.	8 grammas (2 oitavas)
Myrrha.	8 grammas (2 oitavas).

Fazer lavatorios e aspirações ou seringatorios no interior do nariz com um dos liquidos seguintes, uma ou duas vezes por dia :

1º Permanganato de potassa.	1 gramma (20 grãos)
Agua..	1000 grammas (32 onças).
2º Chlorureto de cal	30 grammas (1 onça)
Agua	1000 grammas (32 onças).

Triture, n'um gral de porcelana, o chlorureto de cal com muitas porções da agua prescripta, reuna os liquidos, e filtre.

3º Agua de Labarraque	30 grammas (1 onça)
Agua simples.	500 grammas (16 onças).
4º Chlorato de potassa.	30 grammas (1 onça)
Agua.	900 grammas (30 onças).
5º Nitrato de prata crystallizado.	10 centigram. (2 grãos)
Agua distillada	120 grammas (4 onças).
6º Acido phenico alcoolizado.	50 centigram. (10 grãos)
Agua commum	500 grammas (16 onças).

Todos estes seringatorios devem ser feitos com uma pequena seringa de vidro.

Cauterizar o interior do nariz com pedra infernal.

A constituição escrophulosa reclama o uso interno dos medicamentos tonicos, e sobretudo do oleo de figado de bacalháo, das preparações ferruginosas, dos banhos aromaticos, e dos banhos do mar. *Veja-se ESCROPHULAS.*

Na suposição de que a ozena dependa do virus syphilitico, administrem-se internamente as pilulas seguintes :

Protoiodureto de mercurio.	5 centigram. (1 grão)
Thridacio	5 centigram. (1 grão).

Faça 1 pilula, e como esta maio 39. Para tomar uma pilula por dia.

P

PACA. Fig. 388. Genero de Mammiferos roedores; contém animaes nocturnos, da altura de 35 centimetros eontra 50 de comprido. Os naturalistas distinguem duas especies, a *Paca preta* ou *roxa*, e a *Paca fulva*. Estes animaes viyem nos bosques, met-

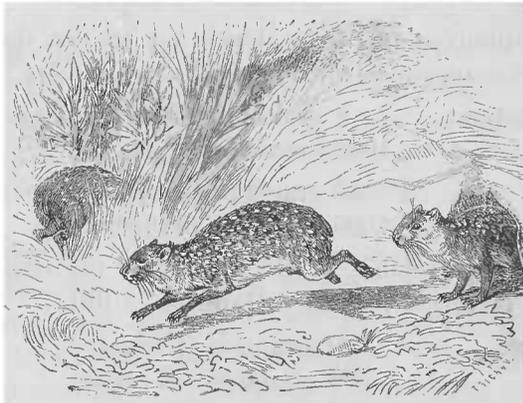


Fig. 388. — Paca.

tidos nos seus covis. Tem o porte pesado, o corpo grosso, sem cauda, o pello rude e eurto; os pés com 5 dedos cada um. Achão-se no Brasil, na Guyana, no Paraguay; alimentão-se de fruetas e raizes, que desenterrão com o foehinho. Devastão as plantações da eanna de assucar. Sahem do covil de noite para buscar o

alimento; sua voz parece-se com o grunhido do leitão. São muito meigos e amansão-se facilmente; são excessivamente asseados. Sua carne é mui saborosa, e assemelha-se no gosto á do leitão. Dá-se-lhes caça muito aetiva.

PACO-SEROCA. Veja-se PACOVÁ.

PACOVÁ, PACO-SEROCA OU CUITÉ-AÇU. *Alpinia aromatica*, Jacq.; *Alpinia paco-seroca*, Jacq.; *Alpinia nutans*, Rosc. Amomeas. Plantas do Brasil, eujas raizes são aromaticas e gozão de propriedades estomachicas. Internamente usão-se em pó, contra o fastio, na dóse de 4 grammas (20 grãos). A infusão, que se prepara com 8 grammas (2 oitavas) da raiz e 250 grammas (8 onças) d'agua fervendo, é recommendada na falta de menstruação. A mesma infusão usa-se em loções nas ulceras.

PADÚ. Veja-se COCA.

PAINA. Especie de algodão mui fino, produzido por certas arvores do Brasil, dentro de uma vagem espinhosa por fóra, de pontas eurtas, e não muito agudas: este algodão tem dentro uns earoeinhos pretos, e não é tão consistente como o algodão verdadeiro, mas é muito mais alvo e delicado; os earoeinhos estão quasi

soltos no meio da lâ. Serve para encher almofadas, travesseiros, colchões, e almofadinhas para fracturas, etc. As arvores que dão a paina no Brasil habitão nos matos virgens, onde suas flores vermelhas produzem o mais bello effeito; plantão-se tambem ás vezes perto das habitações. — Eis-aqui a descripção de uma *arvore de paina*, observada por Augusto de St.-Hilaire perto da cidade de Barbacena (Minas Geraes), chamada por elle *Chorisia speciosa*; familia das Malvaceas, tribu das Bombaceas.

Arvore grande e frondosa, tronco e ramos cobertos de espinhos curtos; folhas esparsas, palmadas; peciolo do comprimento de 8 a 15 centimetros, delgados, sustentando 5, 6 a 7 foliolos lanceolados, serreados; flores solitarias ou reunidas em feixes de duas ou tres nos sovacos das folhas superiores; 5 petalas, com a metade superior vermelha, e a metade inferior amarella semeada de pontos e linhas pretas; o fructo é uma capsula arredondada, cujas sementes são cobertas exteriormente de felpa branca.

Os outros vegetaes cujos fructos fornecem a paina são : **Man-gubeira**, arvore que habita na provincia do Amazonas. — **Sumaumeira**, *Chorisia ventricosa*, Martius (arvore do Pará e Amazonas). — **Cipó-pixuna**, que habita na provincia do Pará. As plumas inherentes á semente do fructo são excessivamente delicadas; parecem antes pennas de ave, do que uma paina. — **PAINA SUMAUMA DE MARGARIDA**, na provincia do Pára. Paina muito delicada adherente ás sementes, e contida dentro do fructo do vegetal conhecido com o nome de **Margarida**. Esta herva encontra-se nos campos frescos, e é muito procurada pelo gado vaccum; dá uma flor mimosa de côres encarnada e amarella; a seiva é leitosa. — Na provincia de Santa Catharina ha *paina de macella* e *paina de seda*.

PAIXÕES. Entende-se por paixão todo o sentimento violento, toda a affecção excessiva, toda a preocupação viva e renitente do espirito. As paixões forão divididas em duas categorias : em agradaveis, alegres, excitantes; e em tristes, dolorosas, depressivas. A acção e o resultado das paixões de uma e outra categoria são muito differentes. As paixões misturadas de prazer são frequentemente salutaes; são um indicio de saude e contribuem para mantê-la. Todavia, o seu excesso é temivel; com effeito, desenvolvem muito a sensibilidade, e os individuos mui sensiveis não são, como todos sabem, os mais felizes. Quanto ás paixões tristes, são sempre nocivas. Independentementê das molestias nervosas, a melancolia, a hypochondria, o hysterismo, que d'ellas derivão alterão profundamente a nutrição, conduzem ao marasmo; e está

provado que tem outrosim uma parte mui consideravel na produção das lesões organicas, taes como o cancro, a tísica, as aneurismas. Na classe das paixões alegres contão-se o zelo, a actividade, a esperança, a alegria, a admiração, o transporte, o enthusiasmo, o amor feliz, etc. Observamos no sequito das paixões tristes o abatimento, o desespero, o desgosto, a inquietação, o pezar, a dôr, o medo, o horror, a vergonha, etc. O melhor juiz das paixões, quanto á sua natureza alegre ou triste, é a consciencia. Toda a paixão que tende ao bem é acompanyada de satisfação, e se encontrar tropeços, revezes, contrariedades, sobra-lhe força e coragem para reagir. As paixões más pelo contrario, as que tendem essencialmente á ruina dos costumes e da saude, o ciúme, o odio, a ira, a vingança, o orgulho, a eubiça, a avareza, o jogo, a embriaguez, etc., estas só podem produzir prazeres fugitivos; pois são frequentemente seguidas de perto pelo pezar, pela vergonha, remorsos, e frequentemente pelas molestias.

Todos os observadores tem reconhecido que, quanto mais as paixões engrandecem o movimento social e favorecem o progresso das sciencias, das lettras, das artes, do commercio, da industria, tanto mais perigosas são para as sociedades, e ainda mais para os individuos que as experimentão. Animando a existencia, diminuem-lhe a duração, semelhantes n'isto ao sopro rapido que atéa e consome a materia ignea. Deixando de parte o brilho que podem dar á civilização, e que ás vezes é empanado por horriveis manehas, considerando só a sua acção sobre o homem que por ellas é dominado, as paixões tomadas em massa são mais nocivas que proveitosas. Importa, por conseguinte, a cada um, para seu bem-estar pessoal, fugir da tyrannia d'ellas, fazendo-se senhor de si, e fortificando sufficientemente a sua razão afim de que ella possa sempre conter o sentimento se este tendesse á exageração. Sem querer despir a alma da liberdade moral que constitue a sua mais bella prerogativa, é ás vezes util ajuda-la fortificando directamente o corpo. Deveriamos dar aqui preceitos para moderar a sensibilidade que nas paixões é quasi sempre exaltada; mas este assumpto foi tratado nos artigos IMAGINAÇÃO, HYPOCHONDRIA, HYSTERISMO, MELANCOLIA, os quaes o leitor poderá consultar.

Depois d'estas considerações geraes, examinemos com alguma particularidade cada uma das principaes paixões.

Orgulho, altivez, vaidade. Estas affecções, das quaes a primeira consiste em ter uma alta opinião das proprias qualidades; a segunda em olhar para os outros como inferiores a si, ao ménos em não querer parecer inferior a ninguem, em ser de um accesso difficil; e a tereceira em pôr todo o seu merecimento em cousas

pela maior parte futeis, taes como o nascimento, os empregos, os titulos, as condecorações, os enfeites; nada mais são estas affecções do que modificações do amor-proprio.

O amor-proprio exerce poderoso imperio sobre a economia inteira. Suas feridas occasionão a ira, o furor, a inveja, paixões que produzem os mais funestos resultados; quer minando lentamente o organismo, quer originando molestias graves. O amor-proprio é susceptivel de augmento ou diminuição. O exercicio deve desenvolvê-lo e a inacção enfraquecê-lo. Presta-se um máo serviço a qualquer pessoa quando se busca arraigar n'ella este sentimento. Nascem d'aqui, tarde ou cedo, pezares agudos, e por conseguinte máos effeitos para a saude. O menor inconveniente que d'isto póde resultar é o tornar-se a pessoa insupportavel aos outros. Os elogios merecidos ou não, os bons successos em todos os generos, desenvolvem o amor-proprio. É tanto mais imperdoavel quanto menos justificado fôr por qualidades verdadeiras, d'onde devem resultar necessariamente desgostos mais numerosos; e por isso é muito exacto o dizer-se que não ha cousa mais perigosa do que os adula-dores.

Reprehender os defeitos com moderação é, sem duvida, o melhor meio de criar os homens; o elogio deve dar-se com parcimonia. É raro que seja preciso desenvolver o amor-proprio; só se deve imprimir-lhe uma boa direcção. Prodigalizando os elogios ao que é bello e bom, faz-se brotar no coração humano o enthusiasmo para as virtudes e os talentos; derramando o desprezo e a reprovação sobre as acções vergonhosas, inspira-se repugnancia aos vícios e crimes.

Ambição das honras, do poder, da fortuna. O homem a quem a ambição devora torna-se pallido, seu olhar é ancioso, seus cabellos cahem ou encanecem, o riso não lhe assoma aos labios senão na companhia das pessoas de quem espera alguma cousa; perde o appetite, vive com o sentido no objecto dos seus desejos; é submisso, humilde e servil com os grandes; altivo e soberbo com os inferiores; a sua vida é um longo tormento; a cada desejo satisfeito succede logo outro desejo. A sua alma não é capaz de paixões generosas, do amor da patria e da liberdade; finge amar a gloria, mas só com o fito de chegar ás honras. Esta paixão, levada ao grão extremo, produz molestias chronicas no estomago e figado, occasiona melancolia e muitas affecções cerebraes. Nada é mais commum nos estabelecimentos dos doudos do que os individuos em quem a ambição desmedida transtornou a razão; estes desgraçados julgão-se principes, reis, imperadores, e não ha cousa que os desengane.

Amor da liberdade, da patria; amizade. philanthropia, bondade, benevolencia, justiça, piedade, gratidão. Estes deliciosos dons da alma devem ser cultivados cuidadosamente; são o encanto, o ornato, a honra e o sustentaculo da sociedade. Nem estas paixões são menos uteis ás pessoas a quem animão; contribuem poderosamente a manter a saude. O homem a quem movem sente-se agradavelmente agitado, experimenta um bem-estar ineffavel, um sentimento de força e poder; o seu appetite é bom, a digestão facil. Quanto é para admirar a maravilhosa providencia da natureza que ligou a satisfação, a saude e a felicidade á pratica das virtudes uteis!

Amor Se ha algum assumpto exhausto, repisado mil vezes pelos moralistas, poetas, pintores, theologos, é o amor. Não existe peça de theatro, historia, painel, conversação particular, em que o amor não appareça, ou como objecto principal, ou como accessorio. O amor é a um tempo a mais branda e a mais violenta das paixões, é a fonte da mais viva alegria, e dos males mais pungentes. O amor feliz, ou sómente que espera sê-lo, derrama em todo o corpo um sentimento de bem-estar. O rosto anima-se e o sorriso vem aos labios. Os pensamentos são ricos, variados, a linguagem é eloquente, persuasiva. Mas o amor infeliz tem sempre máos resultados. Uma tristeza habitual mostra-se no rosto, um pensamento exclusivo domina o espirito; foge o somno, perde-se o appetite.

Amor paterno e materno, piedade filial. Para conservar a especie, era necessario que a natureza puzesse no coração dos pais e das mãis um sentimento de affecto bem vivo para seus filhos. Com effeito, que seria de um ente tão fraco como o recém-nascido se fosse abandonado a si mesmo, quando são necessarios tantos cuidados para subtrahi-lo ás causas infinitas de destruição que lhe ameação a fragil existencia? Este amor, mais vivamente impresso no coração da mulher que no do homem, produz effeitos differentes. Fonte de um prazer puro e contínuo quando é satisfeito, é uma causa de saude como todas as paixões brandas e felizes. Quando algum perigo vem ameaçar a criança, o medo, a dôr, a colera, apodera-se da alma da mãe, e produzem em seu organismo as modificações mais funestas.

Uma tenra amizade, uma branda gratidão, nos ligão aos autores de nossos dias; mas estes sentimentos estão longe de serem tão vivos como a affeição materna.

Ira, odio. A ira é o movimento da alma mais vehemente e mais impetuoso. É a paixão mais funesta que póde dominar o homem. A vingança, o assassinio, o veneno, o incendio, a guerra, são

suas consequencias : a injuria, a offensa, a calumnia, acompanhão-n'a muitas vezes. Por certo, se ha paixão que mais necessite ser domada, é a ira; é tão funesta a quem domina como áquelles contra quem é dirigida. Dá nascimento a todas as molestias; um dos seus effeitos mais communs é a ictericia, e produz ás vezes a morte : as pessoas que são mui sujeitas o ella chegam raras vezes a idade avançada.

O homem que reflecte sobre si mesmo, em socego e na solidão, acaba quasi sempre por moderar, e até por domar inteiramente, os movimentos violentos da ira. Uma boa educação, impressa pelos pais á irritabilidade de uma criança, póde subtrahi-la aos funestos effeitos da ira. Na idade adulta, o regimen alimentar exerce uma influencia salutar. Evitar-se-hão os alimentos mui succulentos e as bebidas excitantes. Nos individuos sanguineos, as bebidas acidulas, taes como as limonadas de limão, de laranja, são muito uteis. O odio é, por assim dizer, uma ira chronica. Não produz resultados tão promptamente funestos como a colera; mas a pessoa dominada por esta paixão experimenta todos os effeitos da dôr moral.

Medo, susto, horror, terror, etc. O desejo da conservação está tão fortemente impresso na alma, que, logo que se tem a consciencia de algum perigo, experimenta-se um sentimento particular chamado *medo*. Este sentimento tem differentes grãos; varia desde o simples movimento de surpresa, timidez, até ao terror, e n'estes diversos grãos determina no organismo effeitos differentes. O homem é mais ou menos susceptível das impressões do medo. Sobre a criança, sobre a mulher, sobre as pessoas delicadas, enfraquecidas, esta affecção exerce um poder extraordinario. O estado de molestia, um regimen debilitante, o uso frequente dos banhos mornos, das evacuações sanguineas, o somno prolongado, o luxo, a molleza, os prazeres de todo o genero, a inacção, a superstição, são fontes de fraqueza e cobardia. Muitas molestias podem resultar d'estas paixões. Os desmaios, as palpitações, as convulsões, a gota coral, a apoplexia, a catalepsia, os espasmos de qualquer especie tem sido produzidos por ellas.

Disse que a maneira de viver tornava os homens mais ou menos susceptíveis de medo. Concebe-se então que, modificando-se o regimen de certa maneira, póde-se diminuir e até destruir esta disposição. O exercicio, os trabalhos difficeis, a gymnastica, o costume de affrontar os perigos de toda a especie, e sobretudo a educação bem dirigida, tornão-n'os insensíveis ao medo. Importa muito que na primeira infancia se não faça nascer esta disposição. Não ha cousa mais capaz de desenvolvê-la do que os contos

pavorosos com que se entretêm o espirito ainda debil das crianças. Os contos de ladrões e de almas do outro mundo deixão no espirito uma impressão indelevel.

PAJAMARIÓBA. *Veja-se FEDEGOSO.*

PALMA CHRISTI. *Veja-se MAMONA.*

PALMEIRAS. Familia de plantas Monocotyledoneas, encerra grandes arvores cujo tronco simples, nu, chamado *stipo*, é coroadado no apice por um feixe de folhas chamadas *palmas*, mui grandes, pecioladas, persistentes, digitadas, pennadas, ou decompostas em numero mais ou menos consideravel de foliolos de fórmãs variadas; as flores, ás vezes hermaphroditas, mas quasi sempre unisexuaes, dioicas ou polygamas, formão um vasto cacho, encerrado, antes do seu desenvolvimento, n'uma spatha coriacea, ás vezes lenhosa; fructo secco ou carnoso : as mais das vezes é uma drupa carnosa ou fibrosa contendo um nucleo osseo e mui duro, de um a tres loculamentos monospermos; observão-se tres fructos n'um mesmo calice.

Os *coqueiros*, a *tamareira*, o *saqueiro*, são as principaes tribus d'esta familia. Estas arvores formão vastos e bellos matos nas regiões intertropicaes. Umas fornecem fructos comestiveis, tamaras, cocos, etc.; as folhas não desenvolvidas do palmitreiro ou jissára (*Euterpe oleracea*, Martius), do assahy (*Euterpe edulis*, Martius), do guariroba e outros, constituem um alimento saboroso e de facil digestão. Extrahe-se das palmeiras um licor vinhoso, azeite (*azeite de dendê*), cera (*carnauba*), feculas (*sagú*), substancias tintureiras (*sangue drago*), etc. Com as fibras dos peciolos fabricão-se tecidos, cordas, etc.; em muitas especies, o peciolo é tão forte que fornece lanças, varas, e mesmo estacas.

O limbo das folhas serve para trançar esteiras e cestos, assim como para cobrir as habitações. A madeira de certas especies póde ser trabalhada ao torno; porém as mais das vezes é esponjosa e molle. *Veja-se COQUEIRO.*

PALMITEIRO. *Veja-se COQUEIRO JISSÁRA.*

PALMITO. Miolo dos talos novos de certas palmeiras, que se come guizado. É uma substancia branca, tenra, de sabor agradável. Constitue um alimento salubre.

PALPEBRAS. As *palpebras* são dois véos moveis, situados por diante do olho para o proteger. São formadas de uma pelle fina, frouxamente unida ao musculo orbicular ou palpebral, e de uma membrana mucosa que lhes forra a face interna. É da flexibilidade do seu tecido cellular que procede o infiltrarem-se de sangue pela menor offensa.

MOLESTIAS DAS PALPEBRAS.

§ 1º **Adherencias das palpebras com o globo ocular.** Raras vezes são congenias. As mais das vezes resultão de ophthalmias repetidas, de queimadura da conjunctiva, de uma destruição d'esta membrana durante a ablação de algum tumor, da cauterização demasiada da porção d'esta membrana que reveste a face posterior das palpebras. As adherencias offerecem muitos grãos segundo a sua extensão. Consistem ás vezes em uma simples brida filiforme, estendida da conjunctiva palpebral á conjunctiva sclerotical, livre de todos os lados, salvo nas duas extremidades. Outras vezes, são bridas numerosas, mui curtas, que unem a conjunctiva palpebral com maior ou menor porção da cornea. Do numero, da séde e da disposição das bridas, resultão maiores ou menores obstaculos nos movimentos do globo ocular. O olho póde estar são, ou mais ou menos profundamente alterado.

Tratamento. 1º Não existindo senão unia unica brida entre a palpebra e o olho, póde-se fazer a excisão nas duas extremidades, e, para prevenir nova adherencia, fazem-se executar á palpebra movimentos repetidos até completa cicatrização.

2º Sendo as adherencias mais largas, dividem-se na maior extensão possivel, e, para impedir a cicatrização dos labios da solução de continuidade, afastão-se todos os dias as margens com um instrumento rombo.

3º Esta pratica é preferivel á interposição entre os labios da ferida de um corpo estranho, tal como uma lamina de chumbo, um pedaço de bexiga ou de pergaminho, um olho artificial molhado em oleo de amendoas doces, etc. Não ha duvida de que a presença continua de um corpo estranho augmenta a inflammação, e que esta favorece a formação de novas adherencias.

§ 2º **Cancro das palpebras.** Os cancos das palpebras podem ter primitivamente o character scirrroso. Ha tumores das palpebras que são a principio duros, desiguaes, cobertos de pelle livida; desenvolvem-se lentamente. Ás vezes consistem em simples endurecimentos das palpebras devidos ás inflammações repetidas, ou são tumores formados pelo deposito da materia esteomatosa, que se tornão desiguaes, lividos, duros, e que se transformão depois em scirrho (*Veja-se* Vol I, pag. 444). Esta transformação observa-se sobretudo nos individuos cachecticos; e são as margens das palpebras que são ordinariamente atacadas d'esta induração que degenera.

Não é facil distinguir o scirrho do endurecimento simples das palpebras, e ainda menos saber o momento em que o endurecimento

degenera. Não se tem para isso senão uma circumscripção, uma dureza mais pronunciada do tumor, depois as desigualdades, e as veias varicosas que cercão o tumor. Quando chegam as dôres, quando são lancinantes, e se a ulceração se declarar, não haverá mais duvida sobre a natureza cancerosa do tumor.

Notou-se que as irritações repetidas sobre os tumores benignos da palpebra podião occasionar a sua degeneração, o que nos deve tornar prudentes na applicação dos unguentos que tem a reputação de fazer desaparecer estes tumores, e que, sendo irritantes pela maior parte, inflammão-n'os e apressão a sua degeneração.

Às vezes, o tumor adquire um volume consideravel antes de tornar-se em ulcera; outras vezes, está ainda pequeno, e já se ulcera. Esta ulceração é desigual, e fornece um liquido fetido.

Tratamento. É preciso abster-se de unguentos e pomadas irritantes nos tumores scirrhosos e nas indurações simples; porque ou não produzem melhora alguma, ou apressão a degeneração cancerosa. Não tem lugar operação alguma, quando o tumor não mostra tendencia para degenerar; mas logo que esta tendencia se manifestar, cumpre extrahir o tumor com bisturi. Aqui não convem as applicações causticas: a proximidade do olho, a difficuldade de limitar a acção dos causticos, as cicatrizes que deixão, taes são os motivos que impedem o seu emprego. Além d'isso, ha cancos das palpebras que se desenvolvem na espessura d'estes véos, e que deixão a pelle intacta; ora, pela applicação da massa caustica sacrifica-se esta membrana, entretanto que o bisturi póde conserva-la.

§ 3º **Chalazion.** Pequeno tumor da margem livre da palpebra, do tamanho de um grão de milho painço ou de um feijão, transparente ou avermelhado, pouco movel ou immovel, indolente. *Vejase* Vol. 1, pag. 558.

§ 4º **Contusão.** As contusões ou machucaduras das palpebras são facilmente seguidas de inchação e côr preta da pelle (ecchymose), por causa da laxidão do tecido cellulae das palpebras. A inchação póde augmentar de tal maneira que o olho fique coberto inteiramente. Os socos dados sobre o olho são as mais frequentes de todas as contusões immediatas; mas a inchação e a ecchymose das palpebras sobrem igualmente depois de pancadas dirigidas á cabeça sem tocar o olho.

A contusão da palpebra é ordinariamente um accidente sem gravidade; a côr preta ou esverdeada da pelle, que sobrem, dura oito a quinze dias, e não necessita das bichas, que muitas pessoas costumão applicar n'este caso sem nenhuma razão. Todo o tratamento compõe-se de lavatorios com agua fria, e applicação contínua

nas palpebras de pannos molhados em agua fria. Mas se a palpebra se tornar vermelha e mui dolorosa, será preciso então applicar cataplasmas de linhaça. Ás vezes, é necessario abrir com lanceta a postema que se forma nas palpebras depois de pancadas violentas. Se a inflammação nas palpebras fôr intensa, e sobretudo se se communicar ao olho, n'este caso cumpre applicar algumas bichas; mas isto só se faz alguns dias depois da contusão.

§ 5º **Desvio** ou **Viramento das palpebras**. As palpebras podem estar viradas para fóra ou para dentro, o que se chama *ectropion* e *entropion*. O desvio das pestanas chama-se *trichiasis*. *Veja-se* estas palavras mais adiante.

§ 6º **Divisão das palpebras**, ou *Coloboma das palpebras*. É uma divisão das palpebras que se parece com a do labio superior chamada *beijo rachado*. Este vicio de conformação é mui raro. Póde ser de nascença, ou consecutiva a um ferimento. A operação, que necessita, é inteiramente semelhante á do beijo rachado. É preciso avivar as bordas da divisão com bisturi e reunir com sutura.

§ 7º **Ectropion**. Nome de uma molestia que consiste em estarem viradas para fóra uma ou ambas as palpebras. É muito mais frequente na palpebra inferior do que na superior. Basta a mais simples inspecção para se conhecer esta molestia, que occasiona uma deformidade desagradavel; o olho deixa de estar amparado, a palpebra virada torna-se vermelha, e as lagrimas correm continuamente.

Causas. O ectropion resulta ora da inchação da membrana que cobre a face interna das palpebras, ora da cicatriz da pelle vizinha em consequencia de queimaduras, postemas, feridas, etc. A pelle, encurtada pela cicatriz, attrahe necessariamente a margem da palpebra, afasta-a do olho, e muda a direcção d'ella.

Tratamento. Abandonado a si, o ectropion produz com o tempo a perda da vista, em consequencia das inflammações repetidas no olho descoberto; pelo que deve tentar-se a sua cura. Se a molestia fôr recente e dependente da inchação da membrana interna da palpebra, obtem-se facilmente a cura cauterizando esta membrana com pedra infernal. Mas, em muitos casos, a cauterização não basta: o meio mais expedito consiste em cortar com tesoura a porção exuberante da membrana. Esta operação produz ordinariamente a cura do ectropion por um triplice effeito: a diminuição da massa morbosa, um corrimento salutar de sangue, e uma cicatriz que tende a attrahir a palpebra para dentro. Em alguns casos, em que o ectropion é produzido por uma cicatriz mui grande, é necessario recorrer á restauração da palpebra, operação que consiste em tirar um pedaço da pelle da fonte, da testa ou de alguma

outra parte vizinha, formar com esta pelle uma nova palpebra, e, d'esta manciara, produzir a cura do ectropion.

§ 8º **Entropion.** Molestia inteiramente contraria ao ectropion; consiste em estar a margem da palpebra virada para dentro. O effeito inevitavel d'esta molestia é a irritação do olho pelas pestanas voltadas para dentro. Nas pessoas idosas o entropion é frequente: resulta do augmento da extensão e flaccidez da pelle das palpebras. O tratamento é facil, e quasi sempre seguido de cura certa. Consiste em cortar com tesoura transversalmente uma porção da pelle que sobeja. A cicatriz que se forma depois d'esta excisão attrahe a palpebra para fóra, e faz desaparecer o entropion.

§ 9º **Espasmo das palpebras**, ou *blepharospasmo*. Ha d'elle duas especies: 1º os olhos ficão obstinadamente fechados em quanto dura; 2º é um movimento convulsivo das palpebras que as faz abrir e fechar continuamente e com grande rapidez.

Tratamento. Friccionem-se as palpebras, duas vezes por dia, com o seguinte *linimento narcotico*:

Laudano de Sydenham	4 grammas (4 oitava)
Balsamo tranquillo.	28 grammas (7 oitavas).

Para cada fricção empregue-se uma colher *de chá* d'este linimento.

§ 10º **Feridas das palpebras.** *Vea-se* Vol. I, pag. 1098.

§ 11º **Granulações da face interna das palpebras.** Elevações avermelhadas em fórma de grãosinhos. Às vezes, depois das ophthalmias, apparecem pequenas granulações, sobre a conjunctiva das duas palpebras, mais frequentemente na inferior, no ponto em que a membrana mucosa forma uma goteira passando da palpebra sobre o olho. O seu volume varia desde o grão de milho painço até uma pequena framboeza; são pediculadas ou não pediculadas; estas são as mais pequenas. Nunca são unicas; são ás vezes dez; o seu volume está na razão inversa do seu numero. Com estas vegetações ha ou não ha inchação da conjunctiva, e escurecimento da cornea; ou então esta é sã, mas cedo ou tarde ella será affectada, porque estas desigualdades são corpos irritantes, causas incessantes de ophthalmias. Pelos movimentos reciprocos das palpebras e do globo ocular, estas granulações occasionão comichões ou picadas.

Tratamento. Com pedra infernal ou com pedra lipes reprimem-se estas excrescencias quando são pequenas e sem pediculos; se, pelo contrario, forem pediculadas cortar-se-hão com tesoura curva. Não se deve porém cortar grande porção da conjunctiva, para não

produzir um entropion, isto é viramento da palpebra para dentro. Depois da operação lavão-se os olhos com agua rosada.

§ 12º **Inchação das palpebras.** As palpebras são mui sujeitas a incharem. As causas d'esta molestia são numerosas; a mais frequente é a acção do frio. Certas affecções da cabeça, certas feridas do rosto, produzem a inchação das palpebras. Ha pessoas cujas palpebras estão habitualmente infiltradas, e inchão por qualquer cousa. Os lavatorios com agua rosada, ou com o cozimento de raiz de ratanhia, constituem um remedio de que se pôde usar em todos os casos.

§ 13º **Inflammação das palpebras** ou **Blepharite.** Póde ser aguda ou chronica.

INFLAMMAÇÃO AGUDA. *Causas.* São : A impressão subita de uma corrente de ar frio, as picadas dos insectos, as pancadas, as feridas, a propagação da erysipela do rosto ou da cabeça.

Symptomas. O tecido cellular das palpebras inflamma-se facilmente, suppura mesmo, e é susceptivel de uma tumefacção consideravel. Quando a erysipela do rosto se estende ás palpebras, estas intumescem consideravelmente e com grande rapidez. A pelle toma uma côr de rosa mais ou menos escura; parece ás vezes transparente. A tumefacção é em alguns casos tão consideravel que é impossivel descobrir o globo do olho.

Terminação. Geralmente a blepharite aguda termina pela resolução; ás vezes forma-se um abcesso na palpebra.

Tratamento. Compõe-se de cataplasmas de linhaça ou de fecula. Se se formar um abcesso, deixa-se arrebentar por si mesmo, ou faz-se uma incisão parallela á margem livre da palpebra, para dar sahida ao pus.

INFLAMMAÇÃO CHRONICA. Ataca sobretudo as pessoas que cansão os olhos á luz mui viva, ou os operarios que trabalham em lugares humidos, expostos á poeira ou outras emanações irritantes. O abuso das bebidas alcoolicas provoca tambem o desenvolvimento d'esta molestia.

Symptomas. A margem das palpebras torna-se levemente vermelha. Os vasos, cujo volume augmenta, fazem linhas mui visiveis na face interna das palpebras. Os olhos e as palpebras enchem-se de um humor que tem certa tenacidade, que se accumula pela manhã nos cantos das palpebras, e congutina as pestanas. Ao acordar, o doente não pôde abrir completamente os olhos pela unica força das palpebras; é obrigado a empregar os dedos ou a amollecere com algum liquido a materia que se tornou solida; sem esta precaução, poderia arrancar as pestanas e produzir pequenas ulcerações na margem da palpebra. Não existem, propriamente

fallando, dôres n'este gráo da molestia : ha simplesmente picadas leves que augmentão de vez em quando. A um gráo mais elevado da inflammação, sobrevem tumefacção das margens das palpebras desde um canto até ao outro; sente-se mesmo ao tocar uma resistencia mui consideravel. Chegada a este gráo, a inflammação produz grandes dôres, com uma sensação de queimadura continua e insupportavel. Virando para fóra a palpebra, vê-se toda a membrana mucosa vermelha, algum tanto intumescida, semeada de vasos muito apparentes.

Ha uma fórma de inflammação chronica das palpebras que affecta exclusivamente a margem ciliar : chamão-lhe *blepharite ciliar* ou *tinha das palpebras*. O doente experimenta comichão : ao principio ha alguma vermelhidão na margem das palpebras; não existe nem lagrimejamento, nem aversão á luz, nem tão pouco a sensação de arcia que os doentes experimentão em quasi todos os outros casos de blepharite : mas na raiz das pestanas formão-se escamas amarelladas; estas separão-se e deixão, depois de cahirem, ulcerações d'onde reçuma uma materia pegajosa que congutina as pestanas, e as reúne em feixes, que acabão por cahir.

Tratamento. Antes de tudo é preciso subtrahir os olhos ás causas de irritação que produzirão a molestia, ou modificar a constituição lymphatica do doente por um bom regimen, banhos do rio ou do mar frios, banhos aromaticos quentes, habitação sadia. Certas blepharites antigas não desaparecem senão mudando de profissão : assim òs operarios, expostos ás emanações irritantes, devem deixar o officio que lhes occasiona a molestia; os litteratos devem ler ou escrever menos; etc. Os medicamentos que convem são :

Lavar os olhos com infusão forte de chá da India verde.

Tocar a margem ciliar da palpebra com pedra infernal, ou com um pincel molhado em aguardente camphorada, ou na mistura seguinte :

Tintura de iodo	4 grammas (1 oitava)
Agua.	4 grammas (1 oitava).

Applicar, ao deitar-se, na margem ciliar da palpebra, a porção do tamanho da metade de uma ervilha, da pomada seguinte :

Pomada ophthalmica de Desmarres.

Pós de Joannes.	15 centigram. (3 grãos)
Camphora.	15 centigram. (3 grãos)
Azeite doce.	1 gotta.
Banha fresca	3 grammas (60 grãos).

Misture no porphyro as tres primeiras substancias, e ajunte a banha.

§ 14º **Postema das palpebras.** V ABCESSO. V. I, p. 10.

§ 15º **Queda da palpebra** ou **Blepharoptose.** Relaxamento ou queda da palpebra superior, que fica abaixada diante do globo ocular, occasionada quer pela inchação do tecido cellullar subcutaneo da palpebra, quer pela paralyisia do musculo elevador da palpebra.

O *tratamento* da blepharoptose, que depende da atonia da palpebra, consiste no emprego dos lavatorios com infusão fria de rosas rubras, ou na applicação sobre a palpebra de pannos molhados em agua fria e vinagre, ou em agua vegeto-mineral.

Contra a blepharoptose proveniente da paralyisia da palpebra, fação-se fricções na palpebra com balsamo de Fioravanti, e fumi-gações com vapores de infusão de plantas aromaticas, taes como salva, alecrim, alfazema, mangericão e tomilho.

§ 16º **Queimadura das palpebras.** *Veja-se* QUEIMADURA.

§ 17º **Reunião das palpebras.** Adherencia das palpebras entré si. As mais das vezes é de nascença. Quando é accidental, é devida ordinariamente ás ulcerações ou queimaduras das margens das palpebras. É *parcial* ou *geral*. A reunião parcial é a mais commum, porque raras vezes a adherencia opera-se no angulo interno do olho, perto dos pontos lagrimaes : n'esse lugar existe quasi sempre uma separação. Por pouco que a fenda que fica seja extensa, a pessoa póde vêr um pouco, porque o globo ocular dirige-se sem cessar sobre o ponto d'onde lhe vem a claridade. Estes esforços acabão por produzir um estrabismo interno.

A reunião completa é, pois, muito mais rara ; o olho está então inteiramente coberto. Mas não estando doente, não havendo nem gota serena, nem cataracta, nem exsudações plasticas debaixo das palpebras, nem belidas ; emfim, se a reunião, bem que completa, existir sem complicação, o doente distingue o dia da noite, como fazemos quando olhamos com as palpebras completamente fechadas. Quando ha adherencias entre o globo ocular e as palpebras, e é o que acontece muitas vezes, os movimentos do olho são constrangidos, dolorosos, porque o olho não escorrega facilmente debaixo das palpebras. Verifica-se a existencia d'estas adherencias, quando a reunião não é completa, introduzindo pela abertura um estylete rombo, que se dirige em muitas direcções ; este fica logo retido.

Tratamento. É menos facil de que se julga destruir a reunião das palpebras, mesmo com o histurí. Se fôr de nascença, ha tendencia extraordinaria das palpebras a tornarem a reunir-se; se fôr accidental, é raro que não haja do lado do olho lesões que impeção a cura completa : então, não só as margens das palpebras estão adherentes; mas as suas superficies mucosas estão unidas ao olho

por ligas que tem um poder de reproducção extraordinaria, sobretudo sendo a consequencia de uma queimadura. Depois da separação das palpebras com bisturi, é preciso que o doente mantenha os olhos abertos durante 24 horas, o que é difficil. Para prevenir nova adherencia, introduz-se de vez em quando entre as margens da ferida um corpo rombo, *v. g.* um anel, ou cauteriza-se com pedra infernal a margem da palpebra inferior afim de determinar uma pequena escara.

§ 18º **Terçol.** *Veja-se* o artigo TERÇOL.

§ 19º **Tinha das palpebras.** *Veja-se* BLEPHARITE CILIAR, vol. II, pag. 570.

§ 20º **Trichiasis.** *Veja-se* o artigo TRICHIASIS.

§ 21º **Tumores.** Varios tumores desenvolvem-se nas palpebras; os mais frequentes são os *lobinhos*, que adquirem um volume desde o tamanho de um grão de milho até ao de um ovo de pomba. Estes lobinhos rolão debaixo da pelle pela pressão do dedo; não são dolorosos, e só constituem um defeito apenas apparente. Estes pequenos tumores desaparecem quasi sempre espontaneamente, e ás vezes durante o curso de alguma molestia aguda. Entretanto, ha meios de fazer desaparecer os lobinhos das palpebras. As fricções com pomada de iodureto de potassio tem sido ás vezes seguidas de bom resultado; mas a operação é o meio curativo mais seguro. Consiste em uma pequena incisão que se faz na palpebra, e mediante a qual se extrahе o lobinho.

§ 22º **Ulceração da margem das palpebras.** Suas causas nem sempre são conhecidas. O contacto de substancias acres, ou das mãos sujas, podem determina-la; mas ordinariamente depende do vicio dartroso. Manifestão-se pequenas feridas na margem das palpebras, e produzem comichão incommoda; esta margem incha e deixa sahir uma materia viscosa; ás vezes cahem as pestanas. O tratamento consiste em banhar a palpebra com o collyrio seguinte :

Agua commum	60 grammas (2 onças)
Pedra lipes.	10 centigrammas (2 grãos).

Molha-se um panno n'este liquido e passa-se por cima da margem da palpebra, uma ou duas vezes por dia. Como esta applicação arde um pouco, é preciso immediatamente banhar o olho com agua morna.

É bom tambem tocar as feridas com pedrahume. Se este tratamento, continuado por alguns dias, não produzir a cura, toque-se levemente a margem da palpebra com pedra infernal.

§ 23º **Vermelhidão das palpebras** ou *Palpebras vermelhas*. As pessoas que estão sujeitas a ter as palpebras vermelhas e

inflammadas não devem expôr-se á luz brilhante do sol, sem trazerem olhos verdes ou azues. Devem evitar ler letra miuda, sobretudo á luz vacillante da vela. As senhoras terão o cuidado de não trabalhar de noite em fazenda vermelha ou preta, e ainda menos na bordadura. Quando as palpebras estão irritadas, lave-se pela manhã com agua morna. Se as palpebras amanhecerem remelosas, banhem-se com agua morna misturada com algumas gottas de aguardente camphorada; ou applique-se nas margens das palpebras, ao deitar-se, uma pequena quantidade (do tamanho de um grão de cevada) de ceroto de tannino. Os olhos devem estar fechados no momento em que se applica este ceroto. Eis-aqui a receita:

Tannino.	30 centigrammas (6 grãos)
Ceroto	8 grammas (2 oitavas).

PALPITAÇÕES. Movimentos energeticos e desordenados do coração. As palpitações são ás vezes symptomas de uma molestia de coração, mas podem existir, e até offerecer grande intensidade, sem que o orgão central da circulação esteja alterado. Estas duas ordens de palpitações são ás vezes mui difficeis de distinguir uma da outra, e só o medico, por uma aturada observação, póde deslindar este ponto de pratica tão melindroso. Occupar-nos-hemos aqui sómente das palpitações nervosas; isto é, das que não estão ligadas com lesões do coração.

Os temperamentos nervosos e sanguineos predispõem para estas palpitações, mas as causas que as occasionão ordinariamente são: os movimentos rapidos do corpo, um tropeço, uma carreira, a acção de subir, os gritos, os esforços musculares de toda a especie, certas posições do corpo, sobretudo o deitar-se horizontalmente, a distensão do estomago por certa quantidade de alimentos, o abuso dos licores espirituosos, do café, as paixões vivas, taes como a colera, a alegria, o susto, etc.: as vigílias prolongadas, os trabalhos excessivos do espirito, e emfim, as perdas consideraveis de sangue. A imaginação exaltada é tambem uma causa de palpitações nos individuos moços, apprehensiveis, cuja alma é facilmente accessivel ás emoções.

O *tratamento* das palpitações varia conforme as causas que as produzirão. No maior numero de casos, a molestia cessa ao mesmo tempo que a causa que a provocou. Nos individuos sanguineos, as palpitações cedem quasi sempre a uma sangria no braço ou a uma applicação de bichas no peito. Nas pessoas enfraquecidas por hemorragias abundantes, os medicamentos tonicos, as preparações ferreas, os decoctos amargos e um bom regimen formão a base do tratamento. Em todas as outras circumstancias, é preciso

recorrer aos medicamentos antispasmodicos, á digital e aos banhos mornos.

Eis-aqui a receita que serve nas palpitações de todas as especies :

Pilulas contra as palpitações.

Extracto de digital. 60 centigrammas (12 grãos).

Faça 12 pilulas.

Para tomar 2 pilulas por dia, uma pela manhã, e outra á noite.

PANAMA. Casca de Panama. Casca da *Quillaja smegmadermos*, De Candolle, arvore do Chili. Esta casca apresenta-se no commercio sob a fórma de pedaços do comprimento de cerca de 1 metro, largos, chatos, fibrosos e bastante pesados. É anegrada da parte de fóra, branca no interior; dá um pó quasi branco. É sem cheiro, mas contém um principio tão acre, que não se póde mexer sem produzir violentos espirros; é, pois, perigoso reduzi-la a pó. Parece sem sabor no primeiro momento, mas depois desenvolve uma acrimonia consideravel. Está casca, pulverizada e misturada com agua, torna-se fortemente espumosa, e dá-lhe a propriedade de tirar as manchas de gordura dos estofos. É objecto no Chili de um commercio consideravel. Analysada por Boutron e Henry, produziu uma materia graxa unida á chlorophylla, assucar, e uma substancia particular mui picante, soluvel na agua e no alcool, espumando muito com agua, apresentando as propriedades de *saponina* e de *salseparina*.

PANARICIO. Inflammação do dedo da mão. Ha d'elle quatro especies : panaricio que tem a séde na superficie da pelle, é o panaricio *superficial* ou *erysipelatoso*, vulgo *unheiro*; aquelle que occupa o tecido cellular sub-cutaneo, panaricio *phlegmonoso*; aquelle que principia pelas bainhas tendinosas e synoviales, panaricio *da bainha* ou *profundo*; e emfim o que ataca o periostio das phalanges, panaricio *periostico*.

CAUSAS. São : as contusões de toda a especie, as esfoladuras, as mordeduras, o arrancamento das pelliculas que se levantão junto ás unhas das mãos, chamadas vulgarmente *espigas*; picadas com agulhas, alfinetes, pontas de osso quebrado, introducção de fragmentos de páo no dedo, etc. Em alguns casos o panaricio desenvolve-se espontaneamente; outras vezes esta affecção toma o character epidemico e ataca grande numero de pessoas ao mesmo tempo.

SYMPTOMAS. Varião segundo a especie do panaricio.

1º *Panaricio superficial* ou *erysipelatoso*. Chamão-lhe tambem *unheiro*. Principia por uma leve comichão, por uma dôr pulsativa na polpa do dedo, vermelhidão e uma pequena inchação. Passados alguns dias, o pus levanta a epiderme, e apparece uma bolha no

dedo. Às vezes o pus ajunta-se debaixo da unha, que se tira então com facilidade. A unha nova, que se forma depois, não apresenta o mesmo desenvolvimento, e muitas vezes tem uma côr mais escura.

2º *Panaricio phlegmonoso* ou *sub-cutaneo*. Este annuncia-se por uma dôr viva, acompanhada de tensão, calor e rubor. A inflamação estende-se á mão e ao antebraço. Se a molestia seguir a marcha natural, abre-se a pelle, sahe o pus, e, desde este momento, a dôr diminue notavelmente.

3º *Panaricio da bainha*. No panaricio da bainha, a pelle que cobre a face palmar do dedo é só levemente vermelha; a dôr é mais forte, o dedo apresenta uma tumefacção uniforme, parece-se com um fuso; está encolhido, curvado em fórmula de gancho; seus movimentos são difficeis ou mesmo impossiveis; a face dorsal apresenta-se mediocremente inchada. Existem symptomas geraes graves: febre, sêde, fastio. Depois de aberta a colleção purulenta, a bainha fibrosa descobre-se; os tendões flexores desfazem-se em laminas, d'onde resulta a abolição dos movimentos do dedo; ás vezes até os ossos ficão affectados de necrose.

4º *Panaricio do periostio*. (Chama-se periostio a membrana que reveste os ossos.) O panaricio do periostio affecta sobretudo a ultima phalange dos dedos; é caracterizado por uma inchação pouco marcada, vermelhidão pouco intensa, uma dôr mui forte, comtudo menos viva do que a do panaricio da bainha. A affecção termina as mais das vezes pela necrose da phalange da unha. Formão-se então trajectos fistulosos, pelos quaes o estylete chega facilmente ao osso mortificado.

DIAGNOSTICO. O panaricio superficial é facil de reconhecer; o panaricio sub-cutaneo differe do panaricio da bainha pela conservação dos movimentos dos tendões. É facil reconhecer a presença do pus no panaricio sub-cutaneo.

PROGNOSTICO. É tanto mais grave quanto mais profunda fôr a inflamação. O panaricio da bainha do pollegar e a do dedo minimo é mais perigoso do que o que occupa os outros dedos. O panaricio do periostio produz ordinariamente a mortificação da phalange da unha, e deixa, depois da eliminação do osso morto, uma deformidade na ponta do dedo.

TRATAMENTO. Em todas as especies do panaricio empregão-se a principio cataplasmas de linhaça ou de fecula, e manuluvios d'agua quente simples ou de cozimento de folhas de malvas.

No panaricio superficial, ou unheiro, convem abrir a colleção purulenta logo que estiver formada; corta-se com tesoura a empola; cura-se a ferida com cataplasmas; e finalmente com fios

untados de ceroto simples, ou applica-se simplesmente no fim um pedaço de encerado inglez ou panno de linho.

No panaricio sub-cutaneo, dê-se sahida ao pus logo depois de verificada a sua presença. Continuão-se as cataplasmas e os banhos até desapparecer a inflammação; depois do que cura-se a ferida com panno untado com ceroto, e finalmente com panno de linho secco.

No panaricio da bainha, deve dar-se sahida ao pus mui cedo, dividindo as partes molles exteriores do dedo e a parede anterior da bainha. Para impedir a formação de adherencias, podem communicar-se ao dedo movimentos moderados.

Emfim no panaricio periostico, cumpre dividir mui cedo as partes molles que cobrem a phalange, para prevenir a mortificação d'esta. No caso de necrose, tira-se a parte mortificada, e exerce-se uma compressão com tiras de emplasto adhesivo, sobre a ultima phalange, para torna-la menos grossa, e diminuir a deformidade do dedo.

PANCADA. *Veja-se* CONTUSÃO.

PANCREAS. Glandula profundamente situada no ventre, ao nivel da duodecima vertebra dorsal, atraz do estomago. A sua estructura é semelhante á das glandulas salivares; o seu producto de secreção tem tambem a maior analogia com a saliva; concorre para a digestão; o conducto excretor tem raizes em todos os lobulos da glandula; abre-se no intestino duodeno.

As molestias primitivas do pancreas são mui raras, e quando este orgão está doente, é quasi sempre em consequencia da lesão de um orgão vizinho. Estas molestias são pouco conhecidas, e não existem scñão hypotheses a seu respeito.

PANCREATITE. Inflammação do pancreas.

Symptomas. Dôr fixa na bocca do estomago, acompanhada de calor, com fluxo intestinal de materias semelhantes á saliva, tumefacção do ventre, febre, fastio, ás vezes vomitos.

Tratamento. Compõe-se de bichas no epigastro, cataplasmas de linhaça na mesma região, dieta, e limonada de vinagre.

PANNA. Planta da familia dos Fetos, empregada como vermifugo pelos habitantes da Africa meridional. Tomão-se em infusão aquosa, de 3 a 5 grammas, de pó do rhizoma, por muitas vezes, e depois segue-se a administração de um purgante. Este remedio provoca os vomitos, e produz congestão cerebral passageira.

PANNO CRIVADO E FENESTRADO. *V* v. I, p. 772.

PANNOS. (Molestia.) Assim se chamão manchas superficiaes, de fórmias differentes, espalhadas irregularmente pela pelle, com intervallos de côr natural, e acabando pela exfoliação da pelle.

Estas manchas são ordinariamente avermelhadas, mas podem também ser cinzentas, amarelladas ou de qualquer outra côr. Em geral varião de côr conforme se observão nas pessoas brancas ou de côr, e segundo os lugares que se achão affectados. Os pannos não são sensivelmente proeminentes na superficie da pelle; só são levemente rugosos pelo effeito da seccura da pelle, que não transpira n'este lugar, e em consequencia da descamação epidermica que se faz na sua superficie.

As *causas* dos pannos são : o sol, o uso de bebidas espirituosas, carnes de porco, comidas mui salgadas e muito apimentadas, contrariedades, e outras paixões vivas.

Os pannos constituem uma affecção de pouca importancia, e raramente acompanhada de algum incommodo interno. Às vezes, quando muito, podem ser acompanhados de comichão desagradavel. Mas estas manchas são mui sujeitas a voltar, e ha pessoas que são habitualmente accomettidas d'ellas com a volta do calor.

Tratamento. O regimen sobrio, o uso de fructas, de vegetaes e limonadas de limão, laranja, tamarindos, banhos mornos ou frios, constituem a base do tratamento. São uteis os lavatorios com os liquidos seguintes :

1º Agua de rosas	500 grammas (16 onças)
Tintura de benjoim	15 grammas (1/2 onça).
2º Borax	15 grammas (1/2 onça)
Agua commum	500 grammas (16 onças);

ou as fricções com a pomada seguinte :

Banha	30 grammas (1 onça)
Subcarbonato de potassa	120 centigrammas (24 grãos)
Flor de enxofre	4 grammas (1 oitava).

Faça-se pommada.

Algumas pessoas dão o nome de pannos ás manchas que resultão do descoramento da pelle, cuja séde existe sob a epiderme, na camada onde reside a materia corante da pelle. Não ha remedio contra estas modificações no colorido da pelle; estas manchas podem apparecer e desaparecer. Ignora-se a sua causa. São mui communs no Rio de Janeiro, e principalmente nos pretos.

PANTANO. Dá-se o nome de *pantanos* aos terrenos cobertos de aguas estagnadas, no meio das quaes vegetão e vivem grande numero de plantas e animaes aquaticos, cujos restos se macerão e apodrecem n'estas aguas.

Os effeitos nocivos dos pantanos forão reconhecidos desde a mais remota antiguidade : certos povos os consideravão como a bocca do inferno. Os individuos obrigados a viver cercados dos miasmas dos pantanos são ordinariamente de pequena estatura,

tem a tez livida, os braços magros, o rosto enrugado, e apresentação desde os primeiros annos o aspecto da decrepitude e os signaes da tristeza e do soffrimento. O habitante dos lugares pantanosos não está unicamente condemnado a passar a vida em um estado habitual de soffrimento doentio; experimenta além d'isto, em certas epochas, affecções agudas mais ou menos graves, e principalmente febres intermittentes.

A experiencia tem demonstrado que as emanacões miasmaticas seguem, na sua dilatação e condensação, as variações diurnas do calor atmospherico. Resulta d'isto que a sua acção, pouco sensivel ao meio do dia, torna-se mui temivel á tarde, durante a noite e até de manhã. O estado agitado da atmosphera que espalha os miasmas, e a sua serenidade que lhes permite accumular-se nos mesmo pontos, modificação tambem singularmente esta mesma acção; mas a condição que a tem de alguma sorte debaixo da sua dependencia é o calor, sem o qual não haveria fermentação putrida nas aguas lodosas. É por isso que os pantanos exercem principalmente a sua funesta influencia nos paizes quentes.

O unico meio verdadeiramente efficaz contra os miasmas paludosos consiste em deseccar os pantanos d'onde elles sahem, ou pelo menos em dirigir suas aguas de modo que se previna a estagnação. Procedendo assim, não sómente se conserva a saude dos homens, mas dão-se á agricultura terrenos de muito valor. Os Gregos dizião d'aquelles a quem vião fazer uma fortuna brilhante e rapida : *Aterrão pantanos*.

Quando alguma pessoa é obrigada a viver perto dos pantanos, deve ao menos recorrer aos meios susceptiveis de tornar o corpo menos sensivel á sua acção. Estes meios são : o uso de uma alimentação composta principalmente de carne, vinho, bebidas espirituosas, uma habitação arejada ; o exercicio feito durante as horas em que as emanacões estão mais rarefeitas; a precaução de conservar-se fechado nas circumstancias oppostas; os cuidados rigorosos de asseio e outros meios hygienicos. Uma observação constante tem demonstrado que as affecções morbosas, communs ás regiões insalubres, reinão com menor furor entre os habitantes indigenas do que entre os homens novamente chegados a esses paizes. Este phenomeno depende do costume que tem tomado os orgãos das pessoas acclimadas, por assim dizer insensiveis á acção dos miasmas pantanosos. Por conseguinte, o estrangeiro, que vai residir n'esses terrenos deleterios, deve ainda com maior severidade observar as precauções sanitarias que deixei indicadas; é necessario que evite os excessos de todo o genero, e sobretudo em quanto não se acha acclimado.

Tudo o que acabei de dizer dos pantanos é igualmente applicavel aos canos e cloacas das grandes cidades, que, por falta de asseio e boa policia, tornão-se pantanos ficticios. *Veja-se MIASMAS.*

O tenente Maury, da marinha americana, imaginou recentemente um meio engenhoso de destruir as emanações putridas que se desenvolvem dos pantanos em consequencia da decomposição das especies vegetaes. Este meio consiste em plantar nos pantanos uma quantidade consideravel de girasocs (*Helianthus annuus*, Linneo); estas plantas, tendo a propriedade de absorver os gazes, neutralizão os miasmas, e fazem abortar as febres periodicas que assolão as vizinhanças dos pantanos.

PÁO DE ALHO. Diversas plantas são conhecidas no Brasil com este nome, por causa do cheiro alliaceo que exhalão. São :

1º *Sequiæ floribunda*, Benth., *Sequiæ alliacea*, Martius. Phytolaceas. Esta chama-se tambem **Ybirarema**, **Guararema** ou **Cipó de alho**. A raiz, o lenho e todas as partes herbaceas exhalão um cheiro de alho e de assafetida. Os banhos preparados com o cozimento do lenho ou das folhas administrão-se nos rheumatismos, nas dôres hemorrhoidaes e na hydropsia. 1 kilogramma (2 libras) para um banho.

2º *Cratæva tapia*, Linneo, chamada tambem **Tapiá**. Cappari-deas. Suas folhas contusas, e applicadas em fórma de cataplasma, empregão-se para amadurecer os abcessos.

PÁO - BRASIL, Páo de Pernambuco ou **Páo rosado**. *Cæsalpina echinata*, Lam. Leguminosas. Arvore do Brasil que deo o nome ao imperio. É mui grande, tortuosa e espinhosa, de folhas alternas, bi-aladas, compostas de foliolos ellipticos e obtusos; flores terminaes dispostas em racimos simples; corolla de cinco petalas matizadas de vermelho e amarelo; fructo, vagem cinzenta, oblonga, comprimida e coberta de espinhos, de um unico loculamento, contendo muitas sementes lisas. O emprego principal do lenho é na tinturaria, para tingir a lã de vermelho, e a seda de carmezim. — O lenho é coberto de um alburno branco muito espesso, que se tira antes de o entregar ao commercio, o que lhe diminue o volume. Este lenho (cerne) é duro, compacto, de um vermelho pallido no interior, mas torna-se de um roxo vermelho ao ar. É inodoro, e quasi insipido; córa apenas a agua fria; dá um decocto avermelhado pouco escuro, e forma com alcool uma tintura vermelha amarclada, muito mais escura do que com agua. O cozimento c' lenho ensaiado pelos reagentes dá os resultados seguintes :

Precipitado pela *gelatina*; o liquido toma ao ar uma magnifica cor vermelha de groselha.

A *pedrahume* communica-lhe a mesma côr vermelha; o *ammoniac* forma depois um precipitado de um vermelho vinhoso.

Potassa ou *ammoniac*o, o líquido torna-se de um vermelho escuro.

Chlorureto de ferro, côr vermelha roxa mui carregada.

Sub-acetato de chumbo, precipitado azul violeta.

Sal de estanho, côr de um vermelho de groselha vivo.

Acetato de cobre, côr vermelha de vinho mui carregado.

O lenho da *Cæsalpinia brasiliiana*, Sw., conhecido no commercio pelo nome de *brasileto*, emprega-se igualmente na tinturaria, e constitue uma especie inferior de páo-brasil.

PÁO CAMPECHE ou **Páo da India**. Provém de uma grande arvore, *Hæmatoxylum campechianum*, Linneo, da familia das Leguminosas, que habita no Mexico, ná bahia de Campeche, e nas Antilhas. Este páo, que é o cerne da arvore, vem em achas de côr roxa anegrada exteriormente, de côr rubra escura no interior, de cheiro agradável. Serve para fazer tintas pretas, cinzentas, roxas, azues, encarnadas, e para muitas tintas compostas.

PÁO DE COLHER. *Tabernæmontana echinata*, Velloso. Apocynáceas. Planta do Brasil. É qualificada *suspeita*.

PÁO CRAVO, Cravo do Maranhão ou **IMYRA-QUIYNHA**. *Dicypellium caryophyllatum*, Nees. Arvore do Brasil, da familia das Laurineas; habita especialmente no Pará e Amazonas. Folhas oblongas, acuminadas nas duas extremidades, glabras; flores dispostas em racimos pendentes; fructo, baga oval deprimida no vertice, pericarpo delgado e de cheiro agradável. A casca d'esta arvore é exportada para a Europa; seu cheiro é parecido com o do cravo da India; é conhecida no commercio sob o nom de *canella falsa*, *canella caryophyllada*; é estimulante e empregada como tempero. Esta casca, tal como se acha no commercio, é em bastões solidos, do comprimento de mais de 2 pés, do diametro de uma pollegada pouco mais ou menos, e imitando uma bengala. Estes bastões são formados de grande numero de cascas delgadas, compactas e mui duras, enroladas umas sobre as outras, e mantidas por meio de uma corda feita de uma casca fibrosa. É de côr roxa escura, quando está privada de sua epiderme, que é cinzenta esbranquiçada; mas ás vezes acha-se munida d'ella. Tem cheiro de cravo e um sabor quente, aromatico; é muito dura. Goza das propriedades do cravo da India, e póde substitui-lo como tempero, bem que seja mais fraco.

PÁO DE LACRE. *Veja-se* CAAOPIÁ.

PÁO PEREIRA, PÁO FORQUILHA, PÁO DE PENTE, CAMARÁ DE BILRO, CAMARÁ DO MÁTO, CANUDO AMARGOSO, OU PINGUACIBA (*Geissospermum vellosii*, Dr. F. Freire Allemão). Apocynaceas. Arvore do

Brasil : eis-aqui alguns de seus caracteres, segundo este autor, que a tem encontrado a mais de 1,000 pés de altura, nas montanhas da Tijuca, da Estrella e de Gerecinó, e que se acha tambem nas florestas da provincia da Bahia, de Minas e do Espirito Santo. Arvore muito alta; casca grossa, profunda e irregularmente gretada, na parte tuberosa; o liber tem uma côr de ocre amarella; de sabor amargo sem adstringencia notavel. Ramos tortuosos, copados, cobertos de um tomento pardo. Folhas alternas, ovaes-lanceoladas, de 2 a 3 pollegadas de comprido sobre 1 a 1 1/2 de largo. Flores pequenas, de côr parda, sem cheiro. De ordinario só uma ou duas flores chegão a fructificar; e de cada uma resultão dois fructos (raras vezes um, por aborto), carnosos, ovaes, acuminados, divergentes; em quanto verdes estão cobertos de pellos cinzentos, luzidios, depois de maduros são glabros e amarellos. Sementes lenticulares, oblongas ou arredondadas; dispostas em 2 filas de 4 a 5, raras vezes mais, de cada lado de falsos septos, sobre os quaes estão applicadas, e imbricadas de modo que a primeira e inferior cobre metade da segunda, esta, metade da terceira, e assim por diante; envolvidas n'uma polpa fibrosa, succulenta.

O cozimento da casca d'esta arvore é empregado no Rio de Janeiro, e com muita vantagem, contra as febres intermitentes. Prepara-se este cozimento com 30 grammas (1 onça) da casca e 500 grammas (16 onças) d'agua, que pela decoção se reduzem a 360 grammas (12 onças). O doente toma esta porção no decurso de um dia, ás chicaras, uma chicara de 3 em 3 horas, durante o intervallo dos accessos da febre intermitente.

As cascas, taes como se achão no commercio, são em tiras compridas, compostas de laminas delgadas e superpostas, um pouco elasticas, de côr amarellada e sabor amargo.

PÁO DE SABÃO. *Sapindus divaricatus*, Willd. Sapindaceas. Arvore do Brasil. O lenho, a raiz e os fructos d'esta arvore contém um principio amargo, que communica á agua a propriedade de espumar fortemente, e de produzir sobre a roupa um effeito analogo ao do sabão. Os fructos servem sobretudo para este uso; são globosos, luzentes, de côr roxa amarellada, de mais de meia pollegada de diametro, contendo, sob uma polpa viscosa e muito amarga, um caroço preto, arredondado, muito duro, que encerra uma amendoa amarella, oleaginosa, não amarga. Dá-se-lhes o nome de *sabonetes* ou *fructos de sabão*. Macerada em agua, a polpa do fructo dissolve-se, e communica á agua um sabor muito amargo, muito acre, e a propriedade de espumar como agua de sabão. Serve para lavar roupa.

PÃO SANTO. *Veja-se* GUAIACO.

PÃO. Farinha dos grãos cerreaes, amassada com agua e levadura (pasta azedada), dividida em porções, e cozida no forno. O melhor pão, aquelle que é o mais leve e o mais facil de digerir, é o pão feito com farinha de trigo. Faz-se tambem com farinha de centeio, aveia, milho grosso, cevada, arroz, mandioca, trigo mourisco, batatas, castanhas, bolotas, fava misturada com abobora, etc. O *pão branco* é feito com a flor de farinha de trigo; o *pão de rala*, com farinhas de qualidade inferior: sua côr amarellada provém de que os farelos não forão sufficientemente separados da farinha; o *pão meiado* de mistura de grãos de cevada e trigo; o *pão terçado*, de trigo, centeio e milho.

Pão azymo. Massa de farinha de trigo em folha sem levadura ou fermento, cozida em um ferro. Emprega-se para envolver as pilulas ou os pós de gosto desagradavel. Cortada em rodas chama-se *hostia*, e é destinada para ser consagrada pelo sacerdote durante a missa. O *pão de centeio*, bem preparado, é saboroso e nutriente. Ajunta-se sal na massa para lhe dar a tenacidade que lhe faltaria sem isto. A *farinha de cevada* dá um pão pesado e compacto; mas pôde fazer-se d'ella uma alimentação muito sã, e sobretudo muito economica, ajuntando-lhe, em partes iguaes, farinha de centeio e de trigo, com tanto que a farinha de trigo entre na massa sob a fórmula de levadura, isto é, azedada. O *pão de milho* tem o inconveniente de criar mofo, sobretudo quando o tempo está quente. Pôde-se fabricar um pão muito melhor com metade de farinha de trigo, e metade de farinha de milho. O *pão de aveia* é preto, gordo, compacto e de máo gosto. O *trigo mourisco* não produz senão um pão de má qualidade. No dia seguinte da cozedura, este pão torna-se secco e faz-se em migalhas; e por isso, na maior parte dos paizes onde se colhe abundantemente trigo mourisco, é sob a fórmula de biscoutos que se faz entrar a sua farinha na alimentação. A *batata* pôde tambem ser empregada na fabricação do pão; mas não pôde servir para este uso senão misturada com a farinha dos cereaes; só, seria absolutamente impropria para este fim. Com a *farinha de mandioca* não se podem fazer senão biscoutos.

Em geral, sempre que fôr possível, convem não empregar senão farinha de trigo ou de centeio para a confeição do pão, e consumir sob outra fórmula as batatas, o arroz, a aveia, etc. Em todos os casos, se se fizerem as misturas acima indicadas, não se deve empregar senão uma levadura fresca e de boa qualidade, fazer uma amassadura bem completa, e conservar a massa em lugar limpo e quente.

O pão é um alimento de primeira necessidade. As diversas operações que exige sua fabricação, constituem a arte do padeiro. A arte de fazer pão não se aperfeiçoou senão com o tempo e por uma infinidade de tentativas successivas. Primeiro comeo-se o grão verde ou secco; depois fizerão-n'o assar; depois foi moido com pedras; fizerão com elle sopas, depois uma especie de biscoutos, emfim pão de toda a especie.

PAPAGAIO (Ave). Genero de aves da ordem das Trepadeiras, notaveis pela belleza de sua plumagem, ora variada de verde, azul, vermelho, amarello, cinzento e branco, ora de uma só côr, e notaveis sobretudo pela facilidade com que imitão a voz humana e os gritos de certos animaes. São caracterizados por um bico grosso, duro, arredondado de todos os lados e guarnecido na base de uma carne molle onde se achão as narinas: por uma lingua grossa e arredondada: pés curtos e fortes, armados de unhas recurvadas; azas curtas e um corpo um tanto forte, o que não lhes permite voar alto e por longo tempo. Os papagaios habitão as regiões quentes dos dois continentes; existem no Brasil e muito lindos, e é com as suas pennas que se fabricão no Rio de Janeiro flores artificiaes que fazem a admiração dos Europeos. No estado selvagem vivem em tropas nos mattos, e alimentão-se sobretudo de fructas; aninhão nos troncos das arvores velhas, a femea põe, cada estação, 3 ou 4 ovos. No estado domestico, comem de tudo, mas não se multiplicão. Sua voz natural é dura e desagradavel, mas pela educação aprendem a repetir todos os sons; chega-se tambem a fazer-lhes executar differentes exercicios ao commando. São susceptiveis de affeição, mas conservão longo tempo rancor ás pessoas que os maltratárão; vivem geralmente muito tempo, até 80 annos, mas a muda os faz frequentemente morrer.

O genero *Papagaio* encerra um numero consideravel de especies. Dividem-se ordinariamente em dois grandes grupos: 1º os Papagaios de cauda curta, igual ou um tanto cuneiforme, comprehendendo os *Papagaios* propriamente ditos e os *Cacatoes*; 2º os Papagaios de cauda comprida, comprehendendo as *Araras* e os *Periquitos*.

No estado de captividade sua alimentação mais sã deve compôr-se de milho, de sementes de canhamo e de fructas. Aceitão voluntariamente a carne e pastelaria, mas não se lhes deve dar senão raras vezes; a carne sobretudo occasiona-lhes molestias de pelle e comichões que os excitão a arrancarem as pennas. A salsa hortense e as amendoas amargas são venenos para elles. Gostão muito de se banhar, e é preciso ter sempre agua limpa á sua disposição. As varas, nas quaes se empoleirão, devem ser bastante

grossas para que as agarrem facilmente : devem ser antes mais grossas do que finas : porque n'este ultimo caso, a ave está exposta a cahir e ferir-se mortalmente.

A gota coral é para todas as especies de papagaios molestia commum e perigosa. O unico remedio, efficazmente empregado, consiste em abrir com canivete a ponta de um dedo da ave doente, e em deixar correr duas ou tres gottas de sangue. Os papagaios estão ainda sujeitos ao defluxo, asthma e rheumatismo. Nos dois primeiros casos convem dar-lhes a beber um pouco de vinho com assucar; no rheumatismo, é bom untar-lhes as patas com banha de porco.

A educação do papagaio exige muito tempo e muita paciencia. É á noite, e sempre á mesma hora que se deve dar-lhe lição. Para o dispôr favoravelmente, principia-se por se lhe dar de comer uma codea de pão ou um biscouto molhado no vinho. Cobre-se depois sua gaiola com um panno. Na lição, repete-se-lhe muitas vezes a palavra que se quer que aprenda; ao mesmo tempo conserva-se a luz escondida. A voz das mulheres e a das crianças parece ter um grande poder sobre elle. Torna-se fallador ouvindo-as, e diz tudo o que sabe. Obtem-se tambem muito d'elle se, quando se lhe falla, se põe diante d'elle um espelho com a luz : julga então ver o seu semelhante, e mostra-se satisfeito e docil.

Bem que o papagaio seja geralmente meigo, torna-se, sendo mal criado, gritador, caprichoso, indocil e mesmo máo. Convem castigar, reprimir e vencer desde a origem suas más inclinações; a teima, o desejo de morder, os caprichos, a falta de asseio, a desobediencia, e tudo emfim que poderia tornar o discipulo desagradavel ao dono ou aos amigos, deve ser castigado immediatamente com um copo d'agua fria lançado na cabeça ou com uma baforada de fumaça de charuto a travez do bico. O dono, em semelhante circumstancia, deve empurrar e tocar com ousadia a sua ave, para fazer-lhe sentir toda a sua superioridade.

PAPAGAIO (Brinco). Papel, ou panno, disposto em um arco de pão, ou estendido sobre uma cruz de cannas, e cortado em figura oval, com uma cauda na parte fina, que se solta ao ar, e lá se sustem, seguro por um cordel : é brinco de rapazes. Franklin fez servir o papagaio a uma experiencia de physica muito interessante : chegou a subtrahir a electricidade das nuvens por meio de um papagaio armado na cabeça de uma ponta metallica. Depois de fazer subir o papagaio, prendeo á corda uma chave, e a esta um cordão de seda que tem a propriedade de não deixar passar a electricidade, e atou-o a uma arvore. Sobrevindo a chuva, a corda

molhada tornou-se um bom conductor da electricidade, e obteve uma fásca electrica.

Ha perigo em fazer subir o papagaio ao ar durante as tempestades, quando este papagaio não se acha isolado pelo cordão de seda, como na experiencia de Franklin. No mez de Maio do anno de 1860 aconteceu um caso desastroso nos arredores de Pariz. Para experimentar commoções electricas, um rapaz teve a ideia de atar ao papagaio um fio metallico, que é ainda melhor conductor electrico do que o barbante molhado, e fez subir ao ar o papagaio durante uma trovoada. Experimentou uma commoção electrica tão forte, que morreo instantaneamente.

PAPAGAIO (Planta). *Veja-se* TINHORÃO.

PAPARRAZ ou HERVA PIOLHEIRA, *Delphinium staphysagria*, Linneo. Renunculaceas. Planta commum em Portugal. Folhas apalmadas, com lobulos agudos, recortados; flores azues; sementes roxas, curvadas, rugosas, angulosas, de cheiro desagradavel, sabor acre. As sementes empregão-se em pó, ou misturadas com banha, sobre a cabeça das crianças para matar os piolhos.

PAPEIRA, Papo ou **Bocio**. Tumor no pescoço, que consiste no desenvolvimento anormal ou hypertrophia da glandula thyroide.

Symptomas, marcha. A papeira apresenta-se sob á fôrma de um tumor molle, não doloroso, mais ou menos movel, sem mudança na côr da pelle; está ás vezes coberto de grossas veias. Sua fôrma e seu volume varião muito; a hypertrophia póde occupar toda a glandula ou um de seus lobos, e n'um e n'outro caso affecta-la mui desigualmente. Comtudo as mais das vezes o tumor é oval ou espheroidal, e occupa toda a parte anterior do pescoço. No maior numero de casos tem o volume do punho ou dos dois punhos do individuo, e só raras vezes adquire o dobro d'estas dimensões. Se a hypertrophia não invadir senão um dos lobos da glandula thyroide, o tumor acha-se situado sobre o lado do pescoço, á direita ou á esquerda do larynge. O papo apresenta ás vezes variações bastante notaveis no seu volume: é ás vezes mais proeminente durante os tempos humidos ou durante o periodo menstrual; a gravidez tem uma influencia muito mais poderosa. Assim, em algumas mulheres, o tumor nasce ou augmenta momentaneamente ou de maneira duravel durante a gravidez e o parto.

O papo segue uma marcha extremamente lenta. Principia de ordinario na idade de seis a doze annos ou na epoca da puberdade; cresce pouco a pouco, insensivelmente. As mais das vezes fica estacionario durante muitos annos, depois augmenta rapidamente, e sem causa apreciavel; apresenta, assim, grande numero d'estas

alternativas antes de adquirir um volume consideravel. Ha comtudo uma idade na qual a hypertrophia da glandula thyroide não faz mais progressos : esta epoca póde ser fixada de quarenta a quarenta e cinco annos.

O papo póde sarar espontaneamente : a resolução é tanto mais facil quanto o tumor se formou mais rapidamente; mas quando a papeira se desenvolve lentamente e já data de muitos annos, constitue quasi sempre uma molestia incuravel. É mais difficil de desfazer-se quando é endemico, isto é, quando depende de circumtancias locaes, do que quando sobrevem isoladamente.

Causas. Esta affecção é propria de certas localidades. Observa-se principalmente nos valles profundos, nos lugares baixos, humidos, mal arejados; e tal é a influencia que exerce esta condição, que o papo foi assignalado nos climas mais oppostos, sempre que esta influencia existia. É incontestavel que muitos papos são devidos ao uso de certas aguas, sem que se possa determinar ainda com exactidão qual seja a especie de alteração d'este liquido. Esta molestia é mais commum nas mulheres do que nos homens, na roça do que na cidade. Se a causa do papo endemico, isto é, d'aquelle que ataca grande numero de pessoas n'uma localidade, é obscura, muito mais o é a do que apparece de maneira isolada.

Tratamento. A primeira cousa que o doente deve fazer, contra esta molestia, é mudar de habitação e transportar-se a um lugar elevado, secco e bem arejado : esta simples mudança tem sido sufficiente em muitos casos para produzir a resolução do papo incipiente. A vizinhança do mar é muito favoravel. Feito isto, recorrer-se-ha aos medicamentos.

De todos os medicamentos propostos contra o papo, o iodo e suas composições são os mais efficazes. Eis-aqui as receitas :

Iodureto de potassio. 15 grammas (1/2 onça)

Agua commum 720 grammas (24 onças).

Para tomar uma colher *de sopa*, 2 vezes por dia.

Ao mesmo tempo fazem-se fricções no tumor com a pomada seguinte :

Pomada de iodureto de potassio 60 grammas (2 onças).

Fazem-se duas fricções por dia, e para cada fricção emprega-se a porção da pomada do tamanho de uma azeitona.

Este tratamento continua-se durante mez e meio. Se não produzir melhoras, recorra-se ás pilulas seguintes :

Pilulas de iodureto de ferro de Blancard. 60.

Para tomar uma pilula por dia.

Se a molestia não ceder, administre-se a tintura de iodo.

Tintura de iodo 30 grammas (1 onça).

Para tomar 4 gottas em meia chicara d'agua fria com assucar, duas vezes por dia. Augmenta-se todos os dias a dóse de uma gotta, em cada vez, até se chegar a tomar 20 gottas de tintura de iodo, duas vezes por dia,

PAPEL SINAPIZADO. *Veja-se SINAPISMO.*

PAPOUÇA. *Papaver rhæas*, Linneo. Papaveraceas. Planta cultivada nos jardins do Brasil; em Portugal habita frequente nos terrenos cultos entre as searas. Fig. 389. Caule piloso, flores vermelhas, de cheiro um pouco nauseante, folhas pinnatifidas, o fructo é uma capsula ovoide, glabra, com muitas sementes brancas. As flores empregão-se em medicina. Faz-se um chá que é emolliente e leve narcotico. Este chá prepara-se com uma chicara d'agua fervendo e 2 grammas (1/2 oitava) de flores de papouça.

PAPÚLAS. Pequenas elevações da epiderme, da mesma côr que a pelle, ou de um vermelho pouco escuro, solidas, isto é, não contendo nem pus como as pustulas, nem serosidade como as bolhas, e terminando por furfuração. As molestias cutaneas caracterizadas por papúlas são o lichen e prurigo.

PARACARY, S. PEDRO-CÁ, HORTELÃ BRAVA, MENTRASTO, MELADINHA, ou, em lingua tupy, BOIA-CAÁ. *Peltodon radicans?* ou *Clinopodium repens?* Planta do Brasil, da familia das Labiadas; habita no Pará, Maranhão, Pernambuco e outras provincias do Imperio. Eis-aqui a sua descripção extrahida da Memoria sobre esta planta, publicada pelo insigne medico do Pará, o Sr. Comendador Francisco da Silva Castro.

Planta herbacea, de caule tetragono, de um, dois, e ás vezes mais pés de altura, de ramos oppostos, cujas folhas são simples, oppostas e ovaes agudas; ligeiramente aromatica quando se dila-



Fig. 389. — Papouça.

cera entre os dedos, participando do cheiro da hortelã e da herva cidreira; suas flores são completas, de côr arroxeada, nascem na axilla das folhas, e grupão-se em capitulos ou corymbos pedunculados; tem um calice gamosépalo, tubuloso, com cinco divisões; a corolla é gamopétala, tubulosa e irregular, dividida em dois labios, um superior e outro inferior; os estames são didinamicos e perfeitos; o ovario, sustentado por um disco hypogeneo, é quadrilobado, deprimido no centro, d'onde nasce um estylete bifido, cortado pelo meio deixa vêr quatro cavidades, contendo cada uma um ovulo; finalmente o fructo é composto de quatro akenios menospermos, encerrados no interior do calice, que é persistente.

No norte do Brasil esta planta é empregada contra as mordeduras de cobras. Administra-se, para este fim, o succo espresto da planta fresca na dóse de meia chavena, duas ou tres vezes com o intervallo de hora de uma á outra dóse; e externamente em cataplasma formada de toda a planta pilada e posta sobre o lugar offendido. A infusão de paracary é um estimulante e sudorifico, que póde ser util par excitar as forças dos doentes mordidos por animaes venenosos, mas o seu uso não póde dispensar o emprego do unico meio que se mostrou util n'estes casos, vem a ser a cauterização da ferida com ferro em braza, pedra infernal ou oleo de vitriolo.

PARAHYBA. *Simaruba versicolor*, St. Hilaire. Rutaceas. Pequena arvore do Brasil; habita especialmente nas pastagens da provincia de Minas Geraes, vizinhança do Rio de S. Francisco. Tem 5 a 10 pés de altura; folhas alternas, pecioladas, compostas de foliolos que são 8 a 14, alternos, peciolados, do comprimento de meia pollegada a tres pollegadas, oblongos-ellipticos, muito obtusos, chanfrados no apice, verdes e glabros por cima, esbranquiçados na face inferior; flores agglomeradas. As folhas e a casca são muito amargas. Os indigenas tem-n'a como venenosa. O seu cozimento é empregado em lavatorios contra os piolhos do homem e sobretudo contra os dos animaes.

Prepara-se este cozimento com 30 grammas (1 onça) da casca e 500 grammas (16 onças) d'agua.

PARALYSIA. Entende-se por paralyisia a perda total ou pelo menos a diminuição notavel do movimento ou do sentimento, ou de ambos. Segundo e sua extensão, a paralyisia toma differentes nomes. Quando occupa todo o corpo, chama-se *paralyisia geral*; *hemiplegia*, se occupa só a metade lateral do corpo; *paraplegia*, se ataca a metade inferior do corpo. Existem ainda muitas variedades de séde da paralyisia que não tem nome especial: taes são

a paralyisia do rosto, da palpebra, do braço, da mão, do dedo, da bexiga, etc.

As causas que produzem a paralyisia são extremamente numerosas. Contudo, no maior numero de casos, a paralyisia é occasionada por lesões cerebraes, e entre estas a mais commum é a apoplexia; e por isso para muitas pessoas a palavra *paralyisia* é synonymo de apoplexia. A paralyisia que occupa a metade lateral do corpo depende de ordinario de uma molestia do cerebro, e principalmente da sua inflammação. A paralyisia que sobrevem subitamente, sem molestia antecedente, deve ser attribuida, as mais das vezes, á apoplexia. A inflammação da medulla espinhal, que resulta de quedas, de pancadas sobre a cabeça ou na columna vertebral, é acompanhada de paralyisia. Mas esta inflammação póde desenvolver-se sem causa conhecida, e ser tambem seguida de paralyisia.

Mas nem sempre a paralyisia depende da alteração apreciavel do cerebro ou da medulla espinhal. As paixões tristes e prolongadas, as evacuações alvinas excessivas, os excessos venereos, o onanismo, o abuso das bebidas alcoolicas, produzem tambem um enfraquecimento notavel dos movimentos voluntarios. As paralyisias n'estes casos procedem de uma simples perturbação das funcções nervosas. Chamão-lhes *paralyisias essenciaes* ou *idiopathicas*. A opilação, e a convalescença das molestias agudas, taes como a angina membranosa, a febre typhoide, a pneumonia, etc., produzem ás vezes uma paralyisia muscular geral. São *paralyisias essenciaes*. Suas causas tambem são as contusões, as compressões exteriores prolongadas, como se vê nos membros depois da applicação de apparelhos de fracturas.

A paralyisia essencial é uma verdadeira nevrose, isto é, molestia nervosa, porque não tem caracteres anatomicos apreciaveis nem no cerebro, nem na medulla espinhal, nem nos cordões nervosos, e porque a perturbação da funcção nervosa constitue toda a molestia.

Caracteres das paralyisias essenciaes. As paralyisias essenciaes podem ser geraes como na affecção descripta mais adiante sob o nome de *paralyisia progressiva*, ou apresentar-se sob a fórma da paraplegia, quasi nunca sob a da hemiplegia. A hemiplegia essencial é, com effeito, extremamente rara, entretanto que a paraplegia existe com bastante frequencia sem achar sua explicação n'uma lesão material da medulla. Ordinariamente as paralyisias essenciaes são mais ou menos circumscriptas a um orgão, como a bexiga, um membro, e sobretudo o antebraço e o rosto.

Estas paralyisias formão-se ás vezes progressivamente; de ordi-

nario são rapidas, subitas na sua invasão. Podem persistir durante mais ou menos tempo, apresentando ás vezes alternativas, boas ou más, que não se observão nas paralyrias symptomaticas. As vezes incuraveis, tem por consequencia o definhamento dos musculos; e se sobrevierem n'uma criança, estorvão o desenvolvimento dos ossos, e produzem deformações nos membros ou na columna vertebral. Quantos não são os pés tortos, as deformidades dos membros e gibosidades do espinhaço que resultão d'estas paralyrias. As mais das vezes comtudo a molestia, depois de uma duração variavel, diminue e cessa sem deixar deformidade apreciavel; em alguns casos a paralyria desaparece rapidamente; mas então póde reproduzir-se do mesmo modo, mudar de lugar, alternar com outros accidentes nervosos: isto se observa sobretudo nos casos em que a paralyria é uma das expressões do estado hysterico.

Tratamento. O tratamento da paralyria varia conforme a causa que a produzio. Sendo acompanhada de febre e dôr de cabeça, reclama o emprego de uma sangria. N'estes casos depende ordinariamente da *apoplexia*, *encephalite* ou *myelite* (*vejaõ-se* estas molestias). Mas se a paralyria não fôr a expressão de uma lesão organica; e mesmo, n'este caso, quando não existe mais o estado agudo, o tratamento consiste em excitar o systema nervoso com fricções estimulantes. Eis-aqui as receitas.

1º *Linimento ammoniacal.*

Oleo de amendoas doces.	72 grammas (18 oitavas)
Ammoniac liquido.	8 grammas (2 oitavas).

2º *Linimento ammoniacal camphorado.*

Oleo camphorado..	72 grammas (18 oitavas)
Ammoniac liquido.	8 grammas (2 oitavas).

3º *Linimento camphoro-ammoniacal cantharidado.*

Linimento ammoniacal.	90 grammas (3 onças)
Camphora	12 grammas (3 oitavas)
Tintura de cantharidas.	30 gottas.
4º Essencia de terebinthina	120 grammas (4 onças).

5º *Linimento estimulante.*

Essencia de terebinthina.	60 grammas (2 onças)
Ammoniac liquido.	30 grammas (1 onça)

6º *Linimento de Rosen.*

Oleo concreto de moscada.	4 grammas (1 oitava)
Oleo volatil de cravo.	4 grammas (1 oitava)
Alcoolato de zimbro..	72 grammas (18 oitavas).
7º Balsamo de Fioravanti.	120 grammas (4 onças).

Os outros meios são :

Applicação quotidiana, ou de dois em dois dias, de *ventosas seccas* sobre o espinhaço; 20 ventosas por dia.

Electrização. Nas paralyrias essenciaes e nas paralyrias organicas antigas, cuja lesão organica póde ser considerada como curada, convem recorrer á electrização por meio de machinas de inducção. O modo de applicar estas machinas, e os seus desenhos, achão-se no meu FORMULARIO.

Os sinapismos, os causticos, e os banhos sulfurosos, tambem aproveitão. Eis-aqui a receita do banho sulfuroso :

Sulfureto de potassio secco. 90 grammas (3 onças)

Agua commum. 500 grammas (16 onças).

Dissolva e deite o liquido em uma banheira de páo que tenha sufficiente quantidade d'agua quente para um banho geral.

Os banhos do mar frios, e os banhos aromaticos quentes convem muito nas paralyrias antigas. O modo de preparar os banhos aromaticos acha-se indicado no vol. I, pag. 307.

Ha emfim indicações tiradas do estado constitucional dos doentes. Quando os doentes estão enfraquecidos, opilados, é preciso restaurar as suas forças por meio de um regimen analeptico (tapioca, ovos, carne assada, vinho), e com preparações ferruginosas. *Veja-se ANEMIA.*

As caldas que podem ser applicadas com vantagem contra as paralyrias são : no Brasil, *Caldas*, na provincia de Minas Geraes; em Portugal, *Caldas da Rainha*; em França *Bourbonne*, *Bourbon-l'Archambault*, *Bagnères-de-Luchon*, *Barèges*, *Aix-en-Savoie*, *Balaruc*; na Allemanha, *Aix-la-Chapelle*, *Wiesbaden*, *Wildbad*.

Depois d'esta generalidades vamos estudar algumas das fórmias mais notaveis das paralyrias essenciaes.

Paralyria do antebraço, ou *paralyria do nervo radial*.

Causas. Esta molestia declara-se ordinariamente debaixo da impressão do frio humido; as mais das vezes sobrevem durante o somno, quando a pessoa se deitou sobre um terreno humido; outras vezes apparece depois da impressão de uma corrente de ar frio. Em todos os casos a molestia apparece sem prodromos. A pessoa, depois de deitar-se de boa saude, acorda paralytica; se recebeu a impressão do frio durante o dia, experimenta logo entorpecimento nos musculos do antebraço; e, depois de algumas horas, não póde mover o braço.

Tratamento. Os sinapismos, as fricções com os linimentos indicados na pag. 590 d'este volume contra a paralyria em geral, os causticos, as caldas, e, finalmente, a electrização, devem ser empregados contra a paralyria do antebraço.

Paralysia que procede da apoplexia. V APOPLEXIA, vol. I, pag. 221.

Paralysia arsenical. A administração de doses repetidas de arsenico, 5 a 10 centigrammas por dia, constitue o que se chama *envenenamento lento*, e produz a paralysia da metade inferior do corpo. Os primeiros symptomas limitão-se a alguns vomitos que se acalmão promptamente. Mas depois de algum tempo, reapparecem os incommodos que seguem de ordinario a administração d'esta substancia venenosa, que consistem principalmente na sensação de acrimonia e de calor ardente na garganta e no estomago. Os vomitos reapparecem; são frequentes, biliosos, são provocados por qualquer alimento, são acompanhados de colicas violentas e de digestões difficeis. O doente, fatigado de lassidão e de dôres nos membros, fica na impossibilidade de se ter em pé. Hemorrhagias pelo nariz, nodoas pelo corpo, erupções miliares, mostrão-se por intervallos. A alteração do rosto, emmagrecimento progressivo, dão a apparencia de uma velhice anticipada. As dôres das juntas estendem-se ás costas e complicão-se de contracção dos dedos dos pés, das mãos e do tremor; a pelle experimenta comichões e sensação de calor e de frio. Emfim perdem-se os movimentos, e declara-se uma paralysia da metade inferior do corpo.

Tratamento. É preciso cessar o uso das preparações arsenicaes, e usar das preparações de ferro, sobretudo segundo a seguinte receita:

Acafrão de Marte aperiente em pó. 30 centigram. (6 grãos)

Gengibre em pó. 30 centigram. (6 grãos),

e faça com esta dose mais 23. Para tomar uma dose, tres vezes por dia, n'uma colher d'agua fria com assucar. Recorra-se tambem ás fricções estimulantes indicadas contra a paralysia em geral, e ás caldas sulfurosas.

Paralysia da bexiga. Diz-se que a bexiga está paralyzada quando cessa de contrahir-se para expulsar a ourina que se accumula na sua cavidade.

Symptomas, marcha. A paralysia da bexiga apparece ás vezes de repente; o que tem lugar quando depende de uma lesão do encephalo ou da medulla espinhal, ou quando se declara no curso das affecções graves da economia, ou quando é de origem hysterica. A paralysia essencial apparece em geral de maneira lenta e gradual. A bexiga, de menos em menos contractil, desembaraça-se com custo e incompletamente da ourina que contém; os doentes não expulsão o liquido senão depois de grandes esforços. O jacto não póde ser lançado longe; a ourina, em vez de formar um arco, cahe entre as coxas; as ultimas gottas que chegão ao canal correm mesmo involuntariamente. Estas difficuldades na

excreção urinaria são de mais em mais consideraveis; a quantidade de ourina expulsa cada vez vai diminuindo cada dia, sobrem finalmente uma retenção completa. A bexiga, estendida cada vez mais pela ourina, levanta-se por cima do pubis, e sobe ás vezes até ao embigo. Forma sobre a parte mediana um tumor globoso, superficial, que se sente e que se circumscreve facilmente, deprimindo com a palma da mão a parede do ventre. A pressão feita sobre este tumor causa incommodo, e até dôr, desperta ás vezes vontade de urinar, e pôde provocar a expulsão de algumas gottas de ourina.

A distensão da bexiga pela ourina determina uma sensação de peso, e mesmo de dôr no ventre. Com alguns esforços, e ás vezes espontaneamente, vê-se certa quantidade de ourina correr e produzir um allivio que persiste mais ou menos tempo; diz-se então que os doentes ourinão *por trasbordamento*. N'este caso a bexiga perde só o que lhe sobra, como se fosse n'um vaso incerte de duas aberturas e já cheio, que, recebendo um excesso de liquido, o perderia immediatamente.

A ourina não pôde demorar-se indefinidamente na bexiga sem damno para o órgão mesmo, e logo depois para a economia inteira: pôde resultar d'isto ou uma inflammação aguda ou um catarrho vesical; é, pois, necessario fazer cessar este estado.

Duração; terminações. A paralyisia da bexiga tem uma duração variavel; pôde ser só ephemera, cessar tão de repente como veio, quando resulta de uma simples fadiga, de uma distensão forçada do órgão, ou quando constitue um dos numerosos accidentes da affecção hysterica; persiste pelo contrario indefinidamente, quando o seu principio foi obscuro, seus progressos lentos, e quando ataca os individuos idosos. A paralyisia, que é symptomatica de uma molestia do encéphalo ou da medulla, ou que sobrevem no curso de uma febre grave, cessa de ordinario com a molestia que a determinou.

Causas. Uma distensão excessiva das paredes da bexiga pôde ser seguida de uma impossibilidade na excreção urinaria; o que acontece aos individuos que achando-se em companhia de outras pessoas não ousão ausentar-se para satisfazer a vontade de urinar. Mas de ordinario n'estes casos ha só enfraquecimento passageiro e não uma paralyisia real, e a prova d'isto é a rapidez com que o accidente se dissipa espontaneamente no maior numero de casos. — A paralyisia da bexiga resulta muitas vezes do progresso da idade; ataca sobretudo as pessoas de constituição molle, os individuos entregues aos trabalhos de gabinete, os que, por preguiça, distracção ou negligencia, resistem á necessidade de urinar ou não

deixão a bexiga esvaziar-se completamente; os que, durante a noite, em lugar de se levantarem, urinão deitados de lado, posição em que a bexiga, obrigada a contrahir-se fortemente, cansa-se e perde com o tempo a sua acção. — Attribute-se também a paralyisia da bexiga ao desenvolvimento anormal da prostata, glandula situada na parte inferior do collo da bexiga. A paralyisia pôde sobrevir em consequencia das quédas de um lugar elevado, ou de pancadas nas cadeiras; pôde, emfim, acompanhar as molestias agudas do encephalo, da medulla e outras.

Tratamento. Todas as vezes que a bexiga paralyzada se achar estendida pela urina, deve-se dar sahida ao liquido por meio de uma sonda (*veja-se* CATHETERISMO). Repetir-se-ha a operação muitas vezes por dia. Para despertar a sua contractilidade forão propostos diversos meios. Convem produzir uma especie de abalo pela applicação de corpos frios na parte inferior do ventre; approximar, por exemplo, o ourinol ao escroto; pôr no ventre pannos molhados em agua fria.

Friccione-se o ventre com um dos linimentos seguintes :

1º Essencia de terebinthina 120 grammas (4 onças).

2º *Linimento de cantharidas camphorado.*

Tintura de cantharidas. 15 grammas (1/2 onça)

Oleo de amendoas doces. 120 grammas (4 onças)

Sabão amygdalino. 30 grammas (1 onça)

Camphora. . 2 grammas (40 grãos).

Os banhos frios de rio ou do mar, os banhos quentes aromaticos são mui uteis na fraqueza da bexiga. Um caustico nas cadeiras pôde também ser vantajoso.

Paralysias consecutivas a diversas molestias.

Algumas paralysias sobrevem no curso ou na convalescença de molestias agudas mui diversas, taes como a febre typhoide, a pneumonia, a esquinencia simples, as bexigas, a escarlatina, os sarampos, e sobretudo a angina membranosa. Estas paralysias não tem causa organica apreciavel. Sobrevem, em geral, nos casos em que a molestia enfraqueceo consideravelmente a constituição. Estas paralysias são parciaes; invadem, por exemplo, o céo da bocca, um olho, um braço, uma perna, etc. Sua duração é passageira.

O *tratamento* consiste em um regimen analeptico, carne assada, tapioca, araruta, ovos, vinho, etc.; banhos com plantas aromaticas (alecrim, alfazema, tomilho, salva, hortelã, etc.); no uso das preparações de ferro e de quina, cujas receitas seguem :

1º Pilulas ferruginosas de Vallet. 30.

Para tomar 2 pilulas por dia, uma pela manhã, outra á noite.

2º Vinho de quina.. 250 grammas (8 onças).

Para tomar uma colher *de sopa*, duas vezes por dia.

Paralytia geral progressiva. Principia por um embaraço na falla. Em outros casos, o enfraquecimento começa pelos membros inferiores ou superiores; os individuos tropeção e cahem frequentes vezes; tem um andar incerto; tem menos habilidade nas mãos: sua escripta torna-se desigual, mudada, de mais em mais difficil de ler-se. Queixão-se ás vezes do entorpecimento, do frio nos membros, e gaguejão. Estes symptomas aggravaõ-se progressivamente: a paralytia augmenta e estende-se. A memoria e a intelligencia diminuem, e, por fim, desaparecem completamente.

As causas da paralytia progressiva não são conhecidas.

Tratamento. Uma pessoa acommetida de paralytia geral progressiva deve cessar todo o trabalho, deixar os negocios, para viver tranquillã no campo. Trata-se esta molestia, com ventosas seccas ao longo do espinhaço, banhos frios do mar, banhos quentes aromaticos, causticos volantes na nuca, e electrização.

Paralytia do hombro. A impossibilidade de levantar o braço caracteriza a paralytia do musculo que ergue o braço e que se chama musculo deltoideo. As causas mais communs d'esta paralytia são: o resfriamento e as contusões. O tratamento consiste em applicar um sinapismo e fazer depois fricções com um dos linimentos indicados contra a paralytia em geral, na pag. 590 d'este volume.

Paralytia hysterica. Nas pessoas hystericas, quer durante o ataque, quer depois, sobrevem ás vezes paralytias da sensação e do movimento, mais ou menos persistentes. Estas pessoas só conhecem pela vista que se lhes toca, que se lhes dá um beliscão ou uma picada; se não vissem o que se lhes faz, não sentirião cousa alguma. A gota serena apparece ás vezes nas mulheres sujeitas ao hysterismo. Sobrevem ás vezes falta da voz, paralytia da metade inferior ou lateral do corpo, ou uma paralytia geral. Estes symptomas desaparecem ás vezes de repente; e a sua cura subita causa tanta admiração como a sua apparição instantanea.

Tratamento. As paralytias hystericas exigem o emprego dos medicamentos antispasmodicos, das poções com ether, laudano de Sydenham, chá de folhas de laranjeira, de herva cidreira, dos banhos geraes d'agua tepida. Sárão debaixo da influencia dos meios moraes, das consolações que fazem nascer a esperanza, dos medicamentos secretos em que os doentes tem fé. É sobretudo contra estas paralytias que produzem excellentes efeitos as viagens de devoção, as romarias aos lugares santos onde a fé conduz as doentes

com uma especie de enthusiasmo, na esperança da cura que ellas achão realmente. *Veja-se* HYSTERISMO.

Paralysias da infancia. Observa-se ás vezes nas crianças uma paralyisia mais ou menos extensa, seguida da falta de desenvolvimento ou de uma degenerescencia gordurosa dos musculos, e que merece o nome de essencial, por não estar ligada a lesão alguma material dos centros nervosos.

Causas. Esta paralyisia apparece as mais das vezes nos dois primeiros annos. Em geral não se póde descobrir a sua causa determinante: em alguns casos mostra-se depois das convulsões.

Symptomas, marcha. Raras vezes a paralyisia sobrevem de maneira latente. No maior numero de casos é subita, quer accometta a criança no meio da saude perfeita, quer se declare depois das convulsões. A paralyisia é, em geral, parcial, limitada a um braço ou a uma perna. Ás vezes não invade todos os musculos de uma parte. Não ha febre, nem perturbação notavel nas principaes funcções. A paralyisia póde ser só cphemera, e cessar rapida e completamente depois de uma duração que varia desde algumas horas até cinco ou seis mezes; mas muitas vezes tambem a paralyisia persiste; a molestia entra então n'um periodo novo que se chama *atrophico*. Os musculos paralyisados emmagrecem.

Tratamento. Compõe-se de fricções com linimentos indicados contra a paralyisia em geral, pag. 590, banhos aromaticos, banhos do mar, e electrização por meio de maquinas de inducção. (*Veja-se* ELECTRICIDADE).

Paralyisia da palpebra. Depende da paralyisia do nervo motor ocular commum. Tem por effeito determinar o abaixamento ou prolapso da palpebra superior, que não póde erguer-se, por maior esforço que o doente faça. Existe tambem n'esta paralyisia estrabismo externo, vista dupla e dilatação da pupilla.

Causas. Esta paralyisia resulta de uma contusão da região frontal, de uma ferida da sobrancelha, da acção do rheumatismo, da fadiga dos olhos pelo trabalho em objectos muito pequenos, da congestão cerebral, e da inflammação chronica do cerebro.

Tratamento. Aplicar causticos volantes na fonte e na testa; fazer fricções na testa com um dos linimentos indicados contra a paralyisia em geral, pag. 590, d'este volume.

Paralyisia rheumatismal. Debaixo da influencia do rheumatismo, depois da impressão momentanea ou prolongada de um frio humido, desenvolvem-se ás vezes paralyisias diversas e mais ou menos extensas: umas, limitadas a um nervo, não invadem senão um ou muitos musculos; outras affectão um membro, dois mesmo, e então os dois membros inferiores. Forão observadas

estas paraplegias nas pessoas que se tinham deitado accidentalmente n'um lugar humido, ou que tinham sido molhadas em quanto o corpo estava [suando. Tem sido notado o mesmo accidente nos individuos que se entregavão com ardor á pesca ou á caça nos lugares pantanosos. Não sómente a influencia rheumatismal n'estes casos parece provada pela natureza da causa, mas vio-se, além d'isto, o mesmo accidente sobrevir no curso de um rheumatismo, e estar manifestamente ligado á mesma diathese. N'estas paralysias não existe lesão organica apreciavel.

O *tratamento* compõe-se de fricções com os linimentos indicados na pag. 590, de sinapismos, causticos, banhos aromaticos, banhos sulfurosos. É n'esta fórma de paralysia que o effeito de certas caldas é maravilhoso; são as mesmas que se achão indicadas tratando da paralysia em geral, pag. 591.

Paralysia do rosto, ou *hemiplegia facial*. A hemiplegia facial depende da paralysia do setimo par dos nervos. Conhece-se pela immobildade e insensibilidade do lado correspondente da face.

Causas. Esta molestia procede de uma lesão do cerebro ou do nervo correspondente ao lado paralyzado, de uma carie dos ossos do craneo, de uma forte emoção moral, tal como um accesso de colera, ou de uma corrente de ar frio sobre o rosto; póde sobrevir tambem sem causa conhecida.

Symptomas. A molestia póde apparecer de repente, ou declarar-se progressivamente. Póde existir algum tempo sem que os doentes o saibão; muitos são prevenidos d'ella por seus amigos, que lhes notão uma mudança nos traços do rosto; alguns doentes apercebem-se d'ella quando, estando diante do espelho, põem-se a rir ou a fazer executar certos movimentos aos musculos, como quando se faz a barba. Estas pessoas reconhecem a affecção por faltar a expressão a um lado do seu rosto, e por este achar-se arrastado do lado opposto logo que querem fallar ou rir-se. Outros são advertidos de sua molestia por não poderem mais assobiar nem fechar a palpebra. Em geral, não sentem nem dôr de cabeça, nem incommodo algum; comtudo ás vezes a região lateral do rosto está sensível, dorida, algum tanto intumescida. Quando a paralysia facial é completa, a sobrancelha está mais baixa do que a do lado opposto, e inclinada para a linha mediana; a metade correspondente da testa não póde mais enrugar-se. A impossibilidade de poder cobrir o olho com a palpebra, faz com que o doente não possa garantir-se da luz durante o somno senão fazendo executar ao orgão um movimento de rotação para cima. Mais tarde a bocca e a lingua desviam-se para o lado opposto; o doente não póde pronunciar as letras *b* e *p*.

Tratamento. Friccione-se o rosto com balsamo opodeldoch, com linimento ammoniacal, cuja receita se acha na pag. 590. Applique-se um pequeno caustico por diante do conducto auditivo. Se estes meios não bastarem para conseguir a cura, recorra-se á electrização por meio de uma das maquinas de indução.

Paralytia saturnina. Assim se chama á paralytia que sobreveem nos individuos expostos ás emanações das preparações de chumbo, ou, por outro nome, preparações saturninas.

O chumbo, quando foi absorvido, determina ás vezes paralytias mais ou menos extensas. Este modo de envenenamento póde encontrar-se nos individuos que se achão habitual ou accidentalmente em contacto com as preparações de chumbo. Observa-se sobretudo nos obreiros das fabricas de alvaiade e de minio, nos pintores de casas, nos que moem as tintas, nos fundidores de caracteres typographicos, nos oleiros; encontra-se tambem, porém menos frequentemente, nos compositores typographicos, nos fabricantes de cartas de jogar, nos vidraceiros. A falta de asseio favorece a acção venenosa do chumbo.

Symptomas. A paralytia é precedida de *colica de chumbo* (veja-se esta palavra). É annunciada por lassidões, por [uma sensação de frio, entorpecimento, lentidão dos movimentos. Raras vezes é geral e completa; póde ser limitada a um só musculo. Os membros inferiores são muito menos frequentemente affectados do que os superiores.

O doente não póde ficar em pé, ou treme sobre os membros. Quando os braços estão paralyzados, achão-se pendentes ao comprimento do corpo e immoveis. Os doentes não podem pegar nos objectos. A paralytia é ordinariamente dupla; algumas vezes é limitada a um só braço. Quando é geral, os labios tremem, a lingua move-se difficilmente, a palavra está embaraçada. A sensibilidade está quasi sempre intacta nos membros paralyzados; porém na vigesima parte dos enfermos os membros privados de movimento são tambem insensiveis.

Duração. A duração da paralytia saturnina é indeterminada; a molestia póde cessar depois de alguns dias, ou persistir durante muitos annos. A cura póde ser completa ou incompleta.

Tratamento. Em primeiro lugar, é preciso fortificar a constituição por uma alimentação nutritiva, pelo uso de bom vinho, pelas preparações de quina e de ferro. No exterior empregão-se as fricções aromaticas e excitantes, as duchas sobre a columna vertebral e sobre os membros paralyzados, os banhos do mar, os banhos sulfurosos naturaes ou artificiaes; os sinapismos e os causticos.

Eis-aqui as receitas :

1º Ferro reduzido 30 grammas.

Divida em 30 papeis. Tomar 1 papel por dia.

2º Vinho de quina . 500 grammas.

Beber uma colher *de sopa*, 2 vezes por dia.

3º *Linimento de Rosen.*

Oleo concreto de moscada 5 grammas (1 1/4 oitava)

Oleo volatil de cravo. 5 grammas (1 1/4 oitava)

Alcoolato de zimbro. 90 grammas (3 onças).

Misture. Para friccionar o espinhaço.

4º Balsamo de Fioravanti. . . 90 grammas (3 onças).

Para friccionar os membros paralyzados.

5º *Banho sulfuroso artificial.*

Sulfureto de potassio. . . 100 grammas (3 onças)

Agua. 200 grammas (6 onças).

Dissolva e filtre. Deita-se este liquido em banheira de páo, que tenha sufficiente agua para um banho geral.

Os banhos sulfurosos naturaes tomão-se na villa das Caldas (no Brasil), e nas Caldas da Rainha (em Portugal).

PARAPHIMOSIS. Assim se chama o aperto excessivo, ou a estrangulação da glande pela abertura mui estreita do prepucio, quando este involucro cutaneo, depois de ter sido recuado atraz da corôa, não pôde mais tornar a cobrir a extremidade do membro viril.

Causas. Este accidente é quasi sempre resultado de uma gonorrhœa mui violenta, mas pôde tambem sobrevir sem esta causa. Sobrevem, ás vezes, a individuos sãos que, tendo a glande habitualmente coberta, descobrem-n'a, ou por curiosidade, ou para fazerem lavatorios, e deixão passar algum tempo para reconduzirem as partes ao seu estado natural; a glande então incha e torna-se tão volumosa que não pôde passar de novo pela abertura estreita do prepucio. Pôde tambem ser determinado pela presença dos cancrios venereos no prepucio.

Symptomas. Qualquer que seja a causa do paraphimosis, eis-aqui as consequencias d'este accidente. A abertura do prepucio, applicada circularmente sobre o membro viril, aperta fortemente este orgão, e causa um obstaculo não só á circulação do sangue da glande, mas ainda á do da membrana interna do mesmo prepucio, que incha e forma muitos anneis, desiguaes, vermelhos e luzidios. A glande torna-se tambem vermelha e luzidia, todas as partes ficam mui dolorosas; os cavallos, se existem, augmentão e inflam-mão-se. Quando a constricção é pouco consideravel, a vermelhidão e a dôr desaparecem ás vezes; então existe só inchação da mem-

brana interna do prepucio, e n'este estado ficão as cousas por tanto tempo quanto durar a demora em se acudir ao paraphimosis; mas de ordinario o prepucio e a glande inflammão-se, o doente experimenta anxiedade, agitação e dôres vivas, que não cêssão senão quando a gangrena tem destruido o prepucio e o freio. Depois de cahirem as partes mortificadas, a pelle cicatriza-se pouco a pouco, e como felizmente é mui rara a gangrena da glande, o doente acha-se, depois da cura, reduzido ao estado de um homem em que se tenha praticado a operação da circumcisão, isto é fica com a glande sempre descoberta.

Tratamento. Para prevenir estes accidentes, cumpre reduzir o prepucio da maneira seguinte : Estando o doente em pé e encostado a uma parede, o operador applica o dedo index de cada mão atraz da glande, e puxa a pelle do prepucio para diante, em quanto que os dois dedos pollegares, firmados sobre a glande, a repellem para traz. Ao mesmo tempo outra pessoa deita continuamente agua fria sobre a glande. A redução faz-se de ordinario com facilidade; mas ás vezes são necessarios bastantes esforços. Restabelecidas as partes nas suas relações, o doente experimenta um allivio prompto, a inchação e todos os accidentes desaparecem, e tudo entra no estado normal; apenas é necessario favorecer a cura, com lavatorios d'agua morna e pela posição do membro viril, que deve ser applicado contra o ventre. Havendo blennorrhagia ou caneros venereos, applica-se-lhes o tratamento conveniente, como se o paraphimosis não tivesse existido.

PARAPLEGIA. Nome dado á paralysis, quando occupa a parte inferior do corpo, isto é, os membros abdominaes, a bexiga e o recto. É acompanhada da retenção ou da incontinencia de ourina, e da impossibilidade de evacuar as materias fecaes.

Causas. As causas ordinarias d'esta paralysis são quédas de um lugar elevado, e a inflammação da medulla espinhal. Mas ha paraplegias que não estão ligadas a lesões organicas dos centros nervosos; taes são as que se desenvolvem sympathicamente debaixo da influencia de uma inflammação das visceras abdominaes, de uma febre grave, ou que resultão do rheumatismo ou da anemia.

Tratamento. Se a paraplegia sobrevier depois da quéda de um lugar elevado, applicuem-se 10 a 15 bichas nas cadeiras; depois cataplasmas de linhaça, e semicupios d'agua tepida. Esvazie-se a ourina por meio de uma sonda. O modo de introduzir a sonda na bexiga, acha-se indicado no artigo CATHETERISMO. Administrem-se clysteres d'agua morna, para facilitar a evacuação das materias fecaes. Depois, recorra-se ás fricções estimulantes nas cadeiras,

com os linimentos indicados no artigo PARALYSIA, v. II, p. 590. *Veja-se* também MYELITE.

PARA-RAIO, GUARDA-RAIO OU CONDUCTOR. — Os *conductores* ou *guarda-raios*, como este ultimo nome o indica, são apparatus destinados a preservar dos effeitos do raio.

Consistem n'uma haste de ferro, de 6 a 10 metros (18 a 30 pés) de altura, fixa sobre o edificio que se quer proteger, e communicando com o solo por meio de uma corda de arame de ferro ou de cobre que se chama *conductor*. Fig. 390. Este deve achar-se em

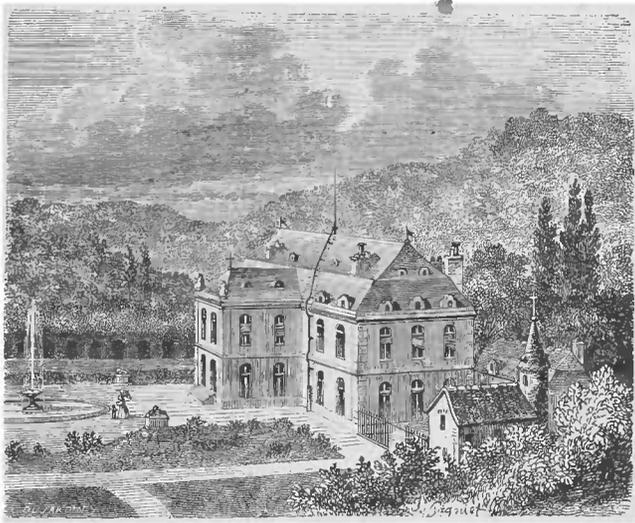


Fig. 390. — Para-raio ou conductor.

communição intima com a terra, e por isso tem a extremidade inferior mergulhada na agua de um poço, ou então enterrada até 4 ou 6 metros de profundidade, em um buraco que se enche depois de brazas de padeiro, especie de carvão que é bom conductor da electricidade. Carvão de coke produziria o mesmo effeito.

O guarda-raio foi inventado por Franklin em 1755.

Franklin e os physicos do seu tempo julgavão que os guarda-raios descarregavão nuvens de trovoada, roubando-lhes a sua electricidade. Hoje que se conhece a acção por influencia dos corpos electrizados e o poder das pontas, essa explicação não póde mais ser admittida; é o inverso que se deve dizer. Com effeito, quando uma nuvem fortemente electrizada se acha suspensa na atmosphera, actuando por influencia sobre a electricidade neutra do solo, repelle a do mesmo nome que a sua, e attrahe a do nome contrario que se accumulala sobre os corpos situados por baixo da

nuvem. Esses corpos tem então uma grande tendencia a ser tocados do raio, mas se forem providos de pontas metallicas, estas dão sahida ao fluido electrico para a nuvem. De sorte que, não só impedem que a electricidade se accumule nos corpos terrestres, mas tendem progressivamente a reconduzir a nuvem electrica ao estado neutro, duplo effeito que evita a queda do raio. Comtudo, a electricidade que tende a desenvolver-se pelos guarda-raios é ás vezes tão abundante, que elles se tornão insufficientes para descarragar o solo, cahe então o raio, porém são elles que, em virtude da sua melhor conductibilidade, recebem a descarga.

Importa que os guarda-raios terminem em ponta, para darem mais facil passagem ao fluido emittido pelo solo; e como a ponta tende a embotar-se pela oxydação, isto é, pela ferrugem que se forma sobre o ferro debaixo da influencia da humidade, é bom dourar-lhes a extremidade ou adaptar-lhes uma ponta de cobre, metal menos oxydavel que o ferro. Concebe-se tambem quanto importa que não haja solução de continuidade no conductor que faz communicar a haste com o solo; o guarda-raio seria então mais perigoso do que util; porque só serviria para dirigir o raio sobre o edificio. A experiencia tem demonstrado que um conductor bem construido protege em roda de si um espaço equivalente a um circulo cujo raio é igual ao comprimento da sua haste; e por consequente, quanto mais elevado fôr, tanto maior será a sua efficacia.

PARATUDO. Com este nome designão-se no Brasil quatro a cinco vegetaes; que são empregados pelos habitantes do interior, se não para todas as molestias, como o seu nome o indica, ao menos para muitas :

1º *Gomphrena officinalis*, Martius. Amarantaceas. Esta planta habita nas provincias de S. Paulo e Minas. Caule herbaceo de 4 a 8 pollegadas, quadrado, duro, vermelho; folhas oppostas, mui variaveis em quanto á fórma, ora orbiculares, ora oblongas, ora ovaes, todas sesses, cobertas de pellos nas duas faces, que são de um verde amarellado; flores reunidas em uma unica cabeça terminal, muito grande, hemispherica, tendo até 2 pollegadas de diametro, acompanhada de um involucro. A raiz é amarga e aromatica, e empregada no fastio, debilidade geral, diarrhea e febres intermittentes. Os cultivadores do interior do Brasil julgão que é boa contra as mordeduras das cobras; e que cura muitas outras molestias.

2º **Amendoirana.** Veja-se vol. I, pag. 154.

3º **Herva moura do sertão**, CASCA PARA TUDO. *Cinamodendron axillare*, Martius. Canellaceas. Arvore do Brasil. Folhas

ellipticas e obtusas; flores axillares e pendentes; fructo, baga trilocular, contendo uma ou duas sementes em cada loculamento. A casca é amarga e aromatica; a infusão d'esta casca é empregada internamente nas molestias acompanhadas de grande debilidade; e externamente em gargarejos na esquinencia chronica, 8 gram. (2 oitavas) para 250 grammas (8 onças) d'agua fervendo.

4º **Casca de anta.** *Veja-se* vol. I, pag. 504.

PAREAS, Secundinas ou **Ultimas.** Em quanto permanece no seio materno, está o feto contido em um sacco composto de tres membranas, e prende-se pelo cordão umbilical a um corpo molle, esponjoso, chato, circular, chamado *placenta*. Este corpo só existe durante a prenhez, e, pela adherencia de uma de suas superficies ao utero, estabelece a communicacão entre a mãe e a criança. Depois de expulsa a criança, ficão no utero as membranas e a placenta: á reunião d'estes dois orgãos é que se dá o nome de *pareas*, *secundinas* ou *ultimas*. Estes restos do *peso* com que a mulher andava carregada durante a gravidez sahem depois da criança.

O mecanismo da expulsão comprehende dois tempos: 1º a separação da placenta; 2º sua sahida. A separação é o effeito das contracções uterinas; porque o utero não póde diminuir de volume sem destruir as adherencias da sua face interna com a face externa da placenta. Uma vez separada, a placenta entra no orificio uterino, o utero, irritado por sua presença, aperta-se cada vez mais, e acaba por deita-la completamente para fóra.

O tempo que decorre entre o parto e a sahida das secundinas varia muito. Ás vezes sahem estas logo depois da criança, outras vezes passado um quarto de hora ou muitas horas. Em geral, quanto mais vigorosa é a mulher, e quanto maior tempo durou o parto, tanto mais proximo é o instante da sahida das secundinas. Será pelo contrario tanto mais afastado, quanto mais fraca fôr a mulher, ou quanto menos obstaculos tiver a criança experimentado na sahida.

Quasi sempre a sahida das pareas póde ser abandonada aos unicos esforços da natureza; entretanto, é incontestavel que se opera com maior facilidade quando ajudada a tempo. Reconhece-se que a placenta está separada, e que o utero tende a rejeita-la, pela formação de um tumor duro, mais ou menos globoso, que póde comparar-se ao volume da cabeça de uma criança, o que se sente applicando a mão sobre o ventre. Não existindo este signal, a parteira poderia provoca-lo por algumas fricções feitas sobre o ventre com a mão; então, agarrando com a mão direita, e o mais perto possivel do nascedouro, o cordão umbilical previamente

envolvido em um panno, puxa-se por elle parallelamente ao eixo do corpo. Em quanto assim se puxa com a mão direita, dois dedos da mão esquerda introduzidos no interior das partes genitales apoião sobre o cordão, repellem-n'o para traz, e fazem descer a placenta em uma direcção conveniente. Nunca se deve puxar com tanta força que se possa arrebentar o cordão umbilical, e por isso, se houver resistencia, será melhor esperar, e principiar de novo um quarto de hora depois; comtudo, se este accidente sobrevier, não terá outro inconveniente senão o de tornar a extracção mais difficil por não haver onde pegar.

Chegada ao nascedouro, deve-se enrolar a placenta quatro ou cinco vezes sobre si mesma. Sem este movimento de rotação, as membranas podcrião separar-se e ficar nos órgãos da mulher, entretanto que a torsão torna a extracção mais facil e segura. Depois da sahida das pareas, examinar-se-ha se a placenta está inteira; se tem rasgadura é o indicio de que uma porção ficou no utero: n'este caso, é preciso extrahi-la. Se sobrevier uma hemorragia, convulsões ou syncope, será necessario apressar a extracção do resto das secundinas. Com effeito, a placenta não é então mais que um corpo estranho, que irrita o utero, e torna-se causa permanente de dôres e perda de sangue.

Deve-se sempre tentar a extracção das pareas depois do parto; porque, se ficassem no utero, poderião corromper-se e causar accidentes graves. Entretanto, melhor é abandonar a mulher ao risco incerto das molestias, do que fazer-lhe correr o perigo mais certo das violencias exercidas sobre o utero. Se não fôr possivel extrahir as pareas, convem fazer injeccões no utero com decocção de linhaça e usar de semicupios d'agua tepida. Tem-se visto a placenta sahir naturalmente ao cabo de alguns dias, ou sómente depois de muitas semanas, e até tres ou quatro mezes. Estava então em estado de putrefacção ou dessecada.

Depois de um movito, nem sempre a extracção das pareas se faz sem difficuldade. Quando a mulher aborta nos tres primeiros mezes, frequentemente o ovo sahe todo inteiro; em epoca mais adiantada, a placenta póde ficar dentro, e como se ha de extrahir? A fragilidade do cordão impede que se puxe pôr elle; os órgãos genitales achão-se tão pouco dilatados, que é impossivel introduzir a mão sem lhes fazer violencia e sem occasionar muita dôr. É preciso, por consequente, esperar. Se sobrevier hemorragia, póde ser pouco abundante, ou então assaz consideravel para pôr a mulher em perigo. No primciro caso, deve a parteira limitar-se a excitar as contracções uterinas comprimindo com a mão o ventre; no segundo, introduz-se no interior dos órgãos uma porção de fios

molhados em agua com vinagre. O sangue, parado por esta especie de dique, coalha-se; immediatamente a sua presença irrita o utero, que, contrahindo-se com força, expulsa tudo quanto contém.

No caso de parto de mais de uma criança, a extracção das pareas só se deve fazer depois da ultima, porque as placentas, cujo numero é igual ao das crianças, estão juntas quasi sempre uma a outra, e a extracção de uma não poderia fazer-se sem rasgar a outra, de que resultaria uma hemorragia grave. Todavia, se a disposição é tal que uma d'ellas se despega e se apresenta ao nascedouro, convem extrahi-la depois de haver certeza de que não está unida á outra.

PARIETARIA. *Parietaria officinalis*, Lin. Urticeas. Planta que habita nos tapumes, nas ruinas dos edificios, commum em todo o reino de Portugal; acha-se tambem no Brasil. Em Portugal dão-lhe, vulgarmente o nome de *Alfavaca de cobra*. Fig. 391. Ramos avermelhados, levemente empubescidos, cheios de um succo salgado; folhas ovaes, agudas, luzidias na face superior, pubescentes na inferior; flores pequenas, verdes: é diuretica, por causa do nitro que contém. Emprega-se em infusão, que se prepara com um pugillo de folhas e tres chicaras d'agua a ferver. Usa-se principalmente nas molestias das vias urinarias.

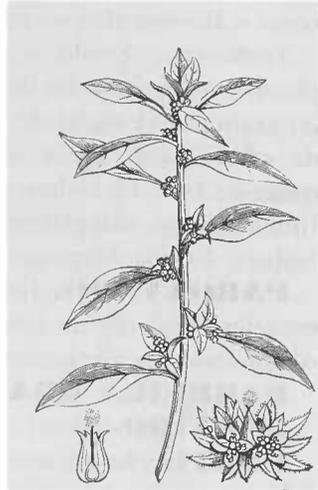


Fig. 391. — *Parietaria*.

PAROTIDA. Assim se chama uma das glandulas salivares, situada em cada lado do rosto, n'um espaço triangular que se acha entre o conducto auditivo externo e a margem posterior do osso maxillar, e de cima para baixo, desde a arcada zygomática até ao angulo do queixo inferior. Sua função consiste em preparar a saliva, que corre para dentro da bocca mediante um canal, cuja abertura se acha de frente do dente primeiro grosso queixal.

Parotida (*Feridas da*). Veja-se vol. I, pag. 1099.

Parotida (*Inchação da*). Veja-se CACHUMBAS, vol. I, pag. 417

Parotida (*Inflamação da*). Veja-se PAROTIDITE.

PAROTIDITE ou PAROTITE. Inflamação da parotida, caracterizada pela dôr, inchação, e ás vezes vermelhidão na região superior e lateral do rosto.

Causas. Esta molestia reina ás vezes epidemicamente, e mos-

tra-se sobretudo nos meninos, sem causa conhecida. Aparece tambem no curso de algumas molestias graves, como febre typhoide, peste, cholera.

Symptomas. Em geral a molestia principia por um embaraço na articulação do queixo, por um pequeno caroço na vizinhança do angulo do osso maxillar inferior; depois, em algumas horas, ou em dois dias, o tumor adquire um tamanho consideravel; pôde invadir uma parte do rosto e do pescoço; oppõe-se então não sómente á abertura dos queixos, mas até torna difficil a deglutição. Sendo a inflamação leve, a pelle conserva sua côr, mas se fôr intensa, o tumor torna-se mais grosso do que o punho de um adulto, está vermelho, e ás vezes violaceo. De ordinario estes tumores resolvem-se; ás vezes acabão por suppuração. Em alguns casos o abcesso abre-se no conducto auditivo externo.

Tratamento. Sendo a inchação pequena, basta applicar cataplasmas de linhaça ou de fecula, e tomar um purgante, tal como 30 grammas (1 onça) de oleo de ricino, ou 60 grammas (2 onças) de sal d'Epsom. Se a inchação fôr extrema e a dôr viva, applicuem-se 10 a 12 bichas atraz da orelha do lado affectado; e continuem-se as cataplasmas. Se se formar abcesso, abra-se com bisturí. *Veja-se* ABCESSO.

PAROXYSMO. Grão extremo a que chegão os symptomas caracteristicos de um accesso de febre, de um ataque de epilepsia; o momento mais vehemente de uma molestia.

PARREIRA BRAVA. *Veja-se* ABUTUA.

PARTIDO. (Osso). *Veja-se* FRACTURA.

PARTO. Assim se chama : 1º a expulsão natural e espontanea do feto humano chegado ao termo ordinario, ou pelo menos viavel; 2º a extracção do mesmo feto pela parteira ou parteiro, por meio de uma operação mais ou menos complicada. A epoca do parto chegado ao termo varia entre o 260º e 280º dia da gravidez. Chama-se parto *tardio* ou *serodio*, quando passa este ultimo termo, e *prematuro*, quando tem lugar antes do 260º dia, mas depois do 180º; porque antes do 180º dia, toma o nome de *aborto*. — Relativamente á maneira pela qual se termina, o parto é *natural* quando se opéra pelos unicos esforços da natureza; *manual*, quando reclama o soccorro da mão; *mecanico* ou *laborioso* quando a mão precisa armar-se de instrumento, tal como, por exemplo, o forceps.

De 20,517 partos que houve no hospicio da Maternidade de Pariz; no espaço de quize annos, 20,183 se effectuarão naturalmente e sem intervenção alguma da arte. Os calculos do Dr. Dugès, de Montpellier, dão para cada 82 partos um parto artificial. Este

simple resultado arithmetico prova que é necessaria muita reserva nos soccorros que se devem prestar á mulher.

O parto opera-se ordinariamente no fim do nono mez; mas é impossivel fixar esta epoca com precisão rigorosa, não só porque as senhoras estão sujeitas a enganar-se em seus calculos sobre a epoca da concepção ou da suppressão dos menstruos, mas tambem por causa das irregularidades d'esta mesma suppressão. É bom saher, com effeito, que muitas mulheres apresentam uma vez, pelo menos, depois da impregnação, todos os phenomenos da menstruação. Todavia, a possibilidade dos nascimentos, passados nove mezes, não póde ser controvertida, e a lei reconhece como legitima a criança nascida dez mezes depois da morte do marido.

Phenomenos geraes do parto. Quando se vai approximando o termo da gravidez, oito, dez e ás vezes quinze dias antes do parto, o utero abaixa-se, os movimentos da criança percebem-se um pouco mais baixo que de costume, a mulher sente-se mais leve e ao mesmo tempo as partes da geração principião a humedecer-se. Ás vezes a estes symptomas ajuntão-se uma sensação de peso na parte inferior do ventre e frequente vontade de urinar. Emfim, chega o termo da prenhez, o trabalho do parto declara-se, a mulher experimenta na porção inferior do ventre dôres curtas, brandas, distantes umas das outras. As partes da geração tornão-se mais humidas e deixão escorrer uma pouca de serosidade. As dôres tornão-se cada vez mais agudas, mais amiudadas, mais demoradas, e deixão uma impressão que ás vezes enche todo o intervallo que as separa, affectão mais a sensibilidade, e as mulheres supportão-n'as com muita impaciencia: cada dôr annuncia-se por uma especie de fremito interior, ás vezes por um calefrio assas marcado, e em geral proporcionado á dôr que tem de seguir. Durante estas dôres, o pulso torna-se frequente, o calor do corpo augmenta, o rosto anima-se, a mulher tem sêde, e existe uma agitação geral e grande. Ás vezes sobrevem enjôos e até vomitos; a serosidade escorre em maior abundancia e tingese de sangue. Passado algum tempo, as membranas rompem-se, e as aguas vem molhar a roupa. O corpo da criança segue a impulsão communicada ao liquido; a cabeça (porque supomos que é ella que primeiro se apresenta, como ordinariamente acontece) aponta na abertura das partes genitales, que se abrem em quanto dura a dôr, para tornarem a fechar-se um pouco quando esta se suspende. Os esforços são extremos e acompanhados de um tremor convulsivo. Emfim, uma dôr ultima, mais energica e mais prolongada, expulsa a cabeça fóra das partes, depois os hombros e o resto do corpo. Está o parto terminado. esta agitação excessiva, a estes

esforços immoderados, a estas dôres intoleraveis, succede instantaneamente um soccego cheio de prazer, que só é interrompido pela felicidade que sente a mulher em saber que chegou a ser mãe. Depois de durar este estado algum tempo, succedem novos esforços que acompanhão a expulsão das pareas.

A duração d'estes phenomenos varia de algumas horas a muitos dias; acontece até que um principio de trabalho se estabelece e pára depois. Isto tem lugar principalmente nos casos em que um accidente, uma quêcia, uma emoção viva, abalão o utero e provocão dôres. Só a duração é que pôde fazer distinguir o verdadeiro trabalho d'aquelle que deve ficar incompleto. Este ultimo diminue pouco a pouco e desaparece em algumas horas, entretanto que o trabalho que deve produzir o parto augmenta e pronuncia-se cada vez mais. Um estado de congestão sanguinea no utero é frequentemente a causa d'estas dôres, que se acalmão pelo repouso. Ha senhoras que julgão estar para parir, dispõem-se se ao parto, fazem esforços para expulsar a criança, e não parem senão cinco ou seis dias depois. As dôres falsas provém tambem de colicas intestinaes; n'este caso sua reaparição é irregular, o lugar variavel, a direcção indeterminada, e existem borborygmos, nauseas, diarrhea, etc. As colicas devem ser tratadas pelos clysteres de decocção de linhaça, pelas bebidas antispasmodicas, taes como chá de folhas de laranjeira ou da India. As cataplasmas de farinha de linhaça applicadas no ventre são tambem uteis.

O parto propriamente dito dura de uma a doze horas. Depois da ruptura das membranas, pôde correr de meia hora até tres horas, sem que este estado seja morboso.

Durante perto de quinze dias que seguem a parturição, os órgãos genitales deixão correr um liquido chamado pelos medicos *lochios*, vulgarmente *parto*. Este liquido é constituido a principio pelo sangue puro, que no espaço de uma hora pôde formar na roupa uma nodoa da largura da mão; mais abundante, constituiria uma hemorragia. No terceiro dia, torna-se seroso, e supprime-se ás vezes quasi inteiramente sob a influencia da febre lactea; ás vezes, ao contrario, sua quantidade augmenta pela mesma causa. Ao quinto ou sexto dia, a materia do corrimento torna-se fetida, amarellada, e emfim toma pouco a pouco um aspecto sero-mucoso. Este estado dura ás vezes até á volta da menstruação: isto é de quinze dias até seis semanas depois do parto. Nas senhoras que dão de mamar, esta primeira menstruação falta mui frequentemente, assim como as seguintes, durante todo o tempo da amamentação; n'estas senhoras tambem os lochios são sempre menos abundantes.

A *secreção do leite* opera-se tambem mais facilmente nas senhoras

que amamentão do que n'aquellas que se dispensão d'esta funcção. Os symptomas febrís apparecem no principio do terceiro dia, são assignalados pelo calor, sêde, dôr de cabeça, pulso frequente; durante vinte e quatro horas, e emfim desaparecem.

Cuidados que devem prestar-se á mãe. Logo que apparecem os primeiros signaes do parto, deve a mulher observar um regimen moderado e conservar-se em repouso. A prisão de ventre é um incommodo assaz ordinario nas mulheres gravidas; assim, acontece muitas vezes que, no momento do parto, o intestino está cheio de materias fecaes endurecidas. A presença d'estas materias torna difficil a progressão da cabeça da criança, e sua expulsão no ultimo momento é dolorosa; por esta razão convem administrar um clyster d'agua morna simples no principio do parto. N'este tempo tambem é preciso preparar a cama. A que mais facilmente se tem á mão, e ao mesmo tempo é mais vantajosa, é uma cama simples estreita ou uma marquezta posta no meio da sala, ou apoiada na parede por uma das cabeceiras, com os dois lados livres, afim de se poder gyrar ao redor d'ella. Esta cama deve ter um colchão um pouco duro, no meio do qual se põe um travesseiro em que se apoião os quadrís; ou então, para que esta parte possa desenvolver-se mais facilmente, dobra-se o colchão e assentão-se os quadrís na sua margem. Convem sempre impedir que as nadegas se enterrem na espessura dos colchões, o que poderia obstar á sahida da criança. Às vezes adapta-se a esta cama uma travessa de páo para suster o esforço dos pés da mulher; mas a cama deve sempre ser disposta de tal maneira, que a mulher ache um ponto de apoio solido para as mãos, cabeça e pés. Esta cama deve estar coberta de um encerado, e sufficientemente guarneccida de lenções, para que estes possam receber o sangue e os outros liquidos que sahem do utero. Duas pessoas collocadas aos lados assistirão a mulher, segurando-lhe com as mãos os joelhos e as pernas dobradas durante a dôr, e offerecendo á mulher os hombros ou os braços para ella firmar as mãos se desejar. A mulher póde ser tambem posta atravessada na cama, com a cabeça e os hombros sustidos por almofadas, e as nadegas apoiadas na beira de cama, os pés postos sobre cadeiras, ou, melhor ainda, sobre os joelhos de duas pessoas sentadas de cada lado. É preciso tambem preparar um berço ou ao menos uma almofada para receber a criança, linha, tesoura, um pedaço de panno de linho, bacia, agua quente, e a roupa do recém-nascido.

O medico ou a parteira, uma criada e duas pessoas sinceramente afeiçãoadas á mulher, bastão ordinariamente para assisti-la durante o parto. Maior numero póde ser nocivo por augmentar o calor ou

viciar o ar do quarto, por seus movimentos, seus discursos que fadiga, ou pela expressão de sua physionomia que annuncia a tristeza e a inquietação. Toda a pessoa que não fôr do agrado da mulher, e cuja presença possa ser para ella um objecto de constrangimento, e as que não se acharem com forças bastantes para conservar o semblante tranquillo ao aspecto dos soffrimentos que a mulher padece, ou dos riscos que pôde correr, não devem ser admittidas junto d'ella.

Se as dôres forem fortes e frequentes, a mulher poderá ficar na cama ou sentada. Se forem fracas e raras, será vantajoso que dê alguns passcios pelo quarto; fricções sobre o ventre podem augmentar as dôres incipientes. Quando as dôres progredirem lentamente, se a mulher fôr já de certa idade e tiver as partes firmes, sobretudo no primeiro parto, um banho morno, injeccões e clysteres de decoção de linhaça serão uteis. Logo que o parto se approximar, a mulher deve deitar-se. Então pôde-se-lhe permittir o estar na attitude que lhe convier, e deve-se muda-la á sua vontade. Com effeito, todos sabem por experiencia, quanto é penoso estar-se immovel quando se soffre, e que allivio se experimenta mudando de lugar. Quando mesmo isto se reduza á esperanza, incessantemente frustrada, de se achar uma posição em que se soffra menos, nem por isso se deve recusar á mulher este pequeno allivio. Mas, uma vez que as dôres estiverem bem declaradas, deve a mulher deitar-se de costas, com a cabeça e os hombros sufficientemente elevados por almofadas, as coxas encolhidas sobre o tronco, as pernas sobre as coxas, e os joelhos um pouco afastados. A elevação dos hombros torna mais commoda a posição da mulher e a respiração mais facil; a disposição dos membros inferiores põe os musculos em relaxação, e facilita o parto. N'este periodo, como em todos os outros, é preciso tranquillizar, consolar a mulher, e poupar-lhe, quanto fôr possivel, todo o medo e toda a inquietação.

Quando a cabeça apparece no nascedouro, uma pessoa deve então segurar com a mão, durante a dôr, a pelle que está sob as partes genitae e que a cabeça empurra com força; por quanto tem-se visto, n'um primeiro parto sobretudo, esta parte rasgar-se, por falta d'esta simples precaução. Quando a primeira parte da criança tem atravessado a abertura, deixa-se-lhe um momento de repouso, depois ajuda-se por algumas tracções a sahida do resto: corta-se então o cordão depois de feita a sua ligadura, e separão-se assim completamente os dois individuos.

Se o trabalho foi longo, as pareas podem ser logo extrahidas; basta para isso fazer ligeiras tracções sobre o cordão e friccionar o ventre com a mão; afim de provocar as contracções uterinas;

pelo contrario, se o trabalho foi rapido e facil, esperar-se-ha, para se proceder a esta extracção, que as dôres e contracções uterinas tornem a apparecer espontaneamente. *Veja-se* PAREAS.

Dar-se-hão á parturiente as bebidas que ella desejar, e com preferencia agua com assucar e com uma pouca d'agua de flor de laranja. Se a duração do trabalho fôr curta, não se devem dar alimentos; mas se se prolongar, a mulher sustentará suas forças com caldos de gallinha.

Depois do parto, convem examinar se a mulher perde demasiado sangue. N'este caso seria preciso recorrer aos meios indicados na pag. 125 do II vol. d'esta obra, para fazer parar a hemorragia. Se tudo se passou em ordem, é necessario lavar os órgãos genitais com agua morna, mudar a roupa, e apertar levemente os quadrís com uma cinta apropriada para o que póde servir uma toalha dobrada ao comprido.

Quanto ao regimen, se a mulher não dá de mamar, deve no primeiro dia contentar-se com caldos de gallinha e cozimento de arroz ou de cevada. No dia seguinte, póde-se-lhe permittir algum mingão ou sopa; mas durante a febre lactea suspender-se-ha o emprego de todo o alimento. Quando os accidentes febrís tiverem desaparecido, os alimentos serão augmentados gradualmente, de maneira que no sexto ou setimo dia a mulher siga quasi o seu regimen habitual. As senhoras que crião não necessitam observar dieta tão severa. Nos primeiros dias subsequentes ao parto, é preciso evitar a acção do frio, mas nunca se deve sobrecarregar as mulheres de cobertores, nem fechar com cuidado as portas e janellas; pelo contrario, convem se renove o ar duas vezes ao menos por dia. D'esta maneira evita-se o máo cheiro e a acção dos miasmas, ao mesmo tempo que, moderando-se a temperatura, previnem-se os suores excessivos e as perdas de sangue abundantes. Aconselha-se ordinariamente ás senhoras que fiquem na [cama oito a nove dias. Esta demora é muitas vezes util; mas quando o parto é feliz, e a constituição da mulher boa, póde sahir da cama no quarto dia, e andar no sexto ou setimo dia. Nunca se devem imitar as senhoras que se levantão no dia seguinte do seu parto; molestias graves podem resultar de semelhante imprudencia.

Cuidados que exige a criança recém-nascida. O primeiro cuidado e o mais importante é a *ligadura do cordão umbilical*. Mas, antes de descrever a maneira de proceder a essa operação, é bom dizer alguma cousa das circumstancias que devem apressa-la ou retarda-la.

1º Quando a criança nasce pallida e de apparencia fraca, quando

solta apenas alguns leves gritos, se tiver a respiração intermitente, a circulação fraca ou nulla, este estado chama-se *asphyxia* ou *syncope*; é preciso então ligar o cordão antes da sua secção. É necessario chamar a criança á vida e suster-lhe as forças: para este fim, fação-se-lhe fricções com baeta quente sobre as costas, peito, braços, e pernas; metta-se n'um banho quente, e depois de banhada embrulhe-se em pannos quentes e seccos; approxime-se-lhe ás ventas a rolha humida de um frasco d'agua de Colonia, ou um panno embebido de vinagre; irrite-se-lhe as fossas nasaes com a rama de uma penna, e pelo mesmo meio desembaraça-se-lhe a bocca e a garganta das mucosidades que possuem'existir; e finalmente insuffle-se-lhe ar nos pulmões. Para este fim servirá qualquer canudo, o de uma penna, por exemplo, havendo a precaução de apertar a bocca da criança ao redor do canudo e de tãpar-lhe as ventas. Convem sobretudo não desanimar de prompto; ás vezes tem sido chamadas á vida, depois de uma hora e mais de cuidados não interrompidos, crianças que ao principio se havião julgado como inteiramente perdidas.

2º Se o parto durou muito tempo, se sobretudo a criança veio pelos pés, ou se foi tirada pelos esforços da arte, póde existir então um *estado apoplectico* caracterizado pela vermelhidão geral da pelle, rosto inchado e roxo, rijeza dos membros e até convulsões: deve-se, n'este caso, deixar correr pela ferida do cordão, uma ou duas colheres *de chá* de sangue, e ligar o cordão depois de cortado.

Em geral, faz-se a ligadura immediatamente depois do nascimento, em seguida corta-se o cordão. applica-se a ligadura na distancia de uma ou duas pollegadas do ventre, por meio de dois ou tres fios de linho reunidos. (*Veja-se* EMBIGO, vol. I, pag. 900). Antes de applicar a ligadura tem-se o cuidado de examinar se não existe quebradura umbilical que se prolongue na espessura do cordão, o que se deve sobretudo receiar quando este é mui grosso. Não havendo esta precaução, póde-se ligar uma porção de intestino e produzir a morte da criança. Existindo semelhante quebradura, será preciso reduzi-la e mantê-la reduzida, applicando o dedo sobre a abertura umbilical em quanto se faz a ligadura. Logo depois de feita a ligadura e cortado o cordão, envolve-se em panno de linho, e mantem-se sobre o lado esquerdo do ventre mediante uma toalha. Nos dias seguintes, após sua cahida, lava-se com agua morna a pequena ulceração, e cobre-se com um panno secco ou untado levemente de azeite doce ou de ceroto. O cordão umbilicál cabe ordinariamente do quarto ao oitavo dia. Lavatorios com agua morna tirão o sangue que suja o recém-nascido; mas se a materia gordurosa que cobre ás vezes a pelle fôr mui abundante, convem

lavar com agua e sabão. Os lavatorios frios ou os banhos de igual temperatura são contra-indicados. Os banhos mornos ^{serão} continuados durante a infancia, e sobretudo durante a denteição.

O vestuario da criança não nos deve occupar muito : sabe-se hoje que é necessario evitar as compressões, as circumvoluções das ataduras que se julgavão necessarias para lhes darem uma boa conformação, e que produzião um effeito inteiramente contrario. A roupa deve estar mediocremente apertada para não constranger nem a respiração, nem a circulação, e permittir alguns movimentos dos membros ; deve ser tambem permeavel á ouriña.

Deita-se ordinariamente a criança de lado para facilitar-lhe a sahida das mucosidades que a bocca possa conter. Algumas horas depois do nascimento, podem-se-lhe dar algumas colheres d'agua com assucar. Se as evacuações alvinas tardarem a apparecer, administrar-se-ha um clyster d'agua morna simples. Se a prisão do ventre persistir, convem examinar se não existe alguma imperforação do anus : é preciso fazer o mesmo ácerca do canal da urethra, quando a ouriña não molhar os pannos.

Cumpre tambem examinar se não existe o *freio da lingua*. (Veja-se esta palavra). Uma criança que toma bem o seio, e que leva facilmente a ponta da lingua ás gengivas, não tem o freio.

Quando a cabeça da criança ficou por muito tempo na passagem, acontece que se torna mais comprida e um tanto disforme. Algumas mulheres querem então amassa-la para-lhe restituir a fórma natural; é uma pratica reprehensivel, e que pôde ser seguida de graves consequencias. Cumpre deixar esse cuidado á natureza, que emenda semelhante defeito de maneira insensivel, e sem fazer correr o menor risco á criança.

Pelo que toca á alimentação, veja-se AMAMENTAÇÃO. Quanto aos accidentes que podem sobrevir durante o parto, veja-se CONVULSÕES DAS PARTURIENTES, HEMORRHAGIA UTERINA, RASGADURA DO PERINEO.

PARTO HYDATICO. Veja-se MOLA.

PARTO ou **Lochios**. Debaixo de nome de *parto* designa-se vulgarmente um corrimento que se faz pelas partes genitales da mulher que acaba de parir; os medicos dão-lhe o nome de *lochios*. Este corrimento principia immediatamente após a sahida das pareas; pára durante a febre lactea, mas torna a apparecer, e persiste quinze dias, tres semanas ou um mez. Consiste ao principio em sangue vermelho; logo depois muda para uma materia grossa ou mucosa e exhala um cheiro forte, desagradavel; transforma-se mais tarde em agua avermelhada; emfim, passados alguns dias, o *parto* é pouco abundante, perde o seu cheiro caracteristico e não é mais do que um simples fluxo seroso que cessa pouco a pouco.

Sendo os lochios uma funcção natural, sua suppressão deve ser considerada como um accidente de certa importancia. Assim, quando uma affecção moral, viva e triste, impressão do ar frio sobre os membros inferiores, suspende a evacuação, deve esta ser provocada com semicupios d'agua quente e sinapismos applicados nas coxas e pernas. Em muitas molestias, que atacão a mulher recém-parida, existe tambem a suppressão dos lochios: mas ordinariamente esta suppressão não é causa da molestia, porém symptomã d'ella. Mas n'este caso tambem uma das primeiras indicações do tratamento consiste em provocar os lochios com semicupios e sinapismos. É necessario, comtudo, saber que as febres mais leves, as que passão por si, tem por effeito a diminuição do corrimento. Na febre de leite, sobretudo, a suspensão dos lochios não deve ser considerada como uma molestia.

PASSA. *Veja-se UVA.*

PASSY. Aguas ferruginosas frias, situadas na capital de França, n'um bairro chamado *Passy*. Limpidas ao sahir da fonte, estas aguas cobrem-se promptamente de uma pellicula, e formão um deposito. O sabor é estyptico, amargo. Contém por litro: sulfato de cal, 2^g,774; peroxydo de ferro 0^g, 412. Usão-se como bebida, mas raras vezes no estado em que sahem da fonte, porém ordinariamente depois de ficarem por algum tempo em grandes talhas de gres, nas quaes pela acção do ar, deixão depositar uma parte de ferro que contém; as aguas, depois d'esta operação, chamão-se purificadas, e n'este estado vendem-se em Pariz nos depositos de aguas mineraes. A dóse na qual se administração é de um a tres copos de manhã, e durante o passeio n'um parque extenso. Principia-se ordinariamente pela agua purificada, e não se bebe tal como sahe da fonte senão quando o estomago se acostumou à primeira.

As aguas de Passy administração-se em todos os casos em que se faz uso das aguas ferruginosas, isto é, todas as vezes que fôr necessario dar maior actividade á economia; são tonicãs e estimulantes. Empregão-se na anemia, flores brancas, falta de menstruação, convalescença das molestias chronicas. São uteis igualmente ás pessoas de um temperamento fraco; não convem aos individuos sanguineos ou predispostos ás congestões apoplecticas.

O estabelecimento está situado no meio de um bello jardim, disposto em amphitatro, no qual passeão as pessoas que bebem aguas, e d'onde se podem contemplar os bellos arredores que d'este lado cercão a cidade de Pariz. As pessoas a quem o exercicio está recommendado devem ir beber as aguas na propria fonte; o caminho, para chegar ali, é muito agradável, e a salubridade do ar augmentará ainda a acção bemfazeja das aguas.

PASTA. Preparação pharmaceutica formada de assucar e gomma dissolvida em agua pura ou carregada de principios medicamentosos, que se faz pouco a pouco mais grossa pela evaporação até se obter massa consistente. Exemplos : pasta de althea, de açoifeas, de alcaçuz, etc.

PASTILHAS. As pastilhas são compostas de assucar e de um leo volatil ou de uma agua odorifera. São medicamentos de fórma redonda, quadrada ou rhomboidal. As pastilhas de *hortelã pimenta* offerecem um exemplo usual d'esta composição; favorecem a digestão, são ás vezes empregadas para corrigir o máo halito. Ha tambem pastilhas em que entrão substancias medicamentosas, como, por exemplo, as pastilhas antidartrosas, as de Vichy, etc.

PATCHOULY. *Pogostemon patchouly*, Pelletier. Planta da familia das Labiadas, cultivada no Brasil. Fig. 392. Caules lenhosos na base, folhas longamente pecioladas, ovaes agudas, grosseiramente denteadas, um pouco cotanilhosas. É empregado na perfumaria. Seu cheiro é tão forte que muitas pessoas não podem supporta-lo. Preserva os vestidos contra a traça.

PATELLA. Veja-se ROTULA.

PATO. Ave da classe das palmipedes, que vive no estado domestico e selvagem. Nos patos domesticos distinguem-se duas raças : os *patos propriamente ditos* e os *marrecos*; estes são mais pequenos. Estas aves vivem, a maior parte do tempo, na agua; por isso não póde prosperar sua criação sem haver grandes tanques d'agua, quando na localidade não haja lago ou rio, onde possam banhar-se. O pato domestico provém do pato selvagem. O macho distingue-se da femea por ter quatro pennas na cauda curvadas em fórma de gancho. Um só pato é sufficiente para fecundar 8 ou 10 patas. Os ovos da pata são um pouco maiores que os da gallinha, ora de côr branca amarellada, ora esverdeada. Não tem o gosto delicado dos ovos das gallinhas, mas são muito procurados para a pastelaria. A pata faz uma a duas posturas por anno; dá na primeira postura 20 a 30 ovos.

Incubação. Importa deitar a cada pata 14 ou 15 ovos; a incubação dura 27 a 30 dias. Mas nas fazendas raras vezes se fazem chocar os ovos da pata por sua mãe que, logo depois de nascidos os patinhos, os levaria á agua. Fazem-se pois ordinariamente



Fig. 392. — Patchouly.

choear por gallinhas, e ás vezes por peruas, mas preferem-se as gallinhas, porque as peruas são pesadas, mal geitosas, e sem precaução, e todo o patinho que ellas pisão não se levanta mais. A gallinha, pelo eontrario, é sempre euidadosa, e dedicada. Não é ella que deixa seus filhos adoptivos, são estes que a abandonão logo que se sentem eom forças para nadar. Se a agua não é profunda, a pobre mãe desolada segue seus patinhos a arrisea-se mesmo na agua até á metade das pernas, como se quizesse salvá-los e reeonduzi-los a si. Mas afflicções inuteis! A natureza desliga o que deve ser desligado: o pato sendo ereado para a agua e a gallinha para a terra, aquelle vai para onde o instineto o leva, e esta fica onde o instineto a retém, e d'esta maneira eada qual obedece ás leis da ereação.

Quando é a pata mesma que ehóca os seus ovos, eostuma-se, depois do chôco, engorda-la e entrega-la ao eonsumo. Bem que a pata possa choear muitos annos seguidos, é melhor reformar estas aves todos os annos.

Criação dos patinhos. Os patinhos exigem muitos euidados. Devem ser guardados n'um lugar separado por quinze dias, durante os quaes se alimentão eom massa feita de farinha, batatas eozidas e agua de cozinha. Convem ter proximo um vaso grande com agua, mas poueo fundo, para beberem e para se banharem. Passados quinze dias podem pôr-se em liberdade, e aos seis mezes o seu desenvolvimento está completo. É o momento de os engordar.

Engordã. Póde conseguir-se em 15 a 20 dias, fechando os patos, oito ou dez, n'um lugar eseuro, obrigando-os a comer grande quantidade de alimentos substaneiaes, e até mettendo-lh'os na bocca. — Nas localidades, onde existem lagoas, rios, ribeiros ou vallas, é muito eonveniente a eriação dos patos, por exigir menos euidados. A sua carne é muito boa, o figado excellente, a pen-nugem mui estimada para eolehões, e a gordura usada eomo banha de poreo.

PAVÃO. Fig 393. Genero perteneente á ordem das Gallina-eas. Esta ave á originaria da Asia central, e tem por earaeteres principaes: bico eurvo, pennaeho sobre a cabeça; 18 pennas eaudaes superiores, mui longas, matizadas das mais bellas côres, e tendo na cxtremidade manchas brilhantes em fórma de *olhos*; as pennas da cauda levantão-se para se mostrarem em fórma de leque. É pena que tanta belleza seja aeompanhada de pernas tão disformes e do grito tão desagradavel.

A femea do pavão não tem as eôres tão brilhantes. Põe cada anno 8 ou 10 ovos, euja ineubação dura de 27 a 30 dias. Põe raras vezes ovos no gallinheiro; é preciso vigia-la e aeompanha-la

por fóra, para achar o ninho e pô-lo em segurança. Os pavões reclamão os mesmos cuidados que os pintos da gallinha de Angola. A fema não é adulta senão na idade de 2 annos; o macho só adquire sua magnifica plumagem no terceiro anno. Os pavões novos experimentão uma crise perigosa no momento da sahida do pennacho. Passada esta epoca tornão-se mui rusticos e vivem de 15 a 20 annos. Os machos velhos tornão-se ás vezes máos e mesmo perigosos para as crianças, sobretudo na primavera, no momento em que procurão a fema. Fazem tambem guerra ás gallinhas ordinarias; mas gostão da sociedade das gallinhas de Angola e dos perús. As pennas de que se compõe a cãuda do pavão cahem todas ou em parte, no fim de julho, e tornão a nascer na primavera. Esta muda é, para o pavão, uma epoca de retiro: cala-se, não se *pavonea* mais, e toma um ar de tristeza.

Alimentão-se os pavões com os mesmos grãos que as gallinhas e outras aves domesticas. Gostão muito de cevada. Diz-se que as favas assadas tornão as pavões mui fecundas. Os pavões, apesar do seu grito desagradavel, crião-se como aves de ornamento, mas não como aves de producto; entretanto a carne é muito boa para comer, sobretudo quando novos: prepara-se do mesmo modo que o Perú. Os pavões gostão de passar a noite ao ar livre, e pousão nos telhados das casas, os quaes estragão, se não ha, no pateo, arvore sobre a qual se possão empoleirar durante a noite; convem, pois plantar-lhes um pequeno mastro guarnecido de degrãos para n'elles pousarem voluntariamente. Durante a má estação abrigão-se debaixo de um telheiro.

No estado selvagem, a plumagem do pavão é ainda mais brilhante do que no estado de domesticidade; o azul do collo prolonga-se ás costas e ás azas no meio de malhas de um verde dourado. O pavão domestico offerece, a respeito da côr, variedades notaveis, devidas á influencia da domesticidade; ha-os cinzentos, brancos, verdes, azues, amarellos, etc. Existem, porém, duas variedades que parecem constantes, e que podem considerar-se como duas raças distinctas: a do *Pavão branco* e a do *Pavão*



Fig. 393. — Pavão.

matizado; sendo este o resultado do ajuntamento do pavão ordinario com o pavão branco. Distingue-se tambem o *Pavão espicifero*, originario do Japão; tem na cabeça um pennacho em fôrma de espiga.

PÉ. Extremidade inferior do membro abdominal que descança no solo quando se está em posição vertical ou quando se anda. A fôrma do pé é alongada e achatada; este orgão articula-se em angulo recto com a extremidade inferior da perna, que lhe transmite o peso do corpo. A face superior, chamada *peito do pé*, é levemente convexa. A face inferior, ou *planta do pé*, é concava na sua parte média, saliente e arredondada para traz, ao nivel do calcanhar, convexa para diante, no lugar da união dos ossos do metatarso com os dedos. Resulta d'esta disposição que o pé não toca o chão por toda a sua superficie plantar, mas sómente pelas partes salientes, e pelos dedos. O pé comprehende muitas ordens de tecidos que vou rapidamente indicar. Suas partes duras ou osseas dividem-se em tres secções.

1º *Tarso*. Dá-se este nome á parte posterior do pé. É formado de sete ossos engravados uns nos outros dispostos em duas fileiras. A fileira posterior, que se articula com as extremidades inferiores da tibia e do peroneo, contém o *astragalo*, osso em fôrma de dado, e o *calcaneo*. A segunda fileira ou anterior, é formada de cinco ossos: o *escaphoide*, em fôrma de barquinha, o *cuboide*, em fôrma de cubo, e os tres *ossos cuneiformes*.

2º *Metatarso*. Compõe-se de cinco ossos alongados, cylindroides, que se articulão com os da segunda fileira do tarso. Esta disposição dos ossos do metatarso, sua fôrma alongada, seu parallelismo, os intervallos que os separão, dão ao esqueleto do pé certa semelhança com uma grade.

3º *Phalanges dos dedos do pé*. Ossos analogos ás phalanges dos dedos da mão. O dedo pollegar do pé tem 2 phalanges; os outros quatro tem 3 phalanges.

Ligamentos fibrosos, mui fortes, mui resistentes, unem solidamente estas differentes peças osseas. As partes molles comprehendem os musculos, as arterias, as veias, e os nervos.

MOLESTIAS DO PÉ. As molestias do pé são numerosas e bastante graves. Estão descriptas em artigos separados. *Vêja-se* BICHOS DOS PÉS, CALLOS, CONTUSÃO, CRAVOS BOBATICOS, DESLOCAÇÃO, FRACTURA, MAL PERFORANTE, TORCEDURA, TUMOR BRANCO, UNHA ENCRAVADA.

Pé chato. Entende-se por pé chato uma disposição viciosa particular do pé, que dá a este membro uma fôrma muito achatada, e que torna o andar difficil e doloroso. Existem duas especies de pé chato; uma especie é de nascença, outra accidental. O pé

chato de nascença não é outra cousa mais que o pé torto para dentro (*varo*), pouco pronunciado. O segundo consiste na relaxação dos ligamentos dos pequenos ossos que entrão na composição do pé. Os caracteres principaes d'este defeito são : a fôrma chata do pé, o desaparecimento da abobada plantaria e de uma parte da convexidade da face plantaria. Uma dôr bastante intensa existe na planta, nas diferentes juntas do pé, depois de andar ou estar em pé por muito tempo; esta dôr depende da extensão que experimentão os ligamentos em consequencia da mobilidade anormal dos ossos.

O *tratamento* comprehende dois meios : 1º botins mecanicos, que tem por fim levantar o calcanhar e curvar a planta do pé. Os sapatos com saltos altos allivião no andar, e são ainda mais efficazes tendo a pessoa a precaução de ligar circularmente o pé com um cadaço. Este cadaço tem por intuito dar um apoio aos ossos, e prevenir a extensão dolorosa dos ligamentos.

2º O segundo meio de tratamento do pé chato consiste em dividir com bisturí alguns tendões do pé.

Pé torto. (*Pied bot*, em francez.) Assim se chama á deviação permanente do pé, no qual estando este virado para baixo, para cima, para dentro ou para fóra, obriga o doente a andar sobre as pontas dos dedos, sobre o calcanhar, sobre a margem interna ou sobre a margem externa do pé. A estas differentes especies de deviações correspondem nomes particulares :

1º *Pé equino* (pé de cavallo). Está o pé n'uma extensão forçada, o calcanhar mais ou menos elevado acima do chão. O peito do pé está arqueado; os dedos, fortemente estendidos, recebem o peso do corpo : em alguns casos, os dedos são fortemente curvados do lado da sola do pé, o doente anda sobre a face superior d'elles. A dureza e a resistencia dos musculos da barriga da perna indicão que estes musculos tem parte n'esta deformação.

2º *Pé varo* (do latim *varus*). Está o pé virado para dentro e disposto de tal sorte que a face plantaria fica voltada do lado do malleolo interno da perna opposta, a margem externa apoia sobre o chão, a margem interna dirige-se para o ar; a perna está magra e fraca. Quando a deviação é muito intensa, os doentes andão em parte sobre a face superior do pé.

3º *Pé valgo* (do latim *valgus*). Esta deformidade é o inverso da precedenté; isto é, consiste em estar o pé virado para fóra. A face superior olha para o malleolo interno da perna opposta, a face plantaria está voltada para fóra, o calcanhar desviado para o mesmo lado, o pé apoia no chão com a metade anterior de sua margem

interna; isto é, o doente anda sobre o dedo grande e sobre uma parte do primeiro osso do metatarso.

4º *Pé talo* (do latim *talus*, calcâneo). É o inverso do pé equino; aqui os dedos dirigem-se para cima, o peito do pé está virado para a canella da perna, a face plantaria olha para diante, e só o calcâneo apoia no chão. Raras vezes estas diferentes lesões existem isoladas; assim, o pé equino é quasi sempre complicado do varo e do valgo. Quanto ao gráo de frequencia, o varo e o pé equino são os mais communs; o pé talo é extremamente raro.

Causas. O pé torto é de nascença ou acidental; o varo e o valgo são as mais das vezes de nascença; o pé equino de ordinario é adquirido, e a sua causa póde depender de contracção museular, ou de uma lesão de algum ramo nervoso ou da medulla espinhal. Reductivel ao principio, a deformidade torna-se permanente com o tempo, por se irem desenvolvendo os ossos na situação viciosa que occupão. Attribute-se o pé torto de nascença a quatro causas differentes: 1º alteração do embrião no seio materno; 2º compressão mecanica dos membros do feto no utero; 3º retracção primitiva dos museulos; 4º suspensão do desenvolvimento do feto.

Tratamento dos pés tortos. Para endireitar as partes desviadas, é preciso alongar os tendões ou os museulos que as obrigão a esta posição viciosa. Por muito tempo este tratamento foi só confiado ás maquinas, e forão inventados varios botins com differentes molas, em que os pés dos doentes estavam submettidos a um verdadeiro martyrio. Hoje curão-se os pés tortos cortando o tendão de Achilles e applicando uma simples maquina orthopedica. Alguns outros tendões e museulos devem ser cortados conforme a variedade do pé torto; ás vezes torna-se preciso dividir inteiramente, ou só em parte, a aponevrose plantaria que se acha contrahida. O effeito immediato da operação é cousa insignificante; a pequena ferida fecha-se em 24 ou 48 horas. O apparelho que se applica depois tem por fim manter o pé em sentido opposto á deviação. Esta questão é uma d'aquellas em que a cirurgia moderna tem conseguido os mais felizes resultados.

PE DE BEZERRO. Planta. *Veja-se* TINHORÃO.

PE DE GATO ou GNAPHALIO. *Gnaphalium dioicum*, Linneo. *Synanthereas senecioides*. Pequena planta que habita na Suissa e França. As flores são emollientes; entrão na composição das quatro flores peitoracs.

PEÇAS DE MOEDA ENGULIDAS. *Veja-se* MOEDAS.

PECEGUEIRO. *Amygdalus persica*, Linneo. *Amygdaleas*. Arvore de tamanho médio, originaria da Persia; cultivada no Brasil e em Portugal; no Brasil dá-se em Minas, S. Paulo, Rio Grande

do Sul. Fig. 394 e 395. A cultura deo duas principaes variedades d'esta arvore : uma que tem fructos com polpa dura e pegada ao caroço, e outra variedade com polpa molle que se despega facil-

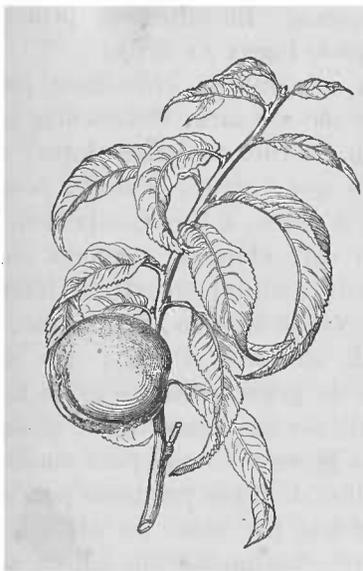


Fig. 394. — Pecêgueiro.



Fig. 395. — Flor do pecegueiro.

mente do caroço. O pecego é um fructo saboroso e mui sadio; contém um succo adocicado, levemente acidulo, que refrigera, acalma a sêde, e produz um effeito algum tanto laxativo. É erro crer que o pecego é quente. Sendo preparado com assucar e vinho, os pecegos digerem-se com a maior facilidade.

As folhas do pecegueiro são amargas e contém, assim como as flores e as amendoas do fructo, certa quantidade de acido prussico, o que torna o seu uso em forte dóse perigoso. Seria grande imprudencia comer muitas amendoas de pecegos. Um autor falla de uma criança de dezoito mezes que morreo no meio de convulsões e vomitos, por ter bebido um chá mui forte, feito com folhas de pecegueiro, que lhe deo sua mãe como vermifugo. Em dóse menos forte, estas partes do pecegueiro produzem um abatimento extraordinario. Se sobrevierem accidentes, convirá favorecer os vomitos com agua morna, ou com 5 centigrammas (1 grão) de emetico; dar a choirar agua de Labarraque, e a beber, de cinco em cinco minutos, uma colher *de sopa* da mistura seguinte : alcali volatil cinco gottas, agua meia chicara. Na falta de alcali volatil dão-se a beber dez gottas de ether em meia chicara d'agua fria com assucar. Nas boticas prepara-se o xarope de flores de pecegueiro, que

se administra ás crianças na dóse de 2 a 4 colheres *de chá*, como brando laxante.

PEDILUVIO. *Veja-se* vol. I, pag. 308.

PEDRA ou **Calculo.** (Molestia). Dá-se este nome ás concreções que se formão no corpo humano. Encontrão-se principalmente no figado e na bexiga. *Veja-se* PEDRA NA BEXIGA.

PEDRA. (Mineralogia.) Em mineralogia chamão-se *pedras* todas as substancias mineraes que não são saes, metaes nem combustiveis, que se apresentam sob a fórmula de corpos duros, sem brilho metallico, mais pesados do que a agua, e menos pesados do que a maior parte dos metaes. A silica, o acido carbonico, e o acido sulfurico, combinados com cal, alumina e alguns outros oxydos, constituem a maior parte das pedras; encontra-se tambem nellas magnesia, potassa, lithia, oxydos de ferro, de chromo, etc.

PEDRA DE AMOLAR. É um gres silicoso, que serve para afiar o aço e o ferro. Ha-as de grãos grossos e grãos finos; umas são cinzentas, outras amarelladas ou misturadas de qualquer d'estas côres. As pedras de grãos grossos servem para amolar as facas ou as ferramentas, e as pedras de grãos pequenos para afiar as navalhas, bisturis e a cutelaria fina por meio de azeite. Mas para este ultimo objecto serve principalmente um schisto amarello, composto de silica, de alumina e de oxydo de ferro, de grãos muito finos. Existem estas pedras na França e na Belgica; as mais finas vem do Archipelago grego. Na Exposição brasileira de 1866, no Rio de Janeiro, havia amostras de pedra de amolar que vinhão do Brasil da provincia do Amazonas e de jazidas da Chapada na provincia do Maranhão. Esta rocha deve abundar nas vertentes da serra Cucuby, onde existem as cabeceiras do alto Rio Negro e de seus affluentes.

PEDRA ou **CALCULO NA BEXIGA.** Nome dado ás concreções que se formão na bexiga.

De todos os liquidos animaes, a ourina é aquelle em que mais frequentemente se formão as pedras ou calculos. Esta affecção ataca principalmente as crianças e as pessoas de idade avançada; nenhum sexo está isento d'ella, e se na bexiga das mulheres a pedra se acha mais raramente do que na dos homens, provém isso de ser o canal da urethra das mulheres mais largo, mais curto, mais extensivel, e deixa por conseguinte sahir facilmente as pequenas pedras, que poderião tornar-se nucleo de calculos volumosos.

As *causas* que presidem á formação dos calculos, na bexiga, são as mesmas a que as areias devêm a sua origem. (*Veja-se* AREIAS). O clima não deixa de ter sua influencia sobre este genero de

molestias. Tem-se observado que são mui raras nos paizes quentes, e principalmente nos climas intertropicaes. Os paizes mui frios gozão da mesma vantagem : as pedras são pouco communs na Suecia e na Russia. Observão-se, pelo contrario, frequentemente nos climas frios e humidos; na Hollanda e na Inglaterra, por exemplo. As paralyrias da bexiga, os estreitamentos do canal da urethra, tornão-se causas de pedras, oppondo-se ao livre corrimto das ourinas. Existem emfim outras causas que não podem ser determinadas rigorosamente.

Symptomas. A presença de uma pedra no interior da bexiga annuncia-se ordinariamente pelos symptomas seguintes : o doente experimenta no baixo-ventre, entre as coxas, no anus, dôres que se propagaõ ás cadeiras e á extremidade do membro viril; as quaes se acalmão ordinariamente pelo repouso e augmentão com o exercicio, com os abalos occasionãdos pelo cavallo ou pela sege. Existe frequente vontade de urinar. O jacto de ourina interrompe-se ás vezes, e torna a apparecer um momento depois; o doente é obrigado em alguns casos a tomar posições mais ou menos extraordinarias para poder urinar. Todos estes symptomas adquirem maior importancia se o seu apparecimento foi precedido de dôres nas cadeiras, ou se os doentes tiverem deitado precedentemente areias; mas são insufficientes para dar a certeza da existencia de uma pedra na bexiga. Além de que faltão ás vezes inteiramente, muitas molestias da bexiga podem produzir effeitos analogos. Os signaes positivos não podem ser confirmados senão por um cirurgião : resultão da introducção de uma sonda metallica na bexiga, e do choque da pedra contra ella.

Entregues a si, as pedras da bexiga augmentão continuamente de volume; os accidentes que determinão adquirem cada dia maior intensidade, a bexiga altera-se, todas as funcções soffrem, a saude e até a vida podem perigar. Por consequente, logo que um doente crê estar affectado da pedra, deve cuidar em desembaraçar-se d'ella quanto antes.

As substancias que a analyse descobrio nas pedras da bexiga são : o acido urico, os uratos de ammoniaco, de potassa, de soda e de cal, o phosphato de cal, o phosphato de ammoniaco e de magnesia, o oxalato de cal, a silica e uma materia animal que varia infinitamente. D'estas substancias as mais communs são o acido urico e o oxalato de cal, e depois vem os phosphatos e a cystina. A grossura das pedras da bexiga varia desde as mais pequenas areias que sahem com as ourinas, debaixo da fórma de pós, até ás massas enormes cujo peso chega a muitas libras, visto que se encontrou uma que pesava 3,900 grammas (8 libras). Não

são sempre solitárias; quando são multiplices, ordinariamente são duas ou tres. Mas houve casos em que erão muito mais numerosas : a bexiga do celebre naturalista Buffon continha 55 pedras, de fórma triangular e do tamanho de uma ervilha. Ordinariamente ovoides, podem entretanto adquirir as fórmas mais singulares. Algumas ha que apresentam asperidades, tuberculos, espinhas simples ou ramificadas. Sua dureza offerece tambem differenças infinitas, desde uma molleza vizinha da fluidez, até a consistencia, igual e mesmo superior á do marmore. Formão-se ao redor de um corpo estranho, que lhes constitue o *nucleo*. (Fig. 396). Este nucleo póde ser uma areia que desceo dos rins, uma pouca de mucosidade, um coalho de sangue, uma agulha, um alfinete, uma bala de espingarda, uma porção de sonda ou de bugia, um cabello, etc.

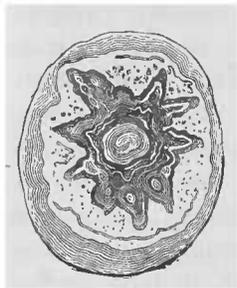


Fig. 396.

Pedra da bexiga serrada transversalmente pelo meio.

O *tratamento* da pedra é inteiramente cirurgico. Ha dois meios que se empregão para extrahir da bexiga este corpo estranho. Um d'elles, que se chama *lithotomia*, ou antes *cystotomia*, é conhecido desde a mais remota antiguidade : consiste em cortar as partes molles e a bexiga, para abrir uma via bastante grande por onde se possa extrahir a pedra. A outra operação, que é moderna, chama-se *lithotricia*, e consiste em quebrar a pedra com instrumentos introduzidos pelo canal da urethra afim de que os pedaços possam ser evacuados com as ourinas pelas vias naturaes.

Existe um ponto melindroso sobre o qual é necessario esclarecer os doentes, e vem a ser, se a lithotricia é preferivel á cystotomia. Esta questão que continua a agitar-se entre os cirurgiões, deixa os doentes na maior perplexidade. Mas não se póde dizer que uma d'estas operações deve ser geralmente adoptada com exclusão da outra. Ambas, convenientemente empregadas, podem prestar grandes serviços; assim, por exemplo, logo que se reconhece a presença de uma pedra de medioere volume, é necessario recorrer á lithotricia. Se a acção dos instrumentos empregados para esta operação occasionar vivas dôres, se fôr difficil agarrar a pedra, se ella escapar do instrumento, e se as tentativas forem seguidas dos symptomas inflammatorios intensos, é certo que, insistindo-se por muito tempo, arrisar-se-hião inutilmente os dias do doente; deve-se, n'este caso, recorrer á cystotomia. O esboroamento da pedra não póde praticar-se nas erianças de menos

de sete a oito annos de idade, nem tão pouco nas pessoas que tem uma pedra mui volumosa, nem nas que são affectadas de catarrho vesical; a cystotomia é até hoje o meio curativo mais seguro. Entretanto a lithotricia dispensa frequentemente de recorrer á cystotomia, que é uma operação muito mais dolorosa, e em geral apresenta muito maior perigo na sua execução.

Quanto aos pretendidos *lithontripticos* ou remedios internos, considerados como proprios para dissolver a pedra na bexiga, nenhum existe realmente. Mas póde-se, por um regimen e bebidas apropriadas, prevenir a disposição aos calculos, e corrigir, até certo ponto, a composição da ourina e do sangue que favorecem a formação da pedra : indico isto no artigo ARRIAS. O doente, ainda que a pedra provoque poucos accidentes, deve fazer uso de alimentos brandos, evitar os exercicios violentos, como o do cavallo e o das seges mal suspensas; se as dôres se tornarem vivas, elysteres de decocção de linhaça, com 15 a 20 gottas de laudano, e banhos mornos produzem algum allivio.

PEDRA CALCAREA. As pedras calcareas são as mais numerosas; são compostas de carbonato e de sulfato de cal; encerrão todas as variedades de pedra para edificar casas, os marmores, o gesso, etc. Estas pedras, que constituem massas consideraveis, explorão-se quer ao ar livre, quer debaixo do solo; os lugares d'exploração tomão o nome de *pedreiras*.

PEDRA DE CAUTERIO. É a potassa caustica que se emprega para estabelecer fontes.

PEDRA DE CEVAR. *Veja-se* IMAN.

PEDRA NOS DENTES. *Veja-se* vol. I, pag. 795.

PEDRA DE FERIR LUME ou *Pederneira*. Variedade do seixo preto ou louro de que se tira fogo pela percussão.

PEDRA NO FIGADO. *Veja-se* CALCULO BILIAR, v. I, p. 428.

PEDRAHUME ou **Alumen**. Sulfato de alumina e potassa. É um sal branco, mui soluvel na agua, de sabor styptico, crystallizado em octaedros regulares, e formado pela combinação do sulfato de alumina com o sulfato de potassa. Existe todo formado na vizinhança de muitos volcões; esta quantidade porém é tão diminuta que é preciso recorrer a differentes modos de fabricação, para fornecer á industria os 4 ou 5 milhões de kilogrammas, que lhe são annualmente necessarios. — A pedrahume goza de propriedades adstringentes. Emprega-se em medicina internamente, na dóse de 30 centigrammas a 8 grammas (6 grãos a 2 oitavas) nas diarrheas chronicas, hemorrhagias; e externamente em gargarejos nas esquinencias na dóse de 4 a 8 grammas (1 a 2 oit.), dissolvidos em 750 grammas (25 onças) d'agua.

A *pedrahume calcinada*, isto é, privada de sua agua de crystallização por meio do fogo, é de côr branca, possui propriedades causticas, e usa-se para polvilhar as picadas das sanguessugas quando sangrão demasiadamente, ou cauterizar as carnosidades que se desenvolvem nas feridas.

PEDRA INFERNAL. *Veja-se* NITRATO DE PRATA.

PEDRA LIPES. VITRILO AZUL OU ÇAPARROSA AZUL. É o sulfato de cobre; sal solido, de côr azul escura, transparente, crystallizado em prismas de 4 a 8 faces, de cheiro particular, sabor styptico, soluvel em 4 partes d'agua fria. Emprega-se em medicina externamente para cauterizar as ulceras, as aphtas, etc.

PEDRA POMES. Pedra porosa, de côr cinzenta ou esbranquiçada, aspera, que risca o vidro e o aço; é um producto volcanico; serve para gastar as asperezas da prata, das pedras de afiar, e outras. Para obtê-la de superficie lisa, serra-se com uma folha mui fina. Os fabricantes de pergaminho, os surradores, chapeleiros, officiaes de obras de marmore, marceneiros, douradores, empregão a pedra pomes para polir suas obras; ella entra na composição de alguns pós dentifricios; serve tambem para alisar as unhas e para gastar os callos dos pés. A pedra pomes acha-se nas vizinhanças do monte Vesuvio, do Ethna, do Hecla e outras localidades volcanicas. Encontra-se no Brasil nas aguas do rio Amazonas e nas margens de rio Solimões no Alto-Amazonas. Não havendo volcões na provincia do Amazonas, nem em actividade nem extinctos, é necessario attribuir a procedencia da pedra pomes, achada n'essas localidades, ao transporte por aguas da pedra pomes arrojada pelos volcões da cordilheira dos Andes, quer nos tempos contemporaneos, quer em anteriores. O facto de encontrarem-se fragmentos d'esta rocha boiando rio abaixo, confirma esta presumpção. Na Exposição brasileira, que teve lugar em 1866, no Rio de Janeiro, havia amostras de pedra pomes apanhada nas aguas do rio Amazonas nas proximidades da villa de Gurupá e da cidade de Santarem.

PEDRAS PRECIOSAS. Dá-se este nome ás pedras que entrão na fabricação das joias. Contão-se d'ellas 10 especies principaes, que, segundo o preço que se lhes dá, se collocão na ordem seguinte: 1º o diamante, 2º o rubim, 3º a saphira, 4º o topazio, 5º a esmeralda, 6º a chrysolita, 7º a amethysta, 8º o granate, 9º o jacintho, 10 o beryllo. Vem depois a turqueza, a tormalina, o peridoto, etc. Quasi todas as pedras preciosas, com excepção do diamante que é carbone puro, são formadas de silica pura (crystal de rocha, amethysta, agata, jaspe, opalo, etc.), ou de silicatos (topazio, esmeralda, saphira, granate, jacintho, etc.).

O preço elevado das pedras preciosas levou a imita-las : a industria chegou a fabricar *pedras artificiaes*; conseguiu-se sobretudo o imitar o topazio, a esmeralda, o chrysopraso; é por meio de um vidro chamado *stras*, colorido de diversas maneiras, que se faz o mais frequentemente esta imitação. *Veja-se STRAS.*

É muito antiga a arte de imitar as pedras preciosas naturaes com vidro colorido : Plinio falla d'ella como de uma arte mui lucrativa, levada no seu tempo entre os Romanos ao mais alto gráo de perfeição. Desde o anno de 1819 fabricão-se em Pariz pedras falsas tão bellas que é necessaria grande habilidade para as distinguir das pedras verdadeiras.

PEDRA DE TOQUE. Pedra siliciosa de bella côr preta, dura e inatacavel pelos acidos, que se emprega para os ensaios de ouro (*Veja-se OURO*). Serve para reconhecer as moedas falsas que circulão frequentemente no commercio : uma peça de ouro falsa deixa um risco vermelho sobre a pedra de toque, e este risco desaparece immediatamente com algumas gottas de acido azotico puro; uma moeda de prata é falsa, quando o risco que faz sobre a pedra é de um branco azulado, e quando este desaparece completamente com uma gotta d'agua regia. Um risco feito com ouro puro fica sobre a pedra, quando se lhe deita uma gotta de acido azotico; um risco feito com prata pura resiste á agua regia.

As pedras de toque, que se achão no commercio, vem de Saxonia, Bohemia, Silesia, onde sê colhem em cascalhos enrolados na superficie da terra. Estas pedras abundão no Brasil no rio Madeira, na provincia do Amazonas, com a fórmula de seixo rolado, indício do seu transporte pelas aguas, dos terrenos em que existem os seus jazigos, cortados pelas cabeceiras d'este rio e dos seus affluentes. Ellas devem abundar nas vertentes das cordilheiras que cercão todos esses rios. As amostras da pedra de toque do rio Madeira achavão-se na Exposição nacional dos productos brasileiros, no Rio de Janeiro em 1866; e havia tambem outras, extrahidas de jazidas do municipio de S. Fidelis na provincia do Rio de Janeiro.

PEDRADA. *Veja-se CONTUSÃO.*

PEITO. Em *medicina*, assim se chama á cavidade circumscripta posteriormente pelas vertebrae, lateralmente pelas costellas e omoplatas, anteriormente pelo esterno; tem por limites, em cima, os ossos claviculares e, em baixo, o musculo diaphragma. Esta cavidade contém os órgãos principaes da respiração e da circulação; isto é, os pulmões e o coração. Mas *vulgarmente* dá-se o nome de peito não só a esta cavidade do corpo, mas tambem ás

suas paredes. Veja-se a figura do peito no artigo COSTELLAS, vol I, pag. 739, e a dos pulmões no artigo ANATOMIA, vol. I, pag. 175.

Peito aberto. Algumas pessoas chamão assim a molestia descripta no artigo ESCARROS DE SANGUE, vol. I, pag 972. Para outras pessoas, o peito aberto designa dôres rheumaticas e superficies do peito, que se curão com fricções de aguardente camphorada, ou com sinapismos applicados no lugar dorido.

Peito cerrado. *Veja-se* SUFFOCAÇÃO.

Peito (CONTUSÃO DO). *Veja-se* vol. I, pag. 686.

Peito (DÔR DE). A dôr de peito existe em varias molestias. Encontra-se sempre na *pleurodynia*, molestia chamada vulgarmente *pleuriz bastardo* ou *falso*. É uma affecção rheumatismal dos musculos do peito; a dôr n'este caso occupa todo o peito, ou um só lado inteiro, ou um pequeno espaço; ás vezes é fixa, ordinariamente muda de lugar; torna difficil a respiração, augmenta com a tosse, e sobretudo pela compressão e pelos movimentos do braço, o que a distingue da dôr do pleuriz. Não existe febre, calor, nem fastio.

O tratamento d'esta dôr é o seguinte : applicar um sinapismo no lugar dorido; esfregar com aguardente camphorada ou com essencia de terebinthina.

A esta categoria pertencem as dôres de peito chamadas *nervosas*, que reclamão o mesmo tratamento que as dôres rheumaticas. A dôr de peito existe tambem no *pleuriz*. É uma pontada muito aguda que não muda de lugar; é acompanhada de tosse, febre, fastio, abatimento geral. O tratamento acha-se indicado no artigo PLEURIZ; consiste em bichas, sangrias, etc. Na *pneumonia* ou inflammação do pulmão, a dôr é acompanhada de escarros sanguineos e de febre. *Veja-se* PNEUMONIA. A dôr de peito sobrevem ás vezes na molestia chamada *hemoptyse* ou *escarros de sangue*. *Veja-se* vol. I, pag. 972. A dôr de peito existe tambem na *tisica*, mas nem sempre. *Veja-se* TISICA. A dôr de peito acompanha igualmente ás vezes a *bronchite*. *Veja-se* vol. I, pag. 388. As dôres de peito existem enfim no incommodo chamado *constipação*, e tratão-se da maneira que deixei exposta no vol. I, pag. 671.

Peito (FERIDAS DO). *Veja-se* vol. I, pag. 1099.

Peito (MOLESTIA DE). Debaxo do nome de molestia de peito, designa-se vulgarmente a *tisica* (*veja-se* esta palavra). As outras molestias do peito estão descriptas nos artigos BRONCHITE, PLEURIZ, ESCARROS DE SANGUE, PNEUMONIA.

PEITORAL. Medicamento peitoral, isto é proprio para combater as affecções dos pulmões. Nas molestias do peito, nas bronchites, nos defluxos, empregão-se com vantagem em infusão a

raiz de althca, as flores e folhas de malvas, as flores de viola, de papoula, de borragem; ou a decocção de musgo islandico, etc. (*Vejaõ-se* todas estas palavras). O que se chama em pharmacia *especies peitoraes*, é uma mistura de partes iguaes de folhas seccas de avcnca do Canadá, veronica, hysopo e hera terrestre. *Quatro flores peitoraes* : mistura em partes iguaes de flores seccas de malva, pé de gato, tussilagem e papoulas. — *Fructos peitoraes* : mistura de partes iguaes de tamaras sem os caroços, de jujubas, figos e passas. Com todas estas substancias fazem-se infusões ou cozi-mentos peitoraes, que se bebem quentes. — Faz-se tambem uso de *pastas peitoraes*, que são compostas, de althca, jujubas, musgo islandico, gomma arabica, etc.

PEITOS. *Veja-se* SEIOS.

PEIXES. Os peixes formão uma classe especial de animaes vertebrados e oviparos, que respirão o oxygeno contido no ar atmospherico que a agua tem em suspensão. A respiração d'estes animaes faz-se por meio das *guelras*, que consistem na reunião de grande numero de folhas separadas e cobertas de innumeraveis vasos sanguineos, que lhes dão uma côr vermelha. A agua entra-lhes pela bocca, passa por entre as folhas da guelra, e sahe por umas aberturas externas chamadas *ouvidos*. As *barbatanas* dos peixes, compostas de raios mais ou menos numerosos, representão os membros anteriores e posteriores dos mammiferos; servem-lhes para executar os movimentos extremamente rapidos, e a *beriga aerea*, que estes animaes encerrão, permite que possuão subir ou descer á vontade, á proporção que a dilatação ou comprimem, e consequentemente que diminuem ou augmentão o seu peso especifico.

Os peixes põem ovas; é um facto bem conhecido. O maior numero das femeas depõem as ovas em certas localidades que escolhem; os machos vem regar estas ovas com um licor fecundante, mui procurado em certas mesas, e que se apresenta como uma substancia branca e assáz consistente. Mas um facto que muitas pessoas ignorão é que muitos peixes, as arraias, por exemplo, ajuntão-se machos e femeas, n'uma verdadeira copula, de tal maneira que as ovas não são abandonadas ao acaso de um encontro fortuito, e não sahem do utero da femea senão depois de certo desenvolvimento.

Em quasi todos os peixes, os tegumentos são cobertos de *escamas* mais ou menos numerosas, mais ou menos espessas. As escamas de algumas especies são até empregadas nas artes; as de muitos peixes pequenos d'agua doce, geralmente chamados *peixes brancos*, servem, por exemplo, quando são separadas da pelle por

uma longa maceração, para fornecerem a camada nacarada com que se cobrem as perolas falsas. Alguns peixes, em pequeno numero é verdade, tem a pelle inteiramente nua.

A classe dos peixes ministrã ao homem muitos alimentos preciosos. Todos conhecem, mais ou menos, o peixe cuja carne é indigesta, como a enguia, a cavalla, o bacalhão, e aquelles cuja carne se digere facilmente, como badejete, garoupa, enxova, corocoroca, peixe-rei, linguado pequeno, bijupirá, roballo, tainha, parati, pescadinha, bagre, cabrinha, vermelho, espada, sardinha, pargo, arraia, viola, carapicù, canhanha, salmão, truta, rodvalho, pregado, savel, goraz, etc. A carne dos peixes de facil digestão convem aos estomagos debeis e aos convalescentes, com preferencia a qualquer outra alimentação, salvo se um caso particular exige a alimentação mais substancial. A carne dos peixes *indigestos* não pôde, em geral, ser supportada senão por estomagos vigorosos a que nada incommoda, e que podem impunemente excitar as forças digestivas de seus órgãos recorrendo ao sal, á pimenta e ao vinagre. Os peixes com *mólho branco* são ordinariamente mais refractarios á acção do estomago; os peixes fritos ou assados são menos pesados, sobretudo quando se comem quentes. As ovas d'estes animaes são geralmente indigestas.

Nem todos os peixes são proprios para alimento do homem; alguns ha cuja carne contém um veneno activo, e importa tanto mais que fixe sobre elles a attenção dos meus leitores, por isso que estas especies venenosas não se encontrão nos climas temperados, mas sim nos mares intertropicaes. Está bem provado, no Brasil, por exemplo, que o peixe *cachorro*, os *caranquejos do mangue*, são nocivos em certas occasiões. Entre os peixes, que a pesca subministra para a subsistencia do homem nos paizes intertropicaes, os que occupão a primeira ordem por seu tamanho, seu numero e pelo sabor de sua carne, mudão ás vezes suas propriedades alimentarias em qualidades evidentemente venenosas, em consequencia da alteração morbosa, accidental, mais ou menos profunda na sua textura. Ha mais de dois seculos que se faz menção das particularidades toxicas de alguns d'estes animaes; eis-aqui os nomes de alguns d'elles :

1º O peixe ouriço (*diodon orbicularis*). O corpo é redondo, oval, e todo crizado de espinhos fortes e agudos. Chega a nove ou dez pollegadas de comprimento. Quando incha, forma um globo. 2º O peixe roda ordinario, ou peixe rolim (*diodon mola*, Bloch). É um grande peixe que chega a pesar trezentas libras; é largo atraz : a fórma que o faz parecer com a cabeça cortada de outro peixe, a pelle prateada, os olhos grandes e brilhantes, tornão-n'õ mui

notavel. 3º *Tetraodon ocellatus*, Bloch. Este peixe é espesso, redondo e tem espinhas no peito e no ventre; tem o dorso liso e de um verde escuro, a barbatana dorsal cercada de uma nodosa negra bordada de amarello. É originario da China e do Japão. A sua venda é prohibida n'aquelles paizes. Chama-se *Kay-po-y* na China, *Furube* no Japão, *Hérisson croissant* nos autores francezes. 4º O balista velho (*balistes vetula*). 5º O peixe porco unicorne, ou acaramoio do Brasil (*balistes monoceros*, Linnco). Tem o corpo comprimido e escabroso, o dorso e o ventre aguçados, de côr denegrida, sem barbatanas ventraes; a barbatana dorsal tem um aguilhão comprido e dentado. 6º A sardinha dourada, *chupea thrissa*, Bloch, *cailleu tassart* em francez. O ultimo raio alongado da barbatana dorsal é a marca caracteristica d'este peixe. O tronco é delgado, o ventre forma um arco e é feito á maneira de serra; as barbatanas são azuladas, os flancos prateados; chega a dez ou doze pollegadas de comprimento. Habita nos mares da China e das Antilhas. Nem sempre é venenosa; produz incommodos só na epoca de desovar. 7º O congro, *muraena conger*, Linnco. É uma enguia do mar, que tem o corpo cylindrico e dois pequenos barbílhos no queixo superior; a barbatana dorsal principia perto da cabeça e tem a borda negra.

O envenenamento, consequencia da ingestão da carne dos peixes venenosos, é caracterizado pelos phenomenos seguintes: Manifestão-se dôres de estomago e entranhas, ao principio fracas e intermittentes, depois progressivamente mais violentas, e emfim contínuas e atrozes. Sobrevem logo depois nauseas seguidas de vomitos repetidos, vertigens, desmaios, colicas e evacuações alvinas abundantes. Declara-se uma ardencia no corpo, e mais particularmente na palma das mãos e na planta dos pés. Esta ardencia é frequentemente seguida de uma erupção de largas empolas. O pulso é ordinariamente forte e frequente ao principio, mas torna-se logo depois mui fraco. Uma prostração completa substitue os symptomas de irritação abdominal. Em alguns casos, o doente experimenta difficuldade de urinar. Quando a morte tem lugar, é quasi sempre no meio de violentas convulsões; se os accidentes não tem este exito fatal, o restabelecimento é leñto, e muitas vezes subsistem ainda por muito tempo dôres nas diversas articulações.

O tratamento dos accidentes produzidos pela ingestão dos peixes venenosos é o mesmo que o do envenenamento pelos mariscos: acha-se indicado no vol. II, pag. 942.

Certos peixes são dotados de propriedades electricas são: a *tremelga* ou *torpedo*, a *enguia electrica* ou *poraqué* e alguns outros.

A propriedade electrica da tremelga é conhecida ha seculos. E

ainda hoje, como antes, é um objecto de espanto para o vulgo. A tremelga (*raia torpedo*) acha-se quasi em todos os mares; exteriormente não differe muito das outras arraias. Tem a cabeça quasi circular, a pelle branda, escura por cima e branca por baixo, a cauda curta; as barbatanas dorsaes situadas perto da origem da cauda, a bocca pequena, e, como todas as outras especies de arraias, tem de cada lado cinco largas aberturas. O peso do seu corpo chega até vinte e oito libras. Quem toca este peixe sente subitamente um abalo nos braços, cotovelos, e até nos hombros, manifestando-se tambem uma tontura na cabeça: o abalo é violento ao principio; porém vai gradualmente diminuindo até desaparecer de todo. Por meio d'esta faculdade, a tremelga entorpece a presa que quer agarrar, e paralysa os esforços dos animaes que a atacão. O naturalista Redi foi o primeiro que procurou adquirir sobre os phenomenos curiosos da tremelga, conhecimentos mais exactos do que os dos sabios que o tinham precedido. Eis-aqui o que observou em um d'estes peixes que acabava de ser pescado. Apenas o tocou e apertou com a mão, sentio n'esta parte uma picada que se propagou até ao braço e hombro; esta picada foi seguida de um tremor desagradavel e de uma dôr aguda no cotovelo, de sorte que foi quasi immediatamente obrigado a abandonar a presa. A mesma impressão se repetia a cada novo contacto; mas a dôr e o tremor diminuião gradualmente á medida que a morte do animal se approximava; morte que sobreveio decisivamente no fim de tres horas, e que occasionou a abolição das faculdades entorpecentes que se tinham manifestado em quanto lhe durou a vida. Réaumur relata uma experiencia, propria para dar uma ideia do grão de força a que chega a electricidade que podem desenvolver os órgãos d'este peixe. Pôz uma tremelga e um pato em um vaso que continha agua do mar, e que foi coberto com um panno, afim que o pato não pudesse fugir, mas conservasse a facilidade de respirar livremente; ao cabo de algumas horas achou-o morto, e, por assim dizer, fulminado por seu inimigo. Depois de Réaumur, a sciencia da electricidade recentemente creada occupou todos os espiritos; os sabios buscárão estender o seu dominio: o Dr. Bancroft suspeitou que a virtude da tremelga dependia da mesma causa que os phenomenos electricos, e Walsh demonstrou esta identidade por numerosas experiencias; enfim, o celebre Galvani chegou a descobrir uma faisca no momento do choque.

A *enguia electrica*, chamada tambem *poraquê do Pará* (*gymnotus electricus*), goza igualmente das mesmas propriedades que a tremelga. Este peixe tem um corpo alongado, a cabeça e a cauda muito obtusas, pelle preta, mucilaginosa e sem escamas percep-

tiveis; em uma palavra, parece-se com a enguia de cinco a seis pés de comprimento. Fig. 397. Habita os lagos e os rios que correm nas partes orientaes da America meridional, preferindo os lagos, por terem aguas menos move-diças. Encontra-se particularmente nas provincias do Pará e Amazonas, e existem ahi em grande quantidade, e de todos os tamanhos. Depende da vontade do animal o dar commoções mais ou menos fortes; muitas vezes até é preciso irrita-lo, para obter estas commoções. Quando o poraqué tem dado muitos choques semelhantes, parece esfalfado, e precisa de um repouso mais ou menos prolongado para poder causar novas commoções. Segundo Humboldt, os homens que querem apanhar estes peixes aproveitam-se d'esta circumstancia. Fazem entrar cavallos nas aguas em que os poraqués habitão; estes infelizes quadrupedes recebem as primeiras descargas, e os pescadores apoderão-se depois dos agressores, ou por meio de redes ou de arpão.

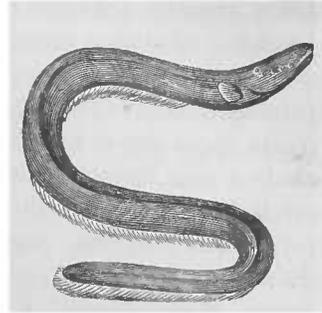


Fig. 397.

Poraquê ou Enguia electrica.

A carne do poraqué é pouco ou nada utilizada nos usos culnarios, não só por ser mal saborosa, como porque é de consistencia mucilaginosa, e de cheiro algum tanto desagradavel.

No Nilo e nos outros grandes rios da Africa, achão-se tambem peixes dotados das mesmas propriedades, taes são o *malapterurus electricus* de Lacépède e o *bagre electrico* (*silurus electricus*, Lin.); os Arabes chamão-lhes *raash*, isto é, raio, por causa das commoções que podem produzir.

Peixe boi. *Manatus*, Cuvier. Genero de *Mammiferos*, da ordem dos *Cetaceos* da familia dos *Cetaceos herbivoros*. É um animal que pela fôrma e costumes se aproxima dos peixes, mas que se distingue d'elles pela geração vivipara, pelos peitos e outras particularidades de organização. É um animal volumoso; attinge ás vezes 6 metros de comprimento, 5 metros termo médio, e póde pesar até 4,000 kilogrammas. Tem a fôrma de peixe, o corpo terminado por uma barbatana simples, oval, horizontal representando um leque aberto. As barbatanas anteriores, bem que chatas e membranosas, são compostas de cinco dedos, terminados por vestigios de unhas. Não ha membros posteriores. As femeas tem dois seios peitoraes que inchão e tornão-se proeminentes na epoca da gestação, pelo que em algumas partes dá-se a este cetaceo o nome de *peixe mulher*. A cabeça tem toda a semelhança com a de um

bezerro, os olhos são mui pequenos. A pelle é grossa e negra, reveste enorme somma de gordura. Os dentes tem a corôa chata. Vive n'agua, mas tem por costume ter a metade do corpo fóra d'agua. Estes animaes achão-se nos marcs dos paizes quentes; vivem em bandos e afastão-se pouco das costas, onde achão as plantas com que se alimentão; mas sobem os rios, o Amazonas e o Orenoco principalmente. Costumão descer o rio em bandos immensos, e é n'esta epocá que se pescão facilmente. Apanhão-se com um harpéo atado a uma longa corda, que se desenrola até que o animal esfalfado se deixe attrahir á margem. Acontece então que outros peixes-bois cheguem perto da embarcação dos pescadores para defender o camarada capturado; mas esta affeição, sobre a qual contão os pescadores, é muitas vezes funesta a muitos d'estes cetaceos, que são successivamente feridos com o harpeo.

O peixe boi da America, *Manatus americanus*, que é o typo do genero, acha-se no rio Amazonas, no valle do Baixo-Amazonas, nos lagos vizinhos dos rios; vive exclusivamente de vegetaes, preferindo a *canarana*, ou *canna falsa*, que é uma Graminea, semelhante á *canna* de assucar. A canarana abunda em todos os lagos e rios affluentes do Amazonas e no mesmo Amazonas, aonde este vegetal aquatico se encontra em massas extensas, simulando ilhas ambulantes á tona d'agua. O peixe-boi é de um natural brando, a carne é boa para comer, e a gordura sub-cutanea excellente; conserva-se por muito tempo. O peixe-boi do Amazonas attinge 6 metros de comprimento, e cada cetaceo fornece vinte e mais potes ou almudes de gordura ou oleo fixo. Da carne frita na mesma gordura, e n'ella conservada, se fabrica a excellente *mixira*, que se consome nas provincias do Pará e Amazonas. A pelle do peixe-boi usa-se em applicação externa para produzir a cura das quebra-duras, porém, n'este caso não tem efficacia alguma. Os verdadeiros *peixes-bois de azeite* pescão-se nos lagos do Brasil, da provincia do Amazonas, que orlão o rio Jamundá.

A especie do Senegal, *Manatus Senegalensis*, Desm., é mais pequena; tem só 2 metros a 2 metros e 60 centimetros de comprimento; o seu focinho é cylindrico: acha-se sobre a costa occidental de Africa, e principalmente na fôz do rio Senegal.

PELLADA, Calva tñhosa, Tinha pellante ou decalvante. Molestia da pelle da cabeça caracterizada pela alteração especial do cabello que cahe deixando a pelle lisa e de um branco notavel. O couro cabelludo da cabeça, que é a séde da molcstia, apresenta simultaneamente um ou muitos pontos da sua superficie que se desguarnecem de cabello. Pouco extensas a principio, estas superficies, que são a séde de um prurido mais ou

menos intenso, augmentão rapidamente; são irregulares; a calvie pódé assim ganhar a maior parte do couro cabelludo. Os cabellos são ás vezes alterados na côr antes de cahirem; todavia, as mais das vezcs, cahem antes que se verifique a menor modificação nas suas propriedades physicas. A pelle é limpa, lisa, sem tumefacção, sem vermelhidão, nem escamas. Este estado de pelle persiste em quanto a molestia vai augmentando; depois, quando a molestia cessa de fazer progressos, a pelle torna-se mais pallida, molle, e applica-se ao osso; emfim, quando a molestia principia a sarar, a pelle perde a pallidez e o cabello renasce pouco a pouco. A principio é uma simples penugem, mas com o tempo o cabello recobra o vigor primitivo. Comtudo a calvie é definitiva, quando a molestia persistio durante muitos mezes, e com mais razão quando durou muitos annos. A pellada pódé atacar todos os pontos da pelle cobertos de pello; pódé invadir as sobranceilhas, a barba mas o seu lugar de predilecção é a pelle da cabeça. É molestia contagiosa.

Natureza da molestia. Attribute-se a pellada ao desenvolvimento de um vegetal parasito que, situado por fóra da glandula aonde nasce o cabello, forma ao redor de cada cabello uma camada de 1 a 3 millimetros de altura. Não se pódé vêr senão com o microscopio. Apresenta na sua estructura filetes e sporos (pequenos globulos que são orgãos de sua reproducção). Os filetes estão dispostos parallelamente ás estrias dos cabellos e são ondeados. Tem $\frac{2}{1000}$ a $\frac{3}{1000}$ de millimetro de espessura; suas ramificações são numerosas e curtas. Os sporos são esphericos de um diametro de cerca de $\frac{3}{1000}$ de millimetro; alguns são ovoides; são transparentes e inchão n'agua. É a presença d'este vegetal parasito que é a causa da ruptura do cabello. À medida que o cabello cresce, o vegetal que contem cresce igualmente, até que a parte invadida esteja fóra da glandula d'onde nasce o cabello, e uma vez que tenha chégado 2 a 3 millimetros acima do nivel da epiderme, o cabello quebra-se, e produz-se a calvie.

Tratamento. Para curar esta molestia existe só um meio, é a epilação seguida de lavatorios parasiticidas. O bom exito da epilação depende d'esta particularidade que os sporos do vegetal adherem de tal maneira ao cabello, que arrancando-o vem com elle e não podem mais reproduzir a molestia. A epilação pratica-se com pinça ordinaria representada no vol. I, pag. 764, fig. 462. A operação é facil, porém exige alguma destreza da parte de quem a pratica. Os cabellos implantados obliquamente no tecido da pelle devem ser extrahidos no sentido de sua implantação. É preciso arrancar os cabellos um a um, e importa que a operação

se faça no mesmo dia completamente sobre toda a extensão da pellada. Depois da epilação lava-se a cabeça com o seguinte *lavatorio parasitico* :

Sublimado corrosivo.	2 grammas (40 grãos)
Alcool.	30 grammas (1 onça)
Agua distillada.	250 grammas (8 onças).
Depois do lavatorio, unta-se a cabeça com a pomada seguinte :	
Turbitho mineral.	60 centigram. (12 grãos)
Camphora	2 grammas (40 grãos)
Banha	30 grammas (1 onça).

Continuão-se os lavatorios e as unções com a pomada todos os dias até á reproducção do cabello.

Se houver difficuldade em arrancar os cabellos, faz-se previamente uma unção na cabeça com oleo de cade puro.

É preciso associar a este tratamento local os meios geraes proprios para fortificar a constituição, bom regimen, vinhos generosos, habitação no campo, exercicio regular, muito asseio, e banhos geraes e locaes. Repete-se a epilação ao cabo de um mez se a primeira não foi seguida de cura completa.

PELLAGRA. Molestia geral caracterizada pela vermelhidão da pelle, a principio, e depois por uma erupção vesiculosa e pustulosa, que se complica de desordens diversas do systema nervoso e dos orgãos digestivos. Esta molestia é particular a certas regiões da Italia, da França meridional e da Hespanha.

Symptomas. No mez de Março ou Abril, manchas vermelhas e brilhantes apparecem nas costas da mão e nas outras partes descobertas do corpo; são semelhantes á erysipela ordinaria. Estas manchas cobrem-se de vesiculas ou de bolhas cheias de uma serosidade amarellada ou arroxeadá; passado algum tempo, a epiderme separa-se sob a fórma de laminas furfuraceas; a saude geral conserva-se ainda boa. Na primavera seguinte, a affecção cutanea augmenta; a saude geral começa a soffrer; os doentes tornão-se tristes, indolentes, experimentão vertigens, zunidos nos ouvidos, dôres no espinhaço e nos membros. No inverno apparecem melho- ras; mas na terceira primavera ou mais tarde, os symptomas cerebraes tornão-se mais manifestos: vertigens, melancolia, um grande emmagrecimento, fastio completo, torpor, delirio e convulsões. Entre os primeiros e estes ultimos symptomas podem mediar dez annos.

Tratamento. O principal recurso consiste nos meios hygienicos e sobretudo na alimentação. É preciso por um regimen corroborante restabelecer as forças, e modificar a constituição. Os banhos geraes mornos, os banhos sulfurosos, as preparações ferruginosas, a

infusão de gengiana, o vinho de quina, uma alimentação substancial e variada são especialmente indicadas contra a pellagra.

PELLE. Membrana espessa, dura e resistente, que forma o involucreo do corpo. Compõe-se de quatro camadas sobrepostas, que são de dentro para fóra : a derme, o tecido mucoso, o corpo papillar, e a epiderme.

Derme. Chama-se assim a camada mais profunda da pelle; é tambem a mais densa e constitue a parte principal do tegumento. É uma rede tecida de fibras, de laminas cerradas e entrecruzadas, apresentando numerosos orificios, para a passagem dos vasos e nervos que vão formar o corpo papillar.

Corpo mucoso. É uma camada gelatinifórme, concreta, mui delgada. N'ella acha-se o *pigmento*, substancia corante da pelle, pouco evidente nos homens brancos habitantes do norte, cobreada nos povos meridionaes, vermelha na raça americana, preta nos negros.

Corpo papillar. Chama-se assim uma especie de tecido esponjoso erectil, devido a uma multidão de pequenas papillas ou proeminencias formadas pelas extremidades das arterias, veias e nervos. É n'esta camada que reside toda a sensibilidade tactil.

Epiderme. É uma camada inorganica, mui delgada, uma especie de verniz segregado pela derme. Não recebe vasos nem nervos, mas é semeiada de orificios numerosos atravessados uns pelos fios pilosos, outros dando passagem ao fluido perspiratorio, outros enfim servindo de gargalo aos folliculos sebaceos.

Pelle. (MOLESTIAS DA). *Veja-se* Vol. II, pag. 412.

PELLE DE LIXA. Dá-se este nome a uma das fórmias graves das bexigas, na qual a pelle se enruga, e se parece com a de peixe chamado lixa. *Veja-se* BEXIGAS, vol. I, pag. 346.

PELVE, Pelvis ou **Bacia.** Canal largo e curvo, com paredes osseas, que termina inferiormente o tronco, ao qual serve de base, e que fornece um ponto de apoio aos membros inferiores. É formado por quatro ossos, o sacro e o coccyx por detraz, os dois ossos iliacos sobre os lados e por diante. A pelvis encerra a bexiga, o utero, o intestino recto e outros orgãos; dá passagem á criança durante o parto.

PEMPHIGO. Molestia da pelle, caracterizada pela formação de uma ou muitas bolhas que se rasgão facilmente, terminão pela sahida do liquido que contém, e pela formação de excorriações superficiaes ou crostas delgadas deixando após si manchas que persistem durante mais ou menos tempo. Póde ser *agudo* ou *chronico*.

Pemphigo agudo. O pemphigo póde ser precedido durante

um, dois ou tres dias, de fastio, febre e comiehão. Logo depois apparecem pela superficie do corpo, em numero mais ou menos consideravel, manchas vermelhas, arredondadas, em cujo centro não tarda a levantar-se a epiderme e a formar uma bolha, que póde ter o volume de uma ervilha ou de uma grossa avelã. Se muitas bolhas se reunirem, formão então uma vasta empola que tem o volume e a fórma de um ovo de gansa; ás vezes uma bolha simples adquire o mesmo volume; parece-se eom a empola de um caustico. O liquido que contém é de côr eitrina, depois avermelhada, sem eheiro, ás vezes fetido. Passados dois ou tres dias, poueo mais ou menos, as bolhas enrugão-se, murehão e arreben-tão; o liquido combinado eom a epiderme forma erostas delgadas e anegradas; outras vezes a epiderme separa-se por laminas delgadas. N'este periodo o ealor e a eomichão diminuem ou cessão completamente, a vermelhidão desapareee, emfim uma nova epi-derme se reproduz; mas no lugar occupado pela bolha, fica uma mancha côr de vinho, que póde persistir mais ou menos tempo. O numero das bolhas varía muito; em geral, lavrão sobre uma grande superficie; quasi todo o corpo póde ser invadido por ellas; mas este caso é excessivamente raro; aeonetece tambem não appa-recer senão uma só bolha. N'este caso sobrevem uma nova bolha, dois ou tres dias mais tarde, e segue a mesma marcha; erupções successivas podem ter lugar d'esta sorte durante oito ou dez dias. Não ha parte do corpo que esteja ao abrigo da erupção. Em geral, o pemphigo agudo não determina symptomas geraes; quando estes existem, são mui benignos. A duração total da molestia varía entre uma e tres semanas, por eausa das erupções successivas que vão tendo lugar; mas a duração média de cada bolha não passa de sete dias.

O **pemphigo chronic**o é muito mais frequente do que a fórma preeedente. Depois de alguns dias de fastio, febre e comi-ção, ás vezes sem nenhum prodromo, desenvolvem-se, como preeedentemente, pequenas manchas vermelhas sobre as quaes se levanta uma bolha. Esta, do volume a principio de uma ervilha, adquire logo depois o tamanho de uma avelã, de uma noz ou de um ovo; o liquido que contém, a principio transparente, torna-se avermelhado. No segundo, terceiro ou quarto dia, as bolhas arre-bentão, a epiderme enrola-se, e vê-se uma superficie vermelha que é dolorosa. As bolhas, que estão ainda intactas n'esta epoca, aba-tem e enrugão-se; a epiderme torna-se opaca e molle. Em um e outro easo, formão-se erostas roxas, amarellas ou einzentas, acha-tadas, ou convexas no centro; quando cahem, acha-se a pelle ainda excoriada, ou sómente uma mancha côr de vinho que persiste

muito tempo. Entretanto, ao lado das bolhas que terminão, outras nascem e seguem a mesma marcha que as primeiras; muitas erupções successivas podem assim fazer-se durante mezes e mesmo annos, ora irregularmente por toda a superficie do corpo, outras vezes exclusivamente n'uma parte, como o tronco ou um membro. Estas diversas erupções podem fazer-se sem accidentes geraes, porém ás vezes alguma d'ellas é precedida ou acompanhada de dôr de cabeça, febre ou fastio. Quando a affecção se prolonga, sobrevem emmagrecimento, inchação dos pés, e diarrhea que enfraquece os doentes.

Pemphigo dos recém-nascidos. O pemphigo não é raro nas crianças recém-nascidas. Desenvolve-se durante a vida intra-uterina ou alguns dias depois do nascimento. Occupa-lhes quasi exclusivamente a palma das mãos ou a planta dos pés.

Tratamento. O pemphigo agudo sára em geral facilmente com o emprego das bebidas refrigerantes, taes como limonada de limão, laranja, cozimento de cevada; com banhos d'agua tepida, e lavatorios de cozimento de linhaça. Convem abrir as bolhas com agulha, e cobri-las com polvilho ou farinha de trigo. Estando as excoriações inflammadas e dolorosas, curão-se com ecroto simples ou glicerina; se estiverem lividas ou violaceas, lavão-se com agua morna misturada com agua de Labarraque, e curão-se com unguento de Arceus, ou unguento de estoraque.

O pemphigo chronico exige um tratamento geral, composto de alimentação corroborante, e de medicamentos tonicos taes como o vinho de quina, e as preparações de ferro. Eis-aqui o receituario :

1º Ceroto simples	60 grammas (2 onças).
2º Glicerina.	60 grammas (2 onças).
3º Unguento de Arceus.	60 grammas (2 onças).
4º Unguento de estoraque.	60 grammas (2 onças).
5º Vinho de quina..	250 grammas (8 onças).

Para beber uma colher *de sopa*, 3 vezes por dia.

6º Pilulas ferruginosas de Vallet. 60.

Para tomar duas pilulas por dia.

PEONIA ou **Rosa albardeira.** *Pavonia officinalis*, Linneo Ranunculaceas. Planta cultivada nos jardins por causa da belleza de suas flores. Forma grossas moutas de verdura d'onde sahem flores que, dobrando-se, adquirem tamanho tal, que o seu pedunculo póde a custo sustenta-las. Estas flores são vermelhas, roseas, brancas; porém a sua côr mais frequente é o vermelho carmesim. A raiz é informe, ou quasi ramosa, exteriormente rubra ou tuberosa com tubaras pegadas á raiz por fios grossos, fusiformes, de 4 pollegadas e mais. A raiz da peonia officinal foi preconizada

pelos antigos como dotada de propriedades maravilhosas, contra a epilepsia e histerismo. Emprega-se ainda hoje como antispasmodico. Com as sementes da planta fazião-se antigamente collares para prevenir as convulsões das crianças.

PEPINO. *Cucumis sativus*, Linneo. Cucurbitaceas. Planta cultivada nas hortas do Brasil e de Portugal : dá um fructo de fórma mais ou menos alongada, um pouco curvado, de côr branca, verde ou amarella, conforme as variedades e ás vezes o gráo de madureza. Este fructo é muito aquoso e de digestão bastante difficil, e por isso costumão tempera-lo com sal, pimenta, vinagre e azeite. Cozido com carne, é um alimento salubre. — Nas boticas prepara-se com pepinos e banha de porco uma pomada que se emprega no curativo das feridas; goza de propriedades emollientes.

O pepino pequeno verde (*cornichon* em francez), do tamanho de um dedo, é uma variedade do precedente. Preparado com vinagre emprega-se como tempero.

PEPINO DE S. GREGORIO. *Veja-se ELATERIO.*

PEPSINA. Substancia amarellada, semelhante á gomma; é considerada como o principio activo da digestão gastrica. Obtem-se raspando certa quantidade da membrana mucosa dos estomagos de carneiros, macerando-a em agua, filtrando, precipitando-a pelo acetato de chumbo, fazendo passar uma corrente de hydrogeneo sulfuroso no precipitado, filtrando de novo, e deixando secar o producto, que é a *pepsina*. Esta substancia é aconselhada nas digestões difficéis, dôres de estomago, vomitos nervosos etc., na dóse de 1 gramma (20 grãos) por dia, em pó.



Fig. 398. — Pera.

PEQUI. *Pekea butyracea*, Aublet, Rhizobolaceas. Grande arvore do Brasil; habita no Pará e Amazonas. Dá um fructo globoso, meio achatado, que contém uma materia gordurenta de que os habitantes se servem como tempero nas comidas. A amendoa é mui boa para comer-se.

PERA. Fructo da pereira, *Pyrus*, L., arvore da familia das Rosaceas-pomaceas, cultivada no Brasil na provincia do Rio Grande do Sul, em Portugal, e em todos os climas temperados. Ha muitas variedades de peras; uma d'ellas está representada na fig. 398. Todas são alimentares, quer taes como a natureza as offerece, isto é, cruas, quer em doces. É uma fructa de facil digestão, muito salubre e agradável. Não cultivada é dura e de gosto adstringente, mas cultivada é mais ou menos macia, saborosa e doce.

PERCHLORURETO DE FERRO. V vol.I pag. 1113.

PERCUSSÃO. Methodo de exploração com cujo auxilio, batendo nas paredes de uma cavidade do corpo, podem reconhecer-se as lesões dos órgãos contidos n'esta cavidade. A percussão emprega-se principalmente para reconhecer as molestias do peito; porém os esclarecimentos fornecidos por ella não podem ser exactos senão quando é praticada convenientemente. Deve ser feita com as pontas dos quatro dedos reunidos em uma linha, e o pollegar carregando no index contra os outros. Convem bater com a porção polposa das pontas dos dedos perpendicularmente e não obliquamente, leve e apressadamente, e levantando a mão assim que ella bateo. Se se percutisse com os dedos reunidos em feixe, e em angulo obliquo de sorte que a sua face palmar fosse a que batesse e não a sua extremidade, ou se se deixassem os dedos sobre o peito do enfermo, tirar-se-hia um som menor e menos distincto. Cumpre, em geral, bater sobre os ossos e não nos espaços intercostaes; e, percutindo-se comparativamente os dois lados do peito, é necessario escolher os dois pontos semelhantes, percutilos com igual força e no mesmo angulo; não deve percutir-se de um lado parallelamente, e do outro transversalmente. Emfim, para tirar partido da percussão não se deve perder de vista que cada região do peito dá naturalmente um som particular, mais ou menos massiço.

Dois sons principiaes se verificação pela percussão de nossos órgãos: o som ôco e o som massiço; este existe quando a região porcutida é inteiramente solida ou contém liquido; e o som ôco verifica-se quando a região contém gases. Estes dois sons formão os extremos de uma escala, entre os quaes ha muitos gráus intermediarios. O peito, por exemplo, sendo percutido na região superior isto é sobre os pulmões, dá, no estado de saude, um som ôco, muito differente d'aquelle, que a mesma percussão produz na região do coração, porque são penetrados pelo ar; se porém estes mesmos pulmões se tornarem impermeaveis ao ar, por inflammação ou qualquer outra causa, o som differirá muito, será um som massiço.

PERDA DA FALLA ou **DA VOZ.** *Veja-se Voz.*

PERDA DE SANGUE. *Veja-se HEMORRHAGIA.*

PEREIORA ou **CASCA PRECIOSA.** *Mespilodaphne pretiosa*, Nees e Martius. Laurineas. Arvore do Brasil, muito commum nas mattas da provincia do Pará. Folhas oblongas, attenuadas para uma e outra extremidade, glabras; flores dispostas em paniculas; fructo pyriforme, com excrescencias côr de ferrugem exteriormente. A casca interior ou entre-casca é de sabor aromatico e quente, seme-

lhante ao da canella; o cheiro corresponde ao da mistura de sassafráz, canella e rosa. Os habitantes do Orenoco chamão-lhe *canellila*. Extrahe-se d'ella pela distillação uma essencia amarellada, mais pesada do que a agua, comparavel á essencia de canella. A infusão d'esta casca é util internamente na debilidade do systema nervoso, na inchação dos pés, nos catarrhos chronicos e flores brancas. Prepara-se com 8 grammas (2 oitavas) da entre-casca e 180 grammas (6 onças) d'agua fervendo. Administra-se tambem em banhos nos mesmos casos.

PEREIRA. *Veja-se* PÁO PEREIRA e PERA.

PERFUME. Cheiro aromatico, agradável, mais ou menos forte, mais ou menos subtil, que se exhala de qualquer substancia, e sobretudo das flores. As resinas, os balsamos, os oleos essenciaes extrahidos das plantas, certos productos animaes, taes como o almiscar, o ambar cinzento, etc., são os principios de quasi todos os perfumes. Distinguem-se os perfumes em *simples*, que se empregão taes como a natureza os fornece, ambar cinzento, almiscar, insenso, benjoim, balsamos, etc.; *compostos*, mistura de muitos perfumes simples; *seccos*, perfumes friaveis, e que podem ser reduzidos a pó, como todas as resinas odoríferas; *liquidos*, espiritos e essenciaes extrahidas de plantas odoríferas. Sobre o effeito que produzem certos perfumes na nossa economia *veja-se* CHEIROS.

PERICARDIO. Involucro do coração. É uma bolsa membranosa que contém o órgão central da circulação, e a origem dos grandes vasos.

PERICARDITE. Inflammção do pericardio, membrana que reveste o coração exteriormente. Póde ser *aguda* ou *chronica*.

Pericardite aguda. *Causas.* Esta molestia mostra-se sobretudo nos individuos jovens e vigorosos; succede muitas vezes ao resfriamento, ao uso das bebidas nevadas, ao abuso dos liquidos alcoolicos, ás contusões do peito. Uma causa assaz frequente de pericardite é a affecção rheumatismal: em grande numero de pessoas affectadas de rheumatismo articular geral, e com febre intensa, sobrevem de repente todos os symptomas de pericardite. A frequencia d'esta pericardite foi avaliada na proporção de 50 pericardites para 100 rheumatismos, entrando n'esta conta as mais leves manifestações pericardinas. Póde apparecer em qualquer epoca do rheumatismo agudo, mas sobretudo manifesta-se na segunda semana da molestia. O rheumatismo chronico não tem influencia sobre o desenvolvimento da pericardite. Esta molestia observa-se tambem durante a escarlatina, bexigas, no typho, na febre puerperal, na albuminuria, mais raramente na cachexia

tuberculosa e cancerosa. A pericardite é uma molestia frequente.

Symptomas. A pericardite apparece ora no estado de perfeita saúde, ora se declara, como acabei de dizer, no curso de um rheumatismo agudo ou de outras molestias. No primeiro caso, sómente, podem observar-se os prodromos ordinarios da maior parte das molestias agudas. A molestia principia por calefrios, febre, anxiedade, palpitações, tosse secca, oppressão e aceleração notavel dos movimentos respiratorios; em *alguns casos raros* começa por uma dôr na região lateral esquerda do peito; a dôr falta no maior numero dos casos.

Apenas a molestia tem durado alguns dias, e já existe um derramamento mais ou menos consideravel no pericardio, e dá lugar a phenomenos que só pertencem a ella. Em consequencia do liquido que se forma no pericardio, a região precordial dá á percussão um som massiço, cuja extensão é proporcionada á abundancia do derramamento. Applicando-se então o ouvido á região lateral esquerda do peito, não se ouve mais o ruido da respiração que existe no estado normal; é a consequencia da repulsão do pulmão esquerdo pelo liquido que se formou na cavidade do pericardio. As pancadas do coração cêssão de ser superficiaes; distingue-se bem que tem lugar profundamente e que são separadas do ouvido por um corpo intermediario. Ao mesmo tempo percebe-se um ruido comparado ao que se produz roçando-se entre os dedos tafeté ou papel; ou então ouve-se o *ruido de couro novo* comparado ao que produz a pressão do cavalleiro em uma sella nova. Estes ruidos explicão-se pela fricção das falsas membranas que se formárão no interior do pericardio.

A pericardite aguda é acompanhada de um estado febril mais ou menos intenso. Os doentes tem a principio dôres de cabeça; o somno penoso, interrompido por sobresaltos; raras vezes existe delirio. Emfim, em alguns casos, observa-se um pouco de infiltração serosa no rosto, e nos membros inferiores.

Na pericardite *secundaria*, isto é na pericardite que apparece durante o curso do rheumatismo articular agudo ou de outras molestias, faltão os primeiros symptomas; a febre não pôde inquietar, porque ella depende da molestia antecedente, e não experimenta alteração apreciavel no momento da invasão da inflammação secundaria; a sensação de oppressão thoracica é nulla ou pouco marcada; não ha dôr na região do coração, a não existir ao mesmo tempo pleuriz parcial; em uma palavra todos os symptomas precusores podem faltar; só o exame directo do coração pela auscultação e percussão pôde revelar a inflammação incipiente do pericardio; d'aqui vem o preceito de auscultar todos os dias os

individuos affectados de rheumatismo, de escarlatina, de bexigas, de pleuriz, de albuminuria, de toda a molestia, em uma palavra, capaz de complicar-se de phlegmasia pericardina.

Marcha, duração, terminações. A pericardite pôde seguir uma marcha rapida e terminar pela morte no fim de um ou de alguns dias. N'estes casos, a difficuldade de respirar vai augmentando, e é acompanhada de uma desordem consideravel nas pancadas do coração, de alteração profunda do rosto e inchação do pés; muitas vezes a vida cessa então de uma maneira inopinada e n'uma syncope. Todavia, na maior parte dos casos, e qualquer que seja a terminação da molestia, a pericardite segue uma marcha menos rapida; tem, em geral um periodo de crescimento que dura de seis ou oito dias; depois, os symptomas melhorão; o som massico occupa menor espaço, a febre acalma-se, e a convalescença estabelece-se entre o decimo quinto e vigesimo dia. Nos casos mais graves a convalescença é mais tardia; só pôde declarar-se passado um mez. O restabelecimento é, em geral, completo; alguns doentes continuão a soffrer por muito tempo de oppressão do peito. A pericardite é, sem duvida, uma molestia grave; todavia algumas pessoas exagerão o seu perigo. Pôde dizer-se em geral, que as pericardites simples, que sobrevem n'um individuo de boa saude, sárão quasi todas.

A *pericardite chronica* succede ás vezes á fórma aguda; outras vezes é primitiva. Os symptomas locaes são os mesmos; observa-se ao mesmo tempo a inchação dos pés. A duração da pericardite chronica pôde ser de muitos mezes.

Tratamento. O tratamento differe segundo a molestia fôr incipiente ou se já existir um derramamento liquido notavel. Quando a pericardite se manifesta simplesmente por um incommodo na região do coração, pela difficuldade de respirar e ruidos de fricção, é preciso esforçar-se em prevenir a formação do liquido no pericardio, de abater a febre, e de moderar a excitação do coração. Antigamente queria-se obter este effeito pelas sangrias geraes, mas é prudente abster-se d'ellas, porque a diminuição da massa de sangue, enfraquecendo a energia do coração, pôde de preferencia actuar contra o doente do que contra a molestia. Se a oppressão de peito fôr consideravel, convem só applicar bichas ou ventosas sarjadas sobre a região do coração. Em qualquer outra circumstancia cumpre abster-se das emissões de sangue, geraes ou locaes.

Administra-se a digital, que na pericardite é o melhor antifébril. Este medicamento diminue a temperatura e abaixa a energia do coração. Dá-se sob a fórma da poção seguinte :

Folhas de digital..	60 centigram. (12 grãos)
Agua fervendo..	150 grammas (3 onças).
Infunda, cõe e ajunte :	
Xarope de gomma.	30 grammas (1 onça).

Para tomar duas colheres *de sopa*, de 2 em 2 horas. Cessa-se o remedio, ou diminue-se a dóse, logo que o pulso diminuir de frequencia. Em alguns casos o pulso perde a força sem diminuir de frequencia : n'este caso tambem é preciso renunciar á digital. Favorece-se a acção d'este medicamento pelas bebidas acidulas, limonada, laranjada, por uma dieta moderada, e por alguns laxantes, oleo de ricino, manná, cremor de tartaro. Para acalmar a agitação ou a insomnia, administrem-se os pós de Dower, segundo a seguinte receita :

Pós de Dower	2 grammas (40 grãos).
--------------	-----------------------

Divida em 4 papeis. Para tomar um papel duas vezes por dia, n'uma colher d'agua fria.

Tal é o tratamento que convem nos primeiros periodos da pericardite aguda. Quando a molestia se desenvolve n'um doente affectado do rheumatismo agudo, ou quando já está desenvolvida n'uma pessoa que gozava boa saude, convem administrar o tartaro stibiado em alta dóse. Eis-aqui a receita da poção :

Agua simples	150 grammas (3 onças)
Emetico.	30 centigram. (6 grãos)
Xarope simples.	30 grammas (1 onça).

Esta poção dá-se ás colheres *de sopa*; duas colheres de 2 em 2 horas. Depois de algumas colheres, ás vezes mesmo logo depois da primeira dóse, apparecem vomitos e evacuações alvinas, que se repetem com frequencia variavel; não obstante isto, é preciso continuar a administração da poção; as ultimas colheres determinão de ordinario evacuações menos abundantes. No dia seguinte deixa-se descansar o doente; dá-se-lhe agua com vinho, um pouco de vinho de Bordeos, caldo de gallinha, e no dia immediato torna-se a dar a mesma poção. Emfim, se necessario fôr, depois de um outro dia de descanso, administra-se a mesma poção, mas só na dóse de uma colher *de sopa*, em vez de duas, de 2 em 2 horas.

Nos casos leves, desde o segundo dia do tratamento, verifica-se a diminuição ou mesmo a desaparição dos ruidos que se ouvem no peito; nos casos mais serios, não é senão depois da segunda ou terceira poção que a retrocessão dos symptomas está em boa via. Nos casos menos felizes, quando o tartaro emetico não produzio evacuações abundantes, por causa da predisposição particular do doente, é preciso combater o derramamento do pericardio pelos

causticos volantes applicados no lado esquerdo do peito, o pelos medicamentos diureticos, cujas receitas seguem :

1 ^a Infusão de bagas do zimbro..	360 grammas (12 onças)
Acetato de potassa.	2 grammas (40 grãos)
Xarope simples .	60 grammas (2 onças).

Para beber uma chicara de 3 em 3 horas.

2 ^a Infusão de parietaria.	150 grammas (5 onças)
Oxymel scillitico..	30 grammas (1 onça).

Para beber duas colheres *de sopa*, de 3 em 3 horas.

3 ^a Agua	500 grammas (16 onças)
Nitro	8 grammas (2 oitavas)
Xarope das cinco raizes.	60 grammas (2 onças).

Para beber uma chicara de 2 em 2 horas.

O doente usará d'estes medicamentos alternadamente; um dia de uma bebida, outro dia da outra. Ao mesmo tempo deve alimentar-se convenientemente, e tomar um pouco de vinho, para prevenir um estado de anemia, que não é favoravel á absorpção do liquido formado no pericardio.

Quando o liquido que enche o pericardio não ficou absorvido apezar de um tratamento conveniente, quando cessou a febre, a molestia passa ao estado chronico; é preciso continuar a applicação dos causticos volantes, o uso das preparações diureticas acima indicadas, e de vez em quando administrar um purgante. A alimentação substancial, o uso do vinho generoso convem n'este caso.

Quando a pericardite é acompanhada de prostração geral cumpre administrar a mistura tonica seguinte :

Vinho tinto.	150 grammas (5 onças)
Tintura de canella..	8 grammas (2 oitavas)
Xarope de casca de laranja.	30 grammas (1 onça)
Acetato de ammoniaco.	10 grammas (2 1/2 oitavas)
Extracto de quina.	4 grammas (1 oitava)
Aguardente de França	30 grammas (1 onça).

Dá-se, d'esta mistura, uma colher *de sopa*, 3 vezes por dia.

Esta mistura, que é a reunião das substancias tonicas e estimulantes, é muito util nos casos em que um derramamento pericardino persiste depois do uso do tartaro emetico.

Pericardite chronica. Distinguem-se duas especies de pericardites chronicas, que comtudo não differem essencialmente entre si pelos symptomas. Uma não é outra molestia senão a pericardite aguda, cujos symptomas primitivos desapparecêrão para cederem lugar aos symptomas de marcha chronica; a outra, pelo contrario, começa lentamente, e é chronica desde o principio.

Symptomas. A *dôr* pôde faltar completamente; o doente queixa-

se só de uma sensação particular, de um *embaraço*, de um *incommodo* na região do coração. Percutindo e auscultando o peito encontrão-se os mesmos signaes que na pericardite aguda. O som do peito é *massiço*, porque existe sempre um derramamento acompanhado de falsas membranas; as pancadas do coração são mui fracas, e parecem vir de mais longe do que no estado de saúde; existem no peito os mesmos ruidos anormaes que na pericardite aguda. Estes symptomas são acompanhados de intermittencia e de irregularidade do pulso, de sua maior frequencia, o rosto torna-se pallido, os pés inchão. A molestia dura ordinariamente muitos mezes.

A sua terminação é incerta : sárá em certo número de casos.

Tratamento. Consiste na applicação sobre a região precordial de tintura de iodo pura, ou misturada em partes iguaes com gliceryna; na applicação dos causticos volantes, e no uso da tintura de jalapa composta, misturada com xarope de casca de laranja.

Eis-aqui a receita da *tintura de jalapa composta*.

Raiz de jalapa	80 grammas
Raiz de turbitho.	10 grammas
Escamonéa.	20 grammas
Alcool a 60° cent.	960 grammas.

Macere durante dez dias e filtre. *Dóse* : O doente toma todos os dias de manhã uma colher *de chá* d'esta tintura, misturada com outro tanto de xarope de casca de laranja. O regimen do doente deve ser substancial.

PERINEO. Espaço comprehendido entre o anus e as partes genitales, dividido em duas partes iguaes por uma linha mediana. O perineo tem a fórma de um triangulo. Os orgãos importantes, que existem n'esta região, são, procedendo de traz para diante, sobre a linha mediana, o collo da bexiga, a prostata, e a porção membranosa do canal da urethra.

Perineo (*Rasgadura do*). Veja-se RASGADURA.

PERIODICIDADE. Aptidão que tem certos phenomenos morbidos para reproduzir-se em epochas determinadas, depois de intervallos mais ou menos longos durante os quaes elles cêssão completamente. As molestias que tem este caracter são chamadas *periodicas* : taes são as febres intermittentes, certas molestias nervosas, algumas hemorrhagias, etc. Combatem-se todas as molestias periodicas com o sulfato de quinina.

PERIODO. Chamão-se *periodos* as differentes phases ou epochas que podem distinguir-se no curso de uma molestia. Admittem-se commummente tres periodos : 1° é o *augmento*, o *crescimento* ou o *progresso* ; o 2° é o *estado*, o maior gráo de intensidade ;

o 3º é a *declinação*. Alguns autores contão mais dois periodos, a *invasão* e a *terminação*. — Tambem se chama *periodo* nas febres intermitentes ao espaço de tempo que comprehende um accesso e uma intermissão, o tempo que vai, por consequencia, da invasão de um accesso á invasão do accesso seguinte. — A palavra periodo emprega-se ainda para significar o mais alto gráo a que chega uma molestia; e diz-se, *esta molestia está no seu mais alto periodo*.

PERIOSTIO. Membrana fibrosa, branca, resistente, que forma um involucro aos ossos, e os reveste completamente, salvo nos lugares onde existem as cartilagens.

PERIPAROBA (S. Paulo e Rio de Janeiro). **Caapeba** (Minas), **Aguaxima** (Pison), *Piper umbellatum*, Velloso. Piperaceas. Planta do Brasil. Caule fructicoso, nodoso, de metro e meio a dois metros de altura; folhas grandes, quasi redondas, com a base cordiforme, de 30 centimetros de diametro e mais, rugosas e pecioladas; flores numerosas reunidas em espigas, e estas dispostas em umbellas; raiz de differente grossura, desde a de uma penna de ganso até 3 centimetros de diametro e mais, de cheiro aromatico e sabor acre. Com a raiz faz-se um chá que é estomachico e sudorofico; e prepara-se deixando de infusão 2 grammas (meia oitava) de raiz de periparoba n'uma chicara d'agua fervendo. Este chá é muito usado principalmente como remedio caseiro, nas obstrucções do figado e do baço.

Ha mais outra especie, *Piper peltatum*, Linneo, cujas folhas são grandes, peltatas, orbiculares, glabras; produz raizes igualmente aromaticas, e que tem o mesmo emprego. Externamente a raiz pizada e as folhas applicão-se com vantagem nas ulceras.

No Rio Grande do Sul chamão periparoba ao *Piper parthenium*, Martius, cuja raiz administração em infusão nas flores brancas, e na menstruação laboriosa.

PERITONEO. Membrana serosa que reveste a cavidade abdominal, prolonga-se sobre a maior parte dos órgãos contidos n'esta cavidade, envolve-os total ou parcialmente, e mantem por meio de numerosos prolongamentos suas relações respectivas. É uma especie de sacco sem abertura, que cobre todos os órgãos abdominaes, sem os conter em seu interior, e cuja superficie interna lisa e humedecida de serosidade, está em contacto consigo mesma.

PERITONITE. Inflammção do peritoneo. Ha d'ella diversas especies: uma, *espontanea* ou *primitiva*, que sobrevem no homem, ou na mulher que não está de parto, debaixo das influencias das causas que occasionão as outras inflammções; a segunda especie é *symptomatica* ou *consecutiva*, porque se declara em consequencia

de alguma lesão das visceras abdominaes e sobretudo depois da perforação dos intestinos; a terceira especie e a peritonite chamada *puerperal*, porque affecta as mulheres recém-paridas; emfim, ha uma peritonite *chronica*.

Peritonite aguda simples ou **primitiva**. *Causas*. Não se sabê absolutamente cousa alguma de positivo sobre as causas da peritonite simples; a molestia declara-se quasi sempre espontaneamente. A impressão do frio, a contusão do ventre, a supressão de uma hemorragia, são as circumstancias que as mais das vezes tem obrado como causas determinantes.

Symptomas. Principiemos pelo caso mais grave, quando a inflamação invade todo o peritoneo, ou grande extensão d'elle. Umaz vezes a molestia é precedida por alguns dias de incommodo geral, fastio, febre; outras, a dôr aguda e pungente no ventre, que caracteriza a peritonite, manifesta-se logo no principio. Os soffrimentos tem lugar sobretudo ao redor do embigo, exasperão-se pela menor compressão, a ponto de tornar ás vezes intoleravel ao doente o peso do cobertor, que é necessario manter levantado por meio de arcos. O menor esforço, a mais pequena tosse ou espirro augmentão-n'a igualmente. O ventre incha; ao mesmo tempo ha nauseas, vomitos, prisão de ventre, pelle calida, pulso pequeno e frequente, respiração opprimida; o rosto tem a expressão de soffrimento. Passado algum tempo, um derramamento de liquido forma-se no interior; o volume do ventre augmenta, as feições do rosto tomão um aspecto particular. Se a molestia se aggravar a pelle cobre-se de um suor frio e viscoso; continuação os vomitos; o doente enfraquece progressivamente, e succumbe n'um estado de abatimento completo. Se a molestia diminuir, o pulso torna-se menos frequente, os vomitos cêssão, a dôr é menor, o liquido derramado no ventre é absorvido, e o doente sara.

A peritonite não tem sempre esta gravidade. Em vez de invadir todo o peritoneo, a inflamação só occupa uma porção circumscripta d'esta membrana: diz-se então que a peritonite é *parcial*. É caracterizada, como a que é geral, por dôr viva mais ou menos circumscripta, e pelos outros symptomas da molestia, taes como a febre, soluços, nauseas e vomitos; mas a perturbação da economia é menos grave do que nos casos em que a phlegmasia invade a totalidade ou a maior parte do peritoneo.

Tratamento. Appliquem-se no ventre 10 a 20 bichas, conforme a intensidade da inflamação; e depois, cataplasmas de linhaça. Se o doente não puder supportar o peso das cataplasmas, applicuem-se pannos molhados em cozimento de linhaça, e cubrão-se com baeta ou encerado para não esfriarem. Dê-se um banho geral

ou um semicupio d'agua tepida. Administrem-se bebidas acidulas frias, taes como a limonada de limão ou de laranja; em pequena quantidade, cada vez, para não excitarem os vomitos. Administrem-se um purgante de oleo de ricino, 30 a 60 grammas (1 a 2 onças). A dieta será severa; o doente usará só de caldos de gallinha nos primeiros dias da molestia.

Se a dôr resistir ás applicações emollicentes, administre-se o opio em pilulas :

Extracto de opio. 2 1/2 centigrammas (1/2 grão)

Thridacio. 2 1/2 centigrammas (1/2 grão).

Faça 1 pilula, e como esta mais 5. Para tomar uma ou duas pilulas por dia.

Peritonite aguda consecutiva ou symptomatica. A peritonite é um accidente commum nos estrangulamentos dos intestinos, assim como na quebradura estrangulada, mesmo depois da operação. Sobrevem porque as materias intestinaes derramão-se no peritoneo por uma fenda ou a travez das paredes gangrenadas do intestino. Mas de todas as peritonites consecutivas, as mais communs são as que resultão da abertura do intestino feita por faca ou algum outro instrumento de gume ou ponta, pela ruptura de um abcesso ou de um kysto. A perforação intestinal pôde tambem sobrevir no curso da febre typhoide e das outras affecções que produzem ulcerações intestinaes. O peritoneo inflamma-se tambem ás vezes n'um periodo adiantado dos cancos do utero, do estomago, do intestino e do figado, pela simples vizinhança dos tecidos morbidos.

Symptomas. Quando as causas que produzem as peritonites consecutivas actuão de outro modo do que pela introduccção de uma substancia irritante na cavidade do peritoneo, a inflammação não differe por seu modo de invasão e por sua marcha da que sobrevem espontaneamente. Mas não acontece a mesmo quando a molestia se declara em consequencia da perforação de uma cavidade natural ou accidental : n'este caso, o momento em que a perforação se opera é marcado por accidentes graves, que tem alguma cousa de caracteristico. Quasi todos os doentes sentem de repente no ventre uma dôr pungente, que se estende a todo o ventre, augmenta pela pressão, e é acompanhada de calefrios, da decomposição do rosto, de nauseas, vomitos, da acceleração e da pequenez do pulso, emfim da suppressão das evacuações, se a peritonite resulta de uma perforação intestinal. Dois a sete dias depois, o doente succumbe.

Tratamento. É quasi sempre inutil. O estado das forças raras vezes permite as emissões sanguineas, mesmo locaes. Mas ha

indicações particulares a preencher quando a peritonite succede á ruptura ou á rasgadura de um dos reservatórios contidos no abdomen. Se houve perforação intestinal, dever-se-ha, para impedir a saída de nova quantidade de liquido, e para favorecer a formação de adherencias protectivas, recommendar ao doente o repouso mais absoluto, e a mais completa immobildade. Privar-se-ha das bebidas, e satisfará a sêde com alguns pedaços de gelo ou de gommos de laranja. É quasi inutil dizer que os purgantes e mesmo os clysteres simples são absolutamente prohibidos. Se a peritonite fôr causada pela perforação da bexiga, introduza-se n'este reservatorio uma sonda, deixando-a ali em permanencia e destapada, para impedir qualquer accumulacão de ourina no orgão. Em todos estes casos, sobretudo quando existe perforação intestinal, deve-se recorrer ao opio para acalmar as dôres. Para este fim, molhe-se um panno no laudano de Sydenham, e applique-se no ventre; ou reguem-se com laudano as catasplasmas que se applicão no ventre.

Peritonite puerperal. A peritonite chama-se *puerperal* quando sobrevem nas mulheres recém-paridas. Chamão-lhe tambem *febre puerperal*.

Causas. Esta molestia ataca sobretudo as mulheres que durante a gravidez tiverão violentos pezares ou privações; as que tiverão um parto laborioso, sobretudo quando, para termina-lo, foi necessario introduzir a mão ou o forceps. A retenção das pareas, e a extracção forçada á qual foi necessario recorrer, são ainda causas muito activas da peritonite. Outro tanto direi das hemorragias uterinas, que actuão menos pelo enfraquecimento que produzem do que pelas manobras que se empregão para atalha-las. No maior numero de casos, a peritonite puerperal desenvolve-se espontaneamente e sem que se possa descobrir a accão de nenhuma causa efficiente; outras vezes a molestia succede manifestamente a uma indigestão, á impressão do frio, e sobretudo ás emoções moraes.

Symptomas. A peritonite puerperal começa de ordinario entre o segundo e quinto dia depois do parto. Quasi sempre a sua invasão é subita e caracterizada por um calefrio intenso, precedido, acompanhado e seguido de uma dôr abdominal mais ou menos viva. Ao mesmo tempo o ventre augmenta de volume pela presença de gaz na cavidade dos intestinos e do peritoneo. Sobrevem nauseas, vomitos amarellos ou esverdeados; ora ha prisão de ventre, ora uma diarrhea, mais ou menos abundante. A sêde é em geral viva, a lingua torna-se humida, e coberta de uma camada branca, raras vezes amarellada; frequentemente faz-se secca e arroxeadá alguns dias depois. A respiração é mais ou menos

accelerada. Uma febre viva existe desde o principio; o calor da pelle é intenso; o pulso bate de 100 a 120 vezes por minuto; o rosto, a principio animado, não tarda a enrugar-se e a exprimir o soffrimento. Os lochios supprimem-se ou diminuem de abundancia; muitas vezes não offerecem nada de notavel. A secreção do leite é menos activa e quasi sempre os seios diminuem de volume.

Continuando a molestia a fazer novos progressos, a dôr do ventre torna-se geral, propaga-se até ás cadeiras, e augmenta de intensidade; o ventre estende-se ainda mais; é sonoro quando se percute em toda a parte salvo na região vizinha das cadeiras, onde se accumula um derramamento seroso. Os vomitos tornão-se mais frequentes; no seu intervallo as doentes são atormentadas por soluços; o pulso bate 130 a 140 vezes por minuto; a pelle cobre-se de um suor viscoso : a doente succumbe.

Ao lado d'este caso grave, que apparece sobretudo quando a molestia reina epidemicamente, existe uma peritonite benigna, mais circumscripta, vizinha do utero, e que se póde chamar *metro-peritonite*. Reconhece-se facilmente esta variedade pela menor intensidade dos symptomas geraes, pela menor extensão da dôr do ventre, pela frequencia mediocre do pulso : esta peritonite cura-se geralmente. Quando a terminação deve ser favoravel, as melhoras principião pela diminuição da dôr do ventre, da frequencia do pulso e do meteorismo.

Tratamento. 1º *Meios preservativos.* Para prevenir a peritonite puerperal, é preciso que as mulheres sejam postas nas condições hygienicas mais favoraveis; devem viver n'uma temperatura branda, uniforme, n'um repouso absoluto de corpo e de espirito; entreter-se-ha a liberdade do ventre com clysteres d'agua morna simples; favorecer-se-ha o corrimento dos lochios pela posição, e empregar-se-hão seringatorios com o cozimento de linhaça se elles se tornarem fetidos.

2º *Meios curativos.* Appliquem-se 15 a 20 bichas no ventre, e depois cataplasmas de linhaça. Administre-se depois um vomitorio : 1 gramma (20 grãos) de ipecacuanha em pó, em meia chicara d'agua morna. Se houver prisão de ventre, administre-se um clyster de cozimento de linhaça, ou dê-se pela bocca um purgante de oleo de ricino, 30 grammas (1 onça). Se a molestia não diminuir de intensidade, friccione-se o ventre com pomada mercurial duas vezes por dia, sendo do tamanho de uma azeitona a quantidade conveniente para cada fricção. Eis-aqui a receita :

Pomada mercurial dupla. 30 grammas (1 onça).

A doente tomará só caldo de galinha por unico alimento, e para bebida infusão de linhaça ou cozimento de cevada frio.

Se sobrevierem os symptomas de prostração, administre-se a poção seguinte :

Infusão de serpentaria de Virginia. 120 gram. (4 onças)

Xarope de quina. 30 gram. (1 onça).

Misture. Tomar uma colher *de sopa* de 2 em 2 horas.

Se a prostração não ceder, recorra-se ao sulfato de quinina :

Sulfato de quinina. 1 gram. (20 grãos).

Divida em 10 papeis. Para tomar quatro papeis por dia; um papel de 3 em 3 horas.

No mesmo periodo da molestia administre-se o clyster seguinte :

Infusão de valeriana. 150 gram. (5 onças)

Camphora 30 centigr. (6 grãos)

Gema de ovo. uma.

E fação-se fricções no ventre com oleo camphorado, duas vezes por dia : uma colher *de sopa* de oleo para cada fricção.

PERMANGANATO DE POTASSA. Sal crystallizado em agulhas prismaticas, de côr negra bronzea e violacea, soluvel na agua; sua solução é de côr violacea magnifica. Empregado em pó ou solução concentrada, actua como caustico; dissolvido em grande quantidade d'agua, decompõe chemicamente os gazes fetidos; é um dos melhores desinfectantes. Emprega-se para a desinfecção das feridas. É aconselhado no tratamento externo dos cancrios uterinos e outros, dos abcessos profundos ou gangrenosos, ozena, máo halito, suores fetidos, etc. Não deve ser receitado senão em agua distillada pura; qualquer materia organica, como a glycerina, o alcool, o assucar, o decompõe immediatamente; e é mesmo, por causa d'esta grande instabilidade, que elle é um desinfectante tão poderoso; os fios, os pannos de linho ou algodão decompõem igualmente este sal. Quando ~~um~~ um panno está manchado com permanganato de potassa, a immersão na agua acidulada com um centesimo (1/100) de acido chlorhydrico, basta para tirar-lhe as nodoas, e o panno não ficar estragado. Eis-aqui as proporções das soluções de permanganato de potassa para uso externo :

1º 1 parte de permanganato de potassa crystallizado e 10 d'agua distillada, como caustico e desinfectante nos cancrios.

2º 1 parte de permanganato e 200 d'agua para o curativo das chagas e dos abcessos; para tirar o máo cheiro dos pés, etc.

3º 1 parte de permanganato e 1,000 d'agua para injecções contra a ozena.

20 gottas da primeira solução, em um copo d'agua, constituem o melhor collutorio para dissipar o máo halito.

PERNA. A perna é a porção do membro inferior comprehendida entre o joelho e o pé. Dois ossos entrão na sua composição: a tibia e o peroneo. A tibia, mais forte e volumosa, está situada por dentro; o peroneo, osso mui delgado, está por fóra. Em baixo, a perna apresenta duas proeminencias: uma para dentro, formada pela extremidade inferior da tibia, chama-se *malleolo interno*; outra para fóra, formada pela extremidade do peroneo, denomina-se *malleolo externo*. Estas proeminencias osseas são designadas vulgarmente pelo nome de *tornozelo*.

As molestias da perna são assaz numerosas; mas a maior parte d'ellas são communs ás outras partes do corpo e não exigem aqui descripção particular; são postemas, feridas, ulceras, erysipelas, varizes, etc., etc.; sua historia acha-se indicada em artigos especiaes. Notarei sómente que as feridas das pernas, para sararem promptamente, exigem repouso absoluto.

Perna (DESLOCAÇÃO DA). V DESLOCAÇÃO DO JOELHO, v. I, p. 823.

Perna (FRACTURA DA). Veja-se vol. I, pag. 1193.

Pernas tortas. Veja-se RACHITISMO.

PEROLA. Substancia globosa, de côr branca nacarada, lustrosa, e de grande dureza que se forma no interior de uma especie de ostra, *Avicula*, que se acha no fundo dos mares da India, entre 5 e 25 metros de profundidade. Cada anno, no mez de Março, muitos milheiros de mergulhadores experimentados descem aos vastos bancos d'estas preciosas ostras, para fazer uma rica colheita. As perolas constituem uma joia mui estimada. São formadas de carbonato de cal combinado com uma substancia azotada.

Dá-se tambem o nome de *perolas*, na pharmacia, aos envoltorios esphericos, feitos de gelatina ou de gomma, destinados a conter medicamentos liquidos, de que se quer encobrir o cheiro ou sabor. Taes são as perolas de terebinthina, de ether, de chloroformio, etc.

PERONEO. Um dos dois ossos que entrão na compsição da perna. É comprido, delgado e situado na parte externa e um pouco posterior da perna. As *fracturas* do peroneo, estão descriptas no vol. I, pag. 1196.

PERPETUA. *Gomphrena globosa*, Linneo. Amarantaceas. Planta cultivada nos jardins. Caule de 2 pés de alto, folhas oppostas, agudas, cotanilhosas por baixo, flores com longos pedunculos, roxas ou branco-roseas, compostas de escamas seccas. O chá de flor de perpetua emprega-se como emolliente e expecto-

rante nos defluxos; prepara-se infundindo um pugillo de flor de perpetuas n'uma chicara d'agua fervendo. Prepara-se tambem com as flores de perpetua um xarope, de linda côr arroxeadá, muito empregado no Rio de Janeiro contra as tosses.

Na Europa o nome de perpetua (*immortelle*, em francez) se applica a diversas plantas, por causa da duração de suas flores. Dá-se este nome não sómente á planta que acabo de descrever, mas tambem ao *Gnaphalium*, cujas flores, formadas de escamas imbricadas, inflexiveis e seccas, de côr amarella ou branca, servem para fazer as coroas funerarias, que se costumão depositar nos tumulos.

PERSEVEJO. É um insecto de côr roxa, arredondado e chato, sem azas, de cheiro extremamente desagradavel. A sua mordedura é bastante dolorosa e acompanhada de comichão mui viva, vermelhidão, e ás vezes de largas empolas. As regiões em que a pelle é mais fina, taes como o pescoço, o rosto; etc., são particularmente atacadas por estes animaes incommodos, que não sahem de seus retiros senão de noite: logo que o dia apparece, escondem-se nas rachas do leito, sob o papel das paredes do quarto, nas dobras do cortinado da cama, etc. O inverno faz perecer grande numero d'elles nos paizes frios; mas os ovos conservão-se, e, desenvolvendo-se com a volta dos calores, perpetuão esta detestavel raça. As camas de ferro nem sempre são sufficiente preservativo. Um autor francez refere a historia de um quartel, cujas salas estavam infectadas de persevejos; não se podia saber onde se refugiavão estes insectos, porque as camas erão de ferro, mas de ferro ôco. Lambrárão-se os soldados de quebrar um dos tubos que tinham servido para a construcção d'estas camas: achárão-n'o cheio de persevejos; aquentárão fortemente todas as partes que compunhão as camas, e o quartel foi desembarçado d'estes hospedes incommodos.

Modo de destruir os persevejos. O emprego da dissolução de sabão verde, a ferver, é um dos meios mais simples e melhores para destruir os persevejos. Este meio, recommendado por um illustre chimico francez, Thénard, é economico, sem perigo nem inconvenientes; está ao alcance de todas as pessoas. A operação deve ser exactamente feita segundo as indicações seguintes: 1º pôr 100 partes d'agua em peso n'uma bacia, e ajuntar-lhe 2 partes de sabão verde; collocar a bacia sobre um forno acceso e fazer ferver o liquido; 2º tirar o papel do quarto, e alargar, com uma faca, as fissuras das paredes, se não forem bastante largas para deixarem penetrar a agua no seu interior; 3º desarmar as differentes peças da cama; 4º atar uma grossa esponja com um

barbante a um páo de 40 centímetros de comprimento; mergulhar a esponja na dissolução de sabão fervendo, e lavar muitas vezes de cima para baixo as paredes do quarto, e sobretudo os lugares onde houver fissuras, tendo cuidado de tornar a molhar cada vez a esponja no liquido, o qual, para ser efficaz, deve estar sempre quente, e, quanto seja possível, fervendo; 5º lavar os diferentes páos do leito e todos os madeiramentos da mesma maneira. Sendo preciosos, convem expô-los simplesmente ao ar e ao sol por algumas horas e esfrega-los depois; 6º lavar igualmente, sempre com a dissolução fervendo, as fissuras que se podem achar no pavimento da casa ou nos madeiramentos; 7º mudar os cobertores da cama, o cortinado, e expô-los ao sol durante alguns dias; 8º reformar o enxergão, e passar pela agua fervendo o fundo de lona se existe, a crina ou a lã do colchão; 9º emfim, tapar as fissuras das paredes do quarto com massa de vidraceiro, e forrar depois o quarto da maneira ordinaria.

Matão-se tambem os persevejos e seus ovos com aguaraz que se introduz nos intersticios do leito.

Pós contra os persevejos. Flores reduzidas a pó do *Pyrethrum roseum* e *Pyrethrum carneum*, plantas que habitão na Turquia e Persia. Estes pós, muito empregados hoje, constituem uma preparação verdadeiramente efficaz para a destruição dos persevejos, moscas e outros insectos. Basta espalhar estes pós sobre os lençõs, ou introduzi-los por meio de um pequeno folle nos intersticios da cama. Vendem-se no commercio debaixo dos diversos nomes: *Pós contra os persevejos*, *Pós do Caucaso* ou de *Mismaque*, *Insecticidio de Ferrand*, de *Vicat*, de *Burnichon*, etc.

PERÚ. De todas as aves domesticas, são os perús os que exigem maiores cuidados, principalmente em quanto novos. Nas localidades frias só póde dar bons resultados a criação d'estas aves na primavera e no estio, porque o frio lhes é muito nocivo na primeira idade. A femea não é apta para a reproducção senão no segundo anno. Não põe ovos todo o anno como a gallinha; faz quando muito duas posturas por anno, uma no principio da primavera, outra no fim do verão. A postura principia 6 ou 8 dias depois que a femea recebeo o macho, o qual póde então ser d'ella separado sem inconveniente. Um Perú é sufficiente para 6 peruas. Salvo quando estão fechadas, as peruas não põem ovos na capoeira; escolhem para pôr os ovos, cujo numero é de vinte a vinte e cinco, um lugar afastado, que se póde descobrir facilmente tendo a attenção de vigiar as suas andaduras. Fazem-se chocar as peruas n'um lugar perfeitamente tranquillo; o ninho que se lhes prepara deve ser quasi chato, afim de que os ovos não estejam

n'elle sobrepostos, o que tornaria a incubação desigual. Dá-se ordinariamente 12 a 15 ovos a uma perua de um anno que choca pela primeira vez; podem dar-se 15 a 20 a uma perua de dois annos. Uma vez por dia, e sempre á mesma hora, é mister levantar a perua choca para lhe dar uma ração de grãos e de herva fresca, e agua para beber. A sua ausencia do ninho não deve prolongar-se além de meia hora. A incubação dura 28 a 32 dias, ao cabo dos quaes os pequenos sahem quebrando com o bico a casca na extremidade grossa.

Os perús pequenos são delicados até lhes nascerem os coraes, isto é, até á idade de 2 mezes. Passado este tempo, tornão-se muito bravios. Antes de lhes nascerem os coraes não devem sahir senão durante o bom tempo; temem sobretudo o frio e a humidade. Os perús devem viver em pateo grande e ir ao pasto. Aos 4 mezes podem comer-se; aos 6 mezes costumão engordar-se. Raras vezes se castrão, por causa de sua grande delicadeza durante a primeira idade. Devem-se matar os machos antes de 2 annos, se não a carne torna-se coriacea. Convem então engorda-los fechando-os n'um lugar secco, quente, escuro e isolado, onde se lhes faz engulir, á força, durante 15 dias, bolos de farinha, de feijões ou castanhas.

As *molestias* mais ordinarias dos perús são a diarrhea e a prisão de ventre. A *diarrhea* combate-se dando-lhes a beber um pouco de vinho com assucar; e a *prisão de ventre*, ajuntando um pouco de soro de leite á sua comida. Os perús podem viver de 6 a 10 annos.

PERVINCA *Vejá-se CONGOSSA MAIOR.*

PESADELO. O pesadelo não comprehende os sonhos pênso-
sos de toda a especie; designa-se mais particularmente por esta pala-
vra um estado em que a pessoa adormecida, julgando-se na immi-
nencia de um perigo, sente-se privada do uso dos movimentos
e da voz, quer para fugir ou repellir o ataque, quer para chamar
soccorro. Estas sensações illusorias são mui variadas: taes são
uma queda n'um abysmo, a vizinhança de um incendio, o ameaço
de assassinio, etc. Ás vezes, o homem julga ver no seu sonho
um monstro, um peso que lhe opprime o peito e lhe tolhe a res-
piração. Logo que se póde fazer algum movimento, o sonho des-
apparece, e ás vezes, ao despertar-se, existem palpitações e uma
fadíga geral.

As crianças, as mulheres e as pessoas idosas são mais sujeitas
ao pesadelo do que os adultos e os homens. Uma grande sensibi-
lidade predispõe para este incommodo. As historias com que se
amedrontão as crianças, os terrores religiosos, pezares profundos

e os excessos na comida são causas frequentes do pesadelo. Muitas vezes é produzido pela plenitude do estomago.

Os meios para fazer cessar esta affecção dimanão naturalmente do conhecimento das causas. Banir o medo, dissipar os terrores, procurar distrahir-se, usar de banhos, passeios, observar sobriedade, diminuir ou supprimir totalmente a comida da noite, deitar-se do lado direito e com a cabeça elevada, manter a liberdade do ventre com clysteres ou purgantes : taes são os meios mais convenientes. Todas as vezes que se puder, convem despertar a pessoa quando a perturbação da respiração, a anxiedade do rosto, o suor do corpo, annunciarem que o pesadelo se declara ou existe.

PESA-LICOR, PESA-SAL. *Veja-se* AREOMETRO.

PESCOÇO. Porção do corpo comprehendida entre a cabeça e o peito.

MOLESTIAS DO PESCOÇO. *Feridas*. A presença de numerosos nervos e vasos sanguineos torna estas feridas muito graves. (*Veja-se* FERIDAS DO PESCOÇO, vol. I, pag. 1101.) A complicação mais perigosa é a hemorrhagia. A primeira cousa que se deve fazer n'este caso grave, antes da chegada do cirurgião, é vedar momentaneamente o sangue applicando o dedo pollegar mesmo sobre a ferida, ou, melhor ainda, debaixo d'ella.

Dôr de pescoço. *Veja-se* TORCICOLLO.

Papeira. *Veja-se* vol. II, pag. 585.

Torcicollo. *Veja-se* esta palavra na sua ordem alphabetica.

Um dos symptomas mais frequentes das escrophulas é o engurgitamento permanente das glandulas do pescoço; estas amollecem com o tempo e abrem-se. *Veja-se* ESCROPHULAS e GLANDULA.

Cumpre não confundir as escrophulas com as pequenas inchacões das glandulas situadas debaixo do queixo, e que são conhecidas sob o nome de *cachumbas*. *Veja-se* vol. I, pag. 417

PESOS E MEDIDAS. § I. SYSTEMA METRICO DE PESOS E MEDIDAS. É summamente vantajoso, para todas as relações da vida, estabelecer medidas uniformes para cada nação, e mesmo para todo o mundo. D'esta verdade resultou a ideia de se adoptar um systema de pesos e medidas que fosse simples nas suas combinações, tivesse a sua origem na natureza, e fosse portanto invariavel. O systema que satisfaz a estes requisitos, é o dito *systema metrico-decimal*. Tem por base o *metro*, medida linear equivalente a pouco mais de $\frac{1}{4}$ palmos $\frac{1}{2}$, ou tres pés e $\frac{1}{4}$ linhas. Para se estabelecer este padrão medio-se a distancia do equador a um dos pólos, contada sobre o meridiano terrestre, que passa pelo Observatorio astronomico de Pariz; foi aquella distancia dividida em

10 milhões (10,000,000) de partes iguaes, cada uma das quaes se denominou *metro*. As medidas multiplas e submultiplas da unidade principal, em cada especie, achão-se reguladas na razão decupla; e por isso se denomina este systema *decimal*.

As unidades principaes, de cada especie de medida, são : *metro*, *litro*, *gramma*, *are* e *stere*.

O *metro* é igual, como já deixei dito, á decima-millionesima parte do arco do meridiano terrestre, ($\frac{1}{10\,000\,000}$), comprehendido entre o polo e o equador (3 pés, 4 linhas).

O *litro* é um volume de um decimetro cubico.

O *gramma* é o peso de um centimetro cubico d'agua.

O *are* é um quadrado que tem 10 metros de cada lado.

O *stere* é um metro cubico em volume.

Para exprimir as quantidades maiores que as unidades principaes, forão adoptadas as quatro seguintes palavras gregas :

4 multiplas	{	Myria...	10,000
		Kilo..	1,000
		Hecto	100
		Deca	10

e para designar as quantidades menores que as unidades principaes, empregão-se as palavras latinas :

3 divisores ou submultiplas	{	Deci..	0,1
		Centi.	0,01
		Milli	0,001

Aquellas sete palavras, antepostas ás cinco que designão as unidades principaes de cada especie de medida, bastão para designar todas as combinações multiplas e submultiplas do systema metrico decimal.

UNIDADES DO SYSTEMA DECIMAL.

Metro, litro, gramma, are e stere.

METRO.			LITRO.		
Myriametro.	10000	metros	Kilolitro.	1000	litros
Kilometro.	1000	»	Hectolitro	100	»
Hectometro.	100	»	Decalitro	10	»
Decametro.	10	»	Litro.	1	»
Metro.	1	»	Decilitro..	0,1	»
Decimetro.	0,1	»	Centilitro.	0,01	»
Centimetro	0,01	»	Millilitro	0,001	»
Millimetro.	0,001	»			

GRAMMA.			ARE.		
Kilogramma.	1000	grammas	Myriare..	10000	ares
Hectogram.	100	»	Hectare..	100	»
Decagramma	10	»	Are.	1	»
Gramma.	1	»	Centiare.	0,01	»
Decigramma.	0,1	»			
Centigramma	0,01	»	STERE.		
Milligramma.	0,001	»	Decastere.	10	steres
			Stere	1	»

Póde expressar-se, por meio de um numero decimal, uma medida qualquer. Assim um comprimento de 20 metros e 15 centímetros, póde ser representado pelo numero decimal $20^m,15$; um peso de 5 grammas e 25 centigrammas representa-se pelo numero decimal $5^g,25$; collocando por esta fórma as medidas multiplas á esquerda da virgula, e as submultiplas á sua direita; e devendo sempre situar sobre o algarismo das unidades, a inicial da especie de unidade de que se trata.

Medidas lineares ou de comprimento. As medidas de comprimento são as que servem para medir a extensão considerada como linha; por exemplo o comprimento de uma peça de panno; o de uma estrada; o comprimento e a espessura de uma arvore. O *metro*, que é a base d'estas medidas, é dividido em 10 partes iguaes, que se denominão *decímetros*; cada decímetro divide-se igualmente em 10 partes iguaes, denominadas *centímetros*; e cada centímetro se divide tambem em outras 10 partes iguaes, que se chamão *millímetros*. Todas estas subdivisões servem para medir os pequenos comprimentos.

Na medição das extensões mais consideraveis usa-se do *decametro*, que consta de 10 metros; do *hectometro*, composto de 100 metros; do *kilometro*, composto de 1,000 metros, e do *myriametro*, composto de 10,000 metros.

A fig. 399 representa o comprimento de um decímetro. As divisões marcadas 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10 são os centí-

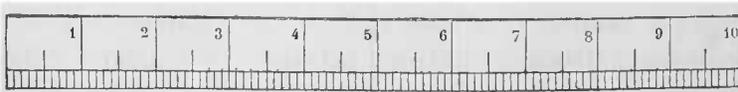


Fig. 399. — Decímetro.

metros; e as menores, os millímetros. Ha medidas lineares construidas para os usos communs da vida.

Os *duplos decametros*, os *decametros* e os *meios decametros*, construidos em fórma de cadeias, são compostos de fuzís de arame,

de 2 ou 5 decímetros de comprimento cada um, reunidos entre si por pequenas argolas do mesmo metal; de metro a metro estas argolas são de latão; e nos extremos de cada cadeia ha umas argolas grandes para se lhes pegar, as quaes são comprehendidas no comprimento total da medida.

Os *metros duplos*, os *metros* e os *meios metros*, divididos em decímetros e centímetros, tem de ordinario a fórma de regoas chatas inteiras. Ha tambem *metros articulados*, de metal, barbatana, buxo ou marfim. Os *duplos decímetros* e os *decímetros*, divididos em centímetros e em millímetros, são de buxo, metal, marfim, etc., em fórma de regoas chatas e articuladas, e tambem em fórma de prismas triangulares. Ha tambem fitas graduadas, que são muito commodas, e prestão-se com facilidade a todas as medições mais usuaes.

Medidas itinerarias. As medidas itinerarias são as que servem para avaliar as distancias consideraveis, e medir as estradas. Ha tres medidas de contagem, especialmente destinadas para este fim.

O myriametro que vale..	10000 metros
O kilometro »	1000 »
O hectometro »	100 »

Cada cinco kilometros formão uma legoa itineraria.

Medidas de pequenas superficies. A unidade das medidas de superficie é o metro quadrado (20,661157 palmos quadrados); isto é um quadrado que tem um metro de comprimento em cada um dos seus lados. O metro quadrado não tem multiplos. Os seus submultiplos são o *decimetro quadrado*, o *centimetro quadrado* e o *millimetro quadrado*. O metro quadrado serve para avaliar as superficies das obras de alvenaria, de marceneiro, de pintura e outros semelhantes. Algumas vezes faz-se uso do decimetro e centimetro quadrado para avaliar as superficies das mais pequenas dimensões, como seião as laminas de vidro, as de zinco, etc.

Medidas agrarias. As medidas agrarias são aquellas que servem para avaliar a superficie dos terrenos, dos campos, das vinhas, das florestas, dos prados, etc. A unidade das medidas agrarias é o *are*, isto é, um quadrado que tem 10 metros de cada lado, ou 100 metros quadrados de superficie. O are não tem senão um unico multiplo, o *hectare*, que vale 100 ares; é um quadrado que tem 100 metros de lado, e 10000 metros quadrados de superficie. O unico submultiplo do are é o *centiare*, medida que tem 1 metro de lado; é o metro quadrado, ou a centesima parte do are.

Medidas de volume ou solidez. A unidade das medidas de volume é o metro cubico (93,91 palmos cubicos); isto é, um

cubo que tem 1 metro de comprimento, 1 metro de largura e 1 metro de altura; e por conseguinte cada uma das suas seis faces 1 metro quadrado. O metro cubico serve para avaliar o volume das obras de alvenaria, de remoção das terras, de pedras, etc.

Medidas para lenha. A unidade das medidas para a lenha e para as mais madeiras é o *stere*, cujo volume é equivalente a 1 metro cubico (93,91 palmos cubicos). O *stere* não tem senão um multiplo, que é o *decastere*, medida de 10 *steres*; e um submultiplo, que é o *decistere*, medida que vale a decima parte do *stere*. As medidas effectivas para as lenhas são tres:

1º O *stere*, medida de 1 metro cubico (93,91 palmos cubicos).

2º O *duplo stere*, medida de 2 *steres* (187,82 palmos cubicos).

3º O *meio decastere*, medida de 5 *steres* (469,57 palmos cubicos).

Cada uma d'estas medidas compõe-se de uma peça de madeira chamada *soleira*, que se colloca horizontalmente; de duas outras peças de madeira situadas verticalmente sobre a *soleira*, que se denominão *montantes*, e de duas *escoras*, que se pregão sobre a *soleira* de encontro aos *montantes*, pela parte de fóra d'estes. O comprimento da *soleira* entre os *montantes* deve sempre ter:

Para o <i>stere</i> ..	1 metro
Para o duplo <i>stere</i> ..	2 metros
Para o meio <i>decastere</i> ..	3 metros.

A altura dos *montantes*, quando os *tóros* ou *achas* tem 1 metro de comprimento, é de:

Para o <i>stere</i> ..	1 metro
Para o duplo <i>stere</i> ..	1 metro
Para o meio <i>decastere</i>	1 metro 667 millim.

Os *montantes* do *stere* e do duplo *stere* são divididos em decímetros, que indicão as decimas partes de cada uma d'estas medidas; isto é, os *decisteres* no *stere*, e os *duplos decisteres* no duplo *stere*. Quando os *tóros* não tem justamente 1 metro de comprimento, varia então a altura dos *montantes* até produzir um volume de 1, 2 ou 5 metros cubicos. O comprimento da *soleira* nunca soffre alteração.

Medidas de capacidade. As medidas de capacidade são aquellas que servem para medir os liquidos, como o vinho e o azeite; e as materias seccas, como os cereaes, a farinha, etc.

O litro é a unidade principal d'estas medidas; a sua capacidade é equivalente ao volume de 1 decimetro cubico (quasi 1 quartilho e 1/2 do Brasil, ou perto de 3 quartilhos dos de Portugal). O litro admittc tambem todas as combinações com os multiplos e submultiplos, e cada medida tem o seu duplo e a sua metade.

Medidas de peso. A unidade principal das medidas que

servem para pesar é o gramma (20,08 grãos) equivalente ao peso de 1 centimetro cubico de agua distillada, tomada no seu maximum de densidade, 4 grãos centigrados, e pesada no vacuo.

O gramma admite todos os multiplos e submultiplos. Os pesos dividem-se em 3 classes : 1º Pesos grandes, os que excedem o kilogramma ; 2º Pesos medianos, os que ficão entre o gramma e o kilogramma ; 3º Pesos pequenos, os que são menores do que o gramma.

Grandes pesos multiplos do kilogramma.

Cinco myriagram.	50 kilogram.		Meio myriagram.	5 kilogram.
Duplo myriagram.	20 »		Duplo kilogram.	2 »
Myriagramma	10 »		Kilogramma	1 »

Pesos medianos multiplos do gramma.

Kilogramma .	1000 grammas		Duplo decagr	20 grammas
Meio kilogram.	500 »		Decagramma	10 »
Duplo hectogr.	200 »		Meio decagr	5 »
Hectogramma.	100 »		Duplo gramma	2 »
Meio hectogr..	50 »		Gramma.	1 »

Pesos pequenos, submultiplos do gramma.

Gramma.	10 decigram.		Meio decigram.	5 centigr.
Meio gramma.	5 »		Centigramma..	10 milligr.
Duplo gram..	20 »		Meiocentigram.	5 »
Decigramma.	10 centigr.		Milligramma.	1 »

No commercio o kilogramma é a unidade mais usual ; o hectogramma é a sua decima parte, e o decagramma a centesima parte. Para os pesos consideraveis, taes como os que se empregão para o carregamento de uma carreta ou de um navio usa-se :

O quintal metrico, que vale . 100 kilogram.

O milheiro ou tonelada metrica que vale 1000 »

§ II. SYSTEMA DE MEDIDAS, SEGUNDO O PADRÃO DE LISBOA, em uso em Portugal antes da introducção do systema decimal. (Extrahido dos *Elementos de arithmetica* do Sr. F. J. Menna Apparcio).

Medidas lineares ou de comprimento. As distancias locaes, sendo grandes, medião-se por legoas, milhas e passos geometricos; e as extensões menores, medião-se por braças, varas, toezas, covados, pés, palmos, pollegadas, linhas e pontos. Quando o quarto do meridiano terrestre se considerava dividido em 90 partes, cada uma d'ellas se denominava um grão; e cada um d'estes grãos, na latitude do parallello médio, tem tido a grandeza seguinte :

Grão igual a 50506,9857 braças. O grão dividia-se em 48, ou em 20 partes, cada uma das quaes constituia uma legoa.

Logo a legoa de 18 ao grão, ou *legoa terrestre*, era igual a 2805,94365 braças ou 6173,07603 metros.

E a legoa de 20 ao grão, ou *legoa maritima*, era igual a 2525,34928 braças, ou 5555,7684 metros.

A legoa maritima consta de 3 milhas.

A *legoa itineraria* mandada estabelecer em 1855, é de 5,000 metros, divide-se em 5 partes ou kilometros.

1 Braça	igual a	2 varas.	igual a	2,2	metros
1 Vara.	»	5 palmos <i>craveiros</i>	»	4,1	»
1 Palmo <i>craveiro</i> .	»	8 pollegadas.	»	0,22	»
1 Pollegada.	»	12 linhas	»	0,0275	»
1 Linha	»	12 pontos.	»	0,0022	»
1 Ponto.			»	0,0001	»
1 Pé	»	12 pollegadas..	»	0,33	»
1 Toeza	»	6 pés.	»	1,98	»
1 Passo ordinario.	»	2 pés e meio	»	0,825	»
1 Covado.	»	3 palmos..	»	0,68	»
1 Palmo de covado.			»	0,226	»

A vara e o covado dividem-se em 2 meios, 3 terços, 4 quartas, 6 sesmas e 8 oitavas. O valor de cada uma d'estas fracções, com relação ao metro, é a seguinte :

FRACÇÕES DA VARA.	FRACÇÕES DO COVADO
$\frac{1}{2}$ vara igual a 0,550 metro.	$\frac{1}{2}$ covado igual a 0,340 metro.
$\frac{1}{3}$ » » 0,366 »	$\frac{1}{3}$ » » 0,227 »
$\frac{1}{4}$ » » 0,275 »	$\frac{1}{4}$ » » 0,170 »
$\frac{1}{6}$ » » 0,183 »	$\frac{1}{6}$ » » 0,114 »
$\frac{1}{8}$ » » 0,138 »	$\frac{1}{8}$ » » 0,085 »

O *palmo craveiro*, ou da vara, era a base de todas as medidas de comprimento; a sua divisão em 10 partes era muito conveniente, porque dava muita facilidade para os calculos. Havia outro palmo chamado da *junta do commercio*, que era um pouco mais pequeno (100 dos quaes fazião 91 dos de craveira). O seu valor metrico era de 0,2002 metro; dividia-se em 10 partes. Foi estabelecido em 1756 para regular o frete dos generos seccos e liquidos, que se carregassem nos navios; e servia de base á *tonelada de frete*. O palmo de covado era um pouco maior do que o palmo craveiro; pois 1 covado equivalia a 24 $\frac{3}{4}$ pollegadas do palmo craveiro.

Medidas de superficie ou agrarias. As superficies medião-se ordinariamente por braças, varas e palmos quadrados; e tambem por milhas e legoas quadradas, quando se tratava da geographia.

1 Braça	quad. = 100 palmos quad. = 4,84	metros quad.
1 Toeza.	» = 81 » = 3,92	» »
1 Vara.	» = 25 » = 1,12	» »
1 Pé.	» = 144 polleg. » = 0,10	» »
1 Palmo..	» = 64 » = 0,04	» »
1 pollegada	» = 144 linhas » = 0,0007	» »
1 Linha.	» = 144 pontos » = 0,000005	» »

Medidas de capacidade.

Para seccos.

1 Moio.	igual a 15 fangas.	igual a 828,0	litros.
1 Fanga.	» 4 alqueires.	» 55,2	»
1 Alqueire.	» 4 quartas.	» 13,8	»
1 Quarta	» 2 oitavas..	» 3,45	»
1 Oitava.	» 2 maquias	» 1,725	»
1 Maquia.	» 2 selamins.	» 0,8625	»
1 Selamim.		» 0,43125	»

Estas medidas variavão muito em cada provincia, além de que muitos generos tinhão medidas particulares. A *cal* media-se aos moios; mas esta medição variava muitissimo nas diversas localidades. O *sal* vendia-se aos moios, e por alqueire, tendo o moio o volume de 992,46 litros. A *palha* vendia-se aos panos, tendo cada um 4 arrobas.

Para liquidos.

1 Tonel.	igual a 2 pipas.	igual a 847,5	litros.
1 Pipa.	» 25 almudes	» 423,75	»
1 Almude ou cantaro.	» 6 potes.	» 16,95	»
1 Pote ou alqueire.	» 6 canadas..	» 8,475	»
1 Canada..	» 4 quartilhos	» 1,4125	»
1 Quartilho.		» 0,353	»

Em Portugal 1 quartilho é igual como se vê, a 353 millilitros ou quasi 12 onças; no Brasil equivale a 667 millilitros ou quasi a 24 onças.

O almude variava muito nas provincias de Portugal. Outro tanto acontecia no Brasil a respeito da canada e do alqueire.

Medidas de peso.

1 Tonclada	= 13 1/2	quintaes	= 793,152	kilogram.
1 Quintal..	= 4	arrobas	= 58,752	»
1 Arroba	= 32	arrateis	= 14,688	»
1 Arratel.	= 2	marcos..	= 459	grammas.
1 Marco (de ourives)	= 8	onças.	= 229	»
1 Libra commum..	= 16	onças.	= 459	»
1 Libra (de botica)	= 12	onças.	= 344	»
1 Onça.	= 8	oitavas.	= 28,68	»
1 Oitava..	= 3	escropulos.	= 3,58	»
1 Escropulo.	= 24	grãos	= 1,19	»
1 Grão			= 0,049	»

MEDIDAS PARA PEDRAS E METAES PRECIOSOS.

Pedras e metaes.

1 Marco tem 8 onças.		1 Oitava tem 72 grãos.
1 Onça tem 8 oitavas.		

Diamantes.

1 Onça tem 8 oitavas.		1 Escropulo tem 6 quilates.
1 Oitava tem 3 escropulos.		1 Quilate tem 4 grãos.

Para o toque da prata.

1 Marco tem 12 dinheiros.		1 Dinheiro tem 24 grãos.
---------------------------	--	--------------------------

Para o toque do ouro.

1 Marco tem 24 quilates.		1 Quilate tem 4 grãos.
--------------------------	--	------------------------

A pureza ou a qualidade do ouro avalia-se por *quilates*, que é a vigesima-quarta parte de um marco de ouro sem mistura de outro metal. Assim, quando se diz ser o ouro de 22 quilates, quer dizer que um marco contém 22 partes de ouro puro, e 2 partes de liga.

A pureza ou qualidade da prata avalia-se por *dinheiros*, que é a duodécima parte de um marco de prata sem mistura alguma de outro metal. Assim quando se diz ser a prata de 11 dinheiros, quer dizer que um marco de prata contém 11 partes de prata pura e 1 parte de liga.

O ouro do dinheiro portuguez deve ser de 22 quilates.

O ouro das obras de ourives deve ser de 20 quilates e meio; e o ouro de que usão os bate-folhas de 23 quilates.

A prata cunhada deve ser de 11 dinheiros.

A prata das obras de ourives deve ser de 10 dinheiros e 6 grãos; e a prata de que usão os bate-folhas de 12 dinheiros.

Quilate. Nome de uma medida convencional, adoptada para os

objectos preciosos ; designa ora um simples grão de pureza, ora um peso real.

Quando se trata de ouro, suppõe-se, para avaliar a sua pureza, que todo o objecto de ouro, qualquer que seja a sua massa ou quantidade, forma um composto fictivo de 24 partes ; cada uma d'estas partes é um *quilate*. O ouro perfeitamente puro chama-se de 24 quilates ; aquelle que contém $\frac{1}{24}$ de liga ou cobre é de 23 quilates ; se se lhe juntão $\frac{2}{24}$ de cobre, fica de 22 quilates, etc. ; assim dizemos, *ouro* de 22, 23, 24 quilates, etc. Hoje, em França, depois da introducção e vulgarização do systema decimal de pesos e medidas, o titulo não se conta senão por millesimos : 1 quilate equivale a 42 millesimos.

Quando se trata de perolas, diamantes e outras pedras preciosas, o quilate é um peso real ; chama-se então *quilate de peso* : pesa 4 grãos ou um pouco mais de 20 centigrammas (rigorosamente 20 centigrammas 275 milligrammas) ; por isso é que se diz, por exemplo, que o diamante *Estrella do Brasil*, depois de talhado, pesa 125 quilates.

Applicado como peso para o ouro, o quilate toma um valor inteiramente differente, equivalente a 192 grãos.

§ III. CONVERSÃO DOS PESOS E MEDIDAS DECIMAES EM PESOS E MEDIDAS DO BRASIL, E VICE-VERSA. (Desprezadas as fracções.)

Medidas lineares.

Metros reduzidos a varas, palmos, pollegadas, linhas e pontos.

Metros	Varas	Palmos	Pollegadas	Linhas	Pontos
1	0	4	4	4	4
2	1	4	0	8	8
3	2	3	5	0	13
4	3	3	0	17	5
5	4	0	21	9	9
6	5	0	18	2	2
7	6	0	14	6	6
8	7	0	10	10	10
9	8	0	7	3	3
10	9	0	3	7	7
20	18	0	7	3	3
30	27	0	10	10	10
40	36	0	14	6	6
50	45	2	2	0	26
60	54	0	21	9	9
70	63	3	0	17	5

Metros reduzidos a varas, palmos, pollegadas, linhas e pontos.

Metros	Varas	Palmos	Pollegadas	Linhas	Pontos
80	72	3	5	0	13
90	81	4	0	8	8
100	90	4	4	0	52
1000	909	0	3	7	7

Varas reduzidas a metros.

Varas	Metros	Centímetros	Varas	Metros	Centímetros
1	1	10	20	22	00
2	2	20	30	33	00
3	3	30	40	44	00
4	4	40	50	55	00
5	5	50	60	66	00
6	6	60	70	77	00
7	7	70	80	88	00
8	8	80	90	99	00
9	9	90	100	110	00
10	11	00	1000	1100	00

Metros reduzidos a covados, pollegadas, linhas e pontos.

Metros	Covados	Pollegadas	Linhas	Pontos
1	1	12	4	4
2	3	0	8	8
3	4	1	5	13
4	6	1	5	5
5	7	13	9	9
6	9	2	2	2
7	10	14	6	6
8	12	2	10	10
9	13	15	3	3
10	15	3	7	7
20	30	7	3	3
30	45	10	10	10
40	60	14	6	6
50	75	18	2	2
60	90	21	9	9
70	106	1	5	5
80	121	5	1	1
90	136	1	8	8
100	151	12	4	4
1000	1515	3	7	7

Covados reduzidos a metros e centímetros.

Covados	Metros	Centímetros	Covados	Metros	Centímetros
1	0	66	20	13	20
2	1	32	30	19	80
3	1	98	40	26	40
4	2	64	50	33	00
5	3	30	60	39	60
6	3	96	70	46	20
7	4	62	80	52	80
8	5	28	90	59	40
9	5	94	100	66	00
10	6	60	1000	660	00

Metros reduzidos a pés, pollegadas, linhas e pontos.

Metros	Pés	Pollegadas	Linhas	Pontos
1	3	0	4	4
2	6	0	8	8
3	9	1	1	1
4	12	1	5	5
5	15	1	9	9
6	18	2	2	2
7	21	2	6	6
8	24	2	10	10
9	27	3	3	3
10	30	3	7	7
20	60	7	3	3
30	90	10	10	10
40	121	2	6	6
50	151	6	2	2
60	181	9	9	9
70	212	1	5	5
80	242	5	1	1
90	272	8	8	8
100	303	0	4	4
1000	3030	3	7	7

Pés reduzidos a metros e centímetros.

Pés	Metros	Centímetros	Pés	Metros	Centímetros
1	0	33	6	1	98
2	0	66	7	2	31
3		9	8	2	64
4	1	32	9	2	97
5	1	65	10	3	30

Pés reduzidos a metros e centímetros.

Pés	Metros	Centímetros	Pés	Metros	Centímetros
20	6	60	70	23	10
30	9	90	80	26	40
40	13	20	90	29	70
50	16	50	100	33	00
60	19	80	1000	330	00

Pollegadas reduzidas a centímetros.

Pollegadas	Centímetros	Millímetros	Pollegadas	Centímetros	Millímetros
1	2	7	18	48	7
2	5	4	19	51	4
3	8	1	20	54	1
4	10	8	30	81	2
5	13	5	40	108	2
6	16	2	50	135	3
7	18	9	60	162	4
8	21	6	70	189	4
9	24	8	80	216	5
10	27	0	90	243	6
11	29	7	100	270	0
12	32	4	200	541	3
13	35	1	300	812	0
14	37	8	400	1082	7
15	40	6	500	1353	4
16	43	3	1000	2706	9
17	46	0			

Braças reduzidas a metros.

Braças	Metros	Braças	Metros	Braças	Metros
1	2,2	8	17,6	60	132,0
2	4,4	9	19,8	70	154,0
3	6,6	10	22,0	80	176,0
4	8,8	20	44,0	90	198,0
5	11,0	30	66,0	100	220,0
6	13,2	40	88,0	1000	2200,0
7	15,4	50	110,0		

Medidas itinerarias.*Kilometros reduzidos a legoas de 18 ao grão.*

Kilometros	Legoas	Braças	Kilometros	Legoas	Braças
1	0	455	3	0 1/4	662
2	0 1/4	208	4	0 1/2	415

Kilometros reduzidos a legoas de 18 ao gráo.

Kilometros	Legoas	Braças	Kilometros	Legoas	Braças
5	0 3/4	169	40	6 1/4	648
6	0 3/4	623	50	8	284
7	1	376	60	9 1/2	621
8	1 1/4	130	70	11 1/4	257
9	1 1/4	554	80	12 3/4	594
10	1 1/2	337	90	14 1/2	230
20	3	675	100	16	567
30	4 3/4	310	1000	165	67

Legoas de 18 ao gráo reduzidas a kilometros.

Legoas	Kilometros	Metros	Legoas	Kilometros	Metros
1	6	172	20	123	440
2	12	344	30	185	160
3	18	516	40	246	880
4	24	688	50	308	600
5	30	860	60	370	320
6	37	32	70	432	40
7	43	204	80	493	760
8	49	376	90	555	480
9	55	548	100	617	200
10	61	720	1000	6172	

Medidas para liquidos.

Litros reduzidos a almudes, canadas e quartilhos.

Litros	Almudes	Canadas	Quartilhos	Litros	Almudes	Canadas	Quartilhos
1	0	0	1,5026	20	0	7	2,0520
2	0	0	3,0052	30	0	11	1,6780
3	0	1	0,5078	40	1	3	0,1040
4	0	1	2,0104	50	1	6	3,1300
5	0	1	3,5130	60	1	10	2,1560
6	0	2	1,0156	70	2	2	1,1820
7	0	2	2,5182	80	2	6	0,2080
8	0	3	0,0208	90	2	9	3,2340
9	0	3	1,5234	100	3	1	2,26
10	0	3	3,0260	1000	30	6	2,6

Canadas reduzidas a litros.

Canadas	Litros	Millilitros	Canadas	Litros	Millilitros
1/2	1	331	3	7	986
1	2	662	4	10	648
2	5	324	5	13	310

Canadas reduzidas a litros.

Canadas	Litros	Millilitros	Canadas	Litros	Millilitros
6	15	972	50	133	100
7	18	634	60	159	720
8	21	296	70	186	340
9	23	958	80	212	960
10	26	620	90	239	580
20	53	240	100	266	200
30	79	860	1000	2662	
40	106	480			

Medidas para secco.*Litros reduzidos a alqueires, quartas e selamins.*

Litros	Alqueires	Quartas	Selamins	Litros	Alqueires	Quartas	Selamins
1	0	0	0,441	20	0	2	0,820
2	0	0	0,882	30	0	3	1,230
3	0	0	1,323	40	0	4	1,640
4	0	0	1,764	50	1	1	2,050
5	0	0	2,205	60	1	2	2,460
6	0	0	2,646	70	1	3	2,870
7	0	0	3,087	80	2	0	3,280
8	0	0	3,528	90	2	1	3,690
9	0	0	3,969	100	2	3	0,100
10	0	1	0,410	1000	27	2	1,000

Alqueires reduzidos a litros.

Alqueires	Kilolitros	Litros	Centilitros	Alqueires	Kilolitros	Litros	Centilitros
1	0	36	27	20	0	725	40
2	0	72	54	30	1	88	10
3	0	108	81	40	1	450	80
4	0	145	8	50	1	813	50
5	0	181	35	60	2	176	20
6	0	217	62	70	2	538	90
7	0	253	89	80	2	901	60
8	0	290	16	90	3	264	30
9	0	326	43	100	3	627	00
10	0	362	70	1000	36	270	00

Pesos.*Kilogrammas reduzidos a arrobas, libras, onças, oitavas e grãos.*

Kilogrammas	Arrobas	Libras	Onças	Oitavas	grãos
1	0	2	2	6	66
2	0	4	5	5	61
3	0	6	8	4	35

Kilogrammas reduzidos a arrobas, libras, onças, oitavas e grãos.

Kilogrammas	Arrobas	Libras	Onças	Oitavas	Grãos
4	0	8	11	3	50
5	0	10	14	2	44
6	0	13	1	1	39
7	0	15	4	0	33
8	0	17	6	7	28
9	0	19	9	6	22
10	0	21	12	5	17
15	1	0	10	7	26
20	1	11	9	2	34
30	2	1	5	7	52
40	2	23	2	4	69
50	3	12	15	2	14
60	4	2	11	7	31
70	4	24	8	4	49
80	5	14	5	1	66
90	6	4	1	7	12
100	6	25	14	4	23
1000	68	3	1	4	2

Arrobas reduzidas a kilogrammas.

Arrobas	Kilogram.	Grammas	Decigram.	Arrobas	Kilogram.	Grammas	Decigram
1	14	684	8	16	234	956	8
2	29	369	6	17	249	641	6
3	44	54	4	18	264	326	4
4	58	739	0	19	279	11	2
5	73	424	8	20	293	696	0
6	88	108	2	30	440	544	0
7	102	793	6	40	587	392	0
8	117	478	4	50	734	240	0
9	132	163	2	60	881	88	0
10	146	848	0	70	1027	936	0
11	161	532	8	80	1174	734	0
12	176	217	6	90	1321	632	0
13	190	902	4	100	1468	480	0
14	205	587	2	1000	14684	800	0
15	220	272	0				

Libras reduzidas a kilogrammas.

Libr. de 16 onças	Kilogrammas	Grammas	Libr. de 16 onças	Kilogrammas	Grammas
1	0	459	4	1	836
2	0	918	5	2	295
3	1	377	6	2	754

Libras reduzidas a kilogrammas.

Lib. de 16 onças	Kilogrammas	Grammas	Lib. de 16 onças	Kilogrammas	Grammas
7	3	213	19	8	721
8	3	672	20	9	180
9	4	131	30	13	770
10	4	590	40	18	360
11	5	49	50	22	950
12	5	508	60	27	540
13	5	967	70	32	130
14	6	426	80	36	720
15	6	885	90	41	310
16	7	344	100	45	900
17	7	803	1000	459	
18	8	262			

Pesos de botica.*Valor exacto dos pesos decimaes em pesos antigos brasileiros.*

1 kilogramma ou 1000 grammas é igual a 34 onças, 6 oitavas e 66	grãos.
1 gramma é igual a	20,08 grãos.
1 decigramma é igual a	2,008 grãos.
1 centigramma é igual a	0,2008 grão.

Valor exacto dos pesos decimaes em pesos antigos francezes, usados em França até ao anno de 1840.

1 kilogramma é igual a	32 onças, 5 oitavas e 35	grãos.
1 gramma	—	18,43 grãos.
1 decigramma	—	1,84 grãos.
1 centigramma	—	0,184 grão.

Estas relações são mui complicadas. Eis-aqui outras menos exactas, porém mais simples, e que por isso mais facilmente se conservarão na memoria. Forão adoptadas pela Commissão doCodigo pharmaceutico francez, quando se tratou de converter os pesos antigos francezes em pesos decimaes. Esta tabella póde tam-bem servir para converter approximadamente os pesos antigos brasileiros e portuguezes, em decimaes e *vice-versa*.

Valor approximativo dos pesos decimaes em pesos antigos.

1 kilogram. equiv. a 32 onças.	375 grammas equiv. a 12 onças.
750 grammas — 24 onças.	350 grammas — 11 onças.
625 grammas — 20 onças.	320 grammas — 10 onças.
500 grammas — 16 onças.	280 grammas — 9 onças.
470 grammas — 15 onças.	250 grammas — 8 onças.
440 grammas — 14 onças.	220 grammas — 7 onças.
400 grammas — 13 onças.	192 grammas — 6 onças.

156 grammas	equiv. a	5 onças.	2 decigram.	equiv. a	4 grãos.
125 grammas	—	4 onças.	1 decigram.	—	2 grãos.
96 grammas	—	3 onças.	100 centigram.	—	18 grãos.
80 grammas	—	2 1/2 onças.	50 centigram.	—	9 grãos.
64 grammas	—	2 onças.	40 centigram.	—	8 grãos.
48 grammas	—	1 1/2 onça.	30 centigram.	—	6 grãos.
32 grammas	—	1 onça.	25 centigram.	—	5 grãos.
24 grammas	—	6 oitavas.	20 centigram.	—	4 grãos.
20 grammas	—	5 oitavas.	15 centigram.	—	3 grãos.
16 grammas	—	4 oitavas.	10 centigram.	—	2 grãos.
12 grammas	—	3 oitavas.	5 centigram.	—	1 grão.
10 grammas	—	2 1/2 oitavas.	4 centigram.	—	4/5 grão.
8 grammas	—	2 oitavas.	3 centigram.	—	3/5 grão.
6 grammas	—	1 1/2 oitava.	2 1/2 centigram.	—	1/2 grão.
4 grammas	—	1 oitava.	2 centigram.	—	2/5 grão.
2 grammas	—	36 grãos.	1 centigram.	—	1/5 grão.
1 1/2 gramma	—	27 grãos.	50 milligram.	—	1 grão.
1 gramma	—	18 grãos.	38 milligram.	—	3/4 grão.
1/2 gramma	—	9 grãos.	25 milligram.	—	1/2 grão.
8 decigrammas	—	15 grãos.	15 milligram.	—	1/3 grão.
7 decigrammas	—	11 grãos.	10 milligram.	—	1/5 grão.
5 decigrammas	—	9 grãos.	6 milligram.	—	1/8 grão.
4 decigrammas	—	8 grãos.	5 milligram.	—	1/10 grão.
3 decigrammas	—	6 grãos.	1 milligram.	—	1/50 grão.

Valor exacto dos pesos antigos brasileiros e portuguezes em pesos decimaes.

1 grão ou	0,049	gramma.
1 escropulo ou 24 grãos	1,195	gramma.
1/2 oitava ou 36 grãos	1,792	gramma.
2 escropulos ou 48 grãos	2,390	grammas.
1 oitava ou 72 grãos	3,585	grammas.
2 oitavas	7,170	grammas.
1/2 onça ou 4 oitavas	14,340	grammas.
1 onça	28,687	grammas.
4 onças	114,748	grammas.
8 onças	229,496	grammas.
12 onças	344,244	grammas.
16 onças	459	grammas.
32 onças	918	grammas.

Valor exacto dos pesos antigos francezes em decimaes.

1 grão ou	0,053 ⁷	gramma.
1 escropulo ou 24 grãos	1,272	gramma.
1/2 oitava ou 36 grãos	1,908	gramma.
2 escropulos ou 48 grãos.	2,544	grammas.
1 oitava ou 72 grãos	3,816	grammas.
2 oitavas	7,632	grammas.
1/2 onça ou 4 oitavas	15,264	grammas.
1 onça	30,59	grammas.
4 onças	122,38	grammas.
8 onças	244,75	grammas.

Valor exacto dos pesos antigos francezes em decimaes.

12 onças	367,13	grammas.
16 onças	489,51	grammas.
32 onças	979,90	grammas.

Quando no anno de 1840 foi posto em vigor em França o sistema decimal, tornou-se necessario converter os pesos das antigas formulas em novos. Os autores do Codigo, que forão os primeiros que fizeram esta conversão, procurárão a relação, não exacta, mas approximada, em numeros redondos, e facilmente divisiveis. Eis-aqui as *relações approximadas*, adoptadas pelo Codigo francez :

1 grão equivale	0,05	gramma.
2 grãos	0,1	gramma.
1/2 oitava ou 36 grãos	2,0	grammas.
1 oitava ou 72 grãos	4,0	grammas.
2 oitavas	8,0	grammas.
1/2 onça ou 4 oitavas	16,0	grammas.
1 onça	32,0	grammas.
1 1/2 onça	48,0	grammas.
2 onças	64,0	grammas.
3 onças	96,0	grammas.
4 onças	128,0	grammas.
8 onças	256,0	grammas.
16 onças	512,0	grammas.
32 onças	1024,0	grammas.

Mas este modo de redução, com excepção dos dois primeiros pesos e dos quatro ultimos, é um pouco elevado. A avaliação seria mais exacta se se adoptassem as relações seguintes :

1/2 onça ou 4 oitavas	15	grammas.
1 onça	30	grammas.
1 1/2 onça	45	grammas.
2 onças	60	grammas.
3 onças	90	grammas.

Bouchardat, no seu Formulario, nas formulas tiradas do Codigo, conforma-se com as relações adoptadas n'esta obra legal, porém na conversão dos pesos das formulas tiradas dos autores, reduz a onça a 30 grammas, em lugar de 32 grammas, como faz o Codigo. Estas differenças, aliás, são tão pequenas, e tem lugar em substancias ordinariamente tão pouco activas, que é indifferente adoptar uma ou outra conversão.

A seguinte tabella indica as *relações approximadas* das fracções de grãos convertidas em milligrammas :

1/2 grão	0,025	gramma.	1/6 grão	0,009	gramma.
1/3 grão	0,017	gramma.	1/7 grão	0,008	gramma.
1/4 grão	0,013	gramma.	1/8 grão	0,007	gramma.
1/5 grão	0,010	gramma.	1/9 grão	0,006	gramma.

§ IV. QUADROS MANDADOS PUBLICAR PELO GOVERNO IMPERIAL DO BRASIL, REDIGIDOS PELO EX.^{mo} S.ⁿ CANDIDO BAPTISTA DE OLIVEIRA.

Conversão das medidas metricas nos valores exactos que lhes correspondem no actual systema de pesos e medidas do Brasil, substituido pelo systema metrico francez, nos termos da lei de 26 de junho de 1862.

(*a*, significa are; — *g*, geira; — *gm*, gramma; — *k*, kilogramma; — *l*, litro; — *m*, metro; — *M*, marco; — *st*, stere; — *v*. vara; — = igual a).

Multiplos, e submultiplos da unidade	SYSTEMA METRICO	SYSTEMA USUAL					
		MEDIDAS DE COMPRIMENTO					
			LEGOA	MILHA	BRAÇA	VARA	PALMO
$\frac{m}{10000}$	Myriametro ...	$\frac{v}{9090,909}$	= 1	2	336	1	2
$\frac{m}{4000}$	Legoa metrica.	$\frac{v}{3636,3636}$	= ..	2	134	1	1 6,5
$\frac{m}{1000}$	Kilometro.....	$\frac{v}{909,0909}$	=	454	1	0 3,6
$\frac{m}{100}$	Hectometro...	$\frac{v}{90,909\ 09}$	=	45	0	4 4,36
$\frac{m}{10}$	Decametro....	$\frac{v}{9,090\ 909}$	=	4	1	0 3,63
Unidade..	METRO.....	$\frac{10}{11} \text{VARA} = 0,909\ 090\ 9$	=	4 4,36
$\frac{m}{\frac{1}{10}}$	Decimetro	$\frac{v}{0,090\ 909}$	=	3,636
$\frac{m}{\frac{1}{100}}$	Centimetro ...	$\frac{v}{0,009\ 0909}$	=	0,363
$\frac{m}{\frac{1}{1000}}$	Millimetro	$\frac{v}{0,000\ 909}$	=	0,036
			MEDIDAS AGRARIAS				
$\frac{a}{100}$	Hectare.....	$\frac{v^2}{8264,5}$	=	$\frac{g}{5,165}$			
Unidade..	ARE.	$\frac{v^2}{82,645}$	=	0,05165 GEIRA			
$\frac{a}{\frac{1}{100}}$	Centiare	$\frac{v^2}{0,82645}$	=	$\frac{g}{0,000516}$			

Múltiplos, e submúltiplos da unidade.	SYSTEMA METRICO	SYSTEMA USUAL						
		MEDIDAS DE CAPACIDADE PARA LIQUIDOS, E SECCOS						
			ALMUDE	CANADA	QUARTILHO	MOIO	ALQUEIRE	QUARTA
$\frac{l}{1000}$	Kilolitro	v^3 0,75 =	31	3	27	2
$\frac{l}{100}$	Hectolitro	v^3 0,075 =	3	1	2	..	2	3
$\frac{l}{10}$	Decalitro	v^3 0,0075 =	..	3	3	1,1
Unidade..	LITRO	v^3 0,00075 =	..	(0,375)	1,5	..	(0,0275)	0,11
$\frac{l}{10}$	Decilitro	v^3 0,000075 =	0,15	0,011
		MEDIDAS DE SOLIDEZ						
$\frac{st}{10}$	Decastere	v^3 7,513 =		939,13	<i>palmas cubicos.</i>			
Unidade..	STERE	v^3 0,7513 =		93,913	<i>palmas cubicos.</i>			
$\frac{st}{10}$	Decistere	v^3 0,07513 =		9,3913	<i>palmas cubicos.</i>			

Multiplos, e submultiplos da unidade.	SYSTEMA METRICO	SYSTEMA USUAL									
		MEDIDAS DE PESO									
		TONELADA	QUINTAL	ARROBA	LIBRA.	MARCO	ONÇA	OITAVA	GRÃO		
k 1000	Milheiro ou Tonelada <i>metrica</i> .	M 4356,8	=	1	3	2	2	0	6	3	14,4
k 100	Quintal <i>metrico</i> .	M 435,68	/ =	..	1	2	25	1	5	3	37,44
$gm.$ 10000	Myriagramma .	M 43,568	=	21	1	4	4	25,34
$gm.$ 1000	Kilogramma ..	M 4,3568	=	2	0	2	6	60,13
$gm.$ 100	Hectogramma .	M 0,43568	=	3	3	63,61
$gm.$ 10	Decagramma ..	M 0,043568	=	2	56,76
Unidade.	GRAMMA	0,0043568	MARCO =	20,076
$gm.$ $\frac{1}{10}$	Decigramma ..	M 0,000 43568	=	2,007
$gm.$ $\frac{1}{100}$	Centigramma .	M 0,000 043 568	=	0,2
$gm.$ $\frac{1}{1000}$	Milligramma ..	M 0,000 004 356 8	=	0,02

OBSERVAÇÕES.

1ª Os symbolos (v , v^2 , v^3), escriptos, sobre o algarismo que occupa a casa das unidades, nas expressões numericas da tabella, significão que a unidade a que se refere o numero é a *vara linear*, a *vara quadrada*, ou a *vara cubica*: e a mesma significação tem na seguinte tabella os symbolos (m , m^2 , m^3) referindo-se á unidade *Metro*.

2ª Em geometria chama-se *Quadrado* uma área plana terminada por quatro linhas rectas iguaes, e comprehendendo entre si angulos tambem iguaes, que tem o nome de *angulos rectos*, e as quatro rectas o de *lados do Quadrado*.

Dá-se o nome de *Cubo* ao volume comprehendido por seis quadrados iguaes entre si, sendo por conseguinte tambem iguaes os lados communs d'esses quadrados, os quaes tomão o nome particular de *arestas do Cubo*.

E diz-se, em relação ao *lado*, ou á *aresta* representada pelo *Metro*, *Metro quadrado*, ou o *Metro cubo*; devendo entender-se por estas expressões, o quadrado, ou o cubo cujos *lados* ou *arestas* são iguaes ao *Metro*.

Conversão das unidades do systema de pesos e medidas do Brasil nos valores que lhes correspondem no systema metrico francez, adoptado pela Lei de 26 de junho de 1862, em substituição d'aquelle systema.

MULTIPLoS E SUBMULTI- PLOS	SYSTEMA USUAL	SYSTEMA METRICO									
	MEDIDAS DE COMPRIMENTO										
			MYRIAMETRO	LEGOA METRICA	KILOMETRO	HECTOMETRO	DECAMETRO	METRO	DECIMETRO	CENTIMETRO	MILLIMETRO
3 milhas.	Legua..... (de 20 ao grão.)	m 5555,55	=	..	1	1	5	5	5	5	5
841 $\frac{3}{4}$ braças	Milha.....	m 1851,83	=	1	8	5	1	8	3
2 varas ...	Braça.....	m 2,2	=	2	2	
Unidade...	VARA.....	m 1,1 METRO	=	1	1	
$\frac{1}{5}$ vara ...	Palmo.....	m 0,22	=	2	2
$\frac{1}{8}$ palmo...	Pollegada ...	m 0,0275	=	2	7,5
		MEDIDAS AGRARIAS									
(400 braças) quadradas.)	GEIRA.....	m^2 1936	=	19,36 ARE							
		MEDIDAS DE CAPACIDADE PARA LIQUIDOS									
				KILOLITRO	HECTOLITRO	DECALITRO	LITRO	DECILITRO			
12 canadas.	Almude.....	m^3 0,031 944	=	3	1	9,44			
$\left(2\left(\frac{1}{10}\right)^3\right)$	CANADA ...	m^3 0,002 662	=	..	2,662 LITRO	=	2	6,62			
$\frac{1}{2}$ canada..	Quartilho ...	m^3 0,000 665	=	=	..	6,65		

PESSARIO. Instrumento que se introduz na vagina para manter o utero na sua situação natural, nos casos de prolapso ou de relaxação d'este orgão. Os pessarios são ordinariamente feitos de um tecido de linho, seda ou lã, cobertos de muitas camadas de oleo seccante; no commercio dá-se-lhes o nome de *pessarios de gomma*; fazem-se tambem de marfim amollecido pelos acidos, de esponja e borracha. Sua fôrma é muito variada: ha pessarios circulares e deprimidos, com uma abertura no centro para deixar passar o sangue da menstruação; outros são ovaes, esphericos, cylindricos ou feitos segundo a fôrma da vagina. Fig. 400.

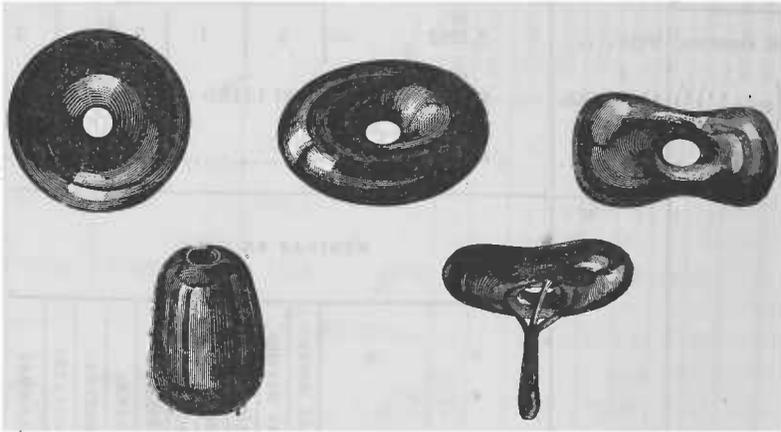


Fig. — 400. Pessarios de gomma, marfim ou buxo.

Eis-qui a maneira de introduzir e extrahir os pessarios. Deita-se a mulher, e a parteira unta o pessario com azeite doce. Apresenta-se o pessario redondo á vulva de modo que uma das suas margens corresponda ao grande eixo d'esta; empurra-se levemente para atravessar o orificio da vagina. Os pessarios ellipticos ou que tem a fôrma de um 8, devem ser introduzidos horizontalmente; inclina-se depois para o lado do recto a extremidade que penetra primeiro ao passo que se empurra levemente a outra debaixo da symphyse du pubis. Quanto aos pessarios cylindricos e os que são munidos de um cabo, procede-se de modo a apresentar primeiro á vagina a parte que deve pousar sobre o utero. Logo que o instrumento se acha no interior da vagina, dá-se-lhe a situação conveniente. Sendo elliptico o pessario, o grande diametro deve ser transversal; tendo o pessario duas chanfraduras, como representa uma das figuras, uma deve corresponder ao recto e a outra á bexiga. Todos devem receber na sua abertura, ou concavidade de sua face superior, o collo do utero, porque é para sustentar este orgão que são empregados.

Para extrahir o pessario, a parteira introduz o dedo na abertura do instrumento, abaixa, sendo o pessario redondo, a margem posterior, depois uma das margens lateraes, communicando-lhe em sentido opposto os movimentos que lhe forão successivamente imprimidos para introduzi-lo.

Os pessarios redondos são mais facilmente supportados pelas senhoras do que os de outra fórma. A copula e a fecundação não são impossiveis durante a sua demora na vagina. Os pessarios cylindricos incommodão mais e oppõem-se á copula; mas em certos casos não podem ser substituidos por aquelles, por exemplo, quando ha relaxação consideravel da vagina. Os pessarios com cabo devem ter o ponto de apoio sobre uma chapa metallica, na qual se fixa o cabo, ou na extremidade de uma lamina de aço recurvada, presa a uma funda analoga ás que se empregão para as quebraduras.

Além d'estes pessarios, que são simples, ha outros mais complicados. Esta abundancia de instrumentos prova, quanto é difficil remediar o prolapsodo utero.

Pessario de Zwanck (fig. 401). Compõe-se de duas chapas de gomma, ovaes, furadas no centro, reunidas por meio de charneira. Duas hastes metallicas, adaptadas ás chapas perto da charneira, são dispostas de modo que, estando afastadas uma da outra, as duas chapas afastão-se. As chapas aproximão-se ou afastão-se por meio de jogo da porca de parafuso. Introduz-se na vagina o instrumento fechado (fig. 401, a), e depois de introduzido abre-se como representa a

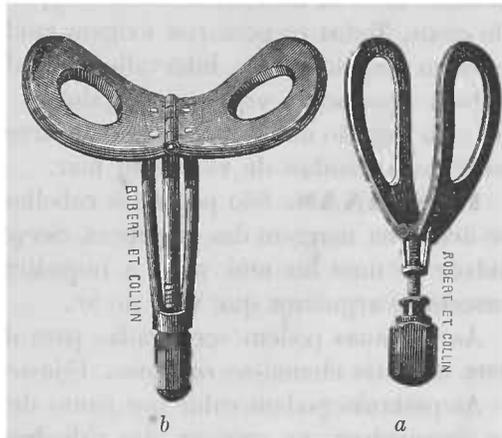


Fig. 401. — Pessario de Zwanck.

fig. 401, b. — Este pessario vende-se em Pariz, em casa de Collin, fabricante de instrumentos de cirurgia, *rua de l'École de médecine*, 6. Custa 7 francos.

Pessario de Gariel (fig. 402). Compõe-se de um sacco de caoutchouc vulcanizado (fig. 402, a), guarnecido de um tubo com torneira, que se enche de ar por meio de uma pera de gomma elastica, que se adapta ao tubo (fig. 402, b). Introduz-se o sacco no

interior da vagina enrolado como um charuto, e, depois de introduzido, enche-se de ar por meio da pera de gomma elastica. O

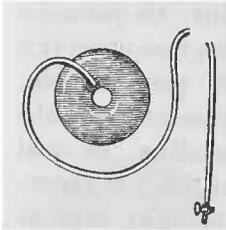


Fig. 402 (a).

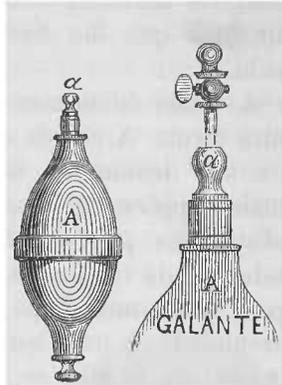


Fig. 402 (b).

Pessario de Gariel.

sacco torna-se globoso, exerce a pressão em todas as direcções, e mantém o utero levantado. O pessario de Gariel vende-se em casa de Galante, fabricante de instrumentos de cirurgia, em Pariz, rua de l'École de Médecine, 2. O seu preço é de 10 francos.

Os pessarios que devem preferir-se são os que mantem o utero

sem produzir dôres. A mulher deve acostumar-se a supportar o incommodo que estes instrumentos occasionão no começo. Em algumas semanas, com o habito desaparece o incommodo; flores brancas mais ou menos abundantes apparecem só no maior numero de casos. Todos os pessarios exigem cuidados de asseio assiduos: convem tira-los com intervallos approximados para limpa-los. Devem fazer-se na vagina seringatorios com agua morna ou fria, ou com infusão de rosas rubras. Favorecer-se-ha a acção dos pessarios com banhos de rio ou do mar.

PESTANAS. São pequenos cabellos, compridos e rijos, que se achão na margem das palpebras. Servem para diminuir a intensidade de uma luz mui viva, e impedir que entrem nos olhos os insectos e argueiros que voão no ar.

As pestanas podem ser viradas para dentro e irritar os olhos: esta molestia chama-se *entropion*. Veja-se vol. II, pag. 568.

As pestanas podem cahir por causa de pequenas ulcerações que se desenvolvem na margem das palpebras. Tratei d'este assumpto no artigo PALPEBRA, vol. II, pag. 572.

PESTANEJAR. Movimento involuntario pelo qual as palpebras se fechão e abrem continuamente e com rapidez. Às vezes é so uma successão rapida dos tremores incommodos do musculo orbicular das palpebras.

Tratamento. Untar á noite as palpebras com a pomada seguinte:

Banha.	15 grammas (1/2 onça)
Extracto de belladona..	1 gramma (20 grãos);

ou com esta :

Banha.. ... 15 grammas (1/2 onça)
 Extracto de opio. 1 gramma (20 grãos).

PESTE. Dava-se outr'ora este nome a todas as molestias epidemicas que fazião grandes estragos; mas hoje applica-se exclusivamente a uma febre grave do Egypto e de outras partes do Oriente, caracterizada, entre outros symptomas, por bubões, gangrenas e que é frequentemente contagiosa. Não ha molestia que tenha derramado pelo globo tantos desastres e espanto como a peste do Oriente. Muitas vezes tem assolado todo o antigo mundo: no sexto, nono e decimo-quarto seculo a peste devastou todos os paizes conhecidos, cobrio o globo de luto; nunca a especie humana experimentou tão grande calamidade; e estão ainda vivas em França, e isso ha mais de um seculo, as tristes lembranças de sua ultima appareição em Marselha. Mas esta terrivel molestia existe sempre; é das regiões do Levante, que ella afflige parcialmentê todos os annos, não cessa de ameaçar o mundo inteiro.

Symptomas. A invasão da peste é ás vezes subita; outras vezes é precedida de alguns symptomas precursores, taes como nauseas, vertigens, dôres nas pernas. Caracteriza-se logo pelos symptomas seguintes: dôr no ventre, vomitos biliosos, verdes, negros, e ás vezes sanguinolentos, diarrhea da mesma natureza e mui fetida, perda de appetite, sêde excessiva, lingua secca, *suores e halito fetidos*, pulso frequente, ourinas ás vezes sanguinolentas, agitação extrema, delirio, convulsões, escurecimento da vista; emfim, nodoas negras ou vermelhas por todo o corpo, bubões nas virilhas, nos sovacos, no pescoço ou no rosto, que passam frequentemente ao estado de gangrena. Nem sempre se observão todos estes symptomas reunidos no mesmo doente; conforme as estações, os temperamentos e as idades, a peste apresenta variedades prodigiosas, mas o seu fundo é commum.

O *prognostico* da peste é grave. Commummente os seus progressos são rapidos; o maior perigo é desde o primeiro até ao terceiro e quinto dia; chegada ao setimo, augmentão as probabilidades da cura.

Causa da peste. A antiguidade não nos deixou descripção alguma que prove que a peste do Oriente houvesse existido antes do meiado do sexto seculo; a epidemia de que se falla sob o nome vago de peste em muitos lugares dos escriptos profanos e sagrados, é de natureza diferente. A peste tem tomado e conservado os caracteres de uma molestia contagiosa; mas o elemento transmissivel desaparece com o tempo, e a peste extinguir-se-hia para sempre se não existisse um lugar onde o seu principio se renova:

este lugar é hoje, como d'antes, o Egypto, e mais nenhum outro paiz. O apparecimento da peste do Oriente no mundo coincidio com a cessação dos embalsamentos no Egypto; foi occasionada, como é ainda, por uma incrível negligencia das sepulturas; nenhuma outra mudança das condições phisicas do paiz e da hygiene geral dos habitantes pôde explicar a geração da peste. A putrefacção animal, e particularmente a dos cadaveres humanos, pôde produzir em todos os paizes epidemias que tem analogia com a peste: se esta causa não produz a verdadeira peste, isto é, a do Egypto, procede isso de ser o Egypto differente de todos os paizes conhecidos. Lá sómente se pôde vêr um longo e largo valle inundado todos os annos pelo rio Nilo, penetrado de todos os raios abrasadores do sol, cheio de materias animaes que apodrecem em covas sepulcraes mal fechadas ou ao ar livre. Tal é o opinião dos medicos enviados em 1828 pelo governo francez ao Egypto para observar a peste. Estes sabios julgão que as causas d'esta molestia são determinadas e destructiveis. Seria preciso eliminar as materias putrefactas, e, por um systema bem organizado de sepulturas, impedir que os mortos elaborem para os vivos um veneno dos mais subtis.

Tratamento. As bebidas acidulas, frias, gazosas, a agua com vinho, o cozimento de quina, o caldo e o leite devem ser de uso quotidiano contra a peste. Aproveita no começo um vomitorio de tartaro emetico. O vinho de quina, a camphora, o ether sulfurico, e o almiscar constituem a base do tratamento. Cataplasmas de linhaça sôbre os bubões. Curar os bubões abertos com vinho aromatico, agua phenica, pós de quina. Espalhar agua de Labarraque no quarto do doente. Quanto aos meios preservativos da peste, veja-se CONTAGIO.

PETECHIAS. Manchas rubras ou purpureas, semelhantes a mordeduras de pulgas, que se manifestão na pelle durante o curso das molestias agudas graves.

PETROLEO. (De *petra*, pedra; *oleum*, oleo.) Oleo mineral liquido assim chamado porque mana das fendas dos rochedos. D'elle existem fontes nas diversas partes do mundo, na America do Norte, na California, na India, Italia, França. Quanto mais elevado é o lugar d'onde mana o petroleo, tanto mais leve e branco é este; entretanto que o que se tira do pé de uma montanha é roxo, vermelho ou preto; emfim se se cava a terra mais baixo, encontra-se frequentemente asphalto, carvão de pedra, e às vezes enxofre e succino. O petroleo é naphta contendo asphalto; é um liquido unctuososo, quasi opaco, de côr roxa avermelhada ou dene-grida, de cheiro forte e mui tenaz, mais leve do que a agua.

Torna-se incolor pela distillação e é semelhante então á naphta. O petroleo purificado emprega-se para luzes. Em medicina foi aconselhado contra as affecções do peito e a diarrhea, na dóse de 3 a 20 gottas, em vinho ou xarope de flores de laranjeira; mas é pouco usado.

PEZ. O *pez negro* é um producto do pinho, que se obtem queimando os filtros de palha que servirão para a purificação da terebinthina, assim como as lascas do tronco do pinheiro provenientes dos entalhos feitos na arvore. É uma substancia preta, lisa, quebradiça quando fria, mas amollece pelo calor da mão, e torna-se muito pegajosa; é empregada nas artes.

Pez amarello, PEZ BRANCO, PEZ DE BORGONHA. É uma resina semi-solida, obtida por incisões feitas no tronco do pinheiro, *Pinus abies*, L. Corre ao longó do tronco, secca ao ar, e toma em algumas partes a côr de borra de vinho. Tem um cheiro particular, quasi balsamico, sabor doce, cheiroso, não amargo. O *emplasto de pez*, que se applica nas dôres rheumaticas e outras, prepara-se com 1 parte de cera amarella e 3 partes de pez branco, derretidas e coadas por um panno.

Pez resina OU RESINA AMARELLA. Residuo da distillação da terebinthina para a extracção das essencias. Entra na composição dos emplastos.

PHALANGES. Pequenos ossos longos que concorrem para formar os dedos da mão e do pé. Ha quatorze em cada mão e outras tantas em cada pé. O pollegar tem duas phalanges, assim como o dedo grande do pé; os outros dedos tres, chamadas a *primeira phalange*, a *segunda phalange*, e, a terceira, *phalangeta*, que traz a unha.

PHARYNGE. Sacco musculo-membranoso que constitue a porção inferior da garganta e se continua com o esophago, canal que leva os alimentos ao estomago. *Veja-se* a figura que representa o pharynge no artigo ANATOMIA, vol. I, pag. 174. *Corpos estranhos*, taes como espinhas de peixe, ossos pequenos, alfinetes, podem ficar atravessados no pharynge: o que se deve fazer neste caso acha-se indicado no vol. I, pag. 728.

PHARYNGITE. Inflammação do pharynge. Chamão-lhe tambem *angina pharyngea*. *Veja-se* vol. I, pag. 189.

PHELLANDRIO AQUATICO, FUNCHO D'AGUA OU CICUTARIA DOS PAÜES. *Phellandrium aquaticum*, Linneo. Umbelliferas. Fig. 403. Planta europea, que vegeta com a raiz na agua; em Portugal encontra-se frequentemente na margem do Tejo. Caule de 60 centimetros a 1 metro de alto, fistuloso, articulado; folhas mui divididas; flores brancas, mui pequenas, dispostas em umbellas

de 10 a 12 raios; fructos ovoides-alongados, estriados, glabros, algum tanto luzentes e avermelhados, formados de 2 carpellas soldadas. Cada carpella isolada é recta, composta de um pericarpo

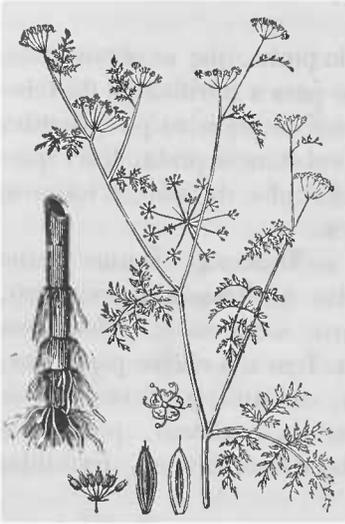


Fig. 403.

Phellandrio aquatico.

solido e branco interiormente, e de uma amendoa roxa anegrada. O fructo todo tem cheiro bastante forte que se desenvolve ainda mais pela pulverização; o sabor é aromático.

— Os fructos, impropriamente chamados *sementes*, empregão-se em medicina como calmantes. De alguns annos a esta parte são muito empregados pelos medicos portuguezes, em infusão ou xarope, na bronchite, pneumonia, asthma, tísica. Mas seu uso exige alguma attenção, porque em dóse demasiado forte occasionão vertigens e anxiedade. A infusão deve preparar-se com 4 grammas (1 oitava) de fructos de phellandrio e 180 grammas (6 onças) d'agua fervendo; e esta porção, adoçada

com assucar, é para um dia. *Xarope*, na dóse de 30 a 60 gram. (1 a 2 onças) por dia.

PHENOL. *Veja-se* ACIDO PHENICO.

PHIMOSIS. Vicio de conformação ou molestia do membro viril, na qual o prepucio está tão apertado que não póde recuar e descobrir a glande. Póde ser *natural*, ou *accidental*.

Phimosis natural ou de **nascença**. Este vicio de conformação não é sempre o mesmo. Às vezes só ha estreitamento da abertura do prepucio. Outras vezes, com o estreitamento do prepucio, ha prolongamento mais ou menos pronunciado d'esta dupla membrana. O prepucio alonga-se ás vezes sob a fórmula de canal; parece ser uma continuação da urethra. A abertura do prepucio é em alguns casos muito estreita; então a ourina fica em parte retida na sua cavidade, e é preciso, para evacua-la inteiramente, comprimir o tumor que ella formou. Às vezes o prepucio está inteiramente tapado. A accumulção da ourina forma então um tumor que póde tornar-se consideravel; ás vezes este tumor é transparente. Da obliteração completa do prepucio ao phimosis que permite que se descubra uma parte da glande, ha muitos grãos.

O phimosis apresenta inconvenientes que justificão as operações que tem sido praticadas em todos os tempos para corrigir esta

deformidade. Os inconvenientes são : 1º Um estreitamento da abertura do prepucio tem por consequencia a formação de uma cavidade na qual podem accumular-se os humores irritaveis, os humores contagiosos; porque a lavagem é então mais difficil, e nunca completa. E por isso a inflammação da glande ou a balanite, e os caneros syphiliticos são mais frequentes nos individuos affectados do phimosis. 2º Sendo a abertura do prepucio muito estreita, existindo apenas, ou faltando, póde haver retenção mais ou menos completa de ourina. 3º A glande estando coberta é mais sensivel; a secreção do prepucio demorando-se sobre a glande, excita esta e irrita-a; d'onde resultão comichões, excitações que provocão a masturbação. 4º Durante as relações conjugaes o prepucio póde rasgar-se; e d'ahi podem resultar inflammações mais ou menos intensas.

Tratamento. Se o phimosis não fôr mui pronunciado, se a abertura do prepucio deixar em parte descobrir a glande, e se a deformidade não apresentar algum dos inconvenientes que deixei indicados, será necessario limitar-se aos cuidados de asseio, ás injecções d'agua tepida ou d'agua com sabão, entre o prepucio e a glande, para impedir a accumulção da materia sebacea que, no estado natural, se forma á roda da glande. Mas se o phimosis produzir accidentes, cumpre fazer desaparecer este vicio de conformação por meio da operação. Consiste esta, quer na ablação de um anel circular comprehendendo toda a ponta do prepucio, quer em muitas outras variedades d'esta operação. As mais das vezes procede-se á operação do phimosis da maneira seguinte :

Marca-se sobre a pelle do prepucio, com tinta de escrever, uma linha na direcção da coroa da glande, agarra-se com pinça toda a porção do prepucio que se acha por diante d'esta linha, em quanto um ajudante puxa para traz pela bainha do membro viril; depois com forte tesoura, ou com bisturí, corta-se o prepucio parallelamente á pinça. Immediatamente depois da operação, os tegumentos, que não são reunidos aos tecidos subjacentes senão por um tecido cellular extremamente laxo, são levados para a parte da raiz do membro viril; apparece um largo intervallo entre a secção da membrana mucosa e a dos tegumentos. Póde obter-se mui rapida cura reunindo ás duas margens da ferida mediante uma sutura. Deve haver sempre a precaução de marcar com tinta de escrever os limites dos tegumentos que tem de cortar-se, para não cortar mais do que seja preciso; porque a pelle que cobre o membro viril é dotada de grande mobilidade, como já deixei dito.

Phimosis accidental. É determinado por caneros syphili-

ticos vivamente inflammados, ou por uma gonorrhœa muito intensa. Não se observa senão nos individuos que já tem naturalmente o prepucio mais ou menos estreito e exuberante.

O *tratamento* consiste em atacar a affecção que é a causa do phimosis : isto é, combater os cancos syphiliticos pelas preparações mercuriaes tomadas internamente, e a gonorrhœa pela copahiba. Cumpre tambem fazer injeccões entre o prepucio e a glande com decocção de linhaça, e banhar frequentemente o membro doente. Não se deve praticar a operação do phimosis em quanto os cavallos, que se achão no prepucio e na glande, não estiverem cicatrizados, porque o contacto do pus syphilitico, com os labios da ferida recente, produziria novos cavallos que porião obstaculo á cicatrização.

PHLEBITE. Inflammção da veia, caracterizada pelo cordão duro, vermelho, doloroso, sensivel á pressão, que segue exactamente o trajecto da veia inflammada; dôr de cabeça, calefrios, febre, abcessos, vomitos, delirio.

Causas. D'entre as principaes veias do corpo, nenhuma ha que não possa inflammarse. Raras vezes a phlebite é espontanea; de ordinario sobrevem sob influencias de causas mecanicas. A phlebite dos membros, que é a mais frequente, é quasi sempre produzida por qualquer violencia externa, como uma contusão, uma rasgadura da veia, ou uma picada com instrumento sujo, enferrujado, ou impregnado de materia animal putrida. Frequentemente tambem a inflammção da veia da curva do braço resulta da sangria, quando esta foi praticada com lanceta em máo estado, ou quando os doentes se servirão do braço antes da cicatrização completa da veia, ou ainda quando a ferida foi irritada pelo contacto de algum corpo estranho. As picadas anatomicas, ou a immersão de uma parte denudada, esfolada, n'um liquido putrido, como a agua das macerações anatomicas ou os derramamentos purulentos, são causas muito activas da phlebite, e que cada anno fazem victimas entre os medicos ou estudantes de medicina nos differentes paizes. A phlebite, emfim, é o accidente mais temivel depois de todas as grandes operações, e em particular depois das amputações e outras grandes soluções de continuidade. A inflammção das veias uterinas, que ataca algumas mulheres depois do parto, deve ser considerada como a inflammção causada por uma ferida. Com effeito, depois da expulsão das pareas as veias ficão durante algum tempo abertas no fundo do utero, e frequentemente são penetradas pelas materias putridas, que existem na cavidade uterina.

Symptomas. Distinguem-se os symptomas da phlebite em *locaes*

e em *geraes*. Na veia inflammada existe uma dôr mais ou menos viva. Sendo o vaso superficial, sente-se um cordão duro, doloroso, desigual, vermelho; quando situado mais profundamente, percebe-se só uma resistencia, uma tensão dolorosa, que segue exactamente o trajecto conhecido da veia. A parte enferma move-se difficilmente, e por pouco que a veia affectada seja volumosa, ou a alteração occupe certa extensão, sobrevem um inchaço mais ou menos consideravel e proporcionado á difficuldade que existe na circulação. Emfim, a estes symptomas locaes, junta-se dôr de cabeça, fastio, sêde e febre. A inflammação pôde ficar limitada ás partes primitivamente invadidas; porém as mais das vezes, propaga-se a novos pontos, seguindo a direcção da circulação venosa. Passados alguns dias, quando o sangue ficou alterado pela mistura com o pús, apparecem novos symptomas que caracterizão o segundo periodo da molestia, chamado periodo de *infecção*.

O primeiro phenomeno que fixa a attenção, porque indica provavelmente a penetração do pus no sangue, é um calefrio com o bater dos dentes, tão violento como n'um accesso de febre intermitente. Alguns doentes experimentão só calefrios leves ou uma sensação de frio geral ou parcial mui fugace. Estes calefrios são de ordinario irregulares, mas ás vezes voltão periodicamente todos os dias ou duas vezes por dia. Succede-lhes um calor vivo e secco, que algumas vezes é seguido de suores abundantes. O pulso, que bate em geral mais de 100 vezes por minuto, é fraco. O doente, cujo rosto se alterou subitamente, torna-se inquieto e agitado; apresenta uma perturbação passageira nas ideias, e depois um delirio contínuo. O rosto torna-se amarellado, a lingua secca, o ventre inchado, as forças diminuem como nas febres graves. Apparecem de ordinario abcessos em differentes partes do corpo, no tecido cellular ou na espessura dos musculos. Quando a molestia devê ter um exito feliz, os accidentes locaes e geraes diminuem pouco a pouco de intensidade; as regiões affectadas voltão mais ou menos lentamente ao seu estado normal; ás vezes conservão durante muito tempo um volume mais consideravel, devido a uma leve infiltração serosa ou a uma simples turgencia sanguinea.

Tratamento. No primeiro periodo da phlebite cumpre applicar 10 a 15 bichas sobre o trajecto da veia inflammada, e depois cataplasmas de linhaça ou de fecula. Duas vezes por dia mergulhar-se-ha o membro n'um banho d'agua morna simples ou de decoção de malvas. É tambem vantajoso recorrer no começo da molestia ás unções mercuriaes feitas sobre o trajecto da veia inflammada. Eis-aqui a receita :

Pomada mercurial dupla. . . 30 grammas (1 onça).

Fazem-se duas fricções por dia, e para cada fricção emprega-se a porção do tamanho de uma azeitona d'esta pomada.

Examine-se com cuidado se existe sobre o trajecto da veia um ponto fluctuante; e no caso de haver abcesso corte-se transversalmente a veia para dar sahida ao pus, e prevenir d'esta sorte a sua passagem na torrente circulatoria. Sobrevindo os symptomas de infecção, supprimem-se as fricções mercuriaes, e administram-se os medicamentos tonicos, a quina sobretudo, segundo a recceita seguinte :

Extracto de quina. 4 grammas (1 oitava).

Faça 18 pilulas. Para tomar uma pilula de 3 em 3 horas.

O doente usará dos vinhos generosos, Porto, Madeira; tomará frequentemente caldos substanciaes, e alimentar-se-ha com tapioca, araruta, ovos, costeletas de carneiro, etc. Convem abrir promptamente todos os abcessos que se formarem em qualquer parte do corpo.

PHLEGMA. * *Veja-se* PITUITA.

PHLEGMÃO. Assim se chama a inflamação do tecido cellular. O phlegmão pôde desenvolver-se em todas as partes que contém certa quantidade d'este tecido; pôde declarar-se no interior do corpo; mas ordinariamente é um *tumor* que se manifesta debaixo da pelle. — As *causas* mais communs do phlegmão são pancadas, quedas, picadas, corpos estranhos introduzidos no interior dos órgãos, etc.

O phlegmão principia por dôres mais ou menos vivas que augmentão pelo movimento e compressão. Logo depois levanta-se um tumor redondo, cicumscripto, duro, vermelho. O doente sente a principio dôres latejantes, e depois uma especie de peso; forma-se a suppuração, o tumor fica fluctuante, e constitue o que se chama *abcesso* ou *postema*; a pelle torna-se pallida, apresenta um ponto esbranquiçado, que se abre e deixa sabir uma quantidade mais ou menos consideravel de pus.

O *tratamento* compõe-se de cataplasmas de linhaça ou de fecula, que devem ser continuamente applicadas sobre o tumor. Quando a suppuração está formada, é preciso abrir a postema com bisturí. Todo o abcesso quente é precedido de um phlegmão. V **ABCESSO.**

PHLEGMASIA. Synonymo de inflamação.

PHLEGMATIA ALBA DOLENS. *Veja-se* INCHAÇÃO DAS PARTURIENTES.

PHLYCTENA. Empola pequena, transparente, formada pela epiderme levantada pela serosidade, semelhante á empola produzida pela acção da agua fervendo. Quasi sempre apparece

em grupos mais ou menos numerosos. Sobrevem espontaneamente no *cobreiro*, *pemphigo*, na *rupia*. *Vejão-se* estas molestias.

PHOSPHATO DE CAL. *Vejá-se* vol. I, pag. 426.

PHOSPHATO DE SODA. Sal inodoro, branco, de sabor levemente salino, um pouco desagradavel, crystalizado em prismas rhomboidaes, soluvel em agua. Purgativo, na dóse de 30 a 60 grammas (1 a 2 onças), dissolvido n'um copo d'agua.

PHOSPHORO. Corpo simples, extrahido dos ossos dos animaes. É solido, apresenta-se ordinariamente sob a fórma de pedaços cylindricos da grossura de uma penna de escrever, meio transparente, flexivel, branco amarellado; espalha no ar vapores esbranquiçados de cheiro aliaceo. É luminoso na escuridão, quando está ao contacto do ar. Sendo aquecido, arde facilmente com uma chamma viva. Simplesmente esfregado, póde inflammar-se, e por isso o phosphoro é mui perigoso para manejar, e não se deve pegar n'elle senão com os dedos molhados, ou melhor ainda com uma pinça. Queima e desorganiza as partes com que está em contacto; mas, dissolvido no ether ou azeite doce, foi aconselhado internamente em dóse minima na impotencia viril; porém é pouco empregado hoje, por causa do perigo a que expõe os doentes.

O *contra-veneno do phosphoro* é a essencia de terebinthina, que fórma com elle uma composição innocua que se elimina com as urinas.

Phosphoro vermelho ou *amorpho*. Dá-se este nome ao phosphoro ordinario, modificado, pela acção prolongada do calor, não sómente nos seus caracteres, mas até nas suas propriedades essenciaes. O phosphoro vermelho obtem-se introduzindo o phosphoro ordinario n'um vaso de ferro, e aquecendo-o até ao 280° gráo, temperatura que se mantém durante dez dias. O producto apresenta-se ora em massa opaca e dura, ora em pó vermelho. O phosphoro vermelho não é luminoso na escuridão, não tem cheiro, não espalha vapores no ar, póde pegar-se-lhe com os dedos, e ser transportado, sem inflammar-se; póde entretanto inflammar-se além do 180° gráo; mas o que é de grande importancia, é que o phosphoro vermelho não é venenoso, ao passo que o phosphoro ordinario é um veneno violento. Por causa d'estas differentes propriedades o phosphoro vermelho é hoje empregado com preferencia para a preparação dos *páozinhos de accender fogo*.

PHOSPHOROS. FUZIS PHOSPHORICOS, OU PAVIOS DE ACCENDER LUME. Dão-se estes nomes aos páozinhos guarnecidos n'uma de suas extremidades de uma substancia que tem por base o phosphoro, e que se inflamma pela simples fricção sobre um corpo secco e duro.

Pavios com phosphoro ordinario. Eis-aqui como se fazem : Cobrem-se as pontas dos pedacinhos de páo com enxofre, e depois com a massa feita de chlorato de potassa, gomma alcatira, phosphoro ordinario em pó, e de uma materia corante que é cinabrio ou azul de Prussia.

Os *phosphoros* preparados com *phosphoro ordinario*, apresentam grandes inconvenientes : 1º São um veneno muito activo, muito violento e prompto; d'onde resulta um perigo constante para as familias, porque a imprudencia das crianças, ou a mão do erime, tem sempre á sua disposição o instrumento de uma morte eerta; 2º são muito noeivos para os operarios que os fabricão, porque as emanações phosphoreas, que se desenvolvem, occasionão bronchites mais ou menos intensas, a quèda dos dentes, e a carie do queixo inferior. Por causa d'estes inconvenientes os *phosphoros* devem ser preparados eom *phosphoro vermelho*.

Obtem-se o *phosphoro vermelho* submettendo durante muitos dias o posphoro ordinario a uma temperatura elevada, que lhe faz experimentar uma transformação eompleta. Antes de reeber a acção prolongada do ealorico, o phosphoro era branco e transparente; torna-se roxo e opaeo depois d'esta operação. Era molle como a eera, torna-se duro como o erystal. Espalhava abundantes emanações, não produz mais eheiro algum, e torna-se absolutamente inodoro. Mas o que é da maior importancia, é que o phosphoro vermelho não é venenoso, ao passo que o phosphoro ordinario constitue um veneno violento. Taes são os motivos pelos quaes se dá hoje a preferencia ao phosphoro vermelho na preparação dos páozinhos chamados de lume prompto.

Os *phosphoros* apresentam numerosos riseos de incendio. Aquelles que se mettem em eaixas de papelão occasionão o maior numero de aeidentes. Quando estão em caixinhas de páo bem feehadas, expõem a menor perigo, porque, se pelo ehoque os phosphoros se inflammarem, a massa arde, mas os páozinhos não pegarão fogo, por estarem privados de ar que entretem a eombustão. Quando se levão phosphoros em viagem, é melhor tê-los n'uma eaixinha de metal.

Os phosphoros apresentam tambem eertos perigos ás pessoas que se servem d'elles : ás vezes inflammão-se com força, e a materia inflammada póde cahir sobre as mãos, vestidos, rosto : queimaduras graves podem resultar ás vezes d'estas projecções do phosphoro inflammado. Citão-se até exemplos de pessoas em quem o phosphoro foi lançado sobre o olho, resultando d'ahi a perda d'este orgão. O phosphoro, quando arde, adhere á pelle, e por isso as suas queimaduras são ordinariamente profundas. Tendó lugar a

queimadura nas mãos, no rosto ou em alguma outra parte da pelle, o melhor remedio consiste em applicar algodão. Se o phosphoro cahio no olho, é preciso immediatamente lavar o olho com agua fria, e applicar depois um panno molhado na mesma agua. Para evitar estes inconvenientes, convem servir-nos dos phosphoros inexploráveis, isto é, que se inflammão sem detonação: os phosphoros que, ao inflammarem-se, não fazem ruido, não produzem estas projecções. Póde obter-se facilmente este resultado diminuindo a proporção do chlorato de potassa que entra na composição da massa. Em algumas fabricas o chlorato de potassa é substituído pelo nitrato de potassa, que dá páozinhos inflammáveis pelo attrito e sem ruido.

Mechas com phosphoro vermelho (mechas hygienicas de segurança). Preparão-se de duas maneiras: 1º Cobrindo os páozinhos com massa feita com phosphoro vermelho, chlorato de potassa e gomma. 2º Fazendo massa com uma mistura de enxofre e de chlorato de potassa, que não se póde inflammam pela fricção, e que é além d'isto inteiramente despida de propriedades venenosas; e cobrindo os páozinhos com esta massa. O phosphoro vermelho acha-se estendido sobre um papel pregado na caixa, sobre o qual só os páozinhos podem pegar fogo, em consequencia da afinidade do enxofre para o phosphoro.

Mechas com bioxydo metallico. A industria enriqueceo-se, ha alguns annos, de um novo systema de mechas chemicas isentas completamente de perigo. Estas mechas não contém parcella alguma nem de phosphoro branco nem de phosphoro vermelho, e não podem ser transformadas em agente de envenenamento. São essencialmente formadas de chlorato de potassa, adicionado de uma pequena quantidade de um bioxydo ou de um oxysulfureo metallico; inflammão-se com muita facilidade. O inventor (Canouil) pretende ter achado o meio de manipular e moer, mesmo a secco, o chlorato de potassa; sem a menor possibilidade de explosão ou deflagração. Emfim, as novas mechas não espalhão cheiro algum, nem na fabricação, nem nos depositos, nem no uso diario.

PHRENESI. Dá-se este nome á inflammção das membranas do cerebro. *Vejase* MENINGITE.

PHRENOLOGIA, CRANIOLOGIA OU CRANIOSCOPIA. Doutrina creada no principio d'este seculo pelo Dr. Gall. Tem por fim determinar as funcções de diversas partes do cerebro, e provar que se podem conhecer as differentes disposições e inclinações de um individuo pelas protuberancias e depressões que apresenta o seu craneo. Sendo o craneo exactamente moldado sobre a massa cerebral, cada porção de sua superficie offerece dimensões mais ou

menos consideraveis, conforme a porção correspondente do cerebro é mais ou menos desenvolvida. Ora, sendo os individuos, em quem esta ou aquella porção do craneo se acha largamente desenvolvida, notaveis pela mesma faculdade, virtude ou vicio, concluirão os phrenologistas que a porção do cerebro, correspondente a esta parte do craneo, é a séde d'esta faculdade, virtude ou vicio, e que ella é o seu *orgão especial*.

O proprio Dr. Gall. conta como descobrio o seu systema: observou, quando andava no collegio, que alguns de seus condiscipulos obtinhão premios nas aulas e lhe crão sempre superiores, por decorarem facilmente. Notou que esses meninos tinham olhos grandes e salientes. — Esta primeira impressão, que ficou no espirito de Gall, de uma faculdade intellectual ligada a uma conformação physica, da qual mais tarde fez a memoria das palavras, conduzio-o, quando aprendia a medicina, a verificar se outras faculdades não se mostrarião no exterior por conformações que lhes fossem proprias. Visitou as prisões de muitas cidades da Allemanha, as casas de alienados, moldou as cabeças, ou colheo os craneos dos individuos notaveis por qualidades extraordinarias ou grandes vicios. Fez o mesmo estudo sobre os animaes, e achou uma analogia de conformação cerebral entre todos os animaes dotados de instinctos analogos; de mais, encontrou no homem os mesmos desenvolvimentos cerebraes a que chamou *orgãos*, e que correspondião aos instinctos animaes.

Assim o orgão do instincto carniceiro da destructibilidade, se acha em cima do conducto auditivo externo no homem como no leão, e, segundo Gall, é um orgão que dá á cabeça de todos os carnivoros essa largura que se observa por fóra das fontes; collocou o orgão da prudencia, ou da circumspecção, na proeminencia parietal, por causa do desenvolvimento transversal que se observa na cabeça das cobras. Reconheceo na gralha e na andorinha, o orgão da habitação ou amor do paiz, junto ao do gosto de viajar, o que explica, diz elle, tanto as suas migrações como a sua volta constante aos mesmos lugares. Na pèga, verificou o orgão do roubo, que ficou sendo mais tarde o orgão do amor da propriedade; orgão que determina a paixão das collecções e o desejo de enriquecer-se. Achou no rouxinol o orgão da melodia, no castor o da construcção. As paixões, que se desenvolvem no homem, forão tambem representadas nos animaes por orgãos semelhantes: o amor da propagação da especie teve sua séde no cerebello, e o desenvolvimento d'esta parte do encephalo tornou-se no homem, como nos animaes, o indicio do grão de energia nas faculdades genitae.

Mas não foi sómente nos animaes que Gall escolheo exemplos

para estabelecer o seu systema. Os homens com caracteres eccentricos, os de grande talento, os criminosos, os melancolicos, os doudos vierão fornecer provas á sua doutrina; consultou não sómente as cabeças e os craneos dos contemporaneos, mas escolheu tambem as suas provas na historia, baseando-se nos retratos que nos deixou a mais remota antiguidade. Foi assim que achou um enorme desenvolvimento do orgão da poesia no busto de Homero, do da metaphysica no busto de Socrates, do da bondade, da veneração na cabeça do Christo. Nas prisões, nas galés, Gall ia examinar as cabeças dos criminosos, e pedia que lhe contassem a historia de seus crimes e as circumstancias que os tinham acompanhado. O salteador de estrada apresentava-lhe o instincto do homicidio desenvolvido simultaneamente com o da coragem, entretanto que este ultimo faltava ordinariamente ao envenenador. No ladrão timido, achava o orgão da astucia com o do instincto da propriedade; nos homens condemnados por attentados ao pudor, havia sempre um desenvolvimento consideravel das fossas occipitales inferiores, e por conseguinte do cerebello. Os doudos fornecião-lhe tambem observações interessantes: o orgão da vaidade parecia-lhe desenvolvido nos que se julgavão reis, imperadores, etc.; o da vaidade e da religião nos que se julgavão papas, santos, etc. Foi d'esta maneira que Gall chegou a distinguir no cerebro vinte e sete orgãos, tendo cada um o seu lugar determinado, susceptivel de fazer maior ou menor proeminencia; proeminencia cujo volume depende da energia da faculdade que ella representa.

Além dos 27 orgãos descriptos por Gall, Spurzheim, seu discipulo e collaborador, admittio muitos outros. Nas duas cabeças indicadas na fig. 404, os vinte e sete orgãos suppostos por Gall estão indicados pelos algarismos 1, 2, 3, etc.; os que forão admitidos mais tarde achão-se indicados pelas letras A, B, C, etc.

1. Orgão da faculdade geradora; tem por séde o cerebello, e está indicado na superficie do craneo por duas proeminencias arredondadas, uma á direita e outra á esquerda da linha mediana.
2. Amor da progenitura, amor dos filhos; corresponde á protuberancia occipital.
3. Memoria das cousas, por cima da raiz do nariz.
4. Memoria dos lugares, orgão indicado exteriormente pela proeminencia da margem interna das sobrançelhas.
5. Memoria das pessoas, ou orgão da configuração perto do angulo interno da orbita; seu volume é indicado pela maior ou menor distancia que existe entre os dois olios.
6. Sentimento das côres; occupa a parte média da sobrançelha, e estende-se um pouco sobre a testa.
7. Orgão da musica; por cima e por detraz do precedente por cima do terço interno da arcada orbitaria.
8. Orgão dos numeros,

do calculo ou das mathematicas, situado no angulo externo da orbita. 9. Sciencia das palavras, ou a memoria propriamente dita, sobre a parte frontal do fundo da orbita : quando está muito desenvolvida, o olho é grosso e esbugalhado, e o individuo tem a faculdade de reter facilmente as palavras, os nomes : o que não suppõe sempre a de lhes conhecer a significação logica ou grammatical. 10. Espirito das linguas; existe tambem sobre a orbita, um pouco por cima do precedente; é proprio aos grammaticos e philologos. 11. Orgão da industria e destreza mecanica; forma uma proeminencia arredondada na base lateral do osso frontal, perto das fontes, detraz dos orgãos da musica e do calculo. Foi

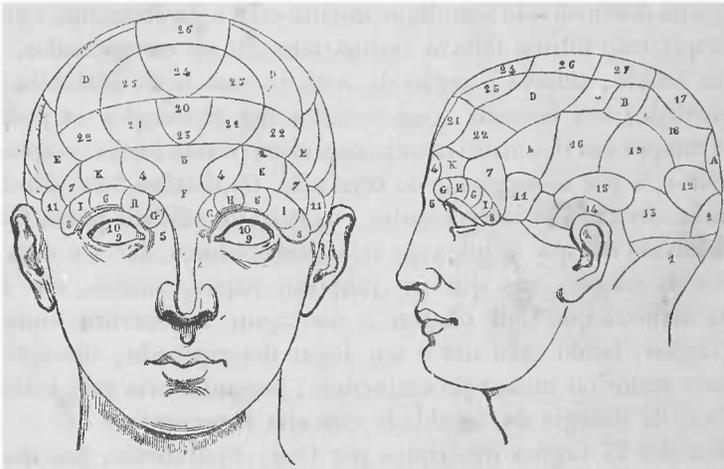


Fig. 404. — Systema de Gall.

tambem chamado orgão da construcção. 12. Orgão da amizade e da affeição, por cima do amor dos filhos. 13. Coragem, instincto da propria defeza, inclinação ás disputas e brigas. 14. Orgão da destruição, instincto carniceiro, inclinação ao homicidio; muito pronunciado nos animaes carniceiros, faz proeminencia por cima da orelha. 15. Orgão da astucia, por cima e um pouco por diante do precedente. Chama-se tambem orgão do *segredo*, por causa do cuidado com que os individuos, em que este orgão se acha desenvolvido, escondem os seus pensamentos; ligada aos sentimentos moraes, esta faculdade constitue a prudencia, a discricão; no caso contrario, degenera em duplicidade, hypocrisia, dolo, etc. 16. Orgão do roubo é, por diante e por cima do da astucia; mas a faculdade que resulta d'este orgão não produz sómente a tendencia a apoderar-se do bem alheio, mas em geral a tendencia a adquirir e possuir. Esta faculdade da ideia da propriedade; exa-

gerada, conduz á avareza, cubiça, etc. 17. Altivez ou estima de si mesmo, acha-se detraz do apice da cabeça, perto do angulo que resulta da reunião dos dois ossos parietaes. Desenvolvida moderadamente, esta faculdade dá a confiança em suas proprias forças, o sentimento de sua dignidade; exaggerada, torna-se presumpção, arrogancia, orgulho, etc. 18. Orgão da ambição, da vaidade, do amor da approvação; é visinho do precedente, perto do angulo posterior superior do osso parietal. Reduzida a justas proporções e associada a sentimentos moraes, esta faculdade dá o desejo de agradar e de adquirir a estima geral. 19. Sentimento da circumspecção, previdencia, prudencia, indecisão. 20. Sagacidade comparativa, sentimento das comparações; acha-se na parte anterior e média do osso frontal. 21. Penetração metaphysica, espirito de inducção, ideologia, profundeza do espirito. Este orgão confunde-se com o precedente, está situado no seu lado externo, e, quando é muito desenvolvido, forma duas protuberancias que dão a esta uma fórma hemispherica particular. 22. Espirito de replicas, agudeza, ditos engenhosos, inclinação á satira, orgão situado na parte lateral externa do precedente; augmenta a largura e o relevo da testa. 23. Orgão da observação inductiva, resulta da reunião dos tres precedentes: dá ao homem a faculdade de madurar as suas reflexões, e fazê-las fructificar, deduzindo as suas consequencias. 24. Bondade, sentimento do justo e injusto, espirito de justiça, benevolencia, affabilidade. 25. Imitação, sentimento da mimica, faculdade de imitar. 26. Sentimento religioso, veneração; orgão situado no apice da cabeça. Esta faculdade produz o sentimento do respeito e submissão para com as pessoas de uma classe e de um merecimento mais elevado; dispõe á piedade filial, ás ideias religiosas. Se o orgão fosse muito pronunciado, resultaria humilidade ou superstição. 27. Firmeza, constancia, perseverança, teima.

Orgãos admittidos pelos phrenologistas posteriores a Gall. A. Orgão da *concentração* e da *habitação*, immediatamente por cima do do amor da progenitura. Por *concentração* entende-se a faculdade que tem certos individuos de concentrar todos os seus pensamentos, de maneira que nada os possa distrahir do objecto de que se occupão. Junta-se a esta faculdade, sob o nome de *habitação*, essa especie de insticto natural que liga o homem a certo paiz, certa habitação ou maneira de viver. — B. Orgão da *consciencia*. — C. Orgão da *esperança*. — D. Orgão do *maravilhoso*. Todos os tres por cima da protuberancia parietal, immediatamente por baixo dos orgãos da veneração e da perseverança. A *consciencia* produz o sentimento do dever, do justo, do injusto. A *esperança*, se fôr mui pronunciada, dispõe á credulidade, ás especulações loucas e incon-

sideradas : e por isso este órgão é vizinho do *maravilhoso*, faculdade d'onde resulta a tendencia a crer as inspirações, aparições, e todos os acontecimentos sobrenaturaes. — E. Órgão da *idealidade*, que é o sentimento da excellencia, perfeição, exaggeração, e do enthusiasmo. — F. Órgão da *individuação*, situado no principio do nariz; dá maior ou menor largura ao espaço que separa as duas sobrancelhas. D'esta faculdade resulta a aptidão ás sciencias que consistem, como a historia natural, a estudar os objectos individualmente. — G. Órgão da *extensão*. — H. Órgão do *peso* e da *resistencia*. Órgãos situados no angulo interno da orbita, entre o órgão da configuração e o do conhecimento das côres. Do primeiro resulta a faculdade que tem certos individuos de medir, com um lanço de olhos, uma distancia, uma extensão qualquer, de julgar uma perspectiva, etc.; do segundo, a faculdade de apreciar exactamente o peso de um corpo, a aptidão de julgar da potencia e resistencia em mecanica. — J. Do órgão da *ordem*, situado no angulo externo da orbita, ao lado do órgão do calculo, proviria aquella attenção, e cuidado que tem certos individuos de pôr cada cousa no lugar que ella deve occupar. — K. Do órgão do *tempo*, situado por cima da parte média das sobrancelhas, entre o órgão da localidade e o do conhecimento dos tons ou da musica, dependerião todas as noções relativas ao tempo e á duração, o conhecimento e a memoria das datas, o conhecimento do rhytmo musical, e a faculdade de observar exactamente o compasso quando se toca um instrumento; faculdade essencialmente distincta do conhecimento dos tons.

A doutrina de Gall provocou viva opposição. O exame das cabeças de muitos homens notaveis ou de grandes criminosos, que não tinham as protuberancias correspondentes ás suas grandes qualidades ou aos seus crimes, deo um grande golpe á phrenologia. As visitas dos galés e das prisões, que tão maravilhosamente servirão á phrenologia durante o periodo de seu crescimento, forão dirigidas contra ella. Procurárão-se com o mesmo cuidado os casos em que más inclinações existião em individuos que não apresentavão desenvolvimento dos órgãos, como o doutor Gall esforçava-se precedentemente por descobrir a sua coincidência. Por fim, chegarão a rejeitar toda a especie de localização, e a dizer que as funções do cerebro resultavão da união de differentes partes do órgão.

O volume, a fórma e o peso do cerebro dos animaes forão tambem objecto de pesquisas com o fim de verificar as asserções phrenologicas. Reconheceo-se que certos animaes, bastante intelligentes, tinham muitas vezes um cerebro menos desenvolvido do

que os que crão muito menos intelligentes; que o desenvolvimento mais consideravel do cerebro não estava sempre em harmonia com o do orgão que devia presidir ao instincto mais dominante : assim, as massas lateraes do cerebro do boi, séde do orgão da carniceria, são mais consideraveis que as do leão.

Todos estes factos, e muitos outros, taes como o exame da cabeça de Napoleão I e as de alguns homens eminentes por suas qualidades, que estavam em contradicção com este systema, abalrão os alicerces da phrenologia e lhe fizerão perder o character de sciencia; e muitos sabios que ao começo havião abraçado os principios d'esta doutrina, reformárão o seu juizo.

PHTHIRIASE. Molestia cujo principal symptoma consiste no desenvolvimento de grande quantidade de piolhos sobre qualquer região do corpo. *Veja-se* PIOLHO.

PHTHISICA. *Veja-se* TISICA.

PIAÇO. Algumas pessoas assim chamão, do verbo *piar*, ao ruido que se ouve no peito ou no larynge das pessoas affectadas de bronchite ou de defluxo. Depende da passagem do ar através das mucosidades que se achão nos canaes respiratorios. Este ruido desaparece depois da expectoração das mucosidades.

PIÃO. *Veja-se* PINHÃO DE PURGA.

PICADA. O perigo d'esta especie de ferida está na razão da natureza e da grossura do instrumento vulnerante, das partes que offendeo e da profundidade em que penetrou. Os instrumentos que produzem picadas são numerosos : taes são os alfinetes, espinhos, agullhas, lascas, os ferrões de certos insectos, os dentes de certos animaes, pregos, estyletes, frechas, baionetas, buris, sovelas, etc. As picadas são, ás vezes, acompanhadas de accidentes mui graves. Dependem elles de penetrar o instrumento profundamente e chegar ao meio dos tecidos envolvidos de fortes membranas, chamadas *aponevroses*, as quaes, comprimindo as partes inchadas, determinão vivas dôres. Assim, as picadas são perigosas quando atacam as partes cuja estructura é tal qual acabei de indicar, como, por exemplo, os tegumentos do craneo, os dedos, a palma das mãos, a planta dos pés. N'estes casos, a inflammação termina-se frequentemente por abcessos profundos. Mas, sempre que a picada não penetra até ás *aponevroses*, não se deve reccar muito o accidente de que se trata, e as feridas curão-se em geral mui facilmente e sem dôr. Até não é raro que se obtenha cura rapida e isenta de accidentes quando se trata de certos golpes de espada, que tenham atravessado todas as partes de algum membro volumoso, como a coxa, por exemplo.

O *tratamento* das picadas é o seguinte : Quando são pouco pro-

fundas, alguns lavatorios com agua fria e applicação de encerado inglez ou de emplasto adhesivo sobre a ferida, bastão para a curar rapidamente. Mas quando as picadas são seguidas de dôr forte e de inflammação, o que acontece sobretudo nos lugares cingidos de aponevroses, é preciso applicar cataplasmas de linhaça ou de fecula.

Quando a picada é feita por abelha ou vespa, o ferrão fica quasi sempre na parte, e a primeira indicação consiste em extrahi-lo; feito isto, comprima-se a ferida, lave-se com agua fria, e applique-se por cima um pouco de salsa hortense, previamente mastigada. Se este meio não fôr sufficiente para prevenir a inflammação, será preciso substitui-lo, como em todos os outros casos, por cataplasmas de linhaça ou de fecula, por banhos mornos, por fricções com balsamo tranquillo. É rarissimo que uma só picada occasiona a febre; mas, quando são muitas, esta declara-se: n'este caso, convem recorrer á dieta absoluta e ás limonadas refrigerantes, taes como limonadas de limão ou laranja.

O que deixei dito acerca da abelha, applica-se igualmente ás picadas de zangão, besouro, tarantula, aranha, mosquito, bor-raxudo, maribondo, formiga ruiva, centopea, e lacraia; estas picadas reclamão um tratamento pouco mais ou menos semelhante. O veneno da lacraia e do maribondo é um pouco mais intenso que o dos outros insectos; n'este caso a prudencia exige que se cauterize a picada com uma gotta de alcali volatil; se este caustico não se achar de prompto, será preciso limitar-se a comprimir a parte em todos os sentidos para fazer sahir o sangue, e lava-la com agua fria.

Picadas anatomicas. *Veja-se FERIDAS POR PICADAS ANATOMICAS*, vol. I, pag. 1073.

PICÃO, CUAMBÚ, GUAMBÚ OU GARIOPHYLLATA. *Bidens pilosa*, Linneo. Synanthereas. Planta herbacca que habita no Brasil. Caule erecto; folhas divididas em lobulos ovacs agudos, denteados; peciolos ciliados na base; flores dispostas em capitulos pedicellados, formando quasi corymbos; florões amarellos; fructo, akene anguloso, terminado por duas ou tres pontinhas. Esta planta contém um principio acre, e é considerada como antiscorbutica. O seu sumo emprega-se na ictericia na dóse de 30 a 60 grammas (1 a 2 onças). As folhas contusas applicão-se com vantagem nas úlceras. — Ha mais outras especies do mesmo genero; são: *Bidens leucantha*, Willd., e *Bidens graveolens*, Martius. Designão-se igualmente debaixo do nome de *picão*, e são empregadas para o mesmo fim.

PICÃO DA PRAIA. *Acanthospermum xanthioides*, De Candolle. Synanthereas. Planta rasteira do Brasil; habita especialmente na provincia do Rio de Janeiro nos lugares arenosos. Caule pubescente, folhas pecioladas, oppostas, inteiras ou levemente denteadas, ovaes, aromaticas e amargas; flores situadas na extremidade dos ramos; flores amarellas; fructo, akene oval, um pouco curvo, coberto de pontas finas e curvas. Toda a planta é tónica e aconselhada na diarrhea, e febres intermittentes. Usa-se em infusão, que se prepara com 4 grammas (1 oitava) das folhas e 180 grammas (6 onças) d'agua fervendo. — Ha mais outra variedade da planta, *Acanthospermum hirsutum*, De Candolle, que differe da precedente unicamente nas folhas, que são pelludas na face inferior. Esta é conhecida no interior da provincia de S. Paulo pelo nome de *carrapichinho* do campo. Goza das mesmas propriedades.

PICHURIM. Veja-se PUCHURY.

PICRATO. Veja-se ACIDO PICRICO.

PIERREFONDS. Aguas sulfurosas frias e aguas ferruginosas frias.

Itinerario de Pariz a Pierrefonds. Estrada de ferro de Pariz a Compiègne, hora e meia; omnibus de Compiègne a Pierrefonds, 1 hora. Despezas 10 francos.

Pierrefonds é uma aldeia de França, situada na extremidade da matta de Compiègne, á margem de um pequeno lago. Ha ali duas fontes mineraes : agua sulfurosa fria (12°) e agua ferruginosa tambem fria. A primeira pertence á classe das aguas sulfurosas calcicas. A agua d'esta fonte, clara e transparente, tem gosto hepatico, porém supportavel; utiliza-se em bebida, banhos, duchas, aspirações d'agua pulverizada n'um estabelecimento bem organizado, e que reune o hotel dos banhos e os locaes balneo-therapicos; 16 gabinetes de banhos, duchas descendentes e ascendentes, sala de respiração.

É em Pierrefonds que se realizou a primeira applicação da pulverização das aguas mineraes; o Dr. Sales-Girons, medico do estabelecimento, creou ali uma sala onde a agua sulfurosa se pulveriza, por meio de um apparelho especial, e penetra nas ultimas divisões dos bronchios, durante o acto respiratorio. Ha pessoas que podem ficar meia hora, tres quartos de hora na sala de respiração, depois de resistir á oppressão que se manifesta no começo. Outras acostumão-se difficilmente. A experiencia ainda não deo provas do valor curativo d'este modo de tratamento senão nas affecções do pharynge, especialmente na angina chronica. A asthma foi tambem modificada pela inhalação da agua sulfurosa

pulverizada. Mas no que diz respeito á tísica pulmonar, não ha provas de cura.

A agua sulfurosa de Pierrefonds aproveita, em banhos contra as molestias de pelle. A estação balnear dura do 1º de junho ao 1º de outubro. A agua transportada conserva-se bem.

PILULA. Preparação pharmaceutica formada de pós misturados com algum xarope, mel de abelhas, extracto de plantas, etc., á qual se dá a fôrma globular e o peso de 5 a 30 centigrammas (1 a 6 grãos). Além de 6 grãos, estes medicamentos tomão o nome de *bolo*. — Em geral, os medicamentos que se tomão sob a fôrma pilular são compostos de substancias activas, e tem um gosto desagradavel : d'esta maneira a sua administração torna-se mais facil. As pilulas são mui numerosas.

PIMENTA. Nome que se dá a muitos fructos de plantas de familias differentes, que tem sabor acre, calefaciente, que estimulão a economia, e são empregadas na arte culinaria ou na medicina.

Pimenta apuá. *Capsicum baccatum*, Lin. *Capsicum cerasiforme*, Willd. Solanaceas. É uma das variedades da *Pimenta de cheiro*. É de figura cónica e de côr vermelha.

Pimenta de cheiro. *Capsicum odoriferum*, Velloso; *Capsicum ovatum*, De C. Solanaceas. Pequeno arbusto cultivado e indigena do Brasil. O fructo é do comprimento de 3 centímetros, mais ou menos, redondo, côr amarella brilhante, casca coriacea. Usa-se na arte culinaria, e com preferencia para comida de peixe. — Ha outra especie roxa e alongada.

Pimenta cumary. *Capsicum cumarim*, Velloso; *Capsicum frutescens*, Linneo. Solanaceas. Pimenta muito cultivada nas diversas provincias do Brasil. Vermelha ou verde, oval, do comprimento de 20 a 34 millímetros, da largura de 7 a 9 na parte inferior, mais estreita no lugar do calice. Cheiro forte, sabor acre. É um tempero preferido para o feijão preto, para o mólho de alcachofra, etc.

Pimenta da India. PIMENTA NEGRA OU DO REINO. Semente da pimenteira, *Piper nigrum*, L. Piperaceas. Fig. 405. A pimenteira é um arbusto trepadeiro, originario da India, mas hoje cultivado em outros paizes intertropicaes por causa das suas sementes, de que se faz muito uso em todas as partes do mundo civilizado; é sobretudo nas ilhas de Malaca, Borneo, Java, Sumatra e na India ingleza que se fazem as grandes culturas da pimenteira. O vegetal tem-se naturalizado no Brasil; na Bahia, Maranhão e Pará fizeram-se em grande suas plantações. Considerando-se que a India foi o theatro de guerras crueis para a conquista da pimen-

teira, e que a Europa emprega cerca de quarenta milhões de francos por anno para se prover d'ella, póde julgar-se da importancia d'este arbusto.

Este arbusto carece de apoio para trepar. As suas bagas globosas passam do verde ao vermelho, e depois ao preto quando maduras. Mil pés de pimenteira, que principião a dar fructos aos tres annos, e que continuão a da-los até aos 11 ou 12 annos, em duas colheitas por anno, produzem de 250 a 500 kilogram. de sementes. Um pé póde dar até 7 kilogrammas e adquirir 16 centimetros de espessura. Colhem-se logo que chegão á madureza, que exige pelo menos 4 a 5 mezes; seccão-se depois, e anda-se por cima d'ellas para separa-las das espigas; tornão-se então pretas e mais ou menos rugosas. São aromaticas, picantes, quentes e de um sabor bem conhecido. A *pimenta branca* é a mesma que a pimenta preta despida da casca exterior, mediante a maceração em agua.

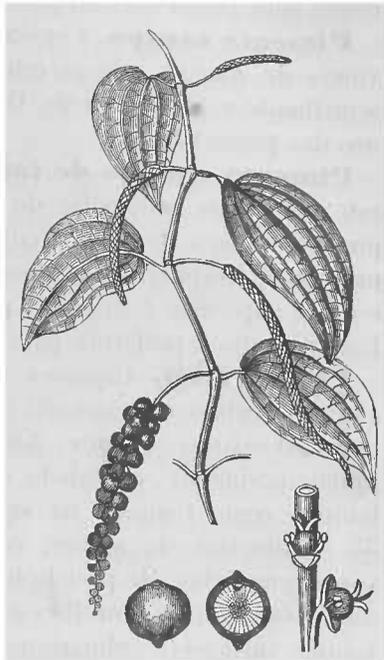


Fig. 403. — Pimenta da India.

Todos conhecem o uso culinario que se faz da pimenta da India, tempero de muitas comidas; seu sabor quente e aromatico faz com que a empreguem para augmentar o gosto dos alimentos, sobretudo dos que são de natureza viscosa, gelatinosa, e para torna-los mais digestiveis; fortifica o estomago, favorece a digestão, e reanima toda a economia quando empregada em quantidade moderada. A pimenta que se serve nas mesas deve ser moída de fresco para ter todo o cheiro e sabor.

Pimenta malagueta. *Capsicum baccatum*, Linneo; *Capsicum pendulum*. Velloso, Solanaceas. Caule de 1 a 2 metros, bem esgalhado; folhas ovaes, agudas, alternas; flores solitarias, óu reunidas em numero de duas, tres ou quatro, brancas esverdinhas. O fructo é uma pequena baga fusiforme, do comprimento de um e meio a tres centimetros, roliça, vermelha quando madura, pelle fina, succo vermelho, acre. Esta pimenta tem grande consumo no Brasil, principalmente na Bahia] e nas provincias do Norte; applica-se a todas as comidas.

Pimenta olho de peixe. *Capsicum*. Solanaceas. Esta especie conhecida em Pernambuco por este nome, tem um fructo globoso, de 1 centimetro de diametro; o seu pedunculo é verde, ou de côr amarella lustrosa; a casca é coriacea e tenue; sementes chatas, amarelladas. Queima menos do que a malagueta, e é mais usada para comer-se com peixe.

Pimenta sarapó. *Capsicum*. Solanaceas. No Brasil, na provincia de Alagoas, dá-se este nome a uma pimenta, cujo pé é semelhante ao da *malagueta*. O fructo é mais grosso; tem o mesmo uso das pimentas.

Pimenta embigo de tainha. *Capsicum*. Solanaceas. Dá-se este nome nas provincias de Pernambuco e de Alagoas a uma pimenta como a de cheiro, cujo fructo tem 3 centimetros de comprimento, é espherico, um pouco desigual, e quasi sempre amarello; a superficie é lustrosa, no apice concava, com um embigo. Esta pimenta é preferida para o peixe.

PIMENTÃO. *Capsicum annum*, Linneo. Solanaceas. Planta annual, herbacea, originaria da India, cultivada no Brasil, Portugal, Hespanha, França, Africa, por causa do fructo que é de grande acrimonia, qualidade que o faz empregar como estimulante e como tempero na arte culinaria. Esta planta tem 30 a 35 centimetros de altura; caule cylindrico, folhas alternas, ás vezes geminadas, de peciolo longo, ovaes-agudas, inteiras; flores solitarias, lateraes, corolla esbranquiçada. O fructo é de fôrma e volume variaveis; ordinariamente da grossura e do comprimento do dedo pollegar, cónico, algum tanto curvado na ponta, liso e luzente, verde antes da maturidade, de côr vermelha brilhante quando maduro. Tem a propriedade picante das pimentas; fazem-se d'elle conservas e tempera-se a comida; fructifica todo o anno no norte do Brasil.

Pimentão comprido. *Capsicum longum*, De Candolle. Solanaceas. Tem os mesmos usos que o precedente.

Pimpinella. *Poterium sanguisorba*, Linneo. Familia das Rosaceas, tribu das Sanguisorbeas. Planta cultivada nas hortas; e é empregada como tempero nas saladas. Em Portugal habita nos pastos, montes perto de Lisboa, Coimbra e outras partes. Caules muitos de uma só raiz, levantados, de 30 centimetros de altura; folhas alternas, pecioladas, pinnuladas com impar, compostas de muitos foliolos; estes são oppostos, ovados, obtusos; flores esverdeadas; sabor adstringente, cheiro aromatico. O gado procura muito esta planta.

PINÇA. *Veja-se* CURATIVÓ, vol. I, pag. 764.

PINHA. *Veja-se* FRUCTA DO CONDE.

PINHÃO DO BRASIL. Fructo da *Araucaria brasiliana*, Richard, arvore do Brasil, da familia das Coniferas. Habita em S. Paulo, Minas, Paraná e Rio Grande do Sul. É uma arvore elegante; o tronco é resinoso; os ramos brotão circularmente. As folhas, escamosas e asperas, são imbricadas umas sobre outras como telhas. O fructo tem 12 centimetros de comprimento, pouco mais ou menos, fôrma cônica, superficie escamosa, côr verde. Este fructo é formado pela reunião de pequenas bagas cônicas, outras alongadas, alojadas em um cixo commum, com o apice voltado para fóra, constituindo a parte exterior do fructo, que é verde; essas bagas, á medida que sé concentão, tomão uma côr avermelhada no apice mesclada de manchas escuras; cada baga compõe-se de tegumento duro e coriaceo; segue-se depois uma membrana delgada, avermelhada, que envolve uma amendoa branca, oleosa; antes da maturidade contém principios leitosos. Esta amendoa come-se. Nas provincias aonde vegeta esta arvore, torra-se o fructo, reduz-se a pó, e come-se com leite.

Em Minas, alimentão os porcos com este fructo. Com a resina, que corre da arvore, e cera, fazem-se velas. A madeira é empregada na construcção e marcenaria.

PINHÃO DE PURGA, PIÃO, PURGUEIRA OU MANDUBI-GUAÇÚ, Fig. 406. Fructo do pinheiro de purga, *iatropha curcas*, Linneo, arbusto do Brasil, da familia das Euphorbiaceas. Este arbusto é de altura mediana, muito frondoso, cheio de um succo viscoso, que é muito usado pelo povo para curar as cortaduras, cujos labios elle liga. Tem as folhas peçioladas, cordiformes, angulosas; flores dispostas em corymbos. O fructo, chamado pinhão de purga, é uma capsula quasi globosa, do tamanho de uma noz; contém tres sementes do tamanho e fôrma de uma azeitona, compostas de uma casca dura, delgada, quebradiça, de côr roxa escura; e de uma amendoa branca, oleaginosa, de sabor adocicado a principio, e depois um pouco acre. Estas amendoas são purgativas, na dóse de 1 a 3 amendoas. Tomão-se contundidas com assucar e reduzidas a balas, ou diluidas em agua. São muito usadas principalmente no centro das provincias do Norte. O *oleo espresso* d'estas amendoas purga na dóse de 2 a 4 grammas ($1/2$ a 1 oitava). É remedio popular contra a hydropisia.

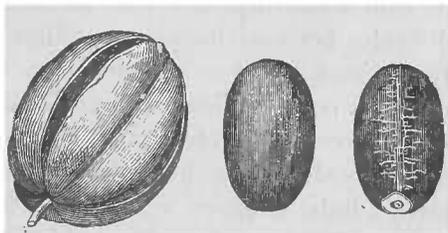


Fig. 406 — Pinhão de purga.

PINHEIRO. *Pinus*, Genero de Coniferas, composto de arvores sempre verdes, geralmente mui grandes, cujos ramos são dispostos em verticillos sobre o tronco. Os pinheiros habitão nas regiões frias ou temperadas da Europa e da America do Norte; gostão dos terrenos seccos, aridos e arenosos. O lenho é mais ou menos resinoso, e muito empregado nas construcções; dura muito tempo. Muitas especies fornecem resina secca e liquida, pez e alcatrão. Conhecem-se mais de 40 especies. Indico as duas, mais importantes na medicina :

Pinheiro bravo. *Pinus maritima*, Linneo. Habita na Europa meridional; é quasi espontaneo em todo o Reino de Portugal. Esta arvore forma uma bella pyramide, cujos ramos são dispostos em verticillos regulares. As folhas são duas a duas, rijas, muito estreitas, do comprimento de 22 a 27 centimetros; as pinhas são arruivadas, luzentes, de fórma cónica, do comprimento de 13 a 16 centimetros. É este pinheiro que fornece a maior parte de terebinthina commum e das resinas empregadas em medicina e nas artes. A sua terebinthina é conhecida no commercio sob o nome de *terebinthina de Bordeos*.

Pinheiro prateado ou **verdadeiro.** *Pinus picea*, Linneo. Habita em todas as altas montanhas da Europa, e principalmente nos Alpes do Tyrol, nos Cevennes em França, na Suecia e Russia. Esta arvore, de fórma pyramidal, tem 30 a 40 metros de altura; os ramos são dispostos por verticillos bastante regulares, e são dirigidos horizontalmente; as folhas são espargidas sobre os novos ramos mas achão-se comprimidas e dirigidas em duas fileiras oppostas como os dentes de um pente. Estas folhas são lineares, chatas, coriáceas, obtusas ou chanfradas no topo; são luzentes e de um verde carregado na face superior, *esbranquiçadas* na inferior, salvo a linha mediana verde, o que fez com que se dêsse á arvore, vista de baixo, o nome de *pinheiro prateado*. Fornece á pharmacia a terebinthina fina, chamada *terebinthina de limão* ou de *Veneza* e os *renovos*. Chamão-se *renovos*, em botanica, pequenos corpos ovoides, cónicos ou arredondados, que nascem sobre os ramos das arvores, na axilla das folhas ou na extremidade dos ramos; no seu centro existe um pequeno eixo esverdeado coberto de folhas rudimentares.

Os *renovos do pinheiro* são compostos de 5 ou 6 renovos cónicos-arredondados, verticillados ao redor de um renovo terminal, mais grosso e do comprimento de 14 a 27 millimetros. São revestidos de escamas avermelhadas, pegajosas, e cheias de resina, parte da qual reçuma na sua superficie sob a fórma de lagrimas. O seu cheiro e sabor são resinosos, levemente aromaticos. Os melhores

vem do norte da Europa, e principalmente da Russia. Empregão-se nas molestias do peito, em infusão ou xarope. A *infusão* prepara-se deixando infundir por duas horas 4 grammas (1 oitava) de renovos de pinheiro em 180 grammas (6 onças) d'agua a ferver; coando e adoçando o liquido. Esta dóse é para um dia. O *xarope* administra-se na dóse de 30 a 60 grammas (1 a 2 onças) por dia.

PINTAS. Nas molestias chamadas *eruptivas* apparecem na pelle pequenas manchas vermelhas, do tamanho de picadas de pulgas ou maiores; chamão-lhes *pintas*. As molestias em que se observão são: sarampos, escarlatina, bexigas, cataporas, roseola, etc. As *pintas* dos *sarampos* parecem-se com picadas de pulgas; as da *escarlatina* consistem em manchas largas, um pouco elevadas a cima do nivel da pelle; as das *bexigas* são pequenos botões que se convertem, tres ou quatro dias depois, em grossas bostellas cheias de pus; as das *cataporas* são manchas que logo no primeiro dia se transformão em botões cheios de materia transparente; as da *roseola* são nodoas vermelhas redondas, muito maiores que as dos sarampos. Em algumas molestias acompanhadas de febre, apparecem ás vezes na pelle nodoas vermellas irregulares, que não tem importancia; durão pouco tempo e desaparecem espontaneamente. No *escorbuto* manifestão-se nodoas de algumas linhas de diametro; são acompanhadas de outros symptomas d'esta molestia. *Veja-se tambem PURPURA e PELLE.*

PIOLHO. Os piolhos são insectos de fecundidade prodigiosa. A observação tem demonstrado que um só piolho é capaz de pôr cincoenta lendeas em seis dias; outros seis dias bastão para que estas lendeas desabrochem, e dezoito dias depois, os recém-nascidos já estão habilitados tambem para pôrem lendeas. É facil, segundo estes dados, imaginar-se a espantosa multiplicação d'estes insectos. Póde dizer-se geralmente que o asseio é o melhor preservativo contra os piolhos; tambem é o melhor meio que se póde empregar para expulsa-los, bem que então seja ás vezes preciso recorrer a alguns remedios. Os medicos tem observado tres especies de piolhos no homem: o *piolho da cabeça*, o *piolho do corpo*, e o *piolho do pubis*.

Piolhos da cabeça. Transmittem-se de um a outro individuo; raros nos adultos, são muito mais communs nas crianças. Destroem-se, penteando frequentemente o cabello, cortando o cabello rente, lavando a cabeça com agua e sabão, polvilhando os cabellos com sementes de paparraz, salsa hortense, aipo, ou com pós de pyrèthro do Caucaso.

Piolhos do corpo. São brancos com os olhos pretos. Esta

especie habita principalmente no tronco e pelos membros. Deo-se o nome de *phthiriase* ao desenvolvimento de grande numero de piolhos d'esta especie. Esta molestia resulta sempre de depositos successivos e multiplicados de lendeas, por um ou muitos d'estes insectos contrahidos accidentalmente. Reconhece ordinariamente por causa a falta de asseio; existem entretanto factos que provão que a phthiriase tem-se mostrado em pessoas muito asseadas; mas estes factos são raros, e ainda alguns autores não os accreditão.

Quanto á geração espontanea d'estes insectos, a opinião admitida por Aristoteles é hoje quasi geralmente rejeitada. O desenvolvimento dos piolhos do corpo foi tambem apresentado como uma molestia grave. Alguns modernos tem repetido, segundo antigas tradições, que Herodoto, Scylla, Ennio, Felipe II, rei de Hespanha, morrerão de phthiriase. O exame dos órgãos internos d'estes homens illustres teria provavelmente conduzido a uma outra conclusão. Entretanto, póde acontecer que grande numero de piolhos, n'uma criança ou em uma pessoa idosa já affectada de outra molestia, chegue a occasionar comichões insupportaveis e insomnia, accidentes que augmentarão a gravidade da molestia.

Tratamento. Compõe-se de banhos gceaes d'agua morna, de fricções com sabão, ou com a pomada seguinte :

Enxofre sublimado e lavado	10 grammas (2 1/2 oitavas)
Carbonato de potassa..	5 grãmmas (1 1/4 oitava)
Agua distillada.	5 grammas (1 1/4 oitava)
Oleo de amendoas doces.	5 grammas (1 1/4 oitava)
Banha	35 grammas (9 oitavas).

Depois da fricção tome-se um banho e mude-se de roupa.

Piolhos do pubis. São conhecidos pelo nome vulgar de *ladilhas*, *piolhos ladros* ou *chatos*. Escondem-se entre os cabellos que cercão os órgãos sexuaes, e propagam-se até aos sovacos e ás sobrançelhas. Se amores impuros ou uma simples casualidade houverem introduzido semelhantes parasitas nas regiões indicadas, o meio mais commodo e mais expedito para dar cabo d'elles, será uma fricção com pequena quantidade de unguento mercurial cinzento; é preciso pratica-la de noite, e na manhã seguinte tomar um banho para fazer desaparecer os seus vestigios.

PIPI OU RAIZ DE GUINÉ. *Petiveria tetrandra*, Gomez. Phytolaceas. Sub-arbusto do Brasil; habita especialmente nas provincias do Rio de Janeiro e de S. Paulo. Tronco liso, de 60 a 90 centimetros de altura; folhas ovaes, agudas, alternas, pecioladas, com as margens um tanto onduladas; flores brancas dispostas em espigas terminaes; raiz perpendicular da grossura do dedo minimo, cinzenta amarellada por fóra, com casca fina, de cheiro aliaceo,

desagradavel, sabor acre; meditullio duro e sem cheiro. A raiz de pipi é muito usada no Brasil em banhos contra as paralyrias; preparão-se estes banhos com 500 grammas (1 libra) de raiz de pipi, que se faz ferver em quantidade sufficiente d'agua. Tambem nas pharmacias se prepara uma *tintura* com 1 parte de raiz de pipi e 4 partes de alcool; esta tintura usa-se em fricções nos membros paralyzados.

PIRAGUAIA. *Veja-se* CIPÓ SUMÁ.

PIRANGA ou **Chica.** *Bignonia chica*, Humboldt. Bignoniaceas. Arbusto trepador do Brasil, muito abundante nas margens do Rio Negro e Orenoco. Seu caule eleva-se ao cimo das grandes arvores por meio de gavinhas que tomão o lugar do foliolo terminal de suas folhas bipennadas; estas folhas são de côr verde carregado, tornando-se avermelhadas pela desecção; flores axillares dispostas em paniculas pendentes; corolla de côr violacea; o fructo é uma siliqua pendente, do comprimento de 30 a 60 centimetros, muito estreita, separada em dois loculamentos por um septo paralelo ás valvulas; sementes ovaes, aladas, imbricadas sobre o septo em cuja margem se achão fixas. Extrahe-se das folhas, por meio da maceração em agua, uma substancia vermelha, pulverulenta, insolúvel na agua, um pouco soluvel no alcool e no ether, de que os Indios se servem para pintar o rosto, dissolvendo-a no oleo de carapa. Esta substancia chama-se no Brasil *carajurá* ou *chica*, e poderia ter applicações na tinturária.

PISADELLA, PISADURA. *Veja-se* CONTUSÃO.

PISADO (SANGUE). Assim se chama vulgarmente ao sangue que se derrama debaixo da pelle, em consequencia de pisaduras, pancadas ou outras contusões, e forma nodoas denegridas, esverdeadas e depois amarellas; em medicina chama-se *ecchymose*. Estas nodoas desaparecem pouco a pouco, e nunca exigem a applicação de bichas. V ECCHYMOSE.

PISTACHA, Alfostigo, Fístico. Semente ou amendoa do

fructo da pistaceira, *Pistacia vera*, Linneo, arvore da familia das Terebinthaceas-anacardeas, cultivada principalmente na Sicilia. Fig. 407. O fructo, do tamanho de uma azeitona, contém um



Fig. 407. — Pistacha.

caroço, e dentro d'este uma amendoa coberta de pellicula arroxeadã, de côr verde pallida no interior, de sabor doce e agradável. Com esta amendoa fazem-se confeitos; e seu succo, que é muito agradável, serve para fazer sorvetes. Comem-se tambem como as avelãs. Em pharmacia, as pistachas são empregadas na preparação do *loock verde*, que se administra contra a tosse.

PITANGUEIRA. *Eugenia uniflora*, Linn. Myrtaceas. Arvore do Brasil, de altura mediocre; tem as folhas oppostas, quasi rentes, ovaes, acuminadas; flores pedunculadas; cada pedunculo sustenta uma unica flor; fructo (*pitanga*), boga globosa, rubicunda, coroada pelos dentes do calice, e contendo uma ou duas sementes. As pitangas contêm uma polpa acida, assucarada, que é refrigerante. Comem-se cruas, ou servem para preparar doces, xarope, vinagre. Em Pernambuco costumão empregar o cozimento das folhas nas dôres rheumaticas. Dá-se tambem o nome de pitangueiras a outras plantas da mesma familia; são: *Eugenia ligustrina*, Camb., chamada *pitangueira do matto*, em S. Paulo; *Myrcia rubella*, Camb., que tem o nome em Goyaz de *pitangueira miuda*; seus fructos são comestiveis.

PITEIRA. *Agave*, Linneo. Genero de plantas da familia das Amaryllideas, tribu das *Agaveas*, que habitão na America meridional, e podem attingir uma altura consideravel. Florescem raras vezes ou mesmo uma vez só, porque o desenvolvimento de sua gigantesca inflorescencia (visto que se contão até 1400 flores) esgota a planta e a faz frequentemente morrer depois de florescer. As folhas radicaes são carnosas e bordadas de espinhos. A *agave americana*, Linneo, é uma das especies mais espalhada; é commum no Rio de Janeiro. Importada para a Europa, naturalizou-se em Portugal, na Hespanha e no sul da França. Suas folhas, de metro e meio até dois metros de comprimento, formão um montão espinhoso, d'onde uma haste erecta se levanta ás vezes até 10 ou 12 metros de altura. As folhas d'esta planta contêm uma substancia que póde tecer-se, e dão filaças optimas para cordas, redes, etc. Fornecem por trituração um succo que espessado pela evaporação e junto com cinza, forma um bom sabão. No Mexico, com este succo fermentado, prepara-se uma bebida acidula muito estimada.

PITUITA ou PHLEGMA. Dá-se este nome ás materias mucosas, pegajosas que a expectoração expulsa das pessoas affectadas de bronchite chronica.

PITYRIASE ou **Carepa**. Dartro furfuraceo volante. Molestia da pelle na qual esta membrana diversamente corada, ou conservando a côr normal, apresenta como phenomeno caracteristico uma exfoliação da epidrme, que se separa por pequenas

laminas esbranquiçadas, pulverulentas, comparadas com razão á farinha ou aos farelos. Esta benigna molestia póde limitar-se a certas regiões do corpo, ás partes pilosas ou ao rosto, por exemplo; outras vezes invade a totalidade ou a maior parte do envoltorio cutaneo. Quando affecta a cabeça, chamão-lhe mais particularmente *caspa*. *Veja-se* esta palavra. — Distinguem-se quatro variedades de pityriase: *rubra*, *branca*, *variegada*, e *preta*.

A *pityriase rubra* é uma fórma bastante rara da molestia. A pelle apresenta então, sobre os pontos affectados, uma vermelhidão viva, superficial, mui bem limitada; é secca e coberta de pequenas escamas esbranquiçadas, que se separão pela menor fricção, e ás vezes por um simples movimento. Estas escamas renovão-se continuamente; de ordinario são acompanhadas de prurido. A pityriase rubra occupa sobretudo a cabeça. É mais frequente nas pessoas que tem o cabello espesso. Mostra-se tambem na barba, e é quasi sempre entretida pela acção da navalha.

A *pityriase branca* occupa especialmente o rosto. É caracterizada por malhas alvacentas, furfuraceas, pouco pruriginosas. Em geral, passados poucos dias a molestia desaparece; persiste mais quando occupa a cabeça.

A *pityriase variegada*, designada com os nomes de *pannos* ou *nodoas hepaticas*, é caracterizada por malhas cinzentas, fulvas, amarelladas, de diversa figura e grandeza, mais ou menos approximadas, e separadas por intervallos em que a pelle conserva a côr natural. Estas malhas, cuja situação ordinaria é no peito, braços e ventre, cobrem-se de escamas furfuraceas pouco pruriginosas.

A *pityriase negra* apresenta-se com os caracteres de pityriase rubra, salvo o serem as escamas situadas em superficies de côr mais ou menos preta.

Prognostico. A pityriase constitue sempre uma molestia benigna. A que occupa a cabeça é mais rebelde, e póde, com o tempo, produzir a quêda do cabello.

Causas. A pityriase observa-se em todas as idades; não é rara nas crianças recém-nascidas; occupa n'ellas a cabeça, e apparece a principio sob a fórma de uma caspa ligeira, logo depois substituida por escamas. Esta molestia reconhece frequentemente por causa, nos adultos, uma excitação da pelle por um regimen muito estimulante ou pela insolação.

Tratamento. Compõe-se de banhos d'agua tepida, lavatorios com agua e sabão, banhos do mar, fricções com solução de borax, e com outras preparações cujas receitas são as seguintes :

Solução de borax.

Borax.	8 grammas (2 oitavas)
Agua.	180 grammas (6 onças).

Humectão-se as manchas duas vezes por dia com esta solução, tendo o cuidado de a deixar seccar no lugar em que se applica.

Pomada antidartrosa.

Pedrahume..	4 gramma (20 grãos)
Camphora	1 gramma (20 grãos)
Banha..	30 grammas (1 onça).

Glycereõ contra a pityriase.

Glycerina.	30 grammas (1 onça)
Oxydo de zinco.	4 grammas (1 oitava).

Untão-se com este glycereõ os lugares affectados.

Pomada de alcatrão.

Alcatrão purificado..	8 grammas (2 oitavas)
Banha..	24 grammas (6 oitavas).

PLACENTA. Corpo molle e esponjoso, chato, circular, intermedio, durante a gestação, entre a mãe e o feto; adhire por uma de suas faces á parede interna do utero, e dá nascimento, pela outra, aos vasos umbilicaes.

PLETHORA. Superabundancia de sangue no corpo. Este estado é caracterizado pela vermelhidão do rosto, pulso forte, augmento de calor do corpo, tendencia ás hemorrhagias, etc. A somnolencia, as vertigens, a vermelhidão dos olhos, a pulsação mui forte das arterias do pescoço, são signaes de que se deve receiar a congestão sanguinea do cerebro. O tratamento consiste em moderação nas comidas, no emprego da alimentação mais vegetal do que animal, no uso das limonadas de limão, ou de laranja, purgantes, e ás vezes no emprego de bichas ou da sangria.

PLEURA. Dá-se este nome a duas membranas serosas que revestem cada uma um dos lados da cavidade do peito, e se reflectem depois sobre o pulmão. Como todas as membranas serosas, cada pleura é um sacco transparente e sem abertura.

PLEURIZ. Inflammação da pleura, membrana que reveste os pulmões; pôde ser *agudo* ou *chronico*.

Pleuriz agudo. É caracterizado anatomicamente pela vermelhidão da pleura, e pela accumulção no sacco pleural de um liquido cuja quantidade varia de 30 grammas a 6 ou 8 litros. A estas lesões corresponde dôr pungente em um dos lados do peito, difficuldade de respirar, tosse secca ou acompanhada de escarros mucosos brancos ou quasi sem côr.

Symptomas. O pleuriz agudo principia de maneira variavel. Em geral, o doente experimenta durante alguns dias fastio e alguma

fraqueza. Às vezes, a molestia começa de maneira subita, e em poucas horas a pessoa passa de um estado de saúde perfeita a um estado de molestia muito grave. Depois de um calefrio inicial, não tarda a apparecer uma *dôr* de lado. Esta *dôr*, que recebeo o nome de *pontada*, tem a séde debaixo de um ou de outro seio; é viva e pungente, e adquire em pouco tempo o mais alto gráo de intensidade; depois diminue. Às vezes os doentes só sentem um *peso*, n'um dos lados do peito, ou uma *constricção* mais ou menos forte; mas de ordinario a *dôr* é aguda, semelhante a um dardo pontudo que atravessa o peito de parte a parte. Quasi sempre, quando tem certo gráo de acuidade, augmenta pelos grandes movimentos do tronco, pela pressão sobre as paredes do peito, pela percussão, e sobretudo pela tosse e pelas grandes inspirações. Este symptoma chega ás vezes ao ponto de causar a insomnia. — A *tosse* não tarda a apparecer. Pouco frequente no maior numero dos casos, torna-se algumas vezes muito incommoda. De ordinario é uma pequena tosse secca. A *expectoração* falta as mais das vezes; quando existe, os escarros são puramente mucosos como os da bronchite simples. — Ao mesmo tempo apparece uma *difficuldade* mais ou menos consideravel da *respiração*, e febre mais ou menos íntensa. Existe séde, fastio; o doente é obrigado a ficar na cama, deitado quasi sempre de costas, as mais das vezes inclinado sobre o lado affectado.

Uma exhalção sero-albuminosa não tarda a fazer-se na pleura inflammada. Quando não ha adherências, o liquido junta-se no ponto mais declive da cavidade pleural. Este ponto corresponde á concavidade da grande curvatura das costellas, quasi a igual distancia da columna vertebral e do esterno: é n'este ponto que pela percussão se verifica primeiro uma diminuição da sonoridade, e, quando o derramamento é consideravel, um som massiço mui completo. O modo de praticar a percussão do peito acha-se indicado no artigo PERCUSSÃO. A percussão faz reconhecer, n'uma extensão variavel do lado affectado, um som massiço mais ou menos completo, segundo a abundancia do derramamento.

A auscultação fornece resultados mais variados e mais importantes. Chama-se *auscultação* o modo de explorar as molestias do peito, e de alguns outros órgãos, por meio do sentido do ouvido. Applicando-se o ouvido sobre o peito de uma pessoa affectada de pleuriz, o murmurio respiratorio, que existe quando o peito está são, é mui fraco no começo da molestia, e desapparece completamente no periodo mais adiantado. Em certas condições do pleuriz, o murmurio macio da respiração normal é substituido por um ruido mais forte, mais aspero, a que se tem dado o nome de ruido

ou sopro bronchico ou tubario. Comtudo, a ausencia completa do murmurio respiratorio é o caracter mais geral do pleuriz. — A auscultação da voz fornece tambem no pleuriz um signal dos mais importantes. Mandando-se fallar o doente, em quanto o ouvido está applicado ao nivel do derramamento, sente-se que a voz resoa de outra maneira que do lado são. Quando o derramamento é mediocrementemente abundante, a voz é aspera, tremolante como a da cabra : chamão-lhe *egophonia*. Este phenomeno raras vezes existe em toda a extensão do derramamento; de ordinario percebe-se entre o espinhaço e o osso do hombro chamado omoplata, ou entre este osso e o seio. Desapparece quando o derramamento diminue ou quando se torna mui consideravel; n'este ultimo caso, ao mesmo tempo que a percussão fornece um som completamente massiço, cessa a resonancia da voz, e por fim não se ouve mais durante a respiração ruido algum natural nem morbido, exceptuando comtudo ao longo do espinhaço, lugar no qual o pulmão se acha repellido pelo liquido; e onde por consequencia pôde ainda distinguir-se o murmurio respiratorio. Os diversos symptomas fornecidos pela percussão e pela auscultação podem desapparecer, ou mudar de lugar, quando, variando as posições do doente, se força o liquido derramado á deslocar-se, para accumular-se nos pontos mais declives. O derramamento continuando a augmentar, pôde chegar ao ponto de encher completamente a cavidade do peito. N'este caso a oppressão é muito consideravel; o doente não pôde deitar-se do lado são; deita-se habitualmente de costas ou do lado affectado. Este acha-se consideravelmente dilatado nos seus diametros, transverso e antero-posterior.

Marcha da molestia. Quando o derramamento diminue, em consequencia de sua absorpção, os symptomas geraes melhorão; a febre cessa; o murmurio respiratorio é mais forte ao longo do espinhaço, no lugar onde existia sempre; depois ouve-se debaixo da clavicula e na parte anterior do peito; emfim torna a apparecer pouco a pouco e successivamente de cima para baixo. A volta da sonoridade segue exactamente a mesma progressão. Todavia os signaes do derramamento são, em geral, muito mais persistentes para traz e em baixo, sobretudo no ponto mais declive da cavidade pleural, onde o liquido principiou a accumular-se nos primeiros dias da molestia. Ha mesmo individuos que conservão durante muitos annos esta desigualdade na sonoridade, e na intensidade do murmurio respiratorio entre os dois lados do peito; o que se explica pela accumulção das falsas membranas, pela sua conversão em tecido cellullar, e pela diminuição da acção do pulmão em consequencia da longa compressão que tem experimentado.

O liquido pleuretico, em vez de ser absorvido, sahe ás vezes pelos bronchios ou atravez das paredes do peito.

Duração. A duração do pleuriz é mui variavel : póde só ser de cinco a seis dias, se a exsudação não fôr consideravel; mas por pouco que o derramamento seja abundante, a molestia prolonga-se pelo menos durante quinze dias, e frequentemente durante tres e quatro semanas; emfim, quando o derramamento enche todo o peito, são necessarios muitos mezes para que os pulmões voltem ao seu estado normal.

Terminações e prognostico. Raras vezes o pleuriz agudo termina pela morte quando é franco; quando affecta um só lado do peito e um individuo em boa saude. Mas o prognostico é muito mais grave no pleuriz duplo; quando este é de grande extensão, e acompanhado de muita anxiedade ou de febre intensa. Comtudo, é extremamente raro que, no pleuriz duplo, o derramamento seja tão consideravel que produza accidentes graves : quasi sempre, com effeito, o pleuriz, muito extenso de um lado, está mui circumscripto do outro; acontece mesmo muitas vezes que o derramamento é mediocre de um e outro lado.

Diagnostic. O pleuriz só póde ser confundido com a pneumonia : estas duas molestias tem, com effeito, como symptomas communs, a dôr de lado, a difficuldade de respirar, a tosse, o som massiço do peito e a febre. Mas na pneumonia a expectoração é sempre abundante, e ordinariamente sanguinolenta : no pleuriz a tosse é secca ou seguida só de expectoração pouco abundante e sempre mucosa.

Causas. As causas mais poderosas do pleuriz são : as suppressões rapidas da transpiração, a impressão de ar frio sobre a pelle quando o corpo está suando, e a ingestão de liquido muito frio ou nevado em identicas circumstancias. Vem depois as pancadas, as quédas, as feridas do peito. Como a maior parte das molestias agudas, o pleuriz sobrevem tambem sem o concurso de nenhuma causa determinante apreciavel.

Tratamento. No começo da molestia cumpre applicar dez bichas ou algumas ventosas sarjadas sobre a pontada, e administrar ás colheres a poção seguinte :

Folhas de digital...	25 centigrammas (5 grãos)
Agua fervendo.	quantidade sufficiente
para ter de infusão.	120 grammas (4 onças),
ajunte :	

Xarope de gomma 30 grammas (1 onça).

Dóse : Duas colheres de *sopa* de 2 em 2 horas.

Esta poção administra-se durante dois ou tres dias seguidos;

depois do que applica-se um caustico no peito. O doente deve observar nos primeiros dias uma dieta completa, e usar de bebidas emollicentes frias, taes como a infusão de flores de malvas ou de violas, adoçada com assucar ou com xarope de gomma.

Para favorecer a absorpção do liquido derramado na pleura, administra-se, ás colheres, a poção seguinte; duas colheres de *sopa* de 2 em 2 horas.

Infusão de hysopo.	150 grammas (5 onças)
Azotato de potassa.	4 grammas (1 oitava)
Tintura de scilla	20 gottas
Xarope de gomma.	30 grammas (1 onça).

Com este tratamento o pleuriz simples sára quasi sempre. Logo que a febre ceder, dão-se alimentos, ainda mesmo que o derramamento pleuretico não tenha desaparecido completamente.

Com o mesmo intuito, de facilitar o desaparecimento do liquido derramado da pleura, administrem-se alguns purgantês, e a bebida seguinte :

Infusão de parietaria	250 grammas (8 onças)
Acetato de potassa.	4 grammas (1 oitava)
Xarope das cinco raizes.	30 grammas (1 onça).

Para beber metade de manhã, outra metade á noite. Repete-se esta bebida durante oito dias.

No pleuriz agudo, quando o derramamento é consideravel e immovel, isto é quando não diminue, é necessario evacuar o liquido contido nas pleuras por meio de uma operação cirurgica. Quando o derramamento se acha do lado esquerdo, e é mui consideravel, produzindo som massiço pela percussão por diante e detraz, e sobretudo no apice do peito; quando o coração está repellido á direita, quando a respiração é curta e frequente, é preciso fazer a operação. No pleuriz do lado direito póde-se differir, porque o coração não mudou de lugar, e, por conseguinte, a sua circulação não se acha constrangida. Todavia, quando o derramamento do lado direito é consideravel e acompanhado do som massiço no apice, com respiração curta e frequente, é preciso operar. A punção do peito, por meio de um trocate disposto de maneira que o ar não possa penetrar no peito, é o modo que convem empregar. Póde-se assim tirar todo o liquido de uma vez, e immediatamente volta a resonancia do peito com a respiração que se faz ouvir de novo; mas é melhor esvaziar o peito em duas ou tres vezes. Esta operação não apresenta perigo por si mesma, não determina accidentes inflammatorios, e não augmenta a gravidade da molestia. A sua execução é facil. Não se deve, pois, hesitar em fazê-la sempre que existir a

indicação n'uma das circumstancias precendentemente designadas. Em vez d'esta punção com um trocate, póde-se fazer a *sucção* com agulha ôca do aspirador pneumático. É a mesma cousa como resultado.

Pleuriz chronic. Dá-se este nome ao pleuriz que fica estacionario muito tempo, e produz uma febre contínua. Distinguem-se duas sortes : 1º o pleuriz que, desde a origem, tem este caracter; 2º o pleuriz agudo que passou ao estado chronico. O liquido, que se formou no peito, acha-se em quantidade consideravel.

Symptomas. Os symptomas locaes do pleuriz chronico pouco differem dos do pleuriz agudo. Eis-aqui as differenças :

A *dôr* pungente é nulla, ou então é escura, fugace, ou não se mostra senão com intervallos mais ou menos afastados. A *respiração* é facil a principio, e persiste assim durante muito tempo, mesmo quando o derramamento é abundante. Mais tarde sobrevem a *opressão*. A *tosse* existe em geral no pleuriz chronico. Como no pleuriz agudo, os doentes deitão-se com preferencia de costas e do lado affectado. O exame do peito faz reconhecer uma *dilatação* mais ou menos consideravel do lado affectado; os espaços intercostaes são pouco visiveis, mais largos e ás vezes salientes; o osso omoplata está mais baixo. Fazendo o doente uma forte aspiração, as paredes do peito ficão immoveis d'este lado, ao passo que apresentam grandes movimentos do lado são. A simples inspecção é sufficiente para conhecer que o peito do lado affectado é mais amplo do que do lado bom; póde-se verificar a differença medindo os dois lados com uma fita.

Os signaes physicos do pleuriz chronico não differem sensivelmente dos do pleuriz agudo com derramamento. Som massiço n'uma extensão consideravel; murmurio respiratorio muito afastado; ausencia d'este murmurio principalmente na base do pulmão; conservação do murmurio respiratorio perto da columna vertebral para onde foi repellido o pulmão pelo derramamento : taes são os signaes que fornecem os diversos meios de exploração. A *egophonia*, isto é a voz tremula, é um pheñomeno raro no pleuriz chronico, não existe senão quando o derramamento é pouco abundante, mas logo que a quantidade do liquido se tornou consideravel, verifica-se, com som massiço absoluto, uma ausencia completa, de qualquer especie de ruido natural ou morbido, quer durante a aspiração e expiração, quer quando o doente tosse ou falla.

Os symptomas geraes do pleuriz chronico são : decadencia de todo o corpo, côr pallida do rosto, febre lenta, estado de anxiedade mais ou menos consideravel. Em alguns casos, notou-se uma inchação geral, limitada ás vezes só ao braço do lado affectado.

Duração, terminações. O pleuriz chronico dura de dois ou tres mezes a um ou muitos annos. A cura póde obter-se espontaneamente, quer pela absorpção do liquido que enche a cavidade pleural, quer em consequencia da expectoração muito abundante.

Tratamento. Compõe-se : 1º de repetidos causticos que se applicão no peito; 2º de medicamentos purgativos; 3º de diureticos. Eis-aqui as receitas :

Pilulas purgativas.

Aloes 1 gramma (20 grãos)

Gomma gutta. 1 gramma (20 grãos).

Faça 10 pilulas. Para tomar uma ou duas pilulas por dia, pela manhã em jejum.

Pilulas diureticas.

Scilla em pó. 2 grammas (40 grãos)

Extracto de zimbro. 2 grammas (40 grãos).

Faça 20 pilulas. Para tomar duas pilulas por dia.

Sustentem-se as forças com alimentação conveniente, e colloquem-se os doentes em boas condições hygienicas.

Se o derramamento, longe de absorver-se, ficar estacionario durante muitos mezes, e se, por sua abundancia, incommodar consideravelmente a respiração e a circulação, cumpre evacuar o liquido, por meio de uma punção feita com trocate.

PLEURIZ FALSO ou **BASTARDO**. V. PLEURODYNIA.

PLEURODYNIA ou PLEURIZ FALSO. Dôr que existe nos musculos do peito : é de natureza rheumatismal, mas ás vezes tem sido tomada por um pleuriz verdadeiro. Esta dôr muda frequentemente de lugar, augmenta pela compressão, respiração e tosse, e sobretudo pelo movimento do corpo; porém é mais superficial do que no pleuriz e não é acompanhada de febre. Cede ordinariamente á applicação de sinapismos e ás fricções com essencia de terebinthina, balsamo opodeldoch ou aguardente camphorada. *Veja-se Dôr DE PEITO*, no artigo PEITO.

PLEUROPNEUMONIA. Inflamação simultanea do pulmão e da membrana que o reveste (*pleura*). Os symptomas e o tratamento d'esta molestia são identicos ao da pneumonia.

PLICA POLONICA. Molestia que se observa particularmente na Polonia, e que é caracterizada pelo desenvolvimento e agglomeração do cabelo. A pelle da cabeça fica dolorosa e torna-se a séde de viva comichão; um suor viscoso de máu cheiro, que sahe de toda a superficie da cabeça e dos cabellos, coagula-se e transforma-se em crostas. A febre, que existe no começo, cessa ao cabo de certo tempo; cessa a exsudação e o crescimento do cabelo; a plica aparta-se pouco a pouco da cabeça; póde-se então

cortar sem inconveniente. O tratamento consiste em preparações de enxofre e medicamentos purgativos.

PLOMBIÈRES. França. Aguas sulfatadas sodicas quentes, e aguas ferruginosas frias.

Itinerario de Pariz a Plombières : Estrada de ferro até Aillevillers, 10 horas. Carro d'esta estação até Plombières, 1 hora. Despeza 45 francos.

Plombières, pequena cidade de França, de aspecto elegante, está situada n'um valle estreito e profundo, sobre as margens do pequeno rio Eaugronne, na proximidade dos sitios pittorescos das montanhas de Vosges. Altura 420 metros, clima temperado e variavel. A abundancia das aguas, a boa disposição dos estabelecimentos thermaes e hotéis confortaveis, fazem esta estação uma

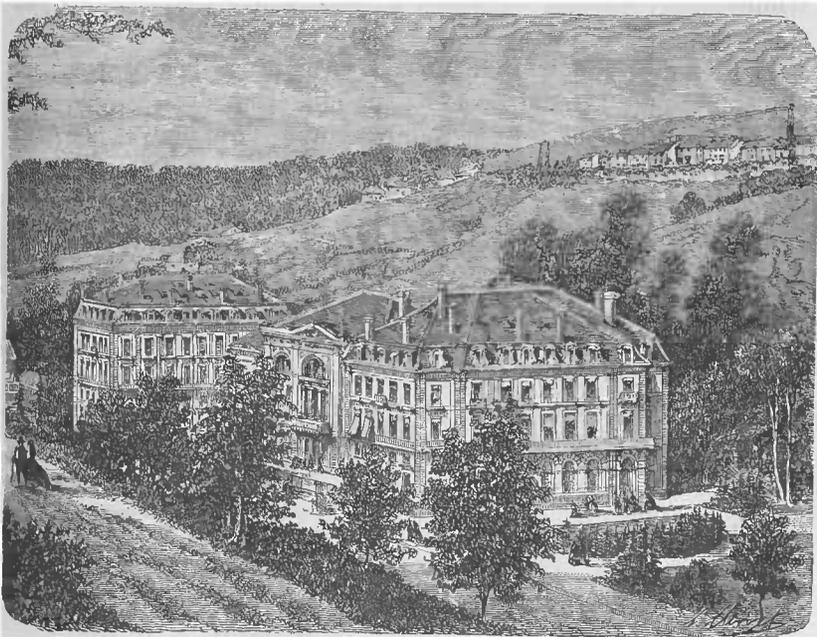


Fig. 408. — Plombières.

das mais importantes. Ha em Plombières 27 fontes, que não fornecem menos de 730 metros cubicos d'agua mineral em 24 horas; a sua temperatura é de 41 a 70 grãos centigrados. Sahem do granito porphyroide. Distinguem-se em fontes isoladas e em fontes reunidas nas galerias subterraneas. As fontes isoladas são em numero de oito, a saber :

	Temperatura.
1ª Fonte ferruginosa ou <i>S. Bourdeille</i>	12°
2ª Fonte das <i>Damas</i> , principalmente destinada para bebida	52°
3ª Fonte do <i>Crucifixo</i> , igualmente empregada como bebida	43°
4ª Fonte dos <i>Capuchinhos</i>	51°
5ª Fonte <i>Muller</i>	34°
6ª Fonte <i>Fournie</i>	35°
7ª Fonte <i>S. Lambinet</i> ou <i>du Trottoir</i>	25°
8ª Fonte <i>Bizot</i>	11°

As outras fontes estão recolhidas em duas galerias separadas, a saber :

A. A galeria des *Savonneuses*, que conta hoje oito fontes, e cuja temperatura, [tomada de todas as oito fontes juntas indica 42° centigrados.

B. As fontes da galeria de *Thalweg* compõem dois grupos : um alimenta as estufas, em razão da sua alta temperatura, é formado das fontes da *Torneira romana* (temperatura 69°), *Estanislão* (69°), e *Vauquelin* (69°); o segundo contém dez fontes, designadas pelos numeros de 1 a 8, e as fontes *Mougeot* e *Puisard* (entre 53° a 65°). Estas temperaturas augmentarão depois dos novos trabalhos de isolamento, executados n'estes ultimos annos. Todas estas fontes dirigem-se aos diversos estabelecimentos balneares.

As aguas de Plombières são sempre limpidas, sem côr nem cheiro; levemente alcalinas; o seu sabor é um pouco amargo. A sua composição differe pouco. Eis-aqui a quantidade das substancias que existem n'um litro das duas fontes, segundo a analyse do chimico Lefort.

	Fonte das Damas.	Fonte do Crucifixo.
Oxygeneo	1 cc,77	2 cc,56
Azoto	9 cc,62	10 cc,50
Acido carbonico livre	0g,01267	0g,00825
— silicico	0g,02731	0g,00749
Sulfato de soda	0g,09274	0g,10670
— de ammoniaco	vestigios	vestigios
Arseniato de soda	vestigios	vestigios
Silicato de soda	0g,5788	0g,10611
— de lithia	vestigios	vestigios
— de alumina	vestigios	vestigios
Bicarbonato de soda	0g,01123	0g,02092
— de potassa	0g,00133	0g,00233
— de cal	0g,03868	0g,03639

	Fonte das Damas.	Fonte do Crucifixo.
Bicarbonato de magnesia.	0g,00670	vestigios
Chlorureto de sodio.	0g,00927	0g,01004
Fluorureto de calcio.	vestigios	vestigios
Oxydo de ferro e manganez..	vestigios	vestigios

A fonte *Bourdeille*, ou *ferruginosa*, contém notavel proporção de bicarbonato de ferro (0g, 016 por litro), bicarbonatos de soda, de cal, de sulfato de cal, chlorureto de sodio, acido silicico, materia organica, e vestigios de arseniato de ferro.

Contão-se em Plombières seis estabelecimentos : 1º *Banho romano*, que encerra 24 gabinetes de banhos, com ducha; 2º *Banho das Damas*, com 18 banheiras e 15 duchas; 3º *Banho temperado*, comprehendendo 4 piscinas circulares para 16 ou 18 pessoas, 31 banheiras com duchas; 4º *Banho dos Capuchinhos*, com 2 piscinas para 40 pessoas; 5º *Banho novo*, contendo 4 piscinas, 48 banheiras, 4 duchas de chuva e escossezas, 4 duchas ascendentes, 1 ducha de vapor, duas estufas, uma geral outra parcial, com apparatus variados; 6º *As Thermas*, que realizão todos os aperfeiçoamentos modernos da hydrotherapia. É preciso accrescentar a esta serie de commodidades já tão extensa as antigas estufas romanas, restauradas com cuidado; são divididas em tres estufas distinctas para os homens, para as senhoras, e para os indigentes; tem 150 metros quadrados de superficie; são alimentadas pelo vapor que sahe das fontes novas; a sua temperatura é de 40 a 42 grãos.

As aguas de Plombières administrão-se em bebida, banhos e em vapor. As aguas de que se faz uso como bebida são frias ou quentes. As aguas frias, a fonte *Bourdeille* e a agua *Savonneuse*, tomão-se ordinariamente ao jantar, misturadas com vinho. As aguas quentes, destinadas ao uso interno, são a fonte do *Crucifixo* e a fonte das *Damas*, cuja mineralização é quasi a mesma. As doses varião de meio copo a 3 ou 4 copos por dia, bebidos de manhã em jejum ou durante o banho, ás vezes depois do meio dia.

A agua da fonte das *Damas*, apezar da sua temperatura de 52º centigrados, não é desagradavel para beber e digere-se facilmente. Os effeitos d'esta agua manifestão-se pela sensação de calor agradavel nas vias gastro-intestinaes, pela excitação do appetite e pelo augmento da digestão; não produz effeito purgativo senão depois de ingerida em grande quantidade. Em pequena dóse actua como sedante do systema nervoso.

As aguas de Plombières empregão-se em molestias chronicas e mui diversas. A chlorose, a anemia são tratadas por meio da agua ferruginosa no interior, por meio dos banhos e das duchas de temperatura pouco elevada. As nevroses do apparatus digestivo, a

dyspepsia, a gastralgia, as diversas nevralgias são acalmadas pelos banhos mornos prolongados, e pelo uso interno da agua mineral. As outras molestias, que se tratão em Plombières, são os rhumatismos musculares e artieulares, a sciatica, as paralyrias, as molestias do utero e as molestias cutaneas. A cidade de Plombières offerece agradaveis distracções; ha ali sobretudo lindos passeios. A estação thermal dura de 15 de maio a 15 de outubro. As aguas de Plombières transportadas conservão-se bem.

PNEUMONIA. Inflammação do tecido pulmonar. Esta molestia foi tambem chamada *pulmonia*, *peripneumonia* ou *fluxão de peito*. É caracterizada pela dôr do lado, tosse, escarros sanguinolentos e febre. Ha tres grãos d'esta inflammação. No *primeiro grão* o pulmão apresenta uma simples *congestão sanguinea*; é de côr vermelha violacea. No *segundo grão* o seu tecido é semelhante ao do figado; este estado chama-se *hepatização vermelha*. O *terceiro grão* tem o nome de *hepatização cinzenta*, porque o pulmão adquire esta côr; o seu tecido está penetrado por uma materia esbranquiçada, e mais tarde por um verdadeiro pus.

Causas. A pneumonia é uma molestia que se observa em todas as idades. A sua causa escapa-nos ordinariamente. O frio e as estações em que as variações de temperatura são grandes e os ventos frios, como o fim do inverno e a primavera, produzem o maior numero de pneumonias. A molestia é commum nos climas temperados, é rara nas regiões intertropicaes. As profissões que expõem o corpo ás refrigerações são as que fornecem o maior numero de doentes. Os homens são-lhe duas vezes mais sujeitos do que as mulheres.

Symptomas. As mais das vezes a pneumonia declara-se de repente. Comtudo, em alguns casos é precedida, durante quatro ou cinco dias, de fastio, e perda das forças. A invasão da molestia manifesta-se por um calefrio mais ou menos violento, dôr viva n'um dos lados do peito, tosse e oppressão. A tosse provoca a expulsão de escarros viscosos, adherentes ao fundo do vaso, transparentes, misturados com pequenas bolhas de ar; estes escarros são de côr rubra, como *tijolo pisado*, ou como *ferrugem*; ou são amarellos como casca de *limão* ou de *laranja*; ás vezes são de côr *esverdeada*; outras vezes são serosos, cobertos de uma escuma vermelha escura. A côr, que acabei de indicar, é produzida pelo sangue, e sua diversidade resulta da proporção differente d'este liquido, e de sua combinação mais ou menos intima com a mucosidade. Desde o principio da pneumonia, e logo que o pulmão está menos permeavel, o som do peito é mais obscuro no lugar affectado, quando se percuta com os dedos; pouco a pouco torna-se completamente massiço (*Veja-se*

PERCUSSÃO): Applicando-se o ouvido sobre o peito, no lugar correspondente á inflammação, ouve-se um ruido particular, chamado *fervor crepitante*, que pôde compárar-se ao do sal que estala quando se projecta no fogo. Quando a inflammação passou ao segundo gráo (hepatização), ouve-se ao nivel da parte affectada, em vez da crepitação, um ruido surdo, analogo ao ruido que se produziria soprando n'um tubo. Este phenomeno recebeu o nome de *sopro tubario* ou *respiração bronchica*. É produzido pela resonancia do ar nas grossas divisões bronchicas, quando as ramificações mais pequenas, assim como as vesiculas, se tornárão impermeaveis.

O pulso accelera-se desde o começo da pneumonia. A sua frequencia está geralmente em relação com a extensão e gravidade da affecção; bate nos adultos 100 a 120 vezes por minuto; nas crianças 140 a 180. A lingua cobre-se de uma camada esbranquiçada, a sêde é viva, o fastio completo. A dôr de cabeça, na região frontal, é um dos symptomas sympathicos mais constante da pneumonia; sobrevem desde o principio, e cessa completamente no setimo dia. O doente deita-se com preferencia de costas ou do lado affectado.

Chegada ao segundo gráo, a molestia comporta-se differentemente segundo a terminação que deve ter. Se deve sarar, todos os symptomas melhorão, a respiração bronchica diminue ou cessa; o fervor crepitante, que foi substituido pelo sopro tubario, torna a apparecer nos pontos que forão invadidos primeiro, a febre diminue, etc. No caso de terminação fatal, a difficuldade de respirar augmenta, a expectoração torna-se mais difficil; os escarros são pequenos, de côr cinzenta, ou purulentos; o rosto torna-se livido, sobrevem suores viscosos, etc. A duração da molestia varia entre sete e vinte dias. A passagem do primeiro ao segundo gráo, e do segundo ao terceiro não dura de ordinario mais de tres á quatro dias. — A terminação tem lugar as mais das vezes pela volta á saude; ás vezes pela morte, que sobrevem no curso do segundo ou terceiro gráo. — Raras vezes a molestia passa ao estado chronico.

Tratamento. A pneumonia apresenta-se com intensidade differente segundo os doentes; resulta d'isto que para cura-la não se pôde adoptar uma medicação uniforme.

Se n'um adulto a molestia for pouco intensa, nenhum tratamento activo deve ser instituido; basta administrar a infusão tepida de flores de malvas ou de verbasco; alimentar o doente com caldos de gallinha, e esperar com paciencia a cura que não deixará de chegar.

Quando o calor é forte, a febre intensa, a oppressão grande, é

preciso administrar de 2 em 2 horas, uma colher *de sopa* da poção seguinte :

Folhas de digital.	60 centigrammas (12 grãos)
Agua fervendo. . .	quantidade sufficiente
para obter.	150 grammas (3 onças)

de infusão; ajunte-se :

Xarope de gomma. . .	30 grammas (1 onça).
----------------------	----------------------

Esta poção continua-se durante dois dias. Se ao cabo d'este tempo a febre e a oppressão não diminuirem, administrem-se a um adulto, de 2 em 2 horas, duas colheres *de sopa*, da poção seguinte :

Infusão de folhas de laranja. . .	150 grammas (5 onças)
Tartaro emetico.	30 centigrammas (6 grãos)
Xarope de gomma.	30 grammas (1 onça).

Quasi sempre depois das primeiras colheres d'esta poção os doentes experimentão vomitos biliosos e evacuações alvinas, mais ou menos numerosas, que diminuem ou cêssão completamente no segundo ou terceiro dia; diz-se então que ha *tolerancia*. Suspende-se a administração da poção durante a noite. As evacuações que se provocão são mui vantajosas na pneumonia; além d'isso o emetico, administrado d'esta maneira, abate a frequencia do pulso e o calor do corpo. Continua-se o uso d'esta poção durante tres dias.

Um largo caustico applicado no peito, no lugar doloroso, é um excellente adjuvante das poções precedentes.

A *oppressão do peito*, bem que forte, não é ordinariamente uma causa de perigo immediato, e póde-se esperar a diminuição d'este symptoma da medicação precedente, isto é da poção de digital ou de tartaro emetico. Entretanto, se a oppressão fôr grande, se o pulso bater mais de 120 vezes por minuto ou mais, convem praticar uma sangria no braço. A applicação de bichas ou de ventosas sarjadas, é as vezes necessaria, quando um ponto doloroso incomoda a respiração. É preciso abster-se da sangria quando a prostração é grande, quando o pulso é fraco, irregular, e quando, segundo a reunião dos symptomas se deve temer a passagem da pneumonia ao terceiro grão.

Quando os doentes são atormentados pela tosse e passão as noites sem dormir, convem administrar um loock calmante, cuja receita é :

Loock simples. . .	180 grammas (6 onças)
Laudano de Sydenham.	20 gottas.

Para tomar duas colheres *de sopa* de hora em hora. Durante todo

o tempo da molestia, é preciso alimentar o doente com caldos de gallinha, de carne de vacca, leite, mais tarde com mingãos de tapioca. Um pouco de vinho de Bordeos é necessario para sustentar as forças.

Pneumonia dos recém-nascidos. Conhece-se pela tosse e pela aceleração extrema da respiração que pôde chegar a 70 e 80 por minuto. A respiração é muito constrangida, e durante a expiração o peito abaixa-se fortemente debaixo das clavículas, no esterno e nas partes lateraes, entretanto que o ventre torna-se proeminente. O pulso bate 140 a 160 vezes por minuto. Applicando-se o ouvido sobre o peito ouvem-se ruidos crepitantes e mucosos. Quasi constantemente mortal, esta molestia dos recém-nascidos termina em poucos dias. O unico remedio que se pôde administrar é o xarope de ipecacuanha, de que se administra uma a duas colheres *de chá*. Convem tambem applicar um pequeno caustico no peito.

Pneumonia das crianças. Os symptomas são os mesmos que nos adultos. O tratamento tambem é o mesmo, sómente as doses dos medicamentos devem ser menores. Assim as poções de digital e de tartaro emetico não se administram senão na dose de uma colher *de chá* de 2 em 2 horas ás crianças de dois a seis annos; duas colheres *de chá*, de 2 em 2 horas ás crianças de maior idade. As sangrias nunca devem ser empregadas; as bichas raras vezes. Os causticos, porém, podem ser applicados com proveito.

Pneumonia dos velhos. *Symptomas.* A molestia manifesta-se de maneira menos clara do que nos adultos, pelo calefrio e pontada; entretanto uma febre intensa, o calor cutaneo, a sede, o quebramento do corpo marcão a sua invasão. Todos os signaes physicos, que indiquei na pneumonia dos adultos, achão-se ás vezes na dos velhos; faltão no maior numero dos casos por causa da mudança da estructura dos pulmões e da parede peitoral. As principaes mudanças nos pulmões e no peito das pessoas idosas são : ossificação das cartilagens costaes, rijeza da parede peitoral, rarefacção do pulmão, atrophia de suas vesiculas e de seus diversos tecidos constituintes, endurecimento do tecido elastico dos bronchios, etc., etc. É facil então comprehender as modificações que um semelhante estado deve necessariamente introduzir nos actos morbidos das vias respiratorias.

Na pneumonia das pessoas idosas quasi nunca se encontra uma crepitação fina e caracteristica, porém, sim, um verdadeiro gargarejo. A tosse é fraca, rara e secca. Raras vezes os escarros são sanguinolentos, viscosos. Supprimem-se depois de pouco tempo ou não se formão; o que torna o diagnostico escuro quando não se

está prevenido d'esta circumstancia. Os escarros apresentam todas as côres e aspectos differentes, como em todas as variedades da bronchite. No periodo adiantado da pneumonia, cessa toda a secreção. A respiração é frequente, 50 a 60 vezes por minuto. O pulso bate 80 a 120 vezes no mesmo espaço de tempo: é duro, desigual, intermittente por causa das ossificações da arteria e da perturbação na circulação do coração. Os outros symptomas são: seccura da pelle, prostração das forças, delirio, sêde e lingua coberta de camada branca.

Tratamento. Raras vezes a sangria acha-se indicada na pneumonia das pessoas idosas. O melhor tratamento consiste no emprego da poção com tartaro emetico, cuja receita acha-se na pag. 726 d'este volume, e na applicação dos causticos. A este tratamento convem accrescentar o vinho, os caldos e os alimentos brandos.

Pneumonia chronica. É caracterizada pelo endurecimento do pulmão. É excessivamente raro que a pneumonia aguda passe ao estado chronico; as mais das vezes torna-se chronica desde o principio. Quando a pneumonia aguda passa ao estado chronico, o doente, em vez de restabelecer-se, torna-se cada vez mais magro; a tosse e a oppressão do peito persistem. Pela percussão obtem-se sempre um som completamente massiço, e, na auscultação, ouve-se um sopro, muito forte. Não existe ruido crepitante, mas ouve-se um som de gargarejo, mais ou menos estrondoso, por causa das mucosidades exhaladas nos bronchios. A induração chronica pôde resolver-se; mas este trabalho effectua-se sempre com excessiva lentidão.

O *tratamento* compõe-se dos vomitorios, dos causticos, e das bebidas e xaropes calmantes, os mesmos que se empregão contra a bronchite chronica, e que se achão indicados no vol. I, pag. 396.

POÇÃO. Medicamento liquido que o doente toma por uma ou mais vezes, e com intervallos mais ou menos approximados. As poções são mui variadas; resultão da mistura de decocções, infusões, xaropes, pós, extractos, etc.

Poção antispasmodica. Veja-se Vol. I, pag. 209.

Poção calmante. Veja-se vol. I, pag. 435.

Poção gommosa.

Gomma arabica pulverizada	10 grammas (2 1/2 oitavas)
Xarope de gomma.	30 grammas (1 onça)
Agua de flores de laranjeira	10 grammas (2 1/2 oitavas)
Agua commum	100 grammas (3 onças).

Triture a gomma com o xarope em almofariz de marmore, e ajunte as outras substancias. Toma-se ás colheres contra a tosse,

POÇO. Precauções que se devem ter quando se limpa um poço. *Veja-se* CLOACA.

PODAGRA. Algumas pessoas dão este nome á *gota*.

PODOPHYLLO. *Podophyllum peltatum*. Renonculaceas. Planta que vive no estado agreste nas margens dos regatos e rios dos Estados-Unidos. Sua raiz, da grossura de um dedo, é um excellente purgante, na dóse de 1 gramma (20 grãos) em pó. Extrahio-se d'ella uma resina, a que se chamou *podophyllina*, que é um purgante energico, na dóse de 5 a 15 centigrammas (1 a 3 grãos) em pilulas; é recommendada no engurgitamento do figado e na ictericia.

PODRIDÃO DE HOSPITAL. Gangrena que sobrevem nas feridas, e que se manifesta sobretudo nos hospitaes, cujo ar está viciado por grande numero de doentes; mas póde tambem desenvolver-se nas casas particulares, nos doentes que são affectados de qualquer ferida, e que não se tratão com muito asseio, ou que se achão enfraquecidos pelas fadigas, más comidas, etc.

Symptomas. A podridão de hospital declara-se ordinariamente de maneira subita. Uma ferida occasionada por faca ou qualquer outro instrumento, e que fazia grandes progressos para a cicatrização, apresenta de repente um pequeno buraco, coberto de materia espessa, roxa e que se estende pouco a pouco em largura e destroe as partes vizinhas. Ás vezes parece que a ferida está coberta de sangue coalhado, e só depois de esforços inuteis para tirar este sangue, é que se conhece que faz parte da ferida: esta ferida espalha um cheiro fetido.

A podridão de hospital é contagiosa; e observarão os medicos que desenvolvendo-se esta molestia n'um doente n'uma enfermaria de hospital onde haja muitos doentes affectados de feridas, logo depois manifesta-se em outras feridas; e por isso a primeira cousa que se deve fazer no tratamento d'esta molestia consiste em sanear o lugar em que apparece, abrir muitas vezes as portas e janellas para renovar o ar, espalhar agua de Labarraque, ou agua phenica no quarto, e ter muito cuidado no asseio das feridas.

Tratamento. Logo que esta especie de gangrena se manifeste, deve-se cauterizar a ferida com oleo de vitriolo. Para este fim molha-se um pincel feito de fios ou de panno de linho em oleo de vitriolo, e passa-se vagarosamente sobre toda a superficie da ferida, sem exceptuar um só ponto. A mais leve omissão a este respeito seria seguida da continuação do mal. Se, depois da quéda da escara, a gangrena tornar a apparecer; será preciso repetir a applicação do oleo de vitriolo. Este caustico é sufficiente; mas, ás vezes, a molestia é tão profunda, que convem recórrer á cauterização com

ferro em brasa. Depois da cauterização, applichem-se na ferida pannos molhados em agua fria misturada com um pouco de vinagre, e polvilhe-se a ferida, uma vez por dia, com os pós seguintes :

Camphora em pó.	8 grammas (2 oitavas)
Carvão de pão em pó.	8 grammas (2 oitavas)
Casca de quina em pó.	8 grammas (2 oitavas).

Os curativos com fios molhados em agua phenica ou na essencia de terebinthina são tambem uteis.

Tres ou quatro dias depois, ou quando a ferida se tornar vermelha, e perder o character gangrenoso, cure-se com cataplasmas de linhaça ou de fecula.

RECEITUARIO CONTRA A PODRIDÃO DE HOSPITAL.

1º Acido sulfurico concentrado	8 grammas (2 oitavas)
2º Agua phenica..	500 grammas (16 onças)
3º Essencia de terebinthina.	125 grammas (4 onças)
4º Cataplasma de linhaça ou de fecula	quantidade necessaria.

POEJO. *Mentha pulegium*, Linneo. Labiadas. Planta commum no Brasil e em Portugal; habita nos sitios um tanto humidos. Folhas ovaes, obtusas, quasi crenuladas; caules quasi roliços, reptantes; cheiro aromatico, sabor calefaciente, camphoraceo. Emmenagogo, empregado em fórmula de chá que se prepara com 4 grammas (1 oitava) de folhas de poejo, e uma chicara d'agua fervendo.

POLKA. Com este nome designarão vulgarmente uma febre rheumatica que grassou epidemicamente no Rio de Janeiro no anno de 1846 : essa molestia atacou no mesmo anno muitas pessoas em varios pontos do Brasil; na cidade da Bahia, aonde reinou tambem, chamavão-lhe *patuléa*. Os symptomas d'esta molestia consistião em febre, dôres nas juntas, dôr de cabeça, fastio e cansaço geral. Em algumas pessoas a molestia era acompanhada de erupção de pintas pela pelle. Muitos dias e até muitas semanas depois do desaparecimento da febre, os doentes sentião fraqueza extrema e dôres nas diversas juntas do corpo: alguns por muito tempo não podião servir-se das mãos.

Esta molestia é commum na Oceania. Nas ilhas de Sandwich os indigenas designão-n'a debaixo do nome de *buhu*. Reina tambem, de vez em quando, nos outros paizes, e sobretudo nas regiões intertropicaes. Em 1824 declarou-se nas Indias Orientaes, onde foi considerada como molestia nova. Em 1828 na Martinica, Guadelupe, Barbada, Curaçáo, Bogota, Carthagena; mais tarde nas ilhas de Cuba e de Jamaica, Nova-Orleans, Boston, Nova-York,

Philadelphia. O Brasil ficou ao abrigo de seus ataques até 1846, época em que fez n'este Imperio uma invasão quasi geral. Na Africa appareceu nos annos de 1845, 1848 e 1856. Em 1864 manifestou-se em Cadiz, onde 14,000 pessoas forão affectadas d'ella. A descripção que fizerão d'ella concorda com os symptomas que observei no Rio de Janeiro. Nos differentes paizes, aonde appareceu, foi designada com diversos nomes : *febre epidemica* em Calcutta; *febre rheumatismal*, *febre eruptiva*, *febre epidemica especial*, *escarlatina rheumatismal*, nas outras cidades da India; *colorado*, por causa da vermelhidão da pelle, nas colonias hespanholas; *girafa*, por causa da rijeza do pescoço pelo Dr. Stedmann; *dengue* nas Antilhas francezas; *polka*, no Rio de Janeiro, etc., etc.

Symptomas. Esta molestia apparece ordinariamente de uma maneira subita. Notárão-se pessoas, de perfeita saude, que forão acommettidas repentinamente de cephalalgia e de dôres vivas nas juntas, que são os primeiros symptomas. Todavia as mais das vezes a molestia apparece durante a noite, e o doente é acordado por dôres caracteristicas nas articulações. Sobrevem quasi immediatamente vertigens, calefrios, sensação de frio nas costas, entorpecimento nos pés e mãos, e um abatimento consideravel. Ao mesmo tempo apparece febre, o pulso torna-se duro e frequente; varia de 100 a 120 pulsações por minuto; nas crianças é ás vezes tão rapido que não se póde contar. A respiração accelera-se, o rosto torna-se vermelho, sobrevem ás vezes hemorragia pelo nariz, confusão nas ideias ou um pouco de delirio. A estes symptomas ajunta-se um verdadeiro embaraço gastrico. A lingua cobre-se de uma camada esbranquiçada, a bocca é amarga, o fastio completo, a sêde menor do que se poderia julgar; sobrevem nauseas, vomitos mucosos e depois biliosos. A principio ha quasi sempre prisão de ventre; as ourinas são abundantes e pouco coradas.

Depois de um tempo variavel, ás vezes desde o principio, as mais das vezes ao cabo de 24 ou 36 horas, apparece a erupção. Ordinariamente mostra-se primeiro nas mãos, e invade rapidamente toda a superficie do corpo; adquire o maximo de intensidade no rosto que parece inchado. A cephalalgia frontal é então mais intensa do que nunca. A côr rubra torna-se geral em 24 horas, principia a empallidecer ao cabo de 36 horas, e desaparece as mais das vezes no terceiro dia, raras vezes persiste até ao quinto. A erupção, porém, não é constante, não se mostra em todas as epidemias, nem em todas as pessoas na mesma epidemia; foi rara na epidemia do Rio de Janeiro no anno de 1846. É inutil dizer que não se póde verificar nos pretos.

É raro que uma molestia epidemica que apparece em paizes differentes, e no meio de populações tão diversas, tenha em toda a parte caracteres identicos; pelo que as descripções feitas pelos medicos da India ingleza e pelos medicos da America meridional ou das Antilhas, não se assemelham completamente. As dôres articulares e musculares nunca faltão. Quanto á erupção da pelle, póde faltar completamente; e nos casos benignos da molestia, é tão leve que passa sem ser notada. A erupção dura de algumas horas a quatro ou cinco dias.

Marcha e prognostico. Esta molestia, nas epidemias de pouca intensidade, percorre os seus periodos em quatro ou cinco dias; nos casos graves, prolonga-se por causa das recahidas. É raro, com effeito, que o doente seja livre d'ella depois de um só ataque; de ordinario a convalescença não se estabelece senão depois do segundo ou terceiro ataque. Em todos os casos, e qualquer que seja a intensidade do ataque, a convalescença é longa e difficil. A molestia deixa grande prostração. O embaraço gastrico e o fastio persistem. Quando o ataque foi forte, os doentes não se restabelecem completamente senão ao cabo de tres mezes.

Tratamento. Uma molestia de marcha regular, que se termina quasi sempre pela cura, não póde reclamar tratamento bem energico. Comtudo, notou-se, que durava mais tempo e tinha um caracter mais serio quando era abandonada a si mesma.

A medicação evacuanté é a que produz aqui o melhor effeito. Nos casos leves, um brando laxante, e as bebidas acidulas são sufficientes. Mas quando a febre e o embaraço gastrico são mais pronunciados, é indispensavel principiar por um vomitorio, 5 a 10 centigram. (1 a 2 grãos) de emetico, ou 1 gramma (20 grãos) de ipecacuanha. Sobre os lugares dolorosos applicuem-se sinapismos durante alguns minutos, e faça-se uso das fricções com o linimento seguinte :

Oleo camphorado..	60 grammas (2 onças)
Essencia de terebinthina..	30 grammas (1 onça)
Balsamo tranquillo..	60 grammas (2 onças).

Contra as dôres, empregue-se opio debaixo da fórma pilular. Eis-aqui a receita :

Extracto de opio.	25 centigram. (5 grãos).
-------------------	--------------------------

Faça 5 pilulas. Para tomar 1 pilula á noite ao deitar-se.

Na convalescença, uma alimentação reparadora, os vinhos generosos, o vinho de quina achão a sua applicação. O vinho de quina toma-se na dóse de 30 a 60 grammas (1 a 2 onças) por dia. Para combater o fastio, tomem-se os pós seguintes :

Rhuibarbo em pó.	4 grammas (80 grãos).
------------------	-----------------------

Divida em 8 papeis. Para tomar um papel, n'uma pouca d'agua fria, meia hora antes de jantar.

POLLUÇÕES. Chama-se *pollução* a emissão involuntaria do semen durante o somno. As polluções podem manifestar-se, ou como crises naturaes e saltares por meio das quaes a natureza se desembaraça de um humor superfluo, ou então como um estado morboso, cujas consequencias podem ser mais ou menos inquietantes. As primeiras sobrem nos homens jovens, vigorosos, continentos, que tem desejos venereos imperiosos que não podem satisfazer; as segundas, pelo contrario, observão-se nos individuos fracos, irritaveis, debilitados, ou entregues anteriormente aos furores da masturbação ou aos excessos venereos. O costume, além d'isto, exerce uma influencia poderosa na producção das polluções, e basta frequentemente para perpetua-las e transformar em polluções morbosas as polluções da primeira classe.

Muitas pessoas tomão pelo humor espermatico a sahida habitual ou continúa pelo canal da urethra de um liquido viscoso, sem côr, transparente, e que ás vezes tem a côr branca amarellada, coagula-se e deixa nodoas na roupa. Este liquido é inteiramente diverso do semen; procede de uma glandula, chamada *prostata*, situada perto da bexiga, e serve para lubrificar o interior do canal da urethra. Se os individuos, em quem apparece em consequencia dos excessos venereos, são debeis, tristes, magros, devem attribuir o seu estado menos a um corrimento, quasi sem influencia no organismo, do que ao exercicio immoderado dos órgãos genitais, que tem produzido ao mesmo tempo os symptomas geracs de que se affligem, e a secreção exagerada da glandula que os inquieta. Esta distincção é de grande importancia, pois que os individuos affectados de corrimentos mucosos semelhantes ao semen são assaz numerosos, e que quasi todos compartilhem o erro sobre a natureza do liquido, affligem-se profundamente, cahem em uma especie de desesperação, e tem, sobretudo, a mais urgente necessidade de ser tranquillizados.

O appetite venereo, quando existe n'um certo gráo, manifesta-se frequentemente durante o somno; os amores, as graças e a belleza apparecem em sonhos; movimentos nervosos, analogos aos que tem lugar no decurso do dia, declarão-se durante a noite, e a ejaculação é produzida. As polluções d'este genero são raramente habituaes; não se reproduzem, pelo contrario, senão em certos intervallos, e sómente quando o organismo tem reparado as perdas que as ultimas occasionarão.

Mas nos individuos enfraquecidos, tornando-se os órgãos cada vez mais irritaveis, e exercendo o costume uma influencia cada

vez mais forte, chega gradualmente uma epocha em que as polluções tem lugar quasi sem erecção, e sem que o sonho tenha durado muito tempo. Depois de se reproduzirem com intervallos assaz remotos, renovão-se quasi todas as noites, ou duas e tres vezes cada noite, ou mesmo logo que o individuo principia a gozar de um somno profundo.

O deitar-se de costas, uma cama molle e quente, o trabalho prolongado do gabinete, o abuso de alimentos estimulantes, a frequentação dos bailes e espectaculos, taes são as causas principaes que mais frequentemente determinão, e entretem as polluções nocturnas. Um temperamento nervoso, uma imaginação viva, o costume de reproduzir e de afagar as ideias voluptuosas, a masturbação e o abuso do coito, ajuntão-se quasi sempre a estas causas, e contribuem poderosamente a assegurar seus effeitos desastrosos.

As polluções que sobrem aos individuos vigorosos e atormentados por um excesso de energia genital, de que não podem usar convenientemente, são sem resultado funesto. Não acontece assim com as polluções que se repetem nos individuos fatigados ou enfraquecidos pelo abuso dos órgãos genitais. Estes doentes são tristes, melancolicos, gostão da solidão, emmagrecem, e chegam pouco a pouco a um gráo extremo de fraqueza.

O *tratamento* das polluções deve variar conforme as circumstancias em que se manifestão. Se sobrem a individuos fortes, dotados de energia dos órgãos sexuaes, convem, em certos casos, regularizar a acção genital e dar-lhe pelo matrimonio uma direcção normal. O casamento e o melhor remedio das polluções. Quando este meio não póde empregar-se, é preciso oppôr-lhes um regimen refrigerante; isto é, composto principalmente de vegetaes, bebidas acidas, leite de amendoas doces ao deitar-se, passeios a pé levados até á fadiga, e trabalhos manuaes, ou occupações sérias de espirito. Importa, sobretudo, afastar todos os objectos, todas as ideias lascivas susceptiveis de excitar os órgãos genitais. Lavatorios frios frequentemente repetidos sobre os órgãos da geração e as partes superiores e internas das coxas, são, n'estes casos, de grande utilidade. A abstinencia da comida de noite, uma cama dura e fresca, cobertores leves, ter muita attenção em deitar-se sempre de um dos lados e não de costas, o cuidado de entreter o ventre livre mediante alguns laxantes ou clysteres d'agua fria, taes são as regras hygienicas que convem ás pessoas affectadas d'estas polluções.

Quando as polluções se renovão com grande facilidade, uma ou mais vezes no espaço da noite, e se operão quasi sem erecção; quando, emfim, os doentes estão fracos, irritados, pallidos, tristes

e mais ou menos esfalfados, é necessario recorrer a um regimen tonico. Convem n'este caso as carnes assadas, os caldos de carne de vacca mui substanciaes, os mingãos de tapioca, araruta, sagú, os ovos, o vinho tinto e principalmente o de Bordeos; alimentos temperados com gengibre, canella. Parece que os banhos frios, os banhos do mar, deverião ter uma acção favoravel sobre esta fraqueza local, mas mostra a experiencia que não impedem as perdas seminaes, e debilitão, pelo contrario, uma economia já demasiado fraca: por conseguinte não podem aconselhar-se em todos os casos. Convem só limitar-se ás abluções das partes genitaeas com agua fria, aos clysteres d'agua fria tomados á noite, e ao gelo internamente sob a fórma de sorvetes. Ha, entretanto, individuos a quem os banhos frios aproveitão; é preciso, por conseguinte, que cada um estude a sua constituição, para saber o que lhe convem.

Os medicamentos aconselhados contra as polluções, e de que se pôde lançar mão successivamente são:

1º *Infusão de lupulo.*

Pinhas de lupulo	4 grammas (1 oitava)
Agua fervendo.	150 grammas (3 onças).

Infunda por meia hora, côc, e adoce com assucar. Bebe-se toda esta infusão em uma vez por dia, e repete-se por sete ou oito dias seguidos.

2º *Pilulas de terebinthina.*

Terebinthina de limão...	16 grammas (4 oitavas)
Hydro-carbonato de magnesia	8 grammas (2 oitavas).

Faça 72 pilulas. Tomar duas pilulas, 3 vezes por dia.

3º Tintura de Marte tartarizada. 30 grammas (1 onça).

Tomar 20 gottas, duas vezes por dia, n'uma pouca d'agua fria com assucar.

4º Ferro reduzido. 8 grammas (2 oitavas).

Divida em 16 papeis. Para tomar um papel por dia; em agua fria com assucar.

5º *Pilulas adstringentes.*

Tannino..	4 grammas (1 oitava)
Conserva de rosas	1 gramma (20 grãos).

Faça 20 pilulas. Para tomar uma pilula, tres vezes por dia.

6º Capsulas de copahiba, uma caixinhã. Toma-se uma capsula pela noite.

POLPA. Dá-se este nome, em pharmacia, á parte molle e carnosa dos vegetaes, reduzida a uma especie de massa. Exemplo: polpa de canna fistula, de tamarindos, de ameixas, etc.

POLVILHO , Amido , Gomma ou Fecula. Polme branco e sem sabor, formado de granulos esphericos, ovoides ou mais ou menos alongados; que se extrahe de diversas plantas, taes como o centeio, trigo, cevada e outros cereaes ou gramineas, das sementes das Leguminosas (favas, feijões, ervilhas, lentilhas); dos tuberculos carnosos das batatas, do topinambor, da raiz da mandioca, dos talos das palmciras, de muitas especies de musgos, das raizes de ínula, dos bolbos de açucena, dos fructos de carvalho, do castanheiro da India, etc. Dá-se de ordinario o nome de *polvilho* ou *amido* ao polvilho dos cereaes; e chama-se mais particularmente *fecula* ao polvilho extrahido das batatas.

O modo mais antigo de extrahir o polvilho consiste em alterar profundamente as farinhas por uma longa fermentação; o gluten torna-se soluvel, e pôde então separar-se facilmente o polvilho, que não se altera, por meio de lavagens sufficientemente repetidas. Segundo um outro methodo, faz-se uma pasta da substancia de que se quer extrahir o polvilho, e submtte-se esta pasta a uma lavagem contínua sobre uma peneira de arame; obtem-se, no liquido, o polvilho em suspensão e a materia assucarada dissolvida, e sobre a peneira, o gluten sem alteração. O polvilho cahe n'um vaso cheio d'agua e assenta no fundo, em virtude de sua maior densidade. Em ambos os casos, divide-se a camada de polvilho amollecido e esgota-se; faz-se depois seccar ao contacto do ar, e, finalmente, n'um forno. Os fragmentos de polvilho, seccando, contraem-se, d'onde provém que a massa se racha com bastante regularidade. A extracção da fecula das batatas faz-se pelo mesmo processo, depois de reduzidos os tuberculos a polpa mui fina. Achão-se no commercio muitas especies de feculas conhecidas debaixo do nome de *tapioca*, *araruta*, *sagú*, que não são outra cousa senão diversas fórmias de polvilho. No estado de pureza o polvilho, ou amido, qualquer que seja a sua origem, é sempre identico, e não constitue senão uma unica especie chimica. O polvilho é insoluvel na agua fria; a agua quente converte-o em uma materia glutinosa e mucilaginosa, chamada vulgarmente *gomma*.

O polvilho torna-se azul pela addição da solução de tintura de iodo. N'esta propriedade está baseado o modo de reconhecer o polvilho, que se ajuntou ao leite para tornar este liquido mais grosso. Sob a influencia dos acidos fracos, auxiliados do calor, o polvilho converte-se primeiro em uma materia gommosa, chamada *dextrina*, e depois em uma materia assucarada chamada *glucose* ou *assucar de fecula*. A mesma transformação effeituase pela acção da *diastase*, substancia contida na cevada germinada. Estas transfor-

mações dão ao polvilho grande importancia em muitas artes industriaes, entre outras na fabricação de aguardente de batatas.

A fecula offerece um alimento abundante, assaz nutriente e de facil preparação. Nas fabricas de chitas, o amido de centeio é empregado para tornar os mordentes mais grossos, dando-lhes maior consistencia do que a gomma arabica. Para dar aos pannos de linho e de algodão lustre e certa firmeza, usa-se muitas vezes da gomma de fecula. Na economia domestica, o polvilho é empregado para fazer gomma para roupa. Outr'ora, consumia-se uma enorme quantidade de amido para polvilhar o cabello. Os confeiteiros fazem d'elle um uso quotidiano para a composição das gragêas. Em medicina, emprega-se o polvilho como emolliente; dá-se em clysteres nas diarrheas. O modo de preparar os clysteres de polvilho acha-se indicado no artigo CLYSTER, vol. I, pag. 604.

POLVO (*Octopus*). Mollusco marinho da classe dos Cephalopodos. Corpo mais ou menos globoso, sem expansão para nadar, nem corpo protector dorsal, com a cabeça muito grossa, provida de dois olhos collocados lateralmente. Estes olhos são formados de numerosas membranas, e cobertos, quando o animal o quer, de uma pelle transparente. A cabeça é coroada por 8 braços ou pés carnosos, cónicos, mais ou menos longos, flexiveis e muito vigorosos; são armados na superficie de chupadores ou ventosas, mediante os quaes estes molluscos se agarrão fortemente aos corpos. Nadão para traz, e andão em todas as direcções, mas sempre

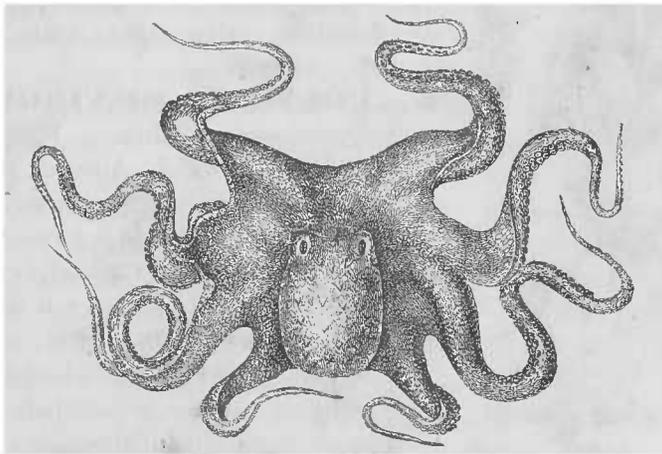


Fig. 409. — Polvo vulgar.

com a cabeça para baixo. A bocca está situada entre as bases dos pés, possui dois fortes queixos de corno, inteiramente semelhantes a um bico de papagaio.

O *polvo vulgar* (fig. 409), tem 16 a 20 centímetros de diametro,

mas seus braços são seis vezes mais longos do que o corpo, e podem envolver um homem. Ha no Oceano Pacifico polvos que tem 2 metros de comprimento e que são um objecto de terror para os nadadores; com effeito, dizem, que podem arrastar pessoas ao fundo do mar.

Os polvos encontram-se em todos os mares. Habitão ordinariamente no fundo da agua, perto das margens, escondem-se nas cavidades dos rochedos, d'onde sahem de tempos a tempos para virem nadar na superficie. São muito vorazes, e fazem grande destruição nos crustaceos. Comem-se, cozidos e preparados em guizado; é um alimento são, mas a sua carne é muito firme e precisa ser batida antes de cozida. Usa-se bastante d'esta comida no Rio de Janeiro.

POLYDIPSIA. *Veja-se FLUXO DE OURINA.*

POLYGALA AMARGA. *Polygala amara*, Lin. Polygaleas. Planta da Europa. A raiz emprega-se em medicina como tonico, mas raras vezes, em infusão que se prepara com 4 gram. (1 oitava) de raiz de polygala e 250 grammas (8 onças) d'agua. Esta raiz, tal como se acha no commercio, é do comprimento de 3 centimetros, de 3 millimetros de diametro, com fibras ramificadas, nodosas, enroscadas; cheiro um pouco aromatico, sabor algum tanto acre e muito amargo.



Fig. 410.

Polygala de Virginia.

POLYGALA DE VIRGINIA.

Polygala senega, Linneo. Polygaleas. Fig. 410. Planta da America septentrional. A raiz emprega-se em medicina. Tal como o commercio a fornece, esta raiz é de grossura variavel, entre a de uma penna de ganso e a do dedo minimo, enrolada em espiral, ramosa; tem de um lado uma crista longitudinal saliente; a casca é acinzentada, resinosa; o medullulo lenhoso, branco; o cheiro nauseante: o sabor ao principio adocicado, depois acre. Emprega-se nas hydropisias, rheumatismo, bronchites, em infusão, que se prepara com 4 grammas (1 oitava) de raiz de polygala, e 250 grammas (8 onças) d'agua fervendo. Em alta dose provoca vomitos e evacuações alvinas.

POLYPO. Em historia natural, chamão-se *polypos* os mais simples de todos os entes do reino animal, que não tem por visceras senão um canal alimentar, cujo unico orificio lhes serve de bocca e ao mesmo tempo de anus, o seu corpo é molle, guarnecido de chupadores, de braços ou pés; taes são as esponjas e os coraes. Em medicina, os *polypos* são tumores de consistencia e fórmulas variadas, que se desenvolvem no interior de alguma cavidade, principalmente dentro do nariz e no utero, e tendem continuamente a crescer, se não são extirpados. As excrescencias polyposas tem a faculdade de reproduzir-se depois de cortadas, da mesma fórmula que os polypos do mar recuperão de novo as partes perdidas. N'este artigo tratarei só dos polypos considerados como *molestia*, isto é dos tumores que se desenvolvem nas cavidades do corpo revestidas por membranas mucosas.

Situação. Varia como varião as cavidades mucosas, mas não se deve julgar que cada uma d'estas cavidades lhes esteja igualmente sujeita: a membrana mucosa do nariz occupa, a este respeito, o primeiro lugar, a membrana mucosa do utero vem immediatamente depois; seguem a mucosa do sinus maxillar, a do pharynge, do larynge e do recto, e emfim a mucosa vaginal, rectal, etc.

Fórma. Primitivamente, os polypos são sempre pyriformes, ou approximão-se d'esta fórmula; mas no seu desenvolvimento consecutivo, experimentão modificações, resultando da pressão que as paredes das diversas cavidades mucosas exercem sobre elles; é então que podem adquirir fórmulas alongadas comprimidas, irregulares. Entretanto, apezar d'estas modificações, existe um caracter que os polypos conservão sempre, é o pediculo que lhes serve de ponto de inserção. A superficie dos polypos é lisa; raras vezes é rugosa, fungosa, ou dividida em lobulos por fissuras profundas.

Volume. É variavel; ha polypos que não excedem o volume de um grão de milho; entretanto que o utero contém ás vezes polypos que tem o tamanho da cabeça de uma criança. O volume é ordinariamente limitado pelas paredes da cavidade que os contém. Quando estas paredes são inextensiveis, os polypos ficão n'um estado de desenvolvimento pouco consideravel; no caso contrario, o volume cresce de uma maneira quasi illimitada.

Numero. Em geral é pouco consideravel; as mais das vezes não se desenvolve senão um só polypo na mesma pessoa; quando existem simultaneamente mais de um, é ordinariamente na mesma cavidade, e muito mais raras vezes nas cavidades diferentes. As cavidades nas quaes se achão mais vezes os polypos multiplos são as fossas nasaes, o ouvido e o utero.

Estructura. Segundo a estructura os polypos dividem-se: 1º em

polypos molles, mucosos, lardaceos, fungosos, ou granulosos; 2º em polypos duros, fibrosos; 3º em polypos cartilagosos, osseos, pedrosos. Esta terceira estructura é rara.

Symptomas. Os polypos são de ordinario insensíveis; os das duas primeiras categorias são os unicos que aeeusão ás vezes alguma sensibilidade quando são comprimidos ou picados. É sobretudo pela acção sobre os orgãos vizinhos que se tornão difficeis de supportar : á medida que crescem, alargão as cavidades nas quaes estão fechados, provocão hemorragias, dôres mais ou menos vivas, ás vezes intoleraveis suppurações, uleerações. Além d'estes incommodos directos, outros accidentes indirectos são produzidos pelos polypos; e consistem na suspensão das funcções do orgão affectado : o olfacto está diminuido ou extineto nos polypos do nariz, a voz alterada nos do larynge, a fecundação e a gestação perturbadas nos do utero, etc. No primeiro periodo de sua existencia os polypos não se manifestão por symptoma algum evidente; e só no segundo periodo, quando produzem incommodos mais ou menos graves, é que se tornão patentes. A obscuridade mais profunda envolve os primeiros momentos da sua formação; um pequeno incommodo, alguns eorrimentos mucosos, ás vezes sanguineos, manifestão-se apenas; mas em pouco tempo os tumores adquirem um volume mais consideravel, e annuncião-se por symptomas que raras vezes enganão um cirurgião instruido. Quando elles tem sua séde no interior do nariz, o doente tem o nariz entupido, respira difficilmente pela venta do lado affectado, e sente n'esta parte um corpo molle de que busca desembaraçar-se assoando-se : logo depois a venta acha-se completamente obstruida. Quando os polypos nasceem na região posterior das fosas nasaes, pendem na garganta e podem ás vezes ser vistos por detraz da campainha. Os polypos do utero produzem ás vezes hemorragias.

O *desenvolvimento* dos polypos é muito vagaroso, e suas *causas* não são conhecidas.

O *tratamento* dos polypos é exclusivamente eirurgieo : diversas operações tem sido propostas; porém as mais empregadas são o arrancamento, a extirpação, a excisão e a ligadura. Mas quando os polypos forão tirados por uma d'estas operações, podem tornar a nascer, sobretudo quando não foi possivel destruir-lhes a raiz; quando mesmo o polypo foi tirado completamente, o lugar onde naseeo tem tendencia a ser novamente affectado da mesma exerescencia; pelo que não se deve reeorrer á operação, senão quando os polypos produzem grandes incommodos. Quanto aos symptomas que oeeasionão, segundo os orgãos que aecommettem, veja-se NARIZ, RECTO e UTERO.

POLYURIA. *Vêja-se* FLUXO DE OURINA.

POMADA. Assim se chama um medicamento externo composto de um corpo gordo, e de substancias medicamentosas ou aromáticas.

Pomada alvissima.

Cera branca.	4 grammas (1 oitava)
Espermacete.	4 grammas (1 oitava)
Oleo de amendoas doces.	52 grammas (13 oitavas)
Agua de rosas..	40 grammas (10 oitavas).

Derreta as duas primeiras substancias com o oleo de amendoas em vaso de barro vidrado a banho-maria, lance a mistura assim derretida em gral de pedra, aquecido previamente com agua a ferver; mexa continuamente com a mão de páo para desfazer quaesquer grumos, e, estando a massa bem uniforme, ajunte a agua de rosas, e triture continuamente, até que pareça creme de leite. — Para curar as feridas.

Pomada de Saturno. *Vêja-se* CEROTO DE SATURNO.

As outras pomadas medicinaes ou cosmeticas estão indicadas no meu FORMULARIO.

POMBO. Os pombos constituem uma familia de aves que tem por caracteres : um bico abobadado, delgado; ventas membranosas e inchadas; o papo muito amplo, os dedos livres. Ha muitas especies de pombos domesticos, que podem dividir-se em duas classes : os *Pombos fugitivos*, que habitão o pombal, mas que vão ao longe alimentar-se no campo, e os *Pombos de pombal*, que não se afastão do seu pombal, e se alimentão com a semente que se lhes dá. Estas duas classes encerrão grande numero de variedades.

Os pombos vivem 8 a 9 annos, segundo uns, 12 a 15 segundo outros; põem ovos na idade de 6 mezes, e não põem mais passados 4 annos. O macho e a femea chocão alternativamente. A incubação dura de ordinario de 15 a 17 dias.

Pombo domestico fugitivo. Estes pombos são pouco fecundos; não fazem senão duas ou tres ninhadas por anno, mas tambem a alimentação que se lhes dá no pombal é pouco custosa; nem mesmo é necessario dar-lhes de comer todo o anno, porque procurão sua nutrição no campo. Comem quasi toda a especie de grão; mas se custão pouco no pombal, fazem grandes estragos no campo : destroem tantas sementes promptas para brotar quantas comem, de sorte que seu sustento é muito mais custoso do que parece. Deita-se-lhes a alimentação no pombal n'uma especie de comedouro de contrapeso.

N'um pombal muito povoado é impossivel assegurar-se da igual-

dade dos pares, e sacrificar em tempo util os pombos que se tornarão mui velhos para produzirem; alimenta-se por conseguinte grande quantidade de pombos inuteis. Quando um pombal está bem povoado e sua população bem alimentada, obtem-se grande numero de borrachos na primavera, e o estereo dos pombos (*colombina*) é um adubo das terras mui poderoso e de grande valor. Os borrachos da especie fugitiva não exigem cuidado : sens pais os nutrem., Basta só preparar-lhes a alimentação quando a não achão no campo.

Pombos de pombal. São muito mais productivos do que os pombos fugitivos. Os bons podem dar 7 a 8 ninhadas por anno; mas para isso é preciso que sejam abundantemente nutridos, e durante todo o anno. Comem toda a especie de grãos; gostão muito da semente de canhamo, de feijões, de trigo, de alface e de azedas frescas. Procurão o sal com avidéz : eonvem, pois, deitar no pombal, uma ou duas vezes por semana, um pouco de sal cinzento em grossos grãos. O pombo precisa beber muito e frequentemente : deve ter sempre agua limpa.

Para entreter bem o pombal, não se deve tocar nos pombos do primeiro anno. Quanto aos velhos, póde-se conhecer facilmente a sua idade, cortando-lhes a ponta da unha cada anno : para isto fechão-se todos no pombal, e visitão-se uns depois dos outros, uma vez por anno no inverno; isto pratica-se de noite com lanterna, tomando brandamente cada um d'elles em cada ninho; põem-se em gaiola todos aquelles que tem as quatro pontas das unhas cortadas, e entregão-se ao consumo.

Molestias dos pombos. Os pombos estão sujeitos a muitas molestias, pela maior parte incuraveis, mas que se podem prevenir por uma boa alimentação, asseio, habitação sã e bem exposta. As molestias principaes são : a *diarrhea*, os *cancros*, a *gota*, a *apoplexia*, a *asthma*, o *torcicollo*, os *vermes* e a *sarna*. Frequentemente tambem são atacados por uma especie de insecto chamado *persevejo de pombo*, que atormenta sobretudo os borrachos, introduz-se-lhes nos ouvidos, e altera-lhes a saude. Remedeia-se isto espargindo no ninho um pouco de pó de pyrethro do Caucaso, e espalhando-o mesmo por cima dos borrachos.

Pombo silvestre. Habita os matos, e não póde ser reduzido á domesticidade. Faz-se-lhe caça com espingarda, ou apanha-se em laço.

PONCHE. Bebida aleoolica que se prepara ordinariamente queimando rhum com assucar, e ajuntando-lhe rodellas de limão, ajunta-se-lhe depois agua ou chá da India. Ha diversas maneiras de preparar o ponche : eis-aqui duas ;

Infunde-se a casca exterior de uma laranja e de um limão azedo em 2 decilitros (7 onças) de xarope de assucar, ajuntando-lhe o sumo de 2 laranjas. Derrete-se á parte, n'uma cassarola, 500 grammas (16 onças) de assucar com 3 decilitros (10 onças) de infusão de chá da India preparada no momento mesmo, ajunta-se ao assucar assim derretido, primeiramente 1 litro (32 onças) de rhum, depois a infusão de laranja e de limão passada por peneira, e faz-se aquecer o liquido sem ferver. Inflamma-se então o ponche, para o deixar arder durante alguns minutos antes de o servir.

Ponche de ananaz. Põe-se n'uma terrina 3 decilitros (10 onças) de xarope de assucar, molhado com o sumo de duas laranjas passado por peneira; ajunta-se-lhe a casquinha de uma laranja, e a metade de um ananaz cortado em fatias mui delgadas, e deixa-se tudo de infusão por uma hora na terrina coberta. Derrete-se á parte, n'uma cassarola, 450 grammas (15 onças) de assucar com 2 decilitros (7 onças) d'agua, e depois de derretido, ajunta-se-lhe 1 litro (32 onças) de aguardente de França e 1 decilitro (3 onças 1/2) de rhum, depois a infusão da terrina; aquece-se a mistura sem deixa-la ferver mexendo-a com colher. Logo que o ponche está quente, ajuntão-sc-lhe as fatias de ananaz, e inflamma-se para o deixar arder durante alguns minutos. Serve-se em copos, deitando um ou dois pedacinhos de ananaz em cada copo.

PONTADA. Dôr pungitiva em algum ponto das paredes do peito. Ás vezes é rheumatica (*veja-se* PLEURODYNIA); outras vezes depende da inflamação da pleura (*veja-se* PLEURIZ).

PONTAS DE VEADO. Cornos ou chifres que se achão na testa de um animal mammifero, veado, *Cervus elaphus*. Linneo,

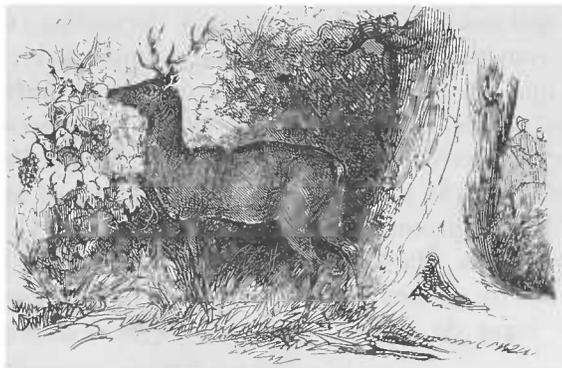


Fig. 411. — Veado.

representado na fig. 411. Estes chifres cahem no fim do inverno, e tornão a brotar durante o verão. A femêa, ou *corsa*, não tem

chifres. As pontas de veado entram na composição do cozimento branco gommado, e na da decoção branca de Sydenham, bebidas que se empregão contra a diarrhea. Para fazer o cozimento branco gommado, raspa-se a ponta de veado antes de a submmetter á ebullição; exerce n'este caso a sua acção pela gelatinã que contém. Para a decoção branca de Sydenham, emprega-se a ponta de veado calcinada, isto é, privada pela acção do fogo das substancias animaes que contém; n'este caso, a ponta de veado compõe-se só de phosphato de cal e de alguns outros saes que entram na composição da parte solida dos ossos; porphyriza-se quando deve usar-se n'este estado, afim de rezudi-la a substancia impalpavel que possa manter-se em suspensão nos liquidos.

PONTOS. Para reunir as margens das feridas extensas, feitas com facas ou outros instrumentos cortantes, é preciso ás vezes cosê-las com agulha e fio de linho : estes fios chamão-se *pontos*. Emprega-se principalmente a costura nas feridas do ventre; porque as margens d'estas feridas afastão-se facilmente uma da outra, e deixão sahir os intestinos. Quando as feridas não são extensas, ou quando as suas margens não tendem a afastar-se uma da outra; bastão para a sua reunião os *pontos falsos*. Consistem estes em tiras de emplasto adhesivo. que se applicão transversalmente sobre a ferida para reunir-lhe as margens. A applicação da costura ou dos pontos falsos favorece a cicatrização das feridas, e abrevia a cura. *Veja-se* CURATIVO.

PORAQUE. *Veja-se* PEIXES.

PORCO. Este animal, verdadeiramente singular pela sua conformação, immundicia, caprichos e voracidade, pertence a todos os climas, prospera em todas as regiões. De todos os animaes é o menos difficil de alimentar, e o que offerece ao mesmo tempo os maiores recursos á economia domestica. Contenta-se com tudo, com tanto què o seu estomago fique cheio; ha poucos alimentos que não lhe convenhão; bem que se nutra frequentemente de cousas immundas, não deixa de fornecer por isso uma carne agradável e salubre. Entretanto, apesar d'estas qualidades, a sua carne foi proscripta desde a mais remota antiguidade; e, por um d'esses preconceitos ridiculos, que a superstição só póde fazer subsistir, os Mahometanos detestão o porco. Mas outros povos não são da mesma opinião : os Chins, por exemplo, crião numerosas varas de porcos, e fazem d'elles a sua alimentação ordinaria.

As raças suinas são mui diversas; mas podem ser divididas em duas classes bem distinctas : o porco grande e o porco pequeno. O porco grande é indigena da Europa; o porco pequeno parece

proceder da raça chinesa. As variedades de grande estatura são mais vantajosas pela quantidade de carne e toucinho que fornecem; mas considerando a qualidade, as raças pequenas são sempre melhores. Entretanto, o conveniente cruzamento d'estas duas raças, e a criação bem dirigida dos mestiços, podem dar origem a outras raças, que reunão as qualidades de ambas as raças primitivas.

O porco macho ou varrão acha-se apto para a reprodução na idade de um anno; de dois a tres annos está em toda a sua força; passados cinco annos, é preciso engorda-lo, senão torna-se dispendioso e frequentemente temivel por sua malignidade. A porca entra em cio aos 6 ou 8 mezes, e como se acha frequentemente n'este estado, é preciso ata-la ou melhor ainda separa-la das outras porcas para evitar que as atormente ou lhes faça mal. A porca póde ter dois a tres partos por anno; anda gravida 113 dias, ou como se diz vulgarmente, tres mezes, tres semanas e tres dias. Aos 8 annos já não serve para a reprodução; mas póde ainda engordar, o que não aconteceria, se se esperasse mais tempo.

A porca tem ordinariamente 10 a 12 crias que se chamão *leitões*; ás vezes 15 a 20 e mesmo mais. Nas porcas primiparas é necessario ter muito cuidado, para que não devorem os filhos, o que se evita esfregando-os com esponja molhada n'uma decocção de herva babosa, de quassia, de absinthio ou de qualquer outra planta amarga. Deve-se deixar á porca tantos leitões quantas são as suas tetas, por isso que elles conservão sempre a teta em que mamárão a primeira vez, e cada um adopta a sua; e se algum morre, a teta que fica vaga, secca em pouco tempo. Ás 3 semanas, tirão-se os leitões destinados para a consumo. Antes de tira-los convem fazer sahir a porca do estabulo, e leva-la bastante longe, para que não ouça seus gritos, o que a faria enfurecer; e quando voltar ao estabulo, dê-se-lhe de comer para occupa-la. Apartão-se da mãe os outros leitões na idade de 8 a 10 semanas; e diminue-se a alimentação á porca, para lhe diminuir a secreção do leite. Os leitões destinados á ceva devem ser castrados dos 15 dias até aos 3 mezes. Até á idade de 2 annos engordão facilmente; mais tarde a engorda torna-se dispendiosa, e a carne é menos delicada.

Os porcos nutrem-se de grande numero de substancias vegetaes ou animaes. Os bagaços de extracção dos oleos e de outros productos, o trevo, a luzerna, o sanfeno, a chicoria, as ortigas; a ervilhaca, as favas, as ervilhas, os feijões, a castanha, a bolota, os grãos avariados, os farelos e as farinhas, as raizes tuberosas,

a abobora e outras cucurbitaceas, etc., etc., são os principaes alimentos vegetaes, que podem empregar-se na criação, sustento e ceva dos animaes suinos. Comem tambem carne corrompida; são mesmo avidos de sangue e de carne sanguinolenta, porque ha exemplos de devorarem as crianças no berço. Na beira-mar pôde-se tirar grande proveito do emprego do peixe na alimentação do porco. A carne de cavallo produz toucinho muito saboroso e consistente. O uso do sal commum é muito vantajoso aos animaes suinos, e melhora-lhes a carne. Na pastagem comem estes animaes a maior parte das hervas que encontrão, as raizes, as fructas e os rebentões das arvores, os insectos e todos os animalculos que apanhão.

Os porcos novos e velhos temem muito o frio; e por isso, os climas quentes são-lhes muito favoraveis.

Um porco pôde viver 15 ou 20 annos; mas raras vezes se lhes deixa attingir este termo: habitualmente matão-se na idade de dois annos, bem que possam ainda crescer durante quatro ou cinco annos. O porco, para ser bom de comer, não deve ser nem mui novo nem mui velho. Prefere-se geralmente o que tem 8 mezes a 1 anno. A carne deve ser firme e avermelhada, e deve rejeitar-se a que está semeada de pequenas glandulas brancas ou côr de rosa: é um signal de que o porco está affectado de *ladraria*, e esta carne, sem ser precisamente nociva, perdeo quasi todas as suas boas qualidades.

Tudo serve no porco: a carne, o sangue, os intestinos, as visceras, a cabeça, as orelhas, a lingua, os pés, a gordura, o toucinho, são a base de grande numero de comidas. A carne nutre muito, bem que seja difficil de digerir. A do varrão e a da porca é menos estimada que a do porco castrado. Quanto aos leitões, a sua carne é muito delicada. A carne de porco defuma-se e salga-se muito bem: toma o sal facilmente e conserva-se salgada por mais tempo do que as outras carnes. A pelle serve para fazer crivos, fortificar os bahús, e encadernar os livros mui volumosos. A gordura dos intestinos fornece a banha para as pomadas, unguentos; emfim com as sedas fazem-se pinceis e escovas.

Os animaes suinos estão sujeitos a muitas molestias; as principaes são: a *grã*, a *ladraria*, a *ulcera das orelhas*, o *carbunculo*, a *diarrhea*, a *esquinencia*, a *sarna*, a *pneumonia*, as *ourinas sanguinolentas*, a *raiva*, a *trichinose*, etc.

Exame do porco na occasião da compra. Quando se compra um porco, é necessário visitar sobretudo a lingua para ver se não existem na sua base vermes em fórma de vesiculas, cuja presença

constitue a molestia designada sob o nome de *ladraria*. (Veja-se esta palavra).

PORRIGO. Veja-se TINHA.

PORRO. Veja-se ALHO PORRO.

PÓS. São medicamentos reduzidos por meios mecanicos a grande tenuidade. A composição dos pós é muito variada.

Pós dentifricios. Veja-se DENTES, vol. I, pag. 796.

PÓS DE SAPATO. Pós pretos mui leves, e um tanto graxos, que se obtem queimando em vasos de ferro substancias resinosas, taes como o pez, o alcatrão, etc. Servem para muitos usos nas artes. Entrão na composição da tinta de imprimir, da graxa, dos vernizes, etc.

POTASSA. É a combinação do oxygeneo com o potassio. Ha tres especies de potassa.

A *potassa do commercio*, composta em parte de sub-carbonato de potassa. Para obtê-la, queima-se a lenha de diversos vegetaes; as cinzas que resultão da combustão tratão-se pela agua, e as dissoluções filtrão-se e evaporão-se até seccarem : este residuo calcina-se n'uma fornalha, e o resultado é a *potassa do commercio*, que não é oxydo de potassio puro, mas sim uma mistura de potassa verdadeira, de carbonato e sulfato de potassa, de chlorureto de potassio, de silica, de alumina, etc. A potassa do commercio emprega-se para a fabricação do sabão molle, do vidro, da pedrahume, etc.

A *potassa preparada com cal* é a precedente, de que foi separado o acido carbonico por meio da cal. Este producto é conhecido nas boticas sob o nome de *potassa caustica* ou *pedra de cauterio*; é mui caustico.

A *potassa preparada com alcool* é a mais pura de todas. É o oxydo de potassio puro desembaraçado de todas as substancias estranhas. É solido, branco, mui caustico, absorve avidamente a humidade do ar, e é mui solúvel na agua. Queima os tecidos organicos com que é posto em contacto, d'onde vem o seu emprego para formar as fontes, e abrir algumas postemas.

Saes de potassa. Os que se empregão em medicina são :

Acetato de potassa. Apresenta-se debaixo da fórma de flocos brancos, brilhantes, leves, soluveis em agua e no alcool, extremamente deliquescentes, e reduzindo-se a um liquido de aspecto oleaginoso, de sabor picante. Este sal na dóse de 2 a 4 grammas (1/2 a 1 oitava) é diuretico, e empregado como tal nas ictericias e hydropisias; em alta dóse é um brando purgante.

Azotato ou nitrato de potassa. Veja-se NITRO.

Bicarbonato de potassa. Sal crystallizado em prismas rhomboidaes,

sem cheiro, de sabor alcalino fraco, soluvel em 4 partes d'agua fria. É aconselhado contra as areias na dóse de 4 grammas (1 oitava), dissolvido em 500 grammas (16 onças) d'agua.

Chlorato de potassa. Sal crystallizado em laminas sem côr, de sabor acerbo, susceptivel de detonação pelo choque, soluvel em 20 partes d'agua fria, e em 2 partes d'agua fervendo. É aconselhado iternamente contra as aphtas, salivacão mercurial, angina membranosa, febre typhoide; externamente contra as ulceras, a ozena e salivacão mercurial. Internamente administra-se na dóse de 2 a 8 grammas ($1/2$ a 2 oitavas) por dia n'uma poção de 180 grammas (6 onças), que se administra ás colheres. Externamente usa-se em gargarejos.

Hypochlorito de potassa. Veja-se AGUA DE JAVEL.

Silicato de potassa. É secco ou liquido. Sendo liquido, chama-se *vidro liquido*; tem a consistencia de xarope, e n'este estado emprega-se para a preparação dos apparatus destinados a immobilizar os membros fracturados. A solução deve ter uma densidade de 1,29. Cobrem-se com ella ataduras de panno de linho; estas tornão-se duras ao cabo de 5 ou 6 horas e formão um apparelho rigido, cujas principaes vantagens são : a impermeabilidade, a solidez, e a facilidade com a qual póde tirar-se por meio da agua fervendo.

Subcarbonato de potassa ou *Carbonato de potassa.* Sal branco, acre, caustico, mui soluvel em agua, mui deliquescente. Serve para a preparação das bebidas effervescentes, e da mistura salina, bebida empregada em varias molestias febris.

Tartrato acido de potassa. Veja-se CREMOR DE TARTARO.

Tartrato neutro de potassa ou *Sal vegetal.* Sal branco, solido, crystallizado em prismas rectangulares de 4 faces, soluveis em agua, um pouco deliquescentes, de sabor fresco e amargo. Purgante brando, na dóse de 8 a 16 grammas (2 a 4 oitavas).

Tartrato de potassa e soda ou *Sal de Seignette.* Este sal não tem côr nem cheiro; o seu sabor é levemente amargo : forma grossos prismas rhomboidaes de 8 faces, as mais das vezes cortadas na direcção de seu eixo. É levemente efflorescente, soluvel na agua fria, mais soluvel na agua quente, insoluvel no alcool. — Purgante na dóse de 15 a 60 grammas ($1/2$ a 2 onças).

POTRA. Dá-se este nome á inchação do escroto produzida por ataques repetidos de erysipela ou pela quebradura. *Veja-se* ELEI HANTIASE e QUEBRADURA.

POTRO e **POLDRA.** (*Animaes domesticos.*) O potro é o cavallo novo até 4 annos de idade; a poldra é a egua nova.

O potro, que acaba de nascer, tem todo o corpo coberto de

uma materia viscosa que a mãe lhe tira, lambendo-o. Se a egua não tiver este cuidado, convem dispô-la a isto, polvilhando a cria com sal ou farelos de que ella gosta muito. Se a respiração do potro parecer não executar-se de maneira normal, será preciso passar-lhe os dedos na bocca e assoprar-lhe nas ventas. Ajuda-se depois a ter-se em pé, e a achar a teta da mãe. Desde o 3º ou 4º dia, o potro segura-se perfeitamente nas pernas, e principia a seguir a mãe; não se deixa entretanto sahir antes do 7º ou 8º dia. Passado este tempo, se a mãe não trabalha, deixa-se com elle no pateo, e depois no cercado, vigiando-os sempre sem nunca deixa-los sós. Na estrebaria não deve atar-se a egua, para evitar que o potro se embace na corrêa e se estrangule. Quando se leva a egua e o potro ao pascigo, deve este ser n'um lugar secco.

Aos 2 mezes e mesmo antes, o potro principia a comer; apresentão-se-lhe então alguns alimentos de facil mastigação, um pouco de cevada ou de aveia machucada e humedecida com agua, e cada dia augmenta-se progressivamente a ração, até que se deixe o potro comer com a mãe na mesma manjadoura. Ajuntão-se então á aveia algumas cenouras cortadas, e amollecidas em agua quente. Mais tarde, isto é, no 4º ou 5º mez, quando a alimentação é mais necessaria ao potro, é mister dar-lh'a n'uma caixa separada posta n'um canto da estrebaria, na ausencia da mãe, ou depois de atar esta; de outro modo a egua, comendo mais depressa, não deixaria sufficiente porção ao filho.

Não é possivel fixar de uma maneira absoluta a epoca em que convem desmamar o potro. É ordinariamente na idade de 6 mezes pouco mais ou menos que se separa da mãe, para o pôr, sem ata-lo, n'uma estrebaria salubre, onde se lhe continua sempre um bom systema de alimentação. A desmamação não deve ser subita. Procedese gradualmente fazendo mamar o potro ao principio tres vezes por dia, depois duas, depois uma, emfim desmama-se completamente, e dá-se-lhe por bebida agua esbranquiçada com alguma farinha. Durante os primeiros dias diminue-se a alimentação da egua. Póde-se-lhe administrar um purgante, 250 grammas (1/2 libra) de sal d'Epsom dissolvido em agua, se a secreção do leite continuar apezar de se lhe reduzir o regimen alimentario. *Veja-se* CAVALLO e EGUA.

POUGUES. França. Aguas alcalinas, ferruginosas, iodadas, gázosas, frias.

Itinerario de Pariz a Pougues : Estrada de ferro de Pariz a Pougues, 5 horas. Despeza 30 francos.

Pougues é uma pequena cidade de França de 4,400 habitantes, situada n'um valle salubre, cercado de collinas cobertas de

por meio de amalgama de mercúrio, ou então por meio de uma lamina applicada sobre cobre ou ferro. A prateadura por amalgama não era duravel, e a operação era prejudicial á saúde dos operarios; a prateadura por laminas tem o inconveniente de não poder ser feita sem liga de cobre, de sorte que é sujeita a tornar-se preta e a cobrir-se de oxydo de cobre. A prateadura galvanoplastica não tem estes inconvenientes; as moleculas de prata são depositas n'um estado de perfeita pureza sobre os objectos; estes, por conseguinte, não podem dar lugar á producção de oxydo de cobre, perigosa para a saúde. A prateadura galvanoplastica pratica-se hoje em grande escala, e substituiu os outros modos; foi introduzida em 1840 por Elkington e Ruolz. Segundo este methodo, dissolve-se a prata n'um liquido conveniente; mettem-se n'este banho as peças que se devem pratear, e pelo effeito da electricidade, desenvolvida por meio de uma pilha, a prata pura precipita-se, e vem fixar-se sobre os objectos.

PREGO. *Entrada do prego no pé ou em qualquer outra parte do corpo.* Tirado este corpo estranho, convem lavar a ferida com agua fria, e applicar-lhe por cinco a seis horas pannos molhados em agua fria. Depois d'isto, applicão-se na ferida cataplasmas de linhaça. É escusado escaldar a picada, como muitas pessoas costumão fazer, com azeite quente.

PRENHEZ. *Veja-se GRAVIDEZ.*

PRESAS. *Veja-se DENTES.*

PRESBYOPIA. Disposição viciosa da vista, commum nas pessoas idosas, que consiste em tornar confusos os objectos pouco afastados, entretanto que são vistos distinctamente em maior distancia. É o contrario da *myopia*. Os individuos que se achão n'este estado chamão-se *presbytas*. — A impossibilidade de distinguir os objectos de perto procede ás vezes, nas pessoas jovens, do máo costume de olharem para as cousas de longe. Mas a causa mais commum d'esta affecção é indubitavelmente a diminuição dos humores do oollo, da qual resulta o achatamento d'este orgão, e que é occasionada pelos progressos da idade. — Os *presbytas* tem ordinariamente na postura alguma cousa que os faz reconhecer mui facilmente; voltão a cabeça para traz, entretanto que os *myopes* a inclinão para diante. Concede-se que esta acção de dirigir a cabeça para traz provém da necessidade de deixar distancia sufficiente entre os olhos e os objectos, afim de que estes sejam vistos distinctamente. Comtudo isso, esta distancia varia conforme os grãos da affecção : alguns *presbytas* vêem mui bem a 30 centimetros de distancia, entretanto que outros não vêem senão a 1 metro e até mais. Só vêem com luz mui clara, e não

podem ler senão letra grande; a pequena, mesmo distante, não é, as mais das vezes, distinguível para elles.

A medicina não possui meio algum de curar a presbyopia; mas a physica pôde remediar-lhe os inconvenientes. É preciso, como na myopia, recorrer a oculos, com differença de serem convexos em vez de concavos, para que possam preencher o officio dos humores do olho. Quanto mais a presbyopia augmentar de intensidade, com os progressos da idade, tanto mais convexos devem ser os vidros dos oculos. De dois em dois, ou de tres em tres annos, e ás vezes com maior espaço mudão-se os oculos para outros mais convexos. Ha entretanto pessoas que conservão sempre os mesmos oculos. Para a escolha dos oculos, *veja-se* Oculos.

PRESUNTO. Perna do porco curada e amoxamada. É uma comida delicada e muito estimada. Os melhores presuntos são os de Westphalia e de Inglaterra.

PRIAPISMO. Ereccção involuntária, excessiva, perseverante, dolorosa, muitas vezes acompanhada de calor geral, de agitação, de frequencia do pulso, mas sem desejos vencreos pronunciados.

Causas. Os homens adultos, vigorosos, irritaveis, são mais que os individuos mui moços ou idosos, fracos ou apathicos, dispostos ao priapismo. Este estado é mais frequente nas regiões em que a temperatura é elevada do que nos paizes frios. As empigens e outras affecções cutaneas, especialmente quando atacam as partes genitae, dispõem ao priapismo. A leitura de livros eroticos, as sociedades de mulheres que excitão fortemente os sentidos sem satisfazê-los, uma imaginação ardente e occupada de ideias lascivas, os sonhos durante os quaes se reproduzem imagens do mesmo genero, taes são as causas frequentes d'esta excitação genital. Pôde acompanhar o esquentamento, ou depender da inflamação da bexiga. Mas, entre estas causas, a que mais ordinariamente se encontra consiste na ingestão das cantharidas. Introduzidas nas bebidas ou em pastilhas, as preparações d'estes insectos gozão de uma reputação tão universal, que é ao seu uso que se referem a maior parte das observações do priapismo consignadas nos autores. É quasi sempre para dissipar os receios exaggerados de impotencia que se tem recorrido a este meio perigoso. Tal é o caso de um negociante sexagenario de que falla Ab Heers, o qual, para dar prova de vigor a uma mulher, tomou cantharidas; pouco tempo depois experimentou uma comichão dolorosa no membro, um delirio erotico, enfim, ourinas sanguineas, e só escapou á morte em virtude de um tratamento energico.

Symptomas. A invasão do priapismo tem lugar, no maior numero dos casos, de maneira graduada, durante o somno, e annuncia-se

ao principio por uma erecção dolorosa, que cessa logo que a pessoa acorda, ou fazendo-se alguns lavatorios frios. Algum tempo depois, a crecção torna-se mais duravel, mais insupportavel, mais difficil de ser vencida. Quando é provocada pelo uso das cantharidas, principia ordinariamente com violencia, e adquire em poucas horas o mais alto gráo de intensidade. O doente tem agitação violenta, a cabeça dolorosa, o pulso acelerado, a pelle quente, a bocca secca, sêde extrema. Tem vontade de urinar; mas só difficilmente pôde satisfazê-la : o liquido, durante os esforços, é expulso ás gottas, vermelho, turvo, ás vezes sanguineo. Em alguns casos, a retenção das ourinas é completa, ou só sahe sangue vermelho e puro do canal da urethra. A excitação genital pôde produzir a inflammação aguda das partes affectadas, a gangrena do membro viril, e até a morte do individuo.

Tratamento. Combate-se o priapismo com um regimen lacteo e exclusivamente vegetal, com as bebidas acidas, frias, com a limonada de limão ou de laranja, o soro de leite, a orxata, com os banhos mornos e prolongados, e clysteres de cozimento de linhaça. Ás vezes é necessario applicar algumas bichas no anus. Convem insistir muito nas bebidas, e toma-las em grandes dóses. No priapismo que acompanha o esquentamento, o clyster com camphora é util. Eis-aqui a receita d'este clyster :

Camphora	30 centigrammas (6 grãos)
Gema de ovo.	uma
Agua tepida.	180 grammas (6 onças).

PRISÃO ou **DUREZA DE VENTRE.** A funcção da defecação apresenta, conforme os individuos, variedades mui notaveis, e mais ou menos compatíveis com a boa saude. As pessoas adultas bem regradas vão naturalmente á banca uma vez por dia, e geralmente de manhã; outras demorão-se dois, tres, quatro, oito dias e mais. Entretanto, quando a dureza de ventre tem chegado a este ultimo termo, deve ser considerada como indisposição habitual, cujo progresso pôde ser indicio, ou tornar-se causa de molestias sérias. Geralmente fallando, o costume de reprimir as evacuações alvinas é vicioso, e sujeito a muitos inconvenientes. O melhor é satisfazer esta neccssidade quotidianamente, ou de dois em dois dias.

A prisão de ventre, quando se prolonga, produz infartação e peso no ventre, arrotos fetidos, vertigens, dôres de cabeça, insomnia; colicas surdas apparecem de longe em longe; o appetite diminue, a sêde torna-se mais ardente, sobe grande calor ao rosto, a intelligencia é menos facil e muitas vezes o character irascivel. Voltaire disse mui jocosamente : « Quando tiverdes

uma graça a pedir, informai-vos se Sua Excellencia foi á banca. » Quando a dureza de ventre é habitual, dá lugar a outros effeitos, e principalmente occasiona hemorrhoidas, hemorrhagias uterinas, flores brancas, catarrho da bexiga e ourinas sanguineas.

As *causas* da prisão de ventre são mui variadas. Assim, a vida sedentaria, as occupações intellectuaes, os pezares, a colera, o terror e outras affecções moraes, a idade madura, e a velhice, um regimen mui excitante ou mui exiguo, os vinhos generosos, os medicamentos narcoticos, e principalmente o opio, as substancias adstringentes, como, por exemplo, o vinagre, o decoro social que obriga a resistir por muito tempo á necessidade de obrar, produzem ou augmentão a dureza de ventre. É mui commum nas molestias nervosas, taes como a alienação mental, a melancolia, a hypocondria, o hysterismo, etc., e igualmente na gravidez.

Tratamento. A primeira ideia que se apresenta naturalmente para combater a prisão de ventre, é tomar um purgante. Entretanto, além de que este meio não produz sempre o seu effeito, a enfermidade torna a apparecer logo depois, a não se continuar o remedio. N'este ultimo caso, acontece, com o tempo, que os purgantes não actuão senão com pouca energia. Convem, por conseguinte, recorrer a outros meios. Indiquei as causas principaes d'este incommodo: removê-las, quando se puder, é, por conseguinte, a primeira necessidade. A uma vida mui sedentaria, ás applicações mui fortes do espirito, ás paixões, ao regimen estimulante, substitue-se o exercicio, as distracções, a moderação dos sentimentos, alimentos brandos, leves, humidos, laxantes, as verduras, as fructas, as ameixas seccas, o leite, as carnes brancas, ou as de animaes novos, os caldos de frango, de vitella e de hervas. Usar-se-ha moderadamente do vinho, café puro, bebidas alcoolicas; largamente, pelo contrario, das bebidas aquosas, levemente acidulas. Os banhos frios produzem tambem bom resultado. O regimen é um dos meios mais importantes no tratamento da prisão de ventre. Deve ser pela maior parte vegetal, e composto de legumes verdes, bem cozidos, taes como cenoura, nabo, agriões, couve-flor, alcachofra, espargo, alface, bertalha, espinafre, couve, etc. Além d'isto, estas regras não são absolutas; a diversidade dos temperamentos e costumes podem causar notaveis modificações: assim, por exemplo, não é raro ver-se alimentos succulentos, temperados, e bebidas estimulantes corrigirem perfeitamente a prisão de ventre em individuos molles e lymphaticos. A cerveja, o café com leite, a acção de fumar, produzem em muitas pessoas um effeito poderoso; em outras, um copo d'agua fria bebido de manhã em jejum. — Convem regrar as horas das evacuações, isto é, assentar-se na

A extracção e a preparação das outras substancias mineraes, salinas, terrosas, etc., não são menos susceptíveis de prejudicarem a saude, assim como os gazes que se desenvolvem d'ellas, dos quaes muitos são mortíferos.

4º As profissões podem tornar-se origens de molestias pelo lugar em que são exercidas. Todas as que se praticão nos subterraneos, nos lugares escavados, profundos, são as mais nocivas, já pelos gazes deleterios que se achão n'elles, já pelos desabamentos que podem acontecer. Todas as que se fazem á flor da terra são insalubres, se se praticão em lugares frios, humidos, e sobretudo se n'elles o ar não está frequentemente renovado. As profissões ao ar livre ou em lugares abertos são as mais salubres.

5º A reunião de grande numero de individuos, necessaria em algumas profissões, torna-se para os obreiros uma causa de molestias : os miasmas que sahem de tantos corpos reunidos, o máo cheiro resultante do desalinho da mór parte d'elles, a estreiteza do local relativamente ao numero dos trabalhadores, todas estas causas não podem deixar de viciar o ar, e torna-lo nocivo aos que o respirão.

Influencia das profissões sobre o moral. Quanto mais sob a dependencia do espirito estão as profissões, tanto maior influencia exercem sobre o moral. As meditações do philosopho, as nobres concepções do orador, os pensamentos do artista, o astro do poeta, são verdadeiros trabalhos, nos quaes a mais sublime parte do homem está immersa em fadiga profunda. A continuidade do exercicio cerebral faz desenvolver ideias novas, produz concepções felizes, faz nascer producções de que o homem não era susceptível ao principio. Entretanto, os trabalhos excessivos do espirito, concentrando no cerebro todas as forças, são nocivos aos outros órgãos. Póde-se, por conseguinte, concluir que ha, por assim dizer, uma proporção inversa entre o desenvolvimento do corpo e o do espirito : um prejudica outro, e toda a profissão que exigir o trabalho exclusivo de um dos dois será necessariamente seguida da degradação do outro. Seria para desejar, que se encontrassem occupações mixtas que reunissem felizmente o trabalho d'estas duas partes do homem, de maneira que cada uma não tomasse senão o gráo conveniente de exercicio e não fosse nociva á outra; o que só tem lugar em algumas mui raras condições da vida.

Um dos effectos mais evidentes da influencia moral das profissões é o socego que espargem sobre as diversas classes da sociedade : a occupação, desviando os individuos do vago do pensamento e do ocio, produz uma especie de felicidade desconhecida aos que não trabalhão. O obreiro, principiando diariamente os seus trabalhos

usuaves, vê correr as horas sem inquietação e sem cuidado: semelhante a uma machina montada, executa a cada gyro do sol, ao mesmo tempo e da mesma maneira, as mesmas acções, que continuará até ser chamado a dormir um somno eterno. — Depois d'estas considerações geraes, examinemos as *profissões em particular*.

Profissões que exercem principalmente o espirito.

A esta classe pertencem os litteratos, os poetas, os administradores, os estadistas, os theologos, os mathematicos, os professores, os medicos, os pintores, os musicos, os actores, emfim todas as pessoas que se occupão do estudo das sciencias ou das lettras.

A multidão que vive do trabalho corporal julga que o estudo não cança, é um erro: o pensar é um verdadeiro trabalho que não afadiga menos que o do agricultor ou do obreiro, e não tem as vantagens que possuem estes ultimos. O trabalho do corpo dá saude, força, alegria, um somno brando, bom appetite, entretanto que os effeitos da vida estudiosa e sedentaria levada ao excesso são molestias que envenenão e abrevião a vida, tirão o somno, fazem perder o appetite e trazem o homem em uma anxiedade contínua. A digestão é uma das funcções mais perturbadas pelas meditações do espirito. « Um máo estomago, dizia Amato Lusitano, acompanha os litteratos como a sombra segue o corpo. » Mas de todas as desordens dos órgãos digestivos, a mais ordinaria é a prisão de ventre, e em todo o tempo que ella dura as ideias não tem a mesma lucidez, o trabalho é antes summamente difficil. Escutemos lord Byron: « Posso beber facilmente vinho, mas não me alegra; torna-me feroz, suspeitoso e até altercador. O laudano tem um effeito semelhante, e não posso toma-lo em certa quantidade sem arrepende-me. O que mais me anima, que parece um absurdo, sendo todavia uma verdade, é uma dóse de saes purgativos, bem entendido quando produz o seu effeito. Infelizmente não se póde tomar isto como vinho de Champanha! » Seneca pretendia que do ventre bem regrado dependia a liberdade do homem. Napoleão confessa que a prisão habitual do ventre era o tormento de sua vida. O mesmo aconteceu com o actor Talma, que a final pereceo victima d'este incommodo.

O systema nervoso é vivamente affectado pelos trabalhos do espirito. A desconfiança, o medo, a tristeza, o descorçoamento, rodeião o homem dedicado ao estudo: a hypochondria, a melancolia, são muitas vezes consequencias das applicações forçadas do espirito. Poderião citar-se muitos exemplos de molestias nervosas entre os primciros jurisconsultos, esculptores, pintores, professores de musica, etc. O celebre Kotzebue deixou descripta uma parte de

seus soffrimentos nervosos. Grétry e Bernardin de Saint-Pierre fallarão igualmente dos seus nervos nas obras que nos legarão. Aristoteles assegura que todos os grandes homens do seu tempo são melancolicos ou hypochondriacos. O famoso Spinello, depois de pintar a queda dos anjos, julgava constantemente ver Lucífer exprobrar-lhe a figura disforme, debaixo da qual o seu pincel o havia representado. Pascal, cuja alma era tão forte e elevada, pensava estar sempre á borda de um precipicio. Gaspar Barleos aconselhava ao seu amigo Huyghens que abandonasse as lettras e os versos se queria conservar a saude; e elle mesmo, esfaldado por estudos excessivos, fugia do fogo para não derreter o seu corpo, que suppunha ser de manteiga; precipitou-se emfim n'um poço para subtrahir-se aos seus terrores contínuos. Jurieu, atormentado de colicas, attribuiu-as aos combates travados continuamente por sete cavalleiros que tinha no ventre.

Muitos litteratos, se não apresentam caracteres de molestias nervosas, ficão excessivamente sensiveis. Para estas almas irritaveis, os accidentes da vida commum são insupportaveis tormentos. Taes forão Alfieri, Rousseau, Mozart, Byron. Qual será a vida do litterato, se a esta causa de dôr se juntar a indifferença ou a inveja de seus contemporaneos? Christovão Colombo, Galileo, Copernico, Bacon, Vico, e outros muitos, forão celebres victimas do esquecimento ou do odio. A susceptibilidade dos litteratos pela critica tornou-se proverbial, e uma mulher illustre chamou á gloria luto brilhante da felicidade. A insomnia ou o somno inquieto, a agitação, uma sensação de peso na cabeça, succedem igualmente ás applicações forçadas de espirito. Pedras formão-se na bexiga. Sydenham, Leibnitz, Barthez, pagárão este doloroso tributo ao amor das lettras. Ás vezes catarrhos da bexiga, incontinencias, resultão das retenções de urina, ás quaes estão expostos os litteratos quando, por distracção, preguiça ou decencia, combatem uma necessidade imperiosa, quer no gabinete, quer nos templos ou na tribuna.

Os litteratos estão habitualmente sentados e curvados: esta posição embaraça a circulação nas visceras do baixo-ventre, e predispõe ás hemorrhoidas. As vigílias são causa ainda mais activa das molestias, quando os litteratos não dão ao somno o tempo necessario para reparar as forças. As leituras prolongadas á vacillante luz das velas, fatigão a vista e a expõem a perder-se ou a enfraquecer-se. Deve-se tambem contar entre as causas das molestias dos litteratos a renuncia á sociedade. Muitos a renuncião para se entregarem com maior liberdade aos seus estudos; bem depressa o gosto fortifica esta determinação, e insensivelmente são con-

duzidos a essa misantropia, a esse espirito melancolico, a esse aborrecimento de tudo, que póde considerar-se como o maior de todos os males.

Na classe numerosa dos sabios, dos litteratos, dos artistas, encontrão-se homens aos quaes uma feliz necessidade obriga a entregarem-se a exercicios do corpo, e a abandonarem-se a distracções salutaes. Os curas, e sobretudo os medicos, gozão d'esta vantagem nas visitas que necessita o cuidado dos doentes. Outras profissões, e sobretudo as dos empregados publicos, exigem ás vezes viagens que modificão de maneira proveitosa a influencia da vida sedentaria e occupada. Vou agora indicar as regras proprias para se prevenirem os inconvenientes de que acabei de fallar.

Todas as molestias dos litteratos procedem da grande excitação do cerebro, d'onde vem o preceito mui natural de diminuir o trabalho. Os homens de gabinete deverião impôr-se á lei de consagrarem todos os dias uma ou duas horas, pelo menos, ao exercicio. Mas seria fazer ainda pouco se, mesmo durante estes momentos de exercicio, o espirito se não achasse inteiramente livre. Este costume, que é favoravel ás grandes descobertas, cujo segredo, como diz Newton, está em pensar n'ellas sempre, é um dos mais funestos males para a saude. O passeio a pé tem preciosas vantagens; porém não preferivel não é o exercicio a cavallo! Galeno, enfermo até á idade de trinta e tantos annos, nos refere elle mesmo que deveo ao exercicio o restabelecimento da saude. Socrates corria com seus filhos fazendo cavallo de um bastão. Mallebranche procurava os divertimentos das crianças: queria recreações que não lhe deixassem vestigio algum na alma. Os exercicios que põem em acção todo o corpo devem ser preferidos: taes são o bilhar, o nadar, o jogo da bola, etc. Estes jogos, com effeito, são mais proveitosos para a saude que os das cartas, usados nos salões. Estes tem todos os inconvenientes da vida sedentaria, e não podem substituir o movimento e o exercicio. Na falta das distracções de que fallamos, não ha cousa mais efficaz para descansar o espirito do que a conversação com alguns amigos.

O regimen occupa um lugar importante na hygiene dos homens de gabinete. Uma sobriedade severa deve ser a compensação do excesso de qualquer outro genero. Illustres exemplos tem provado suas vantagens. Augusto, senhor do mundo, limitava-se a uma pequena quantidade de alimentos. Catão dizia de Cesar, que soube derribar a republica por causa da sua sobriedade. Alguns medicos tem querido indicar minuciosamente a natureza e a porção de alimentos; isto é querer tentar uma cousa impossivel. Comer o que se digere bem, abster-se do que faz mal, eis a unica regra.

As comidas mais convenientes são as que, como dizia Platão, são agradáveis para aquelle instante e para o dia seguinte. Recomendaremos tambem sobriedade no que respeita ás bebidas. Um pouco de vinho é util : só é condemnavel o seu abuso. Isto tambem se deve entender a respeito do chá e café. Aconselharemos tambem aos homens de gabinete que mudem frequentemente de posição, e renovem o ar dos quartos em que trabalham. Estas duas causas actuação de maneira nociva sobre os phenomenos da circulação e respiração.

Os que cultivão as sciencias e as bellas-artes tem por costume darem poucas horas ao somno; isto é de um grande damno : não ha condição que reclame mais imperiosamente o somno que a de que fallamos; porquanto é o repouso do cerebro, orgão exclusivamente exercido n'esses trabalhos.

Logo que um litterato estiver verdadeiramente doente, o primeiro conselho que se lhe deve dar é de cessar absolutamente todos os seus estudos : por mais violento que lhe pareça este meio, é indispensavel. Deve esquecer que existem sciencias e livros; a porta do seu gabinete deve ser-lhe fechada, e é necessario que se entregue unicamente ao repouso, á alegria, aos prazeres do campo. Para prevenirem as pedras na bexiga, que são assaz frequentes nos litteratos, convem que fação uso d'agua em grande quantidade, da cerveja com agua, e das aguas mineraes em que entra o bicarbonato de soda, como as de Vichy, naturaes ou artificiaes. Os banhos frios são mui vantajosos aos litteratos; augmentão a força do organismo enfraquecido; mas não se deve esperar, para os tomar, que a debilidade se torne extrema, porque então farião os banhos maior mal do que bem.

Existe ainda uma serie de recommendações que se poderião fazer aos litteratos; mas as que acabei de indicar bastarão para provar quantas cautelas devem os homens d'esta profissão tomar, para conservarem a saude na sua integridade. Póde-se receiar que os conselhos da prudencia sejam desprezados. Apesar dos exemplos que lhes dão a sua idade, as suas enfermidades, o medico e a sabedoria, continuam a fatigar o seu organismo pela excitação cerebral, e não parão sem que tenham chegado ao termo da sua existencia. Escutemos um dos mais ferteis espiritos de nosso seculo : « Prohibão ao bicho de seda que fie quando fia os ultimos restos da sua existencia; apesar da vossa prohibição, desenrola das entranhas o precioso tecido, e só pára fechado na sua mortalha (Goethe). » Eis o quadro do litterato.

Se os litteratos repartissem o seu tempo entre os estudos e o descanso, se tivessem o cuidado de ligar as distracções da vida

civil aos trabalhos litterarios, poderião percorrer sua carreira com menos enfermidades, e chegar a uma idade mui avançada. Assim tem-se visto, em diversas épocas e em climas inteiramente differentes, homens que chegarão até á velhice sem molestias graves, apesar do grande ardor com que se applicavão ao estudo. Thucydides, Platão, Juvenal, Young, Rollin, Anacreonte, Newton, Buffon, Fleury, Franklin, Voltaire, Crébillon e muitos outros, viverão de oitenta a noventa annos; Sophocles, Zenon, Simonides, Saadi, Vida, Hans-Ploan, Saint-Evremont, de noventa a cem; Herodiano, Fontenelle, Gorgias (de Silicia), de cem a cento e sete; enfim o maior dos philosophos e dos medicos da antiguidade, Hippocrates, levou a sua carreira até cento e nove annos.

Profissões que exigem um violento exercicio muscular. De todos os obreiros, os que fazem mais exercicio gozão de melhor saude, sobretudo se trabalhão ao ar livre. Estes obreiros só devem temer o entregarem-se a trabalhos mui penosos e continuados; então cahem em fraqueza, e morrem prematuramente. Devem interromper de vez em quando o seu labor, deixar em repouso os membros exercidos e dormir largamente. A alimentação seja abundante e mui nutritiva, composta, pela maior parte, de carne; uma quantidade moderada de vinho é-lhes mui vantajosa.

Profissões sedentarias. As profissões sedentarias, sem contradicção as mais multiplicadas da sociedade, expõem os que as exercem a todos os inconvenientes que procedem da falta do exercicio muscular, e da respiração de um ar insalubre. Em geral, os obreiros que se dão pouco ao exercicio, tem um appetite fraco, a digestão difficil, o ar que respirão é viciado pelas emanações do grande numero de pessoas reunidas no mesmo lugar, e é por isto mui insalubre. Estes obreiros tem raramente uma boa constituição, estão expostos á tísica, ás escrophulas, ao escorbuto, e as mulheres ás flores brancas. Podem alliviar seus males fazendo um exercicio activo fóra da cidade, interrompendo frequentemente o trabalho, usando de alimentos nutritivos. Devem renovar o ar da loja ou fabrica. Os banhos frios e mornos convem-lhes muito. Se, apesar d'estas precauções hygienicas, alguma das molestias que deixei indicadas se pronunciar cada vez mais, será preciso mudar de officio: n'este caso, como em todos os outros, não se póde obter vantagem completa senão cortando-se pela raiz o mal.

Profissões que exigem posturas curvadas e incommodas. Estas profissões são geralmente consideradas como causa frequente das molestias. O costume de estar em pé expõe os compositores typographicos á fadiga, á inchação dos pés, ás varizes e

às ulceras das pernas. A attitude curvada favorece as molestias do peito e os engurgitamentos do figado e baço : ha, com effeito, constrangimento da circulação d'estes órgãos, e por conseguinte congestão sanguinea. E por isso os individuos que exercem profissões, que necessitam esta posição, offerecem casos numerosos de affecções dos órgãos digestivos, e estão sujeitos a dôres de cabeça e a vertigens. A tísica é tambem n'elles mais commum, assim como as deformações da columna vertebral. As profissões em que se conserva uma postura curvada são numerosas; as principaes são as dos amanuenses, escrivães, alfaiates, sapateiros, mineiros, gravadores, lavadeiras, etc.

As profissões em que os olhos estão expostos á acção continua da luz, ou aquellas em que estes órgãos se applicão sobre objectos miudos, tornão-se muitas vezes causa das molestias da vista. Os ourives, os relojoeiros, os ferreiros, estão expostos ás cataractas; os sabios que fazem pesquisas microscopicas são frequentemente affectados de myopia.

Profissões que obrigão os individuos a respirar as moleculas suspensas no ar. As emanações no meio das quaes os homens trabalham podem ser mineraes, vegetaes ou animaes, o que faz variar o seu modo de acção sobre a economia.

As emanações mineraes são de duas especies : os vapores acidos e os vapores metallicos. Podem ser considerados como verdadeiros venenos que penetraõ na economia pelas vias respiratorias. Os vapores acidos são fornecidos quasi exclusivamente pelos acidos fortes : taes como agua forte, acido chlorhydrico, e mais raramente acido sulfurico (oleo de vitriolo). Os vapores metallicos que podem viciar o ar nas manufacturas são os de chumbo, cobre, mercurio, antimonio e arsenico. Os fabricantes que estão expostos a emanações nocivas são os ourives, os que azougão espelhos, os chapeleiros, os fabricantes de barometros, etc.

Nos mineiros que extrahem o mercurio, e que, por conseguinte, o respirão continuamente, produz este metal enfraquecimento da constituição e occasiona molestias graves. Eis-aqui um facto proprio para dar a conhecer a influencia dos vapores mercuriaes :

Tendo naufragado um navio hespanhol na entrada do estreito de Gibraltar, cento e trinta toneladas de mercurio metallico forão transportadas para o vaso de guerra inglez *Triumpho*. O metal estava em barrís, os quaes, estando mal apertados, abrirão-se logo. O mercurio inundou o porão do navio. No espaço de tres semanas, duzentos homens da tripolação forão affectados de salivação, de ulceras na bocca e na lingua, de paralyrias e desarranjo de intestinos; foi preciso desapparellhar o navio, evacuar-lhe o

lastro, e tirar minuciosamente todas as partes visiveis do mercurio. Acabada esta operação, nem por isso o saneamento foi completo, por quanto os homens que reembarcarão o lastro experimentarão os mesmos symptomas que os marinheiros. Os gatos que ião no navio sentião convulsões, os ratos sahião dos buracos, saltavão, morrião com verdadeiros accessos de gota coral. Os carneiros, os porcos que se achavão a bordo, experimentarão tambem effeitos deleterios.

Já mencionei a acção perigosa dos vapores do acido nitrico; transcreverei ainda um caso referido pelo Dr. Bell. Um garrafão que continha este acido, succedendo cahir-lhe em cima um corpo pesado, quebrou-se, e o liquido derramou-se espalhando vapores mui densos. Um obreiro, chamado Carnot, recebe o acido nitrico n'uma caldeira de ferro. No mesmo instante decompõe-se o acido, desenvolve-se grande quantidade de gaz acido nitroso, e o vaso fura-se em pouco tempo. O obreiro transporta-o para o pateo; é logo affectado de uma tosse violenta, com dôres vivas no peito. Um medico, que foi chamado, achou o rosto descorado, a respiração difficil, uma tosse secca e frequente. Apesar do emprego dos meios mais apropriados, o desgraçado succumbe ao cabo de quarenta e oito horas, victima das mais horrorosas dôres.

O chumbo produz, por suas emanações, accidentes assaz frequentes. Os fabricantes de alvaiade, os pintores de edificios e carros, os mercadores de tintas, os envernizadores de louça, os fundidores de typos, os impressores, são as pessoas mais expostas aos perigosos effeitos d'estas emanações. Os individuos que dormem em quartos recentemente pintados achão-se tambem no mesmo caso. A invasão dos accidentes é quasi sempre gradual. Os doentes experimentão primeiramente, durante alguns dias, dôres no ventre obscuras e passageiras que augmentão lentamente; suas evacuações alvinas tornão-se cada vez mais raras, e as materias que expulsão são duras. Pouco a pouco as dôres abdominaes tomão um caracter de agudeza, que obrigão os doentes a suspenderem os seus trabalhos. Então existe a prisão de ventre; o appetite desaparece, sobrevem vomitos e caimbras nas pernas; o rosto torna-se pallido, e declara-se uma paralyisia mais ou menos completa. O tratamento curativo d'esta molestia, chamada *colica de chumbo* ou *dos pintores*, compõe-se de purgantes e emeticos administrados repetidas vezes. *Veja-se* Vol. I, pag. 640.

Os meios proprios para preservar os obreiros da colica de chumbo são de applicação assaz difficil. Os unicos meios praticaveis consistem em officinas vastas, bém arejadas, com ventiladores; em não se consentir que os operarios comão nas officinas; em obriga-

los a que lavem as mãos e o rosto todas as vezes que deixão o trabalho; em aconselhar-lhes que usem de banhos e passeios ao campo; em exigir que tenham vestidos particulares para trabalhar, e os deixem antes de sahirem da officina; em cuidar de que estes vestidos sejam de tempos a tempos bem lavados e limpos; e se, apesar d'estas precauções, algum operario apresentar signaes precursores da colica de chumbo, será preciso fazer-lhe suspender os trabalhos até ao restabelecimento da saude. Se emfim este individuo fôr affectado muitas vezes d'esta molestia, deve renunciar a uma profissão que lhe occasiona enfermidades. Dois ou tres copos d'agua acidulada com algumas gottas de acido sulfurico, que o obreiro tome por dia, é tambem um preservativo que se tem mostrado util contra estes accidentes.

Os obreiros que manipulão o *cobre* são ás vezes affectados de uma molestia que tem muita analogia com a que acaba de ser descripta. Ataca especialmente os caldeireiros, os serralheiros, os que cravão pedras em cobre. Os seus symptomas são em parte os mesmos, com a differença só de ser acompanhada de diarrhea em lugar de prisão de ventre. Trata-se por meio dos vomitorios e do opio. Mas entre os vapores metallicos, os mais terriveis são os do *arsenico*. Poucos operarios, felizmente, estão expostos a elles. São sobretudo temiveis para os fabricantes do azul-ultramarino. Os fundidores e os tintureiros são d'elles muito menos affectados.

Até agora temos examinado a acção dos vapores mineraes sobre a economia : actuão elles chimicamente; os pós que não actuão senão por seu contacto não tem influencia nociva. Quasi todos os pós vegetaes são d'este numero : taes são os que respirão os padeiros, os moleiros, as pessoas que residem em armazens de café, os fiandeiros : outro tanto direi dos colchoeiros e canteiros. Até hoje, fazia-se uma classe separada dos operarios das manufacturas do tabaco. Esta planta, com effeito, goza de propriedades deletérias, e alguns medicos pensarão que seus pós devião produzir accidentes graves. O Dr. Parent-Duchatelet provou que esta profissão não offerece perigo algum para a saude. O Dr. Pointe fez a mesma observação. Assim, cahe por terra o grande preconceito que fazia considerar esta profissão como uma das mais insalubres.

O Dr. Parent-Duchatelet estudou tambem a influencia das emanações animacs sobre a saude. Provou que a putrefacção não torna estas emanações insalubres, e se os outros observadores disserão o contrario, foi por terem confundido o que é incommodo com o que é insalubre. Outros medicos chegarão ao mesmo resultado, e estabelecêrão à mesma saude dos surradores, curtidores, fabricantes de colla forte, etc. Quem não sabe que muitos carniceros são bem

gordos, e de um temperamento sanguineo? Isto resulta da absorpção das moleculas animaes que servem á nutrição. É uma opinião geralmente admittida que a profissão de carniceiro é a que offerece o menor numero de tísicos. Alguns medicos fizeram minuciosas investigações a este respeito, e convencêrão-se da verdade d'esta asserção. Em consequência d'esta observação, o Dr. Spilsbury foi conduzido a empregar as experiencias curiosas que passo a referir.

O Dr. Spilsbury assevera ter obtido melhoras notaveis nos doentes affectados de tísica pulmonar, recommendando-lhes que esfregassem todos os dias, por espaço de meia hora, o peito e as costas com toucinho. Os efeitos que pretende ter produzido com este tratamento são a augmentação rapida das forças do doente, a diminuição da febre, das dôres do peito e da difficuldade de respirar. Estes efeitos erão já evidentes ao cabo de quinze dias. De quatro casos mui pronunciados de tísica, dois doentes, que estavam affectados d'ella havia nove mezes, ficárão completamente curados. Um terceiro caso ficou ainda duvidoso. Um quarto doente, e que datava de dois annos, apresentou uma melhora mui notavel. No terceiro caso, a doente foi pesada aos 15 de outubro; tinha oitenta e tres libras. Principiou então o uso das fricções lardaccas, e foi pesada de novo aos 10 de novembro; havia obtido sete libras. Outro medico imitou o exemplo do Dr. Spilsbury, empregando igualmente as unturas de toucinho n'um caso desesperado que datava de dezanove mezes. A tosse e a expectoração desapparecerão quasi, a facilidade de respirar e as forças voltárão. (*Gazette des Hôpitaux de Paris*).

Os mineiros estão expostos á acção de vapores nocivos. Estes vapores tem na lingua franceza os nomes technicos de *feu grisou*, *ballon* e *moffette*. O *feu grisou* sahe sibilando dos subterraneos, e apparece nas minas sob a fórma de téas de aranha: se este vapor se acha em contacto com o facho dos operarios, inflamma-se com violenta explosão. O *ballon* assemelha-se a uma especie de esphera suspensa no ar; só a fuga mais prompta póde subtrahir os trabalhadores á sua acção terrivel: se o balão vem a rebentar antes de terem podido afastar-se sufficientemente, são de repente asphyxiados, ás vezes sem recurso. O *moffette* é um vapor espesso que se exhala quando se abrem covas profundas das minas ricas em metal, e principalmente das que estavam ha muito tempo fechadas. Este vapor mata instantaneamente os infelizes que o respirão. Os mineiros são avisados da sua presença quando a luz de seus fachos empallidece. Quando o vapor é pouco abundante, occasiona só tosse e uma comichão na pelle. Aconselha-se aos mineiros, para

prevenirem estes accidentes, que não desçoão á mina senão depois que um d'elles, coberto de pannos molhados e munido de uma longa haste no fim da qual se põe um facho inflammado, tenha descido a ella, e por este meio inflammado o vapor; depois da combustão cessa todo o perigo. Para preservar-se dos accidentes do *moffette*, deve-se dirigir de longe uma luz e movê-la em todos os sentidos; se ella se conservar accesa, o ar é respiravel. Forão imaginados diversos meios para pôr os mineiros ao abrigo d'estes gazes, como sejão o ventilador de Hales ou de Duhamel, o candieiro de Davy, etc.

Taes são os principaes inconvenientes a que os homens podem achar-se expostos por causa de suas profissões. Resta ainda muito que fazer para se poder apreciar no seu justo valor cada uma d'estas influencias. Hoje a impulsão está dada; esperemos que produzirá bons resultados.

PROGNOSTICO. Juizo que faz o medico sobre as mudanças que devem sobrevir durante o curso de uma molestia, sobre a duração e terminação d'ella.

PROLAPSO DA CAMPAINHA DA GARGANTA, DO ANUS, DO UTERO. Deslocação de cima para baixo, d'estes diversos órgãos. *Veja-se* CAMPAINHA DA GARGANTA, ANUS, UTERO.

PROPHYLACTICO. Synonymo de preservativo. Diz-se das substancias ou meios empregados para prevenir qualquer molestia.

PROPYLAMINA. *Veja-se* TRIMETHYLAMINA.

PROSTATA. É um corpo glanduloso que envolve o collo da bexiga do homem, ora completamente, como o faria um anel, ora incompletamente. Esta glandula não existe na mulher. Sua funcção consiste em segregar um humor viscoso que sahe ás vezes da urethra pelos esforços da defecação.

MOLESTIAS DA PROSTATA.

Inflammação da prostata ou **Prostatite.** Póde ser aguda ou chronica.

1º **PROSTATITE AGUDA.** *Causas.* A prostatite aguda mostra-se no curso e no ultimo periodo da blennorrhagia, quando a inflammação se estende até á porção mais profunda do canal da urethra; nos estreitamentos do canal; ou em consequencia das manobras da lithotricia. Desenvolve-se tambem nos individuos affectados de prisão de ventre prolongada; nos que tem hemorrroidas, uma fissura ou uma fistula no anus. As quedas sobre o perineo, o resfriamento subito d'esta região, a equitação, são tambem causas d'esta molestia.

Symptomas. São : vontade frequente de urinar, peso no perineo, dôres durante a passagem da urina, fluxo mucoso-purulento pela urethra. Introduzindo o dedo no recto, conhece-se que a prostata augmentou de volume. Às vezes, ha retenção de urina, e quando se pratica o catheterismo, produz-se uma dôr no momento em que a sonda se acha em contacto com a prostata; sente-se tambem que o instrumento passa difficilmente a travez da porção prostatica da urethra.

Marcha, terminações. A prostatite termina : por via de resolução, e, n'este caso, todôs os symptomas que deixei indicados tornão-se menos intensos : ou por induração, e então a prostata incha e torna-se dolorosa á pressão; por suppuração, isto é, pela formação de um abcesso. *Veja-se* ABCESSO DA PROSTATATA.

Tratamento. Compõe-se de dez a doze bichas no perineo, de cataplasmas de linhaça na mesma região, de semicupios d'agua tepida, de bebidas emollientes taes como a infusão de sementes de linho, e de fricções no perineo com a pomada seguinte :

Pomada mercurial. 30 grammas (1 onça)

Extracto de belladona 1 gramma (20 grãos).

Misture. Faz-se uma fricção por dia, com a quantidade de pomada do tamanho de uma azeitona.

2º PROSTATITE CHRONICA. Esta affecção, é as mais das vezes, consequencia da prostatite aguda. Desenvolve-se debaixo da influencia das mesmas causas que a fôrma aguda.

Symptomas. Os doentes ourinão mais vezes, e resistem menos á necessidade de urinar do que no estado normal. A urina occasiona uma sensação de ardor durante a sua passagem; e é expulsa com menor energia. Os doentes sentem um peso no anus; do canal da urethra sahe um liquido viscoso, transparente, analogo á clara de ovo. A prostata faz pouca eminencia no recto, mas é sensivel ao tacto.

Tratamento. O melhor tratamento consiste em cauterizar levemente a porção prostatica do canal da urethra, por meio da sonda guarnecida de pedra infernal. Antes, porém, de empregar este meio, convem recorrer primeiro aos banhos do mar, e ás fricções no perineo com pomada de iodureto de potassio.

Abcesso da prostata. Os abcessos da prostata são um dos modos de terminação da prostatite aguda.

Symptomas. Os doentes experimentão primeiro todos os symptomas da prostatite aguda, depois sentem dôres pulsativas no perineo, frequente vontade de urinar, dôr violenta no momento em que tem lugar as ultimas contracções da bexiga, puxos e frequente vontade de ir á banca. Introduzindo o dedo no recto, pôde-se

sentir a travez das paredes anteriores do intestino, um tumor molle e elastico.

Marcha e terminações. Abandonados o si mesmos, estes abcessos comportão-se de diversas maneiras :

1º Em alguns casos raros desaparecem espontaneamente; o pus fica absorvido. 2º Em outros casos, o pus fica enkystado, a parte serosa d'este liquido fica absorvida; o resto coagula-se, e forma uma massa dura. 3º O pus abre caminho a travez dos órgãos vizinhos. A via de corrimento do liquido apresenta as seguintes variedades : *a.* O abcesso abre-se no canal da urethra por um unico ponto ou por muitos. O fluxo do pus na urethra faz-se ás vezes espontaneamente, ou durante os esforços para obrar ou urinar. N'estes casos, cessão as dôres que o doente sentia, e escorre pelo canal da urethra uma quantidade mais ou menos consideravel de pus ou de ourina purulenta. *b.* O abcesso abre-se na cavidade vesical; o doente acha-se notavelmente alliviado depois d'esta abertura. *c.* A collecção purulenta sahe a travez do recto. *d.* Se o abcesso se abre entre as aponevroses do perineo e da bacia, resulta d'isso uma inflammação seguida de suppuração, quer no escroto, quer no interior da excavação da bacia. *e.* Nas circumstancias mais felizes para o doente, a collecção abre-se no perineo. *f.* É possivel que o abcesso se abra simultaneamente em diversos pontos, do lado da urethra e do recto.

Em geral, estes abcessos cicatrizão-se depois da evacuação do seu conteúdo; ás vezes, as paredes do fóco não se conchegão, e fica uma excavação mais ou menos vasta.

Tratamento. Compõe-se de semicupios d'agua tepida, cataplasmas de linhaça que se applicão no perineo, e clysteres de cozimento de linhaça. Para prevenir a excavação e impedir os accidentes graves que podem resultar da abertura da collecção purulenta entre os planos aponevroticos do perineo, convem dár sahida ao pus quanto antes. Em geral, o lugar mais proprio para esta abertura é o perineo, por causa da situação declive d'esta região, e da facilidade que terá o pus de escorrer para fóra. Fazendo o abcesso proeminencia do lado do recto, deve o cirurgião abrir pela parede anterior do intestino, conduzindo o bisturi sobre o dedo introduzido no anus. Estando saliente do lado da urethra, é preferivel abri-lo d'este lado, servindo-se da sonda metallica, com a qual se pratica o catheterismo.

Hypertrophia ou **Tumefacção da prostata.** Designa-se sob este nome a alteração da prostata caracterizada por um augmento exagerado de uma ou de todas as suas partes, sem mudança de sua textura intima.

Symptomas. Os doentes experimentão frequente vontade de urinar; o jacto de urina é bifurcado ou em espiral; ás vezes interrompe-se subitamente. Os doentes accusão uma sensação de calor no collo da bexiga; depois da defecação, parece-lhes que ficarão ainda materias no recto; em alguns individuos observa-se retenção, em outros incontinencia de urina; muitas vezes ha prisão de ventre e tumores hemorrhoidaes; as materias estercoreaes apresentão em alguns casos um rego mais ou menos profundo. O dedo introduzido no recto faz reconhecer ás vezes desigualdades, proeminencias ou depressões, sobretudo se foi introduzida previamente a sonda na urethra.

Causas. A hypertrophia da prostata é uma affecção propria á velhice; é excessivamente rara na idade adulta. As causas d'esta molestia são numerosas: taes são as molestias da urethra, os estreitamentos d'este canal. As profissões sedentarias parecem constituir alguma predisposição.

Tratamento. Compõe-se de semicupios d'agua tepida, de purgantes administrados de vez em quando, e de fricções no perineo com as pomadas seguintes:

1º Pomada mercurial napolitana. 30 grammas (1 onça).

2º Pomada de iodureto de potassio. 30 grammas (1 onça).

Faz-se uma fricção por dia, com uma d'estas pomadas, na quantidade do tamanho de uma azeitona.

Os banhos do mar são uteis. Ás vezes é necessario applicar algumas bichas no anus.

PROSTATITE. Inflammação da prostata. *V* v. II, p. 768.

PROTOCOLBONATO DE FERRO. *Veja-se* FERRO.

PROTOCHLORURETO DE MERCURIO. *V* MERCURIO.

PROTOIODURETO DE MERCURIO. *V* MERCURIO.

PRURIDO, Prurigo ou **Cocceira.** Molestia espcial da pelle, caracterizada por uma comichão mais ou menos intensa, e por elevações miudas da epiderme chamadas *papulas*, da mesma cor da pelle, isoladas, cobertas accidentalmente de pequena crosta negra, devida a uma gottinha de sangue coagulado.

As papulas do prurigo podem occupar diversos pontos da superficie do corpo; mas encontrão-se especialmente no pescoço, na nuca, nas costas, na face externa dos membros, assim como nas partes genitaeas, raras vezes no rosto. Os doentes coção-se, esfregão-se com escovas duras, com pannos rudes; rasgão, esfolão a pelle; muitas vezes n'estes casos, sobre o apice das papulas, que forão esfoladas com as unhas, forma-se uma pequena concreção sanguinea, denegrida, que dá á erupção um aspecto inteiramente

caracteristico. O prurigo é caracterizado por papulas. Todavia em alguns casos as papulas podem faltar completamente. Este prurigo, chamado *latente*, occupa de ordinario as partes genitales de um e outro sexo, sobretudo na mulher, assim como a margem do anus.

Causas. O prurigo é mais frequente no homem do que na mulher; atinge especialmente as crianças e as pessoas idosas; encontra-se sobretudo nos individuos pouco asseados, que tem máo regimen, e que se entregão aos excessos alcoholicos. Comtudo não é raro encontrar a molestia nas circumstancias oppostas. Platão, Carlos-Quinto, Carlos IX, forão affectados d'ella. Esta molestia nunca é contagiosa.

Diagnosticó. O prurigo distingue-se de todas as affecções vesiculosas, e sobretudo do eczema, pela violencia de comichão e sobretudo pela ausencia das vesiculas. Ha entre o prurigo e a sarna uma semelhança de aspecto que pôde enganar; mas evita-se o erro considerando as differenças que existêm entre as duas affecções no sua séde e na sua fórma. Assim o prurigo invade os membros no sentido da extensão, ao passo que a sarna se mostra no sentido da flexão. Esta é constituída por vesiculas ou botões cheios de liquido transparente, d'onde parte um rego em cujo fundo se acha um pequeno insecto, chamado *oução da sarna*; em quanto que, no prurigo, são elevações, botões duros, sem rego na base, e em cujo apice existe muitas vezes um pequeno grumo anegrado.

Tratamento. Consiste em banhos d'agua tepida simples ou com sabão, banhos frios de rio e sobretudo os do mar, lavatorios com agua fria, com agua e vinagre, com vinagre puro; regimen composto pela maior parte de vegetaes, uso de fructas, de bebidas acidulas, taes como limonadas de limão, laranja e outras fructas acidulas; lavatorios ou pomadas seguintes :

1º *Pomada com borax.*

Banha.	30 grammas (1 onça)
Borax.	4 grammas (1 oitava).

2º *Lavatorio alcalino.*

Subcarbonato de potasa..	15 grammas (1/2 onça)
Agua.	150 grammas (5 onças).

3º *Lavatorio com sublimado.*

Sublimado corrosivo.	10 centigrammas (2 grãos)
Agua distillada.	300 grammas (10 onças).

4º *Lavatorio sulfuroso.*

Sulfureto de potassio.	4 grammas (1 oitava)
Agua.	300 grammas (10 onças).

5º Pomada de Helmerick.

Enxofre sublimado e lavado.	10 grammas (2 1/2 oitavas)
Subcarbonato de potassa.	5 grammas (1 1/4 oitava)
Agua distillada.	5 grammas (1 1/4 oitava)
Oleo de amendoas doces.	5 grammas (1 1/4 oitava)
Banha .	35 grammas (9 oitavas).

Contra o prurido das partes genitae da mulher, empreguem-se os meios seguintes :

1º Lavatorio adstringente.

Sulfato de zinco.	50 centigrammas (10 grãos)
Acetato de chumbo.	80 centigrammas (16 grãos)
Laudano de Sydenham	4 grammas (1 oitava)
Agua de rosas.	500 grammas (16 onças).

2º Pós de polvilho e camphora.

Polvilho .	20 grammas (5 oitavas)
Camphora em pó.	4 grammas (1 oitava).

Polvilhar a vulva com estes pós uma vez por dia, lavar exactamente as partes no dia seguinte, tornar a polvilhar de novo e continuar pela mesma fórma durante muito dias.

3º Lavatorio com sublimado.

Sublimado corrosivo.	30 centigrammas (6 grãos)
Agua distillada.	300 grammas (10 onças).

4º Outro lavatorio.

Sublimado corrosivo..	60 centigrammas (12 grãos)
Agua distillada. ..	1 litro (32 onças)
Alcool.	180 grammas (6 onças)
Camphora. ..	2 grammas (40 grãos).

PSOITE. Inflamação do musculo psoas. Dá-se o nome de *psoas* a dois musculos abdominaes applicados, de cada lado, na parte anterior das vertebrae lombares. O *grande psoas* insere-se, em cima, nas apophyses transversaes das quatro primeiras vertebrae lombares; em baixo, no pequeno trochanter do osso femur. O *pequeno psoas* estende-se do corpo da ultima vertebra dorsal ao osso pubis.

Causas. Esta inflamação sobrevem, em alguns casos, depois do parto. Outras vezes resulta de contusão da região lombar, ou de esforços subitos durante os quaes o musculo psoas se contrahe energicamente.

Symptomas. A molestia principia por dôr na região lombar, que se propaga até á virilha e á parte superior da coxa, e augmenta pelos movimentos da coxa. Quando o doente pôde andar, o tronco inclina-se para diante; anda coxeando. Em uma epoca mais adiantada as dôres augmentão, o andar é impossivel; a coxa fica encolhida, o pé virado para dentro; mas estes ultimos symptomas

não se encontram em todos os casos. Mais tarde ainda, sobrevem febre, a digestão faz-se mal, ha prisão de ventre, nauseas, vomitos. Quando existe pus, este liquido corre na bainha do psoas e vem formar um tumor na virilha, na parte superior da coxa, ás vezes na região inferior das cadeiras. Se a collecção fôr abandonada a si mesma, a pelle adelgaça-se, abre-se, passado algum tempo, e deixa sahir o pus.

Tratamento. Compõe-se ao principio de semicupios d'agua tepida e cataplasmas de linhaça que se applicão na virilha. Logo que a collecção purulenta se mostrar n'um dos pontos que deixei indicados, é preciso dar sahida ao pus com bisturí. Se a suppuração continuar por muito tempo, sustentão-se as forças do doente com um regimen corroborante, tapioca, ovos, carne e vinho. Deve-se impedir a estagnação do pus, fazendo no fóco injecções d'agua tepida, misturada com pequena porção de tintura de iodo.

PSORIASIASE ou **Figado**. Molestia da pelle caracterizada por manchas mais ou menos extensas, irregulares, salientes e cobertas de escamas delgadas, seccas, côr de madreperola : por baixo d'estas escamas a pelle está vermelha.

A psoriasiase é uma das molestias mais communs; não differe da lepra, pois tem a mesma fórma elementar, segue a mesma marcha e exige o mesmo tratamento. A unica differença está na fórma da erupção, que na lepra se apresenta por chapas arredondadas, cujas margens são levantadas e cujo centro é são; entretanto que a psoriasiase consiste ora em pequenas chapas irregulares, tendo alguns millimetros de extensão, existindo em maior ou menor numero, e semelhantes a gottas de liquido que terião sido lançadas sobre um ou muitos pontos da pelle : é a *psoriasiase gutiforme*, que se observa sobretudo na face externa dos membros e na parte posterior do tronco; ou então são chapas extensas, irregulares, angulosas, que invadem um membro inteiro ou todo o corpo : é a *psoriasiase diffusa*. N'esta ultima fórma, a pelle é ás vezes grossa, dura, rubra e rachada (*psoriasiase inveterada*); ou, emfim, malhas escamosas, lineares e tortuosas (*psoriasiase serpentina*).

A psoriasiase apresenta tambem certos caracteres particulares segundo a sua séde. Se invadir o prepucio, engrossa-o e torna mais estreito o seu orificio, que enrubece e racha-se. Se occupar os beiços, estes apresentam na sua margem uma superficie rugosa, rachada e dura. Se invadir as palpebras, a conjunctiva incha de ordinario e torna-se mais vermelha. Na psoriasiase que affecta a palma da mão, a pelle é rubra, incrassada e profundamente fendida, sobretudo na face interna dos dedos; coberta de escamas

brancas, seccas e adherentes. Se a molestia persistir muito tempo, as unhas deformão-se, amollecem e cahem.

A psoríase é, como a lepra, molestia mui rebelde; não é dolorosa nem grave, mas é incommoda.

Tratamento. Compõe-se de banhos d'agua tepida simples, banhos do mar, hydrotherapia, lavatorios com agua e sabão. Os meios aconselhados *internamente* são :

1º Copahiba, na dóse de 4 a 8 gram. (1 a 2 oitavas) por dia.

2º Cozimento de salsaparrilha, na dóse de 180 gram. (6 onças) por dia. O modo de sua preparação está indicado no artigo SALSAPARRILHA.

3º *Pilulas de alcatrão.*

Alcatrão. 8 grammas (2 oitavas)

Balsamo peruviano.. 8 grammas (2 oitavas)

Alcaçuz em pó. 16 grammas (1/2 onça).

Faça 96 pilulas. Para tomar uma pilula, duas vezes por dia.

Externamente :

Pomada de iodureto de enxofre.

Iodureto de enxofre. 2 grammas (1/2 oitava)

Banha.. 40 grammas (10 oitavas).

E mais outras pomadas indicadas no artigo LEpra.

PTERYGIO ou **Unha do olho.** Fig. 413. O pterygio é uma excrescencia que consiste no engrossamento da membrana conjunctiva, ordinariamente junto ao angulo interno do olho; prolongando-se á maneira de aza sobre a cornea transparente, e impedindo mais ou menos a vista, segundo o seu maior ou menor comprimento. As mais das vezes está collocado no angulo interno do olho; ás vezes symetricamente em ambos os olhos; raras vezes é duplo no mesmo olho; entretanto foi observado multiplo, e segundo a direcção dos quatro musculos direitos do olho. Tem a fórma de um triangulo, cuja base fica voltada para a caruncula lagrimal, e cujo apice dirige-se do lado da circumferencia da cornea, ou estende-se mais ou menos sobre esta membrana.

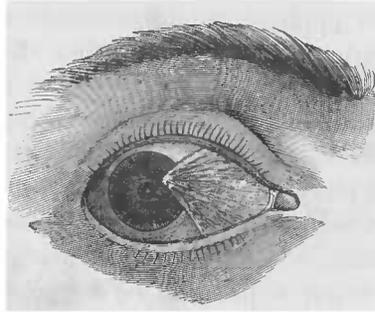


Fig. 413. — Pterygio.

Causas. Quasi sempre o pterygio desenvolve-se sem causa conhecida. É commum nos paizes quentes; é frequente no Norte do Brasil; muitos criadores de gado soffrem d'este incommodo no

Maranhão e no Piauí. Observa-se sobretudo nas pessoas que são obrigadas a expôr-se a um sol ardente, á grande poeira, como sejam os agricultores, os pedreiros, os jardineiros, os vaqueiros, que sahem de manhã para o campo e voltão á noite, expostos durante o dia ao sol e á poeira. É preciso, porém, ter uma predisposição particular para ser acommettido d'esta molestia.

Symptomas e marcha. O pterygio principia ordinariamente por um engrossamento, sem dôr, da membrana conjunctiva no angulo interno do olho. Este engrossamento augmenta pouco a pouco, dirigindo-se do lado da cornea. Largo do lado da circumferencia do olho, estreita-se de mais em mais á medida que se approxima da cornea, para tomar, como indica o seu nome, tirado do grego, a fórma de uma aza. O apice converte-se em linha recta que passa sobre a cornea. O desenvolvimento do pterygio faz-se de ordinario com muita lentidão : passão-se ás vezes dez annos antes que o apice exceda os limites da cornea e venha cobri-la. Não é doloroso; ás vezes só produz uma sensação comparavel á de um corpo estranho introduzido entre as palpebras. Em quanto o apice não passar os limites da cornea, a vista não é perturbada; quando estes limites são excedidos, a vista escurece-se tanto mais quanto mais o pterygio invadir a cornea. N'um gráo muito adiantado occasiona a cegueira.

Tratamento. Quando o pterygio é recente, e não tem ainda invadido a cornea, convem toca-lo todos os dias com pedra infernal, ou applicar quotidianamente acetato de chumbo (sal de Saturno) reduzido a pó muito fino. Estas applicações curão ás vezes o mal pouco extenso mas nem sempre. Outro tanto póde dizer-se dos diversos collyrios adstringentes que forão aconselhados no mesmo caso. Todos estes meios são completamente inuteis quando o pterygio está desenvolvido : é preciso recorrer á operação, que consiste em destacar com bisturí o apice do pterygio até á sua base, reunir com um ou dois pontos de sutura os labios da ferida, revirar o pterygio no angulo interno do olho, onde elle desaparecerá pouco a pouco. Depois da operação, applicações de pannos molhados em agua fria constituem o unico curativo.

PTYALISMO. *Veja-se SALIVAÇÃO.*

PUBERDADE. Estado dos rapazes e das meninas que passarão a idade da infancia e que são nubes. As regras hygienicas, proprias a esta idade, estão indicadas no vol. II, pag. 481.

PUCHURY ou **Pichurim.** *Nectandra puchury major* Nees e Martius. Arvore do Brasil, da familia das Laurineas; habita na provincia do Amazonas. Tem as folhas ellipticas, rijas, coriáceas, glabras, terminando em ponta rija; flores terminaes, dispostas em

corymbos; fructo em fórma de baga, com uma semente de dois lobos cotyledonarios, sempre isolados e completamente nús. Estes lobos, conhecidos vulgaremente pelo nome da *favas de puchury* ou *pichurim*, são ellipticos-oblongos, do comprimento de 3 a 4 centímetros, da largura de 1 centimetro; convexos do lado externo, planos na face por onde se tocão. São de côr de chocolate no exterior, e um pouco variegados no interior, o que é devido á presença de um oleo butyraceo que póde extrahir-se por expressão a quente ou pela ebullicão na agua. São de cheiro forte e aromatico, de sabor um pouco acre e picante, analogo ao da noz moscada. Conservadas durante algum tempo n'um frasco de vidro, estas sementes alterão a sua transparencia pela volatilizaçãõ do principio aromatico, que se fixa no vidro, e forma n'elle uma camada branca. Este principio é semelhante ao acido benzoico ou cinnamico. Estas sementes são tonicãs e estimulantes, e empregão-se em varias molestias, taes como diarrhea, leucorrhea, fastio, digestões laboriosas. Administrão-se em pó na dóse de 2 a 4 gram. ($1/2$ a 1 oitava); ou em infusão, 4 grammas (1 oitava) para 180 grammas (6 onças) d'agua fervendo. A tintura foi muito empregada contra a cholera na provincia do Pará. Tambem se usão em fórma de cataplasmas nas picadas feitas por diversos insectos.

Puchury-miri. *Nectandra puchury minor*. Nees e Martius. Laurineas. Arvore igualmente do Amazonas. As sementes são da mesma côr e cheiro que as da precedente, porém mais pequenas. Possuem quasi as mesmas virtudes.

PUGILLO. A porção de folhas, flores ou qualquer outra cousa que se toma com as pontas dos tres dedos reunidos.

PULGA. Insecto de côr roxa escura, oval, comprimido transversalmente, coberto de pelle dura. Estes insectos tem os sexos separados: as femeas põem pequenos ovos, brancos, brilhantes e viscosos, que produzem pequenas larvas sem pés, compridas, semelhantes a bichinhos, mui vivas, enroladas, ao principio brancas, mais tarde avermelhadas. Depois de ficarem uns doze dias debaixo d'esta fórma, estas larvas fechão-se n'um pequeno casulo lustroso, formando nymphas que chegão ao seu estado perfeito ao cabo do mesmo espaço de tempo.

A pulga nutre-se com o sangue do homem, do cão e do gato. Para nos livrarmos d'estes insectos convem que não vivamos familiarmente com estes animaes; é preciso varrer frequentemente os quartos, cuidar da cama com muito asseio, mudar frequentemente de roupa, e regar os quartos com agua misturada com vinagre. A vizinhança dos pombaes dá muitas pulgas: porque as

suas larvas escondem-se nos ninhos das pombas, e fixão-se no pescoço dos filhotes.

Se acontecer que uma casa, occupada precedentemente por pessoas pouco asseadas, fique muito tempo inoccupada, achar-se-ha povoada por milheiros de pulgas, tão pequenas e tão magras que parecem pertencer a outra raça de insectos. Estas accommettem com furor a primeira pessoa que entra na casa. Para tornar habitaveis as casas que se achão assim infestadas, convem mandar lavar repetidas vezes o soalho e o madeiramento, e até mesmo mudar o papel dos quartos, para conseguír a destruição das pulgas esfaimadas.

Matão-se as pulgas nos cães por meio de banhos que tenham em dissolução 30 grammas (1 onça) de sulfureto de potassio, ou mediante lavatorios com decocção de folhas de fumo, ou esfregando-lhes o pello com benzina. Os lavatorios com agua fria, ou quente, não bastão, porque as pulgas resistem á submersão prolongada.

PULLNA. Bohemia (Austria). Agua mineral purgativa.

Existem na Allemanha muitas fontes purgativas, designadas, por causa do seu amargor, debaixo do nome generico de *Bitterwasser* (agua amarga). A mais celebre é a agua de Pullna. Acha-se na Bohemia, perto da estrada que liga Toeplitz com Carlsbad, a cerca de uma legoa da cidade de Brux.

A agua de Pullna não brota da terra como a maior parte das aguas mineraes. É formada pela agua de chuva, que depois de atravessar o solo impregnado de saes purgativos, vem ajuntar-se nos poços cavados para este fim, revestidos de madeira, com cerca de 3 metros de profundidade. Na bella estação, tira-se esta agua, transporta-se para as grandes tinas, aonde se demora cerca de 24 horas a descuberto, e depois engarrafa-se em botijas, para a exportação. 1 litro d'esta agua contém, segundo a analyse do chimico Barruel, 62 grammas (2 onças) de saes, de que 21 grammas (3 oitavas) de sulfato de soda e 34 grammas (mais de 1 onça) de sulfato magnesia. Esta quantidade de saes é mais que sufficiente para explicar as virtudes purgativas da agua de Pullna. A agua é fria, e não se emprega senão em bebida. Transportada, conserva as suas propriedades. Os saes, purgativos, juntos á lithia e ao bromureto de potassio que contém, communicão-lhe uma propriedade particular que faz com que uma agua mineral natural differe de uma solução salina artificial.

O modo de acção da agua de Pullna differe segundo a dóse em que se toma. Em dóse pequena, um quarto de copo até 1 copo augmenta o appetite, dá mais intensidade aos movimentos vitaes

e torna a absorpção mais facil. Em dóse grande, meia botija, termo médio, produz effeito purgativo, e constitue uma das medicações evacuanes mais brandas e mais seguras. Bebe-se em jejum. Não existe em Pullna estabelecimento thermal, visto que a agua não se administra em banhos.

PULMÃO. Algumas pessoas dão este nome a uma postema, a um leicença ou qualquer outro tumor.

PULMÕES ou **Bofes.** Os pulmões, órgãos da respiração, são dois corpos cellulosos, de fôrma cónica, contidos na cavidade do peito. Cada pulmão é coberto por uma membrana chamada *pleura*, e separado do pulmão do lado opposto pelo coração. O tecido do pulmão tem apparencia esponjosa; comprimindo-o com a mão ouve-se um ruido particular, produzido pela presença do ar no interior. A estructura do pulmão é bastante complicada; encontram-se n'elle canaes aereos, veias, vasos lymphaticos, nervos, etc. Os canaes aereos são os bronchios, continuação da traca-arteria; dividem-se no pulmão em um infinito numero de ramificações. Os pulmões são atravessados por toda a massa do sangue, que, sahindo das cavidades esquerdas do coração, vai para as cavidades direitas, depois de vivificado pelo acto da respiração. *Veja-se a figura dos pulmões no vol. I, pag. 173.*

MOLESTIAS DOS PULMÕES. O pulmão, sendo o órgão da respiração, está sempre em relação com o ar exterior; está exposto, por consequente, a todas a influencias das modificações atmosphericas. Da importancia que representa a respiração nos phenomenos da vida, facil é presumir quão sérias são as molestias d'este aparelho. São : *Apoplexia pulmonar* (*Veja-se vol. I, pag. 222*); *Cancro dos pulmões* (vol. I, pag. 458); *Escarros de sangue* (v I, p. 972); *Feridas do pulmão* (vol. I, pag. 1102); *Inflammação do pulmão* (*veja-se Pneumonia, vol. I, pag. 724*); e *Tisica*.

PULSO (JUNTA). Reunião da mão com o antebraço. (*Deslocação do*). *Veja-se vol. I, pag. 830.*

Pulso (*Torcedura do*). *Veja-se TORCEDURA.*

PULSO. Assim se chama o movimento das arterias produzido pelo affluxo do sangue, impellido para estes vasos pelas contracções do coração. Propriamente fallando, todas as arterias batem ou tem um pulso; mas como de ordinario não se explorão senão as pancadas da arteria da porção inferior do antebraço, entendem-se sempre estas pancadas quando se falla do pulso.

Nos primeiros dias do nascimento o pulso é mui frequente, e bate 120 a 140 vezes por minuto. Pouco a pouco perde a frequencia, e já no segundo anno dá só 100 pulsações, pouco mais ou menos. Até ahi conserva-se pequeno e fraco, mas na epoca da

puberdade adquire desenvolvimento e força, perde ainda alguma cousa da sua frequencia, e não bate senão 80 ou 90 vezes por minuto. Nos adultos é grande, forte, e dá só 65, 70 ou 80 pulsações. Nos homens altos é mais lento do que nos de pequena estatura. Torna-se raro nas pessoas de idade avançada; desce a 50 ou 60 pulsações; e bem que tenha perdido parte da sua força, offerece comtudo uma especie de dureza occasionada pelo augmento da densidade das paredes arteriaes, e mesmo por uma especie de ossificação d'ellas. Nas mulheres, o pulso experimenta modificações analogas aos progressos da idade; entretanto, conserva em geral, os caracteres que o distinguem durante a mocidade do homem. Os climas modificão-n'o tambem de maneira notavel. Assim, é frequente nos habitantes dos paizes quentes, raro nos habitantes dos paizes frios, e, segundo refere Blumenbach, dá, nos Groenlandezes, só 40 pulsações por minuto. Varia tambem nas differentes epocas do dia. Em geral, sua frequencia augmenta desde pela manhã até á noite, diminue de noite durante o somno, e volta na manhã seguinte ao gráo em que se achava no dia precedente. Depois de jantar é muito mais frequente, assim como depois da ingestão de café, chá, ponche, vinho, e outras bebidas alcoolicas. O andar rapido, a carreira, todos os exercicios do corpo, a tosse, os espirros, produzem n'elle effectos analogos. Porém as mais promptas perturbações são-lhe communicadas pelas impressões moraes; este phenomeno constitue um dos symptomas mais certos da existencia d'estas impressões.

A exploração do pulso é tão usual, que para o vulgo é, por assim dizer, o typo especial da visita do medico. Até as pessoas estranhas á arte de curar julgão que este exame é sufficiente para reconhecer a molestia, qualquer que ella seja.

Os medicos orientaes, especialmente os Chins, que dão grande importancia ás indicações fornecidas pelo estado do pulso, tem a pretensão de saber distinguir no oitavo mez da prenhez, qual será o sexo da criança que deve nascer; segundo elles, se é um rapaz; o pulso é sensivelmente mais forte no braço direito do que no esquerdo; é o contrario, se a criança esperada deve ser uma menina. É superfluo dizer que se enganão muitas vezes; mas, sem que a sciencia possa dar uma explicação racional d'este facto, esta observação ou este presagio realisa-se muitas vezes.

É todavia indubitavel que o estado da molestia imprime ao pulso mudanças notaveis, as quaes, juntas a outros symptomas, servem para descobrir a natureza da molestia. O pulso suprime-se na *syncope*, na *asphyxia* e em todos os casos de morte apparente; accelera-se e augmenta de força no principio de grande numero

de molestias. O pulso é *frequente* quando as pulsações são em maior numero do que devem ser n'um tempo dado; *febril* quando bate 90 vezes por minuto no adulto; é *precipitado* quando é mui frequente; *forte* quando resiste á pressão e bate fortemente contra o dedo que o comprime.

Torno a dizer, o pulso é uma das guias mais preciosas para o medico. Sendo preciso fazer ou reiterar uma sangria, applicar bichas ou administrar medicamentos tonicos, manter ou cessar a dieta, o exame do pulso o decidirá a tomar um partido. O enfraquecimento do pulso é sempre máo signal, e ainda peor a sua falta, salvo nos casos em que esta falta fôr só momentanea, como na syncope, por exemplo. A elevação e a frequencia do pulso não indicão febre senão quando estes caracteres são permanentes, quando se apresentam além das circumstancias proprias para accelerarem o pulso, e sobretudo quando são acompanhados de calor acre na pelle. Na descripção particular de cada molestia, se achão indicados os caracteres do pulso. Consulte o leitor, sobretudo, os artigos ASPHYXIA, FEBRE, DESMAIO, e HEMORRHAGIA; e como é util, em certas occasiões, saber-se tomar o pulso, indico aqui a maneira de fazer esta exploração.

Modo de explorar o pulso. Colloca-se o braço da pessoa que se quer examinar horizontalmente sobre a cama, em cima de uma mesa, sobre o joelho ou de qualquer outra maneira, com tanto que esteja em repouso e convenientemente sostido; applica-se um ou mais dedos sobre a face palmar do punho, na distancia da largura de um dedo da proeminencia da palma da mão que serve de base ao dedo pollegar. Fig. 414, Z A. N'este lugar a arteria radial achase superficialmente, e está apoiada contra o osso, de sorte que suas pulsações sentem-se facilmente; com a outra mão pega-se no relógio, e observa-se quantas pulsações ha no espaço de um minuto. Para maior commodidade, explora-se o pulso esquerdo com a mão direita, e o pulso direito com a mão esquerda.

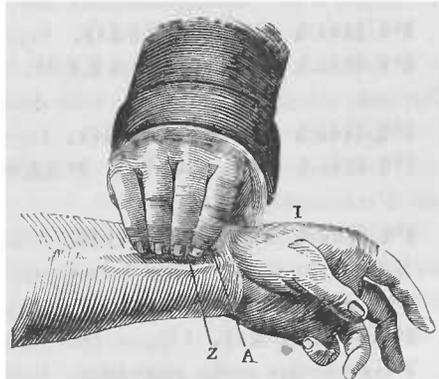


Fig. 414.
Modo de tomar o pulso.

O pulso do cavallo é de 32 a 38 por minuto; do burro e da

besta muar, 43 a 48; do boi e da vacca, 35 a 42; do carneiro; 70 a 79; da cabra, 72 a 76; do cão, 90 a 100.

PUNHALADA. *Veja-se FERIDAS.*

PUNHO ou **Pulso** (DESLOCAÇÃO DO). *V v. I, p. 830.*

PUPILLA ou **MENINA DO OLHO.** Abertura que se acha na parte média da membrana *iris*, e pela qual passam os raios luminosos que se dirigem ao centro nervoso do olho. A pupilla é redonda no homem; no boi é oblonga transversalmente; no gato é elliptica, e aproxima-se da linha vertical.

Pupilla artificial. Assim se chama a abertura que se pratica no iris para supprir a pupilla natural, quando esta falta, ou foi obliterada.

PURGA DE AMARO LEITE. *Veja-se BATATA DE PURGA.*

PURGA DE CABOCLO. *Veja-se CAYAPÓ.*

PURGA DO CAMPO. *Echites alexicaca*, Martius, Pequena planta que se encontra nos campos das diversas provincias do Brasil, da familia das Apocyneas. Caule sublenhoso, leitoso, de 30 a 43 centimetros de altura; folhas oppostas, quasi redondas, terminadas por uma pequena ponta; flores terminaes solitarias; ou dispostas em paniculas de poucas flores; corolla côr de rosa; raiz tuberosa, da fórma de nabo, de côr fusca por fóra e quasi branca por dentro. Esta raiz contém amido, materia extractiva, e uma resina á qual deve principalmente as suas propriedades. É purgativa na dóse de 4 a 8 grammas (1 a 2 oitavas), e administra-se na ictericia, e no engurgitamento das visceras abdominaes.

PURGA DE CARIJÓ. *Veja-se ESPELINA.*

PURGA DE CAVALLO. No Brasil, na provincia do Paraná, dá-se este nome á raiz do *Convolvulus ventricosus*, Manso.

PURGA DE GENTIO. *Veja-se ANDA-AÇÚ, CAYAPÓ.*

PURGA DE JOÃO PAES. *Veja-se CAA-ATAYA* e *BUCHA DOS PAULISTAS.*

PURGA DO PASTOR. *Echites pastorum*, Martius. Planta do Brasil, da familia das Apocyneas. Dão-lhe o nome de *jalapa* em S. Paulo. A raiz é purgativa, na dóse de 4 a 8 gram. (1 a 2 oit.).

PURGAÇÃO. *Veja-se BLENNORRHAGIA, FLORES BRANCAS.*

Purgação pelo ouvido. *Veja-se OTITE CHRONICA.*

PURGANTES. É o nome geral dos medicamentos que produzem evacuações alvinas. Esta classe de remedios contém, pela maior parte, substancias vegetaes, e entre as mineraes, apenas alguns saes e aguas salinas; não ha substancia alguma animal empregada como purgante. Os purgantes são mui numerosos; forão divididos; segundo a energia da sua acção, em tres classes: *laxantes, catharticos e drasticos.*

Os *laxantes* ou *minorativos* são os que exercem na economia uma acção pouco intensa, e purgão brandamente : entre os purgantes d'esta classe contão-se o mel de abelhas, a cannafistula, o manná, o oleo de amendoas doces, os tamarindos, as ameixas seccas, e o oleo de ricino. Os purgantes para o uso das crianças devem ser principalmente escolhidos n'esta classe.

Os *catharticos*, designados mais particularmente sob o nome de *purgantes*, contém as substancias seguintes : sulfato de soda ou sal de Glauber, sulfato de magnesia ou sal d'Épsom, cremor de tartaro, magnesia calcinada, sene, rhuibarbo; estes purgantes, sós ou combinados entre si, formão os purgantes usuaes, que se empregão mais frequentemente.

Os *drasticos* são aquelles que, sob um pequeno volume, tem a acção energica, e determinão sobre o tubo intestinal uma verdadeira irritação : ás vezes esta irritação persiste ainda depois do effeito purgativo. Os *drasticos* convem nos casos particulares em que é necessario produzir effeito prompto e energico, e determinar sobre o canal digestivo uma revulsão capaz de desviar uma molestia fixada em algum orgão importante, como, por exemplo, na apoplexia, na inflammação do cerebro. Os *drasticos* mais usados são : a escamonéa, a jalapa, a resina de jalapa, a gomma-gutta, as coloquintidas, o aloes, o oleo de croton tiglium. Este ultimo é extremamente violento; o seu emprego exige a maior prudencia, pois que já em minima dóse, como na de uma gottæ, diluida em uma chicara d'agua, determina dejeccões alvinas abundantes.

Os purgantes actuão determinando uma verdadeira irritação, mas momentanea e limitada nos seus effeitos. Esta irritação augmenta a secreção mucosa, o fluxo da bilis e das outras secreções; produz enfim a contracção dos intestinos, e apressa d'este modo a sahida das evacuações alvinas. Quando um medicamento d'esta natureza é ingerido, a pessoa experimenta ancias, fastio, nauseas, borborrygmos no ventre, colicas; depois manifesta-se a necessidade da defecação. Se a irritação purgativa fôr muito viva ou durar muito tempo, produz então o que se chama a superpurgação, e, ás vezes, até accidentes inflammatorios mais ou menos graves; existe então dór no ventre, mais ou menos consideravel, fêbre, calor extremo, inchação na barriga, dejeccões sanguineas, etc.

No dia em que se toma um purgante, o doente deve observar uma abstinencia mais ou menos completa de alimentos solidos, e depois de ingerido o purgante, logo que a primeira evacuação tiver lugar, deve beber em abundancia liquidos diluentes, taes como caldo de frango, chá da India, decocção de arroz, etc., já para acalmar

o que a acção do purgante poderia ter de demasiado forte, já para dar maior fluidez á evacuação; emfim, depois de cessado o effeito, convem não se volte aos alimentos senão gradualmente.

Um purgante produz evacuações que varião em numero, quantidade e qualidade ou natureza. O numero raras vezes excede de quatro a doze no estado ordinario; a quantidade é mui variavel e depende muito da molestia, e sobretudo da abundancia dos liquidos bebidos; a natureza varia conforme a das evacuações: as primeiras são fecaes e compostas dos residuos da digestão; mais tarde são mucosas ou serosas; seguem-se as dejecções biliares, e emfim as que se chamão aquosas, e que resultão das bebidas ingeridas. Os antigos medicos acreditavão em purgantes especiaes e na possibilidade de expulsar tal ou tal humor com tal ou tal substancia; assim tinhão cholagogos, hydragogos, phlegmagogos, pachimagogos porque julgavão que uns tinhão a propriedade de expulsar a bilis, outros a serosidade, estes a pituita, e os ultimos emfim todos os humores reunidos. O tempo deo cabo de todas estas hypotheses. Os liquidos serosos das evacuações resultão da exhalção intestinal; a mucosidade provém das pequenas glandulas que se achão na superficie dos intestinos; a bilis, da secreção mais abundante do figado, etc. Todas estas excreções podem produzir modificações favoraveis ao restabelecimento da saude; mas de nenhum modo é a sua existencia considerada como causa da molestia pelos medicos da nossa epoca.

As molestias em que se dão purgantes são mui numerosas; pôde-se até dizer que talvez não exista uma em que não tenham sido administrados com vantagem. Os catharticos e os drasticos não convem geralmente no momento da invasão de uma molestia, e no seu periodo de força. Os laxantes são os unicos de que se deve então fazer uso. É preciso para purgar, que os symptomas de irritação estejam acalmados: assim, a febre, a secura da lingua, a sêde, a grande agitação, as dôres do ventre, são outras tantas contra-indicações da medicação purgativa. Quando, pelo contrario, a lingua está humida, coberta de uma camada amarella, quando não ha sêde nem dôr na barriga, e quando este estado é acompanhado de fastio, os purgantes são então evidentemente indicados.

Purgante de Leroy. Dissolução em aguardente de escamonea, raiz de turbitho e jalapa, á qual dissolução se ajunta um xarope feito com sene. Ha tres grãos d'este purgante, conforme a quantidade das substancias purgativas empregadas. Administra-se na dóse de 1 a 4 colheres *de sopa*.

As substancias vegetaes purgativas indigenas do Brasil são:

amendoirana, anda-açú, batata purgativa, bucha dos Paulistas, cainca, cayapó, cereja de purga, cipó de suma, espelina ou toambo, gomma de batata, imbé ou tracuans, maleiteira, manacá, marinhoiro, maririçó, nhandiroba, pinhão de purga, purga do campo, purga de João Paes, purga do pastor, tayuyá, velame do campo.

PURGUEIRA. *Vêja-se* PINHÃO DE PURGA.

PURPURA ou **Tabardilho.** Dá-se este nome a uma molestia caracterizada pela erupção espontanea, na superficie do corpo, de pequenas manchas de côr e feição de mordeduras de pulgas, ás vezes muito maiores, formadas pelo sangue extravazado na espessura da pelle. Ha d'ella diversas especies :

1ª **Purpura simples.** Esta fórma, que só se observa na adolescencia e na mocidade, apparece, as mais das vezes, sem causa apreciavel. Principia de ordinario sem symptomas precursores; ás vezes depois de um ou dois dias de fastio e fraqueza. É caracterizada por pintas de côr rubra, semelhantes a mordeduras de pulgas, que não desaparecem pela pressão. Com estas pintas existem de ordinario largas ecchymoses, ou livores, que occupão lugares distinctos ou estão misturadas com as pintas. Estas nodoas são sobretudo numerosas nas pernas, lugares que ellas occupão ás vezes exclusivamente; encontram-se algumas vezes no rosto; n'este caso as palpebras e as conjunctivas apresentam ás vezes ecchymoses, que se mostram especialmente nas costas, nos pés, nas mãos e na face interna dos membros. As pintas e as ecchymoses não são acompanhadas de sensação alguma morbida da pelle; apparecem sem que o doente as sinta; só as percebe por acaso. Depois de ficarem estacionarias por algum tempo, as petechias tornão-se lividas, depois amarelladas; passados doze ou quatorze dias não resta vestigio algum da molestia. Mas quando se julga esta terminada, muitas vezes sobrevem uma nova hemorragia cutanea, semelhante á primeira. Por causa d'estas erupções successivas, a purpura póde persistir, em alguns individuos, durante muitas semanas, durante muitos mezes e mesmo annos.

2ª **Purpura urtigosa.** A erupção principia por pequenas pintas avermelhadas, salientes, acompanhadas de comichão quasi semelhante á que é produzida pela urticaria. Passados dois ou tres dias, estas pintas passão da côr rosea á livida, e depois desaparecem; mas em geral, mostrão-se outras. Esta fórma de purpura, na qual as pintas são algum tanto mais largas do que na purpura simples, dura, termo médio, um mez.

As duas fórmas precedentes da purpura existem, em geral, sem febre; todavia, ás vezes, são acompanhadas de alguma acceleração do pulso.

3ª Purpura senil. Esta forma consiste em uma erupção còr de vinho, que occupa as extremidades inferiores das pessoas idosas debilitadas, e desaparece de ordinario passados dez ou doze dias, sem ser acompanhada de perturbação nas principaes funcções.

4ª Purpura hemorrhagica. Pintas maiores que as precedentes, entresachadas de livores, acompanhadas de hemorrhagias frequentes, commummente das superficies internas. Assim, nas crianças predominão os fluxos de sangue pelo nariz; nos adultos, escarros e vomitos de sangue; nas mulheres, hemorrhagias uterinas. Os doentes ficão muito abatidos.

Causas. A purpura sobrevem quasi sempre debaixo da influencia de causas debilitantes; affecta especialmente as crianças, as mulheres, os individuos de constituição molle, enfraquecidos por uma molestia anterior, por má alimentação, por vigílias, pezares, e sobretudo pela habitação em lugares baixos e humidos: comtudo a molestia apparece ás vezes nas condições oppostas.

Prognostico. As purpuras simples, senil e urtigosa são quasi sempre benignas. A existencia das ecchymoses indica sempre uma disposição mais desfavoravel da economia do que quando ha sómente pintas. A purpura hemorrhagica, pelo contrario, é uma affecção grave.

Tratamento. A purpura simples desaparece quasi espontaneamente. Convem collocar o enfermo em bom ar, em casa bem arejada, bem secca, bem alumiada pelo sol, dar-lhe boa alimentação, e submettê-lo ao uso das limonadas de limão, de laranja, ou de vinagre.

Na purpura hemorrhagica, ao tratamento que acabei de indicar, deve-se ajuntar o uso das preparações adstringentes e tonicas, cujas receitas seguem:

1º Agua fria.	120 grammas (4 onças)
Agua de Rabel	20 gottas
Xarope simples.	30 grammas (1 onça).

Misture. Para beber uma colher *de sopa*, de 2 em 2 horas.

2º Perchlorureto de ferro liquido	
a 30º	1 gramma (20 grãos)
Agua distillada.	120 grammas (4 onças)
Xarope simples..	30 grammas (1 onça).

Misture. Bebe-se uma colher *de sopa* de 2 em 2 horas.

3º Pilulas ferruginosas de Vallet. 30.

Toma-se uma pilula, tres vezes por dia.

PUS. Liquido morbido, formado em seguida de um trabalho inflammatorio: vulgarmente dão-lhe o nome de *materia*. Este

producto varia segundo a natureza do orgão inflammado, o grão da inflammação, o character da chaga e a epoca da suppuração. O pus do tecido cellular é um liquido opaco, de um branco amarelado, de consistencia de creme, de cheiro particular, mais pesado do que a agua que elle torna leitosa pela agitação. O pus das membranas serosas é mais albuminoso. O pus das membranas mucosas participa mais ou menos da natureza do muco. Quando a inflammação é muito intensa, o pus, qualquer que seja a parte inflammada, faz-se seroso e sanguinolento. Os signaes que denotão a existencia do pus n'uma postema, achão-se indicados no artigo **ABCESSO**.

PUSTULA. Elevação pequena e circumscripta da pelle, rubra na base, amarellada no cimo, pejada de materia purulenta. As molestias caracterizadas por pustulas são : bexigas, vaccina, ecchyma, impetigo, acne, mentagra e tinha.

PUSTULA MALIGNA. *Veja-se* **CARBUNCULO**. V I, p. 481.

PUSTULAS VENEREAS. Tumores chatos, arredondados, humidos ou seccos, que se desenvolvem pelo corpo exteriormente, no anus ou nas partes genitae, nas pessoas atacadas de syphilis. Reclamão o tratamento interno da *syphilis*.

PUXOS. Vontade contínua, dolorosa e quasi inutil de ir á banca, acompanhada de calor no anus; observa-se na *dysenteria*. *Veja-se* Vol. I, pag. 870.

PYELITE. Inflammação dos calices e dos bassinets dos rins. Os symptomas e o tratamento são os mesmos que os da **NEPHRITE**.

PYLORO. Assim se chama o orificio inferior do estomago pela qual os alimentos passam ao intestino duodeno.

PYRETHRO. *Anthemis pyrethrum*, Linneo. Synanthereas-senecioides. Planta que habita na Turquia, Asia e Africa. É da mesma familia que a camomilla, e parece-se com ella. A raiz, que é de cheiro forte e sabor acre, entra na composição das tinturas dentificias, e das preparações empregadas contra as dôres de dentes.

PYRETHRO DO CAUCASO. *Pyrethrum carneum* ou *roseum*, De Candolle. Synanthereas-senecioides. Planta que habita na Persia. O oleo essencial, que contém esta planta, é nocivo aos insectos e outros animaes inferiores; pelo que as folhas e a raiz d'esta planta, reduzidas a pó, empregão-se com vantagem para destruir os persevejos, pulgas e moscas. Conhecem-se no commercio debaixo do nome de *pós contra os persevejos*, *insecticidio de Vicat* ou de *Ferrand*. Basta introduzir estes pós, por meio de um folle, nos lugares em que se escondem os persevejos, para destrui-los. Espalhados nos lugares em que pousão as moscas, matão-n'as em pouco tempo. Preservão tambem as lãs e outros estofos de serem roidos pelas traças. É uma substancia muito empregada.

PYRMONT. Allemanha. Aguas ferruginas frias, gazosas.

Itinerario de Pariz a Pyrmont. Estrada de ferro por Düsseldorf até á estação de Hoester 20 horas; carro d'esta estação até Pyrmont, 3 horas. Despeza 88 francos.

Pyrmont é uma cidade de 2,000 habitantes, situada no Waldeck, pequeno estado da Allemanha. Contém seis fontes distintas, todas frias, entre 10° e 17° centigrados, umas *bicarbonatadas ferruginosas* e mui gazosas, outras *chloruretadas sodicas*. As aguas ferruginosas são as mais importantes.

A fonte ferruginosa por excellencia é *Stahlbrunnen* ou *Trinkbrunnen*. A agua é limpida, de sabor de tinta de escrever; é atravessada por pequenas bolhas gazosas; a sua temperatura não excede 12 grãos centigrados. Segundo a analyse feita em 1857 por Wiggers contém por litro 2^g,57 das substancias solidas, e 777 centímetros cubicos de gaz acido carbonico. As principaes substancias solidas são bicarbonato de ferro e de manganez; contém tambem vestigios de arsenico. Esta fonte serve exclusivamente para o uso interno; bebe-se na dóse de dois a seis copos por dia. A fonte *Brodelbrunnen*, igualmente ferruginosa, alimenta o estabelecimento dos banhos, cuja organização é completa: contém 60 quartos de banhos, e duchas variadas. As aguas de Pyrmont gozão de propriedades tonicas, e empregão-se na chlorose e outras molestias caracterizadas pela debilidade. A estação thermal dura do 1° de maio a 15 de setembro.

PYROSE. Sensação de ardor que, do estomago, se propaga por todo o comprimento do esophago, e chega até á garganta, onde produz a impressão de um corpo irritante, de um ferro quente. É quasi sempre acompanhada de excreção abundante de saliva. Ha, ás vezes, nauseas e eructações. A pyrose ataca sobretudo as pessoas que se nutrem de alimentos gordurosos, de fritadas, de carnes ou peixes salgados, ou de qualquer outra substancia de difficil digestão. O *tratamento* consiste em remover as causas que produzirão a molestia; em comer com moderação, e usar, com preferencia, de alimentos vegetaes.

Q

QUADRIL (DÓR DE). *Vêja-se COXALGIA.*

QUAPOY (Caraiabas), **Apui** (Amazonas). *Clusia insignis*, Martius. Guttíferas. Arvore que habita no Brasil, nas provincias do Norte. Os estames da flor e o calice contém uma resina liquida, de côr rubra alaranjada, que, depois de secca, torna-se luzente e

de côr fusca; reduzida a pó é amarella; queimada, exhala um cheiro agradável. Não é soluvel na agua, dissolve-se, porém, no alcool e no ether. As indigenas da provincia do Amazonas preparam, com esta resina e manteiga de cacáo, uma pomada que empregão contra as rachas do bico do peito, durante a amamentação.

QUARENTENA. Assim se chama a demora mais ou menos prolongada n'um lugar isolado, chamado *lazareto*, em que se recolhem as pessoas affectadas de molestias consideradas como contagiosas, ou que chegão de paiz onde reinão essas molestias. Chamáráo-lhe *quarentena*, porque no principio a sua duração era de 40 dias; depois crearão-se quarentenas de 30, 15 e até de alguns dias. Estas providencias, bem que dictadas pela prudencia, estorvão o commercio e impedem a rapidez das communicações; além d'isso a sua utilidade é contestada.

As primeiras indicações que se encontrão sobre o uso de sequestrar os individuos affectados de molestias cuja transmissão se temia, achão-se nos livros sagrados para a *lepra* molestia chamada hoje *morphea*. Estas providencias precautorias forão desconhecidas dos povos civilizados da antiguidade: foi só durante as trevas da idade média, epoca de barbarismo e de superstição, que apparecêrão os lazaretos. O mais antigo é o de Veneza (1403); vem depois o de Genova (1467); seguio-se o de Marselha (1476); emfim a Hespanha não os possuiu senão em 1494, dois annos depois da completa expulsão dos Mouros. O que ha de curioso, e os algarismos podem-n'o provar, é que as pestes forão ainda mais frequentes depois do estabelecimento dos lazaretos. Os contagionistas verificarão isso sem darem por tal, relatando a serie das epidemias que atacárão essas differentes localidades; assim, o Dr. Frari, de Veneza, contagionista decidido, que escreveo sobre este assumpto, segundo os documentos authenticos conservados nos archivos de Veneza, reconheceo que, de 938 a 1403, ou durante 365 annos, houve 11 epidemias de peste; entretanto que de 1403, epoca da creação dos lazaretos, a 1630, ou durante 226 annos sómente, houve 16 epidemias. Bertrand, celebre contagionista, contou as pestes que, desde Jesus-Christo ate 1720, apparecêrão em Marselha; e notou vinte assim repartidas: 6 antes do lazareto em 1475 annos, e 11 depois no espaço de 244 annos!

Estas providencias, adoptadas pelo maior numero dos povos da Europa para os navios que chegão do Levante e da America, constituirão, até aos nossos dias, uma sorte de pacto sanitario concluido tacitamente sem obrigações reciprocas. Depois, convenidas da inutilidade das precauções quarentenarias, e vendo os

seus effeitos desastrosos para o commercio, a Inglaterra, a Austria romperão o paeto, e a França reduzio a duração das quarentenas, fazendo contar a duração da viagem.

Segundo a opinião dos contagionistas de boa fé, a peste, considerada como molestia cujo contagio é indubitavel, deixa de ser contagiosa depois de oito dias. Por conseguinte, quando um navio sahio de um porto infectado, e que no fim de oito dias, ou dez, se se quizer, não se tenha declarado um unico caso de molestia, não ha mais perigo, o navio póde ser admittido á livre pratica. Isto reduziria a duração da quarentena a dez dias, incluindo a viagem.

Ha alguns annos teve lugar em Pariz uma *Conferencia sanitaria* das principaes potencias maritimas da Europa, com o intuito de estabelecer uniformidade na applicação das quarentenas; uma convenção redigida em 27 de maio de 1853 obriga cada potencia a estabelecer lazaretos, e fixa o maximo e o minimo das quarentenas. Nos portos francezes do Mediterraneo, como *verbi gratia* Marselha, a quarentena para a peste era no maximo de 15 dias e no minimo de 10 dias; para a febre amarella 7, 5 e 3 dias; para a cholera 5 dias. Nos portos do Oceano atlantico, como Bordeos e Havre, era livre a pratica para o navio que chegava do porto inficionado de febre amarella, quando não havia casos de molestia nos dez ultimos dias da sua viagem.

A curta apparição que em 1861 fez a febre amarella em Saint-Nazaire, cidade maritima de França, situada nas costas do Oceano atlantico, deo motivo a um novo progresso na legislação sanitaria. Estudando-se de perto o modo de propagação do flagello, reconheceo-se que o perigo residia especialmente no porão dos navios, e que as precauções tomadas a respeito dos passageiros erão exaggeradas, todas as vezes que o navio estava arejado e se achava em condições satisfactorias de salubridade. O governo francez concedeo desde então aos passageiros novas facilidades, e ao mesmo tempo applicou aos navios, que entrassem nos portos do Oceano atlantico, providencias mais apropriadas, do que antecedentemente, ás exigencias da saude publica. Tal foi o objecto do decreto do Imperador dos Francezes, de 7 de setembro de 1863. Mas para que os portos do Mediterraneo pudessem colher o beneficio d'estas melhoras, urgente era modificar-se o regimen convencional, sob o qual os collocára o tratado sanitario concluido em 1853 com o gabinete de Turim. Foi para conseguir este fim que o Ministro dos negocios estrangeiros de França e o Ministro do Rei de Italia, assignarão a convenção cujo texto official se acha abaixo publicado.

As disposições d'este acto internacional não podem deixar de fixar a attenção dos outros governos europeos, igualmente desejosos de conciliar os interesses do commercio e dos viajantes, com as garantias que reclama a segurança das populações.

Decreto que determina as providencias de quarentena nos portos francezes e italianos do Mediterraneo,

« NAPOLEÃO ,

« Por graça de Deos e vontade nacional, Imperador dos Francezes, a todos os presentes e vindouros manda saudar.

« Segundo o relatorio do nosso ministro e secretario de Estado dos negocios estrangeiros, uma convenção tendo sido assignada em 24 de junho de 1864 entre a França e a Italia, para regular as providencias de quarentena nos portos francezes e italianos do Mediterraneo, a dita convenção cujo theor se segue, está aprovada, e será inserida no *Boletim das leis*.

« *Convenção.* O governo de Sua Magestade o Imperador dos Francezes e o governo de Sua Magestade o Rei de Italia, tendo encarregado o Dr. Melier, inspector geral dos serviços sanitarios de França, e o Dr. Bo, director geral da saude maritima do reino da Italia, de se reunirem em conferencia em Turim, para examina-rem se seria util applicar, aos portos francezes e italianos do Mediterraneo, as medidas applicadas ás arribadas com carta suja de febre amarella nos portos francezes do Oceano e da Mancha.

« Os dois governos, depois de se inteirarem do aviso expresso pelos seus delegados em 27 de abril de 1864, resolvêrão modificar, no sentido das disposições do decreto imperial de 7 de setembro de 1863, a convenção sanitaria internacional de 3 de fevereiro de 1853, e o regulamento annexo a esta convenção, de 27 de maio de 1853. Em consequencia d'isto, os abaixo assignados, ministro e secretario de Estado dos negocios estrangeiros de França, e enviado extraordinario e ministro plenipotenciario de Sua Magestade o Rei da Italia, devidamente autorizados para este effeito, concluirão as estipulações seguintes :

« Art. 1. Para o futuro, e por derogação ao artigo 50 do regulamento sanitario de 1853, cujo primeiro paragrapho é como aqui se declara : « *A duração da quarentena será a mesma para os navios, pessoas e fazendas,* » os passageiros, marinheiros, fazendas e navios, serão sujeitos a quarentenas de duração diversa.

« Art. 2. Quando as arribadas tiverem lugar com carta suja de febre amarella, quer seja por navios principalmente destinados para o transporte rapido dos passageiros, e tendo a bordo um medico sanitario, quer seja por navios de guerra reconhecidos

sãos, e quando os porões forem sufficientemente arejados durante a viagem, os passageiros e o empregado do correio, por derrogação ao artigo 4 da convenção sanitaria de 1853, serão immediatamente admittidos á livre pratica, se não sobreveio durante a viagem caso algum de febre amarella. — Quando, nas mesmas condições de navegação, tiver havido casos de febre amarella durante a viagem, a quarentena será de tres a sete dias para os passageiros e o empregado do correio. Segundo as circumstancias, uma decisão ministerial, provocada pelo relatorio da autoridade sanitaria local, poderá reduzir a menos de tres dias a duração d'esta quarentena, e até pronunciar a admissão immediata á livre pratica dos passageiros e do empregado do correio. Quanto aos marinheiros, ás fazendas e ao navio, ficarão submettidos ás medidas sanitarias prescriptas pelo regulamento de 1853.

« Art. 3. Os navios mencionados no artigo precedente, que não satisfizerem ás condições ahí exigidas, e geralmente os navios mercantes, serão, á sua arribada, com carta suja de febre amarella nos portos francezes e italianos, sujeitos ás disposições seguintes :

« Todas as vezes que se houver dado a bordo um ou alguns casos de febre amarella, quer seja no porto de partida, quer seja durante a viagem, a quarentena não poderá ser purgada senão em um porto com lazareto. Os passageiros, e todos os individuos cuja presença a bordo não fôr indispensavel, serão immediatamente desembarcados e tidos em observação. O navio será arejado e saneado á medida da descarga das fazendas; finda esta operação proceder-se-ha á cabal purificação de todas as partes do navio. Segundo o genero das fazendas, as caixas, fardos ou embrulhos serão ou arejados ou submettidos exteriormente aos vapores de chloro, e entregues depois ao commercio; ou depositados no lazareto para ali se sujeitarem ás purificações regulamentarias. — Se não tiver havido casos de febre amarella nem no porto de partida, nem durante a viagem, o navio previamente isolado; será arejado e saneado segundo as medidas prescriptas pelos regulamentos. As caixas, fardos e embrulhos serão transportados ao porto, para serem arejados e expostos aos vapores de chloro, antes da sua admissão á livre pratica. — Em um e outro caso, quando se haja reconhecido que o estado do porão não apresenta perigo algum, a autoridade superior poderá, segundo a proposta do director ou agente da saude, consentir se acabe no porto a descarga das fazendas.

« Art. 4. Os passageiros desembarcados com carta suja de febre amarella, quer seja dos navios ordinarios mercantes, quer seja dos paquetes, ou navios de guerra que não preenchessem as con-

dições prescriptas pelo artigo 2 da presente convenção, ficão sujeitos ás disposições ordenadas pela convenção e regulamento de 1853. Mas a duração da observação que se applica a estes passageiros, poderá, por especial decisão da autoridade superior, ser reduzida abaixo do minimo regulamentario.

« 5. Os regulamentos que determinão as providencias administrativas applicaveis de uma e outra parte, nos casos acima mencionados, deverão ser formulados de maneira que apresentem as condições de uniformidade, prescriptas pelo preambulo do regulamento sanitario de 1853.

« 6. A presente convenção, cujas disposições receberão a sua applicação a partir do 1º de julho de 1864, terá a mesma força que a convenção sanitaria internacional de 3 de fevereiro de 1853. Ficará sujeita á approvação dos soberanos respectivos.

« Pariz, em 24 de junho de 1864.

« Nosso ministro e secretario de Estado dos negocios estrangeiros fica encarregado da execução do presente decreto.

« Palacio de Fontainebleau, em 28 de junho de 1864.

« NAPOLEÃO. »

REGIMEN SANITARIO DA FRANÇA. *Providencias sanitarias no momento de partida.* Quando um navio sahe de um dos portos dos paizes em que reinão habitualmente affecções graves (peste, febre amarella, cholera), o consul da sua nação lhe remette um papel contendo a indicação do estado sanitario d'esse mesmo porto : é a *carta*. Se uma molestia, reputada contaminosa, reinar na occasião, a carta é *suja*; mas se a saude publica fôr boa, a carta chama-se então *limpa*. É a natureza da carta que determina a duração da quarentena, e a severidade das precauções exigidas antes do desembarque, tanto a respeito dos passageiros, quanto ao das mercadorias. Se o navio não trouxer, essa carta, ficará exposto a sujeitar-se ás consequencias da falta d'este documento nos portos a que se dirige.

Providencias sanitarias durante a viagem de mar. No Mediterraneo, os barcos a vapor, sujeitos á carta e destinados ao transporte dos passageiros, devem ter um medico a bordo. A este incumbe não sómente vigiar a saude da tripolação e dos passageiros, mas tambem assentar n'um registro especial, dia por dia, todos os factos e circumstancias que possão interessar a saude publica, e, á chegada, remetter a sua relação ás autoridades sanitarias. Se sobrevir um obito no mar, depois de molestia de character suspeito, os vestidos e os objectos da cama do defunto devem ser deitados

ao mar ou queimados, e todos os outros objectos a elle pertencentes cuidadosamente purificados.

Precauções sanitarias á chegada. Toda a embarcação, franceza ou de outra nação, que chegar a um porto francez do Mediterraneo, é submettida ás formalidades seguintes : Deve parar a certa distancia do porto, até que os agentes do serviço da saude tenham podido averiguar o lugar d'onde vem, e as condições geraes com que se apresenta.

Quando um navio chega com a carta limpa, e se o seu estado de saude não dá lugar a motivo algum de suspeição, é admittido immediatamente á livre pratica, salvo algumas excepções, quando o navio arriba da Turquia. — Quando chega com a carta suja, ou, ainda que tenha carta limpa, se acha em condições hygienicas capazes de pôr em perigo a saude publica, pôde ser submettido, ou a certas precauções hygienicas, ou á *quarentena de observação*, ou á *quarentena de rigor*.

Qualquer violação dos regulamentos sanitarios é punida com pena de morte se foi causa de communicação com paizes sujeitos á carta suja; com pena de 1 a 10 annos de prisão e de 100 a 10,000 francos de multa se produziu communicação prohibida com lugares, pessoas ou cousas que, sem se acharem sob o regimen de carta suja, não scrião de livre pratica, quer com pessoas ou cousas submettidas a quarentenas de differentes termos. — Aquelle que receber scientemente objectos ou pessoas, em contravenção aos regulamentos sanitarios, é punido com as mesmas penas que o portador d'estes objectos ou o delinquente preso em flagrante delicto. — Se a violação da lei não occasionou invasão pestilencial, a pena de morte pôde ser substituida pela reclusão e por uma multa de 200 a 20,000 francos. — Todo o agente do governo, capitão de um navio, todo o cirurgião ou empregado sanitario que, officialmente, alterou ou dissimulou certos factos susceptiveis de arriscar a saude publica, é punido de morte, se d'elles resultou uma invasão pestilencial; de galés, e de multa de 1,000 a 20,000 francos, quando mesmo não resulte d'isso invasão pestilencial; da degradação civica e da multa de 500 a 10,000 francos, se deixárão de informar dos factos do seu conhecimento, e que podião pela sua natureza occasionar a invasão pestilencial, ou se deixárão scientemente infringir ou infringirão elles proprios as precauções regulamentarias destinadas a preveni-la.

Lazareto. Como já deixei dito no começo d'este artigo, o lazareto é um edificio isolado de qualquer habitação, estabelecido em diversos portos de mar, e destinado á desinfecção dos homens e dos objectos, que vem dos lugares em que reina, quer

a peste, quer o typho, a febre amarella, a cholera ou qualquer outra molestia tida por contagiosa.

As pessoas que chegam dos paizes em que grassão as molestias consideradas como contagiosas, devem ser preparadas a submeter-se aos incommodos de uma quarentena mais ou menos prolongada n'um lazareto, e tomar as suas disposições a este respeito. O ponto importante, consiste em munir-se de algumas provisões e de objectos indispensaveis que não se obtem nos lazaretos senão difficilmente ou por preço muito elevado. As senhoras devem sobretudo, na previsão de uma morada forçada no lazareto, evitar de se embaraçarem de bagagens e de objectos de toucador. Os regulamentos sanitarios obrigão a expôr ao orvalho todos os objectos e mercadorias pertencentes aos viajantes de quarentena; além d'isto, estes objectos passam por fumigações e preparações, que não podem deixar de deterioral-os mais ou menos, ainda mesmo quando os empregados encarregados d'estas operações procedessem com toda a circumspecção possivel.

QUASSIA. *Quassia amara*, Linneo. Rutaceas-simarubeas. Arvore que habita na Jamaica, Guyana, e no Brasil nas provincias da Bahia e do Pará. Fig. 415. O lenho dos ramos e da raiz emprega-se em medicina sob a fórma de maceração em agua fria ou em vinho, como remedio tonico. A raiz é da grossura do braço, cylindrica, coberta de casca delgada, acinzentada e rachada; o lenho vem para o commercio em pedacos grossos, de côr branca



Fig. 415. — Quassia.

amarellada, leve, difficil de ser reduzido a pó, inodoro, de sabor intensamente amargo. — O macerato de quassia prepara-se deixando de mólho por 4 horas em 120 grammas d'agua fria, 1 gramma (20 grãos) de quassia. Esta dóse bebe-se n'um dia. O vinho de quassia prepara-se só macerando, durante dez dias, 30 grammas de quassia em 1000 grammas de vinho da Madeira, e coando o

liquido. O vinho de quassia administra-se na dóse de duas a seis colheres *de sopa* diarias. Nas pharmacias existem *copos de quassia* dentro dos quaes se deita agua, o que basta para a tornar amarga, ficando algum tempo nos ditos copos. N'um copo novo a agua fria torna-se amarga ao cabo de dois minutos; progressivamente deixa-se demorar mais, e passado algum tempo, é necessario reformar o copo. — O macerato e o vinho de quassia empregão-se nas escrophulas, flores brancas, opilação, inappetencia e em todos os casos em que é necessario fortificar a constituição com um remedio tonico.

QUEBRADO DAS COSTAS. V. CORCOVA e RACHITISMO.

QUEBRADURA, Rotura ou **Hernia.** Tomada na sua accepção mais lata, a palavra *hernia* exprime a sahida de um órgão fóra da cavidade que o contém normalmente. Todavia as palavras *quebradura*, *rotura* ou *hernia* são mais especialmente empregadas para designar a sahida do intestino ou da membrana chamada *epiploon*, atravez das aberturas naturaes ou accidentaes das paredes do ventre. Dão-se ás quebraduras nomes differentes, conforme a região do ventre em que se mostrão. A quebradura chama-se *inguinal*, quando é pequena e termina na virilha; *scrotal*, quando é mais volumosa e desce para o escroto; *crural*, quando se manifesta na dobra da coxa; *umbilical*, quando apparece na região do embigo. Vamos estudar primeiro as *quebraduras abdominaes em geral*, e depois as *quebraduras abdominaes em particular*, segundo o lugar que occupão.

§ 1. **Quebraduras abdominaes em geral.** *Causas.* As causas das quebraduras abdominaes são numerosas.

Um actuação diminuindo a resistencia das paredes abdominaes; taes são a gravidez, a gordura excessiva, as *hydropisias*, que as estendem excessivamente: tal é sobretudo a cessação rapida d'estes diversos estados, que deixa as paredes abdominaes mui relaxadas, e as aberturas mais extensas. O emmagrecimento depois de um estado de gordura consideravel, a laxidão das paredes produzidas pela gravidez, persistindo depois do parto, as feridas penetrantes do ventre, e mesmo as contusões violentas das suas paredes, são consideradas como causas predisponentes a hernias, porque a parede correspondente torna-se mais fraca. Outras causas augmentão a força que fazem as visceras contra as paredes da cavidade abdominal: taes são todas as profissões que exigem grandes esforços, o canto, a tosse, a equitação, os esforços violentos do parto, os de vomitos, os da defecação nas pessoas que soffrem de prisão do ventre, a força necessaria para a expulsão das ourinas nos individuos affectados de estreitamento da urethra, as quedas de um

lugar elevado. A acção das causas que acabei de indicar póde ser lenta ou gradual, quasi insensível. No começo, manifesta-se uma sensação de fraqueza em um ponto do ventre : depois observa-se uma inchação que augmenta com qualquer esforço dos musculos respiratorios. Às vezes, a apparição da quebradura é subita, instantanea : por exemplo, em uma quéda : o doente experimenta então dôr em um lugar determinado do ventre. Algumas pessoas apresentam uma disposição singular ás quebraduras : a menor causa, o mais leve esforço basta n'ellas para produzi-las. Julga-se tambem que a hernia é uma affecção hereditaria, porque a criança nasce com a mesma fraqueza original das paredes do ventre, com a mesma largura das aberturas, que os paes, opinião muito admissível. Estas crianças devem evitar, mais do que as outras, os saltos, os grandes esforços, as quédas e todas as causas que produzem as hernias.

Frequencia. A quebradura abdominal é uma molestia muito commum. As quebraduras inguinaes e cruraes são as mais frequentes; vem depois as umbilicaes. Em relação a estas tres, as quebraduras que apparecem nos outros pontos do ventre podem ser consideradas como mui raras. Segundo o Dr. Chaussier em 30 pessoas ha *uma* affectada de quebradura. A molestia é mais frequente nos homens do que nas senhoras. Segundo os calculos da sociedade das fundas que existe em Pariz, ha só 1 mulher para 5 homens affectados de hernias. O Dr. Malgaigne, que publicou obras importantes sobre este assumpto, apresenta a seguinte estatistica herniaria segundo os periodos da vida :

Antes de 1 anno	1 hernia em	21 individuos	
De 1 a 2 annos	1 —	29	—
De 2 a 3 annos	1 —	37	—
De 5 a 13 annos	1 —	77	—
Aos 20 annos.	1 —	32	—
Aos 28 annos...	1 —	21	—
De 30 a 35 annos...	1 —	17	—
De 35 a 40 annos	1 —	9	—

A proporção fica estacionaria até 50 annos; depois chega a $\frac{1}{6}$; de 60 a 70 annos a $\frac{1}{4}$; de 70 a 75 annos quasi a $\frac{1}{3}$ pelo menos nos homens; pelo que em 3 homens de 70 a 75 annos de idade ha um quebrado.

A influencia das profissões é incontestavel; quanto mais a profissão ou occupação fôr penosa e exigir esforços, tanto mais expõe ás hernias. As profissões que obrigão a estar em pé expõem mais do que as accupações sedentarias. Os pedreiros, os homens que carregão grandes pesos, são mais frequentemente affectados do

que os teelões, sapateiros, etc. As hernias são mais frequentes do lado direito que do esquerdo, porque de ordinario os esforços fazem-se mais com o braço direito do que com o esquerdo.

Symptomas. Os caracteres pelos quaes se pôde reconhecer a presença da quebradura são numerosos. Deve-se suspeitar a existencia d'esta molestia quando se pereebe um tumor mais ou menos volumoso na virilha, raras vezes em algum outro ponto do ventre; este tumor é molle, coberto de tegumentos são, de côr natural, e não é sensivel á simples applicação da mão; comprimido levemente quando o doente tosse, deixa sentir distinctamente que tende a augmentar. A posição reeta ou o andar produzem o mesmo effeito, ao passo que a posição horizontal diminue-lhe o volume.

Uma quebradura reductivel, sem ser necessariamente acompanhada de accidentes graves, dá lugar entretanto, quando não reduzida, a ineommodos multiplos. Os doentes experimentão nauseas, vomitos, indigestões, colicas, prisões de ventre; todas as funcções que exigem certo emprego de forças são penosas, o tumor ineommoda o andar; a quebradura, emfim, assim deixada, fica exposta a ser estrangulada; accidente gravissimo, e que pôde fazer perigar a vida do doente.

O intestino que sahe por uma abertura das paredes abdominaes empurra diante de si a membrana ehamada *peritoneo*, que fornece assim ao orgão deslocado um envoltorio chamado *sacco herniario* ou *sacco peritoneal*, communicando com a eavidade abdominal por uma abertura ehamada *orificio do sacco*. Este orificio eorresponde á abertura da parede abdominal pela qual sahio a hernia; a parte mais estreita eomprehendida entre o orificio e o lugar em que eomeça a dilatação do sacco tem o nome de *collo do sacco*.

Tratamento. As indicações das quebraduras são : reduzir os orgãos sahidos e mantê-los assim reduzidos. Logo que um individuo affectado de quebradura sentir que ella torna a apparecer, deve deitar-se, evitar de fallar, e por meio de almofadas, manter a bacia levantada, e as pernas encolhidas. O doente assim deitado deve tentar a redução da quebradura. Para este fim tomará, eom uma das mãos, o tumor pelo seu fundo e o dirigirá em differentes sentidos, comprimindo-o, afim de repartir igualmente os gazes e as materias que encerra; e, em quanto que a outra mão sustem seu pediculo para impedir que os intestinos se apresentem todos de uma vez á abertura, comprimido-lo-ha brandamente para obriga-lo a entrar no seu lugar. Quando estas tentativas são feitas regularmente, consegue-se a redução do tumor. A mão do doente deve estar ainda applicada exactamente sobre o ponto que foi occupado pela quebradura, até que se lhe ponha uma funda.

Esta preenche cabalmente o fim a que se applica, quando nem a tosse nem algum outro exercicio um pouco forte não fazem reaparecer o tumor. No artigo *funda* já tratei das condições que ella deve apresentar, e indiquei as figuras d'estesapparelhos; devo dizer n'este lugar que, salvo se o doente fôr sujeito a frequentes accessos de tosse, a funda deve ser tirada durante a noite; porque na posição horizontal os intestinos tendem antes a entrar do que a sahir. Esta pratica, que torna a compressão intermittente, allivia a pelle e impede que esta se inflamme pelo effeito da compressão contínua. Se, entretanto, sobrevier este accidente, será preciso applicar, debaixo da almofadinha da funda, um panno fino. Quando a hernia sahe pelo menor movimento do corpo, é preciso trazer a funda durante o dia e durante a noite.

Em alguns casos, o uso por muito tempo das fundas basta para operar a cura radical da molestia; mas estes exemplos são raros e encontrão-se sómente em individuos muito jovens. Nos adultos e nas pessoas idosas, as fundas não devem em geral ser consideradas senão como meios auxiliares e palliativos. A sua insufficiencia foi sempre reconhecida, e muitos cirurgiões tem buscado outros meios de obter a cura radical das hernias; mas as diversas operações que se tem imaginado forão julgadas inuteis ou perigosas. Não ha outros remedios para curar a quebradura. A applicação da funda por um ou dois annos nas pessoas que tem menos de 12 annos é geralmente seguida de cura radical; de 12 até 20 annos, ha tambem esperanza de curar com a funda, mas as pessoas devem trazê-la por mais de dois annos; de 20 a 25 annos, a probabilidade de cura diminue, mas ainda existe: são mui raros os casos de cura nas pessoas que excedem 25 annos. Os banhos frios ajudão a cura. A cura radical pelas fundas póde ainda ser obtida nos adultos nos casos de hernias recentes, accidentaes e promptamente reduzidas. Póde-se favorecer tambem esta cura radical, e obtê-la mesmo pelo unico emprego da *posição deitada*, muito tempo prolongada.

O *decubito prolongado* é um dos meios propostos desde muito tempo; não é inverosimil que possa produzir a cura completa, mas em quantos mezes semelhante resultado é possivel? Ninguem póde dizê-lo. Além d'isto, aonde achar doentes que consentirão em ficar muito tempo no decubito dorsal para uma cura incerta. Deve comtudo dizer-se, em prol d'este methodo, que elle foi preconizado por muitos medicos. Citão-se mesmo exemplos de pessoas affectadas de quebradura, e que, forçadas a ficar muito tempo de cama por causa de outras molestias, se achárão curadas das quebraduras, bem que estas fossem antigas e volumosas.

Resulta d'aqui que este methodo não deveria ser desprezado nas crianças e mesmo nos adultos que consentissem em ficar deitados na cama por muitos mizes.

Ao *decubito dorsal*, para obter a cura definitiva da hernia, é preciso accrescentar a *compressão* com a funda. Mas n'este caso não é necessario que a funda seja elástica. As chapas de sparadrapo de diachylão gommado, postas umas em cima das outras, bastão nas crianças para curar as quebraduras umbilicaes; uma compressão qualquer, [convenientemente praticada, chega ao mesmo resultado. O mecanismo da cura por este methodo é mui simples. A pressão determina a inflammação do sacco da quebradura, e a adherencia de suas paredes. Se o doente engordar, esta circumstancia ha de favorecer a cura.

Á posição horizontal e á compressão pelas fundas, alguns medicos modernos quizerão associar applicações tonicas e adstringentes, ideia já concebida pelos antigos, mas abandonada por causa da sua pouca efficacia. É assim, que forão aconselhadas cataplasmas de farinha de cevada e de favas, nas quaes se fazião entrar aloes, mastique, bolo de Armenia; applicava-se tambem limalha de ferro, pós de sangue drago, saquinhos de pós de casca de carvalho, de noz de galha, a pelle de peixe-boi, etc.; mas estas diversas applicações tem pouco effeito; as curas, que se obtiverão com o seu auxilio, devem attribuir-se ao decubito, a que os doentes forão submettidos por muito tempo.

Complicações das quebraduras. As complicações das quebraduras são: 1º irreductibilidade; 2º entupimento; 3º estrangulação; 4º gangrena; 5º anus anormal.

1º **IRREDUCTIBILIDADE.** As quebraduras que não forão reduzidas quando apparecêrão, podem tornar-se irreduziveis com o progresso do tempo: umas pela accumulção da gordura no epiploon; outras por adherencias das visceras ao sacco formado pela membrana serosa do ventre, chamada *peritoneo*. Quanto ao sacco, este é quasi sempre irreduzivel.

O unico *tratamento* contra a irreductibilidade simples é palliativo. Consiste em impedir o desenvolvimento da quebradura. Sendo a quebradura volumosa, sustenta-se com um suspensorio; sendo de pequeno volume, póde empregar-se uma funda com almofadinha concava em fórma de colher.

2º **ENTUPIMENTO.** Consiste em um obstaculo á circulação das materias intestinaes pela accumulção dos gazes ou das materias mais ou menos solidas. É um accidente mui raro. Póde ser determinado pela presença dos corpos estranhos na porção do intestino deslocado, pelos vermes intestinaes que podem oppôr-se á reduccão

da quebradura. Encontra-se sobretudo nas pessoas idosas, que tem hernias antigas e não as reduzem. Na quebradura entupida o tumor é volumoso, pouco doloroso, mesmo quando comprimido; a sua consistencia é variavel. As evacuações alvinas são supprimidas; o ventre está inchado, pouco doloroso; depois sobrevem nauseas, vomitos; este accidente termina por evacuações abundantes, ou complica-se de uma verdadeira estrangulação. O tratamento do entupimento é o seguinte : repouso na cama no decubito dorsal, esforços moderados de redução da hernia para repellar no ventre as materias accumuladas no intestino deslocado, um clyster com 60 grammas d'oleo de ricino, um banho morno prolongado, um purgante de magnesia calcinada ou de oleo de ricino.

3º ESTRANGULAÇÃO. Dá-se este nome á constricção do pediculo de uma quebradura, com intensidade tal que não sómente o curso das materias intestinaes se acha interrompido, mas tambem o sangue não pôde circular nos vasos dos órgãos deslocados. A estrangulação é um dos accidentes mais frequentes e mais graves que podem apresentar as quebraduras. Encontra-se sobretudo nos adultos, e nas pequenas hernias. As quebraduras habitualmente contidas pelas fundas estrangulão-se muito mais frequentemente do que as outras. As mais das vezes a estrangulação manifesta-se nas quebraduras antigas; mas não é raro vêr uma quebradura estrangular-se no momento mesmo da sua formação. Sobrevem em consequencia de violentos esforços, de uma indigestão, do entupimento ou da inflamação da quebradura. Uma causa frequente consiste na applicação d'uma funda malfeita, ou na negligencia do doente que cessa de trazer a funda. Na maior parte dos casos, a estrangulação é produzida pelo collo do sacco herniario, que experimentou modificações anatomicas; em alguns casos, entretanto, a hernia acha-se estrangulada pela abertura fibrosa que lhe deo passagem; pela torsão da porção intestinal deslocada, pelas bridas fibrosas que atravessão o sacco, e por uma perforação das paredes do sacco.

Symptomas. A estrangulação pôde apparecer de maneira subita, ou sobrevir gradualmente. A fórma lenta acaba por apresentar os mesmos symptomas que a fórma rapida. A estrangulação subita, que sobrevem ordinariamente em consequencia de um esforço, é marcada, no momento em que se produz, por uma *dôr viva*; ao mesmo tempo não é raro observar vomitos, formados, nos primeiros momentos, de materias alimentarias, resfriamento da pelle, pulso fraco, e abatimento geral. Estes symptomas acalmão-se, depois são substituidos pelos phenomenos proprios á retenção das materias fecaes. O tumor, que se tornou irreduzivel, é a séde de

dôres espontaneas, que a compressão augmenta, e que se propagaõ á cavidade abdominal. Os vomitos tornão a apparecer; são formadõs de materias biliosas, e mais tarde de substancias com o cheiro de materias fecaes. Sobrevem prisão de ventre. Entretanto o doente affectado da quebradura estrangulada pôde ainda ter uma ou duas evacuações, que são produzidas pelas materias contidas na porção inferior do intestino. Nos primeiros momentos a côr da pelle não está alterada ao nivel da quebradura; mais tarde toma côr rubra mais ou menos intensa. O ventre incha, por causa da accumulacão dos gazes na porção superior do intestino. Sobrevem abatimento geral physico e moral. O doente deita-se sobre o dorso; a face fica pallida, os olhos fixos e sem expressão. O corpo resfria e cobre-se de um suor viscoso; os pés e as mãos tornão-se de côr violacea. O pulso fica muito fraco, a temperatura do corpo abaixa. Existe prostracão extrema; o doente difficilmente responde ás perguntas que se lhe fazem. No fim, o soluço, symptoma de máo agouro, substitue os vomitos. Em alguns casos os symptomas seguem-se lentamente: durante 3 ou 4 dias, o estado geral é pouco grave, e só no fim d'este tempo é que se manifestão claramente os symptomas de estrangulacão. Mas as mais das vezes os symptomas tem a marcha rapida, e no espaço de 24, ou 36 horas, estão muito patentes. Se não se interveio, a morte sobrevem do terceiro ao oitavo dia.

Terminação. A terminacão do estrangulamento é variavel, em consequencia da intervençãõ do cirurgiãõ: fallarei d'ella no tratamento. Não é menos variavel quando se abandona o estrangulamento a si mesmo. N'este ultimo caso, com effeito, a morte sobrevem quasi sempre; em alguns casos raros o enfermo pôde entretanto sarar. A morte pôde ser occasionada pela intensidade dos phenomenos geraes, pela gangrena, e pela peritonite. Comprehende-se como os phenomenos geraes, deprimindo as forças, produzem a morte. Quando a *gangrena* ataca o intestino estrangulado, o enfermo experimenta uma remissão dos symptomas locaes, e uma sensaçãõ de bem-estar que lhe faz esperar uma cura proxima.

Mas o detrito gangrenoso e as materias intestinaes cahem no sacco, inflammão-n'o e tornão-se uma causa de abcesso. A *peritonite* pôde produzir a morte. Em casos raros, em que sobrevem a *cura*, a reducção do intestino sobrevem espontaneamente ou em consequencia dos esforços do doente. Na maioria dos casos, quando a estrangulacão não determina a morte, o intestino estrangulado gangrena-se em parte ou em totalidade, sobrevem um abcesso, que se abre; as materias intestinaes continuão a atravessar a cavidade

purulenta; estabelece-se um tracto fistuloso que constitue um *anus anormal*.

Tratamento da estrangulação.

Logo que o individuo sentir dôr na quebradura sahida de repente, deve immediatamente deitar-se sobre o dorso, para favorecer a entrada do tumor, e reclamar os soccorros de um cirurgião habil. Antes da sua chegada, tome clysteres d'agua morna para evacuar as materias, e faça algumas tentativas para obter a redução, do modo que está indicado no Tratamento geral das hernias (vol. II, pag. 798); mas, se vir que são infructuosas, não as continuará. Grandes inconvenientes resultarão de manobras mui prolongadas. Que se fará, por consequente, antes da chegada do cirurgião? Cobrir o tumor com cataplasmas de linhaça, metter-se n'um banho quente por espaço de mais de uma hora; depois d'isto, tentar de novo a redução do tumor. É imprudente tomar purgantes violentos, porque podem produzir a rasgadura do intestino no lugar estrangulado. As tentativas para reduzir o tumor devem ser continuadas por 20 a 30 minutos. No momento em que a hernia entra, ouve-se muitas vezes um ruido caracteristico. Então as desordens digestivas desapparecem, as evacuações sobrem no fim de algumas horas, e o doente volta ás suas occupaões.

Favorece-se tambem a redução da quebradura com applicação sobre o tumor de pannos molhados em agua fria, e melhor ainda pela applicação do gelo. Um clyster com a infusão de folhas de tabaco foi ás vezes seguido de bom resultado. Este clyster prepara-se fervendo por um quarto de hora 2 grammas (40 grãos) de folhas seccas de tabaco em 500 grammas (16 onças) d'agua, e coando o liquido. Um só clyster é sufficiente; dois clysteres semelhantes seriam perigosos, por causa das propriedades narcoticas das folhas de tabaco.

Se ao cabo de meia hora as tentativas de redução não forem seguidas da entrada da quebradura, é preciso recorrer á operação; é o unico meio de salvar a vida do doente. Operando cedo as quebraduras estranguladas, ao cabo de 24 horas, por exemplo, ha muita probabilidade de cura, porque podem salvar-se nove doentes em dez; mais tarde, no quarto dia, salvão-se sómente quatro em cinco operados, e mesmo tres em quatro, e assim successivamente.

A operação tem por fim fazer cessar o estrangulamento. Faz-se a incisão com cautela camada por camada até ao sacco herniario; abre-se este com muita precaução para não perforar o intestino; introduzindo depois um bisturi, corta-se o collo do sacco e o anel, de modo a alarga-lo e permittir a entrada dos intestinos. Se exis-

tisse gangrena, seria preciso cortar a porção mortificada e estabelecer um anus anormal.

§ 2. **Quebraduras abdominaes em particular.** No artigo precedente deserevi as quebraduras abdominaes, e as suas complicações, consideradas de uma maneira geral. Todos os phenomenos, que passei em revista, podem mostrar-se em quasi todas as variedades: ha eomtudo alguns caracteres particulares segundo a região que as quebraduras occupão. Já disse que as quebraduras tomão o nome da região em que se mostrão. Não podendo repetir as generalidades, tratando de cada quebradura em particular, devo prevenir o leitor de que a leitura d'este paragrapho deve ser precedida do das quebraduras em geral.

Quebradura inguinal. Dá-se o nome de *quebradura inguinal* á deslocação do intestino ou do epiploon atravez do canal inguinal. O *canal inguinal* é um trajecto de 4 a 5 centímetros de comprimento, situado por cima da dobra da coxa cuja direcção segue. No homem dá passagem ao cordão espermatico; na mulher, encerra sómente um ligamento chamado redondo.

A quebradura inguinal é 16 vezes mais frequente do que todas as outras; e a proporção das quebraduras inguinaes do homem, para as da mulher está na razão de 4 para 1. Quando é completa, no homem, desee até ao escroto. Póde formar-se, quando a comunicação entre a tunica vaginal do testiculo e o peritoneo não está ainda obliterada, o que tem lugar pouco tempo depois da naseença, ou sobrevem quando esta separação já existe. No primeiro easo chama-se *quebradura congenial*, no segundo *quebradura ordinaria*, *quebradura do adulto*.

Symptomas. A quebradura inguinal é formada sobretudo pelo intestino delgado e pelo epiploon; mais raras vezes pelo intestino grosso. Conhece-se pela situação do tumor na virilha, e pela sua extensão até ao escroto. A fórma do tumor é pyriforme; a ponta perde-se no canal inguinal, a extremidade grossa está situada no escroto, *no homem*, na virilha e no grande labio, *na mulher*. Este tumor não é doloroso; a pelle que o cobre não apresenta mudança de côr; comprimido entra na cavidade abdominal; augmenta de volume em consequencia de um esforço ou pela posição vertical; desaparece pela posição horizontal. Este tumor apresenta, aliás, todos os symptomas physicos e funcionaes que deixei indicados nas hernias em geral (pag. 798).

Tratamento da quebradura inguinal. O tratamento consiste em reduzir o tumor por meio da compressão favorecida pela posição horizontal, e mantê-lo reduzido por meio da funda. A compressão, cujo termo medico é *taxis*, deve ser dirigida obliquamente para

cima e para fóra. O modo de reduzir o tumor está indicado no tratamento das hernias em geral (vol. II, pag. 798).

Nas crianças recém-nascidas, e nas de maior idade, a hernia inguinal deve ser reduzida e contida quanto antes. Com esta precaução, o crescimento da criança doente, as mudanças que se operão na espessura das paredes abdominaes e em todos os órgãos, fazem com que se possã contar sobre a cura radical no espaço de seis mezes, um anno, dois annos, ao mais tardar. Para conter a quebradura, nas crianças recém-nascidas, emprega-se uma almo-

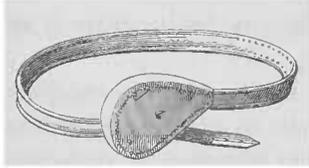


Fig. 416.

Funda franceza
para a quebradura inguinal
simples.

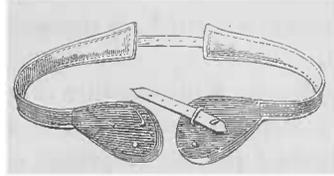


Fig. 417.

Funda franceza
para duas virilhas, com molas
separadas.

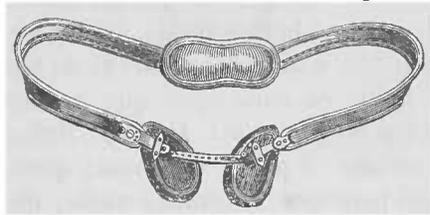


Fig. 418.

Funda franceza para a quebradura inguinal dupla.

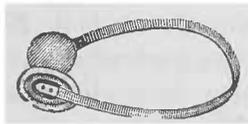


Fig. 419.

Funda ingleza
para a quebradura inguinal
simples.



Fig. 420.

Funda ingleza
para a quebradura inguinal
dupla.

fadinha de panno de linho, que se fixa com atadura cujas voltas passão ao redor do corpo e se cruzão na virilha em volta da coxa. Outros fixão a almofadinha com um cinto de panno ao qual ella está presa pela parte superior; uma fita, solidamente fixada á parte inferior da almofadinha, passa entre as coxas e vem atar-se á parte posterior do cinto. Nas crianças de dois mezes e mais convem empregar fundas com molas elasticas, semelhantes ás que se empregão nos adultos, com a differença de que a mola é muito menos forte. As figuras 416, 417, 418, 419, 420 representão as

fundas empregadas contra as quebraduras inguinaes. No artigo *Funda* achará o leitor mais esclarecimentos a este respeito.

Complicações. A quebradura inguinal póde apresentar todos os accidentes que deixei indicados tratando das quebraduras em geral.

Quebradura crural. Chama-se *quebradura crural* a um tumor na parte anterior e superior da coxa, formado pelo intestino que sahio por baixo da borda tendinosa chamada *arcada crural*. A *arcada crural* é a margem da aponevrose do musculo grande obliquo da parede abdominal, que se estende da espinha iliaca antero-superior até ao osso do pubis; é uma especie de corda que corresponde á virilha, e que estabelece o limite entre o ventre e a coxa.

Symptomas. A quebradura crural, no seu começo, escapa muitas vezes á attenção do enfermo e mesmo ao exame do medico. Para conhecê-la é preciso empregar o meio seguinte: o dedo applicado na parte superior da coxa procura a arteria femoral, e, achando-a, sente-lhe as pancadas; muda-se então a posição do dedo e applica-se para dentro da arteria, comprime-se o lugar; e faz-se tossir o doente; se o intestino vier a tocar o dedo, existe a hernia crural. No gráo mais adiantado a hernia forma um tumor globoso ou oval situado na parte média e um pouco interna da virilha; este tumor apresenta aliás todos os caracteres que pertencem ás hernias (veja-se *Quebraduras em geral*, vol. II, pag. 798). A hernia crural não penetra no escroto; é pouco volumosa; quando augmenta de volume estende-se para fóra; o tumor é molle, quasi sub-cutaneo; parece que o dedo comprime directamente os órgãos n'elle contidos.

Causas. Quasi nunca as quebraduras cruraes apparecem nas crianças recém-nascidas. São raras antes da idade de 20 annos. As suas causas são as mesmas que as das quebraduras em geral. Não se observão tão frequentemente como as quebraduras inguinaes; a proporção d'estas para as hernias cruraes está na razão de 20 para 1; as quebraduras cruraes são menos frequentes nos homens do que nas mulheres, porque nas mulheres a arcada crural é mais larga do que nos homens.

Prognostico. É mais grave do que o da quebradura inguinal, porque a cirurgia não possui meio algum para obter a sua cura radical, e os meios de a conter são menos perfectos do que os empregados para manter a hernia inguinal. A presença do ligamento, da arteria, da veia e do nervo crural, torna difficil a compressão pela funda da abertura que deo passagem ao intestino. Além d'isto, a flexão da coxa muda de lugar a funda, de sorte que a hernia crural está sempre bastante mal mantida. A estran-gulação observa-se frequentemente n'esta especie de hernia.

Tratamento. Em primeiro lugar é preciso reduzir o tumor. Deita-se o doente sobre o dorso, com a cabeça dobrada sobre o peito e o peito inclinado sobre a bacia; as coxas devem ser dobradas em angulo recto e os joelhos approximados. As partes fibrosas que concorrem para formar a abertura crural achão-se d'esta maneira relaxadas. Sendo a quebradura pouco volumosa, e ainda contida no canal, a redução é facil: os intestinos serão repellidos de baixo para cima e um pouco de dentro para fóra; se pelo contrario a hernia fôr mais desenvolvida, é preciso comprimi-la de diante para traz, e quando entrar no canal crural propriamente dito repellir-se-ha na direcção acima indicada, de baixo para cima e de dentro para fóra. As fundas para as hernias cruraes são semelhantes ás da quebradura inguinal, á excepção de que a almofada ou bola deve ter pouca largura, para não embaraçar a flexão da coxa; a curva da mola que inclina para baixo a almofada deve ser mais forte do que na funda inguinal. A almofada deve achar-se mais para fóra, e 12 ou 15 millimetros mais baixa do que na quebradura inguinal.

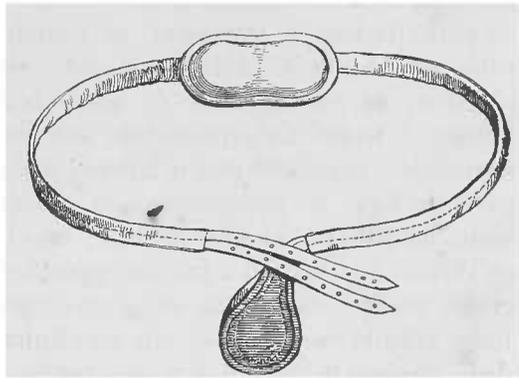


Fig. 421.

Funda de Poullien
para a quebradura crural do lado esquerdo.

O tratamento das *complicações* é o mesmo que se acha indicado nas *quebraduras em geral*. A funda para as quebraduras cruraes está representada na fig. 421. A sua descripção acha-se no artigo FUNDA, vol. I, pag. 4215.

Quebradura umbilical. *Veja-se* vol. I, pag. 901.

QUEBRADURA DOS OSSOS. *Veja-se* FRACTURAS.

QUEBRANTOS. *Veja-se* FIGA.

QUÉDA. As quédas são um dos accidentes mais ordinarios da vida. No maior numero de casos, não tem importancia nem merecem de modo algum a menor attenção; outras vezes, pelo contrario, dão lugar a lesões tão graves, que a existencia fica mais ou menos proxivamente ameaçada.

Os resultados ordinarios das quédas são contusões ou esfoladuras, o que se observa quando a quéda foi dada de pequena altura sobre uma superficie muito igual, o chão, por exemplo. Quando

um individuo cahe de lugar mais elevado sobre corpos duros, sobre um terreno calçado, não é raro que a quéda seja acompanhada de ferida contusa das partes molles, e até de fracturas ou luxações. Emfim, quando a quéda é dada de lugar mui elevado, a morte póde segui-la instantaneamente; o que acontece ordinariamente quando ella tem lugar do segundo ou terceiro andar de uma casa, ou do alto de um edificio. Existem, comtudo, casos excepçionaes em que uma quéda pouco consideravel, da altura do individuo, sobre um plano pouco resistente, traz comsigo accidentes mui graves, entretanto que, dada de lugar extremamente alto, só produz desordens pouco importantes em comparação aos que poderia ter occasionado. O celebre cirurgião Barão Dupuytren contava nas suas lições a historia de um official caiador que, trabalhando da parte de fóra de uma casa, no setimo andar, do lado de um páteo muito estreito, estava collocado, como costumão fazer esses obreiros, na extremidade de um taboão apoiado pelo meio á janella, e tendo na extremidade interna um individuo que fazia contrapeso. Largando este o taboão, seu camarada, que estava da parte de fóra, foi precipitado com violencia no páteo. Cahio primeiro na janella do andar inferior, mas do lado opposto, quebrou os vidros, foi lançado á janella opposta do andar inferior, e descreveo assim uma quéda em ziguezague até ao chão. Pensavão todos acha-lo morto; mas elle não tinha senão uma feridinha no dedo minimo de uma das mãos, occasionada por um pedaço de vidro, e uma fractura do osso da palma da mão, correspondente a este dedo. Pôde ir a pé até ao hospital, e não tardou muito em ficar bom.

Ha já muitos annos, fui eu chamado a uma casa da rua da Assembléa, no Rio de Janeiro, para ver um criulinho de dois annos que cahira do primeiro andar sobre um páteo calçado de pedras: não tinha senão leves contusões nos membros. Quando ainda estudante em medicina, vi uma mulher que, n'um momento de desespero, lançou-se do segundo andar á rua; e, apezar d'esta quéda de mui alto, não apresentou fracturas, luxações, nem algum outro accidente grave; curou-se em pouco tempo das contusões. Devo observar a este respeito, que as quédas de grandes alturas são sempre menos graves nas mulheres do que nos homens: as saias enchendo-se de ar enfunão-se, e servem de guarda-quédas, ou prendem-se no caminho a algum corpo, e em ambos os casos diminuem a violencia do baque.

As quédas são muito mais graves, quando a pessoa é lançada por terra por um corpo movido com grande rapidez: parte d'esta rapidez communica-se á pessoa com uma força que póde ás vezes

determinar a fractura dos ossos do craneo, e outros accidentes graves. O que acabei de dizer é applicavel ás quédas, e aos saltos das seges em movimento : estas quédas são ás vezes perigosissimas, como se pôde julgar pelo triste exemplo do Duque de Orléans, filho primogenito do Rei Luiz Felippe. Aos 13 de julho de 1842 sahio o Duque em uma sege para ir a Neuilly : no caminho, os cavallos tomárão o freio nos dentes, e deitárão a correr a toda brida. O Duque, para evitar provavelmente algum perigo, saltou ao chão; erguêrão-n'o logo; deitava sangue pelo nariz, ouvidos e olhos; e quatro horas depois, apezar de todos os soccorros, cessou de existir. Praticou-se a autopsia no cadaver, e achou-se o craneo fracturado em grande extensão. Se acontecer a alguém achar-se em circumstancia semelhante, melhor é ficar na sege, e expôr-se a algumas contusões, no caso d'ella virar, do que correr risco do choque violento produzido pelo salto.

Consequencia das quédas. Duas cousas mui differentes devem ser consideradas em uma quéda : as desordens materiaes e visiveis, taes como as feridas, as fracturas, as luxações, as contusões; e a commoção que d'ahi resulta á economia inteira, e sobretudo ao cerebro. Muitas vezes a morte não tem outra causa senão esta commoção. Provém ella igualmente das quédas em que a cabeça é a primeira a soffrer o baque; no maior numero de casos, a morte é consequencia das quédas que tem lugar sobre os pés, os joelhos ou o assento. A pessoa perde então os sentidos. Este caso é muito mais grave, e por isso convem estabelecer grande differença entre as quédas com perda dos sentidos, e as que não são acompanhadas d'este symptoma.

Se a commoção fôr mui forte, ha incontinente perda dos sentidos e do movimento; a respiração é constringida, o pulso torna-se fraco, as extremidades frias, e este estado pôde durar algumas horas, e até alguns dias. Então o pulso levanta-se de novo, o calor reaparece e o doente recobra os sentidos. Ao principio acha-se em um estado de estupor mui grande; não entende senão difficilmente as perguntas que se lhe fazem; no fim do tempo mais ou menos longo este estado desaparece, e resta unicamente a dôr de cabeça assaz intensa. Quando a commoção é mui leve, o doente perde apenas os sentidos um instante; depois levanta-se como se nada lhe tivesse acontecido; ás vezes só tem uma pequena vertigem, um leve esquecimento. Estes symptomas, tão tenues na apparencia, são entretanto de grande valor. Muitas vezes a commoção é seguida de inflammação do cerebro : molestia mui grave, e por isso não se devem desprezar os meios de prevenir esta inflammação.

Tratamento das quédas. Os soccorros que devem prestar-se depois de uma quéda consistem em collocar o paciente n'uma cadeira ou na cama, e fazer-lhe respirar vinagre ou agua de Colonia, em dar-lhe a beber cerveja preta, vinho, ou simplesmente agua com assucar; deve-se tambem desembaraça-lo de tudo quanto possa constranger a circulação, como collete, ligas, gravatas, etc. Quando o pulso estiver fraco, a pelle fria, e existir perda completa dos sentidos, recorrer-se-ha a alguns excitantes para reanimar a acção do coração : far-se-hão fricções sobre o corpo com baeta, cobrir-se-ha o paciente com cobertores de lã, pôr-se-hão sinapismos nos membros; dar-se-lhe-hão a beber, em mui pequena quantidade, liquidos excitantes, como vinho, chá da India, ou um pouco de aguardente. Logo que o pulso adquirir força, abandonão-se todos estes excitantes, e pratica-se uma sangria no braço, no caso de *quéda grave*. Entretanto, em individuos mui fracos, bastará a applicação de algumas bichas atraz das orelhas. É indispensavel que os doentes observem uma dieta mui severa, e recorrão frequentemente a pediluvios sinapizados. É vantajoso tambem, se houver dôr de cabeça, que se mantenhão na testa pannos embebidos em agua fria e vinagre; os quaes se mudão logo que se tornem quentes. Se, apezar d'estes meios, se desenvolverem os symptomas de inflammação cerebral, convirá recorrer ao tratamento energico para atalhar os progressos d'esta affecção.

Os symptomas da inflammação cerebral são os seguintes : dôr de cabeça, diminuição da intelligencia, modorra, dureza do ouvido, perda da vista, da falla, incontinencia de urina, e, finalmente, paralysisia. O tratamento d'esta molestia compõe-se de sangria no braço, bichas atraz das orelhas, pannos molhados em agua fria, ou melhor ainda gelo sobre a cabeça, vesicatorios nas pernas; no terceiro ou quarto dia da molestia administra-se um purgante.

Nas quédas com simples contusões, o repouso e pannos embebidos em agua fria, que se applicão sobre o lugar contuso e se renovão frequentemente, são os meios que devem empregar-se quando não ha complicações.

Quanto a alguns outros accidentes que podem resultar das quédas, acha-los-ha o leitor nos artigos *esfoladura, ferida, contusão, deslocacões e fracturas*.

Todas as vezes que a quéda fôr dada de altura consideravel, será conveniente recorrer á sangria. Este preceito soffre sem duvida algumas excepções, mas applica-se á generalidade dos casos. Cumpre tambem lembrar-se de que a sangria nunca deve ser praticada quando o corpo está frio, o pulso fraco, ou quando o doente

jaz sem sentidos : feita n'estas circumstancias, poderia occasionar a morte; mas convem recorrer a ella quando o corpo estiver quente, e o pulso elevado. Geralmente fallando, não convem que se pratique a sangria senão algumas horas depois da quéda, e quando o estupor, que é o resultado da commoção, estiver totalmente dissipado. O repouso na cama será simplesmente indicado depois de quéda um pouco grave; nos casos mais leves, os doentes devem sómente socegar, e não é necessario recorrer á sangria nem ás bichas.

Deixei dito que as quédas são, em geral, tanto mais graves quanto mais duros os corpos sobre que se dão. Os corpos molles e elasticos podem entretanto occasionar accidentes terriveis. Um individuo precipita-se no rio de cima de uma ponte, bate na superficie da agua com o plano anterior do corpo; este offerecia uma contusão mui grave; a morte sobreveio em poucas horas, porque o figado havia-se rasgado. Um homem salta sobre um montão de colchões para sahir de uma casa incendiada, morre de repente; a commoção foi tão forte, que a morte foi instantanea. Os resultados das quédas sobre corpos molles são ordinariamente contusões; entretanto fracturas, e mesmo graves, podem resultar de semelhantes quédas. Quanto ao tratamento, não offerece particularidade alguma.

Nas crianças as quédas são frequentes, mas felizmente pouco graves; a sua pouca elevação, a molleza dos ossos e movimentos impedem que o choque seja mui forte, e, sendo os ossos mais elasticos do que na idade adulta, as fracturas e as luxações são por isso mais raras; antes se curvão do que se deslocão ou quebrão. Entretanto, esta molleza dos ossos, sobretudo dos do craneo e do peito, permite que os orgãos que elles devem proteger sejam mais facilmente offendidos, e por isso é importante examinar com attenção as crianças que derão uma quéda sobre a cabeça, afim de se prevenirem os accidentes que poderiam manifestar-se no cerebro, em consequencia da commoção; assim, a perda do appetite, o abandono dos brinquedos, um estado de tristeza, a dôr ou peso na cabeça, que se conhece pela indifferença com que a criança a deixa cahir sobre um ou outro hombro, são outros tantos signaes, cada um dos quaes deve despertar a solitudine dos pais, e obriga-los a recorrer ao medico a fim de impedir o desenvolvimento de alguma molestia grave. Chumaços molhados em agua fria misturada com vinagre e applicados frequentemente á cabeça, depois da quéda sobre esta parte do corpo, são ainda o que ha de mais vantajoso, sobretudo durante as primeiras vinte e quatro horas depois do accidente.

QUÉDA DO CABELLO. *Veja-se* CALVICIE.

QUÉDA DA CAMPAINHA DA GARGANTA. *Veja-se* vol. I, p. 441.

QUÉDA DA PALPEBRA. *Veja-se* vol. II, pag. 571.

QUÉDA DO RECTO. *Veja-se* vol. I, pag. 212.

QUÉDA DO UTERO. *Veja-se* UTERO.

QUEIJO. Alimento preparado com a parte caseosa e a manteiga do leite. Emprega-se, para a sua fabricação, leite de vacca, de cabra, de ovelha, só ou misturado; mas bem que a materia prima seja em toda a parte a mesma, os modos de preparação, que varião consideravelmente, e a qualidade dos pastos, produzem um numero infinito de especies de queijos, designados, as mais das vezes, pelo nome das localidades onde se fabricão. Dividem-se todos os queijos em 3 classes : os *queijos frescos*, que devem comer-se immediatamente : os *queijos gordos*, que podem conservar-se alguns mezes; e os *queijos seccos*, que se guardão por mais de um anno.

A fabricação do queijo existe desde a mais remota antiguidade. Foi conhecida dos Hebreos, dos Egypcios e dos Gregos; os queijos constituão uma comida muito estimada pelos Romanos.

Os queijos frescos são de facil digestão; os que experimentárão uma fermentação conveniente são estimulantes, e, tomados em pequena quantidade, favorecem a digestão dos outros alimentos. Cumpre, entretanto, acautelar-se dos queijos muito velhos; algumas especies, quando envelhecem, adquirem qualidades venenosas, e produzem verdadeiros envenenamentos.

O queijo conserva-se bem nas boas adegas : uma untura de azeite doce forma na superficie dos queijos um verniz protector muito efficaç. Para garantir o queijo do contacto das moscas e evitar os estragos dos bichos, convem cobri-lo com uma camada de carvão em pó; mas sendo a acção do carvão muito deseccativa; deve-se molhar o queijo assim conservado, antes de o comer, em vinho branco ou em vinagre branco, muito diluido em agua, que amollece a massa e communica-lhe um bom gosto. Os queijos velhos, cuja codea é dura, bem que não tenham sido conservados em carvão, podem tambem ser mergulhados no vinho branco, que os melhora bastante. O queijo alimenta um pequeno bicho chamado *oução do queijo*, que se multiplica sob a codea e devora pouco a pouco o interior. É necessario, para garantir d'elle o queijo, limpa-lo com uma varinha, enxuga-lo com um panno, e lavar as pranchetas com agua fervendo. Um pouco de cinza applicada no lugar onde existem os bichos, fa-los morrer. Podem matar-se todos os insectos nocivos aos queijos, queimando enxo-

fre debaixo das pranchetas, ou lavando-as com agua tendo em dissolução chlorureto de cal.

QUEIMADEIRA. Dá-se este nome no Brasil ás plantas seguintes :

1º **Queimadeira** ou **pinha.** *Cnidoscylus Marcgravi*, Pohl; *Cnidoscylus neglectus*, Pohl; *Cnidoscylus vitifolius*, Pohl; Euphorbiaceas. As sementes são purgativas; fornecem um oleo igualmente purgativo. O succo das folhas é caustico, e emprega-se externamente contra as impigens.

2º **Queimadeira, loco, caa-pomonga, caa-jandiwap,** *Plumbago scandens*, Linneo. Plumbagineas. Arbusto do Brasil. Folhas pecioladas, ovacs e glabras; ramos trepadores, sulcados, sem gavinhas; flores em espigas terminaes, corolla azul; calice glanduloso. A raiz contém um succo acre, que goza de propriedades vesicantes; machucada, usa-se em applicações locais atraz da orelha nas dôres de ouvido.

QUEIMADURA. Descrevo debaixo d'este nome não sómente as lesões produzidas pela acção do fogo, mas ainda as que resultão da applicação de certos agentes chimicos, taes como acidos fortes, a cal viva, a potassa, a soda, o ammoniaco, a pedra infernal, etc.

1º **Queimadura pelo fogo.** Lesão mais ou menos grave produzida sobre o corpo pela acção do calor concentrado. Existem seis grãos de queimaduras : simples rubefacção da pelle, rubefacção d'esta membrana com empolas, desorganização de uma parte da pelle, combustão completa da pelle, combustão dos tecidos até aos ossos; enfim, a carbonização de todo o membro.

Symptomas, marcha e duração. A queimadura do *primeiro grão* é caracterizada por vermelhidão, dôr e leve inchação. Estes symptomas dissipão-se em algumas horas, ou em dois ou tres dias.

A queimadura do *segundo grão* offerece symptomas um pouco mais graves. A dôr é viva, o calor ardente e a inchação consideravel; mas o que caracteriza este grão é a presença das empolas mais ou menos grossas, cheias de serosidade. Depois de abertas, a epiderme abaixa-se, sécca, cahe no fim de alguns dias, e deixa ver uma nova epiderme. Quando são arrancadas no momento do accidente, o contacto do ar sobre a superficie nua da pelle occasiona dôres mui vivas; forma-se uma suppuração ligêira durante alguns dias, mas a ferida nem por isso deixa de curar-se sem deixar cicatriz.

Quando a queimadura destróe uma parte da espessura da pelle, em uma palavra, quando é do *terceiro grão*, existem escaras pardas, amarellas ou roxas, que se separão do terceiro ao quarto

dia. Depois de soltas, apparece uma ferida superficial que sára rapidamente, e deixa uma cicatriz analoga á que se observa em consequencia dos causticos, cuja suppuração foi mantida por muito tempo.

Na queimadura do *quarto gráo*, a pelle é dura, insensivel, amarella ou parda. Ao oitavo ou nono dia, as escaras principião a soltar-se, e forma-se uma suppuração mais ou menos abundante. As escaras cahem ordinariamente do decimo quinto até ao vegesimo dia, e deixão uma ferida cuja duração depende da sua extensão.

A queimadura do *quinto gráo*, não differe da que acabei de descrever senão porque interessa maior numero de tecidos, em serem os accidentes inflammatorios mais graves, e emfim em serem mais profundas as feridas que succedem á separação das escaras. Porém, ao principio, é impossivel distinguir-se este gráo do precedente.

Quanto á queimadura do *sexto gráo*, a carbonização completa da parte a caracteriza sufficientemente, sem que seja preciso procurar outros signaes. Estes diversos grãos de queimadura achão-se muitas vczes reunidos na mesma parte do corpo.

Prognostico. De todas as feridas, as queimaduras são as que deixão cicatrizes mais disformes. Causa com effeito admiração ver com que força todas as partes circumvizinhas são attrahidas, para virem supprir a perda de substancia. Isto é, sobretudo, evidente nos pontos em que a pelle é movediça, no rosto, no prescoço, por exemplo. Esta disposição é muitas vezes tão forte, que não póde combater-se efficaçmente, nem mesmo comapparelhos. Não é raro ver o queixo preso ao peito, a cabeça violentamente puxada do lado do hombro, a boca tirada do lado do olho, as palpebras viradas e immoveis, as orelhas adherentes á pelle da cabeça, os dedos virados, a mão inteira pegada ao antebraço, o pé contorneado de diversas maneiras.

A morte póde resultar das queimaduras extensas, em duas epochas differentes: póde ter lugar pouco tempo depois do accidente, em consequencia das lesões profundas que elle produziu na economia, e mais especialmente pela perturbação do systema nervoso. Póde tambem sobrevir em época muito mais afastada como resultado de excessiva suppuração.

Tratamento. Muitos meios forão recommendados contra as queimaduras. Nas queimaduras superficiaes todos podem produzir bons resultados. Mas de todos os medicamentos, o que merece a preferencia é o algodão. Diminue a dôr immediatamente, e tem a vantagem de poder servir em todos os grãos de queimaduras.

Emprega-se o algodão cardado, disposto em camadas delgadas que se põem umas em cima das outras, e mantem-se mediante um chumaço e uma atadura brandamente apertada. Deixa-se assim o aparelho, até á cura completa. Se, entretanto, a suppuração fôr abundante, tirão-se as camadas de algodão que estiverem sujas, e substituem-se por outras, deixando-se porém as adherentes á ferida. As vezes, no tempo dos calores, crião-se bichos na ferida; o doente sente-os moverem-se debaixo do algodão: convem então tirar a camada de algodão e substitui-la por outra, depois de lavada e enxuta a ferida com esponja molhada em agua morna.

Antes de applicar o algodão abrão-se com agulha as empolas, se existirem, na sua parte inferior, para que saia toda a serosidade. Mas não se devem arrancar nem cortar os pedaços da epiderme que protegem as papillas nervosas da pelle, e servem, por conseguinte, a diminuir a dôr

Um outro meio de que se pôde lançar mão nas queimaduras superficiaes é a agua fria. Mas para que seja util, convem que se tenha o cuidado de não deixar a agua aquecer-se, e é necessario continuar o seu uso durante algum tempo. A melhor maneira de emprega-la consiste indubitavelmente em mergulhar a parte queimada no liquido frio; mas como todas as regiões do corpo não permitem este modo de emprego, recorre-se a pannos de linho molhados constantemente em agua fria. Para preencher a mesma indicação, foi aconselhada a agua com sal, vinagre, vinho, polpa de batatas, tinta de escrever, etc.; mas a agua fria simples é melhor.

Em lugar do algodão, cujo emprego merece a preferencia, alguns medicos servem-se de pannos finos untados de ceroto simples, de ceroto opiado, de azeite doce batido com claras de ovo e pedrahume, de linimento composto com azeite e agua de cal, e de muitos outros linimentos. Com todas estas applicações repetem-se os curativos todos os dias; mas quando a suppuração é excessiva, fazem-se dois e tres curativos diarios, o que não deixa de occasionar grandes dôres ao doente. Poupão-se todos estes curativos, e evitão-se as dôres que elles occasionão, empregando-se o algodão em rama.

Nas queimaduras pequenas e superficiaes, o tratamento deve limitar-se á parte queimada; mas quando a acção do fogo foi muito extensa, é preciso dar ao doente uma chicara de chá de folhas de laranjeira, e administrar ás colheres a poção calmante que segue:

Agua	90 grammas (3 onças)
Laudano de Sydenham.	20 gottas
Xarope simples.	30 grammas (1 onça).

Para tomar uma colher *de sopa*, de 2 em 2 horas.

Prescreve-se dieta severa e o uso da decocção de arroz, de cevada ou de alguma outra bebida emolliente. Estabelecida a suppuração, cumpre sustentar o doente com caldos e outros alimentos substanciaes. Durante a formação da cicatriz, convem oppôr-se á grande tendencia que tem os órgãos a reunirem-se; sem o que, depois da cura, as partes queimadas ficarião disformes e a liberdade dos seus movimentos talvez tolhida. É necessario cauterizar com pedra infernal as carnosidades mui salientes: deve-se impedir que os doentes tenham dobrados no sentido da flexão *os membros queimados*; é necessario introduzir mechas nas aberturas naturaes que a cicatriz poderia estreitar; emfim, convem separar, mediante tiras, os órgãos que, taes como os dedos, contrahirião entre si adherencias viciosas.

Quando um membro ou porção d'elle está completamente ou quasi completamente queimado, o unico meio de salvação para o doente é a amputação da parte queimada.

Meio de evitar queimaduras quando o fogo pega nos vestidos. Este meio é muito simples. Logo que alguém aperceber-se que lhe pegou fogo nos vestidos, deve correr para a cama, e cobrir-se com cobertores, o mais completamente possivel, de maneira a isolar-se inteiramente do contacto do ar; ou então, metter-se entre dois colchões. Nada aproveita o correr para fóra de casa; antes, pelo contrario, é esse o meio de excitar o incendio, e de expôr-se á morte: pouco serve tambem o chamar por soccorro.

A mulher de um chimico salvou-se em França por um meio analogo. Seu marido tinha posto, perto do fogo, e sem preveni-la, um garrafão cheio de alcool, que continha uma substancia em maceração. Por descuido, quebrou-se o garrafão, o alcool inflammou-se, e pegou o fogo nos vestidos da senhora. Não havia cama no quarto, mas achava-se ali uma mesa coberta com um grande tapete. A senhora puçou immediatamente pelo tapete, embrulhou-se n'elle, e reboleou-se no chão. D'este modo apagou o fogo, e livrou-se das queimaduras.

2º **Queimadura pelas substancias causticas.** Chão-se substancias causticas as que tem a propriedade de desorganizar os tecidos animaes ou vegetaes, em todas as temperaturas. O seu numero é bastante consideravel. Os principaes são o fluor (empregado para tirar lustre ao vidro e gravar n'elle), o acido sulfurico ou oleo de vitriolo, o acido azotico ou agua forte, o acido chlorhydrico ou espirito de sal, a manteiga de antimonio, a potassa, a soda, o amoniaco ou alcali volatil, as massas arsenicaes, a pedra infernal, a agua de Javel ou chlorito de potassa liquido, a agua regia ou mistura de acido azotico e de acido chlor-

hydrico, etc. O resultado da applicação d'estas substancias causticas sobre a pelle é uma escara, que experimenta um trabalho de eliminacção semelhante ao que resulta da queimadura pelo fogo.

Tratamento. A primeira indicacção consiste em tirar cuidadosamente, com lavatorios d'agua fria, todas as porções da substancia caustica, para fazer cessar a sua acção. Em algumas circumstancias é util lavar os lugares queimados com certas substancias : assim, na queimadura produzida por um acido, convem lavar com agua e sabão. Na queimadura pela potassa, soda ou pelo alcali volatil, devem-se empregar os lavatorios de agua acidulada com vinagre ou sumo de limão. Destroe-se a pedra infernal com agua salgada, as preparacções de arsenico com agua de cal ou agua sulfurea, a agua de Javel com agua misturada com clara de ovo. Estas substancias tem não só a vantagem de tirar mecanicamente o caustico, mas tambem a de o decompôr e transforma-lo em substancia inerte. Depois de tirada a causa do mal, applique-se no lugar queimado algodão em rama, ou ceroto simples.

Queimadura do olho. Um movimento automatico das palpebras preserva, em grande numero de circumstancias, o olho de muitos accidentes occasionados pelos corpos em ignição. Entretanto, porções de cal virgem podem ás vezes cahir nos olhos dos obreiros que empregão esta substancia. Nada ha melhor n'este caso do que lavar os olhos com azeite doce. Em differentes especies de queimaduras pela agua fervendo ou ferro quente, o tratamento consiste em applicacções contínuas de pannos molhados em agua fria, durante o primeiro dia; nos dias seguintes fazem-se lavatorios com agua morna e applica-se sobre os olhos cataplasmas de linhaça.

Queimadura das palpebras. Estas queimaduras são infelizmente frequentes nos obreiros empregados na fabricacção dos póz fulminantes, do phosphoro, nas crianças, nos epilepticos que cahem no fogo, etc. As queimaduras superficiaes não tem importancia : sárão facilmente applicando-se algodão em rama. Havendo inflammacção applica-se por cima do algodão cataplasma de linhaça. Mas quando o phosphoro, acidos concentrados, metaes em fusão cahirão sobre a palpebra, produzem uma queimadura com mortificacção, cujo resultado é escara, perda de substancia depois cicatriz que sempre muda a fórma e a direcção da palpebra.

Quando as margens das palpebras forão queimadas, pode formar-se a adherencia. Para preveni-la o doente deve estar com os olhos abertos o mais tempo que possa; é necessario distrahi-lo para que não se deixe adormecer, e interromper-lhe muitas vezes

o somno. Ao mesmo tempo interpõem-se entre as margens das palpebras pannos molhados em agua vegeto-mineral.

QUEIMADURA PELO SOL. Tem este nome uma especie de inflamação superficial que dá á pelle uma côr vermelha crispelatosa, e que tem por causa a acção ardente e prolongada do sol forte sobre os lugares descobertos. *Veja-se GOLPE DO SOL*, vol. II, pag. 64.

QUEIXO ou **Mandibula.** Designão-se sob o nome de queixos ou mandibulas as duas arcadas osseas nas quaes estão implantados os dentes, e que constituem a maior parte da porção ossea do rosto. Ha dois queixos que, por sua situação, se distinguem, em queixo *superior e inferior*.

Queixo (DESLOCAÇÃO DO). *Veja-se* vol. I, pag. 834.

Queixo (FRACTURA DO). *Veja-se* vol. I, pag. 1198.

QUENTE. Dá-se este nome aos alimentos geralmente excitantes, que estimulam fortemente a economia, accelerão a circulação, e podem irritar o estomago quando ingeridos em mui grande quantidade. Pertencem á classe dos alimentos quentes todas as substancias fortemente aromaticas, as carnes salgadas, defumadas, ou muito temperadas; os pepinos pequenos e outros fructos preparados com vinagre, pimenta, alho, mostarda, o peixe salgado ou defumado, etc. Por opposição, os alimentos frescos são as hortaliças, quasi todas as fructas, ovos escalfados, leite, etc.

QUIGILA. *Veja-se* vol. II, pag. 1.

QUIGOMBÓ ou **Quingombó** (Rio de Janeiro), **Quiabo** (S. Paulo, Minas, e provincias do Norte do Brasil). *Hibiscus esculentus*, Linneo. Planta da familia das Malvaceas, originaria da India, acclimada no Brasil. Caule herbaceo, da altura de 70 centimetros (2 pés); folhas asperas, cordiformes, divididas em 5 lobulos denteados; flores axillares, grandes; corolla amarella com o fundo purpureo; calice exterior velloso; de 9 ou 10 foliolos e caduco; fructo, capsula pyramidal, de cinco a dez angulos, de cinco a dez loculamentos, contendo muitas sementes globosas. Os fructos, em quanto verdes e tenros, comem-se cozidos com carne, camarões, e preparados de diversas maneiras; é um alimento são, gostoso, e muito usado no Rio de Janeiro. Todas as partes d'esta planta, e sobretudo os fructos, contém muita mucilagem. Um droguista de Pariz prepara com elles, e com flores de papoulas, um xarope e uma pasta, a que deo o nome de xarope e pasta de *nafé de Arabia*, que são com effeito muito emollientes, e convem nos defluxos, rouquidões, bronchites, etc. *Nafé*, em lingua arabe, significa saudavel para o peito.

QUIGOMBO DE CHEIRO. *Hibiscus abelmoschus*, Linneo. Malvaceas. Planta cultivada no Brasil, muito semelhante á precedente. Mas os fructos são vellosos, e contém sementes cinzentas, reniformes, comprimidas perto do hilo ou embigo, que, sendo esfregadas, exhalão um cheiro de almiscar muito pronunciado, e são empregadas pelos perfumistas. Dá-se-lhes o nome de *ambreta*.

QUILLAIA ou **Casca de Panama.** *Veja-se PANAMA.*

QUINA. A quina é a casca de diversas arvores do genero *Cinchona*, da familia das Rubiaceas, que habitão no Perú. O nome de *quina*, na lingua dos indigenas da America central, quer dizer *casca*. Em 1638, havendo a condessa d'El-Cinchon, mulher do vice-rei, que residia em Lima, sido acommettida de sezões rebeldes a todos os medicamentos empregados, um Hespanhol, governador de Loxa, e a quem dizem que um Indio tinha ensinado as propriedades febrifugas da quina, propôz o uso d'esta substancia: a condessa empregou-a, e sarou promptamente. Este bom exito confirmou a reputação da quina, que foi introduzida na Hespanha, e empregada sob o nome de *pós da condessa*. Os Jesuitas fizeram apreciar todas as suas vantagens, e vendêrão-n'a debaixo do nome de *pós dos jesuitas*. Não tardou a ser conhecida na Italia e no resto do mundo. Hoje é considerada como um dos recursos mais importantes da materia medica. A especie a que a medicina dá a preferencia acha-se representada na fig. 422, é a quina calisaya, *Cinchona calisaya*, Wedd; habita na Bolivia e no Perú. Tem folhas oblongas ou lanceoladas, obtusas, glabras, luzentes por cima, pubescentes por baixo; dentes do calice triangulares; fructo, capsula igualando apenas o comprimento da flor, de forma ovada; sementes elliptico-lanceoladas, com margem denteada. A casca d'esta especie é mais rica em quinina do que a das outras especies. É a mais importante do

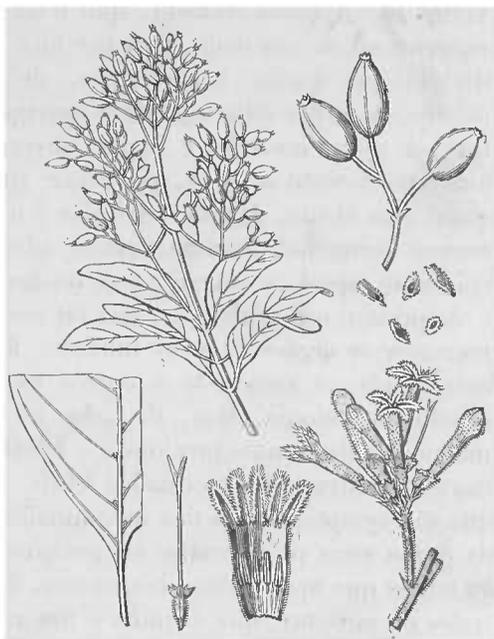


Fig. 422. — Quina calisaya.

genero. — Colhem-se as quinas desde o mez de setembro até ao de novembro por homens chamados *cascarillos*, que vão aos lugares em que crescem as arvores, examinão se a casca está boa, tirando uma porção d'ella; se se faz vermelha ao ar, está madura; colhe-se então, fazendo incisões nos ramos e troncos e despegando-a com as costas das facas: põem-se as cascas ao sol; quanto mais delgadas são, tanto mais se enroscão pela acção do calor, e quanto mais grossas, tanto mais chatas ficão. Ajuntão-se depois e dividem-se segundo o seu aspecto exterior, côr, sabor, etc., rejeitão-se as que são de côr denegrida, mui leves, ou que provém de ramos mortos; mettem-se em surrões de 100 a 150 libras e entregão-se ao commercio.

O commercio conta hoje perto de vinte e cinco especies de quina, entre as quaes se distinguem as quinas cinzenta, amarella e vermelha. A *quina cinzenta*, que é da grossura de uma penna de escrever ou de um dedo, tem por fóra uma epiderme cinzenta, é dividida por fendas transversaes, de côr roxa ferruginosa por dentro, de sabor adstringente e amargo, cheiro um pouco aromatico. A *quina amarella* é larga, diversamente enroscada, de côr amarella tirante a roxo, de sabor amargo e mui adstringente, quasi sem cheiro. A *quina vermelha* é uma casca espessa, mais ou menos vermelha, amarga, muito adstringente, coberta de uma epiderme espessa e rugosa, com fendas irregulares.

A quina é um tonico, e como tal emprega-se efficazmente para reanimar os orgãos, dar ás funcções força e vigor; é igualmente antiputrida, e associa-se a outros tonicos para combater certos estados de atonia. Mas, de todas as propriedades da quina, a mais evidente e mais preciosa é a febrifuga. Todavia, a quina não convem contra todos os estados febrís. Nas febres contínuas, nas que são symptomaticas das inflammações das visceras, o emprego da quina seria prejudicial e até perigoso. É particularmente contra as febres que apresentam phenomenos de *intermittencia*, contra as *seções* ou *maleitas*, que a quina é um remedio heroico. Ha, contudo, febres contínuas que são acompanhadas de debilidade geral, nas quaes esta casca deve ser empregada. As diarrheas chronicas, as bronchites chronicas, as flores brancas, curão-se pelo uso d'este medicamento. A quina emprega-se como tonico nas convalescenças longas e difficéis, nas quaes as vias digestivas precisão de certa excitação para executarem as suas funcções, e quando o corpo apresenta uma notavel pallidez ou infiltração. Administra-se tambem na opilação. A cirurgia não faz d'este remedio, interna ou externamente, um uso menos vantajoso do que a medicina. Externamente, usa d'elle especialmente contra a gan-

grena. Polvilhão-se com pós de quina as úlceras escorbúticas, e as feridas chronicas.

Um medicamento tão justamente preconizado merecia da parte dos medicos chimicos um exame attencioso, e por isso muitas celebridades da sciencia tentárão, em épocas differentes, a analyse d'esta preciosa casca; emfim, em 1820, Pelletier e Caventou, chimicos francezes, chegarão a isolar da quina uma substancia chamada *quinina* (veja-se o artigo seguinte), e, conjunctamente com outros medicos, demonstrárão que n'esta substancia é que residem todas as propriedades febrifugas da quina. Esta descoberta é uma das mais importantes da medicina. A quinina, representando em dóse mui pequena grandes porções de quina, é muito mais commoda para tomar-se; e d'esta maneira os doentes não são obrigados a tomar grande quantidade de casca inerte que se accumulava nas entranhas, e era causa de dureza do ventre quando administrada em grande dóse, como acontecia nas febres intermitentes, e principalmente nas perniciosas. A alguns doentes mesmo, ás crianças sobretudo, não era possivel fazer-se-lhes ingerir grande porção de pós de quina, fórma debaixo da qual este medicamento se empregava ordinariament. A *quinina* não veio entretanto substituir inteiramente a quina : as suas propriedades são principalmente *febrifugas*, e como tal emprega-se com preferencia nas sezões; mas como *tonico*, continua a casca da quina a ser administrada sob as differentes fórmas que passo a indicar.

Pós de quina. Empregão-se com particularidade externamente para curar as úlceras. Internamente, usão-se como estomachicos, contra o fastio, na dóse de 30 a 120 centigrammas (6 a 24 grãos), sós ou misturados com igual quantidade de rhuibarbo em pó. Esta dóse toma-se n'uma colher d'agua fria, uma hora antes do jantar, e repete-se por cinco ou oito dias.

Infusão. Casca de quina 20 grammas (5 oitavas), agua fervendo 1000 grammas (32 onças). Infunda por duas horas e cõe. Emprega-se em bebida, como tonico.

Decocção. Casca de quina 20 grammas (5 oitavas), agua 500 grammas (16 onças). Ferva e cõe. Emprega-se em lavatorios e injeccões.

Vinho de quina. É o macerato da casca no vinho. Este vinho administra-se como tonico, antiscorbútico, digestivo, na dóse de 30 a 60 grammas (1 a 2 onças).

Xarope de quina. Prepara-se com agua ou vinho; este é mais usado, e dá-se principalmente ás crianças, como estomachico,

antiscrophuloso, fortificante, na dóse de 30 a 60 grammas (1 a 2 onças) por dia, continuado por um a dois mezes.

Tintura de quina. Resulta da maceração de quina em alcool. Emprega-se em fricções sobre a pelle.

Preparão-se tambem pastilhas, pilulas, etc., com quina ou com extracto de quina, que se administrão como tonico. A quina entra em grande numero de formulas febrifugas, tonicas, anti-septicas, antiscorbuticas, estomachicas, adstringentes, etc., sob a fórma secca, conservas, pilulas, tinturas, elixires. Em pós, entra na composição dos opiatos, e pós dentifricios.

Quinas do Brasil. Nas provincias do Brasil dá-se o nome de *quina* ás diversas cascas amargas que se empregão efficazmente contra as febres intermitentes. Algumas das arvores que fornecem estas cascas pertencem á familia da quina do Perú, outras a familias differentes. Quatro ou cinco d'estas cascas forão analysadas; mas não se descobrio n'ellas quinina, o que prova que não é só n'este principio que reside a virtude febrifuga.

1º QUINA DE CAMAMÚ. *Coutinia illustris*, Velloso. Apocyneas. A casca amargosa d'esta arvore emprega-se na provincia da Bahia contra as febres intermitentes, em infusão. *Dóse* : 10 grammas (2 1/2 oitavas) para 500 grammas (16 onças) d'agua fervendo.

2º QUINA DO CAMPO. *Strychnos pseudo-quina*. St. Hil. Apocyneas. Arvore que habita na parte occidental da provincia de Minas Geraes, nos sertões de Goyaz, etc. Arvore de 4 metros de elevação, tortuosa; casca molle e amarella exteriormente; ramos numerosos, formando uma especie de cabeça; folhas oppostas, de peciolo mui curto; ovaes, do comprimento de 8 a 11 centimetros, duras, quebradiças, com 5 nervuras longitudinaes e convergentes; flores numerosas, de cheiro agradável; calice pequeno, com 5 divisões, esbranquiçada ou esverdeada; estylete com alguns pellos; estigma de cabeça bilobada; o fructo é uma baga globosa, de 15 a 18 milimetros de diametro, glabra, amarella, contendo de uma a quatro sementes dentro de uma polpa adocicada. Á excepção d'esta baga, que as crianças comem com prazer, todas as partes do vegetal são de um gosto extremamente amargo e algum tanto adstringente; mas as suas propriedades residem sobretudo na casca, e é ella que os habitantes do paiz empregão nas febres intermitentes, e em todos os casos, e na mesma dóse, em que se administra a quina do Perú; em infusão 10 grammas (2 1/2 oitavas) para 500 grammas (16 onças) d'agua fervendo. Vauquelin, celebre chimico francez, fez a analyse d'esta casca, e achou que ella contém principalmente : 1º uma materia amarga, na qual parecem residir as propriedades febrifugas; 2º uma sub-

stancia resinosa; 3º uma materia gommosa corada, unida a um principio animalizado; 4º um acido particular. Mas não achou nem a quinina, que constitue o principio activo da quina do Perú, nem o principio venenoso, a brucina, que se encontra na noz vomica, *strychnos nux vomica*, arvore do mesmo genero que o *strychnos pseudo-quina*.

3º QUINA. *Hortia brasiliana*, Velloso. Rutaceas. Sub-arbusto que habita nas provincias de Minas e de Goyaz. Uma só raiz para muitos caules, que são da altura de 35 a 70 centimetros de casca fulva; folhas dispersas, do comprimento de 10 a 20 centimetros, da largura de 2 a 4 centimetros, oblongas, obtusas na ponta, inteiras, glabras, luzentes na face inferior, marcadas com pontos transparentes. A casca d'este arbusto, que é amarga, emprega-se em infusão contra as febres intermittentes. *Dóse* : 10 grammas (2 1/2 oitavas) para 500 grammas (16 onças) d'agua fervendo.

4º QUINA DE CUYABÁ. *Cinchona cuyabensis*, Manso. Rubiaceas.

5º QUINA DO MATO. *Cestrum pseudoquina*, Martius. Solaneas. Rio Grande do Sul. Esta casca é muito amarga; contém um principio amargo particular, chlorophylla, resina, principio extractivo amarello, assucar, gomma, sulfato, carbonato e chlorhydrato de potassa, carbonato de cal, e silica. Sua infusão emprega-se como febrifugo e tonico; 10 grammas (2 1/2 oitavas) para 500 grammas (16 onças) d'agua fervendo.

6º QUINA DO MATO. *Exostema cuspidatum*, St. Hilaire. Rubiaceas. Habita nos matos virgens do Brasil meridional. Caule arborescente, 3 a 4 metros e mais de altura; folhas oppostas, pecioladas, do comprimento de 25 a 40 centimetros, lanceoladas-ovaes, terminadas no apice por uma ponta aguda, algum tanto ondeadas nas margens, pubescentes por cima, vellosas por baixo; flores brancas. A infusão da casca usa-se contra as febres intermittentes. *Dóse* : 10 grammas (2 1/2 oitavas) para 500 grammas (16 onças) d'agua fervendo.

7º Com a especie precedente confunde-se a *Exostema australe*, Saint Hilaire. Rubiaceas. Habita na provincia de S. Paulo. Parece-se com a precedente, e emprega-se nos mesmos casos e na mesma dóse.

8º QUINA DE PERNAMBUCO. *Coutarea speciosa*, Aublet. Rubiaceas.

9º QUINA DO PIAUHY, QUINA DE DON DIOGO, OU DE DIOGO DE SOUZA. *Exostema souzanum*, Martius, (Piauhy e Bahia).

10º QUINA DO RIO DE JANEIRO. *Exostema formosum*, Cham. Rubiaceas.

11º QUINA DO RIO DE JANEIRO. *Buena hexandra*, Pohl. Rubiaceas.

A casca d'esta especie e da precedente são excellentes febrifugos;

usão-se internamente em infusão na dóse de 10 gram. (2 1/2 oit.) para 500 grammas (16 onças) d'agua.

12º QUINA DO RIO DE JANEIRO. *Cascarilla riedeliana*, Weddel. Rubiaceas. Arvore que habita nas montanhas da Tijuca, perto do Rio de Janeiro. Tem 12 a 15 metros de altura; folhas ovaes, oblongas, obtusas, de 8 a 15 centímetros de comprimento, de 4 a 8 de largo, subcordiformes na base, glabras por cima, tomentosas por baixo, de peciolo curto; panicula oval; calice tomentoso, infundibuliforme, caduco, corolla branca; fructo, capsula de 2 a 3 centímetros de comprimento, coriacea-lenhosa; sementes oblongas. Emprega-se do mesmo modo que as precedentes.

13º QUINAS DO RIO NEGRO. *Cinchona formula*, Martius; *Cinchona lambertiana*, Mart.; *Cinchona bergeniana*, Martius; *Cinchona macrocnemia*, Martius. Rubiaceas. Todas estas arvores habitão nas regiões vizinhas do Perú, e são febrifugas. Usão-se do mesmo modo que a quina do Perú.

14º QUINA DE SERRA. *Cinchona ferruginea*, St. Hilaire. Rubiaceas. Arbusto de 1 metro e 1/2 a 2 metros, coberto de pellos cõr de ferrugem em todas as suas partes, á excepção da parte inferior do talo e da superficie superior das folhas; folhas oppostas, pecioladas, do comprimento de 14 a 20 centímetros, da largura de 4 a 6 centímetros, oblongas-lanceoladas, coriaceas; flores sesses na extremidade dos ramos; calice adherente; corolla tubulosa, infundibuliforme, de cõr rosea, limbo com 5 divisões; o fructo é uma capsula de 13 a 22 millímetros de comprimento, ovoide-elliptica; sementes numerosas, achatadas.

15º QUINA DE VELLOSO. *Cinchona Vellozii*, St. Hilaire. Rubiaceas. Este arbusto só differe do precedente pelas folhas ovaes, acuminadas nas suas extremidades, da largura de 8 a 11 centímetros; pelos pedunculos ordinariamente mais curtos; e as flores mais compridas e mais numerosas.

16º QUINA DE REMIJO. *Cinchona remijiana*, St. Hilaire. Rubiaceas. Esta especie apresenta quasi os caracteres da *C. ferruginea*; entretanto differe pelas folhas da largura de 8 a 11 centímetros, ellipticas, obtusas, e terminadas por uma ponta curta.

As tres ultimas *quinas* habitão no cume das montanhas da provincia de Minas Geraes. Achão-se, entre outras partes, na vizinhança de S. João d'El-Rei, Villa-Rica, Serra dos Pilões, Penha, etc. A casca amarga e adstringente é muito semelhante á casca do Perú, e é empregada com vantagem nas febres intermittentes. A quina de Remijo foi analysada na Allemanha em 1873 pelo Dr. Novak. Este chimico obteve d'ella um extracto roxo contendo um tannino particular; mas não achou nem quinina

nem cinchonina; não póde, pois, ser considerada como uma quina verdadeira.

17º Dá-se tamhem o nome de quina a *Tres folhas brancas* e *Tres folhas vermelhas*. *Veão-se* estas palavras.

QUININA. Substancia branca, de natureza alcalina, descoberta em 1820 na casca da quina, e que goza, segundo experiencias bem confirmadas, da maior parte das propriedades da mesma quina. Sendo a quinina insolúvel n'agua, não produziria todos os seus effeitos se fosse tomada pura, e por isso a combinação com os ácidos, afim de se obterem saes soluveis, que gozão de maravilhosa efficacia. O acido que se costuma associar mais ordinariamente á quinina é o sulfurico; o *sulfato de quinina*, que resulta d'esta reunião, é o sal que se emprega com preferencia a todos os saes de quinina: occupar-me-hei d'elle exclusivamente.

O *sulfato de quinina* apresenta-se sob a fórma de pequenas agulhas brancas, lustrosas; é amargo, pouco solúvel na agua fria, mas solúvel no alcool ou na agua, á qual se ajunta uma gotta de acido sulfurico. O sulfato de quinina offerece, debaixo de pequeno volume, as propriedades de uma quantidade consideravel da casca de quina; assim 10 centigrammas (2 grãos) de sulfato de quinina representam pouco mais ou menos 4 grammas (1 oitava) de casca de quina. Concebe-se todo o partido que a medicina deve tirar de tão preciosa preparação; por isso o sulfato de quinina substituiu, no maior numero de casos, as outras preparações de quina, cujo volume repugnava aos doentes, e lhes produzia grande peso no estomago. O sulfato de quinina emprega-se contra muitas affecções periodicas; isto é, as que apresentam intervallos na sua duração e voltão em epocas certas; porém o seu uso mais frequente é nas febres intermittentes chamadas vulgarmente *sezões*. A dóse que se administra pela bocca varia de 20, 80 a 150 centigrammas (4, 16 a 30 grãos), no intervallo dos accessos da molestia; alguns medicos administram-n'o em dóses muito mais fortes. Geralmente, nas febres intermittentes simples, a dóse para um adulto é de 60 a 80 centigrammas (12 a 16 grãos), que se dividem em tres ou quatro partes, e administram-se, no intervallo da febre, em uma colher de café, de chá da Inda, de xarope, mel de abelhas, doces, hostia, ou misturados com assucar. Para as crianças, a dóse varia de 10 a 40 centigrammas (2 a 8 grãos), que tambem se dividem em tres ou quatro partes e se administram pela mesma fórma. Nas boticas acha-se o *xarope de sulfato de quinina*: esta preparação resulta da mistura do sulfato de quinina, previamente dissolvido em agua acidulada, e de xarope simples. 20 grammas (5 oitavas) d'este xarope, isto é, uma colher *de sopa*, contém 10 centigram.

(2 grãos) de sulfato. As crianças dá-se ás colheres *de chá*. Nas febres intermitentes perniciosas, a dóse do medicamento pôde ser maior.

O sulfato de quinina usa-se tambem externamente em fricções. Dissolvem-se 20 a 75 centigrammas (4 a 15 grãos) d'este medicamento em duas colheres d'agua, a que se ajunta uma gotta de acido sulfurico, e fazem-se fricções pelas costas ou na face interna dos braços.

Estas fricções, que se repetem tres ou quatro vezes durante o intervallo da febre, empregão-se principalmente nas crianças, que de ordinario mostram grande repugnancia contra os medicamentos amargos, ou nos individuos em que existe alguma impossibilidade de engulir, ou inflammação do estomago que contra-indica o uso interno do sulfato.

O sulfato de quinina, sobretudo quando é administrado em grande dóse, produz, ás vezes, a diminuição do sentido do ouvido, que vai em alguns casos até á surdez: parece aos doentes que ouvem de muito longe; mas este estado é passageiro, e dissipa-se espontaneamente.

Quanto ás obstrucções do figado e do baço, que alguns observadores dizem resultar da ingestão do sulfato de quinina, esta accusação cahio ante a observação mais exacta, que provou dependerem estas obstrucções da duração das febres intermitentes, e não do remedio administrado contra ellas.

QUINIUM. Extracto alcoolico de quina, obtido por meio da cal. Contém quinina, cinchonina, materias gordas, extractivas e corantes. É de côr roxa, quebradiço, friavel, insolúvel em agua, soluvel no alcool. Conserva todos os productos uteis da quina, e está privado só das materias inertes. Emprega-se contra as febres intermitentes, em pilulas, na dóse de 60 a 150 centigrammas (12 a 30 grãos) por dia.

QUITÔCO, ou **Caculucage** (Minas). *Pluchea quitoc*, De Candolle. Synanthereas. Planta herbacea do Brasil; habita especialmente nas provincias do Rio de Janeiro, Bahia, Minas, Matto Grosso e Rio Grande do Sul. Folhas scsseis, com longa decurrencia na base, que se estende sobre o caule, ovacs, agudas, denticuladas, de côr verde clara; flores dispostas em corymbos compostos; florões de margem amarellados, de disco arroxeados; cheiro de toda a planta aromatico e agradável. Usa-se internamente em infusão (4 grammas para 180 grammas d'agua) como sudorifico: mas o seu emprego principal é para os banhos aromaticos, que convem na opilação e nas outras molestias caracterizadas pela debilidade; 1 kilogramma (2 libras) para um banho.

R

RÃ. Genero de réptis da ordem dos Batracios; distingue-se dos sapos pela extremidade dos dedos, que não são dilatados em disco, pelo queixo superior que é armado de dentes, emfim pela sua fórma que é esbelta, delgada, menos apanhada que a dos sapos. Os machos tem de cada lado da garganta uma bexiga vocal, muito apparente quando está cheia de ar : é mediante este orgão que produzem o seu coaxar; a rã femea, que é privada d'elle, não faz ouvir senão um leve ruido. Habitão ordinariamente as aguas estagnadas e os pantanos. Vivem de larvas, insectos aquaticos, vermes e pequenos molluscos. Os ovos, dispostos em rosario, são abandonados na superficie da agua : passados alguns dias sahem d'elles as pequenas rãs. Contão-se até 20 especies d'ellas. As principaes são : 1º *rã verde* ou *rã commum*, que é de bella côr verde com tres listras dorsaes amarellas; habita indifferentemente as aguas correntes e dormentes; 2º a *rã ruiva*, chamada tambem *rã muda*, porque o macho não tem sacco vocal; habita os campos, os lugares humidos; vai á agua só para pôr os ovos.

A carne das rãs, principalmente a das pernas, é branca e delicada; come-se com gosto em muitas localidades. Depois de esfoladas as rãs, deita-se fóra tudo o que não póde servir, alimpão-se as coxas e deixão-se por 2 ou 3 horas em agua fria. Depois, enxugão-se e ensopão-se como frango. Podem tambem frigir-se, pondo-as primeiro de mólho por meia hora em vinagre, com salsa, louro, tomilho, cebolinha, sal e pimenta; depois de bem enxutas, polvilhão-se com farinha, e frigem-se.

Algumas pessoas divertem-se em conserva-las em grande frasco de vidro meio cheio d'agua, e com uma escadinha dentro, por cujos de grãos sobe ou desce a rã conforme o tempo tem de ser bom ou máo : é um barometro vivo. — As rãs são animaes innocentes.

RABANETE. *Raphanus*. Planta da familia das Cruciferas, cultivada nas hortas. O *rabanete cultivado* (*Raphanus sativus*, L.) tem as folhas asperas, flores de um branco roseo. A parte comestivel é fornecida pela raiz. Ha muitas variedades do rabanete cultivado : distinguem-se segundo a fórma e o tamanho das raizes, em *redondos*, *longos* e *grossos*. Os primeiros, ou os rabanetes propriamente ditos, comprehendem o rabanete *branco*, *rubro*, *roxo* e *roseo*. O parenchyma de todas estas variedades tem um sabor mais ou

menos acre. Come-se com sal; excita as forças digestivas do estomago.

RABO DE BUGIO. *Alsophila armata*, Martius. Fetos. Planta do Brasil. Contém uma substancia mucilaginosa e adstringente. A sua infusão, que se prepara com 4 grammas (1 oitava) das folhas e 500 grammas (16 onças) d'agua, emprega-se na bronchite e nos escarros de sangue. Prepara-se tambem com ella um xarope, que se usa nos mesmos casos.

RABO DE TATÚ. *Cypripedium brasiliensis*. Planta do Brasil, da familia das Orchideas. No Rio de Janeiro chamão-lhe *sumaré*. O seu caule é cheio de um succo mucilaginoso. Em cozimento é peitoral, e dá-se internamente nas molestias do peito. Quando contuso, emprega-se no curativo das feridas. O succo é muito usado na industria : misturado com o carvão produz uma graxa para o calçado; na arte de marcenaria serve para substituir a colla.

RACHAOUT DOS ARABES. É uma substancia alimenticia e analeptica, cuja composição é a seguinte : salepo da Persia, 15 grammas; cacáo torrado, 60; bolotas doces da Asia, 60; fecula de batatas, 45; farinha de arroz, 60; assucar, 250; baunilha, 1/2 grammata. Toma-se em agua, leite ou caldo. Convem aos convalescentes.

RACHA, RACHADURA, GRETA OU FENDA. Dá-se este nome a pequenas feridas longitudinaes e superficiaes, que se desenvolvem nos beiços, bicos dos peitos, palmas das mãos, plantas dos pés e outras partes do corpo.

Racha do anus. Chamão-lhe mais especialmente *fissura*. Veja-se FISSURA.

Rachas dos beiços ou Cieiro. Aparecem ás vezes nos beiços pequenas feridas longitudinaes. Curão-se untando os beiços com ceroto simples, ou com coldcream. Se não cederem a estas applicações, convem toca-las com pedrahume ou pedra infernal.

Rachas das mãos, dos pés, da pelle. São produzidas pelo attrito ou por qualquer outra causa irritante, pelas empignens, pela acção do frio, etc.

Tratamento. Fazer unturas com oleo de amendoas doces, com glicerina, coldcream, manteiga de cacáo, ceroto simples, com unguento rosado ou pomada labial. Polvilha-las com polvilho. Toca-las levemente com pedra infernal,

Unguento rosado.

Banha.	100 grammas (3 onças)
Raiz de orcanetta.	5 grammas (1 1/4 oitava)
Cera branca.	8 centigrammas (1 1/2 grão)
Essencia de rosas.	2 centigrammas (1/2 grão).

Digira a orcanetta na banha a banho-maria por uma hora; cõe por panno de linho. Ajunte a cera, derreta-a, e mexa a mistura até esfriar quasi inteiramente; misture, por fim, a essencia de rosas, e deite a pomada em vaso proprio.

Pomada labial.

Oleo de amendoas doces.	30 grammas (1 onça)
Cera branca.	15 grammas (4 oitavas)
Carmim	15 centigrammas (3 grãos)
Essencia de rosas.	15 centigrammas (3 grãos).

Derreta a cera no oleo a calor brando. Arrefecida a mistura, ajunte-lhe o carmim, previamente diluido n'um pouco de oleo, e, por fim, a essencia de rosas. Contra a inflammação e rachas dos labios.

Rachas do seio. *Veja-se* BICO DO PEITO, vol. I, pag. 352.

RACHITISMO. Entende-se pela palavra *rachitismo* o estado em que um maior ou menor numero de ossos, e ás vezes todas as partes que compõem o esqueleto humano, perdêrão a consistencia ordinaria, e ficarão molles e flexiveis: a esta molestia é que pertence a historia dos *carcundas* das *pernas tortas*, dos *cambaios*, e de muitas outras deformações. Ás vezes o amollecimento dos ossos póde ser levado ao ponto de permittir corta-los com faca como se faz á cera. Este estado procede de terem os ossos uma tendencia a despirem-se das partes salinas que lhes dão a consistancia e rigidez. Não se devem confundir com elles as numerosas deformidades que podem sobrevir ás crianças quando começam a andar mui prematuramente, e as que resultão de posturas viciosas prolongadas, ou do abuso dos colletes muito apertados.

Todas as partes do esqueleto são susceptiveis de amollecimento; algumas, entretanto, estão a isso muito mais dispostas do que as outras: taes são as vertebraes ou os ossos do espinhaço, as costellas, a bacia, e sobretudo os ossos longos dos membros inferiores. Umavez todos os ossos do corpo são atacados, ou ao mesmo tempo ou successivamente; outras vezes a molestia limita-se a alguns d'entre elles. Esta molestia sobrevem mais ordinariamente ás crianças desde a idade de seis ou dez mezes até aos tres annos; contudo, ás vezes apresenta-se pela primeira vez na epoca da segunda dentição ou da puberdade, ou na occasião da primeira gravidez. A unica differença que existe na producção do rachitismo, em uma ou outra epoca da vida, é a seguinte: na criança, a molleza dos ossos póde até certo tempo ser considerada como a prolongação de um estado primitivamente natural, entretanto que nos adultos ha não sómente falta de deposito, sobre os ossos, da

materia calcarea destinada á consolidação do esqueleto, mas existe demais absorpção da parte d'essa materia já depositada. A observação d'esta molestia é um caso rarissimo nas pessoas idosas, assim como nos recém-nascidos.

Causas. A causa primaria do rachitismo, assim como a da maior parte das molestias, é extremamente obscura. Esta affecção desenvolve-se espontaneamente em certos individuos que pela sua constituição são mais dispostos a ella do que outros. Para os individuos em que esta disposição primitiva está occulta e já existe, muitas causas secundarias podem concorrer para o desenvolvimento da molestia: assim, o trabalho da dentição, o enfraquecimento da constituição em consequencia de muitas molestias, tornão-se causas do rachitismo. A habitação em paizes frios e humidos parece tambem produzir esta molestia. Observa-se principalmente na Hollanda, no norte da França e na Inglaterra. Era tão geral n'este ultimo paiz durante o decimo-sexto seculo, que por muito tempo se chamou mal inglez; observa-se mais raramente nos paizes quentes; no Rio de Janeiro existe, mas não é tão commum como nas outras partes. Reina mais frequentemente nas cidades populosas do que nas aldeias e campos. As crianças das classes inferiores, que são mal nutridas nas grandes cidades, estão geralmente mais sujeitas a ella do que as das classes elevadas, bem que estas não estejam isentas. Na classe rica, os meninos tornão-se ás vezes rachiticos pela alimentação muito animalizada, nos primeiros mezes da vida, isto é, composta de carne ou de sopas muito gordas. O rachitismo observa-se mais especialmente no sexo feminino do que no masculino, e nas crianças de constituição debil ou nascidas de pais de temperamento fraco. Existem comtudo factos que provão que esta molestia affecta os jovens aparentemente robustos, bem constituídos e nascidos de pais muito sãos. Mas geralmente fallando, a affecção que faz o objecto d'este artigo é susceptivel de desenvolver-se sob a influencia de todas as causas que debilitão lentamente. A tudo quanto precede a este respeito, deve-se accrescentar, áccrca da criança em tenra idade o leite de ama gravida, a habitação em lugares baixos, humidos e escuros, a falta de exercicio. Deve-se temer mais particularmente o rachitismo nas crianças que tenham soffrido, nas que tem a cabeça volumosa, o ventre grosso, as pernas magras, e fracas, as articulações dos pulsos e dos joelhos mui grossas, quando é penosa a dentição, e os dentes se estragão quasi immediatamente depois de sahidos. Emfim, o onanismo é uma das causas mais poderosas do enfraquecimento e do rachitismo.

Symptomas. O rachitismo da primeira idade annuncia-se ás vezes

subitamente por pequena febre, pela tristeza, perda de appetite, impossibilidade de ter-se em pé, dôres nos membros, ourinas turvas, etc. Estes symptomas podem não existir ou apparecer só no momento do augmento subito na intensidade do mal, que de ordinario se annuncia, de antemão, pela languidez, pallidez e inchação das juntas. Muitas vezes o primeiro symptoma apparente é uma deformação, uma curvatura rapidamente produzida no meio de um osso longo, ou de muitos ao mesmo tempo. Estas deformações, quer sejam simultaneas ou successivas, tendem a augmentar, ora desigualmente, ora de maneira igual, e podem chegar a tal ponto, que difficilmente se concebe como a vida pôde conservar-se n'um corpo tão maltratado : encontrão-se alguns d'estes individuos que, chegados à idade adulta, só tem dois pés de altura. Os dentes são frequentemente cariados ou estriados.

A columna vertebral conserva-se ás vezes direita no meio da deformação universal, ou está menos viciada do que os membros inferiores; por isso não é raro encontrar-se um individuo *cambaio* sem ser *carcunda*. Mas, bem que em geral a columna vertebral se desfigure mais tarde que as outras partes do corpo, as suas alterações nem por isso são menos profundas; e ha casos em que fica tão torta, que, em algumas partes da sua extensão, tem quasi a direcção transversal. A curvatura natural das costellas augmenta. Os ossos dos membros superiores experimentão um encurtamento notavel; os dedos, sobretudo, são curtos, espessos e nodosos; o braço é muitas vezes curvado quasi em fôrma de S, e o antebraço arqueado para dentro. As coxas adquirem tambem mais ou menos a figura de S. As pernas, ordinariamente na sua parte inferior, tornão-se convexas para diante e para fóra. Mais raramente os ossos d'esta parte do corpo curvão-se na parte superior para diante e para dentro, e ha casos em que esta curvatura é tal, que o individuo pisa o chão tanto com a perna como com o pé.

Um dos phenomenos mais notaveis d'esta affecção é o desenvolvimento prematuro das faculdades intellectuaes e dos sentidos, especialmente do ouvido e da vista. Todas as pessoas podem observar que os *carcundas* tem o espirito penetrante e vivo : os seus ditos maravilhão; são tambem susceptiveis de paixões vivas.

Importa, sobretudo, reconhecer os primeiros phenomenos do rachitismo. Na idade infantil, denota-se pela arqueação das pernas ou proeminencia do osso que se acha na parte superior do peito e se chama clavícula. Nas idades subsequentes, descobre-se maiormente pela deviação do dorso ou pelas más posturas. A criança não sustenta bem o corpo, e se lhe dizem que se endireite, observa-se, examinando-a com attenção, que um dos hombros é mais

forte e elevado do que o outro. É ordinariamente o hombro direito que assim se levanta. O lado direito do peito torna-se mais convexo; o lado esquerdo, pelo contrario, forma uma depressão, cuja profundidade augmenta com a curvatura.

Prognostico. Em certos casos graves, o rachitismo caminha com uma intensidade prodigiosa e acaba por enfraquecer o individuo extremamente. Mas de ordinario a molestia faz progressos lentos; a arte ou a natureza a interrompem depois de uma duração variavel. Se o mal cessar em breve, o doente só conservará vestigios imperceptiveis; senão, deixará deformidades proporcionadas á sua intensidade primitiva. Todavia, as deformações, bem que ao principio mui pronunciadas, poderão, senão desaparecer totalmente, ao menos diminuir muito pelos progressos ulteriores do crescimento. São frequentes os exemplos de meninos pequenos e disformes até á idade da puberdade, que crescem então, e, sem adquirirem uma bella estatura, nada offerecem na idade adulta que os faça notar desfavoravelmente.

Tratamento. Sendo o rachitismo uma molestia possivel de prevenir-se, visto ser ás vezes hereditario, ou pelo menos commum a todos os irmãos e irmãs de uma mesma familia, é preciso, por consequente, preveni-lo nos primeiros dias da vida. Com estas vistas, confiai o menino a uma ama de leite robusta e recém-parida; vigiai-a no que diz respeito á moralidade; e, se é a propria mãe quem nutre, deve cessar a amamentação á menor suspeita de gravidez. Quando a criança tiver seis mezes, dar-se-lhe-hão, além do leite da ama, algumas sopas de araruta, de pão, de arroz, de vez em quando caldos de gallinha e de carne de vacca, e continuar-se-ha este regimen e a amamentação até ao termo de quinze ou dezoito mezes. É necessario supprimir qualquer comida prematura, pois d'ella provém principalmente a molestia, e dar uma alimentação apropriada á idade das crianças, e á força dos órgãos digestivos. Assim, repetimos, para as crianças mui jovens, o leite da ama sómente; para as de idade mais adiantada, o uso graduado de sopas magras, alternadas com caldos de carne, ovos, sem lhe deixar comer carne nem legumes. O exercicio ao ar livre, os passeios ao sol, são de absoluta necessidade; a habitação do campo é mais salutar do que a das grandes cidades; mas se não se puder deixar estas, é preciso habitar a parte mais alta da casa. Os exercicios gymnasticos vem depois. A cama deve ser dura, composta de um colchão de plantas aromaticas seccas. Os estudos não serão tão aturados que afadiguem; occupai-vos primeiramente do corpo, e depois do espirito. Devemos sobretudo insistir n'estes meios corroborantes, nas convalescenças de molestias.

Quando o rachitismo está no seu começo ou ainda pouco adiantado, convem se lance logo mão de um tratamento curativo. Ei-lo : Regimen exclusivamente lacteo para as crianças de peito, aleitamento preferivel a qualquer outra alimentação; nada de carnes, de sopas gordas; habitação em lugar elevado e exposto ao sol. Mais tarde, depois de desmamada, usará a criança de caldos substanciaes, carnes assadas, ovos, vinho.

Os medicamentos contra o rachitismo são : 1º *Oleo de figado de bacalhão*. Internamente, na dóse de uma colher *de chá* a uma colher *de sopa*, conforme a idade, duas vezes por dia. Por cima do remedio o doente bebe um pouco de café, come um gomo de laranja, um pouco de doce, uma pastilha de hortelã, ou lava a bocca com vinho ou aguardente. — Externamente o oleo de figado emprega-se em fricções, na dóse de 30 grammas (1 onça) por dia, sobre os ossos deformados.

2º *Xarope de pyrophosphato de ferro*. 30 a 60 grammas (1 a 2 onças) por dia.

3º *Banhos aromaticos*. Um a dois banhos por semana. O modo de preparar estes banhos, acha-se indicado no vol. I, pag. 307.

4º O doente deve dormir em *colchões feitos com plantas aromaticas*, como seião alfazema, alecrim, salva, fetos, etc.

5º Usar de banhos frios de rio ou do mar.

6º Friccionar os ossos doentes com o *linimento de Rosen* :

Oleo concreto de moscada.	4 grammas (1 oitava)
Oleo volatil de cravo.	.. 4 grammas (1 oitava)
Alcoolato de zimbro	72 grammas (18 oitavas).

7º *Xarope de quina*. Toma-se uma colher *de chá*, a uma colher *de sopa*, conforme a idade, duas vezes por dia.

8º *Agua de cal*. Internamente na dóse de uma colher *de sopa*, 2 vezes por dia.

Um tratamento curativo especial póde ser dirigido mais cedo ou mais tarde contra os *effeitos* do rachitismo; isto é, contra as deformidades que d'elle resultão; mas, então estes effeitos tornão-se, de alguma sorte, estranhos ao mal primitivo; dão lugar a considerações de outra ordem, e reclamão uma medicação particular. De todos os meios empregados contra as deformidades, um dos mais uteis é a acção repetida dos musculos que actua em sentido contrario á curvatura dos ossos. Assim, por exemplo, quando a columna vertebral principia a curvar-se, tira-se grande vantagem de exercicios repetidos muitas vezes por dia, e aturados quanto as forças o permittão. Consistem os exercicios em agarrar com as mãos um ponto de apoio elevado, e esforçar-se em erguer o corpo até este ponto; ou marchar teso como um soldado que está

em parada. A mesma indicação pôde ser preenchida por meios mecanicos applicados externamente, que acção continua, lenta e gradualmente, de maneira a endireitar pouco a pouco os ossos curvados. Estes meios empregão-se principalmente contra as pernas tortas. *Veja-se* CORCOVA, ORTHOPEdia, EXERCICIOS.

RADIO. O *radio* é um dos dois ossos do antebraço; occupa o lado externo. É mais delgado em cima do que em baixo. A sua extremidade superior apresenta uma eminencia arredondada que tem o nome de *cabeça*, sustida por uma porção estreita ou *collo*. A extremidade inferior articula-se com os dois primeiros ossos da mão.

O *cubito*, segundo osso do antebraço, occupa o lado interno; é mais volumoso em cima do que em baixo. A extremidade superior é perforada pela cavidade *sygmoide*; na qual penetra a trochlea do humero; atraz está a *apophyse olecranea*, e adiante a *apophyse coronoides*, duas proeminencias que se alojão nas cavidades posterior e anterior da extremidade do humero, durante a extensão e a flexão do antebraço. A extremidade inferior do cubito chama-se *cabeça*.

RAINHA DOS PRADOS. *Veja-se* ULMEIRA.

RAIO. O raio não é outra causa mais que uma faisca electrica, e o ruido que o acompanha procede da repulsão do ar. Os efeitos do raio só differem dos da maquina electrica na intensidade; cahe com preferencia nos pontos culminantes e corpos metallicos; inflamma as substancias combustiveis. Debaixo da sua influencia, o leite e o caldo decompõem-se, e as substancias animaes fermentão.

Quando ameça uma trovoada, muitas pessoas experimentão oppressão do peito; os doentes achão-se n'uma agitação contínua, que cessa subitamente no momento em que a trovoada arrebenta. Quanto ao raio, este paralyza, rasga, queima, desorganiza as partes que toca: o infeliz sobre quem cahio morre antes de perceber o relampago; e se a victima traz adereços metallicos, a electricidade derrete-os, seguindo o caminho que lhe offerecem; até a presença d'elles determina a direcção das lesões da pelle; como tambem a natureza isolante de certas roupas contribue para preservar o corpo dos ataques do raio. Assim, vê-se na relação das desgraças acontecidas n'uma tempestade em Châteauneuf, em França, que um sacerdote celebrante, estando com uma vestimenta de seda, foi o unico respeitado pelo raio no meio de numerosas victimas d'este terrivel meteor, que matou nove pessoas e ferio oitenta e duas. As substancias isolantes da electricidade são o vidro, a seda e as resinas.

A queda do raio nem sempre é seguida de terminação fatal; ás

vezes só sobrevem um estupor e uma surdez que se desvanecem ao cabo de alguns dias; em outros casos, manifesta-se uma paralyia mais ou menos completa e passageira.

O *tratamento* das pessoas fulminadas consiste em esfregar o espinhaço com vinagre ou agua de Colonia; applicar sinapismos nas pernas e braços, dar a cheirar vinagre, metter na bocca um pouco de sal de cozinha; e se o rosto estiver vermelho, praticar uma sangria no braço.

A sciencia depois de determinar a natureza intima do raio, fez conhecer os meios de nos preservar d'elle: o para-raio, imaginado pelo Americano Franklin, preenche este fim. Consiste este instrumento n'uma barra de ferro do comprimento de 7 a 10 metros, e de 5 centimetros de largura, que se colloca sobre os edificios e é destinada a protegê-los: termina por uma haste cónica de latão, tendo na sua extremidade uma agulha de platina muito aguda, e *communicam sem nenhuma solução de continuidade com a terra humida, ou aqua*. Estas duas condições de *não haver* interrupção de conductos, e *communicarem* estes com o chão humido, são de rigor; quando não são preenchidas, o para-raio é mais nocivo do que util; o raio, que sobre elle cahe, não tarda a abandona-lo e dirige-se sobre os corpos vizinhos, que despedaça para abrir caminho até ao solo. *Veja-se PARA-RAIO.*

As *cautelas* contra tão grande perigo consistem pois em guardar os telhados de conductores, evitar em occasiões de trovoadas a vizinhança dos corpos que pela sua elevação attrahem a electricidade das nuvens, afastar-se das igrejas, das torres de sinos e das arvores isoladas. O mais prudente, quando alguém fôr colhido por uma violenta tempestade, é continuar lentamente o seu caminho, ainda que exposto á chuva. Nos quartos, deve-se estar distante das chaminés, que conduzem facilmente a electricidade pela fuligem que contém, e nunca approximar-se dos tubos metallicos que conduzem as aguas servidas e as da chuva.

Effeitos do raio, exiguo numero das suas victimas. — Os effeitos do raio são mui variados, e muitas vezes estranhos: quebra os corpos máos conductores, inflamma os que são combustiveis, funde os metaes, mata os animaes, e transtorna os polos da agulha da bussola.

Observa-se que não cahe sempre sob a fórma de uma faisca, mas algumas vezes, como um globo de fogo, que desce mesmo assaz lentamente, em comparação com a faisca, e depois acaba por estourar com uma detonação comparavel ao estrondo de muitos canhões. É n'este estado, sobretudo, que o raio incendia os edificios em que cahe. Conta-se que em 1718, tendo o raio cahido

assim, debaixo da fôrma globular, em Gouesnon, perto de Brest, fez voar o tecto e as paredes de uma casa como o faria a explosão de uma mina, e que houve pedras projectadas em todas as direcções até 50 metros de distancia.

O raio deixa após si um cheiro sulfuroso particuliar. Desde alguns annos, attribue-se este cheiro á electrização do oxygeneo do ar que forma um producto que se designa com o nome de *ozone*.

Muitas pessoas deixão possuir-se de um extremo terror pelo raio. Este receio, comtudo, diminuiria consideravelmente, se se considerasse o pequenissimo numero de pessoas que morrem assombradas do raio. Com effeito, não se conta em França, termo médio, mais de vinte vietimas por anno; isto é, eerca de uma por dois milhões de habitantes; o que é muito menos que de outro genero de accidentes, de que quasi se não tem medo. As pessoas a quem esta consideração não chegar a tranquillizar, podem garantir-se durante o tempo de trovoada, com vestidos de seda, e melhor ainda, com assentos de pés de vidro, ou um disco espesso da mesma materia sobre o qual ficão isoladas. Com estas preeauções, não podem ser tocadas, e sentirião só uma eommoção mais ou menos forte, mas não mortal, se o raio cahisse perto d'ellas.

Nas aldeias, está-se no costume de toear os sinos durante a trovoada, cuidando, pela virtude do sino, afastar a nuvem, e evitar a saraiva tão perigosa para as seáras. Se isso não passasse de um preconeeito, poueo inconveniente haveria em deixar á gente do campo essa tal ou qual satisfação; mas ha perigo para os que toeão os sinos, porque os edificios mais altos são os que eorrem maior perigo, e com effeito vê-se frequentemente eahir o raio sobre as torres e matar os que alí se aehão. Portanto é expôr, inutilmente, a vida de pobres ignorantes o deixa-los tocar os sinos quando troveja.

RAIVA. Dá-se este nome á reunião dos phenomenos que resultão muitas vezes *mas nem sempre*, no homem, da mordedura dos animaes damnados; e os doentes affectados d'esta molestia ehamão-se *damnados*. Tem ella sido designada muitas vezes com o nome de *hydrophobia*, palavra de origem grega que significa horror á agua; porém manifestando-se tambem a aversão para os liquidos em diversas affecções nervosas, a palavra *hydrophobia* deve antes designar um *symptoma* da raiva, e não a propria raiva. Além d'isto o horror á agua não existe no eão damnado; existe só a impossibilidade de engulir. A raiva é susceptivel de se desenvolver espontaneamente nos eães, que a podem eomunicar a outros

animaes, taes como gatos, porcos, cavallos, mulas, burros, bois, cabras, ovelhas, etc., e ao homem, depondo um virus particular em uma ferida feita por uma mordedura. Inoculada, isto é, introduzida em uma leve incisão, a baba do cão damnado n'um cão são, desenvolve n'este a doença; mas provão as experiencias e as observações que só os dois terços dos animaes *inoculados*, e o terço sómente dos individuos *mordidos*, é que ficão damnados. Isto depende ora de uma predisposição individual, ora de alguma circumstancia fortuita que permittio ao virus o ser expulso logo depois de applicado, ou que o impedio de penetrar na ferida; assim comprehende-se facilmente, que, mordendo um animal qualquer parte protegida por vestidos espessos, os dentes não chegão sempre ás carnes senão depois de perfeitamente enxutos. Nenhum facto prova de que a raiva se possa communicar depois da applicação do virus sobre a pelle não esfolada.

Propaga-se o contagio pelo contacto da baba do animal damnado com a parte esfolada ou ferida. No individuo mordido por um cão damnado a ferida nada offerece de particular, e cicatriza-se como se fôra feita por um animal são. Mas ao cabo de trinta ou quarenta dias, ás vezes antes, outras vezes depois, declarão-se subitamente os symptomas da molestia. Não ha exemplos de que a raiva se tenha declarado um anno depois da mordedura. Os symptomas são: dôr de cabeça, insomnia, calefrios, sobresaltos e leves convulsões; depois nauseas, vomitos e sêde ardente. À vista dos liquidos, ou pelo effeito da claridade, os doentes experimentão um calefrio involuntario; querem entretanto estancar a sêde que os devora; mas apenas o liquido lhes toca os labios, repellem o vaso com horror, porque não podem engulir por causa da contracção dolorosa da garganta; os musculos do rosto, do peito e dos membros são agitados por violentas convulsões. Às vezes ha momentos de remissão, durante os quaes o damnado pôde acalmar a sêde; mas, passado algumas horas, todos os phenomenos mordidos se reanimão com maior intensidade. Os olhos estão fitos ou continuamente agitados, as convulsões são geraes; uma baba espumosa enche a boccá; o doente cospe ás vezes no rosto ás pessoas que o rodeião; sua physionomia exprime o medo e o furor; delira, rangem-lhe os dentes; alguns doentes desejão morder, mas são em pequeno numero. Nos instantes de remissão, o damnado deplora o seu estado, testemunha com viva sensibilidade a sua gratidão pelos cuidados que lhe prodigão, e pede perdão dos seus furores. Emfim, o pulso torna-se fraco, a respiração é cada vez mais anhelante; sobrevem soluços, um suor frio cobre-lhe o corpo, e o doente morre. Raras vezes dura a molestia mais de cinco dias.

A morte tem lugar ás vezes em vinte e quatro horas, mas de ordinario sobrevem no terceiro dia.

Tratamento. Um tratamento local póde atalhar a raiva sempre que seja possível destruir as partes affectadas pela baba do animal damnado. A primeira cousa que deve fazer-se, á pessoa mordida por um animal damnado, é lavar immediatamente a ferida com agua fria, e cauteriza-la, quanto antes, com um prego de ferro em brasa, com uma tesoura, uma chave aquecida em brasa viva, ou outro ferro de fórma conveniente, com um tição de fogo, com isca ou com polvora que se applica na ferida, e se accende. Outras substancias causticas, taes como a manteiga de antimonio, o oleo de vitriolo ou a pedra infernal, que são aconselhadas para o mesmo fim, não tem uma acção tão energica como o ferro em brasa. Podem ser empregadas em quanto se aquece o ferro, mas é prudente, mesmo depois do seu emprego, tornar a cauterizar com o ferro em brasa. Empregue-se a primeira substancia caustica que se póde ter mais promptamente, por exemplo a cal viva, que tambem e um caustico. A cauterização deve penetrar em todos os pontos que forão tocados pelos dentes do animal. Não se sabe o tempo, passado o qual nada mais resta a temer sobre os effectos da mordedura do animal damnado; cumpre, pois, sempre recorrer á cauterização, seja qual fôr o numero de horas ou mesmo de dias decorridos depois da mordedura. Quanto á applicação das diversas plantas, e aos outros meios preconizados pela ignorancia ou pelo charlatanismo, são inuteis, mesmo nocivos, e não merecem a menor confiança. Se ha tantos medicamentos propostos para prevenir os effectos da mordedura do cão damnado, é porque não estando affectados da raiva os dois terços dos individuos mordidos, estes podem attribuir ao primeiro remedio a immuniidade que é devida á marcha natural das cousas humanas.

Declarada a molestia, a medicina vê-se na triste impossibilidade de remedia-la; e os doentes morrem quasi sempre antes do quinto dia. Ha, entretanto, alguns exemplos de cura, mas infelizmente são raros. Tem sido observados em França, na escola veterinaria de Lyão, casos de cura de raiva nos cães sem nehuma tratamento. Contra a raiva declarada no homem forão empregados muitos medicamentos: os principaes são: os banhos geraes mornos, a belladona, o opio, o almiscar, a camphora, o castoreo, as cantharidas, o ammoniaco, o sulfato de quinina. Esperemos que, á força de experimentar, algum genio feliz achará um dia o especifico d'esta terrivel molestia. Não podendo o doente engulir, convem administrar os medicamentos em fricções. Assim deve-se esfregar as pernas ou o pescoço com pomada de belladona (extracto de belladona

4 gram., banha 32 gram.); ou com linimento opiado (laudano de Sydenham 4 gram., azeite doce 28 grammas). Podendo o doente engulir administre-se-lhe, de meia em meia hora, uma colher da poção seguinte :

Agua commum.	125 grammas (4 onças)
Tintura de belladona.	4 grammas (1 oitava).

Os animaes domesticos, em que ha occasião de observar a raiva mais frequentemente, são o cão, o gato, o cavallo, o boi, os animaes lanigeros e o porco.

Signaes do cão damnado. Fica triste, busca a solidão, esconde-se na sua casinha; retira-se para os recantos da casa, debaixo dos moveis, mas não mostra ao principio disposição alguma para morder. Obedece ainda, mas lentamente, á voz que o chama. Fica encolhido com a cabeça escondida entre as patas anteriores. Depois torna-se inquieto, muda muitas vezes de lugar, e agita-se continuamente. O olhar torna-se estranho, a attitude sombria e suspeita. Vai de uma pessoa á outra, olha para cada uma d'ellas, e parece pedir um remedio ao mal que sente.

Uma das particularidades mais curiosas e mais importantes de conhecer ácerca da raiva do cão, é a perseverança, n'este animal, mesmo nos periodos mais adiantados da molestia, dos sentimentos de affeição para com os seus donos. D'aqui vem as frequentes illusões que os donos dos cães damnados tem sobre a natureza da molestia d'estes animaes. Como acreditar na raiva de um cão que se mostra sempre affectuoso, docil, e cuja molestia se manifesta sómente pela tristeza, agitação e selvajaria insolita? Illusões temiveis, porque este cão, de que não se desconfia, pôde fazer uma mordedura fatal, sob a influencia de uma contrariedade ou em consequencia de uma correcção que o seu dono julgou dever-lhe infligir, quer por não ter obdecido immediatamente, quer por ter respondido a um primeiro ameaço com um gesto aggressivo.

No maior numero de casos, os donos não são mordidos senão nas circumstancias analogas ás que deixei indicadas. Porém as mais das vezes, o cão damnado respeita e poupa os que affeição. Se não fosse assim, os accidentes da raiva seriam muito mais numerosos, porque pela maior parte os cães damnados ficão um e dois dias na casa, no meio das pessoas da familia e dos criados, primeiro que haja receios ácerca da natureza da sua molestia.

No principio da raiva apparece o *delirio raivoso*. Consiste este symptoma em movimentos estranhos que denotão que o animal doente vê objectos e ouve ruidos que existem só na sua imaginação. Ora, com effeito, estando o animal immovel attento, como se estivesse de emboscada, atira-se de repente e morde no ar, como

faz, no estado de saude, o cão que quer apanhar uma mosca a voar. Outras vezes arremessa-se furioso dando huiuos contra a parede, como se tivesse ouvido de outro lado ruidos ameaçadores. Estes signaes são muito importantes e merecem bastante attenção. São aliás muito fugaces, e basta, para desapparecerem, que a voz do dono se faça ouvir : immediatamente o animal dirige-se de rastos para o seu dono com a expressão de affecto que lhe é particular. Vem então um momento de repouso ; fechão-se os olhos lentamente, abaixa-se-lhe a cabeça, dobrão-se os membros anteriores debaixo do peso do corpo, e o animal está quasi a cahir. Mas de repente põe-se direito ; novos fantasmas vem assalta-lo, olha ao redor de si com uma expressão estranha, abre a bocca como para agarrar um objecto ao alcance de seus dentes, e arremessa-se na extremidade de sua cadeia, ao encontro de um inimigo imaginario. Taes são os symptomas que se observão no começo da molestia.

No periodo mais adiantado, augmenta a agitação do animal. Elle vai, vem, anda para uma parte e para outra. Estando preso, levanta-se e deita-se continuamente, e muda de posição de todas as maneiras. Estando livre, parece andar procurando algum objecto perdido. Se se reparasse n'estes primeiros symptomas, poder-se-hião evitar muitas desgraças. Desconfiai, pois, do cão que principia a mostrar-se doente ; todo o cão doente deve ser reputado suspeito. Desconfiai, sobretudo, do que se tornou triste, que não sabe onde descançar, que vai e vem continuamente, anda para uma parte e para outra, com a bocca para o ar, ladra sem motivo, e esquadrinha nos cantos da casa, sem achar nada. Desconfiai do que se tornou para vós demasiado affeituooso, que vos lambe continuamente as mãos. O melhor meio de prevenir a raiva, consiste na divulgação dos symptomas que caracterizão esta molestia. Continuemos pois sua exposição.

Hydrophobia ou *horror á agua*. É um erro crer que o cão damnado tem repugnancia á agua. Chegado a certo periodo da molestia, o cão damnado tem os musculos da guela paralyzados e não póde engulir ; mas no começo da molestia, isto é, quando está mais perigoso, o animal approxima-se á agua que se lhe apresenta, bebe-a, e até com muita avidéz. E quando a constricção da guela torna a deglutição difficil, mergulha o focinho inteiro no vaso, e morde, por assim dizer, a agua que não póde engulir.

O preconceito do horror á agua é um dos mais perigosos que reina a respeito da raiva canina, e a palavra *hydrophobia*, formada de duas palavras gregas, que significa horror á agua, e que substituiu pouco a pouco a da raiva, é uma das mais detestaveis

invenções de linguagem, porque esta invenção tem sido a causa de muitas desgraças para a especie humana. Com effeito, esta palavra implica uma ideia, hoje muito estabelecida na opinião publica, de que o cão damnado tem horror á agua; por conseguinte, se bebe, não está damnado. Ora, observações numerosas feitas na Escola veterinaria de Pariz, provão evidentemente que o cão damnado não é hydrophobo; não tem horror á agua. Quer beber, mas não póde por causa da constricção ou da paralyisia dos musculos da garganta.

Funcção digestiva no cão damnado. Nem sempre o cão damnado recusa os alimentos no começo da molestia, mas promptamente perde a vontade de comer. E, quer haja depravação do appetite, quer o animal experimente uma necessidade fatal e imperiosa de morder, apanha, rasga e móe grande numero de corpos estranhos á alimentação. A liteira sobre que dorme, as almofadas dos quartos, as chinclas, os trastes, a madeira, a herva, as pedras, o vidro, tudo engole. Conhecido isto, cumpre estar precavido contra um cão que rasga tudo em casa ou come terra. Estes factos são um preludio. O animal satisfaz já o seu furor raivoso sobre corpos inanimados, mas está proximo o momento em que o homem mesmo, por amado que seja, poderá não ser poupado. Ha cães damnados, cuja bocca enche-se de uma baba espumosa, sobretudo durante os accessos. Em outros, pelo contrario, esta cavidade acha-se completamente secca.

Um cão damnado faz ás vezes com as patas, de cada lado das faces, os gestos que são naturaes ao cão, em cuja garganta, ou dentes, parou um osso incompletamente móido. Outro tanto acontece quando a paralyisia dos queixos torna a bocca muito aberta, como se observa na variedade da raiva tranquilla, chamada *raiva muda*, ou no periodo adiantado da raiva furiosa. Muitas pessoas julgão que este symptoma é a expressão de um osso parado na garganta; e desejando socorrer o cão, fazem explorações que podem ter consequencias funestas, porque estas pessoas podem ferir-se nos dentes do animal doente, ou este, irritado, póde convulsivamente approximar os queixos, e morder.

Os vomitos são ás vezes um symptoma da raiva principiante. As materias lançadas podem ser sanguinolentas.

Voz do cão damnado. O latido do cão damnado é muito caracteristico. Quem o ouviu uma vez, não o póde confundir com outro som do mesmo genero. As modificações que a voz do cão experimenta na raiva são de duas especies: as que se referem ao som, e as que são relativas ás modulações que constituem o latido ou o huivo. O som é encoberto. O animal fica ordinariamente em pé,

ás vezes sentado, com o focinho no ar. Principia por um latido ordinario, que termina de repente e de maneira singular, em um huivo de cinco, seis ou oito tons mais elevado do que a principio. Ouve-se, ás vezes, huivar os cães sãos, mas na raiva, o som produzido é um latido perfeito, ao qual succede de repente um huivo prolongado, que foi comparado ao canto do gallo. Sem duvida esta descripção não póde dar senão uma ideia imperfeita do latido rabi-forme; mas o que importa saber é, que *sempre* a voz do cão damnado muda de tom; que o seu latido é inteiramente differente do latido natural. Cumpre, pois, desconfiar quando a voz conhecida de um cão muda de repente.

A raiva caracteriza-se ainda por uma particularidade mui singular, e que serve para reconhecer esta molestia; vem a ser a impressão que exerce, sobre um cão affectado da raiva, a vista de um animal da sua especie. Esta impressão é tão poderosa que dá lugar immediatamente á manifestação de um accesso. Logo que o cão damnado se acha em presença de um animal da sua especie, atira-se a elle, e morde-o com furor.

Acontece muitas vezes que o cão que sente o primeiro ataque da raiva abandona a casa e desapparece, quer tenha morrido em algum lugar retirado, quer fosse morto no caminho. Mas em alguns casos, o infeliz animal, depois de ter vagado por um ou dois dias, e escapado ás perseguições, volta para casa do dono. É n'esta circumstancia sobretudo que acontecem as desgraças. Com effeito, todos se apressão a soccorê-lo, sobretudo se está miseravel, coberto de lama ou de sangue. Mas desgraçada da pessoa que se approxima d'elle! N'este periodo da molestia, a propensão para morder tornou-se imperiosa no cão, e muitas vezes paga com mordeduras virulentas as caricias que lhe fazem. Cumpre pois considerar como suspeito todo o cão que, depois de deixar a casa, volta para ella passado um ou dois dias, e sobretudo se se acha no estado de miseria que deixei indicado.

Raiva de fórma tranquilla, ou raiva muda. É uma variedade da raiva caracterizada, desde o principio, pela paralysisa quasi completa dos musculos da guela, que torna absolutamente impossivel qualquer emissão de som. Eis-aqui os seus symptomas: bocca meio-aberta, cheia de baba, a lingua pendente ou collocada sobre a margem da arcada dentaria; olhar brando, triste, vago; o globo do olho as mais das vezes desviado; physionomia anciosa, que inspira compaixão.

Taes são os signaes que caracterizão a raiva no cão. Torna-se manifesto, por esta exposição, que a raiva canina não consiste em um furor contínuo, como julgão muitas pessoas que não accre-

ditão na raiva, e não a julgão senão pelos symptomas do seu ultimo periodo. Mas antes que estes symptomas se produzão, antes que o cão damnado se mostre inteiramente furioso, e exprima o seu furor por mordeduras, decorre um lapso de tempo bastante longo, durante o qual o animal fica inoffensivo, bem que a molestia já esteja declarada.

Quando a molestia chegou ao periodo em que se póde denominar *raiva*, isto é, quando se caracteriza por accessos de furor, a physionomia do cão é terrivel. Os olhos tem um brilho sombrio que inspira medo, mesmo quando se observa o animal a travez da grade da gaiola onde está fechado. Alí, agita-se continuamente; pela menor excitação, atira-se para a gente, dando huivos caracteristicos. Furioso, morde as grades da gaiola, e quebra os dentes. Apresentando-se-lhe um páo, agarra-o com os dentes, e morde-o repetidas vezes. A este estado de excitação succede d'alí a pouco uma profunda lassidão; o animal, cançado; retira-se para o fundo da gaiola, e alí fica algum tempo insensivel a quanto se possa fazer para irrita-lo. Depois, acorda de repente, salta para diante, e entra em novo accesso.

Quando se introduz um cão são na gaiola do animal doente em pleno accesso de raiva, o seu primeiro movimento não é sempre ataca-lo e mordê-lo. Pelo contrario, a presença da infeliz victima que se lhe sacrifica, quer seja macho ou femea, excita n'elle o sentido genital, o que testemunha por caricias. Durante estas manifestações apaixonadas, a victima, como se tivesse o presentimento do terrivel perigo que corre, exprime o medo por tremuras de todo o corpo, e agacha-se n'um canto da gaiola. Com effeito, em menos de um minuto o animal doente entra em raiva, e lança-se com furor sobre a victima. Esta raras vezes se defende; de ordinario não responde ás mordeduras senão por gritos agudos que fazem um contraste com a raiva silenciosa do aggressor. Passado este primeiro momento de furor, o animal damnado faz novas caricias, que são seguidas logo de um novo accesso.

Quando o cão damnado está livre, ataca todos os entes vivos que encontra, mas com preferencia os cães. De sorte que é uma felicidade para o homem, que póde achar-se exposto ás suas mordeduras, o encontrar-se na vizinhança um cão sobre o qual o damnado possa apagar o seu furor. O cão damnado não conserva por muito tempo o modo de andar habitual. Não tarda a ficar cançado. Então afrouxa os passos, e anda vacillando. A cauda pendente, a cabeça baixa, a guela aberta, d'onde sahe uma lingua azulada, dão-lhe um aspecto caracteristico. N'este estado é menos temivel que no momento de seus primeiros furores. Se ataca ainda,

é porque acha na direcção que percorre a occasião de satisfazer a raiva. Mas já não muda de direcção para ir ao encontro de um animal ou de um homem que não se achão immediatamente ao alcance dos seus dentes. Logo o enfraquecimento é tal que é obrigado a parar no caminho. Então agacha-se em algum fosso da estrada, e fica ali somnolento durante muitas horas. Desgraçado do imprudente que lhe não respeitar o somno : o animal, acor-



Fig. 423. — Cão damnado em repouso, retratado do natural.

gado, recupera frequentemente bastante força para dar-lhe uma mordedura. O cão damnado morre sempre paralyzado. A molestia dura de tres a oito dias. A figura 423 representa um cão damnado em repouso. Foi desenhado do natural. O modelo foi um cão damnado que existia n'um estabelecimento de Pariz, na rua Fontaine-au-Roi, nº 7, onde se recebem e tratão os animaes doentes.

Raiva no gato. Foi observada com menos frequencia do que no cão. O gato póde ficar damnado espontaneamente, mas raras vezes; de ordinario a raiva apparece n'elle depois da mordedura feita por um cão damnado. Como o cão, quando está atacado d'esta molestia, mostra ao principio um desassocego não motivado, que é tanto mais caracteristico quanto é sabido, que uma quietação perfeita é propria ao seu estado normal. A voz é rouca, e apresenta alguma analogia com a que faz ouvir no tempo do cio, vulgarmente dito o seu janeiro. Se se lhe tocar, procura morder. A prudencia exige que se considere como um signal de raiva qualquer mudança no estado normal do gato. A morte sobrevem no gato damnado, do mesmo modo que no cão.

Raiva no cavallo. Apresenta, ao principio, os mesmos symptomas que no cão : tristeza, inquietação, perda de appetite.

O animal mexe-se continuamente; sacode a cabeça, bate com as mãos; tem frequentemente vontade de morder, morde a si mesmo, e até rasga com os dentes as carnes das pernas. Tem os olhos brilhantes; mastiga a madeira da manjadoura; atira-se com violencia sobre a agua, mas não a póde engulir. No terceiro ou quarto dia os accessos tornão-se mais frequentes; o animal experimenta tremuras, e morre em convulsões.

Raiva no boi ou na vacca. O animal dá mugidos queixosos e surdos, anda vagando, procura ferir com as pontas os outros animaes e tudo o que encontra, manifestando movimentos desordenados.

Raiva nos carneiros, ovelhas ou outros animaes lanigeros. Conhece-se pelo andar incerto, inquietação geral, excitação venerea acompanhada de tristeza. Nunca ha horror á agua. O animal bate com a cabeça; torna-se surdo á voz do pastor, e não tem mais medo do cão. A morte sobrevem como nas especies precedentes.

Raiva no porco. Não come, tem a lingua pendente, a guela cheia de baba. Raras vezes procura morder. Do sexto ao setimo dia, fica affectado de paralyisia, e morre com a barriga inchada.

RAIZ DE GUINÉ. *Veja-se* PÍPI.

RAIZ DE LAGARTO. *Veja-se* JALAPÃO.

RAMO DE AR. *Veja-se* APOPLEXIA.

RANULA. Pequeno tumor molle, fluctuante, semi-transparente, formado pelo canal excretor da glandula salivar submaxillar, quando este canal se acha obstruido perto do seu orificio por um obstaculo qualquer, e estendido pela saliva. A ranula póde consistir tambem em um kysto desenvolvido á roda do canal da saliva. Este tumor cresce com o tempo, e encheria mais ou menos a cavidade da bocca, se não se restabelecesse o curso da saliva pela punção ou pela excisão de uma porção da parede do sacco. Quando a ranula consiste em um kysto formado á roda do canal conductor da saliva, é necessario fazer a sua completa excisão, ou oblitera-lo com injeções de tintura de iodo.

RAPÉ. *Veja-se* TABACO.

RASGADURA DO PERINEO. Chama-se *perineo* ao espaço comprehendido entre o anus e as partes genitales. Esta região do corpo rasga-se ás vezes durante o parto. Para prevenir este accidente, a mulher deve usar frequentemente de banhos d'agua morna nas ultimas semanas da gravidez; e é necessario que durante o parto, a parteira applique com força a mão no perineo. Quando, pela falta d'estas precauções, e ás vezes apezar do seu emprego, o perineo rasga-se, os meios de curar esta molestia varião con-

forme a sua extensão. Quando a rasgadura se estende sómente até á metade do comprimento do perineo, obtem-se facilmente a cura; basta, para favorecer a cicatrização, que a mulher tome todos os dias um semicupio d'agua tepida, tenha continuamente as coxas approximadas, e esteja deitada de lado. Mas quando a rasgadura se estende até ao anus, é preciso coser as margens da ferida com linha.

RATANHIA. *Krameria triandra*, Ruiz e Pavão. Polygaleas. Arbusto natural do Perú. Fig. 424. Ramos numerosos, vellosos, esbranquiçados; folhas alternas, ovaes-oblongas, agudas, coriáceas; flores axillares, de pedunculo curto; fructo em fórma de um feijão, erigido de pontas, contendo uma ou duas sementes; raiz dividida em grande numero de ramificações cylindricas, da grossura do dedo minimo, de côr roxa avermelhada, sabor adstringente e sem amargor. A parte central é de côr rosea pallida, e quasi sem sabor.



Fig. 424. — Ratanhia.

A raiz de ratanhia administra-se em infusão, que se prepara com 2 grammas (meia oitava) da raiz, e 360 grammas (12 onças) d'agua fervendo. Toma-se em bebida nos escarros de sangue, hemorragias uterinas, e externamente em gargarejos nas esquinencias chronicas. O extracto de ratanhia emprega-se em pilulas ou poção na dóse de 1 a 4 grammas (20 grãos a 1 oitava).

Ratanhia do Brasil. Ratanhia da terra. *Krameria argentea*, Martius. Polygaleas. Sub arbusto do Brasil; habita especialmente na provincia da Bahia. Ramos avelludados; folhas ovaes-oblongas, um pouco grossas; flores dispostas em espigas racimosas. A raiz é adstringente, e póde servir nos mesmos casos que a ratanhia do Perú.

RATO. Quadrupede da ordem dos Roedores. Entre as especies d'este animal nocivo, ha ratos grandes e pequenos: estes chamão-se mais particularmente *camondongos*. Estes animaes devastão tudo, fúrão as paredes e os trastes, roem a roupa, os livros. O pão, o queijo, as fructas, o toucinho, as farinhas, os doces e as velas de sebo, são os objectos que preferem. É bom ter em casa

um ou dois gatos para exterminar ou afugentar os ratos; ás vezes é preciso recorrer ás ratoeiras, ou a venenos. Para o envenenamento ha muitos meios : o arsenico, a noz vomica, o phosphoro e a cal. Nas casas onde ha crianças, o uso do arsenico é perigoso, porque esta substancia parece-se com assucar em pó, e deixa na lingua um resaibo adocicado; a noz vomica, o phosphoro e a cal podem empregar-se sem perigo. Póde-se misturar a raspadura fina da noz vomica com todas as substancias seccas ou liquidas de que os ratos gostão com preferencia; mettem-se estas preparações em cartas do jogar, cujas margens forão levantadas para formar umas caixinhas, e põem-se na proximidade dos buracos dos ratos. Podem-se tambem enrolar em raspas de noz vomica pedacinhos de toucinho assado, collocados junto aos buracos dos ratos; mas deve-se evitar que os gatos ou cães comão este toucinho. Sendo a noz vomica de sabor muito amargo, é talvez preferivel mistura-la com alguns doces.

Envenenamento dos ratos pela cal. Mistura-se a cal virgem com farinha de trigo em porções iguaes ou com assucar, e deita-se em caixinhas nos lugares frequentados pelos ratos; e perto do veneno põe-se uma tigela com agua. Logo que o animal come a cal com a farinha, vai beber agua afim de apagar o fogo interior que o devora; mas apenas engole algumas gottas d'agua, a cal fermenta, queima-lhe as paredes do estomago; o ventre do rato incha de maneira prodigiosa, e elle morre alí mesmo sem ter tempo de fugir para o scu buraco.

*Veneno arsenical para a destruição dos ratos
e outros animaes damninhos.*

Sebo	500 grammas (16 onças)
Farinha de trigo	500 grammas (16 onças)
Acido arsenioso em pó fino	45 grammas (1 1/2 onça)
Pós de sapato	4 grammas (1 oitava)
Oleo essencial de aniz	20 gottas.

Derreta o sebo em tigela de barro, ajunte as outras substancias, e misture exactamente. Esta massa póde ser empregada tal como acaba de ser formulada, ou misturada com as substancias que costumão comer os animaes que se querem destruir.

Veneno phosphoreo.

Phosphoro	30 grammas (1 onça)
Agua fervendo	600 grammas (20 onças)
Farinha de trigo	600 grammas (20 onças)
Sebo derretido	600 grammas (20 onças)
Azeite doce	600 grammas (20 onças)
Assucar	720 grammas (24 onças).

Deite o phosphoro na agua fervendo e em almofariz de porcelana mui limpo; dissolvido o phosphoro, ajunte-lhe pouco a pouco a farinha, mexendo continuamente com espátula de páo; estando esta primeira mistura quasi fria, deite pouco a pouco o sebo derretido mas pouco quente, azeite e assucar, e mexa até esfriar. Conserva-se esta massa em vasos tapados. Para emprega-la, estende-se em camadas finas sobre fatias de pão mui delgadas. Os ratos comem-na, e morrem em pouco tempo.

Os ratos podem apanhar-se nas ratoeiras com queijo ou toucinho queimado no fogo. Ha differentes especies de ratoeiras.

Um meio tão certo como o veneno, e que não apresenta o mesmo perigo, consiste em dispôr, nos lugares frequentados pelos ratos, uma tina meia cheia d'agua e coberta de pranchas mal juntas, de que uma faz balouço : colloca-se por cima d'esta alguma isca, por exemplo um pedaço de toucinho assado á vela, e pôde-se estar certo de que não se passará noite sem que algum rato venha afogar-se.

RECEITA ou **Formula**. Chama-se *formula* ou *receita* uma indicação escripta das substancias que devem entrar na composição de um medicamento, as dóses d'estas substancias, a fórma pharmaceutica que se quer dar ao medicamento, e ás vezes a maneira de o preparar e de administra-lo.

RECEM-NASCIDO. *Veja-se* o artigo PARTO, vol. II, pag. 611, onde estão indicados os cuidados que devem prestar-se á criança recém-nascida.

RECTO. Ultima porção do intestino grosso, assim chamada por causa da sua direcção quasi recta. Termina por um orificio chamado *anus*. Eis-aquí as molestias que podem affectar o recto.

MOLESTIAS DO RECTO.

Affecções venereas do recto. *Veja-se* vol. I, pag. 313.

Cancro do recto. *Veja-se* vol. I, pag. 458.

Corpos estranhos no recto. *Veja-se* vol. I, pag. 753.

Estreitamento do recto. Os estreitamentos do recto são devidos a diversos estados de induração, de augmento de volume das membranas do intestino, ou a desenvolvimentos anormaes, a tumores vizinhos. Estas lesões tem por consequencia necessaria uma mudança na fórma, direcção, diametro do intestino, circumstancias que occasionão desarranjos na defecação, a qual se torna quasi sempre difficil.

Os estreitamentos podem ter a séde em todas as alturas. Uns existem perto do anus, outros estão situados tão profundamente, que, apenas podem ser attingidos com o dedo introduzido no intestino; os mais frequentes achão-se um pouco em cima do anus.

Causas. As causas dos estreitamentos do recto são numerosas : taes são as affecções organicas do intestino, os cancrios, os polypos, etc. A diminuição do calibre do intestino, não é, n'estes casos, senão um symptoma de outra affecção. A causa mais frequente dos estreitamentos verdadeiros é a inflammação : assim os abcessos desenvolvidos na superficie ou na espessura do recto podem ser causa de estreitamentos. A ulceração da membrana mucosa, a dysenteria chronica, podem ser seguidas de estreitamentos; o prolapso do recto, as hemorrhoidas, as contusões violentas, a introdução dos corpos estranhos, etc., podem, provocando a inflammação do recto, determinar o estreitamento. A syphilis, a blennorrhagia anal, os cancrios desenvolvidos no anus ou no interior do recto, ou mesmo na vizinhança do intestino, forão considerados com razão como causas do estreitamento do recto.

Symptomas. Ao principio, os enfermos tem prisão de ventre, que necessita o uso de clysters ou de leves purgantes; mas logo depois a prisão de ventre torna-se mais rebelde; sobrevem colicas mais ou menos intensas; as evacuações são irregulares; o ventre está duro, inchado, sensivel á compressão; as materias feaes sahem com difficuldade. A irritação occasionada pelas materias no intestino provoca a secreção de um liquido mucoso que determina frequente vontade de ir á banca. Os esforços porém, são quasi sempre sem resultado. Quando a retenção é completa, observão-se vomitos das materias estercoraes e os mais accidentes proprios ás oclusões intestinaes, a peritonite, a ruptura do intestino, etc., etc. Introduzindo uma sonda no anus, verifica-se a altura do estreitamento; sente-se, com effeito, uma resistencia mais ou menos forte. Mas o melhor meio de exploração é a introdução do dedo; póde-se com o dedo verificar o estado da membrana mucosa do recto, determinar a séde, o gráo do estreitamento e a resistencia que póde offerecer. Infelizmente a altura do estreitamento nem sempre permite que o dedo atinja o obstaculo. *

Tratamento. O tratamento é *palliativo* ou *curativo*.

1º *Tratamento palliativo.* Consiste em clysteres d'agua tepida, semicupios da mesma natureza, clysteres com oleo de ricino, duchas ascendentes, regimen composto principalmente de vegetaes. Estes meios não curão os estreitamentos, abrandão, porém, os seus incommodos.

2º *Tratamento curativo.* São aconselhadas contra os estreitamentos do recto a *dilatação*, a *cauterização*, a *incisão*.

Dilatação. Introduz-se no estreitamento uma mecha de fios, de que se augmenta gradualmente o volume. Este meio allivia promp-

tamente e pôde curar o estreitamento, quando é simples e recente. É necessario repetir o curativo de tempos a tempos, por causa da tendencia que tem a molestia a reproduzir-se. Pôde-se tambem dilatar instantaneamente o intestino por meio de uma tenaz empregada na operação da cystotomia : forão curados por este meio estreitamentos mui graves. O Dr. Nelaton aconselha, quando isto é possível, dilatar o orificio estreitado por um processo semelhante ao que é empregado para curar a fissura do anus : o doente está submettido ás inhalações do chloroformio; depois introduzem-se os dedos profundamente no estreitamento, e ali rasgão-se os tecidos. Às vezes a resistencia é tal que é necessario recorrer a um instrumento, a um pequeno especulo rectal. Para prevenir a recabida, recommenda-se manter a dilatação por meio de uma mecha ou de um aparelho de caoutchouc introduzido no recto por meio de uma haste; este aparelho enche-se depois de ar.—Não sendo possível que uma mecha, mesmo mui pequena, passe o estreitamento, deve-se introduzir a mecha até ao obstaculo e deixa-la ali. Pouco a pouco desincha o lugar pelo corrimento da materia que a presença da mecha determina, e um ou mais dias depois, a via acha-se bastante larga para dar passagem á mecha.

Cauterização. Toca-se o estreitamento com pedra infernal. Este meio pôde modificar as superficies affectadas e tornar a dilatação mais facil.

Incisão. Preconizado sobretudo na Inglaterra, este meio é bom quando o obstaculo não apresenta espessura consideravel. Leva-se sobre a polpa do dedo um bisturi de ponta romba, e fazem-se, á direita e esquerda, pequenas incisões.

O estabelecimento de um anus artificial pôde tornar-se necessario na caso de um aperto extremamente estreito e incoercivel.

Fissura no anus. *Veja-se* vol. I, pag. 4139.

Fistula no anus. *Veja-se* vol. I, pag. 4144.

Hemorrhoidas. *Veja-se* vol. II, pag. 427

Inflammação do recto. A inflammação pôde ter lugar na margem do anus ou no interior do recto. As circumstancias que podem produzi-la são : a irritação occasionada pelas materias fecaes endurecidas; os esforços no acto de defecação nas pessoas accomettidas frequentemente de prisão de ventre, a abundancia da secreção cutanea, e a sua acrimonia.

A irritação do interior do anus annuncia-se ordinariamente pelos puxos e vontade frequente de ir á banca; ha um escorrimento mucoso, amarellado, ou estriado de sangue, e uma sensação de peso no anus; parece ao doente que uma massa consideravel tende sem cessar a sahir do recto. Semicupios d'agua tepida,

clysters de cozimento de linhaça, e alguns dias de repouso, bastão ordinariamente par curar uma affecção tão leve. Diminuindo a quantidade de comidas, as evacuações tornar-se-hão menos frequentes, e a cura será mais prompta. Quando o incommodo é entretido pela fricção das superficies tegumentarias, é preciso introduzir entre as nadegas uma mecha de fios ou um panno untado de ceroto.

Polypos do recto. Dá-se este nome a excrescencias carnosas que se desenvolvem ás vezes no recto. Os polypos do recto são mui raros. Esta affecção é infinitamente mais frequente nas crianças do que nos adultos. Os polypos do recto podem ser unicos ou multiplos; são ordinariamente lisos, molles, ora pediculados, ora de base larga. O seu volume é variavel. Ha-os que apenas tem o volume de uma avelã, entretanto que outros podem attingir o de um ovo de gallinha. Ora estão situados na margem do anus, ora se achão implantados muito mais profundamente no recto.

Symptomas. Os polypos do recto tornão difficil a sahida das materias fecaes, causão dôres no momento da defecação, determinão um sentimento de peso no perineo e occasionão corrimentos sanguinolentos. Sahem no momento da defecação, e podem ser reduzidos com facilidade. O dedo introduzido no recto encontra um tumor liso, molle, elastico, tendo um pediculo mais ou menos estreito. A *marcha* d'esta affecção é em geral lenta; ás vezes os tumores desaparecem espontaneamente. O *diagnostico* é facil quando os polypos existem na parte inferior do recto, e quando sahem em cada esforço de defecação. Podem-se facilmente distinguir da sahida do recto pela sua fórma, côr, e sobretudo por não existir orificio no centro do tumor. Forão tambem confundidos com as hemorrhoidas; mas, nos polypos, as hemorrhagias mostrão-se sobretudo depois da defecação, e não são contínuas como nas hemorrhoidas.

Tratamento. Quando o polypo está situado perto da margem do anus, é facil applicar uma linha sobre o seu pediculo e aperta-lo com ella, para produzir a sua mortificação e a sua quêda; mas as difficuldades são maiores quando a polypo está implantado mais acima. Sendo o pediculo estreito, basta aperta-lo com uma pinça. Emprega-se tambem a *excisão*; se sobrevier hemorrhagia, depois da operação, é preciso encher o recto com pannos e fios.

Prolapso do recto. *Veja-se* vol. I, pag. 212.

Vegetações do recto. Sobrevem ás vezes na membrana mucosa rectal vegetações tendo toda a apparencia das verrugas: esta affecção não apresenta gravidade, e só occasiona leve comichão.

O tratamento consiste em coartar estas pequenas produções com tesoura curva, e cauterizar a base com pedra infernal. Pódem reproduzir-se. Se se suspeitar a sua natureza syphilitica, é necessario submeter-se ao tratamento interno e externo da syphilis.

REFRIGERANTE. Chamão-se *refrigerantes* os medicamentos que acaalmão a sêde e diminuem a temperatura do corpo : tâes são as bebidas acidulas frias, como a limonada de limão, de laranja, de tamarindos, as diversas fructas acidulas, as saladas, as hortaliças, etc.

REGIMEN. Synonymo de dieta. *Veja-se* DIETA.

REGRAS. *Veja-se* MENSTRUACÃO.

RELAXAÇÃO DA CAMPAINHA DA GARGANTA.
Veja-se vol. I, pag. 441.

RELAXANTES. *Veja-se* EMOLLIENTES.

REMEDIO. Esta palavra não é inteiramente synonymo de medicamento. Chama-se *medicamento* toda a substancia empregada pela medieina para restabelecer a saude; o *remedio* significa alguma cousa mais. Designa-se mais particulamente pelo nome de remedio a substancia que é considerada como *capaz* de curar alguma molestia; e por isso todos os dias os doentes pedem aos medicos que lhes dêem um remedio para acalmar este ou aquelle phenomeno morboso : infelizmente possuimos mais medicamentos do que remedios.

REMELA. Dá-se este nome a materia espessa, amarellada, que no estado de saude se forma em pequena quantidade na margem livre das palpebras, e é destinada a humedecer estas partes; quando seea deve tirar-se todas as manhãs, lavando o rosto com agua fria. Em algumas molestias dos olhos, e sobretudo na ophthalmia, a remela aecumula-se com muita abundancia, séeea durante a noite, e determina a adherencia das palpebras : é preciso então lavar os olhos com agua morna, afim de amolleê-la, e tira-la depois com muito euidado, porque a sua presença n'estes casos augmenta a irritação dos olhos. O tratamento que deve empregar-se contra a remela é o mesmo que se segue contra as molestias que a occasionão. *Veja-se* CONJUNCTIVITE e OLHO.

REMISSÃO. *Veja-se* APYREXIA.

RENDIDO DAS VIRILHAS, RENDIDURA, V QUEBRADURA.

REPOLHO. *Veja-se* COUVE.

REPOUSO. O repouso no quarto ou na cama, na eidade ou no campo, longe do ruido, e da preocupação dos negocios, e mesmo da conversação das pessoas intimas, é, em muitas molestias agudas e chronicas, um dos mais poderosos meios da cura. Em toda a molestia aguda grave, o repouso é indispensavel; e

em muitas molestias chronicas, sobretudo nas affecções do cerebro, é absolutamente necessario.

RESFRIADO. Algumas pessoas empregão esta palavra como synonymo de constipação. *Veja-se* vol. I, pag. 674.

RESICAÇÃO DO VENTRE. *Veja-se* PRISÃO DE VENTRE.

RESINA. As resinas são productos vegetaes que se derretem pelo calor, e n'isso se distinguem das gomas. São em geral amarellas ou roxas, solidas, quebradiças, inflammaveis, insolueis em agua, soluveis no alcool, ether e nos corpos gordos. Colhem-se em grande numero de plantas mediante incisões praticadas sobre a casca; algumas reçumão naturalmente da superficie das arvores sob a fórma de liquido claro. As gomas, com que as resinas tem sido ás vezes confundidas, são, pelo contrario, leitosas no momento da sahida. Em geral, as resinas gozão de propriçdades estimulantes : algumas são purgativas, como a resina de jalapa, de escamonea : servem sobretudo na preparação dos unguentos, e empregão-se nas artes para a preparação dos vernizes. As principaes resinas são : copal, elemi, mastique, myrrha, incenso, etc.

Resina amarella ou **pez resina.** Residuo da distillação da terebinthina, para a extracção da essencia. É amarellada, solida, friavel. Entra na composição dos emplastos.

Resina animé. É fornecida pela *Hymenaea courbaril* Linneo, grande arvore do Brasil, da familia das Leguminosas. Apresenta-se em bocados oblongos, duros, de côr branca-amarellada, transparentes no interior, farinhentos no exterior; soluvel no alcool; de cheiro aromatico, sabor pouco sensivel. Vulgarmente dão-lhe no Brasil o nome de *resina de jataby*. *Veja-se* JATAHY.

Resina caranha. Em bocados do tamanho de uma noz, comprimidos, duros, de côr negra esverdeada, opacos, cheiro de resina de pinho e de tacamahaca; attribue-se á *Amyris caranna* (Terebinthaceas).

Resina copal. *Veja-se* COPAL.

Resina dammar ou **Kauri**, de que existem muitas especies; dá vernizes analogos aos da resina copal.

Resina elemi. *Veja-se* ELEMI.

Resina guaiaco. *Veja-se* GUAIACO, vol. II, pag. 93.

Resina de jalapa. *Veja-se* JALAPA.

Resina tacamahaca. Ha d'ella muitas especies. A tacamahaca ordinaria apresenta-se em massas irregulares, amarellas ou esverdeadas, meio-transparentes no interior; marcadas de veios esbranquiçados, cinzentos e farinhosos no exterior; cheiro de terebinthina, sabor pouco sensivel a principio, mas que se torna depois acre. Attribue-se á *Icica heptaphylla*, Aubl., e a outras

arvores do genero *Icica* que habitão no Brasil, ou á *Fagara octandra* (Terebinthaceas).

RESOLVENTE. Chamão-se resolventes as substancias mais ou menos estimulantes que tem por effeito favorecer a resorpção dos liquidos derramados nos teeidos, e fazer desaparecer os engurgitamentos. Os medicamentos resolventes empregão-se nas torceduras, nos derramamentos sanguineos que constituem os gallos, nas contusões, glandulas enfiadas, escrophulas, etc. Os resolventes mais empregados são : agua fria, aguardente camphorada, vinagre aromatico, pomada de iodureto de potassio, unguento de cicuta, etc.

RESPIRAÇÃO. Função pela qual o sangue venoso se transforma em sangue arterial; de preto muda-se em vermelho. Esta transformação faz-se nos pulmões, sob a influencia do ar exterior. Os órgãos encarregados da função da respiração, são os *pulmões*, nos quaes o ar penetra pelos canacs chamados *traca-arteria* e *bronchios*. Compõe-se cada movimento de dois tempos, inspiração e expiração : pela *inspiração* o ar introduz-se nos pulmões, e pela *expiração* é expulso. No estado natural a respiração é facil, branda, igual e sem ruido sensivel. Contão-se quasi trinta e cinco respirações por minuto, durante o primeiro anno da vida, vinte e cinco no segundo anno, vinte na puberdade, e dezoito na idade adulta. Os movimentos respiratorios experimentão mudanças nas molestias.

RESTA-BOI, Rilha-boi, Unha gata. *Ononis spinosa*, Willdenow. Leguminosas. Planta lignea e vivaz, que habita nas bordas dos eaminhos da Europa; em Portugal acha-se frequentemente nos campos dos arredores de Coimbra, Lisboa, e outras partes em todo o Reino. Caules de 50 a 65 centimetros, mui ramosos; os ramos terminão por um espinho rijo; folhas inferiores divididas em tres foliolos; as superiores são simples, ovaes lanceoladas, denteadas, empubescidas, pegajosas, de eheiro desagradavel; flores purpureas, ás vezes brancas; raizes do comprimento de 65 centimetros, da grossura de um dedo, ligneas, flexiveis e difficeis de romper; retem muitas vezes a charrua do lavrador, o que valeo á planta o nome que tem. Esta raiz tem sabor adoicado, que apresenta alguma analogia com o sabor do aleaçu; o cheiro é fraco e desagradavel; é reputada diuretica; usa-se ás vezes em infusão : 4 grammas (1 oitava) para 200 grammas (7 onças) d'agua a ferver.

RETENÇÃO DE OURINA. Impossibilidade de evacuar a ourina accumulada na bexiga.

Causas. A retenção de ourina póde ser produzida por causas mui diversas que passo a enumerar : espasmo do eollo da bexiga

que oblitera momentaneamente as vias urinarias; a fraqueza e paralytia da bexiga; o estreitamento da urethra; a hypertrophia da prostata; os calculos vesicaes; os tumores desenvolvidos no perineo que tapão o canal de urethra; a inflammação da bexiga. A retenção da ourina apparece tambem na inflammação do cerebro, da medulla espinhal e em muitas febres graves.

Symptomas. Peso no perineo, vontade de urinar, dôres ao longo das vias urinarias, desde a glande até ás cadeiras; dôres no baixo-ventre; nauseas, vomitos; febre; suores com cheiro de ourina; e estensão do hypogastro por um tumor duro, globoso, doloroso á pressão, que se estende ás vezes até ao embigo, e que é formado pela bexiga dilatada.

O *tratamento* consiste em evacuar por meio da sonda o liquido accumulado, e em remediar depois a causa da molestia. O modo de introduzir a sonda na bexiga, acha-se descripto no artigo CATHETERISMO, vol. I, pag. 523. Antes de recorrer á sonda, tome-se um semicupio d'agua morna, ou applique-se uma cataplasma de linhaça no ventre.

Acontece ás vezes que a pessoa acommettida de imperiosa necessidade de urinar, se acha impedida de a satisfazer immediatamente pela situação, pelas exigencias sociaes, por falta do lugar conveniente, ou por qualquer outro motivo: mais tarde, quando lhe é permittido alliviar-se, não pôde mais; o liquido não sahe, ou sahe ás gottas: ha retenção. Em semelhante caso pôde-se excitar a acção da bexiga applicando um corpo frio sobre o baixo-ventre, coxas, ou approximando o ourinol ao escroto. Se isto não fôr sufficiente, é preciso metter-se em um banho d'agua morna, e esperar a chegada de um cirurgião, a quem se deve participar o genero do accidente contra o qual se reclamão os seus soccorros, afim de que elle venha munido de sonda. Muitas vezes o banho provoca a sahida das ourinas e faz parar os accidentes; no caso contrario, o cirurgião, introduzindo a sonda, esvasia a bexiga e preenche a indicação mais urgente. Na falta absoluta do cirurgião o doente pôde sondar-se a si mesmo, com a sonda de prata ou de gomma, e seguindo as instrucções que deixei indicadas no artigo CATHETERISMO.

Quando a retenção de ourina provém do estreitamento da urethra, é ás vezes, impossivel introduzir a sonda; em tal caso deve-se recorrer á puncção da bexiga, a qual se pratica pelo hypogastro, pelo perineo ou pelo recto.

Depois de evacuada a ourina, cumpre combater a molestia que occasionou a retenção. *Veja-se* PARALYSIA DA BEXIGA, ESTREITAMENTO DA URETHRA, HYPERTROPHIA DA PROSTATA, etc.

RETINA. Membrana do interior do olho, situada entre o corpo vitreo e a membrana choroide. É essencialmente nervosa, e considerada como expansão do nervo optico, que é o órgão immediato da visão. *Veja-se* OLHO.

RETINITE. Inflammção da retina. É caracterizada por uma dôr viva no fundo do orbita, aversão contra a luz, espectros luminosos de côr rubra, verde ou amarella, e que os doentes comparão a foguetes. O tratamento compõe-se de bichas nas fontes, fricções na testa com ungento mercurial, e na administração do tartaro emeticó, segundo a receita seguinte :

Agua	150 grammas (5 onças)
Tartaro emetico.	25 centigrammas (5 grãos)
Xarope diacodio.	30 grammas (1 onça).

Para tomar duas colheres *de sopa*, de 2 em 2 horas.

REVALENTA, Ervalenta, Revalescière DU BARRY. Esta substancia alimentaria, pomposamente annunciada sob a denominação de *deliciosa farinha restauradora*, pelo doutor inglez que a inventou, tem por base a farinha de lentilhas, com porções variaveis de farinha de feijões, de milho, de aveia, de cevada, tudo addicionado de um pouco de sal marinho. É inutil dizer que todaas as propriedades maravilhosas attribuidas a esta mistura são exageradas.

REVULSIVO ou **Derivativo.** Chamão-se *revulsivos* ou *derivativos* aos diversos meios que a medicina emprega para desviar o elemento de uma molestia, um humor, para uma parte mais ou menos afastada. Os sinapismos e os vesicatorios actuão muitas vezes como *revulsivos*; o escaldapés é um *revulsivo* a respeito da cabeça; a sangria do braço é *revulsiva* a respeito dos pulmões na pneumonia. Os purgantes actuão tambem como *revulsivos* em diversas molestias.

RHAGADIAS ou **Gretas.** São pequenas feridas estreitas e compridas que se observão nas rugas do anus, e que resultão da syphilis. *Veja-se* SYPHILIS.

RHEUMATISMO. Molestia cujo principal character consiste n'uma dôr nas articulações (juntas) ou nos musculos, pelo que se divide em *rheumatismo articular* e *rheumatismo muscular*.

Rheumatismo articular. Póde ser *agudo* ou *chronico*. O rheumatismo chronico apresenta duas fórmas distinctas, a *fórma commum* e a *fórma nodosa*. A *fórma commum* póde ser chronica desde o começo, ou succeder ao estado agudo; em todos os casos apresenta a mesma séde e as mesmas lesões que o rheumatismo agudo; a *fórma nodosa* é primitivamente chronica, e tem caracteres especiaes por suas lesões, symptomas e marcha.

§ I. RHEUMATISMO ARTICULAR AGUDO. É caracterizado por dôr mais ou menos viva n'uma ou em muitas juntas, acompanhada de inchação e ás vezes de vermelhidão do lugar affectado, e quasi sempre de febre mais ou menos intensa.

Causas. O frio humido é a causa mais ordinaria do rheumatismo. Esta molestia é muitas vezes produzida pelas mudanças subitas da temperatura muito elevada para a temperatura baixa; por deitar-se a pessoa sobre a terra humida e fria, ou em um lugar que reúne estas duas condições nocivas; e pelo contacto do ar frio sobre uma parte do corpo, quando o resto está quente ou suando, e especialmente durante o somno. Depois d'estas causas vem as fadigas excessivas, o abuso dos lieores alcoolieos, o uso de alimentos excitantes, a suppressão de hemorrhagias habituaes; emfim, o rheumatismo declara-se ás vezes sem causa apparente. Esta molestia raras vezes se observa nas erianças. Os homens são mais expostos a ella do que as senhoras. Os homens, com effeito, entregão-se a trabalhos penosos, a grandes caminhadas; supportão todas as intemperies do ar e as fadigas corporaes; não é, por consequente, extraordinario que, submettidos ás causas occasionaes da molestia, soffrão d'ella mais frequentemente que as mulheres, cujos trabalhos são menos laboriosos. O rheumatismo é mais commum nos paizes frios do que nos paizes quentes. Entre as profissões que mais determinão a sua appareição, sobresaem as de marinheiro, militar, pescador, lavadeira, padreiro, etc.

Symptomas. O rheumatismo articular agudo principia ordinariamente por calefrio, pela aeeleeração do pulso, calor da pelle e dôr de cabeça. Após algumas horas de duração d'estes symptomas, uma ou mais juntas tornão-se dolorosas e inchão, a pelle que as cobre fica quente, e toma ás vezes uma cor rosacea; o movimento d'estas partes é difficil, doloroso e mais tarde impossivel; a dôr augmenta e adquire ás vezes violencia tal, que o menor movimento communicado aos membros, o simples peso do cobertor, é insupportavel. Os doentes comparão-n'a á sensação que poderiam causar mordeduras ou picadas atravez da artieulação. Esta dôr póde invadir muitas articulações, e até quasi todas. Então o doente acha-se verdadeiramente em uma lamentavel posição. Não póde mover parte alguma sem dar gritos; teme os socorros das pessoas que o querem ajudar a mover-se, visto que não o podem toear sem lhe exasperarem os soffrimentos. O movimento do soalho occasionado pelo andar no quarto basta para augmentar as dôres. As articulações doentes estão inchadas. A pelle, que as cobre, póde conservar a cor natural, e então é lisa e luzenta, ou tem cor rubra; esta fluxão local, que contrasta notavelmente com a pallidez

geral da pelle, observa-se sobretudo no rheumatismo dos dedos das mãos e dos pés. Os joelhos, os cotovelos, o peito do pé, os hombros, são a séde ordinaria do rheumatismo agudo; todavia as juntas do quadril, dos dedos da mãos e dos pés são affectadas com bastante frequencia; por excepção as do pubis e da columna vertebral podem ser atacadas. A inchação pôde ser limitada á região articular, mas muitas vezes excede-a; e quando o rheumatismo ataca o punho ou o peito do pé, não é raro observar uma inchação da mão e de todo o pé. As dôres podem igualmente estender-se a certa distancia além da junta. Em alguns casos encontram-se debaixo da pelle, e adherem-lhe indurações chatas ou esphericas bem limitadas, do volume de uma ervilha ao de uma avelã. Estas indurações são em numero variavel, e podem existir bastante longe das juntas; não apparecem á primeira vista : é preciso procura-las pela palpação.

O rheumatismo que não ataca a principio senão uma ou duas juntas, estende-se depois a muitas outras. Acontece que a molestia, invadindo novas articulações, abandona as que occupava primitivamente. Estas mudanças fazem-se ordinariamente de noite. Todavia, no rheumatismo intenso, a maior parte das articulações são affectadas ao mesmo tempo; acontece mesmo serem accommettidas todas; assim, não só as juntas dos membros estão presas, mas as do queixo inferior, do pescoço, das vertebraes dorsaes e lombares.

A febre é proporcionada á intensidade da inchação; diminue ás vezes de manhã, e augmenta á noite; em alguns casos observa-se certa periodicidade; baixa ás vezes de repente, o calor torna-se mesmo normal, depois no dia seguinte a temperatura do corpo recobra a intensidade primitiva. O pulso mantem-se de ordinario entre 90 a 100 pulsações por minuto; é amplo e molle.

Logo que a febre se declara, o doente principia a suar, e a *transpiração* chega a uma abundancia e persistencia como se não encontra em qualquer outra molestia; este suor de cheiro mui penetrante, não tem significação critica, pelo contrario, porque é durante o periodo da maior intensidade da molestia que é mais profuso. Contribue para o enfraquecimento do enfermo, cujo corpo não tarda a ficar mui pallido.

A *ourina* apresenta modificações que resultão em grande parte da perda d'agua pelos suores; é pouco abundante, escura, e, logo depois de fria, deixa depôr grande quantidade de acido urico e de uratos; a *ourina* não contém bastante agua para manter estes saes dissolvidos a frio. — Esta mesma causa, a transpiração, explica a *sêde* que é viva, e a *prisão de ventre* que é quasi constante; a lingua fica branca, a bocca secca, mas a cabeça está livre; as dôres são a unica causa da insomnia, que augmenta os soffrimentos

lo doente. Erupções diversas apparecem pelo corpo : consistem em simples vermelhidões (*erythema*), elevações da epiderme (*urticaria*), vesiculas serosas (*miliaria*) hemorragias sub-cutaneas (*purpura*, *petechias*). As mais das vezes não tem influencia sobre o estado geral : resulta simplesmente da perturbação mecanica da circulação cutanea.

Complicações. O rheumatismo articular agudo póde terminar a sua evolução sem apresentar outros phenomenos que os symptomas fundamentaes que acabei de descrever ; mas as complicações são variadas, e são ellas, a dizer verdade, que fazem a gravidade da molestia. As mais importantes d'estas complicações são as inflamações do coração e dos seus envoltorios (*cardite* e *pericardite*). Estas molestias são caracterizadas pela dyspnea, oppressão, accleração notavel dos movimentos respiratorias, cujo numero eleva-se as mais das vezes entre vinte e quatro e quarenta ; emfim, ha ordinariamente uma tosse secca. Applicando o ouvido sobre a região precordial, descobrem-se n'este caso ruidos anormaes, que são os ruidos de folle e de groza, e os ruidos de fricção (veja-se PERICARDITE). Observão-se tambem ás vezes, durante o curso do rheumatismo agudo intenso, symptomas cerebraes : o doente é acommettido de dôr de cabeça, de agitação, de delirio, depois cahe n'um somno profundo (coma), e morre poucos dias depois. Em alguns casos raros os accidentes cerebraes declinão gradualmente e a cura tem lugar.

Duração. Nada é mais variavel do que a duração do rheumatismo articular agudo, isento de complicações ; póde variar entre sete e sessenta dias. A fórma e a intensidade da molestia influem muito na sua duração : o rheumatismo fixo n'uma só articulação é muito mais rebelde do que o rheumatismo que se transporta de uma articulação á outra ; o rheumatismo fixo póde prolongar-se durante muitos mezes.

O *rheumatismo fixo* é caracterizado pelos signaes physicos da *arthritis*, (veja-se esta palavra), e a sua natureza rheumatismal não pode ser affirmada senão quando sobrevem como o resto do rheumatismo articular geral. Esta fórma não é febril senão nos primeiros dias, quasi nunca apresenta complicações de pericardite e meningite, mas é muito tenaz, e deixa muitas vezes lesões nas juntas. Esta fórma depende em alguns casos de uma blennorrhagia.

Terminações, prognostico. A experiencia de todos os dias demonstra que na immensa maioria dos casos, o rheumatismo articular agudo termina pela cura sem deixar consequencias : os symptomas tornão-se cada dia menos intensos ; uma rijeza articular substitue

a dôr, e as juntas recobram pouco a pouco o livre exercicio de suas funcções. A molestia, porém, pôde passar ao estado chronico; e, em alguns casos o rheumatismo agudo pôde ter uma terminação funesta; mas esta é produzida quasi sempre por uma das complicações, pericardite ou meningite, que deixei indicadas.

Tratamento. Nos casos *intensos*, com dôres violentas e muita febre, deve administrar-se o tartaro emetico em alta dôse, debaixo da fórma da poção seguinte :

Agua commum.	..	150 grammas (5 onças)
Tartaro emetico		20 centigram. (4 grãos)
Xarope simples.		30 grammas (1 onça).

O doente beberá duas colheres *de sopa*, de 2 em 2 horas, até acabar a poção. — Esta poção provoca vomitos e evacuações alvinas muito abundantes.

No dia seguinte deixa-se o doente em repouso, mas no terceiro dia repete-se a poção se as dôres e a febre recobrarão uma vivacidade vizinha da do primeiro dia. A medicação é penosa, mas não se pôde fazer ideia das melhoras que produz. Este tratamento abrevia a duração da molestia, previne a pericardite e sobretudo os derramamentos serosos que são a sua consequencia. Nos casos de *mediana intensidade*, ha ainda vantagem em principiar pelo tartaro emetico; basta, então, não administrar a poção senão durante um dia. Nos casos *menos graves*, convem empregar o sulfato de quinina, na dôse de 60 centigrammas a 1 gramma (12 a 20 grãos) por dia, misturado com digital em pó, segundo a receita seguinte :

Sulfato de quinina.		10 centigram. (2 grãos)
Digital em pó.		5 centigram. (1 grão).

Misture, faça 1 porção, e como esta mais 17 porções contidas em papeis separados. Para tomar 6 porções no primeiro dia, outras tantas no segundo dia, e 3 porções, cada dia, nos dias seguintes. Para bebida, dá-se a limonada de limão. As articulações affectadas devem ser cobertas com algodão em pasta, de modo a entreter sobre ellas uma transpiração abundante. Cessados os primeiros symptomas, administra-se o vinho de quina na dôse de 30 a 60 grammas (1 a 2 onças) por dia.

Emfim, na fórma leve, com dôres pouco intensas, e febre pouco marcada, empregue-se o nitro na dôse de 12 a 16 grammas (3 a 4 oitavas, por dia; n'uma infusão de linhaça; eis-aqui a receita :

Nitro..		32 grammas (1 onça).
---------	--	----------------------

Divida em 8 porções. Toma-se uma porção, 3 a 4 vezes por dia, n'uma chicara de chá de linhaça.

Durante a febre, o doente tomará só caldos de gallinha por

unico alimento. Se se declarar uma pericardite, applique-se um caustico no lado esquerdo do peito; se apparecerem symptomas de cncephalite, applique-se um caustico na nuca. Se o doente fôr atormentado de insomnia, administrem-se á noite : 10 a 20 gottas de laudano de Sydenham, n'uma colher d'agua fria com assucar.

§ II. RHEUMATISMO ARTICULAR CHRONICO. É muito mais commum do que o agudo, ao qual succede ás vezes; mas, de ordinario, o rheumatismo é primitivamente chronico.

Symptomas. No rheumatismo articular chronico, o dôr pôde ser quasi nulla ou não existir; o unico phenomeno que se observa então é uma difficuldade nos movimentos. Comtudo, no maior numero dos casos, as juntas affectadas estão mais ou menos dori-das; mas quasi nunca existe vermelhidão. Ás vezes a compressão não tem effeito sobre as dôres, outras vezes exaspera-as; de ordinario ha inchação, que depende da congestão ou do derramamento que se faz na junta. As dôres augmentão de noite; outras vezes o calor da cama as allivia, mas augmentão quasi sempre durante os tempos humidos e frios. Alguns doentes tem a pretensão de serem especies de barometros vivos, e de predizerem as mudanças atmosfericas com anticipação de um ou dois dias. No rheumatismo chronico os movimentôs são muitas vezes constrangidos, e podem até ficar completamente tolhidos.

Quando as dôres são moderadas, e as articulações affectadas poucas, as funcções organicas não soffrem perturbação; não é assim nos casos contrarios. Com effeito, muitos doentes, esfalfados pela continuidade das dôres, enfraquccidos pela falta de exercicio, dige-rem mal e emmagrecem.

Tratamento. Os medicamentos aconselhados contra o rheumatismo articular chronico são numerosos. Como não ha febre n'esta molestia, é preciso alimentar sufficientemente os doentes. Aconselhão-se : banhos d'agua quente, com fricções seccas; a maça-dura; banhos de vapor d'agua; banhos sulfurosos; banhos aromatics; fumigações de benjoim. Fricções geraes sobre o corpo simplesmente com flanela, ou com balsamo opodeldoch, balsamo tranquillo; com balsamo de Fontaine, composto de :

Balsamo de Fioravanti.	125 grammas (4 onças)
Sabão	15 grammas (1/2 onça)
Camphora.	12 grammas (3 oitavas)
Ammoniaco	4 grammas (1 oitava)
Essencia de alecrim.	3 grammas (60 grãos)
Essencia de tomilho.	1 gramma (20 grãos).

Fricções com olco camphorado, muitas vezes por dia; com pomada camphorada; com aguardente camphorada; com linimento

volatil camphorado; com essencia de terebinthina; com balsamo nerval. Depois da cada fricção cobrir a junta com algodão em pasta, ou com baeta.

Sinapismos; causticos volantes sobre as juntas doridas.

Fumigações de zimbro. Introduzem-se 250 grammas (8 onças) de bagas de zimbro n'um tacho contendo brasas, e mette-se o tacho entre os lençoes da cama. O doente recebe o vapor durante uma hora.

Pós fumigatorios.

Olibano em pó.	20 grammas (5 oitavas)
Mastique em pó.	20 grammas (5 oitavas)
Succino em pó	20 grammas (5 oitavas)
Estoraque solido em pó.	10 grammas (2 1/2 oitavas)
Benjoim em pó.	5 grammas (1 1/4 oitava)
Labdano em pó.	5 grammas (1 1/4 oitava).

Misture. Quantidade necessaria sobre brasas. Dirige-se o vapor ás partes affectadas de dôres rheumaticas.

Fumigações de benjoim. Benjoim, 60 grammas (2 onças). Recebe-se n'um cobertor o vapor do benjoim que se faz queimar sobre brasas, e envolve-se o doente n'este cobertor durante 1 hora.

Banho sulfuroso. Sulfureto de potassio secco, 90 grammas (3 onças); agua commum, 500 grammas (16 onças). Dissolva e deite em uma banheira de páo que tenha sufficiente agua para um banho geral.

Linimento anodyno.

Unguento populeão.	15 grammas (1/2 onça)
Azeite doce.	15 grammas (1/2 onça)
Balsamo tranquillo.	15 grammas (1/2 onça)
Laudano de Sydenham.	15 grammas (1/2 onça).

Internamente :

Pilulas de aconito.

Extracto alcoolico de aconito.	50 centigram. (10 grãos)
Althea em pó	50 centigram. (10 grãos).

Faça 20 pilulas. Para tomar duas pilulas por dia, uma pela manhã, outra á noite.

Pilulas de colchico.

Extracto de colchico.	20 centigram. (4 grãos)
Extracto de alcaçuz	20 centigram. (4 grãos).

Faça 8 pilulas. Para tomar duas pilulas por dia, uma pela manhã, outra á noite.

As aguas mineraes sulfurosas aproveitão no rheumatismo articular chronico : taes são no Brasil as *Caldas* na provincia de Minas Geraes, e em Portugal as *Caldas da Rainha* e as de *Vizella*.

§ III. RHEUMATISMO ARTICULAR NODOSO. Esta forma do rheumatismo chronico é caracterizada não só pela lentidão da sua marcha e ausencia da febre; mas sobretudo pela séde dos accidentes nas pequenas juntas, e pelo desenvolvimento de lesões osseas, que tem por consequencia deformações e attitudes viciosas. Esta molestia é chronica desde o começo, raras vezes é consecutiva a um rheumatismo agudo vulgar, e n'este caso póde ser observada antes dos 30 annos; sendo primitiva, tem o maximo da frequencia de 40 a 50 annos; não é conhecida nas crianças nem nos adolescentes. O rheumatismo nodoso é muito mais frequente na mulher do que no homem, mais frequente tambem nas classes pobres; existe em todos os paizes.

Causas. A transmissão hereditaria não deixa de ter influencia sobre o desenvolvimento da molestia, cuja unica causa determinante é o frio; não é o esfriamento subito e momentaneo, mas sim a impressão prolongada que resulta da habitação ou da demora nos lugares baixos e humidos. Porém, em muitos casos não se póde descobrir esta causa, e a molestia é completamente espontanea.

Caracteres anatomicos. Na forma primitiva, as lesões limitão-se ás pequenas juntas das mãos e dos pés, excepcionalmente declarão-se nas da columna vertebral; na forma secundaria, estas alterações podem desenvolver-se nas grandes articulações, principalmente nos cotovelos e nos joelhos. A molestia manifesta-se em todos os tecidos articulares: a principio ha derramamentos liquidos, que não persistem, de maneira que a junta acha-se interiormente secca; a membrana synovial torna-se mais espessa; formão-se n'ella concreções que constituem corpos estranhos articulares; os ligamentos augmentão de volume; as cartilagens destroem-se e podem desaparecer; emfim as extremidades osseas apresentam lesões notaveis. Tudo isto concorre a produzir uma inchação consideravel das juntas, inchação secca, sem infiltração dos tecidos. O segundo periodo é caracterizado pela luxação incompleta ou completa dos ossos. Estas deslocações tem por consequencias uma deformação muito mais consideravel do que a precedente, e uma impossibilidade quasi completa de movimentos. A alteração é sobretudo notavel na planta dos pés e na palma das mãos; não sómente o tecido sub-cutaneo está hypertrophiado e endurecido, mas existem bridas de formação nova.

Symptomas e marcha. Quando a molestia succede a um ataque agudo, as dôres persistem nas pequenas juntas depois de cessada a febre e desaparecidos os symptomas que occupavão as grandes articulações; ás vezes, entretanto, os cotovelos e os joelhos conti-

nuão a serem affectados. Quando o rheumatismo nodoso é primitivo, começa gradualmente sem dar lugar a symptomas geraes. As *dôres* não occupão a principio a totalidade das articulações que devem invadir, são limitadas a algumas juntas dos dedos, da palma das mãos, mais raras vezes do punho e dos dedos do pé. Estas dôres tem grande intensidade; são dilacerantes, contusivas ou lancinantes; procedem por ataques de alguns dias a algumas semanas de duração; a principio, o intervallo dos paroxysmos não está marcado por phenomeno morbido algum, mas a inchação produzida pelas primeiras dôres, augmenta depois da cessação d'ellas, e pôde-se facilmente verificar que se o fim do paroxysmo doloroso é um allivio para o doente, não constitue a cessação da molestia. Os pés são acommettidos geralmente mais ou menos tarde depois das mãos. As dôres augmentão pela compressão, pelos movimentos, e n'estas circumstancias percebe-se muitas vezes, por meio da mão ou do ouvido, ruido particular devido ao contacto dos ossos.

Nos primeiros tempos, a *inchação* é a unica mudança notavel nas juntas; provém ás vezes do derramamento liquido, mas de ordinario é devida inteiramente á tumefacção dos ligamentos e das extremidades osseas. Em grande numero de casos, observão-se *contracturas musculares* ao nível das juntas affectadas, que concorrem á producção das deslocações. Estas *deslocações* fazem-se quasi sempre no mesmo sentido: nas mãos, as phalanges deslocão-se umas sobre as outras na extensão recta ou forçada, raras vezes na flexão; a deslocação das phalanges sobre o metacarpo tem lugar no sentido da flexão, e os quatro ultimos dedos estão desviados todos do lado cubital, de modo que estão sobrepostos á maneira de telhas; o pollegar pôde ficar livre. As desordens são analogas nos dedos dos pés, mas de ordinario menos pronunciadas. A deformidade assim produzida está no maximo gráo quando as extremidades osseas deslocadas estão inchadas e cercadas de vegetações. À medida que as desordens articulares se declaram, as dôres diminuem, e as deslocações são o signal de uma *phase entorpecida* de duração indeterminada, que é caracterizada por uma irremediavel enfermidade. Este periodo ultimo, ás vezes muito precoce, constitue toda a gravidade da molestia.

Tratamento. É para prevenir a deformidade que devem ser dirigidos todos os esforços da medicina. N'um periodo pouco afastado do começo da molestia, a medicação que apresenta certas probabilidades de cura, compõe-se do uso interno de iodureto de potassio, e da applicação externa de tintura de iodo. Eis-aqui as receitas:

Iodureto de potassio. 15 grammas (1/2 onça)

Agua commum. 450 grammas (15 onças).

Dissolva. Para beber duas colheres *de sopa* por dia, uma pela manhã, outra á noite; d'este modo a poção durará 15 dias. Repete-se, depois de acabada, e continua-se por dois mezes.

Ao mesmo tempo, que se faz uso internamente de iodureto de potassio, applica-se nas juntas affectadas um panno molhado na tintura de iodo, que se obtem na pharmacia com a receita seguinte :

Tintura de iodo 30 grammas (1 onça).

As fricções nas juntas com essencia de terebinthina são igualmente uteis. Entre as caldas, as que posso recommendar contra o rheumatismo nodoso, são no Brasil, as *Caldas* na provincia de Minas Geraes; em Portugal, *Caldas da Rainha* e *Vizella*. Em França os banhos que gozão da maior reputação contra esta molestia, são os d'Aix, Neris e Mont-Dore. Emfim, a electrização das juntas por meio das correntes contínuas, deve igualmente ser empregada.

Rheumatismo muscular. Molestia não acompanhada de febre, caracterizada por dôr mais ou menos viva, fixa ou erratica, que occupa um ou muitos musculos, e augmenta pela contracção dos orgãos affectados.

Causas. Todos os musculos podem ser affectados de rheumatismo, mas esta molestia invade especialmente os musculos do tronco e os do hombro. O rheumatismo muscular, raro nas crianças, mostra-se sobretudo nos adultos e nas pessoas idosas; é mais commum no homem do que na mulher, e nos individuos que habitão os lugares humidos. As mais das vezes, este rheumatismo desenvolve-se de maneira espontanea, sem causa apreciavel. Quando existe uma causa efficiente, esta é ora uma fadiga excessiva, ora uma posição forçada que tomárão os musculos durante o somno; mas quasi sempre se reconhece a influencia do frio humido sobre todo o corpo, ou sobre a parte affectada.

Symptomas. Quando um musculo está affectado de rheumatismo, desenvolve-se n'elle uma dôr mais ou menos intensa, ás vezes obtusa e surda sómente, outras vezes viva e pungente. A dôr augmenta quando o doente quer contrahir o musculo affectado; pelo que todos os movimentos que este executa no estado normal, são difficeis, ou mesmo impossiveis. A compressão dá resultados mui diversos: umas vezes acalma os soffrimentos, outras, não occasiona mudança na dôr; todavia quasi sempre, sobretudo se o rheumatismo é intenso, a compressão é dolorosa. A pelle, no lugar dorido, não apresenta modificação de côr nem de temperatura; a parte não está inchada. O rheumatismo muscular, quando

simples, não é acompanhado de febre; nem tão pouco existe perturbação notavel nas principaes funcções, salvo se os musculos concorrem directamente para a execução d'ellas : assim quando os musculos das paredes thoracicas são fortemente affectados de rheumatismo, os doentes experimentão ás vezes tosse, mas sobretudo dyspnea, por causa da difficuldade que experimentão em dilatar o peito.

O rheumatismo muscular é fixo n'um lugar, ou muda-se de uma região para outra. Tem uma duração mui variavel; póde, com effeito, ser inteiramente ephemero, apparecer e desaparecer ao cabo de algumas horas, ou persistir sem interrupção muitos mezes; chamão-lhe então chronico.

Prognostico. O rheumatismo muscular termina sempre pela cura. Não apresenta gravidade, mas é uma affecção mui rebelde.

Tratamento. As applicações que se empregão com proveito contra o rheumatismo muscular são : um sinapismo no lugar dorido; fricções com essencia de terebinthina, com aguardente camphorada, com balsamo tranquillo, com linimento volatil, com linimento volatil camphorado. Applicar um panno molhado em chloroformio. Banho d'agua quente; banho de vapor. Dirigir uma corrente electrica sobre o lugar affectado. Applicar um caustico sobre o mesmo lugar. Fazer injectões subcutaneas com a solução de chlorhydrato de morphina, do modo que está indicado no vol. II, pag. 220. Empregar a maçadura nos lugares doridos (vol. II, pag. 323). — Applicar um panno molhado em agua fria, previamente torcido; cobrir este panno com encerado ou com outro pannò secco e bastante espesso. O panno molhado aquece-se em pouco tempo, e produz uma especie de banho de vapor. Tira-se o apparelho depois de doze horas, e molha-se repetidas vezes o lugar affectado com esponja embebida d'agua fria. É um tratamento hydrotherapico, ao qual, segundo dizem, poucos rheumatismos musculares resistem.

RECEITUARIO CONTRA O RHEUMATISMO MUSCULAR.

1º Essencia de terebinthina.	60 grammas (2 onças)
2º Aguardente camphorada. . .	120 grammas (4 onças)
3º Balsamo tranquillo. . .	60 grammas (2 onças).
<i>4º Linimento volatil.</i>	
Oleo de amendoas doces.	36 grammas (9 oitavas)
Ammoniac liquido.	4 grammas (1 oitava).
<i>5º Linimento volatil camphorado.</i>	
Oleo camphorado.	36 grammas (9 oitavas)
Ammoniac liquido. . . .	4 grammas (1 oitava).

De alguns reumatismos musculares em particular. 1º *Rheumatismo da cabeça.* De todos os musculos da cabeça o musculo occipito-frontal é o mais frequentemente affectado de rheumatismo; comtudo é atacado muito menos do que os musculos do tronco e dos membros. N'esta molestia a compressão do craneo é dolorosa; os doentes soffrem muito quando querem contrahir o musculo. O calor da cama e todas as causas que provocão o affluxo do sangue á cabeça augmentão de ordinario os soffrimentos.

Oppõem-se a este rheumatismo os meios já indicados, e sobretudo o caustico na nuca. Nos casos rebeldes deve-se rapar a cabeça, para fazer fricções com os linimentos acima formulados, ou applicar um caustico no lugar dorido da cabeça.

2º *Torcicollo.* Rheumatismo dos musculos do pescoço. *Veja-se TORCICOLLO.*

3º *Pleurodynia.* Rheumatismo dos musculos das paredes do peito. *Veja-se PLEURODYNIA.*

4º *Rheumatismo das paredes anteriores e lateraes do ventre ou rheumatismo preabdominal.* Este rheumatismo, quando se acha em toda a sua violencia, é uma das affecções mais dolorosas do ventre; a pressão exaspera a dôr quasi sempre, e muitas vezes os doentes não podem supportar nem mesmo o peso dos cobertores. As dôres adquirem uma violencia extrema, quando os doentes querem mudar de posição ou sentar-se, isto é, quando querem contrahir os musculos affectados. N'esta molestia não ha nauseas, vomitos nem meteorismo. O ventre está duro, por causa da tensão dos musculos. Não ha febre.

O rheumatismo preabdominal tem uma marcha muito irregular: cessa muitas vezes momentaneamente para tornar a voltar pouco a pouco com uma nova violencia; resiste mais do que o torcicollo e a pleurodynia. — Este rheumatismo trata-se pelos meios indicados contra o rheumatismo muscular em geral, sobretudo pelos banhos tepidos, fricções calmantes, sinapismos, e, em ultimo lugar, pelos causticos.

5º *Lumbago.* Rheumatismo dos musculos da região lombar ou das cadeiras. *Veja-se DÔR DE CADEIRAS.*

6º *Rheumatismo dos membros.* Estas dôres são muito erraticas. Não devem confundir-se com as dôres syphiliticas chamadas osteocopas, porque estas, bem que vivas, não impedem os movimentos, e coexistem as mais das vezes com inchação dos ossos. Não se póde estabelecer como caracter distinctivo o augmento das dôres osteocopas durante a noite, entretanto que o calor da cama acalma as dôres rheumaticas, porque muitas vezes estas comportão-se a

este respeito como as dôres veneraes. O tratamento não apresenta particularidade : é o mesmo que para o rheumatismo muscular em geral, vol. II. pag. 866.

RHINOPLASTIA. Arte de fazer o nariz. *Veja-se* NARIZ, vol. II, pag. 452.

RHUIBARBO. O rhuibarbo é a raiz de muitas plantas do genero *Rheum*, da familia das Polygoneas, que habitão na China e nas provincias asiaticas do imperio russo, e sobretudo do *Rheum palmatum*, Linneo. Fig. 425. Esta raiz apparece no commercio em



Fig. 425. — Rhuibarbo.

pedaços cylindricos de grossura variavel, de côr amarella escura, com veios esbranquiçados por dentro; é crivada de buracos; tem cheiro forte particular; sabor amargo; estala nos dentes; tinga a saliva de amarello escuro. Reduzida a pó, tem côr amarella. A acção do rhuibarbo é mui differente conforme a dose em que se emprega. Em pó, na dose de 15 a 30 cent. (3 a 6 grãos), com uma pouca de canella ou de quina, é um tonico e estomachico, de que algumas pessoas fazem uso habitual antes do jantar, para excitar as forças digestivas. Na dose

de 8 a 16 grammas (2 a 4 oitavas) actua como brando purgante.

RHUM. Aguardente de canna de assucar, obtida pela distillação dos melaços e das escumas do assucar de canna. Distingue-se das outras aguardentes pelo cheiro particular, que a faz preferir para fazer ponche. Marca 26 grãos (Cartier) quando não contém agua. Uma pequena colher de rum, n'uma chicara de chá da India ou de café, facilita a digestão de um jantar copioso.

RICINO. *Veja-se* MAMONA e OLEO DE RICINO.

RIM. Os rins são orgãos em que se forma a ourina. São duas glandulas situadas profundamente no ventre, uma á direita, outra á esquerda da columna vertebral, no meio do tecido cellu-

lar gorduroso, que corresponde ás cadeiras. O rim é de côr roxa-escura, de fôrma ovoide comprimida sobre as duas faces; semelhante á fôrma de um feijão. No homem adulto, cada rim tem ordinariamente 10 centímetros de comprido. 5 de largo e 2 centímetros e 1/2 de espessura na parte média. Cada rim communica com a bexiga por um canal estreitissimo, que conduz a ourina a este reservatorio.

MOLESTIAS DOS RINS.

Abcesso á roda dos rins. Póde ser a consequencia da contusão das cadeiras, da impressão de frio humido, ou desenvolver-se espontaneamente. É caracterizado por uma dôr nas cadeiras mais profunda do que no lumbago, acompanhada de febre. Mais tarde a região lombar apresenta uma inchação, com fluctuação profunda. O tratamento consiste em cataplasmas de linhaça e banhos d'agua quente. Depois de formado o abcesso, é preciso abri-lo quanto antes para prevenir o derramamento de pus na fossa iliaca, no peritoneo ou no intestino.

Cancro dos rins. Os rins são muito menos frequentemente affectados do que o figado e o tubo digestivo. A degenerescencia encephaloide é a fôrma que se encontra o mais frequentemente; o scirrho é mui raro (*veja-se* CANCRO EM GERAL, vol. I, pag. 443).

Symptomas. No cancro dos rins, os doentes queixão-se em geral de dôres mais ou menos vivas nas cadeiras; estas dôres podem ser contínuas ou exacerbantes; não é raro entretanto vêr os doentes que, não accusando especie alguma de soffrimento, emmagrecem, tem de vez em quando alguns incommodos digestivos, symptomas de indigestão, depois, sem causa, ourinão de repente sangue em quantidade mais ou menos consideravel. O sangue é vermelho ou preto. No fim de certo tempo, o rim augmenta de volume e forma um tumor duro, com relevos, apreciavel ao tocar, e que se distingue abaixo da margem costal e na ilharga, ás vezes mesmo estende-se do hypochondrio até ao osso iliaco. Verifica-se com facilidade a sua espessura, comprimindo-o fortemente com uma das mãos por diante e levando a outra para traz no ponto correspondente; pela percussão chega-se a isolar tambem o rim doente dos órgãos vizinhos. Como em qualquer outra affecção cancerosa, o corpo definha, o appetite perde-se, as digestões fazem-se mal; sobrevem diarrhea e vomitos. Não é raro que o cancro dos rins esteja latente; faltão então as ourinas sanguineas, e se o órgão conserva quasi o seu volume, não se sente tumor algum. Muitos d'estes doentes queixão-se sómente de uma dôr profunda, ora

obtusa ora lancinante, n'uma das regiões lombares; mas este symptoma nada tem de característico, pois que póde depender de alguma outra affecção dos rins ou de uma molestia do tecido celular ou das vertebbras. Entretanto mais tarde ou mais cedo qualquer symptoma novo vem esclarecer o diagnostico : assim, a apparição de sangue nas ourinas n'um doente que experimenta habitualmente dôres nas cadeiras, sem ter tido anteriormente arcias, sem ter sido affectado de retenção de ourina, torna-se significativa, se as dôres existem no intervallo das hematurias, se se reproduzem sem causa apreciavel.

O *tratamento* do cancro dos rins é o mesmo que o do cancro em geral : está indicado no vol. I, pag. 450.

Contusão dos rins. *Veja-se* vol. I, pag. 687

Feridas dos rins. *Veja-se* vol. I, pag. 4403.

Hydatidas ou **Acephalocystos dos rins.** Dá-se este nome a vesiculas ou pequenos kystos contendo um liquido no meio do qual nadão os vermes chamados *echinococos*. Os rins do homem contém ás vezes kystos acephalocysticos, entretanto que esta producção morbida é muito commum no carneiro. A molestia apresenta dois periodos : no primeiro é latente, ou pelo menos o kysto produz só um pouco de peso, incommodo e dôr, por causa do seu volume e da compressão que exerce. Comtudo, ao cabo de um tempo mais ou menos longo, esvaziando-se o kysto no interior dos rins, as hydatidas são expulsas com a ourina em maior ou menor numero, isto é depois de 1 ou 2 até mais de 50; umas são inteiras, outras chegam por fragmentos; umas tem só o volume de uma ervilha, outras são tão grossas como uma noz. Se estas podem sahir pelos canaes estreitos das vias urinarias, é que, molles e elasticas, alongão-se facilmente. A expulsão das hydatidas opera-se ás vezes espontaneamente e sem dôr, porém ás vezes, obstruindo momentaneamente o uretér, podem dar lugar aos soffrimentos que caracterizão a colica nephritica. É infinitamente raro que estes kystos se abram aavez das paredes abdominaes posteriores ou no intestino.

As hydatidas dos rins constituem uma molestia muito menos grave no homem do que nos animaes; porque n'estes, ambos os rins estão muitas vezes affectados simultaneamente, entretanto que no homem a molestia ácha-se commummente limitada a um só, e então não ha quasi incommodo. Assim o Dr. Valleix cita o exemplo de uma senhora que, depois de muitos annos, expulsava regularmente, no principio de janeiro, cinco ou seis hydatidas pela urethra : esta expulsão era precedida de dôres surdas nas

cadeiras; a saúde tornava-se perfeita depois que a doente ficava desembaraçada d'estes corpos estranhos.

O diagnostico de um kysto hydatico no rim é as mais das vezes obscuro. Quanto ao *tratamento*, se o kysto fizer proeminencia, convem abri-lo com a potassa; mas, no maior numero de casos, o medico é obrigado a ficar em inacção por causa da profundidade do tumor, e do seu pequeno volume.

Inflamação dos rins. *Veja-se* NEPHRITE, vol. II, pag. 459.

Pedras ou Calculos nos rins. As pequenas pedras, *calculos* por outro nome, formão-se nos rins pela disposição geral da economia. São constituídos pelo acido urico, acido xanthico, oxalato de cal, cystina, ou pelos phosphatos terreos. A alimentação composta principalmente de carne é uma das causas da producção dos calculos renaes. Quando um calculo passa pelo canal chamado uretér, para descer á bexiga, produz a colica nephritica. A urina que deixar no vaso um forte deposito de acido urico e de saes, acompanhada de dôres nas cadeiras e de colica nephritica, annuncia a existencia de um calculo nos rins. O tratamento proprio para prevenir a formação dos calculos nos rins, destrui-os quando estão formados, e combater os soffrimentos que produzem, está indicado nos artigos COLICA NEPHRITICA, vol. I, pag. 642 e AREIAS, vol. I, pag. 229.

RINCHÃO. *Veja-se* ERYSIMO.

ROBE ou **Arrobe.** Designa-se sob este nome o sumo de qualquer fructo, reduzido pela evaporação á consistencia de mel.

Dá-se tambem o nome de *robe* a algum xarope que contém, em relação ao assucar que leva, grande porção de succo de plantas. Tal é o *Robe antisiphilitico de Laffecteur*. A composição exacta d'este robe não é conhecida, porque a sua formula não foi publicada pelo autor, mas sabe-se que é uma forte decocção das substancias seguintes: raiz de salsaparrilha, páo de guaiaco, raiz da China, casca de quina, páo de sassafráz, sementes de aniz e flor de borragem, com melado purificado. Muitos pharmaceuticos ajuntão a esta decocção certa quantidade de sublimado corrosivo; d'onde se vê que o *robe antisiphilitico de Laffecteur* é um medicamento incerto.

RODELLA DO JOELHO. *Veja-se* ROTULA.

ROMEIRA. A romeira, *Punica granatum*, Linneo, Myrtaceas, é uma arvore de 5 a 7 metros de altura, cujas flores são de bella côr vermelha, e ás vezes amarellas ou brancas em certas especies raras. Fig. 426. É originaria da Africa, mas cultivava-se no Brasil e na Europa meridional. Em Portugal habita nos sitios silvestres quasi espontanea, nos terrenos argilosos, nos tapumes

dos arredores de Coimbra e outras partes, principalmente ao sul do Reino. As sementes do seu fructo são acidas, a decocção de suas flores é adstringente, porém de todas as partes da romeira, a mais util em medicina é a casca da raiz. A sua decocção



Fig. 426. — Romeira e romã.

emprega-se com o melhor exito contra as lombrigas, e principalmente contra a solitaria. O modo de preparação é o seguinte : deixa-se macerar durante doze horas 60 gram. (2 onças) de casca de raiz de romeira em 1 litro (32 onças) d'agua, ferve-se depois a fogo lento até reduzir-se á metade, e cõa-se por espessão. A decocção, assim preparada, toma-se em tres porções de meia em meia hora, e repete-se esta dóse por tres dias. Duas horas depois da segunda decocção, tomão-se 30 grammas (1 onça) de oleo de ricino, e, um dia antes do primeiro cozimento, toma-se tambem um purgante de oleo de ricino, para que, estando os intestinos vazios, o remedio possa ter melhor

effeito. Acontece ás vezes que a primeira e a segunda porção do decocto occasiona vomitos ; mas esta circumstancia não deve impedir o beber-se a terceira, que já não produz este effeito.

ROSA. *Rosa*. Genero de plantas da familia das Rosaceas, que nos dão as mais bellas e cheirosas flores. No estado selvagem, a corolla da rosa tem só 5 petalas, e não se obtem senão pela cultura este numero consideravel de petalas que constituem a belleza d'esta flor. As especies de rosa são mui numerosas ; n'esta obra indico só as que se empregão em medicina.

Rosa de cão ou **Silva macha.** *Rosa canina*, Linneo. Fig. 427. Esta especie é commum na Europa nos tapumes e nas beiras dos matos. Seus caules são delgados, de 3 a 5 metros de comprimento, armados de espinhos fortes e curvos; folhas compostas de 5 a 7 foliolos ovaes-lanceolados, denteados; flores roseas ou brancas, corolla composta de 5 petalas. Os fructos são do tamanho de uma azeitona, ovaes, lisos, de cõr vermelha, coroados das lacinias

decadentes do calice; são formados no interior de um parenchyma amarello, acidulo e adstringente. Estes fructos designão-se em pharmacia sob o nome de *cynosbatos*; prepara-se com elles e com assucar uma conserva empregada contra a diarrhea e nos escarros de sangue.

Rosa de cem folhas, Rosa de repolho.

Rosa centifolia, Linneo. Fig. 428. Arbusto de 100 a 120 centímetros de alto; suas folhas tem 5 ou 7 foliolos ovaes, pubescentes na face inferior, duas vezes denteadas; as flores são roseas, quasi completamente dobradas, cerca de 8 centímetros de diametro, de pedunculo longo, de ordinario tres no topo de cada ramo. Conhecem-se d'ella muitas variedades. A variedade, mais empregada em medicina, chama-se *rosa damascena*; tem um cheiro forte e mui suave; em pharmacia dão-lhe o nome de *rosa pallida*, para a differenciar da rosa de Provins, *rosa gallica*, a que chamão *rosa rubra*. Prepara-se com a rosa damascena uma agua distillada de cheiro agradável, empregada em collyrios; e um xarope que é levemente purgativo na dóse de 30 a 60 gram. (1 a 2 onças).

Na Persia, na India e em Tunis, extrahe-se um oleo volatil de muitas especies de rosas cheirosas, taes como as *rosa centifolia*, *damascena*, *moschata*. Este oleo volatil, chamado *essencia de rosas* ou *manteiga de rosas*, é liquido na temperatura de 30 grãos centigrados, solidado abaixo d'esta temperatura, de cheiro extremamente penetrante, que incommoda quando se acha em grande quantidade, mas é agradável quando diffundido. Emprega-se muito na perfumaria; usa-se tambem em pharmacia para aromatizar pastilhas e pomadas.



Fig. 427.

Rosa de cão ou Silva macha.



Fig. 428.

Rosa de cem folhas.

Rosa rubra. *Rosa gallica*, Linneo. Seu talo tem 60 a 100 centímetros de alto; ramos numerosos armados de fracos espinhos; folhas compostas de 5 a 7 folíolos ovaes, rigidos, de um verde bastante carregado na face superior, um pouco pubescentes na face inferior; botões e pedunculos cobertos de pellos rudes; flores solitarias ou reunidas em numero de 2 ou 3 na extremidade dos ramos; petalas pouco numerosas, de côr rubra escura e quasi sem cheiro. Contém todavia um principio aromatico que se desenvolve pela dessecção. Colhem-se antes de estarem abertas, desfolhãose e seccão-se ao sol ou n'uma estufa, e guardão-se em lugar secco. Estas rosas, assim preparadas, tem um sabor styptico, uma côr purpurea-escura e um cheiro assáz agradável, que perdem com o tempo. — Prepara-se com as rosas rubras o vinagre de rosas, o mel rosado, um xarope e uma conserva. Estas diversas preparações são adstringentes e tonicas, tem muitas applicações em medicina, empregão-se nas esquinencias e outras molestias, e merecem, pela mór parte, a reputação de que gozão.

ROSALGAR. Sulfureto rubro de arsenico; veneno corrosivo. Para combater o envenenamento que esta substancia pôde produzir, veja-se vol. I, pag. 736.

ROSEOLA. É uma affecção benigna da pelle que se parece com o sarampo, mas seus symptomas são muito mais brandos. É caracterizada por pequenas pintas vermelhas, irregularmente circulares e mui pouco salientes. Esta erupção apparece ás vezes como phenomeno accessorio no curso de algumas molestias febris, e principalmente no rheumatismo e na gota; pôde complicar tambem a vaccina. O uso do balsamo de copahiba produz ás vezes a roseola. Não é contagiosa; pôde reproduzir-se muitas vezes, é acompanhada de pouca febre, não é perigosa, e desaparece espontaneamente do terceiro ao quinto dia, sem que seja necessario empregar tratamento algum activo. A roseola ataca principalmente as crianças; muitas pessoas forão affectadas d'ella no Rio de Janeiro, no mez de dezembro de 1847.

A roseola parece-se, como acabei de dizer, com a fôrma benigna dos sarampos; mas differe d'elles pela falta do defluxo, fôrma irregular das manchas, e pouca febre. Na escarlatina a côr da pelle é muito mais encarnada, e as manchas são espalhadas de maneira muito mais uniforme. A descamação da pelle é nulla ou quasi nulla na roseola; entretanto que é evidente na escarlatina. O tratamento da roseola é mui simples: um regimen brando, bebidas diluentes, tacs como o cozimento de cevada ou chá de flores de malvas; uma temperatura moderada, e o repouso na cama ou no quarto durante dois ou tres dias, bastão par combater a molestia.

ROSMANINHO. *Lavandula staechas*, Linneo. Labiadas. Sub-arbusto mui ramoso, de 60 a 100 centímetros de altura, que habita frequente nos matos de Portugal. Folhas rentes, lineares, reviradas na margem, cotanilhosas, esbranquiçadas; flores de um purpureo escuro, em espiga; cheiro forte, agradável, aromatico; sabor amargo, calefaciente. As flores fornecem pela distillação um oleo volatil, que entra na composição da agua de Colonia. Toda a planta é estimulante; usa-se para banhos aromaticos.

ROSTO (MOLESTIAS DO). A palavra *rosto* designa a reunião de grande numero de orgãos. O leitor achará n'este dictionario artigos especiaes para as molestias das *palpebras*, do *nariz*, dos *beiços*, dos *queixos*, da *barba*, da *bocca* e das *orelhas*. (*Veja-se* estas palavras).

DÔR DE ROSTO. *Veja-se* NEURALGIA FACIAL, vol. II, pag. 470.

ERYSIPELA DO ROSTO. *Veja-se* vol. I, pag. 964.

FERIDAS DO ROSTO. *Veja-se* vol. I, pag. 1104.

INCHAÇÃO DO ROSTO. Procede ordinariamente da carie dos dentes ou da inflammação das gengivas. (*Veja-se* vol. I, pag. 800). Quanto á inchação do rosto que resulta da opilação ou da hydropisia geral, veja-se os artigos OPILAÇÃO, HYDROPSIA e INCHAÇÃO.

ROTULA, RODELLA OU PATELLA DO JOELHO. Pequeno osso chato, curto, situado na parte anterior do joelho. A rotula, em razão da sua situação superficial, está exposta a ser, ás vezes, deslocada ou fracturada. *Veja-se* DESLOCAÇÃO, vol. I, pag. 835; e FRACTURA, vol. I, pag. 1199. Para a ruptura do tendão da rotula, *veja-se* RUPTURA.

ROTURA. *Veja-se* QUEBRADURA.

ROTURA DO EMBIGO. *Veja-se* EMBIGO, vol. I, pag. 901.

ROUQUIDÃO. Deve estabelecer-se grande differença entre as diversas especies de rouquidão, e principalmente entre a que é accidental e a que é habitual. Aquella é ordinariamente um symptoma benigno que se dissipa em poucos dias, e que pertence ao *defluxo* ou *bronchite*. (*Veja-se* estas palavras). A rouquidão accidental póde tambem resultar da fadiga do orgão da voz, da impressão do ar frio sobre o corpo em suor, da inspiração de um nevoeiro fresco, ou do excesso de licores espirituosos; o repouso, o silencio, pediluvios sinapizados, a applicação da cataplasma de linhaça sobre o pescoço, o uso de uma bebida emolliente, tal como a agua de cevada misturada com leite, ou chá quente de flores de malvas, ou uma gemada á noite, fazem-n'a desaparecer em alguns dias. Se persistir, será preciso recorrer a uma medição mais activa, tal como os purgantes, os emeticos e os gargarejos preparados com a mistura das substancias seguintes :

Pedrahume..	15 grammas (1/2 onça)
Agua. . .	500 grammas (16 onças)
Laudano de Sydenham..	4 grammas (1 oitava)
Mel de abelhas.	60 grammas (2 onças).

A rouquidão habitual ou chronica, aquella sobretudo que é acompanhada de tosse e calor na garganta, póde depender de alguma molestia do larynge. *Veja-se Voz (Falta de).*

ROYAT. França. Aguas bicarbonatadas e chloruradas sodicas, gazosas, ferruginosas, quentes.

Itinerario de Pariz a Royat : Estrada de ferro até Clermont, 9 horas 1/4; omnibus de Clermont a Royat, um quarto de hora. Despezas : 48 francos.

Royat é uma aldeia de França de 2,700 habitantes, situada a 2 kilometros da cidade de Clermont-Ferrand. Pela sua bella posição, passeios deliciosos e salubridade do lugar, recommenda-se aos doentes como estação de ar puro e vivificante. Contém dois estabelecimentos thermaes, o dos *Banhos de Cesar*, que é o mais antigo; e o *Estabelecimento*, chamado *grande*, por causa das suas vastas dimensões.

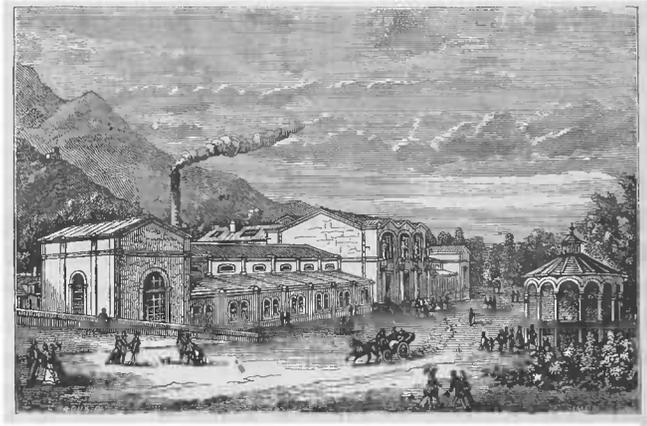


Fig. 429. — Estabelecimento grande de Royat.

As fontes mineraes de Royat, forão conhecidas dos Romanos, como o provão as construcções antigas que ali existem. Formou-se ha alguns annos uma companhia para dar a Royat um desenvolvimento em relação com a sua importancia que vai augmentando cada anno. *Tres fontes* mineraes existem em Royat : 1º A *fonte grande* ou *fonte Eugenia*. Temperatura 35º,5 centigrados na fonte; 34º nas banheiras. Fornece 1,440,000 litros por dia, ou mil litros

por minuto. É esta fonte que alimenta o grande estabelecimento de banhos, e uma pia de que se tira a agua para beber. 2º A *fonte de Cesar*; dá 31,000 litros por dia. Temperatura 29º cent.; alimenta o pequeno estabelecimento. 3º A *fonte Saint-Mart*; temperatura 31º cent.; fornece 21,000 litros; não se emprega actualmente. Póde-se igualmente citar, a fonte de Rochedos; temperatura 19º,5 cent.; fornece 25 a 30,000 litros por dia; fonte fria, situada bastante longe das precedentes, e que só se emprega como bebida. Para complemento, devem citar-se as magnificas aguas vivas que vem das montanhas: estas fontes, encanadas desde a sua origem e conduzidas ao grande Estabelecimento, servem para a hydrotherapia. A sua abundancia é extrema, a temperatura, mesmo no tempo dos grandes calores, é de 12º. Eis-aqui a analyse das tres fontes, feita pelo chimico Lefort; 1 litro d'agua contém:

	Fonte grande	Fonte Cesar	Fonte St-Mart
Bicarbonato de soda.	1g,349	0g,392	0g,421
— de potassa.	0g,435	0g,286	0g,365
— de cal	1g,000	0g,686	0g,953
— de magnesia.	0g,677	0g,397	0g,611
— de ferro..	0g,040	0g,025	0g,043
— de manganez.	vestigios	vestigios	vestigios
Sulfato de soda	0g,185	0g,115	0g,163
Phosphato de soda..	0g,018	0g,014	0g,007
Arseniato de soda.	vestigios	0g,000	vestigios
Chlorureto de sodio... ..	1g,728	0g,766	1g,682
Iodureto e bromureto.	indicios	vestigios	indicios
Silica.. ..	0g,156	0g,167	0g,102
Alumina .	vestigios	vestigios	vestigios
Materias organicas..	indicios	indicios	indicios
<i>Total das materias fixas.</i>	<i>5g,588</i>	<i>2g,848</i>	<i>4g,336</i>
Gaz acido carbonico. . .	0g,377	0g,620	0g,332
Gaz azoto.	0g,052	0g,038	0g,042
Gaz oxygeneo..	0g,011	0g,009	0g,008

Segundo a analyse de Thenard, a agua da fonte grande contém, por litro, 1/3 de milligramma de arsenico. Uma analyse recente descobrio n'ella 35 milligrammas de lithia, por litro d'agua.

A agua de Royat tem um sabor picante, acidulo, salgado e ferruginoso; é tepida, mas o seu gosto não é desagradavel; contém gaz acido carbonico em grande quantidade, que lhe dá uma especie de fervura quando sahe da terra, e lança-a, nos tempos de bor-

rasca, a 20 centímetros de altura acima do tanque. Usada em banhos, torna a pelle macia saponificando os productos sebaceos pelos saes alcalinos que entrão na sua composição.

O grande estabelecimento thermal de Royat comprehende 48 gabinetes de banhos separados, com banheiras de marmore que recebem a agua naturalmente tepida ou quente. Duas piscinas permitem tomar banhos d'agua mineral corrente. Uma d'estas piscinas tem 5 metros de comprimento, 3 metros de largura e 1 metro 30 centímetros de profundidade; outra é muito maior, porque tem 16 metros de comprimento, 8 metros de largura, e 1 metro 80 centímetros de profundidade. Ha ali tambem duchas de toda a especie. O vapor d'agua mineral é empregado em aspirações e duchas; o gaz acido carbonico em applicações locais ou geraes sob a fórma de banhos. As salas de pulverização possuem osapparelhos modernos. Apparelhos hydrotherapicos e gymnasticos completão esta bella installação.

Tomada internamente a agua do Royat facilita a digestão e estimula o appetite, pelo que administra-se [efficazmente] nas dyspepsias e gastralgias. As molestias que se tratão com vantagem em Royat são: asthma, bronchite e laryngite chronicas, leucorrhœa, engurgitamento do utero, chlorose, anemia; gota, rheumatismo, paralysisia e as molestias de pelle. São as mesmas molestias que se tratão nas caldas de Ems, cuja composição chimica é analoga á das aguas de Royat.

A agua de Royat bebe-se na dóse de dois a cinco copos, de manhã em jejum, com intervallos de um quarto de hora, ou de tarde, uma hora, pelo menos, antes do jantar. O seu effeito é tonico. O estabelecimento está aberto todo o anno; a estação thermal dura de 15 de maio a 15 de outubro. Existe ali um cassino onde ha concertos e espectaculos. Seis medicos residem em Royat durante a estação thermal. As aguas transportadas conservão-se bem, mas não produzem tão bom effeito como na fonte.

RUBEFACIENTES ou **Rubificantes**. Dá-se este nome ás substancias que, applicadas na superficie da pelle, a enrubecem. Taes são: farinha de mostarda, linimento ammoniacal, pez de Borgonha. Empregão-se como derivativos nas nevralgias, no rheumatismo, na gota, etc.

RUBIM. Os ourives dão este nome a muitas pedras preciosas, mais ou menos transparentes, de composição differente, mas pela maior parte de côr vermelha mais ou menos viva. O mais procurado é o rubim *spinelle*, pedra essencialmente composta de alumina e de magnesia, mui dura, riscando todos os mineraes á excepção do diamante e do corindon (especie de espatho adamantino); é o

verdadeiro rubim. Distinguem-se d'elle 3 variedades : 1º *Rubim spinelle ponçó*, de um bello vermelho algum tanto alaranjado; 2º *Rubim de côr vermelha rosea (rubis balais, em francez)*; e o 3º *Rubim côr de vinagre*. Esta pedra é mui rara e sempre de pequeno volume; não se acha senão na India, sobretudo na ilha do Ceylão; é a pedra preciosa mais cara depois do diamante : vale em França cerca de 240 francos o quilate (4 grãos). O *Rubim oriental* é um corindon yitreo de um vermelho cochonilha e de grande dureza; o *Rubim do Brasil* é uma variedade de topazio côr de rosa; o *Rubim de Hungria*, é um granate vermelho violaceo; o *Rubim da Bohemia*, é um granate côr de fogo; o *Rubim occidental* ou *Pseudo-Rubim*, um quartzo hyalino roseo ou vermelho. É com rubim oriental que se fazem os quicios dos relógios; só esta variedade é que offerece a dureza precisa para este genero de trabalho. Existem no commercio rubins facticios, que se preparão precipitando crystal de roca mui quente n'uma dissolução de ouro.

RUDA. *Veja-se ARRUDA.*

RUIVA DOS TINTUREIROS, Granza ou Solda grande. *Rubiã tinctorum*, Linneo. Rubiaceas. Planta originaria da Asia, cultivada por todas as nações da Europa, para tingir as lãs de vermelho; em Portugal tambem se cultiva, mas pouco. É a raiz que se emprega. Esta raiz compõe-se de tres partes distinctas; de uma fibra central lenhosa, amarellada, que a percorre em todo o seu comprimento; de uma parte cortical vermelha, onde reside sobretudo o principio corante; e de uma pellicula leve e avermelhada chamada *epiderme*. Secca-se ao ar ou no forno, bate-se para separar d'ella a epiderme, a terra e outras substancias estranhas; moe-se depois no moinho. A ruiva dos tintureiros dá uma côr bella vermelha mui solida, e, com os differentes mordentes, todas as escalas das côres roxas, violetes, etc. Emprega-se para a impressão dos pannos de linho, de algodão, e para tingir os pannos de lã : as calças do exercito francez são tintas com a ruiva dos tintureiros.

RUPIA. Dá-se este nome a uma affecção caracterizada pela erupção, na pelle, de bolhas isoladas, chatas, cheias de um liquido a principio seroso, depois purulento ou sanguineo, que se transformão em crostas denegridas, ás quaes succedem ulcerações. Apparece em diversas partes do corpo, e sobretudo nas pernas.

Causas. A rupia não se observa senão nas crianças e nas pessoas idosas, e geralmente nos individuos enfraquecidos por qualquer causa.

Tratamento. A primeira indicação consiste em melhorar o estado geral da economia. Leite de boa ama para as crianças mui jovens,

ar do campo, muito asseio. Para os adultos, alimentação substancial, vinho, habitação sadia. Cumpre abrir as bolhas com lanceta e cura-las com ceroto simples, glicerina, ou fios molhados em vinho tinto. Se as úlceras forem rebeldes, polvilha-las com cremor tartaro, ou cauteriza-las com pedra infernal.

RUPTURA. Solução de continuidade sobrevindo em consequencia de contracções musculares, ou de extensão exagerada de um órgão ôco.

Ruptura da bexiga. Suas *causas* são : violencias exteriores, pancadas com a ponta do pé, com o joelho, com bengala, sobre o hypogastro: quédas de certa altura sobre o ventre, ou mesmo sobre os pés; passagem da roda de uma sege sobre o ventre. Póde tambem ser ocasionada pela accumulacão excessiva de ourina na bexiga.

Symptomas. Varião segundo a especie de ruptura. Quando succede a uma violencia externa, o paciente experimenta uma sensação de rasgadura no momento do accidente, dôr na região inferior do ventre, vontade urgente e contínua de urinar, e a impossibilidade absoluta de satisfazê-la, ou de evacuar outra cousa do que algumas gottas de ourina sanguinolenta. A sonda introduzida na bexiga, não tira senão mui pequena quantidade de liquido misturado com sangue. Quando a ruptura da bexiga se faz espontaneamente, os doentes, que tem experimentado, mais ou menos tempo antes da producção da lesão, todas as anxiedades da retenção de ourina, sentem um allivio subitico. O tumor que levantava a região inferior do ventre desaparece.

Marcha e terminações. Varião segundo o lugar da ruptura. Se esta communicar com a cavidade peritoneal, um derramamento de ourina faz-se n'esta cavidade, de que resulta uma peritonite aguda, e a morte mais ou menos prompta em razão da abundancia do derramamento. Se a ruptura existir debaixo do peritoneo, seus effeitos dependem do diametro da solução de continuidade. Sendo esta larga, a infiltração de ourina é muito extensa, o tecido cellular gangrena-se; e d'ahi procede febre, delirio e a morte. Sendo a abertura pequena, a ourina não se infiltra senão em pequena quantidade no tecido cellular; o liquido póde enkystar-se, e o doente sarar com um abcesso ourinoso.

Tratamento. Deve-se impedir a infiltração da ourina ou diminuir-lhe a intensidade, introduzindo a sonda e deixando-a na bexiga. Combata-se a inflammação com cataplasmas de linhaça, e faça-se a abertura dos abccsos ourinosos que apparecem na vizinhança da bexiga.

Ruptura dos musculos. Póde ser completa ou parcial. Tem lugar durante o esforço violento para levantar um peso, para saltar, para se reter na imminencia de uma quéda. Os musculos que se rompem as mais das vezes são os da barriga da perna. Observão-se tambem rupturas dos feixes do musculo sacro-lombar e longo dorsal : sobrevem em consequencia de esforços violentos para levantar grandes pesos ; occasionão grandes dôres nas cadeiras. Rupturas dos musculos do pescoço e da parte posterior e superior do tronco tem sido determinadas por movimentos violentos e rapidos. Emfim, as rupturas musculares podem ter lugar em quasi todas as partes do corpo que apresentam certa extensão. Estes accidentes são bastante frequentes ; são quasi sempre a causa d'essas dôres vivas e persistentes que se sentem no trajecto de um musculo em consequencia de um movimento subito ou violento.

Symptomas. Os symptomas que caracterizão a ruptura muscular são primeiro a dôr viva que se declara no momento mesmo da contracção, e torna difficil e quasi impossivel todo o movimento da parte offendida. Os doentes comparão esta dôr com a sensação produzida por uma pancada, por uma violenta contusão. O lugar da lesão acha-se indicado pela séde da dôr e por uma depressão proporcionada ao tamanho da solução de continuidade. O fluxo sanguineo e sub-cutaneo, que resulta da rasgadura das pequenas veias ou arterias, produz a ecchymose e a inchação que se manifestão vinte ou trinta horas depois do accidente. A dôr persiste ás vezes durante muito tempo, e os movimentos da parte affectada são dolorosos e quasi impossiveis. Quanto ao perigo, a ruptura parcial dos musculos é pouco grave, e a sua cura faz-se com o tempo sem que fique alteração alguma dos musculos.

Tratamento. Consiste em pôr o membro offendido n'uma situação tal que o musculo lacerado se ache em relaxação completa. Aliás, um instincto natural indica ao doente o meio de achar por si mesmo esta posição, na qual soffre menos. Na ruptura das fibras musculares da perna, applique-se á roda da perna uma atadura molhada em agua vegeto-mineral, ou em agua fria. Por cima da atadura, applicuem-se pannos molhados em agua fria, que é necessario tornar a molhar amiudadas vezes, afim de se conservarem frios. O doente deve ficar em repouso durante oito dias. Na ruptura das fibras dos musculos sacro-lombares, ou *lumbago traumatico*, applica-se uma faxa á roda do corpo, e no dia seguinte o doente toma um banho geral d'agua morna. Na ruptura total dos musculos dos membros, faz-se [uma compressão regular, algum tanto apertada sobre todo o membro, que será collocado de

maneira que os extremos dos musculos se achem em contacto pela simples posição. Assim, a flexão do braço será prescripta na ruptura do biceps, a extensão da perna na ruptura do triceps da coxa. Contra as rupturas antigas, nada ha a fazer senão a compressão com a ligadura elastica ou enlaçada, apropriada á parte onde o musculo se rompeo; esta ligadura mantem o membro e facilita os movimentos. Nas rupturas dos musculos *do ventre*, deve-se prevenir a inflammação pelo repouso e com cataplasmas de linhaça. Se se formar abcesso, pratica-se uma abertura para dar sahida ao pus. Logo que a inflammação desapparecer, o doente usará de cinta elastica, para evitar a producção de uma hernia.

Ruptura do perineo durante o parto. V RASGADURA.

Ruptura dos tendões. Os *tendões* são cordas elasticas que por uma parte nascem dos musculos, e por outra terminão nos ossos. As rupturas dos tendões são produzidas por esforços violentos. O tendão da rotula, o tendão de Achilles, os tendões dos dedos da mão, o tendão do musculo plantar delgado rompem-se com bastante frequencia. O repouso e a posição dos membros são sufficientes, as mais das vezes, para produzir a reunião dos extremos do tendão.

1º *Ruptura do tendão da rotula e do tendão do musculo triceps crural.* Esta ruptura é produzida por violento esforço no momento da queda. A ruptura existe de ordinario sobre um só dos dois tendões, mas ha casos em que ambos os tendões estão lacerados.

A ruptura de ambos os tendões é caracterizada por dôr viva, por queda apesar dos esforços para reter-se, e pela impossibilidade de se levantar. Os symptomas consequentes são : mobilidade anormal da rotula, impossibilidade de estender a perna, uma depressão por cima e por baixo da rotula; ás vezes ecchymoses extensas não deixão duvida sobre a natureza do accidente. A falta de dureza ossea sobre os dois pontos que estão afastados, a conservação do volume e da fórma da rotula farão com que se não confunda a ruptura dos ligamentos da rotula com a fractura d'este osso. Quando a ruptura do tendão da rotula e do tendão do triceps estão abandonadas a si mesmas, é difficil obter a cicatrizaçãõ; mas acontece, ás vezes, que as aponevroses se tornão mais espessas e suppreem a falta dos tendões. É raro que a articulaçãõ do joelho se inflamme depois da ruptura dos tendões da rotula.

O tratamento consiste em levantar a perna sobre um plano inclinado e pô-la em extensão, estando a coxa encolhida sobre o corpo. Approximão-se os extremos dos tendões por meio de tiras agglutinativas; e applica-se uma ligadura inamovivel para manter o membro na mesma posição. A ligadura inamovivel faz-se cer-

cando a perna com uma atadura molhada na solução de dextrina ou de silicato de potassa, que em pouco tempo endurece.

2º *Ruptura do tendão de Achilles.* O tendão de Achilles acha-se na parte posterior e inferior da perna; é formado pela reunião dos tendões dos musculos gêmeos e solares, e fixa-se no calcanhar. Sua ruptura sobrevem principalmente nos dansarinos; mas pôde ser produzida por pancada. O tendão pôde romper-se parcial ou totalmente. Os symptomas da ruptura do tendão de Achilles são: uma sensação de estalo, dôr viva, difficuldade de ter-se em pé, separação dos extremos do tendão augmentada durante a flexão do pé e diminuida durante a extensão. A indicação a preencher n'esta ruptura consiste em approximar os dois extremos do tendão para obter a sua cicatrização. Para este fim dá-se ao membro uma situação conveniente: basta dobrar a perna sobre a coxa e estender o pé. Para manter o pé na posição indicada, cerca-se o pé e a perna com uma atadura embebida em solução de dextrina ou de silicato de potassa. O apparelho, depois de solidificar-se pela dessecção, mantém o membro n'uma posição invariavel. Tira-se depois de tres ou quatro semanas, e torna a applicar-se se a consolidação não está completa.

Ruptura do tympano. *Veja-se* Ouvido, vol. II, pag. 548.

Ruptura do utero. Tem lugar em certos casos do parto difficil, durante os esforços de expulsão do feto impedidos pela estreiteza da bacia. É caracterizada por uma dôr viva, subita, uma sensação de rasgadura interior acompanhada ás vezes de estalo. A mulher torna-se pallida, cahe em desmaio e morre de uma hemorragia interna. Pelo que é preciso fazer tudo para prevenir semelhante desgraça, recorrendo ao forceps, á versão do feto, ou á embryotomia. Quando se reconhece, durante a gravidez, que a bacia, no seu maior diametro, tem menos de 6 cent. e 1/2, cumpre provocar o parto prematuro aos sete mezes e meio.

S

SABÃO. Dá-se mais particularmente este nome ao producto obtido das gorduras, ou aos oleos combinados com a potassa ou soda. Esta combinação faz com que a materia gorda seja soluvel em agua, e dá ao composto que se forma a propriedade de tirar as nodoas da roupa. Preparão-se para as artes e usos domesticos muitas especies de sabão, que são: o *Sabão branco*, preparado com soda e sebo ou azeite doce: é solido, branco, opaco, de cheiro

não desagradavel. Dissolve-se em água de chuva ou na de rio, mas decompõe-se na agua de poço, que contém ordinariamente certa quantidade de saes calcarcos ou de magnesia; este effeito é ainda mais notavel com a agua do mar, e por essa razão todas estas aguas são improprias para o ensabamento. Empregando a potassa em lugar da soda, obtem-se o *sabão molle*. O *sabão verde* ou o *sabão preto* obtem-se, saponificando pela potassa caustica uma mistura de oleo de linhaça e de sebo; é molle, da consistencia de unguento, de cheiro desagradavel, mui caustico sobre a pelle. Em Inglaterra, o sabão molle faz-se com potassa, sebo e azeite de baleia. O *sabão transparente* para toucador, prepara-se saponificando a gordura de vacca pela soda pura, dissolvendo no alcool o sabão assim formado, filtrando a solução, e deitando-a em fôrmas. Emfim, o *sabão medicinal* ou o *amygdalino*, prepara-se nas boticas, misturando a frio uma parte de sôda caustica liquida, e duas partes de oleo de amendoas doces: este sabão serve para certas preparações pharmaceuticas.

A dissolução de sabão administra-se internamente como antidoto nos envencnamentos pelo acido sulfurico, nitrico, ou qualquer outro acido concentrado; o sabão cede a soda ao acido, e neutraliza-lhe os effeitos. O sabão puro, na dóse de 4 a 8 grammas (1 a 2 oitavas) tem acção purgativa; administrado em maior dóse, poderia produzir effeitos causticos nos intestinos. Ha crianças que o tem ás vezes engulido por descuido, mas sempre em mui pequena quantidade para que pudesse causar damno. O melhor remedio, n'este caso, seria provocar os vomitos dando a beber agua morna e introduzindo os dedos na garganta, ou titillando o fundo da bocca com a rama de uma penna. Usão-se ás vezes suppositorios de sabão, na prisão do ventre. Este meio consiste em cortar um pedaço de sabão, da grossura do dedo minimo, e introduzi-lo no anus. Estes suppositorios são efficacissimos, e convem muito ás crianças. A agua de sabão emprega-se externamente em lavatorios nas empigens, tinhas, sarnas e outras molestias da pelle: a propriedade que tem de dissolver as materias gordas que cobrem a superficie do corpo, e que impedem a transpiração cutanea, o torna precioso como objecto de toucador. Estes lavatorios feitos nas partes genitacs, após o coito com pessoa suspeita, constituem um excellente preservativo da syphilis: seria para desejar que este meio se popularizasse.

SABÃO. (*Pão de*). *Vejá-se* PÃO DE SABÃO.

SABINA. *Juniperus sabina*, Linneo. Coniferas. Arbusto que habita na Europa. Fig. 430. As folhas emprégão-se em medicina. São mui pequenas, em fôrma de escamas, de cheiro forte, tere-

binthaceo, de sabor acre e amargo. O chá de folhas de sabina é receitado ás vezes pelos medicos para provocar a menstruação; prepara-se com 2 grammas (1/2 oitava) de folhas de sabina e uma chicara d'agua fervendo.

SABUGUEIRO. *Sambucus nigra*, Linneo. Caprifoliaceas. Arbusto commum em Portugal, cultivado em algumas partes do Brasil. Casca cinzenta, rachada; lenho molle, branco, leve; o tronco e os ramos contém um largo canal medullar; folhas pecioladas, oppostas, compostas de foliolos impares; foliolos oppostos, quasi sesseis, ovaes, denticulados, de cheiro viroso; inflorescencia em cymas, offerecendo o aspecto de uma cobertura por cima do vegetal; flores brancas, de cheiro nauseoso quando frescas, de cheiro aromatico agradavel quando seccas; fructo, baga globosa, anegrada, com tres pequenos caroços.

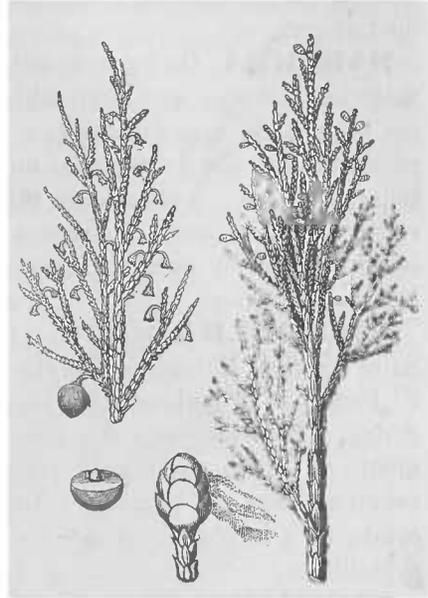


Fig. 430. — Sabina.

As flores, quando frescas, são brancas, mas tornão-se amarellas depois de seccas. Empregão-se sob a fórmula de chá, que se faz com um pugillo de flores de sabugueiro e uma chicara d'agua fervendo, nas constipações, defluxos, e em todos os casos em que convem provocar a transpiração cutanea. As bagas do sabugueiro são do tamanho de pequenas ervilhas, de côr roxa preta, e são cheias de um succo preto. Prepara-se com ellas um extracto chamado *arrobe de sabugueiro*, que é purgativo na dose de 12 a 16 gram. (3 a 4 oitavas). A casca de sabugueiro é tambem purgativa, na dose de 30 grammas (1 onça) em decocção.

Sabugueiro do Brasil. *Sambucus australis*, Cham. Caprifoliaceas. Arbusto que habita nas provincias de S. Paulo, Santa Catharina, Rio Grande do Sul. Lenho molle; folhas pecioladas, oppostas, compostas de foliolos impares, oppostos ovaes, denticulados, e cada um munido de uma pequena glandula na base; flores em cymas terminaes, brancas; fructo, baga de quatro ou cinco loculamentos. As flores são sudorificas e usadas em lugar das da Europa. O sumo da raiz é purgativo, e usado na dose de meia

a 2 onças na hydropisia. A casca da raiz, administrada em cozi-mento, é tambem purgativa na dóse de 30 grammas (1 onça) da casca para 360 grammas (12 onças) d'agua. Do que fica dito segue-se que o sabugueiro do Brasil tem as mesmas propriedades que o da Europa.

SABURRA. Os medicos antigos chamarão *saburra gastrica* a materias viciadas que suppunhão accumularem-se no estomago em seguida de más digestões; e que considerarão ora como um producto alterado de excreção mucosa d'este orgão ou da secreção biliar, ora como o residuo de substancias alimentares mal digeridas. D'esta saburra dá signaes a lingua quando se cobre de indutos mais ou menos grossos, brancos ou amarellos. *Veja-se* EMBARAÇO GASTRICO.

SACAROLHA OU ROSCA PARA AS MULAS. *Helicteres sacarolha*, Saint Hilaire. Malvaceas. Planta do Brasil; habita em Minas e S. Paulo. Talo lenhoso, folhas regularmente alternas, arredondadas, terminadas ás vezes em ponta; flores vermelhas. O cozi-mento da raiz é empregado pelos habitantes contra as affecções venereas; mas não póde ter outro effeito senão o emolliente, para combater a inflammação que acompanha ás vezes os symptomas syphiliticos.

SACCHAROLEOS. Misturas de assucar com oleo volatil. Obtem-se pela trituração dos oleos com assucar. Querendo-se preparar os saccharoleos das cascas de laranja, limão ou lima, esfrega-se a parte amarella superficial com o assucar em torrões, este impregna-se do oleo volatil, e pulveriza-se depois.

SACCHARURETOS. Medicamentos de fôrma pulverulenta, compostos de assucar, com o qual se misturão substancias medica-mentosas previamente dissolvidas em algum liquido que é rejei-tado pela evaporação depois da mistura com o assucar. O processo geral d'estas preparações consiste em misturar o assucar com tinturas alcoolicas ou ethereas, fazer seccar e pulverizar de novo a materia, obtendo-se por este modo um pó, em que a substancia medica-mentosa fica perfectamente dividida.

SACRO. Osso triangular situado na parte posterior da pelvis, em seguida da columna vertebral. A sua extremidade inferior articula-se com um appendice osseo chamado *coccyx*.

Sacro. (*Fractura do*). *Veja-se* vol. I, pag. 1179.

SAGÚ. É uma especie de fecula extrahida da parte interior do tronco de muitas especies de palmeiras, em particular da *sagus farinaria* de Rumphius, arvore que habita nas Molucas, e que é cultivada nos jardins do Brasil. Fig. 431. O sagú vem das Molucas. Acha-se no commercio sob a fôrma de pequenos grãos irregulares,

branco-escuros ou levemente vermelhos, duros, elasticos; resiste á acção dos dentes; é insolúvel em agua fria; solúvel na agua quente, á qual communica bastante viscosidade.

Prepara-se o sagú da maneira seguinte. Corta-se a arvore quando adquirio todo o crescimento, e quando as folhas principiã a cobrir-se de uma exsudação branca e farinacea. Abre-se o tronço em todo o comprimento, e extrahe-se a parte interior, que é mui tenaz, esponjosa, pouco mais ou menos da consistencia da polpa das batatas. Esta machuca-se e agita-se em agua por algum tempo. Cõa-se depois o liquido, ainda turvo, por peneira de crina, para



Fig. 431. — Sagueiro

separar d'ella a parte fibrosa, e depois conserva-se em repouso. A fecula precipita-se então no fundo do vaso; cõa-se a agua e obtem-se uma massa branca, que se faz seccar á sombra, e que forma uma farinha ou fecula muito pura. N'este estado emprega-se nos lugares em que se colhe esta substancia; mas a que se destina para a exportação deve passar por outra preparação. Toma-se a massa depositada no fundo dos vasos, e, quando ainda molle, faz-se passar por laminas tendo buracinhos, e os grãos irregulares, que se formão então, seccão-se rapidamente sobre laminas metallicas quentes. Em consequencia d'esta ligeira torrefacção é que

tomão aquella côr parda, e ás vezes avermelhada, com que se apresentão no commercio.

O sagú é um alimento nutriente e restaurante. Fazem-se mingãos cozendo grãos inteiros no caldo ou n'agua e leite, que se adoção e aromatizão depois com agua de flores de laranjeira. Reduzido a pó, e fervido no leite ou na agua, o sagú forma geleas, que convem muito aos convalescentes.

SAHIDA DO ANUS. *Veja-se* vol. 1, pag. 242.

SAHIDA DO UTERO. *Veja-se* UTERO.

SAINT-AMAND. França. Banhos de lodo sulfureo, tepidos.

Itinerario de Pariz a Saint-Amand : Estrada de ferro até Raismes, 5 horas. Carro de Raismes a Saint-Amand, meia hora. Despezas, 32 francos.

A tres kilometros da linda cidade de Saint-Amand, no meio de uma das mais risonhas paisagens, na entrada de um vasto matto, existem elegantes construcções que formão o estabelecimento thermal das aguas e dos *lodos* sulfureos. Ha em Saint-Amand tres fontes sulfureas, cuja temperatura é de 26°. A agua é limpida; exhala um forte cheiro de ovos chocos. A analyse ensina que contém silica, ferro e gaz sulphydrico em quantidade notavel. Na proximidade das fontes achão-se os gabinetes de banhos, os de duchas, todos os apparatus hydrotherapicos e a bica para beber a agua. Mas apesar do bom effeito que produz o seu uso, tanto interno como externo, contra as diversas molestias em que o enxofre está indicado, são sobretudo os *lodos* que constituem a medicação essencial de Saint-Amand. Estes lodos conservão uma temperatura de 26° centigrados, em todas as estações do anno; desenvolvem gaz acido sulphydrico e acido carbonico em bolhas numerosas. Este lodo não é outra cousa mais do que terra argilosa, representando um verdadeiro pantano sulfureo, de côr preta particular, de que sahe um forte cheiro sulfureo; além de enxofre, contém tambem ferro. Os lodos, que devem servir para os banhos, achão-se em tanques particulares em que continuão a mineralizar-se pela passagem incessante de novas correntes sulfureas. Eis-aqui como se preparão estes banhos: Debaixo de um elegante pavilhão, com telhado de vidro, existem 68 compartimentos de 1 metro de largura cada um, e de 1 a 2 metros de profundidade. Estes compartimentos, independentes um de outro, enchem-se de um lodo semi-liquido, tirado dos reservatorios de que acabei de fallar. Sendo só de 26 grãos a temperatura nativa do lodo, augmenta-se artificialmente, por meio de cylindros de ferro, cheios de areia ou d'agua quente, que se introduzem nos compartimentos uma hora antes do banho. Estando tudo assim disposto, o doente,

ao sahir da ducha, mergulha-se no compartimento lodoso, quer em totalidade, quer em parte, segundo o lugar affectado. Leves pilares, dispostos nos angulos dos compartimentos, sustentão cortinados que os transformão, se fôr preciso, em outros tantos gabinetes isolados. A duração dos banhos varia de 1 a 6 horas; termo médio 4 horas. Tomão-se de manhã; nunca mais de um por dia. Os doentes fazem n'elles em geral o primeiro almoço; o resto do tempo passa-se na leitura, conversação e jogo. O loto é o jogo favorito, porque admite maior numero de jogadores. Durante este tempo um servente vai de compartimento a compartimento, distribuir copos d'agua mineral, complemento necessario da medicação externa. O compartimento serve todos os dias para o mesmo doente, que ao principiar o curativo, fa-lo encher na sua presença com o lodo virgem, tirado directamente do reservatorio. Ao sahir do compartimento lodoso, o doente envolto em um cobertor, vai ao banho d'agua morna simples, para lavar o corpo do lodo que lhe adhere.

Os banhos de lodo de Saint-Amand aproveitão nas molestias de pelle, e sobretudo na psoríase, impetigo, lichen, ichtyose, no rheumatismo chronico tanto muscular como no articular; na gota chronica; nas molestias dos ossos (carics, necroses, coxalgias, tumores brancos, etc.); nas torceduras, contracturas musculares, atrophias, ankyloses, paralyisias. A duração d'esta medicação varia segundo as molestias: termo médio, o curativo comprehende 30 a 40 banhos de lodo. Em geral, faz-se descansar o paciente um dia sobre oito ou dez. A epoca do anno em que se tomão é do 1º de junho ao 1º de setembro.

SAINT-GALMIER. França. Aguas mineraes acidulas, gozosas, frias. Devem as suas propriedades ao gaz acido carbonico; são da mesma natureza que as aguas de Seltz, que substituem como bebida de mesa. Bebem-se puras ou misturadas com vinho. São tónicas e digestivas. Não ha ali estabelecimento thermal; as aguas exportão-se.

SAINT-HONORÉ. França central. Aguas sulfurosas sodicas, tepidas e quentes. — Itinerario de Pariz a Saint-Honoré: Estrada de ferro de Pariz até á estação de Cercy: 6 horas 50 minutos; omnibus d'esta estação até Saint-Honoré, hora e meia. Despezas: 40 francos.

Saint-Honoré é uma pequena cidade de França, contendo fontes sulfurosas sodicas mornas e quentes. A agua é clara, limpida, de sabor adocicado e hepatico; exhala um leve cheiro de hydrogeneo sulfureo. Temperatura 26º a 32º centigrados. Estas aguas são utejs contra as molestias de pelle em banhos e bebida. Mas é o

tratamento das affecções pulmonares que constitue a sua especialidade. O estabelecimento thermal é importante. Contém gabinetes de banhos, gabinetes de duchas com todos osapparelhos necessarios; salas de inalação, respiração e pulverização, e uma vasta piscina d'agua corrente, na qual os doentes podem entregar-se ao exercicio salutar de natação, n'uma agua continuamente reformada e naturalmente quente (32° centigrados). O estabelecimento possui dois grandes hotéis, convenientemente mobiliados, salas de leitura e de jogos, mesa redonda, etc. A estação thermal dura de 15 de maio a 30 de setembro. O lugar é salubre e pittoresco. Transportadas, estas aguas conservão-se por muito tempo.

SAINT-SAUVEUR. França meridional. Aguas sulfurosas quentes. — Itinerario de Pariz a Saint-Sauveur : Estrada de ferro de Pariz por Bordeos até Pierrefite : 22 horas e meia; carro de Pierrefite a Saint-Sauveur, 1 hora 15 min. Despezas 141 francos.

Aldeia situada n'um valle, com uma só rua, a pouca distancia da cidade de Luz, no meio de uma magnifica paisagem, ao

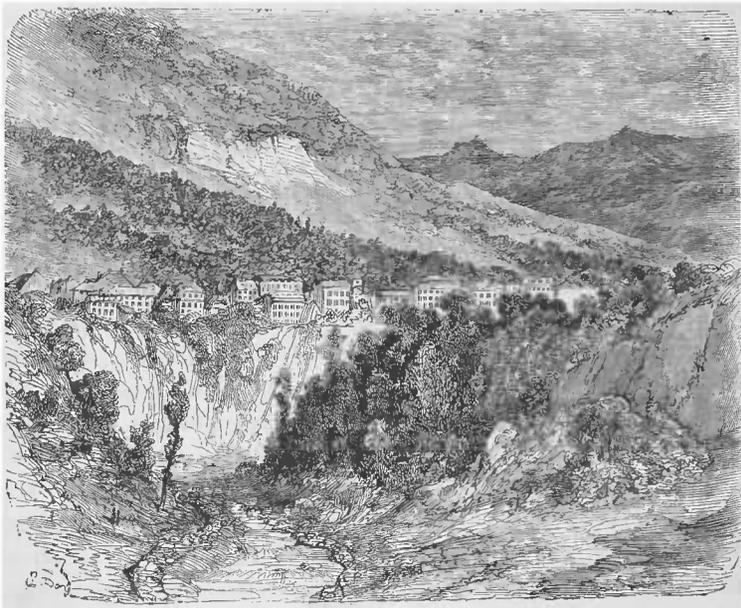


Fig. 432. — Saint-Sauveur.

alcance das mais interessantes excursões dos Pyreneos. Encontrão-se ali as commodidades necessarias, passeios variados com todos os meios de transporte, e grande tranquillidade de exis-

tencia. Ha duas fontes principaes e dois estabelecimentos alimentados por ellas.

1º *Estabelecimento do valle*. A agua, que o abastece, tem na origem uma temperatura de 35º centigrados; é recebida em reservatorios de marmore, hermeticamente fechados, que transmittem a cada banheira a agua que deve servir para os banhos, e permitem o graduar a temperatura de 35 a 28 e 26 grãos centigrados. Contém sulfureto de sodio, chlorureto de sodio, sulfato de soda; silicatos de soda, cal, magnesia e alumina; vestigios de acido borico e iodo; ao todo 25 centigrammas (5 grãos) de saes por litro d'agua. Contém tambem muita materia organica, chamada *baregina*. O estabelecimento, elegantemente construido, compõe-se de 20 gabinetes de banhos, dois gabinetes de duchas e duas bicas para beber a agua mineral. Em quasi todas as banheiras um apparelho para injeccões está adaptado aos canos que conduzem a agua.

2º *Estabelecimento Hontalade*. A fonte que o alimenta está situada a 600 metros de Saint-Sauveur. A agua é clara, transparente, de sabor toleravel; temperatura 22º; a sua composição é semelhante á da fonte do valle; contém, porém, menor proporção de substancia organica, o que, junto á differença de temperatura, explica como os doentes a bebem com prazer e a digerem facilmente. O estabelecimento possui gabinetes de banhos e de duchas, providos de todos os accessorios necessarios.

As molestias que se tratão em Saint-Sauveur são as differentes nevralgias, e em particular as nevralgias faciaes e sciaticas; os engurgitamentos do utero, as flores brancas, os catarrhos da bexiga e as bronchites chronicas. A estação thermal dura do 1º de maio ao 1º de outubro.

SAL. Este nome foi ao principio exclusivamente reservado para denominar uma das substancias mais communs na natureza, o sal de cozinha ou sal marinho. Mas tendo o estudo da natureza, e particularmente o da chimica, mostrado que esta denominação convinha igualmente a uma infinidade de corpos, o nome de *sal* tornou-se generico. Entende-se, por sal, *em chimica*, o resultado da combinação de um acido com uma base salinavel. E se considerarmos que o numero dos acidos mineraes ou vegetaes é mui grande, que as bases salinaveis abrangem todos os metaes e os alcalis (potassa, soda, magnesia, cal, etc., etc.); se considerarmos, emfim, que todos estes corpos, reagindo uns sobre os outros e em proporções diversas, dão lugar a productos differentes, poderemos então fazer uma ideia da immensa quantidade de saes que existem. Os acidos sulfurico, azotico, chlorhydrico, phosphorico,

arsenioso, acetico, tartrico, todos os acidos, emfim, combinando-se com as numerosas bases salinaes, dão origem a *sulfatos*, *nitratos*, *chlorhydratos*, *phosphatos*, *arseniatos*, *acetatos*, *tartratos*, etc. Todos os saes, em condições favoraveis, tomão fórmãs crystallinas regulares que podem determinar-se exactamente, e que servem com outros signaes a distingui-los uns dos outros.

Muitos saes são insoluveis na agua; muitos d'elles, e em maior numero, são soluveis. Entre os saes insoluveis citarei o carbonato de cal ou a greda e o marmore, o sulfato de cal ou gesso, o protochlorureto de mercurio ou calomelanos, etc. Entre os saes soluveis indicarei o chlorhydrato de soda ou sal de cozinha, os sulfatos de soda, de magnesia, de potassa, o deutochlorureto de mercurio ou o sublimado, etc. Os saes soluveis são os unicos sapidos; uns são salgados, como o sal commum, o sulfato de soda, chlorhydrato de ammoniaco, etc.; outros amargos, como o sulfato de quinina, o chlorhydrato de ammoniaco, etc.; outros tem um sabor metallico desagradavel, como os saes de cobre, arsenico, e os saes soluveis de mercurio; outros são doces, como os saes de chumbo e os de nickel; outros tem um sabor adstringente, como o sulfato de alumina e potassa ou pedrahume, etc. Emfim, certos saes não tem acção alguma sobre a economia, taes são a maior parte dos saes insoluveis; outros são purgativos; taes como os sulfatos de soda, de potassa, de magnesia; outros são causticos, como os carbonatos de soda, potassa; outros, emfim, são venenosos, mesmo em mui pequena dôsc, taes são o acetato de cobre ou verdete, o arseniato de potassa, etc. Os saes distinguem-se tambem pela côr, bem que a mór parte d'elles sejam brancos. O sulfato de ferro é verde, certos saes de manganez são rosados, os de cobre são geralmente azues, os de ouro amarellos, os de chromo verdes ou amarellos, etc. Os saes distinguem-se tambem entre si pelo seu peso; o carbonato de magnesia; o sulfato de quinina são mui leves; os saes de mercurio mui pesados, e os outros occupão os grãos intermedios entre estes dois extremos.

Os saes tem numerosos usos em medicina e nas artes. O chlorhydrato de ammoniaco ou sal ammoniaco, serve para extrahir o oxydo dos metacs; os chlorhydratos de estanho são empregadõs na tintura; a pedrahume aviva e fixa as côres; todos conhecem os usos do marmore, da greda, do gesso, do alabastro, que são verdadeiros saes. Os saes de cobalto, chromo e chumbo ministrão côres para a pintura a oleo, etc. A medicina emprega grande numero de saes; alguns vão n'esta obra descriptos em artigos separados, como *cremor de tartaro*, *sulfato de quinina*, *calome-*

lanos, etc.; só indicarei agora aquelles que são mais usados, e de que não fallei em outra parte.

Sal amargo. *Veja-se* SAL D'EPSOM.

Sal ammoniaco. *Veja-se* vol. I, pag. 157

Sal de azedas ou *oxalato de potassa*. Existe formado em muitas plantas, e particularmente nas azedas. É branco, semi-transparente; tem sabor acido, picante, algum tanto amargo. Emprega-se em limonadas seccas e pastilhas refrigerantes. Serve para tirar as nodoas da tinta de escrever e as de ferrugem.

Sal commun, *sal de cozinha*, *sal marinho* ou *chlorhydrato de soda*. Este sal é muito abundante na natureza. Existe na agua do mar, na de certos lagos, e em grande numero de fontes; no estado de sal gemma, constitue massas enormes, e até montanhas, na Polonia, Hungria, Russia, Hespanha, França, Chile, Perú, etc., mas então não é sempre puro, e mais communmente é corado de amarello, avermelhado ou arroxado, por alguns oxydos metallicos. Depois de purificado, fica alvo e em fórma de cubos; o sabor é fresco, salgado, não experimenta alteração ao ar, e se o sal escuro se torna humido pelo contacto d'este agente, depende isso de certa quantidade de chlorhydrato de magnesia que contém, e que é mui deliquescente; é mui soluvel na agua. O *sal branco*, que se serve nas mesas, não é senão o *sal cinzento* ou *sal de cozinha* despido das materias terreas, e de algumas outras substancias estranhas. O sal cinzento emprega-se com preferencia para a panella, e para a cozedura dos legumes frescos ou seccos. O sal é o tempero por excellencia; dá melhor gosto ás carnes e aos legumes, excita o appetite e favorece a digestão. Os usos do sal commun na economia domestica são geralmente conhecidos: serve para salgar as carnes; pôde conserva-las até certo ponto, apoderando-se da agua que ellas contém, e privando-as assim do elemento sem o qual não pôde haver putrefacção. Emprega-se nas artes para preparar o sulfato de soda com o qual se faz a soda artificial; para obter o acido chlorhydrico, o chloro, sal ammoniaco; entra na composição dos vernizes para certos oleados, etc. Dissolvido n'um quartilhõ d'agua, na dóse de 1 oitava ou 2, é administrado pelos medicos na tísica, nas escrophulas, na chlorose e em algumas molestias cutaneas. Dissolvido em agua quente constitue pediluvios irritantes. Emfim, pôde considerar-se, quando é introduzido no intestino em fórma de clyster, como um irritante energico, de que se pôde obter bons effeitos na congestão cerebral, nos afogados, etc.

O sal é muito util como tempero da alimentação dos animaes domesticos. Apesar do preço elevado d'esta substancia o effeito util

do sal sobre a saude do gado, sua influencia sobre a rapidez da engorda, são taes que o fazendeiro achará sempre proveito em usar d'elle. A dóse é cerca de 1 por 100 de peso da ração diaria. Assim a um boi do peso de 300 kilogrammas, cuja ração é de 15 kilogrammas de forragem secca, ou o equivalente em outros alimentos, dá-se-lhe em mistura com a forragem picada ou raizes cortadas, 150 grammas de sal; a uma vacca, do peso de 200 kilogrammas, dá-se-lhe 10 kilogrammas de forragem e 100 grammas de sal; a um carneiro, do peso de 20 kilogrammas dá-se-lhe 1 kilogramma de forragem e 10 grammas de sal. O sal convem sobretudo ao gado alimentado á discrição para que engorde, e no qual é sempre util activar a digestão e excitar o appetite. Para os outros animaes domesticos, a metade d'esta dóse, isto é, mcio por cento do peso da ração diaria, póde ser considerada como sufficiente; assim para um porco 5 grammas por cada kilogramma de alimento parece ser uma dóse sufficiente para augmentar a energia digestiva do porco, e favorecer-lhe a engorda. Para os coelhos, que morrem tão frequentemente de podridão durante o primeiro periodo da existencia, 5 grammas de sal, por cada litro de farelos, é uma dóse conveniente. Para as gallinhas e outras aves domesticas, que se querem engordar, convem misturar sal, na proporção de 10 grammas por kilogramma, á farinha de que se fazem bolos. A experiencia tem provado que o sal não produz bons effeito senão quando é misturado com os alimentos dos animaes. O sal é sobretudo necessario para o gado quando este se acha ameaçado de molestias epizooticas.

Preparação do sal commum. Tira-se da terra quando está em massas : sendo puro, vai para o commercio tal qual foi extrahido; se sahe impuro, é dissolvido, e evapora-se o liquido depois de clarificado. Entretanto, as mais das vezes extrahe-se o sal da agua do mar, que contem *chlorhydrato de soda*, *chlorhydrato de magnesia*, carbonatos de cal e de magnesia, *chlorhydrato de potassa*, e uma materia] animal : e por isso o sal escuro, que se obtem, nunca é puro, visto conter todas estas substancias. Nos paizes quentes, servem-se do sol para evaporar a agua do mar, que se faz chegar ás marinhas, especie de tanques mui largos e pouco profundos. Nos paizes frios, tira-se proveito da propriedade que tem a agua salgada de congelar-se só muito abaixo de zero; com effeito, a agua do mar póde ser considerada como uma mistura d'agua doce e d'agua extremamente salgada : esta não se congela a zero, entretanto que aquella solidifica-se n'esta temperatura; por consequente, póde-se, submettendo-a a um frio de 1 ou 2 grãos abaixo de zero, gelar grande porção d'ella e ter a agua liquida

muito salgada, que bastará aquestar para obter-se d'ella o sal crystallizado. Nenhum d'estes modos dá o chlorhydrato de soda puro; priva-se das materias estranhas que o acompanhão da maneira seguinte : dissolve-se em quantidade d'agua conveniente o sal do commercio; operada a solução, cõa-se e faz-se evaporar n'uma temperatura de 80 grãos centigrados; durante esta evaporação, o chlorhydrato de soda crystalliza-se sob a fórma de pequenos cubos que engrossão pela agglomeração de outros crystaes da mesma fórma; extrahem-se estes crystaes, lavão-se com pequena quantidade d'agua, fazem-se seccar, e conservão-se para uso.

Sal d'Epsom, ou *sal amargo*, ou *sal de Sedlitz*, ou *sal inglez*, ou *sulfato de magnesia*. Acha-se em dissolução na agua do mar, e em muitas fontes salgadas. Obtem-se pela evaporação das aguas que o contém. É solido, branco, crystallizado em pequenas agulhas e prismas de quatro faces, de sabor amargo e desagradavel, é soluvel em agua. Emprega-se muito como purgante, na dóse de 15 a 60 grammas ($1/2$ a 2 onças), dissolvido em um copo d'agua fria. Faz parte de grande numero de aguas mineraes, que se usão para provocar evacuações alvinas.

Sal de Glauber, ou *sulfato de soda*. Existe em muitas fontes, d'onde se extrahe por evaporação. É branco, de sabor salgado, fresco, amargo, soluvel em agua. Administra-se como purgante na dóse de 15 a 60 grammas ($1/2$ a 2 onças), dissolvido n'um copo d'agua morna.

Sal de nitro. *Veja-se* NITRO.

O que se chama vulgarmente *saes* é uma composição destinada a ser respirada pelo nariz, quer como estimulante no caso de desmaio, quer como cheiro proprio para encobrir emanações desagradaveis. Assim, emprega-se particularmente o sulfato de potassa crystallizado e misturado com vinagre radical, e o sal ammoniaco com carbonato de potassa. Esta ultima mistura, chamada *sal volatil de Inglaterra*, tem cheiro picante e desagradavel, mas é muito estimulante.

SALEPO. Dá-se este nome aos bolbos que acompanhão as raizes da *Orchis mascula*, Linneo, planta da familia das Orchideas; vem da Turquia, Asia Menor e Persia. (fig. 433). Muitas especies fornecem esses bolbos, mas sobretudo a *Orchis mascula*. Depois de colhida a planta, separão-se os bolbos carnosos dos bolbos molles e enrugados que servirão ao desenvolvimento do talo; depois mergulhão-se aquelles em agua fervendo : separa-se o involucro; em seguida seccão-se enfiados como contas de rosario. Apresentão-se no commercio sob a fórma de pequenos grãos ovaes, do tamanho

de um feijão, de côr amarellada ou esbranquiçada, ás vezes semi-transparentes, duros, de cheiro fraco como gomma. Esses bolbos, assim preparados, são compostos quasi inteiramente de fecula;



Fig. 433.

Orchis mascula.

podem por conseguinte servir para fazer mingãos com caldo ou leite, que são muito emollientes e nutrientes. O salepo serve para fazer geleas; misturão-n'o tambem com chocolate; é nutritivo e passa por aphrodisiaco.

Em Portugal existem a *Orchis mascula*, e outras especies das plantas Orchideas que podem ser aproveitadas para obter o salepo. A *orchis mascula* habita perto de Coimbra, e outras partes na Beira. A *orchis morio*, habita nos prados do Alemtejo; os bolbos que acompanhão a sua raiz, tem sabor mucilaginoso, crepitão entre os dentes. A *orchis coriophora*, habita nos montes de Cintra, e nas vizinhanças de Coimbra. — *Orchis militaris*, vulgo *Satyrião militar*, habita nos matos e montes calcareos ao redor de Coimbra. — *Orchis latifolia*, vulgo *Satyrião bastardo*, habita na Beira, Estremadura e Alemtejo. — *Orchis pyramidalis*; habita nos arredores de Bellas e Cascaes. — Além d'estas especies ha ainda algumas outras em Portugal, com cujas raizes se pôde fazer salepo. As orchideas são plantas her-

baceas, com raizes fibrosas, muitas vezes acompanhadas de dois tuberculos amylaceos; folhas invaginantes; caule curto, subterraneo, ou elevando-se pouco acima do nivel do terreno.

SALIES DE BEARN. Aguas salinas frias. Itinerario de Bordesos a Salies : Estrada de ferro de Bordesos por Dax a Puyoo, 4 horas 10 minutos; carro de Puyoo a Salics, tres quartos de hora. Despeza 2⁵ francos.

Salies é uma pequena cidade da França mériional, contendo uma fonte salgada, cuja origem é attribuida á existencia de um enorme banco de sal gemma. A fonte salgada alimenta uma fabrica de sal; o estabelecimento dos banhos está perto da fabrica, e na vizinhança de um lindo passcio. A agua de Salics é fria, limpida, sem côr, de sabor fortemente salgado com um resaibo amargo;

sua densidade é de 1,208. Contém, por litro, 234 grammas de saes que são : chlorureto de sodio (216 grammas), chloruretos de potassio, de calcio, de magnesio; sulfatos de soda, de potassa, de magnesia, de cal; bromureto de magnesio; iodureto de sodio. Administra-se em bebida, mas sobretudo em banhos, duchas frias, temperadas e quentes. Na dóse de um quarto de copo misturado com tres quartos d'agua ordinaria, o effeito é purgativo; não se excede esta dóse. Em dóse menor, e misturada em 9 partes d'agua, ou de caldo de frango quente e não salgado, esta agua actua sobre toda a economia como tonica e excitante. O banho, na temperatura tepida (28°), d'agua mineral pura, de duração de 35 a 40 minutos, produz viva excitação do systema cutaneo e um effeito agradável. É preciso manter a pessoa que se banha com correias fixas á banheira, porque o corpo tende a sobrenadar n'uma agua tão densa. Segundo as indicações, e sobretudo nas crianças e pessoas impressionaveis, mistura-se a agua mineral do banho com maior ou menor quantidade d'agua commum. A duração do banho é de dez minutos a uma hora. Nos casos particulares, em vez de banhos geraes, empregão-se os semicupios ou pediluvios. As duchas frias ou quentes exercem uma revulsão poderosa. — As molestias contra as quaes as aguas de Salies se empregão são : escrophulas, molestias dos ossos, caries, necroses, abcessos frios, affecções nervosas. A estação thermal dura do 1° de maio ao 1° de outubro.

SALINS. França. Aguas salinas frias. — Itinerario de Pariz a Salins : Estrada de ferro de Pariz a Salins directamente, 9 horas e 35 minutos. Despeza 45 francos.

Salins é uma cidade de França de 7,000 habitantes, na qual existem 3 fontes d'agua salgada que se reúnem n'um tanque, para d'ali serem distribuidas aos lugares de emprego, por meio de uma maquina hydraulica. Estas fontes fornecem 1,800,000 litros por 24 horas. Occupão o centro de um estabelecimento de banhos mui consideravel. A agua é fria, limpida, de sabor salgado; contém por litro 30 grammas de saes que são : chlorureto de sodio (27 grammas); chlorureto de potassio, de magnesio; bromureto e iodureto de potassio; carbonato de cal, de magnesia; sulfato de cal, sulfato de potassa. Provém de um lago subterraneo cujas paredes são constituídas por sal gemma; ao sahir tem uma temperatura de 10 a 12 grãos centigrados.

Estas aguas empregão-se na medicina, interior e exteriormente. *Salins* possui um estabelecimento balnear completo; banhos e duchas de todas as especies; piscina quente e fria d'agua corrente; hydrotherapia salina; um pessoal de serventes experimen-

tados para duchas, grande hotel no jardim do estabelecimento, outros hotéis e casas mobiliadas para famílias no interior da cidade.

A agua da fonte de Salins emprega-se internamente na dóse de dois copos, por dia, um de manhã, outro de tarde; externamente usa-se em banhos e duchas. As molestias nas quaes é util são; escrophulas, engurgitamentos dos ganglios lymphaticos, tumores brancos, caries dos ossos, ozena, leucorrhea, chlorose, anemia. Goza das mesmas propriedades que a agua de Kreuznach.

SALITRE. *Veja-se* NITRO.

SALIVA. Liquido sem cheiro, sem sabor, transparente, algum tanto viscoso, segregado pelas glandulas parotidas, submaxillares e sublinguaes, e vertido na cavidade buccal por canaes estreitissimos. A saliva mistura-se com os alimentos durante a mastigação; este liquido é necessario para facilitar a digestão. A descripção do apparelho secretor da saliva acha-se no artigo FISTULAS SALIVARES, vol. I, pag. 1145.

A salivação é abundante nas crianças durante a dentição; manifesta-se passageiramente á vista de uma comida muito desejada; provoca-se pela acção de fumar. As funcções digestivas são frequentemente perturbadas nas pessoas que fumando tem o costume de cuspir muito; não lhes fica bastante para auxiliar a digestão. Em certos casos a saliva augmenta em quantidade. Isto acontece, sobretudo, nas pessoas que usão do tratamento mercurial, na affecção nervosa do estomago chamada *gastralgia*, no começo da gravidez, na esquinencia, e nos primeiros dias da erupção das bexigas. A quantidade de saliva diminue, pelo contrario, na febre typhoide e nas hydropisias. Allivia-se muito a dôr, e favorece-se a cicatrização das esfoladuras e dos pequenos córtes, applicando-lhes folhas de chá mascadas com saliva. A saliva apresenta o character contagioso na raiva, mas, segundo parece, sómente nos animaes.

SALIVAÇÃO ou **PTYALISMO MERCURIAL.** Dão-se estes nomes á secreção abundante da saliva, determinada pelo uso immoderado das preparações mercuriaes. Todas as preparações mercuriaes podem provocar a salivação; mas esta propriedade não existe em todas no mesmo gráo. O sublimado a determina mais raramente do que as outras; as fricções com pomada mercurial tem sobretudo este inconveniente. Os calomelanos produzem a salivação com facilidade quando se administrão em doses pequenas (5 a 10 centigrammas) mas repetidas. Em dóse maior, 1 gramma, e administrados de uma vez, os calomelanos tem um effeito purgativo, e não expõem tanto á salivação. Depois dos calomelanos

vem a pomada citrina (nitrate de mercúrio) e o protoiodureto de mercúrio. Mas, apesar d'esta propriedade dos remedios mercuriaes, não se póde entretanto renunciar ao seu uso. Convem sómente emprega-los com extrema prudencia, verificando todos os dias os effeitos que produzem na bocca, para suspender momentaneamente o seu emprego, logo que occasionem a menor irritação.

Symptomas. A salivação declara-se de ordinario do quarto ao oitavo dia do tratamento; ás vezes sobrevem muito mais tarde. Os signaes precusores d'esta evacuação são calor insolito, uma ligeira dôr e um principio de inchação nas gengivas, que tomão a côr de rosa desmaiada; o halito adquire máo cheiro, o gosto na bocca torna-se metallico, e o doente experimenta, ao apertar os queixos, uma sensação incommoda. Se não renunciar immediatamente ao emprego do mercúrio, a tumefacção das gengivas augmenta rapidamente, estende-se ao interior das faces, e mesmo até á lingua, cujo volume se torna ás vezes tão consideravel, que póde apenas ser contida dentro das arcadas dentarias: a secreção da saliva torna-se mais abundante; este liquido é claro e de cheiro infecto; as gengivas vertem sangue pela menor pressão; a lingua e os dentes cobrem-se de uma camada espessa e amarellenta. Quando o mal continua a progredir, sobrevem dôr de cabeça, insomnia; as forças e o appetite diminuem, e muitas vezes o doente nem sequer póde mastigar, engulir, ou fallar; tem até difficuldade em ouvir. A lingua, as gengivas e a superficie interna das faces cobrem-se de ulceras mais ou menos dolorosas, e a quantidade de saliva que corre continuamente da bocca chega a ser de uma libra por dia. Emfim, a salivação é ás vezes acompanhada de inflammação tão viva, que as gengivas separão-se dos ossos, e os dentes vacillão e cahem. Mas hoje em dia raras vezes estes accidentes são levados a tal ponto, pois os medicos actuaes já não considerão a irritação mercurial da bocca como propria ou indispensavel para o bom exito do tratamento, e fazem tudo quanto é possivel para preveni-la.

Tratamento da salivação. Divide-se em *preservativo* e *curativo*. Todos os meios propostos para o primeiro reduzem-se a quatro principaes:

1º O primeiro meio consiste em favorecer durante o tratamento mercurial a transpiração da pelle pelos banhos quentes e pelo exercicio; d'esta maneira desvia-se a tendencia que tem o mercúrio a dirigir-se para a bocca.

2º O segundo meio, e mais seguro, tem por objecto prevenir a salivação regulando as doses do mercúrio com prudencia, e segundo a susceptibilidade das pessoas; isto é, principiando por pequenas

quantidades, que se augmentão, depois, de maneira lenta e progressiva, até chegar á dóse que exige a natureza da molestia. Se se manifestar o gosto metallico e a dôr nas gengivas ou a inchação d'estas partes, suspende-se o uso do mercurio por alguns dias, e volta-se a elle quando os symptomas da irritação da bocca tiverem desaparecido.

3º A administração de um ou dois purgantes, durante o tratamento, entra no numero dos preservativos mais efficazes da salivação.

4º Emfim, pelo ultimo meio de tratamento preservativo da salivação, busca-se, actuando directamente sobre a bocca, mediante gargarejos d'agua com vinagre, embotar-lhe, de alguma sorte, a sensibilidade, e obstar á manifestação do accidente que nos occupa.

O tratamento *curativo* da salivação torna-se necessario logo que, apezar das precauções que acabei de indicar, esta evacuação fôr definitivamente estabelecida. Cumpre suspender o tratamento mercurial, e usar de um dos gargarejos seguintes ;

1º Pedrahume .	8 grammas (2 oitavas)
Agua.	500 grammas (16 onças)
Mel de abelhas .	60 grammas (2 onças).

Para gargarejar quatro vezes por dia.

2º Chlorato de potassa .	8 grammas (2 oitavas)
Agua..	180 grammas (6 onças).

Para gargarejar quatro vezes por dia.

3º Noz de galha.. . . .	4 grammas (1 oitava)
Rosas rubras.. . . .	4 grammas (1 oitava)
Casca de romã.	4 grammas (1 oitava)
Agua fervendo	quantidade sufficiente

para ter 250 grammas (8 onças) de infusão. Ajunte :

Vinho tinto.	250 grammas (8 onças)
Mel rosado..	60 grammas (2 onças).

Gargarejar quatro vezes por dia.

Os outros meios locais são :

Esfregar as gengivas com sumo de limão azedo, e mesmo com polpa de limão. — Tocar as gengivas com pedra infernal. Esta leve cauterização é sobretudo necessaria quando existem ulceras na bocca. — Esfregar levemente as gengivas com pedrahume reduzida a pó. — Usar de fructas acidulas, taes como laranja, limão doce e outras. — Os purgantes são muito uteis no tratamento da salivação; estabelecem no canal intestinal certo gráo de irritação que diminue proporcionalmente a inflammação da bocca. O purgante que merece a preferencia n'este caso é :

Sulfato de magnesia.	60 grammas (2 onças)
Agua	250 grammas (8 onças).

Os pediluvios d'agua quente, e principalmente os pediluvios sinapizados, tambem aproveitão. O uso das bebidas acidas convem muito; estas bebidas são a limonada de limão, de tamarindos, o cozimento de cevada acidulado com sumo de limão. Todos estes meios, continuados mais ou menos tempo, fazem parar a salivacão em pouco tempo, ou pelo menos moderão-n'a. A salivacão leve cede ordinariamente no quarto ou quinto dia; mas quando é consideravel dura de quinze a trinta dias.

SALSA HORTENSE ou **VULGAR.** *Apium petroselinum*, Linneo. Umbelliferas. Fig. 434. Esta planta é cultivada em abundancia nas hortas por causa dos seus usos culinarios. Da raiz, que é branca, cónica, levanta-se um talo cylindrico, estriado longitudinalmente, liso. As folhas são verde-claras, as flores esbranquiçadas. Importa muito conhecer os caracteres botanicos da salsa, visto que podem ser facilmente confundidas com as folhas d'esta planta as da cicuta, que é mui venenosa, e por isso no artigo *CICUTA* exponho comparativamente os caracteres d'estas duas plantas.

As folhas da salsa são um dos temperos mais vulgares; a raiz goza de propriedades diureticas.

SALSAPARRILHA. As salsaparrilhas são plantas trepadeiras do genero *Smilax*, da familia das Asparagineas, que habitão no Perú, Mexico, Brasil, e outros lugares da America meridional. As raizes compõem-se de um tronco lenhoso pouco volumoso, que apresenta de distancia em distancia nós, da grossura de uma penna de ganso, provido de grande numero de radículas mui compridas. Estas raizes empregão-se em medicina, e a especie que se acha mais frequentemente no commercio é a *Smilax medica*, fig. 435, que habita no Mexico. É um arbusto sarmentoso e trepante; caule articulado, de 4 angulos, armado de espinhos recurvados, ramoso; folhas alternas, pecioladas, ovaes, um tanto cordiformes, acuminadas, inteiras, glabras, coriáceas, apresen-

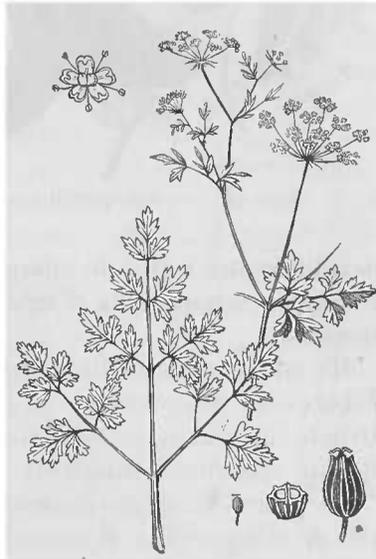


Fig. 434.

Salsa hortense.

tando de 3 a 5 nervuras longitudinaes; inflorescencia em umbellas simples, pedunculadas; flores pedicelladas, de um verde esbran-

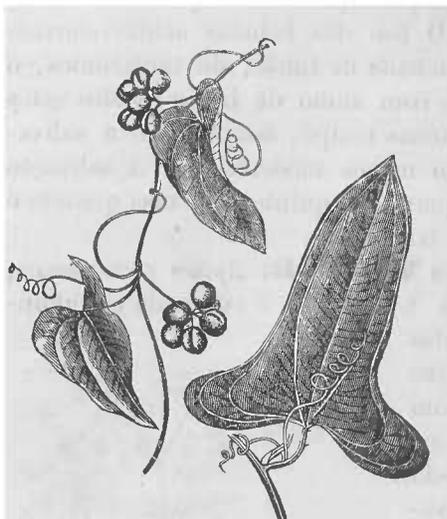


Fig. 435. — Salsaparrilha.

quizado; fructo, baga espherica, violacea, contendo de 1 a 3 sementes globosas; raiz longa, delgada, da espessura de uma penna de ganso, enrugada, simples, flexivel, difficil de romper, composta de grande numero de fibras simples, mui longas e cylindricas; cinzenta ou avermelhada por fóra; branca, amarellada, ou ainda côr de rosa por dentro; meditullio branco e mais lenhoso que a casca; sabor mucilaginoso e algum tanto amargo. Muitos outros arbustos do genero *Smilax* fazem parte

das differentes sortes de salsaparrilha fornecidas pelo commercio. A melhor salsaparrilha é aquella cujo sabor é mais forte e mais nauseoso.

Ha muitas salsaparrilhas proprias ao Brasil, onde são conhecidas debaixo do nome vulgar de *japecangas*: são: *Smilax japicanga*, Griseb.; *Smilax syringoides*, Griseb.; *Smilax brasiliensis*, Spreng.; *Smilax syphilitica*, Humboldt; *Herreria salsaparrilha*, Martius.

Ha poucos medicamentos que tenham tanta reputação como a raiz de salsaparrilha. É um remedio antisiphilitico por excellencia; constitue a base do xarope de Cuisinier, do arrobe de Laffeteur, do cozimento lusitano, e de muitas outras preparações que se empregão contra o mal venereo. Ordinariamente associa-se a salsaparrilha ao tratamento mercurial, e administra-se sob a fórmula de cozimento. Os pharmaceuticos preparam com esta raiz o xarope de salsaparrilha, que, misturado com agua morna, emprega-se com o mesmo proveito que a decocção. A dóse do xarope é de duas colheres de *sopa* para meio copo d'agua; esta dóse repete-se duas vezes no dia.

Eis-aqui o modo de preparar o *cozimento de salsaparrilha*: Macere por duas horas em mais de 500 grammas (16 onças) d'agua fria, 30 grammas (1 onça) de raiz de salsaparrilha fendida e cortada; ponha depois ao fogo, e logo que ferver o liquido, tire-o do fogo, e deixe digerir por duas horas em lugar quente. Cõe por panno.

deixe formar deposito, e decante para ter 500 grammas (16 onças) de liquido. Este cozimento, adoçado com quantidade sufficiente de assucar, bebe-se em tres doses no decurso de um dia.

SALSUGEM. *Veja-se IMPETIGO.*

SALVA. *Salvia officinalis*, Linneo. Labiadas. Planta cultivada no Brasil e em Portugal. Fig. 436. Tronco pouco elevado, folhas oppostas, oblongas, obtusas, vellosas, recortadas na margem; flores violaceas, em espiga; cheiro forte e aromatico, sabor quente, e um pouco amargo. A infusão de salva emprega-se em gargarajos nas esquinencias. Esta infusão prepara-se com 8 grammas (2 oitavas) de folhas de salva e quatro chiearas d'agua fervendo; depois de coada, adoça-se com mel de abelhas.



Fig. 436. — Salva.

SALVAS DO BRASIL. **Salva** (Rio Grande do Sul). *Lippia citrata*, Schlecht.

Salva do Brasil. *Salvia fulgens*. Labiadas. As folhas brilhantes e escarlates cõr de fogo tornão esta planta de um lindo aspecto.

Salva do Pará (Marajó). *Hyptis incana*. Labiadas.

Todas estas plantas são aromaticas. Usão-se em banhos. A infusão da salva de Marajó emprega-se sobretudo no Pará em lavatorios contra as ophthalmias. *Dose* : 8 grammas (2 oitavas) para 500 grammas (16 onças) d'agua fervendo.

SAMAMBAYA. Nome que se dá no Brasil a quasi todas as plantas da familia dos Fetos. *V* AVENCA e FETO MACHO DO BRASIL.

SAMBAIBA. *Curatella sambaiba*, St. Hilaire. Dilleniaceas. Arvore do Brasil; habita em Minas. Arvore pequena, tortuosa; folhas alternas, ellipticas, ovaes ou orbiculares; flores brancas; fructo, capsula eriçada de pellos asperos. A casca da arvore é adstringente; o cozimento emprega-se para lavar as ulceras, e sobretudo na medicina veterinaria.

SAMBAIBINHA (Minas), CIPÓ DE CARIJÓ (Rio, Minas), CIPÓ DE CABOCLO (S. Paulo). *Davilla brasiliiana*, De Candolle. Dilleniaceas. Arbusto do Brasil. Caule trepante; folhas alternas, pecioladas, do comprimento de 5 a 8 centimetros, da largura de 2 a 3 centimetros e meio, oblongas, obtusas ou algum tanto agudas, terminadas por uma mui pequena ponta, um pouco sinuosas, apenas serreadas, coriaceas; flores de cheiro agradavel, um tanto agglu-

meradas e supportadas por pedicellos curtos e eriçados; petalas amarellas; fructos capsulares de meio centimetro, quasi globosos. As folhas tem o gosto acerbo, e o seu cozimento, que é adstringente, emprega-se em banhos e lavatorios contra a inchação das pernas e do escroto. Este cozimento prepara-se com 30 grammas (1 onça) das folhas e 500 grammas (1 libra) d'agua. Os caules mui flexiveis d'este arbusto fornecem excellentes ligas; servem para atar as differentes obras de madeira.

Ha outra especie, *Davilla elliptica*, St. Hilaire, que se acha especialmente no districto de Minas Novas, cujas folhas são igualmente adstringentes: chamão-lhe tambem *sambaibinha*.

SANDALO. Nome de tres sortes de lenho que vem da India. Distinguem-se o *sandalo citrino*, *branco* e *vermelho*. O sandalo citrino é um lenho pesado, compacto, de fibras rectas: sua côr é de um amarello fulvo, o sabor amargo, e o cheiro parece ser uma mistura de almiscar, de limão e de rosa. Extrahe-se d'elle, por distillação, um oleo volatil de cheiro forte. O *sandalo branco* differe do precedente só pela côr mais pallida, e pelo seu cheiro mais fraco. O *sandalo vermelho* é um lenho solido, denso, pesado, de fibras ora rectas, ora ondeadas; não tem cheiro; o sabor é levemente adstringente.

O sandalo citrino e branco pertencem á arvore *Santalum album*, Linneo, da familia das Santalaceas, que habita no Malabar e em toda a Oceania; este é o alburno, aquelle o cerne do lenho. O sandalo vermelho é o lenho do *Pterocarpus santalinus*, Linneo.

Em todo o Oriente, o sandalo é empregado como perfume. Queimão-n'o em caçoletas; reduzido a pó e misturado com colla de arroz, constitue as velas cheirosas dos Chins. Empregão-se tambem para fazer leques, caixinhas e outros objectos. O sandalo vermelho, reduzido a pó, entra na composição de alguns pós dentifricios.

SANDARACA. Resina que vem da Africa, onde mana do zimbro, *Juniperus communis*, ou da *Thuya articulata*, arvores da familia das Coniferas. Apresenta-se no commercio em lagrimas alongadas, de um branco amarellado, sem sabor, quasi sem cheiro, de fractura vitrea. Serve para preparar vernizes. Reduzida a pó, emprega-se para dar corpo ao papel que foi raspado em consequencia das nodoas da tinta de escrever.

SANGRIA. Em linguagem ordinaria, a palavra *sangria* indica a operação que consiste em abrir uma veia, para dar sahida a certa quantidade de sangue.

Os antigos abrião quasi todas as veias visiveis. A sangria da veia da testa, da face inferior da lingua, e de outras muitas,

gozavão de grande reputação. Hoje em dia estas differentes sangrias estão abandonadas, e abrem-se sómente as veias do braço e do pé, e ainda esta última raras vezes.

A **sangria do pé** pratica-se, em geral, ao nivel do tornozelo, ou um pouço abaixo, quer por dentro da perna, quer por fóra. Todavia, eomo a veia situada adiante do tornozelo interno é mais apparenste, esta é a que se abre de ordinario. Para fazê-la mais visivel, applica-se na parte inferior da perna uma ligadura circular, e mergulha-se o pé em agua quente durante alguns minutos. Faz-se a abertura bastante larga e mette-se o pé na agua. A coloração mais ou menos forte da agua, e a quantidade da fibrina que se depõe no fundo do vaso, servem de fazer julgar approximadamente a quantidade de sangue que correo. Acontece muitas vezes que, depois de correr durante alguns instantes, o sangue pára. É igualmente mui commum, sobretudo nas senhoras, não se acharem no pé senão veias mui pequenas, que apenas fornecem uma diminuta quantidade de sangue. Outro inconveniente d'esta sangria é não se poder avaliar exactamente a porção do sangue extrahido, e não haver jámais segurança de se obter d'elle uma porção suffieiente. Pelo que a sangria do pé é muito menos usada hoje do que d'antes; tanto mais que a experiencia não tem justificado as vantagens que se lhe attribuião.

A **sangria do braço** é uma das operações que se praticão mais frequentemente, porque as veias d'esta região, são, mais grossas, mais superficiaes, mais visiveis do que em outra parte.

Escolha da veia para sangrar. Achão-se na curva do braço quatro veias principaes, cuja reunião forma uma semelhança da letra M, e que são de fóra para dentro; isto é, da margem do braço onde se acha o dedo pollegar á margem que corresponde ao dedo minimo: a *radial*, a *mediana cephalica*, a *mediana basilica* e a *cubital* (fig. 437). A mediana basilica é a terceira n'esta ordem; é geralmente mais grossa, mais superficial e mais visivel; pareceria, por consequinte, que esta veia deveria ser escolhida para a sangria, e entretanto é ella que deve ser evitada tanto quanto fôr possivel. Com effeito, a porção do seu trajecto, que é mais apparenste, está collocada sobre a arteria principal do braço, como é facil reconhecer pelas pulsações que se sentem n'este lugar, e esta arteria estaria muito exposta a ser ferida no momento em que a lanceta abrisse a veia. Por consequinte, nunca se pratica a sangria na veia *mediana basilica* quando se póde fazer em outra; e quando não existe outra veia apparenste, é preciso ter o cuidado de escolher, para fazer a sua abertura, um ponto em que a veia não esteja em contacto immediato com a arteria, o qual se eneontra de ordinario um pouco abaixo ou um

pouco acima da curva do braço. Mesmo com este cuidado, convem que haja a maior attenção em não enterrar a lanceta mais do que é rigorosamente necessario.



Fig. 437. — Sangria do braço. — Veias da curva do braço.

Para as outras veias da curva do braço, é pouco mais ou menos indifferente escolher uma ou outra d'entre ellas. Ordinariamente não estão em relação com arteria alguma; de todas as tres é a veia *mediana cephalica*, isto é, a segunda contando do lado externo, a que fornece mais sangue e que está mais bem disposta para o seu corrimento. É, por conseguinte, esta que se deve escolher com preferencia. As veias *radial* e *cubital* são mais profundas e menos volumosas.

Objectos necessarios para a sangria do braço. Além de uma boa lanceta, os objectos necessarios para a sangria são: 1º uma atadura de tres dedos de largura e 1 metro de comprimento; 2º uma toalha para resguardar os vestidos e a cama do doente; 3º um vaso de capacidade conhecida para receber o sangue e medir a quantidade que se tira; 4º uma vela accessa para alumiar o braço, se não se operar com muita claridade; 5º agua fria ou morna, e uma esponja ou algum panno fino para enxugar; 6º um pequeno chumaço dobrado em quatro dobras, que deve servir para se applicar sobre a abertura da veia; 7º uma atadura de panno de linho, de 2 metros de comprimento, para comprimir o braço e vedar o sangue depois da operação; 8º vinagre ou agua de Colonia.

Modo de fazer a sangria do braço. Quando se quer praticar a sangria do braço, deve o doente sentar-se ou deitar-se na cama. É necessario ter o cuidado de desembaraçar o braço de toda a causa de constrictão que possa incommodar durante a operação e depois d'ella; convem, por conseguinte, tirar os vestidos. Desco-

bre-se então o braço, estende-se e vira-se com a curva par cima; o cirurgião verifica com o dedo o lugar em que existem as pancadas da arteria, e faz a escolha da veia que deve abrir com preferencia. applica-se depois a ligadura sobre a parte inferior do braço, a tres ou quarto larguras de dedo acima da curva do braço. Para este fim põe-se o meio da atadura sobre a parte anterior do braço, cruzão-se as pontas na parte opposta, e atão-se com um nó de laçada no lado externo, apertando-as a um gráo tal, que a atadura suspenda o ascenso do sangue pelas veias, sem impedir o descenso pelas arterias, que são situadas mais profundamente do que as veias (fig. 437). A ligadura está bem applicada quando se vê incharem as veias, e quando se sentem ao mesmo tempo as pancadas do pulso.

Supponhamos que a sangria se pratica no braço direito. O sangrador dispõe a toalha destinada a resguardar o vestuario ou a cama do doente, faz collocar convenientemente a pessoa que tem o vaso em que deve ser recebido o sangue, assim como a que deve alumiar, se fôr necessario, e colloca-se elle mesmo defronte do doente por dentro do braço que deve sangrar. Pega no cotovelo com a mão esquerda, applica o dedo pollegar d'esta mão sobre a veia que quer abrir, afim de fixar ao mesmo tempo a veia e estirar a pelle que a cobre. Tomando então a lanceta pelo meio da lamina com o dedo pollegar e o index da mão direita, o cabo dirigido para cima (fig 438), apresenta á veia a ponta do instrumento,

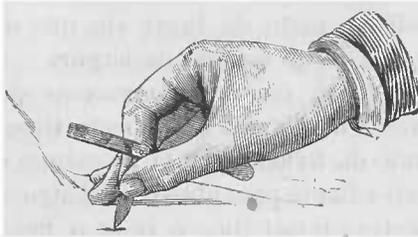


Fig. 438.

Modo de tomar a lanceta para sangrar.

enterra-o; e quando a falta de resistencia e a sahida do sangue de cada lado da lamina lhe annuncião que esta penetrou na veia, retira-a e alarga a abertura da pelle com um dos gumes. A direcção da incisão póde ser obliqua, parallela ou transversal á veia. Terminada a incisão, o operador fecha e depõe a lanceta, e basta só tirar o dedo pollegar, que fixa a veia, para ver o sangue sahir em jorro, e cahir em arco no vaso destinado para recebê-lo. Para favorecer o corrimento, sustenta-se o braço do doente e faz-se-lhe mover os dedos, ou dá-se-lhe na mão algum corpo, uma chave, o cabo de uma faca, etc., que elle deve virar continuamente. A quantidade de sangue que se tira varia desde quatro onças até dezaseis, e ás vezes mais.

Tirada a quantidade sufficiente de sangue, desata-se a ligadura que apertava o braço, põe-se sobre a ferida o dedo pollegar

esquerdo, e com uma esponja ou panno molhado enxugão-se as partes manchadas de sangue : em seguida assenta-se sobre a picada o pequeno chumaço, e completa-se o curativo com uma atadura ordinaria, que se applica da maneira seguinte : Depois de enrolada a atadura em um globo, retém-se a sua ponta sobre o lado externo do antebraço com o dedo pollegar da mão esquerda, vai-se levando successivamente a atadura sobre o chumaço, sobre as partes interna, posterior, externa e inferior do braço, sobre o o chumaço, por dentro, por traz e por fóra da parte superior do antebraço, sobre o chumaço e assim por diante, de maneira que se forme uma atadura com a fórma de um 8, que deixa o cotovelo livre. A outra ponta prega-se com alfinetes. Suspende-se o braço em um lenço atado ao pescoço, e vinte e quatro horas depois tira-se todo o aparelho, e deixa-se o braço livre. — Quando se sangra no braço esquerdo, procede-se da mesma maneira, com a differença de que o operador colloca-se por fóra do braço.

Obstaculos e accidentes da sangria. Quando o doente é gordo, é as vezes impossivel vêr as veias ; mas podem sentir-se com a polpa do dedo. Se este recurso faltar, podem-se fazer as veias apparentes mantendo-se a ligadura por meia hora, e fazendo-se contrahir frequente e fortemente os dedos da mão; com o mesmo intuito, mergulha-se o braço em agua quente. — A *magreza*, quando é consideravel, torna flaccidos os laços que unem as veias aos tegumentos e ás partes subjacentes ; as veias são então move-diças, e escapão ao instrumento : é facil obviar esta difficuldade applicando fortemente o dedo pollegar perto do lugar em que se deve abrir a veia, e dirigindo a incisão no sentido da largura.

Estas difficuldades são causa de que a operação se execute de maneira imperfeita. Assim, ás vezes a veia não está aberta. Quasi sempre então se descobre no fundo da ferida, e basta introduzir o instrumento pela segunda vez mais adiante para abri-la. Em alguns casos, abre-se a veia, mas a abertura é estreita, e vê-se o fraco fio de sangue, que sahe, diminuir rapidamente e cessar em pouco tempo. É preciso então augmentar a abertura, cravando de novo a lanceta. Outras vezes, a abertura é livre e assaz larga, mas o sangue não corre, ou cessa de correr subitamente. Isto depende de causas mui diversas : 1º a ligadura está mui apertada e a chegada do sangue arterial acha-se impedida : remedeia-se isto desapertando a ligadura ; 2º os vestidos arregaçados fazem segunda ligadura por cima da primeira : é preciso remover este obstaculo ; 3º a ligadura está insufficientemente apertada : cumpre aperta-la mais ; 4º a abertura fica tapada por um pedaço de gordura ; é preciso aparta-lo com a cabeça de um alfinete ; 5º o parallelismo

entre a ferida da pelle e da veia está destruido; isto acontece frequentemente, visto que se sangra quasi sempre em supinação, e que depois põe-se o braço em pronação, ou se dobra depois de tê-lo estendido, etc.; deve-se buscar a causa d'esse accidente, tornar a pôr o braço na sua posição primitiva, e com o dedo puxar a pelle em diferentes sentidos, até restabelecer o parallelismo; 6º ás vezes, o sangue pára sem causa conhecida: fricções de baixo para cima, ou algumas pancadas com a ponta do dedo, bastão de ordinario para fazer com que torne a apparecer; 7º a veia que se abriu é mui pequena: as fricções podem ser uteis, os banhos mornos igualmente; se tudo isso não produzir o effeito desejado, é preciso picar outra veia; 8º emfim, a cessação do corrimento sanguineo pôde depender do desmaio em que cahe o doente.

O *desmaio* pôde sobrevir pela vista da lanceta, ou em consequencia da picada, ou durante o corrimento sanguineo, ou em consequencia de sangria mui copiosa. Evita-se muitas vezes este accidente fazendo deitar o doente durante a sangria; remedeia-se suspendendo o corrimento sanguineo, pondo o doente em posição completamente horizontal, sem travessieiro debaixo da cabeça, borrifando-lhe o rosto com algumas gottas d'agua fria, que se lhe lanção com os dedos mergulhados antecedentemente n'este liquido, pondo debaixo do nariz um lenço molhado em agua de Colonia ou em vinagre. Não se continuará a sangria depois do desmaio, senão no caso em que o doente tenha perdido no principio pouco sangue, e o pulso haja recobrado a força ordinaria.

A sangria é ás vezes seguida de *hemorrhagia* que depende, ora de algum movimento inconsiderado do doente, durante o qual a atadura foi deslocada, ora da compressão mui forte que exerce esta atadura acima da ferida, em lugar de exerce-la principalmente sobre a ferida mesma, ou por baixo d'ella; em todos estes casos, cumpre tornar a applicar a atadura.

A *infiltração sanguinea do tecido cellular* ou o *sangue extravasado* tem lugar quando as aberturas da pelle e da veia, sufficientemente grandes, não se achão inteiramente parallellas uma á outra. Esta infiltração, que se reconhece pela côr preta que se forma em roda da ferida, desapparece espontaneamente ao cabo de alguns dias, e não reclama tratamento algum.

A *inflammção* consecutiva á sangria é ordinariamente de pouca importancia. É preciso occupar-se d'ella para que se não estenda. Reconhece-se pela dôr, vermelhidão e inchação da pequena ferida. O repouso do braço e cataplasmas de linhaça ou de fécula bastão para curar este accidente. Ás vezes postemas mais ou menos grandes a acompanhão; reclamão o mesmo tratamento. Mas a

inflamação não se limita sempre ao tecido cellular, ataca ás vezes a veia aberta : esta molestia exige a applicação de bichas e cataplasmas sobre o lugar doloroso. *Veja-se PHLEBITE.*

Mas um dos accidentes mais graves que podem acompanhar a sangria do braço é a *abertura da arteria brachial*. Com effeito, a veia *mediana basilica* tem connexões tão intimas com esta arteria, que é necessaria muita cautela para não tocar n'esta ao abrir aquella. Demais, a veia mediana basilica não é a unica que está unida a um tronco arterial; em algumas pessoas, em lugar de uma arteria achão-se duas, uma de cada lado do braço : por conseguinte, deve-se sempre, antes de praticar a sangria, verificar pelo toque se não existem pancadas por traz da veia que se quer abrir. Por terem desprezado estas precauções, ou por não terem querido conformar-se com os preceitos da arte, é que alguns cirurgiões tem fido a desgraça de produzir este accidente. Deve-se suspeitar que a arteria foi ferida quando o jorro de sangue é mais forte que de ordinario : este jorro, em vez de correr uniformemente, é alternadamente mais forte e mais fraco; cada um dos sacudimentos que experimenta, e que são isochronos ás contracções do pulso, é composto de duas partes que são unidas sem serem confundidas, e das quaes uma é formada pelo sangue vermelho que pertence á arteria, entretanto que a outra apresenta a côr preta do sangue venoso : nos intervallos das contracções da arteria, este jorro é menos forte e formado pelo sangue preto sómente. Saber-se-ha definitivamente se a arteria foi aberta, comprimindo com certa força a veia, immediatamente debaixo da picada. Se esta compressão faz parar o sangue, nada se deve receiar; só a veia foi aberta. Se o jorro se mostrar mais forte, é um motivo de mais para acreditar na abertura da arteria.

Se acontecer a desgraça de abrir a arteria, cumpre tratar de vedar o sangue. Estabelece-se, pois, uma compressão circumscripta muito mais forte do que para a sangria ordinaria; para este fim forma-se, com pequenas compressas dobradas, uma especie de pyramide, cujo apice deve assentar sobre o lugar ferido, e que se fixa com atadura em fôrma de um 8, e de mais com a ligadura enrolada, estendida desde o punho até á axilla. Se a hemorrhagia não tornar a apparecer, é possivel que se obtenha assim a cura da ferida da arteria. Existem na sciencia provas d'este genero. Mas se não se obtiver a cura pela compressão prolongada durante quinze dias, cumpre proceder á laqueação da arteria.

Quando as veias da curva do braço não podem divisar-se apezar dos meios empregados, póde-se supprir a sua sangria pela das veias que se achão na parte inferior do antebraço. As regras que devem

seguir-se para abrir estas veias nada offerecem de particular. Estas sangrias não apresentam perigo algum, mas o sangue que fornecem sahe com difficuldade.

Casos que tornão necessaria a sangria. Quando em uma molestia o pulso está forte, duro e cheio, annuncia ordinariamente a necessidade da sangria. Se a estes tres caracteres do pulso se ajuntar ainda a frequencia, então a sangria é ainda mais positivamente indicada. O pulso fraco, facil de deprimir, afasta em geral a ideia d'esta operação, mas não a contra-indica de maneira absoluta. Um esfriamento geral, desmaio, ou fraqueza consideravel, impedem commummente a sangria.

Entre os individuos que tem conservado o costume de se fazerem sangrar regularmente em certas epochas do anno, e por simples cautela, ha muitos em que este recurso é completamente inutil, se não é nocivo. A sangria, como meio preservativo, não póde ser empregada senão quando existe uma indicação real, assim como, por exemplo, para remediar as vertigens que podem seguir a supressão de hemorragia habitual, para suspender os primeiros symptomas da apoplexia, etc. Sangrar sem causa é enfraquecer inutilmente a economia.

Mas as sangrias são sobretudo usadas para curar as molestias. É reconhecido geralmente que no principio, e até no curso de todas as molestias inflammatorias acompanhadas de febre, as sangrias devem ser empregadas com preferencia. Se n'este caso se usão bichas ou ventosas sarjadas, deve isto ser sómente como meio auxiliar. Mas se as inflamações são pouco intensas, se existem nas crianças, nas pessoas idosas ou fracas, em lugar de sangria geral empregar-se-hão bichas. O fluxo menstrual não deve impedir a sangria quando alguma inflammação intensa a reclama; esperar para pratica-la o desaparecimento dos menstruos, seria expôr-se a aggravar a molestia.

Nas febres intermittentes simples, as sangrias não convem geralmente; mas quando o accesso é acompanhado de delirio, então é preciso ás vezes lançar mão da sangria.

A sangria é absolutamente contra-indicada na asphyxia dos afogados antes que a respiração principie a restabelecer-se, e na syncope. Empregada n'estes casos, poderia tornar-se fatal. Depois das quédas de lugar elevado, não convem igualmente nos primeiros momentos do accidente, nos quaes o pulso está ordinariamente fraco e o corpo frio; mas quando a pelle principia a aquecer-se e o pulso a levantar-se, a sangria então é ás vezes necessaria. — As outras indicações das sangrias achão-se designadas na descripção de cada molestia em particular.

Ha quarenta annos, um systema medico attribuia uma importancia exclusiva á sangria no tratamento das molestias; mas hoje os medicos, bem que reconhecão os felizes effeitos que ella produz em grande numero de apoplexias, inflammações agudas, e outras molestias, estão longe de a considerar como o remedio universal, e acautelão-se contra os perigos que póde offerecer o emprego de um meio tão poderoso. Em geral, no Brasil, deve-se usar pouco da sangria no tratamento das molestias.

SANGUE. Desde a mais remota antiguidade foi reconhecida a importancia que representa o sangue no organismo, e nos diversos livros de Moysés se diz que *a alma da carne está no sangue*, metaphora não menos forte do que a imaginada por Bordcu; que, para exprimir a identidade da composição do sangue e das partes solidas que entrão na organização do corpo humano, disse que o *sangue é carne fluida*. Com effeito, este liquido penetra todos os órgãos por meio da circulação, distribuindo-lhes os principios nutritivos: é a fonte do calor animal, e de todas os outros liquidos que se achão na economia. O sangue é branco nos molluscos e nos animaes das ordens inferiores, que forão chamados animaes de *sangue branco*, para distingui-los dos animaes de *sangue vermelho*, que são os mammiferos, as aves, os reptís e os peixes. O sangue do homem compõe-se d'agua, de albumina, de fibrina, de materia corante, de materia gorda, de chlorureto de sodio, e de potassio, de carbonato, phosphato e sulfato de cal e magnesia, e de peroxydo de ferro. As proporções d'estas substancias differem um pouco segundo os individuos.

A côr do sangue varia em uma infinidade de circumstancias, conforme as disposições naturaes ou accidentaes. Nas pessoas delicadas, lymphaticas, ou depois de grandes perdas de sangue, este liquido é pallido e seroso. Nos individuos robustos a côr vermelha do sangue é mais carregada. Este fluido apresenta uma côr amarellada na ictericia, e na mordedura de cobras venenosas. O sangue varia tambem segundo a ordem dos vasos de que é tirado. O que provém das arterias é vermelho; o das veias é escuro. Esta differença de côr fez dar ao sangue arterial o nome de *sangue vermelho*, e ao sangue venoso o de *sangue preto*. É, por consequente, sem razão que muitas pessoas se assustão quando vêem o sangue preto tirado da sangria, pois que esta côr lhe é natural. O sangue póde variar quanto á *consistencia*. A densidade do sangue reconhece-se, quer pela lentidão com que sahe da veia, quer pelo volume do coalho que forma no vaso; os medicos dão a este sangue o nome de *sangue rico*. O sangue offerece, em geral, maior consistencia nos individuos robustos, e nas molestias inflammatorias.

O sangue extrahido das veias, ou abandonado a si mesmo, coalha-se, e divide-se pouco a pouco em duas partes : uma liquida, transparente, amarella, chamada *soro*; outra molle, opaca, de côr roxa avermelhada, e que tem o nome de *coalho*. O *soro* é só agua que tem em dissolução muita albumina, e a maior parte dos saes do sangue. O *coalho* possui toda a fibrina, toda a materia corante, um pouco de soro e uma pequena quantidade de saes. Esta separação é mais ou menos prompta e perfeita conforme certas circumstancias : é lenta, pelo contrario, e mais ou menos imperfeita nas febres de máo character, no escorbuto, e em certas asphyxias; então o *coalho* separa-se incompletamente do soro, é molle, a ponto que ás vezes se desfaz quando se agita o vaso. A quantidade do soro varia conforme as condições mencionadas, fallando-se da consistencia do sangue; isto é, que este soro é menos abundante nas molestias acompanhadas da força do pulso, e mais quando o pulso é fraco e existe prostração geral da economia.

Em grande numero de molestias inflammatorias, quando o sangue tirado da veia se tem coalhado, forma-se sobre a superficie do coalho uma côdea mais ou menos espessa, e como membranosa. A sua espessura pôde ser de menos de 2 millimetros ou mais de 2 centimetros. Nas inflammações intensas é espessa, densa, opaca, de côr branca amarellenta, lisa ou rugosa, concava e com margens lavantadas; entretanto que nas molestias caracterizadas pela fraqueza geral, ou não existe, ou é delgada, molle, esverdeada ou denegrida. Quando nas sangrias successivas esta côdea cessa de formar-se, é um indicio dos limites que convem pôr ás evacuações sanguineas.

SANGUE ALVOROÇADO. Algumas pessoas dão este nome a um estado morboso geral caracterizado pela sêde, vermelhidão do rosto, calor da pelle e insomnia. É preciso então recorrer aos pediluvios com farinha de mostarda, ás bebidas refrigerantes, taes como limonada de limão, de tamarindos e a algum purgante, tal como 8 grammas de magnesia calcinada ou 30 grammas de oleo de ricino.

SANGUE-DRAGO. Substancia resinosa côr de sangue, sem cheiro e quasi sem sabor, dura, friavel, inflammavel e ardendo com um cheiro balsamico agradavel, mui soluvel no alcool, soluvel no ether, nos oleos graxos e volateis. Algumas especies contém acido benzoico. — Apresenta-se : 1º em cylindros alongados assaz semelhantes ao lacre, envolvidos em uma folha de arvore (*Corypha*; Palmeiras); 2º em bocados redondos do peso de 15 a 50 grammas, igualmente envolvidos em uma folha de

arvore; 3º em pães ou massas consideráveis. Estes diferentes sangue-dragos obtem-se na India pela ebullição, na agua, dos fructos de uma palmeira, *Calamus draco*, Willd.— O sangue-drago é um adstringente fraco; entra na composição de alguns pós dentifricios.

SANGUE EXTRAVASADO. *Veja-se ECCHYMOSE.*

SANGUE PELO NARIZ. *V.*

HEMORRHAGIA NASAL, vol. II, pag. 120.

SANGUE NOVO. Chama-se vul-

garmente *sangue novo* a uma erupção de pequenos botões na pelle. Não ha febre, mas ás vezes existe uma pequena comichão. Esta erupção dura ordinariamente dois a tres dias. O tratamento é o seguinte : um banho geral com agua morna e sabão; limonada de limão ou de tamarindos; ás vezes um purgante.

SANGUE (PERDA DE). *Veja-se HEMORRHAGIA.*

Perda de sangue depois da applicação de bichas. *Veja-se HEMORRHAGIAS CAPILLARES.* Vol. II, pag. 119.

Perda de sangue depois da extracção de dente. *V.* vol. I, pag. 802.

Perda de sangue pelo utero. *V.* HEMORRHAGIA DO UTERO, vol. II, pag. 122.

Perda de sangue em consequencia de alguma ferida. *V.* HEMORRHAGIAS TRAUMATICAS, vol. II, pag. 121.

SANGUE PISADO. Assim se chama o sangue derramado debaixo da pelle em consequencia de pancadas ou outras causas de contusões. *V.* ECCHYMOSE, vol. I, pag. 877.

SANGUESUGA ou **Bicha.**

Fig. 439. Verme aquatico de que existem muitas especies, das quaes duas

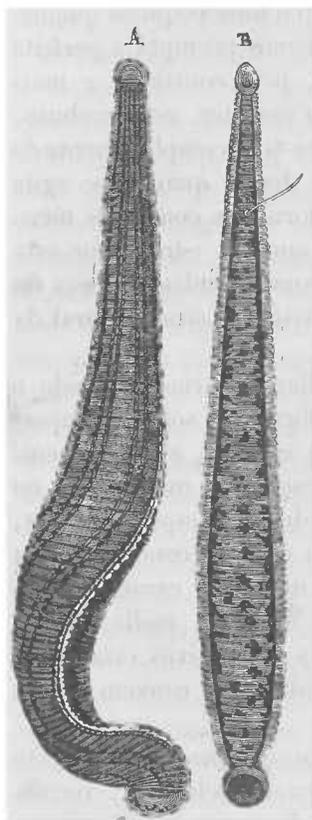


Fig. 439.

Sanguisuga medicinalis.

A, vista pelas costas; B, vista pelo ventre. — A bocca está em cima, o anus em baixo.

principalmente são empregadas em medicina, *sanguisuga verde* e *sanguisuga cinzenta*. Reconhecem-se pela fôrma oval que tomão quando são extrahidas da agua, por seis riscos longitudinaes roxos que apresentam no dorso, e pelas nodoas amarelladas de que são marcadas na barriga; o seu comprimento varia de 7 a 15 cent. quando estendidas. O corpo é alongado, algum tanto deprimido,

obtusos na extremidade posterior, estreitados na parte anterior. A ventosa anterior ou *boccal* é um pouso profunda, composta de dois lábios, dos quaes o superior é proeminente, sub-lanceolado; a bocea é grande; os queixos em numero de tres, são duros, armados cada um de 60 dentes mui finos e muito agudos. A ventosa posterior ou *anal* remata obliquamente. É util saber-se que nem todas as especies de sanguesugas tem a bocea armada de dentes: em algumas especies faltão inteiramente estes orgãos, ou existem só no estado rudimentar, e por isto a medicina não faz uso d'ellas: tal é a sanguesuga negra, chamada *sanguesuga de cavallo*, cujos dentes não podem morder, por serem molles e mui pouso desenvolvidos. Esta especie anda, ás vezes, misturada com a especie medicinal. O commercio das bichas é um grande objecto de especulação. Os paizes que as fornecem são Portugal, Italia, Hespanha, Russia, Suecia, Noruega, Turquia, Hungria, França, Tunis, Argel. O Brasil não é privado d'estes animaes; existem em muitos lugares, e sobretudo no norte da provincia da Bahia, de Pernambuco, no Rio de S. Francisco, nos arredores da cidade de Penedo, na provincia do Rio Grande do Sul, etc., que podem servir ás necessidades da medicina. No municipio do Rio de Janeiro mesmo, no pequeno regato de Catumby e na Lagôa da Sentinella achão-se tambem sanguesugas: estas, porém, não mordem senão na agua em que vivem, e alguns ensaios que forão feitos tem provado que não podem servir como as outras.

As sanguesugas são hermaphroditas: isto é, cada uma apresenta os dois sexos reunidos; mas um individuo não se póde fecundar a si mesmo. Depõem os ovos na superficie da terra perto das aguas onde vivem, ou em pequenos buracos. Cada um d'estes ovos ou casulos representa um conoide, do comprimento de 13 a 25 millimetros, e contém pequenos ovulos em numero de seis a quinze, ou mesmo sanguesugas já formadas. Os filhos sahem pela pequena extremidade do casulo. As bichas nutrem-se do sangue dos animaes que frequentão as aguas, onde ellas tem estabelecido o seu domicilio.

Conservão-se as bichas em caixas que contém barro humido; vivem n'ellas muitos mezes sem comer, mas ás vezes chupão-se entre si. Quando, para o uso habitual, se collocão em vasos de vidro, é preciso deitar 9 litros d'agua para cada cento de bichas, e mudar a agua ao ménos de dois em dois dias. Uma precaução importante consiste em tirar cuidadosamente todas as que morrem. Convem collocar-las em lugar fresco, e ao abrigo dos raios do sol.

As mesmas bichas podem servir a muitas applicações. Para se lhes tirar o sangue, que tem chupado, basta mergulha-lhas por

um ou dois minutos em agua fria que conteuha um pouco de sal em dissolução, espremê-las com os dedos da cauda para a cabeça,

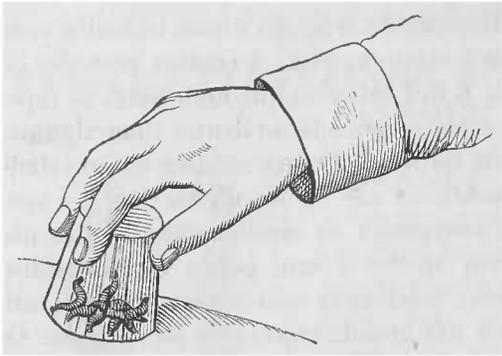


Fig. 440.

Applicação das sanguessugas por meio de um copo.

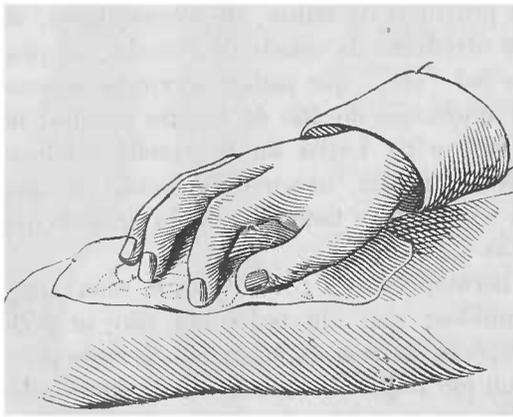


Fig. 441.

Applicação das sanguessugas por meio de um panno.

Os lugares sobre os quaes se applicão as bichas devem ser limpos. Antes de applical-as no anus, convem ordinariamente administrar um clyster. Estando o doente guardado de lenções, e tendo as bichas sido tiradas da agua, esfregão-se ligeiramente, põem-se em um copo ou no centro de um panno, que se vira sobre a parte, e assim se mantêm até pegarem. Fig. 440 e 441. Querendo applicar certo numero de sanguessugas sobre um ponto limitado, *verbi gratia* sobre a gengiva, é necessario pô-las uma a uma. N'este caso o meio mais simples consiste em introduzir a sanguessuga n'uma carta enrolada em fórma de funil (fig. 442), de maneira que a abertura boccál esteja dirigida do lado da pelle: o que se conhece facilmente porque a extremidade boccál é mais estreita, entretanto que a outra extremidade, que forma uma especie de ventosa que serve para fixar o animal, é mais grossa. A abertura do funil, bastante larga para deixar passar a bocca da sanguessuga, não deve ser tão grande para que o animal inteiro possa atra-

e pô-las depois no barro; cinco a oito dias depois estão aptas a pegarem de novo. Esta pratica, que é quasi geralmente seguida no Rio de Janeiro, não apresenta inconveniente algum, nem expõe ao perigo, como receião algumas pessoas, de communicar a molestia de um a outro individuo.

Os lugares sobre os quaes se applicão as bichas devem ser limpos. Antes de applical-as no anus, convem ordinariamente administrar um clyster. Estando o doente guardado de lenções, e tendo as bichas sido tiradas da agua, esfregão-se ligeiramente, põem-se em um copo ou no centro de um panno, que se vira sobre a parte, e assim

vessa-la. Applicando assim o apice da carta sobre o ponto conveniente, dirige-se alí a sanguesuga com uma varinha ou com o dedo, que constitue uma especie de embolo, e não ha receio de que ella possa ir para outra parte. Quando a sanguesuga picou a pelle, tira-se a carta.

As bichas cahem por si mesmas quando estão cheias. Querendo-se augmentar o corrimento sanguineo, cobre-se a parte com uma cataplasma de linhaça, ou lavão-se as picadas com esponja embebida em agua morna. Às vezes, em lugar de excitar, é preciso fazer cessar o corrimento do sangue, cuja abundancia poderia pôr em risco a saude do doente. Esta indicação póde apresentar-se

principalmente nas crianças mui tenras. Faz-se cessar o corrimento do sangue, quer cobrindo as picadas com panno queimado; quer pondo em cima um panno dobrado, e sobre o qual se exerce uma forte compressão; quer polvilhando-as com pedrahume calcinada, quer, enfim, applicando um panno molhado na solução de perchlorurêto de ferro, ou tocando as cisuras com pedra infernal.

Muitas vezes, em consequencia das picadas das bichas, sobrem comichão mui viva : ás vezes formão-se pequenos frunchos. Fomentações com oleo de amendoas doces, lavatorios com cozimento de folhas de malvas, e ás vezes cataplasma de linhaça, podem acalmar estes incommodos. As ulcerações, que se formão ás vezes no lugar das picadas, curão-se com ceroto simples. As pequenas carnosidades, que podem desenvolver-se no mesmo lugar, serão reprimidas com pedra infernal.

As bichas podem casualmente introduzir-se no interior da garganta, no estomago, nariz ou anus. Quando o animal fica ao alcance dos instrumentos, é preciso extrahi-lo com a pinça. Se elle estiver profundamente situado no pharynge ou no estomago, deve-se dar a beber ao doente agua com sal, e administrar-lhe 5 centigrammas (1 grão) de tartaro emetico n'um copo d'agua fria, para provocar os vomitos. Se a sanguesuga penetrar no interior do nariz, é preciso injectar dentro do nariz agua salgada. Se se introduzio mui profuudamente no anus, çonvem administrar um clyster com a mesma agua salgada; e se esta não produzir o

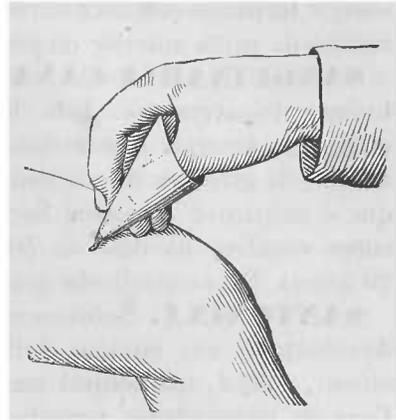


Fig. 442.

Applicação das sanguesugas por meio de uma carta enrolada.

effeito, será necessario dar um purgante de sal d'Epsom pela bocca. Se se introduzissem ño larynge, o accidente seria espantoso, e tornar-se-hia necessario recorrer á bronchotomia, isto é á incisão da parte anterior do pescoço.

SANGUINARIA CANADENSE. *Sanguinaria canadensis*, Linneo. Papaveraceas. Esta linda planta faz o ornamento dos mattos da America septentrional, desde o Canadá até á Florida. A raiz, da grossura de um dedo, contém um succo côr de sangue, que é emético e laxativo. Secca e pulverizada, esta raiz actua como vomitivo na dóse de 50 centigrammas a 1 gramma (10 a 20 grãos). Foi aconselhada contra o crup e contra o rheumatismo.

SANTONINA. Substancia que se extrahe do semen-contra. Apresenta-se em laminas brilhantes, branca, sem sabor nem cheiro, volátil, não soluvel em agua, soluvel no alcool e no ether. Goza de propriedades vermifugas na dóse de 20 a 40 centigram. (5 a 8 grãos) para um adulto, 5 a 10 centigrammas (1 a 2 grãos) para uma criança. Administra-se debaixo da fórma de pós com assucar, ou em pastilhas. Se a dóse exceder de 25 centigrammas (5 grãos) no adulto, sobrevem phenomenos bastante curiosos. Os doentes vêem em roda de si todos os objectos corados de verde ou amarello, durante muitas horas, como se tivessem oculos de côr. Em dóse forte, determina um incommodo do estomago semelhante á fome, cructações e fraqueza geral; ao mesmo tempo as ourinas tomão côr amarella. Sobrevem suores frios, prostração extrema, e insensibilidade. Combatem-se estes phenomenos com sinapismos nas pernas, coxas, braços, e administrando internamente o vinho de quina. A santonina, por causa do seu pequeno volume e da sua insipidez, é particularmente applicavel ás crianças; cumpre porém começar por pequenas doses, e vigiar os seus effeitos, para suspender a sua administração, se sobrevierem alguns accidentes.

SAPÉ. *Anatherum bicorné*, Pal. Beauv. Planta do Brasil, familia das Gramineas. Colmo (caule) de 2 a 3 pés de altura; folhas comprimidas, lanceoladas, lineares; flores dispostas em paniculas corymbosas; rhizoma (caule subterraneo, vulgo raiz), branco, succulento, da grossura de uma penna de Perú, nodoso; nós guarnecidos de radículas. A raiz (rhizoma) é branca quando fresca, amarella quando secca, de sabor adocicado. O cozimento da raiz de sapé é diuretico, e emprega-se nas molestias urinarias. Prepara-se com 12 grammas (3 oitavas) de sapé e 500 grammas (16 onças) d'agua.

SAPHIRA. Pedra preciosa de uma bella côr azul; é muito dura, e risca todos os corpos, salvo o diamante. Achão-se as

saphiras na Siberia, India e no Brasil. Depois do diamante, a saphira é uma das pedras preciosas mais caras quando é mui limpida, de côr franca, e quando apresenta um certo aspecto avelludado. Acompanha perfeitamente o diamante nas joias, comtanto que não seja de côr mui escura, porque então á luz parcerria preta. A *saphira do Brasil* ou *occidental* tem um reflexo esverdeado, que lhe fez dar, quando é mui pronunciado, o nome de *saphira chumbada*; não é tão estimada como a *saphira do Oriente*. O preço da saphira é mui variavel: as pequenas e as médias vendem-se ao quilate, as grossas por peça. Uma saphira de boa qualidade de 6 quilates (24 grãos) custa em França 1200 a 1500 francos.

SAPINHOS. Dá-se este nome a uma molestia caracterizada por uma camada, ou exsudação branca que cobre a face interna da bocca.

Causas. Esta molestia ataca quasi exclusivamente as crianças. Uma constituição fraca e delicada, a má alimentação predispõem para ella. Sobrevem principalmente nas crianças cuja mãe, ou ama, não lhes pôde offerrecer senão um seio quasi vazio, e sobre o qual as crianças se esfalfão em esforços inuteis. As crianças amamentadas por suas mãis são menos sujeitas a ella do que as que são confiadas ás amas, ou amamentadas artificialmente.

Symptomas. Os sapinhos principião por uma inchação da lingua, ou por uma vermelhidão mais ou menos extensa d'este orgão. A bocca faz-se secca e quente, a succção torna-se dolorosa e até impossivel. Depois d'estes primeiros symptomas da molestia, que durão um a tres dias quando muito, apparecem nas partes lateraes do freio da lingua ou na ponta, e no meio d'este orgão, assim como na face interna do beijo inferior, pequenas nodoas meio transparentes ao principio, mas que promptamente se tornão brancas. Estas nodoas multiplicão-se, reúnem-se e formão camadas de uma alvura que parece de leite ou queijo, tanto que esta semelhança pôde até enganar. Em certos casos, a exsudação dos sapinhos é muito abundante, forma crostas espessas sobre a lingua e parte interna das faces, e não deixa intervallo algum que permitta distinguir a membrana mucosa; outras vezes os sapinhos apresentão-se sob a fórma de pequenos lincaamentos, simplesmente espalhados pelo interior da bocca.

Os symptomas locaes dos sapinhos existem ás vezes sem febre e sem nenhum outro signal de molestia; mas, em muitos casos, esta affecção local é acompanhada de febre, nauseas, vomitos e diarrhea, sobretudo quando os sapinhos affectão o intestino; as crianças expulsão n'este caso, no meio de excrementos esver-

deados, pedaços da exsudação. Quando a molestia se propaga assim pelo canal intestinal, termina ordinariamente de maneira fatal; a criança acha-se então em um estado de somnolencia mais ou menos profunda, interrompida por gemidos ou gritos; a sêde é mais ou menos viva, a camada espessa dos sapinhos, que cobre toda a bocca e lhe adhere fortemente, é secca e roxa. No ultimo periodo d'esta molestia o emmagrecimento é rapido, o rosto enrugase, como o de um velho, os olhos encovão-se, a voz extinguc-se, o pulso torna-se fraco e insensivel, as extremidades frias, e a criança succumbe n'um estado completo de prostração.

Quando os sapinhos não se estendem ao canal intestinal, e só se limitão á bocca, a molestia é benigna e puramente local; o doente tem pouca ou nenhuma febre, a exsudação despega-se com facilidade, a criança continúa a mamar: suas evacuações alvinas são naturaes, e a molestia termina-se mais ou menos promptamente no espaço de alguns dias. Acontece, entretanto, ás vezes, que os sapinhos seguem uma marcha quasi chronica, apparecem e desaparecem muitas vezes, e repetem-se mais ou menos a miudo no intervallo de alguns mezes. Este estado chronico nada tem de grave, se não fôr complicado com outras molestias.

Tratamento. Este tratamento, muito simples, é preservativo ou curativo. No primeiro caso, as crianças serão transportadas para um lugar secco e perfeitamente arejado, e a sua alimentação corresponderá á sua idade, e necessidades. Se o leite fôr mui velho, convem dar á criança uma ou duas vezes por dia bebidas diluentes, como agua com assucar, agua de arroz com assucar ou qualquer outra, para diminuir os effeitos de um sustento demasiado forte.

Se apezar d'estas precauções o mal se declarar, empregar-se-hão os emollientes. As bebidas aqueas, gommosas, mucilaginosas, como as infusões de linhaça ou de althéa; o leite de vacca ou de cabra, actuão ao mesmo tempo como medicamentos locais e geraes. Ás vezes, a mudança de ama produz a cura. Se existirem symptomas febrís bem marcados, se a inflammação da bocca parecer viva, então convem os banhos geraes mornos. No mesmo caso, deve-se fazer uso de clysteres de linhaça e cataplasmas de linhaça sobre o ventre. Dois ou tres dias depois d'este tratamento, ás applicações emollientes juntar-se-hão alguns brandos adstringentes, e principalmente os acidos, cuja efficacia tem sido demonstrada pela experiencia. Estes acidos não devem ser administrados em grande quantidade; por consequente, convem que sejam simplesmente applicados mediante um pincel feito de uma

tira de panno de linho e enrolada n'um páozinho : esta pequena operação far-se-ha cinco a dez vezes por dia. O vinagre, o sumo de limão, convenientemente adoçados com mel de abelhas, ou mel rosado puro, ou o sumo de laranja tambem puro, eis as substancias acidas que devem servir n'este uso. Pouco a pouco augmenta-se a força do medicamento, e tambem gradualmente ir-se-ha augmentando a alimentação. Convem tambem as applicações locais de solução de borax ou de bicarbonato de soda em mel de abelhas. Suas receitas achão-se indicadas adiante. N'este momento, dão-se cozimentos de cevada, de arroz, e clysteres com povillo ou com agua morna simples, na qual foi diluida uma gema de ovo. Quando se declara um gráo excessivo de fraqueza, convem administrar o xarope de quina ás colheres *de chá*, ou chá de folhas de salva; e bem que a molestia, chegada a este estado, deixe ordinariamente pouca esperanza, é necessario empregar banhos geraes com infusão de plantas aromaticas, e fricções pelas costas com linimento de Rosen. Estes meios, sustentando as forças, ajudão a natureza, que triumphá ás vezes, mesmo nos casos em que a arte desespera.

RECEITUARIO CONTRA OS SAPINHOS.

Para uso externo :

- | | |
|--------------------|-----------------------------|
| 1º Mel de abelhas. | 30 grammas (1 onça) |
| Borax | 10 grammas (2 1/2 oitavas). |

Esfregão-se os lugares affectados, tres vezes por dia, com um pincel de panno molhado n'este liquido.

- | | |
|----------------------|------------------------|
| 2º Mel de abelhas. | 30 grammas (1 onça) |
| Bicarbonato de soda. | 8 grammas (2 oitavas). |

Emprega-se do mesmo modo que o collutorio precedente.

3º *Linimento de Rosen.*

- | | |
|----------------------------|--------------------------|
| Oleo concreto de moscadas. | 4 grammas (1 oitava) |
| Oleo volatil de cravo. | 4 grammas (1 oitava) |
| Alcoolato de zimbro.. | 72 grammas (18 oitavas). |

Para esfregar as costas, duas vezes por dia, com uma colher *de sopa* d'este linimento.

4º Banhos aromaticos. O modo da sua preparação está indicado no vol. I, pag. 307.

Para uso interno :

- | | |
|---------------------|-----------------------|
| 1º Xarope de quina. | 60 grammas (2 onças). |
|---------------------|-----------------------|

Para tomar uma colher *de chá*, tres vezes ao dia.

2º Chá de folhas de salva adoçado com assucar, uma chicara. Administra-se ás colheres *de sopa*, uma colher quatro vezes por dia.

SAPO. Genero de Reptís da ordem dos Batracios, que differe das rãs pela ausencia dos dentes; tem além d'isso o corpo barrigudo e coberto de pustulas, das quaes reçuma um humor fetido; tem uma grossura atraz das orelhas, contendo poros, d'onde distilla tambem um humor leitoso; os dedos curtos, chatos e desiguaes; as patas posteriores, pouco alongadas, não lhe permitem saltar bem, e por isso se arrasta pelo chão com bastante difficuldade em vez de andar; o seu aspecto é hediondo. Não é animal peçonhento, mas o liquido que lhe sahe do corpo é acre e irritante. Nenhum cão pôde morder ao sapo sem ser obrigado a abandoná-lo, dando huivos pela dôr que lhe causa esta materia. Quando o sapo é sorprendido, como não pôde fugir com promptidão, pára, incha o corpo de maneira que este se torna duro e elastico, faz sahir o liquido lacteo, e esguicha ao longe sua ourina acre e fetida. Habita nos lugares sombrios e lodosos, d'onde sahe só de noite ou durante a chuva, o que tem feito crêr em *chuvas de sapos*. Alimenta-se de lagartas, caracoos, borboletas. E por seu turno tambem serve de alimento ás cobras, garças, cegonhas, etc.

SAPONARIA. *Saponaria officinalis*, Linneo. Caryophylleas. Planta que habita em Portugal nos sitios sombrios e humidos, nas

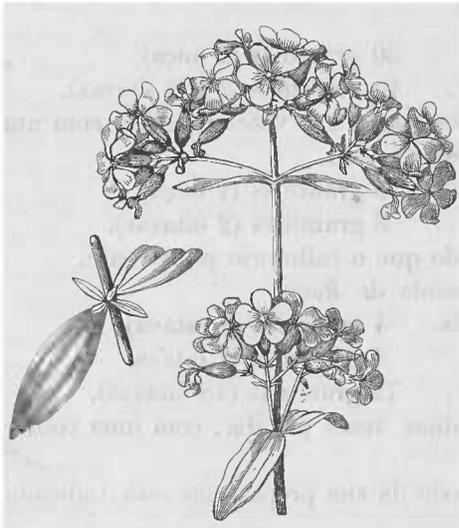


Fig. 443. — Saponaria.

ribanceiras dos ribeiros, é frequente nas margens do Mondego perto de Coimbra, e outras partes na Beira; acha-se tambem no Brasil. Fig. 443. Raiz da grossura de uma penna de escrever, cylindrica, articulada, coberta de uma casca vermelha, parenchyma branco, firme; caule de 30 centimetros ou mais, roliço, articulado; folhas ovadas lanceoladas, glabras, trinerveas; flores côr de rosa desmaiada, em panícula terminal. As folhas tem sabor algum tanto amargo e salgado; commu-

nicação á agua a propriedade de espumar, como a agua de sabão, e de limpar os pannos, o que valeo á planta o seu nome pharmaceuticó, e o, mais vulgar, de *saboeira*. Todas as partes da saponaria são empregadas em medicina como depurativos nas molestias da pelle, em infusão que se prepara com 12 grammas (3 oitavas)

de saponaria, e 500 grammas (16 onças) d'agua fervendo; o extracto na dóse de 2 a 8 grammas ($1/2$ a 2 oitavas).

SAPONINA. Principio immediato da raiz de saponaria e da casca de Panamá (quillaya). É uma substancia branca, soluvel na agua que torna espumosa, como sabão. É empregada para limpar os estofos de lã; entra na composição dos liquidos empregados para limpar a cabeça e tirar a caspa, que se vendem nas lojas dos cabelleireiros debaixo dos nomes francezes : *Eau romaine*, *eau athenienne*, etc. O pó de saponina provoca espirros e tosse, e o que torna perigoso e incommodo a pulverização e a acção de manejar a casca de Panama.

SAPUCAIA. *Veja-se* CASTANHEIRO DO MARANHÃO.

SARABULHO. Dá-se o nome de *sarabulhos* ás espinhas que nascem pelo corpo. *Veja-se* ESPINHA, vol. I, pag. 994.

SARACURA. *Begonia hirtella*, Link. Begoniaceas. Planta do Brasil. Caule de 30 a 70 centímetros, liso, verde ou amarellado, cheio de um succo acido, folhas cordiformes de sabor de azedas, flor pequena, branca amarellada. O cozimento de saracura emprega-se em clysteres contra a dysenteria e diarrhea, prepara-se com 8 grammas de folhas de saracura e duas chicharas d'agua. O sumo de saracura toma-se pela bocca, nos mesmos casos, na dóse de duas a quatro colheres *de sopa* por dia.

SARAMPO OU SARAMPÃO. Esta molestia é uma febre acompanhada de tosse, vermelhidão dos olhos, e caracterizada pela erupção, sobre a pelle, de pequenas pintas vermelhas, semelhantes ás mordeduras de pulga.

Causas. O sarampo é produzido por uma causa que não é conhecida; reina ordinariamente de uma maneira epidemica; isto é, ataca grande numero de individuos ao mesmo tempo. Transmite-se facilmente entre as pessoas que habitão a mesma casa; todavia, como acontece em todas as molestias contagiosas, não póde contrahir-se sem uma certa predisposição. Observa-se de ordinario nas crianças, bem que possa manifestar-se em todas as idades; raras vezes ataca duas vezes o mesmo individuo. Desenvolve-se em todos os climas; segundo Anghiera, não era conhecido na America, e foi importado para o Novo Mundo no anno de 1518.

Symptomas. O olho exercitado reconhece facilmente a invasão do sarampo pelos primeiros symptomas que o distinguem. Assim, no decurso de uma epidemia, quando se vê qualquer criança, que tem estado na companhia de um individuo affectado de molestia, ser atacada de fastio, calefrios, dôr de cabeça, sensibilidade dos olhos, espirros, tosse, etc., é pouco mais ou menos certo de que esta

criança está acommettida de sarampo. Entretanto, precipitando nosso juízo, corremos o risco de enganar-nos, visto que uma simples febre de defluxo, ou qualquer outra molestia, póde offerecer todos os signaes do sarampo. Eis-aqui os seus caracteres mais ordinarios : A molestia principia por alternativas de frio e calor, por fastio, lassidão nos membros, dôr e peso nos olhos e na testa, tudo acompanhado de vontade de dormir. Logo depois, o pulso accelera-se, a pelle torna-se quente, a superficie da lingua faz-se branca, entretanto que a ponta e margens fazem-se vermelhas; existe sêde, manifestão-se nauseas, ás vezes vomitos, e o ventre torna-se ás vezes doloroso. No *segundo dia* da invasão, todos estes symptomas se pronunção com mais intensidade; os olhos tornão-se vermelhos e enchem-se de lagrimas, o doente espirra a miudo, experimenta comichão no nariz, peso na bocca do estomago. A garganta fica algum tanto dolorosa, manifesta-se uma tosse mais ou menos violenta; e nas crianças a somnolencia, e até convulsões passageiras se ajuntão, ás vezes, a estes phenomenos. No *terceiro dia*, a intensidade dos symptomas vai sempre crescendo, os olhos tornão-se sensiveis e inflammados, as palpebras e as margens parecem um pouco inchadas; uma tosse secca, uma sensação de constricção no peito, ás vezes delirio, precedem a apparição da erupção, que se declara ordinariamente no *quarto dia* da molestia. Pequenas pintas vermelhas, pouco resaltadas, de fórma e dimensão de mordeduras de pulga, apparecem primeiramente na testa, nariz, faces, e espalhão-se successivamente pelo pescoço, peito e membros. Esta erupção é quasi sempre acompanhada de comichão e calor da pelle. As pintas augmentão, reu-nem-se umas ás outras, e excedem um pouco o nivel da pelle; o que mais se reconhece pelo tacto do que pela vista. Logo que os sarampos acabárão de sahir, a frequencia do pulso, o calor, a sêde, a vermelhidão dos olhos, o defluxo, a dôr de garganta, etc., diminuem de intensidade, e desaparecem ás vezes completamente; só a oppressão do peito e a tosse persistem em alguns individuos. Depois de tres ou quatro dias de duração; isto é, no *setimo* ou *oitavo dia* da molestia, estas pintas principião a desmaiar no ordem da sua invasão, isto é, primeiro as do rosto, e depois successivamente as das outras partes do corpo. A pelle torna-se rugosa, e a epiderme despega-se por escamas. Ás vezes, todavia, a descamação é nulla ou insensivel, ao menos em algumas regiões do corpo. Se ficar ainda n'esta época frequencia do pulso, calor e tosse, tudo isto desaparece em geral do *nono* ao *undecimo dia*.

Marcha, duração e prognostico. A marcha d'esta molestia, tal

qual acabei de descrever, é a mais ordinaria, porém não é constante : a erupção faz-se ás vezes mais cedo, outras mais tarde : as pintas, ordinariamente de côr vermelha viva, são, em alguns casos, pallidas, lividas ou pretas; o que, em geral, é de máo agouro : symptomas graves de inflammação do peito manifestão-se ás vezes; emfim, a inflammação das vias digestivas pôde ser levada ao mais alto gráo de intensidade, e impedir que a erupção seja completa. Quanto mais moços são os individuos que o sarampo ataca, tanto maior rectio deve inspirar esta molestia; mas não convem perder de vista que nunca a erupção é perigosa, mas sim a inflammação dos orgãos internos que a acompanhão, ou lhe succedem.

Tratamento. Quando a erupção percorre regularmente ós seus periodos, o tratamento do sarampo é mui simples. Collocar o doente em uma temperatura nem fria nem quente; cobri-lo sufficientemente para preserva-lo do frio, sem fatiga-lo com um calor incommodo; como alimento, dar-lhe simplesmente caldos, leite ou agua de arroz, administrar-lhe bebidas emollientes mornas, taes como a infusão de flores de malvas, de violas, adoçadas com assucar ou xarope de gomma, preservar-lhe os olhos da luz mui viva, taes são os meios que se devem empregar para combater esta affecção. Contra a inflammação dos olhos, faça-se uso simplesmente de lavatorios com decocção de linhaça. Se a tosse fôr violenta, administre-se o julepo seguinte :

Infusão de flores de tilia. 125 grammas (4 onças)

Xarope de lactucario. 30 grammas (1 onça).

Uma colher *de sopa*, de hora em hora.

No periodo de descamação a criança não deve expôr-se ás variações atmosphericas. Na convalescença dos sarampos, muitas pessoas julgão que um purgante deve ser administrado necessariamente : este meio é inutil em muitos casos, e convem só quando persiste a tosse, e então o purgante deve ser ou manná ou oleo de ricino. Se sobrevierem *convulsões*, nas crianças atacadas de sarampos, será urgente pôr sinapismos nas pernas, e, ás vezes, applicar bichas atraz das orelhas. Se houver *diarrhea*, applicuem-se cataplasmas de linhaça no ventre, e administrem-se clysteres de polvilho. As outras *complicações*, taes como a inflammação dos pulmões, a bronchite capillar, exigem um tratamento analogo ao que se oppõe a estas molestias nos casos em que ellas se mostrão isoladamente. Se as pintas forem pallidas, administre-se o chá de sabugueiro bem quente, e o xarope de quina, na dóse de uma colher *de chá*, quatro vezes por dia. A epoca em que o contagio já se não deve receiar não está rigorosamente determinada. A

isolação, unico meio *preservativo*, deve ser prolongada até ao vigesimo dia. Nas epidemias dos sarampos graves e malignos, a prudencia aconselha que se afastem as crianças da área epidemica.

SARCOCELE. Cancro do testiculo. *Veja-se* vol. I, pag. 463.

SARDAS, Ephelides ou **Lentilhas.** Dá-se este nome á pequenas manchas da pelle, não resaltadas, de côr amarellavelva. Aparecem geralmente nas regiões descobertas do corpo; como na testa, rosto, pescoço, e nas mãos, dos individuos que tem a pelle fina e alva, e cabellos louros ou ruivos; a sua extensão varia desde o tamanho da cabeça de um alfinete ao de uma ervilha. São ás vezes proprias da constituição do individuo, e então ordinariamente incuraveis. Não se mostram geralmente senão de uma mancira passageira o accidental, pela acção dos raios solares.

Póde-se n'este ultimo caso, facilitar o seu desaparecimento, lavando os lugares affectados com agua fria misturada com aguadente ou agua de Colonia. Os lavatorios com agua e sabão são tambem uteis. Mas são inuteis os esforços que fazem algumas pessoas para se desembaraçarem das sardas inherentes á constituição e acompanhadas de cabellos ruivos. Comtudo, ha individuos em quem os progressos da idade as fazem inteiramente desaparecer. Os meios externos, que vão indicados adiante, não podem ser senão uteis mesmo n'este caso, mas não ha medicamentos internos contra as sardas.

RECEITUARIO CONTRA AS SARDAS.

Solução de borax (Hufeland).

Borax	4 grammas (1 oitava)
Agua de rosas..	360 grammas (12 onças).

Em lavatorios. Humectáo-se as sardas duas vezes por dia com esta solução, havendo o cuidado de a deixar seccar sobre o lugar em que se applica.

Solução de alumen.

Alumen crystallizado..	8 grammas (2 oitavas)
Agua..	360 grammas (12 onças).

Emprega-se do mesmo modo que a precedente.

Leite virginal.

Tintura de benjoim...	15 grammas (1/2 onça)
Agua de rosas..	600 grammas (20 onças).

Usa-se em lavatorios.

Pomada de borax (Hufeland).

Borax	8 grammas (2 oitavas)
Unguento rosado.	30 grammas (1 onça).

Para untar o rosto á noite.

Lavatorio antephelico (Hardy).

Agua distillada..	250 grammas (8 onças)
Sulfato de zinco.	2 grammas (40 grãos)
Acetato de chumbo. . .	2 grammas (40 grãos)
Sublimado	50 centigram. (10 grãos)
Alcool.	quantidade sufficiente

para dissolver o sublimado.

Dissolva o sublimado no alcool, e ajunte as outras substancias. Vascoleja-se o lavatorio no momento de empregar-se.

Agua de Hebé contra as sardas.

Essencia de alfazema..	250 grammas
Essencia de cidra.	60 grammas
Essencia de rosas.	5 grammas
Limões	1350 grammas
Alcool.	850 grammas
Agua..	808 grammas
Vinagre distillado.	6595 grammas.

Exponha ao sol por tres dias e filtre.

De alguns annos a esta parte, emprega-se muito no Rio de Janeiro uma especie de cosmetico, dito *Leite antephelico* de Candès. Esta preparação é bastante conhecida em Pariz, e usa-se effizamente em loções contra as sardas, fogagem, espinhas, e outras alterações accidentaes da cutis. Tem por base o sublimado, como algumas preparações analogas usadas em Inglaterra, e na Allemanha.

SARNA. Molestia contagiosa, caracterizada pela erupção, sobre uma parte mais ou menos extensa da pelle, de pequenas vesiculas transparentes e pruriginosas, que se desenvolvem em consequencia da presença de um insecto particular.

Todos conhecem, ao menos de nome, esta molestia contagiosa, que não é rara, com effeito : a comichão fatigante que a acompanha, as borbulhas e pequenas excoriações que a constituem, a facilidade emfim com que se contrahe, fazem d'ella um objecto de nojo quasi geral. Ajuntem-se a estes factos reaes os erros populares relativos ás suas consequencias, ao que se chama o seu recolhimento no interior do corpo, onde ella se tornaria uma fonte de molestias graves, e o leitor explicará facilmente a especie de horror que só o seu nome inspira. Entretanto, devo já dizer, a sarna é uma molestia pouco grave; tratada no seu principio, póde curar-se

em um dia, sem deixar vestigio na economia. O que se tem dito dos perigos, que produzia, provém do erro dos antigos medicos, que confundião sob o nome de *sarna* molestias mui differentes; e provém tambem da propensão que temos em geral a referir os nossos males a uma causa estranha, em lugar de lhes buscarmos a origem na nossa constituição ou nos nossos costumes. Será, além d'isto, facil de conceber o que acabei de dizer, quando se souber que a sarna reconhece por causa immediata um oução, um pequeno insecto chamado *acarus da sarna do homem*, de uma quarta parte de linha de comprimento, e por consequente muito mais pequeno do que a mais pequena pulga. Póde-se entretanto enxergar sem lente. A sua existencia era já conhecida em 1634, mas em consequencia de falsas indicações, muitos medicos negavão a sua presença na sarna, e ha apenas quarenta e quatro annos que este facto ficou demonstrado, em 1834, de uma maneira indubitavel. Por outra parte, está provado tambem que este insecto é realmente o agente do contagio da sarna. Os caracteres que os naturalistas tem reconhecido no oução da sarna são os seguintes : corpo arredondado, achatado em ambas as faces e imitando a tartaruga, branco, estriado; oito patas, que são, como a cabeça, de côr vermelha escura. A fig. 444 aqui junta, representa o bicho da sarna,

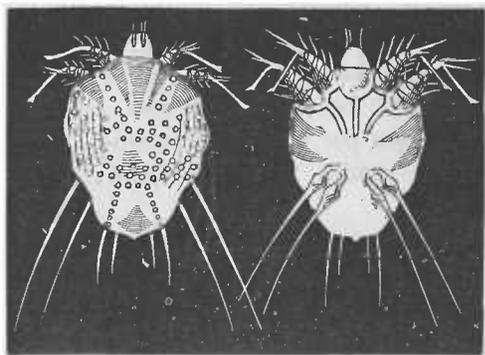


Fig. 444.

Insecto da sarna, augmentado pelo microscopio.

na sua face superior e inferior, consideravelmente augmentado pelo microscopio.

Este insecto é sobretudo visivel nas mãos e pés dos sarnentos, onde cava por baixo da epiderme como que uns regos; a sua presença occasiona uma comichão importuna. Póde extrahir-se com bastante facilidade; com effeito, examinando a

parte affectada de sarna, não se podem tardar a divisar pequenas linhas pretas ou esbranquiçadas, como pontuadas, de ordinario sinuosas, e que são o indicio da galeria cavada debaixo da epiderme pelo insecto; uma das extremidades d'esta galeria vai ter frequentemente a uma *vesicula*, pequena elevação da epiderme, cheia de serosidade: na outra extremidade percebe-se um pequeno ponto branco ou roxo, que é o insecto. É facil tirar este, rasgando a epi-

derme com a ponta de um alfinete ; elle agarra-se logo á ponta do instrumento, e póde-se então transporta-lo para onde se queira ; pondo-o sobre a pelle de alguma pessoa sã, entranha-se n'ella, multiplica-se, e desenvolve a sarna no fim de um tempo variavel. Examinando muitos d'estes insectos com o microscópio, é raro que não se vejam alguns pôr pequenos ovos, oblongos, brancos, transparentes, e tendo a terça parte de comprimento do animal ; as mãis abandonão os ovos, a menos que estes venhão pegar-se aos pequenos pellos que cobrem o corpo do insecto. Os vestidos sobre que se acha o oução da sarna, ou os seus ovos, podem igualmente transmittir a molestia. A falta de asseio favorece singularmente o seu desenvolvimento ; todavia, as pessoas mais assejadas não estão isentas d'ella.

A transmissão directa da sarna do homem ao homem é um factão conhecido, que é escusado insistir mais n'este ponto ; mas esta molestia póde ser tambem communicada pelos animaes. O Dr. Alibert refere que um cavallo sarnento deo lugar a uma erupção de botões de sarna no individuo que o tinha comprado, e em algumas outras pessoas que estiverão em contacto com o animal. O mesmo autor diz que uma leôa affectada do mesmo mal tendo succumbido, o homem que a esfolou e o que foi encarregado de empalha-la forão atacados de sarna. O Dr. Mouronval cita tres casos em que a molestia foi communicada por gatos, e outro em que o contagio teve lugar por um cão. O Dr. Bielt tratou, muitos empregados do Jardim Botânico de Pariz, que tinham contrahido a sarna dos camelos vindos d'Africa e gravemente affectados. O oução da sarna dos animaes tem quasi as mesmas dimensões que o da sarna do homem ; mas a sua fórmula é um pouco differente.

Os *symptomas* da sarna só se manifestão depois de um lapso de tempo variavel, conforme os individuos ; podem decorrer oito a vinte dias entre a epoca em que um individuo se achou em contacto com um sarnento, e a em que a molestia se declara. N'este intervallo ha quasi sempre algumas comichões ; mas em certa epoca, augmentão rapidamente, e a molestia já não é duvidosa : então apparecem nas mãos, e ás vezes nos pés, pequenos botões cheios de uma serosidade transparente, chamados *vesiculas*. Estes botões são pontudos no apice, e lacerão-se facilmente quando se coção ; encontrão-se sobretudo nos intervallos dos dedos e nos pulsos. A erupção estende-se depois, e manifesta-se principalmente na curva dos braços, nos sovacos, no peito, no ventre, na parte interna das coxas e na curva da perna : outras vezes a sarna principia por um d'estes pontos ; o doente experimenta ao mesmo

tempo em todas estas partes uma comichão particular e caracteristica, que a acção de coçar allivia um instante, e que atormenta sobretudo á noite, na cama, ou quando o doente toma café ou licores excitantes. A comichão exaspera-se igualmente durante os tempos quentes. Nada pôde exprimir os soffrimentos de certos doentes durante as noites de verão, e a especie de raiva com a qual se dilacerão com suas proprias unhas. A reacção, em certos casos, é tal que sobrevem febre. A comichão acalma-se, pelo contrario, com o frio e por uma dieta severa; emfim, é ordinariamente tanto mais forte quanto mais abundante é a erupção. Mais tarde, e quando a molestia se prolonga, já não nascem simples vesiculas cheias de liquido claro; mas as mãos, os braços e as pernas cobrem-se de *bostellas*, grossos botões, cheios de materia purulenta. O doente, coçando-se sem cessar, rasga a pelle, que não tarda a cobrir-se de grande numero de erupções differentes; o liquido que sahe das vesiculas ou das *bostellas* converte-se em *crostas*, no intervallo das quaes se desenvolvem ás vezes pequenos frunchos e verdadeiras postemas.

Marcha, terminações. Esta molestia nunca se termina de uma maneira espontanea: poderia durar toda a vida se o doente não se tratasse. Desapparece ás vezes, durante alguns dias, sob a influencia de alguma molestia aguda, sem que esta seja influida por isso de maneira apreciavel, e todos os bons observadores concordão em que os perigos das *sarnas recolhidas*, que assustão tantas pessoas, são puramente imaginarios. A sarna pôde durar muitos annos sem alterar notavelmente a saude; nunca é mortal por si mesma.

Diagnosticó. As vesiculas pontudas, os *sulcos*, a presença do *oução*, são os signaes caracteristicos da sarna, mas os sulcos podem ser raros e pouco apparentes; o *oução* é assaz difficil de descobrir: ha emfim certas molestias da pelle que podem simular a sarna e tornar difficil a sua distincção. Assim, em uma affecção que se chama *prurigo* ou *coceira*, o corpo cobre-se de botões, que excitão comichão mui viva; estes botões, rasgados pelas unhas do doente, cobrem-se de pequena crosta preta. Distingue-se esta erupção da sarna por não ser acompanhada de vesiculas, e sobretudo por manifestar-se nas costas, na nuca, por cima e por baixo do cotovelo. A sarna, pelo contrario, mostra-se principalmente nas mãos, no ventre, e em geral nas dobras das articulações. A intensidade da comichão é bem differente nos dois casos: as comichões acalmão-se facilmente na sarna quando o doente se coça; até experimenta então uma sensação agradavel: não é assim no prurido, em que os doentes se lacerão sem acalmarem a inalteravel comichão

que os atormenta. A ultima differença entre estas duas molestias é que o prurido não é contagioso, entretanto que todos sabem que a sarna communica-se facilmente.

Tratamento. A sarna é uma affecção externa, que não exige tratamento interno: sára sempre pela applicação das pomadas, e pela destruição do insecto, de qualquer maneira que se proceda. O tratamento mais expeditivo é o seguinte :

Despir-se completamente, e untar todo o corpo com sabão preto; tomar um banho d'agua tepida de meia hora, e continuar a esfregar o corpo no banho com sabão preto. Ao sahir do banho esfregar o corpo durante meia hora com a pomada de Helmerik, e vestir-se de roupa limpa. No dia seguinte tomar outro banho, e mudar outra vez de roupa. Os insectos estão mortos; a sarna está curada; mas as erupções secundarias de vesiculas ou de pustulas persistem, e não desaparecem senão ao cabo de uma ou duas semanas, por meio de alguns banhos d'agua tepida.

Cumpre, porém, não esquecer que os insectos, que occasionão a sarna, e os ovos d'elles, achão-se ordinariamente nos vestidos das pessoas saruentas, e podem tornar-se uma nova causa do contagio; será necessario, por consequente, desinfecar esses vestidos, quer lavando-os em agua quente, quer deixando-os tres ou quatro dias expostos ao ar. Eis-aqui a receita da

Pomada de Helmerik.

Enxofre sublimado e lavado.	10 grammas (2 1/2 oitavas)
Subcarbonato de potassa.	5 grammas (1 1/4 oitava)
Agua distillada.	5 grammas (1 1/4 oitava)
Oleo de amendoas doces.	5 grammas (1 1/4 oitava)
Banha ..	35 grammas (9 oitavas).

Reduza o subcarbonato de potassa a pó mui fino; ajunte a agua para dissolvê-lo; depois o enxofre, o oleo e a banha; triture para obter uma pomada homogenea.

Uma unica fricção, quando bem feita, é sufficiente para curar a sarna. No caso contrario, convem repetir as unturas com sabão preto, o banho e a fricção, com as precauções indicadas; e de vestir-se, depois da fricção, de roupa perfeitamente limpa.

SARRACENIA PURPUREA. *Sarracenia purpurea*, Lin. Sarraceniaceas. Planta herbacea que habita nos lugares pantanosos da America do Norte, desde a bahia de Hudson até á Carolina do Norte. As suas folhas e a raiz (rhizoma) forão preconizadas contra as bexigas. O Dr. Morris assegura que é o remedio por excellencia para combater as bexigas; que a sua acção é tal que raras vezes ficção cicatrizes; que qualquer pessoa que traga consigo a raiz da sarracenia póde impunemente habitar entre bexigentos; que a

sua acção consiste em neutralizar o virus no sangue, tornando-o inerte. Emprega-se sob a fórma de pó, cozimento ou tintura. *Cozimento* : Folhas ou rhizomas de sarracenia, 4 gram. (1 oitava); agua, 600 grammas (20 onças). Reduza a 300 grammas (10 onças) por meio de moderada ebullicão, e côe. Bebe-se um calix de 3 em 3 horas.

SASSAFRAZ. *Laurus sassafras*, Linneo. Laurineas. Arvore da America do Norte; habita principalmente na Florida. Fig. 445.



Fig. 445. — Sassafras.

Tem 10 a 13 metr. de altura, tronco recto, mui ramoso, folhas alternas e pecioladas, variando de fórma e tamanho; flores pequenas, amarelladas e dispostas em paniculas no apice dos ramos, fructo ovado do tamanho de uma ervilha; raiz grossa. A raiz de sassafras emprega-se em medicina como sudorifico nas molestias syphiliticas, cutaneas, gotosas e rheumaticas. Ordinariamente associa-se ao guaiaco e á salsaparrilha. Administra-se em infusão que se prepara com 4 gram.

(1 oitava) de sassafras e 500 gram. (16 onças) d'agua fervendo.

A raiz de sassafras acha-se nas pharmacias em pedaços da grossura de um braço; a parte lenhosa é leve, porosa, formada de camadas concentricas, de côr amarellada, cheiro forte e aromatico, sabor ao principio adocicado, depois quente e acre. Casca espessa, leve, rugosa, quebradiça, de côr de ferro escura, cheiro analogo ao do aniz ou funcho.

Sassafras do Brasil, ou PÃO DE SASSAFRAZ. *Nectandra cymbarum*, Nees. Laurineas. Arvore do Brasil; habita na provincia do Amazonas. Tem mais de 30 metros de altura; folhas oblongas, lanceoladas; fructo, boga pouco carnosa, meio immersa em uma cupula. A casca da arvore é de sabor amargo, cheiro aromatico; usa-se em infusão na debilidade dos órgãos digestivos. O lenho é duro e de cheiro agradável; emprega-se na construcção de canoas.

SATYRIASIS. Estado de exaltação morbida dos órgãos genitales, caracterizado por uma inclinação irresistivel para repetir o acto venereo, com a faculdade de exercê-lo sem esfaltar-se. O

satyriasis é ordinariamente espontaneo; póde entretanto succeder ao uso das cantharidas. Os lavatorios frios, os banhos frios, as bebidas emollientes e refrigerantes, taes como a infusão de linhaça, a amendoada, limonadas de limão ou de laranja, e o uso interno da camphora são os principaes meios que se devem empregar.

SAUDE. Estado em que todas as funções se executão livre e facilmente : é o estado normal. De todos os bens d'este mundo, a saude é o primeiro. A saude é a fonte de todo o gozo, de toda a actividade. Um homem pobre que é são e robusto é mais feliz do que um rico atormentado de molestias. A saude admitte muitas variedades, ou, para melhor dizer, cada individuo tem a sua propria; e as pessoas que julgamos terem chegado ao seu mais alto ponto não deixão de differir entre si a este respeito. Os antigos philosophos e medicos procurárão achar meio de fixar e entreter um bem tão precioso e fugitivo como a saude. Desde os sonhos dos sacerdotes gregos e egypcios até ás utopias extravagantes de Vanhelfmont e Paracelso, havia sempre alguns espiritos que se esforçavão por descobrir a pedra philosophal que devia impedir os estragos do tempo, e conservar os homens n'uma juvenil e immutavel felicidade. Hoje não é possivel contar com estas doces chimeras : tudo o que é organizado tende á morte. Mas se a humanidade não póde evitar a destruição, póde ao menos por meio de um regimen retardar a sua consumpção final; póde, com o soccorro da hygiene, dar aos orgãos todo o seu desenvolvimento, até á hora em que a necessidade de morrer é imposta a toda a creatura. A hygiene precautoria póde ser reduzida a *cinco preceitos salutiferos* :

1º *Fugir de excessos em tudo.* Tudo o que é excessivo tem por effeito accelerar os movimentos da organização, e perturbar a economia. Comtudo, não se deve dar a este preceito uma interpretação absoluta, e por conseguinte viciosa, nem applicar senão ás cousas de que o homem dispõe á sua vontade, taes como a alimentação, os exercicios, as paixões d'alma, etc. Nunca convem que abusemos, por exemplo, de um bom ar, de um bom clima, da luz, agentes que são bons de uma maneira absoluta; entretanto que os que são submettidos á disposição da creatura humana não são bons senão de uma maneira relativa; isto é, em quanto se faz d'elles um uso moderado.

2º *Viver contente de coração e socegado de espirito.* O homem que quer gozar dos beneficios da saude deve necessariamente arranjar a sua vida de maneira que não seja perturbada nem pelos remorsos corrosivos, nem pelas suggestões da ambição.

3º *Respirar habitualmente um ar puro.* A influencia do ar é tal,

que o homem pôde viver dois ou tres dias, e até mais, sem comer nem beber, entretanto que morre promptamente logo que as vias respiratorias estejam interrompidas, ou quando respira gazes deletérios. A salubridade do ar influe vantajosamente na composição do sangue, e em toda a nutrição. A ventilação viciosa, imperfeita, é a origem das molestias chronicas, que decimão a gente nas grandes cidades.

4º *Fazer uso quasi constante de alimentos simples, e approximados á constituição do corpo.*

5º *Entreter constantemente uma justa proporção entre a quantidade de alimentos que se consomem quotidianamente e os exercicios do corpo.* A alimentação e o trabalho influem reciprocamente um sobre o outro. O trabalho é destinado para consumir o superfluo; os alimentos e as bebidas, para substituir as perdas contínuas. É preciso que haja um antagonismo entre estas duas forças; sem isso productos antigos, excessivos, ficão na profundidade dos tecidos. O sangue recebe grande quantidade de succos; formão-se as congestões, inflammações, se as perdas ocasionadas pelo exercicio não contrapessarem o excesso da nutrição.

SAYÃO. *Kalanchões brasiliensis*, Camb. Phytolaceas, Planta do Brasil. Folhas espessas, ovaes, denteadas, de sabor amargo e um pouco acido; flor alaranjada. Estas folhas empregão-se com proveito no curativo de varias feridas.

SCHISMATICO ou SCISMATICO. *Veja-se HYPOCHONDRIA.*

SCIATICA ou GOTA SCIATICA. Chama-se *gota sciatica*, ou simplesmente *sciatica*, uma dôr do nervo sciatico. Este nervo passa pela parte média da nadega, percorre profundamente a parte exterior da coxa, e chegado á curva da perna, divide-se em dois ramos, dos quaes o principal se dirige para o lado externo da perna e do pé. Ora, na affecção de que tratamos, as picadas dolorosas que a caracterizão percorrem uma parte ou toda a extensão do trajecto do nervo sciatico. A sciatica pôde na mesma pessoa atacar ambas as coxas ao mesmo tempo, porém occupa mais frequentemente só o lado esquerdo.

Causas. Esta molestia é produzida pelas variações atmosphericas, pela suppressão da transpiração, exercicios forçados, excessos no regimen, e impressões moraes vivas.

Symptomas. A dôr, que caracteriza esta molestia, não ataca com igual intensidade toda a extensão do nervo sciatico. Às vezes principia na nadega ou nas cadeiras, estende-se á curva da perna, e prolonga-se até ao pé, seguindo uma das divisões do nervo. Outras vezes, o que é mais raro, a dôr sobe das divisões ao tronco. A dôr é ás vezes mui fraca, semelhante á que resulta de uma pan-

cada. Augmenta pela compressão sobre o trajecto do nervo, pelos movimentos, pela tosse e pelos esforços. Outras vezes a dôr consiste em picadas mui violentas, em sensação de frio ou de calor intenso, em caimbras e sacudiduras penosas. Fóra d'isto, não se vê nada no exterior, a coxa não está inchada, nem existe febre. Só no fim de algum tempo é que a sciatica chega á sua maior intensidade. A dôr offerece muitas variações na sua força e duração; desaparece por algum tempo e torna a apparecer de novo. Nunca a sciatica determina a morte, mas algumas pessoas conservão esta dôr por muitos annos; porém, em geral, cura-se por um tratamento bem dirigido. Póde durar mezes e annos, como tambem desenvolver-se e cessar em alguns dias. Muito prolongada a sciatica póde produzir o emmagrecimento do membro, um tremor contínuo e uma fraqueza progressiva.

Tratamento. Quando a sciatica é recepte, a applicação de sinapismos sobre o lugar da dôr basta, ás vezes, para fazer desaparecer a molestia. Mas quando a dôr é intensa, convem recorrer ao meio mais energico, que consiste na applicação dos causticos, com que se deve perseguir a dôr de um a outro lugar. Antes de applicar o caustico, recorra-se primeiro ás fricções com um dos linimentos seguintes :

1º Essencia de terebinthina.	60 grammas (2 onças).
2º Essencia de terebinthina.	30 grammas (1 onça)
Oleo camphorado..	30 grammas (1 onça).
3º Balsamo tranquillo.	30 grammas (1 onça)
Laudano de Sydenham	30 grammas (1 onça).
4º Linimento ammoniacal	60 grammas (2 onças).

O uso interno da essencia de terebinthina é mui proveitoso contra a sciatica que tem resistido aos meios externos. Eis-aqui a receita segundo a qual se administra este medicamento :

Pilulas de essencia de terebinthina.

Essencia de terebinthina.	10 centigram. (2 grãos)
Cera branca..	10 centigram. (2 grãos)
Assucar em pó.	quantidade sufficiente.

Derreta a calor brando a cera na essencia, deixe esfriar, ajunte o assucar, e faça uma pilula, e como esta mais 59. *Dóse* : 6 a 12 pilulas por dia.

A essencia de terebinthina póde tambem ser tomada sob a fórmula de pequenas capsulas, chamadas *perolas*, que se achão nas pharmacias. *Dóse* : 6 a 12 perolas por dia.

Se todos estes meios não aproveitarem, empreguem-se as injeções sub-cutaneas com a solução de chlorhydrato de morphina, do modo que está indicado no artigo NEURALGIAS, Vol. II, pag. 466.

SCILLA. *Scilla maritima*, Linneo. Liliaceas. Fig. 446. Planta que habita na beira-mar da Europa meridional; tira-se sobretudo da Hespanha. Tem a haste comprida, guarnecida nos dois terços superiores de flores brancas, em forma de espiga; folhas que apparecem depois das flores, são radicaes, ovaes lanceoladas, mui grandes, carnosas, lisas, verde-escuras; bolbo mui volumoso, cónico, coberto de tunicas membranosas, brancas ou vermelhas por fóra conforme a variedade da planta; as tunicas do centro são brancas; succo viscoso, amargo, acre.

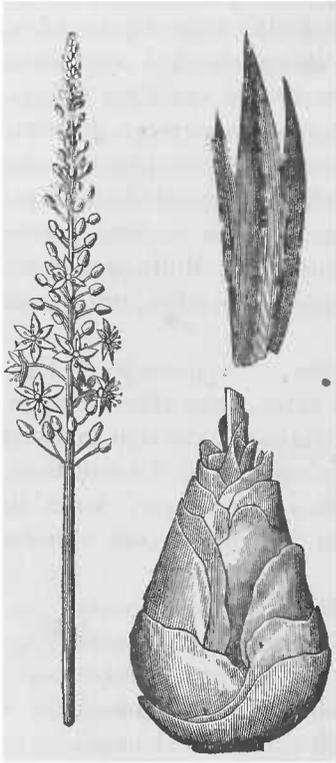


Fig. 446. — Scilla:

As escamas do bolbo da scilla são empregadas em medicina. Nas boticas achão-se seccas e com a forma oblonga, subtransparentes e frageis, ou em tiras enrugadas, irregulares, attrahindo a humidade do ar, pardacentas; cheiro quasi nullo, sabor acre, amargo e nauseante.

Em alta dóse é um veneno narcotico; produz nauseas, colicas, vomitos, dejecções alvinas, ourinas ensanguentadas, prostração, convulsões e a morte. Em pequena dóse é um diuretico, empregado com mui bom

exito nas hydropisias. Exerce tambem acção estimulante sobre a secreção da membrana mucosa dos bronchios, e é empregada como expectorante na bronchite e na asthma. Administra-se internamente na dóse de 5 a 50 centigrammas (1 a 10 grãos) em pó ou pilulas; o seu extracto na dóse de 5 a 15 centigrammas (1 a 3 grãos) em pilulas; vinagre scillitico, mel e oxymel scillitico na dóse de 15 a 30 grammas ($1/2$ a 1 onça) em poção.

SCIRRHO. Chama-se *scirrho* um tumor duro que se desenvolve nos tecidos do corpo, e principalmente nos seios das mulheres ou nos testiculos dos homens: é o primeiro gráo do cancro. *Veja-se* CANCRO.

SCLEREMA. Endurecimento do tecido cellular nas crianças rescem-nascidas. Observa-se sobretudo nas crianças de fraca constituição, e particularmente nas que nascem prematuramente. Às vezes, o endurecimento está limitado ás mãos e aos pés, que se

achão inchados, frios e violaceos; outras vezes estende-se a todo o corpo; a voz extingue-se, os pulmões embaraço-se, e o pobre innocente succumbe do quarto ao setimo dia. — O tratamento que convem contra esta molestia é o seguinte : a applicação de algodão cardado sobre os lugares endurecidos, banhos d'agua quente, e banhos aromaticos. O modo de preparar estes banhos acha-se indicado no vol. I, pag. 307.

SEBIPIRA ou **Sucopira**. *Sebipira major*, Martius. Arvore do Brasil, da familia das Leguminosas. A casca d'esta arvore é de sabor acre, amargo e adstringente, contém muito tannino. Seu cozimento é aconselhado em banhos contra as molestias da pelle. 4 kilogramma (2 libras) para um banho. O lenho é duro, pesado, e muito empregado em diversas obras ou construcções.

SEBUU-UVA. *Veja-se* SUCU-UBA.

SECCANTE ou **Seccativo**. Que secca, que favorece a dessecação das feridas e das ulceras. Este nome foi dado a certos medicamentos adstringentes : alumen, perchlorureto de ferro, calamina, agua vegeto-mineral, etc.

SECUNDINAS. *Veja-se* PAREAS.

SEDANTE ou **Sedativo**. Synonymo de calmante. Os medicamentos *sedantes* são : opio, laudano de Sydenham, chlorhydrato de morfina, dormideiras, lactucario, etc.

SÊDE. Esta palavra designa a necessidade mais viva, mais urgente da vida, e consiste, segundo o seu gráo, em um simples desejo ou na vontade imperiosa de beber. A sêde é sempre um estado penoso; não tem, como a fome, transição agradável que corresponda ao appetite; logo que apparece quer ser satisfeita, e se se prolongar, torna-se uma das necessidades mais difficeis de supportar, um verdadeiro supplicio. Passemos em revista os principaes phenomenos da sêde no estado de saude, e no de molestia.

Sêde considerada no estado de saude. Quando a sêde existe, uma sensação de ancia e de calor na garganta se mostra como primeiro indicio; o céo da bocca, os beiços e a lingua tornão-se seccos e vermelhos, a saliva falta ou é em pequena quantidade, e de uma viscosidade notavel. A lingua, como pegada ao céo da bocca, move-se com diffculdade. Todos os movimentos proprios para a producção da voz são mais ou menos impedidos, e só se exercem com dôr. Se a sêde não é satisfeita, todos estes phenomenos persistem e aggravão-se : o rosto anima-se, a pelle parece secca e quente, a ourina é vermelha e pouca, o pulso e a respiração accelerão-se. E se a penuria completa das bebidas se prolongar, e não existir, além d'isto, algum outro meio de humectação, manifesta-se uma anxiedade insupportavel, delirio mais ou menos

furioso, e a morte vem emfim terminar este estado de soffrimento. Sobrevem, além d'isto, muito mais promptamente do que quando resulta da inanição, ou da fome prolongada com excesso.

Sêde no estado de molestia. A sêde augmenta na maior parte das inflammações e febres; sendo de intensidade moderada, caracteriza o primeiro periodo das molestias agudas, e coincide com a diminuição ou a falta de quasi todas as secreções naturaes. Este estado não tem nada de grave, e até tem a vantagem de obrigar os doentes a usarem das bebidas refrigerantes, que lhes são mui salutaes, e a sua pouca intensidade permite em geral que se agoure bem da terminação das affecções graves que produzem assaz ordinariamente a sêde excessiva. A sêde grande é de prognostico grave se andar ligada com a seccura da bocca e dos beiços, e se fôr acompanhada de delirio. Quando persiste, em consequencia de uma molestia, indica que a cura ainda não está completa, e que a pessoa está ameaçada de recahida. A falta de sêde observa-se ordinariamente no estado de fraqueza, no escorbuto, nas escrophulas, paralysisa e muitas outras molestias chronicas.

Regimen da sêde. O character extremamente variavel d'esta necessidade, no estado de saude, não permite estabelecer de uma maneira absoluta a quantidade de bebida que pôde reclamar todos os dias. Raras vezes esta sensação nos engana, e raras vezes é preciso resistir á sua impulsão. Deve-se, sobretudo, beber comendo, e é ao mesmo tempo util e agradavel misturar os alimentos solidos com as bebidas. Este meio é mais seguro para preparar uma digestão prompta e facil, especialmente nas pessoas que tem muita fome, e comem com muita pressa.

As qualidades particulares das bebidas e a sua temperatura tornão-n'as mais ou menos proprias a estancar a sêde e a prevenir a sua frequencia. As que convem melhor são: a agua pura ou levemente acidulada, ou agua misturada com pequena quantidade de vinho ou de aguardente.

É quasi sempre perigoso não satisfazer a sêde dos doentes. A sêde intoleravel de alguns hydropicos, dos que são affectados de febres graves ou de inflammações organicas, deve sempre ser satisfeita, seja qual fôr a sua intensidade.

A necessidade de beber liquidos frios é um instincto indicado pela sêde. A repugnancia dos doentes para as bebidas quentes ou mornas é racional; a excitação que ellas produzem augmenta a febre. E, apezar dos preconceitos, declaro que não conheço exemplo, mesmo nos defluxos, nas pneumonias, nos sarampos, na escarlantina e em outras febres eruptivas, em que a agua fria, dada como bebida, tenha feito mal ao doente.

SEDENHO. O sedenho é uma especie de fonte muito menos usada em cirurgia hoje do que d'antes; mas que, posto na nuca, é ainda ás vezes empregado contra as molestias dos olhos, graves e renitentes, ou contra as molestias persistentes da cabeça. Consiste na presença de uma mecha de algodão, que se introduz sob a pelle, e que entretém uma suppuração no espaço occupado por este corpo estranho. O primeiro curativo do sedenho só se faz quando a suppuração está bem estabelecida; o que tem lugar no quarto dia; os curativos seguintes repetem-se todos os dias: consistem elles em introduzir na ferida uma nova porção de mecha, previamente untada com azeite ou ceroto, e em cortar a porção que servia desde o curativo precedente. Os fios applicados sobre as duas aberturas que formão a entrada e a sahida do sedenho, um pequeno chumaço e uma atadura com que se envolve o pescoço, completa o apparelho. Quando a mecha se vai acabando, ajunta-se uma nova á extremidade d'esta, tendo o cuidado de tornar tão pouco saliente, quanto seja possivel, o ponto de junccão, para que a passagem da mecha nova não seja mais dolorosa que a da precedente.

Acontece, ás vezes, sobretudo nos primeiros dias, que a pelle furada pelo sedenho se inflamma: lavatorios com decoçção de raiz de althea e cataplasmas de linhaça acalmão esta inflammação; se se tornar mui viva, e degenerar em erysipela deve-se tirar a mecha do sedenho. Quando o sedenho é antigo e a suppuração diminue, pôde-se excitar, untando a mecha com pomadas irritantes, taes como o unguento basilicão. Quando chega o momento de supprimir o sedenho, corta-se a mecha mui perto de uma das aberturas, tira-se para fóra e faz-se o curativo com fios seccos.

O sedenho é um remedio doloroso e incommodo; as crianças, as mulheres, os individuos delicados e nervosos supportão-n'õ difficilmente. Em muitos casos um caustico, e sobretudo uma fonte, podem substitui-lo com vantagem.

SEDLITZ (Agua de). *Veja-se* vol. I, pag. 58.

SEGURELHA DAS HORTAS. *Satureia hortensis*, Lin. Labiadas. Pequena planta, cultivada nas hortas de Portugal; de cheiro fragrante, sabor aromatico, calefaciente, um tanto amargo. As folhas empregão-se como tempero; e entrão na composiçção do alcoolato vulnerario.

SEIOS. Os seios são dois orgãos, quasi hemisphericos, situados nas partes lateraes e anteriores do peito. Tem por fim preparar o leite nas mulheres sómente, e por isso n'ellas o seu volume é mais consideravel do que nos homens. Durante a gravidez e a amamentação, adquirem mui grande volume.

MOLESTIAS DOS SEIOS.

Abcesso ou Postema. Collecção de pus no seio. *Veja-se* vol. I, pag. 12.

Canero do seio. *Veja-se* vol. I, pag. 460.

Contusão do seio. *Veja-se* vol. I, pag. 688.

Ecchymose espontanea. Mancha livida ou preta que resulta da extravasação do sangue no tecido subcutaneo do seio. A ecchymose é ordinariamente a consequencia de uma contusão, mas pôde tambem sobrevir espontaneamente nas jovens chloroticas, na epoca dos menstros, ou nas senhoras que se aproximão da idade critica. Consiste em uma mancha mais ou menos extensa, sem engurgitamento do seio. Às vezes, entretanto, coincide com um augmento de volume do seio. Ora o tumor é indolente, ora existe uma dôr bastante viva que se prolonga á face interna do braço. Esta affecção é pouco grave : desaparece pouco a pouco espontaneamente como veio.

Eczema da areola do bico do peito. Pequenas vesiculas mui conchegadas umas ás outras, que terminão pela resorpção do liquido que contém ou por excoriações superficiaes. Persistem ás vezes por muito tempo. Curão-se com cataplasmas de fecula, e outros meios indicados no ECZEMA EM GERAL, vol. I, pag. 881.

Engurgitamento do seio. 1º *Engurgitamento lacteo.* Observa-se nas amas. A transição subita do calor ao frio, a secreção abundante do leite, intervallos mui longos entre os momentos da lactação, eis as principaes causas do engurgitamento lacteo. O leite, que estende o seio, dá-lhe maior volume; o seio torna-se duro, e apresenta elevações de espaço em espaço: A pelle não fica corada, e, ás vezes, está mais pallida do que no estado normal. Ha dôres vivas, e ás vezes alguma febre. Este engurgitamento pôde desaparecer espontaneamente, ou tornar-se causa de verdadeira inflamação. Quando um só seio está engurgitado, dá-se o outro á criança, e densengurgita-se o seio doente pela bocca de um cachorrinho, ou por meio de uma ventosa especial. Applique-se no seio affectado algodão em rama. Se tudo isto não aproveitar, fação-se fricções com oleo camphorado.

2º *Engurgitamentos indolentes dos seios.* Dá-se este nome ao augmento do seio com perda de uma parte da flexibilidade e da extensibilidade dos tecidos, sem coexistencia de nenhuma producção heterogenea. Ha d'elles diversas especies :

a. *Engurgitamento physiologico.* Observa-se nas senhoras jovens, nas donzellas, nas epocas proximas da menstruação, e no principio da gravidez. Esta variedade é caracterizada por augmento de

volume, de densidade, de sensibilidade do seio, tudo acompanhado da proeminencia do bico do peito que se torna mais corado. Todos estes phenomenos tem curta duração; desaparecem no espaço de alguns dias ou de algumas horas.

b. Engurgitamento simples. É consequencia de pancadas no seio, de quedas sobre esta região, da irritação de qualquer especie dirigida sobre o mesmo orgão, da gravidez, do aleitamento, da menstruação irregular. É parcial ou diffuso.

O engurgitamento parcial apresenta-se sob a fórma de um caroço ou de uma dureza, que apparece já na superficie da pelle, já no interior do seio; a pelle que cobre a parte doente pôde ser normal, ou estar mais ou menos grossa. Combate-se o engurgitamento parcial com cataplasmas de linhaça ou de fecula, pela applicação de *emplasto de sabão*, e pelas fricções com pomada de iodureto de potassio. Eis-aqui as receitas :

1^a *Emplasto de sabão.*

Emplasto simples.	200 grammas
Cera branca..	10 grammas
Sabão branco..	12 1/2 grammas.

Derreta o emplasto com a cera, ajunte o sabão previamente cortado em pedacinhos ou raspado, e incorpore mexendo.

2^a Pomada de iodureto de potassio. 30 grammas (1 onça).

O engurgitamento diffuso é de ordinario consequencia do aleitamento. Combate-se pelos meios que acabei de indicar contra o engurgitamento parcial, associados aos purgantes.

Erysipela do seio. Esta molestia é ordinariamente precedida de calefrios, e caracterizada pela vermelhidão e grande volume que os seios adquirem. Ao mesmo tempo inchão as glandulas do sobaco. Existe febre, fastio; ás vezes nauseas e vomitos.

O *tratamento* da erysipela do seio é semelhante ao que se applica nas erysipelas das outras regiões do corpo. No periodo do frio é preciso aquecer a doente com chá de sabugueiro ou chá da India; depois administrar 5 centigrammas (1 grão) de emetico n'uma chicara d'agua morna ou fria para provocar vomitos; e untar o seio com oleo camphorado. É tambem essencial que o seio esteja convenientemente sustido, por meio de um lenço que se passa em roda do pescoço, e que a mulher se deite do lado opposto. Pôde-se continuar a dar de mamar. Se ao cabo de tres ou quatro dias, a erysipela não diminuir, pôde acontecer que a inflammiação se propague aos tecidos mais profundos e forme uma postema. *Veja-se* mais adiante INFLAMMAÇÃO DOS SEIOS; e ERYSIPELA, vol. I, pag. 962.

Feridas do seio. *Veja-se* vol. I, pag. 1104.

Fistulas do seio. *Veja-se* vol. I, pag. 1148.

Hypertrophia do seio. Desenvolvimento exagerado do parenchyma do seio. Esta hypertrophia não é precedida de dôr nem desarranjo nas grandes funcções. Os seios desenvolvem-se, a ponto de que o augmento se torna notavel diariamente; pôde ser tal o desenvolvimento que a uma menina de quinze annos podem-lhe chegar os seios até ao ventre. Compulsando os annaes da sciencia, encontrão-se muitos factos d'este genero.

Para obstar ao crescimento disforme dos seios, forão empregados muitos medicamentos. D'entre todos é o iodo que produz os melhores effeitos. Administra-se internamente sob a fórma de *tintura*, na dóse de 4 a 20 gottas, progressivamente, duas vezes por dia, em meio copo d'agua assucarada; e externamente, em fricções, com a pomada de iodureto de potassio. Estes meios devem ser auxiliados pela compressão exercida sobre os seios com collete ou atadura. Eis-aqui as receitas :

1º Tintura de iodo. 15 grammas (1/2 onça).

2º Pomada de iodureto de potassio. 60 grammas (2 onças).

Inflammação do seio ou Mastite. A inflammação dos seios manifesta-se mais frequentemente nas senhoras recém-paridas, ás vezes durante a amamentação ou na epoca da desmamação. Esta molestia declara-se de ordinario no quarto ou quinto dia depois do parto; ás vezes depois. No maior numero de casos, não ataca senão um seio; em algumas circumstancias ambos adoecem ao mesmo tempo; a inchação pôde passar de um seio a outro. Distingue-se esta inflammação da erysipela, em ser a inchação subcutanea na mastite; superficial na erysipela.

Os *symptomas* da inflammação dos seios são os seguintes : estes orgãos augmentão pouco a pouco de volume, tornão-se duros, dolorosos; adquirem um volume ás vezes mui grande, e tornão-se vermelhos : a dôr é pungente; e manifesta-se febre, com intensidade proporcionada ao engurgitamento. O rosto fica corado, a mulher sente dôr de cabeça mui viva. A excreção do leite é frequentemente supprimida ou quasi nulla; ás vezes o bico do peito fica achatado e apenas visivel. A febre é ás vezes tão forte, que causa o delirio.

Marcha e terminações. A inflammação do seio termina por via de *resolução*, por *suppuração*, ou por um *engurgitamento chronico*. Quando a inchação é pouco intensa, e a mulher segue um tratamento apropriado, não é raro ver esta affecção resolver-se. Esta terminação, que é a mais feliz de todas, annuncia-se a principio pela diminuição, e logo depois pelo desapparecimento dos *symptomas* inflammatorios; o seio affectado torna-se molle, e volta pouco a pouco ao estado normal. — Conhece-se que se forma a *suppuração*,

pela persistencia ou pelo augmento dos symptomas inflammatorios. O seio doente augmenta progressivamente de volume : picadas, dôres latejantes; isto é, dôres semelhantes a picadas de alfinete, manifestão-se no orgão; a doente experimenta calefrios vagos e irregulares; uma fluctuação mais ou menos sensivel não deixa duvida alguma sobre a formação de um abcesso. — Emfim, a inflammação dos seios pôde terminar por endurecimento, que consiste em um tumor duro, indolente ou pouco doloroso, que se desenvolve no seio.

Tratamento. Deve-se fazer quanto seja possivel para prevenir a suppuração, porque as consequencias d'esta são sempre desagradaveis. Appliquem-se no seio cataplasmas de linhaça ou de fecula. Convem que a doente fique em repouso e deitada; é necessario que observe uma dieta severa, e faça uso de bebidas diluentes, como cozimento de cevada ou de arroz acidulado com sumo de limão. É essencial que o seio esteja brandamente sustido por meio de uma toalha. Administre-se tambem um brando purgante, como uma garrafa de limonada de citrato de magnesia, 45 gram. (1/2 onça) de oleo de ricino, ou 60 grammas (2 onças) de sulfato de magnesia dissolvido em um copo d'agua.

Acontece assaz frequentemente que, apezar d'este tratamento, a inflammação encaminha-se para a suppuração. Cataplasmas de farinha de linhaça ou de fecula são ainda o unico remedio de que se deve lançar mão; e é preciso continua-las, ainda quando a suppuração esteja estabelecida. Logo que o abcesso estiver maduro convem abri-lo com lanceta. Sendo superficial, a mulher pôde continuar a dar de mamar; se occupar o interior da glandula mamaria, deve cessar-se a amamentação, para a criança não mamar um leite misturado com pus. *Veja-se* ABCESSO DO SEIO, v. I, p. 12.

Chegamos emfim aos meios que se devem empregar na ultima das terminações, o *endurecimento*. Este tumor é frequentemente confundido com o scirrho, e é effectivamente difficil o dizer-se, em muitos casos, para o seio como para outras glandulas, onde termina o engurgitamento simples, e onde principia a degenerescencia cancerosa; assim, muitas pessoas pretendem haver curado scirrhos que não erão outra cousa mais que engurgitamentos chronicos. Estes engurgitamentos reclamão cataplasmas feitas com farinha de trigo e vinho tinto, fricções com pomada de iodureto de potassio, e emplastos de cicuta. Eis-aqui as receitas :

1º Pomada de iodureto de potassio. 30 grammas (1 onça).

2º Emplasto de cicuta do tamanho que possa cobrir o tumor.

Kystos do seio. Chama-se *kysto* uma especie de sacco, sem abertura, de ordinario membranoso, que se desenvolve acciden-

talmente nos órgãos. Os kystos do seio podem conter ora um liquido seroso, limpidos; ora sanguineo, ora de consistencia mucilaginosa de côr amarella. Ás vezes estes tumores contêm corpos particulares, esbranquiçados, que se julgão vivos, e que se chamão hydatidas; estes são os *kystos hydaticos*. Os kystos podem ser *uniloculares* ou *multiloculares*; estes tem muitos compartimentos, aquelles compõem-se de uma só cavidade.

Causas. São : violencias exteriores, e desarranjos nas funcções menstruaes. Os kystos sanguineos resultão ordinariamente do deramamento accidental ou espontaneo de sangue no interior da glandula mamaria. Quanto aos kystos hydaticos, é mui difficil determinar-lhes as causas.

Symptomas. A principio sente-se um pequeno tumor duro, move-diço, não doloroso. Mais tarde o tumor augmenta de volume mais ou menos rapidamente, e torna-se fluctuante. A superficie dos kystos uniloculares é lisa. Quando o kysto é multilocular, o tumor apresenta relevos desiguaes. Os tecidos vizinhos tornão-se duros; o seio faz-se pesado; a pelle conserva ao principio a côr natural, mas acaba por tomar uma côr rosea mais ou menos escura. No maior numero de casos, estes tumores não occasionão dôr, nem produzem desarranjo algum nas funcções. Quando influem sobre a localidade ou sobre o organismo, é só como os corpos estranhos; pelo que as doentes não se queixão d'estes tumores senão quando elles tem adquirido certo desenvolvimento. Os kystos hydaticos são os unicos cujo desenvolvimento se opera de ordinario com certa rapidez; podem, com effeito, em menos de um anno, adquirir o peso de muitas libras. Quanto mais os kystos são superficiaes, tanto menos o diagnostico offerece difficuldades, porque a fluctuação está então mais evidente. A consistencia do liquido, a espessura e a dureza das paredes, podem escurecer o diagnostico, tornando difficil ou mesmo impossivel a percepção do movimento do liquido. A rapidez do desenvolvimento d'estes tumores, o grande volume que podem adquirir, tudo isto deve tambem ser tomado em consideração. Além d'isto, a ausencia das dôres e de accidentes geraes, distinguem o kysto do scirrho do seio. Nos casos absolutamente duvidosos, uma punção com trocate fino pôde tirar todas as duvidas.

Prognostico. Os kystos do seio não são graves por si mesmos; mas como podem incommodar por seu volume ou peso, alterar mecanicamente as regiões e os órgãos vizinhos, é necessario muitas vezes extrahi-los.

Tratamento. Os medicamentos interiores e as applicações locaes, taes como a pomada de iodureto de potassio, a compressão, os

causticos, etc., não tem, em geral, influencia sobre os kystos; é preciso, por conseguinte, recorrer a uma operação cirurgica. Os kystos podem ser tratados como o hydrocele, pela punção simples, incisão, injeção irritante, pelo sedenho, emfim pela extirpação. Um cirurgião prudente deve empregar estes meios na ordem aqui indicada. Bem que a extirpação nunca seja uma operação essencialmente grave, quando se pratica para um tumor que não tem relações com as funções principaes do organismo, comtudo é melhor proceder lentamente, e não chegar á ablação do kysto, senão depois de ensaiados os primeiros meios, que tem por fim esvaziar o tumor, ou provocar a adhesão das suas paredes e por conseguinte a sua obliteração. — Quando o kysto não incommoda não se lhe deve tocar. *Veja-se* vol. II, pag. 241.

Lipoma do seio. Tumor gorduroso do seio. Não differe dos lipomas das outras regiões (*veja-se* vol. II, pag. 295). Conhece-se pela molleza; a saude geral é excellente. A marcha excessivamente lenta do tumor e a ausencia da dureza impedem que se confundã com o tumor canceroso ou adenoide. — Esta affecção não apresenta gravidade alguma. Não ha applicações externas nem medicamentos internos que possam fazer desaparecer estes tumores; podem sem inconveniente ser abandonados a si mesmos; e não se deve recorrer á extirpação senão quando incommodão pelo seu volume. *Veja-se* vol. II, pag. 295.

Nevralgia do seio. *Veja-se* vol. II, pag. 473.

Nevroma do seio. Os nevromas do seio são pequenas nodosidades duras que existem debaixo da pelle ou no interior do seio, principalmente do lado da axilla; occasionão dôres vivas, lancinantes, que se manifestão em tôdas as direcções. Estas dôres apparecem por accessos, desaparecem ás vezes espontaneamente para voltarem ao menor contacto, pela menor pressão, e mesmo sem causa apreciavel.

Tratamento. Consiste em applicações de cataplasmas de linhaça, simples ou regadas com laudano de Sydenham, e em unccões, de manhã e á noite, com o linimento seguinte :

Chloroformio	.	2 grammas
Glycerina		15 grammas.

Se este tratamento não acalmar as dôres, é preciso fazer a extracção do pequeno tumor. *Veja-se* vol. II, pag. 475.

Postema do seio. *Veja-se* vol. I, pag. 12.

Rachas do seio. *Veja-se* vol. I, pag. 352.

Scirrho e cancro do seio. *Veja-se* vol. I, pag 460.

Tumores do seio. Os tumores do seio são muito frequentes; as senhoras, que são affectadas d'elles, ficão muito inquietas.

Existem com effeito, tumores de extrema gravidade, que deteriorão a economia inteira; são os *tumores cancerosos* ou *malignos*; outros, que são muito mais numerosos, e que apresentam caracteres oppostos, não apresentam perigo algum; nem influem sobre a saude geral; chamão-se benignos; são: *engurgitamentos do seio*; *hypertrophias*; *kystos*; *lipomas*; *nevromas*; *tumores adenoides*, *calcareaos*, *lacteos*, *tuberculosos*.

I. ENGURGITAMENTOS DO SEIO. *Veja-se* vol. II, pag. 940.

II. HYPERTROPHIA DO SEIO. *Veja-se* vol. II, pag. 942.

III. KYSTOS DO SEIO. *Veja-se* vol. II, pag. 943.

IV. LIPOMAS DO SEIO. *Veja-se* vol. II, pag. 945.

V. NEVROMAS DO SEIO. *Veja-se* vol. II, pag. 945.

VI. TUMORES ADENOIDES; ADENOMOS; OU TUMORES FIBROSOS DO SEIO. Dá-se este nome a tumores pequenos, mas susceptíveis de tomar crescimento, formados, a principio, pela *hypertrophia parcial da glandula mamaria*. A denominação de *adenoides* provém das palavras gregas *aden* glandula, e *idos* fórma, porque lembra a semelhança d'estes tumores com o tecido das glandulas. O nome de *fibrosos*, que lhes dão outros autores, procede da sua textura firme, formada pela reunião do elemento anatomico, comprido e delgado, chamado *fibra*. Mostrão-se debaixo da fórma de pequenas massas, as mais das vezes unicas, ás vezes multiplas, cujo volume varia entre o de uma avelã e o de um ovo; já se tem observado alguns mais consideraveis. São mais ou menos arredondados. Ao desenvolverem-se, afastão os tecidos são, sem destrui-los e sem contrahir adherencias com elles. Ás vezes achou-se um pequeno pediculo ligando o tumor á glandula mamaria, o que indica que o tumor não é outra cousa senão um lobo hypertrophiado que se separou insensivelmente do seio, e que o pediculo representa um conducto lacteo mais ou menos alterado. Exteriormente estes tumores apresentam o aspecto dos tumores fibrosos; quando são menos duros e menos regulares, tem a apparencia dos tumores malignos; mas não dão *succo canceroso*, lactescente, quando, depois de cortados, se lhes raspa a superficie. Quando o adenomo é volumoso, a sua superficie torna-se desigual; apresenta lobos separados por tecido cellular; fica mais molle; ás vezes, quando é antigo, contém *kystos* no interior; outros são duros, e como fibro-cartilaginosos.

Causas. As mais das vezes a causa d'estes tumores não se pôde indicar. A maior parte das doentes accusão uma contusão. Estes tumores mostrão-se ordinariamente antes da idade de quarenta annos. São mais frequentes nas senhoras que não tiverão filhos.

Symptomas. O começo é lento, insensivel; as mais das vezes, o

tumor tem adquirido certo volume quando a mulher conhece a sua presença levando, por acaso, a mão ao seio. É raro que estes tumores sejam dolorosos, mesmo quando comprimidos; todavia, dôres vivas podem existir ás vezes, como nos tumores malignos. Acontece, que nas epochas menstruaes o tumor augmenta de volume e apresenta certo gráo de sensibilidade. A pelle é normal; o tumor occupa um dos lados do seio, de ordinario a parte superior e externa; parece arredondado. Applicando a mão, verifica-se que o tumor *não contrahe adherencias* com a parede do peito. Em alguns casos notou-se a adherencia do bico do peito. Pela palpação conhecem-se as proeminencias sobre o tumor. Comprimindo-o lateralmente pôde-se fazer escorrer pelo bico do peito um liquido sero-sanguinolento como no cancro. No começo o tumor é duro e elastico: mais tarde pôde apresentar alguma molleza, em consequencia do amollecimento central, ou da formação de kystos. Não se observa nem engurgitamento dos ganglios axillares, nem febre ou outros symptomas geraes que se manifestão no cancro.

Marcha, duração, terminações. A marcha dos tumores adenoides é lenta. Ficão de ordinario estacionarios durante dez, quinze annos, durante toda a vida; ás vezes, porém, amollecem superficialmente; as veias sub-cutaneas dilatão-se, a pelle enrubece e acaba por ulcerar-se. A ulcera está limitada á pelle, as suas margens não são duras; distilla um pus abundante e fetido. Em alguns casos, a inflammação determina uma inchação das glandulas na axilla, que não se deve confundir com o engurgitamento ganglionar canceroso. A ulceração do tumor, felizmente mui rara, pôde embarçar o medico, quando se trata de declarar a natureza da molestia. Discutirei o diagnostico differencial no fim d'este artigo.

Prognostico. Não é grave, visto que o tumor é de natureza benigna, e não influe sobre a saude geral. Entretanto se o tumor tornar-se em ulcera, a doente estará exposta aos inconvenientes das largas chagas suppurantes. Admitte-se como possivel o desapparecimento espontaneo dos tumores adenoides.

Tratamento. Quando o adenomo é pequeno, e não excede o volume de uma castanha, devem fazer-se fricções de manhã e á noite com a pomada seguinte :

Iodureto de potassio.	4 grammas (1 oitava)
Iodo.	50 centigram. (10 grãos)
Banha.	30 grammas (1 onça).

Ao mesmo tempo a doente tomará uma colher *de sopa* do xarope seguinte, de manhã e á noite :

Xarope de saponaria.	300 grammas (10 onças)
Iodureto de potassio..	10 grammas (2 1/2 oitavas).

A doente terá o cuidado de manter sobre o seio uma ligadura bastante apertada.

O tumor diminue ás vezes depois de um ou dois mezes d'este tratamento; cumpre então continua-lo até á cura completa. Mas se estes meios não derem bom resultado, se o tumor continuar a fazer progressos, se se tornar em ulcera, convem fazer a extraecção. Nas circumstaneias oppostas, é preciso abster-se da operação que póde ser inutil e mesmo perigosa.

VII. TUMORES CALCAREOS. Encontrão-se ás vezes no interior do seio conereções cretaceas que se apresentam, umas debaixo da fórma de agulhas, de laminas mais ou menos frageis, outras debaixo da fórma de cascas de ovo: estas parecem consecutivas a antigos focos sanguineos ou purulentos; outras, emfim, constituem verdadeiros calculos. Estes tumores mostrão-se sem causa apreciavel; occasionão certo incommodo pelo seu peso. Podem eausar dôres muito vivas, que ás vezes augmentão nas epocas mens-truaes. A marcha d'esta affecção é extremamente lenta.

Quando estes tumores são pouco volumosos é preciso abster-se de qualquer tratamento, porque as applicações locaes e os medicamentos internos não tem effeito sobre uma semelhante affecção. Se incommodarem muito ou produzirem dôres, convem extrahi-los.

VIII. TUMORES CANCEROSOS, SCIRRHOSOS. *Veja-se* vol. I, pag. 460.

IX. TUMORES LACTEOS. Os tumores lacteos são formados pelo leite que ora infiltra-se no tecido cellular que envolve o seio, ora reune-se em um kysto. Estes parecem constituídos pela dilatação excessiva de um conducto lactifero. As paredes do kysto são lisas, cercadas do tecido glandular dilatado ou comprimido, e traspassados por pequenos buracos que não são outra cousa senão orificios dos conductos lactiferos que vem abrir-se no foco. Ás vezes encontrão-se no mesmo seio dois ou mais kystos lacteos, perfeitamente isolados em certos casos, mas que ás vezes communicão entre si por ulcerações que destruirão os septos interlobulares, de tal maneira que o tumor apresenta relevos na superficie e os focos são anfractuosos. Póde suppôr-se, que estes kystos são produzidos pela accumulacção do leite n'uma parte de um canal lactifero cujo orificio está obliterado, e que a accumulacção do leite incessantemente formado provoca o desenvolvimento do sacco kystico. Ora o sacco contém leite puro sem nenhuma especie de alteracção; ora o soro de leite está separado do caseo; outras vezes, emfim, a parte liquida está absorvida, e fica só a massa butyrosa, caseosa, que póde tornar-se dura e formar verdadeiras conereções.

Causas. Os tumores lacteos apparecem, em geral, depois do

parto, durante a amamentação, ou depois de desmamada a criança.

Symptomas. O seio apresenta n'uma parte da sua extensão uma inchação anormal, sem que a doente tenha sentido as dôres inherentes a uma inflamação. A inchação augmenta quando a criança começa a mamar. Quando o tumor contém leite, pôde-se sentir a fluctuação; mais tarde, estando a parte liquida absorvida, o tumor é molle, conserva a impressão do dedo. O kysto encerra então uma substancia meio-solida, que não é outra cousa senão caseo. A marcha d'esta affecção é muito lenta. Às vezes os tumores lacteos desaparecem espontaneamente; outras vezes a pelle abre-se, o leite escorre para fóra; estas fistulas fechão-se depois de algum tempo.

Diagnosticó. É bastante difficil reconhecer os tumores lacteos quando principião; entretanto a existencia da fluctuação, sem que se tivessem manifestado precisamente os symptomas da inflamação, pôde conduzir ao diagnosticó. Não haverá mais duvida quando uma abertura espontanea ou feita com bisturi deixar escorrer certa quantidade do leite. Quando a parte liquida do leite desaparece, o diagnosticó não pôde ser estabelecido senão segundo as circumstancias antecedentes.

Prognostico. Não é grave, mas estes tumores necessitão a supressão da amamentação.

Tratamento. É preciso desmamar a criança, e seccar o leite tomando um ou dois purgantes, e usando de bebidas refrigerantes: limonada de limão, de laranja, de tamarindos. Depois cumpre occupar-se do kysto. A punção simples seguida de uma injeção com tintura de iodo tem sido empregada; este meio pôde ter bom resultado; se mallograr, é preciso recorrer a um meio que favoreça a suppuração de toda a cavidade do kysto: a incisão para os tumores de pequeno volume; sedenho para os grandes kystos. Os tumores concretos devem ser extirpados.

X. TUMORES TUBERCULOSOS DO SEIO. São raros. Estes tumores são formados por tuberculos espalhados na espessura do tecido glandular, ou reunidos em tumores ou circumscriptos. As mais das vezes estes tumores são seguidos de abcessos. O tratamento consiste em fortificar a constituição, por um bom regimen, ar puro, banhos do mar, banhos aromaticos, e vinho de quina.

Signaes distinctivos dos tumores do seio. Supponhamos uma senhora affectada de tumor do seio; trata-se de determinar a natureza da molestia. Tres categorias de tumores podem existir no seio: um tumor *liquido*, um tumor *solido* ou um tumor *ulcerado*.

1º *Tumores líquidos*. Conhece-se um tumor liquido pela sua molleza e fluctuação. Um tumor liquido póde ser um *abcesso*, um *kysto*, um *cancro encephaloide amollecido*, um *lipoma mui molle*, um *tumor lacteo*.

Não é difficil conhecer um abcesso agudo, que sobrevem depois do parto, um kysto unilocular mui volumoso, um tumor encephaloide de grande dimensão, apresantando todos os symptomas locaes e geraes do cancro; mas ha casos em que é difficil determinar os symptomas do abcesso, sobretudo do abcesso frio, e os symptomas geraes do cancro; além d'isso, o kysto póde ser composto de muitos loculamentos e então a fluctuação não está mui evidente.

a. Reconhece-se um *abcesso*, quando não existe symptoma algum de tumores malignos, quando a pelle está um pouco quente ao nivel do tumor. A compressão determina, nos abcessos duvidosós, uma dôr bastante viva, que não se produz comprimindo os outros tumores. Se a parte culminante do tumor estiver vermelha, a vermelhidão será uniforme e desaparecerá debaixo do dedo, para tornar a apparecer depois. Para outros symptomas dos abcessos consulte-se o artigo ABCESSO DO SEIO, vol. I, pag. 12.

b. Reconhece-se um *kysto unilocular* pela ausencia de qualquer symptoma inflammatorio, de qualquer signal de tumor maligno, e pela fluctuação. O *kysto multilocular* não determina igualmente senão symptomas locaes não inflammatorios; a sua superficie apresenta relevos; mas estes relevos são lisos e arredondados; e não asperos e angulosos como os do cancro; algumas d'estas proeminencias são fluctuantes.

c. O *cancro encephaloide amollecido* não apresenta fluctuação senão na sua parte superficial; a superficie do tumor, ordinariamente um pouco vermelha, é percorrida por pequenas veias, que a pressão do dedo não faz desaparecer; na base o tumor apresenta proeminencias; muitas vezes está adherente á parede thoracica, o bico do peito está ordinariamente deprimido; as veias sub-cutaneas estão dilatadas até certa distancia. Póde-se, ás vezes, verificar o engurgitamento dos ganglios axillares, o emmagrecimento da doente e a côr livida do rosto, symptomas que indicão o começo da cachexia cancerosa. Além d'isto, investigando as circumstancias anteccedentes e o modo do desenvolvimento da molestia, não se ha de conservar mais duvida. Emfim, um trocate introduzido no tumor dará sahida ao sangue.

d. O *lipoma* é mui raro. Se existir, e se estiver um pouco fluctuante, reconhecer-se-ha pela ausencia de qualquer outro symptoma. Não é acompanhado nem de dôr, nem de inflammação, nem de proeminencias, nem de engurgitamento dos ganglios axil-

lares. Os seus limites confundem-se insensivelmente com os órgãos vizinhos. O trocate explorador não dá sahida a liquido algum.

e. O tumor lacteo, raro tambem, é difficil de reconhecer. A ausencia de qualquer symptoma inflammatorio distingue-o de um abcesso; a ausencia dos symptomas do cancro não permite que se confunda com um tumor maligno, mas tem muita analogia com um kysto unilocular. Cumpre lembrar que o tumor lacteo mostra-se sobretudo durante a amamentação ou pouco tempo depois de se desmamar a criança. Além do que, o tumor lacteo nunca attinge grandes dimensões, e é acompanhado de algumas dôres que não existem nos kystos. O trocate explorador, que é necessario empregar sempre antes de fazer qualquer operação, dará sahida ao leite.

2º *Tumores solidos*. Reconhecido um tumor solido, qual é a sua natureza? Póde ser um *tumor calcareo*, *tuberculoso*, *cartilaginoso*, uma *hypertrophia total do seio*, um *engurgitamento inflammatorio*, um *tumor adenoides*, um *tumor maligno*.

a. Os tres primeiros são mui raros. Os tumores *calcareos* são difficeis de reconhecer; são mui duros, e, ás vezes, póde-se determinar n'elles uma crepitação devida á ruptura de alguma lamina, de qualquer agulha calcarea. Por causa da sua pouca frequencia, raras vezes se pensa na possibilidáde de um tumor calcareo, quando se examina um tumor do seio. Os tumores *tuberculosos* serão reconhecidos pelos caracteres seguintes: existem as mais das vezes nas mulheres escrophulosas; são espalhados no seio, e determinão de ordinario a formação de um abcesso frio. Os tumores *cartilagosos* (*enchondromos*) são extremamente raros no seio. Estes tumores apresentam os mesmos caracteres que nas outras regiões (*veja-se ENCHONDROMO*).

b. A *hypertrophia total* do seio é facil de reconhecer; invade toda a glandula, de que o bico do peito occupa o centro. Em certos casos sentem-se os lobos augmentados de volume. Quando o seio está molle e os lobos não estão distinctos, não se deve crêr que existe um lipoma, mas sim lembrar-se de que a *hypertrophia* do seio póde existir unicamente no elemento gorduroso, que entra na constituição da glandula mammaria.

c. O *engurgitamento inflammatorio* é uma induração do tecido do seio ao redor de um foco phlegmatico que foi ou não a séde da suppuração. Basta explorar a região para estabelecer o diagnostico. O tumor é de data recente; é duro, doloroso á pressão; muitas vezes foi precedido de abcesso.

d. Os tumores *fibrosos* ou *adenoides* (*adenomos*) e os tumores malignos apresentam numerosos pontos de semelhança. Em ambos os

casos o começo é lento; podem existir dôres, um corrimento sero-sanguinolento pelo bico do peito, e uma tumefacção na epoca menstrual. O tumor, em ambos os casos, é duro e com relevos; invade um só ponto da superficie do seio. No cancro e no adenomo a pelle pôde estar adherente e avermelhada; as veias subcutaneas podem estar dilatadas. Emfim o tumor adenoide pôde vir de novo depois de extrahido. — Eis-aqui quaes são os elementos do diagnostico : 1º o *começo* do cancro faz-se com menor lentidão; 2º as *dôres* são muito mais frequentes no cancro; são lancinantes e muitas vezes não deixão dormir as doentes, phenomeno excepcional no adenomo; 3º as proeminencias do cancro são quasi sempre duras e angulosas, no adenomo são arredondadas; 4º a pelle adheire mais cedo ao tumor quando se trata do cancro, e o tumor contrahe rapidamente *adherencias* com os tecidos profundos; 5º as veias sub-cutaneas dilatão-se mais cedo e mais largamente no cancro; 6º a vermelhidão e a *lividez* da pelle do seio são mais frequentes no cancro e mostrão-se rapidamente; 7º a marcha do cancro é mais rapida que a do adenomo, que muitas vezes fica estacionario; 8º o cancro determina o engurgitamento dos ganglios axillares, o que não apparece no adenomo; 9º emfim, o cancro produz *symptomas geraes*, *côr amarella do rosto*, *emmagrecimento rapido febre*, o que não existe no adenomo.

3º *Tumores ulcerados*. Não se comprehendem debaixo d'este nome as ulcerações fistulosas que succedem a um abcesso do seio, nem casos excepcionaes da abertura de um tumor lacteo. Ha duas especies de tumores que podem tornar-se em ulceras, e que tem entre si grande analogia : são os *tumores adenoides* e os *tumores malignos*. Para distingui-los é preciso em primeiro lugar ponderar os caracteres particulares que acabei de indicar. A ulcera não é a mesma em dois casos : a ulcera cancerosa tem as margens viradas e duras; deita sangue ao menor contacto, e os restos do sangue coagulado dão-lhe *côr preta*; distilla um liquido sero-sanguinolento, fetido, liquido canceroso. A ulcera do adenomo, que aliás se observa mais raramente, é menos exuberante; de ordinario não produz hemorragias, apresenta uma verdadeira suppuração. De mais, no periodo de ulceração, os ganglios axillares estão sempre inchados no cancro, e existem já *symptomas de cachexia cancerosa*.

No adenomo ulcerado, os ganglios raras vezes estão affectados, e quando tal acontece não são numerosos; rolão debaixo do dedo e apresentam certo gráo de sensibilidade, porque são o resultado da inflammação que acompanha o adenomo. *Symptomas geraes* podem com effeito mostrar-se no adenomo ulcerado, mas não tem

nem intensidade irem analogia com os do cancro, consistem em um simples emmagrecimento.

Molestias do seio no homem. As molestias do seio observadas no homem são as mesmas que na mulher; mas são infinitamente menos frequentes, e apresentam-se ás vezes com caracteres especiaes que devem ser indicados.

O seio toma, em alguns casos, um desenvolvimento consideravel; a *hypertrophia* tem lugar especialmente nos tecidos gordurosos e fibrosos, e é acompanhada ás vezes de dôres que apresentam todos os caracteres da *neuralgia do seio*.

O *eczema do bico do peito e da areola* é mui raro no homem; combate-se pelos meios indicados no *Eczema em geral*.

Os *abscessos da região mamaria*, desenvolvem-se, quer entre o seio e as paredes do peito, quer no tecido cellular sub-cutaneo. São occasionados as mais das vezes pela contusão violenta da região; mostram-se ás vezes espontaneamente na epoca da puberdade. Comportão-se como os abscessos nas outras regiões e reclamão o mesmo tratamento.

Os *kystos*, os *tumores adenoides* são mui raros. Os *cancros* observão-se ás vezes, e apresentam os mesmos caracteres anatomicos e os mesmos symptomas que na mulher. Desenvolvem-se principalmente debaixo da fórma do scirrho.

Molestias do seio nos recém-nascidos e nas crianças mui jovens. Não é raro, nas crianças recém-nascidas, observar uma tumefacção do seio. Este phenomeno observa-se tambem nos meninos como nas meninas, o mostra-se depois da queda do cordão umbilical. O bico do peito deixa escorrer um liquido que contém todos os elementos do leite. Este estado provoca ás vezes inflammação e abscessos, que necessitão a applicação de cataplasmas de linhaça ou de fecula.

SELTZ (Agua de). *Veja-se* vol. I, pag. 63.

SELINO PALUSTRE. *Selinum palustre.* Planta que habita nos prados humidos do norte da Europa. Foi empregada, desde a mais remota antiguidade, contra a epilepsia; depois cahio em esquecimento, quando em 1806, um camponcz da Curlandia (Russia), que curava a epilepsia com esta planta, deixou subtrahir o seu segredo. Nestes ultimos annos, um medico francez preconizou-a novamente contra esta molestia. A raiz é a unica parte empregada.

Administra-se em pó, na dóse de 3 grammas (60 grãos) por dia, em tres porções. Todos os dias augmenta-se a dóse de 1 gramma, durante a primeira semana; augmenta-se de 2 gram. todos os dias durante a 2ª semana; 3 gram. durante a 3ª semana;

e assim successivamente até o doente tomar *120 grammas por semana; e continua-se esta dóse durante seis semanas.

SEMEN-CONTRA. Designa-se com este nome um medicamento que tem a apparencia de semente, e que se emprega ha muito tempo contra as lombrigas. Mas esta supposta semente não é outra cousa, quando se examina de perto, senão a reunião de pequenas flores, de destroços de folhas, de talos e de sementes que pertencem á *Artemisia contra*, Linneo, planta que habita nos arredores de Alepo, cidade da Syria. Fig. 447



Fig. 447.

Artemisia contra.

O semen-contra merece a reputação que tem como vermifugo; tem a dupla vantagem de expulsar as lombrigas que se achão no canal intestinal das crianças, e, por suas propriedades aromaticas, de fortificar o estomago. Empregase debaixo de muitas fórmas; na dóse de 1 a 4 grammas (20 grãos a 1 oitava) em infusão como chá, ou em pó misturadò com assucar, doces, etc. Do semen-contra extrahe-se uma substancia chamada *santonina*, que se apresenta em laminas brancas, sem cheiro nem sabor. Com a santonina preparão-se pastilhas, que se vendem com o nome de *Pastilhas vegetaes contra as lombrigas*; são muito efficazes, e as crianças tomão este remedio sem repugnancia.

SEMICUPIO. Veja-se vol. I, pag. 308.

SEMOLA. Pastel de farinha de trigo finissima ou de farinha de arroz em granitos, de que se fazem sopas. Chama-se *semola branca*, a que se faz com a farinha de arroz; *semola amarella*, a que se faz com a flor de trigo, á qual se ajunta tintura de açafão, coentro e gemas de ovos. A semola de Italia, e sobretudo a de Genova, é muito afamada. É empregada, como a aletria, para as sopas gordas e magras. É um alimento são, de facil digestão e que convem a todas as pessoas.

SENE. Assim se chamão as *folhas* e os fructos chamados *folliculos* de muitas especies do genero *Cassia*, que se distinguem em *Cassia obovata* (Fig. 448) e *acutifolia* (Fig. 449). São pequenos arbustos do Alto-Egypto, Arabia e Syria. A *cassia obovata* cultivase na Italia e Hespanha. O sene é um purgante constante em seus effeitos, que occupa o lugar intermedio entre os drasticos, taes como a jalapa, o aloes, e os laxantes, como o manná e o oleo de ricino. Na dóse de 4 a 12 grammas (1 a 3 oitavas), é associado quasi sempre ao manná ou ao sal de Glauber. Empregado só em infusão

em agua quente; a sua dóse é de 15 grammas (1/2 onça) para 250 grammas (8 onças) d'agua fervendo. Nunca deve ser fervido em agua, porque os seus principios purgativos alterão-se pela cocção. O sene serve para a preparação do *café purgativo*, empre-

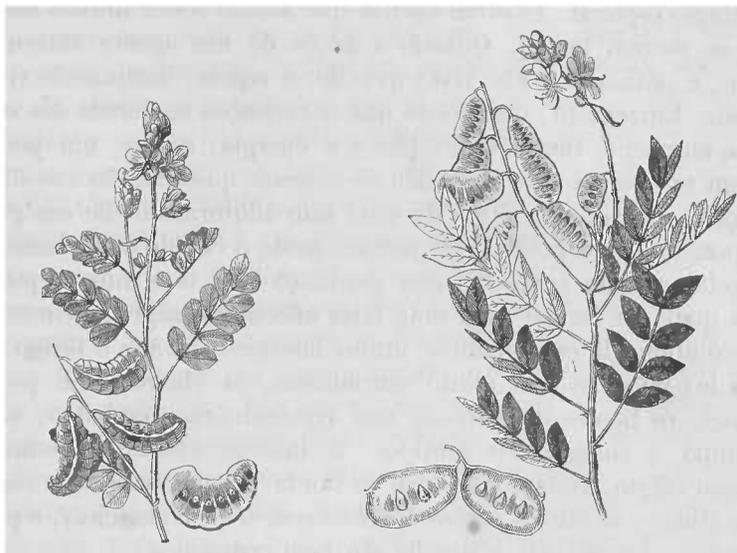


Fig. 448. — Sene.

(*Cassia obovata*)

Fig. 449. — Sene.

(*Cassia acutifolia.*)

gado para as crianças que não querem tomar um remedio sob a fórma ordinaria. Eis-aqui como se prepara esta bebida. Infundem-se 4 grammas (1 oitava) de sene em 125 grammas (4 onças) d'agua fervendo, côa-se, e prepara-se com este liquido uma chicara de café, ao qual se ajunta leite e assucar.

SENTIDOS. Os sentidos, attributo essencial dos animaes, formão uma das suas mais bellas prerogativas : são, com effeito, os instrumentos que nos põem em relação com os corpos externos; por elles é que adquirimos quasi todos os nossos conhecimentos, e é a elles que devemos, em grande parte, a intelligencia que faz do homem um ente especial. Os sentidos andão sempre em harmonia com a natureza das necessidades dos animaes, e varião com a sua organização inteira. D'entre todos é o homem que possui sentidos mais geralmente perfeitos. Se não tem tão boa vista como a aguia, se não distingue os objectos durante a noite, como os animaes destinados a perseguirem a presa nas trevas, se não tem o olfacto do cão nem o ouvido da lebre, a reu-

nião dos seus sentidos é superior á d'estes animaes, e pelo tacto deixa-os muito atraz de si.

Sendo os sentidos destinados para nos pôr em relação com o universo, segue-se d'isto que todos os corpos da natureza são capazes de excita-los; mas cada um d'elles é susceptivel de uma excitação especial. Existem corpos que actuão sobre muitos sentidos ao mesmo tempo. Quando a acção de um agente externo é nova, é ordinariamente viva; quando se repete, diminue de vivacidade. Entretanto, observa-se que a excitação moderada dos sentidos augmenta-lhes a delicadeza e a energia; assim, um pintor vê em um painel uma multidão de objectos que escapão aos olhos vulgares; porquê o sentido da vista tem adquirido n'elle um gráo de perfeição mui notavel; do mesmo modo o ouvido de um musico percebe em um concerto uma gradação de tom imperceptivel para qualquer outro; uma nota falsa affecta-o desagradavelmente. Mas o abuso de estimulantes muito energicos, como o brilho de uma luz viva, os sons muito estrondosos, os cheiros mui penetrantes, os licores espirituosos mui concentrados, embotão, com o tempo, a energia dos sentidos. A inacção absoluta produz o mesmo effeito. Toda a educação se funda n'esta observação : que os sentidos e os outros órgãos desenvolvem-se pelo exercicio, e pelo costume, quando este e aquelle são bem ordenados.

A imperfeição ou a falta de um sentido dá aos outros, por uma feliz compensação, maior delicadeza, e extensão. Quanto não se admira ao ver que o cego ouve de longe o mais leve ruido, e adquire pelo tacto e olfacto muitas noções que escapão aos outros homens? Quem não sabe que o surdo vê tudo, que adivinha até a palavra pelos simples movimentos dos beiços e da bocca, e que lê por meio de caracteres traçados sobre as suas costas, etc.

Os sentidos são cinco; cada um tem um órgão especial : o olho é o órgão da *vista*, a orelha o do *ouvido*, o nariz o do *olfato*. O *gosto* e o *tacto* não tem uma séde tão determinada; entretanto, a mão é mais ordinariamente o agente d'este, a lingua é o órgão principal d'aquelle. A perfeição dos sentidos é muito importante para o desenvolvimento da intelligencia; devemos, por consequente, empregar todo o nosso cuidado em conservar e melhorar estes preciosos instrumentos.

Cada um dos sentidos acha-se descripto n'um artigo especial. *Veja-se VISTA, OUVIDO, GOSTO, OLFATO e TACTO.*

SEQUESTRO. Porção de osso privada de vida, assim chamada por separar-se do resto do osso ainda vivo. O sequestro apparece na molestia chamada *necrose*.

SERINGA. Instrumento que serve para tomar ou dar clysteres, e fazer diversas injecções. As seringas podem ser de estanho, de borracha, de uma fazenda impermeavel, de tripa de vacca, etc. Além d'isto existem seringas com caixa em que se deita agua ou outro liquido, e que se chamão em francez *clysoir*. Ha tambem pequenas seringas de vidro que servem para injecções em que entra o azotato de prata. Se para estas injecções fossem empregadas as seringas ordinarias, serião decompostas pelo azotato de prata, e o remedio não poderia produzir o seu effeito; entretanto que o vidro não é atacado por aquella substancia. *Veja-se CLYSTER.*

SERINGATORIO. Injecção feita com seringa *V* INJECCÃO.

SERINGUEIRA. ou PÃO SERINGA. *Siphonia elastica*, Pers. Grande arvore da familia das Euphorbiaceas. Cresce em abundancia em estado silvestre nas provincias do Amazonas e Pará; encontra-se em menor escala no Maranhão, e apparece em não pequena quantidade nã Ceará e no Rio Grande do Norte; acha-se com preferencia nos lugares alagadiços. Chega a ter n'essas provincias 40 a 80 palmos (8^m,80 a 17^m,60) de altura, e 10 a 12 (2^m,20 a 2^m,64) de grossura. Tem as folhas de peciolo longo, compostas de 3 foliolos ovaes alongados, pontudos, inteiros; flores dispostas em paniculas terminaes; fructo, grande capsula composta de tres cellulas lenhosas, arredondadas; sementes arredondadas, de episperma liso, arroxeadado; a amendoa é branca, oleaginosa, de gosto agradável, e pôde comer-se sem nenhum inconveniente. D'esta amendoa extrahe-se um oleo fixo, roxo-claro, assemelhando-se á côr do vinho velho do Porto. O processo da extracção é igual ao empregado para extrahir o oleo de mamona. Serve este oleo para substituir o de linhaça, mas não é tão seccativo; misturado com a gomma copal e terebinthina, forma bom verniz, e pôde tambem ser empregado com vantagem no fabrico do sabão duro e da tinta typographica. Das incisões feitas no tronco da seringueira mana um succo esbranquiçado, que pela dessecacção constitue a substancia elastica, que recebeu os nomes de *caoutchouc*, *gomma elastica* ou *borracha*. É mais geralmente conhecida no Brasil debaixo d'este ultimo nome. *Veja-se BORRACHA.*

SERPÃO ou **Serpilho.** *Thymus serpillum*, Linneo. Labiadas. Pequena planta, cultivada nos jardins. Caules deitados e delgados, folhas pequenas, flores purpureas e cheirosas. As abelhas procurão muito o seu succo. Emprega-se em banhos aromaticos, como estimulante.

SERPENTARIA DE VIRGINIA. *Aristolochia serpentaria*. Willdenow. Aristolochias. Planta da Carolina e da Virginia.

Fig. 450. A raiz é empregada em medicina. Esta raiz compõe-se de um tronco commum delgado, de que partem numerosas fibri-lhas longas, entrelaçadas, ramosas, de côr fusca; cheiro aroma-tico. camphorado; sabor quente e amargo.

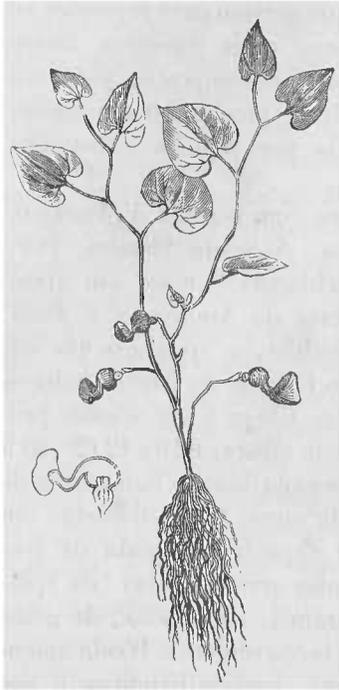


Fig. 450.

Serpentaria de Virginia.

A raiz da serpentaria de Virginia é um excitante energico. Emprega-se nas molestias caracterizadas pela debilidade. Usa-se sob a fórmula de infusão, que se prepara com 4 gram. (1 oitava) de raiz de serpentaria e 120 gram. (4 onças) d'agua fervendo.

SERRALHA. *Sonchus levis*, Velloso. Planta do Brasil, da familia das Chicoraceas. Come-se cozida, e o seu cozimento usa-se como desobstruente e depurativo. 15 grammas (1/2 onça) para 500 gram. (16 onças) d'agua.

SERRALHINHA. *Sonchus oleraceus minor*. Planta annual do Brasil; habita no Pará, Maranhão, etc. Aperiente, diuretica, empregada contra a inflamação do figado e dos rins, internamente em cozimento, na dóse de 15 grammas (1/2 onça) para 500 gram. (16 onç.) d'agua.

SEZÕES. Veja-se FEBRE INTERMITTENTE.

SIBA ou **Chóco.** *Sepia officinalis*, Linneq. Fig. 451. Mollusco cephalopodo abundante nas costas do Oceano. A especie mais conhecida tem mais de 35 centimetros de comprimento; corpo oval, largo, deprimido, pardo, com pontos purpureos. A bocca contém dois queixos corneos de côr preta, e encurvados como o bico do papagaio (Fig 451, a a'), e tão fortes que desfaz com elles os mariscos com que se alimenta; os olhos, que são tamanhos como os de um novillo, estão mui fundos, rodeados de muitos circulos prateados, e são mui proeminentes. Este mollusco tem 8 tentaculos que lhe servem para reter os objectos que quer agarrar; tem, além d'isso, dois palpos que são ainda quatro vezes maiores. Tem perto do figado um sacco cheio de um liquido preto que elle espalha quando se acha em perigo; para turvar a agua; este liquido emprega-se como tinta na pintura chamada *aguada*,

e é conhecido debaixo do nome de *sepia*. Não entra na composição da *tinta da China*, como se julgou por muito tempo : esta prepara-se com pós de sapatos e gomme aromatizada. Existe no interior da siba e na região dorsal um corpo solido, denominado *osso de siba* (Fig. 451, *b b'*); é elliptico com a fôrma de uma barquinha,

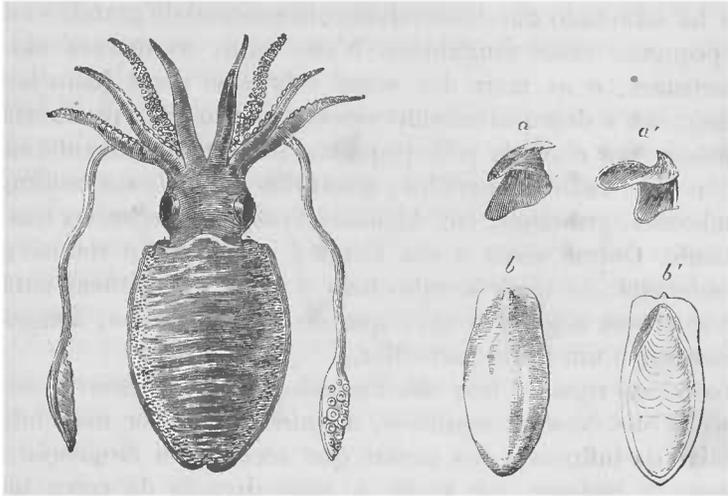


Fig. 451. — Siba ou Chóco.

poroso e leve; é formado de laminas esponjosas, e compõe-se de carbonato e vestígios de phosphato de cal. O osso de siba é empregado pelos ourives para limpar a prata; costuma pendurar-se na gaiola dos canarios, para n'elle aguçarem o bico. Reduzido a pó usa-se como dentifricio.

SIGNAL DE NASCENÇA. Assim se chamão certas marcas ou tumores que se achão em differentes partes do corpo da criança no momento do nascimento, e que persistem geralmente durante a vida. Dá-se-lhes tambem o nome de *naevi materni*. Uma opinião geral attribue estas marcas a impressões experimentadas pela mãe durante a gravidez; muitas pessoas achão n'estas marcas semelhanças com os objectos que fizeram grande abalo no animo da mãe ou attrahirão fortemente a sua attenção. Sem rejeitar inteiramente esta hypothese, convem notar que não está fundada em numero sufficiente de factos authenticos para ser admittida definitivamente.

Os signaes de nascença formão duas classes; na primeira, as marcas não excedem o nivel da pelle, e consistem unicamente n uma alteração do pigmento ou materia corante da pelle : taes são as manchas roxas, amarellas ou pretas que se observão fre-

quentemente em diferentes partes do corpo. Não occasionão dôr nem comichão, nem apresentão perigo, desapparecem ás vezes espontaneamente, mas durão de ordinario todá a vida. A sua fôrma e largura são mui variavcis; são ás vezes regulares e tem analogia com certos objectos usaes.

Na segunda classe, não existe sómente alteração do pigmento, mas ha sobretudo um desenvolvimento anormal de grande numero de pequenos vasos sanguineos. N'este caso, as marcas são ora superficiaes, e as mais das vezes rubras ou roxas (manchas de vinho); ora o desenvolvimento vascular sendo mais pronunciado, formão-se por cima da pelle pequenos tumores de tamanho variavel, e que forão comparados, quanto ao aspecto, aos morangos, framboezas, groselhas, etc. Algumas d'estas excrescencias tem um pediculo. Outras vezes a sua fôrma é irregular e o volume mais consideravel; ás vezes occupão todo o rosto; constituem então o que se chama *tumores erectis*; quando são volumosos, apresentão pulsações, e um ruido particular.

Todos os *signaes*, que são formados por um desenvolvimento anormal dos vasos sanguineos, adquirem uma côr mais intensa debaixo da influencia das causas que accelerão a circulação; um excesso de regimen, um susto, a approximação da epoca menstrual produzem este effcito. As pequenas marcas em fôrma de lentilhas, algum tanto procmintes e cobertas de pellos, pertencem, as mais das vezes, á segunda classe; em sendo irritadas, podem inchar, tornar-se dolorosas e occasionar comichão. A esta mesma classe pertencem tambem as largas manchas roxas, cobertas de pellos, que algum as vezesse podem observar nas faces de alguns individuos.

O *tratamento* dos signaes de nascença é quasi nullo; a ablação com bisturí ou por meio das substancias causticas, seria, a dizer verdade, um meio de destrui-los, mas por causa da cicatriz o remedio seria peor que o mal. A compressão póde ser empregada sem inconveniente, e mesmo com vantagem, como se póde julgar pelo facto seguinte referido pelo Dr. Roux, lente da Faculdade de medicina de Pariz :

« Um dos meus filhos nasceo com uma mancha vermelha na região temporal direita, immediatamente por fóra e um pouco por cima do angulo externo das palpebras : esta mancha tinha o tamanho da unha do dedo pollegar. Como ella occupava uma parte sobre a qual se póde facilmente fixar um apparelho compressivo, a criança tinha apenas dois mezes quando principiiei a fazer-lhe usar de uma pequena funda elastica por meio da qual uma almo-fadinha applicada sobre a pelle comprimia brandamente a mancha.

Esta funda, que foi necessario reformar muitas vezes, á medida que a cabeça da criança adquiria maior volume, estava continuamente applicada durante o dia; tirava-se de noite. A criança trouxe-a assim durante tres annos sem interrupção. Ao cabo d'este tempo, a mancha desapareceu tão completamente quanto se podia desejar. Durante muito tempo ficou uma zona violacea apenas visivel, que acabou por desaparecer inteiramente. »

Quanto aos signaes de nascença que consistem em tumores erectis, veja-se TUMORES ERECTIS.

SILICA. Oxydo de silicio, considerado geralmente como acido e chamado por conseguinte acido silicico. A silica acha-se abundantemente espalhada na natureza; forma a base de todas as pedras que pelo choque dão fogo. Apresenta-se, quando pura, debaixo da fórma de um pó branco, fino, sem sabor nem cheiro, aspero, de peso específico 2,66, quasi insolúvel na agua, fusível com os acidos phosphorico e borico, solúvel no acido fluorhydrico mesmo gazoso. — Obtem-se fazendo derreter n'um cadinho areia com potassa solida: a massa deitada na agua constitue o *licor dos calhões* ou *vidro liquido*. Tratando este licor por um acido, a silica precipita-se sob a fórma de gelea, e basta lava-la e secca-la para obtê-la pura. Serve para filtrar agua, limpar as superficies metallicas, fabricar almofarizes, cimentos, vidro e louça.

SILICATO DE POTASSA.

Veja-se vol. II, pag. 748.

SILVA MACHA. Veja-se ROSA DE CÃO.

SIMARUBA. *Simaruba officinalis*, De Candolle. Rutaceas-simarubeas. Arvore que habita na Guyana, e no Pará, onde lhe chamão *maruba*.

Fig. 452. Tem 60 pés de altura; casca espessa, branca, leve e porosa no interior; lenho esbranquiçado, fibroso, leve, folhas aladas, formadas de foliolos alternos, quasi sesseis, oblongos; flores dispostas em paniculas ramosas; fructo composto de cinco capsulas drupaceas, separadas umas das outras, tendo quasi a fórma e o volume de uma azeitona. As raizes são mui grossas e estendem-se ao longe, perto da superficie da terra, que as deixa frequentemente meio-descobertas. É a casca d'estas raizes que se tira para a fazer seccar e entregar ao commercio, em pedaços

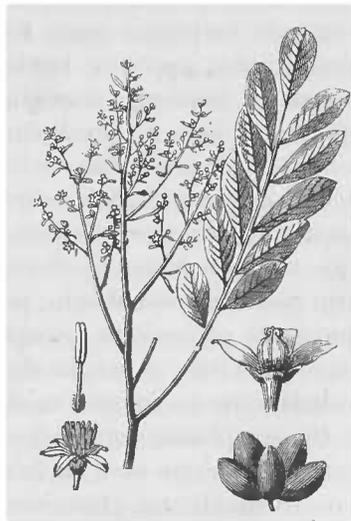


Fig. 452. — Simaruba.

que se tira para a fazer seccar e entregar ao commercio, em pedaços

compridos de mais de 1 metro, dobrados sobre si mesmos, de côr cinzenta esbranquiçada, leve, sem consistencia : é muita amarga, febrifuga e anti-dysenterica. Emprega-se em medicina sob a fórma de macerato em agua fria, que se prepara deixando de maceração 4 grammas (1 oitava) de simaruba em 500 grammas (16 onças) d'agua fria, e coando o liquido.

SINAPISMO. Cataplasma feita com farinha de mostarda e agua, e que se applica sobre alguma parte do corpo para produzir uma rubefacção.

Para preparar o sinapismo, humedece-se a farinha de mostarda com agua morna ou fria até que fique de consistencia molle; estende-se depois sobre um panno, dobrão-se as margens d'este, e o sinapismo, assim feito, applica-se a nú sobre a parte da pelle em que se deseja produzir o effeito. Antigamente preparavão-se os sinapismos diluindo a farinha de mostarda com vinagre; mas as observações posteriores tem provado que o vinagre neutraliza o principio activo da mostarda, e que a acção dos sinapismos preparados com este liquido é muito incerta ou nulla : os medicos renunciárão, por conseguinte, a este mcio de preparação, e hoje servem-se com razão d'agua em vez de vinagre. Não se deve comtudo empregar agua fervendo, nem quente, pois que esta temperatura oppõe-se tambem ao desenvolvimento do principio activo da mostarda, mas sim deve-se usar d'agua fria ou apenas morna. Insisto na exclusão da agua quente na preparação dos sinapismos, porque esta verdade é nova na sciencia, e muitas pessoas tem a este respeito ideias inteiramente oppostas. É pouco mais ou menos indifferente servirmo-nos d'agua fria ou morna, e o medco que algumas possoas poderião ter da applicação de um sinapismo frio não tem fundamento; pois que a temperatura da superficie da mostarda põe-se mui promptamente em equilibrio com a da pelle. e, além d'isto, o sangue dirige-se rapidamente á pelle pela acção rubefaciente da mesma mostarda.

Os sinapismos empregão-se principalmente nas molestias do cerebro, e n'este caso applicão-se nas barrigas das pernas. Usão-se nos rheumatismos chronicos, na sciatica, pleurodynia, e n'estas molestias applicão-se sobre o lugar doloroso. Empregão-se tambem para provocar a transpiração supprimida dos pés. Usão-se quando se deseja produzir uma excitação geral, nos casos em que a vida parece extinguir-se, como nos ultimos periodos de quasi todas as molestias, nas asphyxias e em todas as mortes subitas.

O effeito local dos sinapismos é exactamente analogo ao da quei madura : podem produzir a rubefacção, a vesicacção e as escaras. A differença dos effeitos depende do grão de delicadeza da pelle, da

actividade dos sinapismos e do tempo que dura a sua applicação. D'estes tres effectos, o primeiro é o unico que se deseja obter com sinapismos, possuindo a arte meios que lhe são preferiveis para produzir empolas e escaras.

Em geral, quanto mais fina, delicada e viva é a pelle, tanto mais prompta é a acção do sinapismo. Assim, o effecto dos sinapismos é, em iguaes circumstancias, mais rapido, mais intenso nas crianças do que nas pessoas idosas, nas senhoras do que nos homens, sobre os membros cheios de vida do que quando estão insensíveis e gelados, sobre as partes finas da pelle do que sobre as que são espessas, callosas. Entretanto, e apesar d'estes dados, não se póde prever senão muito imperfeitamente o effecto que terá um sinapismo. Certos individuos tem a pelle tão fina, que no fim de alguns minutos a rubefacção está já mui viva, entretanto que em outros, pelo contrario, é preciso prolongar a applicação do sinapismo durante uma hora para que a rubefacção possa ser manifesta. Não se póde, por conseguinte, limitar de uma maneira absoluta o tempo que deve durar a applicação do sinapismo. Como, por conseguinte, reconhecer que é preciso fazer cessa-la? Não é pela vermelhidão da pelle, pois que no maior numero de casos não se mostra senão algum tempo depois que o sinapismo foi tirado. Só a dôr póde servir de guia a este respeito, e é preciso tirar o sinapismo quando o doente o tiver sentido sufficientemente. Em geral, este tempo varia entre cinco minutos e uma hora.

Quando o sinapismo determinou a vesicacção ou queimadura da pelle, muitas vezes não se chega a curar estas lesões senão depois de muito tempo. Devem ser curadas com ceroto. A simples rubefacção causa ás vezes dôres mui vivas e mui rebeldes; para acalma-las convem applicar a cataplasma de linhaça. A vermelhidão persiste muito mais tempo do que a dôr, e não é raro vê-la subsistir ainda oito ou dez dias depois de cessar inteiramente o ardor. Quando os sinapismos ficárão applicados muito tempo e forão repetidos, bem que não tenham produzido a vesicacção, podem deixar manchas amarellas que, ás vezes, são indeleveis.

Papel sinapizado. É um sinapismo inventado em 1867 pelo pharmaceutico de Pariz, Rigollot. Consiste n uma folha de papel, sobré a qual está fixa, mediante uma substancia emplastica, a farinha de mostarda privada do oleo doce por meio da lavagem em sulfureto de carbone. Molha-se este papel em agua fria ou tepida, applica-se molhado na pelle, fixa-se com um lenço ou com uma atadura, e deixa-se no lugar até produzir bastante ardor, isto é, por cinco a dez minutos. O *papel sinapizado* de Rigollot conserva-se

muito tempo, ao passo que a mostarda reduzida a pó altera-se no fim de alguns dias. Esta nova preparação pharmaceutica é muito commoda, e emprega-se muito.

SIPHÃO. Dá-se este nome a um tubo curvo quasi em fôrma de U virado, com um ramo mais curto do que o outro, de vidro ou de metal, e que serve para trasfegar um liquido de um vaso para outro sem inclinar o vaso. Para este fim, mette-se a extremidade do ramo curto no vaso que contém o liquido, e aspira-se pela extremidade do ramo longo, mantendo-o dirigido para baixo. Estando assim feito o vacuo no interior do siphão, o liquido introduz-se pela pressão que o ar exterior exerce sobre a sua superficie; então principia o corrimento, e não se interrompe em quanto a extremidade do ramo mais comprido, ou exterior, estiver debaixo

do nivel do liquido em que a outra extremidade mergulha. Tal é o siphão mais simples, fig. 453.

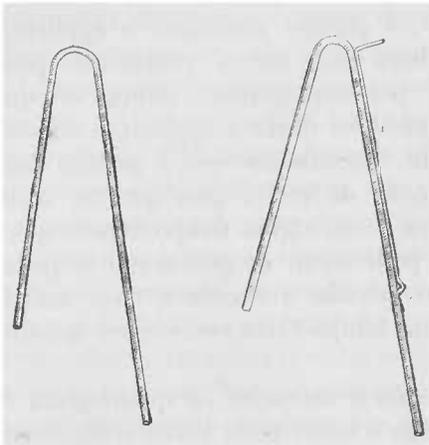


Fig. 453.

Siphão simples.

Fig. 454.

Siphão de tubo aspirante.

Quando se usa do siphão simples é necessario enche-lo com o liquido que se quer decantar. Para isto, ou se ha de tirar o ar com a bocca, chupando por uma extremidade, em quanto a outra está mergulhada no liquido; ou invertido tudo, se ha de deitar o liquido por uma das extremidades abertas até que ambos os ramos fiquem cheios, e então, tapando os dois orificios com um dedo

de cada mão, mergulha-se a extremidade do ramo curto para o liquido correr pelo outro. O primeiro d'estes methodos é impraticavel com alguns liquidos. O segundo é tambem impraticavel em alguns casos, como quando o liquido é caustico e corrosivo, ou quando a decantação deve ser feita de um vaso em cuja abertura não póde entrar a mão.

Quando o liquido é de natureza tal, que se possa receiar aspiralo até á bocca fazendo o vacuo na capacidade do siphão, adapta-se, perto da extremidade do grande ramo, um segundo tubo estreito, e prolongado para cima até á altura da curvatura, e por cuja extremidade se faz a aspiração (fig. 454). Tem-se o cuidado de tapar a extremidade do siphão com o dedo, no momento em que se

aspira, e tira-se o dedo para deixar passagem ao liquido, logo que este tenha baixado perto d'esta extremidade.

SIRI. *Cancer.* (Crabe em francez). Fig. 455. animal crustaceo de que ha muitas especies que vivem na agua do mar, na terra e se encontrão na beiramar. O corpo é coberto de uma couraça calcarea, articulada, mais larga do que comprida: anda de lado. Alimenta-se de animaes marinhos vivos e mortos. A carne é comestivel, mas pouco delicada, e difficil de digerir.

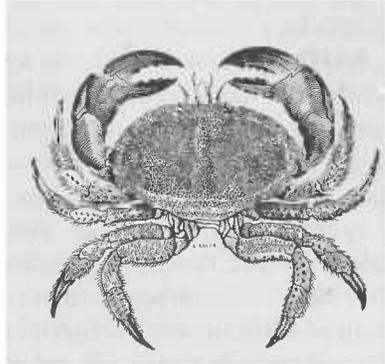


Fig. 455. — Siri.

SOBACO ou **Sovaco.** Assim se chama a cavidade que se acha debaixo do hombro, entre o braço e o peito; dá-se-lhe tambem o nome de *axilla*. Entre as molestias que podem affectar esta região do corpo, as mais frequentes são *glandulas* e *postemas*.

A **glandula** ou **ingua** que apparece no sobaco é ordinaria mente consequencia de erysipela do braço, de panaricio que se forma no dedo, ou de ferida da mão; póde tambem desenvolver se espontaneamente. Nos tres primeiros casos não exige applicação alguma, e desaparece com a molestia que a produziu; mas quando a glandula apparece sem ser precedida nem de erysipela nem de alguma outra inflammação, é preciso applicar debaixo do braço: cataplasma de linhaça. Com este tratamento a glandula póde desaparecer; mas muitas vezes, apezar da cataplasma, a dô e a inchação augmentão, a pelle fica vermelha e forma-se um postema.

A **postema** do sobaco póde principiar, como acabei de dizer por uma ingua, ás vezes por um fruncho unico ou multiplice outras vezes por uma inflammação profunda e extensa. O doente experimenta dôres latejantes, e, quando a suppuração está ben formada, sente um peso na parte inflammada; depois o tumo amollece e abre-se espontaneamente, ou é necessario abri-lo con lanceta.

O *tratamento* é o seguinte: rape-se o cabelo á navalha, e appli que-se a cataplasma de linhaça. Não se deve esperar pela abertur espontanea da postema; é melhor sempre deixa-la abrir por um cirurgião, que fará esta pequena operação com todas as precauções que exige a vizinhança das importantes arterias e nervos que se achão n'esta região. Se o doente quizesse esperar pela abertur

espontanea da postema, ficaria então exposto a soffrer por muito tempo. *Veja-se* vol. I pag. 5.

SOBRANCELHAS. *Veja-se* vol. I, pag. 408.

Sobrancelhas (*Feridas das*). *Veja-se* vol. I, pag. 1105.

SOCO. O resultado ordinario de um soco é a contusão. *Veja-se* CONTUSÃO.

SODA. Dá-se o nome de soda a um producto que se obtem da combustão das plantas marinhas, praticada da maneira seguinte : cortão-se as plantas que podem ministrar este producto ; seccão-se ao ar, queimão-se depois dentro de covas de tres pés de profundidade, pouco mais ou menos, e de quatro de largo ; continua-se a operar a combustão por muitos dias, e obtem-se uma massa salina, dura, compacta, semi-vitrificada. Esta massa tem o nome de *soda do commercio* ; é mais ou menos pura, e compõe-se de muitas substancias, e sobretudo de carbonato e de sulfato de soda, de sulfureto de sodio, de sal marinho, de carbonato de cal, de alumina, de silica, de oxydo de ferro e de carvão ; contém tambem , ás vezes, saes de potassa. Entre as plantas que dão a soda, distinguem-se em Hespanha muitas especies de *salsola*, conhecidas pelo nome vulgar de *barrilha*, que se cultivão com cuidado particular para este uso. Em França, extrahese a soda de todas as plantas que crescem á beiramar. Existem ainda outras especies de soda no commercio. Tal é a soda do Egypto, conhecida pelo nome de *natrum*, que se acha nas aguas das lagoas situadas no deserto. Durante o inverno, reçuma do fundo d'estas lagoas uma agua de côr vermelha-roxa que se evapora durante os longos e fortes calores, e deixa uma camada de sal ou *natrum*, que, depois, quebra-se e tira-se com barras de ferro. Existem tambem na Hungria camadas de *natrum* sobre as areias seccas que constituem o fundo de certas lagoas. D'estas sodas brutas obtem-se um sal chamado *carbonato de soda*, cujos usos são numerosos nas artes, e em medicina.

Não estando as fontes naturaes da soda em relação com as necessidades do commercio, faz-se *soda artificial*; obtem se calcinando juntamente certa quantidade de sulfato de soda, de carvão e de greda.

Os usos do *subcarbonato de soda* e da soda do commercio são numerosos; os fabricantes de sabão, de vidro e os tintureiros consomem grandes quantidades d'ella. O subcarbonato de soda é caustico : entra na composição das pomadas usadas contra a sarna e outras affecções da pelle. É um sal branco, inodoro, de sabor alcalino, crystallizado em octaedros rhomboidaes.

Os outros saes de soda usados em medicina ou na economia

domestica são : *bicarbonato de soda* (*Veja-se* vol. I, pag. 349); *phosphato de soda* (vol. II, pag. 693); *sulfato de soda* ou *sal de Glauber* (vol. II, pag. 895); *sub-borato de soda* ou *borax* (vol. I, pag. 370); *hydrochlorato de soda* ou *sal commun de cozinha* (v. II, pag. 893); e *acetato de soda*. Este ultimo apresenta-se em longos prismas brancos, inalteraveis ao ar, de sabor amargo e picante; emprega-se nas artes.

Pós de soda (em inglez *Soda-Powders*).

Acido tartrico. 13 grammas (3 1/4 oitavas).

Divida em 10 papeis brancos.

Bicarbonato de soda 20 grammas (5 oitavas).

Divida em 10 papeis azues.

Dissolva-se um papel do acido em um copo mal cheio d'agua, ajunte-se um papel do bicarbonato, e beba-se logo que começar a effervescencia. Esta bebida é temperante e facilita a digestão.

Agua de soda, em inglez *Sota-Water*. Dá-se este nome a uma bebida preparada com bicarbonato de soda e agua saturada de acido carbonico. A *soda-water*, que é de origem ingleza, como se vê pelo seu nome, que significa agua de soda, é muito usada na Inglaterra depois de jantar; facilita a digestão. Tem muita semelhança com a agua de Vichy; convem nas affecções nervosas do estomago, e contra as areias.

SOLDA GRANDE. *Veja-se* RUIVA DOS TINTUREIROS.

SOLITARIA. Chama-se *solitaria* ou *tenia* um genero de vermes intestinaes, cujo corpo chato, e de um comprimento singular, é composto de articulações mais ou menos pronunciadas. A sua largura varia desde um quarto de linha até cinco ou seis e mais. É terminada anteriormente por uma cabeça mui delgada, tuberculosa, do tamanho da cabeça de um alfinete fino, cravada de quatro pequenos chupadouros, entre os quaes se observa, *em algumas*, uma bocca ou tromba cercada de ganchos retractiveis. As solitarias além das differenças de dimensões, de côr, etc., apresentam certas variedades de conformação. Ha algumas em que as articulações são mais largas do que compridas, seguidas de articulações mais compridas que largas; ou são dispostas em leque; isto é, uma margem é mais curta do que outra; outras tem certas porções estreitadas. Vou descrever as duas variedades principaes.

1º **Solitaria vulgar.** *Taenia solium*, Linneo. É um verme representado na figura 456. É chato, molle, formado de articulações numerosas e distinctas, mui comprido, de uma largura que varia muito, e que não é a mesma na extensão de todo o corpo, tendo apenas 2 a 5 millimetros perto da cabeça, e 9 a 13 millimetros no corpo. A cabeça, do tamanho da de um alfinete, é

globosa e achatada, e ás vezes tão pequena, que não se póde vêr senão mediante o microscopio. O *pescoço* é mui delgado, como filiforme, assaz curto e não tem limites muito evidentes; é composto de articulações apenas distintas. O *corpo*, de côr branca opaca, aumenta gradualmente, e é composto de um numero maior ou menor de articulações chamadas *fuzis*, que se tornão cada vez mais distintas, mais consideraveis, e terminão em quadrado. Nas margens lateraes d'este *fuzis*, e quasi na sua base, existe um ou dois pequenos poros, que são aberturas do canal que communica com os órgãos da reprodução da solitaria.

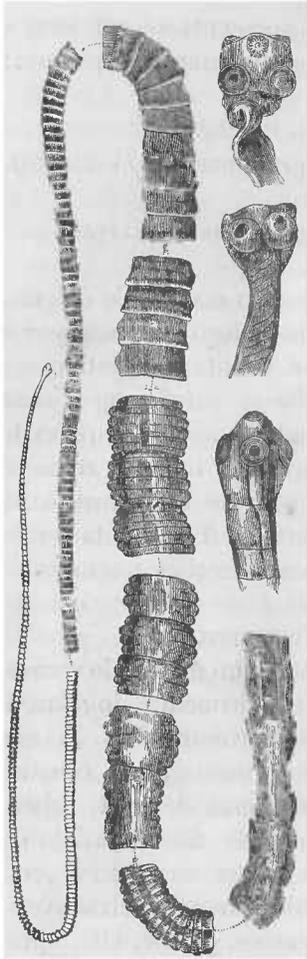


Fig. 456.
Solitaria vulgaris.

Os ultimos *fuzis* do verme separão-se, e são expulsos isoladamente. Estes *fuzis* forão tomados por vermes particulares e chamados *vermes cucurbitinos*, por causa da sua semelhança com pevides de melancia (*cucurbita* em latim); são expulsos em maior ou menor numero durante a defecação, ou mesmo nos intervallos d'este acto. O comprimento da solitaria é consideravel, como já deixei dito; varia desde 1 até 8 metros : citão-se algumas muito mais compridas.

2º **Solitaria larga.** *Botriocephalus latus*, Bremser. Fig. 457. O seu comprimento mais habitual é de vinte pés. A porção anterior do corpo é menos filiforme do que na especie precedente, e alarga-se menos gradualmente. A largura raras vezes excede 13 millimetros no seu maior diametro; entretanto, exemplos ha em que esta largura chegou a 2 centimetros e 1/2. É branca quando viva, e torna-se cinzenta quando fica algum tempo em alcool. A cabeça não é maior do que a da solitaria vulgar, mas é mais oval. O *pescoço* não é mui distincto, e confunde-se com a cabeça e com o corpo. O *pescoço* compõe-se de *fuzis* mui curtos, mais largos que compridos, e que se parecem com rugas.

Estes vermes vivem no canal alimentar do homem e dos animaes

vertebraes. Forão chamados *solitarias*, porque se julgava que não existia mais que um d'elles em cada pessoa ; mas esta denominação não é propria, porque podem encontrar-se no mesmo individuo duas ou tres solitarias juntas.

Os *signaes* que indicão a presença da solitaria , frequentemente obscuros e equívocos, são mui variados, mui numerosos, e podem simular toda a especie de molestia, por mais rara e extraordinaria que seja. Ao principio, os individuos que estão affectados de solitaria tem o ventre inchado, e sentem borborygmos e dôres abdominaes fortes ou leves. A côr do rosto altera-se, e faz-se ora vermelha, ora pallida, ora côr de chumbo. Os olhos fitos e menos vivos do que de ordinario tem a pupilla mais dilatada. As palpebras, e principalmente a inferior, tornão-se inchadas, e ha uma comichão insupportavel nas ventas. A superficie da lingua mostra-se esbranquiçada, manchada por pontos purpureos : a extremidade torna-se vermelha e inflammada. Depois, manifestão-se outros phenomenos : dôres de cabeça frequentes e intensas, fome excessiva, voltando por accessos irregulares, ou fastio. ourinas turvas, suores de cheiro acido, fetido ; frio nas extremidades, rangido de dentes, zunido de ouvidos, affluencia incommoda de saliva á bocca, soluços, nauseas, vomitos, eructações acidas, máo halito,

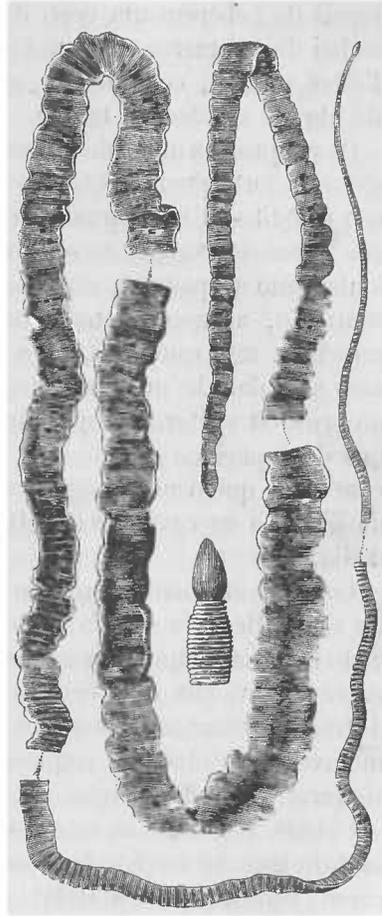


Fig. 437. — Solitaria larga.

desejo excessivo de bebidas frias, sêde nocturna ou contínua, calefrios interiores, pequena tosse secca, frequentes desmaios, somno inquieto e agitado, tremores nos membros, vertigens repetidas, palpitações do coração, uma sensação vaga de picadas e laceração em toda a cavidade do ventre, sensação de movimento undulatorio nos intestinos, soltura ou dureza do ventre, comichão na via inferior, febre irregular, beiços lividos, emmagrecimento

de todo o corpo que contrasta muitas vezes com grande appetite, anxiedades, enfado, ás vezes mesmo uma especie de abatimento moral : taes são os [symptommas mais ordinarios da presença da solitaria na economia, symptommas que diminuem depois da comida, mas que se renovão com maior intensidade logo depois de acabada a digestão, e aos quaes é preciso juntar a preferencia que dão os doentes ao deitar-se de bruços, e a satisfação que experimentão depois de beberem um copo d'agua fria. Além dos accidentes que acabei de enumerar, manifestão-se, ás vezes, pela unica influencia d'estes vermes, convulsões, catalepsia, hysticismo, epilepsia, e até alguns signaes do tetano.

Os symptommas indicados, quando são reunidos em grande numero, são uma forte presumpção em favor da existencia do verme, mas não constituem um signal certo, visto que se observão pessoas que expulsão porções de solitaria, sem que precedentemente nada tenha feito suspeitar a sua existencia; entretanto que outras, pelo contrario, apresentam todos os caracteres que annuncião a sua presença, sem que comtudo a solitaria exista. O Dr. Brera cita o caso singular de um homem que apresentava todos os symptommas proprios da solitaria, e que tinha sómente uma colica flatulenta, que desapareceo com o uso de bebidas aromaticas. É preciso concordar que o unico signal verdadeiramente certo da presença da solitaria na cavidade intestinal é a evacuação de alguns pedaços d'ella.

Com quanto mais communmente só se encontre uma especie de verme de cada vez no corpo do homem, certos medicos tem visto expulsar simultaneamente muitas especies d'elle. O Dr. Rosen, entre outros, cita uma criança de quatro annos, mui fraca, que depois de tomar uma pouca de aguardente, expulsou uma innumeravel quantidade de pequenas ascaridas, quatro varas de uma solitaria, e dez lombrigas.

Causas. Segundo as recentes observações, a solitaria é um animal de transformação; tem por origem um verme cestoide (cysticercos, echinococo, hydatida). A solitaria desenvolve-se em consequencia de certas alimentações. A carne de porco, tão frequentemente inficionada pelo cysticercos ladrico, vulgo *ladra*, a produz especialmente. Produz sobretudo este effeito quando se come crua, ou sómente salgada e defumada. Todas as pessoas que comem presunto ou chouriço crú feito com carne de porco ladro expõem-se a ter a solitaria, porque o cysticercos ladrico, uma vez introduzido nas vias digestivas, transforma-se em solitaria. (*Veja-se* LADRIA). Observa-se este verme em todas as idades, mas sobretudo de quinze a quarenta annos, com maior frequencia nas mulheres

do que nos homens. Tem-se encontrado em crianças de tres annos e meio.

Tratamento. Muitos methodos de tratamento forão propostos contra a solitaria : varião muito, por causa da difficuldade que se experimenta ás vezes em destruir um inimigo tão tenaz. Qualquer que seja o methodo que se escolha, deve ser empregado na epoca em que se reconhece a existencia do verme; e não é necessario esperar pelo mingoante da lua, como se fazia antes, e como fazem ainda hoje algumas pessoas supersticiosas.

Os medicamentos mais certos para expulsar a solitaria são o *cusso* e a *casca de raiz de romeira*. A maneira de administrar o cusso está indicada no vol. I, pag. 778; só tratarei aqui do cozimento da casca de raiz de romeira. O modo da sua preparação é o seguinte : deixe macerar por doze horas 60 grammas (2 onças) de casca de raiz de romeira em 1 litro (32 onças) d'agua, ferva-se depois a fogo lento até reduzir-se a 500 grammas (16 onças), e cõe-se espremendo por panno. Esta quantidade é para um adulto; 8 grammas (2 oitavas) da casca de raiz de romeira para ter 250 gram. (8 onças) de cozimento são sufficientes para os meninos de 3 a 9 annos; para os de 10 annos convem empregar 15 gram. (1/2 onça) da casca. O cozimento assim preparado toma-se em tres porções, de meia em meia hora, e repete-se esta dóse por tres dias. Quatro horas antes de beber a primeira dóse, o doente deve tomar um purgante de 15 grammas (1/2 onça) de oleo de ricino, afim de despcjar o canal intestinal; d'esta maneira o remedio terá uma acção muito mais effcaz. No terceiro dia, duas horas depois de acabar o cozimento, deve o doente repetir o mesmo purgante. Acontece, ás vezes, que o primeiro e o segundo copo do remedio são lançados fóra; mas esta circumstancia não deve impedir que se beba o terceiro copo, que já não produz vomitos. A experiencia prova que uma dóse mui fraca não produz resultado algum. A dóse da casca foi elevada até 125 grammas (4 onças) por dia, e isto sem perigo. A casca fresca é muito mais activa do que a secca. Logo depois de beberem o cozimento da casca de raiz de romeira, os doentes experimentão uns uma sensação de calor no estomago, outros algumas nauseas e vomitos. Um pouco mais tarde sobrevem borborygmos, colicas e evacuações alvinas, com as quaes sahe ordinariamente a solitaria. Muitos doentes sentem, durante o resto do dia, ancias e fastio. Em alguns, manifesta-se perturbação da vista, vertigens, somnolencia, embriaguez momentanea. Mas todos estes symptomas desapparecem pela noite, ou no dia seguinte. O doente não deve beber nada durante a acção do remedio, afim de que o effeito d'este não seja transtornado. A solitaria é expulsa,

às vezes, com a primeira evacuação; mas ordinariamente, só cinco ou seis horas depois da terceira decocção. No caso que o verme não seja evacuado, será preciso tornar a principiar o tratamento, observando pontualmente todas as regras indicadas.

Os outros meios para expulsar a solitaria são os seguintes :

1º *Pevides de abobora*. O modo da sua administração está indicado no vol. I, pag. 18.

2º *Pilulas de feto macho*.

Extracto ethereo de feto macho 120 centigram. (24 grãos)

Feto macho em pó. 60 centigram. (12 grãos)

Conserva de rosas. . quantidade sufficiente.

Faça 12 pilulas. *Dóse* : 2 pilulas de hora em hora. Depois das pilulas bebe-se meia chicara de cozimento de feto macho; e uma hora depois das ultimas pilulas, tomão-se 15 grammas (1/2 onça) de oleo de ricino.

3º *Ether sulfurico*. Tomão-se pela manhã em jejum 4 grammas (1 oitava) de ether sulfurico n'um copo de cozimento de feto macho. Alguns minutos depois, administra-se um clyster composto da mesma maneira. No fim de uma hora, tomão-se 15 grammas (1/2 onça) de oleo de ricino; continua-se o mesmo tratamento durante tres dias.

Coco da Bahia. O fructo do coqueiro *Cocos nucifera*, conhecido no Rio de Janeiro por *coco da Bahia*, tem provado muito bem contra a solitaria. Muitos doentes deitárão a solitaria, tomando por unico alimento por quatro, seis e até oito dias, só coco da Bahia, e bebendo agua de coco.

Quando, no decurso do tratamento posto em uso, sahe do anus uma porção de solitaria, nunca se devem fazer tracções sobre ella afim de extrahir inteiramente o verme; porque elle póde romper-se facilmente, e então a porção que ficou sahe depois difficilmente. Melhor é ligar a porção sahida com uma linha; o verme entra no ventre, mas não se demora em apresentar-se de novo no anus. Logo que a solitaria começar a sahir, o doente deve sentar-se na banca, e alí ficar até á evacuação total do verme. Frequentemente, effectua-se esta com difficuldade, ou porque a cabeça da solitaria está agarrada ao intestino, ou porque o seu corpo se acha enrolado em novello mui grosso, ou pelo obstaculo que oppõe a massa de materia excrementicia endurecida. Então, deve administrar-se ao doente, que estará ainda na banca, uma infusão de macella gallega, ou a dissolução de 30 grammas (1 onça) de sulfato de magnesia em um copo d'agua. Deve tambem mergulhar-se o pedaço que sahio em leite ou agua morna. Se a solitaria estiver ainda viva, este ultimo meio será sufficiente para

provocar a sua sahida total. A solitaria torna a reproduzir-se em quanto a cabeça não é expulsa. Para assegurar-se de que o verme sahio inteiro, é preciso lava-lo n'agua, e examina-lo com o microscopio, afim de descobrir-lhe a cabeça com os caracteres indicados no principio d'este artigo. Mas muitas vezes a solitaria rompe-se perto da cabeça, e esta custa depois a achar-se nas materias fecaes; mas então não se póde dizer que a solitaria não foi expulsa toda inteira. Em alguns casos, não ha pedaço algum de solitaria nas materias fecaes, ou ao menos não se vê, e entretanto cessão os incommodos que dependião da sua presença: julga-se então que o verme foi morto, e os seus restos forão disseminados e misturados com as materias fecaes.

SOLTURA DE OURINAS. V INCONTINENCIA DE OURINA.

SOLTURA DE VENTRE. *Veja-se* DIARRHEA.

SOLUÇÃO ou **Dissolução.** Combinação entre um liquido e um solido, da qual resulta que este toma tambem a fórmula liquida. Dá-se o mesmo nome ao liquido que resulta d'esta combinação; ou então, o que é melhor, chamão-lhe, *soluto*.

SOLUÇO. O soluço é um phenomeno nervoso que consiste n'um estremecimento convulsivo dos musculos respiratorios, acompanhado de contracção espasmodica da abertura do larynge, com inspiração rapida e seguida de um ruido particular, mui semelhante ao que é produzido pela entrada do ar n'um grosso canudo que se abre subitamente. O soluço é de ordinario um phenomeno insignificante, compativel com o estado de saude, e cuja duração é mui curta. Assim, manifesta-se ás vezes depois da repleção immoderada ou mui prompta do estomago, sobretudo após a abstinencia um pouco prolongada, quando se faz uso de alimentos seccos, tomados com voracidade sem mistura-los com bebidas. A ingestão de bebidas frias, de licores alcoolizados, a sensação de frio nos pés, uma viva affecção da alma, a colera, o sobresalto, o terror, tem ás vezes o mesmo resultado. O soluço tambem apparece sem causa conhecida. Mas este phenomeno, em alguns casos, póde constituir uma molestia real. Tem-se visto durar muitos dias. renovar-se em epocas mais ou menos approximadas, irregulares ou periodicas, durante annos. O Dr. Rivière observou uma menina de 13 annos affectada do soluço havia um anno; este accidente atacava-a quatro ou cinco vezes ao dia, umas vezes por um quarto de hora, outras por meia hora. Rivière curou esta menina mediante um purgante. Bertholin refere que uma mulher foi atormentada durante dois annos de um soluço, tão violento, que parecia possuida do diabo. Em algumas pessoas, o soluço reproduz-se em epocas fixas. Assim, Casimiro Medico cita a observação de uma

senhora, na qual um soluço violento, resultado da supressão dos menstruos, sobrevinha de dois em dois dias. Mas de todas as observações d'este genero referidas pelos autores, a mais curiosa é a de Olao Borrichio : vio elle um soluço que reaparecia todos os annos na mesma epoca n'uma senhora joven. Esta doente era só incommodada durante o dia, e dormia muito bem toda a noite. Cada ataque durava quatro dias; uma sangria feita no braço dissipou estes accidentes.

O ruido que produz o soluço póde ser ás vezes mui forte. O mesmo Rivière, que ja citei, falla de um homem affectado de um soluço tão violento, que se ouvia na rua a 40 passos de distancia. Sauvages refere a observação curiosa de uma senhora de 23 annos que foi affectada de um soluço fortissimo semelhante ao latido de cão. Apenas podia tomar um caldo por causa d'estas convulsões; mas finalmente foi curada.

Observa-se o soluço principalmente nas pessoas nervosas, hypochondriacas, melancolicas, nas mulheres gravidas, hystericas. A grande abundancia de sangue na economia, ou as evacuações sanguineas excessivas, o retrocesso de algum dartro, ou da gota; a supressão espontanea de uma evacuação habitual, dos menstruos; a presença de vermes no canal intestinal, tudo isso é tambem assignalado como causa do soluço.

Todos estes soluços de que até agora fallei chamão-se *idiopathicos*, porque existem sós, e constituem por si uma molestia; mas este phenomeno manifesta-se frequentemente durante o curso de certas affecções, e é chamado então *symptomatico*. Ha muitas molestias durante as quaes se declara o soluço. Parece mais particularmente ser determinado pela lesão dos orgãos digestivos, nas hernias estranguladas, nas feridas do ventre, nas inflammações do estomago, dos intestinos ou do cerebro.

Tratamento. O soluço determinado por uma causa pequena não reclama ordinariamente tratamento algum; cessa espontaneamente ou com auxilio de meios mui simples. Assim, póde parar bebendo lentamente um copo d'agua fria, tomando um sorvete, engulindo um pedaço de gelo, ou uma colher de vinagre puro, retendo a respiração por tanto tempo quanto seja possivel, fixando fortemente a attenção sobre qualquer objecto; ou provocando espirros por meio de rapé. Um sobresalto, um susto, a colera, fazem-n'o ás vezes desaparecer de repente.

Mas, em outras circumstancias, quando o soluço é demorado, quando volta em epocas mais ou menos longas, periodicas ou não, é mais difficil fazê-lo desaparecer. N'estes casos, tem-se recorrido com maior ou menor vantagem ás bebidas aromaticas

(chá da India, chá de folhas de laranjeira, de herva cidreira, etc.); aos medicamentos antispasmodicos (belladonna, camphora, chloroformio, assafetida, ether sulfurico, valeriana); ao opio, ao chlorhydrato de morphina, ao lactucario, aos banhos frios ou quentes. Os outros meios são : vomitorios, purgantes, e causticos na bocca do estomago. Tanto n'esta como em qualquer outra molestia, todas as vezes que fôr possivel conhecer-se a causa e combatê-la activamente, será um tratamento por excellencia. Se o soluço se apresentar sob a fórma intermittente, será preciso recorrer ao sulfato de quinina; quando se suppõe que depende da presença de vermes, empregão-se os vermifugos.

Quanto ao soluço que sobrevem em diversas molestias, consiste o tratamento em combater as molestias que o produzem; e quando persiste, apezar da diminuição dos accidentes, póde-se lançar mão de algum dos meios que deixei indicados.

RECEITUARIO CONTRA O SOLUÇO.

1º *Poção.*

Agua de hortelã.	60 grammas (2 onças)
Chloroformio.	20 gottas
Xarope diacodio.	30 grammas (1 onça).
Misture. Uma colher <i>de chá</i> , de 3 em 3 horas.	

2º *Pilulas.*

Extracto de belladonna	20 centigram. (4 grãos)
Extracto de valeriana.	40 centigram. (8 grãos).
Faça 12 pilulas. Para tomar uma pilula duas vezes por dia.	
3º Xarope de ether sulfurico.	30 grammas (1 onça).
Para tomar uma colher <i>de chá</i> , tres vezes por dia.	

SOMNAMBULISMO. O somnambulismo é um estado extraordinario, proprio a alguns individuos, que consiste em fazer durante o somno muitos actos que ordinariamente não se executão senão durante a vigilia. Os sonhos ordinarios e o somnambulismo, bem que differentes debaixo de certos pontos, não parecem ser entretanto senão grãos diversos do mesmo estado. Com effeito, o homem que sonha sente, imagina e julga fazer alguma cousa; mas o corpo recusa o seu serviço á alma, toda a scena se passa secretamente no espirito que se agita, os orgãos ficão em repouso. Nos somnambulos ha os mesmos phenomenos, imagens e desejo de acção; mas, por um segredo até agora impenetravel, a alma conserva a faculdade de ordenar movimentos, e o corpo obedece. O individuo levanta-se, e segundo a ideia que o absorve, profere discursos que sobremaneira sorprendem os assistentes; outro veste-se e faz certas occupações no seu quarto. Todas as pessoas tem ouvido fallar das scenas extraordinarias que o somnambulismo

offerecc. Este levanta-se, pega na penna e acaba a composição principiada; aquelle prosegue um combate cujo plano está em sua ideia; aquell'outro sahe para ir á caça, á pesca, a algum encontro, anda pelo telhado, caminha á margem dos rios, dos precipicios, etc. Ha somnambulos ainda mais singulares do que os precedentes : estes ouvem e respondem sem acordarem. Póde-se ter com elles uma conversação seguida, principalmente quando versa sobre o objecto que os occupa. Não me é possível ir mais além na descripção dos actos dos somnambulos, por ser infinita a variedade dos sonhos. Um facto mui notavel e caracteristico do somnambulismo é que, despertado o somnambulo nada lhe lembra do que se passou.

Vimos no artigo *magnetismo animal* que este estado apresentava muita analogia com aquelle; e por isso, o somnambulismo produzido pelas praticas magneticas chama-se *artificial*, e este, de que agora se trata, *natural*.

A memoria parece ser a faculdade mais activa durante o somnambulismo : ella lembra muitas vezes os objectos que occuparão o somnambulo, e é d'elles que se occupa então. A vista quasi nunca funciona no somnambulismo, estejam as palpebras abertas ou fechadas; não obstante, muitos actos se produzem como se a visão fosse completa. O somnambulo evita os tropeços, encontros e as quédas com a maior habilidade. Entretanto, a imaginação, o amor do maravilhoso, tem exagerado muito estes phenomenos : ás vezes existem erros funestos, e somnambulos se tem precipitado de janellas abaixo, julgando passar pela porta; tal é o caso do somnambulo de que falla Schenkus, que, em consequencia de um engano semelhante, quebrou a coxa. Muitos somnambulos andão sómente ás apalpadellas, e dão topada em todos os objectos que encontrão. Uma noite, um moço levanta-se adormecido, calça as botas com esporas; depois sobe á janella, e julgando-se a cavallo, crava as esporas. Ao despertar, ficou singularmente espantado do perigo em que se vio.

O somnambulismo é considerado como uma molestia nervosa. Bem que seja compativel com as apparencias de saude, este estado é comtudo insolito, anormal, e reclama alguns cuidados que mais adiante indicarei. Não se observa na primeira infancia, é entre os sete e os sessenta annos que se contão os exemplos mais numerosos. Os accessos são mais ou menos frequentes, mais ou menos longos, podem reproduzir-se todas as noites e durar algumas horas. A invasão dos accessos sobrevem ordinariamente no principio da noite, depois do primeiro somno. O prognostico d'esta affecção nervosa não é grave; mas em seus passeios e excursões nocturnas

o somnambulo póde ferir-se, matar-se, e perturbar a saude pela impressão das intemperies. Póde tambem fazer damno ás outras pessoas; um somno cruel póde tornar a sua mão homieida, arma-la de um facho incendiario, etc. O somnambulismo não se eura com facilidade, mas cede frequentémemente á successão dos annos e aos novos costumes.

Quaes são as *causas* do somnambulismo? Aqui, como em muitos outros casos, devemos confessar a nossa ignorancia. Como os accessos se manifestão durante a noite, julgava-se que a influencia da lua podia produzir semelhante desordem, e os somnambulos forão chamados *lunaticos*. Mas este estado parece ser devido a uma exaltação cerebral, e todas as causas que podem determinar esta exaltação, e predispôr para ella, podem produzir o somnambulismo. Foi observado, sobretudo, depois das vigalias prolongadas e dos trabalhos exceessivos de espirito, em consequencia de transportes de colera, de rixas, de combates, e de paixões amorosas. Um pezar pungente, uma contrariedade aturada, uma affecção violenta da alma, meditações profundas, o onanismo e os outros exceessos venereos, o abuso dos licores fortes, favoreem o somnambulismo.

O *tratamento* deriva directamente do conheeimento d'estas causas; não ha outra eousa a fazer senão tomar o caminho contrario. Por consequinte, a vida tranquillamente occupada, sem applicação forte do espirito, brandamente variada pelas distrações e pelo exercicio do corpo; regularidade nas horas de vigilia e de somno, comidas com poucos temperos, privação das bebidas espirituosas; evitar particularmente a repleção na comida da tarde; elysteres contra a dureza do ventre, moderação no uso dos orgãos genitaeas, alguns banhos mornos; sangrias, se houver plethora; provocar a menstruação, se a molestia depender da sua suppressão, eis o que mais eonvem.

Fallemos agora das preeauções que se devem tomar durante e contra o accesso. É necessario não esquecer cousa alguma que possa prevenir os aeeidentes a que está exposto o somnambulo, e a que expõe as pessoas e as eousas que se achão ao seu aleanee. Eis-aqui o que se aconselha n'este easo: um quarto mediocrementemente espaçoso, com paredes lisas, desguarneeido de trastes angulosos, proeminentes, frageis, privado de toda a especie de armas, e cujas janellas e portas sejam fechadas á ehave todas as noites por uma pessoa que não seja o mesmo somnambulo. Alguns medicos quizerão até que a eama fosse eomposta sómente de eolchão e cobertor, sem leito, n'uma rede estendida e resistente, fixada ao teeto e ao soallo. Considerando-se as desgraças que tem aconteeido por se

ter faltado a estas precauções, reconhecer-se-ha facilmente que vale a pena toma-las. Se, por não terem sido observadas, o somnambulo sahir do quarto, se andar pelo telhado, pelas margens de um precipicio qualquer, é preciso que se cheguem a elle silenciosamente e que o agarrem pelo corpo; não sendo possivel fazer-se isto, é melhor antes deixa-lo que continue em seu passeio perigoso do que chama-lo pelo nome, desperta-lo e expô-lo assim a uma quêda, que o sobresalto determinaria de uma maneira indubitavel. Com tudo isso, não é tão facil despertar um somnambulo; os ruidos mais fortes, a luz mais viva, os cheiros mais penetrantes, são muitas vezes de effeito insufficiente. As impressões sobre o sentido do tacto são ordinariamente mais decisivas; as coegas, os beliscões, e sobretudo as aspersões d'agua fria no rosto, despertão mais promptamente. Quando se dorme perto de um somnambulo, e quando se percebe pela agitação do seu corpo que o accesso vem sorprendê-lo, é bom desperta-lo; esta simples vigilancia, algum tempo continuada, basta, ás vezes, para curar o somnambulismô.

SOMNO. O somno é a suspensão momentanea de nossas relações com os objectos exteriores, ou em outros termos, é o repouso dos orgãos, dos sentidos, das faculdades intellectuaes e dos movimentos voluntarios.

O somno tranquillo, profundo e de duração conveniente, restabelece as forças cansadas; os orgãos recobram a faculdade das suas funções. Suspendendo a acção do cerebro, suspende as dôres phisicas e as penas da alma; é o consolador dos infelizes. O somno diffunde um encanto sobre a nossa existencia, e nos occasiona os mais brandos deleites. Ao despertar, o homem experimenta uma sensação geral de socego e bem-estar; os membros estão aptos para o exercicio; os sentidos recebem com prazer as novas impressões; o cerebro mesmo, livre das ideias que o occuparão no dia precedente, concebe com rapidez, fica disposto á meditação, e por isso, este momento é o mais favoravel aos trabalhos intellectuaes.

É uma tentativa bem temeraria o quererem algumas pessoas dobrar a existencia, subtrahindo ao repouso as horas que lhe pertencem. Um somno de certa duração é necessario ao restabelecimento das forças; esta duração não póde ser determinada de uma maneira exacta para cada individuo. Deve variar conforme a idade, a constituição, o sexo, a profissão, e o gráo de exercicio que se fez. Podemos dizer em geral que para as pessoas fracas são necessarias oito a nove horas, e que para os individuos robustos esta duração deve ser de seis a oito horas. Será sempre prejudicial o

dormir mais ou dormir menos. O somno prolongado demasiadamente não só enfraquece o corpo e o torna pesado, mas põe o espirito em uma especie de entorpecimento, torna a intelligencia lenta e difficil, faz perder a memoria e extingue a imaginação. Os grandes dorminhocos não podem fazer o menor exercicio sem experimentarem grande lassidão. A actividade das funcções diminue; e como o individuo faz poucas perdas, adquire ordinariamente uma gordura consideravel.

Quando o somno é mui curto, pelo contrario, o cerebro, fatigado pelo exercicio do dia precedente, não póde reparar as suas perdas; então esta lassidão impede-lhe o poder entregar-se com fructo ao trabalho; as ideias são confusas e embaraçadas, as sensações são penosas, os movimentos difficeis e fatigantes; uma especie de descontentamento, resultado da irritação prolongada d'este orgão, torna o character colerico e rabugento. As pessoas que prolongão habitualmente as vigalias estão expostas a muitas molestias. Fazendo estas pessoas muitas perdas, e reparando-as mui pouco, cahem em um estado de magreza deploravel; emfim, prolongando todas as funcções o seu exercicio, segue-se d'ahi que estes individuos estragão promptamente a existencia, e vivem mui pouco.

Depois de grande exercicio do corpo ou do espirito, o repouso é necessario; mas então ordinariamente a excitação prolonga-se durante o somno, o qual é leve, perturbado por sonhos e pouco reparador. As vezes, até não se póde de maneira alguma dormir depois de uma excessiva applicação de espirito, durante a agitação das paixões, ou depois de um exercicio violento.

São todas as horas igualmente proprias para nós nos entregarmos ao somno? Considerando-se que a immensa maioria dos seres viventes dormem durante a noite, e que o silencio e a escuridão convidão ao somno, é, por assim dizer, inutil fazer este quesito; mas, quando se reflecte que nas grandes cidades muitas pessoas fazem da noite dia e do dia noite, talvez seja util então assignalar os inconvenientes d'estes costumes. Sinclair refere que dois coroneis tinham entre si uma longa discussão para saberem o que melhor convinha para uma longa marcha no verão: se repousar de noite, ou de dia. Como esta questão era muito interessante debaixo do ponto de vista militar, obtiverão do seu general a permissão de fazer o ensaio. Partirão ambos com os seus regimentos, e percorrêrão duzentas leguas. O que marchava de dia e descansava de noite chegou ao lugar do seu destino sem perda alguma, nem de homens nem de cavallos, entretanto que o que julgou preferivel aproveitar a frescura da noite para caminhar, e descansar durante o dia, perdeu alguns soldados e alguns cavallos.

A observação prova que durante a noite a atmosphera é desfavoravel para a saude, que o melhor meio de evitar os seus funestos effeitos é subtrahir-se á sua influencia, entregando-se ao repouso em quartos em que ella não penetre. As pessoas que prolongão mais a vida são as que se deitão e levantão muito cedo; seria bom deitar-se regularmente ás dez horas da noite, e levantar-se ás seis da manhã.

O costume de dormir de dia não é salutar; põe o corpo em grande molleza e indolencia, torna o homem preguiçoso, pesado, pouco proprio para o trabalho do espirito e para o exercicio do corpo. Algumas pessoas pensão que favorece a digestão; mas, observando-se que os individuos que dormem depois de jantar acordão com máo gosto na bocea, convir-se-ha que este costume produz o effeito contrario. Além d'isso, o somno do dia impede o da noite, razão csta que bastaria para evita-lo.

O quarto de dormir deve ser vasto, bem arejado, e collocado no andar mais elevado da casa; e não ha cousa mais contraria á saude do que dormir em uma alcova estreita em que o ar não possa circular. Seria, entretanto, uma imprudencia dar accesso, durante a noite, ao ar exterior no quarto em que se dorme; convem sómente abrir as portas de communicacão com os quartos vizinhos, e conservar durante o dia as janellas abertas.

Ha muitas causas que impedem ou favorecem o somno. Já eu disse que as paixões, os pezares, as applicações excessivas do espirito, são um obstaculo ao somno. A luz e a bulha tem a mesma influencia. Quem não sabe que o homem dorme menos profundamente e peor durante o dia, ou exposto ao barulho, do que durante a noite e no silencio? A respeito da bulha, é preciso dizer, comtudo, que ha algumas que, longe de impedirem o somno, parecem favorecê-lo. Os ruidos monotonos, taes como os dos ventos; da chuva ou de um moinho, uma musiea lenta, pouco variada; um sermão, um discurso pronunciado de certa maneira, provocão o somno. O trabalho da digestão, depois de uma ceia copiosa, póde impedir o somno. Outro tanto acontece depois da inacção completa do corpo e do espirito, depois do repouso absoluto que não occasionou perda alguma nem fadiga, e que, por conseguinte, não exige grande reparação; o somno do dia é quasi sempre á custa do da noite. As substancias que produzem a alimentacão excitante, as bebidas aromaticas ou aleolicas, o ar mui quente ou muito frio, os banhos frios, são causas de insomnia. Deve tambem entrar n'este numero a mudança de habitacão, de casa e eama. Os meios que podem favorecer o somno aehão-se indicados no artigo INSOMNIA.

SOMNOLENCIA ou **Modorra**. A disposição ao somno, além do tempo destinado ao repouso, offerece muitos grãos, desde a simples tendencia de dormir até ao somno profundo, com impossibilidade de interrompê-lo. O grão mais leve é a modorra ou a somnolencia; é um estado entre a vigilia e o somno, durante o qual a acção dos sentidos está suspensa, ou só se exerce de uma maneira incompleta. Depois vem o estado comatoso, no qual existe perda da sensibilidade, porém possibilidade de acordar o doente. O grão mais elevado chama-se em medicina *carus* : não se póde despertar o doente de somno carotico. Estas differentes fôrmas da modorra são, em geral, symptomas de molestias cerebraes; dependem, no maior numero dos casos, de congestão sanguinea no cerebro. Em um grão menos grave, a modorra acompanha frequentemente os sarampos, a escarlatina, as bexigas, e é, nas crianças, um symptoma mui commum em todas as molestias febrís.

Uma digestão laboriosa dá tambem lugar á modorra. O mesmo symptoma apparece na erysipela do rosto. Não é raro vê-lo associado ao delirio : o doente pronuncia durante o somno palavras incoherentes, desperta ao mais leve ruido, e parece como assustado pela vista de objectos estranhos.

Certas substancias tem a propriedade de determinar a modorra mais ou menos profunda; taes são o opio, os licores espirituosos tomados com excesso, o gaz acido carbonico. A fadiga ou as vigílias, a inanição ou um estado de fraqueza mui grande, sobretudo nas pessoas idosas, ou um frio muito intenso, as dôres prolongadas ou excessivas, a supressão das hemorrhoidas, são acompanhadas muitas vezes de tendencia ao somno. Ás vezes este estado é independente de todas estas causas.

A propensão ao somno mui pronunciada é, ordinariamente, um accidente bastante serio que deve fazer temer a congestão cerebral, principalmente nos individuos de constituição apoplectica. Quando o somno sobrevem logo depois de uma quéda sobre a cabeça, annuncia ás vezes que teve lugar derramamento de sangue no cranco, circumstancia das mais sinistras, pois a morte é o seu resultado provavel.

O *tratamento* d'este symptoma varia conforme as circumstancias. Quando annuncia *congestão cerebral* ou traz receio de ataque de *apoplexia* (*vejão-se* estas palavras), convem praticar uma sangria no braço ou applicar bichas atraz das orelhas, e sinapismos nas pernas, assim como um brando purgante. Ás pessoas que soffrem de grande tendencia para o somno continuo, sem serem ameaçadas de molestia alguma, aconselho o uso do café, lavatorios

no rosto e cabeça com agua fria, um regimen mais vegetal do que animal, e a abstinencia de bebidas alcoholicas.

SONDA. Chama-se *sonda* um instrumento de cirurgia que consta, ordinariamente, de uma haste metallica mais ou menos longa, cheia ou ouca, diversamente configurada e destinada a ser introduzida nas cavidades naturaes ou accidentaes do corpo, quer para explorar a sua fórma ou o seu conteúdo, quer para preencher alguma indicação curativa. Há muitas especies de sondas destinadas a diferentes usos.

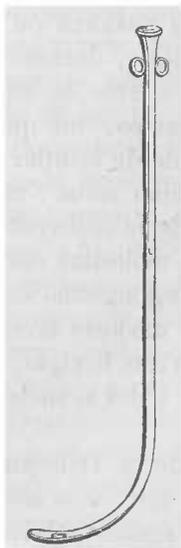


Fig. 458.

Sonda de prata,
para homem.

A sonda que se introduz na bexiga do homem é um tubo de prata ou de gomma, ouco, fechado n'uma das extremidades, e aberto na outra. A porção fechada é destinada a ser introduzida na bexiga; tem nos lados duas aberturas ou *olhos* pelas quaes a urina deve correr. As sondas de gomma são rectas e flexiveis; as de prata são curvas. A fig. 458 representa a sonda de prata, para homem. A extremidade livre é mais larga, e guarnecida de um anel de cada lado, para que se possa, sendo necessario, atar cordões para fixar a sonda. O seu comprimento, para um homem adulto, deve ser de cerca de 32 centímetros (12 pollegadas).

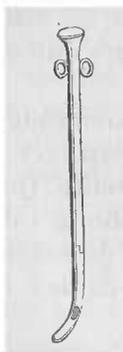


Fig. 459.

Sonda de prata,
para mulher.

A *sonda de mulher* (fig. 459) é um tubo de prata do comprimento de cerca de 16 centímetros (6 pollegadas), e de duas a tres linhas de diametro, cylindrico, levemente curvo na extremidade romba, com duas aberturas lateraes d'este lado, um pouco alargado em funil, e guarnecido de um pequeno anel de cada lado na outra extremidade.

O modo de introduzir a sonda na bexiga está indicado no artigo CATHETERISMO, vol. I, pag. 523.

SONHO. O cerebro nem sempre está em repouso completo durante o somno. Muitas vezes, em quanto se dorme, produzem-se certos actos intellectuaes que se chamão *sonhos*. Estes sonhos, por muito tempo considerados como actos sobrenaturaes, avisos celestes ou annuncios do futuro, são

o producto do trabalho irregular do cerebro, e se as mais das vezes são estranhos, é porque, tendo o somno feito cessar toda a vontade, as diversas ideias que se formão são associadas como por acaso e com extraordinarias incoherencias. Ordinariamente os sonhos são relativos aos trabalhos, ás paixões que occupavão o individuo durante as vigílias, e que deixarão uma impressão no cerebro; o sabio sonha com os seus estudos, o amante com o objecto da sua inclinação. Mas podem tambem ser o resultado da imaginação ou da memoria; uma impressão apenas percebida pôde occasiona-los. Algumas vezes os sonhos limitão-se á produção de ideias; mas outras vezes tambem são acompanhados da acção que teria seguido naturalmente estas ideias; um move-se, falla, outro queixa-se, outro canta; se o sonho fôr relativo á geração, os órgãos exteriores d'esta funcção estão em acção. Não é facil impedir os sonhos; quanto ao que diz respeito a alguns sonhos penosos, consulte o leitor o artigo PESADELO.

SORGHO. *Andropogon*. Planta graminea de que muitas especies servem de alimento aos habitantes da Asia. A parte empregada são as sementes. O *sorgho saccharifero* (*Andropogon saccharatus*, Roxb.), originario do norte da China, é uma especie que tomou certa importancia, n'estes ultimos tempos, por causa da grande quantidade de assucar que contém o seu talo. Este assucar é de difficil extracção, mas pôde utilizar-se o sorgho saccharifero para a fabricacção do alcool.

SORO DE LEITE. Dá-se este nome á parte mais liquida do leite. Para preparar o soro de leite, põe-se ao fogo um quartilho, por exemplo, de leite de vacca, do qual se tira a nata, reunida na superficie pelo repouso. Quando o leite principia a ferver, juntão-se-lhe duas oitavas de cremor de tartaro, que em pouco tempo ô fazem coalhar. Separa-se o liquido obtido : este é turvo, esbranquiçado, carregado de particulas caseosas : é preciso clarifica-lo. Para isso junta-se-lhe pouco a pouco uma clara de ovo batida com algum soro, e põe-se a um fogo moderado; logo que levanta fervura, tira-se do fogo, deixa-se esfriar e filtra-se. Pôde-se tambem coalhar o leite juntando-lhe um pouco de coalho de vitella diluido em agua, ou sumo de limão, ou uma colher de vinagre. — O soro de leite natural, que provém da coagulação espontanea do leite durante a preparacção dos queijos, contém em suspensão um pouco da parte caseosa. — O soro de leite clarificado é limpido, de côr amarella esverdeada, de sabor doce. Poder-se-hia obter igualmente servindo-se do leite de outros animaes; porém o de vacca é o mais commummente usado. Esta bebida deve ser preparada no momento em que se precisa d'ella, pois que em pouco tempo azéda facil-

mente por causa das particulas caseosas de que não pôde ser totalmente desembaraçada.

O soro de leite possui propriedades emollientes e levemente laxativas, que o tornão proprio a ser administrado em todas as molestias inflammatorias, durante as quaes é util entreter a liberdade do ventre. Dá-se ás chicaras de 3 em 3 ou de 4 em 4 horas. Póde-se-lhe juntar assucar ou algum xarope.

SORVEIRA. *Collophora utilis*, Martius. Apocyneas. Bella arvore do Brasil, habita no Pará e Rio Negro. O succo, leitoso, que se extrahê d'esta arvore, é um vermifugo, na dóse de 8 a 12 grammas (2 a 3 oitavas), junto com oleo de ricino. Na economia domestica é empregado como verniz.

SORVETE. *Veja-se GELO.*

SOVACO. *Veja-se SOBACO.*

SPA. Aguas feruginosas, gazosas, frias.

Itinerario de Pariz a Spa : Estrada de ferro de Pariz a Spa mesmo, 9 horas e um quarto. Despeza 45 francos.

Spa é uma cidade da Belgica, de mais de 5,000 habitantes, situada no meio de um pittoresco valle, ao pé de um monte que a protege dos ventos do norte. Do lado sul, levanta-se um outro



Fig. 460* — Fonte Sauvenière em Spa.

monte coberto de matto e cultivado em parte : é d'este monte que sahem todas as fontes mineraes de Spa, que são todas ferruginosas, frias, gazosas e mui celebres. A sua reputação como for-

tificantes acha-se estabelecida de ha alguns seculos. Eis-aqui as fontes principaes.

Pouhon. Esta fonte, que se acha no centro da cidade, está accommodada debaixo do peristilo de um monumento dedicado á memoria de Pedro-o-Grande', Imperador da Russia, que visitou Spa em 1717 e recobrou ali a saude. A agua de Pouhon sahe aos borbotões das fendas dos rochedos. É a fonte mais frequentada. Desenvolve-se d'ella uma tal abundancia de gaz acido carbonico, que o reservatorio, onde ella se ajunta, assemelha-se a uma tina em fermentação.

Geronstère. Distante de Spa cerca de uma legoa, esta fonte esguicha no meio de um bosque, e ajunta-se n'um pequeno tanque abrigado por um elegante edificio. Esta agua é levemente mineralizada.

Sauvenière. Esta fonte acha-se situada a 30 minutos da cidade. Brota n'um poço quadrado, talhado n'um rochedo. A temperatura é de 9°,7 centigrados. Na pedra que está perto do poço acha-se uma marca chamada pé de São Remaço. Segundo a tradição, basta a uma senhora joven, para cessar de ser esteril, beber, durante nove dias consecutivos, agua de Sauvenière, collocando o pé sobre a marca do pé de São Remaço. Como o maravilhoso agrada sempre, muitas senhoras preenchem esta formalidade.

Groesbeeck. Está situada perto da fonte Sauvenière, contém menos ferro e mais gaz do que esta; é de sabor mais agradável.

Nivesée. Esta fonte vem encanada desde a sua origem distante tres kilometros da cidade; alimenta o novo estabelecimento de banhos. É mui ferruginosa, contém abundancia de gaz acido carbonico, e desenvolve além d'isto um cheiro bastante forte de hydrogeneo sulfureo.

Barisart. Esta fonte está abrigada n'uma gruta. É o lugar de reunião das pessoas elegantes.

A maior parte d'estas fontes achão-se a certa distancia da cidade, no meio dos mattos e das montanhas. Esta circumstancia obriga os doentes a fazerem exercicio.

Todas as aguas de Spa são frias, limpidas, com sabor picante, de tinta de escrever mais ou menos pronunciado, segundo as fontes. Os seus principios dominantes são o ferro em maior ou menor quantidade e o acido carbonico. A temperatura das diversas fontes é de cerca de 10° centigrados. Eis-aqui o resultado da analyse da fonte Pouhon, segundo Plateau. 1 kilogramma d'esta agua contém :

Bicarbonato de soda..	0g,1266	Chlorureto de sodio..	0g,0256
— de potassa..	0g,0105	Silica.	0g,0629
— de cal. . .	0g,1730		<hr/>
— de magnesia.	0g,1674		0g,6377
— de ferro..	0g,0714	Gaz acido carbonico	
Sulfato de soda.	0g,0203	livre	<u>1^{lit}0807</u>

As aguas de Spa são tonicas e resolutivas. Forão preconizadas em todos os tempos e em todos os paizes. Facilitão a digestão, augmentão as forças, tornão o sangue mais vermelho. São uteis na anemia, chlorose, amenorrhœa, diarrheas antigas, blennorrhagias chronicas, ictericia, convalescenças, molestias nervosas, engurgitamentos do utero, do figado e do baço.

Os banhos, em Spa, não occupavão antigamente senão um lugar secundario. Mas desde 1868, epoca em que foi construido o esplendido estabelecimento que hoje existe, o seu emprego tornou-se geral.

Quanto á bebida, principia-se por um ou dois copos de manhã em jejum, depois chega-se gradualmente até sete ou oito, dóse que se póde não attingir, mas que se deve raras vezes exceder.

A morada em Spa é agradável, os passeios magnificos, os divertimentos brilhantes. Já ha muito tempo que a voga se conserva fiel a estas aguas, porque repousa, não sobre um vão capricho, mas sobre a gratidão dos doentes que achárão ali a cura das suas molestias, e sobre a satisfação das pessoas de boa saude que encontrão em Spa prazeres e distracções. A estação thermal dura do 1º de junho a 15 de outubro. Expedem-se todos os annos quantidades enormes d'agua mineral de Spa. Os cuidados minuciosos, que se tomão para engarrafa-las, fazem com que estas aguas supportem o transporte sem se alterarem.

SPARADRAPO. Chamão-se *sparadrapos* tiras de panno, tafetá ou papel, cobertas uniformemente de algum emplasto. Empregão-se sobretudo para conter approximadas as margens de alguma ferida. O emplasto simples e o emplasto diachylão empregão-se principalmente para confeição dos sparadrapos. O *sparadrapo ordinario* é uma mistura de 4 partes de cera branca, 2 de oleo de amendoas doces e 1 de terebinthina, que se derretem juntamente e que se estendem sobre panno de algodão.

SPASMO, Spasmodico. *Veja-se* ESPASMO, ESPASMODICO.

SPLENITE. Inflammção do baço. *Veja-se* vol. I, pag. 284.

SQUINA. *Veja-se* CHINA.

STERNALGIA. *Veja-se* ANGINA DO PEITO.

STERNON. *Veja-se* ESTERNO.

STETHOSCOPIO. Instrumento empregado para explorar os diversos ruidos que se podem ouvir no peito. *Veja-se* AUSCULTAÇÃO.

STOMACHICO. *Veja-se* ESTOMACHICO.

STOMATITE. Inflamação da bocca. *V* vol. I, pag. 363.

STRABISMO. *Veja-se* ESTRABISMO.

STRANGURIA. Difficuldade de urinar. *Veja-se* RETENÇÃO DE OURINA.

STRAS. Vidro que imita as pedras preciosas. Compõe-se em geral de silicato de potassa e de silicato de chumbo, corados com diferentes oxydos, e obtem-se com crystal de roca ou com areia branca, potassa pura, minio, borax e acido arsenioso. Imita-se o *diamante* com stras incolor; a *saphira* com stras corado pelo oxydo de cobalto; a *amethysta* com stras corado pelo oxydo de manganez e purpura de Cassius ou oxydo de ouro; a *esmeralda* com oxydo verde de cobre e um pouco de oxydo de chromo; o *topazio* com vidro de antimonio e oxydo de ouro; a *agua marinha* (beryllo) com vidro de antimonio e oxydo de cobalto; a *granate* com vidro de antimonio, purpura de Cassius e oxydo de manganez, etc.

STRYCHNINA. Substancia que se extrahê da noz vomica. São pós brancos, inodoros, pouco soluveis na agua, soluveis no alcool, de sabor excessivamente amargo. Produz os mesmos effeitos que a noz vomica (*veja-se* NOZ VOMICA). Mas a sua acção é muito mais energica. É um dos venenos mais violentos: um só grão ingerido pela bocca pôde matar. Os medicos administrão ás vezes esta substancia em dóse mui pequena, 5 a 6 milligrammas ($\frac{1}{10}$ a $\frac{1}{8}$ de grão), contra as paralyrias; mas o bom effeito d'este medicamento é muito incerto, e o perigo é grande. É melhor abandonar o seu emprego. A strychnina é um dos venenos frequentemente empregados pela medicina homeopathica em doses infinitesimales; mas mesmo em pequenas doses pôde produzir effeitos ás vezes formidaveis.

No caso de envenenamento pela strychnina, cumpre provocar os vomitos com 5 centigrammas (1 grão) de emetico administrado n'uma chicara d'agua fria, e recorrer aos outros meios indicados no artigo ENVENENAMENTO PELA NOZ VOMICA, vol. I, pag. 942.

STYPTICO. Synonymo de adstringente. *V* ADSTRINGENTES.

SUADOURO. Meio de provocar o suor. Consiste este meio em tomar um pediluvio com farinha de mostarda ou com cinza, beber duas ou tres chicaras de chá da India, de sabugueiro, de borragem, ou de casquinha de limão; deitar-se depois na cama, cobrir-se com um cobertor de lã; a transpiração não tarda a apparecer. O suadouro emprega-se principalmente nas constipações,

defluxos, bronchites; é um meio mui simples e muito effcaz no tratamento d'estas molestias.

SUB-AZOTATO DE BISMUTHO ou SUB-NITRATO DE BISMUTHO. Sal branco, insipido, inodoro, pouco soluvel em agua. Emprega-se com vantagem nas dôres nervosas do estomago, na diarrhea, dysenteria, febre typhoide, cholera-morbus; na d6se de 40 a 60 centigrammas, e, progressivamente até 30 grammas por dia (8 grãos até 1 onça), em pó, pilulas ou poção gommosa.

SUB-CUTANEAS (Injecções). *Veja-se* vol. II, pag. 219.

SUBLIMADO, SUBLIMADO CORROSIVO OU DEUTOCHLORURETO DE MERCURIO. Combinação de chloro com o mercurio. *V* MERCURIO.

SUCCINO. *Veja-se* AMBAR AMARELLO.

SUCOPIRA. *Veja-se* SEBIPIRA.

SUCUUBA ou SEBUU-UVA. *Plumeria phagedenica*, Martius. Apocyncas. Arbusto do Brasil; habita na provincia do Amazonas. O seu succo é vermifugo; na d6se de 2 a 4 grammas ($\frac{1}{2}$ a 1 oitava); passa por venenosa em d6se mais elevada. Externamente emprega-se nas ulceras atonicas e verrugas.

SUCUAYA. *Veja-se* HERVA COLLEGIO.

SUDORIFICOS. Dá-se o nome de *sudorificos* ou *diaphoreticos* aos medicamentos que provocão o suor. Este effeito pôde ser produzido por grande numero de substancias. A ingestão de grande porção d'agua quente é o meio sudorifico mais poderoso; porém de ordinario empregão-se como sudorificas as infusões das diversas plantas, cuja acção sobre a pelle tem sido bem reconhecida; estas plantas são : flores de sabugueiro, folhas e flores de borragem, casquinha de limão, alfavaca, jaborandi, chá da India, mate, gervão, etc. Usão-se os sudorificos em grande numero de moletias, como na constipação, molestias cutaneas, gota, rhcumatismos, sypphilis, hydropisias, affecções catarrhaes, etc.

SUFFOCAÇÃO. Muitas molestias diversas podem produzir este symptoma, que merece diversa consideração, conforme é mais ou menos contínuo, ou só passageiro. No primeiro caso, depende quasi sempre de molestia aguda ou chronica de algum orgão contido no peito; no segundo, pôde não constituir senão um accidente nervoso sem gravidade, e mais incommodo do que inquietante. Podendo só o medico distinguir os casos em que a suffocação é um accidente nervoso, e sem consequencia, d'aquelles em que merece séria attenção, nunca, em semelhante caso, se deve deixar de recorrer ás suas luzes. Durante o periodo mesmo do accesso da suffocação, qualquer que seja a sua causa, deve-se-ha sempre, em quanto não chega o medico, tirar rapidamente todos os vestidos e todas as ligas que possuão obstar á circulação

e á respiração, pôr o doente em uma cadeira de braços ou na cama com o tronco levantado por meio de almofadas, permittir ao ar um livre accesso no quarto em que se achar o doente, metter-lhe os pés e as mãos em agua quente, dar-lhe a beber, se desejar, algumas colheres d'agua fria com assucar, com a addição de uma pouca d'agua de flor de laranjeira, e applicar-lhe sinapismos nos pés. Dez gottas de ether sulfurico tomadas em agua com assucar, a inspiração d'agua de Colonia ou de vinagre, podem tambem alliviar. Nas senhoras nervosas, affectadas de suffocação, obtem-se um bom resultado borrifando-se-lhes o rosto com algumas gottas d'agua fria.

SUFFUMIGIO. *Veja-se FUMIGAÇÃO.*

SULFATO DE CADMIO. Crystaes em prismas rectangulares, inodoros, mui soluveis em agua, deliquescentes. Adstringente. A sua solução emprega-se externamente nas ophthalmias chronicas e nas otorrheas (purgações pelo ouvido). *Dóse* : Como collyrio, 5 a 20 centigrammas (1 a 4 grãos) para 30 grammas (1 onça) d'agua; para injecção no ouvido, 20 a 40 centigrammas (4 a 8 grãos) na mesma porção d'agua.

SULFATO DE CAL. *Veja-se* vol. I, pag. 427.

SULFATO DE COBRE. *Veja-se* vol. I, pag. 624.

SULFATO DE FERRO. *Veja-se* vol. I, pag. 442.

SULFATO DE MAGNESIA. *Veja-se* vol. II, pag. 895.

SULFATO DE POTASSA. Sal solido, branco, crystallizado em prismas de 4 ou 8 faces, inodoro, de sabor levemente amargo, soluvel na agua. Purgante, pouco usado. *Dóse* : 15 grammas (1/2 onça).

SULFATO DE QUININA. *Veja-se* vol. II, pag. 825.

SULFATO DE SODA. *Veja-se* vol. II, pag. 895.

SULFATO DE ZINCO. *Veja-se* ZINCO.

SULFURETO DE CAL. Apresenta-se em pedaços avermelhados, porosos e friavcis. Entra na composição de algumas pomadas anti-dartrosas.

SULFURETO DE CARBONE. Liquido transparente, incolor quando puro, de cheiro aliaceo penetrante, fetido; de sabor acre e ardente; é muito inflammavel, e arde com chamma azul. Vaporiza-se ao ar livre com tal rapidez que determina a condensação e a congelação da agua contida no ar; é muito venenoso, pelo que deve tomar-se muita precaução na sua conservação, e no seu emprego. É insolúvel na agua, mas soluvel no alcool, ether, e nos corpos gordos. Dissolve o iodo, o enxofre, o phosphoro, os corpos gordos, a camphora, as resinas, a gutta-percha, o caoutchouc com grande facilidade. É muito empregado

na industria, sobretudo para dissolver o caoutchouc. Sob o nome de *carburina* emprega-se na economia domestica para tirar as nodoas de gordura.

SULFURETO DE POTASSIO. Substancia solida, de côr roxa-esverdeada quando é recentemente preparada, cinzenta quando antiga; de cheiro de ovos chócós, caustica, mui soluvel na agua, e mui deliquescente. O sulfureto de potassio é empregado em banhos ou lavatorios contra as molestias cutaneas, na dóse de 60 a 120 grammas (2 a 4 onças) para um banho geral. Emprega-se tambem internamente contra as tosses chronicas, dertos rebeldes, rheumatismo chronico, etc., na dóse de 30 a 100 centigrammas (6 a 20 grãos) com mel de abelhas ou em pilulas.

SULFURETO DE SODIO. Crystaes sem côr, mui soluveis em agua, deliquescentes. Serve para a preparação dos banhos sulfurosos. Misturado com a cal, emprega-se como depilatorio.

SUMBUL. Raiz de uma planta que habita nas regiões septentrionaes das Indias inglezas, e que se julga pertencer á familia das Umbelliferas, chamada por alguns botanicos *Archangelica moschata*. Esta raiz é espessa, de 5 a 10 centimetros de diametro, branco-amarella, de cheiro almiscarado. Conhecida na Allemanha e na Russia desde 1840, esta raiz foi ali empregada contra a cholera como excitante aromatico; em França, o seu cheiro aromatico a fez entrar na perfumaria.

SUOR, Suor dos pés. *Veja-se* TRANSPIRAÇÃO.

SUPPOSITORIO. Medicamento ordinariamente solido, de fórma cónica, do comprimento de um dedo, destinado a ser introduzido e a conservar-se algum tempo no intestino recto. Preparão-se os suppositorios com mechas de fios cobertas de ceroto ou de algum unguento, ou com sabão e manteiga de cacáo. Quando se emprega o sabão, corta-se um pedaço d'esta substancia, dá-se-lhe a fórma cónica, e introduz-se no anus. O suppositorio de sabão serve para combater a prisão de ventre.

SUPPRESSÃO. Existe suppressão de uma hemorrhagia, de um fluxo habitual, quando esta hemorrhagia ou este fluxo se suspende subitamente. É uma causa frequente das molestias. A suppressão das ourinas é a falta completa de secreção ou de excreção urinaria. (*Veja-se* RETENÇÃO DE OURINA.) Quanto ás outras suppressões, *veja-se* MENSTRUACÃO e TRANSPIRAÇÃO.

SURDEZ. Perda mais ou menos completa do sentido do ouvido. Esta enfermidade é *congenial* ou *adquirida*.

§ I. **Surdez-congenial, surdo-mudez.** Quando a criança nasce privada do sentido do ouvido, ou quando uma molestia a

torna surda durante os primeiros tempos de sua vida, a mudez completa é a consequencia necessaria da falta de audição. Diz-se então que a surdez é *congenial*, e toma o nome de *surdo-mudez*. Não é, por conseguinte, como se julgou durante muito tempo, por ser a lingua dos surdos-mudos mal conformada que elles não tem o uso da palavra, mas sim porque a natureza lhes recusou a faculdade de ouvir. De ordinario, a surdez de nascença reconhece por causa a paralyisia do nervo acustico, nervo especialmente destinado á percepção dos sons, quer esta paralyisia já existisse no momento em que a criança veio ao mundo, quer resulte, na primeira infancia, da inflammação do ouvido, das convulsões ou de alguma molestia do cerebro. As outras causas da surdez congenial são : a falta completa do conducto auditivo, a obstrucção d'este por pequenos polypos, ou concreções e vegetações diversas existentes no interior do ouvido.

A surdez congenial apresenta muitos grãos, que os medicos tem reduzido a cinco. No primeiro grão, a surdez não é bastante intensa para impedir a audição da falla; mas, para ser ouvida, a falla deve ser mais lenta, mais elevada, mais directa do que de costume. Este primeiro grão não traz após si uma mudez absoluta; mas a criança falla tão incompletamente como ouve. Nos outros quatro grãos de surdez, a falla é imperceptivel ou apenas perceptivel; mas importantes differenças distinguem cada um d'estes grãos. Assim, no segundo grão existe uma simples audição da voz. No terceiro, o som é só percebido. No quarto, os surdos não ouvem senão os ruidos. No quinto, a surdez é completa. N'estas diversas classes, quanto mais obtuso é o sentido do ouvido, tanto mais completa é a mudez. Na segunda, como na primeira, o ouvido é susceptivel de melhoramento; é preciso, por conseguinte, exercita-lo. Entre as classes seguintes, podem muitos surdos ter a esperanza de chegar a condições melhores pelo tratamento. Das observações do Dr. Itard, que se tem especialmente occupado d'esta materia, resulta que a primeira classe comprehende apenas a quadragésima parte dos surdos mudos; a segunda, pouco mais ou menos a trigesima; a terceira, a vigesima quarta; a quarta, os dois quintos; e a quinta, isto é a surdez completa, pouco mais da metade.

Muitos meios tem sido empregados para a cura da surdez de nascença e, por consequencia, da mudez, que d'ella resulta. Quasi todos os ensaios tentados até hoje tem sido infructuosos. Assim, foi frequentemente empregada a electricidade e o galvanismo, e sempre sem resultado. Os medicos tem recorrido aos purgantes, aos emeticos, aos causticos, ás fontes, aos sedenhos;

tem seringado substancias irritantes no conducto auditivo, tem empregado injeccões de ar ou de liquidos pela trompa de Eustachio, abertura que faz communicar o interior do ouvido com a garganta : os casos em que o emprego d'estes diversos meios foi seguido de alguma diminuição de surdez devem ser considerados como excepções. A educação é o unico recurso para a generalidade dos surdos de nascença. Nas crianças, cujo ouvido só está enfraquecido, é preciso cuidar-se em desenvolvê-lo; póde-se conseguir fazer-lhes ouvir e até repetir as palavras. Toda a arte consiste em exercer fortemente o orgão do ouído, em vencer, de alguma sorte, a preguiça nos surdos mudos que podem ouvir alguns sons. Principia-se por produzir sons mui fortes, cuja intensidade se vai diminuindo pouco a pouco : depois busca o mestre tornar gradualmente perceptivel nos sons alguma cousa mais do que as variedades de intensidade. Mas, para se chegar a taes resultados, são necessarios esforços tão prodigiosos e constantes, já da parte do mestre, já da do discipulo, que semelhante educação não póde ser dada senão a um numero mui limitado de individuos. E por isso, até agora, a linguagem dos signaes inventada pelo abbade de l'Épée, e aperfeiçoada por seus successores, é a que afforece aos surdos-mudos de nascença os meios de communicação mais promptos, mais faceis e mais extensos.

Desde muito tempo forão feitos os esforços para supprir, por uma educação particular, o que falta ao orgão do ouvido dos surdos-mudos. Diversos methodos forão empregados para instruir os surdos-mudos : procurou-se a principio desenvolver n'elles a linguagem natural de acção e ensinar-lhes gestos mimicos que todos pudessem comprehendere; depois creárão para elles um alphabeto-manual puramente convencional, que designa cada letra por um signal particular, sem excluir o emprego dos gestos; finalmente, os surdos-mudos forão exercitados a comprehender a falla pelo movimento dos labios, e a articular sons, ou a fallar, bem que elles não ouvissem. No anno de 1760, o abbade francez de l'Épée fundou em Pariz, com seus recursos privados, para os surdos-mudos, um estabelecimento hoje sustentado á custa do Estado. Recebem-se ali 100 alumnos gratuitos, e certo numero de alumnos que pagão (1,000 francos por anno). A educação dura seis annos. Os alumnos exercitão-se para figurar a falla por meio de gestos e mesmo para articular; aprendem a leitura, a escrita, o calculo, a grammatica franceza, a historia, a geographia, etc.; ensina-se-lhes tambem uma profissão manual que os possa collocar entre os membros activos e uteis da sociedade. Pelo modelo d'este estabelecimento, mais de 150 instituições des surdos-mudos

se formáram não sómente em França e na Europa, mas na America e na Asia.

No Rio de Janeiro, o *Imperial Instituto dos surdos-mudos* foi estabelecido e aberto no dia 1º de Janeiro de 1856, debaixo do patrocínio de Suas Majestades Imperiaes. Este instituto recebe alumnos de ambos os sexos, mediante uma pensão annual; alimenta-os; dá-lhes casa para morada; ensina-lhes tudo quanto comprehende a instrucção primaria e secundaria, a religião e a moral; e dá-lhes noções das artes e sciencias. No anno de 1873 havia no Instituto 22 alumnos, sendo 17 do sexo masculino e 5 do feminino. Erão pensionistas do Estado 21, havia só 1 contribuinte. Eis-aqui as informações sobre este Instituto, extrahidas da obra publicada em 1873 sob o titulo : *Imperio do Brasil na Exposição universal em 1873 em Vienna d'Austria* :

« O Instituto dos surdos-mudos do Rio de Janeiro foi fundado em 1856 como empreza particular, concorrendo S. M. o Imperador, o Senhor D. Pedro II, com a pensão de 2 alumnos, o Governo imperial com a de 10, a provincia do Rio de Janeiro com a de 8, e as ordens religiosas de S. Bento e Nossa Senhora do Monte do Carmo com a importancia do aluguel da casa em que se estabelecesse o Instituto. Cedido posteriormente ao Governo pelo empresario mediante indemnização pecuniaria, foi em 1868 convertido em estabelecimento publico de educação, com o qual o Estado despende a quantia de 34 contos de reis annualmente. É internato, e tem por fim ministrar a educação e instrucção de que são susceptiveis os surdos-mudos, dentro dos limites prescriptos no respectivo regulamento. Está situado a cerca de tres milhas de distancia da cidade do Rio de Janeiro, em um dos seus melhores arrabaldes, occupando casa assaz espaçosa para o numero actual dos alumnos, com quinta, onde ha pateos para jogos e exercicios gymnasticos, jardins, e tanques de abundante e excellente agua.

A instrucção litteraria consiste, por em quanto, na doutrina christã, no ensino da lingua portugueza, pelo methodo intuitivo, seguindo-se n'essa parte o programma do instituto de Pariz, arithmetica em suas applicações praticas, historia sagrada, geographia e historia do Brasil. Ensinão-se tambem, como accessorios, desenho e mimologia, estando esta a cargo de um repetidor surdo-mudo. Aprendem mais todos os maiores de 12 annos a horticultura a floricultura, nas quaes se empregão diariamente em horas convenientes; e alguns trabalham na officina de sapateiro, onde já se fabrica todo o calçado de que se servem os alumnos. As alumnas applicão-se a trabalhos de agulha e aos misteres de uso domestico que lhes são apropriados.

O pessoal superior compõe-se de director, 2 professores e 1 professora de linguagem escripta; 2 repetidores, um dos quaes é surdo-mudo educado no Instituto; mestre de desenho, e capellão, que é ao mesmo tempo incumbido do ensino religioso. As aulas estão providas dos principaes objectos do ensino, comprehendendo estampas, quadros iconologicos, de que tanto proveito se tem colhido na Allemanha, e apparelhos fabricados no Rio de Janeiro para arithmetica pelo methodo de Deruson e outros para exercicios gymnasticos. Ha no estabelecimento bibliotheca, na qual existem globos e mappas geographicos, colleções completas de padrões de pesos e medidas pelo systema metrico, compendios das aulas escriptos em portuguez, e obras publicadas sobre a educação dos surdos-mudos. Possui o Instituto 30 contos de reis em apolices da divida publica, provenientes de doações particulares e beneficios de theatros. São destinados, como quaesquer outros valores da mesma ou semelhante procedencia, para constituir patrimonio que auxilie os alumnos pobres que, tendo terminado a sua educação, não encontrarem, logo nos primeiros tempos depois da sua sahida, meios de subsistencia. »

§ II. A **surdez adquirida** póde depender de causas mui variadas. Póde ser occasionada pela inflammação aguda ou chronica do ouvido; é acompanhada então de um corrimento de materia purulenta pelo conducto auditivo, e reclama o tratamento indicado no artigo ΟΥΤΙΤΕ, vol. II, pag. 536. As concreções ceruminosas accumuladas no conducto auditivo, os corpos estranhos n'elle introduzidos, os polypos desenvolvidos no mesmo conducto, são tambem causas frequentes da surdez. Depois da sua extracção, a faculdade de ouvir restabelece-se.

A obliteração do conducto auditivo occasiona sempre diversos grãos de surdez : a faculdade de ouvir é só enfraquecida se uma membrana tapar o orificio do conducto; pelo contrario, perde-se inteiramente havendo obliteração do mesmo conducto, quer na sua totalidade, quer em parte da sua extensão. Estas variedades de obliteração umas vezes vão além dos recursos da arte, outras vezes cedem a uma operação cirurgica.

O sentido do ouvido diminue ordinariamente no decurso e no fim das febres graves. Fica momentaneamente abolido na syncope, na gota coral, na catalepsia, na apoplexia; está pervertido, ou mais ou menos supprimido, na febre cerebral. A surdez complica certas affecções chronicas, taes como a syphilis, as escrophulas; póde resultar da superabundancia de sangue na economia, sobrevir em consequencia de uma suppressão dos menstruos : foi observada como resultado da administração de certos medicamentos, do

sulfato de quinina, por exemplo. Todas estas surdezes cedem naturalmente ao tratamento dirigido contra as molestias de que se originão, e apenas é necessario indicar que a sangria faz desaparecer uma surdez momentanea produzida pela superabundancia de sangue, que se deve lançar mão dos medicamentos antisypiliticos, se a surdez fôr consequencia de affecção venerea. Mas, de todas as surdezes adquiridas, a mais commum é a que depende da *paralysis do nervo acustico*.

A *paralysis do nervo acustico* pôde ser produzida pela sua commoção resultando de pancada ou queda sobre a cabeça, ou então de uma queda sobre os pés, joelhos ou nadegas, que tenha imprimido um violento estremecimento a todo o corpo. Uma bofetada é até ás vezes sufficiente para determina-la. Succede aos ruidos violentos e subitos, taes como os estrondos do trovão, a explosão das peças de artilharia, de uma mina ou de um armazem de pólvora. As molestias do cerebro tornão-se tambem causas de surdez que persiste depois d'ellas terem cessado; assim, as crianças podem ser affectadas d'ella depois das convulsões, e todos os individuos após a inflammação do cerebro ou depois da apoplexia. Emfim, em muitos casos, a *paralysis do nervo* não é precedida de alguma d'essas affecções, e parece consistir em uma fraqueza essencial e progressiva d'este orgão.

Quando a surdez procede de violentas commoções cerebraes é ordinariamente subita. Nos outros casos, desenvolve-se quasi sempre lenta e progressivamente. As pessoas que experimentão naturalmente difficuldade em seguir uma conversação geral, ou que pelo menor ruido ou pela mistura de algumas outras vozes perdem o fio de um discurso que captivava a sua attenção, são mais dispostas do que outras a ficarem surdas. Esta fraqueza da audição é o primeiro symptoma pelo qual principia a surdez que sobrevem gradualmente. Ajuntão-se-lhe zunidos, dôres de cabeça e enfraquecimento da memoria. Em todos os casos, a surdez augmenta mais ou menos rapidamente, permanece ás vezes estacionaria, cresce na velhice, nas epocas menstruaes, sob a influencia das affecções moraes tristes, das comidas mui copiosas, do correr, e principalmente do frio humido; diminue, pelo contrario, nas circumstancias oppostas.

Não é raro ver-se a insensibilidade do nervo acustico estender-se ao pavilhão da orelha, ás fontes, aos tegumentos do pescoço, a ponto de tornar estas partes insensiveis á acção dos instrumentos cortantes. Ás vezes a membrana que forra o conducto auditivo cessa de segregar cerumen, toma o aspecto da pelle, e cobre-se de uma epiderme secca e farinacea.

Diagnostic. Para haver certeza de que a surdez depende do enfraquecimento ou da paralyxia do nervo acustico, cumpre assegurar-se primeiro, por meio de um exame bem attento, de que não existem causas physicas que se oppõem á audição. É preciso pois examinar o conducto auditivo externo. Para este exame deve-se collocar o doente n'uma posição que permita a penetração dos raios solares no conducto auditivo; deve-se tambem endireitar a curvatura do canal por meio das tracções da orelha dirigidas para cima e para fóra. Na falta do sol, emprega-se a luz artificial, que é sempre muito menos vantajosa. No estado normal, e sem cerumen, as paredes do conducto auditivo apresentam a côr rosea da pelle; a membrana do tympano é lisa, de côr branca. No caso de abcesso, o pus corre do conducto auditivo. — É preciso tambem examinar a garganta; porque as amygdalas, quando augmentão de volume, podem comprimir a trompa de Eustachio, e produzir uma surdez mais ou menos pronunciada. Importa tambem examinar os dentes, porque ás vezes as dôres de ouvido e a surdez dependem da carie dos ultimos dentes molares.

Tratamento da surdez proveniente da paralyxia completa ou incompleta do nervo acustico. Este tratamento compõe-se dos meios seguintes : Caustico na nuca. Instillação no conducto auditivo de oleo de amendoas doces, de glycerina, de agua de creosota, de ether sulfurico, de oleo camphorado, de balsamo tranquillo. Vapores de enxofre queimado dirigidos ao conducto auditivo. Fumações com infusões de valeriana, de alecrim, de alfazema. Insufflação ás fauces de alumen pulverizado. Gargarejo aluminoso.

Agua de creosota.

Creosota	1 gramma (20 grãos)
Agua	90 grammas (3 onças).

Gargarejo aluminoso.

Agua	600 grammas (20 onças)
Pedrahume	15 grammas (1/2 onça)
Mel de abelhas	60 grammas (2 onças).

Como não se pôde sempre curar a surdez, e como ella é raras vezes completa, os medicos tem-se occupado dos meios de concentrar e augmentar os sons, dirigindo-os ao ouvido. Instrumentos tem sido imaginados para este effeito : chamão-se *cornetas acusticas*. Ha d'ellas grande numero, de fórmãs a dimensões diversas; mas todas se reduzem a cylindros ôcos, de prata, cobre ou folha de Flandres ou gomma, estreitados em uma das extremidades e dilatados na outra, ás vezes enroscados em espiral no seu centro e interrompidos por um ou dois septos de pellica. (*Veja-se* vol. I, pag. 721). Por mais variadas que sejam as cornetas acusticas, as

modificações individuaes da sensibilidade auditiva nos surdos são mais differentes ainda. Sendo apresentada qualquer pessoa affectada de surdez incompleta, não é possível determinar-se immediatamente que genero de instrumento lhe convirá melhor. É preciso quasi sempre ensaiar certo numero d'elles para encontrar o que produz melhores effectos, como se faz quando se trata de escolher oculos para as pessoas que tem a vista curta.

SUSPENSORIO. É um apparelho particular destinado a levantar o escroto nos individuos affectados de differentes molestias d'este orgão. O suspensorio consiste n'uma especie de sacco de brim, panno de algodão ou de tecido de ponto de meia, no qual o escroto se acha contido exactamente, sem, comtudo, ficar comprimido : este sacco é mantido por cadaços que se fixão na cinta, suspendem o escroto e impedem que, entregue ao seu proprio peso, penda entre as pernas.

O suspensorio é util em muitas circumstancias, como na blennorrhagia, para prevenir a inflamação dos testiculos, no varicocele, sarcocele, erysipela do escroto, e nas pessoas que, não tendo inchaço algum no escroto, montão frequentemente a cavallo. Finalmente, o suspensorio não serve sómente para os individuos que soffrem de alguma molestia do escroto, mas é tambem vantajoso para prevenir as contusões, as compressões dos testiculos quando o escroto está comprimido e relaxado, como acontece no tempo quente.

Suspensorio do braço.

Ligadura destinada para sustentar o braço na fractura dos ossos do braço, do antebraço, da clavícula, no panaricio e nas outras molestias da mão ou do braço. Ha varias maneiras de applicar esta ligadura.

Lenço suspenso ao pescoço. Fig 461. Constitue o suspensorio do braço simples. Faz-se com um lenço de algibeira dobrado em triangulo. Atando atraz do pescoço os dois angulos agudos, obtem-se uma goteira que pende diante do peito, e na qual des-



Fig. 461.

Lenço passado ao pescoço.

cança o antebraço e a mão. O angulo recto corresponde ao cotovelo do braço doente; se o excede a ponto de ficar incommodo, póde dobrar-se para diante e fixar com alfinete.

Suspensorio do braço do João Luiz Petit. Fig. 462. Faz-se com um pedaço de panno de linho quadrado, de 80 centímetros, dobrado em triangulo. Passa-se este panno assim dobrado entre



Fig. 462.

Suspensorio do braço de João Luiz Petit.

o braço e o peito do doente, de maneira que o angulo recto se ache debaixo do cotovelo, e o grande lado do triangulo debaixo da mão. Dos dois angulos agudos, um passará sobre o hombro são, e o outro, subindo e cobrindo o antebraço e o hombro doente, passará atraz do pescoço, para encontrar-se com o primeiro, sobre o hombro do lado opposto, onde estes dois angulos serão atados ou cozidos juntos, e firmados de tal maneira que o antebraço fique encolhido quasi em angulo recto. Então pegando nos dois angulos rectos perto do cotovelo, separão-se estes tirando o exterior do lado da mão, e o interior por detraz do cotovelo, de

maneira que o antebraço occupe o centro do panno assim desdobrado. Passão-se então os dois angulos, a saber : o angulo que está por diante, por baixo da mão, e o angulo que está por detraz, por cima do braço: e, depois de chegados um ao outro, atão-se juntos, e pregão-se com o resto do panno, por meio de um alfinete grosso. Este suspensorio é o mais conveniente de todos. O antebraço e o cotovelo estão exactamente sustentados; todo o membro acha-se envolvido desde o hombro até á ponta dos dedos, e não ha risco que o doente desarranje o apparelho, como acontece muitas vezes, quando não se toma esta precaução.

SUSPIRO. O suspiro não é outra cousa senão uma inspiração profunda, e na qual os pulmões, amplamente dilatados, permitem que o sangue accumulado nas cavidades direitas do coração passe livremente ás cavidades esquerdas. O suspiro tem lugar nas affecções tristes do coração, que tem por effeito uma accumulção do sangue nos órgãos circulatorios. Essa accumulção manifesta-se por certo incommodo e oppressão, que o suspiro faz desaparecer abrindo aos liquidos uma via mais facil.

SUTURA ou **COSTURA.** Pequena operação que consiste em cozer juntos os labios de uma ferida, para approxima-los mais exactamente, e obter uma consolidação immediata. Pratica-se com linha enfiada em agulha.

SYCOSE. Veja-se MENTAGRA.

SYMPTOMA. Chamão-se *symptomata* os diversos phenomenos que sobrevem n'uma molestia. Pela reunião e successão dos *symptomata* é que se conhece a molestia. Não se deve confundir o *signal* com o *symptoma* : o *signal* é uma conclusão que o espirito tira dos *symptomata* observados pelos sentidos; o *signal* pertence mais ao juízo, e o *symptoma* aos sentidos. Muitas vezes, porém, a palavra *signal* é empregada como synonymo de *symptoma*.

SYNCOPE. Veja-se DESMAIO.

SYNOVIA. Liquido contido nas articulações, que serve para facilitar-lhes os movimentos.

SYPHILIDE. Debaxo do nome de *syphilides*, comprehendem-se affecções cutaneas de fórmias diversas produzidas pela acção do virus venereo sobre a pelle. Ha d'ellas sete especies que são : *syphilide exanthematosa, vesiculosa, bolhosa, pustulosa, tuberculosa, papulosa* e *escamosa*. As *syphilides* tem por caracteres communs : 1º uma côr *rubra de cobre*, semelhante á *carne de presunto*; em alguns casos, porém, a côr é cinzenta, escura; 2º tendencia para tomar *uma fórmula circular*; 3º estas erupções raras vezes determinão comichão, e degenerão facilmente em ulceras.

Causas. As *syphilides* são consecutivas ao cancro venereo endu-

recido, ou provém da syphilis hereditaria. Desenvolvem-se; sobretudo, nos individuos que, affectados de cancos venereos, não se submittêrão ao tratamento mercurial interno, ou só fizerão um tratamento mercurial insufficiente.

Symptomas. Varião segundo a fórma da erupção.

1º *Syphilide exanthematica.* É caracterizada por manchas côr de cobre, que desaparecem lentamente pela pressão; occupão o tronco e os membros. A esta fórma pertencem certas manchas que forão chamadas *maculas* ou *ephelides syphiliticas*, manchas mais ou menos arredondadas, de côr rubra escura, de 3 a 4 centimetros de diametro, e desaparecendo incompletamente pela pressão.

2º *Syphilide vesiculosa.* Dá-se o nome de *vesicula* a uma pequena elevação de epiderme, cheia de liquido transparente, e, ás vezes, opaco. A syphilide vesiculosa póde apresentar-se sob as fórmas que correspondem ás erupções simples: assim, ora manifesta-se por vesiculas redondas, globosas, de certo volume, isoladas, como nas cataporas; ora apparece debaixo da fórma de pequenos discos ou anneis, como no herpes; outras vezes emfim as vesiculas, mais numerosas, estão dispostas em grupos irregulares, e espargidas como no eczema. Sempre a erupção apresenta a côr syphilitica, côr de cobre ou cinzenta escura, que a faz distinguir facilmente. O estado vesiculoso é curto, mas as escamas que succedem, durão muito tempo. Depois da separação das escamas ficão manchas que tem os caracteres das *maculas syphiliticas* já indicadas.

3º *Syphilide bolhosa.* Consiste em bolhas, como no pemphigo ou na rupia. É fórma mais rara.

4º *Syphilide pustulosa.* As *pustulas* são pequenas elevações de pus, inflammadas na base, cheias de pus, e apresentando a fórma de botão branco. A *syphilide pustulosa* é a fórma mais commum, e declara-se de ordinario muitos annos depois da cura dos symptomas primitivos. As *pustulas* não offercem sempre a mesma apparencia; ás vezes são pequenas, cónicas, de base dura, de côr rubra escura, numerosas e grupadas. Podem apparecer em todas as regiões; mas occupão sobretudo o rosto, a testa, e simulão a *acne rosacea*. São acompanhadas de pouca inflammação; terminão por dessecção, e quando a crosta cahe acha-se no seu lugar uma cicatriz circular ou uma simples macula, mas raras vezes ulcerações. A quêda das unhas, que se observa na syphilis constitucional, é devida as mais das vezes a *pustulas* ou ulcerações que destroem a raiz da unha: esta torna-se então preta, secca e cahe.

5º *Syphilide tuberculosa.* É uma fórma mui frequente das syphilides, e sobrevem de ordinario muito tempo depois dos accidentes

primitivos. É caracterizada por tuberculos cujo volume varia desde o da cabeça de um alfinete e de uma ervilha, até ao de uma amendoa ou de pequena noz. São de côr rubra de cobre, oblongos, achatados, espargidos ou grupados em circulo. Podem occupar todo o corpo; mas observão-se sobretudo no rosto, no nariz, e nos cantos da bocca. Uns ficão muito tempo estacionarios, mesmo por muitos annos, conservando uma superficie lisa, que se cobre de escamas de tempos a tempos. Quando sárão, os pequenos tumores deprimem-se e depois desaparecem; o seu lugar fica marcado durante algum tempo por uma mancha de côr rubra livida. Outras vezes, os tuberculos transformão-se em ulcerras que se cobrem de crostas espessas.

6º *Syphilide papulosa* (*Lichen syphilitico*). É caracterizada por pequenas elevações cheias, pouco salientes acima do nivel da pelle, duras, solidas; não seguidas de ulceração, e terminando sempre pela resolução ou pela escamação.

7º *Syphilide escamosa*. Esta especie de syphilide é caracterizada por escamas seccás e cinzentas que cobrem pequenas elevações de côr de cobre. Póde apresentar-se debaixo das apparencias da *lepra* ou da *psoriase*, e particularmente da *psoriase gotiforme*. Mas differe sobretudo da lepra ordinaria, pela côr quasi preta das chapas. A fórma *psoriase* differe da psoriase gotiforme simples, não sómente pela côr de cobre, mas tambem por uma pequena orla branca ao redor da base de cada chapa, adherente a esta base, o que constitue um character especial. Existe tambem uma fórma de syphilide escamosa á qual foi dado o nome de *cornea*, por causa da dureza, da côr cinzenta e do aspecto rachado das chapas. Esta fórma encontra-se mais especialmente na face palmar das mãos e na planta dos pés. Esta syphilide persiste ás vezes durante muitos annos.

Taes são as differentes erupções que a syphilis póde produzir na pelle, a que se dá o nome de *syphilides*. Podem existir isoladamente; ás vezes algumas d'ellas achão-se reunidas no mesmo individuo.

Diagnosticó. As syphilides são de todas as erupções aquellas que não se rconhecem as mais das vezes, e que se suppõem tambem o mais frequentemente. Vimos, com effeito, que se parecem com muitas molestias cutaneas simples. Mas, por meio dos caracteres indicados precedentemente, poder-se-ha quasi sempre estabelecer o seu diagnostico differencial. Comtudo, deve-se notar que as syphilides não tem signal proprio; os caracteres que deixei indicados não são bastante exclusivos a estas affecções, para que a sua falta ou a sua presença possa ser um signal indubitavel, quer a erupção seja syphilitica, quer não. O diagnostico estabelece-se não

sómente por meio dos caracteres proprios da erupção, mas tambem considerando a sua séde, a época do seu desenvolvimento, os antecedentes syphiliticos dos doentes, e a presença dos symptomas que a acompanhão

Prognostico. As syphilides são uma das fórmãs menos graves e menos renitentes da syphilis; todavia, a fórmula escamosa é muitas vezes rebelde, e a fórmula tuberculosa póde deixar após si graves desordens.

Tratamento. Independentemente do tratamento interno, convem recorrer nas syphilides á medicação local. O tratamento interno consiste sobretudo no uso, durante dois mezes pelo menos, do sublimado ou do protoiodureto de mercurio; as receitas d'estas preparações vão adiante indicadas. Se o mercurio não fôr sufficiente para curar a molestia, recorra-se ao uso interno do iodureto de potassio. O tratamento local compõe-se de banhos geraes d'agua tepida, lavatorios com solução de sublimado, fricções ou curativos com pomada de calomelanos, com pomada de protoiodureto de mercurio, fumigações de cinabrio, applicação de emplasto de Vigo, e outros curativos adiante indicados. Na syphilide escamosa modifica-se ás vezes utilmente o estado da pelle com banhos sulfurosos, ou pomada de alcatrão; as ulcerações curão-se com ceroto opiado, vinho aromatico, solução de chlorureto de cal, agua de Labarraque, ou com pomada mercurial; cauterizão-se estas ulcerações com pedra infernal. Se estiverem inflammadas, curão-se com cataplasmas de linhaça ou de fecula. O tratamento tanto interno como externo dura de dois a quatro mezes.

RECEITUARIO CONTRA AS SYPHILIDES.

Para uso interno :

1º *Pilulas de protoiodureto de mercurio*

Protoiodureto de mercurio.	5 centigrammas (1 grão)
Extracto de opio.	2 centigram. (2/3 de grão)
Conserva de rosas	40 centigrammas (2 grãos)
Alçaçuz em pó.	quantidade sufficiente.

Faça 4 pilula, e como esta mais 39. Para tomar 2 pilulas por dia, uma de manhã, outra de noite.

2º *Licor de Van Swieten.*

Bichlorureto de mercurio.	1 gramma
Agua distillada..	900 grammas
Alcool a 80º centesimaes.	400 grammas.

Dissolva o bichlorureto no alcool, ajunte depois a agua distil-

lada. Dóse : 4 grammas (4 oitava) duas vezes por dia, n'um copo d'agua ou de cozimento de salsaparrilha. Todos os dias augmenta-se a dóse do licor de 4 grammas, até se chegar a 16 gram., (4 oitavas) por cada vez, duas vezes por dia, que é o maximo da dóse. Continua-se por dois mezes.

3º Xarope de salsaparrilha. 1 litro (32 onças).

4º *Solução de iodureto de potassio.*

Agua distillada. 500 grammas (16 onças)

Iodureto de potassio. 24 grammas (6 oitavas).

Dóse : 15 grammas (1/2 onça) duas vezes por dia, n'uma chicara de cozimento de salsaparrilha.

Para uso externo :

1º *Solução de sublimado para lavatorios.*

Sublimado corrosivo. . 40 centigram. (8 grãos)

Agua distillada. 60 grammas (2 onças).

2º *Pomada de calomelanos.*

Calomelanos.. 4 grammas (1 oitava)

Banha. . 36 grammas (9 oitavas).

3º *Pomada de protoiodureto de mercurio.*

Protoiodureto de mercurio. 1 gramma (20 grãos)

Banha. 20 grammas (5 oitavas).

4º Emplasto de Vigo, um pedaço de 5 centímetros quadrados. Corta-se um pedaço do tamanho da syphilide, e applica-se sobre ella.

5º *Solução iodurada.*

Agua distillada. 180 grammas (6 onças)

Tintura de iodo. 4 grammas (1 oitava)

Iodureto de potassio. 1 gramma (20 grãos).

Molhão-se os fios n'esta solução, e applicão-se sobre as syphilides ulceradas.

6º *Banho sulfuroso.*

Sulfureto de potassio secco. 90 grammas (3 onças)

Agua commum. 500 grammas (16 onças).

Dissolva e deite n'uma banheira de páo que tenha sufficiente agua para um banho geral.

7º *Pomada de alcatrão.*

Alcatrão purificado. 8 grammas (2 oitavas)

Banha 24 grammas (6 oitavas)

Em fricções, sobre as syphilides não ulceradas.

8º Pomada mercurial cinzenta. 30 grammas (1 onça).

9º *Solução de chlorureto de cal.*

Chlorureto de cal.	8 grammas (2 oitavas)
Agua commum.	360 grammas (12 onças).
10º Agua de Labarraque.	uma garrafa.
11º Vinho aromatico.	180 grammas (6 onças).

12º *Pomada de precipitado rubro.*

Pomada rosada.	15 grammas (1/2 onça)
Precipitado rubro..	1 gramma (20 grãos).

As receitas nºs 8, 9, 10 e 11, servem para curar as syphilides ulceradas.

SYPHILIS. *Syphilis, mal syphilitico, mal venereo, gallico*, taes são os diversos nomes de uma molestia caracterizada por varios symptomas que serão o objecto do presente artigo. Esta molestia é eminentemente contagiosa, e depende do *virus*, cuja natureza intima, como a de todos os outros virus, não é conhecida, mas cuja influencia deleteria manifesta-se sufficientemente na economia, pelos diversos effeitos que occasiona. Transmite-se pela appproximação dos sexos; mas contrahe-se tambem por qualquer outra especie de contacto immediato, comtanto que os lugares, que correm este risco, sejam simplesmente cobertos de membrana mucosa, como a glande, os labios, etc., ou então que, sendo cobertos pela pelle, esta se ache casualmente despida de sua epiderme por qualquer ferida ou esfoladura. Resultão d'isso frequentes exemplos de semelhantes molestias contrahidas pela amamentação, por beijos, ou pela applicação da materia virulenta nos olhos, ventas, anus, e até nos dedos, quando n'elles existem esfoladuras. Um copo, uma colher, um cachimbo, communs a muitos individuos, podem d'esta maneira communicar a molestia: o mesmo entende-se com o apertar a mão, mas é preciso que o objecto esteja impregnado de materia virulenta para que aconteça esta desgraça.

Symptomas. O virus da syphilis póde reproduzir-se, multiplicar-se, e exercer a sua acção localmente, e mais tarde sobre toda a economia. Os seus symptomas dividem-se em *primitivos, secundarios e terciarios*.

a. Os *symptomas primitivos* são os que se declaram poucos dias depois do contagio, e que se mostram nos lugares em que o virus foi applicado: consistem só no *cancro simples*, vulgo *cavallo*.

b. *Symptomas secundarios*. Quando os symptomas primitivos se tem espontaneamente dissipado, ou quando o seu tratamento foi incompleto, resultão d'isso frequentemente symptomas secundarios que podem patentear-se alguns dias, mezes e mesmo alguns annos depois da cura dos symptomas primitivos, São: bubão ou mula,

cancro endurecido, cancro phagedenico, diversas fórmãs de molestias de pelle conhecidas pelo nome de *syphilides*, taes como as manchas ou maculas, vesiculas, bolhas, pustulas, tuberculos, papulas, escamas; as rhagadias, as vegetações; diversas ulcerações da bocca, do pharynge, larynge, alopecia.

c. *Symptomas terciarios*. Aparecem depois dos symptomas secundarios, São : engurgitamentos syphiliticos dos testiculos, tumores gommosos, exostoses, necroses, caries, dôres musculares, dôres nocturnas nos ossos, gota serena, emmagrecimento syphilitico.

A blennorrhagia ou o esquentamento, bem que adquirida por um contacto impuro, não é considerada como molestia syphilitica : é de natureza especial diversa da do cancro, e exige um tratamento differente d'aquelle que se emprega contra os symptomas syphiliticos propriamente ditos, e aqui mencionados.

Demoremo-nos um pouco em cada um dos symptomas da syphilis.

1º *Cavallos* ou *Cancros venereos*. Pequenas ulcerações syphiliticas, que principião commumente por pequenas nodoas vermelhas que causão uma comichão incommoda, e que transformão-se logo depois em um pequeno botão. O apice d'este botão faz-se branco, torna-se transparente, abre-se, e deixa sahir um liquido claro. Pouco a pouco, a ulceração cava-se, deixa sahir uma materia purulenta, viscosa, fetida, contagiosa, e transforma-se em verdadeiro cavallo. Os lugares em que este symptoma se manifesta mais frequentemente são, no homem, a glande e o prepucio, e na mulher, a face interna da vulva. Os cavallos podem ás vezes apparecer nos beiços, nas margens do anus, no bico do peito, na bocca, e até na pelle do escroto e do membro viril, quando estas partes estiverão em contacto immediato com o virus. Os cavallos tem caracteres particulares que servem a distingui-los das ulcerações não syphiliticas que se podem encontrar nos órgãos genitales : a sua superficie é de côr parda ou amarellada, as margens são vermelhas e cortadas perpendicularmente. *Veja-se* CAVALLO, vol. I, pag. 529.

2º *Mula* ou *Bubão*. O bubão é um tumor mais ou menos consideravel, formado pelo engurgitamento das glandulas lymphaticas da virilha. *Veja-se* MULA, vol. II. pag. 435.

3º *Rhagadias* ou *Gretas*. Chamão-se *gretas* pequenas ulceras compridas e estreitas que de ordinario tem a sua séde nos intersticios das rugas do anus : n'este caso, incommodão o doente a ponto de não poder andar, sentar-se, nem montar a cavallo. Estas rachas raras vczes resistem á administração methodica do tratamento

interno, ajudados dos cuidados de asseio e da leve applicação da pedra infernal.

Sobrevem, ás vczes, entre os dedos e na palma das mãos, na sola dos pés, entre os dedos dos pés e no escroto, rachas venereas que se chamão *rhagadias*. São de ordinario menos dolorosas e menos incommodas que as do anus. O tratamento geral deve ser exactamente semelhante para todas estas ulceras, seja qual fôr a sua séde. Os curativos locais consistem em pequenas mechas de fios molhados em agua de Labarraque misturada com agua tepida, que se applicão nas rhagadias.

4º *Manchas syphiliticas*. Esta mudança da côr natural da pelle é semelhante á que o estado de gravidez determina em certas senhoras. É devida á existencia do virus syphilitico, cuja acção se exerce por muito tempo sobre o organismo. Estas manchas são côr de cobre, amarellas-roxas ou côr de café com leite, quasi sempre mais escuras na circumferencia do que no centro. São brandas ao tacto; quando existem ha muito tempo, despegão-se d'ellas escamasinhas furfuraceas. Não offerecem, todavia, character algum peculiar que as faça distinguir com certeza das que dependem de uma simples disposição dartrosa. Entretanto, quanto mais escura fôr a sua côr, tanto mais devem ser consideradas como dependentes da infecção venerea, sem, comtudo, se desprezarem as outras circumstancias que possão remover todas as duvidas; taes como a affecção syphilitica primitiva que existia e que foi mal curada, ou a presença de outros symptomas syphiliticos sobre cuja natureza haja menos incerteza. As manchas syphiliticas dissipão-se tanto mais facilmente pelo uso dos antiveneres geraes e banhos mornos repetidos, quanto menos antigas são. Se resistirem, póde-se esperar o seu desapparecimento pelo uso dos banhos d'agua do mar, e das fricções com pomadas sulfurosas.

5º *Vegetações syphiliticas*. Assim se chamão pequenos tumores que se desenvolvem nos órgãos genitales em consequencia da influencia do virus venereo. A sua séde mais ordinaria é nas membranas mucosas: tambem se encontrão na glande e face interna do prepucio; ás vezes mostrão-se no canal da urethra, perto do orificio. O que tem de mais singular estes pequenos tumores, é que o seu apice apresenta quasi sempre sulcos que os dividem em muitas separações, e que lhes fizerão dar o nome de *verrugas* quando são pequenos, e os de *couve-flores* e *esponjas* quando tem maior volume. As verrugas são mais brancas do que a parte sobre a qual se desenvolvem. As couve-flores são de côr vermelha. Todas as vegetações são, em geral, pouco dolorosas, salvo nos casos em que são irritadas por fricções imprudentes, por

aplicações causticas, ou então por tracções repetidas feitas para arranca-las.

Em muitos casos, as vegetações indicão uma affecção antiga, e manifestão-se muitos mezes e até muitos annos depois dos cavallos ou de outros symptomas primitivos : ha entretanto exemplos de sobrevirem quinze dias ou um mez depois do coitô suspeito. Comtudo, a molestia nem por isso deixa de exigir o uso do mercurio; mas o medicamento deve ser proporcionado á antiguidade do symptoma.

Porém as vegetações nem sempre são de natureza syphilitica. Em certos casos, sobrevem, nas mesmas regiões, vegetações que offerecem fórmãs semelhantes, bem que não possam ser attribuidas senão a causas estranhas ao contagio venereo. As pessoas sãs e que nunca tiverão a molestia syphilitica podem ser d'ellas affectadas. Resulta d'isto grande perplexidade quando se deve emittir uma opinião sobre a natureza real d'este symptoma. Só as circumstancias anteriores é que podem dirigir o juizo. Se o doente declarar que nunca foi affectado de syphilis, ou que se a teve, foi tratado segundo os preceitos da arte, não ha duvida de que as vegetações sejam estranhas ao virus. Mas se os cavallos de que foi affectado precedentemente forão sómente cauterizados e não curados pelo tratamento antisypilitico interno, ou se com as vegetações existirem outros symptomas venereos, póde-se deduzir que ellas são da mesma natureza venerea.

Quando, emfim, as vegetações forem reconhecidas syphiliticas, é preciso que o doente se submeta ao uso dos medicamentos mercuriaes. Durante este tratamento, as vegetações muitas vezes perdem a côr, murchão e cahem sem que seja necessario fazer uso de applicação alguma local. Mas quando persistem; bem que o tratamento interno chegue ao fim, é indispensavel que se recorra a uma medicação directa. Consiste ella no emprego de um dos meios seguintes : 1º applicações d'agua vegeto-mineral; 2º cauterização com pedra infernal; 3º laqueação com linha de coser; 4º arrancadura; 5º excisão. Qualquer que seja o methodo adoptado, é mister saber que ellas tem, como as que dependem de outra causa, uma tendencia particular a apparecerem de novo. Os doentes nunca devem, n'este caso, dar-se a novos tratamentos antivene-reos; pois que a molestia é só local, e deve ser exclusivamente tratada pelos meios externos que acabei de indicar. As vegetações que não são syphiliticas não reclamão tratamento algum interno; o doente, deve só recorrer a um dos meios externos acima referidos.

6º Além das vegetações, desenvolvem-se tambem perto do orifi-

cio do anus *excrecencias syphiliticas* que tem fórmãs variadas. Quando são longitudinaes, achatadas, e entre as duas nadegas, chamão-se *condylomas*. Quando são sulcadas por fendas transversaes, denominão-se *cristas de gallo*. Em geral, estes symptomas dependem quasi sempre de um vicio interno mais ou menos inveterado, mas podem tambem manifestar-se como phenomenos primitivos da infecção, quando a região do anus foi posta em contacto com o virus. Estes tumores são de ordinario pouco dolorosos, bem que de côr mais viva do que a pelle ou a membrana mucosa sobre a qual se mostrão. Às vezes, todavia, adquirem grande sensibilidade, tornão-se de côr vermelha muito mais carregada, e reçuma da sua superficie um fluido mucoso, mais ou menos fetido. Este estado de irritação é sobretudo provocado por grandes fadigas e caminhadas. Os condylomas incommodão singularmente os doentes durante o andar, a equitação, e tornão ás vezes mui penosa a funcção de defecação.

O tratamento mercurial interno é igualmente tão applicavel ás excrecencias syphiliticas como aos outros symptomas consecutivos. Ao mesmo tempo, fazem-se sobre ellas unturas com unguento mercurial. Mas se forem dolorosas e mui vermelhas, antes de se lançar mão d'esta applicação local convem primeiro acalmar a irritação com banhos mornos, cataplasmas de linhaça e unturas de ceroto opiado. Se no fim de dois mezes de tratamento mercurial interno as excrecencias não desaparecerem, é necessario destrui-las pela cauterização ou excisão.

7º *Syphilides*. Compreendem-se debaixo d'esta denominação todas as affecções cutaneas, que dependem da syphilis. Apresentão-se debaixo da fórmula das exanthemas, vesiculas, bolhas, pustulas, papulas, escamas, tuberculos. Exigem um tratamento mercurial interno, e diversas applicações locaes. *Vêja-se SYPHILIDE*, vol. II, pag. 1002.

8º *Dôres osteocopas*. O virus syphilitico, depois de ter-se demorado mais ou menos tempo na economia, annuncia frequentemente a sua presença atacando os ossos, que se tornão a séde de dôres e tumefacções mais ou menos consideraveis. Este virus póde tambem determinar dôres nos musculos, ás quaes é inteiramente applicavel tudo o que se disser n'este paragrapho. As dôres osteocopas (tal é o seu nome) apresentam de particular, o serem mais vivas no fim do dia, e durante as tres ou quatro primeiras horas da noite, do que em todos os outros momentos. Esta circumstancia, junta á sua resistencia obstinada aos meios ordinarios, as fará facilmente distinguir das dôres rheumatismas e sciaticas : estas, com effeito, em vez de augmentarem com o calor da cama como

as dôres devidas á syphilis, perdem, pelo contrario, n'este caso, quasi sempre a sua intensidade, e acabão até por deixar algum repouso aos doentes. Comtudo, o medico não pôde julgar, só por este unico caracter, da natureza das dôres; visto que as que são evidentemente venereas são ás vezes tão violentas de dia como de noite, ao passo que algumas dôres rheumatismaes, longe de se acalmarem com o calor da cama, adquirem n'ella, pelo contrario, maior força. Por consequente, o medico nunca se refere ao que um primeiro exame lhe suggerio, e indaga se não existem outros symptomas syphiliticos que possam dissipar a incerteza; e cumpre aqui dizer que, em muitas circumstancias, achão-se ao mesmo tempo no individuo affectado de dôres osteocopas, pustulas, ulceras consecutivas, exostoses e outros signaes de infecção, proprios para caracterizarem a natureza da molestia. Com tudo isso, não se deve crer que as excepções de que acabei de fallar, sejam bastante communs para destruirem a importancia que se dá a este caracter das dôres venereas dos ossos, de atormentarem principalmente durante a noite. Direi até que este symptoma é frequentemente muito util, para os medicos, quando elles tem de caracterizar as ulcerações de garganta e outras affecções determinadas pelo mesmo virus, e cuja origem sem as dôres osteocopas ficaria ainda por muito tempo ignorada.

As dôres venereas atacam particularmente os ossos dos membros, e os do craneo. Bem que ordinariamente fixas sobre tal ou tal parte do corpo, são, entretanto, susceptiveis de mudar de sitio para passarem a outras regiões. Muitas vezes existem sem alteração apparente dos ossos; mas, em alguns casos, os ossos inchão e apresentam tumores chamados *exostoses*. Habitualmente, estas dôres são tão leves durante o dia, que os doentes apenas as sentem, e podem entregar-se ás suas occupações. Mas logo que se põe o sol, ás vezes um pouco mais tarde, as dôres principião a apparecer, e augmentão progressivamente até á meia noite, pouco mais ou menos. Então são lancinantes, atrozes, e durante muitas horas arrancão gritos de desespero ao doente. Com a aurora diminuem os soffrimentos, e o somno volta com os primeiros raios do sol, instante em que as dôres são commummente quasi nullas. Comtudo, nem todos os casos são tão graves.

As dôres syphiliticas dos ossos cedem facilmente á acção do tratamento anti-venereo geral, e especialmente d'aquelle, cuja base é o sublimado e cozimento de salsaparrilha. Fallarei d'isto mais adiante, quando descrever o tratamento geral da syphilis. A este tratamento pôde-se accrescentar algum calmante para diminuir a violencia dos soffrimentos quanto seja possivel. Tal é o opio tomado

na dose de 5 a 10 centigrammas (1 a 2 grãos) ao deitar-se. Se o opio não produzir o effeito desejado, recorra o doente ao chlorhydrato de morphina na dose de 1 a 5 centigrammas (1/5 a 1 grão), ou ao xarope de lactucario na dose de 30 a 60 gram. (1 a 2 onças), sempre ao deitar-se. Mas, quaesquer que sejam os meios d'esta natureza que se ponhão em uso, as dôres não cêssão immediatamente. O doente tem duas ou tres horas de repouso, e depois recommença o seu tormento. Comtudo, esta pequena vantagem o tranquilliza, faz-lhe ter paciencia, e durante esse tempo o tratamento anti-venereo, o verdadeiro e unico calmante cujos effeitos são duraveis, adianta-se e acaba por destruir definitivamente a causa das dôres osteocopas.

Muitas vezes, a medicação mercurial, ajudada pelos fracos auxiliares que acabo de mencionar, basta para acalmar as dôres e prevenir a sua volta, destruindo completamente o virus que as produziu, sem que seja necessario recorrer ao tratamento local. Todavia, circumstancias ha em que as applicações immediatas podem ser de grande soccorro. Assim acontece quando as dôres são violentas, intoleraveis, sobretudo quando tardão muito a cederem ao emprego dos remedios acima indicados. Os meios que se tem mostrado mais uteis n'este caso são as cataplasmas de linhaça borrifadas com laudano, as fricções com balsamo tranquillo, os sinapismos, e os causticos.

9º *Exostoses, Tumores gommosos, Caries* de natureza syphilitica. As *exostoses venereas* são tumores formados pela inchação total ou parcial dos ossos em certos individuos affectados de syphilis consecutiva. São duras, sem alteração da côr natural da pelle, e ordinariamente pouco dolorosas ou sem dôr alguma: são immoveis e adherem fortemente ao osso.

Os *tumores gommosos*, ou simplesmente *gommas*, são tambem especies de exostoses, porém muito mais molles do que os precedentes. Formão-se não sómente sobre os ossos, mas tambem nos musculos, sob a pelle: contém uma materia viscosa, transparente, comparavel á solução de gomma arabica. Resolvem-se, ás vezes, promptamente pelo unico beneficio do tratamento mercurial; outras vezes, abrem-se e deixão sahir a materia que contém. As ulceras que resultão d'essas aberturas curão-se como as outras feridas venereas.

A *carie venerea* reclama o tratamento antisiphilitico interno, ajudado dos meios indicados contra a carie simples.

10º A *quêda do cabello* é um symptoma da infecção venerea chegada ao ultimo gráo. Quando não se lhe previnem os progressos, é acompanhada da quêda das sobranceilhas, das pestanas, da barba

e dos pellos das outras partes do corpo. Esta molestia exige o mais prompto emprego dos mercuriaes, ajudados dos meios locais indicados nas *calvicies* que dependem de outras causas.

11º A *surdez*, e até os simples *zumidos nos ouvidos*, são, ás vezes, occasionados pela syphilis constitucional. O melhor meio a empregar contra esta affecção é o tratamento anti-venereo geral, composto de preparações mercuriaes differentemente modificadas, e combinadas com salsaparrilha; e como medicação meramente accessoria applicações de bichas atraz das orelhas, fumigações com vapores de decocção de althea, causticos na nuca, pediluvios sinapizados, e purgantes repetidos.

12º *Ulceras syphiliticas consecutivas*. Estas ulceras, que apparecem quasi sempre longe do lugar que occupavão os symptomas primitivos da infecção, declarão-se, quando cedo, algumas semanas depois da cura d'estes; as mais das vezes, só depois de muitos mezes, e até de muitos annos. Encontrão-se na garganta, no interior das faces, na lingua, nas ventas, nas pernas, nos braços, etc. As partes genitae, séde ordinaria dos cavallos primitivos, não são entretanto sempre isentas d'ellas. Os cavallos *primitivos* são sempre occasionados por materia contagiosa vinda do exterior e applicada á parte em que estes cavallos se desenvolvem: pelo contrario, as ulceras venereas *consecutivas* dependem constantemente de infecção interna, constitucional, isto é, espalhada por toda a economia. Estas ulceras são semelhantes, em geral, aos cavallos primitivos. Como elles, principião ordinariamente por uma mancha vermelha, que incha e abre-se, ou por excoriações que se estendem, cavão-se e tomão emfim os caracteres syphiliticos. A sua superficie é desigual, de côr parda mais ou menos escura, ou amarellada. A sua circumferencia é orlada por uma vermelhidão erysipelatosa. São mais ou menos redondos, profundos, e mais ou menos extensos. As margens são duras, engorgitadas e cortadas perpendicularmente.

Todas as ulceras syphiliticas consecutivas reclamão um tratamento interno de que fallarei mais adiante. Quanto ao tratamento externo, que sómente deve ser considerado como accessorio, varia conforme o gráo de inflammação da ulcera. Se a inflammação fór mui activa, são indicadas as applicações emollientes, taes como gargarejos de leite, de cevada com mel rosado, para as ulceras da bocca; cataplasmas de linhaça, para as ulceras dos membros; mais tarde convem toca-las de tempo a tempo com pedra infernal, e cura-las com unguento de Arceus, vinho aromatico, ou com fios molhados em agua de Labarraque.

Tratamento da syphilis. O medicamento principal da

syphilis é o mercurio. Segue-se depois o iodureto de potassio, que convem principalmente contra os accidentes secundarios e terciarios da molestia. Os adjuvantes do mercurio e do iodureto de potassio são : a salsaparrilha, o sassafráz, o guaiaco, e a raiz da China. Qualquer que seja a preparação mercurial que se escolha, deve-se principiar por dóses fracas, e augmentar progressivamente cada sete ou oito dias, até chegar ao maximo da dóse. Se o mercurio produzir salivação, deve-se immediatamente suspender o seu uso, e não tornar a voltar ao seu emprego senão depois de cessada a irritação dos órgãos boccacs. Para prevenir a salivação, é bom tomar um purgante de quinze em quinze dias, e lavar a bocca com agua e vinagre, duas ou tres vezes por dia. Quatro a oito grammas (1 a 2 oitavas) de mercurio metallico, tomados internamente, são sufficientes para combater os symptomas primitivos da syphilis, entretanto que para destruir os accidentes secundarios ou terciarios, são necessarios 12 grammas (3 oitavas) e até mais. A dóse do sublimado (bichlorureto de mercurio) para o tratamento total do cancro venereo é de 2 grammas (40 grãos) quando muito. As preparações mercuriaes, a que os medicos dão hoje a preferencia, são o protoiodureto de mercurio, e o sublimado. Este administra-se dissolvido em agua distillada (*licor de Van Swieten*), aquelle dá-se em pilulas. Emprega-se tambem o mercurio metallico em pilulas. Eis-aqui as receitas :

Pilulas de protoiodureto de mercurio. (Ricord).

Protoiodureto de mercurio.	5 centigram. (1 grão)
Thridacio.	5 centigram. (1 grão)
Extracto de opio.	15 milligram. (1/3 de grão)
Extracto de cicuta.	10 centigram. (2 grãos).

Faça 1 pilula, e como esta mais 39. Dóse : uma pilula á noite, tres horas depois da ultima comida. Passados 7 dias, augmenta-se a dóse até 2 pilulas por dia, uma pela manhã, outra á noite.

Licor de Van Swieten.

Bichlorureto de mercurio.	25 centigrammas
Alcool a 80º centesimaes.	25 grammas
Agua distillada	225 grammas.

Dissolva o bichlorureto no alcool, ajunte depois a agua distillada. Dóse : 4 grammas (1 oitava) duas vezes por dia, n'um copo d'agua ou de cozimento de salsaparrilha. Todos os dias augmenta-se a dóse do *licor* de 4 grammas, até se chegar a 16 grammas (4 oitavas) por cada vez, duas vezes por dia, que é o maximo da dóse.

Pilulas azues.

Mercurio .	2 grammas (40 grãos)
Conserva de rosas.	3 grammas (60 grãos)
Alcaçuz em pó.	.. 1 gramma (20 grãos).

Misture o mercurio com a conserva até desaparecerem os globulos, ajunte depois o alcaçuz, e faça 40 pilulas. Dóse : 1 a 4 pilulas por dia.

O tratamento mercurial não exige regimen particular. O doente usará da alimentação a que está acostumado; poderá tomar vinho, café, chá da India; sómente não deve commetter excessos nem nas comidas nem nas bebidas. Evitará o frio e a humidade, afim de prevenir a salivação. Ha mesmo circumstancias em que um regimen corroborante e succulento não sómente deve ser tolerado, mas até prescripto; taes são os casos, por exemplo, em que os individuos achão-se debilitados ou são de constituição fraca.

A duração do tratamento mercurial é de um a dois mezes para os caneros venereos e bubões; tres a quatro mezes para os symptomas da syphilis constitucional, taes como vegetações, syphilides, ulceras, exostoses, dôres osteocopas.

Ao mesmo tempo que o doente usa de preparações mercuriaes, deve usar do *cozimento de salsaparrilha*. O modo de preparar este cozimento acha-se indicado no artigo SALSAPARRILHA. A dóse do cozimento é de 250 a 500 grammas por dia (8 a 16 onças). Em lugar do cozimento, póde-se usar do *xarope de salsaparrilha*, na dóse de 60 a 120 grammas (2 a 4 onças) misturado com sufficiente quantidade d'agua.

O *iodureto de potassio* é, depois do mercurio, o melhor dos medicamentos antisyphiliticos; convem principalmente contra os accidentes secundarios e terciarios. Administra-se internamente na dóse de 50 centigrammas (10 grãos), duas a tres vezes por dia, em meia chicara d'agua ou de cozimento de salsaparrilha. Eis-aqui a receita :

Iodureto de potassio .	30 grammas (1 onça)
Agua distillada.	900 grammas (30 onças).

Para tomar 15 grammas (meia onça) duas vezes por dia. Passados sete dias, augmenta-se a dóse, tomando 15 grammas tres vezes por dia.

Quando nem o mercurio, nem o iodureto de potassio, ajudados do cozimento de salsaparrilha, não chegarem a curar a syphilis, recorra-se ao xarope depurativo de Larrey, ao xarope sudorifico de Ricord, ou ao xarope de Cuisinier. Suas receitas são :

Xarope depurativo de Larrey.

Salsaparrilha.	2,000	grammas
Bagas seccas de sabugueiro..	1,000	grammas
Guaiaco	500	grammas
Raiz da China..	50	grammas
Sassafras	50	grammas
Folliculos de sene..	60	grammas
Borragem.	60	grammas
Assucar . . .	12,000	grammas
Agua.		quant. suffic.

Faça o xarope segundo a arte. Dóse : 30 a 60 grammas (1 a 2 onças) por dia, em meia chicara d'agua tepida.

Xarope sudorífico de Ricord.

Salsaparrilha cortada.	1,000	grammas
Guaiaco raspado.	1,000	grammas
Agua commum.	10,000	grammas.

Macere por 24 horas, reduza a metade a fogo brando, e ajunte assucar 5,000 grammas. Dóse 60 a 120 grammas (2 a 4 onças) por dia.

Xarope de Cuisinier.

Salsaparrilha.	1,000	grammas
Flores seccas de borragem . .	60	grammas
— — de rosas pallidas.. .	60	grammas
Foliolos de sene.	60	grammas
Fructos de aniz	60	grammas
Assucar refinado. . . .	1,000	grammas
Mel de abelhas . . .	1,000	grammas
Agua..		quant. suffic.

Rache ao comprido a salsaparrilha, e depois corte-a transversalmente. Faça com ella, e successivamente, tres digestões, de doze horas cada uma; empregue para cada digestão a agua a 80° cent. em q. s. para cobrir completamente a raiz. Conserve á parte o producto da terceira digestão, faça-o ferver, e lance-o por cima das outras substancias; deixe infundir por doze horas.— Evapore os dois primeiros liquidos, e depois de sufficientemente reduzidos, ajunte-lhes a coadura que resultou da infusão das outras substancias. Continue a evaporação até que o liquido não represente senão um peso igual ao do assucar e do mel reunidos, clarifique com clara de ovo, e passe por panno de lã. Ajunte ao liquido assim obtido o assucar e o mel, e faça um xarope por cocção e clarificação que marque fervendo 1,29 no densimetro (32° B.). Dóse : 60 a 120 grammas.

Cumpre lembrar aqui os bons effeitos das aguas mineraes sul-

furosas, taes como as da villa de *Caldas* do Brasil, na provincia de Minas Geraes; as das *Caldas da Rainha* em Portugal; de Luchon, Aix-en-Savoie, em França. Está bem provado que molestias syphiliticas refractarias ao tratamento específico, nos individuos saturados de mercurio, melhorão promptamente, e ficão curadas pelo uso das caldas sulfurosas. E por isto, uma estação nas caldas é um complemento do tratamento da syphilis inveterada.

O tratamento que deixei descripto é o tratamento *geral* da syphilis, ou *interno*. Quanto ao tratamento local dos diversos symptomas da syphilis, *vejaõ-se* os artigos CAVALLO VENEREO, MULA, e SYPHILIDE.

Meios preservativos da syphilis. Depois do coito suspeito, deve-se urinar e lavar immediatamente a parte com *agua e sabão*, ou com *agua hygienica* de Jeannel, cuja receita segue :

Agua	1 litro (32 onças)
Alumen crystallizado.	15 grammas (1/2 onça)
Sulfato de cobre.	1 gramma (20 grãos)
Sulfato de ferro	1 gramma (20 grãos)
Agua de Colonia	10 grammas (200 grãos).

Dissolva na agua o alumen, o sulfato de cobre e o sulfato de ferro; ajunte depois a agua de Colonia.

Este liquido é muito empregado em França; é optimo o seu effeito.

A urina, que muitas pessoas empregão por um feliz instincto, tem todas a qualidades desejaveis; tem demais a vantagem, que só ella possui, de poder lavar o canal de dentro para fóra, e ainda outra, não menos importante, de poder ser empregada sem nenhuma demora. Todos estes meios são igualmente bons, com tanto que sejam empregados convenientemente. A experiencia tem demonstrado, com effeito, que os lavatorios d'agua simples são infinitamente uteis, quando bem feitos, entretanto que os mais activos mallogrão-se quando se fazem superficialmente, e com negligencia. O melhor meio é o que se achar mais prompto, e possa empregar-se sem demora, de maneira que não permita que o virus se arraigue nas partes em cujas superficies fôr applicado, pois que quanto mais demora houver, tanto mais risco correrá a pessoa de ser infectada. Todos sabem que o prepucio forma rugas anfractuosas, e n'ellas é que se póde esconder uma molecula infinitamente pequena do pus contagioso (virus). Do conhecimento d'esta disposição anatomica resulta a necessidade de se desenvolverem todas as rugas, de se exercerem pressões, afim de se fazer

sahir a materia virulenta ; de se repetirem os lavatórios de maneira que nenhum ponto fique isento d'elles ; emfim, de se enxugarem as partes com um panno mui limpo. Quando as circumstancias não permitem o emprego immediato d'estes meios, nem por isso se deve deixar de recorrer a elles, mesmo no dia seguinte, pois ignora-se o momento exacto em que o virus principia a ser absorvido.

SYSTEMA DE GALL. *Veja-se PHRENOLOGIA.*

T

TABACO, *Nicotiana*. Genero da familia das Solaneas, tribu das Nicotianeas, contém plantas herbaceas, quasi lenhosas, de

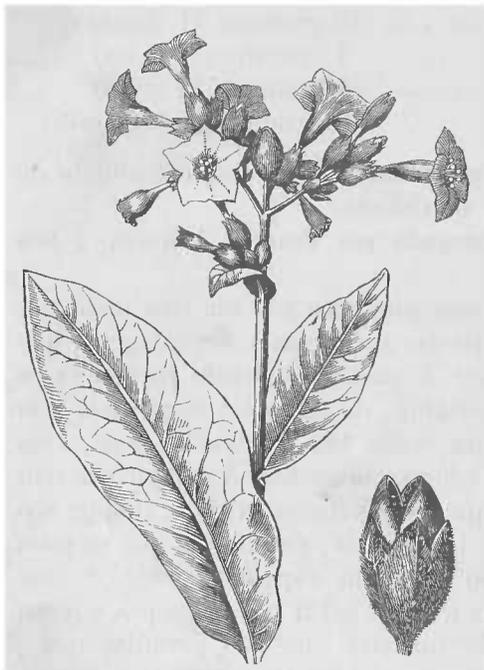


Fig. 463. — Tabaco.

caule recto, cylindrico; de folhas muito amplas, molles, de um verde escuro; flores esbranquiçadas, esverdeadas ou purpuras, de uma só peça, em fôrma de funil, de cinco lobos e cinco rugas; sementes mui pequenas e numerosas. Conhecem-se hoje muitas especies de tabaco, quasi todas originarias da America meridional, das quaes algumas são cultivadas na Europa. A fig. 463 representa o *Tabaco commum* (*Nicotiana tabacum*), planta mui glutinosa em todas as suas partes; caule com mais de um metro de altura, recto, pubescente e ramoso; guarnecido de

grandes folhas sesses, ovaes, lanceoladas; flores de um vermelho purpureo dispostas em panícula : o limbo da corolla dividido no orificio em 5 lobos agudos. Esta planta é originaria da ilha de Tabago, nas Antilhas, descoberta por Christovão Colombo em 1498. As especies do tabaco não dão em todos os paizes productos da

mesma qualidade : o clima e o terreno influem muito no gosto e no perfume da planta.

Esta planta occupa hoje um lugar mui consideravel nos costumes , e nas necessidades de quasi todos os povos. As folhas ainda frescas , esfregadas entre os dedos, exhalão cheiro forte, viroso e desagradavel. Depois de diversas preparações, que consistem, sobretudo, em monda-las cuidadosamente, priva-las da nervura mediana, submete-las a certo gráo de fermentação, secca-las e depois reduzi-las a fragmentos ou a pó, constituem o *fumo* e o *rapé*. Para tornar este ultimo mais agradavel, os fabricantes costumão ajuntar-lhe ambar cinzento, noz moscada, cravo da India, baunilha, canella e outras substancias. Antes da chegada dos Europeos, os indigenas da America já fumavão o tabaco; entretanto, o seu uso não se propagou senão em 1660, primeiramente na Hespanha e em Portugal, e depois no resto da Europa e do mundo. A cultura da planta espalhou-se depois por toda a superfície do globo, mas principalmente nas regiões quentes e temperadas.

No uso ordinario, o tabaco emprega-se de tres maneiras, quer fumando-o, quer em pitadas, quer mascando-o. Cada um d'estes modos exige que o tabaco seja preparado de uma maneira differente; as duas primeiras maneiras de usar do tabaco achão-se espalhadas hoje por todas as classes da sociedade; a terceira não é empregada senão pelas classes inferiores, e populações maritimas. Cada um d'estes modos tem sobre a economia animal uma influencia particular que passo a examinar successivamente.

Quando se fuma o tabaco pela primeira vez, experimentão-se dôres de estomago, nauseas, vomitos, dôr de cabeça, tremor nas pernas e braços, calefrios, incommodo geral, e o individuo cahe n'uma embriaguez pesada, mui differente da que produz o vinho ou os licores alcoolicos. Repetindo-se a experiencia, os accidentes vão diminuindo pouco a pouco, e em breve tempo a pessoa acostuma-se a fumar, e de tal modo que volta ao charuto ou ao cachimbo com uma propensão irresistivel.

É indubitavel que o tabaco tem os seus inconvenientes, e, longe de querer attenua-los ou occulta-los tenciona da-los a conhecer d'aqui a pouco; mas goza tambem de preciosas qualidades, consistindo a primeira em ser uma fonte de prazer. O tabaco provoca nas pessoas que fazem uso d'elle ideias vagas, meditações contemplativas, um bem-estar e uma tranquillidade da alma. Todos os individuos que precisão esquecer, consolar-se ou resignar-se, recorrem ao tabaco com um prazer sempre novo, com uma verdadeira paixão. É um balsamo consolador para os pezares,

descorçoamentos e desenganos de todas as especies; produz a tranquillidade e o contentamento; debaixo do seu prisma, os sonhos mais agradaveis tomão por um momento a apparencia da realidade. Acontece, ás vezes, no curso da vida, acharmo-nos em presença de difficuldades e complicações, em que precisamos de um conselho para tomar um partido: ha individuos que, n'estas occasiões, accendem um charuto, e achão uma solução da difficuldade depois de o terem fumado. O tabaco tempera em geral a violencia das paixões. Ha na Turquia um proverbio que diz: « Entre a colera e a vingança, sempre é bom cachimbar. » O tabaco é uma das mais preciosas conquistas que o antigo mundo trouxe do novo. É a elle que o artista deve frequentemente as mais bellas inspirações do seu genio; é a elle que o pobre deve o esquecimento de seus males, e a coragem de suportar a miseria; é o consolador dos infelizes; inspira, emfim, ao marinheiro e ao soldado a resignação e a perseverança tão necessarias á sua profissão, o desprezo do perigo que os ameaça a cada instante, o esquecimento das cousas de hontem e a indifferença pelas de amanhã.

Todavia, esta medalha tem o seu reverso como todas as medalhas, e o tabaco não é perfeito.

Encerra um dos venenos mais violentos e mais subtís que se conhecem, a nicotina. Este veneno exerce particularmente a sua acção sobre o systema nervoso, e causa a morte prompta. O poeta latino moderno Santeuil, cujos hymnos se cantão no culto catholico, morreo com violentas convulsões, por ter tomado pela bocca rapé, que os seus amigos lhe deitárão, por graça, em um copo de vinho, sem que elle o soubesse.

O tabaco fumado com excesso produz peso de cabeça, vertigens, e põe as pessoas que d'elle abusão, em uma especie de torpor, que lhes tira toda a energia. Perdem o appetite e emmagrecem, sobretudo os que tem o costume de deitar fóra a saliva. O canudo do cachimbo gasta e estraga muitas vezes os dentes, e produz n'elles uma chanfradura semilunar. Em todos os casos, o fumo altera a pureza do halito e deposita nos dentes uma camada fuliginosa que pôde perturbar as funcções do estomago, se não se cuida no asseio da bocca. O tabaco impede nos adolescentes, que usão d'elle muito cedo, o desenvolvimento do seu organismo, produzindo um entorpecimento dos sentidos. Favorece a preguiça, e tira um tempo necessario aos estudos. O costume de fumar, quando é acompanhado de excreção da saliva, determina um emmagrecimento sensivel. Em *pequena dóse*, a fumaça do tabaco produz a excitação momentanea das faculdades intellectuaes; em *dóses mui*

repetidas, palpitações, desordens da vista, diminuição da memoria, e sobretudo da memoria das palavras.

Os Orientaes, que fumão muito, corrigem os effeitos do tabaco de diversas maneiras : assim usão especialmente do chibouck, especie de cachimbo munido de um canudo comprido, no qual o fumo esfria e depõe o oleo empyreumatico. A extremidade é guarne-cida de um boccal de succino que se mette entre os beiços. Apurão tanto a arte de fumar, que fazem uso do *starguillé*, apparelho particular no qual o fumo passa n'um vaso cheio d'agua, muitas vezes agua rosada, para despir-se mais completamente das qualidades irritantes. Todas as populações musulmanas tem ainda um meio muito efficaz para combater os effeitos narcoticos do tabaco : é o uso quasi contínuo que fazem do café, e a privação das bebidas alcoolicas.

Em conclusão, o costume de fumar não é máo, mas não se deve abusar d'elle. Usem por seguinte do tabaco, os que n'elle achão algum prazer, mas usem-n'o com moderação, sem que este prazer os faça esquecer dos seus deveres, e do cuidado da sua saude.

A acção de *tomar rapé* sobre a economia é muito menos ener-gica do que a de fumar, mas a necessidade continua de assoar-se que experimenta o individuo que costuma tomar rapé, o pó que deixa cahir, e o cheiro particular que necessariamente espalha á roda de si, o tornão um vizinho muito incommodo.

Mas de todas as maneiras de usar do tabaco, a mais desagradavel e a mais nociva é a de *masca-lo*. O tabaco é uma planta venenosa, e, apesar da precaução que tem os individuos de deitar fóra a saliva, é impossivel que não se introduza no estomago certa quantidade d'ella. Citão-se até casos de accidentes graves devidos ao tabaco mascado, engulido por descuido.

O succo que se ajunta no canudo do cachimbo tem uma acção venenosa muito energica; engulido póde occasionar accidentes graves. O Dr. Brodie matou um cachorrinho em dez minutos com duas gottas d'este succo, que lhe applicou na lingua.

Nos doentes, a cessação da vontade de fumar, ou de tomar rapé, annuncia, de ordinario, que a molestia é séria; por opposição, quando a vontade torna a manifestar-se é signal de que a saude volta. Nas molestias longas, não se deve fazer cessar de uma maneira completa o uso do tabaco nos individuos accostumados a elle, pois d'isso resultaria um inconveniente grave : estado de tristeza que occasiona esta privação.

Os operarios empregados nas fabricas de rapé ou de charutos, forão por muito tempo considerados como expostos a diversos

accidentes. Vomitos, colicas, vertigens, emmagrecimento, asthma, tremores, etc., taes são as affecções que Ramazzini e alguns outros autores attribuição á manipulação do tabaco. Estes effeitos são considerados hoje como suppostos. De novas observações feitas, tanto no Brasil como na Europa, resulta que quasi todos os operarios se acostumão, no fim de pouco tempo, á influencia da atmospherá carregada das emanações do tabaco; que os operarios empregados nas manufacturas não contrahem molestias particulares ao seu estado, e que o trabalho n'estas manufacturas em nada prejudicia a longevidade.

Uso medico do tabaco. O tabaco é tambem empregado em medicina, bem que o seu uso seja bastante limitado hoje; mas em diversas epochas, e sobretudo logo depois da sua descoberta, era tão usado, que se lhe deo o nome de *herva para todos os males*. O tabaco foi empregado em lavatorios contra a sarna e algumas molestias da pelle; mas o seu uso não é sem inconveniente: citão-se casos de vertigens, nauseas e vomitos produzidos pelos lavatorios feitos com decocção de folhas de tabaco. *Murray* refere a historia de tres crianças, que forão acomettidas de vertigens, de vomitos e de suores abundantes, e que morrerão em vinte e quatro horas, em consequencia das fricções com um linimento de tabaco que foi empregado para as curar da tinha. *Valterbut* cita um menino que morreo em tres horas por lhe terem derramado sumo de tabaco sobre as ulceras da tinha. Estes factos mostrão com quanta circumspecção se devem empregar as folhas de tabaco, mesmo para uso externo.

O tabaco foi empregado em clysteres nas hernias estranguladas, na asphyxia, paralysis da bexiga, epilepsia, tetano, etc. A dóse em que se póde empregar n'estes casos o tabaco, deve ser moderada: em decocção, para clysteres, a dóse deve ser só de 2 gram. (40 grãos) de folhas de tabaco, para 250 grammas (8 onças) d'agua. O Dr. Tavignot refere um caso de morte que seguiu a administração do tabaco em clyster na dóse de duas onças. Os symptomas, que forão subitos, succedêrão-se com uma espantosa rapidez; manifestou-se pallidez do rosto, difficuldade de respirar, que foi sempre augmentando, abolição completa da intelligencia, tremor convulsivo dos braços, das pernas, e depois de todo o corpo, e um estado de prostração extrema que terminou pela morte. Tudo isto teve lugar dentro de doze minutos; não houve vomitos.

TABARDILHO. *Veja-se PURPURA.*

TACTO. É um dos cinco sentidos, e aquelle cujo mecanismo é mais simples, mas nem por isso é o que nos ministra o menor

numero de ideias. Instrue-nos, com effeito, da fôrma, das dimensões, da consistencia, do peso, da temperatura dos corpos, etc.

1 O tacto existe, com algumas modificações, em toda a superficie do corpo, porém exerce-se principalmente pela mão.

O costume aperfeiçoa sobremaneira o tacto, como se vê pela habilidade dos individuos que se exercem nas artes mecanicas. Este sentido torna-se, pelo contrario, imperfeito nos homens entregues a trabalhos grosseiros, que calejão, por assim dizer, a pelle da mão. Conhece-se toda a delicadeza do tacto dos cegos; parece que vêem pelos dedos: certos autores pretendem até que alguns d'elles distinguem mui bem as cartas de jogar pelo relevo das côres. Este factio parece extraordinario; o que, entretanto, não admite duvida é, que os cegos podem chegar a executar trabalhos mui notaveis com o soccorro do tacto.

As relações do tacto com as outras sensações, e principalmente com a vista, revelão muitos dos seus usos secundarios. Assim, o tacto regulariza e ajuda a vista. É principalmente por elle que nos dirigimos na escuridão. As noções que se ligão a elle, podem esclarecer-nos ainda sobre as distincções que existem entre as ideias de tamanho e distancia, das quaes os olhos, por si sós, nem sempre julgão seguramente. Por todos estes usos do tacto vê-se que é muito importante o conservar-se-lhe toda a sua delicadeza, e até o desenvolvê-la o mais possível.

TALA. Dá-se este nome a chapas de páo, papelão ou lata, compridas e estreitas, que servem para manter na sua posição natural, um membro fracturado. *Veja-se* vol. I, pag. 1171.

TALCO. Substancia mineral composta de silica, magnesia, ferro, alumina e agua. Apresenta-se sob a fôrma escamosa, sua côr é de um branco de madreperola; é unctuososo, flexivel e deixa-se riscar facilmente pela unha. Existe em grande quantidade nos terrenos de schisto, nas camadas de calcareo. No Brasil ha jazidas de pedra talcosa nas provincias da Bahia e do Rio Grande do Sul. Fazem-se com elle lapis para desenhar em papel, e estes desenhos chamão-se de pastel. — Distingue-se o *talco laminar de Veneza*, de aspecto brilhante: seu pó compõe a substancia principal do arrebique; o *talco escamoso* ou *greda de Briançon*, de que os alfaiates se servem para marcar o panno antes de corta-lo. — A *steatite*, chamada tambem *pedra de toucinho*, é uma variedade de talco unctuososo, de estructura compacta, que se deixa cortar e lavrar ao torno com muita facilidade, mas que nunca pôde receber grande polimento.

O *pó de sabão*, ou *pó de sapateiros* de que se servem os sapateiros para facilitar a entrada das botas, é feito com uma varie-

dade de steatite, que se tira sobretudo do condado de Cornwall na Inglaterra.

TALHO. Significa a mesma cousa que *corte* V. CORTADURA.

TAMARA. Fructo da tamareira, *Phœnix dactylifera*, Linneo, arvore da familia das Palmeiras, cultivada na Africa, Hespanha, Portugal, Italia, Brasil, etc. Fig. 464. Em Portugal, cultiva-se

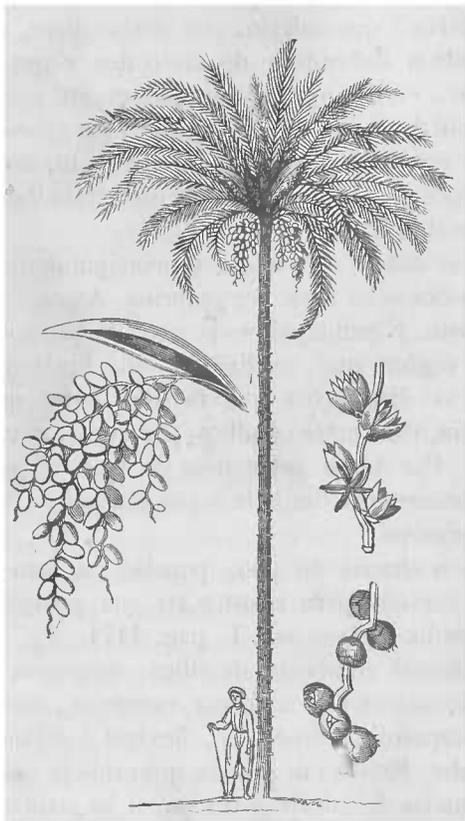


Fig. 464. — Tamareira e tamaras.

quasi em todas as quintas, principalmente no Alem-Tejo e Algarve. A tamara *recente* é da grossura do dedo pollegar, com o parenchyma molle, doce, quasi louro; a tamara *secca* é cónica, topo obtuso, arredondado, a base sustentada no calice escamoso, a cuticula tenue de côr baça; o parenchyma alourado, doce vinoso, no qual se acha uma semente mui dura. As tamaras colhem-se antes de completamente maduras; depois expõem-se ao sol. Perdem, então, parte da agua de vegetação e deixão reçumar um succo assucarado, que envolve a sua superficie, e facilita a sua conservação. As tamaras contém grande quantidade de assucar, de fecula e mucilage

, a que devem as suas propriedades nutritivas e emollientes. É um dos quatro fructos peitoraes. Faz-se com ellas um cozimento mui agradável contra a tosse, fervendo-se por meia hora 30 grammas (1 onça) de tamaras em 720 gram. (24 onças) d'agua.

TAMARINDOS. Fig. 465. Fructos do tamarinheiro, *Tamarindus indica*, Linneo, bella arvore da familia das Leguminosas. Esta arvore é originaria das Indias, da Asia occidental e do Egypto; mäs foi transportada para a America, e acha-se naturalizada no Brasil. É muito alta; a casca é espessa, roxa e gretada; os ramos estendem-se muito longe; as folhas são alternas e compostas de

10 a 18 pares de foliolos oppostos, ellipticos, glabros; flores de côr amarella esverdeada com veios rubros. Os fructos são vagens de 10 a 14 centimetros de comprimento, grossas, levemente comprimidas, apresentando estrangulamentos de espaço a espaço; são cheias de uma polpa avermelhada, mais ou menos acida e doce, no meio da qual se achão as sementes. É a polpa que se emprega em medicina; é temperante ou levemente laxativa, conforme a dôse. Diluida em agua mui quente, depois coada e esfriada, é muito util nas molestias febrís, nas febres biliosas, no embaraço gastrico. Eis-aqui o modo de preparar a limonada de tamarindos, como bebida temperante :



Fig. 465. — Tamarindos.

Polpa de tamarindos com sementes. 45 grammas (1/2 onça)

Agua fervendo. 500 grammas (16 onças).

Infunda por meia hora, e cõe por panno de lã. Bebe-se ás chicaras.

Nas pharmaciãs existe a polpa de tamarindos privada dos caroços e filamentos do fructo. Esta emprega-se como laxante, na dôse de 60 grammas (2 onças) diluidos em 250 grammas (8 onças) d'agua fria.

TAMPÃO. *Veja-se* CURATIVO, vol I, pag, 769.

TANACETO. *Veja-se* ATANASIA.

TANCHAGEM. *Plantago.* Genero da familia das Plantagineas, encerra plantas herbaceas, que são :

Tanchagem maior. *Plantago maior,* Linneo. Habita no Brasil e em Portugal, nas margens dos campos cultivados, e nos lugares um tanto humidos. Hasteas ordinariamente muitas de uma só raiz, roliças, levantadas, empubescidas, mais compridas do que as folhas; folhas todas radicaes, ovadas, obtusas, de margem quasi ondulada, marcadas de sete nervuras, estreitadas em peciolos; flores esverdeadas ou avermelhadas.

A **tanchagem média**, *Plantago media*; e a **tanchagem lanceolada**, *Plantago lanceolata*, não differem da precedente senão em serem as folhas lanceoladas n'esta, e mais pequenas n'aquella.

As folhas de todas as tres plantas são amargas e levemente adstringentes; as flores tem cheiro brando e agradável. Com a planta inteira, e sobretudo com as folhas, prepara-se uma agua distillada, que se emprega em collyrios nas molestias dos olhos.

TANGARACA. *Eclipta erecta*, Linneo. Synanthereas. Planta do Brasil. Caule herbaceo, folhas sesses, lanceoladas, denteadas; flores axillares, de pedunculo comprido, dispostas em capitulos. Toda a planta contém um principio mucilaginoso e adstringente; e seu cozimento usa-se contra a diarrhea. Prepara-se com 8 gram. (2 oitavas) da planta e 250 grammas (8 onças) d'agua.

TANGERINA. Fructo. É uma variedade do fructo da *Citrus aurantium*, De Candolle, arvore que habita no Brasil e em Portugal. A tangerina contém uma polpa de gosto agradável; é um fructo refrigerante, que os doentes de febre podem chupar com proveito.

TANNINO ou **Acido tannico.** Substancia particular que se acha em muitos vegetaes adstringentes, e principalmente na noz de galha, d'onde se extrahе para os usos medicos. É uma substancia solida, de côr branca, de aspecto resinoso, sabor adstringente, soluvel em agua. É sobretudo empregado nos escarros de sangue e nas hemorragias uterinas, na dôse de 40 a 15 centigrammas (2 a 3 grãos), de duas em duas ou de tres em tres horas.

TAPADA. (Criança que nasce tapada). Esta palavra serve para designar o estado da criança que tem a via posterior ou anterior tapada. O primero defeito acha-se descripto no artigo IMPERFORAÇÃO DO ANUS, vol. I, pag. 211.

A via anterior pôde tambem ser tapada, e então a criança não pôde urinar. Examinemos este vicio de conformação nos dois sexos separadamente.

1º Nas crianças do *sexo masculino*, este vicio de conformação pôde depender da obliteração do orificio do canal da urethra, ou da obliteração da abertura do prepucio. Conhece-se este defeito pelos esforços contínuos que faz a criança, como se quizesse obrar, e pela secura dos pannos que lhe cobrem o corpo. Quando só o prepucio está tapado, as urinas ajuntão-se entre o prepucio e a glande, estendem a pelle, e formão, ás vezes, um tumor transparente e fluctuante. O tratamento consiste em fazer quanto antes uma abertura, porque a criança não poderia viver muito tempo

sem urinar. Faz-se esta abertura com a lanceta, no lugar em que ella deveria existir. A operação é facil quando se trata de furar só a pelle que tapa o orificio da urethra ou do prepucio; mas quando as paredes do canal são adherentes, é preciso penetrar profundamente com o instrumento, até que saía a ourina.

2º Nas crianças do *sexo feminino*, quando nascem tapadas anteriormente, este estado chama-se *imperforação da vagina*: póde ser completa ou incompleta. Quando a imperforação é completa, o que acontece rarrissimas vezes, a menina não póde urinar. Quando é incompleta, podem as ourinas correr para fóra; mas, se a menina chegar á idade madura, a evacuação menstrual será impossivel, ou ao menos mui difficil. Cura-se esta enfermidade por uma operação, que varia conforme a natureza da oclusão, e offerece maior ou menor difficuldade. Quando o vicio de conformação consiste n'uma simples obstrucção membranosa, e este caso é felizmente o mais ordinario, é facil cura-lo por uma incisão feita com o bisturi.

TAPIÁ. *Veja-se* PÁO DE ALHO.

TAPIOCA. Fecula extrahida das raizes da mandioca, e reduzida a grãos por meio do calor. A melhor prepara-se no Brasil. A agua que se espreme da massa da mandioca ralada, para fazer farinha, deposita no fundo dos vasos grande quantidade de pó branco: este pó é que constitue a tapioca. Esta fecula apresenta-se no commercio sob a fórma de granitos, brancos, inodoros, meio-transparentes, de sabor mucilaginoso. É um alimento agradavel e nutriente, que convem sobretudo ás crianças, e aos convalescentes. Fazem-se com ella sopas com leite, caldo, agua, assim como pastelarias e geleas.

TARAXACO ou DENTE DE LEÃO. *Leontodon taraxacum*, Lin. Synantheas-chicoraceas. Fig. 466. Planta commun em Portugal; habita nos prados, valles humidos, um tanto sombrios, nos arredores de Coimbra e outras partes pelo norte do Reino; é cultivada nas hortas do Brasil. Planta pequena sem talo, folhas muitas amontoadas,



Fig. 466. — Taraxaco.

glabras ou um tanto empubescidas, roncizadas, lobulos oppositos, triangulares, agudos; flor amarella: raiz cylindrica, entre branca e cinzenta, com rugas transversaes; quasi annulares; cheiro fraco, sabor amargo. Tónico, recommendado nas moles-

tias do figado e da pelle. Administra-se em infusão que se prepara com 12 grammas (3 oitavas) da herva e 360 grammas (12 onças) d'agua fervendo. As folhas do taraxaco comem-se em salada quando novas; mais tarde o amargor augmenta, e então colhe-se a planta para os usos medicos. Os animaes comem a herva inteira, os porcos gostão sobretudo das raizes.

TAREROQUI. *Veja-se FEDEGOSO.*

TARTARO EMETICO. *Veja-se EMETICO, vol. I, pag. 906.*

TARTARUGA. Fig. 467. As tartarugas são reptís cujo corpo acha-se encerrado n'uma couraça ossea que deixa passar só

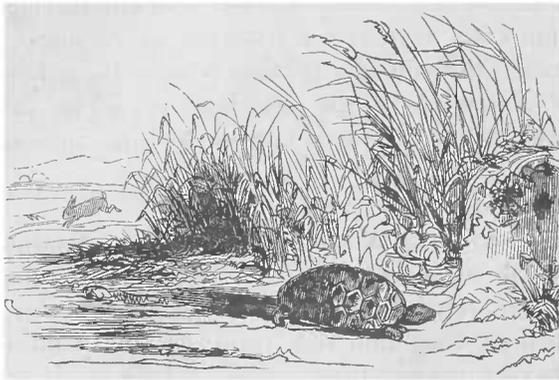


Fig. 467. — Tartaruga.

a cabeça, a cauda e os quatro pés. Esta couraça é uma porção do seu esqueleto : n'estes animaes, com effeito, as vertebrae, as costellas e o sternon são representados pela *concha* que cobre o dorso, e pelo *escudo* que protege o ventre; pelo que o naturalista Cuvier chamou-lhe um animal virado. As tartarugas não tem dentes; os queixos são revestidos de uma substancia cornea como os das aves, salvo em algumas especies (chelides), nas quaes não são guarnecidos senão da pelle. A femea põe os ovos que são revestidos de uma pellicula e que ella enterra na areia, onde o calor do sol basta para a incubação. Ha *tartarugas terrestres*, *tartarugas d'agua doce*, e *tartarugas do mar*.

1º **Tartarugas terrestres.** Tem a concha convexa, toda solida, e soldada com o escudo na maior parte das margens. Tem os pés terminados por dedos curtos, proprios para andar e não para nadar. Vivem de folhas, frutas, insectos, caracoes e vermes, precisão de poucos alimentos, e podem passar alguns mezes sem comer. O seu andar é de uma lentidão proverbial; o character é cstpido mas familiar. Conhecem-se muitas variedades d'ellas. A

especie mais commum na Europa é a *tartaruga grega*, que vive na Grecia, Italia, Sardenha, e em todo o Mediterraneo. Raras vezes attinge 30 centimetros de comprimento; cava um buraco na terra para ahi passar o inverno; põe quatro a cinco ovos semelhantes aos da pomba. Da carne faz-se um caldo muito analeptico. As tartarugas terrestres das provincias do norte do Brasil chegão a ter um metro de comprimento.

2º As **tartarugas d'agua doce** tem geralmente a concha mais achatada que a das tartarugas terrestres; os dedos são mais separados, moveis, terminados por unhas mais compridas, e os intervallos são occupados por membranas. Este genero encerra numerosas especies, e foi dividido em duas secções; na primeira o escudo é de uma só peça e immovel, como nas tartarugas terrestres; na segunda o escudo é dividido por uma charneira em dois batentes, dos quaes um só ou ambos são moveis. Vivem nas aguas lodosas ou nos pantanos; alimentão-se de insectos, molluscos, pequenos peixes eervas. A carne é boa para comer.

3º **Tartarugas do mar.** N'esta especie a couraça é demasiado pequena e não póde receber a cabeça e os pés, que são mui compridos, sobretudo os de diante, chatos, com todos os dedos reunidos e envolvidos em uma só membrana. Só os dois primeiros dedos de cada pé tem unhas pontudas, os outros terminão em laminas escamosas e chatas. As peças do escudo não formão uma chapa contínua, mas são denteadas e deixão entre si grandes intervallos occupados por cartilagens. A cauda é muito curta, cónica, obtusa, coberta de escamas. Alimentão-se de plantas marinhas e de molluscos. A especie mais commum é a *tartaruga franca* ou *tartaruga verde*, que excede a todas no tamanho e peso, porque muitas vezes tem mais de dois metros de comprimento, e pesa de 350 a 400 kilogrammas. A couraça é formada de escamas esverdeadas, que não são em fórma de quilha, nem imbricadas, e das quaes as do meio formão hexagonos regulares. A sua carne fornece um alimento precioso e salutar em todas as paragens da zona torrida, e a gordura, que é liquida e muito abundante, serve para luzes. Esta tartaruga vai pastar em grandes bandos no sargaço do fundo do mar, e raras vezes vem á terra. As femeas vem pôr os ovos em numero consideravel na praia, n'um buraco cavado na areia, além da linha da mais alta maré. É então que se apanhão facilmente, virando-lhes as pernas para o ar. Os ovos são redondos, cobertos de uma membrana molle, semelhante a pergaminho molhado; são bons para comer. A concha d'esta especie é pouco estimada.

Uma outra especie é a *carêta*, ou *tartaruga de laminas imbricadas*

(*testudo imbricata*, Linneo). É menor que a precedente; raras vezes pesa mais de 100 kilogrammas. A carne é desagradavel e insalubre, porém os ovos são mui bons para comer, e a concha fornece a mais bella tartaruga que serve para fabricar pentes, caixinhas, cabos de facas, guarnições de moveis, etc. A *carêta* tem o focinho mais alongado do que a tartaruga franca, os dois queixos denteados, as escamas do dorso lisas e imbricadas. Estas escamas são transparentes, roxas anegradas, com manchas irregulares, louras ou arruivadas. Separão-se da couraça, pondo-lhes fogo por baixo. Podem adquirir o mais bello polimento, e póde-se-lhes dar qualquer fórma, submettendo-as á prensa, entre moldes, na agua quente.

A carêta acha-se principalmente no Oceano Atlantico, perto da costa da America, em todo o golfo do Mexico. Encontra-se tambem nas costas da Guiné, e no mar das Indias.

TARTRATO ACIDO DE POTASSA. V v. I, p. 748.

TARTRATO DE FERRO E POTASSA. *Veja-se* vol. I, pag. 1113.

TARTRATO NEUTRO DE POTASSA. *Veja-se* vol. II, pag. 748.

TARTRATO DE POTASSA E SODA OU SAL DE SEL-
GNETTE. Este sal não tem côr nem cheiro; sabor levemente amargo; forma mui grandes prismas rhomboidaes de 8 faces. É soluvel em agua fria, mais soluvel ainda na agua quente. Purgativo na dose de 15 a 60 grammas (1/2 a 2 onças).

TARUMÁ. *Vitex taruma*, Martius. Verbenaceas. Arvore da Flora brasileira. A casca e as folhas são empregadas em banhos contra as dôres rhumaticas. 1 onça por libra d'agua.

TASNEIRINHA, ou CARDO MORTO. *Senecio vulgaris*, Linneo. Synanthereas. Planta commum em Portugal. Folhas pinnatifidas,

sinuadas, amplexicaules; flores dispersas; sabor um tanto salgado, oleraceo. Recommendada em cataplasmas, contra os enfartes do figado; hoje pouco usada.

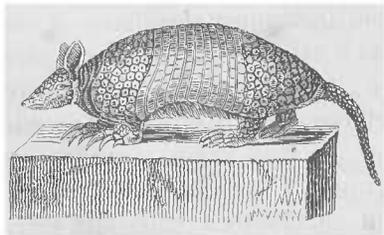


Fig. 468. — Tatú.

TATÚ. Fig. 468. Genero de animaes mamíferos, da familia dos Desdentados; tem sómente quatro dentes molares.

Ordinariamente é do tamanho de um cão pequeno; o corpo é coberto de escudetes escamosos, que o defendem como couraças, tendo uma anterior sobre as espaldas, e outra posterior sobre a garupa; e

entre estas ha uma guarnição de certo numero de faxas, ou meias cintas; a cabeça e cauda são igualmente escamosas. Estes animaes vivem em tropas no Brasil, fazendo covis onde se mettem; sustentão-se de vegetaes; não podem correr, nem saltar, nem trepar. Quando são atacados, recolhem a cabeça, os pés e a cauda debaixo do ventre e fazem-se n'um novello quasi como ouriços. As femeas tem grande numero de filhos em uma só gestação. Ha differentes especies de tatús que se distinguem pelo numero das faxas. A carne é saborosa e branca como a do frango; come-se assada ou em guisado.

TAYOBA. *Arum esculentum*, Linneo. Aroideas. Planta da Flora brasileira. Folhas peltadas, grandes, lisas, inteiras, cordiformes e agudas; flores dispostas em espadices, e estes encerrados em espathas ovaes-lançeeoladas; caule subterraneo (vulgo *raiz*), tuberoso e farinhento. As folhas, cozidas e temperadas, constituem um alimento sadio e agradável; comem-se com a carne ou de outra maneira. A raiz (tronco subterraneo) contém um principio acre e volatil, que se dissipa pelo calor. Cozida ou assada, come-se tambem : é um alimento nutriente, e de facil digestão; goza de reputação de ser util ás pessoas affectadas de morphca.

TAYUYÁ ou **Tajujá.** Diversas plantas da familia das Cucurbitaceas são conhecidas no Brasil com este nome :

1º **Tayuyá, tayuyá grande** ou **de pimenta cumary, abobora** ou **abobrinha do matto.** *Trianosperma ficifolia*, Martius. Planta trepadeira do Brasil; habita nas provincias do Rio de Janeiro, S. Paulo, Minas, Santa Catharina, Rio Grande do Sul. Caule com sete sulcos; folhas asperas, divididas em 5 ou 7 lobulos obtusos., denticulados, base cordiforme; fructos vermelhos, oblongos, lisos, de 5 a 6 linhas de comprimento, contendo duas sementes; raiz comprida, arredondada, de uma a duas pollegadas de diametro, rugosa e amarella escura por fóra, branca amarellada por dentro, de sabor amargo e acre. Todas as partes d'esta planta, e principalmente a raiz, gozão de propriedades purgativas. A dóse da raiz *secca*, que se póde tomar em substancia, é de 60 centigrammas a 1 gramma (12 a 20 grãos). Reduz-se a pó, e toma-se em uma colher d'agua. Administra-se tambem em decocção, que se faz fervendo uma oitava d'esta raiz em 8 onças d'agua. Sendo a raiz fresca, duplica-se a dóse. Os habitantes do interior do Brasil empregão a raiz de tayuyá em muitas molestias, na hydropisia, opilação, obstrucção das visceras abdominaes, falta de menstruação, epilepsia, morphea. As folhas, contusas, e reduzidas a cataplasma, applicão-se vantajosamente nas ulceras.

As seguintes *tayujás* gozão das mesmas propriedades que a precedente, e empregão-se do mesmo modo e nos mesmos casos :

2º **Tayuyá de fructa encarnada, abobrinha do matto** (Rio). *Trianosperma tayuya*, Martius. Raiz tuberosa, em fórma de nabo, esponjosa, amarellada, epiderme escura. Purgativa na dóse de 4 a 8 grammas (1 a 2 oitavas) da raiz fresca.

3º *Trianosperma arguta*, Martius. (Rio de Janeiro.)

4º *Trianosperma glandulosa*, Martius. (Pará.)

5º **Tayuyá de Quiabo** (Minas, S. Paulo); **gonú** (Minas). *Wilbrandia hibiscoides*, Manso. Raiz tuberculosa, tuberculos de 6 pollegadas mais ou menos de comprimento e duas ou mais de diametro; fructo oval, polposo, anguloso, dividido em 4 loculamentos. Dóse da raiz fresca : 4 grammas (1 oitava).

6º **Abobrinha do matto.** (Minas). *Wilbrandia drastica*, Martius.

7º **Abobrinha do matto** (Rio). *Wilbrandia scabra*, Martius.

8º **Tayuyá** *Wilbrandia Riedeli*, Manso.

9º **Tayuyá de cabacinho ou de abobrinha** (S. Paulo, sertão da Bahia e Pernambuco). *Dermophylla pendalina*, Manso. Raiz tuberosa, da qual partem outras raizes que se terminão por tuberosidades menores e alongadas; fructo oval arredondado, de uma a duas pollegadas de comprimento, com tres loculamentos, contendo doze sementes pouco mais ou menos. A raiz é purgativa, na dóse de 4 a 8 grammas (1 a 2 oitavas).

10º **Tayuyá ou abobora do matto.** (Goyaz), *Druparia racimosa*, Manso. Fructo, drupa oblonga, com 4 loculamentos, e uma semente em cada um.

TÊA DO OLHO. *Veja-se* BELIDA.

TEMPERAMENTO. Entende-se por temperamento a disposição da organização propria a cada individuo. Bem que esta disposição varie conforme os individuos, ha-os que apresentam a coexistencia de caracteres exteriores que os distingue de uma maneira notavel. Estas constituições são temperamentos *simples e determinados*. Outros ha que são menos distinctos, em que os signacs das constituições se unem e se confundem : são os temperamentos mixtos ou compostos. Emfim, ha outros que não tem caracteres distinctos : são os temperamentos vagos e indecisos.

Temperamentos simples e determinados. Designão-se segundo as partes que os caracterizão :

1º *Temperamento athletico ou musculoso.* É a constituição dos athletas; pertence exclusivamente ao homem, e é essencialmente caracterizado por ossos volumosos e musculos enormes. O athletico tem a cabeça pequena, o pescoço curto, os cabellos espessos, a testa

pouco descoberta, o rosto largo, as fontes salientes ou pouco deprimidas, as feições grossas, a barba abundante, o corpo peludo, as espadoas e o peito largo, o ventre pouco salientê, os membros fortes e as juntas volumosas. — Os atletas tem geralmente a sensibilidade obtusa, a intelligencia mediocre, as paixões difficeis de excitar, e ás vezes difficeis de apagar. São muitas vezes governados por entes mais fracos; e é o caracter que a antiguidade attribuia a Hercules e a Sansão.

2º O *temperamento nervoso* é assim chamado porque nas pessoas d'este temperamento as funcções do systema nervoso são muito exaltadas. Os individuos de temperamento nervoso tem em geral o cabelo preto, o rosto magro e pallido, os olhos brilhantes, as feições que exprimem o soffrimento e a melancolia. Tem de ordinario pouca gordura. Mas tem muita intelligencia, e tanta susceptibilidade, que os atormenta e os induz muitas vezes aos erros, a ponto de os lançar n'uma incuravel melancolia. Esta demasiada e viva sensibilidade, que então é para elles a fonte de mil infortunios, é tambem muitas vezes o principio de uma eloquencia extraordinaria. É o caracter de Pascal, Zimmermann, de João Jacques Rousseau. Este temperamento encontra-se tanto no homem como na mulher.

3º *Temperamento bilioso*. Nos biliosos não é a bilis que predomina, como se poderia julgar, mas sim a substancia negra que lhes córa os cabellos, a pelle e os olhos, e que os anatomistas designão sob o nome de *pigmentum*. O figado talvez tenha mais actividade do que nos outros. Este temperamento pertence em geral aos individuos trigueiros. Os cabellos são de ordinario pretos, corredios ou crespos, e quasi sempre duros e rijos, os olhos escuros ou de côr preta brilhante, a pelle de côr amarellada, as veias dos membros salientes e visiveis, a physionomia que exprime a firmeza e a intelligencia, as fórmas um pouco asperas, sem gordura, os musculos vigorosos bem que de pequeno volume. O pulso é forte, o figado muito desenvolvido, e as funcções digestivas energicas. Os individuos d'este temperamento tem, em geral, muita intelligencia e muita capacidade; as sensações e as paixões são n'elles intensas e duraveis; as determinações fortes, atrevidas; o caracter firme, decidido, perseverante; distinguem-se por uma grande ambição, e por uma obstinação não menor para satisfazê-la. São, sobretudo, estes temperamentos que apresentam os grandes homens, os homens que tem honrado a humanidade, e os que a tem affligido por sua ambição desenfreada. É com estes caracteres que se apresenta Alexandre Magno, Julio Cesar, Brutus, Mafoma, Sixto-Quinto, Cromwell, o czar Pedro, Napoleão Iº. O tempera-

mento bilioso observa-se menos nas mulheres do que nos homens; é mais commum nos climas quentes do que nos frios. Nos paizes septentrionaes, une-se com o temperamento lymphatico, onde seus traços exteriores, que resultão da côr da pelle e dos cabellos, modificão-se e abrandão-se um pouco. Os individuos d'este temperamento são sujeitos ás affecções do figado, ás das vias digestivas, ás hemorrhoidas.

4º O *temperamento sanguineo* é caracterizado por uma pelle branda, branca ou levemente rosea, por um rosto de côr vermelha, cabellos ordinariamente castanhos e flexiveis, olhos azues ou pardos, olhar meigo, uma physionomia animada e alegre, uma gordura moderada, fórmis arredondadas, graciosas, mas bem salientes. Este temperamento tem a circulação activa, o sangue rico e abundante, o pulso forte, e, em geral, um exercicio regular das principaes funcções. A força muscular é bastante grande, a inclinação aos prazeres do amor mui pronunciada. As sensações são vivas, a intelligencia desenvolvida, as paixões violentas mas passageiras, o character amavel, generoso, mas ligeiro e inconstante. Os homens que tem este temperamento são predispostos ás congestões sanguineas, ás inflammções, ás hemorrhagias. Segundo o que a historia nos transmittio dos caracteres physicos e moraes de certos homens celebres, Marco-Antonio, Henrique IV, o duque de Richelieu, Mirabeau, serião typos do temperamento sanguineo. Este temperamento pertence mais aos climas temperados, do que aos climas extremos.

5º O *temperamento lymphatico* tem caracteres mui differentes do sanguineo, e quasi em tudo oppostos aos do bilioso: cabellos em geral louros e finos, olhos azues, pelle branca, fina e lisa; systema piloso pouco espesso, carnes molles, fórmis algum tanto pesadas. As principaes funcções tem em geral pouca actividade; os movimentos são lentos. A physionomia é meiga, muitas vezes sem expressão ou exprimindo a molleza, a apathia do character; ás vzes, a frieza exterior está ligada a uma grande tenacidade, a uma obstinação invencivel. Este temperamento, mais commum nas mulheres, é considerado como uma predisposição ás escrophulas, ao rachitismo e á tísica.

Temperamentos mixtos. São aquelles em que muitos systemas da organização predominão ao mesmo tempo. Estas constituições são mais communs do que as precedentes, cujos typos puros raras vezes se encontrão na natureza. Assim, admittem-se com os temperamentos simples, que acabei de descrever, temperamentos lymphatico-sanguineos, bilioso-nervosos, sanguino-nervosos, etc.

Temperamentos indecisos. São os mais numerosos de todos.

Provém de estarem as partes. da organização n'um equilibrio de desenvolvimento tão exacto, que é impossivel determinar qual é aquella que predomina sobre as outras.

TEMPERANTES. São os medicamentos que moderão os movimentos em extremo rapidos do systema circulatorio, e diminuem o calor do corpo. Os temperantes são todos de gosto acido. Estes medicamentos chamão-se tambem *refrigerantes*, e empregão-se nas febres, escorbuto, ictericia, ourinas de sangue, etc. Os medicamentos temperantes são os seguintes: limão azedo, laranja, lima, limão doce, tamarindos, romã, marmelo, cajú, cajá; araçá, goiaba, jaboticaba, grumichama, pitanga e outros fructos acidos, soro de leite, grama, nitro, amendoada, cremor de tartaro. Todas estas substancias administrão-se aos doentes sob a fórma de limonadas frias.

TEMPERATURA DAS DIVERSAS CIDADES DO GLOBO. *Veja-se* CLIMA, vol. I, pag. 600.

TEMPEROS, ADUBOS ou **CONDIMENTOS.** Entendem-se por estes nomes as diversas substancias que se empregão na preparação dos alimentos para lhes realçar o sabor ou facilitar a sua digestão. A maior parte das produções d'este genero contém apenas elementos nutritivos, e só actuão pelas qualidades estimulantes de que são dotadas, e por isso pôde-se dizer que o seu uso pouco moderado é ordinariamente seguido de perniciosos effeitos para a saude; o appetite artificial que provocão obriga a ingerir no estomago uma quantidade de alimentos mais consideravel do que reclamão as forças, e necessidades da economia; d'onde resultão as digestões laboriosas, imperfeitas, e por conseguinte um fluido nutritivo mal elaborado, pouco reparador, cuja influencia sobre o organismo interior deve ter máos effeitos. Por outra parte, a privação de todo o tempero tem o inconveniente de enfraquecer as forças digestivas, occasionar o fastio, a saciedade prompta dos alimentos que são desprovidos de acção estimulante sobre os órgãos do gosto e da digestão, e por consequencia, produz todos os effeitos de uma alimentação insufficiente, taes como a debilidade geral, o emmagrecimento progressivo, etc. É preciso, por conseguinte, observar certa regra no uso dos temperos, a qual depende de grande numero de circumstancias, taes são os climas, temperamentos, gráo de sensibilidade, costume, etc. Assim, os habitantes das regiões do norte, nos quaes predomina a actividade das funcções digestivas, não precisão recorrer aos estimulantes para apressar a digestão dos alimentos de que se nutrem; e por isso, a natureza parece ter-lhes recusado, de proposito, estas especies de produções; entretanto que as prodigalizou aos habi-

tantes dos climas quentes que se achão em circumstancias oppos-tas. As pessoas de temperamento nervoso, irritavel, secco, bilioso, e sanguineo, devem ser sobrias de temperos excitantes. Os individuos molles e lymphaticos podem, pelo contrario, usar d'elles com menos reserva. As pessoas habitualmente sedentarias, que respirão o ar espesso das grandes cidades, necessitão despertar a actividade entorpecida de seus orgãos por meios artificiaes; entretanto que o habitante do campo, cuja vida é activa, acha no exercicio, na respiração de um ar vivo e puro, a estimulação natural e salutar que lhe torna escusado recorrer a estes meios para ter um appetite facticio.

Os temperos dividem-se em cinco classes :

1º *Temperos salinos*. Esta primeira secção comprehende só o sal commum de cozinha. No estado actual da nossa civilização, o uso do sal tornou-se uma necessidade tão geral como indispensavel; em dóse moderada, estimula levemente as superficies mucosas com que se acha em contacto, activa as secreções, e d'esta maneira facilita a digestão. Os effeitos de sua privação absoluta são tornar as digestões laboriosas e imperfeitas. Em dóse forte, determina a irritação mais ou menos viva da bocca e do estomago, d'onde resulta a sêde mais ou menos intensa, seccura da bocca e garganta, a excitação geral, etc.

2º *Temperos acidos*. Compreendem o vinagre, os acidos vegetaes, particularmente os que se extrahem do limão, azedas, laranja, etc. O uso moderado d'estes temperos tem um effeito refrigerante e algum tanto estimulante, em geral, salutar. O seu abuso produz o emmagrecimento; em algumas pessoas occasiona a excitação do systema nervoso.

3º *Temperos assucarados*. O assucar e o mel de abelhas contém muitos elementos nutritivos; unidos aos elementos acidos, mucilaginosos e amylaceos, tornão estas substancias mais agradaveis, mais digeriveis e mais nutrientes : o seu uso moderado nunca póde ter máos effeitos.

4º *Temperos gordos, oleosos, caseosos*. As substancias d'esta classe constituem antes alimentos do que verdadeiros temperos, e por isso usão-se n'esta qualidade associados com outros temperos, taes como sal, assucar, etc. : estas substancias são as gorduras animaes, a manteiga, o leite e o azeite doce. Devem empregar-se com preferencia no estado fresco e em pequena quantidade, visto serem de digestão difficil.

5º *Temperos acres e aromaticos*. Esta classe é a mais numerosa; as substancias que a compõem, tiradas pela maior parte do reino vegetal, devem as suas propriedades excitantes a grande quanti-

dade de oleo essencial, ou a um principio acre e irritante. A estas ultimas pertencem o alho, a cebola, a mostarda, os agriões, as alcaparras, a pimenta, o cravo da India, a noz moscada, o macis, o gengibre, o pimentão, os peixes de escabeche, taes como a cavalla, as anchovas, as sardinhas, as ostras de escabeche, as carnes defumadas. Estas ultimas substancias, principalmente formadas de elementos nutritivos, devem as suas qualidades excitantes a um principio acre, ammoniacal, desenvolvido pelo modo de preparação.

Os temperos aromaticos devem as propriedades que os distinguem, como acabei de dizer, ao oleo essencial de que são abundantemente providos, taes como as folhas e flores de laranjeira, a baunilha, a canella, o açafraão, a salva, o tomilho, o alecrim, os cominhos, o cerefolio, etc. As considerações que fiz no principio d'este artigo sobre os temperos em geral, applicão-se principalmente a esta classe.

TENDÃO. Chamão-se *tendões* porções do tecido fibroso, mais ou menos compridas, redondas ou chatas, esbranquiçadas, que se fixão a algum osso por uma de suas extremidades, e se continuão pela outra com os musculos.

Tendão (*Ferida do*). Veja-se vol. I, pag. 1105.

Tendão (*Ruptura do*). Veja-se RUPTURA.

Tendão d'Achilles (*Ruptura do*). Veja-se vol. II, pag. 883.

Vulgarmente chama-se tambem *tendão* o cordão espermatico. É um cordão composto de veias, arterias, nervos e do conducto espermatico, que sahe do ventre pelo canal inguinal, e vai ao testiculo que se acha no escroto. Às vezes o cordão espermatico é affectado de *inflammação*. Veja-se vol. I, pag. 719.

TENESMO. Sensação dolorosa de constricção na região do anus, com vontade contínua e quasi inutil de obrar. É o symptoma da irritação do recto, occasionada seja por uma diarrhea ou dysenteria, seja por hemorrhoidas. Combate-se com semicupios mornos, e clysters de cozimento de linhaça.

TENESMO VESICAL. Vontade contínua e dolorosa de urinar, com calor e sensação de ardor no collo da bexiga. Combate-se com semicupios d'agua tepida, e infusão de linhaça em bebida.

TENIA. Veja-se SOLITARIA.

TENTA. Veja-se vol. I, pag. 769.

TERÇOL ou **Hordeolo.** Pequeno tumor inflammatorio, da natureza do fruncho, que se desenvolve perto da margem livre das palpebras. O terçol póde ter uma marcha aguda ou chronica. Quando é agudo, apresenta-se sob a fórma de um grão de cevada,

de côr vermelha, acompanhado de dôres vivas e de tumefacção da palpebra. Este tumor, no fim de algum tempo abre-se e deixa sahir, pela menor pressão, um pequeno carnegão, cuja sahida é seguida da cessação de todos os symptomas. No segundo caso; isto é, quando o terçol é chronico, a molestia é muito menos dolorosa, e consiste n'um tumor duro, vermelho e quasi sem dôr; mas que, depois de persistir muitos mezes n'este estado, acaba quasi sempre por inflammarse bastante, e segue então a marcha do terçol agudo.

O *tratamento* do terçol agudo consiste em cataplasmas de linhaça, ou de fecula, e em lavatorios com decocção de folhas ou flores de malvas; e o do terçol chronico, na applicação de um pedacinho de encerado de diachylão gonmado sobre o tumor, até que se inflamme, e tome o caracter agudo.

TEREBINTHINA. Substancia da consistencia de xarope que mana das incisões feitas no tronco de muitas arvores, e principalmente do pinheiro prateado, *pinus picea*, Linneo. Esta ultima tem o nome de *terebinthina de Veneza*, ou *de limão*, por causa do cheiro suave. As terebinthinas tem o cheiro forte, penetrante, que é devido a um oleo essencial conhecido pelo nome de *essencia de terebinthina*.

A terebinthina é uma mistura de um oleo essencial e de uma resina; effeitua-se a separação d'estes dois elementos distillando a terebinthina em grandes alambiques de cobre. Fornece assim quasi um quarto do seu peso de essencia ou oleo essencial; o residuo é o que se chama *colophonia*.

A terebinthina emprega-se em medicina; entra na composição de muitos emplastos; internamente, usa-se contra a bronchite e o catarrho da bexiga, contra a debilidade dos órgãos genitales, etc., na dóse de 50 centigrammas a 12 grammas (10 grãos a 3 oitavas). O seu oleo essencial tem as mesmas propriedades, mas actua com mais energia. Externamente, é usado em fricções contra as dôres rheumatismaes. As ourinas das pessoas que fazem uso da terebinthina adquirem um cheiro de violeta.

TERICIA. *Vêja-se ICTERICIA.*

TERRA PODRE. (*Economia domestica*). Chama-se no commercio terra podre (*terre pourrie*, em francez), uma especie de tripoli mais fino e mais brando que o tripoli ordinario (*vêja-se TRIPOLI*). É uma especie de barro secco, de excellente uso para lustrar e limpar os objectos de aço, de cobre ou de outros metaes. Emprega-se ou sceca, estendida sobre um pedaço de pellica, ou diluida em azeite doce. Achão-se d'ella muitas qualidades nas lojas de drogas. A melhor vem do Condado de Derby em Inglaterra; é conhecida sob o nome de *terra podre ingleza*.

TESTICULO. Denomina-se assim o órgão glanduloso em que se prepara o esperma; o testiculo é, por conseguinte, a fonte da fecundação. Os testiculos são dois; estão situados n'uma especie de sacco, formado de pelle e membranas, chamado *escroto*. Os testiculos tem a fórma de um ovoide comprimido lateralmente. Na sua margem superior e posterior acha-se uma pequena eminencia, chamada *epididymo*. A substancia propria do testiculo é formada de immensa quantidade de conductos seminaes, extremamente delgados, enroscados mil e mil vezes uns em roda dos outros. Dirigem-se para cima, reúnem-se de maneira a constituírem troncos mais volumosos, e formão emfim um só canal.

MOLESTIAS DOS TESTICULOS.

Canero do testiculo. *Veja-se* vol. I, pag. 463.

Contusão do testiculo. A contusão do testiculo observa-se nos individuos que montão a cavallo : póde resultar da aproximação rapida das coxas, de uma pancada, pontapé, etc. Esta contusão determina dôres extremamente vivas, acompanhadas de desmaios e vomitos; as dôres propagão-se até ás cadeiras. As contusões violentas podem produzir um derramamento de sangue no envoltorio do órgão, isto é formar o que se chama *hematocele*.

O tratamento consiste em applicar nos primeiros dias, pannos molhados em agua fria, simples, ou misturada com aguardente camphorada. No terceiro ou quarto dia cumpre applicar cataplasmas de linhaça. Se sobrevier inflammação, applicuem-se bichas na virilha. É preciso que o doente fique deitado na cama, e mantenha o escroto levantado com almofadinha.

Falta do testiculo. Em vez de descerem para o escroto na epoca de nascença, como succede ordinariamente, os testiculos ficão ás vezes no ventre, e descem alguns mezes ou alguns annos mais tarde; até ha exemplos de testiculos que ficarão toda a vida no interior do ventre, sem que os individuos fossem destituídos da faculdade de procrear. Quando o testiculo desce depois da nascença fórma um tumor que se póde tomar por quebradura, mas que se deve distinguir d'esta molestia pela natureza das dôres que provoca a compressão. Em todos os casos póde-se fazer distincção entre o testiculo e qualquer outro tumor da virilha pela dôr especial, isto é pela dôr que enerva quando se comprime o testiculo, e pela ausencia concomitante do órgão no lado correspondente do escroto. Esta anomalia não exige tratamento algum; o testiculo desce pouco a pouco e chega com o tempo ao escroto.

Feridas do testiculo. *V Feridas do escroto*, v. I, p. 1086.

Fongus do testiculo. Dá-se este nome a um tumor que

toma nascimento sobre o testiculo, vegeta á maneira das fungosidades ou carnosidades das feridas, e que resulta de um trabalho inflammatorio. Quando a producção principia na superficie do testiculo, chamão-lhe *fungus superficial*. O *fungus parenchymatoso* toma nascimento na espessura do testiculo, d'onde sahe atravessando a tunica albuginea. Em ambos os casos a massa morbida é firme, apresenta proeminencias na superficie; é de côr avermelhada ou anegrada, segundo a quantidade de sangue que contém os vasos das fungosidades. Esta massa confunde-se insensivelmente com um ponto da tunica albuginea ou com a substancia mesma do testiculo, segundo se trata de um fungus superficial ou de um fungus parenchymatoso. A substancia do fungus é mui vascular; apresenta a estructura das carnosidades das feridas.

Causas. O fungus é consecutivo á inflammação. Desenvolve-se no curso de uma orchite, depois de uma contusão ou de uma ferida do testiculo. Póde mostrar-se todas as vezes que a tunica albuginea apresentar uma solução de continuidade. O fungus é raro; ordinariamente um só testiculo está affectado.

Symptomas. A molestia principia de uma maneira lenta. Um tumor pouco doloroso, cuja superficie apresenta alguns relevos, forma-se sobre o testiculo. Este tumor augmenta insensivelmente; a pelle do escroto enrubece e adelgaça-se; forma-se uma ulceração atravez da qual passa a substancia do fungus. As porções fungosas sahem por esta abertura e crescem de maneira a formar um novo tumor, unido á massa fungosa profunda por uma parte estrangulada ao nivel da ulceração. O fungus não excede, ordinariamente, o volume de um punho. Incommoda pelo volume e peso, mas não é séde de dôres espontaneas. A compressão do tumor desenvolve uma sensibilidade caracteristica, semelhante á que se produz comprimindo um testiculo são. Não apparecem hemorragias na superficie do tumor.

Tratamento. Medicamentos internos não produzem resultado algum. Não se deve contar tambem sobre alguma applicação local para fazer desapparecer o tumor. É preciso fazer a excisão, e cauterizar a ferida com ferro em brasa.

Hematoccele. Tumor sanguineo do escroto. *V* v. II, p. 104.

Hydrocele. Accumulação de serosidade na tunica vaginal, um dos envoltorios do testiculo. *Veja-se* vol. II, pag. 146.

Hypertrophia do testiculo. Augmento do volume do testiculo, sem alteração de sua textura intima. Observa-se sobretudo depois da operação de hydrocele pelas injeccões com vinho quente e outras injeccões irritantes. Desapparece com o tempo pouco a pouco; não prejudica, além d'isto, as funcções do orgão.

Inflamação do testículo. *Veja-se* ORCHITE, v. II, p. 519.

Kystos do testículo. Chama-se kysto a um sacco sem abertura, contendo um liquido transparente ou opaco. Ha duas especies de kystos do testiculo : uns desenvolvem-se na superficie; outros tomão nascimento na espessura da glandula. Os primeiros formão um tumor accrescentado ao testiculo, chamado mais particularmente *hydrocele enkystado do testiculo*; os outros dilatão a tunica albuginea : são os *kystos do testiculo*.

I. **HYDROCELE ENKYSTADO DO TESTICULO.** Estes kystos tem paredes mui delgadas; o liquido que contém é ora perfeitamente limpido e incolor, ora de côr lactea. Estes kystos são ás vezes multiplos. O seu volume varia desde o tamanho de uma ervilha até ao de um ovo e mais.

Symptomas. O hydrocele enkystado principia por um pequeno tumor duro, arredondado, situado na parte superior do escroto por cima do testiculo; sobrevem, ás vezes, em consequencia de um esforço. Póde ficar por muito tempo n'este estado, sem causar nem dôr nem incommodo, depois tornar-se de repente doloroso. As mais das vezes o seu desenvolvimento é lento e insensivel; o incommodo que occasiona é proporcionado ao seu volume; não é doloroso. O tumor apresenta ás vezes relevos, quando os kystos são multiplos e pouco volumosos; de ordinario é liso, fluctuante, adquire maior volume do que o testiculo, e apresenta mesmo transparencia. É então que póde ser confundido com o hydrocele da tunica vaginal, o que, alias, não tem inconvenientes, porque em ambos os casos o tratamento é o mesmo.

Tratamento. Esvasia-se o tumor por meio de uma punção, e injecta-se dentro tintura de iodo misturada com agua; isto é, procede-se da mesma fórma que no tratamento do hydrocele ordinario (*veja-se* vol. II, pag. 146). Quando o tumor é pequeno, não se lhe deve tocar.

II. **KYSTOS DO TESTICULO.** Estes kystos desenvolvem-se no interior da tunica albuginea, na substancia propria do testiculo. Variaveis pelo volume, são ás vezes numerosos, e repellem a substancia do testiculo, que se acha n'este caso estendida em camada delgada na superficie do tumor. Contém um liquido transparente, levemente corado, ou espesso, viscoso, sanguinolento. De sua parede interna nascem concreções ás vezes cartilaginosas que obliterão a sua cavidade.

Symptomas. O tumor desenvolve-se lentamente. Não occasiona dôr; é duro, elastico, acompanhado ás vezes de um derramamento na tunica vaginal, que apresenta fluctuação. Torna-se incommodo pelo seu volume, e provoca então dôres nas cadeiras.

Vê-se, segundo estes signaes, que o diagnostico é muito obscuro. Conhecc-se facilmente, sobretudo quando o tumor não é muito antigo, que não se trata nem de uma affecção do cordão espermatico, nem de tumor das bolsas, mas sim de uma molestia do testiculo mesmo. Entretanto o hematocele, isto é o derramamento do liquido sanguinolento na tunica vaginal, poderia ser confundido com o kysto do testiculo. Mas é o cancro, sobretudo, que poderia dar lugar ao erro. Este occasiona dôres vivas muito mais frequentemente, bem que este signal possa faltar em certos cancos; constituc um tumor mais desigual, isto é com relevos na superficie; desenvolve-se sobretudo com muito maior rapidez.

Tratamento. Se o tumor fôr pequeno e não incomodar, nada se deve fazer; porque não ha nem medicamentos internos, nem applicações externas que possam aproveitar; convem só sustentar o escroto com suspensorio. Se, porém o tumor incomodar muito, se occasionar grandes dôres, não ha outro meio senão a extracção.

Neuralgia do testiculo. *Vê-se* vol. II, pag. 473.

Testiculo syphilitico. *Vê-se* vol. II, pag. 521.

Testiculo tuberculoso. Dá-se o nome de *tuberculo* a uma producção morbida, de côr branca amarellada, de consistencia dura a principio, mas que se torna molle depois, e adquire o aspecto e consistencia de pus. Os tuberculos podem apparecer nos testiculos, ordinariamente na sua parte superior chamada *epididymo*. Nos lugares em que se desenvolvem, manifestão-se primitivamente sob a fôrma de granulações cinzentas, como nos pulmões e nos outros órgãos. Estes pequenos tuberculos determinão em volta d'elles um trabalho morbido de natureza inflammatoria; forma-se pus ao qual se ajunta materia tuberculosa amollecida. O tumor contrahe adherencias com os envoltorios do testiculo; vê-se logo a pelle tornar-se vermelha, abrir-se e dar passagem a pus caseoso.

Symptomas. O começo é lento. Quando o tumor adquirio certo volume, é moderadamente doloroso. A dôr não tem certa intensidade senão no momento em que a pelle tornar-se adherente á substancia tuberculosa. O tumor, nos primeiros tempos é desigual e apresenta relevos; é duro; mais tarde torna-se menos resistente, e reconhece-se a sua adherencia ás tunicas do escroto que se abrem e se tornão em ulcra; estabelece-se um trajecto fistuloso que deita materia. Depois de eliminada toda a materia tuberculosa, opera-se a cicatrização.

Tratamento. Primeiro que tudo é preciso fortificar a constituição para destruir a disposição tuberculosa. Os meios que servem para

este fim são : boa hygiene, habitação salubre, regimen tonico composto sobretudo de carne, tapioca, geleas, animaes e vegetaes, vinho generoso, banhos do mar, banhos aromaticos. Sobre o testiculo applicar cataplasmas de linhaça para combater a inflammacão local e facilitar a sahida do pus.

Tumores do testiculo. Tumores fibrosos, cartilagosos e calcareos raras vezes observão-se no testiculo. É quasi impossivel estabelecer um diognostico exacto, o que alias é pouco importante, porque não ha remedios internos nem externos para os curar. O doente está condemnado a supporta-los.

Diagnostico dos tumores do testiculo. Ordinariamente estes tumores consistem em *orchite chronica simples*, em um *testiculo syphilitico*, *canceroso* ou *tuberculoso*, rara vez em um *kysto* ou em um *fongus*, exepcionalmente em um tumor *fibroso*, *calcareo*, *cartilaginoso*. Chega-se ao diagnostico pela grande pratica, ou depois do estudo prolongado do doente, que é preciso examinar repetidas vezes. Examinemos os casos ordinarios.

A maior parte d'estes tumores apresentam caracteres quasi semelhantes. São mais ou menos duros, pouco dolorosos ou não dolorosos. Ambos os testiculos estão ordinariamente affectados no testiculo syphilitico, ás vezes no tuberculoso. Mas o cancro, o fongus, os kystos não invadem senão um só. No começo, se o tumor existe na parte superior do testiculo, chamada epididymo, e de um só lado, pôde-se suspeitar o tuberculo; e cumpre não tomar por tal uma induracão do epididymo consequencia de uma orchite. Se o tumor principiou pelo centro do testiculo, pôde ser um cancro. Se lhe estiver sobreposto, pôde ser um kysto. A *dôr* é muitas vezes nulla, ou quasi nulla, no testiculo syphilitico, mesmo comprimindo-o; pôde ser lancinante no testiculo canceroso; é moderada no fongus, no testiculo tuberculoso e no scirrho. O fongus é mui sensivel á pressão. As *funções genitae*s não podem determinar o diagnostico; estão ora conservadas, ora enfraquecidas, ora extinctas. O *volume* do tumor torna-se mais consideravel no cancro um pouco antigo; os kystos são os tumores os mais pequenos. A *superficie* do tumor é regular, uniforme, lisa, nos kystos, a não serem multiloculares, então apresenta relevos; offerece proeminencias no fongus, no testiculo syphilitico, no testiculo tuberculoso e canceroso. A principio estas proeminencias são difficeis de distinguir; mas se o tumor datar de algum tempo, verifica-se a dureza dos relevos do testiculo syphilitico, a sua superficie desigual, e o hydrocele que ás vezes existe. Reconhecem-se as grossas proeminencias do fongus, mui irregulares, que sobrevem quasi sempre em consequencia de uma lesão inflam-

matoria mui evidente. No testiculo tuberculoso, a parte a mais volumosa do tumor corresponde muitas vezes ao epididymo, *symptom*as inflammatorios existem ao redor das massas tuberculosas, a pelle está adherente n'um ponto, que é vermelho. As desigualdades do cancro umas são molles outras duras; ha dilatação das veias sub-cutaneas que raras vezes se mostra nas outras affecções. Uma *ulceração* não sobrevem senão no fungus, no tuberculo e no cancro. A ulcera do fungus tem muitas carnosidades, não deita sangue facilmente. A ulcera tuberculosa é uma fistula suppurante. ás vezes muito profunda; não ha exuberancia da massa morbida; pelo contrario, a pelle parecec retrahida e deprimida pela cicatriz. A ulcera cancerosa deita sangue facilmente; não está exuberante como a do fungus. O exame do cordão fornece informações importantes. É duro, ás vezes cheio de caroços, inflammado, no tuberculo; pôde ser volumoso no cancro. A *transparencia* do tumor existe nos kystos; pôde-se, pela transparencia, reconhecer o hydrocele que acompanha o testiculo syphilitico.

Os *symptom*as geraes não devem ser desprezados. Não dão informações nos kystos, no fungus; mas são de um poderoso soccorro: 1º no testiculo syphilitico, em que podem reconhecer-se os vestigios da antiga affecção venerea; 2º no testiculo tuberculoso: com effeito, o doente traz ás vezes tuberculos pulmonares, e n'este caso nunca se deve deixar de recorrer á auscultação; apresenta tambem algum tumor branco, uma lesão ossea, etc., provas de que o doente acha-se debaixo da influencia da constituição escrophulosa; 3º no testiculo canceroso, que determina além da inchação dos ganglios inguinaes, *symptom*as da cachexia cancerosa geral.

As *circumstancias antecedentes* devem ser consultadas. No fungus, reconhece-se muitas vezes uma causa traumatica: violenta contusão, ferida ou uma inflammção aguda. O individuo affectado do testiculo syphilitico dá informações sobre os *symptom*as, quando estes não deixarão vestigio, sobre o tratamento a que foi submettido. Os antecedentes são nullos nos kystos, e nos cancos; mas nos tuberculosos pôde-se indagar se o doente tinha na sua infancia signaes de escrophulas.

TETANO. Molestia caracterizada pela rijeza e contracção convulsiva e permanente de uma parte ou da totalidade dos musculos. Esta molestia chama-se tambem *ar de espasmo*.

Causas. Todas as impressões dolorosas são susceptiveis de determinar o tetano. Os grandes pezares tem ás vezes provocado esta molestia. Outro tanto direi das fadigas excessivas, da subita supressão da transpiração, da presença dos vermes nos intestinos, das indigestões. Mas de todas as causas d'esta molestia, as feridas

graves são as que a produzem mais frequentemente. Muitas vezes, desenvolve-se sem causa conhecida.

Symptomas. O tetano principia ás vezes subitamente; mas de ordinario é precedido de uma tristeza profunda, anxiedade, insomnia e cansaço geral; em seguida sobrevem difficuldade de engulir, rijeza no peseoço; depois o doente não póde abrir a boeca. Quando a constrictão se limita aos queixos, este estado chama-se *trismo* ou *cerração dos queixos*. Mas rapidamente a rijeza communica-se aos museulos do peseoço, que virão a cabeça para traz, para diante, ou para os lados; apodera-se dos museulos das costas e do ventre, estende-se aos braços e pernas; o corpo inteiro fica então n'um estado de rijeza tal, que parece que todas as juntas estão soldadas. O rosto torna-se animado, apresenta um caracter particular de soffrimento; os olhos tornão-se luzidios e fitos, um suor abundante e viscoso cobre o corpo, a sêde é exceessiva, a deglutição difficil, e ás vezes impossivel, a respiração custosa, as dôres crueis e o pulso frequente.

Os museulos, assim contrahidos, resistem a todos os esforços; quando os queixos estão approximados, não ha força que os possa separar; os labios mesmo contrahem-se de tal modo que não é possivel separa-los. Ás vezes a boeca fica aberta, e conserva-se assim, sem que se possam approximar os queixos. O doente experimenta nos museulos convulsos dôres umas vezes pouco intensas, outras mui violentas e atrozes. As dôres são ora contínuas, ora, e este caso é o mais ordinario, observa-se, de dois em dois, ou de tres em tres minutos, uma leve remissão n'estas dôres e na rijeza convulsiva; todavia nunea os museulos se relaxão completamente. Passados alguns instantes, sem causa determinante, ou na occasião de algum movimento, da menor emoção, repetem-se as mesmas dôres e as mesmas contrações; o doente acha-se então n'um estado deploravel. O rosto exprime soffrimento e espanto; os olhos ora são agitados por movimentos convulsivos, ora immoveis como o resto do corpo; a testa está enrugada, o nariz estirado para cima, as faeces puxadas para as orelhas.

Durante estes paroxysmos, o pulso é em geral pequeno, frequente, irregular. Não podendo o peito dilatar-se em consequencia da contração convulsiva dos museulos, a respiração é difficil e frequente; é acompanhada de uma anxiedade extrema e de alguns symptomas de asphyxia; ao mesmo tempo o calor é mais elevado, e a pelle cobre-se de um suor frio e viscoso. A maior parte dos tetanicos tem prisão de ventre, e fastio; e só em alguns tetanos parciaes as funeções digestivas conservão a sua integridade. A sêde é intensa; mas a contração dos queixos e do pharynge é, ás vezes,

um obstaculo á introdução das bebidas. A excreção das ourinas é de ordinario regular, ás vezes dolorosa e difficil. As faculdades intellectuaes conservão-se quasi sempre intactas; a falla é constangida, confusa ou inintelligivel. As crises repctem-se indistinctamente de dia como de noite; entretanto, a noite exerce de ordinario uma influencia favoravel; assim, muitos doentes dormem tranquillamente, ou se não dormem ficão calmos; estão sempre n'um estado de rijeza, mas não experimentão contracções convulsivas.

Quando a molestia faz progressos, as contracções são de mais em mais longas, e as remissões mais curtas; o pulso deprime-se e augmenta de frequencia; a respiração torna-se embaraçada de mais em mais; emfim a morte sobrevem, em consequencia de um esfalfamento nervoso, as mais das vezes por asphyxia, depois de uma curta agonia.

Acabei de expôr os symptomas do tetano geral. Todavia a molestia não se apresenta sempre com um caracter tão grave. Assim, em vez de invadir todos os musculos submettidos á vontade, a rijeza tetanica não occupa, ás vezes, senão certo numero d'elles. Póde ser limitada aos musculos do queixo inferior; n'este caso a molestia tem o nome de *trismo*. Ás vezes os musculos da parte anterior do corpo estão unicamente contrahidos, ou estão n'um grão mais forte do que os da parte posterior do corpo, o tronco inclina-se para diante : isto constitue o *emprothotono*. Se o contrario tiver lugar, se a cabeça estiver voltada para traz, e o corpo inclinado no mesmo sentido, diz-se que ha *opisthotono*.

Duração, terminações, prognostico. O tetano tem geralmente uma terminação curta; raras vezes prolonga-se até ao decimo ou duodecimo dia. A morte é a terminação mais ordinaria da molestia; contudo o tetano, mesmo quando é geral, póde sarar. Quando este feliz exito deve ter lugar, os accessos convulsivos vão diminuindo de frequencia, e a rijeza desaparece pouco a pouco. A convalescença é em geral curta. O tetano que sobrevem espontaneamente, sem ser occasionado por alguma ferida, offerece maiores probabilidades de cura. Se fôr sómente caracterizado pela contracção dos musculos do rosto (*trismo*), é o menos grave de todos. Se a molestia se prolongar além do setimo ou oitavo dia, póde haver esperanças de que o doente se restabelecerá.

Tratamento. Os medicamentos que se empregão contra o tetano são numcrosos. Os melhores são o opio, o chloral, o ether sulfurico, a aguardente, e o tartaro stibiado.

I. O opio tem feito muitas curas; mas, para ser efficaz, deve ser administrado em alta dóse. Eis-aqui a formula :

Agua.	150 grammas (5 onças)
Laudano de Sydenham...	8 grammas (2 oitavas)
Xarope de gomma..	30 grammas (1 onça).

Para tomar uma colher *de sopa*, de duas em duas horas. Esta dóse é mui forte; cumpre observar os seus effeitos. Se o laudano produzir peso na cabeça, uma especie de embriaguez e somno profundo, deve suspender-se a poção. Sendo o medicamento tolerado, póde-se no dia seguinte augmentar a dóse, e administrar colher e meia, até duas colheres *de sopa*, de 2 em 2 horas.

Se o doente começar a dormir, deve-se interromper o uso do opio, mas convem tornar a principiar o medicamento ao acordar.

Não podendo administrar-se o opio pela bocca, por causa do aperto excessivo dos queixos, dê-se em *clyster*, cuja formula é a seguinte :

Agua tepida.	120 grammas (4 onças)
Landano de Sydenham.	40 gottas.

Dão-se, como este, tres *clysters* por dia.

II. *Chloral hydratado*. Eis-aqui a receita da poção :

Chloral hydratado.	5 grammas (1 1/4 oitava)
Agua distillada	150 grammas (5 onças)
Xarope simples.	30 grammas (1 onça).

Para tomar uma colher *de sopa*, de hora em hora.

III. Outro medicamento que tambem aproveita contra o tetano, é o *ether sulfurico*. Administra-se segundo a formula seguinte :

Agua fria.	210 grammas (7 onças)
Ether sulfurico	15 grammas (1/2 onça)
Xarope de gomma.	30 grammas (1 onça).

Sendo o doente adulto tome no primeiro dia, uma colher *de sopa* d'esta poção, de hora em hora. No segundo dia, administram-se duas colheres *de sopa* d'esta poção, de hora em hora, e continua-se o remedio na mesma dóse por seis, oito e mais dias, até á cura, suspendendo-se só a administração durante a noite. Tomando o doente duas colheres *de sopa*, de hora em hora, acaba-se a poção em nove ou dez horas; é preciso reforma-la no dia seguinte : d'esta maneira o doente não toma durante 24 horas, mais do que a poção que fica indicada na formula. O ether sulfurico, administrado na dóse de 15 grammas (1/2 onça) por dia, produz uma embriaguez completa, que se desvanece durante a noite, epoca em que se deve suspender a administração do remedio, como já deixei dito. A dóse de 15 grammas de ether por espaço de 24 horas é para uma pessoa acima de 20 annos; para os doentes menores de 20 annos deve-se diminuir a dóse : assim, para os doentes de 15 a 20 annos convem que se principie por

uma colher *de sopa* de hora em hora, e nos dias seguintes não se dê senão colher e meia de hora em hora; aos doentes de 10 a 15 annos convem dar uma só colher *de sopa* de hora em hora, durante todo o tempo do tratamento; aos doentes menores de 10 annos não se deve dar, no primeiro dia, senão meia colher *de sopa* de hora em hora, e chegar só gradualmente, nos dias seguintes, á dóse de uma colher *de sopa* de hora em hora. É preciso parar algumas horas com o remedio, se a embriaguez fôr demasiado forte. Nos intervallos das dóses da poção, o doente deve tomar caldo de gallinha ou agua de arroz; é preciso tambem satisfazer-lhe a sêde, dando-se-lhe a beber agua fria. Muitos teticos não podem abrir a bocca para beber; mas existe uma passagem natural entre as faces e os ultimos dentes queixaes, de sorte que os liquidos podem penetrar facilmente no estomago, por este caminho.

IV. A aguardente de canna foi tambem empregada contra o tetano, e tem produzido algumas curas. Administra-se na dóse de um calix, de duas em duas horas, até produzir uma embriaguez completa.

V O *tartaro stibiado em alta dóse* é tambem aconselhado contra o tetano. Eis-aqui a formula :

Agua..	150 grammas (5 onças)
Tartaro stibiado.. .	30 centigram. (6 grãos)
Xarope diacodio.	30 grammas (1 onça).

Para dar duas colheres *de sopa* de duas em duas horas.

Depois de acabada a poção, repete-se no dia seguinte. Cessa-se, e não se continua o medicamento no terceiro dia.

São indicadas tambem n'esta molestia as fricções pelo corpo com balsamo tranquillo, na dóse de uma colher *de sopa*, tres vezes por dia. A receita é :

Balsamo tranquillo. 90 grammas (3 onças).

Na mesma occasião em que são empregados estes meios, e mesmo antes, é preciso, no tetano que depende de ferida, desembaraça-la dos corpos estranhos que podem irrita-la, e acalmar-lhe as dôres mediante cataplasmas de linhaça regadas com uma colher *de sopa* do laudano.

Tetano dos recém-nascidos. *Vêja-se* MAL DE SETE DIAS.

THERIAGA ou **Triaga.** Massa composta de opio e de grande numero de substancias estimulantes, adstringentes, tonicas, antispasmodicas. 8 grammas (2 oitavas) contém quasi 5 centigrammas (1 grão) de extracto de opio. As principaes substancias que entrão na composição d'esta massa são : gengibre, valeriana, genciana, canella, scilla, centaurea, açafraão, rosas rubras, aniz, funcho, pimenta, castoreo, galbano, viboras seccas, myrrha,

sulfato de ferro, terebinthina, opio, etc., etc., ao todo 71 substancias. Este electuario antigo é empregado ainda hoje como calmante e contra as diarrheas, na dóse de 4 a 16 grammas (4 a 4 oitavas) em clysteres ou em pilulas.

THERMOMETRIA MEDICA. Determinação, por meio do thermometro, da temperatura interior do corpo nas molestias. É um novo modo de explorar os estados morbidos, que serve de complemento ao exame do pulso e de outros symptomas.

No homem adulto, no estado de saude, o calor normal é de 37° a 37°,5 da escala centigrada, termo medio 37°,27; apresenta oscillações que são sobretudo determinadas pela alimentação; depois de cada comida, ha pequena elevação que persiste durante tres ou quatro horas; mas estas ascensões são contidas em limites estreitos, porque a fluctuação diurna não excede de quatro ou seis decimos de gráo.

Verifica-se a temperatura interior do corpo por meio do thermometro applicado na axilla.

Nas mulheres que estão de parto, a temperatura eleva-se de meio a 1 gráo durante a parturição; diminue depois do parto, durante vinte e quatro horas. Passado este tempo, sobe de novo, ao mesmo tempo, o pulso accelera-se, até que a febre de leite tenha chegado ao seu auge, para diminuir com a temperatura.

A temperatura febril é constituída pela elevação duradoura acima do maximo physiologico; admittindo, pois, que debaixo da influencia de bebidas quentes, ou de violentos exercicios musculares, o calor possa attingir momentaneamente 37°,8 (o que é excepcional), a temperatura que se mantenha durante muitas horas entre 38° e 38°,5, deve ser considerada como febril. Estes algarismos são, aliás, os mais fracos que se observão no estado de febre.

O conhecimento da temperatura animal serve para o diagnostico, tratamento, e sobretudo para o prognostico. Mas, para este fim, um algarismo isolado não é sufficiente; importa conhecer as oscillações quotidianas da temperatura durante todo o curso da molestia. Assim, a observação não póde ser util, senão quando é repetida duas vezes em 24 horas pelos menos, e todos os dias á mesma hora.

A exploração deve ser feita na axilla; cumpre deixar ali a bola do thermometro durante vinte minutos. Póde-se deixar menos tempo, se previamente o observador o segurou na mão para levá-lo á temperatura de 37 grãos, que é a altura physiologica; bastará então manter o thermometro na axilla, em quanto vai subindo, e marcar a sua altura depois d'elle ficar estacionario durante tres a cinco minutos.

Para facilitar as observações thermicas, existem nas lojas de objectos de physica thermometros de pequeno volume, que satisfazem todas as necessidades da clinica. Estes thermometros são de mercurio ou de alcool tinto de côr vermelha; o thermometro de alcool vermelho é mais apreciavel á vista do que o de mercurio. O instrumento tem 16 centimetros de comprimento, de que 3 pertencem ao reservatorio, que é de fórmula cylindrica. Entre a extremidade superior do reservatorio e o algarismo mais baixo da escala, existe um espaço não graduado, de 4 centimetros; em consequencia d'esta disposição, a escala inteira apparece fóra da axilla, quando o instrumento está ali collocado, e a leitura dos grãos não apresenta difficuldade alguma. A escala graduada, limitada ás exigencias pathologicas, comprehende 10 grãos, de 35° a 44°; cada grão está dividido em decimos, figurados por linhas transversaes, de que a quinta (meio grão) excede algum tanto as outras. A apreciação dos decimos do grão adquire d'esta maneira grande facilidade. O modo de applicar o instrumento não é cousa indifferente; contribue muito á precisão do resultado. Antes de collocar o thermometro, deve este ser aquecido na mão do observador como já deixei dito; uma vez o instrumento no seu lugar, aproxima-se o braço da parede thoracica, e mantem-se n'esta posição durante alguns minutos.

Em todas as molestias, acompanhadas de febre, a temperatura apresenta tres periodos: um periodo inicial ou ascendente, o *progresso* ou *augmento*; um periodo de estado, o *fastigio*; um periodo terminal, a *terminação*.

I. Augmento. Este primeiro periodo comprehende o intervallo que existe entre a primeira ascensão thermometrica acima da normal (37°,27) e o momento em que o calor, tendo attingido o maximo, deixa de crescer. N'este periodo a temperatura eleva-se do algarismo physiologico ao algarismo mais alto que deve attingir no curso de uma febre 39°,40° e mais.

Este periodo raras vezes dura mais de cinco dias; é só de doze a trinta e seis horas nas molestias inflammatorias agudas, pneumonias, erysipelas, e certas febres eruptivas; de duas a tres horas nos accessos da febre palustre. Em geral, nas affecções que principião pelo calefrio franco, este periodo é mui curto, e a temperatura eleva-se de 39° a 40° em poucas horas. Nas affecções typhoides e nas molestias cujos primeiros symptomas são mais ou menos longos, a temperatura não sobe senão lenta e gradualmente; não attinge 39° ou 40° senão depois de quatro ou cinco dias; mas durante este periodo inicial experimenta oscillações matinaes e vésperinas, elevando-se um pouco de tarde, para recahir um pouco

de manhã, mas sempre de maneira que a temperatura da manhã é mais forte do que a da manhã precedente, e a da tarde mais elevada do que a da tarde da vespera.

II. Periodo de estado ou Fastigio. Quando a temperatura morbida cessa de subir, e se mantem n'um gráo determinado durante tempo mais ou menos longo, diz-se que o periodo é estacionario, ou periodo de estado ou de fastigio. Sua duração varia segundo as molestias; ora não é senão de cinco ou sete dias, nas inflammações agudas, como a pneumonia, o pleuriz; ora de muitas semanas, como nas febres typhoides, algumas erysipelas, e certos rheumatismos agudos. O thermometro excede raras vezes de 39° a 40° no rheumatismo agudo e na febre typhoide; é um pouco mais elevado na pneumonia; attinge e excede 41° na erysipela, no typho, na escarlatina. A temperatura do periodo de estado não fica absolutamente fixa; apresenta diminuições passageiras, que voltão periodicamente, póde augmentar pela aggravação da molestia; diminue se o doente melhora.

III. Terminação. O periodo final differe segundo o exito da molestia, a cura ou a morte.

TERMINAÇÃO FAVORAVEL. N'este caso, o periodo póde ser designado pelo nome de *declinação* ou *desfervencia*, porque tem por effeito de reconduzir a temperatura ao seu gráo normal. O modo de desfervencia varia nas molestias; considerado de maneira geral, tem duas fórmas principaes, segundo a desfervencia é subita ou gradual.

Desfervencia subita ou critica. Corresponde ao que os antigos chamavão a crise; começa quer pela exasperação vespereal mui fraca relativamente ao dia precedente, quer pela remissão matinal mui marcada; depois, em 24 horas, 36 horas ao mais, o thermometro desce ao algarismo physiologico, e mesmo um pouco abaixo, de maneira que n'este curto espaço de tempo a quéda é de 2 a 4 gráos por exemplo de 40°,8 a 36°,8. Em alguns casos o abaixamento é precedido de uma elevação passageira. Este modo de desfervencia observa-se na pneumonia franca sem complicação, nos sarampos, na febre intermittente, na erysipela do rosto; ás vezes na escarlatina e nas molestias catarrhaes que terminão pela cura.

A desfervencia da temperatura é acompanhada n'estes casos da diminuição da frequencia do pulso e da remissão dos demais symptomas. A desfervencia subita nas febres graves, com persistencia ou exaggeração da frequencia do pulso, significa o collapsio, ordinariamente mortal. Para julgar, pois, da significação da desfervencia rapida, convem consultar os demais symptomas.

Desfervencia gradual. Póde durar de seis a nove dias; é mui evidente na febre typhoide; pertence, além d'isso, ás molestias catarrhaes graves, ao rheumatismo articular agudo; observa-se tambem na pericardite e na peritonite.

Na *convalescença* a temperatura deve ser normal de noite e de manhã; não deve oscillar senão nos limites physiologicos, de 37° a 37°,5. Esta fixidade, que é o indicio certo da convalescença perfeita, nem sempre se observa, porque a temperatura do convalescente é excessivamente movel e modifica-se debaixo da influencia das causas mais leves, fadigas physicas ou intellectuaes, digressão do regimen, posição vertical mui prolongada, etc. Esta modificação não deve inquietar, se a ascensão é temporaria, de um ou dois dias ao mais, e se póde ser positivamente attribuida a uma das condições accidentaes que deixei indicadas. No caso contrario deve-se receiar a recahida ou o desenvolvimento de alguma outra molestia. Entre as ascensões thermometricas da convalescença, ha uma que poderia assustar pela sua amplitude, se o medico não fosse prevenido do facto: é a ascensão que segue a primeira ingestão de alimentação animal; esta *febre de carne* póde elevar a temperatura subitamente de 2 a 3 grãos; mas se a digestão é boa, se a alimentação não foi prematura, observa-se no dia seguinte uma quéda do thermometro quasi igual á ascensão do dia precedente.

TERMINAÇÃO FATAL. Quando a molestia é mortal, o periodo terminal da temperatura é caracterizado, na immensa maioria dos casos, pela elevação, continúa ou apenas interrompida por uma fraca e curta remissão; a ultima ascensão conduz a columna thermometrica aos algarismos enormes de 41°,8, 42°, 42°,5 e mesmo 42°,8. Muitas vezes a continuidade d'esta ascensão é tal, que o algarismo da manhã excede de muitos decimos o algarismo do dia precedente. Esta marcha é normal no periodo da agonia, porque a temperatura está no seu auge no momento da morte. Quando não acontece assim, quando a ascensão agonica é subitamente interrompida por uma quéda da temperatura mais ou menos profunda, póde-se estar certo de que um novo incidente pathologico é a causa d'esta anomalia; observa-se sobretudo depois das hemorragias intestinaes e pulmonares, depois das perforações do peritoneo. Se a morte é rapida, póde ter lugar antes que a temperatura se tenha elevado e rccobrado o seu character febril; o doente succumbe então com o calor normal (37°,5), e mesmo inferior ao normal; mas se a terminação é um pouco retardada, o thermometro torna a subir ao cabo de algumas horas, e, na morte, póde ter recuperado o nivel que apresentava no momento da sua depressão

accidental. Além d'isso, os caracteres do pulso, cuja frequencia augmenta sem cessar, revelão a verdadeira significação da descida momentanea do thermometro.

Mas a augmentação rapida da temperatura não é propria senão das febres agudas, e do periodo ultimo de certas nevroses convulsivas mortaes, como o tetano; nos doentes que succumbem nas cachexias ou com phenomenos de hydropisias, a temperatura baixa gradualmente até ao momento da morte.

Os desenvolvimentos que precedem mostrão a importancia dos phenomenos da calorificação na febre; desprezar a observação thermica é privar-se de uma fonte fecunda de informações, é repellir os elementos de apreciação os mais certos para o diagnostico, para o prognostico, e para uma therapeutica racional. Esta exposição confirma, além d'isso, a proposição formulada no principio d'este artigo, vem a ser : que os symptomas thermometricos da febre comprehendem a reunião de todos os grãos do instrumento, as relações de todos os periodos, e não alguns algarismos isolados, tomados ao acaso, em qualquer momento da molestia.

O grão thermometrico mais elevado que tem sido visto até agora, com a conservação da vida, foi o de 42° em um caso de febre typhoide em um doente que se curou (Dr. Alvarenga). O prognostico aggrava-se em razão directa da elevação dos algarismos e da sua duração. Se o calor se mantem entre 40° e 41° com remissões matinaes mui fracas, 1 decimo de grão, a morte sobrevem infelizmente ao cabo de alguns dias; com fortes remissões pela manhã, 6 a 8 decimos de grão, o prognostico é favoravel.

As observações do Dr. Alvarenga, distincto professor da Escola de medicina de Lisboa, mostrão que até 39°,5 a temperatura não exprime, só de per si, gravidade da molestia, que d'este grão em diante, e sobretudo de 41° para cima (e com muita particularidade quando esta elevação é duradoura) o prognostico é grave. Uma temperatura alta, mas passageira importa menor gravidade do que outra inferior, mas persistente. A febre contínua, que percorre os seus periodos com a temperatura maxima de 40 a 41 grãos, póde ser considerada como uma doença que se curará.

As altas temperaturas, só de per si constituem um grande perigo e podem causar a morte. As febres graves, acompanhadas de temperatura elevada reclamão, pois, a medicação antipyretica : dieta, o sulfato de quinina, digital, veratrina, medicamentos que fazem baixar a temperatura.

Quando a temperatura é normal (37° a 37°,5), ou levemente elevada, póde-se em geral afirmar que a molestia é sem consequencia. Se se verificar, pelo contrario, dois ou tres grãos de

elevação na temperatura, este estado annuncia certamente o começo de uma molestia séria.

THERMOMETRO. (Do grego *therme* calor, e *metron* medida). Instrumento que serve para apreciar a temperatura dos

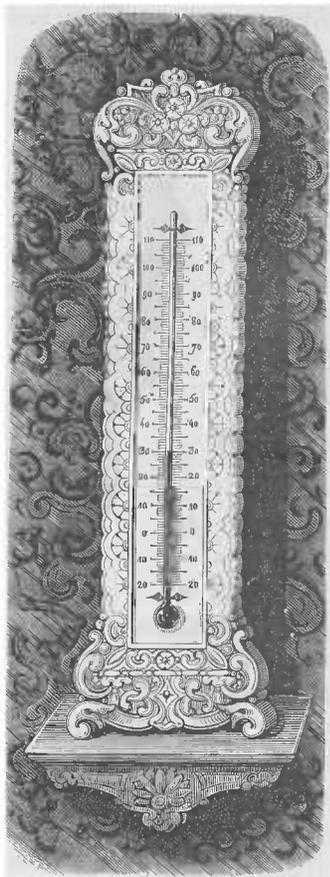


Fig. 469. — Thermometro.

corpos. A sua construcção é fundada na propriedade que tem certos liquidos de se dilatarem de uma maneira regular pelo calor e de se contrahirem da mesma sorte pelo frio. O thermometro ordinario compõe-se de um tubo de vidro, de mui pequeno diametro, tendo n'uma das extremidades uma expansão em fôrma de globo ou cylindro que serve de reservatorio ao liquido. Se a temperatura do lugar onde se acha o instrumento se elevar, o liquido augmentará de volume, e, não podendo ser contido no reservatorio, subirá mais ou menos no tubo; se, pelo contrario, a temperatura baixar succederá o inverso. O mercurio e o alcool corado de vermelho pela orzella são os dois liquidos que se empregão ordinariamente para os thermometros. Este tubo dispõe-se ao longo de uma taboleta graduada, para dar a conhecer as differentes mudanças do calor e do frio.

Gradua-se o thermometro depois de se fixarem os seus dois pontos extremos da maneira seguinte. Mergulha-se o thermometro em gelo deliquescente, então a columna de mercurio ou de alcool pára no tubo em um certo ponto que se designa com um *zero*; mergulhada, em seguida, em agua fervendo, a mesma columna sobe a um outro ponto que se marca de novo. Emfim o intervallo comprehendido entre o *zero* e este segundo ponto é dividido em 100 partes iguaes no *Thermometro centigrado*, e em 80 no *Thermometro de Réaumur*; estas divisões chamão-se *grãos*. Marcando abaixo de zero as divisões do mesmo espaço, tem-se os grãos para as temperaturas inferiores ao ponto de congelação da agua; obtem-se da mesma maneira os grãos que indicão as temperaturas mais ele-

vadas que o ponto de ebulição da agua fazendo divisões semelhantes acima d'este ponto. A figura 469 representa um thermometro com mercurio, centigrado, applicado sobre a taboleta de marfim; esta escala estende-se desde 20 grãos abaixo de zero até 110 grãos acima. Os grãos do thermometro indicão-se por um pequeno zero collocado á direita e um pouco por cima do numero que marca a temperatura; *verbi gratia*, 25 grãos escrevem-se assim: 25°. Distinguem-se os grãos acima de zero pelo signal + *mais*, e os debaixo pelo signal — *menos*.

Ha outro thermometro dito *de Fahrenheit*. O ponto fixo superior da sua escala corresponde ainda á temperatura da agua fervendo, mas em vez de 100 grãos, marcão-se n'elle 212. Quanto ao ponto fixo inferior, estê não corresponde á temperatura do gelo deliquescente, mas sim a um frio muito mais intenso, que se obtem misturando pesos iguaes de gelo pilado, e de sal ammoniaco. Marcando zero no ponto a que desce o mercurio quando o thermometro se acha mergulhado n'esta mistura frigorifica, divide-se o intervallo entre estes dois pontos fixos em 212 partes iguaes, e a escala fica então graduada: este thermometro marca 32 grãos em gelo deliquescente, por conseguinte o zero do thermometro centigrado e o de Réaumur, corresponde exactamente a 32° de Fahrenheit. Os thermometros com mercurio são mais exactos do que os com alcool, porque d'entre todos os liquidos, o mercurio é aquelle que se dilata mais regularmente.

Para serem exactas as observações thermometricas, devem ser feitas em certas condições. Por exemplo, para tomar a temperatura de um banho, algumas pessoas mergulhão n'elle por um instante o thermometro, tirão-n'ò da agua, e consultão-n'ò. Mas procedendo assim, o thermometro resfria-se e accusa uma temperatura inferior á do banho. Quando está na agua é que se deve consultar, e ainda assim, deve-se deixar n'ella bastante tempo para que tome exactamente a temperatura do liquido. A boa temperatura de um banho em grãos centigrados, é de 32° a 33°; em grãos de Réaumur, de 27°. Para ter uma temperatura exacta de um quarto, deve-se suspender o thermometro por um fio no meio do quarto, afastado de todo o corpo que possa aquecê-lo ou esfria-lo. Convem proceder da mesma maneira quando se deseja ter a temperatura exacta da atmospheria; o thermometro deve ser suspenso em pleno ar, na sombra, e não posto sobre um objecto qualquer ou pendurado na parede, como se costuma fazer.

THORAX. Grande cavidade do corpo de fórma conoide, circumscripta posteriormente pelas vertebrae, lateralmente pelas omoplatae, costellae e musculi intercostales, anteriormente pelo

osso sternon; limitada na parte superior pelas claviculas, e na inferior pelo musculo diaphragma. É destinada a conter e a abrigar os principaes órgãos da respiração e da circulação, que são os pulmões e o coração.

THRIDACIO. Extracto de alfacc, *Lactuca sativa*, Linneo, planta cujas folhas se comem em salada. Prepara-se pisando em almofariz de marmore cascas recentes de talos de alfaca, espremendo o succo, aquecendo-o, côando-o por panno de lã, e evaporando-o a banho-maria, até á consistencia de extracto molle. Differe do *lactucario*. em ser este o succo condensado que mana espontaneamente das incisões feitas nos talos da planta. O thridacio goza de propriedades calmantes, mas muito mais fracas do que o lactucario. Administra-se em pilulas na dóse de 10 centigrammas a 1 gramma (2 a 20 grãos). Faz-se tambem com o thridacio um xarope, que se usa na bronchite, na dóse de 30 a 60 grammas (1 a 2 onças).

TIROMBO. Pequeno tumor duro, arredondado, violaceo, que se forma, ás vezes, ao redor da abertura de uma veia, sobre a qual se praticou a sangria, em consequencia do derramamento de um pouco de sangue no tecido laminoso vizinho. Este accidente sobrevem quando a abertura da veia não corresponde exactamente á da pelle. Pannos molhados em aguardente camphorada, e applicados sobre o thrombo, bastão para curar este pequeno incommodo.

TIBIA. Um dos dois ossos da perna.

Tibia (FRACTURA DA). *Veja-se* vol. I, pag. 4196.

TIBORNA ou RALVOSA. *Plumeria drastica*, Martius. Apocynaceas. Arbusto do Brasil; habita em Minas, Bahia, Pernambuco. O succo é drastico; aconselhado nas obstrucções das visceras abdominaes, na dóse de uma colher de chá, misturado com leite de amendoas doces. Em dóse elevada é venenoso.

TICO DOLOROSO DA FACE. Dôr nervosa, extremamente aguda, existente no rosto. *Veja-se* NEURALGIA FACIAL.

TILIA. *Tilia europæa*, Linneo. Tiliaceas. Arvore da Europa. As suas flores são empregadas em medicina, sob a fórmula de chá, como antispasmodico. Estas flores são amarelladas, de cheiro suave, sabor mucilaginoso. O chá de tilia faz-se com um pugillo de flores de tilia e uma chicara d'agua fervendo.

TIMBÓ ou CURURÚ-APÉ. *Paullinia pinnata*, Linn. Sapindaceas. Cipó do Brasil. Caulc trepador; folhas pennadas bijugadas com impar; foliolos ovaes, lanccolados, sesséis e crenados; peciolo alado; flôres dispostas em espigas, pedunculadas; fructo, capsula, coroada, quanto nova, por 3 tuberculos. A casca, as folhas e os fructos

contém um principio narcotico-acre, que é venenoso. É com o timbó que os indigenas embriagão os peixes para apanha-los com a mão : para este fim lanção nos tanques uma porção d'estes cipós; dentro em pouco, os peixes apparecem á tona d'agua, e podem ser apanhados facilmente. É de notar que o timbó não communica aos peixes propriedades venenosas; só faz que elles se não possam conservar por muito tempo.

O cozimento da casca da raiz de timbó, junto á farinha de linhaça, forma uma cataplasma que se emprega nas molestias do figado. Este cozimento prepara-se com meia onça de casca da raiz de timbó e 16 onças d'agua. As cataplasmas de timbó produzem ás vezes uma erupção pustulosa na pelle.

As *Paullinias* são em geral venenosas; esta, porém, é de todas a mais deleteria. Tanto as cascas como os fructos abundão em principio narcotico-acre. A *Paullinia grandiflora*, Saint-Hilaire, conhecida pelo mesmo nome vulgar, e pelo de *turari* (Pison), é proxima da precedente, e tem as mesmas propriedades.

O nome de *timbó*, applica-se no Brasil a todas as plantas que se empregão para envenenar os peixes em poços de pescaria. Taes são, da familia das Leguminosas : *Neurocarpum longifolium*, Martius; *Neurocarpum frigidulum*, Martius; *Physalis heterophylla*, etc. Estas, sendo ingeridas pelo gado, produzem violentas dysenterias; são conhecidas pelo nome de *timbó de matar gado*. O nome generico *timbo*, como planta empregada para embriagar o peixe, é peculiar ao sul do Brasil; nas provincias do Norte é substituido pelo de *tingui* ou *barbasco* : diz-se *tinguijar* o peixe, isto é embriaga-lo ou envenena-lo, sem que esta acção passe aos que se nutrirem dos animaes envenenados. É, comtudo, um meio prohibido pelas autoridades.

Timbo de peixe. *Serjania cuspidata*, Saint-Hilaire. Sapindaceas. Planta que habita em todo o norte do Brasil, Rio de Janeiro, Rio Grande, etc. A raiz é venenosa e empregada para matar piolhos, e ao mesmo tempo usa-se para *tinguijar* o peixe.

TINHA. Molestia da pelle da cabeça, susceptivel de se transmittir pelo contagio, produzida e entretida pela presença de vegetaes parasitos, especie de cogumelos, chamados *Tricophyton tonsurans* e *Microsporon furfur*, que se transmittem de um individuo a outro por meio de sementes extremamente pequenas chamadas *sporos* ou *sporulos*. Ha tres especies de tinha.

1º **Tinha favosa, Favus** ou **Porriço**. Os seus caracteres são : Pustulas cheias de materia purulenta, que se deseca e forma crostas de côr amarella, muito adherentes, circulares, *deprimidas no meio* e levantadas nas margens. Estas crostas reunem-

se em massas espessas, renovão-se á medida que se arrancão, e deixão vêr debaixo d'ellas a pelle vermelha e inflammada. O cheiro que exhala esta tinha aproxima-se do da ourina de gato; os intervallos que deixão entre si as crostas estão continuamente cobertos de escamas furfuraceas; a pelle racha-se ás vezes, e deixa sahir uma materia purulenta e corrosiva.

2º **Tinha tonsurante.** Superficie arredondada, anegrada, mais ou menos aspera sobre um ponto da cabeça inteiramente despido de cabello como pela tonsura, podendo durar muito tempo.

3º **Tinha decalvante, calva tinhosa ou pellada.** Areas na cabeça despidas de cabello, brancas, lisas, sub-orbiculares e lavrantes. Quando o cabello cahe sobre diferentes pontos sem nenhuma molestia do couro cabelludo, e quando a pelle fica lisa e brilhante, deve-se reconhecer a *tinha decalvante* ou *pellada*; não se applicando o tratamento para suster os progressos da molestia, resulta alopecia definitiva. Um artigo especial está destinado a esta tinha (*veja-se PELLADA*).

Estes tres caracteres pertencem á *tinha verdadeira*, molestia contagiosa, que deve ser distinguida das *tinhas falsas*, que consistem em erupções de outra fórma, e que não são contagiosas.

Existem muitas especies de *tinhas falsas*. N'uma d'estas especies, as crostas formão pequenos tuberculos irregulares, desiguaes, de côr parda ou roxa, *sem excavação no centro*. A segunda especie consiste em vesiculas cheias de liquido transparente, seguidas, após a sua ruptura, de pequenas ulcerações superficiaes das quaes reçuma materia semelhante ao mel corrompido, e que pega os cabellos. Ás vezes, o liquido proveniente das vesiculas coagula-se em crostas de côr amarella como cera, e apresenta em alguns casos uma côr verde ou avermelhada. As orelhas e faces podem ser affectadas da crupção. Esta fórma de tinha chama-se vulgarmente *ozagre* ou *crosta lactea* (*veja-se OZAGRE*). No numero das tinhas falsas deve tambem ser comprehendida uma affecção chamada communmente *caspa*, que principia pela escamação da epiderme da cabeça, acompanhada de prurido e excreção mucosa que forma, deseccando-se sobre os cabellos, uma quantidade mais ou menos consideravel de escamas brancas ou roxas, semelhantes á farinha grossa.

Causas. A tinha observa-se em todas as idades; todavia desenvolve-se particularmente na infancia e na idade adulta. É molestia mui rara no Rio de Janciro. A tinha é essencialmente contagiosa. O contagio opera-se pelo contacto immediato ou por objectos que servirão aos individuos doentes, taes como barretes, esponjas, pentes, etc.; pôde ter lugar por uma simples corrente de ar. Os

trabalhos microscopicos modernos dão uma explicação mui simples do contagio, visto que a molestia provém de uma vegetação que se reproduz com grande facilidade. Em consideração do character contagioso da molestia, importa que os objectos, que servem para o toucado das cabeças doentes não sirvão a outras pessoas. Nos collegios, é preciso vigiar os meninos doentes, para que não communicuem a molestia aos seus camaradas.

Tratamento. Para curar as tinhas e conservar o cabello existe um só meio, é a *epilação*. Pratica-se com pinça. É preciso primeiro limpar a cabeça com agua e sabão, e cortar o cabello a 2 ou 3 centimetros da pelle. Logo depois applica-se uma camada de oleo de cade, que destroe em parte o cogumelo situado na superficie da cabeça, e facilita a extracção do cabello. No mesmo dia, ou no dia seguinte procede-se á epilação, que exige de tuma a cinco operações segundo a extensão da molestia e sensibilidade do doente. Durante a epilação, fazem-se lavatorios com a dissolução de sublimado, abaixo indicada. Os mesmos lavatorios são continuados de manhã e de tarde durante dois ou tres dias depois de acabada a epilação, e em seguida substituem-se pelas unccões com a pomada de turbittho até á cura completa. De ordinario uma só epilação é insufficiente; é preciso praticar duas, tres, e ás vezes mais. Podendo fazer-se a epilação completa n'uma só operação, é muito melhor.

Eis-aqui o modo de praticar a epilação. O operador faz tomar ao doente e toma elle mesmo a posição que lhe parecer mais commoda; habitualmente os epiladores assentão-se e fazem descansar sobre o joelho a cabeça do doente. Com uma das mãos (ordinariamente com a dircita) segurão a pinça como uma penna de escrever, ou, nos casos mais faceis, como arco da rabeça. applica-se a outra mão sobre a parte que se quer epilar, e, entre o dedo pollegar e o indicador, estende-se a pelle afim de que não escorregue. Depois extrahem-se os cabellos tirando-os, um a um, no sentido da sua direcção natural. Depois de denudada a superficie de 2 a 3 centimetros quadrados, suspende-se por alguns instantes a epilação, e faz-se uma applicação parasiticida (a solução de sublimado) com uma escova macia, uma esponja ou um pincel, segundo o lugar affectado. Então torna-se a continuar a avulsão dos cabellos, para cessar alguns instantes depois, e procede-se pela mesma fórma até ao fim da operação. Não se deve arrancar o cabello nem muito depressa nem mui lentamente; ha um ponto intermediario que não se póde achar senão com alguma pratica.

Quatro ou cinco horas depois da epilação, faz-se uma unccão

com a pomada parasiticida, ou com oleo de cade misturado com banha. Eis-aqui as receitas :

Lavatorio parasiticida.

Sublimado corrosivo 50 centigrammas (10 grãos)
 Agua distillada. 500 grammas (16 onças).

Pomada parasiticida.

Banha. 30 grammas (1 onça)
 Oleo de amendoas doees. 4 grammas (1 oitava)
 Glycerina 4 grammas (1 oitava)
 Turbitho mineral. 80 centigrammas (16 grãos).

Unção parasiticida.

Banha. . . 40 grammas (10 oitavas)
 Oleo de cade. 4 grammas (1 oitava).

Os lavatorios e unções parasiticidas combinados com a epilação, são necessarios para actuar sobre o interior dos folliculos pilosos, de que se arraneou o cabello; d'este modo destroe-se o vegetal parasito e impede-se a sua reaparição.

Os impetigos e os eezemas da cabeça, que simulão a tinha, s'ão sem epilação pelas applicações indicadas contra estas molestias.

O tratamento da tinha dura pelo menos quatro mezes, deve ser ajudado por um regimen hygienico, e por alguns medicamentos internos. O doente alimentar-se-ha principalmente de carnes assadas, fará uso de vinho, tomará banhos frios de rio ou do mar, entregar-se-ha activamente ao exercicio do corpo. Os medicamentos internos são : infusão de raiz de chicoria, uma chicara por dia : macerato de genciana, mesma dóse; vinho de quina, 60 grammas (2 onças), duas vezes por dia.

Para o tratamento das tinhas falsas, veja-se CASPA e OZAGRE.

TINHORÃO, PAPAGAIO OU PÉ DE BEZERRO. *Caladium bicolor*, Ventenat. Aroideas. Planta da Flora brasileira. Caule de 1 a 2 pés, liso, sem ramos, raiz tuberosa, arredondada, roxa por fóra, amarella por dentro, molle, contendo um succo acre; folha grande, triangular, sagitada, vermelho-roxa no centro, verde nas margens; sendo mastigada, não offercee ao principio sabor algum notavel, mas depois produz na garganta uma sensação acre. As folhas d'esta planta empregão-se, ás vezes, em gargarejo contra as esquinencias, em decoção, na dóse de 15 grammas (1/2 onça) para 500 grammas (16 onças) d'agua.

TINTAS. *Da sua acção sobre a economia animal.* Uma longa serie de observações tem demonstrado que as pessoas que se occupão da preparação, ou do emprego das materias corantes metallicas, assim como as que estão expostas ás suas emanções,

experimentão muitas vezes os seus nocivos effectos. Entre as profissões que são mais sujeitas a ellas, citarci os fabricantes de tintas, os pintores, os tintureiros, os fabricantes de chapeos, de papeis pintados, etc. As tintas metallicas compõem-se das preparações de antimonio, arsenico, chromo, cobalto, cobre, ferro, mercurio e chumbo, que, todas, á excepção das de ferro e do azul de Prussia, são vencenosas. Entre as tintas vegetaes, só a gomme gutta póde ser nociva. Os individuos que trabalham na fabricação das tintas mineraes estão expostos a serem affectados de *colica metallica*. Além d'isto, os quartos novamente pintados são mui insalubres, sob outro ponto de vista. O physico Saussure demonstrou que uma camada de oleo de nozes de tres linhas de espessura, por espaço de dez mezes, absorve cento quarenta e cinco vezes o seu volume de gaz oxygeneo que se acha no ar do quarto, e dá vinte e uma vezes o seu volume de acido carbonico, que é improprio á respiração : os quartos novamente pintados são, por consequente, muito insalubres, já por causa das emanções das tintas, já pela viciação do ar; exigem, portanto que se arejem e ventilem. Para combater os accidentes que podem produzir as tintas feitas com as preparações de chumbo, veja-se o artigo COLICA DE CHUMBO. Quanto aos accidentes resultantes dos confeitos corados com diferentes tintas mineraes, veja-se CONFEITOS.

TINTURA. Dá-se o nome de *tinturas* a soluções de uma ou mais substancias no alcool ou ether, e por isso distinguem-se em *tinturas alcoolicas* ou *espirituosas*, e *tinturas ethereas*. Quando se diz simplesmente *tinturas*, entendem-se as tinturas alcoolicas.

As tinturas alcoolicas preparão-se por simples solução no alcool, de qualquer substancia medicamentosa, por exemplo de casca de quina, de raiz de genciana, de flores de arnica, etc. Differem dos alcoolatos, em serem estes preparados por distillação. As tinturas alcoolicas tem as propriedades medicinaes das substancias dissolvidas em alcool. São medicamentos preciosos, porque contém todos os principios soluveis das substancias n'um estado perfeito de conservação, mesmo depois de annos. Empregão-se em pequenas doses em poções, e em doses fortes em fricções. Podem conservar-se por muitos annos.

TINTUREIRA VULGAR, CUARURÚ-GUAÇÚ, CUARURÚ DE POMBA, HERVA DOS CACHOS DA INDIA. *Phytolacca decandra*, LINNEO. Phytolaceas. Planta do Brasil. Hastes herbaceas, de 5 a 6 pés de alto; folhas molles, ovaes, lanceoladas, um tanto onduladas; flores vermelhas, dispostas em cachos; fructo, baya negra-azulada, com 10 loculamentos contendo cada um uma semente; raiz parda por fóra, branca por dentro. O succo das folhas é purgativo na

dóse de meia onça. Estas mesmas folhas, applicadas sobre a pelle, irritão-n'a, e usão-se em cataplasmas contra as feridas de mão character. As bagas são tambem purgativas. O seu succo é de bella côr vermelha.

TIRA DE EMPLASTO ADHESIVO, ou TIRA AGGLUTINATIVA. *Veja-se* CURATIVO, vol. I, pag. 775.

TIRA DE PANNO. *Veja-se* ATADURA.

TIRO DE ESPINGARDA. V FERIDAS POR ARMAS DE FOGO.

TISANA. Bebida que não tem em dissolução senão pequena quantidade de substancias medicamentosas, e que se administra nas molestias como bebida ordinaria do doente, ou para ajudar a acção dos medicamentos mais activos. As tisanas são de ordinario infusões ou decocções adoçadas com assucar, mel de abelhas, ou algum xarope.

TISICA ou **Phthisica**. A molestia de que nos vamos occupar é designada frequentemente pelo nome de *molestia do peito*, e esta denominação é devida talvez a essa supremacia da faculdade de destruir que a distingue, e que faz esquecer perante ella as outras affecções menos perigosas do peito. A tísica consiste no desenvolvimento de tuberculos nos pulmões. Os *tuberculos* são corpos de côr branco-amarellada, opacos, de grossura que pôde variar desde o volume de um grão de arroz até ao de um ovo ou de uma laranja. Ordinariamente tem o volume de um grão de ervilha. Espalhados no meio dos pulmões, podem occupar a sua maior parte; pôde haver um só ou podem existir em pequeno numero: ao principio, são duros e solidos, tornão-se molles no fim de um tempo variavel, e são então expulsos pela tosse. Em seu lugar deixão no pulmão excavações proporcionadas ao seu volume, chamadas *cavernas*. É o desenvolvimento dos tuberculos nos pulmões, que occasiona a diminuição lenta das forças, o emmagrecimento progressivo, e produz a molestia chamada *tísica*.

SYMPTOMAS. A tísica tem dois periodos, um anterior, outro posterior ao amolecimento e á evacuação da materia tuberculosa.

Primeiro periodo. De ordinario a molestia principia sem causa apreciavel, de maneira lenta e obscura. Certos individuos emmagrecem, tornão-se pallidos, perdem o appetite, e tem tosse. Esta é ora secca, ora acompanhada de escarros claros, quasi salivares. Aparecem suores nocturnos, quasi sempre limitados a algumas partes do corpo, como a região anterior do peito, a cabeça, a palma das mãos; estes suores tem isto de notavel, que não sobrevem senão durantê o somno, e cessão logo que os doentes acordão. Depois d'estes primeiros symptomas apparecem escarros de sangue. Ao mesmo tempo os doentes tem a respiração difficil; muitos

accusão dôres mais ou menos vivas, ora nas costas e entre as espadoas, ora n'um dos lados.

Mas estes symptomas não são característicos : podem pertencer a outras molestias, á brônchite chronica por exemplo, ou á hemoptyse ; podem tambem deixar de existir. Esta variação nos caracteres da molestia, e a sua semelhança com os de outras affecções, podem produzir enganar. Só se acha a solução do problema nos caracteres fornecidos pela exploração do peito por meio da percussão e da auscultação.

Percutindo o peito n'este periodo da molestia, obtem-se um som obscuro n'um ponto circumscripto, e quasi sempre debaixo da clavicula, ou na parte superior e posterior do peito, e ordinariamente de um só lado, ou pelo menos mais evidente de um lado do que do outro. A auscultação da respiração, por meio do ouvido applicado sobre o peito, faz ouvir ora ruidos naturaes, mas sómente mais ou menos modificados ; ora ruidos anormaes.

Applicando-se sobre o peito de um homem são o ouvido nú ou armado do cylindro chamado *stethoscopio*, ouve-se, durante a respiração, um murmurio mui brando e sonoro produzido pela entrada do ar nas cellulas do pulmão ; e durante a expiração, um ligeiro murmurio muito mais curto do que o da inspiração. Mas quando o pulmão contém tuberculos, o murmurio expiratorio torna-se de mais em mais sensivel, e chega a igualar e mesmo a exceder por sua duração o murmurio inspiratorio. Este phenomeno é quasi sempre limitado a um espaço pouco consideravel ; acha-se de ordinario no apice do peito. No fim d'este periodo, e quando os tuberculos principião a fundir-se, ouve-se um ruido chamado *fervor-subcrepitante*, que póde comparar-se ao do sal que estala quando se projecta sobre o fogo, e que é mais distincto durante a inspiração do que na expiração.

Em geral, os doentes, n'este primeiro periodo, conservão ainda o appetite ; mas muitos tem diarrhea de tempo em tempo ; esta sobrevem quasi sempre sem causa ; persiste durante um ou muitos dias, e cessa para tornar a apparecer depois de um tempo mais ou menos longo ; alguns individuos tem vomitos, mas só em consequencia dos abalos da tosse. O emmagrecimento faz progressos contínuos, e muitas vezes no fim d'este periodo apparece pela noite um leve movimento febril.

Segundo periodo. N'este periodo a tosse é mais frequente e mais incommoda, sobretudo durante a noite, pelo que, muitos doentes são privados do somno. Os escarros, de brancos que erão precedentemente, tornão-se esverdeados, opacos, privados de ar, e são estriados de linhas amarellas mais ou menos numerosas. As vezes

encontrão-se n'elles pequenas porções de uma substancia branca, opaca, semelhante a arroz cozido; mais tarde os escarros são homogencos e tem uma fórma arredondada; são pesados, mais ou menos consistentes; não vão sempre ao fundo da agua, e nadão muitas vezes na superficie de um liquido claro, especie de pituita. Depois de serem, mais ou menos tempo, de côr amarella esverdeada, os escarros tornão-se cinzentos; não se distinguem por algum character microscopico dos outros escarros inflammatorios. São mais ou menos abundantes; em alguns casos raros as materias são lançadas em massa e quasi ás golfadas. N'este periodo, os escarros de sangue são assaz frequentes. A dyspnea e a oppressão augmentão, as dôres de peito são mais vivas e mais persistentes.

N'esta epoca, os signaes fornecidos pela percussão e auscultação são mais evidentes: assim, percutindo a parte superior do thorax, acha-se quer de ambos os lados, quer de um só, um som escuro ou completamente massiço. Applicando o ouvido sobre estes pontos ouve-se o *fervor crepitante*. N'um periodo mais adiantado, quando os tuberculos estão inteiramente fundidos, ouve-se um grosso ruido, chamado *fervor mucoso*, que é produzido pela passagem do ar atravez das materias contidas nas cavidades ulcerosas dos pulmões. Mais tarde ouve-se o *som de gargarejo* ou *fervor cavernoso*, analogo ao que determina a agitação de um liquido misturado com as bolhas de ar. Este ruido pôde ser ouvido na inspiração ou na expiração; é preciso, para ser produzido, que a caverna não esteja completamente cheia, e que communique com os bronchios. Este fervor desaparece momentaneamente quando a excavação se despejou inteiramente, ou quando um obstaculo se oppõe á penetração do ar; a sua intensidade é tanto maior quanto a cavidade é mais vasta, e situada mais superficialmente.

A auscultação da voz fornece alguns signaes importantes. Se, applicando a orelha ao nivel de uma caverna, se disser ao doente que falle, a voz parece sahir directamente do peito e passar toda inteira para o ouvido; este phenomeno, que se chama *pectoriloquia*, é signal de uma excavação feita no pulmão pela fusão de tuberculos.

Se a febre não appareceo no primeiro periodo, declara-se n'este; se existia, augmenta de intensidade. A febre pôde ser contínua e sejeita a exacerbações nocturnas; ás vezes ha dois accessos em vinte e quatro horas, um ao meio dia, outro no principio ou no meio da noite; este accesso é de ordinario caracterizado por calefrios seguidos de calor e suor. O suor é ás vezes excessivo, mas em alguns casos falta totalmente.

As vias digestivas apresentam n'esta epoca desordens mais graves do que nas epocas precedentes. A sêde é viva, o appetite diminue ou extingue-se completamente. A diarrhea, que já existia, augmenta n'este periodo; as evacuações são muitas vezes acompanhadas de hemorragias intestinaes e de tenesmo como na dysenteria. O emmagrecimento faz progressos rapidos; os doentes perdem as forças; a menstruação supprime-se nas senhoras.

MARCHA, DURAÇÃO. A tísica tem quasi sempre uma marcha lenta e contínua; comtudo, não é raro ver sobrevir no seu curso melhoramentos notaveis, seguidos, depois de um tempo mais ou menos longo, de novos accidentes. A tísica segue ás vezes uma marcha aguda, isto é, em vez de durar um ou dois annos, como acontece no maior numero de casos, acaba em dois ou tres mezes, em um mez, e até em menos tempo. É esta fórma da molestia que foi chamada *tísica galopante*.

Mas a tísica, sobretudo nas pessoas chegadas ao periodo médio da vida, segue de ordinario uma marcha chronica, durando commummente dezoito mezes ou dois annos; póde mesmo prolongar-se por cinco, dez, quinze, vinte e cinco e mesmo quarenta annos. Os doentes experimentão então de tempos a tempos recahidas durante as quaes a febre hectica reaparece, e o emmagrecimento faz progressos novos; depois as forças voltão com o appetite; a tosse diminue e mesmo desaparece, assim como a expectoração. Os individuos de que se trata, achacosos e de uma saude sempre delicada, chegão todavia a uma idade adiantada, e succumbem ás vezes de uma molestia estranha ás vias respiratorias; mas na abertura de seus corpos, achão-se nos pulmões tuberculos em diversos grãos de evolução.

Terminações. Muitas pessoas julgão que a tísica é incuravel, mas esta opinião não é exacta, porque, felizmente, factos numerosos tem posto hoje fóra de duvida de que a tísica é susceptivel de cura, e isto em todos os periodos. Achão-se frequentemente nos adultos e nas pessoas idosas vestigios d'esta feliz terminação. O Dr. Guillot assegura que no Hospicio de Bicêtre, em Pariz, onde se recolhem os homens valetudinarios, de idade muito adiantada, os quatro quintos dos velhos, cujos orgãos examinou depois da morte, apresentavão vestigios incontestaveis de uma affecção tuberculosa antiga. Emfim, no Hospicio Salpêtrière, em Pariz, onde se recebem as mulheres de mais de 70 annos de idade, o Dr. Beau encontrou em 160 corpos examinados depois da morte, 157 que tinhão cicatrizes caracteristicas no apice de um e outro pulmão. A cura póde effectuar-se quando os tuberculos existem ainda no estado de dureza, ou então depois do seu amollecimento e eva-

cuação. No primeiro caso ficão enkystados e separados do orgão, ou experimentão a transformação cretacea; no segundo, o producto morbido é expulso, e a eaverna que fica oblitera-se, por verdadeiro trabalho de cicatrização.

ε CAUSAS. Entre as causas da tísica, devc-se pôr em primeira linha o frio humido, que actua de uma maneira lenta e contínua. A influencia d'esta causa é demonstrada por provas incontestaveis: assim, nos climas mui calidos os exemplos da tísica são mais raros do que nas regiões frias: ha tambem menos tísicos nas altas montanhas, onde o ar é secco, do que nos valles em que é humido. A má alimentação, insufficiente, a reunião de grande numero de individuos n'um pequeno espaço, a respiração do ar impuro, a privação dos raios solares, a falta de exercicio, as paixões tristes, os excessos de todo o genero, são outras tantas causas que, actuando sobre um individuo *predisposto* á tísica, a produzem infallivelmente. Esta molestia é mais commum nas senhoras do que nos homens, e, bem que possa atacar todas as idades, declara-se principalmente nas pessoas de vinte a trinta annos. Não é rara nas crianças; é pouco commum, pelo contrario, na idade adiantada.

Em certa epoca, os medicos acreditavão no contagio da tísica. Este receio era chimerico; comtudo, sem julgar precisamente que a tísica seja contagiosa, a medicina moderna aconselha, como medida de prudencia, que as pessoas que vivem habitualmente côm os tísicos, tomem algumas precauções, especialmente n'um periodo adiantado da molestia, e que não durmão sobretudo na mesma atmospherá.

TRATAMENTO. *Tratamento preservativo.* Para prevenir a tísica nas pessoas que mostrão alguma predisposição a esta molestia, deve-se recorrer aos meios seguintes: habitar um lugar secco e quente, pouco sujeito ás variações subitas da temperatura; fazer diariamente passeios moderados, entregar-se á equitação, ao exercicio da natação, que tem a faculdade de desenvolver o peito. Os banhos frios do mar e de rio, que acompanhão este ultimo exercicio, são mui salutaes ás pessoas predispostas á tísica, mas serão contrarios quando a molestia já estiver desenvolvida, e se houver escarros de sangue. O ar livre, a insolação, o regimen composto de carnes assadas de vacca, de carneiro, de fculas e vegetaes, tudo em proporção igual, o uso do vinho generoso, eis o que convem. As viagens exercem uma influencia feliz na tísica incipiente. A navegação tem sido sobrcetudo elogiada, e certos factos referidos pelos autores provão os seus bons effeitos. Os pezares e as paixões tristes devem ser evitados com grande cuidado, assim

como os trabalhos intellectuaes excessivos. Proscrever-se-ha o canto, a declamação e a leitura em alta voz. As conversações intimas e muito tempo continuadas serão prohibidas; n'este caso a escritura é preferivel á falla. Se o individuo predisposto exercer uma profissão que irrita o orgão pulmonar, como o de actor, obrigado a cantar e a declamar; de tocador de instrumentos de sopro, de pedreiro, de fabricante de obras de gesso, ou qualquer outra das que obrigão a viver no meio de um ar continuamente carregado de póz ou gazes irritantes, deve renunciar a ella immediatamente. De todas as profissões, a que menos tísicos conta é a de carneiro: ha medicos que, partindo d'este ponto de observação, aconselhão contra a tísica as fricções de toucinho sobre o peito. Como medicamentos prophylacticos, é preciso empregar a infusão de folhas de almeirão, de centaurea menor, o cozimento de musgo islandico; na dóse de uma chicara por dia.

Importa muito ter um alvo de actividade na vida, uma occupação constante, que impede que se pense em si, que se fique melancolico: a tristeza é funesta aos tísicos. Eis porque as viagens feitas em boas condições, e as distracções constantes convem a estes doentes.

Um ponto importante, é de não se deitar muito tarde. É preciso evitar as excitações vespertinas; deve-se estar sempre na cama antes das onze horas da noite. Bastão oito ou nove horas de repouso na cama. Não convem ficar deitado muito tempo de manhã a não ser obrigado a isto para compensar a insomnia da noite.

Tratamento da molestia confirmada. O numero dos medicamentos antiphthisicos é consideravel. Vou indicar os que merecem maior confiança.

Alimentos que são medicamentos. Ha para as pessoas doentes do peito, que ainda conservão o appetite, uma ordem de alimentos que são medicamentos. Em primeiro lugar vão as ovas do peixe, e os miolos de carneiro. Estas substancias contém phosphoro: são aphrodisiacas e corroborantes. As ostras, as ovas de lagosta, de arenques, os ovos de gallinha, acompanhados do vinho do Porto ou da Madeira são alimentos e medicamentos ao mesmo tempo na tísica. Certos alimentos mucilaginosos, o mocotó de carneiro, a cabeça de vitella, os caracoés de vinha, as saladas de agriões, de celeri (aipo cultivado) fazem parte da mesma categoria de alimentos que são ao mesmo tempo medicamentos. As pessoas que supportão e digerem a cerveja, devem fazer uso d'esta bebida nutriente durante o jantar, com a condição de tomar um pouco de vinho puro depois da sopa e á sobremesa. Uma chicara de café depois de jantar é muito salutifera.

Oleo de figado de bacalhão. Esta substancia merece toda a nossa consideração, porque dá melhores resultados do que qualquer outro medicamento; sómente é preciso não tomar doses mui fortes que o estomago não poderia supportar. Principia-se por uma colher de *chá*, tres vezes por dia, e augmenta-se progressivamente a dose até uma colher de *sopa*, tres vezes por dia. O doente toma em seguida ao remedio uma colher de café, come um gomo de laranja, toma um pouco de doce, uma pastilha de hortelã, ou lava a bocca com vinho ou aguardente. O oleo de figado de bacalhão póde tambem tomar-se em capsulas, 10 a 15 por dia. Deve ser administrado por muitos mezes. O doente fará exercicio. O oleo de figado de bacalhão, tomado no estado de repouso e de reclusão, não tem tanta acção. Não se deve tomar este medicamento analectico mais de 15 a 20 dias por mez. De outro modo, fatiga as vias digestivas; é preciso conservar-lhe a sua incontestavel utilidade não abusando d'elle, voltando repetidas vezes ao seu emprego. Este medicamento augmenta a gordura e as forças vitaes; acalma a tosse, torna a respiração mais forte.

Cozimento de carragaheen. Lave 2 grammas (1/2 oitava) de carragaheen em agua fria; deite fóra esta agua; ferva o carragaheen durante dez minutos em quantidade sufficiente de nova agua, para obter 150 grammas (5 onças) de decocto. Este decocto, adoçado com assucar, bebe-se em duas doses no decurso do dia.

Gelea de carragaheen. 30 a 60 grammas (1 a 2 onças) por dia.

Cozimento de musgo islandico. Uma chicara por dia. O modo da sua preparação está indicado no vol. II, pag. 442.

Gelea de musgo islandico. 30 a 60 grammas (1 a 2 onças) por dia.

Xarope de terebinthina. 30 a 60 grammas (1 a 2 onças) por dia.

Xarope de balsamo de Tolú. 60 grammas (2 onças) por dia.

Sal marinho. Administra-se em pilulas, preparadas conforme a seguinte receita :

Sal marinho.	10 grammas
Tannino.	.	..	10 grammas
Conserva de rosas.			quantidade sufficiente.

Faça 100 pilulas. Para tomar 2 pilulas de 2 em 2 horas durante um mez. Os doentes devem salgar excepcionalmente as suas comidas, a carne sobretudo, no momento de as tomar. Devem usar ao mesmo tempo da salada de agriões.

Leite de burra ou de cabra, um a dois copos por dia.

Carne de vacca ou de carneiro, crua. É aconselhada por alguns medicos como remedio contra a tísica. Toma-se pilada, na dose de 100 a 200 grammas, em bolos, com aguardente ou vinho da deira.

Hypophosphito de soda, na dóse de 1 a 3 grammas (20 a 60 grãos) por dia, dissolvido em agua ou xarope. Eis-aqui a formula do Dr. Churchill :

Hypophosphito de soda.	..	50 grammas
Xarope simples.		350 grammas
Xarope de flor de laranjeira..		50 grammas.

Dissolva. Para tomar uma colher *de sopa* 2 a 4 vezes por dia.

Phosphato de cal. Administra-se em pó. Eis-aqui a receita :

Phosphato de cal.		30 grammas.
-------------------	--	-------------

Divida em 30 papeis. Para tomar 1 papel tres vezes por dia, n'uma pouca d'agua fria com assucar.

Aguas sulfureas. Estas aguas exercem acção favoravel sobre as vias respiratorias. Não se tomão em banhos mas sim em bebida. A dóse, nos primeiros dias não deve exceder duas colheres *de sopa*, uma de manhã, outra pela tarde. Progressivamente augmenta-se a dóse, até chegar a 60 grammas (2 onças) de manhã, e outro tanto de tarde. Maior dóse poderia incommodar. As aguas d'esta classe que se podem aproveitar são no Brasil *Caldas*, na provincia de Minas Geraes, quatro legoas da villa de Caldas; em Portugal são as *Caldas da Rainha*. Em França as aguas sulfurosas que gozão de grande reputação contra a tísica são as *Caldas sulfurosas chamadas Eauz Bonnes*, nos Pyreneos.

Outras aguas mineraes. As outras aguas mineraes, não sulfurosas, que gozão de grande reputação contra a tísica, são as de Mont-Dore, Royat, Bourboule em França, e as de Ems na Allemanha.

Arsenico. De alguns annos a esta parte as preparações arsenicaes são aconselhadas contra a tísica. Segundo alguns medicos o tratamento arsenical produz resultados extraordinarios n'esta molestia : a febre diminue e cessa; os suores nocturnos, a insomnia seguem a mesma progressão decrescente; a pelle, de secca e ardente que estava, não tarda a tornar-se natural. Um dos facultativos mais abalizados de Pariz, o Dr. Trousseau, diz a este respeito o seguinte : « Os meus ensaios forão feitos sobre os tísicos e sobre os doentes affectados de catarrho chronico do larynge. Nos tísicos obtive não cura, mas pelo menos uma suspensão dos incommodos. A diarrhea tornou-se menos frequente, a febre diminuío, a tosse ficou mais moderada, a expectoração tomou melhor character; *mas não curei*. Novos tuberculos formavão-se nos pulmões, e o doente succumbia. » O arsenico, por conseguinte, não é um remedio que cura a tísica. Os medicos, que tem n'elle confiança, prescrevem-n'o em dóse mui pequena. A preparação, a que se recorre ordinariamente, é o acido arsenioso. O seu modo de admi-

nistração exige muita attenção. Principia-se por 1 ou 2 milligram. ($\frac{1}{50}$ a $\frac{1}{25}$ de grão); augmenta-se cada dia a dóse, até chegar a 3 e mesmo 5 centigrammas ($\frac{3}{5}$ de grão a 1 grão) por dia. Devo lembrar aqui que o acido arsenioso determina no homem accidentes mui graves na dóse de 10 a 15 centigrammas (2 a 3 grãos), e produz a morte, se se exceder esta dóse.

Eis-aqui uma das formulas segundo a qual se administra o acido arsenioso :

Granulos de acido arsenioso.

Acido arsenioso	10 centigrammas
Assucar de leite pulverizado	4 grammas
Gomma arabica pulverizada.. . . .	90 centigrammas
Xarope de mel.	quant. suffic.

Triture por muito tempo o acido arsenioso em gral de porcelana com o assucar de leite, que ajuntará pouco a pouco; misture a gomma arabica e faça com o xarope massa pilular bem homogenea. Divida esta massa em cem (100) granulos que prateará. Cada granulo contém 1 milligramma ($\frac{1}{50}$ de grão) de acido arsenioso. Dóse 1 a 25 granulos por dia.

Em conclusão, nenhum dos medicamentos recommendados contra a tísica produz a cura certa. As substancias da pharmacia são uteis adjuvantes, mas o seu effeito é secundario, e é particularmente á hygiene que é preciso pedir os meios para suspender a marcha d'esta terrivel affecção. Os doentes devem estar collocados relativamente ao clima e habitação, nas melhores condições; habitarão antes o campo do que as grandes cidades; a sua alimentação será substancial e variada. Como base do regimen alimentario, usar de carne assada de vacca ou de carneiro, mingãos de araruta, de tapioca; fructas maduras, legumes; vinho. O leite de vacca, de cabra ou de burra, convem em todos os periodos da molestia.

Eis-aqui os meios que devem empregar-se contra alguns dos symptomas da molestia : *Contra a tosse*, infusões de flores de verbasco, de malva, de violas, de folhas de avenca; xarope de renovos de pinheiro, de phellandrio, de terebinthina. As infusões tomão-se na dóse de uma a duas chcaras por dia; os xaropes na dóse de 60 a 90 grammas (1 a 3 onças), puros ou misturados com agua quente. De noite, para conciliar o somno, tomar 30 gram. (1 onça) de xarope de lactucario, ou de xarope diacodio, ou 1 pilula de codeina :

Pilulas de codeina.

Codeina	20 centigrammas (4 grãos)
Althea em pó.	quantidade sufficiente.
Faça 4 pilulas.	

Contra a oppressão, dôr no peito, applicar sobre a parte anterior do peito ou nas costas emplasto de pez de Borgonha. Eis-aqui a receita :

1º Emplasto de pez de Borgonha, do tamanho de 15 centímetros quadrados.

Contra os escarros de sangue : tomar um pediluvio com farinha de mostarda, ou applicar sinapismos nas pernas; applicar na base do peito o maior numero possível de ventosas seccas, que se deixarão por muito tempo de maneira que produzão ecchymoses; tomar internamente o xarope de ratanhia, na dóse de uma colher de sopa, de 2 em 2 horas, misturado com meia chicara d'agua fria :

Xarope de ratanhia 180 grammas (6 onças).

Se o xarope de ratanhia não atalhar os escarros sanguineos, tomar duas colheres de chá, tres vezes por dia, do seguinte *electuario anti-hemoptoico* :

Conserva de rosas. 90 grammas (3 onças)

Azotato de potassa 12 grammas (3 oitavas).

Os vapores de alcatrão espalhados no quarto do doente são vantajosos. Basta, para este fim, pôr no quarto do doente um prato com alcatrão.

Contra a diarrhea, usar das preparações seguintes :

1º *Pilulas de tannino.*

Tannino.. .. 2 grammas (40 grãos)

Conserva de rosas 1 gramma (20 grãos).

Faça 20 pilulas. Tomar uma pilula, tres vezes por dia.

2º *Clyster com claras de ovos.*

Cozimento de linhaça 180 grammas (6 onças)

Claras de ovos tres.

TISICA LARYNGEA. Dá-se este nome ás ulcerações do larynge acompanhadas dos tuberculos no pulmão. É um estado de consumpção cuja causa principal é a molestia dos pulmões. Os symptomas compõem-se dos que pertencem á *laryngite ulcerosa* e á *tisica pulmonar*. O tratamento compõe-se dos meios indicados contra as duas molestias. *Veja-se* LARYNGITE ULCEROSA e TISICA PULMONAR.

TISICA MESENTERICA. V TUBERCULOS MESENTERICOS.

TIU. *Veja-se* JALAPÃO.

TOEPLITZ. Bohemia. Aguas alcalinas quentes.

Itinerario de Pariz a Toeplitz : Estrada de ferro até Toeplitz mesmo, 42 horas. Despeza : 152 francos.

Toeplitz é uma cidade da Bohemia de 11,000 habitantes, situada n'um valle agradável, regado pelo rio Saubach, limitado ao norte

e ao levantar pelas montanhas. As fontes são ali numerosas; brotão de um terreno volcanico; são todas quentes; a sua temperatura varia entre 26° a 49° centigrados. Muitos estabelecimentos de banhos existem na cidade e nos arrabaldes: são accommodados a todas as condições. Ha em tudo 11 fontes, cinco em Toeplitz e seis em Schonau, grande e bella aldeia, considerada como arrabalde de Toeplitz. A mais quente é a fonte *Hauptquelle*, e a menos quente é a *Gartenquelle*. A agua d'estas diferentes fontes é limpida, sem cheiro, de côr esverdeada, quasi sem sabor. Sua composição denota fraca mineralização. — Eis-aqui a resultado da analyse da *Hauptquelle*, por Wrany, em 1863. — 1 litro d'esta agua contém.

	grammas.		grammas.
Sulfato de potassa....	0,015	Phosphato de alumina....	0,001
— de soda....	0,064	— de soda....	0,002
Chlorureto de sodio....	0,065	Silica	0,05
Carbonato de soda....	0,407	Fluor....	vestigios
— de lithia....	vestigios		
— de magnesia ..	0,012	<i>Somma das partes fixas..</i>	0,67
— de cal.	0,051	Acido carbonico livre	0,19
— de estronciana.	vestigios	— unido aos carbonatos.	0,20
— de ferro.....	0,0009		
— de manganez....	0,0003	Total.....	<u>1,0612</u>

As aguas de Toeplitz são quasi exclusivamente empregadas em banhos e duchas. Em Schonau achão-se os estabelecimentos mais elegantes e mais modernos. Os banhos tomão-se nas banheiras ou nas piscinas. Estas estão construidas sobre as nascentes mesmas que as alimentão. Na temperatura elevada os banhos são excitantes, na temperatura um pouco baixa são sedativos: o calorico tem aqui maior parte nos effectos do que a mineralização. A gota é de todas as molestias que se tratão em Toeplitz, a que obtem os melhores resultados: quasi a terça parte dos banhistas são gotosos. Estes banhos são gabados tambem contra as diversas nevralgias, e particularmente contra a nevralgia sciatica. A Prussia, a Austria e a Saxonia tem em Schonau hospitaes militares, onde se tratão todas as molestias que entrão no dominio da medicina e da cirurgia. A estação thermal dura de 15 de julho a 15 de setembro.

TOMATE. Fructo da *Solanum lycopersicum*, Linneo, planta da familia das Solaneas, originaria das Antilhas, cultivada nas hortas do Brasil e de Portugal. É uma boga deprimida na base e no apice, ao principio verde e depois vermelha quando madura. Emprega-se na arte culinaria; o seu gosto acerbo é devido á presença do acido malico; serve para a preparação de molhos, que não as comidas mais saborosas e de mais facil digestão.

TOMBA. *Veja-se* ESPELINA.

TOMBO. *Veja-se* QUEDA.

TOMILHO ou **Thymo.** *Thymus.* Genero da familia das Labiadas, contém plantas mui pequenas, mui cheirosas, que são avidamente procuradas pelo gado e pelas abelhas.

Tomilho ordinario. *Thymus vulgaris,* Linneo. Sub-arbusto pequeno, de 18 e mais centimetros, cultivado nos jardins do Brasil e de Portugal, por causa do seu cheiro aromatico e do seu emprego como tempero. Tem folhas oppostas, pecioladas, ovaes oblongas, de quasi duas linhas de comprimento; flores brancas ou purpuras em espiga. Formão-se com elle bordaduras nos jardins. Extrahe-se do tomilho uma essencia aromatica, que entra na composição da agua de Colonia e de outras preparações de perfumaria. Em medicina, o tomilho entra na composição dos banhos aromaticos.

TONCA. *Veja-se* CUMARÚ.

TONICOS. Chamão-se tonicos os medicamentos que augmentão o tom e a força dos orgãos. A esta classe pertencem as preparações ferreas, muitas plantas amargas, como a quina, genciana, quassia, almeirão, lupulo, macella, absinthio, musgo islandico com o seu principio amargo; e entre as plantas indigenas do Brasil, a casca de páo pereira, herva grossa, cipó de chumbo, etc. O emprego dos tonicos é sobretudo indicado nas molestias caracterizadas por debilidade geral, taes como as affecções escrophulosas, escorbúticas, gangrenosas. Recorre-se igualmente a elles nos casos de fastio, de enfraquecimento dos orgãos digestivos, nas convalescenças das molestias, etc.

TONTEIRA ou **Tontura.** Estado de perturbação no qual nos parece que todos os objectos andão á roda: este estado é, ás vezes, acompanhado de dôr e peso na cabeça. Ordinariamente a tonteira é um indicio de congestão sanguinea do cerebro, e observa-se frequentemente nas mulheres gravidas, e nos homens sanguineos. Para se combater este incommodo é preciso tomar um pediluvio com farinha de mostarda, beber um copo de limonada de limão ou de laranja, applicar na testa panno molhado em agua fria, e tomar um purgante. Se a tonteira persistir, applicuem-se algumas bichas na nuca.

TOPADA. *Dar uma topada.* Póde resultar da topada uma contusão ou ferida contusa. Em qualquer caso, convem nas primeiras horas applicar um panno molhado em agua fria. *Veja-se* CONTUSÃO.

TOPAZIO. Pedra preciosa, ordinariamente de um bello amarello de ouro, mas ha tambem topazios de côr rosea, verde e

azulada. O calor, a fricção e compressão tornão o topazio electrico. O seu peso espeefico, relativamente á agua, é de 3,5. É composto de silica, alumina e de fluorureto de aluminio. Acha-se particularmente no Brasil na provincia de Minas Geraes; na Bohemia, Saxonia, Siberia; encontra-se frequentemente em crystaes arredondados e quebrados como calhãos, nos regatos e nos terrenos de alluvião que avizinhão os rochedos d'onde provém. Os topazios são empregados como joias. O *topazio do Brasil* é de eôr bella amarella e ás vezes avelludada. Aquecendo este topazio n'um banho de areia, obtem-se o *topazio roseo* ou *queimado*, cujo valor é superior ao do amarello : cumpre só tomar o cuidado de não prolongar muito o calor, porque então a pedra perderia completamente a eôr. Encontrão-se no Brasil alguns topazios roseos naturaes; o seu preço é bastante elevado. Quando esta pedra é de bella eôr, grande brilho e de massa muito fina, o preço torna-se muito elevado. Na Exposição universal de Pariz de 1867, figurarão alguns bellos topazios do Brasil, que todos os visitantes pudêrão admirar.

TOPINAMBOR. *Helianthus tuberosus*, Linneo. Synanthieras-senecioides. Planta originaria do Brasil, cultivada em Portugal, e outras partes da Europa. Caule da altura de 1 a 3 metros, folhas asperas, flores radiadas amarellas, raiz tuberosa, e como formada de muitas tubaras reunidas. Estes tubereulos, roxos ou amarellados por fóra, brancos por dentro, tem sabor mucilaginoso, um tanto adocicado; comem-se cozidos e preparados de diversas maneiras; chamão-lhes *batata topinamba*. O gado proeura-os com avides; dão-se partieularmente ás vaecas e ovelhas, eujo leite augmentão. As folhas verdes ou seccas ministrão uma boa forragem.

TORCEDURA, TORSÃO, MÁO GEITO OU GEITO. Estiramento violento das partes molles que cereão uma artieulação movel. — Toda a acção que tem por effeito augmentar os movimentos que executa uma junta, ou que tende a fazer-lhe executar qualquer movimento n'um sentido em que ella o não póde fazer, produz o alongamento, e até a ruptura, dos ligamentos que unem os ossos entre si : é a este effeito que se ehama *torcedura*, *torsão*, *máo geito* ou simplesmente *geito*. O tornozelo, pela sua estrutura e funeções, é a junta em que mais frequentemente se observa o aecidente que nos occupa. Depois d'elle vem as juntas dos ossos que compõem o pé exelusivamente, as do punho, dos dedos, e sobretudo do pollegar, as das vertebraes, e emfim as da coxa e do hombro.

Causas. Uma esorregadura ou uma quéda de lugar alto estando

o pé virado de um ou outro lado, mais ou menos fortemente, uma quéda sobre a mão virada, um movimento rapido de rotação de cabeça, o choque do dedo contra um corpo mui resistente, os esforços que tendem a inclinar para os lados as juntas do joelho ou do cotovelo, as grandes aberturas das coxas, etc., são as causas mais ordinarias das torceduras.

Symptomas e prognostico. Uma dôr viva é o primeiro effeito de todos os accidentes d'este genero. Pouco depois desenvolve-se uma inchação mais ou menos consideravel, e, ás vezes, apparece na pelle uma mancha escura produzida pela infiltração do sangue que sahe dos pequenos vasos rotos. Os movimentos são difficéis, e ás vezes impossiveis. No momento em que se produz a torcedura a dôr é ás vezes tão viva que o doente cahe em desmaio. Sendo a torcedura pequena e o tratamento convenientemente dirigido, a dôr acalma-se em poucos dias, a inchação, que ordinariamente chegou ao seu auge em vinte e quatro horas, diminuc pouco a pouco; a mancha da pelle, se existe, espalha-se, torna-se pouco a pouco amarellada, e a final desaparece; e após quinze dias, tres semanas ou um mez, a cura é completa. Mas se a torcedura fôr consideravel, as melhoras são mais difficéis. Se o doente continuar a mover a junta offendida, e ás vezes mesmo quando se conserva no repouso mais absoluto, a dôr e a inchação reapparecem e augmentão; a inflammação desenvolve-se, e pôde até sobrevir a suppuração, ou a molestia passar ao estado chronico; n'este caso a inchação e a dôr prolongão-se indefinidamente.

Diagnostic. Pôde-se confundir a torcedura com a fractura, ou com a deslocação. Quando o accidente é recente, e se a inchação ainda não sobreveio, a confusão é facil de evitar, porque pôde apreciar-se, pela vista e pelo tacto, se a junta conserva a sua fórma normal. Mas se a inchação sobreveio, o diagnostico apresenta muitas difficuldades; em muitos casos, não se pôde saber qual é a natureza da molestia, senão passados alguns dias, depois de diminuida a tumefacção. Para não commetter erro, devem-se examinar comparativamente os dois membros correspondentes quanto ao aspecto exterior, a sua direcção, mobilidade excessiva ou difficil.

Muitas vezes a fractura do peroneo (osso da perna) tem sido tomada por uma torcedura do pé, e reciprocamente. Na torcedura do pé, os movimentos communicados á junta são dolorosos; não o são na fractura do peroneo. Na fractura, determina-se dôr apoiando sobre o lado externo da perna a uma ou duas pollegadas acima do tornozelo externo; entretanto que, na torcedura, produz-se esta dôr fazendo a compressão ao nivel das inscções ligamen-

tosas. Na fractura, se se agarrar o osso do calcanhar immediatamente abaixo de ambos os tornozelos, e se se empurrar alternativamente para dentro e para fóra, o osso muda de lugar lateralmente na direcção que se lhe communica : na torcedura este movimento é impossivel. Na falta de diagnostico immediato, a faculdade de andar restituída ao doente oito dias depois do accidente, será um signal que afastará a ideia de fractura.

Tratamento. O tratamento da torcedura tem por fim prevenir a inflammação que pôde resultar do alongamento ou da ruptura dos ligamentos, combater esta inflammação, se apparecer, favorecer a reunião dos ligamentos lacerados, e restituir á junta a sua força, e a inteira liberdade dos seus movimentos.

Logo depois do accidente é preciso applicar na junta offendida pannos molhados em agua fria simples, e renovar estas applicações, logo que a agua se aquecer. Em lugar d'agua fria simples, podem applicar-se pannos molhados em agua fria misturada com aguardente camphorada, na proporção de uma parte d'aguardente camphorada para quatro partes d'agua fria. Aproveitão igualmente as cataplasmas de batatas raspadas, ou feitas com farinha de trigo e vinho tinto frio. Póde-se tambem empregar a *maçadura*, operação que consiste em comprimir, em amassar, por assim dizer, com as mãos, todas as partes musculares vizinhas da torcedura, em exercer tracções sobre a junta, afim de restabelecer as relações normaes de todas as partes articulares, espalhar os liquidos derramados, e favorecer a sua absorpção.

Methodo geral de maçadura. O operador deve untar primeiro a mão e os dedos com azeite doce ou oleo de amendoas doces. Principia por fazer fricções excessivamente leves, pois que apenas toca a pelle com a ponta dos dedos. Executa estas fricções com a face palmar dos dedos reunidos, sempre de baixo para cima e de modo que não produza a menor dôr. Passados dez, quinze a vinte minutos, é raro que não se possa exercer uma pressão algum tanto mais forte, a qual se augmentará ou diminuirá, segundo a sensação experimentada pelo doente. Depois de feitas as fricções durante meia hora, é raro que o paciente não accuse melhora notavel nos seus soffrimentos.

Depois d'estas fricções preliminares, e quando se pôde exercer sobre o membro dorido uma pressão igual ao peso da mão, principia o segundo tempo da operação ou a *maçadura* propriamente dita. Consiste em actuar não sómente com os dedos, que se separão mais ou menos para êscurregarem nas gotteiras das regiões, mas tambem com a palma da mão, de maneira a abraçar toda a articulação, e suas partes vizinhas. Praticando este segundo trabalho

manual, observa-se a mesma graduação que no primeiro, isto é, procede-se de uma maneira branda e sem sacudidelas. Devem as mãos ser dirigidas no mesmo sentido, isto é, de baixo para cima, e exercer a sua acção não sómente sobre os pontos dolorosos, mas ainda sobre todos os lugares intumecidos. Assim, para a torcedura do pé e da munheca, o operador faz a maçadura desde as pontas dos dedos até ao terço superior da perna ou do antebraço, tanto de um como de outro lado. Para as outras articulações, observão-se os mesmos principios, actuando não sómente sobre a região doente, mas ainda sobre grande extensão das que lhe são limitrophes.

Depois d'estas manipulações, que devem durar uma hora, pouco mais ou menos, chega-se a fazer executar á articulação movimentos nos sentidos que lhe são normalmente permittidos, mas sómente quando as pressões fortes com a mão não produzem mais sensações dolorosas. Se estes movimentos determinarem alguma dôr, suspendem-se para voltar á maçadura, até que novas experiencias demonstrem ao operador que a articulação póde ser dobrada ou estendida sem que o paciente accuse sensibilidade anormal. Estes movimentos não deixão de ser perigosos, e não se deve recorrer a elles, senão como meio de apreciação dos effeitos da maçadura.

Em alguns casos uma unica maçadura, praticada durante uma hora, é sufficiente para conseguir-se a cura; mas, de ordinario, é preciso repetir a operação nos tres, quatro ou mais dias seguidos, e, cada vez, durante uma hora. Depois de cada operação, comprime-se o membro com uma ligadura circular, que se faz com a atadura secca, ou molhada em aguardente camphorada.

A maçadura póde ser empregada immediatamente depois do accidente, caracterizado pela inchação, dôr, ecchymose, impossibilidade de andar. Se a dôr articular persistir, se sobrevier vermelhidão e calor, será preciso applicar cataplasmas de linhaça ou fecula, e mesmo deitar dez bichas sobre a junta; conservar o membro em repouso completo, e em posição elevada. Muitas vezes ficão depois da torcedura dôres articulares, e certa rijeza. Empregão-se n'estes casos fricções com uma das substancias seguintes :

- | | |
|-------------------------|------------------------|
| 1º Balsamo opodeldoch.. | 1 vidro. |
| 2º Balsamo nerval.. | 120 grammas (4 onças). |

Os banhos quentes d'agua simples, de cozimento de malvas, ou com dissolução de colla de Flandres aproveitão tambem contra as rijezas que são consequencias das torceduras. É util, tambem,

n'este caso, ter constantemente a junta comprimida com uma ligadura circular, methodicamente applicada.

TORCICOLLO, ou MÃO GEITO NO PESCOÇO. Dôr que tem a séde nos musculos do pescoço, e que força o doente a conservar a cabeça inclinada para o lado, e faz o pescoço torto, d'onde lhe vem o nome de *torcicollo*. Este estado é quasi sempre provocado pela impressão de uma corrente de ar frio sobre um dos lados do pescoço; mas sobreveem tambem durante o somno, e o frio não é a sua unica causa; muitas vezes é devido a terem os doentes dormido em postura incommoda, que, mantendo alguns musculos n'uma contracção forçada, acaba por fixar n'elles alguma dôr. O torcicollo dura raras vezes além de quatro ou cinco dias; cede facilmente á applicação do sinapismo no lugar doloroso, por espaço de cinco ou dez minutos, ás fricções com oleo essencial de terebinthina, balsamo opodeldoch, ou balsamo tranquillo. Eis-aqui as receitas :

- | | |
|------------------------------------|-----------------------|
| 1º Oleo essencial de terebinthina. | 60 grammas (2 onças). |
| 2º Opodeldoch . | .. 1 vidro. |
| 3º Balsamo tranquillo. | 60 grammas (2 onças). |

A maçadura do pescoço foi tambem empregada com proveito contra o torcicollo. *Veja-se* MAÇADURA.

TORMENTILLA OU SETE EM RAMA. *Tormentilla erecta*, Lin. Rosaceas-dryadeas. Planta da Flora portugueza; habita nos sitios humidos. Caule um tanto levantado; folhas rentes, com 3 a 5 divisões profundas; flores amarellas; raiz roxa por fóra, avermelhada por dentro, de sabor adstringente. A raiz emprega-se contra a diarrhea, em infusão, que se prepara com 12 grammas (3 oitavas) da raiz, e 360 grammas (12 onças) d'agua fervendo.

TORNOZELO ou **Malleolo**. Os *tornozelos* ou *malleolos* são duas proeminencias osseas situadas, uma do lado interno, outra do lado externo da parte inferior da perna. O tornozelo interno é uma proeminencia da tibia, o tornozelo externo é formado pela extremidade inferior do peroneo. Constituem uma especie de malhete no qual se acha encaixado o osso do calcanhar.

TORTO DOS OLHOS. *Veja-se* ESTRABISMO.

TOSSE. Assim se chama a expiração forte, rapida e sonora. As mais das vezes é determinada pela irritação da membrana que reveste as vias aereas, e tem por fim expulsar os corpos estranhos que produzem esta irritação. No estado de saude todas as causas que irritão os órgãos da respiração podem determinar a tosse. A respiração do ar frio, de gazes irritantes, do ar carregado de poeira, fumaça, etc., causão a tosse. As molestias durante as quaes

ella se mostra são : o defluxo, a bronchite, a coqueluche, o crup, os sarampos, o pleuriz, a pneumonia, a tísica, etc.

Tem-se admittido grande numero de especies de tosse : as principaes são as tosses *idiopathica* e *sympathica*, *humida*, e *secca*. Se a causa que provoca a tosse residir em um ponto qualquer das vias respiratorias, diz-se que ella é *idiopathica*; e *sympathica*, sempre que dependa da affecção de viscera mais ou menos afastada. A tosse *idiopathica* pôde ser *guttural* ou *peitoral*, conforme a irritação que a provoca tem a séde para cima ou para baixo da glotte.

A tosse *sympathica* varia tambem na razão do orgão que a determina. Tem-se chamado tosse *estomacal* a que depende de uma affecção do estomago : por caracteres tem-se-lhe dado o ser *secca*, augmentar depois de comer, coincidir com uma dôr na bocca do estomago, com engulhos e nauseas, ceder ás bebidas acidulas, aos emeticos, e ao vomito espontaneo. Tem-se admittido uma tosse *verminosa*, ligada á presença dos vermes no tubo digestivo, e que só cederia á expulsão d'elles. Certas doenças do figado determinão uma tosse que se poderia chamar *hepatica*. Tem-se visto algumas affecções do utero produzir effeito semelhante. As senhoras gravidas estão sujeitas a tossir; a dentição produz o mesmo effeito nas crianças. Certas pessoas tem uma tosse *secca* habitual que existe com a saude perfeita.

A tosse *humida* é a que provoca uma excreção mais ou menos abundante de mucosidades pela bocca; a tosse *secca* não produz excreção alguma. Na maior parte dos casos, a tosse não tem lugar senão uma ou duas vezes; cessa depois para tornar em outra epoca mais ou menos distante. Quando a tosse é ao mesmo tempo *secca* e repetida, chama-se-lhe *tosse ferina*. Em muitas molestias, repete-se rapidamente grande numero de vezes, de sorte que uma só inspiração é seguida de cinco ou seis expirações successivas, o que constitue os *accessos de tosse*. Então, acompanha-se de vermelhidão da face e dos olhos, de lagrimejamento, de dôr de cabeça, de zunido nos ouvidos, de engulhos, e, ás vezes, de vomitos, como se vê na coqueluche, na tísica, e em algumas bronchites. Finalmente, a tosse apresenta, em certas affecções, um tom particular, que é mui facil de reconhecer, mas que é impossivel descrever bem. Assim, na coqueluche a tosse parece-se algum tanto com o canto do gallo; no crup é convulsiva e acompanhada de uma rouquidão particular, semelhante ao latido de um cachorrinho. A tosse é *secca* no hysticismo; *humida* na bronchite e tísica; *rouca* no crup; *ferina* no sarampo; vem por *accessos* na coqueluche. Chama-se *nervosa*, uma pequena tosse *secca*, que

augmenta pela emoção, sem expectoração nem febre; depende de uma nevrose do larynge.

Tratamento. Para curar a tosse é preciso combater a molestia que a originou. Consulte, pois, o leitor os artigos *Defluxo*, *Bronchite*, *Coqueluche*, *Crup*, *Tisica*, etc. Ha comtudo, medicamentos que convem contra todas as especies de tosse. Ei-los :

RECEITUARIO CONTRA A TOSSE.

1º Chá de flores de malvas, de violas, de papoulas, verbasco, folhas de hysopo, hera terrestre, todos adoçados com assucar, xarope de gomma ou mel de abelhas.

2º Uma gemada quente tomada á noite ao deitar-se.

3º Pasta de jujubas, althea, lactucario; pasta de Regnault. Estas preparações achão-se em todas as boticas. Eis-aqui a composição da *pasta de Regnault* :

Flores de malvas, de tussilagem, de papoulas e de pé de gato	500 grammas
Tintura de balsamo de Tolú.	24 grammas
Gomma arabica	3000 grammas
Agua	1500 grammas
Assucar	2500 grammas.

4º *Emulsão calmante.*

Emulsão de amendoas doces.	150 grammas (5 onças)
Agua de flores de laranjeira.	4 grammas (1 oitava)
Xarope diacodio.	30 grammas (1 onça).

Misture. Toma-se ás colheres no decurso de um dia, ou toda junta, de noite ao deitar-se.

5º Xarope de lactucario. 125 grammas (4 onças).

Uma colher *de sopa*, tres a quatro vezes por dia.

6º Xarope de balsamo de Tolú. 125 grammas (4 onças).

Uma colher *de sopa*, tres vezes por dia.

Contra a tosse nervosa. Infusão de herva cidreira, de salva, de hortelã, de raiz de inula campana.

Pilulas antispasmodicas.

Extracto de valeriana. 4 grammas (1 oitava).

Faça 24 pilulas. Para tomar uma pilula, tres vezes por dia.

Tosse convulsiva. *Veja-se COQUELUCHE.*

TOURO. Boi não capado ou macho inteiro da especie bovina. Serve principalmente para a propagação da especie, e bem que se possa, como o boi, submetter ao trabalho, ha menos certeza da sua obediencia, e devemos acautelar-nos do uso que póde fazer dos chifres e da força. A natureza fez este animal indocil e altivo; no tempo do cio, torna-se indomavel e muitas vezes furioso. Uma

manada de touros seria uma tropa desenfreada que o homem não poderia governar. Os touros que vão frequentemente ao campo, e que vêem gente, são mais brandos do que os que se guardão constantemente no estabulo. O touro enfurece-se á vista da côr vermelha; combate generosamente pela manada, e marcha na frente de todos. Vae ao encontro do inimigo; não teme nem o cão nem o lobo; emfim nos combates, tanto publicos como particulares, quer contra os homens, quer contra os animaes, oppõe-se aos aggressores com coragem, e não succumbe senão na ultima extremidade. O touro conhece bem a pessoa que trata d'elle, que lhe dá a liberdade, e que o reconduz ao curral; mas ha muitos touros que perseguem as pessoas que lhes são estranhas, e por isso devem estar amarrados no curral.

Um bom touro deve ser grosso sem ser pesado; deve ter o olhar fixo, a cabeça curta, os chifres grossos, as orelhas longas e vellosas, o pescoço grosso e carnoso, o peito largo, o dorso horizontal e bem guarnecido de musculos, as pernas grossas e carnosas, o rabo comprido e bem pelludo, o andar firme, e o genio manso. Aos dois annos está em plena puberdade, mas é bom que se espere tres annos para deita-lo ás vaccas. Um anno depois, torna-se pesado e não é mais proprio para a reproducção. É preciso engorda-lo para carne do açougue. É um preconceito de julgar que se deve castrar o touro para se poder engordar: a castração é inutil, pois não póde n'esta idade influir sobre a qualidade da carne. A carne de touro não é tão boa como a de boi.

Os touros não servem unicamente para multiplicação da especie, podem tambem ser empregados em diversos trabalhos, e quando se sabem domar, tornão-se, como os bois, uteis auxiliares do agricultor. Se a paciencia e a brandura não produzirem bom effeito, é necessario recorrer ao anel de ferro que se passa atravez do septo cartilaginoso das narinas, e se mantem por cima do focinho mediante uma corrêa presa aos chifres. Para fixar este anel, abate-se o animal, e segura-se com força. O operador agarra com uma das mãos as ventas do touro e fura o septo com o trocate ou bisturi: feito isto, introduz o anel na abertura e fecha-o solidamente.

Ha aneis com charneira, cuja metade tem uma ponta aguda que faz o officio de trocate: d'este modo a operação é mais facil e mais prompta. Logo que o anel passou, o touro não oppõe mais a menor resistencia. *Veja-se* BOI, VACCA, VITELLO.

TRACA-ARTERIA ou **TRACHEA**. A traca arteria é a porção do conducto aereo comprehendida entre o larynge e os bronchios. É um canal composto de argolas cartilagosas; serve

para communicar o ar externo com os bofes; é juntamente órgão da respiração e da voz. *Veja-se* vol. I, pag. 176, fig. 34.

TRACHOMA. Dá-se este nome a granulações que se desenvolvem sobre a conjunctiva. *Veja-se* vol. I, pag. 658.

TRACUANS. *Veja-se* IMBÉ.

TRANSPIRAÇÃO. A transpiração é uma exalação contínua e insensível de vapor aqueo na superficie da pelle. Quando é abundante a ponto de se tornar apreciavel ao tacto, existe o que se chama *pelle humida*. Emfim, quando as gottas cobrem a superficie da pelle, é o *suor*. A transpiração cutanea insensível constitue o estado normal; o suor é uma excepção. A transpiração cutanea é mais abundante quando o ar é secco do que quando é humido. As pessoas gordas transpirão mais do que as magras, os homens mais do que as mulheres. Todos sabem que no verão a exalação cutanea é muito mais forte do que no inverno. A transpiração exhala um cheiro particular conforme os individuos. Almis-carada em algumas pessoas, é pelo contrario de um máo cheiro insupportavel em outras. Nas crianças tem um cheiro de leite azedado, é acida nas mulheres nas epocas menstruaes, etc. O suor faz equilibrio ás outras secreções; assim, quando é mui abundante, a secreção urinaria diminue, e *vice versa*. Desde muito tempo, a supressão dos suores parciaes ou geraes é considerada como causa de molestias; de certo os antigos exaggerarão esta causa, mas sempre está provado que, em grande numero de casos, uma transpiração subitamente supprimida pela acção do frio torna-se causa de affecções mui diversas, conforme a predisposição da pessoa. A bronchite, a pneumonia, o pleuriz, o rheumatismo, as empigens, as dôres nervosas, e sobretudo o cansaço doloroso chamado *constipação*, são frequentemente a consequencia da supressão da transpiração. Tem-se visto muitas outras molestias serem o resultado d'esta supressão, e o doente só sarar quando teve a fortuna de tornar a provocar o suor supprimido.

Os meios proprios para provocar o suor são banhos de vapor, tijolos quentes ou saquinhos cheios de areia quente, ou botijas com agua a ferver postas na cama perto do doente; é preciso ajuntar a estes meios fricções com baeta secca ou molhada em agua quente ou fria. Ao mesmo tempo, convem se tomem infusões quentes e aromaticas, taes como chá de herva cidreira de casca exterior de limão, de flor de borragem, de flor de sabugueiro ou de folhas de jaborandi.

Suor dos pés. Quando e preciso provocar a transpiração supprimida dos pés, convem tomar pediluvios com farinha de mostarda, com cinza ou sal; é necessario trazer meias de lã cobertas

de tafetá gommado; e ás vezes convem polvilhar o interior das meias com farinha de mostarda.

A exaggeração do suor dos pés, além do inconveniente que occasiona pelo cheiro desagradavel, amollece a epiderme e favorece a formação de empolas, que tornão ás vezes o andar difficil. O melhor meio a empregar, n'este caso, é o tannino em pó com que se polvilha o calçado todos os dois ou tres dias. Debaixo da sua influencia, a epiderme torna-se dura bem que conserve a propriedade de deixar passar a transpiração; ao mesmo tempo o tannino combina-se com os productos ammoniacacs que se exhalão da pelle, e destroe o máo cheiro. As galhas reduzidas a pó produzem o mesmo resultado.

TRAPOERABA. *Tradescantia diuretica*, Martius. Commelineas. Planta do Brasil. Caule liso, nodoso; folhas ovaes, agudas, lisas, miudamente denteadas; flores terminaes dispostas em umbellas. Toda a planta é impregnada de um succo pegajoso e acre. O seu infuso é diuretico e empregado nas hydropisias. Prepara-se com 12 grammas (3 oitavas) de folhas de trapocraba e 360 grammas (12 onças) d'agua a ferver. Em banhos, a planta aproveita nos rheumatismos.

TRAPOERABA-RANA (Rio, Minas), **Marianinha** (Bahia, Maranhão), *Commelina deficiens* Herbert, goza das mesmas propriedades que a precedente.

TREMOCEIRO. *Lupinus albus*, Linneo. Leguminosas. Planta que produz grãos chamados *tremoços*. Cultiva-se na Europa meridional, em Portugal, na ilha de S. Miguel e outras partes. Os antigos considerárão estes grãos como um alimento excellente. Não lhes achamos hoje as qualidades gabadas pelos poetas da antiguidade. Estes grãos fornecem uma comida grosseira, indigesta. Comtudo gozão ainda na Italia da antiga reputação, e em algumas partes d'aquelle paiz preparão-se comidas com estes grãos fervidos, mas postos previamente de molho em agua salgada. Estes grãos são brancos, bastante grandes, chatos, de sabor amargo que perdem pela maceração; podem então comer-se como feijões, ou ervilhas. Em geral não se faz uso d'elles senão para alimentar o gado, e para melhorar o terreno em que se cultivão, porque a vantagem essencial d'esta planta é de prosperar nos terrenos magros, pedregosos e arenosos. Na ilha de S. Miguel nutrem-se com tremoços os porcos, dando-se-lhes curtidos; quando se achão como podres, só então se lhes accrescentão á ração; dizem, que antes d'estar n'este estado, se os animaes os comessem em demasia, poderião morrer.

TREMOR. Agitação involuntaria de todo o corpo, ou só de alguma parte. Este phenomeno mostra-se em diversas circumstancias. O *tremor senil*, evidentemente devido ao enfraquecimento dos nervos e musculos, produzidos pelos progressos da idade, é uma enfermidade incuravel, e que não póde fixar aqui a nossa attenção. O tremor parcial dos membros superiores, que existe na affecção dos bebados chamada *delirio nervoso*, foi descripto no seu lugar. (Vol. I, pag 790.) Direi o mesmo do tremor convulsivo que se observa na *dansa de S. Guido*. (Veja-se vol. I, pag. 780.) Resta sómente assignalar aqui o tremor prematuro, mais ou menos analogo ao tremor senil, que não póde ser attribuido aos progressos da idade, e que é susceptivel de algum tratamento. A fraqueza innata ou adquirida, a debilidade na convalescença das molestias graves, o abuso dos licores alcoolicos, que acabão por enfraquecer a força nervosa por estimulações mui repetidas, a fraqueza que deixão as paralyrias, os excessos venereos, podem determinar o tremor, até em pessoas ainda jovens. Esta affecção é parcial ou geral; de ordinario, limita-se ás mãos, aos membros superiores ou inferiores, ao pescoço, á lingua, etc., d'onde resultão incerteza nos movimentos, impossibilidade de entregar-se aos trabalhos manuaes, vacillação no andar, movimento de cabeça, gagueira e embaraço na voz, etc. Para curar este tremor, é preciso em primeiro lugar remover as causas que o produzirão, e depois recorrer á medicação tonica. Assim, a habitação no campo, um ar puro, os exercicios do corpo moderados, as aguas ferreas, as bebidas, taes como a cerveja, a infusão de raiz de chicoria, de camomilla romana, de hortelã pimenta, convem n'este caso, assim como o uso moderado de vinho generoso, e de uma alimentação composta principalmente de carnes assadas, de tapioca, sagú, e outras substancias mui nutrientes. Associar-se-hão a estes meios os banhos geraes d'agua morna e a maçadura. (Veja-se esta palavra.)

TRES FOLHAS BRANCAS OU QUINA FALSA. *Ticorea febrifuga*, St. Hilaire. Rutaceas. Arvore ou arbusto do Brasil; habita nos mattos da provincia de Minas Geraes. Folhas alternas, pecioladas, compostas de tres foliolos lanceolados, glabros, marcados de pontos transparentes. A casca d'esta arvore é amarga e adstringente. Emprega-se contra as febres intermitentes, em infusão que se prepara com 15 grammas (1/2 onça) de casca e 500 grammas (16 onças) d'agua fervendo. As propriedades d'esta casca lhe valêrão o nome de *Quina*, que lhe dão os habitantes do paiz onde se acha. Chamão-lhe tambem *Tres folhas*, por causa dos tres foliolos de que se compõe a folha; e a estas duas palavras accrescentão o epitheto de *brancas* para distinguir esta arvore da *Evodia febrifuga* que

vegeta com ella, tem as mesmas propriedades, mas cujas folhas são avermelhadas.

TRES FOLHAS VERMELHAS ou LARANJEIRA DO MATTO, ou QUINA. *Evodia febrifuga*, St. Hilaire. Rutaceas. Grande arvore do Brasil; habita nas provincias de Minas, Rio de Janeiro, Bahia, Espirito-Santo e S. Paulo. Ramos angulosos, rubros, um pouco pubescentes no apice; folhas oppostas ou quasi oppostas, pecioladas, glabras, compostas de tres foliolos; foliolos de peciolo curto, lanceolados-ellipticos, algum tanto acuminados, semeados de pontos transparentes. A casca e o lenho d'esta arvore são extremamente amargos; empregão-se como febrifugos, em infusão, que se prepara com 15 grammas (1/2 onça) da casca ou do lenho e 500 grammas (16 onças) d'agua fervendo.

TREVO AQUATICO ou **Trifolio**. *Menyanthes trifoliata*, Linneo. Gencianeas. Planta que habita nos lugares pantanosos da Europa. Rhizoma horizontal, nodoso, folhas de peciolo longo, compostas de tres foliolos ovaes, glabros; flores pedunculadas, corolla infundibuliforme, de côr rosea no exterior. Esta planta, muito amarga, é tonica, febrifuga e antiscorbutica. Administra-se em fórma de extracto, de xarope ou de infusão: 10 grammas (2 1/2 oitavas) para 500 grammas (16 onças) d'agua fervendo. Emprega-se, ás vezes, em lugar de lupulo, para a fabricaçãõ da cerveja.

TRICHIASIS. Molestia na qual as pestanas, desviadas da sua direcção natural, vem pôr-se em contacto com a superficie do globo do olho, que irritão. Observa-se mais ordinariamente na palpebra inferior. Umas vezes a trichiasis é total; isto é, toda a fileira das pestanas está voltada contra o olho; outras vezes é parcial, isto é, alguns só d'esses pellos, ou um só, está assim desviado; em outros casos ainda, as pestanas achão-se na direcção normal, mas ha alguns pellos supranumerários desenvolvidos sobre a margem da palpebra. Ás vezes existe uma ou muitas fileiras supranumerarias mais ou menos completas.

A trichiasis é ordinariamente o effeito de um *entropion* isto é viramento da palpebra (veja-se esta palavra, vol. 2, pag. 568), e reconhece por causa ou uma inflammação da palpebra, ou uma cicatrizaçãõ viciosa. O tratamento consiste em remediar o entropion mesmo, se este existir; mas, quando a deviaçãõ dos pellos existe sem entropion, forão propostos como methodos de tratamento: 1º virar os pellos desviados; 2º arranca-los simplesmente; 3º arrancar os pellos e cauterizar-lhes os bolbos ou raizes; 4º cortar a porção da margem da palpebra que contém os pellos desviados; 5º extirpar os bolbos. O processo mais simples para virar as pes-

tanias consiste em mantê-las, por algum tempo, sobre a pelle do rosto por meio de tiras de emplasto adhesivo; ou, o que é melhor, se estes cabellos estiverem approximados uns dos outros, amarra-los com um retroz, e fixar este sobre o rosto com encerado inglez. O *arrancamento* faz-se agarrando successivamente cada pello com a pinça. Cauterizando depois os bolbos, tem-se por fim impedir que as pestanas tornem a crescer; mas este meio doloroso e perigoso produz raras vezes o resultado que se deseja. A excisão da margem das palpebras, ou só dos bolbos, é reservada para os casos inteiramente rebeldes aos meios precedentes. Mas quando a trichiasis é o effeito de entropion, isto é, quando ella provém de estar a palpebra inchada ou voltada para dentro, a excisão da pelle é o melhor meio para se obter a cura.

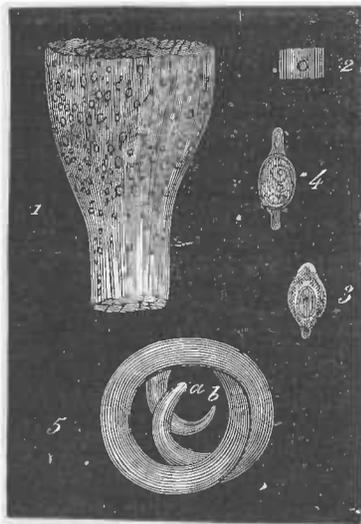


Fig. 470. — *Trichina*.

1, porção do musculo coberta de kystos de trichina; — 2, kysto isolado; — 3, kysto engrossado 20 vezes, contendo uma materia cretacea; — 4, kysto contendo dois vermes; — 5, trichina vista engrossada 200 vezes; — a, extremidade cephalica; — b, extremidade do lado da cauda.

TRICHINA. *Trichina spiralis*, Owen. Fig. 470. Pequeno verme de côr branca rosea, de um millimetro ou menos de comprimento, de um terço de millimetro de largura no seu maior tamanho, que apparece na carne muscular do porco e de alguns outros animaes, e se transporta para o corpo de homem por via de ingestão da carne de porco inficionada. Além do porco, os animaes em que estes vermes se desenvolvem naturalmente são : o gato, o rato e o cão. Os animaes a que estes vermes podem ser communicados, pela ingestão de carne trichinada, são : o coelho, o pombo, a gallinha, etc., e os animaes que parecem refractarios ao seu desenvolvimento, como á sua introdução experimental, são : a vacca, a vitella, o cavallo, o burro, o carneiro, o ganso, o pato, o Perú, etc. Sendo o consumo da carne de porco muito consideravel, ao uso d'esta carne

é que se attribue a causa da molestia produzida pelo desenvolvimento das trichinas no corpo do homem, molestia a que chamarão *trichinose*.

Cumpre não confundir estes vermes com as *ladras*, vermes 10 vezes maiores do que as trichinas. (*Veja-se LADRARIA.*)

As trichinas são dotadas de uma resistencia vital extraordinaria : resistem á putrefacção, á salga, e mesmo á cozedura da carne em que se achão, quando esta operação não foi prolongada sufficientemente. Vivem e caminhão isoladas, ou duas a duas nos intersticios das fibras musculares, onde nada annuncia a sua presença ao olho nú, e pouco exercitado. Ao cabo de algum tempo, envolvem-se em um kysto cretaceo, e morrem nos musculos. Multiplicão-se com espantosa rapidez, assim como o prova o facto seguinte colhido entre muitos outros :

Em 1860, uma criada de roça foi transportada para o hospital de Dresde a fim de alí ser tratada de uma molestia, cujos symptomas parecião assustadores, mas que não se podião applicar a causa alguma determinada. O medico julgava que a doente tinha uma febre typhoide, sem, entretanto, poder explicar certos phenomenos extraordinarios, estranhos á affecção supposta, taes como : febre violenta, corpo inchado, dôres geraes mais pronunciadas nas extremidades, que arrancavão á doente gemidos contínuos dia e noite; contracções dos membros que os soffrimentos lhe impedião estender; finalmente phenomenos de inflammação dos pulmões acompanhados da paralysisa dos musculos da respiração. — Um mez depois da primeira indisposição, a doente succumbia com horriveis soffrimentos em toda a extensão dos membros. O professor Zenker, que tratava d'ella, antes de proceder á abertura do corpo, esfolou um musculo do braço para ver em que estado se achava. Qual não foi a sua surpresa percebendo, por meio de uma simples lente, um grande numero de trichinas, mexendo-se na superficie do membro como em um fervedouro. Achou nos intestinos trichinas cheias de ovos, o que demonstrou, de mais, o seu modo de reproducção; emfim informações tomadas uiteriormente lhe fizeram conhecer que, na casa onde esta criada servia, matárão, no Natal, um porco inficionado de trichinas, porque uma inquirição, feita na propria localidade, permittio ao professor Zenker verificar a presença das trichinas n'um presunto, e n'um chouriço que provinhão d'aquelle mesmo porco; d'onde pôde inferir que as trichinas, que causarão a morte da pobre criada, provinhão da carne de porco que ella comeo crua, no estado de picado, como faz geralmente a gente do campo na Allemanha, onde se costuma comer a carne de porco crua ou só um tanto defumada.

Em 1859, um sabio anatomista de Berlim, o Dr. Virchow, fez sobre as trichinas estudos muito apurados. Fez comer a um

coelho trichinas, e observou, que o coelho emmagrecera e se fôra debilitando progressivamente até que por fim morreo um mez depois; os musculos estavam cheios de trichinas. Os musculos d'este coelho, tendo sido introduzidos na alimentação de outro coelho, communicárão-lhe a molestia; e tendo sido continuada successivamente a experiencia sobre cinco outros coelhos, o observador pôde estudar o desenvolvimento de cinco gerações de trichinas e o seu modo de desenvolvimento no interior do corpo d'estes animaes.

Resulta d'estas pesquisas que as trichinas, ingeridas no estomago de um animal, alí se desenvolvem livremente, passão ao intestino delgado, onde se reproduzem e se multiplicão. É então que esta familia mui numerosa opéra as suas viagens atravez da substancia do intestino, para se transportar aos musculos de todas as partes do corpo; em tres semanas, chegão a todas as partes da economia e adquirem a idade adulta.

Quando pela immensidade do seu numero, tem destruido a maior parté das fibras musculares, e quando pelos seus movimentos vermiculares tem causado uma irritação violenta do tecido organico, derrama-se á roda d'ellas uma serosidade, e formão-se *kystos* que as encerrão, e nos quaes as trichinas morrem ao cabo de certo tempo. Concebe-se facilmente que quando os nossos tecidos estão assim invadidos, a vida já não seja compativel com os desastres produzidos por estes entes infinitamente pequenos. N'este caso a força é devida ao numero.

TRICHINOSE. A molestia das trichinas ou a trichinose, não é uma molestia nova. Já ha muito tempo que os medicos de differentes Estados da Allemanha attribuirão ao uso alimenticio da carne de porco, em certas condições, accidentes frequentemente mui graves, cuja natureza ficára desconhecida até que foi revelada pelas investigações microscopicas. Sabe-se hoje que esta affecção é occasionada pela presença accidental na carne de porco de vermes parásitos de extrema tenuidade, que forão chamados *trichinas*, da palavra grega *trix* que significa *cabello*. Entretanto, bem que a carne de porco constitua uma grande parte da alimentação de todos os povos do mundo, não foi senão em algumas regiões da Allemanha que se observárão os accidentes determinados pelas trichinas.

Em França, não se encontrou ainda caso algum de trichinose, nem nas cidades, nem entre as populações ruraes, nem no exercito, nem na marinha, onde o uso da carne de porco salgada é tão commum. Não me consta tão pouco que tenha havido casos de trichinose no Brasil, na Inglaterra e na Belgica. Em Por-

tugal só foi observado um unico caso no Hospital de S. José de Lisboa, n'um individuo vindo de Almodovar, uma das localidades do Alemtejo mais criadora de gado suino.

No mez de Janeiro de 1866 morreo muita gente na Allemanha victima do uso da carne de porco trichinada; as populações assustárão-se; e o Governo francez encarregou uma commissão, composta de um Lente da Escola de medicina, e de um Lente da Escola veterinaria, para ir examinar na propria localidade as causas d'estas epidemias. Estes distinctos professores reconhecerão que as epidemias tiverão por causa o uso alimentario da carne de porco infestada de trichinas, *crua* ou *submettida á acção da fumaça durante um tempo muito curto*, ou *da carne incompletamente cozida*. Com effeito na Allemanha, a gente pobre come muita carne de porco, mas, geralmente, comem-n'a *crua*. Não só se consome no estado de carne picada ou inteira, mas tambem se fazem com ella salchichas, que se comem sem estarem assadas, e que unicamente se deixão seccar ao ar ou se defumão sómente durante vinte e quatro horas. Todas estas preparações contêm as trichinas ainda vivas.

A trichinose appareceo tambem em 1866 nos Estados-Unidos da America do Norte. A molestia manifestou-se nos Estados do Oeste, e particularmente no Illinois, Ohio, Michigan, que são habitados sobretudo pelos emigrados allemães. Tornou-se subitamente assaz ameaçadora para que o Governador do Illinois se visse obrigado a chamar sobre este assumpto a attenção da Academia scientifica do Estado.

A temperatura que mata as trichinas é de 75 grãos centigrados, com a condição que toda a espessura da carne passe por esta temperatura. Com mais forte razão a ebullicão continuada durante algum tempo, faz morrer infallivelmente as trichinas. A salga prolongada, quando a sua acção penetra em toda a espessura da carne, produz o mesmo resultado. Outro tanto acontece depois de uma defumadura em temperatura sufficientemente elevada de 24 horas pelo menos, entretanto que uma defumadura fria de muitos dias as deixa ainda vivas. Póde-se crer que todas estão mortas nos chouriços defumados, mesmo a frio, e muito tempo conservados. Todavia, como póde haver incerteza sobre o maior ou menor cuidado que houve na fabricação das preparações da carne de porco, salgadas ou defumadas, é mais prudente fazê-las cozer como se estivessem frescas.

As trichinas são conhecidas ha muito tempo na Hungria, e se não se communicão ao homem, depende isto de que a forte cozedura e a defumadura da carne impedem esta propagação; e

depende tambem de não entrar no consumo a carne que foi reconhecida como trichinada. Ao comer-se a earne trichinosa, experimenta-se uma sensação analoga á que produzem grãos de areia entre os dentes. Por conseguinte, o *modo de prevenir a trichinose* consiste em não usar da earne de porco senão d'aquella que passou por uma cozedura mui forte.

Modo de descobrir as trichinas na carne de porco. O aspecto exterior do animal vivo, nem o de sua earne depois de morto, examinada a olho nú, ou com uma simples lente, não podem fazer suspeitar a presença das trichinas : cumpre examina-la ao microscopio. A utilidade evidente da inspecção das carnes de porco ao microscopio, decidio os governos de muitos Estados da Alemanha a torna-la obrigatoria nos açougues. Ella funciona para este fim no Hannover, Brunswick, Magdeburgo, Gorlitz, etc. Reconheee-se a presença d'este verme pelos seus caracteres indicados no artigo *Trichina* e na fig. 470.

Symptomas da trichinose no homem. Varião segundo os tres periodos da molestia.

1º *Periodo da irritação intestinal.* Este periodo principia pouco tempo depois da chegada das trichinas ao intestino, e acaba ordinariamente na epoca em que são d'elle expulsas, isto é, entre o 8º e 12º dia. É uma irritação mais ou menos pronunciada, segundo a quantidade de vermes ingeridos. Lingua suja, nauseas, vomitos, ventre inchado, colieas, prostração, pelle quente, 100 a 110 pulsações por minuto.

2º *Periodo da irritação muscular.* Está tambem em relação com o numero das trichinas, e já vimos quanto este numero pôde ser consideravel. Fraqueza, ealefrios, dôres nos membros, inehação do rosto e das palpebras; pupillas dilatadas, movimentos quasi impossiveis, ás vezes contracções musculares. A pelle cobre-se de suor, de uma erupção furunculosa ou miliaria; ha insomnia, agitação, sêde mui viva, pulso de 115 a 130 por minuto.

3º *Periodo de terminação typhica.* A molestia toma a fôrma de febre typhoide : horborygmós nos intestinos, eolicas, diarrhea, delirio, sobresaltos dos tendões, coma, etc.

Prognostico. A molestia não é sempre mortal, bem que as trichinas possam conservar-se vivas muitos annos no tecido museular no estado de kystos. Do 20º ao 40º dia os symptomas podem melhorar e a cura operar-se, mas é sempre lenta e difficil. O cabelo cahe, mas torna a nascer. Infelizmente muitas vezes sobrevem a morte no fim do 2º periodo, ou no principio do terceiro.

Tratamento. Divide-se em preventivo, e em curativo.

O tratamento *preventivo* consiste : 1º em euidar na alimentação

e no asseio dos porcos : 2º em inspecionar a carne d'estes animaes; 3º não comê-la senão depois de bem salgada, bem defumada ou perfeitamente cozida.

1º *Cuidar na alimentação e no asseio dos porcos.* Notou-se que são os porcos criados nas estrebarias ou nos pateos que se inficionão mais facilmente. É porque tem por alimentação destroços de outros animaes que podem estar infectados, e porque vivem constantemente no meio do esterco e das materias fecaes, nas quaes achão frequentemente o germen da molestia. Supponhamos agora um d'estes animaes affectado de trichinas, facil é comprehender que todos os outros da fazenda estarão ameaçados do mesmo perigo, porque os excrementos do porco doente, que contém quasi sempre algumas trichinas, poderão ser comidos por outro animal que se inficionará. Depois este transmittirá as trichinas do mesmo modo a um outro, e assim successivamente para toda a vara de porcos; e julga-se hoje que a epidemia de trichinose, que se declarou no anno de 1866 nos porcos no reino de Saxonia, e accasionou muitas molestias e algumas mortes entre os homens, não se propagou de outro modo.

Os porcos que vivem longe das fazendas, no meio dos campos, estão menos expostos a esta molestia do que os outros. Em consequencia d'estes factos, será preciso : 1º lavar cuidadosamente as manjedouras d'estes animaes e todos os objectos do seu uso; 2º entreter o asseio nas estrebarias e nos pateos; 3º impedir, quanto fôr possivel, que haja ratos nos estabulos, porque os ratos estão frequentemente affectados de trichinas.

2º *Inspecionar a carne de porco.* A simples inspecção seria insufficiente, por causa da extrema pequenez d'estes vermes; ella não poderia ter valor senão no caso em que os kystos estivessem impregnados de substancia cretacea. Apresentar-se-hião então nos musculos sob a fórma de pequenos pontos brancos. Mas esta circumstancia não se deve apresentar frequentes vezes; porque a transformação cretacea não se declara senão muito tarde, e os porcos são sacrificados ordinariamente mui novos. E por isso seria necessario recorrer immediatamente ao unico meio certo : o *exame microscopico*. O microscopio é um instrumento que, interposto entre o olho e os objectos approximados, tem a propriedade de os fazer parecer muito maiores do que são.

3º *Não comcr a carne de porco senão depois de bem salgada, bem defumada ou perfeitamente cozida.* De todos estes modos a cozedura é o mais seguro para matar as trichinas e preservar-se da infecção. Mas deve ser bem feita e prolongada, para que não sómente as

partes superficiaes, mas tambem as centraes, recebem a influencia da agua fervendo.

Apresenta-se aqui uma questão : se não ha perigo algum de comer carne cozida cheia de trichinas. Fizerão-se experiencias nos coelhos, que não experimentarão accidente algum depois de comerem uma boa porção de carne trichinada cozida. Além d'isto, vêem-se na Allemanha pessoas que tem comido esta carne cozida durante bastante tempo sem soffrerem cousa alguma. Às vezes só produz diarrhea e algumas colicas.

Tratamento curativo. Importa principiar o tratamento quando as trichinas estão ainda nos intestinos, porque as trichinas musculares resistem a todos os meios. De todos os medicamentos, que forão propostos, o melhor é a benzina. Fizerão-se para este fim experiencias nos coelhos e nos gatos. O Dr. Rodet fez engulir, a um coelho infectado na vespera, 4 grãos de benzina em capsula, e augmentou cada dia a dóse de 4 grãos. O coelho morreo no nono dia ao engulir uma capsula. A autopsia, que se fez, não descubrio a menor trichina, quer no tubo intestinal, quer nos musculos. O mesmo doutor deo benzina a um gato desde a dóse de 10 grãos até 24 grãos por dia. O gato foi sacrificado 13 dias depois da ingestão da carne trichinada, e na autopsia não se achou trichina alguma no corpo.



Fig. 471.

Trigo commum.

Quando as trichinas estão alojadas nos musculos, não se conhece remedio algum para as matar. N'este periodo da molestia, assim como no 3º, convem limitar-se aos medicamentos tonicos, como o vinho de quina, ás fricções no corpo com aguardente camphorada, e á boa alimentação.

TRIGO. Fig 471. Planta cuja semente constitue o principal alimento do homem. Para os Botanicos, é um genero da familia das Gramineas, tribu das Hordaceas, contendo plantas herbaceas, compostas de espiguinhas multifloras e solitarias sobre cada dente do eixo, que é dobrado em zig-zague. Cada espiguinha contém ordinariamente 4 flores, o que distingue o trigo do centeio, cuja espiguinha não contém senão duas flores. Cultiva-se em todo o reino de Portugal. Os dois pontos extremos além dos quaes cessa de vegetar são, no Norte, o 58º gráo, e no Sul, o 12º. Distinguem-se muitas especies de trigo, que são muito interessantes debaixo do ponto de vista de alimentação. A semente reduzida

a farinha serve para fazer pão; de todas as plantas Gramineas é a mais propria para este fim, por conter muita quantidade de gluten; contém tambem amido.

Em geral, o trigo gosta das terras fortes. Todos os estrumes favorecem o seu desenvolvimento. Entretanto um dos melhores é uma mistura de estrume de estribaria com cinzas lixiviadas, com estrume de pombos e outras aves domesticas, etc. A escolha das sementes é muito importante; em geral, cumpre que sejam tomadas no paiz mesmo; devem provir de uma boa variedade; devem ser de madureza completa; e ser da ultima, ou pelo menos da penultima colhita. Antes de confiar a semente á terra, costuma-se passar pela cal, para preseva-la da carie ou do carbunculo; mas a pratica, que se deve condemnar, é a que consiste em passar o trigo pelo sulfato de cobre ou arsenico; esta pratica é mui perigosa.

TRIMETHYLAMINA. Liquido que se obtem distillando a salmoura de arenques e de outros peixes com a potassa. Não tem côr, o cheiro é forte, analogo ao de ammoniaco : ferve entre 4 e 5 grãos; soluvel em agua, alcool e ether. Esta substancia foi primeiro chamada *propylamina*. Foi aconselhada, assim como o chlorhydrato d'esta base, contra o rheumatismo agudo.

TRIPAS. *Veja-se* INTESTINOS.

TRIPOLI. Do nome da cidade de *Tripoli* na Africa, d'onde se tirava originariamente. Substancia mineral, de aspecto terreo, aspera, e quasi inteiramente composta de silica, corada de amarello ou vermelho pelo sesquioxido de ferro; reduz-se facilmente a pó muito duro, e não faz massa com agua. O melhor tripoli vem da ilha de Corfu, na Grecia; no commercio chamão-lhe *tripoli de Veneza*. O tripoli branco vem da Allemanha. Emprega-se para polir os metaes, sobretudo o cobre e seus compostos, o vidro, as pedras duras; os militares fazem d'elle grande uso, para tornar lustrosos os botões do uniforme. O tripoli, côr de tijolo, misturado com um terço do seu peso de flor d'enxofre, serve para polir o marmore; esta mistura dá bello polimento aos marmores deslustrados pelo uso. Misturado com azeite o tripoli emprega-se para lustrar os objectos de aço; póde tambem ser empregado secco. Designa-se debaixo do nome de *tripoli de Inglaterra*, uma terra argilosa conhecida no commercio sob o nome de *terra podre* (*terre pourrie*, em francez). Os tripolis devem a sua origem ás argilas torrefactas pelo fogo dos volcões, ou das minas de carvão de pedra; as mais das vezes são formados pelos despojos siliciosos de animalculos infusorios.

TRISMO ou CERRAÇÃO DOS QUEIXOS. *Veja-se* TETANO.

TROMBETEIRA. Dá-se este nome a duas plantas da familia das Solaneas, que habitão no Brasil e em Portugal. Uma é a *Datura fastuosa*, Linneo, que tem 1 metro de altura, acha-se perto das habitações, e é cultivada nos jardins por causa da belleza de suas flores, que são longas, em fórma de trombeta, brancas com riscas longitudinaes roxas; o fructo é uma capsula arredondada, e com alguns espinhos. A outra, chamada por Linneo *Datura arborea*, é um arbusto de 3 metros, mui commum nas margens dos rios, com flores brancas compridas, que derramão á noite um cheiro agradável; o seu fructo é uma capsula elliptica, lisa, com grande numero de sementes branco-amarelladas. As folhas d'estes vegetaes tem cheiro viroso, gozão de propriedades narcoticas, e empregão-se em banhos ou em cataplasmas contra os rheumatismos, colicas, e outras affecções dolorosas; o oleo de trombeteira usa-se em fricções contra varias dôres. Os charutos de trombeteira são um excellente palliativo da asthma. A trombeteira tomada internamente em alta dóse, poderia causar accidentes graves: o Sr. Robert, director do Jardim Botanico em Toulon, vio tres crianças envenenadas por terem comido as fructas da *Datura fastuosa*; e uma d'estas crianças morreo do veneno. Não seria prudente respirar por muito tempo o cheiro das flores das trombeteiras; não convem, sobretudo, fazer entrar estas flores na composição de um ramalhete nem mettê-las n'um vaso para ornar sala ou quarto de dormir. Estas plantas parecem-se muito com o estramónio, que é da mesma familia e que está representado no vol. I, pag. 1018.

TROVISCO OU MEZERÃO. *Daphne gnidium*, Linneo. Arbusto commum nos arredores de Lisboa, Coimbra, e outras partes do reino de Portugal. A casca, que goza de propriedades causticas, entra na composição das pomadas proprias para entreter a suppuração dos causticos.

TUAIUSSÚ. *Veja-se* MARINHEIRO DE FOLHA LARGA.

TUAPÓCA. *Plumeria bicolor*, Ruiz e Pavão. Apocynaceas. Planta venenosa do Brasil.

TUBARA (*Truffe* em francez). Producto subterraneo, carnoso, compacto, que a maior parte dos naturalistas collocão na classe dos cogumelos. Ha algumas variedades de tubaras: 1º a tubara preta; 2º a tubara almiscarada; 3º a tubara cinzenta ou com cheiro de alho; 4º a tubara branca. A primeira é a mais interessante, e a que se acha mais geralmente no commercio.

A tubara preta é arredondada, irregular, de volume variavel e de uma noz até ao de um punho, de cheiro penetrante e usa-se principalmente em França, Italia, Hespanha, etc.

Cresce seis a sete pollegadas debaixo da terra, onde pelo seu cheiro é descoberta pelos porcos e cães que são ensinados para esta colheita.

A tubara é um alimento são, agradável e digere-se muito bem quando é comida com moderação. As tubaras deitão-se nos môlhos, nos recheios dos perus, pasteis, etc., para lhes communicar um gosto delicioso, a propriedade de se conservarem por mais tempo, e a de se digerirem mais facilmente. Attribuem-se-lhes tambem propriedades aphrodisiacas. Mas comidas com excesso, as tubaras tornão-se pesadas e podem causar indigestões.

TUBARÃO. *Squalus carcharias*. Fig. 472. Grande peixe do mar, de 25 a 30 pés de comprimento. Tem a cabeça achatada de cima para baixo, o focinhò, proeminente, arredondado, a bocca demasiadamente larga, collocada em baixo do focinho, transversal e eriçada de dentes chatos, triangulares, pontudos e dentados nas margens. As ventas são muito desenvolvidas, e por isso o seu olfacto parece ser excellente : é attrahido de longe pela isca que se lhe offerece. A fórma geral do seu corpo é um cónce alongado, terminado por uma barbatana caudal bifida. O tubarão

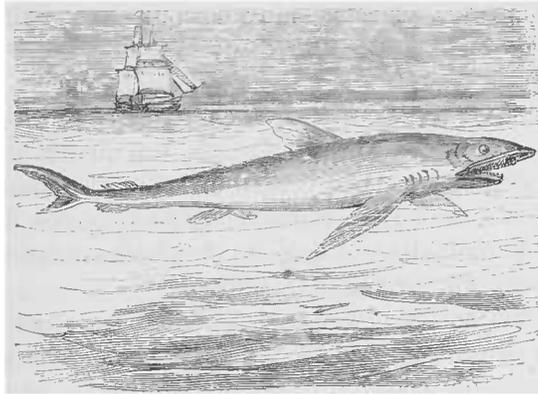


Fig. 472. — Tubarão.

acha-se em todos os mares, e é o terror dos navegantes pela sua audacia, força prodigiosa, e excessiva voracidade. O homem é a sua victima preferida. Segue os navios para devorar os cadaveres que se lanção no mar, ou os marinheiros que por acaso cahem n'agua. A sua pesca é muito perigosa; ferido e trazido a bordo, defende-se por muito tempo com raiva, e custa muito para mata-lo completamente. A sua carne é agradável quando novo; o fígado fornece azeite para luzes e a pelle, que é muito dura, serve na Groenlandia para fazer sapatos e arreios.

TUBERCULO. O nome de *tuberculo* designa geralmente um tumor duro, pouco volumoso, de qualquer natureza que seja. Taes são, por exemplo, os tuberculos que se desenvolvem nas orelhas no principio da molestia chamada *morphéa*.

Chama-se *tuberculo*, mais propriamente, uma producção morbosa, de côr branca amarellada, cujo volume varia desde o da cabeça de um alfinete até ao de um ovo de gallinha; é dura a principio, mas torna-se depois friavel, molle, e adquire gradualmente consistencia liquida e o aspecto de pus. Os tuberculos desenvolvem-se principalmente nos pulmões, e constituem então a molestia *tisica*; apparecem tambem no interior das glandulas lymphaticas que se achão debaixo do pescoço, e formão n'este caso a molestia designada sob o nome de *escrophulas*. Os outros órgãos em que se desenvolvem os tuberculos, mas muito menos frequentemente do que nos pulmões e nas glandulas lymphaticas, são: os intestinos, o figado, o baço, o cerebro, os ossos, etc.

Os *symptomas locaes* produzidos pelos tuberculos varião conforme os órgãos. As vezes, sobretudo nos primeiros tempos, nada annuncia a sua presença; todavia, quando tem adquirido certo volume, ou quando são numerosos, determinão ordinariamente dôr, e perturbão as funcções do órgão affectado: nos pulmões, produzem tosse, difficuldade na respiração, escarros de sangue e outros phenomenos; no cerebro diversas desordens da intelligencia; nos ossos, dôres, postemas, etc.

Os *symptomas geraes* são mui salientes. Em quanto os tuberculos se desenvolvem, nota-se um estado de enfraquecimento; a pelle torna-se pallida, o corpo emmagrece, as funcções desfallecem. Mais tarde, quando chega o periodo do amolecimento dos tuberculos, sobrevem febre e fraqueza extrema.

As *causas* dos tuberculos são as mesmas que forão indicadas fallando das *escrophulas* (vol. I, pag. 982). O *tratamento* tambem é o mesmo: assim convem o ar do campo, o exercicio, um regimen composto principalmente de carne, vinho, medicamentos tonicos, etc.

TUBERCULOS MESENERICOS, TISICA MESENERICA, VENTRE INCHADO. Dão-se estes nomes a uma molestia caracterizada pela tumefacção do ventre, que faz contraste ao emmagrecimento do rosto e dos membros. As glandulas da membrana que cobre os intestinos, e que se chama *mesenterio*, são transformadas em tuberculos, corpos duros como castanhas no principio, mas que amollecem com os progressos da molestia. Em francez chama-se *carreau*.

Causas. Esta molestia observa-se sobretudo nas crianças desde

um até cinco ou seis annos de idade; é mui rara passados os doze annos. As causas são o frio humido, uma alimentação insalubre ou insufficiente, o desalinho e a miseria; e por isso é muito mais frequente nos paizes baixos e pantanosos, ruas estreitas e populosas das grandes cidades, do que nos lugares elevados, seccos, bem arejados e isolados. O aleitamento artificial, e o aleitamento por uma ama affectada de escrophulas, podem dar lugar ao desenvolvimento d'esta molestia. Comtudo, é necessario admittir certa predisposição para contrahir a tísica mesenterica, porque todas essas causas podem não ter effeito algum sobre uma constituição solida, entretanto que a molestia póde desenvolver-se em circumstancias inteiramente oppostas, visto que ataca tambem as crianças dos ricos assistidos de todos os cuidados hygienicos.

Symptomas. Esta molestia principia lentamente e de uma maneira obscura. A criança torna-se pallida, fraca e tem diarrhea. Passado certo tempo incha o ventre; quando as paredes abdominaes se deixão deprimir, distinguem-se, ao apalpar, tumores duros, desiguaes, situados na vizinhança do embigo, ou nas ilhargas. A diarrhea é contínua, ou alterna com prisão do ventre. Quanto ao appetite, é variavel; ora é nullo, ora regular. Quando a molestia é grave, a criança tem febre, e emmagrece; as pernas e as coxas tornão-se macilentas e proporcionalmente mais magras do que os braços.

Marcha, duração, terminações. A marcha da molestia é essencialmente chronica, e a sua duração indeterminada. Se não tiver grande desenvolvimento póde resolver-se.

Tratamento. Em primeiro lugar, deve-se collocar a criança em bom ar, n'um quarto vasto, arejado e exposto ao sol; obriga-la a fazer exercicio ao ar, transporta-la para o campo; dar-lhe uma alimentação apropriada á sua idade: leite de boa ama, se se trata da criança do peito: caldos substanciaes, carnes assadas, ovos, tapioca, vinho para os doentes de mais idade; fazer-lhe tomar banhos quentes aromaticos, ou banhos do mar, frios; friccionar-lhe o ventre com oleo de figado de bacalháo, na dóse de uma colher *de sopa*, uma vez por dia; administrar-lhe o mesmo medicamento internamente na dóse de uma colher *de chá*, uma vez por dia. Combater a diarrhea com clysteres de cozimento de linhaça, ou d'agua tepida misturada com uma clara de ovo.

O modo de preparar os banhos aromaticos está indicado no vol. I, pag. 307. A receita do oleo é:

Oleo de figado de bacalháo. 125 grammas (4 onças).

TUBERCULOS PULMONARES. *Veja-se TÍSSICA.*

TUBEROSA. *Polyanthes*. Genero da familia das Liliaceas, encerra plantas herbaceas, da altura de um metro e mais, de talo simples, bolbo solido, notaveis pelas suas grandes flores brancas, de cheiro suave, mas muito fragrante, dispostas em uma longa espiga na extremidade do talo; corolla em fórma de funil, tubo alongado, um pouco arqueado, alargado no seu orificio em um limbo dividido em 6 lobos ovaes. A especie principal é a *Tuberosa dos jardins* (*Polyanthes tuberosa*); é originaria do Mexico, e cultivada nos jardins dos paizes quentes; tem flores brancas lavadas de côr de rosa. São muito estimadas as variedades matizadas, obtidas pela cultura. Não se devem conservar tuberosas de noite nos quartos de dormir; porque esta flor pôde produzir dôres de cabeça e mesmo asphyxia (*veja-se FLORES*). Os perfumistas fazem grande uso do *oleo essencial de tuberosa*.

TUCARY *Veja-se* CASTANHEIRO DO MARANHÃO.

TUCUMAN. *Astrocaryum tucuma*, Martius. Palmeiras. Arvore do Brasil; é abundante no Pará e Rio Negro, onde nasce naturalmente. É da maior utilidade; a polpa do fructo bem maduro é alimentar e agradável ao paladar; dá um azeite grosseiro muito semelhante ao azeite chamado de palma, e um oleo fino proprio para a illuminação e para todos os usos industriaes. Das folhas dos olhos fazem-se utensilios domesticos, cestas, caixas, esteiras, abanos, chapeos, etc.; d'ellas tambem se extrahe a fibra, conhecida com o nome de tucum, que se assemelha ao linho. Os caroços do fructo são excessivamente duros e empregados para se fazerem aneis, ponteiros e castões de bengala, e outros pequenos artefactos.

TUMOR. Chama-se *tumor* a elevação circumscripita, de certo volume, desenvolvida em qualquer parte do corpo. D'esta maneira confundem-se sob a denominação de tumor a simples expansão, a tumefacção, quer inflammatoria, quer de qualquer outra natureza, a extensão de um órgão pela accumulacção contranatural de materias, a tumefacção produzida pela deslocação de um órgão, etc. A esta classe de molestias pertencem: abcessos ou postemas, anthrazes, frunchos, erysipelas, panaricios, aneurysmas, varizes, scirrhos, caneros, lobinhos, quebraduras, verrugas, kystos, polypos, hydropisias, deslocações, fracturas, ecchymoses, exostoses, etc., etc. Á vista da infinita variedade de tumores, e das suas diversas naturezas, não é possivel dizer cousa alguma de geral, nem sobre as suas causas, nem sobre o seu tratamento. É preciso que o leitor procure cada um dos artigos em que trato d'estas molestias separadamente.

Tumor branco. Os tumores brancos são uns inchaços ou engurgitamentos das juntas, sem mudança de côr da pelle, ás

vezes duros e resistentes, outras vezes molles e elasticos, acompanhados de difficuldade ou impossibilidade de mover o membro, e, ás vezes, de dôres mui vivas ao menor esforço. Podem desenvolver-se em todas as juntas, mas não com a mesma frequencia. O joelho é a sua séde mais ordinaria : depois vem, na ordem da sua frequencia, os quadrís, as juntas do pulso, o cotovelo, e enfim o hombro. São muito mais raros nas pequenas juntas, taes como as dos dedos da mão ou do pé.

Causas. O tumor branco apparece com mais frequencia entre as pessoas jovens do que na idade adulta ou na velhice. É muito mais commum nos paizes frios do que nos quentes; esta molestia é felizmente rara no Rio de Janeiro. Entre as causas que podem determinar o seu desenvolvimento, deve entrar em primeira linha o rheumatismo chronico e a affecção escrophulosa. Nas pessoas, que apresentam esta predisposição, basta a menor causa occasional para produzir a formação de um tumor branco. Uma pancada, uma quéda, o andar forçado, a habitação em lugar humido, uma torcedura sobretudo, são as causas determinantes mais ordinarias.

Symptomas. A molestia principia ordinariamente por uma dôr surda, fixa, em alguma junta; outras vezes o inchaço apparece antes da dôr. Qualquer que seja o modo do desenvolvimento da molestia, mostra-se sempre, no fim de algum tempo, sob a fórma de um tumor duro e circumscripto. Os movimentos da junta diminuem sensivelmente; existe sobretudo difficuldade de estender o membro; pouco a pouco este membro encolhe-se, e vai-se tornando immovel. Ás vezes, o tumor augmenta de volume, amollece, e a pelle torna-se luzidia. Algum tempo depois a pelle faz-se vermelha n'um ponto, forma-se uma pequena postema que se abre e deita uma quantidade consideravel de pus; ordinariamente a abertura persiste, não se fecha e continua a deixar sahir todos os dias muita materia. Outras postemas semelhantes formão-se successivamente em differentes pontos da junta, e tornão-se fistulosas. A saude geral vai-se combalindo; o doente emmagrece, perde o appetite; o pulso torna-se frequente; depois sobrevem a diarrhea com suores nocturnos abundantes. N'este estado o doente corre grande risco; muitas vezes, entretanto, estes phenomenos desaparecem successivamente, as fistulas fechão-se, as forças renascem, e a cura effectua-se.

Tratamento. O membro doente deve permanecer em repouso absoluto. No principio da molestia convem applicar bichas e depois cataplasmas de linhaça. Mais tarde applicão-se causticos na junta, e, depois de sararem, fricciona-se o tumor branco com a pomada

de iodureto de potassio. Internamente, o doente usará de medicamentos tonicos, que são as preparações de lupulo, quina, genciana; o oleo de figado de bacalháo, o iodureto de potassio, iodureto de ferro; a sua alimentação será composta principalmente de carnes assadas; um pouco de vinho generoso ser-lhe-ha util. Os banhos aromaticos quentes, e os banhos do mar tambem aproveitão. Convem expôr a artieulação doente ao calor solar, ou cerea-la de saquinhos cheios de cinza ou de areia quente. É bom comprimir a artieulação com uma atadura, depois de eneher com isea os vazios que existem á roda d'ella. Uma atadura enrolada, ou uma ligadura atada com um laço mantem a isca eoberta de muitas camadas de panno de linho. A compressão deve ser moderada, sobretudo no principio; começar-se-ha por baixo da junta doente, e continuar-se-ha uma ou duas pollegadas por cima. Segundo fôr bem ou mal supportada, augmentar-se-ha ou diminuir-se-ha a sua força. Póde ser combinada com o emprego das diversas fricções.

RECEITUARIO CONTRA O TUMOR BRANCO.

Internamente : •

1º *Infusão de lupulo.*

Pinhas de lupulo 4 grammas (1 oitava)

Agua fervendo. 180 grammas (6 onças).

Infunda por meia hora, cõe e adoce com assuear. Bebe-se por uma vez, por dia. Continua-se por 15 dias seguidos.

2º Vinho de genciana. 500 grammas (16 onças).

Uma colher *de sopa*, duas vezes por dia.

3º Vinho de quina.. 500 grammas (16 onças).

Uma colher *de sopa*, duas vezes por dia.

4º *Solução de iodureto de potassio.*

Iodureto de potassio. 8 grammas (2 oitavas)

Agua distillada 500 grammas (16 onças).

Para beber uma colher *de sopa*, duas vezes por dia.

5º Pilulas de iodureto de ferro de Blancard. 60.

Para tomar duas pilulas por dia, uma pela manhã, outra á noite.

6º Oleo de figado de bacalháo. 180 grammas (6 onças).

Para beber uma colher *de sopa*, duas vezes por dia. Este oleo póde tambem tomar-se em capsulas.

Externamente :

1º Pomada de iodureto de potassio. 60 grammas (2 onças).

Friccionar a junta duas vezes por dia, com uma porção de pomada do tamanho de uma azeitona.

2º Oleo de fígado de bacalhão. 180 grammas (6 onças).

Friccionar a junta duas vezes por dia, com uma colher *de sopa* d'este oleo.

3º Tintura de iodo 60 grammas.

Molhar um panno n'esta tintura, applica-lo sobre a junta e segura-lo com uma atadura.

Tumores erectis. Tumores formados de um tecido esponjoso, cheio de sangue, susceptiveis de erecção, e que se tornão molles pela compressão. Dá-se-lhes tambem o nome de *tumores fungosos sanguineos*.

Causas. As causas d'estes tumores são pouco conhecidas. Alguns ha que se formão durante a vida intra-uterina; chamão-lhes *congeniaes*. Outros apparecem mais ou menos tarde depois do nascimento, em seguida de uma pancada, de uma longa compressão, ou sem causa apreciavel; chamão-lhes *accidentaes*. Os tumores congeniaes são sempre precedidos de manchas de pelle chamadas *signaes de nascença (nævi materni)*, de côr e fôrma variaveis, que algumas pessoas considerão como o resultado da influencia que as emoções moraes da mãe exercem sobre o feto.

Séde e numero. Os tumores congeniaes apparecem antes na cabeça, no pescoço, no tronco do que nos membros; existem ás vezes em grande numero, quatro, seis, nove. Os tumores erectis que não são congeniaes podem mostrar-se em todas as regiões, porém as mais das vezes encontrão-se nos membros; são precedidos de uma dôr obtusa.

Estructura. Os tumores erectis são formados pela dilatação dos vasos de pequeno calibre e dos capillares. Esta dilatação comprehende ora mais particularmente as radículas venosas, ora as arteriaes, ora os vasos capillares.

Symptomas. Differem conforme o tumor é arterial ou venoso.

1º *Tumores erectis arteriaes.* Principião pela pelle, o que motivou o chamarem-lhes *tumores erectis cutaneos*. São geralmente precedidos de uma *mancha rosea*, ás vezes tão pequena, que parece uma picada de pulga, de fôrma circular ou irregular. Mostrão-se com preferencia sobre a porção da metade superior do corpo : o craneo, o rosto, as palpebras, o nariz. São simplicies ou multiplos. Estas manchas ficão estacionarias mais ou menos tempo; mas augmentão de volume quasi sempre, ora algumas semanas depois do nascimento, ora só na epoca da puberdade.

Os tumores erectis arteriaes apresentam-se sob a fôrma de uma proeminencia circumscripta e arredondada, sem limites bem determinados, de superficie lisa ou eriçada de pequenos botões irregulares, compressivel e elastica, diminuindo pelo repouso, augmen-

tando de volume quando o individuo grita, faz esforços ou se entrega a exercicios violentos. Em algumas mulheres, o tumor torna-se mais volumoso em cada epoca menstrual. É raro que os tumores erectis pequenos apresentem um ruido vibratorio, e movimentos de expansão isochronos aos do pulso. Estes phenomenos pertencem aos tumores erectis mui volumosos, ou aos que estão complicados com uma dilatação das arterias que alimentão a massa morbida. Quasi sempre estes tumores diminuem de volume e empallidecem quando se comprimem; corre d'elles sangue vermelho quando são excoriados ou picados.

2º *Tumores erectis venosos.* Originão-se em geral no tecido cellular sub-cutaneo, d'onde lhes vem a denominação de *tumores erectis sub-cutaneos*. São ordinariamente precedidos de signaes de nascença de côr livida ou preta; encontrão-se sobretudo na cabeça, nos beiços, nas faces, lingua, gengivas, e nas fauces. Apresentão-se debaixo da fórmula de um tumor mal circumscripto, mais largo do que profundo, coberto de tegumentos delgados e adherentes, de côr azulada, cercado de veias dilatadas, dando ao tacto a sensação de um corpo molle e simples, completamente despido de pulsações, desaparecendo pela compressão para voltar ao volume primitivo logo que cessa a compressão, tomando mesmo um volume mais consideravel e uma côr mais escura, quando se afrouxa a circulação venosa, quer por meio de ligadura applicada á roda da região vizinha, quer pela compressão dos grossos troncos venosos entre o tumor e o coração, quer por esforços de expiração prolongada. Em alguns casos, os tumores erectis venosos são fluctuantes.

Marcha e terminações. Às vezes os tumores erectis arteriaes diminuem gradualmente de volume, e acabão por desaparecer. Outras vezes crescem e estendem-se ao tecido cellular e aos musculos subjacentes. Mais tarde, os pontos mais salientes e mais estirados ulcerão-se, o que produz hemorragias successivas; n'este caso, ora o tumor fica definitivamente estacionario, ora as cellulas de que se compõe obliterão-se pela lympha plastica secretada pela membrana desenvolvida sobre os pontos ulcerados, e o tumor pôde sarar por este mecanismo.—Os tumores erectis venosos comportão-se de maneira differente. A sua ulceração e cura espontanea são raras; não produzem hemorragias senão em mui pequeno numero de casos. Pela maior parte ficão estacionarios e persistem indefinidamente. Às vezes adquirem um volume consideravel.

Tratamento. Compõe-se de tres modos. O primeiro modo tem por fim impedir que o sangue chegue ao tumor; o 2º, tirar ou des-

truir o tumor; o 3º, obliterar por inflamação os vasos que vão ter ao tumor.

PRIMEIRA SERIE. Conta tres processos, que são : *a.* Os *refrigerantes*, consistem na applicação de pannos molhados em agua fria. Este processo é pouco efficaç. — *b.* A *compressão*. Convem só aos tumores de pequeno volume. — *c.* A *ligadura*, quer das arterias secundarias que vão directamente ao tumor, quer do tronco principal. Este processo conta algumas curas, mas contã tambem accidentes.

SEGUNDA SERIE. Consta de quatro processos : *a.* A *ligadura* com linha, do tumor inteiro, ou de cada uma de suas metades. — *b.* A *cauterização* com ferro quente ou a *cauterização electrica*. Convem aos tumores pouco volumosos. — *c.* *Causticos*; que são : o acido nitrico, os pós de Vienna, a potassa caustica. — *d.* *Extirpação*.

Este meio não póde ser empregado senão quando os tumores são pouco volumosos; porque póde resultar da extirpação uma deformidade consideravel, se a superficie fôr grande; além d'isto, se vasos volumosos se dirigem ao tumor, deve receiar-se uma hemorrhagia que póde ser mui grave.

TERCEIRA SERIE. Consiste nos processos seguintes : *a.* *Puncção com esmagadura*. Este processo tem tido bom exito nos tumores pouco volumosos. — *b.* *Sedinho*. Este processo conta muitas curas. A cura obtem-se pela inflamação que a linha produz no tumor. — *c.* *Alfinetes* introduzidos no tumor em quantidade consideravel. Nem sempre determinão o grão de inflamação necessario. — *d.* *Incisão*, seguida da compressão do tumor.

Tumor ou **corpo fibroso**. Dá-se este nome ao tumor composto de *tecido fibroso*, isto é de tecido formado de elemento anatomico, comprido e delgado, chamado *fibra*. Encontra-se na maior parte dos orgãos, no ovario, cerebro, testiculo, seio, no tecido cellular sub-cutaneo, na substancia dos musculos, nas fossas nasaes, (*polypos fibrosos*), ao redor das articulações, sobre o trajecto dos nervos (*nevromas*). O seu volume varia entre o tamanho da cabeça de um alfinete e a cabeça de um adulto. Tem a fórma arredondada, espherica, ovoide, alongada; é ou não é munido de um pediculo. A côr é branca amarellada, ou branca lactescente, ás vezes avermelhada em alguns pontos. A consistencia do tumor é variavel, mas mais dura do que a de uma fibro-cartilagem. É cercado de uma membrana fibro-cellular que adhere intimamente á sua superficie. Depois de cortado, apresenta um aspecto homogeneo e lardaceo; ora malhas formadas pelo enlace das fibras que se cruzão em diferentes sentidos; ora uma disposição circular e concentrica. No

meio do tecido proprio acha-se um succo pouco abundante, amarelado, transparente, pegajoso.

Os tumores fibrosos apresentam-se sob a fórma de massas mais ou menos volumosas, ovoides ou arredondadas, bem circumscriptas de todos os lados, de uma consistencia mui firme, mais ou menos moveis, segundo as suas connexões com os órgãos vizinhos; não são dolorosos espontaneamente nem pela pressão; não occasionão de ordinario outros incommodos senão os que resultão de uma compressão mecanica ou de uma distensão dos órgãos no meio dos quaes se desenvolvêrão; a pelle que os cobre é movel e sem alteração. É facil distingui-los dos *kystos* que apresentam certo grão de resistencia e de elasticidade; dos *lipomas* que são menos duros; dos *tumores cancerosos*, pela sua marcha essencialmente lenta, consistencia uniforme, ausencia de engurgitamento das glandulas vizinhas e de alteração geral da saude. Ficão estacionarios por muitos annos; podem durar toda a vida, sem influirem na saude da pessoa. O seu prognostico não é desfavoravel senão quando pelo seu desenvolvimento compromettem as funcções dos órgãos importantes. Póde-se fazer a sua extracção com instrumento de gume, se incommodarem; deixão-se no caso contrario.

Tumor frio, indolente. *Veja-se* GLANDULA.

Tumores do seio. *Veja-se* SEIO.

TUPEIÇAVA. *Veja-se* VASSOURINHA.

TURBITHO MINERAL. Sub-sulfato de deutoxydo de mercurio. *Veja-se* vol. II, pag. 392.

TURBITHO VEGETAL. Raiz de uma planta da India, *Convolvulus turpethum*, Linneo. Convolvulaceas. Aparece no commercio em bocados cylindricos, da grossura de uma penna até á de um dedo, de comprimento variavel; cinzenta avermelhada externamente, porosa e resinosa no interior; inodora, com sabor levemente amargo e nauseoso. — Purgante pouco usado. *Dóse*: 1 a 4 grammas (20 grãos a 1 oitava).

TURNESOL. Materia corante, de côr azul roxa, muito empregada na tinturaria. Acha-se no commercio sob dois estados differentes: 1º O *turnesol em bandeiras* é preparado com o succo de uma planta chamada turnesol dos tintureiros, *croton tinctorium*, Linneo. Molhão-se, n'este succo, trapos que se fazem seccar e que se expõem depois ao vapor de mistura de ourina e cal. 2º O *turnesol em pães* é preparado com muitas especies de musgos (*Palmelia rocella* e *tartarea*), que se misturão com metade do seu peso de cinza feita com borra de vinho, e que se reduzem a massa regando-os de vez em quando com ourina; depois a esta massa incorpora-se cal e greda. Esta substancia emprega-se para marcar

nas fazendas de panno ou seda desenhos que se bordão depois ; serve para tingir, e para preparar a tintura de turnesol que os chimicos empregão para reconhecer a presença dos acidos : este liquido, naturalmente azul, tem com effeito a propriedade de se tornar vermelho, logo que se lhe deita qualquer acido.

TURQUEZA. Pedra preciosa de côr azul opaca que se emprega como joia. Ha d'ella duas especies : 1º *Turqueza de velha roca* ou *turqueza pedrosa*, é uma pedra de côr azul celeste que se acha em pequenas veias nas argilas ferruginosas na Persia ; compõe-se de phosphato de alumina corado com um pouco de oxydo de cobre. 2º *Turqueza de nova roca* ou *turqueza ossea*, provém dos dentes ou dos ossos dos animaes mammiferos enterrados desde muito tempo no scio da terra, e accidentalmente corados de azul esverdeado ; é muito menos dura e menos estimada. A maior parte das turquezas que se achão actualmente no commercio vem da Russia : imitação-se perfeitamente com um esmalte azul.

TUSSILAGEM OU UNHA DE CAVALLO. *Tussilagem farfara*, L. Synanthereas-eupatoriaceas. Planta europea ; em Portugal habita no Minho, nos sitios um tanto humidos. Hasteas muitas de uma só raiz, levantadas, simplicies, quasi de sete pollegadas, escamosas, supportando cada uma um capitulo que se abre antes de brotarem as folhas ; as folhas são radicaes, de peciolo longos, quasi arredondadas-cordiformes, toda a margem agudamente lobada e denticulada. A sua fórma foi comparada á marca que deixa no chão o pé de cavallo, d'onde veio o nome de *unha de cavallo* ; são verdes por cima, esbranquiçadas e cotanilhosas por baixo. O capitulo apresenta, na circumferencia, grande quantidade de meio-florões amarellos, e, no centro, um pequeno numero de flores hermaproditas, tubulosas, de cinco lacinias. Todo o capitulo é dotado de um cheiro forte, agradável, e de sabor aromatico. Os florões são emollientes ; usão-se em infusão contra a tosse ; 2 grammas (1/2 oitava) para uma chicara d'agua fervendo.

TYMPANITE. *Veja-se* FLATULENCIA.

TYPHO. Esta palavra designa uma febre contínua, contagiosa e epidemica, cujo character mais saliente é um estado de estupor particular, assaz analogo ao que resulta da embriaguez. Esta molestia declara-se ordinariamente entre as grandes reuniões de gente, quando os individuos que as compõem são expostos a paixões tristes, opprimidos pela miseria e desalinho, obrigados a alimentarem-se de comidas insalubres e a beberem agua corrompida, ou quando estão accumulados n'um espaço estreito, como acontece nas prisões, hospitaes, acampamentos, etc.

Symptomas. 1º periodo. O typho principia por uma mudança no caracter, indifferença, cansaço geral, somno penoso, máo halito, tremor das mãos, vertigens e uma constrictão na bocca do estomago. A estes symptomas succedem *calefrios* nas costas seguidos de calor; depois sobrevem dôr de cabeça, tremores, sêde d'agua ou de bebidas acidas, anxiedade, abatimento das forças, uma sensação de embriaguez, enjôos e vomitos; as ourinas são raras, a pelle humida e quente, o pulso frequente, o somno inquieto. Os symptomas não tardão a aggravar-se: o peso da cabeça e o estupor tornão-se mais fortes, turva-se a vista, zunem os ouvidos, os doentes respondem vagarosamente, tem repugnancia para se moverem, estendem a lingua com lentidão; a deglutição torna-se difficil, sobrevem oppressão e uma tosse fatigante, o ventre torna-se doloroso; as dôres manifestão-se tambem nas barrigas das pernas, nas costas e nas juntas dos dedos. No quarto dia, declara-se, ás vezes, uma hemorrhagia nasal pouco abundante; ao mesmo tempo apparecem vermelhidões e pequenas pintas nas costas, peito, coxas, braços, e ás vezes no rosto. Este periodo dura seis a sete dias.

2º periodo. Esta segunda phase da molestia é marcada pela exacerbação dos symptomas. O pulso é fraco, a prostração extrema, existe delirio; o doente acha-se, ás vezes, n'uma modorra profunda, e experimenta sobresaltos convulsivos. O halito e as evacuações alvinas são de um máo cheiro extremo. Frequentemente existem soluços; as ourinas e as materias fecaes são evacuadas sem que o doente o sintia.

3º periodo. No decimo-quarto ou decimo-quinto dia, se a molestia deve ter um exito funesto, os phenomenos de estupor e os accidentes nervosos fazem novos progressos, e o doente succumbe no meio de uma somnolencia profunda. A morte é, ás vezes, precedida de hemorrhagias abundantes, de uma extensão mui grande das pintas, e da formação das nodoas gangrenosas.

Mas, se pelo contrario, o doente tem de sarar, os accidentes tão graves que acabei de indicar diminuem progressivamente de intensidade; o doente sahe do seu abatimento como de um sonho; manifestão-se, ás vezes, phenomenos chamados criticos, taes como suores abundantes, cachumbas, hemorrhagias nasaes, fluxo bilioso, ou ourinas com muito sedimento.

Esta marcha é frequentemente modificada em certas epidemias por accidentes particulares; a molestia pôde ser complicada com algumas outras affecções mais ou menos graves, das quaes as mais communs são a dysenteria e a podridão de hospital. — A convalescença é mui longa e penosa.

Prognostico. O typho é uma das molestias mais graves, tanto

pelo numero das pessoas que ataca como pelo numero das que mata. Ha exemplos de ter o typho decimado exercitos, cidades sitiadas, matando a metade, e mesmo os dois terços dos doentes.

Tratamento. Sendo, como deixei dito, a accumulção de grande numero de individuos a causa principal do typho, comprehende-se, que, para evitar esta molestia, convem evitar a accumulção. — A primeira cousa que cumpre fazer, quando se declara uma epidemia de typho em algum hospital, consiste em isolar os doentes e subtrahi-los ás causas de insalubridade. Convem estabelecer uma ventilação permanente, fazer fumigações de chloro, espalhar nas salas agua de Labarraque, agua phenica, e ter o maior asseio. — Emquanto ao tratamento do typho, varia conforme o estado do doente e o periodo da molestia.

1º *periodo.* Os evacuanes aproveitam n'esta molestia : é preciso dar no principio uma bebida emeto-purgativa. O doente usará de bebidas acidulas frias, taes como limonada de limão ou de laranja. Caldo de gallinha ou de carne de vacca.

2º e 3º *periodo.* Quando se desenvolvem os phenomenos nervosos e putridos, emprega-se a valeriana, camphora, almiscar, quina e sulfato de quina, sinapismos e causticos. É util applicar na testa pannos molhados em agua fria. As ulcerações e as escaras gangrenosas devem ser polvilhadas com pós de quina e carvão.

Comparação do typho e da febre typhoide. O typho é contagioso e a febre typhoide não o é, ou só é contagiosa em alguns casos excepcionaes. O primeiro resulta quasi exclusivamente da accumulção mui grande de individuos. Os phenomenos cerebraes, particularmente o estupor, são sobretudo mais salientes no typho; a marcha da molestia é mais rapida, o prognostico mais grave.

RECEITUARIO CONTRA O TYPHO.

Bebida emeto-purgativa.

Agua.	720 grammas (24 onças)
Emetico	5 centigrammas (1 grão)
Sulfato de magnesia.	30 grammas (1 onça).

Uma chicara de 2 em 2 horas.

Mistura tonica.

Extracto de quina..	4 grammas (1 oitava)
Agua de canella..	120 grammas (4 onças)
Xarope de quina.	30 grammas (1 onça).

Uma colher *de sopa* de 2 em 2 horas.

Pilulas anti-septicas.

Camphora..	60 centigrammas (12 grãos)
Nitro.	60 centigrammas (12 grãos)
Gomma arabica.	60 centigrammas (12 grãos)
Xarope simples	quanto baste.

Faça 12 pilulas. Para tomar uma de 2 em 2 horas.

Pós de quina e carvão.

Quina em pó.	15 grammas (4 oitavas)
Carvão em pó	15 grammas (4 oitavas).

Para polvilhar as feridas e as escaras.

U

UCUÚBA. *Myristica sebifera*, Sw. Myristiceas. Arvore do Brasil; frequente no Pará. As sementes fornecem em abundancia um oleo amarellado, fracamente aromatico, de apparencia crystal-lina, proprio para fazer velas. Tanto as velas como o oleo dão uma luz clara e forte. Em medicina emprega-se o oleo efficazmente em fricções contra as dôres rheumaticas.

ULCERA. Chama-se *ulcera* a solução de continuidade das partes molles, mais ou menos antiga, acompanhada de um corrimento de pus, e entretida por vicio local ou por causa interna. Differe a ulcera da *ferida* em que sendo esta sempre produzida por uma causa externa, tende a sarar, e sara com effeito quando nada lhe impede a marcha; a ulcera é, pelo contrario, uma affecção chronica, produzida ou entretida por uma causa interna; a solução de continuidade já não é então a molestia principal, mas sim o symptoma de uma affecção interna, local ou geral, que impede a cicatrização. As ulceras podem manifestar-se em todas as partes do corpo, mas affectão principalmente as pernas. Podem succeder ás feridas simples, quando estas não são bem tratadas, quando o doente não observa bastante asseio, ou quando cansa continuamente a parte affectada: mas de ordinario formão-se espontaneamente; eis o que então acontece. A pelle toma uma côr vermelha escura, e ás vezes roxa, ou formão-se alguns botões; o lugar incha; declara-se dôr; logo depois, espontaneamente, ou por se ter o doente coçado, abre-se a pelle, destroe-se progressivamente, fornece uma suppuração mais ou menos abundante, e forma-se a ulcera.

Como já deixei dito, toda a ulcera é entretida por uma causa particular. A causa que se oppõe á cura pôde ser externa ou interna.

As causas externas ou locais que entretem as úlceras são : a debilidade ou a atonia da parte affectada, a sua grande inflammação, ou o obstaculo que soffre a circulação, e que se manifesta pelo desenvolvimento de veias varicosas. A experiencia mostra que entre as causas internas deve-se contar o virus venereo, os vícios escrophulosos, escorbútico e canceroso. Conforme as causas, as úlceras dividem-se em *atonicas*, *inflammatorias*, *callosas*, *fungosas*, *varicosas*, *venereas*, *boubaticas*, *escrophulosas*, *escorbúticas* e *cancerosas*.

1º *Úlceras atonicas*. O nome d'estas úlceras vem de *atonía*, que significa fraqueza; e com effeito, dependem da fraqueza geral ou local. As úlceras atonicas reconhecem-se pelo aspecto livido das suas margens, que são despegadas em maior ou menor extensão, pela natureza serosa da suppuração que fornecem, e pela sua superficie violacea. A dôr é quasi nulla, e os soffrimentos são tão leves, que os doentes continuão a entregar-se aos seus trabalhos ordinarios.

2º As *úlceras inflammatorias* são mui dolorosas, o menor contacto é-lhes sensível; tem as margens de côr vermelha viva, até certa distancia; a sua superficie é cinzenta e coberta de carnes esponjosas que vertem sangue ao menor toque; estas são as mais simples de todas as úlceras.

3º *Úlceras callosas*. Quando as úlceras durão muito tempo, as suas margens tornão-se duras, e a pelle vizinha mais grossa. Dá-se o nome de *callosidades* a estas indurações. As úlceras callosas apresentam-se debaixo de fórma regular, oval ou arredondada; as margens são grossas, proeminentes, lisas, esbranquiçadas ou cinzentas; o fundo é de côr rubra suja, duro, liso, como envernizado e sem carnosidades. Deitão uma materia purulenta e serosa; a pelle vizinha é de um rubro pallido; o tecido cellular subcutaneo acha-se endurecido n'uma extensão mais ou menos consideravel.

4º *Úlceras fungosas*. Distinguem-se pela exuberancia das carnes esponjosas. Estas carnes são pallidas, molles, largas, chatas, reunidas pela base, ou formão cogumelos semi-transparentes; ora murchas, ora roxas e não dolorosas, ou vermelhas e sangrentas.

5º As *úlceras varicosas* são entretidas pela dilatação varicosa das veias, e sobretudo pela inchação, á qual esta mesma dilatação dá lugar. Existem quasi sempre nas pernas. Reconhecem-se pelas varizes que cobrem a perna, pela sua inchação, pela lividez do fundo da ulceração, pelo character seroso e sanguinolento da materia que vertem, e pela côr roxa das regiões vizinhas.

6º *Úlceras venereas*. As úlceras venereas podem ser *primitivas*, isto é, resultar immediatamente do contacto impuro, ou *consecu-*

tivas, isto é, succeder a uma affecção antiga, cujos primeiros symptomas já tinham desaparecido. A garganta, o interior do nariz, as pernas e os braços, são os pontos em que apparecem com mais frequencia as ulceras venereas consecutivas, em quanto que os órgãos genitales são os lugares ordinarios das ulceras primitivas. Em geral, as ulceras venereas são redondas, tem as margens violaceas, duras, elevadas e cortadas perpendicularmente. A sua dimensão é muito variavel : algumas são mui pequenas; outras, pelo contrario, adquirem promptamente grande extensão.

7º *Ulceras boubaticas*. Ulceras elevadas, planas, rubras, granulosas, de 1 a 3 centimetros de diametro, das quaes reçuma um fluido mucoso; cobertas ás vezes de materia branco-amarellada (*boubas atoucinhadas*).

8º *Ulceras escrophulosas*. Estas podem atacar todas as partes do corpo, porém mostrão-se sobretudo no pescoço. As margens são geralmente formadas pela pelle despegada, roxa e adelgada; succedem de ordinario á abertura das postemas.

9º As *ulceras escorbuticas* observão-se nos individuos affectados de escorbuto; tem a superficie livida, as carnosidades que as cobrem são molles e vertem sangue com muita facilidade.

10º As *ulceras cancerosas* desenvolvem-se sempre nos lugares affectados de cancro (*veja-se* esta palavra): são profundas, segregão um pus fetido, e tem as margens irregulares e viradas para fóra. As ulceras cancerosas affectão varias regiões do corpo, e muitas vezes o utero.

TRATAMENTO. O repouso e a posição horizontal da parte affectada são as duas primeiras indicações no tratamento da maior parte das ulceras, e sobretudo no tratamento das ulceras das pernas. As ulceras venereas, boubaticas, escorbuticas, e escrophulosas, além do tratamento local que convem a todas as ulceras, e que vai adiante indicado, exigem um tratamento interno que possa destruir a causa do mal; este acha-se descripto nos artigos SYPHILIS, BOUBAS, ESCORBUTO, ESCROPHULAS.

O tratamento local varia segundo o character da molestia.

Quando a ulcera é vermelha, dolorosa, convem as cataplasmas de linhaça ou de fecula, e lavatorios com agua morna.

As ulceras atonicas devem ser modificadas por applicações estimulantes; por lavatorios com agua de Labarraque misturada com agua morna, e por diversos unguentos, adiante indicados.

As ulceras fungosas devem ser cauterizadas com pedra infernal, e tratadas pela compressão com tiras agglutinativas.

As ulceras callosas não sárão senão depois de destruidas as callosidades. Para obter este resultado, é preciso cobri-las com cata-

plasmas de linhaça ou de fecula, cauterizar-lhes as margens com pedra infernal, ou excisa-las, e finalmente empregar a compressão por meio de tiras de sparadrapo.

Para destruir os bichos, que cobrem a superficie de algumas ulceras, applicão-se durante vinte e quatro horas fios untados de unguento mercurial, ou pulveriza-se a ulcera com calomelanos.

As ulceras varicosas das pernas tratão-se pela compressão. Sobre vindo hemorragia, applique-se primeiro uma chapa de isca sobre a ulcera, e por cima da isca uma ligadura circular, desde os dedos dos pés até ao joelho. O doente ficará de cama e com a perna elevada sobre uma almofada. Depois de atalhada a hemorragia, appliquem-se sobre a ferida fios molhados em aguardente camphoradã, e por cima d'estes, cataplasma de linhaça ou de fecula.

As ulceras cancerosas devem ser cauterizadas com substancias causticas, e bastante energicas. *Veja-se* CANCRO.

As applicções que convem contra as diversas ulceras estão indicadas no *Receituário*, que vai adiante. É preciso variar estes differentes meios, substitui-los uns aos outros antes de obter a cicatrizaçãõ completa. De dois em dois, ou de tres em tres dias, convem tocar a ulcera com pedra infernal. O asseio das ulceras é indispensavel. Entrem-se limpas por meio de lavatorios quotidianos com agua morna simples ou misturada com agua de Labarraque.

RECEITUARIO CONTRA AS ULCERAS.

1º *Compressão*. Usa-se principalmente nas ulceras das pernas. Para executar-la, empregã-se tiras de emplasto diachylão, da largura de 2 a 3 centimétrõs, e bastante compridas para fazerem volta e meia ao redor do membro. Applica-se a parte média da tira sobre a porção do membro opposta à ulcera, e cruzão-se as duas pontas sobre a soluçãõ de continuidade. Cada tira deve cobrir a outra de um terço, e principia-se por applicar a tira inferior. Por cima d'este aparelho applicão-se compressas, e uma ligadura circular desde o pé até ao joelho. Quando a suppuraçãõ é abundante, interpõe-se um panno crivado untado de ceroto entre as tiras do emplasto e as compressas. Muda-se o aparelho cada dois dias nos primeiros tempos, e mais tarde reforma-se menos frequentemente. Depois de obtida a cura, recommenda-se o uso da meia elastica ou da ligadura enrolada; e a abstinencia de grandes caminhadas.

2º *Soluçãõ de chlorureto de cal.*

Chlorureto de cal.	8 grammas (2 oitavas)
Agua.	360 grammas (12 onças).
3º Agua de Labarraque.	uma garrafa.

Emprega-se a sua solução, que se prepara misturando 1 parte d'agua de Labarraque com 4 partes d'agua commum, fria ou morna. Lavão-se as ulceras com esta solução, ou molhão-se n'ella os fios, e applicão-se nas ulceras.

4º Ceroto simples. 60 grammas (2 onças).

5º Ceroto de Saturno. 60 grammas (2 onças).

6º *Agua phenica.*

Acido phenico liquido. 1 gramma (20 grãos)

Agua commum. 1000 grammas (32 onças).

Usa-se em lavatorios.

7º *Glycereo phenico.*

Acido phenico liquido. 4 grammas (1 oitava)

Glycerina. 40 grammas (10 oitavas)

Untão-se os fios com este glycereo, e applicão-se nas ulceras.

8º Unguento de Arceus. 60 grammas (2 onças).

9º Unguento digestivo simples. 60 grammas (2 onças).

10º Unguento digestivo animado. 60 grammas (2 onças).

11º Unguento de estoraque. 60 grammas (2 onças).

12º Unguento de Genoveva. 60 grammas (2 onças).

13º Unguento da madre. 60 grammas (2 onças).

O modo de preparar estes diversos unguentos acha-se indicado no artigo UNGUENTO.

14º *Glycereo iodado.*

Tintura de iodo. 4 grammas (1 oitava)

Glycerina 28 grammas (7 oitavas).

15º *Glycereo de iodureto de potassio iodado.*

Glycerina 40 grammas (10 oitavas)

Iodureto de potassio. 5 grammas (1 1/4 oitava)

Iodo. 1 gramma (20 grãos).

16º *Glycereo de chlorato de potassa.*

Glycerina 40 grammas (10 oitavas)

Chlorato de potassa. 4 grammas (1 oitava).

17º *Pós antisepticos.*

Camphora em pó. 4 grammas (1 oitava)

Myrrha 4 grammas (1 oitava)

Camomilla 30 grammas (1 onça)

Carvão vegetal. 16 grammas (4 oitavas).

Polvilhão-se as ulceras com estes pós.

18º *Outros pós antisepticos.*

Quina em pó 30 grammas (1 onça)

Carvão vegetal. 4 grammas (1 oitava).

19º Vinho aromatico. 1/2 litro (16 onças).

O seu modo de preparação está indicado no artigo VINHO.

Lavão-se as úlceras com este vinho; ou molhão-se fios n'elle, e applicão-se nas úlceras.

Úlcera de Moçambique. É uma úlcera que se observa nas pernas ou nos pés, em Moçambique e outros paizes da costa d'África. Não é contagiosa; é de margens salientes e reviradas; e tem grande tendencia para destruir os tecidos em profundidade, e caria os ossos quando lhes invade a superficie; occasiona então dôres vivas e enfraquecimento geral. As suas causas são as influencias locaes; ás vezes é produzida pela syphilis.

Tratamento. Cauterize-se a úlcera com o *caustico sulfo-açafrado*, que se prepara do modo seguinte : Tome-se

Açafrão em pó. 8 grammas (2 oitavas)

Acido sulfurico concentrado. 16 grammas (4 oitavas).

No momento em que deve ser applicada esta substancia caustica, mistura-se n'um pires o acido sulfurico com açafrão, e a massa que resulta d'esta mistura estende-se com uma faca, em camada da espessura de 4 a 5 millimetros, sobre a úlcera que se quer destruir, e deixa-se exposta ao ar até ficar secca; forma-se logo uma crosta secca e dura, que convem cobrir com panno e segurar com atadura. Em alguns dias a porção queimada cahe, e deixa uma ferida limpa que se cura com unguento de Arceus.

Internamente administra-se o vinho de quina, na dóse de 30 grammas (1 onça), duas vezes por dia. Eis-aqui a receita :

Vinho de quina. 500 grammas (16 onças).

Quando se suppõe que a úlcera depende do virus syphilitico, empreguem-se as pilulas de protoiodureto de mercurio, e o xarope de salsaparrilha, do modo que está indicado no artigo SYPHILIS.

Úlceras das cicatrizes. As úlceras antigas, já saradas, tornão muitas vezes a abrir-se de novo, porque o tecido de uma cicatriz retrahе-se sem cessar, e rasga-se com a maior facilidade, e porque a retracção tende continuamente a augmentar a rasgadura que produzio. As úlceras das cicatrizes de queimaduras produzem-se nas mesmas condições. É sobretudo nos braços, nas pernas e no rosto que ha o maior numero de úlceras de cicatrizes. Em todo o lugar em que a pelle está transformada em cicatriz circularmente ao redor de uma parte, a úlcera é quasi inevitavel. Isso explica porque as úlceras extensas das pernas são tão frequentemente seguidas de recachidas. A principio a úlcera das cicatrizes consiste em uma racha, que mais tarde afunda-se e deixa escorrer serosidade.

Tratamento. Tratão-se as úlceras das cicatrizes como as úlceras complicadas de callosidades. Mas o unico remedio efficaz é a auto plastia ou enxerto dermico que consiste em substituir a pelle

destruída, tomando sobre o doente mesmo os materiaes necessarios para a reparação, ou na região vizinha ou n'um lugar afastado, por exemplo cortando um pedaço de pelle no braço para applica-lo na perna.

Ulceras do estomago. *Veja-se* vol. I, pag. 4044.

Ulceras da lingua. *Veja-se* vol. II, pag. 293.

Ulceras do olho. *Veja-se* vol. II, pag. 500.

Ulceras das pernas. Na região inferior das pernas existem frequentemente ulceras. São devidas pela maior parte a varizes inflammadas e ulceradas, ou a varizes rotas por uma pancada ou uma ferida. As ulcerações podem ser devidas á ruptura da cicatriz de um antigo eezema com adelgaçamento da pelle, ou a abcessos sub-cutaneos, a derramamentos escorbuticos de sangue, a tumores osseos provenientes de syphilis ou de escrophulas, emfim a bolhas de rupia ou de ecthyma. As ulceras que só occupão a pelle são ulceras varicosas, escrophulosas e escorbuticas. Augmentão em largura e profundidade. No primeiro caso a pelle da perna póde ser inteiramente destruída. No segundo caso os ossos estão descobertos; tornão-se mais volumosos e suppurão.

Conhece-se a natureza das ulceras pelos seus caracteres e pelo estado geral dos doentes. — Quando a perna está coberta de varizes, quando a ulcera se manifestou depois de uma ferida que deo lugar a uma hemorragia abundante, ou quando uma inflammção se mostrou sobre um tumor varicoso e foi seguida da formação de uma ulcera, póde-se estar certo que se trata de uma *ulcera varicosa*. — Quando n'um individuo escrophuloso se acha pequena ulceração consecutiva a uma ferida antiga ou recente, seguida de mortificação limitada da pelle, ou quando uma bolha de rupia ou de ecthyma durou certo tempo, trata-se de uma *ulcera escrophulosa*. — Quando n'um individuo syphilitico existio um tumor na perna chamado gomma, a ulcera, que se segue, chama-se *syphilitica*. Quando o doente apresenta symptomas secundarios ou terciarios da syphilis (bubão, syphilides, vegetações syphiliticas, dôres osteocopas), e se então uma ulcera se desenvolver na perna, será tambem de natureza *syphilitica*.

Tratamento. As ulceras das pernas devidas a varizes serão tratadas pela compressão, aguardente camphorada e cataplasmas, do modo que ficou explicado mais acima (vol. II, pag. 4109). Depois de modificada a ulcera, isto é quando as carnosidades principião a apparecer, cura-se com tiras de diachylão, e applica-se por cima da perna uma ligadura enrolada. Reforma-se o curativo todos os quatro dias. Quando a ulcera principiar a cicatrizar-se, se houver carnosidades exuberantes, cauterizão-se com pedra infernal. Para

favorecer a cura, não ha nada melhor do que o repouso e a elevação da perna sobre um plano inclinado. Havendo irritação da pelle, applicuem-se cataplasmas de fecula. Se as tiras applicadas muito cedo occasionarem viva comichão, suspende-se a sua applicação, e volta-se ás cataplasmas e lavatorios com infusão de flores de sabugueiro. — Quando as tiras de diachylão forão bem applicadas, e quando a ulcera principiar a cicatrizar-se, o doente póde levantar-se e andar um pouco; mas é sempre melhor que guarde o repouso; a cura será mais prompta.

As ulceras das pernas consecutivas ás feridas nos individuos escrophulosos, escorbuticos e syphiliticos serão tratadas como ulceras varicosas; mas se mostrarem pouca disposição a cicatrizar-se, será necessario recorrer a alguns dos unguentos recommendados contra as ulceras em geral (vol. II, pag. 1110). Se as ulceras forem a consequencia da syphilis, o doente deve submeter-se ao tratamento interno composto de preparações de mercúrio e de iodureto de potassio. O curativo local compõe-se dos unguentos indicados contra as ulceras em geral. Mas qualquer que seja o unguento empregado, é preciso applicar por cima cataplasmas de linhaça. Quando a ulcera entra no periodo da suppuração de boa natureza, isto é quando principia a cicatrização, o curativo com tiras de diachylão é o que ha de melhor.

As ulceras simples reclamão o tratamento geral das feridas (vol. I, pag. 1070).

Ulceras do utero. *Veja-se* UTERO.

ULMEIRA, HERVA ULMEIRA OU RAINHA DOS PRADOS. *Spiræa ulmaria*, Linneo. Rosaceas-spiraceas. Uma das mais bellas plantas dos prados da Europa; em Portugal habita nos sitios humidos, á borda dos rios ao norte do Alem-Tejo e outras partes do Reino. Tem a raiz anegrada, horizontal, da grossura e do comprimento de um dèdo, guarnecida de muitas fibras filiformes; caule angulado, algum tanto vermelho, da altura de 2 a 3 pés; folhas compostas de sete foliolos ovaes, desigualmente denteadas, de um verde escuro na face superior, esbranquiçadas na inferior; flores brancas, numerosas, de cheiro grato, dispostas no apice do caule e dos ramos, em largas paniculas corymbiformes. — Esta planta é reputada diuretica; a infusão das suas flores e folhas usa-se contra a hydropisia; prepara-se com 15 grammas (1/2 onça) de folhas ou de flores, e 500 grammas (16 onças) d'agua fervendo. Faz-se tambem com toda a planta um xarope, que se administra na dóse de 30 a 60 grammas (1 a 2 onças) por dia.

ULMO ou **ULMEIRO PYRAMIDAL**. *Ulmus campestris*, Linneo. Ulmaceas. Arvore que em Portugal habita quasi esponta-

neá perto de Cintra, na Estremadura e Beira, e em outras partes pelo norte do Reino. A casca intermedia, isto é, a casca privada de periderme, é diuretica; usa-se contra as hydropisias e molestias da pelle, em decocção, que se prepara do modo seguinte :

Casca de ulmo.	30 grammas (1 onça)
Agua	1000 grammas (32 onças).

Reduza á metade pela cocção, e junte quanto baste de assucar. Bebe-se ás chicharas, no decurso do dia.

ULTIMAS. *Veja-se* PAREAS.

UMBIGO. *Veja-se* EMBIGO.

UNGUENTO. Os unguentos são medicamentos externos destinados ao curativo das feridas e ulceras, ou servem para fricções quando o medicamento deve ser absorvido. São ordinariamente compostos de gorduras, azeites, cera, terebinthina, pez, resinas, etc. Os unguentos mais usados são :

Unguento de althea.

Mucilagem de raiz d'althea	3 partes	Cera..	..	1 parte.
Banha de porco	9 partes			

Coza a mucilagem com a banha até evaporar-se o que houver d'agua, e ajunte a cera. — Usa-se como emolliente, em fricções.

Unguento de Arceus.

Sebo de carneiro.....	20 partes	Resina elemi... ..	15 partes
Terebinthina da Suissa..	15 partes		

Derreta a calor brando o sebo, a banha e a resina; ajunte a terebinthina. Cõe por panno de linho; mexa a mistura até esfriar completamente. — Muito empregado para curar as ulceras.

Unguento basilicão.

Pez negro....	1 parte	Cera amarella..	1 parte
Colophonia	1 parte		

Derreta o pez e a colophonia a fogo brando em tacho de cobre, ajunte a cera, e derretida esta, ajunte o azeite; cõe por panno de linho, e mexa o unguento em um gral até arrefecer.

Unguento branco. ⁵*Veja-se* Ceroto de espermacete, vol. I, p. 550.

Unguento cinzento ou pomada cinzenta. *Veja-se* Unguento mercurial.

Unguento digestivo simples.

Terebinthina da Suissa...	4 partes	Azeite doce.....	1 parte.
Gema de ovo.....	2 partes		

Misture em almofariz a gema com a terebinthina, e ajunte pouco a pouco o azeite. — Para curar as ulceras.

Unguento digestivo animado.

Unguento digestivo simples	1 parte	Estoraque simples.....	1 parte.
Misture em almofariz.			

Unguento de estoraque.

Azeite doce.....	15 partes	Resina elemi....	10 partes
Estoraque liquido....	40 partes	Cera amarella.	10 partes.
Colophonia.	18 partes		

Derreta a fogo brando a colophonia, a cera e a resina elemi; tire o vaso do fogo e ajunte o estoraque; e derretido este, ajunte o oleo; cõe por panno de linho, e mexa até o unguento esfriar. Para curar as ulceras.

Unguento de Genoveva.

Azeite doce.....	370 partes	Terebinthina.	120 partes
Cera.	60 partes	Camphora	2 partes.
Sandalo vermelho..	15 partes		

Faça unguento segundo a arte. Para curar as ulceras.

Unguento da madre Thecla ou emplasto roxo.

Azeite doce.....	4000 gram.	Lithargyrio em pó fino..	500 gram.
Banha	500 gram.	Sebo de carneiro..	500 gram.
Manteiga.	500 gram.	Pez negro purificado....	100 gram.
Cera amarella.	500 gram.		

Deite todas as materias gordurosas n'um grande tacho de cobre, e aqueça até principiarem a deitar fumo: ajunte então pouco a pouco o lithargyrio pulverizado, mexendo continuamente com espatula de páo: deixe a mistura no fogo mexendo continuamente, até que a massa tome a cõr roxa escura; ajunte então o pez negro, que é necessario purificar previamente, derretendo-o e coando-o por panno de linho. Quando o emplasto estiver em grande parte esfriado passe-se para um vaso proprio. — Empregado como maturativo nos abcessos.

Unguento mercurial cinzento.

Unguento mercurial duplo.	4 parte	Banha benzoinada.....	3 partes.
---------------------------	---------	-----------------------	-----------

Unguento mercurial duplo, napolitano ou de Beaumé.

Mercurio metallico.....	500 gram.	Cera branca	40 gram.
Banha benzoinada	460 gram.		

Derreta a banha com a cera, vase uma porção da mistura em tacho de ferro, que exporá a uma temperatura moderada, a fim de manter o corpo gordo no estado semi-fluido, mexa com o pilão até á divisão completa do mercurio; ajunte, depois, o resto da mistura da banha e cera. Emprega-se para curar as ulceras syphiliticas.

Unguento populeão.

Gomos seccos de choupo.	8 partes	Folhas rec. de meimendro.	5 partes
Folhas rec. de dormideiras	5 partes	— de herva moura	5 partes
— de belladona..	5 partes	Banha..	40 partes.

Contunda as plantas em almofariz de marmore, e com a banha faça cozer a calor brando n'um tacho até consumir a humidade. Junte então os gomos de choupo contusos, e deixe digerir por

24 horas. Cõe com forte expressão; deixe esfriar. Separe as fezes juntas no fundo do vaso, tirando o unguento por camadas.

Unguento rosado.

Banha	1000 gram.	Cera branca.	8 gram.
Raiz de orcanetta	50 gram.	Essencia de rosas	2 gram.

Digira a orcanetta na banha a banho-maria por uma hora; cõe por panno de linho. Ajunte a cera, derreta-a, e mexa a mistura até esfriar quasi inteiramente; misture, por fim, a essencia de rosas, e deite a pomada em vaso proprio. — Applica-se nas rachas dos labios.

UNHA. As unhas são pequenas laminas duras e oblongas que se achão na superficie dorsal da extremidade dos dedos das mãos e dos pés. Distingue-se nas unhas uma parte posterior ou *raiz*, uma parte média ou *corpo*, e uma parte anterior ou *margem livre*. O *corpo* adhire intimamente pela sua face interna aos tecidos subjacentes. A *raiz*, mais molle e delgada que as outras porções, fica escondida sob a pelle: forma quasi a quinta parte do comprimento total do orgão. Termina pela margem delgada e denteada, que penetra n'uma dobra da pelle, chamada *madre da unha*. Quando acontece arrancar-se uma unha, a madre d'esta lamina cornea fica descoberta, e não tarda a segregar uma materia mucosa que endurece na superficie, materia impellida para diante por uma segunda; e assim de seguida, por tal fórmula que a unha cresce por uma successão de laminas corneas, encasadas umas nas outras.

As unhas são formadas de um tecido corneo, semelhante ao tecido que constitue os cascos e os cornos dos diversos animaes.

MOLESTIAS DAS UNHAS.

Unha encravada. Dá-se este nome á irritação da polpa do dedo grande do pé, em consequencia de se enterrarem na carne as margens da unha. Apparece quasi exclusivamente no dedo grande do pé; e quasi sempre no lado interno. Fig. 473.

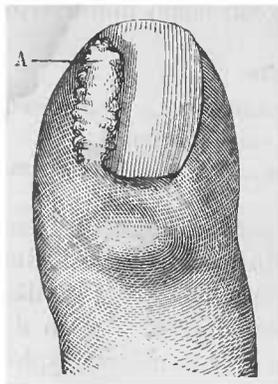


Fig. 473.

Unha encravada.

A. — Carnes esponjosas.

Causas. Esta molestia é quasi sempre acompanhada de uma deviação da unha. Quando se usa de calçado muito apertado, as unhas, comprimidas de um e de outro lado, curvão-se e enterrão-se na carne. Em outros casos, a molestia resulta da proeminencia das partes molles. Quando se está de pé, a polpa do dedo forma uma pequena proeminencia de cada lado da margem da unha; com o

andar a pressão torna-se ainda mais forte; se este estado se prolongar, ou se se repetir com curtos intervallos, as partes molles irritadas ulcerão-se pela pressão que a unha exerce sobre os tecidos. O máo costume que tem algumas pessoas de cortar as unhas circularmente, em vez de lhes dar a fôrma quadrada, favorece a entrada da unha na carne.

Symptomas. No começo ha só pequena dôr durante o andar; mas pouco a pouco a pelle ulcera-se sobre o ponto comprimido pela unha; depois desenvolve-se uma vegetação fungosa. Então as dôres tornão-se fortes; ás vezes são taes que o paciente não pôde ficar de pé. A molestia propaga-se até á raiz da unha, que se torna movel. Ha corrimento de pus cada vez mais abundante e fetido, as carnes esponjosas crescem cada dia mais. O doente só pôde andar firmando-se sobre o calcanhar.

Tratamento. Pôde prevenir-se a entrada da unha na carne pelo calçado largo, e quando a molestia existe deve-se ainda usar do calçado cuja ponta tenha 6 centímetros de largura. Com um pouco de paciencia, pôde-se curar a unha encravada sem operação. Para este fim deve-se guardar o repouso e empregar um dos meios seguintes :

Quando a unha principia a enterrar-se, quando existe só uma ulceração linear, endireita-se a unha, interpondo, entre a sua margem cortante e a dobra da pelle, fios, ou uma pequena fira de encerado, que se reforma cada dois dias. Pôde-se tambem empregar uma pequena lamina de folha de Flandres; introduz-se a margem levemente recurvada, entre a unha e as partes molles protegidas por panno de linho mui fino untado com ceroto, e mantem-se n'esta posição por meio de uma atadura enrolada ao dedo.

Com o mesmo fim, introduz-se entre a unha e a carne *esponja preparada*, que incha pouco a pouco pela humidade e levanta a margem da unha. Dá-se o nome de *esponja preparada* á esponja que se enrola ainda humida muito apertadamente com um barbante, de sorte que fique reduzida ao menor volume possível; assim enrolada é mettida na estufa para seccar. Se se desenvolvêrão carnes esponjosas, cauterizem-se com pedrahume calcinada ou com pedra infernal. — Applique-se um panno molhado na solução de perchloreto de ferro a 30 grãos.

Alguns cirurgiões aconselhão destruir as carnes situadas em cima da margem encravada com bisturí ou pós causticos de Vienna. — Raspar a parte mediana da unha com um pedaço de vidro quebrado, para torna-la bem fina; côm o andar racha-se a unha pelo meio e imbricão-se as duas partes, o que permitte á margem

encravada sahir da carne. — Finalmente, se estes meios não forem sufficientes, convem então extirpar a unha com a raiz.

Friabilidade das unhas. As unhas são ás vezes duras, friaveis em consequencia de empigens que occupão o dedo. Para combater este estado convem applicar todas as noites um panno molhado em glycerina.

Hypertrophia das unhas. Augmento do volume da unha. Ha d'ella duas variedades :

I *Produções corneas das unhas.* As camadas epidermicas sobrepostas transformão a unha em materia verdadeiramente cornca; a derme que se acha debaixo da unha augmenta de espessura.

Não ha nada a fazer contra as produções corneas das unhas, quando não incommodão. Se sobrevierem ulcerações ao redor da unha e dôres, é preciso limar a unha.

II *Alteração e hypertrophia parcial das camadas epidermicas da unha.* A syphilis manifesta-se ás vezes por este estado, que sobrevem tambem em consequencia da inflammação simples da madre da unha, ou depois das contusões. Conhece-se este estado pela mudança da côr, pelo augmento da espessura, pela exfoliação parcial, e pela falta de consistencia d'este orgão.

O tratamento geral da syphilis, as fricções com a pomada de iodureto de potassio, são os unicos meios que se podem empregar. Se a lesão não depender da syphilis, nada se faz quando o doente soffre pouco; o arrancamento da unha seria o unico meio a empregar se existissem dôres.

Inflammação da unha ou **Onyxis.** Dá-se este nome a diversas inflammações que podem invadir a madre da unha. A affecção é ás vezes geral; occupa n'este caso toda a madre da unha; outras vezes é só parcial; está então limitada ás margens ou á raiz do orgão. Divide-se o onyxis em *traumatico* e *chronico*.

1º *Onyxis traumatico.* É mui frequente. As suas causas são : pancadas, feridas, picadas feitas debaixo da margem da unha, a introdução n'este ponto de um corpo estranho, as lesões da pelle que cobre a raiz da unha. A ponta do dedo torna-se dolorosa; a suppuração, que se forma debaixo da unha, apparece sobre os lados d'este orgão, que então se separa ou cahe em parte ou em totalidade. Combatem-se estes accidentes com banhos locais d'agua tepida e cataplasmas de linhaça ou de fecula.

Se a molestia foi occasionada por um corpo estranho, cumpre extrahi-lo se houver por onde pegar-lhe. No caso contrario, é preciso assegurar-se da sua posição, raspar a unha no ponto em que corresponde com bisturí ou vidro quebrado, depois fura la, extrahir o corpo estranho, e evacuar o pus que se ajuntou.

2º *Onyxis chronico*. Esta affecção invade de preferencia o dedo grande do pé, ás vezes o pollegar da mão, raras vezes os outros dedos. Principia por uma leve tumefacção na raiz da unha; a pelle torna-se avermelhada, violacea, sensivel; formão-se ulceracões no lugar affectado, e distilla d'este ponto um liquido viscoso e fetido, ás vezes sanguinolento. Ao mesmo tempo, a unha altera-se profundamente, toma côr amarella ou esverdeada, desprega-se pouco a pouco, e acaba por separar-se completamente. A superficie que deixa descoberta é vermelha, desigual, deita sangue pelo menor toque, e produz pus de má natureza. Mais tarde cobre-se de laminas corneas, que tomão direcções viciosas e entretem a inflammação; a sensibilidade é então extrema, a extremidade do dedo incha, e se o onyxis occupa o dedo grande do pé, o andar torna-se difficil e mesmo impossivel.

Para combater o onyxis chronico, forão aconselhados os meios seguintes: cataplasmas de linhaça ou de fecula, lavatorios com decoção de rosas rubras, applicação de fios molhados em aguar-dente camphorada, applicação de pedrahume calcinada, cauterização com pedra infernal; mas todos estes meios raras vezes aproveitão. Sendo a alteração da madre da unha a causa da molestia, o tratamento deve ter por fim destruir esta alteração. Consegue-se isto tirando, por meio de uma incisão semi-circular, a porção da pelle que cobre a madre da unha n'uma largura de cerca de um centimetro; d'esta maneira substitue-se á molestia uma ferida simples, que sara de ordinario em quinze dias. Alguns cirurgiões tirão a unha inteira, e cauterizão fortemente a ferida com pedra infernal. Como estas operações são mui dolorosas, devem ser precedidas da chloroformização do doente. Póde-se tambem obter a insensibilidade local por meio de uma mistura frigorifica. Applicando sobre o dedo uma mistura de duas partes de gelo, e uma parte de sal commum, a pelle torna-se insensivel ao cabo de quatro minutos; póde-se então praticar sem dôr a incisão e a extracção da unha.

UNHA DE BOI. *Bauhinia aculeata*, Linneo. Leguminosas. Arbusto do Brasil. Caule espinhoso, folhas arredondadas, bilobadas, quasi cordiformes; flores com as petalas sinuosas; fructo, vagem comprimida contendo muitas sementes. As folhas são mucilaginosas e algum tanto adstringentes; empregão-se em cata-plasmas nas postemas.

UNHA DO OLHO, ou PTERYGIO. Excrescencia varicosa, de fórma triangular, que se desenvolve ordinariamente no angulo interno do olho, d'onde se estende sobre o orgão. V PTERYGIO.

UNHEIRO. Veja-se PANARICIO.

UNTO. *Veja-se* BANHA.

UNTURA. *Veja-se* FRICÇÃO.

URETÈRE. Os uretères, da palavra, grega *ouron*, ourina, são dois canaes membranosos, estreitos mas mui longos, que, estendidos dos rins á bexiga, tem por uso conduzir a ourina dos rins a esse reservatorio. Situados um de cada lado, descem obliquamente até á symphyse sacro-iliaca, penetrao na bacia, e vão abrir-se na parte posterior e inferior da bexiga por um orificio estreito e obliquo.

URETHRA. A urethra é o canal musculo-membranoso destinado, em ambos os sexos, a dar passagem á ourina. No *homem* tem 21 a 27 centimetros de comprimento; na *mulher*, só 2 centimetros e 1/2.

MOLESTIAS DA URETHRA.

§ 1. **Contusão.** *V* CONTUSÃO DO PERINEO, vol. I, pag. 686.

§ 2. **Corpos estranhos no canal da urethra.** Podem vir de fóra ou da bexiga. Entre os primeiros, citarei os alfinetes, os pedaços de páo, etc., introduzidos por acaso, que penetrarão mais ou menos profundamente. Outras vezes são instrumentos cirurgicos que se quebrarão nas mãos do operador. A extracção d'estes corpos estranhos, ás vezes facil por meio de instrumentos particulares, exige outras vezes uma operação dolorosa, a incisão da urethra ao nivel do corpo estranho, a fim de poder tirar-se directamente. Pequenas *pedras* que sahem da bexiga podem parar na urethra e produzir dôres mui vivas e a retenção de ourina. Podem extrahir-se por meio de pinças particulares. *V* vol. I, pag. 734.

§ 3. **Epispadias.** Vicio de conformação caracterizado pela situação anormal da abertura do canal da urethra, a qual se acha collocada na parte superior do membro viril, mais ou menos perto da parede do ventre. Em geral, não se pôde curar semelhante anomalia.

§ 4. **Estreitamento da urethra.** *Veja-se* vol. I, pag. 4018.

§ 5. **Feridas da urethra.** *Veja-se* vol. I, pag. 1107.

§ 6. **Fistulas da urethra.** *Veja-se* vol. I, pag. 1148.

§ 7 **Hypospadias.** As vezes o canal da urethra, em vez de abrir-se na extremidade da glande, abre-se na face inferior do membro viril; este estado chama-se *hypospadias*. Existem muitas variedades d'este vicio de conformação. N'uma variedade, o canal da urethra tem a sua abertura na base da glande; n'outra entre a glande e o escroto; na terceira, o escroto é dividido longitudinalmente, e o orificio da urethra existe entre os dois labios da divisão. Se n'esta ultima variedade o membro viril é mal confor-

mado, póde d'isso resultar apparencia do sexo feminino ou hermafroditismo.

Os resultados da deformidade varião conforme o canal da urethra se abre immediatamente atraz da glande, ou n'um ponto mais ou menos afastado d'ella. Nos individuos, que se achão n'este ultimo caso, o liquido seminal não póde chegar até ao utero, e, por conseguinte, a fecundação para elles é impossivel; tanto mais quanto, ao mesmo tempo, o membro viril é pouco desenvolvido, e se curva fortemente para baixo nas fracas erecções que podem experimentar estes individuos. Pelo contrario, quando o canal da urethra se abre perto da glande, o membro viril póde preencher as suas funcções, e a fecundação póde ter lugar. — Geralmente fallando, este vicio de conformação é incuravel.

§ 8º **Inflammação da urethra** ou **Urethrite**. Molestia caracterizada por um fluxo puriforme pelo canal da urethra, com sensação de dôr e calor no canal. Ha d'ella duas variedades : *urethrite simples*, *urethrite blennorrhagica*.

Urethrite simples. Depende da irritação da urethra pelos excessos do coito, da introducção da sonda, da expulsão de um calculo, de grandes caminhadas, etc. É pouco dolorosa; dá lugar a suppuração abundante, esbranquiçada e mucosa, misturada ás vezes com sangue. Póde ser acompanhada dos mesmos incommodos que a urethrite blennorrhagica; mas a sua marcha é mais rapida; em sete ou nove dias cura-se completamente, não é contagiosa. O tratamento consiste em bebidas emollientes e acidulas, infusão de linhaça, agua com xarope de amendoas, limonada de limão ou de laranja; repouso, semicupios d'agua tepida, cataplasmas de linhaça no perineo, diminuição da quantidade de alimentos, abstinencia de vinho e de licores alcoolicos.

Urethrite blennorrhagica, ou *Blennorrhagia*. Inflammação da urethra occasionada por uma copula impura; é devida ao contagio; é produzida pelo contacto do pus da vaginite blennorrhagica. Esta urethrite acha-se descripta no artigo **BLENNORRHAGIA**, v. I, p. 355.

§ 9. **Nevralgia da urethra**. Dôr nervosa ao longo do canal da urethra. *Veja-se* vol. II, pag. 474.

URGEBÃO. *Veja-se* **VERBENA**.

URIA GE. França. Aguas sulfurosas e salinas, tepidas. — Itinerario de Pariz a Uriage : Estrada de ferro por Chambéry até á estação de Gières-Uriage, 14 horas; omnibus d'esta estação até Uriage, 1 hora. Despeza : 73 francos.

Uriage não é cidade nem aldeia : é uma agglomeração de casas de bello aspecto, que todas tem por objecto o serviço das aguas. O estabelecimento thermal está situado ao pé dos Alpes francezes,

a 12 kilometros da cidade de Grenoble, n'um lugar admiravel. É sobre as ruinas de vastas *thermas romanas* que forão lançados, em 1823, os primeiros fundamentos do Uriage moderno, que se tornou pouco a pouco um dos grandes estabelecimentos de França. O estabelecimento pôde conter actualmente cerca de 1800 pessoas. Apartamentos completos e confortaveis são dispostos para familias; alguns mesmo com cozinha; entretanto que as pessoas sós achão nos numerosos hoteis grande escolha de quartos ao alcance de todas as bolsas. Um grande e pequeno *café*, cinco *restaurantes*, offerecem todas as facilidades para jantar em separado, ou á mesa redonda. Um *club*, com suas dependencias, entre' as quaes, um *gabinete de leitura* e um magnifico *salão de dança*, offerece aos banhistas um descanso e distracções para todas as horas do dia. O *culto catholico* está regularmente organizado n'uma grande capella ornada de quadros de mestres; e o *culto protestante* celebra-se todos os domingos n'um local conveniente.

Fontes. Ha duas fontes mineraes.: uma *ferruginosa*, que se emprega como bebida nos casos em que o ferro está indicado; a outra é *sulfurosa e salina*. Esta segunda fonte, que é a unica á qual Uriage deve a sua reputação, é tambem a unica que nos deve occupar. Eis-aqui a sua composição, segundo Lefort. — 1 litro d'esta agua contém :

Azoto a 0 gráo e a 760 ^m	19 ^{cc} ,5	
Acido carbonico livre.	3 ^{cc} ,2	
— sulfhydrico.	7 ^{cc} ,3443	
Chlorureto de sodio..	6 ^g ,0569
— de potassio		0 ^g ,4088
— de lithia .		0 ^g ,0078
— de rubidio }		imponderavel
Iodureto de sodio.		
Sulfato de cal..		1 ^g ,5205
— de magnesia		0 ^g ,6048
— de soda .		1 ^g ,1875
Bicarbonato de soda		0 ^g ,5555
Hyposulfito de soda.	..	indicios
Arseniato de soda..		0 ^g ,0021
Sulfato de ferro		imponderavel
Silica .		0 ^g ,0790
Materia organica		indicios
Total.. ..		<u>10^g,4229</u>

Esta agua tem, na nascente, uma temperatura de 27 grãos centigrados. É limpida ao sahir do rochedo; o seu cheiro é o de hydro-

geneo sulfureo, sabor hepatico e salgado, com um resaibo amargo. Segundo a quantidade, que se bebe, determina dois effectos differentes. Na dóse *alterante* (1 a 2 copos), é absorvida em grande parte, e annuncia a sua presença no organismo pela excitação das principaes funcções, e principalmente das funcções da pelle. Na dóse *purgativa* (4 a 6 copos), determina abundantes evacuações; é util, então, contra as congestões do cerebro.

Em banhos, a agua de Uriage, reúne a dupla acção das aguas chloruradas e das aguas sulfurosas : pelo que convem especialmente aos temperamentos lymphaticos. A sua temperatura natural de 27 grãos é insufficiente para os banhos; pelo que aquece-se com cylindros de ferro cheios de vapor, dispostos na parte inferior dos reservatorios d'agua mineral. Por este meio mantêm-se a agua na temperatura de 80 a 90 grãos, e como a agua da fonte tem já 27 grãos, basta ajuntar pequena quantidade d'agua aquecida para preparar um banho.

As duchas são perfeitamente organizadas em Uriage, assim como os banhos e as fumigações dos vapores sulfureos. Tambem ha salas de inalação d'agua pulverizada. Os banhos de soro de leite, uteis nas molestias nervosas, completão os recursos d'esta estação thermal. Duas vezes por dia, numerosas vaccas dão leite quente e substancial. Este leite, recentemente mugido, pôde servir para ser misturado com agua mineral, assim como para a alimentação das crianças; torna-se um adjuvante util da cura thermal.

Molestias tratadas em Uriage. A experiencia, ainda mais do que a analyse, tem demonstrado a grande efficacia das aguas de Uriage em muitas molestias chronicas que resistem á medicina ordinaria. Assim, a maior parte das molestias cutaneas, as que affectão o systema lymphatico, as fórmas tão variadas das escrophulas, as consequencias da syphilis, curão-se ali quasi infallivelmente. O seu uso é igualmente salutifero nas affecções nervosas, no rheumatismo e na gota. Emprega-se tambem com vantagem a agua mineral pulverizada para combater localmente as molestias cutaneas do rosto, a acne sobretudo. Debaixo d'esta fórma é igualmente proveitosa contra as laryngites chronicas, certas affecções dos olhos e das orelhas. As crianças fracas, lymphaticas, escrophulosas, que se desenvolvem difficilmente, experimentão ali melhoras sensiveis. As pessoas delicadas, os individuos enfraquecidos pelo excesso do trabalho, por antigas molestias, ou sómente pela vida debilitante das grandes cidades, as senhoras que se conservão fracas em consequencia de partos, as que se achão sob a influencia de certas affecções uterinas, as jovens chloroticas, recuperão ali as forças e a energia.

Estação. Muitas pessoas julgão que uma estação de aguas mine-
raes deve durar 21 dias. É um preconceito em nada justificado,
e muitas vezes compromette-se o resultado do tratamento, por
falta de uma demora mais prolongada. Um excellente methodo,
para as pessoas delicadas, ou nas affecções inveteradas, consiste
em fazer *duas estações* no mesmo anno, deixando um intervallo de
reposo entre as duas. É preciso então chegar muito cedo, no
meio do mez de maio ou no principio de junho, deixar passar os
calores de julho, e voltar no meado de agosto. O estabelecimento
abre-se officialmente em 15 de maio, e fecha-se em 15 de outubro,
mas realmente está sempre aberto, e podem ali tomar-se banhos
todo o anno.

As aguas de Uriage, cuidadosamente engarrafadas, e bem arro-
lhadas, conservão-se por muito tempo sem experimentarem
alteração.

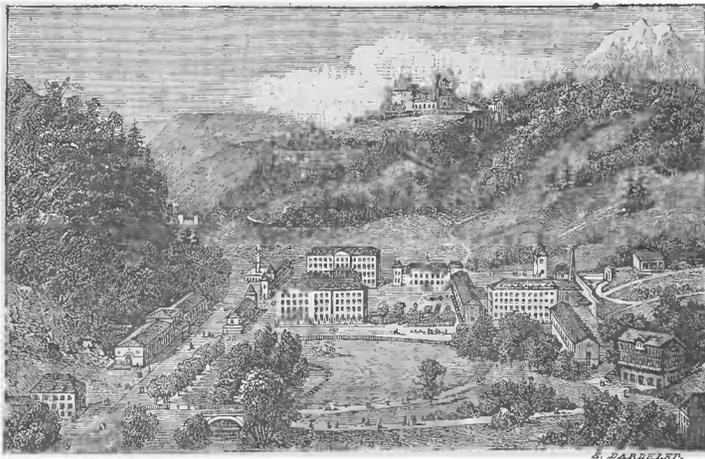


Fig. 474. — Estabelecimento thermal de Uriage.

URINARIAS (MOLESTIAS DAS VIAS). *Veja-se* OURINA.

URTICARIA. Dá-se este nome a uma affecção da pelle não
contagiosa, que apparece e desaparece com muita facilidade, e
que é caracterizada por manchas proeminentes mais ou menos
largas, mais vermelhas ou mais pallidas do que a pelle vizinha,
precedidas de pequena febre, acompanhadas de comichão muito
incommoda. O nome de *urticaria* foi dado a esta molestia por
causa da muita semelhança que existe entre as manchas
elevadas que a caracterizão e as que resultão da picada da
urtiga. Esta erupção occupa uma superficie mais ou menos

extensa, e dura algumas horas; desaparece e torna a apparecer no mesmo ou em outro lugar. Atormenta sobretudo os doentes durante a noite.

Causas. A urticaria ataca de preferencia as pessoas mui sensiveis. Ha individuos tão dispostos, que o menor attrito da pelle, a demora n'um lugar mui quente, n'um salão, no theatro, etc., determinão immediatamente a erupção. As emoções vivas de prazer ou de afflicção podem occasiona-la; as indigestões a produzem ás vezes; emfim, a urticaria complica diversas molestias.

Tratamento. Quando a urticaria é simples, quasi que não exige tratamento: uma dieta branda, alguns banhos mornos, clysteres de linhaça, uma limonada ou laranjada, compõem todo o tratamento. Quando existe indigestão, dá-se chá da Índia ou de macella. Se a comichão fôr mui viva, acalma-se com lavatorios d'agua fria misturada com vinagre. Ás vezes é preciso tomar um purgante.

URTIGA ou **ORTIGA.** *Urtica.* Genero typo da familia das Urticaceas, encerra plantas herbaceas ou sub-fructescentes, espalhadas por todo o globo, e todas cobertas de sedas que causão um ardor forte; este ardor é devido a um liquido caustico que mana de um tuberculo situado na base das sedas, e que se introduz na pelle; folhas oppostas ou alternas; flores dispostas em cachos na axilla das folhas. Estas plantas, ordinariamente vivazes, habitão nos lugares incultos, ao pé das muralhas, mas ás vezes tambem nos jardins bem cultivados.

Com os renovos da urtiga maior ou urtigão (*urtica dioica*), feitos em picado, fazem-se bolos para os perús, quando pequenos. Os talos cortados e deitados de mólho com o canhamo, produzem uma filassa de que se podem tecer panos. Os habitantes de Kamtchatka fazem redes de pesca com uma especie de urtiga. Em medicina, o extracto da urtiga menor (*urtica urens*) foi proposto contra as molestias de pelle, na dóse de 30 a 100 centigram. (6 a 20 grãos) por dia, em pilulas.

URUCÚ ou **Orucú.** *Bixa orellana*, Linneo. Bixineas. Arbusto elegante do Brasil. Fig. 475. Tem 4 a 5 metros de elevação; tronco recto, dividido em ramos que formão um topo copado; folhas alternas, pecioladas, cordiformes na base, acuminadas, inteiras e glabras; flores dispostas em paniculas terminaes; corolla de



Fig. 475. — Urucú.

côr branca rosea; o fructo é uma capsula eriçada de espinhos, contendo muitas sementes vermelhas que se empregão na tinturaria, e se usão no Brasil como expectorantes no defluxo e na bronchite, sob a fôrma de infusão. que se prepara com uma colher *de chá* de sementes de urucú e uma chicara d'agua fervendo. Prepara-se com estas sementes um xarope, que é peitoral e se administra na dóse de 30 a 60 grammas (1 a 2 onças) por dia. Empregão-se tambem as sementes na economia domestica para dar côr ao arroz cozido e a alguns outros alimentos.

O principal emprego do urucú é para a tinturaria. Para este fim, separa-se e rejeita-se o primeiro envoltorio do fructo. Pisão-se as sementes em celhas de páo, e diluem-se em agua quente. Deita-se tudo sobre um peneiro. A agua passa arrasando comsigo a materia corante e alguns destroços. Deixa-se fermentar sobre o residuo; coa-se e faz-se seccar a materia á sombra. Depois de reduzida á consistencia de massa solida, faz-se com ella pães de 2 a 4 libras, que se envolvem em folhas de bananeira ou de alguma outra planta. Deve-se escolher o urucú de um bello vermelho. Cede á agua fria um principio corante amarello; e ao espirito de vinho, assim como aos liquidos alcalinos, um principio corante vermelho de natureza resinosa; este toma a côr azul de anil pelo acido sulfurico concentrado. Emprega-se sobretudo o urucú para tingir a seda de amarello alaranjado; dá côres bellas mas pouco solidas. Usa-se tambem para dar côr aos vernizes, azeites, gorduras, manteiga e queijos.

URUPE-PIRANGA. *Boletus sanguineus*, Linneo. Cogumelo do Brasil, chamado em S. Paulo *Orelha de páo vermelha*. É semi-circular, face superior e inferior de côr alaranjada, coriáceo, delgado, pellicula superior com algumas zonas concentricas; pediculo lateral e muito curto. Prepara-se com elle um xarope, que é considerado como peitoral; exige porém cautela na sua applicação.

URZELLA. Pasta de côr vermelha-roxa empregada na tinturaria. Prepara-se com diversos musgos da terra ou do mar. Estes pertencem ao genero *Rocella*, cuja especie mais empregada é a *rocella tinctoria*, que vegeta sobre os rochedos maritimos de Cabo Verde, da Madeira, da Sardenha, da Corsega, das ilhas Canarias, dos Açores, e do Brasil. Os musgos da terra pertencem ao genero *Variolaria*, e habitão nas alturas dos Pyreneos, dos Alpes, etc. A urzella obtem-se deixando fermentar estes musgos com cal e ourina. Aperfeiçoamentos introduzidos n'esta industria, e que consistem especialmente em tratar os musgos pelo ammoniaco e pelos saes alcalinos, permitem excluir hoje a ourina da preparação da urzella.

UTERO ou **Madre**. Assim se chama o órgão que, na mulher e nas fêmeas dos animaes vivíparos, é destinado a conter o producto da concepção, durante todo o tempo do seu desenvolvimento. Anatomicamente, é um musculo ôco, assás semelhante pela fórma a uma pequena cabaça achatada de diante para traz, situado na parte inferior do ventre, por detraz da bexiga e por diante do recto,* debaixo dos intestinos, e por cima da vagina, com a qual communica. O seu comprimento é de 5 a 7 centímetros, a largura na base de 3 1/2 a 4 centímetros, a espessura das paredes de 1 centimetro pouco mais ou menos. A porção mais grossa está em cima, e denomina-se *corpo*; a porção mais pequena está em baixo, e chama-se *collo*. A cavidade do utero, na mulher que não está pejada, é tão pequena, que apenas póde conter uma amendoa; no estado de prenhez adquire muito maior extensão, pois que contém a criança.

MOLESTIAS DO UTERO.

§ 1. **Canero e scirrho do utero.** *Veja-se* vol. I, pag. 464.

§ 2. **Corpo** ou **Tumor fibroso do utero.** A degenerescencia fibrosa é a mais frequente de todas as que acommettem o utero. O Dr. Bayle não exagera declarando que se achão corpos fibrosos do utero na quinta parte dos cadaveres de mulheres mortas de outras molestias depois do seu trigesimo quinto anno. Os tumores fibrosos do utero são formados de um tecido de *natureza fibrosa*, isto é compostos de *fibras* amarelladas ou de um branco roseo cruzando-se em diferentes sentidos ou dispostas por camadas côncentricas. É um tecido novo, accrescentado ao tecido do utero, deposto na espessura das paredes d'este órgão, e formando um verdadeiro corpo separado.

Causas. As causas dos corpos fibrosos do utero não são conhecidas; observão-se geralmente na idade de trinta annos. No maior numero dos casos as mulheres ignorão a sua existencia.

Numero. Os corpos fibrosos são ordinariamente multiplos: ás vezes existe um só tumor no tecido do utero ou debaixo do seu envoltorio externo ou interno, as mais das vezes o seu numero é consideravel, sobretudo quando são de pequeno volume.

Fôrma. A fórma é ordinariamente arredondada ou achatada. Quando são numerosos, estes tumores deformão-se mutuamente, achatão-se por compressão, ou confundem-se e soldão-se em massas irregulares; apresentam então relevos na superficie.

Volume. As differenças do volume são ainda maiores do que as da fórma. Encontrão-se ás vezes na espessura do collo do utero muitos corpos brancos como lentilhas e mesmo mais pequenos;

são duros como cartilagem ; entretanto que sobre os diversos pontos do utero, existem outros do volume de um ovo, de um punho , e mesmo do de uma cabeça humana.

Conexões. É raro que os tumores fibrosos estejam unidos intimamente ao tecido do utero , as mais das vezes a adherencia tem lugar sómente por filamentos delgados , por pequenos vasos. Os tumores desprendem-se tão facilmente que se julgaria serem kystos.

Symptomas. Os symptomas differem segundo o lugar do utero que occupão os tumores fibrosos. Com effeito, estes tumores podem existir : 1º debaixo do envoltorio peritoneal ou externo do utero ; 2º no proprio tecido do utero ; 3º debaixo da membrana mucosa, isto é debaixo do envoltorio interno. Estes ultimos tem os mesmos symptomas que os polypos , que serão examinados n'um dos seguintes paragraphos ; tratarei só aqui da primeira e da segunda especie.

1º Os corpos fibrosos sub-peritoneos não produzem a principio symptoma algum particular ; por muito tempo as mulheres ignorão a sua existencia ; mas desenvolvendo-se comprimem mais ou menos os órgãos vizinhos do utero ; ha peso no hypogastro e na bacia ; apalpando descobre-se um tumor mais ou menos arredondado, duro, não doloroso. Augmentando de volume, o tumor comprime cada vez mais a bexiga e os intestinos ; entretanto é mais facilmente tolerado do que os tumores que tem outra origem, e a vida póde continuar, apesar da presença d'esta especie de corpo estranho.

2º Ignora-se tambem por muito tempo a existencia dos corpos fibrosos que nascem na propria substancia do utero. O seu desenvolvimento póde ser causa da menstruação difficil e irregular , de flores brancas. Entretanto as mulheres n'este estado podem ser fecundadas , e dar nascimento a crianças a termo. Mas no maior numero dos casos o aborto tem lugar, e o parto é difficil.* Os tumores, augmentando de volume, occasionão compressões dos órgãos contidos na bacia.

Prognostico. O prognostico da degenerescencia fibrosa não é grave, se se comparar com o prognostico das outras degenerescencias. O tumor póde ficar de pequeno volume por muitos annos, e n'este caso não occasiona grande incommodo.

Tratamento. O tratamento dos tumores fibrosos das duas primeiras especies, isto é dos que se achão debaixo do peritoneo e dos que existem na espessura do tecido uterino, reduz-se a combater as complicações quando se póde. Assim deve-se conservar o ventre livre com clysteres d'agua tepida simples, sonda-se a mulher quando a compressão existe do lado da bexiga e impede de urinar ; enfim quando ha gravidez, e quando chega o momento do

parto, deve-se recorrer ao forceps, e tomar cuidado com a hemorragia, que sobrevem ás vezes, porque o tumor impede as contracções do utero. Todas as preparações pharmaceuticas nada podem fazer contra semelhantes producções. É preciso por meio dos cintos, dos colletes convenientemente feitos, prevenir os incommodos que resultão do peso d'estes tumores. Só podem ser tirados com instrumentos cortantes os tumores que existem na cavidade do utero, e ainda mesmo n'este caso não se deve recorrer á operação, senão quando incommodão muito.

§ 3. **Engurgitamento do utero.** V METRITE CHRONICA.

§ 4. **Frouxo de sangue ou Hemorrhagia do utero.** Veja-se Vol. II, pag. 122.

§ 5. **Granulações uterinas.** Designa-se debaixo d'este nome uma affecção bastante commum do collo úterino caracterizada pela presença de pequenas excrescencias em fórma de pequenos grãos, offerecendo a estrutura de carnosidades.

Symptomas. Os symptomas podem ser locaes ou geraes. Quando se examina com especulo o collo uterino affectado de granulações, divisa-se uma superficie rubra, granulosa, de extensão variavel, com margens mais ou menos regulares. Esta superficie é coberta de muco, ou mesmo de pus, que provém ordinariamente da cavidade do collo, liquido que é necessario tirar para bem ver o lugar affectado.

As granulações sangrão ás vezes ao menor contacto, e ordinariamente não tem sensibilidade, assim como não é sensivel o collo uterino doente. Em geral, estas granulações são confluentes, e formão uma superficie mais ou menos regular; dão ao dedo uma sensação analoga á que produziria a superficie do velludo. — Os symptomas geraes são quasi sempre constantes. A menstruação faz-se mal, é irregular; ha dôres do lado do utero e sobretudo durante a copula, que muitas vezes produz um leve corrimento sanguineo. As dôres uterinas propagão-se ás cadeiras e ás virilhas. As granulações podem ser seguidas de ulcerações, e de fungosidades. O prognostico, aliás, não é grave.

O *tratamento* consiste em injecções com a solução de pedrahume, de tannino ou de perchlorureto de ferro, que são igualmente empregadas contra as ulcerações. Estas receitas estão indicadas na pag. 1136 d'este volume. Se as injecções não forem sufficientes para produzir a cura, será necessario recorrer á cauterização com pedra infernal.

§ 6. **Inflammação do utero.** Veja-se METRITE.

§ 7. **Kystos do utero.** Pequenos saccos sem abertura, que se desenvolvem sobre o collo do utero ou na cavidade do orgão;

contém um liquido mucoso ou seroso. O seu volume varia desde o de um feijão até ao de uma noz.

Os *symptomas* são de ordinario pouco evidentes; ha um corrimento mucoso, menstruação irregular, ás vezes leves dôres, mas, em todo o caso, nenhum signal bem caracteristico. Quando os kystos são pouco volumosos, e inteiramente contidos na cavidade do utero, o diagnostico é quasi impossivel. Não é assim quando apparecem fóra do utero. N'este caso o dedo introduzido na vagina póde fazer suspeitar da sua existencia, o especulo permite reconhecê-los. Ora são pequenos tumores, lisos, arredondados, situados sobre o orificio do utero, que, salvo uma pequena inchação, não perdeo a sua apparencia normal; ora é uma pequena proeminencia, rubra, que faz hernia atravez do orificio do utero chamado bocca de fencá.

Não se devem tratar senão quando são volumosos, e quando incommodão. Applica-se-lhes n'este caso o tratamento dos kystos em geral: incisão simples ou seguida de cauterização com pedra infernal; ou, então, excisão quando o kysto é pediculado.

§ 8. **Nevralgia do utero.** Dôres no utero, sem deslocação nem lesão organica d'este orgão. *Veja-se* vol. II, pag. 474.

§ 9. **Polypos do utero.** Dá-se este nome a tumores pediculados que se desenvolvem na superficie interna do utero. Uns são molles; chamão-lhes *polypos mucosos*; outros são duros: dá-se-lhes o nome de *polypos fibrosos*.

As *causas* dos polypos do utero são pouco conhecidas. As mulheres solteiras, as casadas, as que tiverão filhos e as que os não tiverão, podem ser igualmente affectadas de polypo; não se sabe a que influencia attribuir a sua origem.

Symptomas. Varião segundo os tres periodos da evolução dos polypos: 1º quando estas producções são ainda contidas na cavidade uterina; 2º quando descêrão para a cavidade do collo do utero; 3º ou quando fazem proeminencia na vagina.

No primeiro periodo os *symptomas* são pouco evidentes; ás vezes não existe desarranjo da saude, ou só a menstruação é mais irregular, mais longa, mais approximada. Se a mulher não é mais menstruada, sobrevem frouxos de sangue. Algumas doentes queixão-se de dôres no utero, nas virilhas, cadeiras, côxas; são incommodadas por flores brancas. — No segundo periodo, as dôres persistem nas cadeiras e nas virilhas; ha uma sensação de peso no perineo, prisão de ventre, incômodo insolito na parte superior da vagina. As vezes não existem outros *symptomas* senão flores brancas; outras vezes o polypo, tomando grande crescimento, sem poder atravessar o collo uterino que apresenta certa rigidez,

dilata o utero e simula a gravidez. Ao mesmo tempo apparecem frouxos de sangue abundantes e contínuos. — No terceiro periodo, o polypo descido á vagina exerce uma compressão mais ou menos forte sobre os órgãos vizinhos. A compressão sobre a bexiga produz frequente vontade de urinar e ás vezes certa difficuldade na excreção das ourinas. As paredes da vagina, irritadas pelo contacto do polypo, inflammão-se e fornecem um cõrrimento abundante. N'este periodo, como nos precedentes, existem hemorragias abundantes. Mais tarde, cmfim, o polypo mostra-se na vulva, e arrasta pelo seu peso o utero. Quando o pediculo do polypo é delgado, alonga-se de tal mânia que se rompe ás vezes, e a docnte fica curada naturalmente.

Quando o polypo não obstrue o orificio do collo uterino, a fecundação póde ter lugar e o parto póde fazer-se; mas as mais das vezes as mulheres abortão, ou o parto é difficil; póde ser seguido de hemorragia se o polypo impedir que o utero volte ao seu volume normal.

Em quanto o polypo está fechado na cavidade uterina, e ainda não atravessou o collo, o dedo introduzido na vagina não dá informação alguma. Mas a partir d'esta epoca encontra-se na vagina um tumor bem circumscripto e independente das paredes da vagina, mais ou menos volumoso, pyriforme, com grossa extremidade dirigida para baixo, e pequena extremidade ou extremidade pediculada dirigida do lado do utero. Póde-se reconhecer se o pediculo vem das margens do orificio uterino, da cavidade do collo, ou da cavidade uterina.

Diagnosticò. Em quanto os polypos estão fechados na cavidade uterina, só se podem ter presumpções sobre a sua existencia, pertencendo a outras affecções os signaes racionaes que os acompanhão. Quando os polypos atravessárão o collo uterino, o diagnosticò é muito mais facil; mas n'este caso, o tumor apresenta-se ás vezes com apparencias que simulão a descida do utero, assim como esta ultima affecção póde ser tomada por um polypo uterino.

Distingue-se a descida do utero de um polypo pelos caracteres seguintes: Na descida o tumor, de fórma conoide, tem a base em cima, o apice em baixo. No polypo, o tumor é tambem conoide, porém a sua base é em baixo, e o apice em cima. — Na descida o apice do tumor apresenta uma fenda transversal; póde-se introduzir uma sonda por esta fenda até ao interior do utero; a fenda não existe no polypo. Na descida, a redução do tumor é possivel; é impossivel no polypo.

Prognostico. O prognostico dos polypos ainda contidos no interior do utero, é differente segundo os casos. Não ha perigo quando

as mulheres não soffrem senão incommodos occasionados pelo volume e pelo peso d'estes tumores ; mas o caso é mais serio, quando sobrevem hemorragias frequentes e abundantes que enfraquecem. O prognostico depende do estado geral das doentes. É mais grave no estado de anemia, de inchação geral, de fraqueza. Varía tambem segundo a situação do polypo, segundo este occupar a cavidade uterina, ou que, proeminente na vagina, fôr mais accessivel aos meios cirurgicos ; segundo o pediculo fôr mais ou menos largo ; segundo o volume da producção morbida.

Tratamento. As senhoras só pela operação podem ser desembaraçadas dos polypos do utero ; mas, para pratica-la é preciso que o polypo já tenha sahido pela abertura do utero, ou que o collo do utero seja bastante dilatado para que se possam introduzir no utero os instrumentos necessarios.

As operações que se empregão na cura dos polypos são : *torsão, ligadura e excisão.* A torsão só convem aos tumores que sahirão do utero e tem o pediculo mui delgado. Imprimindo-se então ao tumor movimentos de rotação, rompe-se a sua raiz e obtem-se a cura. A ligadura faz-se com linha, apertando-se com ella a base do polypo : pouco a pouco o tumor mortifica-se e cahe. A excisão pratica-se com a tesoura curva. — As consequencias d'estas operações são mui simples. Os cuidados consistem em fazer injecções na vagina com decocção de linhaça.

Em quanto o polypo está contido na cavidade uterina, o unico tratamento que convem applicar consiste em combater as hemorragias ou modera-las pelos semicupios d'agua fria, injecções com agua fria e vinagre, com cozimento de ratanhia, infusão de rosas rubras, ou solução de pedrahume. Mas, se apesar do tratamento, as hemorragias continuarem, é preciso dilatar o orificio uterino ou praticar a sua incisão, para poder attingir o polypo e fazer a extracção. Em todos os casos, quer o polypo esteja ainda contido na cavidade do utero, quer proeminente na vagina não se deve praticar a operação, sem que a doente esteja determinada a isso por symptomas de certa importancia ; porque estas operações são sempre graves, e não produzem a cura senão por algum tempo, visto que os polypos, depois de extrahidos, crescem ordinariamente de novo e exigem nova operação no fim de alguns annos.

§ 10. **Prolapso, Quéda ou Sahida do utero, ou Madre de fóra.** — O utero está sustentado na sua posição por muitos ligamentos ; e, quando estes se achão relaxados, o utero póde descer á vagina, e até deixar-se ver exteriormente. Este accidente toma differentes nomes conforme o gráo de relaxação. Quando o utero desce um pouco, chama-se isto *relaxação* ou *abai-*

xamento ; quando chega ao nível da vulva, é o *prolapso* ou *quêda* ; emfim, se pende entre as coxas, a molestia toma o nome de *sahida do utero* ou *madre de fóra*.

As *causas* que predispõem a esta molestia são as flores brancas, os partos numerosos, a prisão de ventre, a largura da bacia. Observa-se sobretudo nas mulheres que tiverão filhos, bem que haja exemplos d'ella entre as mulheres que nunca ficarão gravidas, e até entre as solteiras. O *prolapso do utero* sobrevem ordinariamente em consequencia de esforços para erguer pesos, de quédas sobre os pés, joelhos ou nadeegas, de abalos produzidos pelo movimento de uma sege, dos esforços para lançar ou obrar, da tosse, espirros, saltos, dança ; póde tambem ser produzido pela posição vertical mui prolongada. Em algumas mulheres manifestão-se pelas mais leves causas.

Symptomas. Os *symptomas* offerecem algumas differenças conforme o gráo da deslocação. No primeiro gráo, n'aquelle em que o collo do utero não passou além da vulva, as pacientes experimentão dôres nas cadeiras e nas virilhas, um peso incommodo no perineo, puxos, maior ou menor difficuldade em urinar, e muitas vezes uma purgação. Introduzindo-se o dedo na vagina, encontra-se o collo uterino muito mais baixo do que no estado natural, e não ha então duvida alguma sobre a natureza da affecção que produz estes *symptomas*.

No segundo gráo, quando o utero apparece fóra da vagina, observão-se ainda os mesmos phenomenos, porém muito mais salientes ; convem accrescentar-lhes a irritação do tumor pelo contacto das ourinas e pelo andar : o tumor então incha e inflamma-se. A inspecção das partes é sufficiente para reconhecer a molestia ; é inutil tocar com o dedo. Distingue-se esta affecção do *polypo* com que tem alguma semelhança, porque no *prolapso* o orificio do utero sempre existe na parte inferior do tumor.

O *prolapso do utero*, mesmo quando é pequeno, é frequentemente acompanhado de dôres no estomago e desarranjo na digestão. As mulheres experimentão, ás vezes, uma sensação singular, que consiste em lhes parecer que de repente o ventre lhes fica vazio : esta sensação é sempre acompanhada de um quasi desmaio.

Geralmente, é difficil obter-se a cura do *prolapso do utero* ; só póde curar-se radicalmente quando é recente e pouco consideravel. Entretanto, esta molestia, ainda no seu mais alto gráo, não compromette a vida das doentes ; mas nem por issó deixa de ser muito incommoda.

Tratamento. É mui facil pôr o utero na sua situação natural, quando o *prolapso* está no primeiro gráo. Em muitas mulheres a

edução opera-se pela unica posição horizontal, ajudada ou não de eve pressão feita sobre o tumor. Mas não é tão facil mantê-lo no eu lugar : só o seu peso, a posição vertial, a simples elevação los braços por eima da eabeça, são sufficientes para produzirem o prolapso. Para curar-se radiealmente, é preciso que a doente se submetta ao repouso durante muitas semanas, estando sempre leitada ; que use duas vezes por dia de semicupios d'agua fria ; e faça, depois de cada banho, seringatorios adstringentes na vagina com um dos liquidos frios eujas receitas são :

1º Cozimento de raiz de ratanhia..	500 gram. (16 onças).
2º Agua :	1000 gram. (32 onças)
Pedrahume.	30 gram. (1 onça).
3º Infusão de rosas rubras	500 gram. (16 onças)
Tannino.	8 gram. (2 oitavas).

Depois de cada seringatorio, introduz-se na vagina a esponja molhada n'um d'estes liquidos e deixa-se por algumas horas : f'esta maneira a acção do remedio será mais prolongada e efficaz. Procedede-se do modo seguinte : molha-se uma esponja, do volume e comprimento do dedo pollegar, envolve-se em panno de linho molhado igualmente no mesmo liquido, e que se liga com uma linha a uma das extremidades da esponja ; um prolongamento d'este panno e a linha devem ficar de fóra, afim de servirem para a extracção. A mulher introduz este aparelho estando deitada.

Os banhos do mar são tambem uteis contra o prolapso do utero. Se estes meios forem insufficientes para obter a cura, recorra-se ao *pessario*. É um annel redondo ou oval, de marfim ou de um tecido de linho coberto de muitas camadas de oleo seceante, que se introduz na vagina, para manter o utero na sua posição natural. *Veja-se PESSARIO*.

Quando o utero sahio completamente, é, ás vezes, difficil reduzi-lo. Para fazer a redução n'este easo, faz-se deitar a mulher de costas, unta-se o tumor com azeite doce, e comprime-se com uma das mãos, em quanto se abre a vulva com a outra.

§ 44. **Ulceração do utero.** Designa-se debaixo do nome de *ulceração do utero* toda a solução de continuidade do collo uterino não occasionada por um ferimento, estendendo-se em superficie e em profundidade, entretida por uma causa geral ou local. Dividem-se em *ulcerações inflammatorias*, e em *ulcerações cancerosas*. Occupar-me-hei só das primeiras, não sendo as outras senão um epiphenomeno do canero, molestia descripta no vol. I, pag. 464. Ha tres variedades de uleerações inflammatorias do utero :

1ª *Ulcerações superficiaes*. Ás vezes a molestia é tão superficial que não existe senão uma simples vermelhidão, de que é quasi

impossível determinar os limites. Logo depois a ulcera profunda-se mais e invade maior ou menor espessura da membrana mucosa; as margens da ulceração achão-se muitas vezes inchadas. Observão-se as ulcerações sobre todos os pontos do collo, mas particularmente sobre o labio posterior da bocca de ténca. Quando a lesão é superficial, o collo perde simplesmente o brilho, é mais vermelho do que no estado normal; quando é mais profunda, o collo é molle, de um rubro violaceo, desigual, apresentando proeminencias devidas a folliculos inflammados; a superficie ulcerada cobre-se de uma camada de mucosidade; enfim se a ulceração invadir a cavidade do collo, este orgão fica meio aberto.

2ª *Ulcerações granulosas.* A ulcera é mais excavada do que na especie precedente; as suas margens são salientes, as carnosidades que a cobrem levantão-se acima das superficies vizinhas e sangrão ao menor contacto. O collo do utero está deformado, os seus labios inchados, o orificio ligeiramente aberto.

3ª *Ulcerações fungosas.* Esta fórma é em geral consecutiva ás precedentes; é caracterizada por tumores vasculares salientes.

As ulcerações do collo do utero são quasi sempre acompanhadas de um engurgitamento d'este orgão, ás vezes de uma verdadeira hypertrophia; o collo adquire então dimensões enormes, e póde attingir o volume do punho de um adulto. Nas mulheres que tiverão filhos, o collo hypertrophiado está dividido em muitos lobos endurecidos, que tem sido tomados por cancro.

Symptomas. As doentes tem um corrimento mucoso-purulento cuja abundancia não está em relação com a extensão da ulceração; em alguns casos sobrevem espontaneamente um corrimento sanguineo. Ás vezes as ulcerações não determinão dôr alguma; outras vezes, os soffrimentos são mui vivos; apparecem de ordinario nas epochas menstruaes, e fazem-se sentir nas cadeiras, na região hypogastrica, nas virilhas, coxas, etc. Não é raro observar perturbações nas funcções digestivas: perde-se o appetite, existe muitas vezes uma prisão de ventre muito rebelde. Esta affecção é essencialmente chronica; nenhuma tendencia tem para sarar espontaneamente.

Diagnosticó. As ulcerações inflammatorias differem das ulcerações cancerosas; estas tem as margens duras e elevadas, e fornecem uma suppuração fetida. Mas os caracteres são variaveis, e o exame directo não basta sempre para determinar exactamente a natureza da ulceração. É preciso então considerar os symptomas geraes, e lembrar-se de que a ulcera cancerosa é acompanhada de tez amarella, emmagrecimento e outros desarranjos de saude que não existem nas ulceras simplesmente inflammatorias.

Causas. A ulceração do collo é uma affecção mui frequente. É muitas vezes consecutiva á inflammação do utero, e ás flores brancas. Apparece de 25 a 30 annos. O temperamento lymphatico, a habitação nas cidades, os partos repetidos são considerados como causas predisponentes. Succedem ás vezes ás verdadeiras erupções do collo uterino, semelhantes ás que apparecem na pelle.

Tratamento. Muitos medicamentos tem sido propostos contra as ulcerações simples do collo uterino; são as injecções com a solução de pedrahume, de tannino, de perchlorureto de ferro; as applicações de fios embebidos da tintura de iodo; mas o meio mais seguro é a cauterização com pedra infernal. Estes meios devem ser acompanhados de semicupios d'agua tepida. Eis-aqui as receitas :

1^a *Injecção com a solução de pedrahume.*

Pedrahume..	: . .	60 grammas (2 onças)
Agua ..	.	1 litro (32 onças).

2^a *Injecção com a solução de tannino.*

Tannino.		8 grammas (2 oitavas)
Agua		1 litro (32 onças).

3^a *Injecção com perchlorureto de ferro.*

Perchlorureto de ferro liquido		
a 30 grãos.		30 grammas (1 onça)
Agua..		1000 grammas (32 onças).
4 ^a Tintura de iodo		15 grammas (1/2 onça).

UTUAPOCA. *Veja-se* MARINHEIRO DE FOLHA LARGA.

UVA. Fructo da parreira, *Vitis vinifera*, Linneo, arbusto da familia das Ampelideas, cultivado na Europa, commum em Portugal, e que vegeta tambem no Rio de Janeiro. Apresenta-se sob a fórma de cachos, formados pela reunião de grande numero de bagas fixas a um pedunculo commum chamado *engajo*. Varía o volume, a côr e o sabor da uva, conforme as variedades que produz a cultura; assim, as uvas são redondas, ovaes, de côr esverdeada, amarella, vermelha ou preta, mais ou menos adocicadas, fig. 476. Este excellente fructo goza de propriedades laxativas e diureticas; serve para a preparação do vinho. As uvas seccas ao sol chamão-se *passas*, e comem-se na sobremesa. Neste mesmo estado empregão-se em medicina. A mistura de partes iguaes de passas, tamaras, jujubas e figos, constitue o que se chama nas boticas *quatro fructos peitoraes*, que são empregados para a preparação dos cozimentos peitoraes.

A uva está madura quando o pediculo do cacho se torna roxo, quando o cacho pende, quando o envoltorio da uva cede debaixo

do dedo. Pisão-se as uvas para extrahir o succo de que se faz o vinho. Poucas substancias naturaes nos ministrão um tão grande numero de alimentos e medicamentos; são : as uvas maduras e recentes, as passas, o arrobe, o vinho, o vinagre, a aguardente, o cremor de tartaro, a potassa, etc., etc.

UVA URSINA. *Arbutus uva ursi*, Linneo. Ericaceas. Pequeno arbusto que vegeta nos paizes montanhosos da Europa meridional. Caules avermelhados, deitados, do comprimento de 25 a 35 centímetros; folhas alternas, coriáceas, obovadas, brilhantes, de sabor muito adstringente; flores brancas, levemente purpuras na base; fructo, baga globosa, vermelha, da grossura de um grão de groselha, de sabor um pouco acido. As folhas gozárão de certa celebridade contra as areias, e são ainda hoje empregadas como diureticas. Em pó administrão-se na dóse de 2 a 4 grammas ($\frac{1}{2}$ a 1 oitava); e em infusão na de 10 grammas ($2 \frac{1}{2}$ oitavas) para 1000 grammas (32 onças) d'agua fervendo.

UVALHEIRA. *Eugenia uvalha*, Camb. Myrtaceas. Pequeno arbusto do Brasil; habita especialmente na provincia de S. Paulo. Os fructos (*uvalhas*) são umas bagas amarellas e succulentas, de cheiro agradável, de sabor ora acido, ora doce-acidulo. São comestiveis; com as uvalhas acidas se preparão xaropes e limonadas refrigerantes. Ha tambem *uvalhas do campo*, que são os fructos da *Eugenia pyriformis*, Camb.; são doces e menores que os do arbusto precedente.

UXI. *Uxi umbrosissimus*. Chrysobolaneas. Arvore da Flora brasileira; habita pelas florestas da provincia do Pará. Arvore colossal, bastante frondosa, de folhagem espessa, sendo a côr de um verde escuro; os seus fructos, verdadeiras drupas indehiscentes, abundantissimos e aromaticos, são mui estimados como alimento pelo seu pericarpo, ou ligeira massa que reveste a drupa, o qual

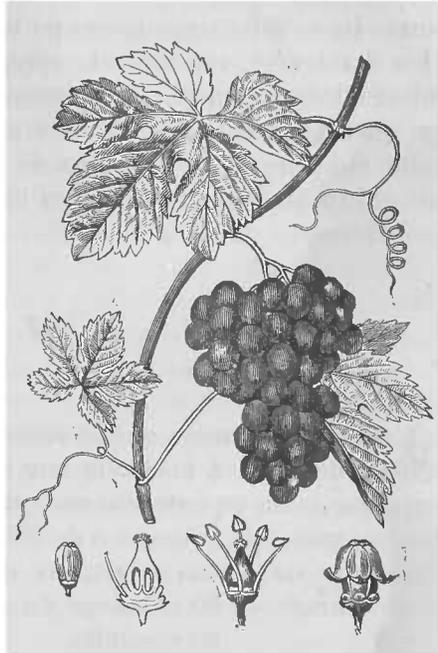


Fig. 476. — Cacho de uvas pretas.

é doce, delicioso ao paladar, embora um pouco aspero. O caroço do fructo é recommendado pelo Sr. Dr. Castro, do Pará, como proprio para atalhar os escarros de sangue e as hemorragias uterinas. Dá-se internamente em pó tenue, na dóse de 4 a 8 gram. (1 a 2 oitavas), em vehiculo apropriado, por exemplo em uma infusão de rosas rubras, ou cozimento de althca. Esta dóse toma-se em quatro partes iguaes, de hora em hora. O dito caroço é extremamente duro, e só por meio de uma groza de ferro póde ser reduzido a pó, ficando este mui fino, e em fórma de felpa bastante leve.

V

VACCA. Chama-se *vacca* a femea da especie bovina, em idade perfeita de parir. A idade em que as vaccas devem principiar a empregar-se na reproducção varia desde 18 mezes até 3 annos. A duração média da gestação é de 283 dias ou cerca de nove mezes. Uma vacca dá, termo médio, por dia, depois de parir :

Durante os 60 primeiros dias.	:	10	litros de leite.
— 90 seguintes		8	—
— 60 —		6	—
— 30 —		4	—
— 40 —		3	—

Ou, durante 280 dias, 1,920 litros.

Os productos medios extremos que forão notados, são :

Producto minimo. . .	1,489	litros.
Producto maximo... . .	2,662	—

Durante os primeiros dias consecutivos ao parto, o leite não é proprio para o consumo; é muito seroso e não contém caseo; corrompe-se depressa, mas não se azeda. Sendo o leite o principal producto das vaccas, importa, por consequinte, escolher as que o dão em maior quantidade e de melhor qualidade. Infelizmente, a escolha nem sempre é facil. Em geral, as vaccas boas leiteiras tem raras vezes fórmas que agradem á vista : muitas vezes são magras e mal conformadas; outras, entretanto, tem as fórmas bem contorneadas. Uma boa vacca leiteira deve ter a pelle macia, a parte posterior do corpo relativamente mais larga do que a anterior, as pernas curtas e delgadas; as tetas grandes, redondas e duras quando cheias, pequenas e flaccidas depois de mungidas; as veias mamarias volumosas, muito visiveis e mais ou menos tortuosas.

Os alimentos das vaccas influem, não sómente na quantidade, mas também na qualidade e no gosto do leite. O leite das vaccas mal nutridas é branco e magro. As cenouras córão o leite; as raizes de salsa hortense lhe dão um gosto agradável; acontece o mesmo com o tomilho, salva, funcho, cominhos, bagas de zimbro, folhas de aipo : um punhado d'estas plantas basta para a ração de cinco vaccas. As vaccas são tão facéis de engordar como os bois; a sua carne é boa e tem até a fibra mais fina do que a do boi, porém reputa-se de qualidade inferior, porque se não engordão as vaccas senão depois de velhas, quando já não dão leite passados 10 annos de idade, e as mais das vezes nem são engordadas, tendo sido esgotadas pelos partos e producção do leite : todavia, se fossem convenientemente engordadas ainda novas, seria a sua carne tão boa como a do boi. *Veja-se BOI, TOURO, VITELLO.*

VACCINA. Virus particular, dotado da propriedade de preservar das bexigas, e chamado *vaccina*, porque foi colhido primitivamente das borbulhas das vaccas. As vaccas tem, ás vezes, nos ubres botões ou borbulhas, que se chamão *cow-pox* em Inglaterra. A materia contida n'estes botões, communicada ao homem, produz botões inteiramente semelhantes, e susceptiveis de transmittir, pelo mesmo meio e infinitamente, a mesma erupção a outras pessoas. Esta erupção offerece a admiravel particularidade de preservar do contagio das bexigas, ou ao menos de diminuir-lhe os effeitos. Antes d'esta descoberta, a *inoculação* era o unico recurso para impedir os funestos effeitos das bexigas, communicando-as em circumstancias favoraveis. Consistia esta operação em introduzir sob a pelle a materia das bexigas, colhida com uma lanceta pela picada de um botão de bexigas. Mas a inoculação está substituida ha oitenta annos pela *vaccina*. Assim se chama também a erupção de um ou mais botões produzida pela inserção do virus vaccinico. Eis-aqui como o Dr. Jenner chegou a fazer esta preciosa descoberta. No condado de Gloucester, em Inglaterra, este medico, cujo nome será para sempre memoravel, observou nas grandes inoculações de bexigas que se praticavão cada anno, que em certos individuos, que se occupavão de ordenhar vaccas, não pegava a molestia. Soube depois que estes individuos tendo esfoladuras nos dedos contrahião botões semelhantes ao *cow-pox* das vaccas. Concluiu d'isso que, inoculando a materia d'esta erupção a todas as outras pessoas, poderia preserva-las igualmente das bexigas. A experiencia justificou plenamente as suas esperanças; e esta grande descoberta foi proclamada em 1798. Acolhida ao principio com alguma prevenção, a vaccina não tardou entretanto a passar da Inglaterra aos outros paizes : todos os governos esforçarão-se por

fazer gozar os seus povos d'este grande beneficio, e hoje a vaccina acha-se espalhada por todo o globo. As suas vantagens são immensas, pois que substitue uma molestia sem consequencia a uma molestia grave de que ninguem póde julgar-se isento, e que causa horribéis deformidades, mutilações deploráveis, e muitas vezes a morte.

Consistindo o resultado da vaccina em prevenir as bexigas, é preciso, por conseguinte, não haver demora em vaccinar as crianças. Se não houver epidemia de bexigas, nenhum inconveniente occorre em se differir esta operação até ao segundo ou terceiro mez; no caso contrario, convem vaccinar alguns dias depois do nascimento.

Maneira de vaccinar. Chama-se *vaccinação* a operação pela qual se enxerta o fluido vaccinico tirado de outra pessoa. Póde-se vaccinar indistinctamente em todas as partes do corpo, mas de ordinario escolhe-se a parte *superior e externa do braço*. Importa muito, nas meninas, vaccinar na região superior e externa do braço, na sua parte muito alta, para que não se vejam as marcas de vaccina, quando, depois de chegadas á idade de 18 annos, usarem de vestidos com mangas curtas. Eis-aqui como se procede. Emprega-se geralmente uma lanceta molhada no liquido vaccinico (fig. 477).

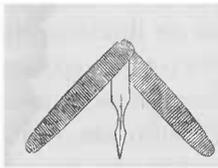


Fig. 477.

Lanceta para vaccinar.

Depois de pegar no braço da criança e estender a pelle com a mão esquerda, o vaccinador com a mão direita introduz obliquamente a ponta da lanceta, a meia ou uma linha de profundidade debaixo da pelle; demora-se assim alguns instantes, e depois tira a lanceta. (Fig 478). Ordinariamente dão-se tres ou quatro picadas em cada braço. Em vez da lanceta póde empregar-se uma agulha; de maneira que qualquer pessoa, ainda que não seja medico, póde vaccinar. Se para embeber a lanceta ou agulha não se puder molhar n um botão vaccinal, o que se chama vaccinar de *braço a braço*, empregue-se o pus vaccinico conservado entre dois vidros: então dilua-se na menor quantidade d'agua fria possível, agitando-o por alguns minutos com a ponta da lanceta, até que esta mistura adquira alguma opacidade. Para ser de boa qualidade, o pus vaccinico deve colher-se do setimo ao nono dia depois da vaccinação. É preciso que seja transparente, sem côr, ou levemente amarello, e viscoso se é liquido, ou de apparencia gommosa se está secco. Os botões desenvolvem-se com maior certeza, quando se vaccina de braço a braço, do que quando se extrahê o virus de laminas de vidro.

A vacinação póde-se fazer tambem na parte interna da perna, perto da barriga da perna.

Symptomas da vaccina.

Uma vez introduzido o virus no corpo, desenvolve-se uma serie de symptomas que passo a descrever. Nos primeiros dias, não se vê cousa alguma, além dos caracteres inseparaveis de qualquer picada. Do *terceiro ao quarto* dia, distingue-se, em cada picada, um ponto vermelho, principio de um botão que se torna mais aparente no *sexto* dia consecutivo á vaccina-



Fig. 478. — Maneira de vaccinar.

ção. (Fig. 479, *a*). No *setimo* dia, o botão alarga-se, achata-se, afunda-se levemente no centro, e toma côr branca tirante a azul; ao mesmo tempo, a base fica envolta em um circulo vermelho que augmenta pouco a pouco. No *oitavo* dia, o botão cresce em volume; a materia que elle contém adquire côr mais escura; o circulo vermelho muito estreito que até então o cingia fica de côr mais viva; a inflamação propaga-se ao tecido cellular subcutaneo (*b*). No *nono dia*, o botão circular é mais largo, mais elevado, mais cheio de materia, e é cingido de um circulo vermelho (*c*). No *decimo dia*, este circulo augmenta de extensão; a pelle subjacente fica inchada; e no botão distingue-se com a lente grande numero de pequenas vesiculas cheias de um fluido transparente (*d*). Nesta epoca, o vaccinado experimenta um calor mordicante, peso, comichão e um movimento febril. No *undecimo dia*, o botão vaccinal tem 2 a 4 linhas de diametro, é de côr de perola, duro, resistente e ligado á pelle (*e*). Do undecimo dia em diante, o botão principia a secçar, e a crosta negra, dura, que lhe succede, cahe do *decimo oitavo* ao vigesimo-setimo dia, deixando em seu lugar uma cicatriz indelevel.

O desenvolvimento da vaccina nem sempre é tão regular: assim, em algumas circumstancias raras, os botões não apparecem senão no vigesimo ou trigesimo dia; em outras, em vinte e quatro ou trinta e seis horas. Às vezes, a vaccina percorre a sua marcha em oito ou dez dias. O effeito preservativo é entretanto o mesmo. Não é raro que os botões vaccinicos se desenvolvão em pontos do corpo

nos quaes a inoculação não foi praticada; resultão de uma infecção geral. Ordinariamente o numero dos botões que se desenvolvem é menor que o das picadas: acontece, ás vezes, que não se desenvolve senão um só botão: a vaccinação nem por isso é menos efficaz; mas n'este caso não se deve abrir o botão. — Depois da operação não ha cautela alguma que tomar, não deve haver mudança nos costumes do vaccinado, nem em seus alimentos; preservar-se-hão sómente os botões de toda a especie de attrito ou compressão.

Em algumas pessoas, causas não conhecidas oppõem-se ao desenvolvimento da vaccina; nas crianças recém-nascidas, de tres ou quatro dias, a vaccinação falha ordinariamente duas vezes contra tres; pega bem noventa e oito vezes contra cem, seis semanas depois do nascimento. Se a primeira vaccinação não fôr seguida do desenvolvimento dos botões, será preciso repetir a operação, duas, tres, dez e mais vezes; variar as epochas, as estações, até haver toda a certeza de que o individuo é inteiramente rebelde á vaccina, ou que a sua organização é tão feliz, que está livre do tributo que pesa sobre as outras pessoas. Mas esta immu-

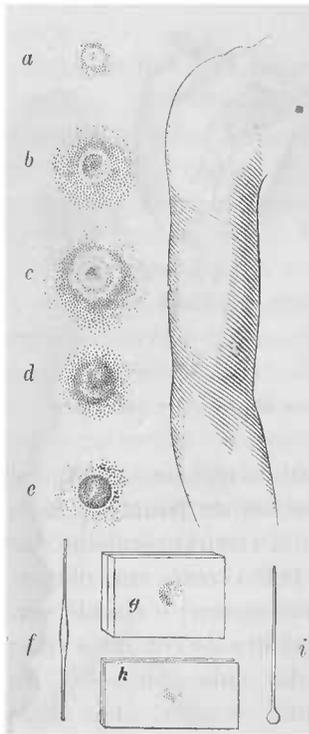


Fig. 479. — Vaccina.

nidade para contrahir a vaccina não é duravel; pôde cessar depois de mezes ou annos.

Maneira de conservar a vaccina. A vaccina é um liquido transparente, viscoso, sem côr nem cheiro, que se parece com o humor dos causticos. O caracter essencial da vaccina preservativa é a viscosidade: quando se pica uma borbulha com a ponta da lanceta, o licor vaccinico deve sahir lentamente, e reunir-se em um globulo; uma gotta deve fazer fio entre os dedos como se fosse xarope. Tal é ordinariamente a vaccina no setimo e oitavo dia depois da inoculação, epocha em que se deve empregar para vaccinar outros individuos.

Quando não se pôde vaccinar de *braço a braço*, isto é, inocular immediatamente a um individuo o fluido vaccinico tomado no mesmo instante em outro individuo, recebe-se este fluido entre dois vidros (fig. 479, *g*, *h*), que se cobrem depois exactamente

com papel. Póde-se tambem conservar o fluido vaccinico em tubos de vidro de 6 linhas de comprimento e capillares nas pontas (*i, f*) Para carrega-los de vaccina, fazem-se muitas picadas nas borbulhas vaccinaes, e aproxima-se successivamente das gottas de vaccina a extremidade mais delgada d'estes tubos, nos quaes o fluido se introduz em virtude da capillaridade que possuem; quando o tubo está quasi cheio, fechão-se-lhe as extremidades, aproximando-as de uma vela accesa, e cobrindo-as com lacre. Para poder transportar estes tubos sem quebra-los, mettem-se em canudos de penna cheios de serradura de madeira, que se fechão depois com cera. A vaccina assim colhida conserva a sua virtude por muitos annos. Para se servir d'ella, quebrão-se as duas pontas do tubo, adapta-se a uma d'ellas um pequeno tubo de palha, e tendo posto a outra extremidade sobre uma lamina de vidro, sopra-se brandamente: o fluido vaccinico corre assim do tubo para a lamina, e emprega-se como quando se vaccina de braço a braço.

Vaccina falsa ou *espuria*. Em lugar de uma boa vaccina, que acabo de descrever, como typo, vê-se, ás vezes, uma *vaccina falsa*. esta não tem nem a mesma fórma, nem a mesma marcha, e não preserva das bexigas. A vaccina falsa não contém depressão central, nem côr branca azulada; o botão eleva-se em ponta, o apice abre-se e deixa sahir uma materia amarella. O que distingue sobretudo a boa vaccina da falsa, é que esta apparece no primeiro ou segundo dia, e faz progressos tão rapidos, que adquire todo o seu desenvolvimento no tempo em que a verdadeira vaccina apenas se mostra. No setimo dia tudo está acabado, entretanto que n'este lapso de tempo, o verdadeiro botão contém a vaccina em toda a sua força. A falsa vaccina desenvolve-se ás vezes sem causa determinada, mas ordinariamente procede de ter sido o individuo já vaccinado ou já ter tido bexigas; procede tambem de ter o pus vaccinico mais de nove dias, ou emfim de haver a criança com as unhas cõçado a feridinha.

Até ao anno de 1815 não houve duvida alguma sobre a virtude preservadora da vaccina; mas n'aquella epoca observou-se em França um exemplo de bexigas em um individuo vaccinado. Na epidemia de bexigas em Edimburgo em 1818, na de Londres e de Pariz em 1825, na de Marselha em 1828, virão-se pessoas vaccinadas contrahirem a molestia, da qual algumas succumbirão. Estas tristes observações inspirarão poderosas duvidas sobre a virtude preservadora da vaccina. Mas tambem é facto observado que mesmo as bexigas naturaes nem sempre preservão por toda a vida de novo ataque, e que entretanto, quando repetem, só é em epoca remota da primeira. A virtude preservativa que tem

as bexigas naturaes está no seu auge immediatamente depois da molestia, e vai-se depois enfraquecendo gradualmente. Bascando-se n'estes factos, muitos medicos fizcrão pesquisas, e chegarão a esta solução : que o virus vaccinico perde com o tempo a sua propriedade preservativa, e que convem revaccinar. Mas no fim de que tempo se deve recorrer a esta nova operação? Segundo os documentos que a sciencia possui a este respeito, o intervallo de dez a doze annos é aquelle após o qual os ataques das bexigas se tornão mais communs : assim, poder-se-hia revaccinar no fim d'este tempo. Esta providencia é sobretudo indispensavel durante uma epidemia de bexigas. Quando uma pessoa sómente ganhasse n'isto a tranquillidade, seria motivo bastante para não desprezar segunda vaccinação.

VÁGADO. Esta palavra tem diversas significações. Ordinariamente quando se diz : *deo um vágado*, isto significa *cahir em desmaio*. (Veja-se DESMAIO). Outras vezes, esta palavra designa uma *vertigem*, ou um ataque de *epilepsia*.

VAGINA. A vagina é um canal membranoso mui extensivel, estendido da vulva até ao utero. A extremidade exterior ou vulvaria da vagina é notavelmente mais estreita que o resto do canal. Nas virgens, este orificio é em parte fechado embaixo por uma membrana em fórma de meia lua, que se chama *membrana hymen*. Entretanto, esta membrana póde faltar originariamente, sem que a mulher tenha perdido a sua virgindade.

MOLESTIAS DA VAGINA.

I. **Fistula vesico-vaginal.** *Veja-se* Vol. I, pag. 1149.

II. **Inflamação da vagina** ou VAGINITE. A inflamação da vagina póde ter tres fórmas : a vaginite simples, a vaginite blennorrhagica, e a vaginite granulosa.

A *vaginite simples* é occasionada pela falta de asseio, pela introdução de corpos estranhos, como, por exemplo, de pessarios, pelos excessos venereos, pela primeira copula com um homem são. Os symptomas são : vermelhidão da membrana mucosa, dôres geralmente pouco vivas, corrimento mucoso-purulento. Não é contagiosa.

A *vaginite blennorrhagica*, pelo contrario, succede sempre ás relações com um individuo affectado de esquentamento. A membrana mucosa fica rubra, injectada, e observão-se mesmo exco-rições superficiaes ; fornece um pus abundante, de um amarello esverdeado, essencialmente virulento. O seu contacto sobre a membrana mucosa do canal da urethra determina a blennorrhagia no homem ; este pus, levado por inadvertencia aos olhos, produz

uma molestia muito grave chamada conjunctivite blennorrhagica. Propagando-se a inflamação aos vasos lymphaticos, a vaginite é frequentemente acompanhada de inchação das glandulas da virilha. É igualmente frequente vê-la acompanhada de uma urethrite, determinada pelo contacto do pus com o orificio das vias urinarias.

A *vaginite granulosa* é um estado inflammatorio da membrana mucosa da vagina, na qual esta membrana se cobre de granulações rubras, produzindo pela sua reunião o aspecto dos grãos de um morango. Encontrão-se estas granulações nas vaginites que durão. Podem ser consecutivas a uma vagiuite blennorrhagica, mas observão-se tambem fóra de qualquer affecção contagiosa; existem nas mulheres affectadas de leucorrhœas antigas. O dedo, introduzido na vagina, dá uma sensação que revela a presença das granulações; o exame por meio do especulo permite reconhecêr uma reunião de pequenas granulações isoladas, do volume de um grão de milho painço. Ha um corrimento de pus abundante, branco ou amarellado.

Tratamento. A principio, quando a vaginite, de qualquer fórma que seja, se acha no periodo agudo, é preciso usar de banhos d'agua morna, e de injeções emollientes, taes como a decocção de linhaça, de raiz de althea, ou de folhas de malvas; passa-se depois ás injeções adstringentes (alumen, tannino, ratanhia, etc.). Um bom meio consiste em introduzir na vagina uma bola de pasta de algodão molhada em espirito de vinho, que se reforma cada 24 horas. As injeções com solução de azotato de prata são tambem uteis. A estes meios é preciso acrescentar, na vaginite blennorrhagica, o uso interno de copahiba e de cubebas, (*veja-se* vol. I, pag. 361).

RECEITUARIO CONTRA AS VAGINITES.

Injecção com alumen.

Alumen.	30 grammas (1 onça)
Agua.	1 litro (32 onças).

Injecção com tannino.

Tannino..	8 grammas (2 oitavas)
Agua . .	1 litro (32 onças).

Injecção com cozimento de ratanhia.

Raiz de ratanhia	30 grammas (1 onça)
Agua	1 litro (32 onças).
Ferva, e cõe.	

Solução de azotato de prata.

Agua distillada.	60 grammas (2 onças)
Azotato de prata	1 gramma (20 grãos).

A injeção faz-se com pequena seringa de vidro. Para cada injeção não se deve empregar mais de 30 grammas (1 onça) de liquido, por ser este bastantemente forte.

III. Kystos da vagina. São *superficiaes* ou *profundos*, segundo occupão a entrada da vagina ou uma parte mais profunda. Qualquer que seja a sua séde, apresentam-se debaixo do aspecto de um tumor de volume variavel, liso, fluctuante, não doloroso á pressão; causão ás mulheres mais incommodo do que dôr. O liquido que contém é ordinariamente claro e transparente, ás vezes avermelhado e viscoso. É preciso abrir largamente estes kystos, e cauterizar depois a sua face interna com pedra infernal.

IV Nevralgia da vagina. *Veja-se* vol. II, pag. 475.

V. Polypos da vagina. Os polypos desenvolvidos nas paredes da vagina não são frequentes. Podem ser fibrosos ou mucosos. Quando o seu volume é bastante consideravel, podem pôr algum obstaculo ás relações sexuaes ou ao parto; aliás, não causão dôr; a sua presença determina só um incommodo e uma sensação de peso. Conhecem-se facilmente pelo tacto e pelo exame com o especulo; a simples inspecção basta para reconhecê-los, quando fazem proeminencia pela vulva. É preciso tira-los pela ligadura ou excisão.

VI. Prolapso, Queda, Sahida, ou Relaxação da vagina. O prolapso da vagina é caracterizado por um tumor formado pela proeminencia da membrana interna da vagina no interior mesmo d'este conducto (*prolapso incompleto*), ou entre os grandes labios da vulva (*prolapso completo*).

Causas. Esta affecção observa-se sobretudo nas mulheres de constituição lymphatica ou enfraquecidas por diversos motivos. As leucorrhœas antigas e abundantes, a frequencia dos partos e dos abortos, a inflamação chronica, predispõem ao prolapso da vagina.

Symptomas. As enfermas sentem um peso na vagina: apparece entre os grandes labios um tumor arredondado, quando o prolapso é parcial; duplo, quando a membrana mucosa faz proeminencia por diante e por detraz; circular, quando existe um prolapso completo. O andar é difficil; a posição sentada é mui incommoda; a bexiga, o canal da urethra e o recto estando puxados, resultão d'isto perturbações na excreção das ourinas e na defecação. A irritação causada pelo attrito, pelo contacto da ourina, determina a inflamação da membrana mucosa que se cobre de excoriações. Sobrevem então uma secreção mucoso-purulenta, dôres mui vivas, que se propagão até ás cadeiras; outras vezes, apparece uma inchacão tal, que existe um verdadeiro estrangulamento produzido pela vulva. O diagnostico é facil, porque o tumor continua com a membrana mucosa que reveste a vulva. Se o tumor fôr circular, é se

se introduzir o dedo na sua parte central, encontra-se a bocca de tenca situada mais ou menos profundamente. Esta affecção, pouco grave, é as mais das vezes difficil de curar.

Tratamento. É preciso reduzir o tumor, e manter a redução por meio de pessarios; usar de semicupios d'agua fria, fazer injeções com dissolução de pedrahume, com infusão de rosas rubras, fria, com decoção de raiz de ratanhia, igualmente fria; introduzir na vagina uma bola de pasta de algodão polvilhada com pós de galhas; a doente deve conservar-se na posição horizontal o mais tempo possivel. A excisão da membrana mucosa é uma operação á qual não se deve recorrer senão quando o tratamento que acaba de ser indicad o no produzio a cura.

VAGINITE. *Veja-se* vol. II, pag. 1144.

VALERIANA. *Valeriana officinalis*, L. Valerianaceas. Planta que habita na Europa. Fig. 480. Caule um pouco avelludado, da altura de tres a quatro pés; folhas pubescentes, dentadas; flores pequenas de côr branca rosada, cheiro agradável. Raiz formada de grande numero de radículas cylindricas de uma a duas linhas de diametro, esbranquiçada por dentro, amarellada por fóra; sendo fresca, o cheiro é quasi nenhum, mui fetida quando secca, sabor acre e amargo.

A raiz de valeriana é um medicamento antispasmodico e sedativo, frequentemente empregado em muitas affecções nervosas, como enxaqueca, epilepsia, hysteresmo, etc. Administra-se em pó na dose de 2 a 4 grammas ($1/2$ a 1 oitava) por dia, ou em infusão que se prepara com 2 grammas

($1/2$ oitava) de raiz de valeriana e 180 grammas (6 onças) d'agua fervendo. O extracto de valeriana administra-se em pilulas na dose de 1 a 8 grammas (20 grãos a 2 oitavas).

VALERIANATO DE AMMONIACO. Sal que se acha no estado solido, em crystaes brancos; ou liquido, sem côr, muito espesso. Antispasmodico, aconselhado contra a epilepsia e o hysteresmo, na dose de 5 a 50 centigrammas (1 a 10 grãos) por dia em poção.



Fig. 480. — Valeriana.

VALERIANATO DE QUININA. Sal crystallizado em octaedros ou hexaedros, de cheiro desagradavel, sabor amargo; soluvel em 110 partes d'agua fria, ou em 40 partes d'agua fervendo. Emprega-se nas febres intermitentes, e sobretudo nas febres adynamicas. Dósc : 15 a 45 centigrammas (3 a 9 grãos) por dia, em pilulas, ou dissolvido em agua.

VALERIANATO DE ZINCO. Sal sob a fórma de palhetas brilhantes, de côr branca semelhante á madreperola; é soluvel na agua fria, mais soluvel na agua quente, e ainda mais soluvel no alcool; é inalteravel ao ar e não é deliquescente. Antispasmodico e calmante; util na enxaqueca, epilepsia, nevralgia facial e nas outras nevroses. Emprega-se na dósc de 10 a 40 centigrammas (2 a 8 grãos) por dia, em pilulas ou poção.

VALLA. Precauções a tomar quando se limpa uma valla. *Vêja-se* vol. I, pag. 601.

VALS. França. Aguas alcalinas frias, e aguas arsenicaes ferruginosas frias.

Itinerario de Pariz a Vals. Estrada de ferro por Lyão até Privas : 15 horas 37 minutos. Cafo de Privas a Vals : 3 horas. Despeza 98 francos.

Vals é uma pequena cidade de perto de 3000 habitantes, situada n'um lindo valle cercado de montes cobertos de vegetação, e atravessado por um pequeno rio. As fontes mineraes são ali numerosas, todas tem por principio mineralizador o bicarbonato de soda, com excepção das fontes *Dominique* e *Saint Louis* que contém ferro e arsenico. A sua temperatura é fria, não excede 16 grãos centigrados. As aguas são limpidas, de sabor alcalino e acidulo; devem o gosto picante ao gaz acido carbonico que se acha n'ellas em proporções variadas, livre ou combinado de maneira persistente.

A quantidade de *bicarbonoto de soda*, que contém as aguas *alcalinas*, varia segundo as fontes. Eis-aqui os nomes das fontes, e a quantidade de bicarbonato de soda, contida n'um litro d'agua segundo o chimico Henri :

<i>Saint Jean</i>	1 ^g ,480	<i>Saint Vincent de Paul..</i>	4 ^g ,000
<i>Rigolette.</i>	5 ^g ,800	<i>Convalescents..</i>	4 ^g ,744
<i>Précieuse..</i>	5 ^g ,940	<i>Chloé Dupasquier.</i>	5 ^g ,289
<i>Desirée</i>	6 ^g ,040	<i>Souveraine</i>	6 ^g ,515
<i>Magdeleine</i>	7 ^g ,280	<i>Constantine...</i>	7 ^g ,053
<i>Pauline.</i>	4 ^g ,641	<i>Marquise.</i>	7 ^g ,154

Estas aguas contém além d'isto muita quantidade de gaz acido carbonico, e pequenas quantidades das substancias seguintes : bicarbonato de potassa, de cal, de magnesia, de ferro e de man-

ganez; chlorureto de sodio; sulfatos de soda e de cal; silica; alumina; iodureto alcalino; e lithia.

A composição das fontes *ferro-arsenicæ* é a seguinte; em 1 litro d'agua :

Fonte Dominique. Arseniato, silicato, phosphato e sulfato de ferro, juntos 44 centigrammas; acido sulfurico livre, 1^g,33; vestigios de sulfato de cal, chlorureto de sodio e de materias organicas.

Fonte Saint Louis. Arseniato 1 milligramma; acido sulfurico livre 99 milligrammas. Esta agua contém perto de 40 centigram., por litro, de todas as outras substancias juntas, que são : silicatos de ferro, de alumina, de manganez, de cal, de soda; sulfatos de ferro, de cal, de potassa, e de soda.

As aguas *alcalinas* de Vals convem nas molestias seguintes : hypertrophias do figado, colicas hepaticas, engurgitamentos do baço, catarrho da bexiga, arcias, gota, diabetes, albuminuria. As aguas *ferro-arsenicæ*, fornecidas pelas fontes *Dominique e St Louis*, são recommendadas contra a cachexia paludosa, chlorose, e molestias de pelle.

As aguas de Vals usão-se sobretudo em bebida; existe porém ali um estabelecimento thermal, perfeitamente organizado, que permite associar á bebida o emprego dos banhos, e das duchas. A agua engarrafada conserva-se indefinidamente. A estação thermal dura do 1º de maio até ao fim de setembro. Os doentes acharão n'um grande hotel, construido ha poucos annos, e situado no meio de um grande parque, todas as commodidades de que precisarem.

VAREJEIRA (MOSCA). *Veja-se* vol. II, pag. 429.

VARICELLA. Synonymo de cataporas. *Veja-se* v. I, p. 513.

VARICOCELE. Tumor do escroto formado pela dilatação das veias do cordão espermatico.

Symptomas. O varicocele desenvolve-se em geral com extrema lentidão; quando adquirio um volume notavel, o doente queixa-se de peso, de certo incommodo que augmenta pelo andar, pelos esforços, e propaga-se da virilha até ás cadeiras; o escroto está laxo, alongado, a pelle parece mais fina, mais transparente. Apalpando o cordão, sente-se um tumor molle, nodoso, dando ao dedo a sensação de uma reunião de barbantes; este tumor diminue, como todas as varizes, pelo repouso na cama e pelo effeito do frio; augmenta pela posição vertical e pelo calor. Se o paciente afastar as causas determinantes, o varicocele póde ficar por muito tempo limitado a estes caracteres. A enfermidade então é mais incommoda do que dolorosa, e o suspensorio é sufficiente. Mas, as mais das vezes, o doente não tem o cuidado de afastar as causas aggra-

vantes, nada faz para impedir os progressos do mal. Então o varicocele torna-se uma enfermidade mais grave; uma simples caminhada produz uma verdadeira fadiga. Comtudo a dôr e o incommodo que occasiona o varicocele varião segundo os individuos; certos doentes tem bolsas enormes, porém entregão-se sem grande incommodo aos exercicios mais violentos; outros soffrem muito de tumores pouco volumosos. Muitas vezes o varicocele não tende a fazer progressos, sobretudo quando o doente evita a fadiga e traz um suspensorio bem feito; outras vezes o tumor augmenta de volume e acaba por tomar proporções enormes; ha exemplos de varicoceles que chegavão até á parte média da coxa. Entretanto no fim de certo tempo a molestia fica estacionaria, diminue e desaparece mesmo com o progresso da idade.

Causas. O varicocele mostra-se ordinariamente dos quinze aos vinte annos; affecta quasi geralmente o lado esquerdo. Esta frequencia do lado esquerdo é attribuida a diversas causas anatomicas; á pressão exercida sobre as veias espermaticas pelas materias accumuladas no intestino que existe n'este lado, ou pela posição da veia espermatica que desemboca na veia emulgente a angulo recto o que põe obstaculo á circulação do sangue na veia espermatica esquerda. As causas *efficientes*, que forão indicadas são: os excessos venercos, os exercicios violentos, o exercicio a cavallo, as contusões, as inflamações do cordão e do testiculo, a compressão pela funda herniaria mal applicada, a obesidade; a maior parte d'estas causas favorecem o augmento do varicocele, mas não se póde affirmar que produção realmente a molestia.

Tratamento. — *Tratamento palliativo.* Este tratamento consiste, primeiro, em afastar as causas que possão augmentar o volume do varicocele, as quaes acabo de indicar. Vem depois os semicupios d'agua muito fria, os lavatorios com agua fria e vinagre, com decocção de raiz de ratanhia ou de galhas. Estes meios augmentão a força das paredes das veias, e favorecem a sua retracção. Porém o andar, e os movimentos reproduzem facilmente o tumor; é preciso, por conseguinte repetir frequentemente estes meios, e sobretudo, ajudar a sua acção por um suspensorio bem feito. O meio palliativo seguinte foi aconselhado pelo Professor Nelaton: repelle-se o testiculo e o cordão do lado da virilha, agarra-se a porção pendente do escroto e mantem-se apertada n'um tubo elastico de caoutchouc á manciira de argola de guardanapo. Este aparelho faz com que os doentes possão ficar de pé por muito tempo, andar e entregar-se mesmo aos mais difficeis exercicios.

Tratamento curativo. Diversas operações forão imaginadas para obter a cura radical do varicocele. Estas operações tem por fim

obliterar as veias inchadas. Foi empregada a *compressão* sobre as veias, isoladas da arteria e do canal deferente, com uma pinça guarnecida de parafuso, com uma sutura enrolada á roda de um grosso alfinete. Outros cirurgiões empregarão um fio de linho ou prata passado com uma agulha; a ablação de uma porção da pelle do escroto, e depois a sutura, para fazer com a pelle do escroto um suspensorio natural; as *injecções coagulantes com perchlorureto de ferro* praticadas no interior das veias. Estas operações são mui graves, podem ser seguidas da perda do testiculo; o doente deve, pois, limitar-se ao tratamento palliativo, que póde sempre melhorar a sua posição, sem expô-lo a perigo algum.

VARIOLA. Synonymo de bexigas. *Vejá-se* vol. I, pag. 344.

VARIOLOIDA. Variola modificada. Erupção cutanea pustulosa, que se observa nos individuos vaccinados ou nos que tiveram bexigas; não differe d'esta ultima affecção senão pela rapidez da sua marcha e pela ausencia da febre secundaria (febre de supuração).

Symptomas. Os prodromos da varioloida são semelhantes aos das bexigas: ha quebramento do corpo, dôr de cabeça, defluxo, salivação, pequena febre. No terceiro ou quarto dia, apparecem manchas vermelhas em cujo centro existe uma elevação dura e saliente. A erupção faz-se quasi simultaneamente por todo o corpo; as mais das vezes, muitas erupções successivas tem lugar a um ou dois dias de intervallo. O numero dos botões varia; em alguns casos, existem só dez a doze espargidos pelo rosto, tronco e membros; as mais das vezes o seu numero passa de cem; emfim, não é raro ver a erupção ser mais abundante, até mesmo confluyente e cobrir quasi todo o corpo. No dia seguinte da sua apparição, os botões contém um fluido seroso; no terceiro ou quarto dia tornão-se achatados e apresentam no centro uma depressão umbilicada; estes botões são resistentes e cercados de um circulo vermelho. No sexto dia, o liquido que elles contém é opaco; principia a lazer-se concreto desde o setimo; a deseccação é completa em toda a parte desde o oitavo até ao decimo. Depois da quédia das crostas, raras vezes ficão pequenas cicatrizes circulares, de ordinario existem só manchas violaceas que podem persistir muitos mezes, ou pontos endurecidos que se resolvem de per si, mas lentamente. Estes tuberculos nunca apparecem depois das bexigas, porque a suppuração do botão foi completa. A varioloida é acompanhada ao principio de febre, fastio e salivação como na variola, porque uma erupção analoga á da pelle tem lugar na bocca e na garganta; a inchação do rosto apparece na mesma época que na variola, e póde ser tão grande como n'esta. Mas o que distingue essencialmente

a variola da varioloida, é que n'esta a febre secundaria ou de supuração falta completamente, isto é, que chegada ao setimo ou oitavo dia da erupção, esta aborta e secca promptamente; o doente fica por consequente curado, ou pelo menos entra em convalescença precisamente no momento em que estaria no auge da molestia, e exposto aos maiores perigos se a molestia fosse variola legitima.

Duração e terminação. A varioloida dura de oito a doze dias. A sua terminação é quasi sempre feliz.

Diagnostico. Em resumo, as varioloidas, quando a sua marcha é regular, não differem das variolas benignas durante os primeiros sete dias; os prodromos e os caracteres primitivos da erupção são com effeito os mesmos em ambos os casos; porém, mais tarde, ha uma differença capital, porque a febre secundaria ou de supuração, que existe *constantemente* do setimo ou oitavo dia da erupção na variola, como já deixei dito, nunca se declara na varioloida. Emfim, n'esta raras vezes se observão as cicatrizes que são tão communs depois da variola.

Tratamento. É o mesmo que na variola benigna ou discreta. Repouso na cama, chá de flor de sabugueiro, dieta no primeiro dia, caldo de gallinha nos dias seguintes; infusão de linhaça para bebida.

VARIZES. As varizes são cordões nodosos e desiguaes, formados pela dilatação permanente das veias. Todas as veias não estão igualmente sujeitas a ellas. Considerando a ordem de frequencia, os membros inferiores occupão a primeira linha; depois a parede anterior do ventre, o cordão espermatico; os membros superiores são muito menos sujeitos. As veias que cercão a extremidade inferior do intestino tornão-se frequentemente varicosas e formão hemorrhoidas. Tudo o que póde constranger a circulação do sangue venoso é uma causa determinante de varizes. Assim, nas senhoras gravidas, o utero mui desenvolvido apoiando sobre as veias do baixo-ventre, e constrangendo n'ellas o curso do sangue, produz varizes nas pernas e hemorrhoidas. As ligaduras circulares postas em roda dos membros inferiores, as ligas das meias, por exemplo, actuão da mesma maneira. Todas as profissões que obrigão a estar longo tempo de pé, ou a andar muito, contribuem poderosamente para a producção d'esta molestia. Quanto menos volumosas são as varizes e mais isoladas, menos incommodo causão; o seu maior inconveniente é a deformidade. Mas não acontece assim quando se dilatão, se agglomerão e formão tumores volumosos. Podem então dar lugar aos engurgitamentos dos membros, e tambem produzir ulceras.

Sendo poucas e de mediano volume, podem ser atalhados os seus progressos e diminuidos os seus inconvenientes pelo repouso, posição horizontal, banhos frios, e pela compressão methodica e exacta do membro, compressão que se exerce mediante uma atadura ou uma meia. Quando estes meios são insufficientes, e as varizes incommodão muito, achão-se indicadas varias operações, entre as quaes a ligadura da veia occupa o primeiro lugar. Mas estas operações são muito perigosas, e só a necessidade absoluta póde justificar o seu emprego.

VASO. Em anatomia, chamão-se vasos aos canaes nos quaes circulão os fluidos da economia. A reunião dos *vasos arteriaes* constitue o *systema vascular do sangue vermelho*; a reunião dos *vasos venosos*, constitue o *systema vascular do sangue preto*; a reunião dos *vasos* e dos *ganglios lymphaticos*, constitue o *systema absorvente ou lymphatico*.

Vasos capillares. Em anatomia dá-se este nome, por causa da sua extrema tenuidade, ás ultimas ramificações vasculares que o sangue atravessa para passar das arterias ás veias, e que estabelecem uma continuidade não interrompida entre estas duas ordens de vasos. Os vasos capillares não são nem arterias nem veias: contém um sangue differente do sangue contido n'estes vasos. *Hemorrhagias capillares*, veja-se vol. II, pag. 119.

Vasos lymphaticos. Canaes que contém *lymph*a, liquido de um amarello pallido e transparente. Nascem das diversas partes do corpo por mui delgadas radículas, e terminão nas duas veias sub-claviculares. Nascem na espessura dos órgãos, na espessura da pelle, das membranas mucosas, das serosas, e do tubo intestinal onde absorvem o chylo. Na sua origem são de uma tenuidade extrema, que apenas se percebem pela disseccção; mais profundamente tornão-se mais grossos e mais raros, e por fim reúnem-se em dois troncos, que se lanção nas duas veias sub-claviculares, como acabei de dizer. No seu trajecto existem *glandulas* ou *ganglios lymphaticos*, pequenos corpos do volume de uma lentilha até ao de uma noz, molles, cinzentos, que parece não serem mais do que agglomerações dos vasos lymphaticos ennovellados. Os ganglios lymphaticos recebem de um lado certo numero de *vasos afferentes*, e, de outro, dão nascença a outros vasos lymphaticos, conhecidos pelo nome de *deferentes*. Os ganglios lymphaticos encontrão-se sobretudo nas virilhas, nos lados do peito, no sovaco, na curva da perna, debaixo do queixo, etc.; considerão-se como órgãos de mixtão e de elaboração dos fluidos destinados a preparar a lympha.

VASSOURA. *Sida carpinifolia*, Linneo. Malvaceas. Pequeno arbusto do Brasil, da familia das Malvaceas. Caule de 65 centim.,

ramoso, raiz principal da grossura de uma penna de escrever, acompanhada de muitas raizes filiformes; folhas alternas, ovaes, oblongas, denticadas; flores axillares, solitarias, duplicadas ou dispostas em racimos curtos, pedunculos de meia linha a linha e meia de comprimento; fructo, capsula envolvida em calice persistente, e composta de 5 ou 8 carpellas dispostas circularmente, e cada carpella terminada por duas pequenas pontas. As folhas e flores gozão de propriedades emollientes, e podem ser empregadas em lugar das malvas das boticas, em infusão, que se prepara com 4 grammas (1 oitava) da planta e 250 gram. (8 onças) d'agua fervendo. Esta infusão, convenientemente adoçada com assucar ou mel de abelhas, é muito util nas bronchites e defluxos. As folhas mastigadas applicão-se com vantagem sobre as picadas das vespas. Servem tambem para banhos e para fazer cataplasmas emollientes. Com os ramos fazem-se vassouras no Brasil, e d'ahi deriva o seu nome.

VASSOURINHA ou **Tupeçava.** *Scoparia dulcis*, Linneo. Planta do Brasil, da familia das Escrophularineas. Caule quasi lenhoso de 44 centímetros de altura, mais ou menos, folhas lanceoladas, serreadas, oppostas: flores solitarias, brancas, pequenas, axillares; fructo, pequena capsula espherica com dois loculamentos; sabor amargo e mucilaginoso. A sua infusão (4 grammas para 250 grammas d'agua fervendo), adoçada com assucar, usa-se contra a tosse. A decocção (8 grammas para 250 grammas d'agua) emprega-se em clysteres contra as hemorrhoidas. Reunido em feixes este arbusto serve para vassouras.

VEGETAÇÃO. É o viver da planta. Em medicina, chamão-se *vegetações* todas as producções carnosas que se desenvolvem e parecem vegetar na superficie de um orgão ou de uma ferida; por exemplo: as carnosidades das feridas e as excrecencias que apparecem, ás vezes, á roda do anus nas pessoas affectadas de syphilis.

VEIA. As veias são canaes que contém o sangue preto: levão ao coração o sangue distribuido pelas arterias em todas as partes do corpo. Ha veias profundas que acompanhão as arterias, ha outras superficiaes que apparecem na pelle sob a fórma de cordões azulados. O movimento progressivo do sangue nas veias faz-se, de uma maneira uniforme, e é por isso que estes vasos não aprezentão pulsações como as arterias.

Feridas das veias. Estas feridas não produzem quasi nunca uma hemorrhagia grave, e sárão com facilidade. Conhece-se que o sangue que sahe de uma ferida é venoso e não arterial, pela sua côr preta, pela uniformidade do seu corrimento, que augmenta

quando se comprime o membro por cima da ferida, e diminue ou pára quando se comprime por baixo. Para estancar a hemorrhagia venosa, convem fazer sobre a ferida uma compressão analoga á que se pratica depois da sangria. A ferida cicatriza-se em poucos dias. Se sobrevier dôr, vermelhidão e inchação, applique-se uma cataplasma de linhaça.

Inflammação das veias. Veja-se PHLEBITE.

VELAME DO CAMPO. *Croton campestris*, Saint Hilaire. Planta da Flora brasileira, da familia das Euphorbiaceas; habita nas provincias de Minas, Pernambuco e outros lugares do Imperio. Toda a planta é coberta de um tomento amarellado; folhas alternas, levemente denteadas, do comprimento de 3 a 4 centimetros, da largura de 1 a 2 centimetros; flores em espiga na extremidade dos ramos. A raiz é purgativa. Prepara-se com ella um xarope, que se emprega nas molestias cutancas.

VELAME DO MATTO (S. Paulo), BRAÇO DE PREGUIÇA (outras partes do Brasil). *Solanum cernuum*, Velloso. Arbusto do Brasil, da familia das Solaneas; de folhas obovae de meio metro de comprido e de 35 centimetros de largo, mais ou menos, lisas por cima, tomentosas por baixo, alternas, pecioladas; flores dispostas em cymeiras inclinadas; fructo, baga lisa, amarella quando madura; manchada de roxo, em quanto verde. As folhas são amargas e mucilaginosas. A sua infusão emprega-se nos enfartes do figado. Prepara-se com 8 gram. (2 oit.) das folhas e 360 gram. (12 onç.) d'agua fervendo. Externamente, as folhas applicão-se nas ulceras.

VELHICE. *Veja-se* IDADE, vol. II, pag. 184.

VELINHA. *Veja-se* BUGIA.

VENENO. *Veja-se* ENVENENAMENTO.

VENENO PARA OS RATOS. *Veja-se* RATO.

VENEREA (MOLESTIA). *Veja-se* SYPHILIS.

VENTO MÁO. Um erro popular faz com que algumas pessoas dêem este nome á *apoplexia*, como se esta molestia fosse produzida pelo vento. *Veja-se* vol. I, pag. 219.

VENTOSA. Pequeno vaso destinado a fazer um vacuo na superficie da pelle, com o fim de attrahir o sangue ao lugar em que se applica. Os vasos que costumão servir para ventosas são de differentes especies. Uns de chifre furados no apice, por cujo furo se opera com a bocca a sucção do ar, e tapa-se com cera quando a ventosa está adherente; outros são de vidro, de fórmias mui variadas, os quaes podem ser substituidos por um copo qualquer. Estas applicão-se da maneira seguinte: Accende-se dentro da ventosa um pedaço de papel ou algodão molhado em aguardente: o ar rarefaz-se pela combustão; forma-se um vacuo no

vaso ; e, sendo logo a sua abertura applicada sobre a pelle, a porção dos tegmentos, que é assim subtrahida á pressão do ar, incha e torna-se vermelha.

Hoje, empregão-se com preferencia umas ventosas nas quaes a rarefacção do ar é produzida pela volta á sua primeira fórma, de uma parede elastica de borracha, que foi previamente comprimida com os dedos. A fig. 481 representa uma ventosa de borracha, guarnecida de uma redoma de vidro. Expulsa-se o ar

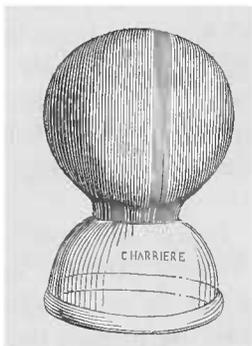


Fig. 481.

Ventosa de borracha
com redoma de vidro.

deprimindo com o dedo pollegar a borracha, applica-se sobre o corpo, e deixa-se repôr no seu lugar o fundo ; o vacuo do interior do aparelho produz a aspiração. Deixa-se a ventosa no lugar durante alguns minutos. Para tira-la, deprime-se com o dedo a pelle que rodeia a borda pela parte de fóra ; o ar exterior entra pela pequena abertura que se fez debaixo da ventosa, e esta despega-se immediatamente.

A ventosa chama-se *secca*, quando se applica sobre uma parte da pelle na qual não existe solução de continuidade.

A acção das *ventosas seccas* limita-se a chamar o sangue á superficie da pelle. Bem que esta acção seja mui branda, as ventosas seccas são comtudo muito uteis nas congestões pulmonares e cerebraes, nos individuos fracos que não podem supportar as emissões sanguineas, nas mulheres e nas crianças.

As ventosas ditas *sarjadas* são aquellas por meio das quaes se tira certa quantidade de sangue. Para isso, applica-se a ventosa, como acabei de indicar, tira-se no fim de alguns minutos, fazem-se na superficie da pelle, com lanceta ou navalha, pequenas incisões chamadas sarjas ; torna-se a applicar a ventosa sobre o lugar sarjado, e deixa-se por todo o tempo que o sangue correr no seu interior, vem a ser 10 a 15 minutos. Passado este tempo, tira-se a ventosa, lava-se a ferida com agua morna, e torna-se a applicar a ventosa, até obter a quantidade de sangue desejada. A acção das ventosas sarjadas approxima-se muito á das sanguesugas, e póde muitas vezes ser-lhes substituida com vantagem. Feitas por mãos habeis, as sarjas são menos dolorosas do que as picadas das bichas.

VENTOSIDADES. *Veja-se* FLATULENCIA.

VENTRE ou **Abdomen.** Parte do corpo que encerra o estomago, os intestinos, o figado, o baço, os rins, a bexiga e outros órgãos importantes. A cavidade do abdomen tem por limites, em

cima, o musculo diaphragma; em baixo, a bacia; por detraz, as vertebraes lombares; dos lados, e por diante, diversos planos musculares. Visto pela parte anterior, o abdomen foi dividido em tres regiões, que são de cima para baixo, a região epigastrica, umbilical e hypogastrica. Cada uma d'estas regiões é sub-dividida em outras tres, uma mediana e duas lateraes. Assim, a região epigastrica comprehende o epigastro e os hypochondrios; a região umbilical comprehende o embigo e as ilhargas; a região hypogastrica, o hypogastro e as fossas iliacas. O estomago acha-se situado no epigastro, quatro ou cinco pollegadas para cima do embigo. O embigo corresponde ás circumvoluções do intestino delgado.

Ventre (DÔR DE). *Veja-se* COLICA.

Ventre (FERIDAS DO). *Veja-se* vol. I, pag. 1107.

Ventre (INFLAMMAÇÃO DO). *Veja-se* ENTERITE.

Ventre inchado ou **entaboadado**. A inchação do ventre nas pessoas adultas procede ordinariamente da hydropisia; descrevo esta molestia no vol. II, pag. 156. A inchação do ventre nas crianças mui fracas depende, as mais das vezes, do desenvolvimento de tuberculos nos intestinos. *Veja-se* TUBERCULOS MESENTERICOS.

Ventre. (PANCADA NO). As pancadas no ventre produzem uma contusão das paredes do ventre; quando são fortes, occasionão a contusão dos intestinos. As pancadas leves não offerecem, nas suas consequencias e no seu tratamento, cousa alguma que as possa distinguir das contusões ordinarias. O tratamento consiste na applicação de pannos molhados em agua fria misturada com aguardente camphorada. Mas as pancadas fortes sobre o ventre podem lacerar os intestinos, e determinar um derramamento sanguineo immediatamente mortal. No menor gráo, occasionão só nos primeiros dias uma dôr mais ou menos viva, acompanhada de colicas, após a comida; alguns dias depois, desenvolve-se uma verdadeira inflammação nos intestinos, caracterizada pelos symptomas seguintes: o ventre incha, apparecem colicas mais ou menos intensas, a dôr do ventre augmenta com a menor pressão; depois sobrevem sêde e febre.

O *tratamento* da contusão forte do ventre consiste, nas primeiras horas, na applicação sobre o ventre, de pannos molhados em agua fria misturada com aguardente camphorada. Depois põe-se no ventre uma cataplasma de farinha de trigo e vinho tinto frio. No terceiro dia, se a dôr do ventre augmentar, será preciso applicar dez a quinze bichas no ventre, e após as bichas cessar o uso das cataplasmas com vinho, e applicar então cataplasmas quentes de farinha de linhaça. Convem tambem dar todos os dias um clyster de decocção de linhaça. O doente deve observar uma dieta

rigorosa; só se lhe podem permittir caldos de gallinha. Para bebida, só agua de arroz, de cevada, ou a infusão de linhaça.

Ventre preso. *Veja-se* PRISÃO DE VENTRE.

VERATRINA. Substancia alcalina vegetal, descoberta nas sementes da cevadilha, na raiz do helleboro branco e no bolbo do colchico. É branca, pulverulenta, sem cheiro, de sabor acre; irrita fortemente a membrana nasal. Determina violentos espirros, acompanhados de dôr de cabeça e de um incommodo geral. Deve haver muita cautela quando se manipula a veratrina. É insolúvel em agua, soluvel no alcool e no ether. É aconselhada contra as nevralgias, rheumatismo e gota. Mas como é quasi tão venenosa como a strychnina, não póde empregár-se senão na dóse de 5 milligrammas ($\frac{1}{10}$ de grão) em poção ou antes em pilulas. Usa-se tambem em fricções, mas sempre com muita prudencia.

VERATRO VERDE. *Veratrum viride*, Aiton. Colchicaceas. Planta que habita nos montes da America do Norte. A raiz apre-



Fig 482. — Verbasco.

senta-se no commercio sob a fórma de bocados cortados longitudinalmente, guarnecida em cima de folhas, e em baixo de radículas de um amarello claro, enrugados, do comprimento de 3 a 4 centímetros. É um sedante poderoso da circulação; debaixo da sua influencia o pulso póde diminuir de 140 a 30 pulsações por minuto; além d'isso sobrevem fraqueza, vertigens, nauseas, vomitos, prostração geral, esfriamento. Esta substancia é recommendada pelos medicos norte-americanos no rheumatismo agudo, pneumonia, pleuriz, peritonite e cerebrite, debaixo da fórma de *extracto*, que se dá na dóse de 1 a 5 centigrammas ($\frac{1}{5}$ a 1 grão); administra-se tambem

sob a fórma de *tintura*, na dóse de 5 a 8 gottas, de duas em duas horas, n'uma colher d'agua.

VERBASCO. *Verbascum thapsus*, Linneo. Escrophularineas. Fig. 482. Planta commum em Portugal; habita nos mattos e sitios arenosos, nos arredores de Coimbra, e outras partes do norte do

Reino; é cultivada no Brasil. Caule simples, um pouco ramoso superiormente, da altura de um metro e mais, cotanilhoso; folhas radicaes pecioladas, lanceoladas; as do caule longamente decurrentes de uma inserção á outra; todas mui cotanilhosas; macias e esbranquiçadas; margem crenada; flores amarellas, quasi sesséis e dispostas em uma espiga que se alonga consideravelmente, á medida que se desenvolvem, de maneira a attingir uma altura de 2 a 3 met. ; tem cheiro suave. As folhas e as flores do verbasco empregão-se como peitoraes e emollientes nas bronchites, em infusão que se prepara com 2 gram. (1/2 oit.) de flores ou folhas e 250 gram. (8 onças) d'agua fervendo.

Verbasco do Brasil. *Veja-se* BARBASCO.

VERBENA ou **Urgebão.**

Verbena officinalis, L. Verbenaceae. Planta cultivada nos jardins. Caule de 35 a 60 cent., folhas ovas oblongas, estreitadas em peciolo na base, as inferiores denteadas, as medianas e as superiores profundamente incisas ou pinnatifidas; flores pequenas, de um roxo pallido, dispostas em espigas filiformes; cheiro fracamente aromatico, sabor um tanto amargo. Esta planta gozou antigamente de grande celebridade e era empregada nas ceremonias religiosas de muitos povos. Estimulante e tonico. Internamente usa-se em infusão, que se prepara com 4 gram. (4 oit.) da planta e 180 gram. (6 onç.) d'agua fervendo. Externamente, emprega-se na medicina popular em Portugal, sob a fórma de cataplasma, nas obstrucções do figado. Esta cataplasma prepara-se com o cozimento de urgebão, farinha de centeio e gemas de ovos.

VERDETE. *Veja-se* COBRE.

VERMES INTESTINAES. Occupar-me-hei dos vermes

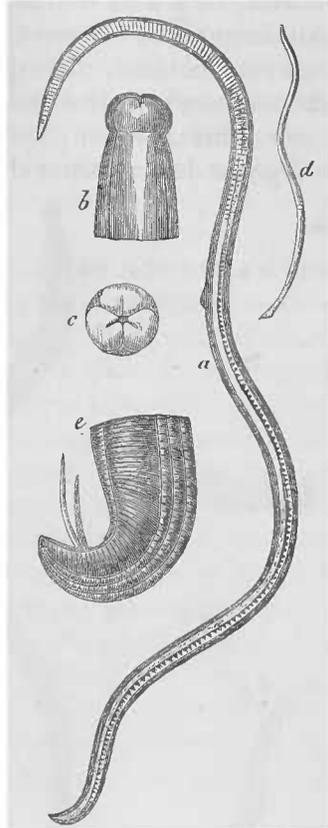


Fig. 483. — Lombriga.

a, lombriga femea do homem; *b*, sua extremidade anterior engrossada, vista de lado; *c*, a mesma vista de frente, mostrando a bocca no centro, cercada de tres mamillos; *e*, extremidade posterior engrossada; *d*, individuo macho do tamanho natural.

do canal intestinal do homem. Ha poucas pessoas que no decurso da vida, e principalmente na infancia, não tenham deitado alguns. Contão-se 4 especies de vermes, que são : a lombriga propriamente dita, a *ascarida vermicular*, o *tricocephalo*, e a *tenia* ou *solitaria*. Descrevi esta em um artigo especial ; só tratarei aqui dos outros vermes.

A **lombriga** propriamente dita (*Ascaris lombricoides*, Linneo), é cylindrica, de 8 a 32 centim. de comprimento, e de 4 a 7 millimetros de largura, de côr rosea mais ou menos escura ; adelgada nas duas extremidades, mais do lado da cabeça que do da cauda ; tem a bocca cercada de tres mamillos, entre os quaes ella se vê, ás vezes, sob a fôrma de um pequeno tubo. Existe principalmente na porção superior dos intestinos chamada intestino delgado (fig. 483).

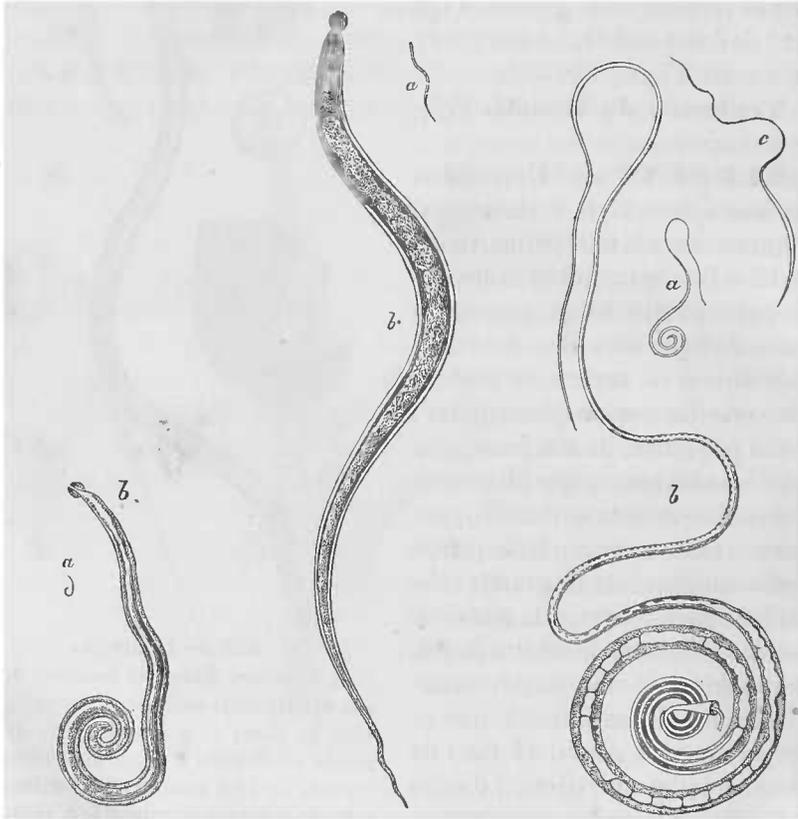


Fig. 484.

Ascarida vermicular
verme macho.
a, de tamanho natural ;
b, engrossada.

Fig. 485.

Ascarida vermicular
femea.
a, de tamanho natural ;
b, engrossada.

Fig. 486.

Tricocephalo. *a*, macho,
de tamanho natural ;
b, engrossado ;
c, femea do *tricocephalo*,
de tamanho natural.

Ascarida vermicular. (*Oxyurus vermicularis*, Bremser, ou *Ascaris vermicularis*, Linneo). Fig. [484 e 485. Corpo filiforme,

branco, mui pequeno, de 2 a 11 millímetros de comprimento; cabeça obtusa e vesicular, com uma pequena abertura. Estes vermes occupão principalmente o fim do intestino chamado *recto*, perto do anus, onde produzem uma comichão desagradvel; desenvolvem-se em quantidade prodigiosa, a ponto de sahirem ás vezes por centenas. Os machos são muito mais pequenos do que as femeas.

Tricocephalo, (*Tricocephalus dispar*, Rudolphi); do grego *trich* cabello, *kephale* cabeça. Fig. 486. Tem 3 a 6 centímetros de comprimento, é capillar na maior parte da sua extensão; e a cabeça, que occupa a extremidade mais delgada, é de uma tenuidade tal, que apenas se póde ver com microscopio. O corpo do macho é enrolado em espiral; o da femea é mais comprido e simplesmente arqueado.

Causas dos vermes. A origem dos vermes intestinaes é desconhecida. Os naturalistas ainda não tem podido descobrir se os vermes vem debaixo da fórma de ovos mui pequenos, por via da respiração, nos alimentos ou nas bebidas, ou se se formão espontaneamente no corpo. As causas que parecem favorecer a producção dos vermes são: habitação humida, não arejada, a ausencia do sol, o uso exclusivo dos alimentos farinaceos, das fructas, do leite, do queijo, mórmente quando a influencia d'este regimen não é contrabalançada pelo uso do vinho. As crianças de peito são mui raramente affectadas de vermes intestinaes, antes da idade de seis mezes. Acima d'este tempo, encontrão-se, mas raras vezes; apenas se achão uma ou duas lombrigas sobre muitas centenas de crianças de um anno; entretanto que, depois de tres annos até dez, encontrão-se na vigesima parte, e em alguns mezes em um numero ainda maior. Na adolescencia os vermes intestinaes são raros, e ainda mais raros na velhice. As mulheres são mais sujeitas ás lombrigas do que os homens.

Symptomas. Não existem symptomas verdadeiramente caracteristicos da presença dos vermes intestinaes senão a sahida dé alguns d'elles. Todavía eis-aqui alguns signaes que podem fazer suspeitar a sua existencia, e até dar alguma certeza, quando se achão muitos reunidos. Os pacientes tem em geral o rosto pallido e como inchado, as palpebras orladas de riscos azulados; sentem no nariz uma comichão que os obriga a esfrega-lo quasi continuamente; sobrevem ás vezes dôres de cabeça e zunidos nos ouvidos; o halito e o suor são fetidos e azedos; muitas vezes a lingua es tá esbranquiçada, o appetite é alternativamente voraz ou nullo; o ventre cresce; existem nauseas; e ás vezes vomitos de uma serosidade limpida; sentem-se colicas; o somno é perturbado e

acompanhado de ranger dos dentes ; as urinas são turvas, esbranquiçadas ; o emmagrecimento é ordinariamente consideravel ; manifesta-se, ás vezes, febre, delirio e convulsões ; e tambem existe ás vezes uma difficuldade na respiração, soluços, palpitações, etc. As lombrigas podem subir á garganta e produzir tosse ou vomitos. Em crianças mui pequenas não se deve dar muita importancia á comichão do nariz, porque esfregão quasi sempre esta parte, pois que não sabendo assoar-se, não podem desembaraçar-se das mucosidades que, ajuntando-se no nariz, occasionão uma comichão desagradavel.

Sem duvida forão muito exaggerados os effeitos que póde produzir a presença dos vermes no canal intestinal. É certo que ás vezes se acha grande numero d'elles nos cadaveres de individuos que succumbirão a outras molestias, e durante a vida dos quaes nenhum symptoma fez suspeitar a existencia d'estes animaes. Pessoas ha que de repente expulsão grande quantidade d'elles, sem que de nenhum modo se lhes tenha desarranjado a saude. Mas não se póde concluir de semelhantes factos que a presença dos vermes nas vias digestivas seja innocente, como pretendem alguns medicos. Se em grande numero de casos não produz effeito nocivo, nem por isso deixa de ser verdade que em muitos casos tambem occasiona soffrimentos e alteração da saude ; symptomas que reclamão imperiosamente os soccorros da arte.

Tratamento. O numero dos medicamentos a que se attribuem propriedades vermifugas é consideravel ; nomear todos seria uma lista tão fastidiosa como inutil. Os principaes são : semen contra, feto macho, musgo de Corsega, alho, valeriana, losna, açafraão, casca de raiz de romeira, assafetida, vinagre, hortelã pimenta, oleo essencial de terebinthina, ether sulfurico, agua salgada, oleo de ricino, rhuibarbo, jalapa, calomelanos, etc., e, entre as substancias indigenas do Brasil, angelim e herva de Santa Maria.

Segundo a especie dos vermes de que os individuos são affectados, ha regras particulares que se devem seguir na administração d'estes medicamentos. Assim, occupando sempre as ascaridas o fim do intestino, é quasi inutil dirigir contra ellas vermifugos pela via do estomago, e é sempre preferivel administra-los em clysteres. Dão-se ordinariamente, n'este caso, clysteres, com decoção de absinthio, de musgo de Corsega, com agua fria, agua salgada, com oleo de ricino. Pelo contrario em bebidas, pós, pilulas, mel, doces, etc., é que os vermifugos devem ser administrados para destruir as lombrigas ; e todos estes medicamentos que acabei de indicar, podem ser administrados, sós ou combinados uns com os outros. Em geral, principia-se por atacar os vermes com substan-

cias vermifugas, e duas horas depois provoca-se a sua expulsão com purgantes. De todos os purgantes, o melhor, n'este caso, é o oleo de ricino, que se administra na dóse de 15 a 30 grammas (1/2 a 1 onça) em caldo de carne desengordurado.

RECEITUARIO CONTRA AS LOMBRIGAS E CONTRA
OS TRICOCEPHALOS.

1º *Pastilhas de santonina.*

Santonina pulverizada..	10 grammas
Assucar	: 500 grammas
Carmim de cochonilha	25 centigrammas
Mucilag. de gomma alcat.	45 grammas.

Faça pastilhas do peso de 50 centigrammas (10 grãos). Cada uma contém 1 centigramma (1/5 de grão) de santonina. *Dóse* : 2 a 10 pastilhas por dia, ás crianças, conforme a idade.

2º *Gragêas de santonina.*

Santonina	.. .	5 grammas (100 grãos)
Assucar		50 grammas (1000 grãos).

Faça 200 gragêas. Cada gragêa contém 25 milligram. (1/2 grão) de santonina. *Dóse* : 1 a 4 gragêas por dia, ás crianças.

3º *Biscoutos vermifugos.*

Semen contra em pó.	4 grammas (1 oitava)
Essencia de limão	15 gottas
Massa de biscoutos..	quantidade sufficiente.

Para fazer 24 biscoutos. Cada biscouto contém 16 centigrammas (3 grãos) de semen contra. *Dóse* : 2 a 4 biscoutos por dia.

4º *Pós vermifugos.*

Semen contra em pó.	4 grammas (1 oitava).
---------------------	-----------------------

Divida em 8 papeis. Dá-se um a dois papeis por dia ás crianças, em doce, ou em meia chicara de leite, de manhã em jejum.

5º *Outros pós vermifugos.*

Feto macho em pó..	45 grammas (1 1/2 onça).
--------------------	--------------------------

Divida em seis papeis. *Dóse* : 1 a 2 papeis por dia em leite com assucar.

6º *Pós de angelim.*

Angelim em pó.	2 grammas (40 grãos).
----------------	-----------------------

Divida em 4 papeis. *Dóse* : Um papel por dia, em leite com assucar, ás crianças de quatro annos.

7º *Pó de herva de Santa Maria.*

Summidades contendo sementes maduras de Herva de Santa Maria..	16 grammas (4 oitavas).
---	-------------------------

Divida em 4 papeis. *Dóse* : Um papel por dia, em leite, ás crianças de 4 annos.

8º Sumo espresso das folhas frescas de

Herva de Santa Maria. 30 grammas (1 onça).

Dá-se puro, pela manhã, em jejum ás crianças de 4 annos. Augmenta-se ou diminue-se a dóse, conforme a idade.

9º Gelea de musgo de Corsega 60 grammas (2 onças).

Uma a duas colheres *de chá* e mais, de manhã em jejum ás crianças.

10º *Pilulas vermifugas.*

Extracto ethereo de feto

macho 120 centigrammas (24 grãos)

Feto macho em pó 60 centigrammas (12 grãos)

Conserva de rosas quantidade sufficiente.

Faça 12 pilulas. *Dóse* : Uma a duas pilulas por dia, ás crianças, em doces ou em alguma fructa.

11º Infusão de hortelã adoçada com assucar.

Bebe-se uma chicara pela manhã.

RECEITUARIO CONTRA AS ASCARIDAS VERMICULARES.

Estes vermes são mui pequenos, e achão-se perto do anus d'onde sahem ás vezes por centenas. Combatem-se com os clysteres seguintes :

1º *Clyster com agua salgada fria.*

Agua 120 grammas (4 onças)

Sal commum. 15 grammas (1/2 onça).

2º Clyster com infusão de hortelã.

3º Clyster com infusão de folhas de losna.

RECEITUARIO CONTRA A SOLITARIA. *Veja-se SOLITARIA.* Vol. II, p. 971.

VERMIFUGO. Chamão-se *vermifugos* ou *anthelminticos* os medicamentos que gozão da propriedade de matar os vermes intestinaes, ou de expulsa-los. Estes effeitos são muitas vezes produzidos pelos purgantes violentos, e por outras substancias, cuja acção sobre a economia é mui viva, taes como a camphora e alguns amargos; mas ha certo numero de medicamentos que, sem exercer uma acção mui forte sobre a economia, são deleterios para os vermes que existem no canal digestivo. Em geral, algumas horas depois da sua administração, deve-se tomar um purgante. Estes medicamentos são : casca de raiz de romcira, feto macho, musgo de Corsega, semen contra, alho, atanasia, angelim, herva de Santa Maria, losna, hortelã, calomelanos, olco essencial de terebinthina. *Veja-se* cada uma d'estas substancias, e o artigo VERMES.

VERNET. França. Aguas sulfurosas sodicas, quèntes. — Itinerario de Pariz a Vernet : Estrada de ferro por Bordcos e Perpi-

gnan até Prades, 25 horas; carro de Prades a Vernet, 4 hora. Despeza : 130 francos, pouco mais ou menos.

Vernet é uma aldeia da França meridional, perto da fronteira de Hespanha, de 1000 habitantes, ao pé do monte Canigou, n'um valle risonho, no meio de sitios pittorescos e clima delicioso que permite tratar-se ali durante o inverno. Ha em Vernet dois estabelecimentos bem organizados, as *Thermas dos Commandantes* e as *Thermas Mercader*. Onze fontes os alimentão; sete pertencem ao primeiro estabelecimento e quatro ao segundo.

A temperatura da agua das fontes *dos Commandantes* varia entre 33° e 56°. O seu principio mineralizador é o sulfureto de sodio. Este estabelecimento contém 24 banheiras, uma piscina de 200^m quadrados de superficie, 24 duchas, um vaporizador, e uma sala de respiração immediatamente por cima do vaporizador. Todas as dependencias do estabelecimento são mantidas na temperatura de 15° a 18°, por meio de tubos cheios d'agua mineral quente.

O estabelecimento *Mercader* compõe-se de 2 bicas para beber a agua mineral, 14 gabinetes de banhos, um vaporizador, e uma sala de respiração. A agua, que se bebe, provém da fonte da *Condessa*; é fria, não excedendo a sua temperatura de 8 grãos centigrados. O principio mineralizador d'estas aguas é tambem o sulfureto de sodio. Todas as aguas de Vernet contém, além do sulfureto de sodio, sulfatos de soda e de cal; carbonato de cal, de magnesia, de soda, e de potassa; chlorureto de sodio; acido silicico; alumina; oxydo de ferro, e glerina.

As applicações das aguas de Vernet, em bebida, banhos, duchas e estufas são uteis nos rheumatismos e molestias cutaneas. Mas convem sobretudo nas affecções catarrhaes dos orgãos respiratorios, nas laryngites e bronchites chronicas, na tísica, e n'estes casos administrão-se em bebida, banhos, duchas, gargarejos e inhalações.

Os estabelecimentos thermaes de Vernet são preparados não só para o verão, mas tambem para o inverno. O thermometro raras vezes desce a 2° abaixo de zero. O clima d'esta localidade, abrigada pelos montes elevados, permite aos doentes associar ás aguas sulfurosas o exercicio ou repouso ao sol, durante as horas quentes do dia no inverno. Ibrahim-Pacha, Vice-Rei do Egypto, curou-se ali, durante o inverno, de uma bronchite chronica, que tinha resistido a outros tratamentos. Recommenda-se aos doentes que chcguem a Vernet no meado de novembro, munidos de vestidos quentes, em previsão do frio.

VERONICA. *Veronica officinalis*. Escrophularineas. L. Planta europeia; em Portugal habita nas regiões septentrionaes. Caules

prostrados na base, levantados na parte superior, filiformes, roliços; folhas oppostas, ovaes, denteadas, levemente empubescidas assim como toda a planta; flores azues; cheiro fraco e agradavel; sabor amargo e um pouco adstringente. — Estimulante fraco e sudorifico; usa-se toda a planta em infusão nas bronchites; 4 gram. (1 oitava) para 180 gram. (6 onças) d'agua fervendo.

VERRUGA. Dá-se o nome de *verrugas* a pequenas excrescencias que se observão, as mais das vezes, na mão, sobretudo na face dorsal. Todavia podem encontrar-se em todas as partes do corpo, mesmo na planta dos pés. Raras vezes são solitarias; quando existem muitas no mesmo individuo, quasi sempre occupão a mesma região. São ás vezes extremamente numerosas. Podem exceder o nivel da pelle de 1 a 10 millimetros. A sua fórma varia; umas são mais ou menos arredondadas, brancas, molles, muitas vezes pediculadas, rugosas na superficie; outras chatas, de côr rubra ou roxa, duras, lisas na superficie. As primeiras são constituidas no exterior por um envoltorio epidermico, e por um tecido molle e depressivel, no qual rojão pequenos vasos; as segundas são compostas de filamentos de apparencia fibrosa mais ou menos numerosos e dispostos em fórma de pincel.

As verrugas não são contagiosas. Não causão dôr senão quando são comprimidas por calçado estreito; por si não produzem accidentes. Muitas vezes desaparecem espontaneamente.

Tratamento. Os meios realmente efficazes contra as verrugas são : ligadura, cauterização e excisão. A ligadura não é applicavel senão ás verrugas pediculadas; faz-se com linha ou com retroz; tem o inconveniente de produzir muitas vezes dôres bastante vivas. — Para praticar a destruição das verrugas por meio das substancias causticas, applica-se primeiro sobre a pelle, em que se achão, um pouco de banha, para preserva-la; depois, toca-se a excrescencia com um pincel molhado em acido nítrico, em acido sulfurico, ou com pedra infernal molhada em agua. A verruga fica convertida em detrito e desaparece. Repete-se a cauterização quando a primeira não foi sufficiente. — Tambem se podem empregar os *pós causticos de Vienna*. applica-se primeiro um pedaço de encerado inglez, tendo no centro uma abertura do tamanho da verruga. Faz-se com pequena quantidade dos pós de Vienna e aguardente uma massa molle, que se applica sobre a verruga. Passados quatro minutos tira-se tudo, e enxuga-se a verruga. A massa deixa uma pequena escara, que cahe ao cabo de seis ou oito dias, e deixa uma pequena ferida que não tarda a cicatrizar-se.

Eis-aqui ainda a receita de uma substancia caustica contra as

verrugas, que foi por muito tempo o segredo de Pollau, cirurgião de Berlim ;

Potassa caustica.	4 grammas (1 oitava)
Cal hydratada.	30 grammas (1 onça)
Sabão medicinal secco.	4 grammas (1 oitava).

Reduza tudo a pó fino, misture e guarde n'um frasco secco e de rolha esmerilhada. Estes pós applicão-se do mesmo modo que os *pós causticos de Vienna*. A sua acção é menos energica.

A *excisão* pratica-se com tesoura curva. Faz-se primeiro a excisão da verruga, e cauteriza-se depois a ferida com pedra infernal.

VERTEBRA. Chamão-se *vertebras* os vinte e quatro ossos que formão a columna vertebral; são ossos curtos, leves, espessos, de fórma irregular, postos uns por cima dos outros, e separados por camadas fibro-cartilagosas. *Veja-se* ESPINHAÇO.

VERTIGEM ou **Vagado.** Todas as pessoas conhecem a vertigem que se segue á valsa, á piroeta ou ao balanço; é uma sensação particular que faz crer aos individuos que a experimentão, que os objectos gyrão em roda d'elles, ou que elles mesmos são arrastados em um movimento de rotaçào. Sendo a vertigem mais forte, a vista escurece, existem ruidos diversos nos ouvidos, peso na cabeça; sendo ainda mais forte, as pernas curvão-se, e a pessoa cahe. A vertigem póde ser symptoma de varias affecções. As mais das vezes, é indicio de congestão cerebral; sobrem então principalmente nos individuos sanguineos, nos que abusão dos licores alcoolicos, e nos que fazem uso de alimentos mui nutrientes; n'este caso, por sua repetição e intensidade, póde fazer temer o desenvolvimento da apoplexia. Tambem póde ser o resultado subito de uma commoção cerebral, quando alguém recebe uma pancada na cabeça, ou dá uma quéda. Precede ás vezes ao ataque da gota coral; acompanha as perdas sanguineas abundantes, e póde ser o annuncio de uma syncope. Em alguns casos, emfim, suas causas determinantes são leves, e podem ser facilmente atalhadas: tal é a vertigem produzida pela fadiga do espirito e do corpo, pela dieta ou pelas digestões laboriosas, bebidas embriagantes, pelo fumo, etc. O que deixo dito acerca das suas causas prova que o tratamento da vertigem deve ser variado; consulte o leitor os artigos CONGESTÃO CEREBRAL, APOPLEXIA, DESMAIO, HEMORRHAGIA, etc.

Em todos os casos de vertigem, deve-se deitar o doente, applicar-lhe sinapismos nas pernas, e dar-lhe a cheirar vinagre.

Quando as vertigens reconhecem por causa superabundancia de sangue, convem recorrer á sangria ou ás bichas no anus, ás bebidas refrigerantes, como limonada, laranja, aos pediluvios

sinapizados, ao regimen brando, composto principalmente de vegetaes, e abstinencia do vinho e licores. Tambem é essencial ter o ventre livre mediante leves purgantes, ou clysters.

VESGO. *Veja-se* ESTRABISMO.

VESICATORIO. *Veja-se* CAUSTICO.

VESICULA. Pequena elevação da epiderme, cheia de liquido transparente e ás vezes opaco; seguida de furfuração ou de crosta laminosa. As molestias caracterizadas por vesiculas são : miliaria, cataporas, eczema, herpes e sarna.

VESPA e **Vespão** (*Vespa*). Genero de insectos hymenopteros, vizinhos das abelhas, da familia dos Diplopteros, tribu dos Porta-aguilhões, cujos caracteres são : antenas de 13 articulos nas femeas e de 12 nos machos; corpo menos vellosa do que o das abelhas; azas dobradas no repouso; abdomen ovado communicando immediatamente com o corsolete, que é quadrilatero; côr preta ou roxa misturada de amarello. Tem na parte inferior do corpo um ferrão com que aguilhão. Este ferrão é atravessado por um pequeno conducto, pelo qual corre um liquido irritante que se deposita na picada e produz ardor fortissimo. Este liquido é mortal para os pequenos insectos, como tambem para o homem quando este é assaltado por muitas vespas ao mesmo tempo.

Vespa commun (*Vespa vulgaris*). É preta com muitas manchas amarellas na cabeça; comprimento, 20 millimetros. Faz o ninho no interior da terra, a meio pé de profundidade e muito mais; serve-lhe de entrada um conducto tortuoso de uma pollegada de diametro, que muitas vezes apresenta na superficie da terra numerosas sahidas.

Vespão (*Vespa crabro*). Esta especie tem 28 millimetros de comprimento; faz grandes estragos nos cortiços das abelhas. Constroe o ninho nos buracos das muralhas ou das arvores, e segura-o com um pedunculo coberto como de um chapéo de sol. Ha uma especie de vespão no Rio de Janeiro que se chama *maribondo*; suas picadas são temiveis.

As vespas e os vespões vivem como as abelhas em sociedades, compostas de machos, femeas e individuos neutros. Estas sociedades são mui numerosas (150 a 200 insectos). Gostão de alimentos adocicados, e entre estes das fructas maduras. Quando se vêem as vespas em grande numero n'um jardim, pôde-se estar certo de que o *vespeiro* não está longe; procurando-o na vizinhança, chega-se facilmente a descobri-lo. Destroe-se quer deitando-lhe agua fervendo, quer introduzindo dentro uma mecha de enxofre accessa. Não se deve fazer esta destruição senão á bocca da noite, no momento em que todas as vespas estão recolhidas. Estando o

ninho n'um buraco de muralha, um meio mui simples de destrui-lo consiste em misturar cal com agua e deita-la ainda liquida no buraco; a cal, coagulando-se, não sómente destroe as vespas, as larvas e os ovos, mas impede, tapando o buraco, o estabelecimento de uma nova colonia. Se o ninho estiver no chão, no meio de um campo, perfora-se o solo com um páo, a fim de descobrir a sua direcção, depois deita-se no buraco certa quantidade de essencia de terebinthina, á qual se deita fogo : é o meio infallivel de desembaraçar-se d'estes insectos. No interior das habitações, emprega-se o modo seguinte : cobrem-se com mel duas taboinhas dispostas como as duas capas de um livro, e separadas simplesmente por uma varinha que se tira á vontade mediante um barbante; logo que se vêem as taboinhas cobertas de vespas, tira-se a varinha : a aproximação subita das taboinhas esmaga as vespas.

O tratamento das picadas das vespas, vespões, maribondos é o mesmo que o das picadas das abelhas. *Veja-se* vol. I, pag. 16.

VETIVER. *Andropogon muricatus*, Retz. Planta aromatica, da familia das Gramineas, originaria das Indias Orientaes, naturalizada no Brasil. Caules numerosos, lisos, muito rectos, da grossura do dedo minimo, da altura de 13 decimetros a 2 metros; folhas muito estreitas, do comprimento de 6 decimetros a 1 metro; flores numerosas, pequenas; raiz cabelluda, de um branco amarelado, tortuosa, do comprimento ora de algumas pollegadas, ora de cerca de um pé; tem o cheiro forte e persistente, o sabor amargo e aromatico. Esta raiz, ou antes estas radículas sahem em grande numero de um tronco commum. É a parte da planta que se emprega para perfumar as gavetas, ou preservar a roupa dos insectos. Nas Indias fabricão com ellas esteiras, as quaes, depois de humedecidas, exhalão um cheiro agradável. O cheiro proprio ao vetiver não se desenvolve completamente senão quando esta raiz, depois de humedecida, se acha exposta ao ar livre para seccar lentamente. É a maneira por que se deve proceder para se servir d'ella. Fazem-se depois mólhos, e põem-se nos armarios. O vetiver preserva dos insectos os objectos de lã tão bem como a camphora ou a pimenta; não tem como a camphora o inconveniente de communicar á roupa o cheiro de botica; ou, como a pimenta, o de fazer espirrar as pessoas que se servem d'um vestido preservado dos insectos por esta ultima substancia.

VIA DE FÓRA. Sahida do anus. *Veja-se* vol. I, pag. 212.

VICHY. França. Aguas alcalinas quentes, tepidas e frias.

Itinerario de Pariz a Vichy : Estrada de ferro até Vichy mesmo : 8 1/2 horas. Despeza 45 francos.

Vichy, pequena cidade de França, de 4000 habitantes, possui uma estação thermal, a mais frequentada de todas as que existem no mundo, e as suas aguas são de todas as aguas mineraes as que se transportão em maior numero, tanto na Europa como além dos mares. Os banhos de Vichy erão conhecidos desde muito remota epoca : os objectos antigos descobertos quando se fizerão obras da estrada de ferro e das novas avenidas, indicão que os Romanos habitárão por muito tempo n'esta estação thermal. O estabelecimento thermal, destinado actualmente á primeira classe de banhos, foi sómente terminado em 1829. Contém 100 banheiras. O estabelecimento da segunda e terceira classe, construído em 1858, contém 200 banheiras da segunda classe, e 24 da ter-

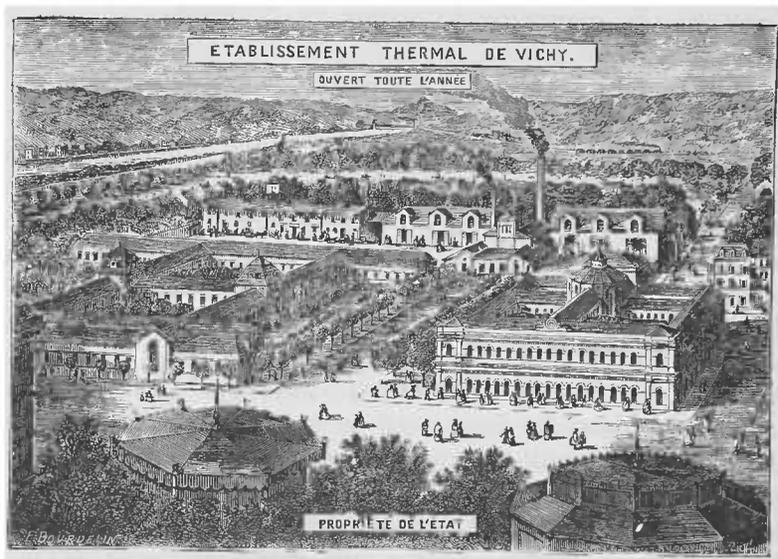


Fig. 487. — Estabelecimento thermal de Vichy.

ceira, sem contar as duchas de toda a especie que existem em cada um d'estes estabelecimentos. O antigo parque foi plantado por Napoleão I, e o novo por Napoleão III. Hoje Vichy está na primeira linha dos estabelecimentos thermaes. A exploração das fontes, banhos, expedição das aguas, saes, fabricação das pastilhas, etc., foi alugado pelo governo francez, em 1853, por 50 annos, a uma Companhia anonyma por acções cujo capital social é de cinco milhões de francos. Um medico-inspector e um commissario do governo vigião a execução das obrigações impostas á Companhia, pela lei da concessão. Immensas obras forão executadas por esta Companhia, que põe hoje á disposição do publico

numerosos gabinetes de banhos, gabinetes de duchas, banhos de vapor, e uma sala para o tratamento pelo acido carbonico que se desenvolve das fontes. De mais, foi construido um magnifico casino, que veio substituir os antigos salões desde muito tempo insufficientes. Os hotéis são numerosos e confortaveis; além d'isso muitas habitações particulares tornão facil a vida de familia. As duas epochas mais convenientes para seguir com proveito o tratamento em Vichy são de 15 de maio até ao fim de junho, e de 15 de agosto até aos primeiros dias de outubro. Os arredores offerecem excursões variadas. Pela noite, a magnificencia do casino dá um attractivo particular ás festas, que consistem em bailes, concertos, representações theatraes offerecidas pelos artistas que chegão de Pariz pela estrada de ferro. No edificio do casino ha um salão de leitura e de jogos permittidos. Todos os dias, de manhã e de tarde, uma orchestra se faz ouvir á sombra do arvoredo do parque : a alegria e a animação facilitão o tratamento thermal.

Fontes. O numero das fontes de Vichy é de quinze. O elemento dominante é o bicarbonato de soda; umas são frias, outras tepidas, outras quentes. Eis-aqui os seus nomes, temperatura e a quantidade de bicarbonato que contém, segundo a analyse de Bouquet :

	Temp. cent.	Grammas de bicarbonato de soda		Temp. cent.	Grammas de bicarbonato de soda
<i>Grande grille.</i>	42°	4g,883	<i>Source du Parc..</i>	22°	4g,857
<i>Puits Chomel....</i>	43°	5g,091	<i>Mesdames.</i>	17°	4g,016
<i>Puits carré.....</i>	44°	4g,893	<i>Lardy.....</i>	23°	4g,910
<i>Lucas.....</i>	29°	5g,004	<i>Larbaud.....</i>	15°	4g,850
<i>Hôpital.....</i>	31°	5g,029	<i>Saint-Yorre....</i>	10°	4g,881
<i>Célestins.</i>	14°	5g,403	<i>Elisabeth.....</i>	16°	5g,200
<i>Hauterive.....</i>	15°	4g,687	<i>Saint-Marie....</i>	16°	4g,200
			<i>Prunelle....</i>	23°	cerca de 5g,000

Além da grande porção de bicarbonato de soda, todas estas fontes contém pequenas quantidades das substancias seguintes : bicarbonatos de potassa, de magnesia, de estronciana, de cal; carbonato de ferro; de manganez; sulfato de soda; borato de soda; chlorureto de sodio; silica; materia organica bituminosa. A fonte *Prunelle*, contém, além d'estas substancias, uma forte quantidade de gaz hydrogeneo sulfurado.

As seis ultimas fontes são propriedades de particulares; as nove primeiras pertencem ao Estado que as alugou a uma Companhia. A agua de todas as fontes é limpida, de gosto de lixivia, que não é desagradavel; a agua das fontes de *Célestins* e de *Hauterive* é acidula e picante; a agua da fonte *Prunelle* tem o cheiro de gaz

hydrogêneo sulfurado. A grande quantidade de gaz acido carbonico, que contém o maior numero d'estas fontes, simula, ao sahir, uma verdadeira ebullição; este gaz é puro, bem que se lhe misture ás vezes um leve cheiro de hydrogêneo sulfureo; na fonte *Prunelle*, o cheiro d'este gaz é constante e mui pronunciado. Existe igualmente n'estas fontes notavel proporção de uma substancia glutinosa que se encontra na maior parte das aguas mineraes.

Molestias que se tratão pelas aguas de Vichy. Ha muitas molestias para as quaes as fontes de Vichy podem ser utilmentê aconselhadas. As principaes são :

Affecções das vias digestivas. Todas as vezes que ha atonia dos orgãos da digestão, e que a susceptibilidade do estomago não é muito viva, póde-se recorrer com vantagem ás aguas de Vichy. Emprega-se geralmente nas molestias de estomago a fonte *Hôpital*. Esta fonte é a que contém maior quantidade de materias unctuosas; mas não se deve toma-la em grande dóse. Fazendo-se uso das aguas transportadas, a agua de *Hauterive* convem mais do que a de *Hôpital*. A agua de Vichy não sómente fortifica o apparelho digestivo, mas actua chimicamente sobre o succo gastrico, cuja acidez diminue, e concorre, d'este modo, para a digestão.

Affecções do figado, colicas hepaticas. As aguas de Vichy gozão desde epochas mui remotas de grande reputação contra os engurgitamentos do figado. Tornando a bilis mais fluida impedem a formação dos calculos biliares, e dissolvem os calculos formados; são, por conseguinte, um remedio por excellencia contra esta affecção. A fonte mais geralmente empregada n'estas molestias é a *Grande-Grille*.

Engurgitamentos do baço. Os engurgitamentos do baço, consequencias das febres intermitentes ou dos miasmas pantanosos, cedem ao emprego bem dirigido d'estas aguas, em bebida, banhos e duchas sobre o hypochondrio esquerdo. Exemplos numerosos das pessoas vindas da India, Africa e America, que se curarão em Vichy, provão esta asserção. A fonte de *Grande-Grille* deve ser empregada com preferencia contra estes engurgitamentos.

Areias. As aguas de Vichy são de uma efficacia incontestavel contra as areias rubras ou de acido urico, que são as mais frequentes. A acção da agua de Vichy é tão rapida que, depois dos primeiros copos, os doentes não achão mais no vaso sedimento rubro; o acido urico foi dissolvido. Com effeito, o acido urico combina-se com a soda para formar um urato de soda, o qual mais soluvel do que este acido, dissolve-se nas ourinas e sahe depois com ellas. As fontes de *Célestins* e de *Hauterive* são preferiveis. As vezes, entretanto, a agua de Vichy actua menos como

um agente chimico do que como um estimulante do aparelho renal. N'este caso, as areias, em vez de se dissolverem, desprendem-se do tecido dos rins e são depois expulsas com as ourinas. As aguas transportadas, completadas pelo emprego dos banhos preparados com os saes naturaes de Vichy, actuão da mesma maneira que as aguas tomadas na fonte, porém com menor energia.

Gota. A medicação pela agua de Vichy, ajudada de um regimen conveniente, tem effeitos vantajosos no tratamento da gota. Esta molestia reconhecce especialmente por causa a presença no sangue de um excesso de acido urico ou dos elementos que servem para a sua formação : pelo que existe muitas vezes simultaneamente com areias. N'este caso o uso das aguas alcalinas, neutralizando o excesso de acido urico, constitue o mais poderoso tratamento para combater a diathese gotosa, e para attenuar os ataques da gota; combate a rijeza dos ligamentos, e diminue as concreções que se formão nas articulações. As fontes que convem aos gotosos são as de *Célestins* e de *Hauterive*.

Diabetes. Todos os annos ha em Vichy certo numero de individuos affectados de ourinas doces. Ora, o maior numero d'elles dá-se bem com o uso d'estas aguas. É, porém, indispensavel, depois de terminado o curativo em Vichy, continuar em casa o uso das aguas, e ajudar a sua acção pelo regimen animal, e exclusão ou ao menos pela diminuição das substancias seculentas e assucaradas. As fontes que são de preferencia uteis aos diabeticos são as de *Hauterive* e *Célestins*.

As outras molestias, nas quaes as aguas de Vichy se tem mostrado uteis, são a *albuminuria*, o *catarrho vesical*, os *engurgitamentos do utero*, e *algumas molestias da pelle*, em particular, a *acne* e a *caparrosa*.

À vista do que deixei dito, vê-se que as fontes de Vichy, mesmo as que tem maior analogia entre si, não se empregão indistinctamente; é util, pois, dar as indicações relativas ás diversas molestias para as quaes cada fonte é mais especialmente prescrita.

Grande-Grille. 42° (quente). administra-se nas areias, gota, engurgitamentos do figado e do baço, nos calculos biliares, nas affecções das vias digestivas, etc.

Puits Chomel. 43° (quente). Catarrhos pulmonares, dyspnea nervosa.

Hôpital. 31° (quente). Esta fonte tem muita analogia com a fonte de *Grande-Grille*, convem nas affecções das vias digestivas, gastralgia, metrites chronicas, etc.

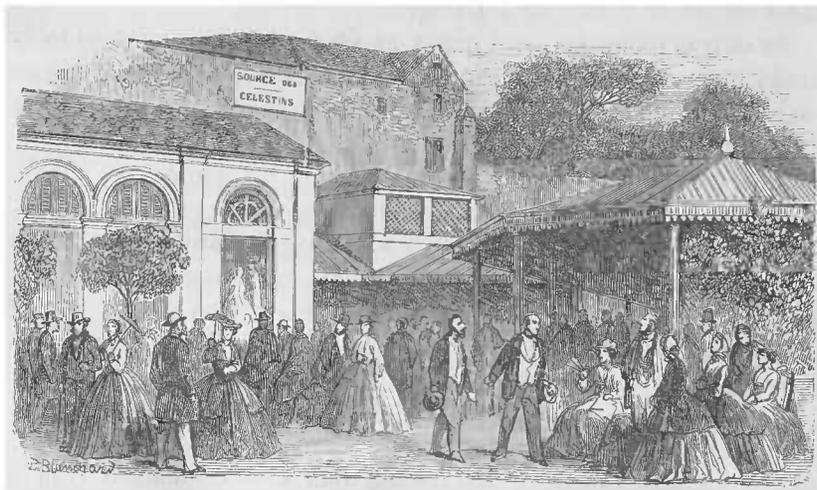
Hauterive. 15° (fria). Affecções dos rins e da bexiga, areias, pedra na bexiga, gota, diabetes, engurgitamentos abdominaes,

albuminuria. Esta fonte é a mais propria para ser empregada a distancia, quando não se póde tomar aguas em Vichy mesmo.



Fig. 488. Vichy. — Fonte de *Grande-Grille*.

Célestins. 14° (fria). Affecções dos rins, da bexiga, areias, calculos urinaes, gota, diabetes.



Ffg. 489. Vichy. — Fonte de *Célestins*.

Mesdames. 17° (fria). Goza propriedades especiaes, por causa da grande quantidade de ferro que contém; convem na chlorose,

leucorrhœa, e em todos os casos em que é necessario empregar a medicação tónica.

Fonte do Parque. 22° (tepida). A sua grande riqueza em gaz acido carbonico torna-a de digestão facil.

Fonte Saint-Yorre. 10° (fria). A agua d'esta fonte; emprega-se

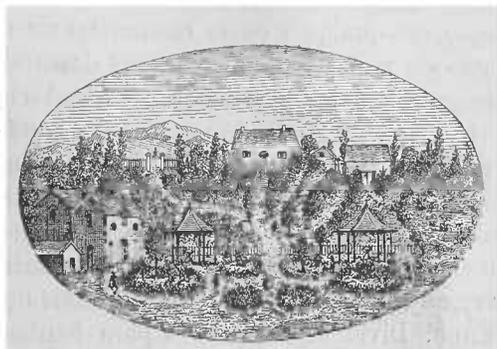


Fig. 490. Vichy. — Fonte de *Saint-Yorre*.

nos mesmos casos que a da fonte Hauterive. Transportada, conserva-se muito bem.

Fonte Prunelle. 24° (tepida). A agua d'esta fonte por conter além dos bicarbonatos alcalinos notavel quantidade de hydrogeneo sulfureo, convem nas molestias do figado e dos rins, complicadas com affecções da pelle ou das vias respiratorias.

Modo de usar das aguas. As aguas de Vichy empregão-se em bebida, banhos e duchas. O momento mais favoravel para bebê-las é de manhã em jejum. É preciso proceder systematicamente por doses graduadas e pouco elevadas. A principio, bebe-se um ou dois copos por dia, cada copo representa 250 grammas (8 onças); augmenta-se de um copo por dia, até cinco ou seis copos, dose que raras vezes se excede. Por pouco que haja susceptibilidade do apparelho digestivo, a dose limita-se a um quarto ou á metade do copo por cada vez.

O complemento habitual de um tratamento em Vichy é um *banho quotidiano* de uma hora, na temperatura de 31° a 34° com agua mineral, misturada pela metade com agua commum. Sendo a agua mineral, destinada aos banhos, da temperatura de mais de 40 grãos, mistura-se em proporções convenientes com agua commum fria. A agua mineral pura seria demasiado forte; poderia produzir msomnia, agitação nervosa, dores de cabeça.

As *duchas*, dirigidas sobre as cadeiras, regiões do figado, do baço e outras partes, actuação localmente como resolutivas.

O *gaz acido carbonico*, que se desenvolve das aguas, deo lugar ás applicações eurativas das molestias dos ouvidos, do nariz e do utero.

Regimen dos doentos. Durante o uso das aguas de Vichy os doentes podem beber vinho e comer fruetas. O regimen não deve soffrer modifcação alguma dependente da natureza chimica do tratamento. Como em qualquer outra circumstancia deve ser sub-mettido ás phases da molestia e ás condições da saude.

Agua transportada. Todas as fontes de Vichy supportão bem o transporte. As fontes de *Hauterive*, de *Saint-Yorre*, e de *Célestins* conservão-se melhor; a de *Hôpital* conserva-se menos bem. Exportão-se mais de 2,400,000 garrafas cada anno. O numero das garrafas exportadas vai augmentando todos os annos; felizmente as fontes dão mais de 500,000 litros em vinte e quatro horas.

Sacs naturaes de Vichy. Expedem-se mais de 60,000 kilogrammas por anno. Dividem-se em saes para banhos e saes para bebida.

Saes para banhos. Eis como se procede á extracção dos saes destinados aos banhos: Installão-se, perto dos reservatorios das fontes, vastas tinas de ferro forjado em que a agua mineral é sub-mettida á acção prolongada do calor. Quando marea 34 ou 35 grãos no areometro, modera-se o fogo, tirão-se com pás os saes á medida que se depõem, operação que se continua até que a tina esteja esgotada. Os saes assim obtidos representão massas de crystallização um pouco confusa, que encerrão os elementos essenciaes da agua mineral. Quando forão suffieientemente esgotados, depois saturados de gaz acido carbonico tomado nas fontes, depois emfim bem seeos, dividem-se em rolos de capacidade igual á quantidade dos saes contidos n'um banho de Vichy: é debaixo d'esta fórma que se entregão ao commereio.

Saes para bebida. Os saes para bebida, em consequencia dos euidados especiaes de que a sua crystallização é objecto, tem muito mais bella apparencia do que os saes para banhos. Mas as aguas artificiaes, que estes saes produzem, nunea substituem completamente a agua natural; esta é a unica agua realmente medicinal. São, todavia, superiores aos simples bicarbonatos de soda do commereio. O seu principal emprego consiste na fabricação das pastilhas de Vichy.

Pastilhas de Vichy. Estas pastilhas, em que o sabor acre do bicarbonato de soda é eneoberto pela gomme alcatira, assuear e alguma agua aromatiea, formão um medicamento digestivo, que mesmo as crianças tomão com prazer. Convem sobretudo nas digestões difficeis, nas dyspepsias flatulentas caracterizadas pelo

desenvolvimento de gaz no estomago. — A grande fabrica, onde se preparam estes diversos productos, é o passeio obrigado das pessoas que chegam a Vichy.

Informações praticas. O preço da morada e comida em Vichy, varia entre 8 e 15 francos diarios, por pessoa, segundo a situação, hotel e andar escolhido. — A agua mineral bebida na fonte é gratuita; levada a casa custa 30 centimos o litro. — Os banhos e as duchas custão; 1ª classe, 3 francos; 2ª classe, 2 francos; 3ª classe, 60 centimos. — A estação official principia em 15 de maio, e acaba em 15 de setembro. — A duração média de uma estação de banhos em Vichy é de 24 a 30 dias. — O estabelecimento thermal está aberto todo o anno, e o tratamento thermal continua sem excepção.

Agua de Vichy bebida em casa. A maneira de tomar as aguas de Vichy transportadas differe geralmente da que se emprega na fonte mesma. Assim, em vez de bebê-las em jejum e puras, tomão-se com preferencia durante o jantar misturadas com vinho branco ou vinho tinto. O vinho branco tem a vantagem sobre o vinho tinto de não se turvar pela agua de Vichy; porém, se o vinho tinto se turva, esta circumstancia resulta do deposito da materia corante, e não da alteração da agua que conserva as suas virtudes medicinaes. Outras pessoas preferem beber a agua pura de manhã em jejum, ou algum tempo antes do jantar.

VIDRO. Composição de silica, de potassa ou de soda, e de cal, ou de oxydo de chumbo, que dá pela fusão massa amorpha e transparente e que não se dissolve nem na agua nem na maior parte dos acidos. As propriedades e os usos do vidro varião segundo a natureza de suas partes constituintes. Distingue-se : o *Vidro commum*, de que se fazem sobretudo as garrafas, e que se fabrica com areia ferruginosa, com cinzas ou sodas brutas, vidro branco quebrado, um pouco de greda ou de cal e de oxydo de manganez; o *Crystal ordinario* destinado para os copos de beber, frascos, vasos de ornamento, que se faz com as mesmas substancias, mas empregando carbonato de potassa em vez de carbonato de soda; o *Crown-glass*, com que se fazem os oculos de longamira, as lentes de augmento, e os instrumentos de optica, e que se obtem com uma mistura semelhante; o *Flint-glass*, para os oculos achromaticos, que se obtem misturando areia branca, carbonato de potassa purificado, minio, um pouco de borax e nitro; o *Stras*, com que se imitam as pedras preciosas, e que se faz com crystal de roca e areia branca, carbonato de potassa puro, minio, um pouco de borax e de acido arsenioso.

A transparencia e a alvura são as primeiras qualidades do

vidro, e dependem da escolha das materias primas. O vidro é perfeitamente elastico entre certos limites, e em geral mui sonoro. É ordinariamente mui fragil; todavia os vidros sem composição de chumbo, e sobretudo os vidros da Bohemia, quando bem fabricados, adquirem bastante solidez e dureza tal que podem ferir lume quando são percutidos pelo aço. Todos os vidros são mais ou menos fusiveis; quando estão amollecidos pelo calor, deixão-se curvar com maior facilidade; podem-se fazer d'elles fios, com os quaes se podem fiar estofos. Quando o vidro é resfriado subitamente, torna-se mui fragil. Diminue-se a extrema fragilidade do vidro, submettendo-o a um resfriamento mais ou menos lento. Os vidros supportão as variações de temperatura tanto melhor quanto mais lentamente forão resfriados. Os vidros, quando são duros, não se alterão pelos agentes chimicos; entretanto, não ha vidro que resista á acção do acido fluorhydrico; e é com este acido que se grava no vidro.

Os *vidros de côr* são vidros corados com mui pequenas quantidades de oxydos metallicos, que forão derretidos na massa : os *brancos* obtem-se com acido stannico ou arseniato de chumbo; os *azues*, com oxydo de cobalto; os *purpureos* e *roxos*, com purpura de Cassius, protoxydo de cobre, protoxydo de manganez; os *verdes*, com deutoxydo de cobre; sesquioxydo de chromo, etc.

VIDRO DOS DENTES. Synonymo de *esmalte dos dentes*.

VIDRO MOIDO. O vidro moido não é veneno, como muitas pessoas julgão. Ingerido no estomago, exerce só acção mecanica, e póde n'este caso produzir colicas e inflammação do estomago ou dos intestinos. Previnem-se os accidentes, enchendo o estomago com feijões, pão ou batatas, e administrando 5 centigrammas (1 grão) de emetico, dissolvido em 500 grammas (16 onças) d'agua, para provocar vomitos e evacuações alvinas.

VINAGRE. Liquido azedo que se obtem principalmente da fermentação acida do vinho; é branco ou vermelho, conforme o vinho de que se obtem. Prepara-se tambem com cerveja, cidra, substancias que contém assucar, etc. O vinagre tem numerosos usos em medicina e na arte culinaria. Tomado puro em jejum, durante certo tempo, póde produzir um emmagrecimento rapido e affecções mais graves. Tal é o caso de uma joven de que falla Andry, que, temendo chegar á corpulencia de sua mãe, tomava, por conselho de um curandeiro, um calix de vinagre em jejum, todas as manhãs; o emmagrecimento foi prompto. Tendo sido o mesmo meio continuado, o marasmo fez tantos progressos, que a joven succumbio. O abuso dos alimentos com vinagre tem inconvenientes semelhantes; mas o seu uso moderado é util, porque

favorece a digestão. O vinagre diluido em grande quantidade d'agua fria e adoçado com assucar, constitue uma bebida refrigerante muito util nas febres inflammatorias e perdas de sangue. O vinagre é um dos melhores remedios contra a embriaguez. Tem-se tambem empregado vantajosamente contra as polluções nocturnas a applicação entre as coxas, de uma esponja embebida n'este liquido. As applicações de pannos molhados em agua fria com vinagre tem feito parar muitas vezes as perdas de sangue uterinas após o parto. Esta mesma mistura, applicada fria na testa, é util nas dôres de cabeça. O vinagre entra na preparação dos gargarejos que se empregão nas esquinencias. As fumigações de vinagre, que algumas pessoas fazem nos quartos dos doentes, não fazem senão encobrir o máo cheiro, pois não destroem os miasmas.

Eis-aquí os *caracteres do bom vinagre de vinho* : é limpido, de côr amarella escura, de uma densidade de 2 grãos 50 a 2 grãos 75 do pesa-vinagre de Baumé; tem sabor muito acido, mas sem aspereza; turva-se um pouco pelo azotato de baryta, e mui fracamente pelo azotato de prata; não contém substaneias metallicas que possam produzir côr roxa pelos hydrosulfatos alealinos. Todo o vinagre que tiver propriedades oppostas ás que acabei de indicar deve ser considerado como de qualidade inferior, ou como suspeito de falsificação.

Modo de fazer vinagre em casa. Deita-se dentro de uma vasilha certa quantidade de vinagre fervendo. Tapa-se levemente a abertura da vasilha com um panno, e de oito em oito dias vai-se-lhe deitando vinho, tendo o cuidado de manter a temperatura do lugar de 18 a 25 grãos centigrados. Quinze dias depois, todo o vinho está reduzido a vinagre. Cada vez que se tira certa quantidade de vinagre para o consumo da casa, deita-se igual quantidade de vinho, que se transforma por seu turno em vinagre; e d'esta maneira a vasilha póde fornecer ao consumo quotidiano durante um tempo indefinito. No Rio de Janeiro, onde a temperatura média do anno é de 23 grãos centigrados, e onde só por tres ou quatro dias no mez de agosto o thermometro centigrado está a 16 grãos acima de zero, póde-se fazer o vinagre deitando simplesmente os restos do vinho n'uma vasilha que se deixa sempre mal cheia. A fermentação acida opera-se espontaneamente sem o previo auxilio do vinagre.

Vinagre aromatico.

Folhas de herva cidreira.	..	25 grammas
— de hortelã pimenta.		25 grammas
— de alecrim..		25 grammas

Folhas de salva	..	25 grammas
Flores de alfazema.	. :	50 grammas
Vinagre branco.		2000 grammas.

Incise as plantas; macere-as no vinagre durante dez dias, vascolejando de vez em quando. Cõe e filtre. — Este vinagre dá-se a. cheirar nos desmaios; usa-se em fricções pelo corpo nas asphyxias, e em muitos outros casos, para reanimar a vida ou excitar a economia.

Vinagre phenico. Veja-se vol. 1, pag. 34.

VINHO. O sumo espremido das uvas, ao qual se faz tomar um grão mais ou menos alto de fermentação, chama-se *vinho*. Ingerida em quantidade moderada, esta bebida facilita a digestão, fortifica o estomago e todas as funcções. Em maior dóse, produz alegria, excita as faculdades intellectuaes; em dóse excessiva, occasiona a embriaguez. O vinho póde, em geral, ser considerado como um composto de alcool, de assucar, de acido malico, tartrico, acetico, de cremor de tartaro, de uma materia corante, e ás vezes de uma substancia aromatica. Quando se engarrafa antes de concluida a fermentação, contém, além do que fica dito, o acido carbonico, que o torna espumoso.

As differenças que apresentam os vinhos nas suas qualidades e effeitos sobre a economia animal dependem das proporções de seus principios immediatos, e principalmente das do alcool, da materia assucarada, da materia corante, do cremor de tartaro e dos acidos que contém. Os vinhos *acidos* são em geral menos alcoolicos que os outros; misturados com agua, acalmão a sêde e dissolvem os alimentos. Os vinhos *doces* são de digestão assaz laboriosa; contém muito alcool, são mui nutrientes e reparadores; acalmão pouco a sêde, actuão como estimulantes; não devem ser tomados senão em pequena quantidade. Os vinhos *acerbos* e *adstringentes* são mais tonicos do que os outros.

O uso do vinho deve ser modificado conforme as circumstancias. Assim, nos primeiros momentos da vida, este licor é em geral mui forte, mui excitante, para os orgãos tão tenros e dotados de excessiva sensibilidade. Se a criança fôr constituida de uma maneira robusta, é preferivel não dar-lhe senão agua como unica bebida ou agua apenas tinta de vinho. Mas devem fazer-se excepções para as crianças fracas, para as que são predispostas ás escrophulas; o uso moderado do vinho póde ter, n'estas circumstancias, influencia vantajosa. Qualquer que seja a idade, o vinho deve ser tomado com moderação; mas se ha uma idade em que elle póde ser util, é quando os annos tem diminuido as forças geraes. Relativamente ás constituições, a constituição

caracterizada pela fraqueza dos diversos órgãos é aquella a que o vinho mais convem. O vinho administrado como medicamento deve ser velho, generoso e o menos excitante possível. Tal é o vinho velho de Bordeos, aconselhado com preferencia aos doentes, pois fortifica sem escandecer. Os vinhos de Portugal, de Hespanha, da Madeira, de Malaga, administrão-se nos casos em que são indicados os excitantes mais energicos. Administra-se o vinho na convalescença das molestias quando não existe mais febre; dá-se na fraqueza natural ou adquirida, em consequencia de perdas por uma via qualquer, como depois de longas ou fortes hemorragias, diarrehas, etc., no escorbuto, nas flores brancas, e em outras muitas molestias. Lavão-se com vinho as ulceras antigas, para ficarem mais vermelhas; applicão-se chumaços embebidos em vinho nas torceduras, como resolvente. Lavão-se as crianças fracas com vinho quente : até tem sido aconselhado em banhos.

Modo de tirar o azedume ao vinho. Deite n'um barril de 230 litros 8 kilogrammas (16 libras) de assucar mascavado dissolvido em pequena quantidade d'agua, deixe fermentar, e trasfegue o vinho para outra vasilha.

Outro modo. Ajunte ao vinho uma quantidade conveniente de cremor de tartaro; 180 a 270 grammas (6 a 9 onças) para um barril de 230 litros de vinho.

Terceiro modo. Se o vinho em vasilha principiar a azedar, trasfegue-se para outra vasilha e colle-se; alguns dias depois repita-se a mesma operação, e muitas vezes basta esta dupla operação para impedir o progresso da fermentação acida.

Quarto modo. Se o gosto azedo já fôr bastante pronunciado, tomão-se 30 a 40 nozes para uma vasilha de 230 a 250 litros, quebrão-se, torrão-se como café, e deitão-se quentes na vasilha, da qual se hão de tirar previamente 5 a 6 garrafas de vinho; colla-se ao mesmo tempo fortemente o vinho, e mexe-se o liquido; enche-se e tapa-se a vasilha; 6 horas depois, trasfega-se com precaução e deixa-se assentar o vinho, até ficar perfeitamente claro. Na falta de nozes, 4 onças de trigo torrado podem produzir o mesmo effeito.

Amargor do vinho. Esta alteração manifesta-se nos vinhos guardados por muito tempo. Remedeia-se, pelo menos em parte, misturando o vinho assim alterado com igual quantidade de vinho da mesma natureza, porém mais novo. Colla-se e engarrafa-se. Este vinho deve ser consumido immediatamente.

Gosto de vasilha. Esta alteração é ordinariamente devida ao desenvolvimento do mofo. Corrige-se trasfegando o vinho para outra vasilha, e deitando n'elle um copo de azeite doce; bate-se

fortemente com uma varinha, e deixa-se assentar para separar o azeite que sobrenada.

Adstringencia dos vinhos. Ha vinhos que tem um gosto acerbo demasiadamente pronunciado : corrige-se este gosto collando o vinho muitas vezes.

Gordura dos vinhos. Os vinhos que experimentão esta alteração adquirem consistencia viscosa. Corrige-se este defeito, ajuntando a um barril 15 grammas de tannino. Obtem-se o mesmo resultado empregando 250 grammas (8 onças) de cremor de tartaro, e igual quantidade de assucar mascavado, dissolvido em 12 garrafas de vinho aquecido até ferver. Deita-se esta mistura no vinho, e bate-se este por um quarto de hora com uma varinha. — Um outro modo igualmente bom, consiste em deitar na vasilha 90 grammas (3 onças), pouco mais ou menos, de caroços de uvas reduzidos a pó. Mexe-se fortemente o vinho, e colla-se dois dias depois.

Vinhos toldados. Os vinhos estão sujeitos a uma alteração que lhes dá um sabor e cheiro desagradaveis : a materia corante torna-se roxa e quasi preta. Se esta alteração já fôr antiga, se já passar de um anno, é mui difficil remedia-la. No caso contrario, póde restabelecer-se um vinho toldado, ajuntando-lhe 15 grammas de acido tartarico para cada 100 litros de vinho.

Vinhos turvos. Deve-se n'este caso trasfegar o vinho para uma vasilha em que se tenha queimado enxofre. Colla-se depois, e torna-se a trasfegar.

Vinhos azues. Os vinhos devem esta côr a uma alteração levemente putrida. Se esta alteração não fôr mui antiga, nem mui pronunciada, póde remediar-se ajuntando ao vinho pequena quantidade de acido tartarico.

Modo de collar os vinhos. Os vinhos collão-se com claras de ovos. Para um barril de 226 litros empregão-se 6 claras de ovos, que se misturão com um pouco d'agua, e bate-se com uma varinha; depois deita-se tudo no barril, e mexe-se com uma vara. Depois de assentado o vinho por doze ou quinze dias, engarrafa-se.

Para collar *vinhos brancos*, emprega-se a colla de peixe, 24 gram. (6 oitavas) de colla para um barril de 226 litros.

Vinho aromatico.

Especies aromaticas (mistura de partes iguas de folhas seccas de salva, tomilho, serpão, hysopo, hortelã, ouregão, absinthio, alecrim).	100 grammas
Tintura vulneraria .	100 grammas
Vinho tinto	1000 grammas.

Macere as especies no vinho por dez dias, mexendo de vez em quando. Cõe com espressão, ajunte a tintura, e filtre o liquido.

O *vinho aromatico* é muito empregado no curativo das ulceras.

A *tintura vulneraria*, que entra na composição do vinho aromatico, prepara-se macerando durante 10 dias, em 3000 grammas de alcool a 80°, 100 grammas das substancias seguintes : folhas frescas de absinthio, de angelica, de mangerião, de calamintha, de funcho, de hysopo, de mangerona, de melissa, de hortelã pimenta, de ouregão, de alecrim, de arruda, de segurelha, de salva, de serpão, de tomilho, summidades floridas de hypericão, e de alfazema. Cõa-se depois o liquido com espressão e filtra-se.

VINHOS MEDICINAES. Dá-se este nome aos vinhos que contém em dissolução uma ou mais substancias medicamentosas. Os vinhos empregados n'estas preparações são de natureza mui variavel : devem scmpre escolher-se puros e generosos. Os vinhos medicinaes devem ser preparados pela maeração a frio em vasos bem tapados. Depois de um contacto prolongado por mais ou menos tempo, conforme a densidade das materias, cõem-se com espressão e filtrem-se; guardem-se depois em garrafas bem tapadas, e em lugar fresco. Por causa da facilidade com que se alterão, devem os vinhos medicinaes ser preparados em pequena quantidade, e renovados frequentemente. Os principaes vinhos medicinaes são : vinho de quina, vinho de genciana, vinho de quassia.

VIOLETA ou VIOLETA CHEIROSA. *Viola odorata*, Linneo. Violarineas. Planta cultivada nos jardins do Brasil e de Portugal. Fig. 491. Raiz cylindrica, horizontal, guarnecida de fibras filiformes; produz renovos prostrados, semelhantes a pequenos talos deitados, guarnecidos na extremidade de muitas folhas pecioladas, cordiformes, glabras, crenadas na margem. As flores nascem immediatamente dos renovos, sobre pedunculos tão compridos como as folhas; as petalas são de cõr azul purpurea, salvo a unha que é de um branco esverdeado. Uma variedade tem flores brancas. Pela cultura as flores dobrão-se. As flores tem cheiro brando e agradável : usão-se em medicina como peitoraes. Prepara-se com ellas uma infusão, que, adoçada com assucar, administra-se com vantagem nos defluxos e bronchites. Um pugillo de flores para uma chicara d'agua fervendo.



Fig. 491.

Viola cheirosa.

VIOLETA DE TRES CÔRES, AMOR PERFEITO OU HERVA DA TRINDADE. *Viola tricolor*, Linneo. Violarineas. Planta cultivada nos jardins do Brasil e de Portugal, por causa da belleza das suas flores. Caules muitos de uma só raiz, prostrados; folhas alternas, de peciolo longos, ovadas, obtusas, recortadas-crenadas; corolla de cinco petalas; as duas *superiores* arroxeadas, as duas *intermedias* violaceas-esbranquiçadas, a *inferior* branca-amarella, com cinco ou sete estrias anegradadas com esporão purpureo. A raiz tem cheiro e sabor agradaveis; a flor tem o cheiro da raiz, porém mais fraco. A flor da violeta de tres côres emprega-se como a da violeta cheirosa, e a substitue frequentemente.

VIPERINA ORDINARIA. *Echium vulgare*, Linneo. Borragineas. Planta que em Portugal habita nos campos, muros e ruinas dos edificios. Caule recto, simples inferiormente, guarnecido superiormente de ramos floriferos; folhas lanceoladas, eriçadas, como o caule, de pellos rudes; flores sesseis, dispostas em espigas láteraes, de côr purpurea, que se torna mais tarde azul. A infusão de flores é um sudorifico: prepara-se na proporção de 10 gram. (2 1/2 oitavas) de flores, para 1000 (32 onças) d'agua fervendo.

VIRILHA. Dá-se o nome de virilha ou região inguinal á reunião das partes que formão o angulo ou uma cavidade obliqua situada na reunião da parede do ventre e da coxa.

MOLESTIAS DA VIRILHA.

I. Abcesso agudo. É a consequencia da inflammação do tecido cellular que envolve os ganglios lymphaticos da virilha. É um tumor doloroso, mais ou menos depressivel e fluctuante. O tratamento compõe-se das cataplasmas de linhaça. Logo que a fluctuação fôr evidente, é preciso abrir o tumor. *Veja-se* ABCESSO AGUDO EM GERAL, vol. I, pag. 2.

II. Abcesso por congestão. Dá-se este nome a um abcesso da virilha, cuja fonte não é na virilha mesma, mas n'um lugar mais ou menos afastado, n'uma vertebra cariada, no musculo psoas ou no tecido cellular sub-peritoneal. Não ha vermelhidão na virilha; quando o tumor se mostra n'esta região, já contém pus. *Veja-se* vol. I, pag. 14.

III. Aneurysma. Tumor da virilha formado pela dilatação da arteria que corresponde a esta região. *Veja-se* vol. I, pag. 186.

IV. Bubão ou Mula. Tumor da virilha occasionado pelo engurgitamento das glandulas lymphaticas da virilha, dependente do virus syphilitico. *Veja-se* vol. II, pag. 435.

V. Feridas da virilha. *Veja-se* vol. I, pag. 1107.

VI. **Hernia.** Tumor da virilha, formado pela sahida do intestino da cavidade abdominal. *Veja-se* QUEBRADURA, v. II, p. 796.

VII. **Hydrocele do cordão espermatico.** Tumor duro, movel, transparente quando o seu volume é consideravel; é formado por um sacco cheio de um liquido claro ou turvo, de côr amarella esverdeada, ás vezes rubro. Trata-se pela punccão e injecção de tintura de iodo, como o hydrocele da tunica vaginal (vol. II, pag. 146).

VIII. **Ingua.** Engurgitamento das glandulas da virilha, não dependente do virus syphilitico. *Veja-se* vol. II, pag. 215.

IX. **Tumores da virilha.** São numerosos.

Observão-se na virilha *quebraduras* formadas pelos intestinos sahidos do ventre : esta molestia apresenta-se sob a fórma de um tumor molle, elastico, sem mudança na côr da pelle; pôde sobrevir pouco a pouco; ou subitamente na occasião de algum esforço; este tumor torna a entrar ás vezes no interior do ventre quando a pessoa se deita, ou quando o tumor se comprime de certa maneira; ouve-se então um ruido particular : pelo contrario, augmenta pela tosse e pelos esforços. (*Veja-se* QUEBRADURA.)

As glandulas lymphaticas da virilha podem inchar e inflamar-se; quando esta molestia depende de causa syphilitica, o tumor chama-se *mula* ou *bubão*. O bubão syphilitico é ordinariamente precedido de cavallos ou de esquentamento. Sente-se ao principio uma glandula movel um pouco inchada e dolorosa; augmenta logo de volume e fica adherente; a dôr torna-se latejante e mui viva; a pelle torna-se vermelha, e a glandula, depois de adquirir um volume ás vezes consideravel, faz-se molle pouco a pouco e transforma-se em postema. (*Veja-se* MULA.)

Ha uma variedade de engurgitamentos das glandulas da virilha que é necessario conhecer, porque injustamente podem ser tomados por mulas syphiliticas. Acontece, com effeito, que uma ou mais glandulas da virilha inflammão-se, augmentão de volume e ficão dolorosas, em consequencia de erysipela na coxa ou de feridas no pé ou na perna do mesmo lado. Felizmente, este engurgitamento, chamado *ingua*, ou simplesmente *glandula*, raras vezes acaba por suppuração; de ordinario resolve-se pouco a pouco. Favorece-se esta terminação pelo repouso e com cataplasmas de linhaça. (*Veja-se* INGUA.)

Postemas podem tambem apparecer na virilha; é preciso abri-las quando estão maduras. (*Veja-se* ABCESSO.)

Emfim, existe ás vezes uma fórma de tumor na virilha constituído pelo testiculo que não desceo ao escroto. Comprimindo o tumor, determina-se uma dôr viva, semelhante á dôr que produz

a pressão do testículo descido no escroto. N'este caso as bolsas não são symetricas, encerrão um só órgão. *Veja-se FALTA DO TESTICULO*, vol. II, pag. 1037.

VIRUS. O virus é um principio de natureza desconhecida e inacessivel aos nossos sentidos, que se desenvolve em certas molestias, e que, inoculado em um individuo são, transmite exactamente a mesma molestia. Assim, a saliva de um cão damnado inoculada no homem gera a hydrophobia; o pus de um cancro syphilitico produz a syphilis; a vaccina, as bexigas, o mormo, tem tambem um virus, que se communica. O virus differe do *veneno* de certos animaes, que é producto normal segregado por um órgão especial n'um animal perfeitamente são. Estes animaes são : cobra cascavel, surucucú, vibora, escorpião, mari-bondo, abelha, etc.

VISTA. Bem que todas as producções da natureza sejam igualmente dignas de admiração, cumpre, entretanto, confessar que o mecanismo da visão é um dos que nos devem causar maior pasmo. Um órgão de uma incrível perfeição situado na parte mais elevada do corpo, como para estender-se ao longe, é destinado a receber os raios luminosos, a modifica-los, de tal sorte, que a imagem dos corpos, d'onde elles emanão, vai pintar-se sobre uma membrana sensivel que communica com o cerebro. Muitas precauções tomou o Creador para proteger este precioso instrumento. Rodeado de proeminencias osseas destinadas a defendê-lo da acção dos agentes exteriores, sotoposto ás sobranceiras, verdadeiros *antolhos*, cujo uso evidente é moderar a intensidade da luz dos astros, é ainda coberto de véos moveis que, movendo-se continuamente, varrem os corpusculos que vem depositar-se sobre o globo do olho, e, abaixando-se, quando queremos, interrompem por instantes a visão, e occasionão assim um leve repouso tão necessario ao exercicio do sentido. A natureza levou a sua previsão a ponto de estender artificiosas redes, as pestanas, para apanhar o pó e os insectos que volteão na atmospheria. É cousa espantosa a indifferença com que tanta gente expõe a uma alteração contínua um órgão de tão alta importancia. Todos sabem, entretanto, que nenhum sentido nos proporciona prazeres tão numerosos. A vista é o sentido por excellencia; a sua privação é uma das mais difficeis de tolerar. Apontemos, por consequente, as causas que podem ser nocivas a um órgão tão precioso, e indiquemos alguns preceitos uteis para a sua conservação.

Não ha cousa mais fatal á vista do que o brilho de uma luz mui viva. A experiencia prova que muitas pessoas, obrigadas por sua **profissão** a terem os olhos fitos em objectos fortemente esclare-

cidos, são affectadas de ophthalmia, cataracta, gota serena, e da maior parte das molestias dos olhos. A reverberação produzida por uma areia brilhante póde tambem occasionar a cegueira. As paredes resplandecentes por sua alvura, e continuamente tocadas pelos raios solares, offerecem o mesmo perigo. O melhor meio de se evitarem os accidentes que podem resultar d'estas causas é abrigar os olhos com oculos de côr. Ninguem deve com a claridade do sol entregar-se á leitura, ou a qualquer outra occupação que obrigue a fitar os olhos em objectos mui miudos. As pessoas que trabalham em um quarto exposto aos raios solares, ou á sua reverberação, devem preservar-se d'esta luz intensa mediante cortinados de côr, ou cerrando um pouco as janellas.

Uma luz mui fraca tem inconvenientes analogos. Se se trabalhar com claridade insufficiente, resulta d'isto ao principio uma sensação penosa de dôr no olho. A inflammção d'este orgão póde sobrevir em consequencia de tão fatigante exercicio. Suspender então toda a especie de trabalho, é a unica cousa que se deve fazer. É preciso, por conseguinte, evitar o estudo durante a luz duvidosa do crepusculo.

De tudo o que acabei de expôr, resulta que se deve evitar com igual cuidado a luz mui brilhante ou demasiado pallida. Uma claridade média; isto é, cuja impressão não determina sensação alguma dolorosa no globo do olho, é a mais conveniente.

Tudo isto se applica igualmente ás côres. As côres brilhantes produzem os mesmos effeitos que a vivacidade mui grande da luz. O vermelho fatiga singularmente a vista. O amarello, o verde e o azul são mais favoraveis aos olhos, e a côr verde sobretudo. As côres sombrias, taes como azul ferrete, o roxo e o preto, que são unicamente a ausencia da luz, produzem effeitos analogos aos da obscuridade. Em geral, as côres que não são nem mui brilhantes, nem mui sombrias, são mais convenientes á vista.

O exercicio e o repouso do olho não deixão de ter influencia sobre a perfeição d'este orgão; o exercicio demasiado cansa-o e estraga-o, o prolongado não lhe é menos desfavoravel. Com um exercicio moderado é que a vista adquire toda a força de que é susceptivel.

Está geralmente provado que uma alimentação demasiadamente rica e copiosa, occasionando grande abundancia de sangue na economia, produz deslumbramentos, vertigens, e até tem causado cegueira momentanea. A abstinencia ou a falta de sustento, pondo todo o corpo em profunda fraqueza, não poupa mais os orgãos. Os olhos dos infelizes que estão privados de alimentos cobrem-se de um nevoeiro que lhes tolda os objectos.

Semelhantes effeitos são ainda o resultado do abuso dos licores alcoolicos. É raro que os bebados tenham boa vista.

Conselhos para conservar a vista. Cada qual deve estudar cuidadosamente a força dos seus olhos, afim de poder apreciar e determinar com certeza a somma de trabalho, o gráo de applicação de que se sente capaz, e que nunca deve exceder. As vistas delicadas e fracas devem ter frequentes intervallos de repouso, cujo numero e duração estarão em relação com o gráo de fraqueza da vista; é necessario então desviar os olhos do objecto sobre o qual estavam fixos, dirigi-los para qualquer objecto corado com uma tinta branda e agradável, o verde, por exemplo, ou melhor ainda fecha-los durante alguns instantes: mediante estas precauções, podem continuar por um tempo bastante longo, e sem fadiga, os trabalhos delicados e minuciosos.

De manhã, convem graduar a passagem da escuridão á luz, applicar sobre a margem das palpebras um pouco de saliva, lavar depois os olhos com muita agua, emfim expô-los algum tempo ao ar livre antes de se pôr ao trabalho. Á tardinha, não olhar os objectos miudos n'um lugar sombrio; nunca passar subitamente de uma luz artificial e viva a uma profunda escuridão; de noite antes escrever do que entregar-se á leitura; não ler senão typos facéis e bem formados, e nunca typos microscopicos, tão perigosos para a vista.

Todas as pessoas cuja profissão impõe ao orgão da vista grandes fadigas habituaes, farão bem em lavar os olhos, pela manhã e á noite, com agua fria misturada com algumas gottas de aguardente ou d'agua de Colonia.

Em conclusão, para conservar a vista boa, é preciso evitar uma luz muito intensa ou mui fraca; côres mui brilhantes ou mui sombrias; o trabalho com a luz artificial e sobre corpos mui miudos; a passagem subita da luz ás trevas, e sobretudo d'estas á luz, de uma côr viva a uma côr opposta; uma alimentação mui abundante ou insufficiente; o abuso dos licores alcoolicos; um ar mui quente, ou frio e humido; um exercicio immoderado; o repouso ou a acção mui prolongada do olho.

Quanto á *vista curta* e *vista longa*, veja-se os artigos MYOPIA e PRESBYOPIA. Para o complemento d'este artigo *Veja-se* OLHO, BELIDA, CATARACTA, GOTA SERENA, CEGUEIRA, OCULOS, etc.

VITILIGEM. Dá-se este nome a manchas brancas produzidas espontaneamente e devidas á desappareição do pigmento da pelle. A vitiligem póde occupar todos os pontos do corpo. Quando se mostra nas suissas, na barba ou nas sobrancelhas, faz perder a côr ao cabello. Esta molestia é incuravel.

VITTEL. França. Aguas alcalinas e aguas ferruginosas frias. Itinerario de Pariz a Vittel : Estrada de ferro de Pariz a Neuchâteau, 10 horas; carro de Neuchâteau a Vittel, 3 horas. Despeza cerca de 50 francos.

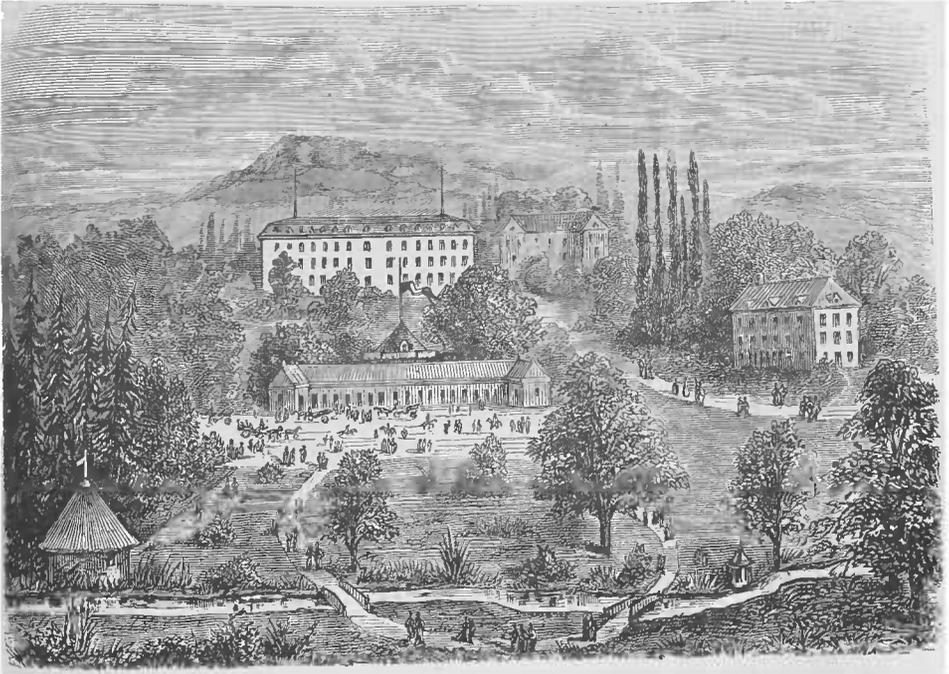


Fig. 492. — Estabelecimento thermal de Vittel.

Vittel é uma aldeia de França, de 1300 habitantes. As aguas mineraes, que possui, nascem no meio de um parque que reúne as melhores condições de hygiene, e d'onde se goza de uma vista encantadora sobre as montanhas de Vosges. Estas aguas são frias, e contão numerosas fontes, de que tres sómente são utilizadas. Cada uma possui a mineralização differente. Estas fontes são : *Grande Source* (fonte grande), *Source Marie* (fonte Maria), e *Source des Demoiselles* (fonte das moças).

1º *Fonte Grande*. Está situada na extremidade da bella galeria coberta, que serve de passeio quando chove ou quando o sol está muito ardente. Ao sahir da nascente, é recebida n'um tanque circular cavado n'uma pedra de diversas côres. Bolhas de gaz acido carbonico levantão-se na agua recentemente tirada.

Analyzada por Henry, deo por litro 1^o,739 de principios fixos, compostos de bicarbonatos de cal, de magnesia, de soda e de

ferro; de sulfatos de magnesia, de soda; chloruretos de sodio e de magnésio; silica, alumina, phosphato de cal, vestígios de arsenico, e 1/10 do volume de gaz acido carbonico. Esta fonte emprega-se nas areias, gota, catarrho da bexiga, diversas affecções dos rins e da prostata.

2º *Fonte Maria*. Situada a alguns passos da precedente, n'um pavilhão de fórma hexagonal. É a mais mineralizada das tres; contém, por litro, 3g,280 de principios fixos. O elemento predominante é o sulfato de magnesia, que explica a sua acção laxativa. Não contém arsenico. Convem nas affecções hemorrhoidaes, nos engurgitamentos do figado e do baço, na prisão de ventre rebelde.

3º *Fonte das Moças*. Nasce debaixo de um elegante kiosque cercado de flores. Contém, por litro, 4 centigrammas de carbonato e de crenato de ferro, e indícios de arsenico. Encerra, além d'isto, os mesmos elementos fixos que as duas outras fontes, entre as quaes occupa o meio termo, na proporção d'estes elementos. Emprega-se na chlorose e amenorrhœa.

A agua d'estas diversas fontes é fresca e limpida. O sabor, um pouco adstringente, varia segundo o principio que predomina; a differença, aliás, é pequena; o gosto não é desagradavel. Empregão-se estas aguas em bebida, banhos e duchas, mas sobretudo em bebida. No estabelecimento existe um magnifico hotel, com 70 quartos, salões de conversação, de leitura, de jogos permittidos e de bilhar. Despeza diaria, 8 a 12 francos por dia, segundo o quarto que se occupa, comprehendendo a comida, os salões, os jornaes, o piano, o bilhar, etc. A estação thermal dura ali de 15 de maio ao fim de setembro.

VOLVO, VOLVULO. *Veja-se* ILEO.

VOMICA. *Veja-se* ABCESSO NO PULMÃO.

VOMITO PRETO. *Veja-se* FEBRE AMARELLA.

VOMITORIO. Assim se chama qualquer substancia capaz de provocar vomitos. O tartaro emetico e a ipecacuanha ou poaya (*veja-se* estas palavras) são os unicos remedios que communmente se empregão para provocar os vomitos. O tartaro emetico administra-se na dóse de 5 a 10 centigrammas (1 a 2 grãos) dissolvidos n'uma chicara d'agua morna ou fria, e a poaya em pó na dóse de 1 gramma (20 grãos) tambem dissolvida n'agua fria ou morna. Para favorecer os vomitos, deve o doente beber muitos copos d'agua morna. Começa-se a tomar agua morna ordinariamente depois do primeiro vomito; mas se este tardar, ou não se effectuar, *verbi gratia*, meia hora depois de ingerir o medicamento, deve o doente então anticipar o uso da agua morna. Depois de

cada vomito, beba um copo d'agua morna, para ter sempre alguma cousa no estomago : d'esta maneira, os esforços para vomitar são muito menos custosos do que quando o estomago está vazio. Duas horas depois da cessação dos vomitos, o doente toma uma chicara de caldo de gallinha.

Se o effeito do vomitorio fôr demasiado, diminuem-se os vomitos bebendo uma chicara de chá da India mui carregado.

Os vomitorios empregão-se em grande numero de casos : nos artigos consagrados ás molestias, deve o leitor buscar o que é relativo ás applicações especiaes aos vomitorios. Só direi aqui, em geral, que os vomitorios podem ser empregados com vantagem, ou ao menos sem inconveniente, nos casos em que os doentes tem pouca febre, sêde mediocre, lingua branca, sabor amargô na bocca, e quando nenhuma ou pouca dôr existe no ventre. Convem abster-se d'elles quando existe uma dôr mui grande na bocca do estomago. A gravidez, as aneurismas, contra-indicão tambem a administração d'estes medicamentos. Os vomitorios são agentes irritantes, perturbadores, que imprimem grande abalo a toda a economia.

VOMITOS. Os vomitos constituem um symptoma commum a muitas molestias. Manifestão-se na maior parte dos grãos de irritação ou de inflammação do estomago, desde o que occasiona a presença de alimentos não digeridos, que constitue a *indigestão*, até á gastrite mais intensa produzida pela ingestão de substancias irritantes ou corrosivas, taes como o arsenico, o sublimado, etc.; na febre amarella, na cholera; nas diversas molestias que atacão o tecido proprio do estomago; nas hernias estranguladas. Os vomitos podem tambem ser produzidos de uma maneira mecanica e como forçada durante os esforços da tosse na bronchite ou na coqueluche. Manifestão-se, frequentemente, durante os primeiros mezes da gravidez; emfim, declarão-se ás vezes no principio de muitas affecções febrís, e sobretudo na erysipela, sarampo, bexigas, escarlatina, etc. Em todos estes casos, os vomitos são meramente um symptoma, e cedem ao tratamento que se dirige contra a molestia principal. Mas ha casos em que os vomitos tem lugar na ausencia das molestias ou das condições que acabão de ser indicadas, sem que exista lesão alguma do estomago, sem que se possa reconhecer lesão de algum orgão, de que sejam um symptoma ou effeito sympathico; constituem então uma verdadeira affecção essencial, que é designada sob o nome de *vomitos nervosos*. Combatem-se estes pelo ether sulfurico, opio, agua de Seltz, magnesia calcinada, subnitrate de bismutho, agua de flor de laranjeira e valeriana. Empregão-se tambem as bebidas acidas,

e sobretudo nevadas. O gelo engulido aos pedacinhos, a infusão de quina em agua fria, tem ás vezes acalmado os vomitos rebeldes. Em algumas circumstancias, os licores espirituosos, taes como o vinho de Malaga, rhum, cachaça, tem produzido bons resultados; os banhos mornos geraes, os causticos na bocca do estomago, podem tambem ser indicados. A alimentação deve compôr-se, em geral, de caldo, leite, ovos, peixe; mas é difficil estabelecer regra fixa a este respeito; é sobretudo n'estas circumstancias que o medico deixa ao doente a escolha dos alimentos que a este mais appetecem.

RECEITUARIO CONTRA OS VOMITOS NERVOSOS.

1º *Pós estomachicos.*

Raiz de calumba em pó. 2 grammas (40 grãos)

Rhuibarbo em pó. 1 gramma (20 grãos).

Misture e divida em 4 papeis. Toma-se um por dia, n'uma colher d'agua fria.

2º Agua de Seltz uma garrafa.

Beber meio copo, duas a tres vezes por dia.

3º *Pilulas de opio.*

Extracto de opio. 15 centigrammas (3 grãos).

Faça 6 pilulas. *Dóse* : 1 a 2 pilulas por dia.

4º *Pilulas de valeriana.*

Extracto de valeriana. 1 gramma (20 grãos).

Faça 10 pilulas. *Dóse* : 2 a 3 pilulas por dia.

5º *Pilulas anti-gastralgicas.*

Sub-azotato de bismutho. 1 gramma (20 grãos)

Extracto de valeriana. 1 gramma (20 grãos).

Faça 10 pilulas. *Dóse* : 1 pilula duas vezes por dia.

6º Magnesia calcinada.. 2 grammas (40 grãos).

Dóse : Uma colher de chá, por dia.

7º *Pilulas de belladona.*

Extrato de belladona. 30 centigrammas (6 grãos).

Faça 12 pilulas. *Dóse* : 1 pilula por dia.

8º Curão-se, ás vezes, os vomitos nervosos com um vomitorio, 5 centigrammas (1 grão) de emetico, ou 1 gramma (20 grãos) de poaya em pó.

9º Applicar um sinapismo ou um caustico na bocca do estomago.

Os vomitos das *mulheres gravidas* combatem-se com os meios indicados no vol. II, pag. 89. Quanto aos vomitos das *crianças de peito*, veja-se DENTIÇÃO, vol I, pag. 805. Os vomitos de que soffrem as pessoas que embarção pela primeira vez, vão descriptos no artigo ENJÔO.

VOMITOS PRETOS. *Veja-se FEBRE AMARELLA.*

VOMITOS DE SANGUE, Hematemese, ou Gastrorrhagia. Vomitos de sangue exhalado na superficie da membrana mucosa do estomago.

Causas. As causas ordinarias são pancadas ou quedas sobre o epigastro, a introdução de venenos no estomago, o resfriamento subito occasionado pela immersão das extremidades na agua fria, uma emoção viva, uma paixão triste, tal como o terror, a colera concentrada, um pezar violento. A suppressão ou a insufficiencia das hemorrhagias habituaes, e principalmente dos menstruos e das hemorrhoidas, podem tambem determinar os vomitos de sangue.

Symptomas. Na maior parte dos doentes, a gastrorrhagia é precedida de desarranjo mais ou menos grave das funcções do estomago. Os prodromos são : calor ou dôr no epigastro, uma sensação de queimadura n'esta região, dôres nas cadeiras, oppressão, frio no corpo, pallidez do rosto e desmaios. Logo depois a vontade de lançar faz-se sentir, e o sangue é deitado pela bocca no meio de uma grande anxiedade. Muitas vezes, depois do vomito, os doentes sentem-se alliviados : todavia, conservão ainda peso na bocca do estomago, sêde algumas vezes viva e um sabor desagradavel; o pulso torna-se frequente; os doentes cahem em fraqueza extrema, e de nenhum modo proporcionada á quantidade de sangue que perdêrão. O sangue não tem sempre o mesmo aspecto. Quando é expulso pouco depois de exhalado, é de um vermelho mais ou menos arterial, ora fluido, ora reunido em grumos volumosos. Se, pelo contrario, se demorou no estomago durante um tempo bastande longo, se experimentou o contacto prolongado do succo gastrico, perde a maior parte das suas qualidades physicas; é lançado sob á fórma de uma substancia negra, de cheiro acidulo, mais ou menos consistente, e que foi comparada á fuligem diluida, ao chocolate ou á borra de café.

A quantidade de sangue lançado é muito variavel; ás vezes, os doentes deitão só algumas colheres, outras vezes, lanção um ou dois quartilhos. Quando a gastrorrhagia é abundante, o sangue sahe ás golfadas; no caso contrario, não chega á bocca senão por uma especie de regurgitação. O sangue lançado é puro, ou misturado com mucosidades, bebidas e alimentos. Quando a hemorrhagia é mui consideravel, independentemente dos symptomas geraes que acompanhão qualquer perda de sangue algum tanto forte, como horripilações, pallidez da pelle, acceleração do pulso e desmaios, observa-se muitas vezes no ventre uma inchação que depende da accumulção do sangue na cavidade do estomago.

Todo o sangue contido no estomago não é lançado, mas uma porção d'este liquido passa para os intestinos; e por isso quando se examinão as evacuações dos doentes, doze, vinte e quatro horas, ou, no maximo quarenta e oito horas depois do começo da gastrorrhagia, acha-se que são formadas em grande parte por uma substancia denegrida, que se reconhece facilmente por sangue alterado.

Diagnosticó. A hematemese (vomitó de sangue) pode ser confundida com a hemoptyse (escarros de sangue). Com effeito, na hemoptyse, chegando o sangue á garganta, excita ás vezes esforços de vomito, de maneira a fazer crer que o sangue provém do estomago. O que vem muitas vezes augmentar ainda a duvida, é que certa quantidade de sangue sendo engulida, é depois expulsa, negra e alterada, quer pelos vomitos, quer pelas evacuações inferiores, como n'uma verdadeira gastrorrhagia. N'estes casos, fixa-se o diagnostico segundo o estudo e a comparação dos symptomas da hematemese e da hemoptyse: assim, n'esta os doentes accusão calor no peito, dôres nas costas, difficuldade de respirar; na maior parte dos casos o sangue não é expulso senão depois dos esforços da tosse, ao passo que na hematemese é na bocca do estomago que os doentes sentem o incommodo e a dôr, e, de mais, não tosse. O aspecto do sangue differe tambem nas duas molestias: na hemoptyse, é vermelho e fluido; na hematemese, é menos rubro, muitas vezes é de côr negra e em grande parte coalhado. Deve tambem considerar-se a quantidade de sangue expulso; em geral, é maior na hematemese do que na hemoptyse.

Tratamento. Appliquem-se sinapismos nas pernas, pannos molhados em agua fria na bocca do estomago, ventosas seccas nas costas, ligaduras nos braços e nas coxas. Administre-se, ás colheres, limonada fria feita com agua, assucar e vinagre. O doente deve conservar uma posição horizontal e immobildade completa. Se os vomitos sanguineos continuarem, dê-se a poção seguinte:

Perchlorureto de ferro liquido a 30°	1 gram. (20 grãos)
Agua..	120 gram. (4 onças)
Xarope simples.	30 gram. (1 onça).

Uma colher *de sopa*, de meia em meia hora.

Se esta poção não suspender a hemorrhagia, administrem-se as pilulas seguintes:

Extracto de ratanhia. 2 gram. (40 grãos).

Faça 10 pilulas. Para tomar uma pilula de 2 em 2 horas.

O doente deve observar dieta rigorosa em quanto durarem os vomitos. Depois de cessar a hemorrhagia, o doente tomará só

caldo, leite ou gemadas. Como bebida, agua fria, e em pequena quantidade. Mais tarde fará uso de gealas vegetaes e animaes; e não voltará aòs alimentos ordinarios senão pouco a pouco. É preciso tambem conservar o ventre livre por meio de clysteres d'agua fria, ou apenas tepida.

VOZ. Perda da voz ou Aponia. Supressão mais ou menos completa da voz por causa interna.

Causas. As causas da *perda da voz* são numerosas. Esta perda acompanha muitas affecções cerebraes, como a inflammação do cerebro, apoplexia, catalepsia, epilepsia e hysterismo: existe tambem na inflammação da garganta ou dos pulmões; é ás vezes determinada pela presença de vermes nos intestinos; emfim, em algumas senhoras, é o effeito sympathico da gravidez. A perda da voz é uma consequencia frequente do abuso do vinho, e das outras bebidas espirituosas; é ás vezes produzida subitamente por paixões mui vivas, como a colera, susto, alegria, etc. O virus syphilitico, que occasiona a miudo a inflammação chronica da garganta, é tambem causa da aponia. Esta affecção apparece igualmente após a immersão do corpo em agua fria, depois do desaparecimento subito dos menstruos ou de alguma molestia da pelle, depois dos excessos de fallar ou cantar; emfim, a perda da voz declara-se ás vezes sem causa conhecida; dá-se-lhe o nome de *aphonia nervosa*: e é d'esta que me occuparei especialmente no presente artigo.

Symptomas. A aponia nervosa póde sobrevir gradual ou subitamente. Não experimentando incommodo, dôr nem constrangimento no larynge, os doentes não se achão informados do seu estado, senão quando querem fallar. A voz é mais ou menos extincta; mas não inteiramente abolida; fallão em voz baixa, e são frequentemente obrigados, para proferir um som, a fazer esforços consideraveis.

Marcha, duração. terminações. Esta molestia, como todas as affecções nervosas, segue uma marcha mui variavel e inteiramente irregular. Assim, póde cessar depois de curta duração, ou prolongar-se indefinidamente; muitas vezes apparece com intervallos mais ou menos approximados; ha mesmo casos em que tem a fórma intermittente. A aponia cessa ora lentamente, pouco a pouco, ora de repente. Assim, muitos doentes, que pegarão no somno inteiramente aponicos, acordão no fim de algumas horas com toda a plenitude da voz. Em alguns casos, a aponia é uma affecção mui rebelde.

Tratamento. Cura-se ás vezes promptamente a aponia com um suadouro: para este fim, toma o doente um pediluvio com farinha

de mostarda, e bebe uma ou duas chcaras de infusão de folhas de salva, ou uma gemada.

O gargagejo seguinte é mui util :

Infusão de salva..	600 grammas (20 onças)
Pedrahume..	15 grammas (1/2 onça)
Laudano de Sydenham.	15 grammas (1/2 onça)
Mel de abelhas.	60 grammas (2 onças).

As vezes, é preciso assoprar nas fauces a pedrahume em pó, ou tocar levemente a garganta com pedra infernal.

Applique-se no pescoço um panno dobrado contendo cinzas quentes, ou ponha-se por cinco minutos um sinapismo, na mesma região. Tome-se o xarope de ether, na dóse de uma colher *de chá*, tres vezes por dia. Eis-aqui a receita :

Xarope de ether 30 grammas (1 onça).

Fação-se no pescoço fricções com linimento volatil :

Linimento volatil. 30 grammas (1 onça).

Quando a aphonia é intermittente, cura-se com sulfato de quinina, segundo a receita seguinte :

Sulfato de quinina. 60 centigram. (12 grãos).

Divida em 6 papeis. Para tomar 3 papeis por dia.

A aphonia dependente da inflammação do larynge, exige o tratamento que está indicado contra a laryngite, vol. II, pag. 252.

VULVA. Entende-se por esta palavra : 1º a fenda longitudinal que se acha entre as partes salientes do apparelho exterior da geração da mulher; 2º a reunião dos órgãos exteriores da geração da mulher, que se compõe dos *grandes e pequenos labios*, do *orificio da urethra*, e da *entrada da vagina*.

MOLESTIAS DA VULVA.

I. **Abcesso.** Principia pela comichão, pela sensação de ardor e de calor na entrada da vagina, por leves dôres ao urinar. Logo depois apparece uma tumefacção na qual a mulher sente dôres que se propagam até ás virilhas. O tumor torna-se elastico e fluctuante, do volume de uma avelã até ao de uma pequena noz; sobrevem dôres lancinantes. O abcesso, depois de adquirir um certo grão de desenvolvimento, abre-se e deixa escorrer o pus que contém.

O *tratamento* consiste em semicupios d'agua tepida e cataplasmas de linhaça; é preciso abrir o tumor com lanceta se tardar a abrir-se espontaneamente.

II. **Acne** ou **Espinhas.** Sobre os grandes labios, sobre as virilhas ou no monte de Venus apparece ás vezes esta affecção, que é caracterizada por pequenas pustulas rubras, acuminadas,

cujo apice não tarda a branquear. Quando a erupção é confluyente, determina ardor e comichão.

Tratamento. Consiste em lavatorios frequentes com agua e sabão, semicupios d'agua tepida simples, lavatorios com solução de sub-carbonato de soda (agua 500 grammas, sub-carbonato de soda 15 grammas), e unturas com a pomada seguinte :

Banha 30 grammas (1 onça)
 Proto-iodureto de mercurio 1 gramma (20 grãos).

III. **Affecções syphiliticas.** Os *cancros* (vulgo *cavalllos*) estão situados na face interna dos grandes e pequenos labios; são geralmente mais superficiaes e menos rebeldes do que no homem. Curão-se pela cauterização com pedra infernal, e pelo tratamento interno composto de preparações mercuriaes (*veja-se* SYPHILIS).

As *pustulas mucosas* ou *tuberculos chatos* constituem um symptoma venereo mais frequente na mulher do que no homem; existem nas margens dos labios da vulva, na sua face interna, e propagão-se até ao perineo e ás coxas. Exigem o tratamento interno da syphilis. As *vegetações da vulva* necessitam a cauterização com pedra infernal ou excisão, e também um tratamento mercurial interno.

IV **Cancro scirrroso.** O cancro scirrroso e outras fôrmas do cancro, que não se devem confundir com o cancro venereo, é mais raro na vulva. Quando está ulcerado póde ser tomado pela affecção venerea. Distingue-se d'ella pelos caracteres indicados tratando de *cancro em geral* (vol. I, pag. 444). A operação não é indicada senão quando o cancro se acha limitado a uma porção do grande ou pequeno labio. Se fôr mais extenso, é preciso limitar-se ao tratamento palliativo (vol. I, pag. 454).

V. **Corpo fibroso.** Achão-se ás vezes na espessura do grande labio tumores solidos, duros, semelhantes aos corpos fibrosos do utero. Estes tumores são em geral moveis, não adherem á membrana mucosa que os reveste, não causão dór alguma, incomodão só pelo seu peso. Para fazer desaparecer esta affecção, pratica-se sobre a face interna do grande labio uma incisão proporcionada ao volume do tumor, depois faz-se a extirpação do producto accidental.

VI. **Elephantiase.** A elephantiase dos orgãos genitales da mulher offerece grande analogia com a elephantiase do escroto do homem. Esta affecção invade os grandes e os pequenos labios. O tratamento consiste na extirpação das partes hypertrophiadas (*veja-se* vol. I, pag. 894).

VII. **Erysipela.** Esta molestia é caracterizada pela vermelhidão e inchação consideravel das partes externas dos orgãos

genitae da mulher, muito mais consideravel do que na erythema. Combate-se pelos purgantes, vomitivos, por applicações de polvilho, de glicerina, e de perchlorureto de ferro diluido com agua.

VIII. **Erythema.** Esta affecção é bastante frequente; as mulheres sentem na região vulvaria um calor vivo, com dôr acompanhada de uma leve inchação; existe uma vermelhidão, e ás vezes excociações muito dolorosas. Esta leve molestia observa-se sobretudo nas senhoras muito gordas. O *tratamento* é dos mais simples: lavatorios frequentes com agua tepida, applicações de polvilho, de pós de lycopodio; existindo ulcerações, curão-se com fios untados de glicerina.

IX. **Esthiomeno, Lupo ou Dartro corrosivo da vulva.** Affecção escrophulosa da vulva, semelhante ao *lupo do rosto* (vol II, pag. 314), que se apresenta n'esta região debaixo de tres fôrmas:

A. *Esthiomeno superficial*; mostra-se principalmente no montê de Venus e na face externa dos grandes labios; offerece duas variedades: 1º *esthiomeno erythematoso*, no qual as partes ficão de um vermelho escuro, azulado, sem tuberculos, sem indurações, sem erupção nem vesiculosa nem pustulosa; 2º *esthiomeno superficial e tuberculoso*, caracterizado pelo desenvolvimento de tuberculos mais ou menos salientes, que se tornão molles, suppurão e transformão-se em ulceras.

B. *Esthiomeno perforante.* Mostra-se principalmente sobre a membrana mucosa na vizinhança do meato urinario, na extremidade inferior da vagina, no perineo; destroc profundamente os tecidos. A ulceração fornece uma serosidade mais ou menos abundante.

C. *Esthiomeno hypertrophico* caracterizado pelo endurecimento e augmento de espessura dos tecidos invadidos.

Tratamento. Em primeiro lugar deve-se melhorar a constituição pela boa hygiene, regimen corroborante, bom vinho, banhos frequentes d'agua tepida, banhos frios de rio ou do mar, preparações de ferro, vinho de genciana. A molestia póde ter origem syphilitica: n'este caso convem usar internamente de iodureto de potassio, 2 grammas até 6 grammas por dia, dissolvido em agua fria. Externamente, applique-se a pomada seguinte:

Pomada de biiodureto de mercurio.

Biiodureto de mercurio. 60 centigrammas (12 grãos)

Banha benzoinada . . . 30 grammas (1 onça).

Nas fôrmas ulcerosas, deve-se recorrer á cauterização com pedra infernal, ou nitrato acido de mercurio, e ás applicações d'agua phenica.

X. **Gangrena.** Esta grave molestia invade ás vezes as partes genitae externas das meninas. Sobrevem quasi sempre consecu-

tivamente a alguma outra molestia; annuncia-se por uma dôr ardente nas partes genitales; depois apparece, na face interna dos grandes ou dos pequenos labios; uma mancha preta circumscripta, insensivel. As partes vizinhas ficão duras e engurgitadas. Nos dias seguintes as escaras estendem-se até ao perineo; existe uma comichão que obriga as crianças a coçarem-se; então arrancão muitas vezes pedaços de tecidos gangrenados. Os symptomas geraes são os que acompanhão as gangrenas extensas (*veja-se* vol. I, pag. 14). A maior parte das crianças succumbem. Entretanto a gangrena pôde circumscrever-se; mas quando as escaras se separão, descobrem-se com espanto perdas de substancia consideraveis, e que comtudo podem cicatrizar-se pela approximação e pelo desenvolvimento das carnosidades. Cousa notavel, depois de semelhantes desordens, não sobrevem deformidades bem grandes. Quanto ao tratamento, é o mesmo que na gangrena da bocca nas crianças (vol. II, pag. 20).

XI. Herpes. Vesiculas numerosas, orladas de rubor inflammatorio, pruriginosas, que apparecem ás vezes nos grandes e pequenos labios. O *tratamento* está indicado no vol. II, pag. 134.

XII. Inflammção. A inflammção da vulva principia pelo calor e prurido; a membrana mucosa incha, torna-se vermelha e fornece abundante quantidade de liquido, a principio claro, depois espesso, branco ou amarellado. As dôres augmentão quando a mulher anda. Esta affecção termina geralmente pela cura no espaço de alguns dias.

Tratamento. É preciso isolar as superficies por meio de panno de linho fino coberto de glicerina, e usar de semicupios d'agua tepida. Passados dois ou tres dias, convem recorrer aos lavatorios adstringentes: infusão de rosas rubras, de folhas de nogueira ou decocção de raiz de ratanhia.

XIII. Kystos. Chama-se kysto a um sacco sem abertura, contendo um liquido mais ou menos grosso, que se desenvolve accidentalmente no meio de diversas partes do nosso corpo. Os kystos apparecem ás vezes na parte inferior dos grandes labios da vulva. No seu começo são esphericos; mais tarde estendem-se seguindo o comprimento das paredes da vagina; o seu volume é variavel; alguns attingem as dimensões de um ovo de gallinha. O liquido, que contém, é grosso, pegajoso, transparente, semelhante á clara de ovo.

Symptomas. No começo, as senhoras queixão-se de algum incommodo e de dôr nas partes genitales. Estes incommodos augmentão pelo andar, e pela copula; pegando nos grandes labios com os dedos, sente-se um pequeno tumor situado na base d'este

orgão. O kysto faz progressos, parece arredondado, quasi espherico; ás vezes torna-se oblongo, com o grande diametro dirigido de diante para traz. O tumor é molle, elastico, fluctuante; a palpação e a pressão não provocão dôr alguma; em geral as doentes não experimentão senão um leve incommôdo determinado pela dilatação das partes; a dôr só apparece depois de alguma fadiga, ou depois da copula. O tumor não augmenta senão com extrema lentidão; ás vezes abre-se e desaparece espontaneamente.

Diagnosticó. Esta affecção é facil de reconhecer; não pôde ser confundida com um abcesso; a ausencia da dôr e do calor, o estado chronico da molestia, não podem deixar duvida a este respeito.

Prognostico. Esta affecção não é grave, as mais das vezes as doentes não reclamão os soccorros da arte senão quando o tumor as incommoda pelo seu peso ou volume.

Tratamento. Quando o tumor é recente e devido á inflammação dos grandes labios, é ás vezes possível obter a cura pelos semicupios repetidos d'agua tepida. Os kystos de pequeno volume podem curar-se por uma simples *puncção*. Mas ordinariamente o tumor torna a apparecer, ou fica uma fistula mais rebelde; pelo que é preferivel fazer uma larga *incisão*, e encher a cavidade com fios seccos, para provocar uma inflammação e obter a obliteração do kysto. A puncção seguida da *injecção* de tintura de iodo pôde produzir o mesmo resultado. A *extirpação* d'estes kystos é muitas vezes difficil, por causa dos prolongamentos que existem em diferentes direcções.

Os *kystos* encontrão-se tambem nas mulheres perto da virilha; forão designados mais especialmente debaixo do nome de *hydroceles*. Os symptomas nada offerecem de particular, a não ser a grande dimensão que estes tumores podem adquirir. Sempre fluctuantes, em alguns casos pôde-se verificar a sua transparencia; não se podem reduzir, o que os distingue da quebradura. O tratamento consiste em puncção seguida da *injecção* com tintura de iodo.

XIV. **Lobinhos.** Desenvolvem-se ás vezes nos grandes labios. Uma simples *incisão* basta para produzir a sua extracção.

XV. **Neuralgia da vulva.** *Vêja-se* vol. II, pag. 475.

XVI. **Prurido.** Sensação de comichão na vulva. É uma affecção rara nas moças; pouco commum nas sênhoras de menos de 36 annos, mas frequente nas senhoras que não são mais menstruadas. O prurido da vulva pôde ser contínuo com grãos variados de exacerbação, ou francamente intermittente; pôde apparecer irregularmente, maior ou menor numero de vezes no decurso do

dia ou da noite. As senhoras tem então o systema nervoso n'um estado de excitação extrema; tornão-se pallidas, magras, tem febre; ha perturbação nas funcções digestivas; desejos venereos, desarranjo dos menstros, flores brancas.

Tratamento. Os meios aconselhados contra este estado são : lavatorios frequentes com a decoção de linhaça, semicupios e banhos geraes d'agua tepida; lavatorios com o liquido seguinte :

Agua de rosas.	300 grammas (10 onças)
Sulfato de zinco.	50 centigrammas (10 grãos)
Acetato de chumbo.	80 centigrammas (16 grãos)
Laudano de Sydenham.	4 grammas (1 oitava);

ou lavatorios com a dissolução quente de sublimado (sublimado 1 gramma, agua distillada quente 500 grammas).

Recommenda-se tambem polvilhar a vulva com a mistura de 1 parte de camphora em pó e de 5 partes de polvilho, uma vez todos os dias, tendo o cuidado de limpar as partes no dia seguinte, e de repetir a mesma operação todos os dias durante bastante tempo. Em alguns casos é preciso recorrer á cauterização da vulva com pedra infernal. Aparecendo o prurido sob a fórma francamente intermitente, é necessario tomar internamente o sulfato de quinina.

II. Thrombo. Tumor sanguineo. Esta affecção é caracterizada pela infiltração de sangue no tecido cellular dos grandes labios, e mesmo no tecido da vagina.

Causas. Tem-se observado estes tumores durante a gravidez, mais frequentemente ainda durante o parto, mas é sobretudo depois do parto que se verificão. A congestão dos orgãos genitais externos na mulher pejada explica a facilidade de uma ruptura venosa, quer pelo facto de uma violencia externa, quer espontaneamente. Durante o parto, comprehende-se facilmente como a cabeça da criança, impedindo a volta do sangue pela compressão que exerce, pôde determinar um semelhante accidente. Mas o thrombo pôde tambem produzir-se fóra do periodo da gravidez em consequencia de uma queda sobre o perineo ou de violencias exercidas sobre esta região. É um derramamento sanguineo analogo aos derramamentos que se observão em consequencia de todas as contusões, mas que differe d'ellas pelo desenvolvimento mais rapido e pelas grandes proporções que adquire. Estas duas particularidades explicão-se pela laxidão do tecido cellular dos grandes labios e pela sua riqueza vascular.

Symptomas. O thrombo da vulva é caracterizado por um tumor que occupa, em geral, os grandes e os pequenos labios e a entrada da vagina; pôde estender-se ao perineo e ao pubis. Pôde

atingir um volume consideravel; é molle, fluctuante, violáceo; a ecchymose estende-se muitas vezes a grande distancia. Este derramamento sanguineo provoca vivas dôres, que se propagão ao utero e ao perineo. Estas dôres manifestão-se quasi constantemente. Juntas ao modo do desenvolvimento da molestia, á rapidez de sua evolução e aos seus caracteres, farão facilmente distinguir o thrombo dos differentes tumores da vulva.

Terminação, tratamento. Umaz vezes o thrombo resolve-se, outras vezes as paredes do foco sanguineo rompem-se e o liquido escorre; mais frequentemente o thrombo termina por suppuração; n'este caso é preciso abrir o abcesso. Quando mesmo a suppuração não se formar, a incisão do tumor deve ser praticada quando elle é volumoso; porque n'este caso não se pôde contar que venha a desfazer-se.

XVIII. Vegetações. Produções carnosas que se desenvolvem e parecem vegetar sobre a vulva; observão-se principalmente perto do meato urinario; estendem-se ás vezes até ao interior do canal da urethra. No maior numero de casos são symptoma da syphilis, e então forão precedidas de cancras venereos. É preciso cauteriza-las com pedra infernal ou corno com tesoura, e submitter-se ao tratamento interno da syphilis pelas preparações de mercurio ou de iodureto de potassio. Se a sua apparição não fôr precedida de cancras venereos, não são syphiliticas, e n'este caso a cauterização ou a excisão são sufficientes não é necessario outro tratamento.

W

WIESBADEN. Allemanha. Aguas salinas chloruretadas quentes.

Itinerario de Pariz a Wiesbaden. Estrada de ferro até Wiesbaden mesmo, 17 horas. Despeza, 76 francos.

Wiesbaden é uma cidade de Allemanha, de 45,000 habitantes, situada n'uma planicie fertil. Contão-se ali 53 fontes mineraes, de temperatura differente; tres d'entre ellas são destinadas ao uso interno, e aos empregos externos, são : a *Kochbrunnen* (fonte fervente), temperatura : 68°; a *Adlerbrunnen* (fonte da aquia), temperatura : 62°,5: e a *Schützenhotbrunnen* (fonte do hotel dos Caçadores), cujo calor não excede 50°. As outras fontes empregão-se exclusivamente para os banhos e duchas; estão accomodadas nos hotéis e nas casas particulares. A fonte *Kochbrunnen* é

DEDALUS - Acervo - ICB



12100014340

